

A IV C 33

C O R D E L

TRIPLICADO DE AMOR

A CHRISTO JESU SACRAMENTADO,
Ao Encuberto de Portugal nacido, A seu Reyno restaurado,
LANCADO EM TRES LIVROS DE SERMOENS,
DA FELIS ACLAMAC, AM D'EL REY DOM IOAM IV.
emparada do Ceo:

*Da Sagrada Comunhão restaurada na India:
Dos felices annos d'el Rey, & saudosos nascimentos,
Natural, Politico, & Milagroso:*

COM HUMA MISTERIOSA DECLARAC,AM
*da Arvore Real de Christo Senhor nosso,
debuxo, & pintura da Decima sexta geraçaõ
do Sancto, & Inviçto Rey*

DOM AFFONSO HENRIQUES,
Ecpilogo de louvores d'el Rey, & Senhor nosso
DOM JOAM IV.

PREGOÜOS NA INDIA NA SEE PRIMACIAL DE GOA,
E em Lisboa na Capella Real,

O M. R. P. DOM ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,
*Clerigo Regular, Theatino da Divina Providencia,
Neapolitano por nascimento, Genoves por origem,
Portuguez naturalizado por amor,*

*Doutor na Sagrada Theologia, & Missionario Apostolico,
Fundador dos Conventos de Nossa Senhora da Divina Providencia
da cidade de Lisboa, & da cidade de Goa,
& das Missoens, que tem na India sua Religiaõ,
Vigario Geral, Visitador, Preposito, & Prefeito das Missoens.*

OFFERECIDO AO SERENISSIMO SENHOR
DOM PEDRO

Principe, & Regente da Monarchia de Portugal,

Funiculus triplex difficilè rumpitur.

Eccles. 4. n. 12.

LISBOA. Na Impressão de Antonio Craesbeeck de Mello,
Impressor da Casa Real. Anno de 1680.

S. Andrea della Valle.

Handwritten text, mostly illegible due to extreme fading and noise. The text appears to be organized into several paragraphs or sections, with some lines being more distinct than others. The overall quality is very poor, making it difficult to transcribe accurately.

AO SERENISSIMO SENHOR
DOM PEDRO
PRINCIPE, E REGENTE DA MONARCHIA
DE PORTUGAL.

SENHOR



S obras que nace[m] do amor, se for firme, & constante, assi como são retratos da afecção devida às pessoas, à quem se dedica, assi são cordeis amorosos, que prendem seus animos, & atão seus corações, empenhandoos à corresponderem com igual amor. Dellas se valeo Deos por mais efficaces, para nos obrigar ao amarmos. *In funiculis Adam trabam eos*, disse por Oseas, *in vinculis charitatis*; porque muyto obriga o amor se for firme, & constante, & facilmente nos rende. Com os olhos nesta regra amorosa, prudente, & efficaz, para obrigar, & render corações, parece que esteve o sancto Padre Paulo Quarto, Fundador da minha sagrada Religião, de quem herdamos o apelido de Theatinos; porque unido com S. Caetano a fundou antes de ser assumpto á Cadeira de S. Pedro, sendo Arcebispo de Theati, & foy o primeyro Geral, que a regeo. Pois lançou tres cordeis do grande amor que tinha à Nação Portuguesa, quando fundou na India o Arcebispado de Goa, & os Bispados de Cochim,

Osee 11.
n. 4.



DEDICATORIA.

chim, & de Malaca, subordenados à Coroa de Portugal, que delles tem a nomeação, para mayor firmeza, & augmento das Christandades daquelle Estado tão dilatado, com que não só ganhou o amor dos Portuguezes, que com a devida obediencia de filhos tão catholicos se lhe mostrarão sempre agradecidos; mas ainda de seus Reys avòs de V. A. porque triplicados cordeis de amor não consentem à peitos humanos, & muyto menos aos mais generosos, & grandes dos Reys gozar de sua liberdade. Tudo vencem, tudo rendem, tudo fogeitão.

Ecclef. 4.
D. 12. Por triplicado, diz o Sabio, difficilmente se quebra: *Funiculus triplex difficile rumpitur*. Porém se o tempo tão largo não quebrou este do meu Sancto Fundador, lançou-o em esquecimento, até que a Divina Providencia, querendo no anno de 40. deste seculo dar satisfação à promessa feyta ao sancto Rey Dom Affonso Henriques Primeiro de Portugal, & cumprimento às profecias da sempre memoravel, & felicissima aclamação d'el Rey D. João IV. Pay de V. A. mandou no mesmo tempo á India este indigno filho seu com outros Religiosos de seu habito, lembrar o amor triplicado já esquecido de seu Sancto Patriarcha com outros tres cordeis amorosos debuxados neste livro, que offereço, & dedico à V. A. á quem por outros tres titulos he devido: Por luzir em V. A. a Grandeza, Justiça, & Piedade d'el Rey seu pay, como retrato vivo, que o representa: Por Regente de sua Monarquia restaurada, que V. A. com prudente governo conser-

DEDICATORIA.

va na paz, & com esforço, & valor assegurou na guerra: E por filho Principe de tão grande Rey, & Senhor, à quem se devem todas as lembranças, que o podem alegrar nas faudades de sua auzêcia, como são as que neste pequeno papel tenho debuxado, que não pode V. A. deixar de festejar. Pois são da Restituição, que a Nobreza desta cidade de Lisboa, & Povo deste Reyno lhe fez de sua Monarquia, que lhe era devida por legitimo successor dos Reys Portuguezes: Da Restauration da Sagrada Comunhão devida á seus vassallos no Estado da India: E das myntas festas devidas á seus prosperos, & felicissimos annos, apregoados na Capella Real, & festejados nesta Corte, & Cidade cõ muytos vivas. Estes tres Cordeis de amor tão firme, & constante lançados em tres livros de Sermoões, que preguei na India na Sè Primacial de Goa, & nesta cidade de Lisboa na Capella Real na sua Real presença, represento neste volume. O primeiro de sua felis Aclamação, que à instancia do Viso-Rey da India João da Sylva Tello, Conde de Aveiras, & dos tres Estados, Ecclesiastico, Nobreza, & Povo, & do mui Nobre Senado de Goa, preguei na mesma Cidade, cõ hũa mystriosa declaração da Decima sexta geração da Arvore Real de Christo Senhor nosso tres vezes replicada, debuxo, & figura da Decima sexta geração dos Reys Portuguezes, & epilogo de louvores d'el Rey Dom João IV. que nella foy dado por Deos à Portugal. O segundo da Restauration da Sagrada Comunhão devida aos Indios, persuadindo aos Pa-

DEDICATORIA.

rocos Seculares , & Regulares a obrigação , que lhes corre de a administrar á todos , que tiverem annos de discricção,em tres tempos precisos:por devação muytas vezes no anno: por obrigação na Pascoa: por Viatico no tempo da morte ; pois andava taõ esquecida naquelle Estado,que muytos milhares de milhares de Christãos morrião sem nũca comungarem em nenhũ tempo da vida , nem tão pouco no perigo da morte. O terceiro de seus annos saudosos , & felices, que na sua Real presença com duplicados Sermões preguei por vezes na Capella Real , & com mayor empenho o de seu triplicado nacimiento, Natural, Politico , & Milagroso, de que fez tanta estimacção, que em o acabando de pregar, quando decy do pulpito,mo pedio, & o mandou logo dar à estampa . Saye de novo este Sermão à luz impresso neste livro, para q̃ renaça triplicada a lembrança de seus nacimentos , & delles viva para sempre a memoria em seus vassallos . Com estes tres cordeis amorosos bem se deixa ver quam firme , & quam constante he o amor , com que sirvo hã já 40. annos a Coroa de Portugal , & quam accito, & quam favorecido fuy sempre das Magestades , & Altezas,que Deos nos levou, para lhes dar mais gloriosa Coroa no Ceo,por muyto que o meu affecto, cõ que sempre servi , fosse continuadamente contrastado da emulacção,da enveja,& da maldade dos homẽs, que o quizerão escurecer . E não he muyto para admirar, para estimar sy , que senão tivesse com tantas opposições quebrado , porque o amor triplicado por mais
emulos,

DEDICATORIA.

emulos que tenha , por sentença do mesmo Sabio he forte como a morte : *Fortis est, ut mors dilectio*. Por esta
 rezão julgo eu, que são tão constantes os Portuguezes Cant.
 em servir à seus Principes, Reys, & Senhores, & tão es-
 forçados na guerra para os defender , porque são es-
 tremados no amor com que os amão.

He natural nos Vassallos o amor de seu Principe; cõ
 elles nasce, com os annos crece, com a visã de seu Prin-
 cipe se acende, com as merces se augmenta, & na mor-
 te parece , que se conserva na sepultura descrito nos
 marmores , & na memoria dos homẽs , relatado nos
 Annaes , que referem as finezas dos que mais luzirão
 no amor, com que servirão à seu Principe, ou na paz,
 ou na guerra . Porém levão tanta vantagem os Portu-
 guezes às mais Nações de Europa no amor de seu
 Principe, que só d'elle direi, que he forte como a mor-
 te ; porque pelo amor grande com que o amão mais
 que todas as Nações , são mais que todas incansaveis
 em servir, & invenciveis no palejar . O amor por grã-
 de lhes dà o sofrimento para servir, & o esforço, & va-
 lor para vencer . He propriedade da morte ser incan-
 çavel, & invencivel. Incançavel, porque a morte nun-
 ca descança: *Quotidie morimur*, dizia Seneca, *quotidie de-*
mitur aliqua pars vite Hunc ipsum diem quem agimus, cum
morte dividimus. He invencivel, porque ninguem atẽ-
 agora a pode vencer . Com ter fraco, & limitado po-
 der, á todos acomete, á todos espanta, com todos bri-
 ga, á todos vence, á todos rende, á todos foga, á to-
 dos piza, & sepulta. Aos mais fortes Gigantes, & esfor-
 çados

Seneca
 epist. 44.

DEDICATORIA.

çados Achilles abate, & enterra, sempre victoriosa, & nunca vencida . Este he o amor dos Portuguezes com seu Principe, forte como a morte, incançavel, & invencivel . São incançaveis no servir, são invenciveis no pelejar . Assim como levão vantagem ás mais Nações no amor, o levão na constancia com que servem, & no valor, & esforço com que pelejão. Não sei se diga, q̃ levão vantagem á mesma morte, porque por amor de seu Principe não estimão a vida.

Com ser este amor tão grande , não he o mais heroico, para se poder dizer delle , que he forte como a morte. Ha de subir mais de ponto à aquellas finezas, à q̃ chegáraõ os Hercules Portuguezes, q̃ serviraõ á seus Reys sem interesse , & pelejaraõ por elles contra seus inimigos sem cubiça . Não olharaõ no servir pelas mercês, nem no pelejar pelos despojos. Quem serve à seu Principe pelo que espera , he no amor interesseiro . Quem peleja por elle , para se aproveitar , he no amor cubicoso. Se faltarem na paz as mercês, deixará de servir. Senão ouver na guerra proveito, fraqueará no pelejar. O amor heroico dos Heroes Portuguezes, que amaraõ á seu Principe mais que todos , sem interesse na paz, & sem cubiça na guerra, sem olhar pelas mercês, quando servião, & sem cubicar os despojos, quando pelejaraõ, he o amor forte, que se parece com a morte . Pintase a morte cega, & nua. Cega porque não olha pela differença dos estados, pela desigualdade das pessoas, pela grandesa das Magestades : *Pauidamors* (disse Horatio) *æquo pulsat pede pauperum tabernas,*

Horat.
lib. 1.
Carm.
ode 4.

Regum

DEDICATORIA.

Regumque Turres. Nua porque não se aproveita de nada. Tudo larga, tudo deixa sem levar nada consigo.

Nudus egressus sum de utero matris meæ (dizia Job de sua morte) *& nudus revertar illuc.* Affi se pinta o amor cego, & nù. Cego, porque não põe os olhos no interesse. Nù, porque não he cubiçoso. Quem ama à seu Principe com amor triplicado forte como a morte, que he o amor heroico, cego, & nù, não olha, quando serve, pelas mercês, nem quando peleja pelos despojos. Ama por amor, & por amor serve sem interesse, & peleja sem cubiça.

Este amor nos ensinou Christo Senhor nosso na noite de suas finezas, em que nos mostrou, que nos amava com amor tão heroico, tão subido, & tão levantado de ponto, que chegou à ser infinito. Olhou só para o nosso bẽ, fogueitou-se nessa noite à servir por amor, quando lavou os pès à seus Discipulos: *Cũ accepisset linteũ præcinxit se. Deinde mittit aquã in peluim, & capit lavare pedes discipulorũ.* & sahio à pelejar para nos remir do cativo eiro da morte, & do Inferno, quando no Horto foy encontrar os soldados, que vinhaõ contra elle, para o prenderem: *Surgite eamus: ecce appropinquavit, qui me tradet,* pelejando por nos, pelo muyto que nos amava com infinito esforço, & valor contra a mesma morte, & contra o Inferno: *Eromors tua è mors: mors tua tuus ero inferne.* Por ser este amor de Christo tão grande sem interesse, & sem cubiça, servindo para nos salvar, & pelejando por nos remir, o mesmo amor o pintou cego, & nù. O pintou cego, quando os soldados

Job. 1. n.

21.

Joan. 13.
n. 4. & 5.

Math.
26. n. 46.

Osee 13.
n. 14.

DEDICATÓRIA.

Luc. 22. n. 64. Ihe tapáraõ os olhos na caza de Cayphas : *Vetaverunt eum* : O pintou nũ , quando o dispiração no Calvario :
 Luc. 23. n. 34. *Dividentes vřstimenta ejus* . Era seu amor taõ fino, que nos amava sũ por amor . Não tinha outro motivo para nos amar, que o muyto que nos queria. Porque nos tinha amado; diz S. Joaõ, nos amou atẽ á morte : *Cum dilexisset, dilexit. Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.*
 Joan. 13. n. 1.

Este amor retratado nestes Sermoẽs , offereçe á V.A. este seu Vassallo estrangeiro, á quem o amor fez Portuguez naturalizado desde que passou á India. Por triplicado senão pode quebrar. Por constante he forte como a morte . Por desentereffado he cego, & nũ. Cego, porque nunca olhou pelas mercẽs, que podia esperar da grandeza de V.A. por premio do muyto amor com que o tem servido . Nũ, porque alẽ de lhe defender a regra que professa não sũ pessuir bens de raiz , mas ainda pedir o necessario para o sustento da vida, por amor de V.A. & das Magestades, q̃ Deos levou , á quem muyto servio na India , & não pouco em Portugal pelo espaço de quarenta annos (como mostraõ as certidoẽs deste livro , das quaes se conserva hũa via na Sacretaria do Concelho Ultramar, aonde foraõ remetidas , & outra nesta nossa caza da Divina Providencia para lembrança) se tem privado para sempre atẽ a morte da Patria, dos parentes, tanto para estimar, & do muyto que podia ter em Italia, aonde as esperanças de todos sãõ grandes, por ter muyto que dar aos que servem com grande amor. Nẽ se pode attribuir á interesse , & menos á cubiça o re-
queri-

DEDICATORIA.

querimento, que de tres annos à esta parte tenho cõ V.A. das licenças, que com tanta piedade, & grandeza tem concedido, & concede à muytos; pois são para servir mais, & melhor, & cõ mayor amor; porq̃ sem ellas nem á Deos, nem à V.A. podemos servir como devemos. Não desconfio de as alcançar. Pois muyto obriga hum amor constante, muyto pode hum amor forte, muyto merece hum amor desinteressado, cego, & nú, de quem serve por amor sem mercês. A Serenissima, & Real Pessoa de V.A. guarde Deos largos, & felicissimos annos, como este seu humilde Vassalo, Neapolitano por nascimento, Genoves por origem, Portuguez por amor, continuamente lhe roga.

De V. A. Serenissima

Humilissimo, Affeiçoadissimo, & Leal Vassalo

*D. ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,
Theatino da Divina Providencia.*

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

The University of Chicago is a leading institution of higher learning, offering a wide range of academic programs and research opportunities. The university is committed to excellence in education and research, and to the advancement of knowledge in all fields. The University of Chicago is a member of the Association of American Universities, and is ranked among the top universities in the world. The university is located in Chicago, Illinois, and has a long and distinguished history. The University of Chicago is a place where the best minds come to learn and to teach, and where the most important discoveries are made. The University of Chicago is a place where the future is being shaped, and where the world is being improved.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

AO SERENISSIMO PRINCIPE

DOM PEDRO

Governador supremo de Portugal.

ANAGRAMMA LUSITANO

EM DOUS VERSOS.

ALLUDINDO AO TITULO DO LIVRO:

CORDEL TRIPLICADO DE AMOR.

Primor vos deu amor, regra prudente:

Ao Pomposo pedis Cordel insigne.

SONETO

Paraphrase do mesmo Anagramma.

ESTE, Senhor, de affecto triplicado
CORDEL, em que o Amor melhor se explica
De hum Vassallo outro affecto vos dedica,
Sò porque em Vos se vê bem retratado.

Nelle podereis ver, que o seu cuidado

De amor prudente regra vos triplica,

Buscando, no que humilde significa,

Com vosso nome, ter mais alto estado.

E já que Ao Pomposo desse peito

Suplica o patrocínio reverente,

Primor será, que de o emparar se digne;

Pois confiado diz, & com respeito:

Primor vos deu amor, regra prudente:

Ao Pomposo pedis Cordel insigne.

D.D. Ant. Ard. Spin.

SERENISSIMVS PETRVS,
PORTUGALIAE PRINCEPS, AC REGENS.

Ex ijsdem literis

ANAGRAMMA

*Tu ingens Sol, semper Pater,
Regnis ius pacis recuperas.*

EPIGRAMMA

Anagrammatis Paraphrasis.

Magnæ gentis honos, ingenti lumine lustrat
Orbem Lusitadum, PETRUS, et altor adest.
Si id taceant homines (*Princeps ter maxime*) notum
Te faciet nomen, quod probat esse tuum.
Dicit te *Patrem* PETRUS, tua dogmata Solem;
Ergo jure tuo nomine notus eris,
Quàm benè *Sol ingens* tu diceris, inclyte Princeps,
Quo magè lucentem Lusa videre nequit.
Sic regis ipse tuos, geris ac in corde, vocandus
Sis *Pater* ut *semper*: semper ut es Dominus.
Tu quoque belligero persæpè ex hoste triumphans,
Ius pacis Regnis, et tibi ^{restitu}3_{recuperas}.

D.D. Ant. Ard. Spin.

SONETO

Paraphrase do mesmo Anagrãma latino.

PRincipe excelso, à cuja heroica fama
 Celebra o Mundo a dita de gozarvos,
 Julgandose incapaz à tributarvos
 Obsequios, com que humilde vos aclama.
 De vosso illustre nome este Anagramma
 Bem publica a rezão de venerarvos,
 E as muytas que tem, para admirarvos,
 Quando *Sol* vos venera, & *Pay* vos ama.
Sol, digo, por que igual nos resplandores
 A Terra demarcando, & o Mar medindo
 Benefico influis amparo, & glorias.
Pay sois pelos affectos, & favores,
 Que por v os Portugal vay conseguindo,
 Terminando cõ a paz tantas vitorias..

D.D. Ant. Ardi. Spin.

DOMINUS ANTONIUS ARDIZONE
Clericus Regularis,
ORDINIS DIVINÆ PROVIDENTIÆ
Theatinus.

Exijsdem literis
ANAGRAMMA.

*En Theologiæ radijs unicus Sol:
En in diro Mundi rure Nardus,
Iustitiæ Zona, Indicus Pater.*

PROGRAMMA
Anagrammatis Glosa.

E *N sacra Sophiæ radijs Sol unicus ardet*
Ardizon hic Doctor, maximus ingenio.
Subdidit hac vigilans Animorum corda salutis,
Indis quum Sacram protulit Ambrosiam.
En Mundi in diro floret rure optima Nardus,
Christi namque virens est odor ille suus.
Iustitiæ Zona firmissima pectora vincit,
Recta dum firmat religionis suos.
Cum tandem extremos divino paverit Indos
Nectare, jure quidem est *Indicus ipse Pater.*

2. ad Co-
rim. 2. n.
15.

D. Anonimus.

PARAPHRASE, E PERIPHRASE,

DECIMAS

DO ANAGRAMMA

Latino.

SOL de mais digna nobreza
O Mundo hoje vos aclama,
Pois chega á ser vossa fama
O que he o Sol por natureza.
E assim de vossa grandeza
Se a luz intentò explicar
Da sciencia, me hei de achar
Qual incauto Phaetonte;
Pois em taõ nobre Orizonte
Vejome, que hei de cegar.

Ao Nardo na Primavera

Vossa sciencia comparo;
Pois sò de hum prodigio raro
A comparação fizera.

Que se àquelle se excedera
Na pompa em sua fragancia,
Seria minha ignorancia,
Comparar hum tal Doutor,
Que he sò dos Sabios a flor,
A huma rustica elegancia.

Do

Do zelo com que observastes
 A justiça em vosso peito
 Arguo, que em grao perfeyto
 Sempre a rectidão trajastes.
 Cõ rezaõ pois me admirastes
 No traje, em que estais vestido,
 Que se de prendas cingido
 Húa liga vos faltava,
 Zona na justiça estava,
 A que viveis taõ unido.

Diga a India affectuosa
 Que amante Pay sois; pois já
 Publica nos ays, que dà
 A saudade amorosa.
 Que feliz foy, lachrymosa
 Nos diz; pois nella plantastes
 A piedade, que mostrastes,
 Dandolhe o Sancto Alimento
 Dos Anjos no Sacramento,
 Com que à cantos recreastes.

D. Anonimo.

AO

AO AUTHOR DO LIVRO CORDEL TRIPLICADO

DE AMOR.

DECIMAS

I

Cordel que prende o sentido,
Pois no assombro o deixa atado,
He o Cordel triplicado,
Que fazeis Astro luzido.
Prende por incomprendido
Todo humano pensamento;
E he tal seu merecimento,
Que pode por sem segundo
Ser mais que Cordel no mundo,
Planeta no Firmamento.

2

Outro Cordel triplicado,
Que se vos faça he rezão
De tão grande *Erudição*,
Tanta *Virtude*, & *Cuidado*.
Porque sois tão estremado
Em amar ao Rey divino,
Como ao Principe mais dino
Da Coroa Imperial,
A quem rende Portugal
Excessos de amor mais fino.

Amai

3
Amai Antonio famoso

Hum, & outro eternidades,
Empregando em tais deidades
Discurso tão portentoso.

E rogai affectuoso

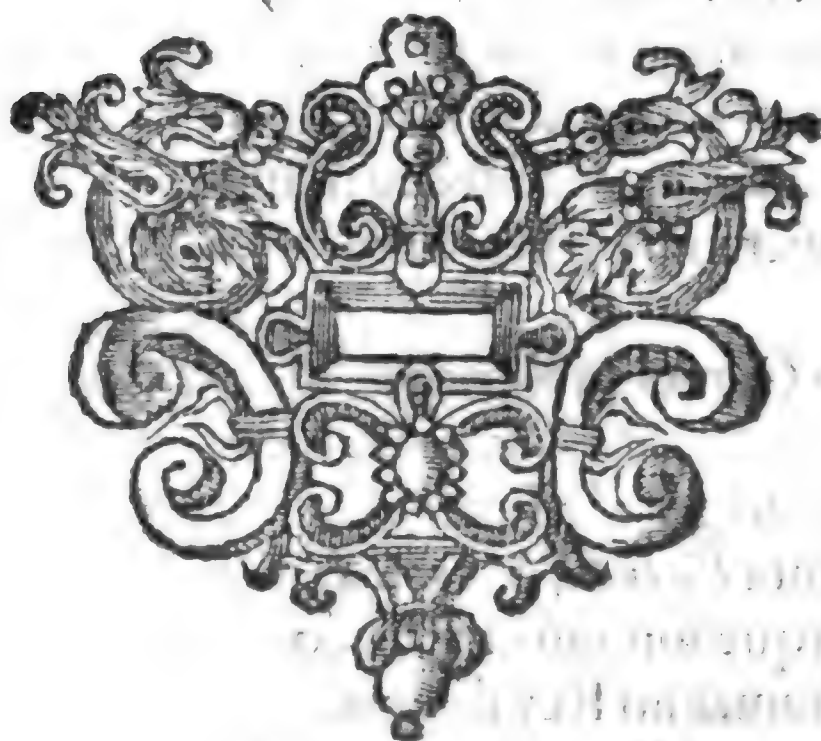
A deidade soberana,

Que da Parca mais tirana,

Que tudo vence inclemente,

Triumphe perpetuamente

De PEDRO a deidade humana.



AO AMIGO LEITOR

PORTUGUEZ



TENDES, amigo Portuguez, em hum Cordel triplicado de amor multiplicados espelhos, em que podeis rever o affecto, com que por todos os meos conformes ao meu estado vos terho servido já continuadamente quarenta annos, procurando sempre em todas as occasiões, que se me offerecerão, o vosso mayor proveito espirital, & temporal nesta Cidade, & Reyno de Portugal, & nas Conquistas da India.

Tres livros compoem este Cordel, todos tres de Sermoões, que não podeis deixar de estimar, por serem lembranças das felicidades passadas, que lograstes com grande vosso prazer, representadas em genero predicativo, & do que desejaestes mais que a propria vida. Que se folgastes de mas ouvir relatar no pulpito pregando, muyto mais as festejareis vendo-as debuxadas nestes livros, em que perpetuamente as podeis ter diante dos olhos com mayor vosso contentamento, & prazer; porque o bem que passou, & os gostos, & felicidades, que se lograrão, só os livros as fazem presentes, senão na realidade, ao menos na representação, & tão agradaveis, q̃ todos folgaão de as ler, & rever nelles.

O primeyro livro he da Restituição deste Reyno à seu legitimo Rey, & Senhor Portuguez, por quem suspirastes sessenta annos. O segundo he da Restauração da Sagrada Communhão na India, necessaria para a salvação dos Indios, & conservação daquelle Estado. O terceiro he dos annos prosperos, & felizes del Rey D. João IV. que no Reyno do Eo perpetuou a Coroa. Pois se d'elle festejastes todos os annos a vida com muytos vivas, & lha desejaestes todos os momentos muyto larga, agora o tiverdes presente, & lograstes sua vista, agora que anzen

logra

PROLOGO.

logra de Deos com os Bemaventurados á eterna, o represento nestes livros, para que viva para sempre na vossa lembrança hum Rey, que para vos libertar, arriscou dentro em seu mesmo Reyno muytas vezes á vida.

Por serem estes tres livros de Sermoens tão extraordinários, & de matérias tão singulares, tem nelllos os curiosos muyto que ver, & os Pregadores de que se aproveitarem; porque são tão copiosos de figuras da sagrada Escritura, tam ricos de conceitos, & de appropriações muy novas, tam pingues de erudições, descripções, discursos, parallellos, cōparações, historias divinas, & humanas, authoridades dos Sanctos Padres, exposições literaes, & moraes dos sagrados Interpretes, com a mais saã doutrina especulativa, & moral dos Theologos, applicada ao soberano, & divino Sacramento do Altar cō muytos louvores do sanctissimo nome de Jesu, da Virgem Mãe de Deos Senhora nossa, & de seu poderoso amparo, do glorioso S. Joseph seu purissimo Esposo, & de seu grande patrocinio, tão applicaveis aos mais Evangelhos, & Festas do anno, q̃ em pequeno volume tem os Pregadores huma sylva muy grande de discursos predicativos de diversas materias, de que podem colher muytos motivos para varios sermoes.

A mayor figura, que mais festejastes de me ouvir pregar na India, na Sè Primazial de Goa, & aplaudistes por muy levantada, & muy peregrina, em que ha muyto que ver, & que admirar, debuxada no quarto Sermão do primeyro livro, he a Genealogia de Christo Senhor nosso, com larga disputa de seus Progenitores pela ascendencia masculina, & femeni na de seus immediatos Avós, em que não só tendes com muyta clareza expostos com muytos argumentos, & pintado cō tres estampas, segund diversas opinioes, os ascendentes de Christo, & o grao do parentesco, que tinha S. Joseph com a Virgõ Maria sua purissima Esposa, & de Christo com o Baptista seu divino Precursor, & com o Evangelista seu amado discipulo, & com seus mais chegados parentes, mas, o que he muyto para estimar, vereis nella com mayor admiracão, que o Encu-

berto

PROLOGO.

betto divino Christo nosso Redemptor; *Deus absconditus*, veyo libertar o Mundo na 16. geração triplieada de seus Avós, debuxo muy soberano da 16. geração dos Reys Portuguezes, em que o Encuberto Redemptor de Portugal D. João IV. guardado por Deos para o anno de 40. libertou seus Portuguezes, quando menos se esperava.

Com vos expor tantos espelhos do meu affecto, nenhum tivestes da Religião, que professô. Pelo nome, & pelo sangue me conhecem todos, pelo habito poucos pela pouca noticia, que muytos tem das Religioes de Clerigos. Porter sido eu o primeyro Theatino, que passara à India, quando fuy de Roma por Missionario por terra áquelle Estado, mandado pelo Sãoto Padre Urbano VIII. com mais tres companheiros, aonde chegamos no anno de 40. & ser o primeiro, que vim á Portugal, porém quando por mar fuy obrigado a vir só á esta Cidade de Lisboa com as Naos do Reyno no anno de 648. me troucou o vulgo cô varias Religioes de Clerigos Regulares, que no habito se parecem com o que indignamête trago, por imitarem seus Sanctos Fundadores o que na Igreja Catholica renovarão meus Sanctos Patriarchas, primeiros reformadores da Vida Apostolica relaxada no mundo no discurso de mil & quinhentos annos.

Muytas são as Religioes de Clerigos Regulares, que militaõ com muyta gloria de Deos, & proveyto espirital do proximo na Igreja Militante debaixo do Estandarte da Cruz de Christo, muy parecidas com o habito, que professô, porém muy diversas na regra, & estatutos, & com diversos nomes, que ao de Clerigos Regulares acrescentarão, para se distinguirem entre sy, & se differencarem da que instituirão meus Sanctos Fundadores, com rezão chamados Patriarchas dos Clerigos Regulares, ou como outros lhe chamaõ Príncipes das Religioes Clerigae, por primeiros, á quem imitaraõ as mais que se seguiraõ, servindo á todas de exemplo a que professô, q por mais antiga, & primeira se chama absolutamente de Clerigos Regulares, nome, com que pelo habito, regra, & estatutos, que
guarda,

PROLOGO

guarda, a chamou o Sancto Padre Clemente VII. quando a confirmou, tendo por proprio titulo o que depois della, as mais Religioes de Clerigos, que se fundaraõ, fizeraõ cõmuni.

Teve seus gloriosos principios por dous Sanctissimos Patriarchas, o Sancto Arcebispo de Theati D. Joaõ Pedro Carafa Neapolitano, no sangue Illustrissimo, nas letras admiravel, na sanctidade o mayor daquelles tempos, chamado pelo seu grãde zelo da honra divina, da reforma do Clero, do augmento da fé Catholica, & extirpação das heregias, o Elias da ley da graça, & o martelo dos Herejes. Este sancto Arcebispo Theatino depois de ter fundada a nossa sagrada Religião, de que foy primeyro Geral, creado Cardeal, & aclamado Papá, foy aquelle grande Pontifice, que se chamou Paulo IV. ou como outros lhe chamão Paulo Magno, ou Paulo Maximo, pela eminencia das letras, admiravel sanctidade, singular prudencia, fortaleza, valor, & grandeza de seu animo invicto, & optimo governo da Igreja Catholica, que naquelles tempos taõ calamitosos procurou de reformar, o mayor protector da Coroa de Portugal, & o mais vigilante zelador do augmento da Fé Catholica na India, melhoramento de suas Christandades, & acrecentamento daquelle Estado, em que mandou erigir o Bispado de Goa em Arcebispado, & fundou os Bispados taõ grandes de Cochim, & Malaça, cuja perda com suas muytas Christandades lastimamos; porque eraõ das mayores, & melhores da India.

O outro Patriarcha, que unido com elle fundou a nossa sagrada Religião, segundo Geral, que lhe succedeo no governo, foy S. Caetano Thiene, natural de Vicenza, huma das mais nobres, & famozas cidades do Estado Veneziano, filho do Conde Gaspar Thiene, & da Condeça Maria Porto, naõ menos que Paulo illustre no sangue, nem menos grande nas letras, & na sanctidade insigne, cujos milagres por grandes, & portentosos, & no numero quasi innumeraveis, & tantos mortos resuscitados por elle, que refere D. Estevão Pepe Author gravissimo, & outros muytos Escriptores de sua vida, o
igualão

PROLOGO.

igualado com S. Nicolao Arcebispo de Myra, de quem canta a Igreja: *Innumeris decorasti miraculis*, & com S. Gregorio Thaumaturgo, com quem se pareceo na virtude tam heroica, que teve da confiança em Deos, conforme o dito de Christo aos Apóstolos: *Habete fidem Dei*, que he chamado por antonomasia o Sancto da confiança, pela grande fé, que assim elle, como Paulo, tiveram na Providencia Divina, quando fundarão sua sagrada Religião. Marc. 11. n. 23.

O fim para que a instituirão, foy principalmente para reforma do Clero naquelle seculo muy relaxado, para melhoramento do culto divino, & policia das Igrejas, para introduzir nos Christãos a frequencia dos sanctos Sacramentos da Penitencia, & Eucharistia, em que muyto se desvelão seus Religiosos filhos, pera á conversão dos pecadores com a pregação do Evangelho, doutrina, & exemplo, para augmento da Fé Catholica, conversão dos Infieis, & extirpação das heresias, contra os Heresiarchas do Norte, que procuravão introduzir em Italia sua falsa, & heretica doutrina, & mais para se oppor à Lutero, á quem chegando as noticias desta nova, & primeira Religião de Clerigos Regulares, fundada debaixo da Providencia Divina, que negavaõ, temeroso, disse: *Magnum nobis paratur Roma bellum*. Sobre tudo para renovar na Igreja Catholica a vida Apostolica, & sua mayor pobreza, que Christo Senhor nosso guardou até a morte, & os Apostolos professaraõ, de não possuirẽ bens de raiz, nem pedirẽ esmolas, nem tão pouco para o sustento da vida, mas de viverem debaixo da Providencia Divina (que não pode faltar á quem nella confia) de esmolas não mendicadas, offerecidas livremente pelos fieis inspirados por Deos, sem serem requeridos, mandando por regra indispensavel a que Christo Senhor nosso deu aos Apostolos em S. Mattheus: *Nolite solliciti esse dicentes: Quid manducabimus, aut quid bibemus, aut quo operiemur? Hac enim omnes inquirunt. Scit enim Pater vester, quia his omnibus indigetis. Quærite ergo primùm regnum Dei, & justitiam ejus, & hæc omnia adjicientur vobis.*

Matth.
6. n. 31.

Com

PROLOGO.

Com esta regra tam apertada, com este modo de viver tam Apostolico, & tam divino, ou como diz o Padre Silos nas suas tam celebradas Historias: *Miraculo proximus*, o Sancto Arcebispo de Theati, & S. Caetano Thiene fundaraõ a Religiaõ dos Clerigos Regulares, que professõ no anno de 1524. ha já cento cincoenta, & seis annos, que Deos a conserva, & sustenta com quasi continuo milagre; & no mesmo anno em 24. de Junho o Sancto Padre Clemente VII. com Bulla particular a confirmou, & approvou sua sancta regra, & estatutos com admiração de Roma, & de toda a Christandade, aonde chega sua fama. O que he mais para admirar, & louvar a grandeza da Providencia Divina, q̃ não só entre os Catholicos conserva, & sustenta Deos a nossa sagrada Religiaõ com muytos, & muy grandiozos Conventos, & Igrejas muy ricamente ornadas, & com muytos Religiosos sem bens de raiz, & sem pedir esmolas, mas ainda entre os Infieis, Hereges, Mouros, & Genios, aos nossos Missionarios, que vaõ as suas terras prégar a Fé Catholica, não falta a Providencia Divina, mas antes edificados de tão sancto instituto, não só lhes acodem com esmolas, mas facilmente se convertem á Deos, tanto pode nos Infieis o desapego dos bens temporaes nos que lhes prégaõ os eternos.

Do Sancto Arcebispo de Theati herdamos o nome de Theatinos. Com este nome chamava em seu tempo o Vulgo aos q̃ imitavaõ sua virtude. Era tal, & tanta a fama da sanctidade deste sanctissimo Arcebispo Theatino, que depois de ter fundada sua Religiaõ, todos que se pareciaõ com elle, ou no habito, ou na virtude lhes chamava o Vulgo Theatinos, nosso proprio apelido, que temos desse nosso Sancto Fundador, & por vivermos debaixo da Divina Providencia, dependentes totalmente della por regra, & estatuto, que este sancto Arcebispo, & S. Caetano nos deraõ, que nenhuma Religiaõ imitou, imitando muytas o habito, além do titulo de Clerigos Regulares, apelidamonos Theatinos da Divina Providencia.

Não he só huma a Religiaõ, que imitou á nossa no habito,

PROLOGO.

mas muytas,todas de Clerigos Regulares,que depois da nossa fundaraõ sanctissimos Varoens , com rendas , & bens de raiz,& com diversas regras, & estatutos muy sanctos, com que resplandecem na Igreja Catholica.

A primeira depois da nossa, que logo se seguiu,foy fundada no anno de 1533. por dous Veneraveis Sacerdotes de grande virtude, & espirito, Bertholameu Ferraro Milanéz, & Antonio Maria de Cremona, com titulo de S. Paulo degollado, vulgarmente chamados Bernabitas, em Italia muy celebres, q o mesmo Pontifice Clemente VII. no mesmo anno confirmou em 18. de Fevreyro, tendo já nove annos antes confirmada a nossa.

Seguiu-se logo á esta a dos Clerigos Regulares Sommascos, confirmada pelo Sancto Padre Paulo III. em 5. de Junho de 1540. cujo Fundador foy o grande servo de Deos Hieronymo Miano, ou como outros lhe chamão Emiliano, natural de Veneza, que tambem em Italia he muy celebre.

Neste mesmo anno de 1540. o Insigne Patriarcha S. Ighacio de Loyola fundou sua muyto illustre, & esclarecida Religião de Clerigos Regulares da Companhia de Jesu, que o mesmo Pontifice Paulo III. confirmou em 27. de Novembro do mesmo anno.

Com esta luz tam grande não necessitou a Igreja de nova Religião de Clerigos até o anno de 1586. em que no Reyno de Napoles, na Diocese Theatina, Bispa do meu Sãclo Patriarcha, suscitou Deos o espirito do Bemaventurado Sacerdote, grande servo seu, O Beato Camillo de Lellis, para fundar hũa Religião de Clerigos Regulares ministros dos enfermos , á quem todos em Italia chamão vulgarmente *Cruciferos*, denominação deriyada da Cruz de pano de cor roxa, que os Religiosos della trazem cozida no peito na parte esquerda da loba, & da capa. Confirmou o Sancto Padre Sixto V. em 18. de Mayo do mesmo anno esta sagrada Religião; & seu particular estatuto de assistir aos enfermos no perigo da morte, ajudandoos á bem morrer, obra tão sancta , como necessaria , para
mais

PROLOGO.

mais seguro da salvação; pois muytos morrem sem terem na cabeceira hum Sacerdote com risco de se perderem, por ser esta hora muy perigoza.

Logo dahi a dous annos fundou sua Religião de Clerigos menores o mayor na humildade, & celebre no espirito Joaõ Agostinho Adorno, que o mesmo Pontifice Sixto V. confirmou no primeiro dia de Julho de 1588. Religião muy sancta, que em Hespanha muito mais, que em Italia floresce, mórmente em Madrid, aonde tem em virtude, & letras muy graves sogeitos.

Em Escocia teve principio no fim do seculo passado de 1600. a Religião dos Clerigos Regulares chamada das Escolas pias, confirmada pelo Summo Pontifice de glorioza memoria Clemente VIII. em 9. de Dezembro do mesmo anno. Seu Fundador, pelo que relata o Breve de sua confirmação, foi hum insigne Varaõ, chamado Andre Spinosa, cujo estatuto mais principal, em que muyto se esmeraõ, he erigir Collegios de Escolas publicas, para instrucção dos meninos, por cuja cauza se chamão Clerigos Regulares das Escolas pias, tam aceitos entre os Catholicos, que em Escocia, Alemanha, & em Italia tem muytos, & muy grandes Collegios.

No Catalogo dos Clerigos Regulares merece ser escrita a Congregação do Oratorio, fundada em Roma pelo glorioso, & admiravel Sancto, que no espirito, & zelo da salvação das almas, & conversão dos pecadores levou ventagem á muytos de seu tempo, S. Phelippe Nerio, confirmada pelo Sancto Padre Gregorio XIII. em 5. de Julho de 1575. com faculdade de se estender por todas as quatro partes do Mundo em forma de cõmunidade, & de clausura debaixo da obediência de seu Prelado local, sem dependencia de outrem. E posto não ser Religião formada de Clerigos, he o estatuto, & vida tam religiosa, & tam sancta dos que nella se recolhem, que merecem ser chamados Clerigos Regulares da Cõgregação do Oratorio, tam dilatada por seu raro exemplo dentro, & fora de Italia em muytas Cidades de Europa.

Daqui

PROLOGO.

Daqui podeis ver, amigo Portuguez, qual he a Religiao, que professo, que não he nenhuma das com que me trocastes, mas a primeira de Clerigos, que imitaraõ, & seguirao as mais. Cõ estes espelhos de tantas Religioes illustres de Clerigos Regulares, que vos tenho exposto, entendereis melhor neste livro de Sermões, de que Religiao fallo, quando fallo da nossa, & quam grande he o affecto, com que vos tenho servido, deixando de todo a Patria, & os Parentes, para ser em tudo Portuguez.

Vale.



AOS R.R. PAROCOS
DO ESTADO DA INDIA,
E DAS MAIS CONQUISTAS
DE PORTUGAL.

PELO grande zelo, que supponho em cada hum de vós da salvação das almas, ovelhas dos rebanhos de Christo, de que vos fez elle pastores, correndo por vossa contavigialas, & encaminhalas para o Ceo, para que nenhũa se perca por vossa culpa, me persuado, que não deixareis de estimar, & ainda de aplaudir, ver impressos alguns dos muytos Sermões, que vos prèguei na India da obrigação, que tendes de instruir os vossos fregueses nos mysterios da nossa sancta fé catholica, conforme vos manda o mesmo Senhor: *Docete omnes gentes*, & de administrar à todos os sanctos Sacramentos, particularmente o da Eucharistia, procurando cõ toda vigilancia, & cuidado a observancia de dous preceitos tão principais, & tão grandes, divino, & ecclesiastico, de comungarem todos, que tiverem os annos de discrição, ao menos na Pascoa, & no perigo da morte. Para este effeito corry muytas Ilhas, Terras, Aldeas, Lugares, & Cidades, prégando continuamente nas vossas Igrejas, para vos mostrar quam grande he o erro, & pecado dos que difficultaõ aos Christaõs no Estado da India, & nas mais Conquistas de Portugal, quer brancos, quer negros, de qualquer casta que sejam a Sagrada Comuhaõ, morrendo quasi infinito numero de Christaõs sem comungarem em algum tempo de sua vida, nem tão pouco na Pascoa, & no perigo da morte, como senaõ foraõ bautizados, ou não instituiria Christo Senhor nosso para elles este Sacramento. Quatro foraõ os principais, que prèguei na cidade de Goa na Igreja Matris, & Primazial cabeça da India, na presença do Illustrissimo senhor Dom Fr. Francisco dos Martyres, da sagrada Religiaõ Serafica, Arcebispo Primaz, & de seu R. Cabido, dos



dos R. R. Inquisidores, de muytos Parocos, Nobreza, & Povo, & de hum numero muy grande de Religiosos, que por ser nova na India a doutrina que prégava, com ser antiga na Igreja Catholica desde o tempo dos Apostolos, & commua, & geral, ordenada pelos sagrados Concilios, & ensinada pelos Sanctos, concorrerão muytos á novidade, para ouvirem o que naquelle Estado senão praticava. Para que se lembrem os Parocos, que assistirão à estes Sermoões do que nelles prégucei, & os, que não estiverão presentes, os possaõ ler, para cumprirem com suas obrigações, que são muytas, & grandes, & obrigaõ com peccado mortal, os mandei imprimir no segundo livro deste Cordel triplicado de amor. Largamente nelles mostro, que á todos, q̃ tem annos de discrição, estais obrigados à dar a sagrada Communhão muytas vezes no anno, na saude, & nas doenças, & precisamente na Pascoa, & no perigo da morte, para que ninguém parta desta vida sem o sanctissimo Viatico, quer sejaõ brancos, quer pretos, libertos, ou escravos, senhores, ou servos, ricos, ou pobres, nobres, ou plebeyos, bem, ou mal vestidos por humildes; porque *Non est personarum acceptor Deus* (diz o Apostolo S. Pedro) *sed in omni gente, qui timet eum, & operatur justitiam, acceptus est illi*. Desejava escrevervos sobre esta materia hũa larga carta, em que vos representasse, quam grande merecimento he o vosso para cõ Deos por pastores de seus rebanhos, de que estais encarregados, se cumprires com a vossa obrigaçã, & vigiardes as ovelhas, almas suas remidas com seu preciosissimo sangue, para que se não percaõ: & de quam grande perigo de perdervos com ellas, se por vosso descuido, por lhes não acudirdes com o Sanctos Sacramentos na vida, & na morte, forem algumas condenadas ao Inferno. Mas por ver, q̃ outra latina muy ao intento, & muy discreta, digna de se ler muytas vezes, vos escreveo o Veneravel, & muy grave Doutor Frey Ludovico de S. Joã Evangelista no livro, que compôs *De administratione Sacramentorum*, & que melhor não a poderei eu fazer, satisfarei ao meu desejo, & ao vosso proveito espirital, com vos propor a sua carta, Diz assi:

Aflor 10.

n. 34.

& 35.

EPIS-

*EPISTOLA AD SACROS PRÆSBITEROS,
Sanctorum Episcoporum coadiutores in sollicitudine animarum.
Salutē, & pacem in Filio pacis, qui redemit nos, & lavit nos:
in sanguine suo.*

BENEDICTIO, claritas, & gloria in gratia Dei, quæ data est nobis in Christo Jesu Domino nostro. Urget nos, fratres, multus amor vester, zelusque animarum salutis, ac religiosa invitat devotio, quia debitores sumus, ut quædam vobis scribamus. Vos ergo, qui Sacerdotio Domini fruimini, & in specula estis positi, plus scire oportet, ut subditos pleniter docere possitis, eisque ad Regna cælorum ducatum præbere Deo annuente valeatis. Vestrum enim est nosse mysterium Regni Dei, & docere eos ab Episcopis vobis commissos, quia legatione Domini fungimini. Vestrum inquam est eos instruere, eorum est vobis obedire sicut Deo, ipso Domino dicente: *Qui vos audit, me audit: Et qui vos spernit, me spernit: Et qui vos recipit, me recipit: & qui me recipit, recipit eum, qui me misit.* Deprecamur ergo vos, ut discatis attentius curam animarum gerere, & pro omnibus stare, maximè autē pro his, qui repentina aliqua infirmitate oppressi, amisso vocis officio, in vitæ extremis laborant, qui antea Sacramenta petierunt. Audite animarum Pastores ipsum Dominum per Ezechielem Prophetam dicentem: *Cum conversus ingemueris, tunc salvus eris.* Audite, & ejus Vicarium Sanctissimum Leonem Primum in hoc clamantem, & dicentem: *Misericordie Dei nec mensuras possumus ponere, nec tempora diffinire, apud quæ nullas patitur moras veniæ vera conversio. In dispensandis itaque Dei donis non debemus esse difficiles, nec accusantium se lachrymas, gemitusque negligere, cum ipsam pænitendi affectionem ex Dei credamus inspiratione conceptam.* (Et infra) *Verum, ut dixi, etiam talium necessitati ita auxiliandum est, ut nec actio illis pænitentia, nec communionis gratia denegetur, si eam amisso vocis officio per judicium integri sensus querere comprobentur.* Hæc sanctissimus Leo. Relinquimus etiam brevitatis gratia, (ac etiam quia satis dictum



dictum credimus) quamplurima Concilia, Sacrosque Canones, Sanctorum, ac Doctorum authoritates hanc docentes doctrinam. Sed silentio non tradam verba illa ab Ecclesia nobis tradita, quæ talia sunt: *Is, qui pœnitentiam in infirmitate petit, si casu dum Sacerdos invitatus venit, oppressus infirmitate obmutuit, vel in phrenesim versus fuerit, dent testimonium, qui eum audierunt, & accipiat pœnitentiam: & si continuo creditur moriturus, reconcilietur per manus impositionem, & infundatur oriejus Eucharistia, &c.* Causa igitur, charissimi in Christo, scribendi vobis brevissimum hunc libellum, est quidem, quia vos circa multa corporalia occupatos consideramus; quæ de causâ librorum lætionibus, maximè prolixè conscriptorum, vacare non possitis, & sic ignorantia magnopere inexcusabilis vos, & vobis commissum gregem sine dubio viam perditionis tendere faciet, quia sanguinem animarum de manibus vestris exquiret Dominus.

Audite animarum Pastores, audite inquam, ac attentissimè legite, rogamus, & obsecramus, literam, quam Divus Antonius refert. Narrant quamdam (& si mirabilem) tremendam quidam historiam duorum Clericorum, qui inter se inierant hoc pactum, scilicet, ut qui prior eorum moreretur, alteri, vel vigilianti, vel dormienti appareret intra triginta dies. Data, acceptaque corporali fide, non multo post tempore unus eorum obiit. Trigesimo autem die adlucit alteri vigilianti, qui videns, ac stupefactus, & tremens dubitare coepit. (Et infra) Tunc qui apparebat dixit illi: Si dubitas miser converti, lege literas istas. Et hæc dicens, manum protendit tetricis notis inscriptam, in quibus Sathanas, & omnium infernorum Satellitum multitudo Ecclesiastico carui gratias de Tartaro emittebat: quod cum ipsi in nullo suis voluptatibus deessent, tantum numerum animarum subditarum paterentur ad inferna descendere, prædicationis incuria, quantū nunquā viderint retroacta sæcula, &c.

Item similis accidit casus in synodo Burgundiæ celebrata, nam cuidam Clerico eunti ad synodum apparuit Sathanas in humana effigie, & ad Episcopum misit per eum literas, quas

Cap. Is
quod. 8. 26.
q. 6.

Antonini
2. p. tit.
16. c. 14.

Concil.
Syn.
Barg.



aperiens Episcopus, coram omnibus legit, & erant tenoris sequentis. Rectores tenebrarum Rectoribus Ecclesiarum, Salutem. Mandamus vobis, quod multum diligimus vos, quia quodcumque vobis committitur, ad infernum cum magnis glomerationibus destinatis, &c. Obstupefcite, & considerate vehementer, ac cavete, ne dicatur de vobis, quod olim Deus:

Jerem. *Pastores multi demoliti sunt vineam meam, conculcaverunt partem meam, dederunt portionem meam desiderabilem in desertum solitudinis, posuerunt eam in dissipationem, luxitque super me, &c.*
12. II. 10. Plorate ergo Pastores Ecclesiae, plangite Ministri Dei altissimi, ululate in cinere, & cilicio, antequam veniat dies irae magna, & amara valde, & requirat Deus de manibus vestris (quod ipse avertat) animas morte pretiosissima sua redemptas, & propter negligentiam vestram sanguinem suum in eis dispersitum inveniat. Recordamini, quia judicium durissimum fiet his, qui praesunt. Cavete, iterum dico cavete, ac vigilate super gregem vestrum, quia non tardat Dominus, qui non dormit, sed vigilat, actusque nostros prospicit à luce prima in vespertum. Denique charissimi, & in Christi visceribus dilectissimi, notate, rogamus vos, & genibus flexis obsecramus, notate quae dicta sunt, & ea charitate, qua credimus dicta, suscipite, & Deum pro nobis intercedite. Valeatis in Christo Jesu Salvatore nostro, qui nos omnes salvet. Amen. *Datum apud Sanctum Aegidium Regium, die 26. Septembris anno à Salute per Christum mortali-
bus tradita, 1634. Vester humilis Servus.*

Fr. Ludovicus à S. Ioanne Evangelista.

O que vos podia escrever, he o que este Doutor vos escreveu nesta sua carta: & o que vos podia encomendar, he o que elle vos encomenda. Tratai de executar o que vos diz, para que não arrisqueis a vossa salvação; & fazei o que vos preguei nestes quatro Sermões da Sagrada Comunhão, devida à todos os Christãos na vida, & na morte; pois he o que vos Deos mãda, & a Santa Mãe Igreja Catholica Romana, para que não vos percais, nem as vossas ovelhas se percam com vosco, cuja salvação corre por vossa conta, mas tenhaes para com Deos muytos merecimentos, por tratares de seus rebanhos com todo o cuidado. Valete.

CARTA ESCRITA

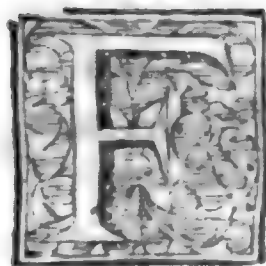
A el Rey D. Ioão IV. de Portugal

PELO VENERAVEL SERVO DE DEOS
DOM PEDRO AVITABILE

primeyro Prefeito das Missoes dos Theatinos
da Divina Providencia,

*QUE FALLECEO NA INDIA, NA CIDADE DE GOA
com fama de sanctidade, & milagres,
em dia de todos os Sanctos,
1. de Novembro, de 1651.*

SENHOR



*EU V. Mag. servido ordenar, que os Estrangeiros
moradores neste Estado da India se sayão d'elle. E
oxalà ouvera poder, para botar fora os Europeos
do Norte, que com suas muytas armas tão podero-
sas por mar, & por terra tẽ tirado à V. Mag. muy-
tas Praças, aos Christãos Indios, que nellas vivem,
a Fé Catholica, às Igrejas as sagradas imagens, & à Deos o ver-
dadeiro culto, veneração, & honra, que se lhe deve. Mas omal-
he, Senhor, que com esta ordem tão geral são constrangidos à par-
tir os que procurão servir à Deos na converção dos infieis, & à
V. Mag. com todo amor, & fidelidade, como se naceraõ Portuque-
zes. Se sayem os bons, que são à V. Mag. de não pequeno serviço,
& à este Estado de muyto proveito, & ficão os maos, que procurão
com todo o empenho de o conquistar. Por esta ordem parte neste
mes, & annos Naos de V. Mag. no Galiaõ S. Lourenço o Padre
Dom Antonio Ardixone Spinola nosso Religioso Clerigo Regular,
Theatino da Divina Providencia, tão zeloso da converção dos in-
fieis, tão cuidadoso do mayor bem dos Christãos destas Conquistas,*



taõ affecto à Nação Portugueza, & taõ desejofo de servir à V. Mag.
naõ como estrangeiro, mas como natural, que nesta cidade de Goa
se natuaalizou Portuguez com tantas demonstraçoẽs de leal Vassa-
lo, que nas novas, que nos chegarão no anno de 1641. da feliz acla-
mação de V. Mag. como se nacera Portuguez, o aclamou nesta Cida-
de, assistindo à todos os actos della, & apregoandoa no pulpito à
instanciã deste Nobre Senado de Goa, presente o Viso Rey deste Es-
tado Ioão da Sylva Tello Conde de Aveyras, o Arcebispo Primaz
Dom Frey Francisco dos Martyres, & os tres Estados, Ecclesiasti-
co, Nobreza, & Povo, & o mesmo Senado, o que fez com hum Ser-
mão Panegirico, & logò com outros muytos em diversas festas, &
anniversarios da mesma aclamação, q. por muy celebrados os mã-
dou à V. Mag. este Nobre Senado escrito de penna, & os leva elle
de novo, para os dar a estampa, para mostrar, que foy sempre seu
animo muy Portuguez, & muy desejofo do serviço de V. Mag. como
o são todos os nossos Religiosos estrangeiros Theatinos da Divina
Providencia, que cõ elle vimos pregar nas Terras dos infieis deste
Oriente o Evangelho: O que he muyto para estimar, & o faz me-
recedor das merces, que espera de V. Mag. como Rey, & senhor taõ
pio, & taõ catholico, he haver restaurado em todo este Oriente a
Sagrada Communhão, zeloso do mayor bem espirital destas Chris-
tandades, procurando que todos, que tem annos de discrição, comu-
guem ao menos na Pascoa, & no perigo da morte, conforme o pre-
ceito divino, & da sancta Madre Igreja, reprovando, & tirando
com muytos arrefoados muy doutos, disputas, practicas, & sermões
o abuso, erro, & peccado, que havia geralmente antes de sua vinda
em todas as Christandades destas Conquistas, de não comungarem
senão muy poucos, morrendo quasi infinito numero de Christãos em
todo este Oriente sem nunca em algum tempo, nem na vida, nem na
morte receberem o Senhor com grande prejuizo de suas almas, &
risco de se perderem. Nesta obra taõ digna de premio, & de lou-
vor tem trabalhado com taõ grande empenho, torrendo muytas
Terras, para mostrar aos Parocos seu erro, & peccado, & persuadir-
lhes a emenda, que em menos tempo de dous annos, desde o anno de
1645. em que se principiou taõ grande obra, tem comugado so nes-



ta cidade de Goa, Ilhas, & Terras adjacentes mais de cem mil
Christãos Indios, os mais delles filhos, netos, & bisnetos de Chris-
tãos, particularmente Bragmanes, que nunca dantes tinhão co-
mungado, como pode V. Mag. ver nas duas Provisões, que á persua-
ção, & instancia deste Religioso mandou publicar em seu Arce-
bispado o Arcebispo Primaz, & nas muytas certidoes, que passa-
rão nesta materia o mesmo Primaz, o Patriarcha de Ethiopia, o
Arcebispo de Myra, os Religiosos Prelados das Provincias deste
Estado, os Parocos, Priores, Vigarios, & Curas das Freguesias, os
Fidalgos, & Capitão desta cidade, o Juiz do Povo, & Casa dos 24.
que por elle mando à V. Mag. para o enformar de quanto serviço
de Deos, & de V. Mag. foy este nosso Religioso neste Estado, & o
são os mais deste habito seus companheiros, ainda que estrangeiros,
que nelle moramos, para V. Mag. nos emparar, & concedernos, não
só podermos viver na Índia, mas fundar nesta cidade de Goa, &
na de Lisboa as Casas, & Conventos, de que humilmente pedimos
à V. Mag. as licenças, para melhor servirmos à Deos, & à V.
Mag. & podermos mais facilmente dilatar a fé Catholica neste
Oriente. Alem destas obras tão dignas de louvor, & do emparo de
V. Mag. persuadio, & fez este Religioso com seus sermoes, que o
Arcebispo Primaz mandasse aos Parocos de seu Arcebispado, que
todos os dias Sol posto em certa hora determinada se fizesse hum si-
nal com o sino mayor, para todos os Christãos no mesmo tempo roga-
rem pela vida, & saúde de V. Mag. conservação de sua Coroa, &
felices successos de suas armas, acção q̃ bem mostra, ser seu animo
muy Portuguez cõtra a falsa presunção politica, & rezaõ de estado
mal fundada do mundo, por ter nacido na cidade de Napoles sojei-
ta à Castella, sendo por origem Genoves, Republica absoluta senho-
ra de sy, como mostraõ seus tão nobres apelidos muy conhecidos em
Europa. Pois pela ascendencia varonil de seus immediatos Avòs
paternos, que de Genova passaraõ á Napoles, he seu illustre apeli-
do Spinola, das mais illustres familias daquella Republica, & por
sua visavò não menos illustre Genovesa mãy da mãy de seu pay,
aparentada com as mais nobres familias de Genova, por herdar
della a Casa, tomou seu pay o apelido Ardizzone, o q̃ he tão notorio, q̃
ninguam



ninguem sospeita, poder haver neste Religioso falta na fidelidade, por nacer em Napoles, quando o sangue, & tantas obras de leal Vassallo o desmentem. Nem tam pouco se pode presumir esta falta nos mais Religiosos, que com elle passamos à este Estado no anno de 1640. pouco antes da feliz aclamação de V. Mag. mandados pelo Sancto Padre Urbano VIII. por Missionarios Apostolicos para mayor augmento da fè catholica, & melhoramento destas Christandades. Pois não trouxemos outras armas, que de Breuearios para a reza do Officio divino, & de Missaes, & Calices, para o sancto sacrificio da Missa, & de hum Christo na Cruz, trazido no peito, para a predicacão de seu sanctissimo nome, sem nenhum genero de mercadoria tão defesa aos Religiosos pelas Bullas Apostolicas, & á nos pelos estatutos de nossa sagrada Religião, que não sò nos defende mercancear, mas ainda possuir bens de raiz, & pedir esmolas para o ordinario sustento da vida. Sirvase pois V. Mag. como Rey tão amparado de Deos, de amparar os servos seus Religiosos, que de estrangeiros não tem mais, que o nome, & de Portugueses as obras; pois servem tanto à Deos, & à V. Mag. Sirvase tambem por sua grandeza, & piedade de ouvir os requerimentos deste Religioso, & despachalo com as mercès, que espera de seu animo Real, para podermos acudir às Missões, que temos tomado neste Oriente nos Reynos dos Mouros, & Gentios, que por muytos, & muy dilatados, poucos são os obreyros, por mais que venhão de Portugal, para plantar nelles a fè catholica; pois ha muytos Reynos, & Provincias, em que atégora não entrou Sacerdote, que lha pregasse. A Real Pessoa de V. Mag. guarde Deos com a firmeza, & perpetuidade de sua Coroa, conservacão de sua Caza Real, augmento de seus Estados, & melhoramento do suas Conquistas, & com a vida, & saude, que continuamente lhe rogamos. Goa 2. de Fevreyro de 1648.

De Vossa Magestade

Humilde servo, & obedientissimo Vassallo
DOM PEDRO AVITABILE Clerigo Regular,
Theatino da Divina Providencia.

PROVISOENS.

Que mandou passar,& publicar em seu Arcebisado

O Illustrissimo Senhor Dom Fr. Francisco dos Martyres,
DA SAGRADA RELIGIAM SERAFICA DA OBSERVANCIA,
ARCEBISPO DE GOA, PRIMAZ DA INDIA,

A INSTANCIA

DO M. R. P. D. ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,
Clerigo Regular, Theatino da Divina Providencia,

*PARA COMPRIMENTO DO QUE TINHA PREGADO
em seus Sermões da obrigação de comungarem os Christãos
naturaes do Estado da India, ao menos na Pascoa,
& no perigo da morte.*



O M. Frey Francisco dos Martyres por mercê de Deos, & da Sancta Igreja de Roma, Arcebispo Metropolitano de Goa, Primaz da India, & partes Orientaes, do conselho de sua Magestade &c. A todos os fieis Christãos faude em Jesu Christo nosso Senhor, q̃ de todos he verdadeira vida,& salvaçaõ. Fazemos saber, que sendo nos certos da obrigaçaõ, que á todos os fieis Christãos corre, de receberem a Sagrada Comunhaõ,& da que os Parocos tem delha administrarem, & do descuido, que nesta materia taõ importante havia, passamos huma Provisão, cujo theor he o seguinte. Considerando nos, ser o preceito da Sagrada Comunhaõ, naõ somente divino de Christo Senhor nosso, mas tambem Ecclesiastico da Sancta Madre Igreja, & obrigar com pecado mortal á todos os fieis Christãos baptizados, que tiverem os annos da dicriçaõ, á comungar sacramentalmente na Pascoa, & no perigo da morte, sem excluir á ninguem, de qualquer estado, casta, & condiçaõ, que sejaõ, assim forros como escravos,

VOS,

VOSQV



vos, moços, & moças, & baptizados novamente. E porque muytos por ignorarem taõ grande preceito, & outros por naõ serem nunca em algum tempo admitidos pellos seus Vigarios, & Curas à Sagrada Comunhaõ com pretexto de incapazes, deixaõ de comungar, por modo que nunca, nem na vida, nem na morte recebem o Sanctissimo Sacramento cõ muyto grande prejuizo espirital de suas almas, & perigo de se perderem para sempre. E desejando nos com affecto paternal acudir, & remediar taõ grande dano pela obrigaçaõ do nosso Pastoral officio, amoeftamos, & mandamos á todos os Vigarios, & Curas Seculares, & Regulares de todo este nosso Arcebispado, que notifiquem em suas estaçoẽs à todos seus freguezes estes preceitos, & procurem com toda a diligencia, & cuidado, que de todos se guardem, catequizando os ignorantes, & fazendo capazes os incapazes, instruindoos, & ensinandolhes com charidade, & zelo os principios de nossa sancta Fè, & o que se requiere para comungarem dignamente, trabalhando muyto nisto, & procurando com quantas forças puderem, que todos comunguem devotamente na Pascoa, & no perigo da morte, no que lhes encarregamos muyto a consciencia, de encarregando a nossa nas suas pela estreita cõta, que devemos dar à Deos nosso Senhor das almas, que nos estaõ encarregadas, & por nossa falta deixarem de cumprir os preceitos divinos, & da Igreja. E outro sy amoeftamos em o Senhor à aquelles, que tem escravos, & escravas, & familia, que com todo cuidado, & diligencia procurem, de que os tais escravos, & escravas, & familia recebaõ este Sanctissimo Sacramento, & façaõ muyta diligencia, para fazerem capazes aos que o naõ forem, ensinandolhes, ou por sy, ou por outra pessoa sufficiente o que se requiere, para que dignamente o recebaõ; & estando enfermos avizem aos Parocos, para que lho administrem & leven á suas casas. E assim mais ordenamos, & mandamos aos Parocos, que saibão dos enfermos de suas Freguezias, & com muyta diligencia, & cuidado lhes administrem o Sanctissimo Viatico, estando em perigo de morte, levando-o à suas proprias casas

por



por limitadas, & pobres que sejaõ a toda a hora, que fer ne-
cessario, para observancia do Divino preceito, & naõ lho po-
dendo levar com a solemnidade costumada, mormente nos
caminhos longes, & asperos, & no tempo do Inverno, orde-
namos aos taes Parocos, lho levem em hum palanquim, ou
andor, que haverá em cada Freguesia depurado para este mi-
nisterio fomite, levando conforme o direito com sobre-
peliz, & estola, precedendo luz ao menos de huma lanterna,
ou lhe digaõ hũa missa em casa, ou se não for decẽte a propria
casa, em algũa Ermida, ou outra casa decẽte, que estiver mais
perto, dõde se lhe leve o Sãctissimo Viatico; & nisto encarrega-
mos muyto a cõciencia dos diros Parocos, para q̃ assim naõ ha-
ja pessoa algũa de qualquer qualidade, & casta q̃ seja, q̃ naõ
guarde este preceito, & naõ participe de taõ alto Sacramẽto, &
dos muytos, & grandes effeitos, q̃ causa aos q̃ dignamente o
recebẽ. E para q̃ de tudo o sobredito se siga o effeito deſejado,
mãdamos, q̃ a presente seja publicada nesta nossa Sé Primazi-
al, & em todas as mais Freguesias deste nosso Arcebispa-
do, para q̃ assim venha à noticia de todos, & ninguem possa alegar
ignorancia. Dada em Goa ao primeyro de Fevereiro de mil,
& seis centos, & quarenta & seis, sob nosso final, & sello da
nossa chancellaria. E por nos ter chegado à noticia, que muy-
tos Parocos constangidos da dita obrigaçaõ, & levados do ze-
lo da observancia dos preceitos de Deos, & da Sancta Madre
Igreja, & da salvaçaõ das almas, que lhes estaõ encommenda-
das, com muyta pontualidade, & cuidado deraõ comprimen-
to ao que por nos lhe foy pela dita Provizão ordenado, & ou-
tros, esquecidos desta obrigaçaõ, fizeraõ pouco cazo de a cõ-
prirem, com pretexto de não serem capazes seus Freguezes, ad-
mitindo outras escuzas, à que chamão inconvenientes, & im-
possibilidades, & duvidando ainda da dita obrigaçaõ, sendo
taõ certa, & precisa, que quanto á obrigaçaõ, que todos tem
de comungarem na Pascoa, tanto que tiverem os annos da
discriçaõ, he proposiçaõ de fé, definida no sagrado Concilio

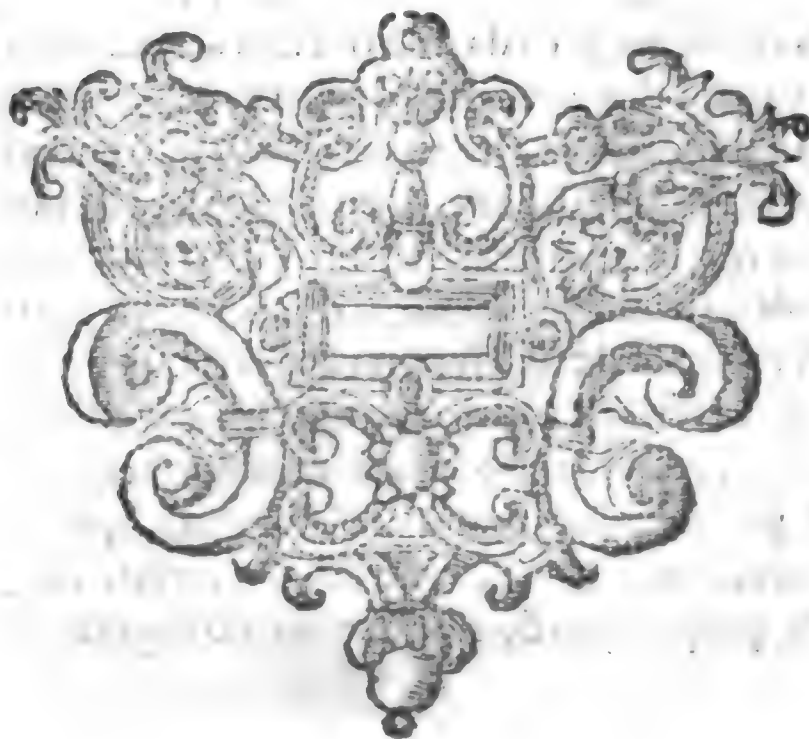
Triden-



Tridentino na sess. 13. no Cân. 9. E desejando nos, que em materia tão substancial, & necessaria haia a devida observancia, mandamos de novo á todos os Parocos, & Curas deste nosso Arcebisado em virtude de sancta obediencia, que com todo o cuidado, & diligencia possível dem execução à nossa sobre dita Provizão, não admitindo de hoje em diante duvida, nem difficuldade alguma. E os que assim não fizerem, serão por nos, & por nossos Visitadores castigados rigurosamente. E para que nenhum possa alegar ignorancia, mandamos sob o mesmo preceito de obediencia à todos os ditos Parocos, & Curas, que cada hum na Sanchristia de sua Freguesia sempre tenha em hum a taboa escrita esta nossa Provizão, ou o trellado authenticô, para que de nenhuma maneyra se lance em esquecimento o comprimento della, & a notifiquem de novo á seus Freguezes. Dada em Goa aos vinte & cinco de Março de mil, & seis centos, & quarenta & sete, sob nosso final, & sello da nossa Chancellaria. O Conego Antonio Soares escrivão da Camara a fez escrever.

Locus ✠ Sigilli.

Frey Francisco dos Martyres,
Arcebispo Primaz.



CERTIDOENS

DA SAGRADA COMUNHAM
RESTAURADA NO ESTADO DA INDIA:

E DO QUE NELLA OBRARAM OS CLERICOS
Regulares Theatinos da Divina Providencia.

CERTIDAM

DO ILLUSTRISSIMO SENHOR

Dom Frey Francisco dos Martyres
da sagrada Religião da Observancia

DE S. FRANCISCO,

Arcebispo de Goa, Primaz da India.

FREY Francisco dos Martyres, Arcebispo de Goa, Primaz da India, do Conselho de S. Magestade &c. Certifico, que na era de quarenta e passaraõ à esta cidade de Goa hums Religiosos da sagrada Religião dos Clerigos Regulares, por outro nome Theatinos, os quaes são nestas Conquistas do muyto serviço de Deos nosso Senhor, & de S. Magestade, pela vida exēplar, virtude, & zelo, com que procurão a salvação das almas, sem serem molestos à ninguem, & de nenhum prejuizo à esta Republica; por quanto professão huma pobreza extrema, & admiravel, de não possuir bens de raiz, ou renda alguma em comū, nem em particular por nenhum titulo, nem aceitar missas perpetuas, tanto que nem esmola podem pedir, para socorrerem suas necessidades, obrigandoos sua sancta Regra, à viverem em tudo dependentes da Divina Providencia das esmolas, que os Fieis spontaneamente lhes daõ, motivo para todos os amarem, & estimarem nesta Cidade, aonde estão muyto bemquistos, & aceitos, por modo que todos os Estados desta Republica desejaõ, que nella assistaõ, & sentem notavel desconsolação, que della se vāo. E pelo mesmo respeito de taõ extrema pobreza, no Reyno de Golconda, Missaõ que na India tomaraõ, hum Religioso
delles,

✠

delles, por nome Dom Francisco Manco, que foy o primeyro Missio-
nario, que ao dito Reyno passou, foy muyto bem recebido daquelle
Rey, & seus Ministros; & por sua muyta virtude, & exemplo, co-
mo com a pregação do Evangelho, tem feito no dito Reyno muytos
serviços a Deos nosso Senhor na conversão dos Gentios, & Aposta-
tas, & em acudir a muytos Christãos, que por lá andão, pendos
no caminho verdadeiro de sua salvação, os quaes estavaõ esqueci-
dos de Deos, & de suas almas por falta de Ministros Evangelicos,
que não podẽ acudir a todos os Reynos, & Provincias desta vinha-
taõ dilatada do Senhor, por ser muyta a sega, & poucos os obreiros.
E neste Estado fizeram huma obra de muyto serviço de Deos, sendo
principal instrumento della o Padre Dom Antonio Ardizzone Spi-
nola filho da mesma Religião, o qual cõ practicas, & sermões, que
pregou nesta Se Primazial, & em muitas Freguesias desta Cidade,
& Ilhas adjacentes, & com outras muytas diligencias que fez, le-
vado do zelo da salvação das almas, procurou, que todos os Chris-
tãos naturaes destas Conquistas comungassem na Pascoa, & no pe-
rigo da morte, conforme o preceito divino de Christo Senhor nosso,
& da Sancta Mãe Igreja, vencendo as muytas difficuldades, q̃
nisto havia, do que resultou tão grande augmento na Sagrada Co-
munhão, que pelas informações, que tive, & pelas contas, que se
lançaraõ, foyente no districto desta Cidade, & Ilhas de Goa, &
nas Ilhas, & Terras adjacentes, de dous para tres annos a esta par-
te comungaraõ perto de sem mil pessoas, que nunca dantes tinhaõ
comungado, alem de outras muytas, que em grande numero come-
çaraõ a comungar no Norte, & no Sul, & em outras partes deste
Oriente, aonde se estendeo o zelo do dito Religioso, com grande aug-
mento da sancta Fé Catholica, por muytos se reduzirem a ella por
meio desta Comunhão geral, & com notavel melhoramento destas
Christandades pelas muytas confissões geraes, que se fizeraõ. Pro-
curaraõ tambem os ditos Religiosos com muyto zelo os serviços de
S. Magestade, concorrendo em sua feliz aclamação com tantas de-
monstrações de leais Vassallos, que estão tidos por esta Nobre Cidade
de Goa por Portuguezes naturalizados, particularmente o dito
P. D. Antonio, que aclamou a sua Magestade com coatro Sermões,
que



que foraõ muy azeitos, tres delles à petição da dita Nobre Cidade, os
quaes prégou nesta Sé Primazial no dia anniverfario de sua feliz
aclamação primeyro de Dezembro. E em hum exhortou com tanta
efficaciao Povo, à rogarem todos os dias pela vida, & faude de S.
Mageftade, confervação de fua Caza Real, & augmento de feus
Reynos, & pela paz, & concordia dos Principes Chriftaõs, que à
fua petição, & instancia mandei em todo o meu Arcebiſpado ſe deſ-
ſem todas as noites às oito horas ſinco badaladas com o ſino gran-
de em todas as Freguezias, para no dito tẽpo todos rezarem certas
orações para o meſmo fim, a qual devação por obra do dito Padre
ſe foy tambem eſtendendo fora deſte Arcebiſpado pelas Terras, &
Cidades deſte Eſtado. Outroy certifico, conſtar pelo livro dos Bre-
ves, q̃ ſe cõſerva neſta Sé, ſer a meſma Se erigida em Arcebiſpado
à instancia do Senhor Rey D. Sebaſtião no principio de ſeu Reyna-
do pelo ſanção Fundador deſta ſagrada Religiao, que foy o ſanção
Padre Paulo IV. o qual tambem fundou neſtas Conquiſtas os Biſpa-
dos de Cochim, & Malaca. E por entender, que fora de muyto ſer-
viço de Deos, & de S. Mageſtade ficarem os ditos Religioſos neſ-
ta Cidade na Hermida, em que até o preſente aſſiſtem, & terem
nella ao menos hum Hoſpicio, para poderem continuar com tantas
obras de tanta gloria, de Deos, & ſerviço de S. Mageſtade, & po-
derem por eſte meyo acudir às ſuas Miſſões, ſer à ſeu mayor ſervi-
ço tomar aos ditos Religioſos debaixo de ſua Real protecção, & am-
paro & todo o favor, que lhes fizer, ſerà nelles bem empregado, &
de muyto ſerviço de Deos, & de S. Mageſtade; & eu o eſtimarei
pelo bem eſpiritual, q̃ da aſſiſtencia dos ditos Religioſos neſte Eſta-
do reſulta nas minhas ovelhas. E por paſſar tudo o referido na
verdade o juro por minha ſagração, & ſer o ſinal abaixo meu. Goa
25. de Dezembro de 1647.

Locus ✠ Sigilli.

Frey Francisco dos Martyres,
Arcebiſpo Primaz da India.

CERTIDAM

Do Illustrissimo Senhor Dom Affonso Mendez
da Companhia de Jesu, Patriarcha de Ethyopia.

DO M Affonso Mendez por mercé de Deos, & da Sancta Madre Igreja de Roma Patriarcha de Ethyopia, & do Conselho de S. Magestade &c. Certifico, que no anno de 640. chegarão à esta Cidade os Veneraveis Padres Clerigos Regulares Theatinos D. Pedro Avitabile, Superior dolles, D. Antonio Ardizone, & D. Francisco Manco, dos quaes este, depois de estar aqui algum tempo, passou ao Reyno de Golocondà, para nelle prégár a nossa sancta fe, no qual ministerio acabou a vida, & que os outros dous estiverão sempre nesta Cidade, dando grande exemplo de suas pessoas, & espalhando muyto bom cheiro de sua sagrada Religião, sem em todo este tempo ter ouvido de nenhum delles cousa de menos edificação, antes muytas de muyta virtude, recolhimento, & exemplo. E posto que o mais velho delles Dom Pedro Avitabile por sua muyta idade, & indisposições não pode prégár; com tudo o faz com seu grande exemplo em todo o lugar, em q̃ aparece, & à Deos brada de continuo pelas necessidades do Estado da India, & de toda à Igreja. E o Reverendo Padre Dom Antonio Ardizone, além de acompanhar ao dito Reverendo Padre nestes sanctos exercicios, prega nesta Cidade muy frequentemente, & com grande accitação, sendo pedido para as festas principaes dos Oragos, & para Procissões, & outras de comũ concurso, & expectação. E que deixando de comungar huma vez no anno muyta gente Bramane, & Canarim, assi nesta Ilha, como nas adjacentes, trabalhou tanto com o Arcebispo Primaz, que obrigou aos Parocos á tomarem novo trabalho, & ensinar em os ignorantes, de modo que já se venceo esta difficuldade, & todos guardão já inteiramente o preceito de comungar huma vez no anno; & que em outras cousas dão de sy tão bom exemplo, & espalhão tão saudavel doutrina, que de todo o Povo, & Nobreza são muy amados, & respeitados. E por tudo o sobredito passar na verdade, & esta me ser pedida por elles, a mandei passar, & vay
assinada



assinada por mim, & sellada com meu sello. Feita em Goa aos 16. de Ianeyro de 1648. E tudo o que nesta digo affirmo com a mão direita posta sobre meu peito. E eu o Padre Domingos Gomez a escrevi.

Locus ✠ Sigilli.

Alphonfus Patriarcha Ethyopia.

CERTIDAM

Do Illustrissimo Senhor D. Frey Francisco Antonio de S. Felis,
da sagrada Religião dos Conventais de S. Francisco,
que passou em latim.

FRATER Franciscus Antonius de Sancto Felice, Dei, & Apostolica sedis gratia Archiepiscopus Myrensis, & Administrator Ecclesiarum Iaponia, & China, seu Imperij Sinarũ, Universis, & singulis has presentes nostras literas lecturis, visuris, aut quomodolibet inspecturis, fidem facimus, & testamur, qualiter RR. PP. D. Petrus Avitabilis, D. Franciscus Mancus, D. Antonius Aradizonus sacra Religionis Clericorum Regularium Sacerdotes professi, & Andreas Lyppomanus Georgiannus ejusdem Religionis conversus, qui nobiscum ex Italia cum mandatis sacra Congregationis de Propaganda Fide ad has Orientales Indias accesserunt, omnes, & singuli respectivè verbo, & exemplo, opere, & doctrina tanquam verè Apostolici Missionarij præsulerunt. Nam Andreas Lyppomanus conversus in simplicium catu puritatem custodiens, & à semita observationis mādatorum Dei, & regula sua non aberrans, secundo circiter (postquam in hanc appulimus Civitatem) anno, haud exiguo obedientia, patientia, multarumque virtutum exemplo dato, suique relicto desiderio, in hac eadem civitate Goa diem clausit extremum. Pater D. Franciscus Mancus non multis (postquam hic pervenimus) transactis hebdomadibus cōversionis infidelium, ac animarum salutis amore fervens, ad Regna prius Idalcan, deinde Golcondæ demigravit, ibique Apostolicam paupertatem custodiēs, Christianarumque vir-

1648,



utrum, ac divinarum rerum cognitione resplendens tam indefessa sollicitudine Christi Domini Evangelium disseminavit, ut non paucos infideles converteret, Apostatas ad Ecclesia Catholica gremium revocaverit, ac fideles confirmaverit. At fatiscente, ac succumbente corpore piis confectus laboribus post sex circiter annos ex hac vita migravit. Pater D. Antonius Ardizonus, qui plusquam septem annis continuus in hac Civitate commoratus est, nedum Religiosa perfectione, Christianarumque virtutum exercitio, verum etiam insigni emicuit sapientia, & eruditione. Nam in publicis disputationibus, (quibus ut plurimum intersuimus) magnam perspicaciam, & ingenij acumen, ac in privatis consultationibus doctrinae maturitatem ostendit, & in publicis concionibus (quas frequentes habuit) tanta affulsit eloquentia, eruditione, conceptuum, verborumque affluentia (& quod rarum est in peregrino idiomate) ut communi plausu, magna aviditate turmatim populi ad eum audiendum concurrerint. Resplenduit praeter ceteris magno salutis animarum zelo, nam cum cerneret maiorem naturalium istarum partium fidelium multitudinem, vel ut noviter ad fidem conversam, vel ob paupertatem, & rusticanam vitam, vel ob servitutem non ita perfecte Christianis praeceptis imbutam, partim assumpto incapacitatis praetextu, partim laboris effugiendi causa, ad sanctissimi Eucharistia Sacramenti communionem à Parochis non admitti, nec in extremis laborantibus infirmis idem Sacramentum per modum Viatici ministrari, nec administrandum censeretur, nefas ducens tantarum Christi Domini sanguine redemptarum animarum salutem despici, vel potius non ita aestimari, aut ita diligenter curari, tanto spiritus fervore crebris praedicationibus, disputationibus eosdem Parochos, eorumque defensores convicit, excitavit, & animavit, ut nedum iidem pauperes, ac infima plebis fideles diligentius instrui caperint, verum etiam indiscriminatim ad eundem Sanctissimi Eucharistia Sacramenti communionem admitti, ac Viaticum ministrari. Qua diligentia factum est, ut in Insulis tantum Goæ, & adjacentibus formè centum millia fidelium nunc communicent, qui prae sacra, & divina non reficiebantur synaxi; nec pauci Neophyti, adhuc gentilium superstitionum infecti,

purgati



purgati sint. Illustrissimi denique, ac Reverendissimi istius Civitatis Archiepiscopi, Indiarumque istarum Primatus tutela, ac patrocinio fretus, multis superatus contradictionibus, ne sanctum hoc opus negligeretur à Parochis, publico ejusdem Illustrissimi Domini Archiepiscopi Primatus præcepto, ac sanctione firmatum est. Et ne alijs à longe divina hac resectio denegaretur, idem Pater pijs literis, ac efficaci quadam super hoc à se habita concione transmissis, idem fieri in alys Civitatibus, ac Terris in istis Indijs Lusitano Regi subjectis ab earum Prelatis, ac Parochis efflagitavit, eisdemque non sine fructu persuasit. Multaque alia ferventis spiritus sui edidit documenta. Pater tãdem D. Petrus Avitabilis suprascriptorum Missionariorũ ductor, ac suæ Religionis in istis Indijs Missionum Præfectus, sicut præfuit jurisdictione, ita etiam præmituit spiritus fervore, mansuetudine, humilitate, charitate, sollicitudine, vitæ austeritate, ac denique Religiosa perfectione, ita ut meritis ab omnibus tanquam viva Evangelij norma æstimeretur, & teneatur. Hac partim, seu potius plurimum experientia propria novimus, propter intrinsecam cum dictis Patribus familiaritatem, partim publica famæ voce, partim aliorum testimonio accepimus, ac proinde, prout supra scripta sunt, jurejurando affirmamus: In quorum fidem has præsentis fieri fecimus, propria manu subscripsimus, ac solito sigillo signavimus. Goa die decimo Januarij, millesimo, sexcentesimo quadragesimo octavo.

Locus ✠ Sigilli.

Frater Franciscus Antonius,
Archiepiscopus Myrensis.



CERTIDAM

DOS MUYTO REVERENDOS RELIGIOSOS Prelados das Provincias da India.

NOS os Prelados das Provincias, & Custodias da India Oriental abaixo assinados, Certificamos, & fazemos saber aos que esta virem, que os Religiosos Clerigos Regulares, chamados Theatinos, que ha muytos annos passaram à India, fizeram nella muytos serviços à Deos. nosso Senhor, porque alem do muyto, que hñ delles tem obrado no Reyno de Gologondà sua Missão, que na India tomaraõ, aonde por informação, que tivemos, foy muyto bem recebido daquelle Rey, & de todo o Reyno, & por sua bondade de vida, exemplo, & pobreza esteve sempre nelle em grande estima, & opiniaõ até acabar sanctamente a vida, convertendo muytos Gentios à sancta fé, reduzindo, & reconciliando à ella arrenegados, & acudindo aos Christãos, que andavaõ por aquellas partes, encaminhandoos para o caminho verdadeiro da salvação. Os que nesta Cidade de Goa residem, procuraraõ, & procuraõ com geral satisfação, & aplauso o bem espiritual destes Christãos, & salvação das Almas; & com suas pregaçoens fizeram nella muyto fructo, particularmente no augmento, & frequencia da Sagrada Comunhão, procurando que todos os naturaes destas Conquistas comunguem ao menos na Pascoa, & no perigo da morte, conforme o preceito de Christo Senhor nosso, & da sancta Madre Igreja. E pelo bom procedimento delles, & sancto instituto que professão de tão extrema pobreza, de não poderem possuir bñs de raiz, ou renda alguma em commu, nem em particular por qualquer titulo que seja, nem de poderem pedir esmola para socorrer suas necessidades, obrigandoos sua sancta Regra a viver de todo debaixo da Divina Providencia das esmolas, que os fieis inspirados della, sem serem requeridos, spontaneamente lhes querem dar, estaõ bemquistos, & aceitos em todo este Povo, que os ama, & deseja ter nesta Cidade, pelas quaes rezoës nos tambem os amamos, & estimamos muyto, & desejamos, que residão connosco nesta Cidade, &



& tenhaõ nella fundação, & Igreja, para os termos por companheiros, & coadjutores nesta grande vinha do Senhor; & todo o favor, que neste particular se lhes fizer, entendemos he nelles bem empregado, & resultará em gloria, & honra de Deos, & proveito das almas. E por o dito assim ser assi na verdade, o juramos in Verbo Sacerdotis, & passamos a presente, em que nos assinamos. Goa 25. de Outubro de 1647.

Locus ✕ Sigilli.

Frey Pedro de S. Ioaõ
Vigario Geral de S. Domingos.

Locus ✕ Sigilli.

Frey Ioaõ da Roça,
Prior deste Convento de S. Agostinho.

Locus ✕ Sigilli.

Frey Manoel do Spirito Sancto,
Vicecommisario Geral de S. Francisco.

Locus ✕ Sigilli.

Frey Gonçalo da Conceição,
Ministro Provincial da Observancia.

Locus ✕ Sigilli.

Frey Martinho de S. Ioaõ,
Vigario Provincial da Provincia da Madre de Deos.

Locus ✕ Sigilli.

Manoel de Mendoça,
Provincial da Companhia de Iesu,

Locus ✕ Sigilli.

Frey Estevão de Iesu,
Visitador Geral dos Carmelitas Descalços do Oriente.

CERTIDAM

DOS REVERENDOS PRIORES, E PAROCOS
das Freguesias da cidade de Goa.

CERTIFICAMOS nos os Priores, & Parocos abaixo assinados, que sendo nos providos nas nossas Igrejas desta cidade de Goa, em que ao presente estamos, havia nellas, & nas mais Parochias deste Oriente, assi de Clerigos como de Religiosos hum costume, que sempre houve de se não dar à todos os Naturaes a Sagrada Comunhão na Pascoa, & no perigo da morte, morrendo os mais delles sem nunca comungarem, mórmente



os moços, & escravos, & os que estão tidos por casta baixa, com
pretexto de incapazes. E depois que os Reverendos Padres Cleri-
gos Regulares, vulgarmente chamados Theatinos, entrarão na In-
dia, alem de muytas obras de grande serviço de Deos, que nella fi-
zerao com sua doutrina, & virtude, & com a pregação Evangeli-
ca, a que mais admirou pelas difficuldades, que nella havia, &
foy mais aceita nestas Conquistas pelo muyto fruito espirital, que
se conseguiu della, foy a que obrou o Reverendo Padre Dom Anto-
nio Ardizone Spinola, o qual procurou com muytas practicas, &
sermoes, & com grande espirito, & zelo, que comungassem todos os
que tivessem os annos de discrição, ao menos na Pascoa, & no peri-
go da morte, particularmente com hum sermão, que fez na S^e Pri-
mazial desta Cidade na festa do Corpo de Deos, presente o Illustris-
simo, & Reverendissimo Senhor Dom Frey Francisco dos Mar-
tyres, Arcebispo Primaz, que como Prelado tão zeloso da salvação
de suas ovelhas, acudio logo, mandando passar Provições, que man-
dou publicar em todo seu Arcebispado, para que os Parocos admi-
nistrassem a todos geralmente a Sagrada Comunhão, ao menos na
Pascoa, & no perigo da morte, sem excepção alguma de pessoa, & os
que não fossem capazes, os instruissem, & ensinassem no que lhes
fosse necessario, para comungarem dignamente, & que se levasse
aos enfermos o Sanctissimo Viatico à suas casas, & Palhoas, por
pobres, & limitadas que fossem, do que se tem conseguido muyto
fruito: porque por este meyo se descobrião muytos Idolatras, que
se reduzirão à sancta fé, & se refizerão muytas confissoens inva-
lidas, por se chegarem à Sagrada Comunhão, confessando-se geral-
mente de todos seus pecados, & muitos melhorarão na vida, & cos-
tume: com grandes veras; & acontecerão nestas conversoes muy-
tos casos singulares de muyta gloria de Deos, & edificação do pro-
ximo, o que tudo se deve ao dito Reverendo Padre Dom Antonio
Ardizone Spinola, que com tão zelo da salvação das almas a pro-
curou. E pelo grande exemplo que estes Religiosos tem dado a to-
dos geralmente com seu procedimento, & estreita pobreza, q^{ue} pro-
fissão, de não possuirem bens de raiz, nem renda alguma em com-
mum, ou em particular, & de não poderem pedir esmola, mas de vi-
verem.



verem debaixo da Divina Providencia das esmolas, que os Chris-
taõs lhes derem por sua livre vontade, sem serem requeridos, &
por outras muytas obras de charidade, em que os Religiosos desta
sagrada Religiao se exercitaõ, particularmente na conversão dos
infieis, & salvação das Almas, experimentamos serem de grande
serviço de Deos nestas Conquistas, aonde estão muyto bemquistos, &
aceitos com gèral satisfação de todos. E por passar tudo assim na
verdade, o juramos in Verbo Sacerdotis, & passamos a presente,
em que nos assinamos de mandado do Illustrissimo, & Reverendis-
simo Senhor Arcebispo Primaz nosso Prelado por bñ despach o seu,
que se nos apresentou pelos ditos Padres Theatinos. Goa 15. de Ou-
tubro de 1647. O Padre Sebastião da Costa Cura da Sé Matriz.
Ioaõ de Souza Lobo Prior de Nossa Senhora do Rosario.

O P. Pero Franco Godinho Vigario da Parochial de Sancta Luzia.

O Licenciado Andre da Mota Prior de Nossa Senhora da Luz.

Francisco Rodriguez de Carvalho Vigario de S. Thome.

O Padre Bartholomeu Ferreyra Vigario da Trindade.

O Padre Bernardo de Almeyda Vigario de S. Pedro.

O Padre Ioaõ Henriquez Vigario de S. Aleixo.

O Padre Amaro Martins Vigario da Igreja do Bemaventurada
S. Ioseph.

CERTIDAM

DOS REVERENDOS VIGARIOS

Parocos das Freguesias da Ilha de Goa.

CERTIFICAMOS nos os Vigarios da Ilha de Goa, & das
mais adjacentes, abaixo assinados, que depois de passarem
à India os Clerigos Regulares Theatinos com seu sancto
zelo, doutrina, & virtude, tem feito, & fazem nella grã-
des serviços à Deos nosso Senhor na conversão, & salvação das
Almas, em que com muyto cuidado se exercitaõ, em particular o
Reverendo Padre Dom Antonio Ardizzone Spinola, o qual vendo
que nestas Conquistas por hum costume antigo, que sempre houve,



de se não dar à todos os Naturaes a Sagrada Comunhão, admitin-
do se somente à ella os que pareciaõ mais sufficientes, & capazes,
morrendo os mais sem nunca comungarem, mormente os pobres,
moços, & escraços, & os que entre nos estão tidos por casta baixa,
como são Sudros, Curumbins, Saleiros, Mainatos, & Farases, que
estavaõ julgados por indignos, & incapazes deste sancto Sacramen-
to, procurou o dito Padre, o que nunca se tratou, que todos comun-
gassim, os que tivessem os annos da discrição, sem excepção alguma
de pessoa, de qualquer casta, & condição, que fossem, mormente
na Pascoa, & no perigo da morte, conforme o preccito divino de
Christo Senhor nosso, & da sancta Mãre Igreja, & que para este
effeito fossem todos instruidos, cada hum conforme sua capacidade.
E que se levasse o Senhor aos enfermos à suas casas, & palhotas,
por pobres, & limitadas que fossem, para q̃, comunguem por Viati-
co, vencendo as muytas difficuldades, & contradicções, que se offe-
receraõ, com practicas, & sermoões que fez, em particular com hũ,
que prẽgou em dia do Corpo de Deos na Sē Primazial de Goa em
presença do Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor Dom Frey
Francisco dos Martyres, Arcebispo Primaz, que com grande zelo,
& desejo da salvação de suas ovelhas o favoreceo com muytas Or-
dens, & Provizocens, que mandou em todo seu Arcebisnado, para
que se puzesse por obra tão sancta doutrina, & de tanta obrigação,
como de presente se faz com grande augmento, & edificação destas
Christandades, que conhecidamente melhoraraõ por este meyo na
vida, & costumes, confessando se muytos gèralmente, & refazendo
muytas confissoes invalidas. E o que mais consolou, foy a conver-
são de muytos Christãos, que ocultaemente erão idolatras, os quaes
por este meyo se reduziraõ à santa Fe Catholica. E mais tem procu-
rado, & procura o dito Padre com spirito, & zelo, que em todas as
Freguesias destas Ilhas se ponha o Sanctissimo Sacramento, não o
tendo se não poucas, para com mayor facilidade se acudir aos en-
fermos, nem haja morrer algum Christão sem o Sanctissimo Viati-
co, por não haver na sua Igreja Parochial o Senhor. Pelo que se vè
serem estes Religiosos de muyto fruito espiritual nestas Cõquistas.
E pelo seu sancto Instituto de tão estreita pobreza de viverem de-
baixo



baixo da Divina Providencia sem bens de raiz, e renda alguma,
& sem pedirem esmola, he esta sagrada Religiao muy necessaria
nesto Oriente; porque muyto se leva esta Gentilidade, & Mourama
de ver Religiosos izentos de bens temporaes. E por ser tudo o dito
asim na verdade, o juramos in Verbo Sacerdotis, & passamos a
presente, em que nos assinamos de mandado do Illustrissimo, &
Reverendissimo Senhor Arcebispo Primaz nosso Prilado, por hum
despacho seu, que se nos apresentou pelos ditos Padres Theatinos.
Goa 1. de Novembro 1647.

O Padre Antonio de Noronha Vigario de Guadalupe.

O Padre Antonio de Pinho, Vigario de S. Anna.

O Padre Estevaõ da Gama, Vigario de S. Lourenço.

O Padre Cosme Damiaõ, Vigario de S. Andre de Goa a velha.

O Padre Martym de Mello, Vigario de S. Braz.

O Padre Diogo Antaõ, Vigario de S. Simaõ.

O Padre Gonçalo Martins, Vigario de S. Ioaõ Baptista.

O Padre Affonso Estevez,

Vigario da Senhora da Conceição de Pangim.

O Padre Francisco Serraõ,

Vigario de Nossa Senhora da Ajuda de Ribandar.

O Padre Philipe da Sylva, Vigario de S. Ioaõ de Sahagum.

O Padre Francisco de Mendoça,

Vigario de Nossa Senhora da Graça de Choraõ.

O Padre Domingos da Sylva, Vigario da Senhora da Piedade.

CERTIDAM

DO R. P. PEDRO. FRANCO GODINHO
Paroco da Freguesia de Sancta Luzia
da cidade de Goa.

SATISFAZENDO a hum despacho do Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor D. Frey Francisco dos Martyres, Arcebispo de Goa, Primaz da India, nosso Prelado, que por parte dos R. R. Padres Theatinos Dom Pedro Avitabile, & D. Antonio Ardizzone Spinola, me foy apresentado, pelo qual me mandava lhes passasse a presente, do que constasse, & soubesse, Certifico eu o Licenciado Pero Franco Godinho, Vigario confirmado nesta Parochial da gloriosa S. Luzia desta cidade de Goa, que depois que os ditos Padres chegaram à esta Missão, à que foram enviados, logo se aposentaram nas casas do R. Deão desta Sè Primazial, o Doutor Ruy Gomes Boracho, na Freguesia de S. Thome, aonde eu era actualmente Vigario, & ahi os tratei com muyta continuação, por achar nelles, & sua conversação particular consolação, assy para meu aproveitamento, como pelo zelo, com que determinavaõ tratar da converção das almas, as quaes com grande diligencia, & ancia tratavaõ de encaminhar para o Ceo, tanto com o exemplo de suas vidas, quanto com a prègação do sancto Evangelho. E como enxerguei nelles estes desejos, fui o primeyro, que pedi ao Reverendo Padre Dom Antonio Ardizzone Spinola, me prègasse em huma Dominga da Quaresma na dita minha Parochia, o que fez com tanta crudição, devação, & efficacia, que alem da satisfação gèral de muyta gente, que o ouvio, eu movido do seu zelo, pedi ao Illustrissimo Senhor Arcebispo Primaz, o exercitasse, à que andasse prègando por estas Parochias, pelo grande fructo, que esperava em Deos, haveria em suas Ovelhas, como em effeito se experimentou em muytos sermoens, que fez nesta cidade de Goa, & suas Ilhas em muytas Igrejas, principalmente na Sé Primazial, & Parochias, cõ grãde concurso, & aplauso do Povo; aos quaes se achayaõ presentes muytas



muytas vezes o Senhor VisoRey deste Estado, & o Senhor Arcebispo Primaz. Eera tanto o fervor, & efficacia de seu espirito, com que prégava, que de ordinario choravaõ os ouvintes muytas lagrimas de devação, & penitencia, convertendose muytos à Deos nosso Senhor com verdadeira contrição de seus pecados, apaziguando inimigos, deixando os odios, que tinhaõ. E mais procurou o dito Religioso a frequencia da Sagrada Comunhaõ, que intimou ao Povo na mayor parte dos sermoes, que fez, exhortando à todos com grande espirito, á que comungassem todos os Domingos, & dias sanctos, ao menos na primeyra, & terceyra Dominga do mez, com que muytos a frequentáraõ. E sobre tudo remediou com muyta gloria, & proveito espirital das almas à hũ erro, & desceuido geral, que em todas as Parochias deste Estado havia, assi de Seculares, como de Regulares, de senão admitir á Sagrada Comunhaõ todos os Christãos Naturaes, mas huns poucos somente, que não chegavaõ à quarta, ou quinta parte dos Christãos, & em muytas Freguezias muyto menos, & de se não levar o Senhor à todos os enfermos, mas somente ás pessoas de mayor cendiçaõ, que moraõ em casas mais capazes, morrendo por esta cauza infinito numero de Christãos da terra, assi Bramanes, como os de casta baixa, moços, & escravos, sem comungarem em algum tempo de sua vida, nem taõ pouco na Pascoa, & no perigo da morte com diversos pretextos de rudes, de incapazes, de neophytos, de homẽs baixos poucolimpos, attendendose mais à reverencia devida á taõ alto Sacramento, que à necessidade, que tem as almas de taõ divino manjar, & à obrigação, que à todo o Christão corre de comungar, ao menos na Pascoa, & no perigo da morte, tanto que chegar aos annos de discricião, ao que se oppõs o dito Padre Dom Antonio com grande espirito, & zelo, & efficacia com Sermoes, com praticas, com disputas, com amoesções publicas, & privadas, correndo pessoalmente com muyto trabalho sem as casas dos homens de familia, & as Freguezias desta Cidade, & Ilhas com hum despacho, que para effeito de haverem todos de comungar, alcançou do Illustrissimo Senhor Arcebispo Primaz, vencendo com muyta charidade, paciencia, & mansidaõ as grandes difficuldades, que nesta empresa havia, &



as contradicções de muytos, particularmente com hum dcutissimo Sermão, que fez aos 15. de Junho de 1645. dia do Corpo de Deos na Sê Primazial desta Cidade, presente o Illustrissimo Senhor Arcebispo Primaz, os Senhores Inquisidores, o Reverendo Cabido, Nobreza, & Povo, & muytos Reverendos Parocos, & Sacerdotes, allegando pelas palavras de Christo Senhor nosso: Nisi manducaveritis carnem filij hominis, & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis, & pelo capitulo: Omnis utriusque sexus, & por muytos Sanctos Padres, & sagrados Deutores, particularmente com o Concilio Tridentino na Sess. 21. can. 9. mostrou ser proposição da fé, que todos os que tem os annos da discrição estão obrigados á comungar ao menos na Pascoa, & ser preccito divino, & obrigação de todos comungarem na hora da morte, que pôz à todos em grandes scrupulos; & obrigou com isso ao Illustrissimo Senhor Arcebispo Primaz ao amparar, & favorecer nesta sua grandiosa empresa de tanta gloria de Deos, que parecia impossivel poder se levar avante, como fez o dito Senhor com muyto zelo, particularmente com duas Provisoes, que à instancia do dito Padre Dom Antonio mandou passar, huma na era de 1645. & outra neste anno de 1647. na qual mandou com preccito de obediencia aos Parocos, & Curas, que administrassem á Sagrada Comunhão na Pascoa, & imperigo da morte á todos os Christãos, que achassem bastantemente capazes, para receber tão alto Sacramento; & que fizessem capazes aos que o não fossem com a continuação da doutrina, para effeito de comungarem, obrigandoos tambem com o rigor do castigo, que lhes propunha dar, quando achasse, que faltavam nesta obrigação. E o mesmo fez no Norte, aonde pessoalmente foy visitar, dando mais licença, para se levar o Senhor aos enfermos à todas as horas que fosse necessario; & em caso que não podesse fahir com a solemnidade costumada, o levassim em hum Palanquim, ou Andor, como se vey fazendo com muyta alegria, & consolação espiritual dos Christãos. E com tão grande cuidado, & zelo procurou o dito Padre Dom Antonio, que os ditos Parocos, & Curas cumprissem o que pellas ditas Provisoes se ordenava, propondo à cada hum o premio, & coroa, que lhes esperava na gloria, quando



o fixassem; & pelo contrario, o rigor do divino castigo, cõ que se vião castigados, quando o não comprissem, exortandoos, & animandoos a huma obra tão sancta, & de tanta obrigação, que veyo à crescer com excessão o numero dos que começaram à comungar; porque nesta minha Freguesia de Sancta Luzia, em que ha circa, quatro mil, trezentas, & cincoenta almas de confissão, não comungavaõ pela passado, mais que mil, & sessenta Parochianos, entre brancos, & pretos; & nesta Pascoa comungaraõ pela misericordia de Deos (ficando de fora deste numero os brancos) quatro mil, & dezoito Christãos. E pelo acrecentamento, que houve nas mais Freguesias desta Cidade, Ilhas, & Terras adjacentes, assy de Clerigos como de Religiosos, comungaraõ perto de cem mil Christãos, que nunca de antes tinhaõ comungado, com grande melhoração destas Christandades, que melhoraraõ na fè, & costumes, confessando se muytos geralmente, & lançando fõra de suas almas muytos erros, & superstições gentilicas com notaveis conversões de peccadores, & idolatras, que se reduziraõ à sancta Fè Catholica; & aconteceraõ muytos casos singulares de grande gloria de Deos. E nesta minha Freguesia à cada hora se leva de presente o Sanctissimo Viatico aos enfermos de toda sorte, ainda aos pobres lançados na rua. E como deste grande serviço de Deos, & aproveitamento das almas, foy o Author o Padre Dom Antonio; & os mais Religiosos desta sagrada Religião se occupaõ em muytas obras de charidade, & trataõ da conversão dos peccadores, & infieis com muyto zelo, & acodem aos enfermos, para os encaminhar na hora da morte, sem adquirir cousa alguma para sy, professando hũa pobreza estrema, & admiravel, de não possuir, nem pedir esmola, sãõ muy necessarios nestas Conquistas, principalmente nas terras dos Mouros, & Gentios, que muyto se edificaõ de ver Religiosos desapegados de bens temporaes, & que não trataõ mais, que da salvação das almas, por cujo respeito ovvy à algumas pessoas fide dignas, que hum Dom Francisco Manco, filho desta sagrada Religião, que foy enviado à Gologemda, fez no dito Reyno muytos serviços à Deos nosso Senhor, trabalhando na salvação das almas, & conversão dos infieis com muyta satisfacão, pobreza, e espirito até a morte,



deixando grande opiniaõ de sua virtude. E nesta Cidade estaõ estes Religiosos tidos em grande estima, & opiniaõ de varoẽs Apostolicos, particularmente o Padre Dom Pedro Avitabile seu Superior, pela vida exemplar, que professa. Pelo que he geral o desejo, q̃ todos tem, que assistaõ nella com fundaçã, & Igreja. E como tudo isto me consta, assi pelo que sei de vista, como pela fama publica, que delles ha nesta Cidade, lhe passei esta jurada in verbo Sacerdotis, nesta Igreja de Sancta Luzia 12. de Dezembro de 1647. annos.

*Pero Franco Godinho,
Vigario de Sancta Luzia.*

C E R T I D A M

DO R. P. JOAM DE BRAGANCA

Paroco da Freguesia de S. Mathias,
na Ilha de Divar adjacente à Ilha de Goa.

POR mādado do Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor D. Frey Francisco dos Martyres, Arcebispo de Goa, Primaz da India, por hum despacho seu, que me foy apresentado pelos Reverendos Padres Clerigos Regulares, que se chamaõ Theatinos, pelo qual ordena aos Parocos, que certe fiquem do que lhe constar, ter obrado o Reverendo Padre Dom Antonio Ardizone Spinola, Religioso Sacerdote da mesma Ordem, com suas prêgaçoẽs no augmento da Sagrada Comanhiaõ, &c. Certifico eu Joaõ de Bragança, Sacerdote Bramane, Paroco na Freguesia do glorioso Apostolo S. Mathias, na Aldea de Matar, na Ilha de Divar, adjacente à Cidade, & Ilha de Goa na India Oriental, haver na dita Freguesia passante de mil, & oitocentas almas de confissãõ; & sendo a mór parte dellas Bramanes, que he gente muyta entendida, & aguda, & de muyta habilidade, & muy capaz do Sacramento da



da Comunhão, nos tempos atrazados não comungavaõ nem a terceira parte por hum uso, & costume muy antigo, & geral em todas as Freguezias deste Oriente, assi de Clerigos, como de Religiosos, de não comungarem todos os Christãos naturaes, nem tão pouco na Pascoa, & no perigo da morte, admitindo se sómente á Sagrada Comunhão huns poucos á discreção, & vontade dos Parocos, mormente nas Freguezias, em que não ha Bramanes, mas só homens de casta inferior, como são Charaddós, & os que entre nos estão tidos por casta baixa, Sudros, Saleiros, Pescadores, Mainatos, Farafes, Malavares, Cafres, moços, & escravos, & outra gente baixa, dos quaes comungão muyto menos, com que era sem conto o numero dos Christãos, que nunca comungavaõ, nem na vida, nem na morte, com diversos pretextos, assi de incapacidade, como de inconveniencias, & impossibilidades, que para isso se allegavaõ, sem haver quem advertisse a obrigação precisa, que á todos os Christãos corre de comungarem ao menos na Pascoa, & no perigo da morte, tanto que tiver os annos da discreção, conforme o preceito do vino de Christo Senhor nosso, & da Sancta Madre Igreja. E depois que os ditos Reverendos Padres Theatinos passaraõ á India, entre muytas obras que fizeraõ de grande serviço de Deos nosso Senhor, & bem das almas, com que tem edificando todo este Oriente, procurou o dito Padre Dom Antonio Arizzone Spinola com seus douttissimos Sermoes, que prégou, quasi sempre doente na Cidade de Goa, & suas Ilhas, que todos frequentassem a Sagrada Comunhão, como muytos fizeraõ com notaveis conversões de pecadores; & que fossem admitidos á ella os que não comungavaõ, alcançando para tal effeito hum despacho do Illustrissimo Senhor Arcebispo Primaz, com que foy correndo pessoalmente todas as Freguezias, assi de Seculares, como de Regulares da Cidade, & Ilha de Goa, & Ilhas adjacentes, com muyto trabalho seu, amonestando aos Parocos, & Curas a obrigação que tinhaõ de instruir seus parochianos; & de lhe administrar a Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, mormente na Pascoa, & no perigo da morte, vencendo as muytas, & grandes difficuldades, com que muytos sabiraõ, & contrações de muytos Ecclesiasticos, que se lhe oppuseraõ, como tambem dos Parocos, & do Povo, que

quasi



quasi todos no principio estranhavaõ o que o dito Religioso hia fãzendo, por cousa nova, & ao parecer delles indecente. E estas contradicções, & difficuldades o dito Religioso venceo com animo charitativo, & com os Sermoẽs, que fez para este fim, particularmente com hum muy celebrado, que pregou na S^e Primazial de Goa, em presença do Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor Arcebispo Primaz, dos Senhores Inquisidores, do Reverendo Cabido, Nobreza, & Povo, & de muytos Reverendos Parocos no dia de Corpus Christi, aos quinze de Junho de mil & seis centos quarenta & cinco, que o dito Senhor, para doutrina de seus Parocos, mandou logo imprimir no Reyno à sua custa. E assi por estes Sermoẽs, como por outras muytas diligencias que fez, zelando sempre a Sagrada Comunhaõ, & por duas Provisões, que o dito Senhor Primaz mandou passar à instancia do dito Religioso, & por outros favores que lhe fez, ajudando, & favorecendo com sua authoridade, & zelo digno de tão virtuoso Prelado, comungão de presente nesta minha Freguesia mais de mil & quinhentas almas; & nesta mesma commidade fizeram os mais Parocos, & Curas, assi Clerigos, como Religiosos, huns mais, outros menos, conforme a diligencia, & applicação de cada hum, & conforme o numero de seus Freguezes, com que crece o numero dos que começaraõ à comungar em tanto excessso, que somente na Cidade de Goa, & suas Ilhas, & Terras de Salcete, & Bardes, comungaraõ perto de cem mil almas, que antes não tinhaõ comungado, com tanto augmento da sancta Fè Catholica, que à muytos parecia de começarem à ser Christãos, por comungarem; & muytos em grande numero se reduziraõ à Sancta Fè, que secretamente eraõ idolatras, & se refizeraõ muytas confissões invalidas, confessando se muytos geralmente; & acontecerãõ muytos casos de grande gloria de Deos, & confusão do Demônio, que hia estorvando hũa obra tão sancta, & de tanta obrigação. E outrossy certifico, que o dito Religioso Dom Antonio fez, que se levasse o Senhor à todos os enfermos de qualquer casta, & condição que fossem à suas casas ainda, que pobres, & limitadas, o que antes senão usava fazer, senão cõ poucas pessoas de melhor cõdição, que morava em casas muito largas, & mayores, cõ que quasi todos

m. orrião



morrião fêmo Santíssimo Viatico. E advertia mais a obrigação, que à todos os Parocos corre, de terem em suas Igrejas o Santíssimo Sacramento, que de presente o não tem fêmo muy poucas, para que em nenhum tempo, & hora falte aos enfermos a Sagrada Comunhão, particularmente com hum Sermão, que fez na terceira Dominga de Agosto neste anno de mil & fêus centos quarenta & sete, na Sé Primacial de Goa, presente o dito Illustrissimo Senhor Arcebispo Primaz, pelo que opuz logo nesta minha Igreja de S. Matthias com muyta solemnidade, & com grande devação, & alegria de meus Freguezes; & o mesmo se vay fazendo nas mais Freguezias por agencia do dito Religioso, o qual por cartas suas, & por outras muytas agencias fez, que esta Comunhão geral se estendesse aos mais Christãos deste Oriente, com que muytos milhares de almas comungarão, levando sempre avante esta empreza sua de tanta gloria de Deos, & bem das almas, que na opinão de todos parecia impossivel. Pelo que se vê, fêrem os ditos Religiosos de muyto serviço de Deos nestas Conquistas. E juro in verbo Sacerdotis, fir tudo o ref. rido verdade, & o final abaixo men. Atalár na Freguezia de S. Matthias, 24. de Dezembro de 1647. annos.

O Padre Ioaõ de Bragança.

CERTIDAM

DO REVERENDO PADRE BENTO DE SOUZA
Cura da Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe,
termo da cidade de Goa.

CERTIFICO eu Bento de Souza, Sacerdote Bramene, Cura da Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe, na Ilha de Goa, que os Religiosos Clerigos Regulares, por outro nome Theatinos, Dom Pedro Avitabile, Dom Francisco Manco, & Dom Antonio Ardizzone Spinola, que vicraõ de Bo-

ma



ma á esta Cidade, & Ilha no anno de 1640. estão tidos geralmente neste Estado por Varões Apostolicos pela vida exemplar que profissão, & pelo grande espirito, & zelo com que procurão a salvação das almas, & pelos muytos serviços, que fazem á Deos nosso Senhor neste Oriente na conversão dos infieis, & pecadores, em q̃ com particular cuidado, & diligencia se occupão, & pelas obras de charidade, em que se exercitaão com grande edificação do povo, que os ama, & estima, & tem em grande opiniaõ de Religiosos de muyta virtude, como tambem pela grande, & admiravel pobreza, que profissão, de não possuir bens de raiz, nem renda alguma, nem ainda poderem pedir esmola para seu necessario sustento, o que admira não tão somente aos Christãos, mas ainda aos Mouros, & Gentios. E foy esta tão estrema pobreza causa principal, pela qual bum dos ditos Religiosos Dom Francisco Manco (que foy o primeyro Missionario, que entrou no Reyno de Goleconda) foy no dito Reyno bem recebido daquelle Rey, com ser Mouro, & de seus Ministros que lhe deeraõ licença para fabricar duas Igrejas. E tem no mesmo Reyno convertido á Fé Catholica muytos infieis Gentios, Mouros, & Apostatas. E à custa de seu muyto trabalho, & de muytas incomodidades, & pobreza que tem padecido, saltandolhe muytas vezes o necessario, & de continuas viagens, que tem feyto, soffendo com muyta paciencia muytas, & grandes perseguições de homens de mau viver, & arrenegados (que por reprehender, & impedir seus vicios, lhe queriaõ tirar a vida, & lhe levantãrão muytos falsos testemunhos) pos no caminho da salvação à muytos Christãos, que morão espalhados em diversas terras, & portos do dito Reyno, os quaes por falta de Missionarios estavaõ esquecidos de suas almas, & de sua salvação, alguns delles com filhos adultos sem baptismo. E nestes trabalhos acabou a vida cõ muyto desamparo de todo o necessario ao serviço do corpo, deixãdo grãde cheiro, & fama de sanctidade. Nesta mesma opiniaõ de Religioso de muyta virtude está tidonestas Ilhas, & Cidade de Goa o P. D. Pedro Avitabile, Superior dos ditos Religiosos, & Prefeyro da Missão desta India Oriental, pela sua muyta aspreza de vida, mortificação, humildade, mofidã, & fervor de espirito, como pela grãde charidade cõ o proximo,



ximo, & efficacia, com que procura a salvação das almas, trabalhando à todas as horas de noyte, & de dia com edificação geral de todo o povo, sem embargo de sua muyta velhice, & de estar quasi sempre achacoso, & doente, com ouvir Confissoes, & em acudir aos enfermos, particularmente na hora da morte, encaminhandoos para o Ceo. E assy tambem o Padre Dom Antonio Ardizzone Spinola, Varão de muytas letras, & bondade, nos tem edificado à todos geralmente com sua vida, & com a doutrina que nos tem dado em suas doutissimas pregações, & com a efficacia de seu fervoroso espirito tem feyto muy grandes serviços à Deos nosso Senhor na conversão dos Gentios, & pecadores, & na devação, & reverencia devida ao Sanctissimo Sacramento, & na frequencia da Sagrada Comunhão, que com particular fervor tem procurado nestas Ilhas, exhortando aos Christãos, quasi em todos seus Sermões, à comungarem todos os Domingos, & dias Sanctos, ao menos na primeyra, & terceyra Dominga do mes. E sobre tudo o em que mais resplandeceo seu zelo, foy em procurar, & levar avante com grande fervor, & efficacia de espirito hũa das mais grandiosas emprezas, que se podia intentar neste Oriente, que foy obrigar aos Parocos, & Curas, assy Clerigos, como Religiosos, à instruirem seus Fregueses nos mysterios da Fè, & administrarem à todos geralmente, os que tiverem os annos de discrição, a Sagrada Comunhão, ao menos na Pascoa, & no perigo da morte, conforme o preceyto de Christo Senhor nosso, & da Sancta Madre Igreja, pondoos em grandissimos escrupulos com suas pregações, com disputas, cõ praticas publicas, & privadas, com amestações, & com reprehensões, animando, & ajudando à huns, & reprehendendo à outros, conforme a necessidade pedia, & convencendoos com seus argumentos, & razões obrigandoos mais à pôr por obra a doutrina, que pregava, & ensinava nesta materia com hum despacho, & duas Provisões, que alcançou do Illustrissimo Senhor D. Fr. Francisco dos Martyres, Arcebispo de Goa, Primaz da India, torrendo pessoalmente as Freguesias destas Ilhas, para intimar aos Parocos a ordem de sua Senhoria Illustrissima, vencendo cem muyto espirito, efficacia, & zelo, & com muyto sofrimento, & charidade as difficuldades, que vista

havia



havia, & contradições de muytos Parocos, affy Clerigos, como Religiosos, & de outros muytos Sacerdotes, & pessoas de authoridade, & o escandalo passivo do povo ignorante, que estranhava de ver comungar aos Christãos de baixa condição, mormente os pobres, & escravos, que até então nunca comungavaõ; estranhando mais entrar o Senhor nas casas humildes, para comungarem os enfermos, pelo costume geral, & antigo em todas as Freguesias de todo este Oriente, sem exceção alguma, affy de Clerigos, como de Religiosos, de se não admitir à Sagrada Comunhão os Christãos da terra, nem tão pouca na Pascoa, senão huns poucos, que de ordinario não chegavaõ á quarta, & quinta parte, & na mayor parte das Freguesias muyto menos cõ excesso: & destes, que comungavaõ, quasi todos morriaõ sem o Sanctissimo Viatico, tirado os que por sua devação o vinhaõ tomar na Igreja cõ grande seu incommodo, & às vezes cõ risco de acabar pelo caminho a vida, não sendo em uso de se levar o Senhor aos enfermos Christãos da terra, mormente aos de casta baixa, & aos moços, & escravos, mas somente às pessoas de melhor condição, & que morão em casas mais capazes, sabindo o Senhor para este effeito raras vezes, & à vontade dos Parocos, pelo que era sem conto o numero dos Christãos da terra, que morriaõ sem receber em algum tempo de sua vida o Sacramento da Eucharistia, affy Bramanes (que he casta mais nobre, & polida, & pela commun opiniaõ de todos, muy agudos, & de muyta habilidade) como Charroddos, & quasi todos, que são de casta baixa, Sudros, Salciros, Mainatos, Pescadores, Farases, Malariates, & Cafres, muytos dos quacs eraõ muy capazes da Sagrada Comunhão, & muy desejosos della, & quasi todos habeis a se fazerem capazes, os que onã eraõ, com a instrução, & ensino. Do que tive sempre grandissimos escrúpulos, pela obrigação de meu officio, cõ pesar de o não poder remediar, por não poder exceder as ordens do meu Paroco na administração dos Sanctos Sacramentos, nem tinha cõ quem me aconselhar, por me estranharem todos, de ter eu escrúpulo no que todos os Parocos faziaõ, Clerigos, & Religiosos sem contradição de seus Superiores, & Prelados, & sem fazerem escrúpulo disso, até que Deos foy servido mandar á India os ditos Religiosos, particularmente o Padre Dom

Antonia



Antonio Ardizzone Spinola, ordenando o mesmo Senhor, à q̃ viesse
morar por algum tempo nesta Freguesia de Guadalupe em Batim,
para se curar de suas enfermidades na era de 1645: cõ o qual aconselhandome, & dandolhe noticia do que passava nesta materia, se
deliberou logo à dar remedio á tão grande falta, & pecado, come-
çando no mesmo tempo por esta mesma Freguesia, aonde à sua per-
suasão, assicu, como o Reverendo Paroco della o Padre Antonio de
Noronha, intimamos à todos, que tinhão os annos de discrição, que
se dispoessem para comungarem, assi na Pascoa, como na morte, co-
mo fizeraõ cõ grande alegria espiritual, confessandose muytos ge-
ralmente, refazendo muytas Confissoes invalidas, deixando muy-
tas superstições gentilicas, & melhorando na vida, & costumes, cõ
tanto augmento da Fé, que à muytos parecia de começarem à ser
Christãos. E creceo cõ isto o numero dos que começaraõ à comungar
cõ tanto excessso, que tendo esta Freguesia perto de tres mil & tre-
zentos Christãos de Confissão, comungaraõ na Pascoa deste anno de
1647. duas mil & novecentas, & dez pessoas, sendo assy, que an-
tes de dar principio o dito Padre Dom Antonio à esta Comunhão
geral, não chegavaõ a setecentos, os que comungavaõ. E mais se
administra nesta Freguesia o Santissimo Viatico à todos os enfr-
mos de qualquer casta, & condição, que sejaõ; & he grande o con-
curso, & devação do povo, quando vay o Senhor fera. E o mesmo
procurou o dito Religioso, que se fizesse nas mais Freguesias d'este
Oriente com grande augmento da Santa Fé Catholica, & melho-
ramento destas Christandades. E juro in verbo Sacerdotis ser tu-
do o dito verdade, & o final abaixo meu, & mandey passar a pre-
sente por me ser pedida pelos ditos Reverendos Padres Theatinos,
para constar de seu procedimento, & do que obráraõ na India, por
lhes ser necessaria, & por mandar o Illustrissimo, & Reverendissi-
mo Senhor Arcebispo Primaz por hum despacho seu, que se lhes
passasse certidão do que constar. Em Batim Freguesia de Nossa Se-
nhora de Guadalupe na Ilha de Goa 12. de Dezembro 1647.

O Padre Bento de Sousa

CERTI.



CERTIDAM

DE LOBO GOMES DE ABREU

Capitão da Cidade de Goa.

LOBO Gomes de Abreu do Conselho de Sua Magestade, & Capitão desta Cidade de Goa pelo dito Senhor, &c. Certifico, que os R. R. Religiosos Clerigos Regulares, que nesta Cidade afsistem, são Varoẽs verdadeyramente Apostolicos, & como taes tem procedido em todo o discurso do tempo desde a era de 40. que à India passaraõ, em muytas sanctas obras de virtude, em que se exercitaõ com grande cuidado, & zelo da salvação das almas, não tendo nesta Cidade hũa hora de descanso, por serem buscados de muytos, para tratarem de sua salvação pela grãde fama, & opiniaõ, que todos temos de sua vida exemplar, & charidade, cõ que acodem às necessidaes espirituaes do proximo. E tem este povo tanta devação nestes Religiosos, que todos geralmente desejão, que estejaõ com nosco pela grande fé, que temos nas suas orações, como por enxergarmos no seu trato, & communicacão hũ animo de todo izento de cobiça pelo instituto de tão estreita pobreza, & professaõ, de não poderem possuir bens de raiz, ou renda alguma por nenhũ titulo, nem de poder cousa algũa à ninguem para seu sustento ordinario, instituto que admira não tão somente aos Christãos deste Estado, mas aos Gentios, & Mouros, que muyto se levaõ de ver Religiosos desapegados de bens temporaes, & que somente trataõ da salvação das almas; motivo pela qual feraõ muy bem recebidos dos Mouros, & Gentios do Reyno de Gologondã, & de seu Rey, que lhes deu licença para residirem no dito Reyno, & fundarem nelle duas Igrejas, Missaõ, que estes Religiosos tem tomado na India, aonde hũ Religioso delles tem convertido à Sancta Fé muytos Gentios, & reduzido à ella muytos Apostatas, que por là andavaõ. E com suas pregações tem feyto muy grandes serviços à Deos Nosso Senhor, particularmente o Padre Dom Antonio Ardizzone

Spinala



Spinola, que com os muytos Sermoens, que tem pregado nesta Cidade, & Ilha de Goa, & nas Ilhas adjacentes, particularmente com hum muy celebrado, que pregou nesta Se Primazial, presente o Illustrissimo Senhor Primaz, em que reprehendo com tanta doutrina, & efficacia o erro, que em todo este Estado havia, de não commungarem todos os Christãos naturaes na Pascega, & no perigo da morte, mas huns poucos somente, pondo aos Parocos em tão grandes escrúpulos, que hoje pela misericordia de Deos vão todos commungando com grande augmento da Sancta Fè Catholica, & melhora-mento destas Christandades. E mais certifico estarem estes Religiosos naturalizados, & havidos nesta Cidade por muy leaes Vassallos de Sua Magestade, por tratarem de seu Real serviço, como se fossem verdadeyros Portuguezes; & aclamarão ao dito Senher com doutissimos Sermoens, que pregou o dito Padre Dom Antonio, & em hum delles fez com sua doutrina, & efficacia, que em todas as Freguezias deste Estado, ás oito horas da noyte, se dessem todos os dias cinco badaladas com o sino grande, para todos no mesmo tempo rezarem, & rogarem á Deos nosso Senhor pela vida, & saúde de Sua Magestade, conservação de sua Casa Real, augmento de seus Reynos, & Conquistas, & pela paz, & concordia dos Christãos, augmento da Sancta Fè, & exaltação da Sancta Madre Igreja, que nos obriga muyto mais á estimarmos os Religiosos desta Sagrada Religião, & desejarmos, que residão nesta Cidade, & tenham nella fundação, conforme for mais servido Sua Magestade, pois são muy necessarios na India, como mostraõ as muytas obras, que nella fazem de tanto serviço de Deos, & de Sua Magestade. E juro aos Sanctos Evangelhos ser tudo assim relatado verdade, & o final abaixo meu. Goa 1. de Janeiro de 1648.

Locus ✠ Sigilli.

Lobo Gomes de Abreu.

Alem



ALEM destas Certidoes dos Ecclesiasticos, & do Capitaõ da Cidade de Goa, escreverão muytas cartas à el-Rey Dom Joaõ IV. com muytas certidoes sobre esta materia outros Ecclesiasticos, os Viso-Reys da India Joaõ da Sylva Tello, Conde de Aveiras, & seu successor Dom Philipe Mascarenhas, a Nobreza da mesma Cidade, o Juiz do Povo, Officiaes & Casa dos Vinte quatro, para que constasse à S. Magestade por todos os tres Estados, Ecclesiastico, Nobreza, & Povo o muyto que servẽ á Deos, & à Coroa de Portugal na India os Religiosos Clerigos Regulares Theatinos da Divina Providencia, para effeito de admitir a nossa Sagrada Religiao em seus Reynos, & Estados, como fez por sua piedade, & grandeza com as licenças que nos deu, para termos nesta Cidade de Lisboa, & na de Goa casa, & Igreja, nomes, com que appellidamos os nossos Conventos, com promessas de mayores fundaçoẽs, & mercès, como merecem os muytos, & taõ continuados servicos dos nossos Religiosos desde o anno de 1640. o espirito, & zelo do bem publico, a edificacão, & exemplo, com que procedem, a salvaçaõ das almas, conversão dos Infieis, & pecadores, que procuraõ cõ a pregaçaõ do E vangelho, & administraçaõ continua dos Sanctos Sacramentos, & com a doutrina taõ Catholica, com que trataõ de convencer, & ensinar aos Herejes taõ obstinados inimigos dos Catholicos Romanos, que foy o fim entre outros mais principal, para fundarmos nesta Cidade de Lisboa a Casa, & Convento, que nella temos no Barro alto, para ensinarmos a Fè Catholica aos que vem das Terras do Norte infectas de Herejias, & tiralos de seus erros, como na India fazemos cõ os Mouros, & Gëtios, q̃ naõ confessão o Santissimo nome de Jesv!; por cujo respeito saõ os nossos Religiosos taõbẽ recebidos, & amados de suas Magestades, & Altezas, da Nobreza, & Povo nesta Cidade de Lisboa, & Reyno de Portugal, & em todas as Cidades, & Reynos, aonde reside a nossa Sagrada Religiao. Naõ se imprimem aquy as mais cartas, & certidoes referidas por brevidade, & por conterem o mesmo, que relataõ as impressas. Hũas, & outras
quem



quem as quizer ler em seus proprios originaes, achará de todas hũa via na Secretaria do Conselho Ultramarino, aonde foraõ remetidas á sua Magestade, & outra via no Archivo deste nosso Convento de N. Senhora da Divina Providencia de Lisboa, aonde se conservão para eterna memoria. Não faça duvida a diversidade cõ que fallão os que as passaraõ, dizendo hũs mais, outros menos assi no tocante á falta, & restauraçã da Sagrada Comunhão no Estado da India, como no numero, & no tempo dos Sermoẽs, que préguei da feliz aclamação d'el Rey D. João IV. de que falla particularmente o Illustrissimo Arcebispo Primás; porque nem todos os Sermoẽs que préguei da dita aclamação vaõ aquy impressos neste Cordel triplicado, nem os que vaõ impressos sãõ todos dos que certificaõ o Primás, & outros; como tãbem os Parocos, não referem da Sagrada Comunhão mais que a falta que havia nas Freguesias da Cidade, & Ilhas de Goa, que por ser Corte dos Vise-Reys, & á vista do Primás, era muyto menos, que nas mais Freguesias de todo aquelle Estado taõ dilatado do Norte ao Sul, aonde com' excessso, com o algũas certidoẽs referẽ, era a falta taõ grãde, que quasi todos morriaõ sem comungarem em algum dia de sua vida, nem taõ pouco na Pascoa, & no Perigo da morte, como Deos manda, & a Sancta Madre Igreja; & dos poucos, que comungavãõ na Pascoa, quasi nenhum comungava por Viatico na morte, como nos mesmos Sermoẽs se relata, para effeito de que conhecendose, & reprehendendose a falta, se acudisse com o remedio, como se vay fazendo, confiando em Deos, que por este meyo tornará o Estado da India ao que era no tempo antigo de seus Reys Portuguezes, restaurandoo Deos por ver restaurada nella a Sagrada Comunhão. Pois por esta falta entendy sempre, que nos castigava Deos com tantas, & taõ lastimosas perdas de Praças, de Fortalezas, de Cidades, de Villas, & Lugares, & de tantas Christandades, quãtas lastimamos terem retrocedidas da Fè Catholica, que com tanto sangue Portuguez, valor, zelo, & desvelo, & com tanta gloria de Deos tinhão recebido.



1. The first part of the document is a letter from the President of the United States to the Congress, dated January 3, 1801. It is a very important document, as it contains the President's first message to the Congress.

2. The second part of the document is a report from the Secretary of the Navy, dated January 10, 1801. It contains information about the state of the Navy and the ships that are in service.

3. The third part of the document is a report from the Secretary of the Treasury, dated January 10, 1801. It contains information about the state of the Treasury and the finances of the government.

4. The fourth part of the document is a report from the Secretary of the War, dated January 10, 1801. It contains information about the state of the War and the troops that are in service.

5. The fifth part of the document is a report from the Secretary of the Interior, dated January 10, 1801. It contains information about the state of the Interior and the land that is in service.

LICENC³AS

D. VINCENTIUS CARACCIOLUS
PRÆPOSITUS GENERALIS
Clericorum Regularium.

DIVERSARUM Concionum inscriptum opus, *Cordel triplicado de amor*, Authore D. Antonio Ardizone Spinola nostræ Cōgregationis, Sacræ Theologiæ Professore, á duobus ex Nostratibus Theologis, quibus cōmisimus, Joannē M. Vincenti, & Crescētio de Vivis, accuratē revisum, & approbatum, tenore præsentium, quas manu nostra subscripsimus, ac solito nostræ Congregationis sigillo munitimus, quoad nos spectat, ut typis mandetur, facultatem facimus. Romæ 22. Mensis Martij 1651.

D. Vincentius Caracciolus Præpositus Generalis
Locus ✠ Sigilli. *Clericorum Regularium.*

LICENC,AS DO SANCTO OFFICIO.

PODESE imprimir este Livro intitulado, *Cordel triplicado de amor*, Author o Padre D. Antonio Ardizone Spinola, & depois de impresso tornará ao Conselho, para se conferir com o original, & se dar licença, para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 27. de Julho de 1651.

Fr. Ioaõ de Vasconcellos.

Pedro da Sylva de Faria.

Francisco Cardoso de Torneio.

Pantaleão Rodriguez Pacheco.

Diogo de Sousa.

LICENC,AS DO ORDINARIO.

PODESE imprimir. Lisboa 2. de Janeiro de 1652.

Fr. Bispo de Tharga.



LICEN-

LICENÇAS

PODESE imprimir, vistas as licenças do Sancto Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará a esta Mesa, para se conferir, & taixar, & sem isso não correrá. Lisboa 10. de Janeiro de 1675.

Magalhaes.

Roxas.

Basto.

*INFORMAC, AÕ DO M.R.P.FR. ANTONIO DE S. THOMAS
Lente jubilado.*

ILLUSTRISSIMO SENHOR

VI este segundo Livro, que se intitula, *Condel triplicado de amor à Christo sacramentado*, composto pelo Padre Dom Antonio Ardizzone Spinola, Clerigo Regular, Theatino da Divina Providencia. Nelle com verdade de rezoës, & doutrina fã, & fidelissima, authorizada com muytos Sanctos Padres, fundada na Sagrada Escriptura, & Sanctos Concilios, move, & forte, & suavemente convence aos Parocos, à que frequentem a Sagrada Comunhaõ as Almas de todas as Conquistas Portuguezas da India, para melhora dellas, culto, & mór veneraçãõ de tão alto, & sacrosancto Mysterio, & augmento daquelle Estado, effeitos, que prometem, & seguraõ os de obra tão pia, & que fazem digno ao Livro, não só de vulgar impressãõ, que o Author pede, mas que particularmente se imprima nas Almas de todos os Fieis tão util, & devora doutrina. Neste particular intento, em que o Author mostra zelo tão Christoão, como Religioso, & animo tão Portuguez, como peregrino, & em tudo o mais q̃ elle trata nos Sermoens inclusos no mesmo Livro, não vi cousa alguma contra a nossa Sancta Fé, ou bons costumes. Este he o meu parecer, salvo o melhor de V. S. Illustrissima, à quẽ em tudo me sojeito. Mosteyro da Esperança de Lisboa. 20. de Mayo de 1676.

Fr. Antonio de S. Thomas.

Lente jubilado.

ILLUS-

LICENC, AS.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

LY este livro intitulado, *Cordel triplicado de amor à Christo sacramentado*, composto pelo Padre D. Antonio Ardizone Spinola da Divina Providencia; & está tão longe de ter cousa que offenda a nossa Sancta Fè, & bons costumes, que antes aquella estabelece o Author zeloso, augmenta douto, dilata politico, tocando em tudo o deste Volume materias de grande pezo. E se na doutrina de S. Thomas in 4. dist. 15. tem os Religiosos duas obrigações: A primeyra, de orar á Deos pelas necessidades da Monarchia: A segunda, de ensinar o remedio dellas, tudo o q. o Doutor Angelico deseja, o Author o tem feito. Com que me parece, se lhe deve dar a licença, que pede, salvo, &c. Mosteyro de Nossa Senhora da Luz. 30. de Junho de 1676.

Fr. Archanjo de Aragoão.

VISTAS as informações, pode-se imprimir este Livro intitulado, *Cordel triplicado de amor*, Author o Padre Dom Antonio Ardizone Spinola, & impresso tornará, para se conferir com o original, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 30. de Junho de 1676.

*Manoel de Magalhaes de Azeneses. Manoel Pimentel de Sousa.
Manoel de Moura Manoel. Fr. Valerio de S. Raymundo.*

PODESE imprimir. Lisboa 5. de Julho de 1676.

Fr. Christovão Bispo de Martyria.

VI este Livro, que tem por titulo, *Cordel triplicado de amor*, & nos dous Sermões, que inclue, com erudição, & engenho, zelo, & devação, assistida de tão grave doutrina, como

LICENÇA.

verdadeira, gravemente desempenha o Author, o P. D. Antonio Ardizone Spinola, o assumpto de ambos, procedendo em tudo muy ajustado á nossa Sancta Fè, & bõs costumes. He a obra em fim digna de seu Author, & muy digna, de que se imprima. Mosteyro da Esperança de Lisboa, 23. de Setembro de 1636.

Fr. Antonio de S. Thomas

Lente jubilado.

LY com grande gosto estes dous Sermoẽs, o primeyro na ordem do felis Nascimento do sempre grande, invicto, & desejado Rey Dom Joaõ IV. O segundo, do Viatico Sanctissimo, prègado na India. O Author de ambos o M. R. P. D. Antonio Ardizone Spinola, Theatino da Divina Providencia. Já havia logrado toda a approvação pela sua obra intitulada, *Cordel triplicado de amor à Christo sacramentado*, à quem, diz, pertencem estes dous Sermoẽs, que vindo à minha censura, levou a minha admiração. Agora fica o Cordel fio de Ouro, & muyto singelo por muyto delgado. Esta doutrina fndada excellentemente na Escritura, & nos Padres, & em tudo conforme á nossa Fé, & bons costumes, he de total importancia aos Estados da India. Praza á Deos lá se execute com o espirito, com que aquy se escreve, imprimindose nos coraçoẽs dos Parocos aquillo mefimo, que já chegou aos ouvidos de todos, que neste Reyno bem espero se augmẽte muyto a estimação, que nelle sempre se fez do Author, à quem o amor da nossa Coroa transformou em verdadeiro Portuguez Bem merece a licença, que pede, salvo meliori, &c. Mosteyro de Nossa Senhora da Luz dos Regulares da Ordem de Christo aos 17. dias do mez de Setembro de 1676.

Fr. Archanjolo de Aragaõ.

VISTAS as informações, podemse imprimir os dous Sermoẽs, de que se faz menção, & impressos tornarão ao Conselho, para se conferirem com o original, & se dar licença,

LICENÇAS.

cença, para correrem, & sem elle não correrão. Lisboa 20. de Outubro de 1676.

Manoel de Magalhaães de Meneses. Manoel Pimentel de Sousa.

Manoel de Moura Manoel. Fr. Valerio de S. Raymundo.

PODEMSE imprimir. Lisboa 27. de Abril de 1677.

E. Bispo de Pernambuco.

VI este Caderno, que consta de hũa Dedicatória, Prologo, & outros papcis, que o M. R. P. D. Antonio Ardizzone Spinola quer ajuntar á sua obra, que está dando á estampa. Não tem cousa, que encontre à nossa Sancta Fé, ou bons costumes. Convento de Nossa Senhora da Luz. 13. de Abril de 1678.

Frey Archanjo de Aragaõ.

VI este Caderno composto pelo P. D. Antonio Ardizzone Spinola, que como additamento, que serve de Preludio, quer ajuntar à hum Livro, que tudo junto se intitula, *Cordel triplicado de amor*, & para effeito de o dar á imprensa com as outras obras, de que o Author faz menção na petição: Não vi nella cousa, que sirva de encontro, por ser em tudo muy conforme à nossa Sancta Fé, & bons costumes. Mosteyro da Esperança de Lisboa. 10. de Março de 1678.

Fr. Antonio de S. Thomas.

VISTAS as informações, pode-se imprimir este Caderno intitulado, *Cordel triplicado de amor*, Author o P. D. Antonio Ardizzone Spinola, & impresso tornará, para se conferir, & se dar licença, para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 10. de Mayo de 1678.

Manoel Pimentel de Sousa.

Fr. Valerio de S. Raymundo.

Podese

LICENC, AS.

PODESE imprimir. Lisboa 12. de Mayo de 1678.
Fr. Christovão Bispo de Martyria.

PODESE imprimir, vistas as licenças do Sancto Officio,
& Ordinario, & depois de impresso, tornará a Mesa, para
se conferir, & taixar, & sem isso não correrá. Lisboa 28. de
Outubro de 1678,

Marquez Presidente.

Carneiro. Basto. Rego.

Está em tudo conforme cõ o seu original. Carmo 17. de Agosto de 1680.
O Doutor Fr. Gregorio de Jesus.

Pode correr. Lisboa 17. de Agosto 1680. *Serrão.*

Taxão este livro em doze tostois. Lisboa 26. de Agosto de 1680.

Roxas. Basto. Rego. Lâmprea.

PRIVILEGIO REAL.

E U o Principe como Regente, & Governador dos Reynos de Portugal, &
Algarves. Faço saber, que o Padre Dom Antonio Ardizzone Spinola The-
atino da Divina Providencia me representou por sua petição, q mandara im-
primir à sua custa o Livro de Sermões intitulado Cordel triplicado de amor,
na qual impressão pelas muytas Estampas q tinha, & valor quasi dobrado do
papel de Genova do q valia os annos passados, pela falta q ouvera delle este an-
no, tinha gastado perto de seiscentos mil reis. E porq subrepticiamẽte o podia
imprimir neste Reyno, & fora delle, me pedia lhe fizesse merce cõceder Alva-
rã, para q nenhuma pessoa pudesse imprimir, vender, ou trazer de fora do Reyno
o ditto Livro sem licença delle supplicante com as penas costumadas. E vulto o
que allegou. Hey por bem de lhe cõceder privilegio por tempo de dez annos,
para que dentro delles nenhum Impressor, ou Livreiro possa imprimir, vèder,
ou mandar vir de fora do Reyno o Livro dos Sermões referido sob pena de
perdimento dos volumes q lhe forem achados, & de sincoenta cruzados, ame-
zade para minha Camara Real, & outra ametade para o acosador. E este Al-
varã se rãpriu à como nelle se conthẽ, & valerã posto q seu effeito aja de durar
mais de hũ anno, sem embargo da Ordenação do Livro 1. tit. 40. em contrario.
E pagou de novos direitos quinhentos, & quarenta reis, que se carregaraõ ao
Thezoureiro delles Jeronimo de Nobrega à fol. 37. do Livro de sua reseita.
Luis Godinho de Niza o fez em Lisboa em 30. de Agosto de 1680. Ioseph Fa-
gundes Bezerra o fez escrever.

PRINCEPE.

INDEX

DOS SERMOENS,

QUE CONTEM ESTES TRES LIVROS.

LIVRO I.

PORTUGAL RESTITUIDO

na decima sexta geraçã
de seus Reys naturaes.

- SERMAO I.** Fellicidades de Portugal debaixo do dominio
de seus Reys naturaes.
- Sermao II.* Firmeza, & perpetuidade do Imperio Portuguez,
emparado do Ceo com prodigios, & milagres.
- Sermao III.* Liberdade de Portugal remido por seu suspi-
rado Redemptor Portuguez.
- Sermao IV.* Panegirico. Declaraçã mysteriosa da Arvore
Real de Jesu Christo, debuxo, & pintura da de-
cima sexta geraçã do Sancto Rey D. Affonso
Henriquez.

LIVRO II.

A SAGRADA COMUNHAO

restaurada na India, & restituida
aos Christaos
de todo aquelle Estado nã dilatado.

- SERMAO I.** Gemidos dos Christaos Bramanes, & Ca-
narins, & de outras muytas castas, & naçoẽs
do Estado da India, por nã comungarem
em

INDEX

em nenhum tempo da vida; nem tão pouco na Pascoa, & no perigo da morte.

Sermão II. Obrigação dos Christãos de receberem o Senhor na Pascoa, & no perigo da morte; & dos Parocos de lho darem.

Sermão III. A Sagrada Comunhão no perigo da morte, Viatico das Almas, que partem desta vida, & obrigação dos Parocos de o levarem aos enfermos.

Sermão IV. Maravilhas do Senhor na Eucharistia, & seus maiores desejos de se comunicar á todos, momentaneamente aos pobres, aos servos, & escravos, & mais gente humilde, & baixa.

LIVRO III.

ANNOS DESEJADOS,

& nascimentos felices

da Magestade

d'el Rey de Portugal

DOM JOAM IV.

SERMAO I. Saudades da India, manifestadas ás Magestades, & Altezas de Portugal na Capela Real, na solemnidade do Apostolo S. Thome.

Sermão II. Nascimentos da Magestade d'el Rey de Portugal Dom João IV. Natural, Politico, & Milagroso, celebrados na solemnidade do Esposo da Virgem, S. Joseph.

Sermão III. Desempenho de Christo Senhor nosso no nascimento da Magestade d'el Rey Dom João IV. festejado no Quarto Domingo de Quaresma, na solemnidade de S. Joseph.

Sermão IV. Politica Christã, para lograrmos annos felices, prégada ás Magestades, & Altezas de Portugal no dia do anno bom.

✱ ERRATA CORRIGE.

SAM os livros partos do entendimento. Se concebem quando se compoem, se parê quando saiem à luz. Mas saiem talvez da imprensa cõ tantos erros, que não parecê partos felices do Author, mas abortos informes dos Impressores. Por esta causa mudei na impressão deste Cordel triplicado tres Impressores, por ver os erros dos primeiros tão continuados, que por mais diligencias que se fizessem, se não evitavão. Saie agora este livro debayxo do nomê do terceiro, que por mais cuidadozo na perfeição da obra, & mais diligente nas revistas tem razão de sentir, que se possaõ attribuir à elle as Erratas, quando suas foraõ as Emmendas. Se leraõ os livros sômente os Doutos, escusado fora apontalas, porq̃ conhecem os erros, & não culpaõ ao Author da obra, antes desculpaõ ao Impressor, que não pôde ser omniciente, para não errar. Mas porque *sapientibus, & insipientibus debitor sum*, para os criticos, & os que menos entendem, apontarei os mais principais, para que os advirta quem ler, & os perdoe quem se compadecer.

Em primeiro lugar, por ser o erro mayor, saltou o Compositor da imprensa quasi hũa regra enteira na authoridade de S. Thomas, com que faz sintido contrario ao que temos por Fé. Na pagina 310. Numero 21. aonde se diz das Crianças baptizadas, que se salvão sem comungarem, està: *Quibus potest esse salus sine hoc Sacramento Baptismi*. Corrige: *Quibus potest esse salus sine hoc Sacramento; non autem sine Sacramento Baptismi*.

. Desde a pagina 418. até à pagina 497. os numeros todos das paginas á saber 319. 320. 321. 322. 323. &c. estão errados. Corrige 419. 420. 421. 422. 423. &c. até chegar à pagina. 497.

Desde a pagina 248. até à pagina 254. os numeros das paginas 248. 251. 252. estão errados. Corrige. 249. 252. 253.

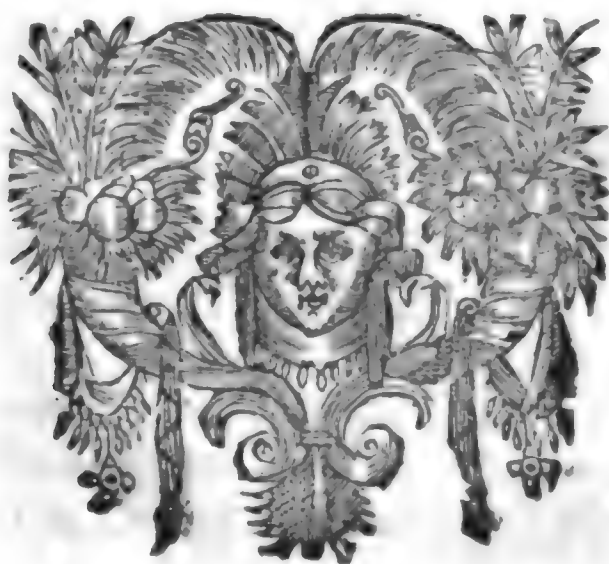
Advirta o Leitor na emmenda dos erros, q̃ aqui se apontão, que na citação das paginas, achando dous numeros juntos, o primeiro he do numero da pagina cõforme a emmenda, & o segundo he do numero errado.

<i>Paginas</i>	<i>Regras</i>	<i>Erratas</i>	<i>Emendas</i>
6.	<i>na margem</i>	<i>Ezech. 2.</i>	<i>Zach. 2.</i>
Ibid.	2	<i>a pareceo</i>	quando appareco
7.	11	<i>insto era</i>	justo era
14.	10	<i>se não consegnira</i>	se não conse- guira
15	10	<i>fello com tudo</i>	fella com tudo
29	28	<i>Leam as historias</i>	Lede as historias
49	28	<i>das guerras</i>	das garras
62	<i>na margem</i>	<i>fol. mihi 37.</i>	fol. mihi 97.
64	17	<i>Lusitania libertada</i>	Lusitania liberata
68	25	<i>prescindendo</i>	prescindindo
Ibid.	29	<i>porque a personali- dade</i>	porq̃ por ser a per- sonalidade
76	2	<i>liberalmen</i>	liberalmente
87	10	<i>Humbel morir</i>	Un bel morir
88	10	<i>Humbel fugir</i>	Un bel fugir
93	2	<i>com tantas lagrimas</i>	cõ muitas lagrimas
Ibid.	14	<i>se virem</i>	se vissem
Ibid.	14	<i>& se concluir</i>	& se concluiffe
Ibid.	20	<i>quarto decimo die</i>	quarta decima die
97	34	<i>Gobaon</i>	Gabaon
98	6	<i>Gobaon</i>	Gabaon
105	35	<i>misterioso corpo</i>	misterioso copo
108	1	<i>tantas prendas</i>	tantos vivas
Ibid.	1	<i>sublimado com</i>	aclamado com
118	25	<i>muitos com elle</i>	muitos com elle
192	26	<i>Robam</i>	Roboam
199	24	<i>primeiro coirmão</i>	primo coirmão
200	29	<i>Avó de Christo</i>	Visavó de Christo
204	4	<i>infinitam</i>	infinitem
209	1	<i>à meu ver</i>	& à meu ver
213	6	<i>& Maria</i>	& Mariæ
224	7	<i>reservavit</i>	referavit
236	1	<i>com o ignorante</i>	como ignorante
259	35	<i>das alma</i>	das almas

266	8	& comedite	& manducate
269	30	de tigno	de ligno
270	28	na tetra	na terra
287	33	Tanto cersce	Tanto cresce
295	20	individuvos	individuos
298	17	Iosaph	Josaphat
299	20	Non venistis ad me	Non visitastis me
316	29	de vossa obrigação	á vossa obrigação
345	6	que aprendão	que as aprendão
361	7	os olhes	os olhos
392	1	non imminicat	non immineat
394	20	cuspisssem com coxes	pisassem com coxes,
424.324	6	seu sagrado bem	seu grande bem
440.340	18	poa tam grande	por tam grande
451.351	10	lhe pede	lho pede
463.359	17	se he hum nada,	se he pó,& à todos
		& à todos pisa	pisa
683	21	concedia	concedida
720 na margem		Ezechiel	Isaias
Ibid.	1	Ezechiel	Isaias
727	9.13.22.	Adro	Atrio

NO INDICE DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS.

	<i>Errata</i>	<i>Corrige</i>
Verb. Portugal.	<i>Tome ao Reyno</i>	<i>Tem ao Reyno</i>
Verb. Servos,& Es-	<i>India para faze-</i>	<i>India para</i>
crvos propè finem	<i>rem para terem</i>	<i>terem.</i>



4. The fourth part of the document discusses the challenges and limitations of the research. It acknowledges that there are always some uncertainties and that the results may not be applicable in all situations. However, it also highlights the strengths of the research and the potential for future work to build on these findings.

5. The final part of the document is a conclusion that summarizes the key points of the research. It reiterates the importance of accurate record-keeping and the value of a systematic approach to data collection and analysis. It also expresses hope that the findings will be useful to others in the field.

PORTUGAL

RESTITVIDO

NA DECIMA SEXTA GERACAM DE SEVS
Reys naturacs, prometida por Deos a o Sancto, & Invicto
Rey Dom Affonso Henriques, & emparada do Ceo
com prodigios, & milagres:

EPILOGO DE LOUVORES DO MVI ALTO, E PODEROSO
Rey, & Senhor nosso

DOM JOAM IV.

EXPOSTOS COM QVATRO SERMOENS, QUE
na publicação, & festas grandiosas, que se cele-
brarão de sua felis Acclamação,
PREGOV NA INDIA, NA CIDADE DE GOA, NA
Sé Primacial

OM. R. P. DOM Antonio ARDIZONE SPINOLA, NEAPOLITANO,
Doutor na sagrada Theologia, Vigario Geral dos Clerigos Regulares,
Theatinos da Divina Providencia, Missionario Apostolico, & Pre-
fecto das Missoens da India, Fundador dos Conventos de n ossa
Senhora da Divina Providencia da Cidade de Lisboa, & da
de Goa.

LIVRO I.

ASSISTIO O EXCELLENTISSIMO SENHOR IOAM DA
Sylva Tello de Menezes, Conde de Aveiras, Vizo-Rey, & Capi-
tão Geral do Estado da India: O Illustrissimo Senhor D. Fr. Frá-
cisco dos Martyres, Arcebispo de Goa, & Primas do mesmo
Estado: O muito Illustrre Senado, os Senhores Inquisidores,
O R. Cabido, Nobreza, & Povo.



IOANNES IV.
Alphonso I Regi
 in decima sexta generatione attenuata
 promissus,
 felici Procerum acclamatione
 Portugaliæ Imperio
 restitutus
 anno 1640.
 quaterno encomio celebratur.

FELICIDADES DE PORTUGAL

DE BAIXO DO DOMINIO DE SEVS

Reys naturaes ,

SERMAM I.

P R E G O V O

Na India , na Sé Primacial de Goa

O M. R P. DOM ANTONIO ARDIZONE

Spinola , Clerigo Regular , Theatino
da Divina Providencia ,

No terceiro Domingo 15. de Settembro de 1641.

CVM DIXERIS: CONSTITVAM SVPER ME

*Regem: Eum constitues, quem Dominus Deus tuus
elegerit de numero fratrum tuorum. Non poteris al-
terius gentis hominem Regem facere, qui non sit
frater tuus. Deuteron. 17. n. 14.*



BOA nova (Excellentissimo Senhor) Boa nova. Entre as muitas, & tão alegres, que nos vieram este anno do Reyno: Entre tantas, & tão felices, que affombrão o entendimento, dilatão o coração, alentão os animos, animão os confiados, & confundem os incredulos da aclamação tão feliz de hum Rey natural, escolhido por Deos, da restituição do Reyno á seu legitimo Senhor, da restauraçam de huma Monarquia tão dilatada, que se precipitava para o occaso, do Encuberto por tantos annos, descuberto nesta era, do dezejado com tantas veras, não esperado nos nossos tempos, pronostica-

A ij

do

do com tantos pronosticos, mas não entendidos, celebrado com tantas festas, & festejado com tantas demonstraçoens de contentamento, & alegria, hum a vos dou eu (não sei se diga de parte de Deos) registrada na sagrada Escritura, & proposta no Thema, que avaliareis pela mais importante para a vossa conservaçam, & mais necessaria para firmeza do vosso Imperio.

Deuter.

17. n. 14

2 A nova que vos dou, he ter Deos feito hum preceito o mais conforme a os vossos presentes interesses, o mais ajustado com os vossos passados desejos, o mais conveniente para a segurança da vossa liberdade, o mais acertado para a duraçam, & augmento da vossa Monarquia, executado no fim do anno proximo passado de 40. em Lisboa, & recebido por todo o Reyno. Manda Deos cõ ley determinada no Deuteronomio, proposta no Thema, que na acclamação do Rey, que por proprio acclamardes, o façaes do vosso proprio sangue, tirandovos todo poder para fazer outro, que não for vosso irmão. Explico as palavras: *Quando disserdes: Levantarei á hũ Rey, que nos governe, acclamareis á quem Deos eleger do numero de vossos irmãos. Nem o podeis fazer de nação estranha, que não for irmão vosso.*

3 Agradavel ley, favoravel preceito, com que felices, & mil vezes ditosos Portuguezes, podeis já darvos os parabens da perpetuidade de vossas felicidades, & augmento das vossas glorias; pois com preceito, & ley vos assegura Deos a perpetuidade do vosso Rey Portuguez, felicissimo, & augustissimo, á quem o Ceo preordenou de preterito, para haver de soceder no mando, & governo do vosso Imperio na 16. geraçam de seus avós, & depois cõ muitos oraculos, pronosticos, & profecias volo prometeo de futuro, & de presente volo deu com muitos prodigios, & com esperanças mui certas de muitas felicidades.

4 Verdade he, que este preceito fez Deos aos Hebreos na ley escrita; mas como tudo era figura do que havia de obrar na ley da graça (como diz S. Paulo: *Omnia infigura* con-

contingebant illis) na fundação do Imperio Lusitano, tendo já reprovado aos Hebreos, transferio o mesmo preceito aos Portuguezes, á quem elegeo por povo seu mimoso em seu lugar. Não carece de prova o que prova o successo. Dezejou sempre Deos ter hũ povo particular, que com particularidade o servisse, & à quem fosse propicio em suas felicidades, dandolhas com victorias de ventajem, & cõ façanhas, & portentos à nenhuma outra nação concedidos. Entre todas, que povoavão o Mũdo antes da vinda de Christo, elegeo aos Hebreos, & os fez povo seu particular, em quem empregou cõ admiraveis empenhos seu amor. Tanto, que Moyses, para o alentar, & sojeitar a Deos, lhe disse: *Te elegit Dominus Deus tuus, ut sis ei populus peculiaris de cunctis populis, qui sunt super terram*. E por Ieremias o mesmo Senhor: *Ero vobis Deus, & vos eritis mihi populus*: Serei eu vossõ Deos, & vos meu povo: Eu Deos vossõ para vos emparar, favorecer, exalçar: & vos povo meu para me servir. A estes deu por ley, & mandou com preceito, vêdo ser gloria grande, & principio de grãdes bens ter Rey natural, que no eleger de Reys fizessem sempre eleição de pessoa, que fosse do proprio sangue: *De numero fratrum tuorum, tirandolhes todo poder para o fazer alheio: Non poteris alterius genti s hominem Regem facere*.

1. ad Co-
rint. 10.
n. 11.

Deuter.
7. n. 6.
Hierem.
7. n. 23.

5 Mas como na sua morte no Calvario os reprovou, & os excluio de seu amor por sacrilegos, & ingratos, & em seu lugar escolheo aos Christãos, desejo de ter entre os mesmos Christãos hum povo particular, que servindo-o com particular empenho, levasse seu santissimo nome nas mais remotas partes do Mundo, poz os olhos na Nação Portugueza. (O gloria dos Portuguezes, ô grãdeza de Portugal) Crucificado Christo no Calvario reprovou ao povo Hebreo no pòto em que se rasgou o veo do Templo, significando, que o apartava de si, & rasgava de seu peito: *Velum Templi scissum est in duas partes á summo usque deorsum*. Crucificado no campo de Ourique deceo do Ceo, rasgando as

Matth. 27.
n. 51.

nuves, para vñir á si os Portuguezes, & tellos por pouo seu particular mui querido, appareceo ao Serenissimo Principe Dom Affonso Henriquez, & o acclamou Rey de Portugal.

6 Quãdo escolheo entre as Naçoens do Mundo aos Hebreos na ley escrita, lhes chamou povo : *Eritis mihi populus*. Mas quando entre os Christãos escolheo a Nação Portugueza, como mais favorecida, & amada, lhe não quiz dar nome de povo, mas de Imperio, para sogear muitos povos, render muitos Reys, conquistar muitos Reynos, senhorear muitos mares, & por meio da prègação Evangelica dilatar a Fè Catholica nas mais vastas provincias, & terras dos Mouros, & Gentios : *Volo in te*, (disse Christo á este Serenissimo Principe, & primeiro Rey de Portugal ;) *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteras gètes*.

Fr. Bernard. 1. p.
Cronic. 1.
Cister. 1.
3. cap. 3.
Vieg. lib.
4. pag.
132.

Ezech. 2.
n. 8.

7 No tempo em que teve aos Hebreos por povo seu, em quem empenhou com excessõ de amor, & com admiraveis prodigios, & milagres seu divino poder, erão elles a minina de seus olhos : *Qui tetigerit vos, tangit pupillam oculi mei*. Na ley da graça entre tantas naçoens de Christãos, a minina dos olhos de Christo he a Portugueza. Mostra-o a firmeza de seu Imperio, a dilatação de sua Monarquia, a felicidade de suas armas, as vitorias façanhosas que sempre teve, mais para admirar que para contar, os Reys, & Reynos, que rendeu, & senhoreou nas quatro partes do Mundo, os prodigios, & milagres, com que Deos a empara, a pureza da Fé Catholica, com que a conserva, & a serie, & successão tão gloriosa de Reys Portuguezes, que nunca faltaram á Portugal desde o primeiro Rey D. Affonso Henriques. E ainda que se interrompessẽ nos ultimos tres Reys de Castella com a força de suas armas, & perda del-Rey D. Sebastião; com tudo para Deos mostrarvos haver acontecido por peccados, que a justiça Divina por tẽpo limitado quiz punir, como por vezes socedeo aos Hebreos, com olhos de piedade alentando vos com muitas esperanças da vossa

vossa antiga liberdade, teve sempre o Reyno, & Imperio Portuguez no medo do governo separado de Castella, para restaurar, como fez, a soceção de seus Reys naturaes, como vos prometeram as profecias.

8 Com tanto empenho, com que Deos empara a Portugal, lhe não podia faltar a gloria de ter por ley Rey natural. Se vós sois famosos Portuguezes com special prerogativa o povo querido de Jesu: se locedestes na protecção, & emparo aos Hebreos: se o vosso Imperio he mais de Christo, que o fundou para si, do que vosso: *Volo in te Imperium mihi stabilire*, jnsto era, que com a mesma ley se governasse, com que se governou o Imperio de Israel. Quando vos deu Christo Rey, quão fez Reyno á Portugal, quando vos escolheo por povo seu, vos deu tambem ley (dizem os vossos Annaes) assétada nas primeiras Cortes de Lamego, que nunca acclamasseis outro, nem o aceitasscis de nação estranha, mas sempre vosso ir mão do vosso proprio sangue, prometendovos, que se por algũ accidente os vossos a não guardassem, de volo dar elle mesmo com seu divino poder cõ modos não esperados, & por meios nunca imaginados na decima sexta geração dos vossos Reys Portuguezes, mandando-o dizer assi a el Rey D. Affonso Henriques por hum Sancto Ermitão com estas misteriosas palavras não entédidas por tantos seculos, compridas no fim do anno proximo passado de 40. na acclamação felicissima, que festejamos del-Rey Dom João IV. deste nome, unico herdeiro dos Reys Portuguezes, descendente por origẽ del-Rey Dom João o primeiro, & legitimo Senhor do vosso Imperio Lusitano: *Dilectus es Domino: posuit enim super te, & super semen tuum post te oculi misericordiae suae usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles; sed in ipsa attenuata ipse respiciet, & videbit*. Serà pois a materia do Sermão, Felicidades de Portugal, & Perpetuidade de seu Imperio, dividida em tres pontos: Que para hum Reyno ser feliz, & seu Imperio duravel, se requerem tres cousas:
Que

Viegas
fol. 116,

Que o Rey seja acclamado pellos vassallos : Escolhido por Deos : Natural do proprio sangue . Para o primeiro ponto explicaremos as palavras do Thema : *Cum dixeris : Constitutam super me Regem* . Para o segundo : *Eum constitues, quem Dominus Deus tuus elegerit de numero fratrum tuorum* . Para o terceiro : *Non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non sit frater tuus* .

9 E todas estas tres côdiçoens se acharão na acclamação del-Rey, & Senhor Dom João IV. que a fizerão feliz, & a prometem perpetua. O acclamou o povo: O escolheu o Ceo: O jurou por natural o Reyno, renovando nas Cortes de Lisboa a ley jurada nas primeiras de Lamego de não admitir nunca Rey estranho .

10 Não podião os Portuguezes no Reyno côcluir acclamação tão feliz, nem assegurar a perpetua sem particular assistência do Ceo ; nem eu a poderei apregoar, & tratar della neste Sermão com graça , sem a divina . *Ave Maria* .

*CUM DIXERIS CONSTITVAM
super me Regem .*

Proverb.
16. n. 11.

11 **N**unca Deos approvou á hús por bons, que quasi no mesmo tempo não reprovasse á outros por maos. Anda Deos, diz o Sabio, com o pezo na mão, & com a balança, pezando de continuo as obras de cada hum, ou para o premio, ou para o castigo : *Pondus, & statera iudicia Domini sunt* . Mas de tal maneira, que se castiga aos maos com o rigor de sua justiça, no mesmo tempo mostra aos bons as entranhas de sua piedade; & se misericordioso recebe na sua graça aos justos, lança de si por justo no mesmo ponto aos peccadores, exercitando sempre cô o piadoso da misericordia o rigoroso da justiça . Ab æterna com o decreto infallivel, com que misericordioso, & amante predestinou os justos, fez logo outro, com que reprovou por justo aos peccadores. No Empireo depois da criação do Mundo,

no

no mesmo tempo em que glorificou aos Anjos, que obedi-
 entes se sujeitaram à seu Imperio, & amantes o adorarão,
 condenou sem remissão para sempre no Inferno aos Demonio-
 Apoc. 12.
 os, desaposando-os do Reyno do Ceo por rebeldes na
 n. 7.
 quella batalha tão grande, & misteriosa, e m que foi S. Mi-
 Gen. 6.
 guel seu Capitão Geral. Na terra se reprovou á Cain por
 n. 14.
 sua maldade, lançando de si, & de sua graça: *Ecce ejicis me*
hodie, se inclinou piadoso à seu irmão Abel por innocente.
 Se castigou o Mundo arrependido de ter criado os homens
 pello excesso de suas culpas, & peccados, sepultando-os
 Gen. 6. n.
 com merecido castigo de baixo das ondas do diluvio uni-
 7. & 8.
 versal, salvou á Noé por justo, & á seus filhos, recolhendo-
 os na Arca, primeira Nao que se lançou ao mar, de que o
 mesmo Senhor foi o Architeto, que a traçou, & o Capitão,
 & Piloto, que a guiou para os montes de Armenia, aonde
 tomou porto depois de cento & cincoenta dias de tormen-
 ta. Se se aborreceu de Etau, foi no tempo, em que empre-
 gou em Jacob seu irmão todo o seu amor: *Dilexi Jacob: E-*
 Malach.
sau autem odio habui: & finalmente deixando os mais ex-
 1. n. 3.
 emplos, que na sagrada Escriptura se relatão, ainda no Cal-
 Ad Rom.
 vario estando Christo na Cruz para espirar sua alma inno-
 9. n. 13.
 centissima nas mãos de seu Eterno Padre, se admitio ao bô
 Ladrão na sua graça, & lhe prometeo o Ceo: *Hodie mecum*
 Luc. 23.
eris in Paradiso, foi no mesmo tempo & hora, em que ou-
 n. 43.
 tro Ladrão impenitente, Judas, do mais alto de hũa arvore,
 em que se enforcou, precipitou ao Inferno: *Pondus, &*
statera judicis Domini sunt.

12 Por este mesmo modo, & com o mesmo pezo, & ba-
 lança peza Deos as naçoens do Mundo, os Reynos, os Im-
 perios, as Monarquias, os Reys, os Emperadores, os Monar-
 cas, & seus Vassallos, desaposando à huns de seu Imperio
 por suas culpas, & aposando á outros por seus merecimen-
 tos. Poz na balança à Balthazar Rey de Babilonia, diz Daniel:
Appensus es in statera; & por achar suas obras faltas de pezo: Daniel. 5.
Et inventus es minus habens, o desaposou do Reyno, & n. 27.

Ibid. á n.
20. ad 22.

Daniel. 4.
n. 22.

1. Reg.
15. n. 28.

3. Reg. 11
n. 31.

3. Reg. 15
á n. 25. ad
30.

3. Reg.
16. n. 3.

dividio, dando parte delle á Dario Rey dos Medos, & parte aos Persas : *Divisum est regnum tuum, & datum est Medis, & Persis*. Tinha pouco antes posto na balança á Nabuodonosor seu pay, & pello achar altivo, & soberbo, não só lhe tirou o Reyno, & toda a magnificencia real, mas o condenou á viver como bruto no campo, & á comer palha com as bestas. Por faltas de pezo, & por seus peccados tirou o Reyno de Israel á Saul, & o deu á David seu maior inimigo, de quem se aborrecia com odio immortal : O tirou de Salamão, & de Roboam seu filho, & o deu á Jeroboam seu opposto vassallo : O tirou de Jeroboam por idolatra, & de seu filho Nadab, & destruiu sua casa, sem ficar pessoa de sua geraçam, que com delectrada morte não acabasse a vida, & deu o Reyno á Baasa : Medio finalmente deste as obras, & de seus descendentes : *Ecce ego demet am posteriora Baasa, & posteriora domus ejus*; E por maas, & indignas de Rey, tirou á seus filhos a Coroa, & o Reyno.

13 Se considerarmos as maiores Monarquias do Mundo, quantas mudanças acharemos, por não obrarem seus Monarcas o que deviam á Deos, & á justiça. A dos Assirios cõ grande estrago, & com lastimosas mortes passou aos Medos: A dos Medos passou aos Persas: A dos Persas aos Gregos: A dos Gregos á dos Romanos: A dos Romanos finalmente destruida dos Vandalos, & das outras naçoens de Europa, que se levantaram contra ella, a dividio Deos, & hũa grande parte deu á S. Pedro em Roma, & outra ao Emperador Austriaco em Alemanha.

14 Mas para que recorremos aos exemplos estranhos, & ao que contam as historias dos antigos, se os temos de casa na acclamaçam presente do soberano, & felicissimo Rey D. João IV. *Pondus, & statera judicis Domini sunt*: Pezou Deos as obras do Reyno de Portugal, & de seus Reys, & por seu justo juizo, que não comprehendemos, levou á Africa á el-Rey D. Sebastião, aonde se perdeu, para dar o Reyno á Felippe o Prudente, segundo de Castella. Occupou á

Castella

Castella na guerra de Catalunha, para o tirar de Felipe quarto seu netto, & o restituir á Serenissima Casa de Bragança, à quem por direito se devia, comprindo sua promessa feita à El-Rey D. Affonso Henriques primeiro de Portugal, de pôr os olhos na decima sexta geração attenuada de seus descendentes.

15 Oh grande documento para os Reys Christãos ! Oh grande doutrina para o de Portugal ! Oh grande advertencia para os Portuguezes conservarem para sempre seu Imperio de baixo de Reys naturaes. Procure cada hum estar bem com Deos, & guardar sua Sancta Ley, para conservar seus Reynos, & Imperios; porque: *Pondus, & Statera judicis Domini sunt.*

16 Não foi sem peso, & medida a acclamação del-Rey nosso Senhor feita no Reyno. A meu ver poz Deos tudo na balança á favor de Portugal. Deliberarem-se os Portuguezes á ter Rey natural, resolver-se cada hum á dizer à todo risco: *Constituam super me regem*, foi particular impulso de Deos, que pondo na balança a Monarquia de Castella para a dividir, & as lagrimas, lastimas, & suspiros dos Portuguezes, para se compadecer, vendo que para remedio de seu Imperio, que hia perdendo nas Conquistas suas praças, conquistadas com tanto valor, & sangue de seus Hercules antepassados, suspiravam por seu Rey natural, moveo os coraçoes de todos á levantar na Serenissima Casa de Bragança o Rey prometido na 16. geração de seus Reys Avós, para principio de novas felicidades.

17 Felicissimo Reyno, de quem o Rey he acclamado por seus Vassallos, escolhido por Deos, & de seu proprio sangue. Dito o Imperio, à quem dá Deos seu Rey com particular emparo, & especial providencia sua divina. Tudo concorreo nesta acclamação para ser feliz, o Povo, o Ceo, o Sangue. E para começarmos do Povo, he muito para reparar neste preceito fallar Deos em singular: *Cum dixeris: Constituam super me Regem.* & crece a duvida com a exposição de alguns

alguns, que declaram estas palavras com maior aperto: *Cum dixeris in corde tuo*. Para aclamação de hum Rey não basta hum só homem, hão de ser muitos vnidos para ter effeito; & ainda assim corre seu risco; porque he duvidoso seguilla o resto do Reyno. Muito menos se pode fazer, se cada hum fallar só comfigo; porque hade ser tratada com muitos, proposta com razoens, procurada com resolução, ordenada cõ firmeza, assentada com consêlho, determinada com união, prevenida com armas, & publicada com empenho de perder antes a fazenda, a liberdade, a vida, que retirar-se da empresa. Pois como Deos aconselha, & manda que na aclamação dos Reys falle cada hum comfigo, & com tanto segredo, que seja a falla sem falla, sem abrir a boca, sem articular a lingua, sem proferir palavra, mas sô mentalmente no interior de seu peito, no mais secreto de seu coração: *Cum dixeris in corde tuo?*

18 Seja a reposta o successo de Portugal. Por 40. Fidalgos se tratou a aclamação del-Rey D. João IV. Porem como foi ordenada por Deos, & com particular assistencia sua, para que fosse feliz, firme, & segura, foi com tão grande união, que sendo 40. os acclamadores pareceo q fosse hũ só, & fallãdose muito entre si mesmos, & pelo espaço de muitos mezes, do modo, & meios para se effectuar, foi o segredo tão grande, & tão inviolavel, como se cada hum fallara só com figo no interior de seu coração, de modo, que primeiro se publicou, que se soubesse, & primeiro se fez, do que se publicasse, primeiro foi acclamado Rey, que o soubesse o Reyno: *Cum dixeris in corde tuo*. Doutro modo, ou a aclamação não tivera effeito, ou não fora firme, & feliz.

19 Para que fosse feliz a de Saul primeiro Rey de Israel, se esmerou Deos muito, sem embargo de se mostrar queixoso, & offendido dos Israelitas, que por desejo de ter Rey natural, enjeitassẽ à elle Rey dos Reys, que os governava com empenho: *Non enim te abjecerunt, sed me, ne regnem super eos*. Mas como os amava com amor de pay, & os
 tinha

1. Reg. 8.

n. 7.

tinha em lugar de filhos, ainda rebeldes, lhe sofria os erros, lhe perdoava as culpas, & lhe procurava as maiores prosperidades. As circumstancias, que nella concorrerão, foram as que se executarão em Portugal, tanto ao justo, que parece servio aos Portuguezes de exemplar, para o acerto da que fizerão. O Rey foy em quem Deos poz seus divinos olhos, como no de Portugal. Olhou pellos clamores de seu povo, como pelos apertos do Reyno, para lhe dar o Rey, que de-
Reipexi populum meum. Foi o encuberto de Israel: *Ecce absconditus est domi*: O dezejado do povo: *Constitue nobis Regem*: O procurado pelos Fidalgos, que se uniram para o acclamar: *Congregati ergo universi maiores natu Is-*
rael: O escolhido por Deos: *Quem elegit Dominus*: Natural do sangue Hebreo da Tribu de Benjamin, & Principe tão perfeito, que não havia entre elles outro melhor: *Erat vir de Benjamin nomine Cis: & erat ei filius vocabulo Saul, electus, & bonus: & non erat vir de filiis Israel melior illo.*
 Ha cousa mais ao natural?

20 Sò reparo na cautela dos Fidalgos, que o acclamarão, & no segredo com que Deos o escolheo. Os fidalgos não fiarão sua deliberação mais que de hum homem, de quem dependia o maior acerto della. Não a communicarão ao Principe dos Sacerdotes, não a disserão aos Escribas, não a manifestaram aos Fariseos, não a fiarão do povo, mas só de hum homem Sancto, profeta daquelle tempo, samente de Samuel: *Venerunt ad Samuelem: dixeruntque ei: Constitue nobis Regem*. E Deos se houve na escolha, & eleição cõ tanto segredo, que revelando à Samuel o Rey, que tinha elegido, diz o Texto, que lhe fallou ao ouvido: *Dominus autem revelaverat auriculam Samuelis*, ordenandolhe, que com todo segredo primeiro o ungisse Rey, do que o publicasse, primeiro o fizesse, do que o manifestasse, que assegu-
 rasse o Rey com o sagrar, antes de o pôr em contingencia com o dizer: *Hac ipsa hora, quæ nunc est, cras mittam virum ad te de terra Benjamin, & unges eum Ducem super populum*

Malach. 3.
n. 6.

1. Reg. 9.
n. 16.

Ibid. 10.

n. 22.

Ibid. 8.

num. 5.

Ibid. n. 4.

Ibid. 10.

n. 24.

Ibid. 9. n.

1. & 2.

1. Reg. 5.
num. 8.

Ibid. 9.
num. 15.

Ibid. num.
16.

pulum meum Israel. Valhame Deos! Para que tanta cautela nos Fidalgos, se estavam unidos? & para que tanto segredo em Deos, se o Rey escolhido era desejado do povo, & procurado da nobreza? Eu o direi. Se não fora a aclamação de Saul por parte dos Fidalgos com tanta cautela, que sendo muitos para a dezejar, não a fiaram mais que de hum Sácto, para a conseguir; & por parte de Deos, que o elegeo, se não houvera tão grande segredo, que primeiro se fez, que se foubesse, primeiro o mandou ungir Rey, que o aclama fse, ou a aclamaçam se não consenira, ou não fora com tanta felicidade, como se dezejava. Porque se se foubéra antes de ungido, & sagrado Rey, que Saul era o elegido, para ser aclamado, a encontrariam os envejosos, a empediriam os descontentes, a perturbariam os inquietos, a divertiriam os covardes, desconfiariam os temerosos, se dividiria a nobreza, se amotinaria o povo, propondo partidos, & antepondo à outros, com que tudo se embaralharia, resolvendo-se o maior acerto de huma aclamação feliz em lastimosos desercos, & as maiores esperanças de muitas felicidades em motins, em armas, em guerras civis, & em sangue.

21 Do mesmo texto se collige este temor, & o acerto de tão grande segredo. Tanto que se publicou a aclamaçam del-Rey Saul: Tanto que apparecco na praça com o apparato real á vista de seus Vassallos, foi tão geral, & tão grãde a festa, o jubilo, & alegria do povo, que se encheram os arcs de vivas. Alevantaram todos a voz: Viva el-Rey: *Exclamavit omnis populus: Vivat Rex*. Mas não faltarão rebeldes, ou por envejosos, ou por desconfiados, os filhos de Belial: *Filij verò Belial dixerunt: Num salvare nos poterit iste? & despexerunt eum*. Que fora se não estivera Saul elegido por Deos com segredo, ungido por Samuel sem o dizer, procurado pella nobreza sem fallar, publicado depois de feito, & coroado Rey sem se saber, quantos estorvos tivera tido, quantas contradicções de envejosos, perseguições de inimigos, traicções de malevolos, acometimentos,

1. Rég. 10
num. 24.
& 27.

tos, & assaltos com temores de morte? Mas como estava tudo prevenido, tudo já feito, & firme, o mais que poderiam fazer os rebeldes, ou por temerosos, & covardes, ou por envejados, & altivos, foi virarem as costas fugindo, para não morrerem gemendo, presos no carcere apertado de huma Torre.

22 Até Deos, que não depende dos homens, mas tudo pode fazer com seu infinito poder independente, tratando de sua propria aclamação, que por todos os meios não podia deixar de ser acertada, & feliz por divina, fello com tudo com grande segredo, retirado em hum monte. Todos os milagres de Christo foram publicos, todos á vista do povo, & na presença dos Apostolos; porque como queria por elles mostrar, que era o verdadeiro Messias, & verdadeiro Deos, & homem, filho de Deos Padre, convinha, que fossem patentes. Somente o de sua gloriosa transfiguração, que parecia conveniente, que fosse mais notorio, que os outros, por ser huma manifestação clara, & evidente de sua Divindade, que escondia de baixo do manto de sua Humanidade, como por declarar para maior certeza seu Eterno Padre, que elle era seu legitimo filho, só este fez retirado da Cidade, apartado da Corte, escondido do povo, no mais secreto de hum monte, á vista somente de tres Apostolos, que levou consigo, Pedro, Jacome, & João, á quem mandou acabada a visão, que a não dissessem á ninguém, até resurgir: *Præcepit eis Iesus, dicens: Nemini dixeritis visionem, donec filius hominis á mortuis resurgat.* Se esta transfiguração era huma manifestação de sua Divindade, se o acreditava por filho de Deos mais que todos os milagres que fazia, & a maior controversia que havia entre os Hebreos, & todo o ponto em que duidavam, era de sua Divindade, em que não criam, porque só este milagre quiz que fosse com tanto segredo? Não era melhor transfigurar-se no Templo á vista dos Sacerdotes, ou na Sinagoga, na presença dos Doutores da ley, ou no meio da Cidade patente á todos, para que não ouvesse

Matth. 17
á n. 1. ad
10.

ouveſſe mais duvida, ſer elle o verdadeiro Meſſias, & verdadeiro filho de Deos? Não, porque he certo, que só o que Deos faz he o melhor. Mas a difficuldade conſiſte em dar razão, porque só o milagre da transfiguração quiz que foſſe com tanto ſegredo, retirado em hum monte ſolitario, na preſença de tres Apoſtolos ſomente, & com preceito de o não dizerem à ninguem até reſurgir? Diga cada hũ ſeu parecer. O meu he, que para noſſo enſino quiz Chriſto moſtrar, que até o tratado de ſua propria acclamação ao cetro, & a coroa, para ſer com acerto, & feliz, havia de ſer com todo ſegredo: *Cũ dixeris in corde tuo: Conſtituam ſuper me Regẽ.*

23 Ser a Transfiguração de Chriſto hum tratado de ſua acclamação ao Reyno, & hum enſaio do que havia de fazer no Calvario, & na ſua glorioſa reſurreição, he certo. Diſto fallarão com Chriſto (diz S. Lucas) Moiſes, & Eli-

Luc. 9. n. as: *Dicebant exceſſum ejus, quem completurus erat in Ieru-*

31. ſalem. Na Cruz ſeu trono real, de que diſſe: *Si exaltatus*

Ioan. 12. *fuero à terra, omnia traham ad me ipſum*, havia de ſer pu-

num. 32. blicado Rey de Judea: *Ieſus Nazarenus Rex Iudeorum:*

Ioan. 19. Na ſua glorioſa reſurreição havia de oſtentar todo ſeu real

num. 19. poder, que tinha no ſeu Reyno do Ceo, & na ſua Monar-

Matth. 28 quia ſpiritual da terra: *Dat a eſt mihi omnis poteſtas in Celo,*

num. 18. & in terra. Ser tambem hum painel, ou debuxo da que ſe

fez em Portugal, parece-o. No monte retirado tratou

Chriſto de ſua acclamação: Em Villa viçoſa retirado tratou

da ſua el Rey. Era Chriſto legitimo Rey de Judea, ſocceſſor,

& herdeiro del Rey David por huma femẽa, a Virgem Ma-

Matth. 1. ria: *Liber generationis Ieſu Chriſti filij David:* O era de

num. 1. Portugal el Rey ſocceſſor del Rey D. Manoel pella Sereniſ-

ſima Senhora D. Catherina. Até entãõ desde que naceo fez

Jſai. 45. Chriſto a figura de Rey encuberto: *Vere tu es Deus abſcon-*

num. 15. *ditus*, ou como outros explicaõ: *Rex abſconditus, Deus Iſ-*

rael Salvator: A meſma figura fez el Rey até tomar poſſe

de ſeu Reyno. Transfigurouſe Chriſto no monte, & come-

çou à fazer a figura de Rey deſcuberto, mas com ſegredo: *Ne-*

Ne-

Nemini dixeritis: Tambem em Villaviçosa fez el-Rey a mesma figura, & com semelhante segredo: *Nemini dixeritis*. He pois a transfiguração de Christo no Thabor hum painel, & hum debuxo da acclamação del-Rey em Portugal.

24 Não applico o mais, que della relação os Evangelistas, deixo o aos curiosos. Explico só o successo com as cores de tão raro debuxo, para cada hum applicar o que melhor lhe parecer, porque he tão misterioso, & divino, que pôde ter muitos sentidos. Resplandececo, diz o Texto, o rosto de Christo como Sol, porque Soes dos Reynos são seus proprios Reys. Hum Reyno sem Rey he Reyno escuro, cuberto de trevas, de apertos, de perdas, de vexações, de penas. He Reyno esclarecido tendo seu proprio Rey; & para Christo mostrar, que era Rey de Israel, resplandeceo seu rosto como Sol; mas transfigurouse: *Transfiguratus est ante eos*, mostrou-se diverso do que dantes representava, condição dos homens do Mundo, que tanto que sobem, se mudão, & muito mais os que sobem à ser Reys, logo mudaõ de rosto. São Soes eclipsados antes de serem Reys, sojeitos á muitos; mas tanto que são acclamados, ostentão luzes como Astros, superiores á todos. De seus proprios vestidos fez Christo seu manto real, mais resplandecente, & vistoso, que riquissima tela: *Vestimenta ejus facta sunt splendentia*. Marc. 9. Não se valeo da capa de seus Apostolos, que o seguiaõ, por- n. 2. que hum Rey acclamado não ha de avexar logo os vassallos com tributos, tirandolhes a capa para luzir. Valeose Christo do seu, sem agravar a ninguem, porque mais luzem os Reys, & mais resplandecem, quanto menos lhe tributão os Reynos. Só tres Apostolos levou consigo ao monte, à meu ver, para representar os tres Estados, que acclamaõ á hum Rey. Representou o Ecclesiastico S. Pedro, a Nobreza S. João, & Santiago o Povo. Em nome de todos, sem ponderar bẽ o que dizia, tratou S. Pedro de levantar logo à Christo seu throno real, mas foi tido por imprudente, & por necio:

Marc. 9.
n. 5.

Non enim sciebat, quid diceret. Não considerou que nas acclamações dos Reis, todo o acelerado he com risco; que para o acerto dellas se ha de esperar a occasião, & o tempo. A de Evora em Portugal não teve effeito. Abalouse toda a Cidade, & ficou de peor partido. Correo risco de se perder, quando cuidou de melhorar, porque foi apressada. Quiz acclamar á seu Rey tres annos antes do tempo, no anno de 37. Foi firme, & feliz a de Lisboa, porque esperou pelo tempo assentado no Ceo, & prometido na terra na era de 40.

Matth. 17
n. 3.

25 He muito tambem para notar neste ensaio de Christo, neste tratado feliz, & misterioso de sua acclamação apparecerem no monte, Moises, & Elias: *Apparuerunt illis Moyses, & Elias*. Moises legislador da ley ecripta, Elias profeta da ley da graça; porque nas acclamações dos Reis acabam as leys velhas, & começa as novas. Se derogam as leys do Rey excluido, & se executa as do Rey acclamado. Acabou na acclamação de Christo a ley de Moises, & começou a da graça, que profetizou Elias; & para ceder aquelle da sua, & promulgar este á de Christo, apparecem ambos no Monte.

Matth. 17
n. 5.

Ad Rom.
8. n. 17.

26 Faltava sómente passar tudo pella Chancellaria (seja-me licito valerme por accomodação deste modo de fallar, para me ajustar com o estilo do Rey no) faltava digo sómente passar tudo pella Chancellaria, & põrlhe Deos o sello para guarda, & firmeza de sua sancta ley, quando se ouvio a voz do Eterno Padre, que disse: *Hic est filius meus dilectus: ipsum audite*. Com lhe chamar filho, o declarou por herdeiro: *Si autem filij* (diz S. Paulo) *& heredes*, legitimo Rey de Israel, & Soberano Monarca do Mundo todo: E com dizer: *Ipsium audite*, approvou a ley de Christo, & mandou, que se guardasse; porque val tanto dizer: *Ipsium audite*, como dizer: *Ipsi obedite*: Ouvi á Christo meu amado filho, & herdeiro, legitimo Rey do universo, sojeitai-vos ao seu Imperio, obedecei em tudo que vos mandar, & guar-

guardai as leys, que fizer. Isto he o que houve no Monte Thabor. Tambem no Reyno não faltarão as demonstraçoens do Ceo, para segurança, & firmeza da acclamação del-Rey, & observancia de suas leys. O despregar Christo sua mão direita da Cruz, foi apontar ao povo, que o Rey acclamado he o legitimo de Portugal, filho, & herdeiro dos Reys Portuguezes: & se appareceo pintado na Lua com o divinissimo Sacramêto, como relatão as novas, que de lá vieraão, á que me remeto, parece que quiz Deos mostrar, que a mudança das leys, figurada na incôstancia da Lua, para que se guardassem, estavam assentadas no Ceo, corroboradas com a Hostia consagrada, pondolhe Deos com esta apparição seu sello: *Hic est filius meus dilectus: ipsum audite*. Se pois na acclamação de Christo havia de haver tantas mudanças de ley, de Rey, de Reyno, de Monarquia: & o Imperio dos Hebreos temporal havia de acabar, & começar o spiritual dos Christãos, para que fosse com acerto, & feliz, & á os Portuguezes de exemplo, tratou della retirado em hū Môte, & com segredo: *Nemini dixeritis*.

27 Inda outras mudanças, que obrigavão á tão grande segredo profetizou Isaias, citado por S. Lucas, fallando desta acclamação tão soberana de Christo, que pellas novas, que nos vierão nesta Caravela, se vão pondo por obra em Portugal. O Mundo inconstante, que por ser redondo, não he firme. Os Antigos o compararão á huma roda, que quando se vira, no mesmo tempo em que a parte mais baixa se levanta, a mais alta se precepita. Diz Isaias: *Omnis vallis implebitur: & omnis mons, & collis humiliabitur*: Se encherão os Valles, & se humilharão os Montes. Quer dizer: Subirão os humildes, & cahirão os grandes. O Imperio de Christo, á que foi acclamado, he spiritual; com tudo não deixou de ter as mudanças, que experimentamos nos temporaes. Os Pescadores feitos Principes: *Constitues eos Principes*. Os humildes assentados nas mais altas cadeiras, feitos juizes do Mundo todo: *Sedebitis super sedes judicantes*. Os

Isai. 40.

n. 3.

Luc. 3.

n. 5.

Psal. 44.

n. 17.

Matth.

19. n. 28.

Ibid. n.
29.

Matth. 8.
n. 12.

pobres enriquecidos: *Qui reliquerit domum, &c. centu-
plum accipiet*. E os ricos, os privados, os grandes, os filhos
do Reyno lançados fora de sua grandeza: *Filij autem Re-
gni ejicientur*. Oh Portugal, oh Lisboa! quantas mudanças
semelhantes começastes a ver, & vereis pello tempo em di-
ante. Quantos subidos nacidos nos valles: Quantos abati-
dos, que parecião mais altos, que os Montes. Quantos hu-
mildes alevantados aos maiores lugares, occupados nos ma-
iores postos: Quantos soberanos precepitados das maiores
grandezas: Quantos, que não tinham paô para comer, acre-
centados com casás, com fazendas, com rendas, com morg-
gados, com habitos, com commendas, feitos fidalgos os
que não parecião na terra, exaltados ainda com titulos, &
com dominio de vassallos: Quantos titulos acabados: Quã-
tas cazas destruidas: Quantos grandes consumidos. Pois ca-
laivos fidalgos, que trataes de acclamar â hum Rey novo,
vosso natural, calaivos, não o digaes á ninguem, porque se
se foubere, folgarão os humildes com a esperança de subirê,
mas cahirão sobre vos os Montes, encontravoshão os gran-
des por medo de se perderem: *Cum dixeris in corde tuo:
Constituam super me Regem*.

II. Parte

28 Deste mesmo segredo tão grande tiro eu a consequê-
cia, que o Rey acclamado foi escolhido por Deos, que he
o segundo ponto do Thema: *Eum constitues, quem Domi-
nus Deus tuus elegerit de numero fratrum tuorum*. Parece
milagre, que ouvesse tanto segredo em materia tão arrisca-
da, & tão fora de toda a expectação, tratada por 40. Fidal-
gos Portuguezes. Deliberarem os Fidalgos de Portugal de
acclamar por Rey ao Serenissimo Duque de Bragança, foi
obra humana, sem embargo de ser inspirada por Deos, & a-
padrinhada com particular providencia sua. Mas calarem,
taparem a boca, sem soltarem em nenhum tempo a lingua,
sem descobrirem o segredo pelo espaço de cinco mezes, que
o tratarão entre si, foi obra divina, foi milagre (fallando
menos propriamente) que Deos obrou com seu divino po-
der.

der. Deste successo parece que fallou o Sabio, quando disse: *Hominis est animam preparare: & Domini gubernare linguam*. Arriscar a vida para hum tratado de tanto peso, & tella exposta, & aparelhada á todo successo, para conseguir o intento: *Animam preparare*, he cousa humana, he empresa de homem deliberado, ardiloso, valente, de homẽ homem: *Hominis est*. Porem ter mão na lingua, paraque não falle, não descobrir o segredo, não o fiar de ninguem, nem de seus mais chegados parentes, nem dos maiores amigos: *Gubernare linguam*, he cousa divina, he milagre do Ceo: *Domini est*. Quis Deos mostrar com este silencio tão admiravel, que o Rey acclamado he o Rey prometido, escolhido por elle: que sua feliz acclamação foi mais obra divina, do que industria humana.

Proverb.
16. n. 1.

29 Chegado o tempo da redempção do Mundo, revela Deos á Zacharias por hum Anjo, que em idade tão decrepita, & cahida, qual era a que elle tinha, & sua Esposa S. Isabel, lhe daria o filho, que tanto dezejavão, & com muitas oraçoens, & lagrimas continuadamente lhe pedião: *Ne timeas Zacharia, quoniam exaudita est deprecatio tua: & uxor tua Elisabeth pariet tibi filium, & vocabis nomen ejus Ioannem*. Alegre Zacharias por tão feliz annuncio diz ao Anjo: *Vnde hoc sciam?* Que final terei de haver de conseguir tão grande bem? Responde o Anjo: *Eris tacens, & non poteris loqui usque in diem quo hæc fiant*: Ficareis mudo, nem podereis fallar até isto se cumprir. Mas porque lhe tira a falla por final, que havia de ter tão dezejado, & suspirado filho? Se lhe revela huma merce, que Deos lhe fazia, quando menos a esperava, por ser velho impossibilitado a ter filhos sem milagre, porque no mesmo tempo lhe tapa a boca, & empede a lingua, para que a não diga? Responde S. Pedro Chrytologo: *Vt ex te, & in te credendi regulam consequaris, & vernaculo exemplo, Deum posse, credas, facere, quod promittit*; paraque cresse, do milagre de não poder fallar, o milagre do filho prometido, que havia

Luc.
n. 13.

Ibid. n. 20.

Chrysol.
Serm.
90.

Luc. 1.
n. 64.

Matth. 11
n. 13.

Ibid. n.

14.
Glof. hic.

Luc. 1.
n. 25.

de ter . Grave reposta : com ella declaro o misterio . Era S. João o prometido na ley escrita, o profetizado pellos Profetas, o escolhido por Deos, para apregoar aos Hebreos a vinda do Messias, a redempção do genero humano, a liberdade dos homens . Seu milagroso nascimento havia de dar no Mundo grande brado : *Quis putas puer iste erit ?* Havia de causar aos vizinhos grande temor : *Factus est timor super omnes vicinos* : A muitos alegria : *Multi in nativitate ejus gaudebunt* : A todos admiração : *Mirati sunt universi* . A mão poderosa de Deos se havia de empregar em o emparar, & estenderse sobre elle com particular protecção : *Manus Domini erat cum illo*. Nelle se havia de acabar a ley velha, & as profecias : *Propheta, & lex usque ad Ioannem*. Era o Elias q se esperava : *Et si vultis recipere, ipse est Elias qui venturus est*: Elias na virtude, diz a Glof, não na pessoa : *Elias in virtute, não in persona*. Era o grãde por antonomasia : *Magnus coram Domino*: O maior dos homens : *Nō surrexit maior*. Inalmente era aquelle, que havia Deos de dar à hũa affligida mãy, atenuada dos annos, em quem tinha posto seus divinos olhos, para a livrar da afronta, que padecia, por não ter o filho, de quem tanto necessitava : *Sic fecit mihi Dominus in diebus, quibus respexit auferre opprobrium meum inter homines*. Ahi ! Era pois S. João o prometido por Deos, dado ao Mundo por milagre, quando menos se esperava, o escolhido para empreza tão grande de apregoar aos homẽs sua liberdade, favorecido do Ceo, dotado de tantas prendas : para se crer este parto tão milagroso, & feliz, não achou o Anjo meio mais acertado, nem final mais efficas, nem mais evidente, como o milagre de emmudecer Zacharias, tirandolhe milagrosamente a falla, até se cumprir ; para que do milagre de não poder fallar, creſſe o milagre do filho, que havia de ter, & que o que d'elle havia de nacer, era o escolhido, que tinha Deos deliberado de lhe dar : *Non poteris loqui usque in diem, quo hæc fiant ; ut ex te, & in te credendi regulam consequaris, & vernaculo exemplo Deum passe,*
cre-

credas, facere quod promittit.

30 E he muito para notar o que disse S. Lucas, que tanto que S. Isabel se vio pejada de tão grande filho, se escondeo por cinco mezes, occultando-o à todos: *Occultabat se mensibus quinque*. De modo que S. Isabel o occultava, & Zacharias ainda que o quizesse manifestar, não podia: *Nō poteris loqui*; porque hum parto milagroso, ordenado por Deos, quanto mais estiver secreto, tanto mais será feliz; & o tirar Deos a falla, para se não manifestar antes de soceder, he claro argumento de ser obra divina.

31 Appliquemos este parto milagroso, & feliz de S. João, ao maravilhoso, & politico del-Rey D. João. Parece que foi aquelle huma allegoria muy propria do que neste socedco. Convem no nome, são semelhantes no segredo, se ajustam no tempo, & se parecem nos favores do Ceo. Deu Deos ao Mundo à S. João, quando o Múdo se havia de remir: Para se remir Portugal lhe deu Deos el-Rey D. João. Por cinco mezes teve S. Isabel seu milagroso filho occulto com grande segredo, antes que o parisse: Por outros cinco, antes que publicassem seu Rey, o tiverão secreto os Fidalgos no Reyno. Compadecido Deos de S. Isabel, atenuada já da carga de muitos annos, poz nella seus divinos olhos, para lhe dar hum filho muito antes prometido: *Respexit auferre opprobrium meum*: Os poz tambem em Lisboa, para lhe dar seu Rey prometido: *Respiciet, & videbit* na decima sexta geração atenuada de seus legitimos Reys. Semelhante ao milagroso de S. João este nascimento politico del-Rey D. João, por maravilhoso, & feliz deu mui grãde brado no Mundo: *Quis putas Rex iste erit?* A os vizinhos Castelhanos causou grande temor: *Factus est timor super omnes vicinos*: A os Reys de Europa, grande alegria: *Multi in nativitate ejus gaudebunt*; & à todos geralmente grande admiração, & espanto: *Mirati sunt universi*. A mão de Deos esteve com elle, para o emparar, despregandoa da Cruz: *Manus Domini erat cum illo*. Nelle se cumprirão as

pro-

Matth.

11.n. 13.

Glof. hic

profecias , & pronosticos Portuguezes , & se acabarão as leys dos Reys estranhos : *Propheta , & lex usque ad Ioannem* . He o Elias que havia de vir no anno de 40. He el-Rey D. Sebastião , que se esperava (por mal entendida a profecia) não na pessoa , mas na virtude , no poder , no imperio , na soberania , no mando : *Ipsè est Elias qui venturus est , in virtute , non in persona* : O grande por antonomasia : *Magnus coram Domino* , pela grandeza de seu animo , & favores mui grandes , que teve do Ceo : O maior entre os Reys Portuguezes : *Non surrexit maior* ; porque não houve em Portugal Rey mais dezejado , nem mais procurado , nem acclamado com tantos vivas , nem festejado com tantas veras em todo o Imperio Portuguez , & com tanta felicidade , como el-Rey D. João . Finalmente he o prometido por tantos seculos , o pronosticado com tantos oraculos , o dezejado 60. annos , o escolhido por Deos : *Eum constitues , quem Dominus Deus tuus elegerit* : E para que o creas , não queiras outro final mais que o milagre de o calarem 40. Fidalgos , que tendo-o concebido na mente para o acclamarem , nunca o disserão , mas o tiverão occulto com grande segredo até o parirem : *Non poteris loqui , ut ex te , & in te credendi regulam consequaris , Deum posse facere , quod promittit* .

32 Não quero disputar , qual fosse maior milagre (fallando como já disse menos propriamente) se o silencio de Zacharias , ou o segredo de 40. Fidalgos , porque por si se deixa entender . Muito maior maravilha , à meu ver , foi esta , que aquella . Calar Zacharias até nacer seu filho , que lhe tinha Deos prometido , não foi milagre . Calou , porque não podia fallar . O milagre foi no impedimento , que tinha na lingua , que o Anjo milagrosamente lhe poz , por onde emudeceu : & que hum mudo não falle , não he milagre : não fallou , porque não podia . Porem os 40. acclamadores del-Rey Dom João IV. não eram mudos , tinha cada hum a lingua desempedida , podião fallar , & descobrir o segredo , mas não o fizeram : teve Deos mão nelles , para que o calas-

sem

sem por cinco mezes, até se effictuar: & calarem por tão grande espaço de tempo 40. Fidalgos acclamadores defepedidos na lingoa hum segredo de tanto pezo, huma acclamação tão arriscada, foi maravilha, ou milagre, que Deos obrou, para que cresse o Reyno, & todo o Imperio Portuguez, que o Rey acclamado foi ordenado por elle, & que sua feliz, & glorioza acclamação foi obra sua, muito mais divina que humana.

33 Não nos apartemos do parto de S. João, porque ainda temos nelle que ver. Carregada de annos, & quasi já morta, como disse Chrysologo: *Annoſitate jam mórtua*, concebe S. Ifabel á seu milagroso filho S. João. Observa esta Cócção tão fora de toda a ordem da natureza o Veneravel Beda, & diz, que foi disposição milagrosa do Ceo, ordem divina: *Divinitus eſt procuratum*: que Deos por meios occultos obrasse, que não concebesse, & parisse S. Ifabel á S. João em idade florente, & moça, mas velha, acabada, & consumida dos annos. Deos meu! porque dilataſtes tanto a consolação justa de huma mãy voſſa querida ſerva, em lhe dar hum filho, que todo o tempo de ſua vida vos pedio? Porque não quizeſtes, que moça em idade mais conveniente, & mais propria, o concebesse, & parisse? Responde este grão Padre: *Quatenus inopinato prolis ortu, ipſum donum gratius efficeret*, para que o dom, & merce de hum filho não esperado, dado quando menos o cuidava, lhe fosse mais agradavel. Responde Chrysologo: Para que se espantasse a ordem, que sempre houve na conceição, & no parto, faltasse o costume, se admirasse a natureza, & do apparatus da promessa avultasse a dignidade, & merecimento do hospede prometido: *Stupet ordo, deficit conſuetudo, miratur ipſa natura: & ex apparatu mansionis, hoſpitis meritum, dignitasque innotescit*. Responde mais ao nosso intento, & mais propriamente ao caso o mesmo Sancto: *Ne vel cogitatio ſobolis vlla remaneret, ad id perventum eſt temporis, & attatis, &c. Et tunc totum divinum creditur, cum fuerit nil hu-*

Chryſol.
Serm. 92.

Bed. in
Luc. c. 1.
n. 7.

Chryſol.
Serm. 92.

Idem
Serm. 87.

manum. Quiz Deos (Diz Cryfologo) que S. Ifabel gasta-
da dos annos, propinqua á morte: *Annositate jam mortua*,
& não antes concebesse, & parisse à S. João; para que nem
na imaginação lhe cahisse, poderlhe soceder tão grande bê;
& allí cresse, que a geração concebida, & o parto não tinha
nada de humano, mas era todo divino.

34 Oh Lusitania feliz! O ditosa Lisboa! Quão grandes
eram os vossos dezejões de ter hum parto Real, hum Rey, que
nacesse do voffo proprio seio, para não viverdes sojeita á
Rey estranho. Isto he o que sempre esperastes, & por qué
sempre suspirastes. Mas que o não tivesses, se não quando
já desesperaveis podello mais ter, atenuada com tributos,
consumida com avexaçõens, & redufida com tantas perdas
às portas da morte, em Africa, em Asia, em America, &
ainda no Reyno em Europa pelo espaço de 60. annos, em
que vos faltarão vossos proprios Reys: *Annositate jam mor-
tua*, foi ordem divina: *Divinitus est procuratum*, para que
vendovos depois (como disse o Veneravel Beda) quando
menos o esperaveis, pejada de hum Rey natural, vos fosse,
como em effeito vos foi, este milagroso parto mais agrada-
vel; pois mais agradável vos foi el Rey D. João, que Deos
agora vos deu com tantas prosperidades, que quantos Re-
ys naturaes tivestes no tempo passado: *Quatenus inopinato
prolis ortu ipsum donum gratius efficeret*. Para que (como
disse Chrylologo) palmassem os homens, & o Mundo to-
do se admirasse, vendo tão grande, & milagroso socesso fõ-
ra de toda a esperança: *Stupet ordo, deficit consuetudo, mi-
ratur ipsa natura, & ex apparatu mansionis, hospitii meritũ
dignitasque innotescit*. E por fim dirci com o mesmo San-
cto mais ao ponto do que tratamos, que ordenou Deos, que
por tão largo tempo estivesse Lisboa, & toda a Monarquia
Lusitana opprimida, para lhe dar seu dezejado Monarca;
paraque nem na imaginação lhe cahisse poderlhe soceder
tão grande bem; & allí cresse, não ter este parto feliz, & mi-
lagroso socesso, segundo o noffo modo de entender, coula
algu-

alguma de humano, mas ser todo divino: *Ne vel cogitatio sobolis vlla remaneret, ad id perventum est temporis: & tunc totum divinum creditur, cum fuerit nil humanum.*

35 Todos os Reys são dados por Deos como primeira causa, & os de Portugal com maior titulo, & com special prerogativa, por ser a Monarquia Portugueza Imperio seu. Destes só dous escolheo com particular empenho, à el-Rey D. Affonso o primeiro, & à el-Rey D. João, que festejamos, IV. deste nome. Escolheo à el-Rey D. Affonso por fundador de seu Imperio: Elcolheo à el-Rey D. João por restaurador. Quando escolheo à el-Rey D. Affonso, lhe appareceo crucificado, & lhe deu por timbre de seu Imperio suas sacratissimas chagas: *Insigne tuum ex pratio, quo ego humanum genus emi, compones.* Quando escolheo à el-Rey D. João, lhe mostrou seu absoluto poder, com que apadrinhava sua acclamação, para que fosse feliz, despregando sua mão direita da Cruz à vista de todo povo, final evidente, que a eleição era sua, & a obra da acclamação de seu poderoso braço, mais divina, que humana. O em que reparo he, se escolheu à estes dous Reys crucificado na Cruz para cabeças de seu Imperio, hum para fundador, & outro para restaurador, porque na fundação delle não despregou sua mão direita da Cruz, como fez na restauração? A meu ver serão fumes. Quiz na restauração assegurar a descendencia dos Reys Portuguezes até o fim do Mundo do sangue del-Rey D. João IV. o que não fez na fundação com el-Rey D. Affonso. Na fundação mostrou só dezejo de fundar no Rey Dom Affonso, & seus descendentes o Imperio Portuguez. Mas reparou que se havia de atenuar sua descendencia na decima sexta geração, por consentirem os Portuguezes Rey estrangeiro, à quem passou com lastima o Reyno, & toda a Monarquia. Para Deos remedear esta falta na restauração, despregou sua mão direita da Cruz, estendeu seu braço poderoso, mostrando com esta acção tão portentosa, que nos tirava todo poder, não só para admitirmos em algum tempo Rey

Fr. Bernard. p. 1.
Chron.
de Cister.
lib. 3.
cap. 3.
Vieg. lib.
4 p. 131.
Almeid.
da Re-
stau. de
Portug.
p. 1. c. 5.

Dij

estran-

III.
Parte

estranho, que he o terceiro ponto fundado nas ultimas palavras do Thema: *Non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non sit frater tuus*, mas nem tão pouco Rey Portuguez, se não à el-Rey D. João IV. & seus descêdentes.

36 Sirva para principio de prova a explicação do Thema. Dous sentidos tem estas palauras *Non poteris*, hum positivo, outro privativo. No sentido positivo tem força de preceito, & valem tanto como se dissera: Mandovos, que não façais Rey, que não for do vosso proprio sangue, nem pessoa que não for escolhida por mim, que sou vosso Deos, & Senhor. No sentido privativo tem maior força, porque mostra Deos, q̃ nos tira todo poder (se não quizermos obedecer ao preceito) para acclamarmos Rey, que não for Portuguez escolhido por elle; & neste sentido provarei neste discurso, que no Rey D. João IV. & em seus serenissimos filhos, & descendentes, tem Deos deliberado de restaurar, conservar, & dilatar seu Imperio, tirando á todos o poder para eleger, & acclamar á outrem, que não for do seu sangue.

37 Todo o Reyno de Portugal, toda a Monarquia Lusitana desde que passou á Castella esperou, & dezejou sempre, & ainda espera, & dezeja á el-Rey D. Sebastião, para o acclamar por seu Rey, & Senhor. Cuidavam todos, que ouvesse de apparecer no anno passado de 40. por não entenderem bem as profecias, & os oraculos Portuguezes, agora appellam pela era de 70. se pois o dezejam por Rey, ou he vivo, ou he morto. Se he vivo, porque o não buscam para o acclamar? Porque não vão os Sebastianistas repartidos pelo Mundo procurando por elle até o achar? E se he morto, porque o não resuscitaõ, alcançando de Deos sua resurreiçam, com lagrimas, com penitencias, com muitos actos de virtude? Porque os Sanctos Portuguezes não manifestaõ, se he vivo, aonde està, ou o não resuscitaõ, se for morto? Sabem porque? Porque tem Deos tirado todo poder aos Portuguezes, para ter outro Rey, se não o que elle escolher: & como escolheu para Rey, & restaurador de Portugal no
anno

anno passado de 40. à el-Rey D. João IV. & nelle, & em seus Serenissimos filhos, & descendentes o quer conservar, não se acha Portuguez, nem Sebastianista por fino, & por grande que seja, dentro, ou fora de Portugal, que tenha habilidade, ou poder de dar com el-Rey D. Sebastião, se he vivo; nem virtude, & spirito de o resuscitar, se for morto, por muito que o dezejem, por mais que suspirem por elle. E o que he muito para reparar, & para rir, que muitos dizem, que oviram, & fallarão secretamente com elle, & ninguem teve poder para ter mão nelle, para o acclamar.

38 Todos estudaão, todos revolvem as profecias para saber quando ha de vir a era, & o anno, em que ha de apparecer, & ninguem estuda para conhecer aonde está, se no Cco, ou na terra: se vive com Deos morto ao Mundo, se com Elias vivo no Paraiso terreal, para apparecer com elle lá perto do dia do juizo final, ou (o que he muito certo) nesse mesmo dia, em que todos havemos de resurgir, & apparecer diante de Deos no Valle de Josaphat; porque antes disto não acho profecia que o prometa. Querem ver, que não he elle o prometido na decima sexta geração attenuada dos Reys Portuguezes? Que não he elle o encuberto de Portugal? (Digo de Portugal, porque quanto ao encuberto do Mundo todo, de quem fallam muitos Sanctos, he para mais longe, mui fora dos nossos tempos, depois de muitos seculos de annos, que só Deos sabe, nem se sabe quem ha de ser) do de Portugal prometido na decima sexta geraçam attenuada del-Rey D. Affonso o primeiro, nem he, nem pode ser el-Rey D. Sebastião. Leam as historias sagradas, & profanas, & achareis que nunca Deos escolheu para Restaurador, para Redêptor, & libertador do Reyno, Imperio, ou Monarquia, o mesmo, que a perdeo. Perdeo Adam a Monarquia do Mundo, introduzio nelle a morte, borrou na natureza humana a imagem divina, communicou aos homens seu peccado: pôde elle chorar, & sentir tão grande perda, pôde fazer penitencia de sua culpa, & peccado; mas reparalo, por nenhum mo-

Ifai. 45.
n. 15.

1. ad Cor.
15. n. 45.

do; porque quem não teve virtude para conservar o bem que Deos lhe deu, menos a terá depois de perdido para o recuperar. Foi necessário viesse salvar o Mundo o segundo Adam encuberto: *Veré tu es Deus absconditus, Deus Israel salvator*. Adam da terra o perdeu: Adam do Ceo o remio: *Factus est primus Homo Adam* (dizia S. Paulo) *in animam viventem, novissimus Adam in spiritum vivificantem*. *Primus homo de terra terrenus: secundus homo de Celo celestis*. Perdeo o Reyno de Portugal el-Rey D. Sebastião, foi causa que passasse toda a Monarquia á Castella, de todas as perdas foi elle a origem, por esforçado, & valente foi temerario. Quiz contra o parecer dos Reis de Europa soccorrer em Africa á hum Rey Mouro, & contra os votos de seus Capitães dar batalha com desigual partido, com que perdeu á si, & aos seus, & todo o seu Imperio. Pois se elle o perdeu, não havia de ser elle, qué o ganhasse. Se elle o attenuou moço na flor de sua idade, mal podia ter virtude para o reparar na velhice. Outro havia de ser o restaurador, outro o redemptor, outro o encuberto de baixo das esperanças mal fundadas de sua vinda, el-Rey que festejamos D. João IV. que se não veyo do Ceo, o Ceo no lo deu com tantos vivas para restaurar tantas perdas: *Secundus homo de Celo celestis*.

39 O Principe que libertou seu povo Hebreo, não foi o mesmo, que cõ elle passou cativo á Babilonia. Não foi o mesmo Rey, que perdeu o Reyno de Judea, o que o restaurou, mas outro. Querendo o Propheta Ezechiel muito antes que socedesse a perda, mostrar a restauração nas suas rodas, que vio tão mysteriosas, debuxou tanto ao natural a de Portugal, que parece lhe revelara Deos as esperanças passadas do Reyno, & as felicidades presentes, as lastimas, & as alegrias, a queda, & o levantamento, a sujeição, que chorou, & a liberdade, que festeja, o castigo, com que Deos castigou seus peccados, & o perdam, o Rey perdido causa de suas ruinas, & o Rey ganhado principio de suas venturas. Diz o Texto sagrado, que eram duas, hũa dentro da outra: *Rota in medio*

dirota, com tal artificio (ao parecer do Interprete Salmaticense) que a do meyo com movimento contrario rodava: *Rota in medio rota. Sanè, ut innueretur intra eandem met rotam, aliam simul inverso cursu circumvolvi rotam*. Que misterios são estes? Que quiz o Propheta mostrar com estas rodas tão encontradas no movimento, que no mesmo tempo em que húa decia, a outra, que no meyo se encerrava, hia subindo, & com o mesmo compasso com que húa se precipitava, virando para baixo, a outra virava para riba? Diz S. Justino Martyr, que quiz o Propheta mostrar com a roda que decia o cativo de seu querido povo em Babilonia; & com a que subia a dezejada liberdade: *Ostendit eis Propheta rotam in rota, eis enuntians Iudeorum in captivitate abductionem, & reductionem ad sua*. A roda que precipitada virava, significava o Imperio dos Hebreos, que hia por sua maldade para o caminho de sua perdição, & cativo: A outra que no meyo se encerrava, & com contrario movimento hia subindo, significava a liberdade, que o mesmo Imperio havia de ter. De sorte que quanto húa mostrava hir-se o Imperio acabando, tanto a outra dava esperanças de renacer: Quanto huma ameaçava ruínas, tanto outra segurava bonanças: Quanto a de fora pronosticava perdas, & misérias, tanto a de dentro representava ganhos, & felicidades; porque no mesmo grão estava o decer para sua destruição, & cativo, & o subir para sua conservação, & liberdade. Mas reparaí, que a roda, que virava para baixo não era a mesma, que revirava para cima, mas outra. Não foi o mesmo Principe cativo o libertador de seu povo, o mesmo Rey perdido o restaurador de seu Imperio, mas outro; que quem he causa de se perder hum Reyno, hum Imperio, húa Monarquia, não tem poder para a restaurar.

4o. Verdade he; que o Imperio de Portugal hia de cabeça abaixo com lastimosas perdas, cahindo sempre mais daquelle lustre, & resplendor, daquellas glorias, & grandezas, com que luzia em tempo de seus Reys. Mas no meyo desta

Velasq.
ad Phil.
c. 1. vers.
20. adnot.
Vnic. moral. n. 5.

Iustin.
Mart.
q. 44. ad
fin.

roda, que se precipitava, no meyo de tantas perdas havia outra encuberta, que com movimento contrario subia: *Intra eandem met rotam aliam simul inverso cursu circumvolvi rotam*. De modo que no mesmo grao estava a perda de tão grande Imperio, & a restauração, a queda, & o levantamento, a sojeição, & a liberdade, a morte, & a resurreição. Porque quanto a primeira roda mostrava perderse, tanto a segunda pronosticava ganhar-se: Quanto huma se precipitava para baixo, tanto a outra rodava para cima: Quanto a que se precipitava se hia chegando ao fim de acabar, mostrándose a vltima ruina de Portugal, tanto a que subia chegava ao principio de tornar á começar: E quando já as oppressões, & as perdas pareciam que não podião passar mais avante, se não com sepultarse o Reyno de todo, & estinguirse tão grãdiolo Imperio para sempre, acabou de chegar a roda encuberta de sua restauração, com a acclamação felicissima de hum Rey dezejado, não esperado, encuberto descoberto, que secretamente hia subindo, para lançar mão do Cetro, & da Coroa de seu Imperio, servindo a maior conjução das oppressões, & das perdas, para principio de alivios, & bonanças, de ganhos, & vitorias, de glorias, & grandezas: *Rotæ in medio rotæ: eis enuntians Iudeorum in captivitatem abductionem, & reductionem ad suam*.

41 Felicissimo Rey, por quem a roda inconstante dos Imperios não desce, mas sobe: não vira para baixo ameaçando perdas, mas para riba, prometendo ganhos: não se precipita para se acabar, mas vai subindo para se restaurar. Ditozo Imperio fortificado com húa contra-roda, para que não caya, annunciadora de Cetros, & Coroas, a qual o vay pondo na maior altura, em que se vio em tempo de seus Reys naturaes, por meyo de hum Rey restaurador, que encubertamente lhe trouxe, escolhido por Deos de pois de 60. annos de lastimas, & choros, para nelle, & nos descendentes de seu sangue Real se perpetuar até o fim do Múdo: *Non poteris alterius gentis hominem Regem facere*.

Não

42 Não guardou Deos a Sereníssima Caza de Bragança, se não para nella perpetuar seu Imperio. Nêsse garfo dos Reys Portuguezes, nessa vergontea Real, que parecia, que não podia já brotar hum Rey, mostra Deos ter deliberado restaurar a descendencia Real dos Reys de Portugal. A arvore que sonhou el-Rey Nabuch, disse Daniel, que significava o mesmo Rey, que a vira em sonho. Se fora o sonho no seculo passado, dissera eu, & tivera muitos do meu parecer, que significava a Arvore dos Reys Portuguezes com seu Reyno de Portugal, porque he huma representação do que foi então, & do que agora vemos. Parececolhe á Nabuch ver hũa arvore plantada no meyo da terra: *Videbam: & ecce arbor in medio terræ*, pela grandeza admiravel, no trôco forte, nos ramos estendida, & tam alta, que tocava quasi o Ceo: *Magna arbor, & fortis: & proceritas ejus pertingens Cælū*. Não havia lugar no Mundo, donde não fosse descuberta. Até ás mais remotas partes da terra chegava sua vista: *Aspectus illius erat usque ad terminos universæ terræ*. Era muy fermosa nas folhas, muy abundante nos fructos, em tâta copia, que nella achavam todos que comer: *Folia ejus pulcherrima, & fructus ejus nimius: & esca universorum in ea*. Debaixo de sua sombra se agasalhavão os animacs da terra, & nos ramos cantando os passáros do Ceo: *Subter eam habitabant animalia, & bestiae, & in ramis ejus conversabantur volucres Cæli*. Admiravel sonho, soberana visão, de que ficára el-Rey Nabuch muy alegre, & contente, se o não perturbara o que à traz della yio, & ouviu, sem entender o misterio. Parececolhe que decia do Ceo hum homem Sancto, que com voz tremenda, & espantosa, bradando fortemente, dizia: *Succidite arborem, & præcidite ramos ejus: excutite folia ejus, & dispergite fructus ejus. Verumtamen germen radicum ejus in terra sinite*. E que rematava no cabo: *Et septē tempora mutantur super eum*: Cortai a Arvore com seus ramos, sacudilhe as folhas, tirailhe, & dissipailhe os fructos, porém deixailhe debaixo da terra hũa vergontea de suas ra-

Daniel.
4. n. 7.
ad 14

izes, até se mudarem sete tempos.

Victorin.
lib. 2. de
Erud. p. 1.
c. 24

Lyrano.
hic.

43 Duas cousas para o nosso intento são entre muitas mais dignas de reparo neste sonho tão misterioso, neste misterio tão alto. A primeira de mandar Deos cortar a Arvore Real del-Rey Nabuch, conservando somente hũa vergõtea nacida da raiz. A segunda ter a mesma vergõtea escondida debaixo da terra até se mudarem sete tempos. Ao primeiro reparo respõde Ricardo Victorino: *Vnde possit iterũ reparari, & ad pristinam plenitudinem reformari*: Conservou Deos a vergõtea, para restaurar, & restituir a Arvore cortada da descendencia Real del-Rey Nabuch á sua primeira fermosura. Para o segundo reparo diz Nicolao de Lyra, que sete tempos significão na Sagrada Escritura sete annos: *Septem tempora mutantur, id est septem anni. Per tempus enim intelligitur annus in Scriptura*. Mas não he menos provavel, que os tempos se medem pelas Eras muito mais, que pelos annos: Que o que Deos manifesta haver de socceder neste, ou naquelle tempo, entendese muitas vezes no districto de dez annos, a saber nesta, ou naquella Era. E assi ainda que para el-Rey Nabuch se computarão por sete tempos sete annos, para a allegoria se podem entender sete Eras, cada hũa de dez annos. E neste sentido se explicão pelos Interpretes sagrados, & profanos muitas profecias do que ha de socceder. Agora pergunto: Se mãdou Deos cortar a Arvore da descendência Real del-Rey Nabuch por seus peccados, porque lhe deixa enterrada huma sô vergõtea para a reparar? E se quiz com huma sô vergõtea reparar toda a Arvore cortada, porque quiz que naceſse da raiz, & não do tronco, dahy á sete tempos, & não antes? Para a letra do Texto não faltão repostas muy profundas dos Sagrados Expositores, & para a Pessoa Real de Nabuch muito declarou o Propheta Daniel. Mas para a allegoria, & acómodação do que festejamos, só com os soccessos de Portugal se pode com propriedade responder à estas duvidas.

44 Arvore grandiosa he a dos Reys de Portugal. A plátou

tou Deos no meyo do Reyno no campo de Ourique, quando fundou o Imperio Portuguez nel-Rey D. Affonso o I. forte no tronco pela fortaleza de suas armas, & valor de sua pessoa : grande nos ramos pela descendencia dos Reys : levantada á tanta altura, que tocava ás Estrellas pelo luzimêto de seus arrayaes, & pela fama de tantas, & tão gloriosas victorias, & façanhosos soccessos. Era esta Arvore Real vista, & admirada das mais remotas partes do Mundo, nas Conquistas de Asia, de Africa, de America, & de Europa : fermosa nas folhas de tantos Estandartes Reaes, & Bandeiras, com que atravessou o Mundo, navegando muytos mares, descobrindo novas terras, senhoreando novos Imperios, rêdendo, & avassallando muitos Reys, & sejeitando á si, & ao Imperio de Christo muitos povos : Rica pelos frutos, comida de toda Europa, & quasi de todo o Mundo, pela cantidade grande das Drogas, & abundancia dos assuccares, que trazião as Naos, & as frotas todos os annos da India, & do Brasil. Debaixo de sua sombra vivião no Oriente muitos Reys Mouros, & Gentios, reduzidos à Fê Catholica, & no Occidente muitos povos, que vivendo dantes como brutos, agora vivem como Christãos : E finalmente nos ramos cantando muitas victorias passavão a vida muy alegres seus vassallos Portuguezes.

45 Cortouse (ahy desgraça, ahy pena, ahy perda, ahy castigo) Cortouse esta Arvore nel-Rey D. Sebastião. Cortouse o tronco com seus ramos. Não houve del-Rey D. Sebastião descendente. Perdeose em Africa, & se perdeu o Reyno, sem deixar húa vergontea de seu sangue, hum filho, que socedesse ao Reyno, & à Coroa ; mas só hum tronco velho de seu Tio, o Cardeal Rey D. Henrique, por cuja morte passou o Reyno à Castella, com que perdeu esta Arvore Real a fermosura de suas folhas, o lustre, & resplandor de seus Estandartes, & Bandeiras com as muitas perdas de Exercitos, & Arrayaes, de Terras, & de Praças, de Reynos, de Armadas, & de Naos, & os muitos fructos, com que apas-

para fahir com maior exercito, se quizeffe, & seguir os Hebreos até o mais intimo do deserto, aonde achando-os cansados de tão larga jornada, & mal providos de agoa, & de mantimentos, lhe seria facil sojeitalos. Com tudo começarão logo os Hebreos á festejar, á tãger, & cantar: *Cantemus Domino: gloriosè enim magnificatus est*. Hebreos, para que tantas festas, para que tanto cantar? O Reyno do Egypto he grande, conthem muitas Províncias, está muy povoado de gente, pode armar muitos soldados, por em campanha muitos exercitos, seguirvos, & acometervos com grãde poder até dentro do deserto, & destruirovos com suas armas, para que tanto cantar? para que tantas festas? *Cantemus Domino*. Muitas são as rezoens. A que parece mais litteral, foi a perda do inimigo: *Equum, & ascensorem dejecit in mare*. Mas eu não o entendo assi; porque festejar direitamente a perda do inimigo, não he virtude, mas vicio, & peccado contra a charidade, que não se presume de hũa pessoa tão sancta, como Moyses, que foi o principal author da festa, o primeiro, que câtou para louvar á Deos: *Tunc cecinit Moy* Ibid.
ses. Indireitamente si, pode-se festejar o bem, que da perda do inimigo resultou. A meu ver festejarão, tangerão, cantarão, porq̃ estavam certos de haverem de conservar para sempre a liberdade, que alcançarão, emparados de Deos, que pugnava por elles. Tinha-lhes dito Moyses: *Egyptios, quos nunc videtis, nequaquam ultra videbitis usque in sempiternum: Dominus pugnabit pro vobis*. Exod. 14. n. 13. Não tam sômentê conservareis a liberdade, que lograes, mas nunca mais vereis os que vos tinhamão tão cativos; porq̃ Deos está da vossa parte, pelejando por vós. Com essa mesma confiança, muy certos de sua conservação pela facilidade, & felicidade cõ q̃ acclamarão á seu Rey, & polas victorias, q̃ atégora tiverão, pugnãdo Deos por elles, tãgê, soão, & câtão os Portuguezes.

51 Quizera a charme em Lisboa, para ouvir suas cantigas. Serão, naõ duvido, de muitos louvores á Deos, como catholicos agradecidos, que lhe rendem muitas graças, por

Exod.
15. n. 1.

Ibid.

Exod.
14. n. 13.

torno á minha proposição, que nel Rey Dom João IV. & seus descendentes, se ha de conservar para sempre o Reyno : *Non poteris alterius gentis hominem Regem facere.*

53 Raro he o prodigio, que de Portugal escrevem : Que na aclamação del-Rey appareceo no meyo da Lua a figura de hum Anjo com o Santissimo Sacramento na mão, que o dava a hum homem armado, posto diante delle de joelhos. Não approvo esta appareição por milagrosa ; nem a reprovo . Escrevem-na por couza certa , de que se fizerão hús auctos com muitas testemunhas dignas de fée. Supposto ser assi , como piamente podemos crer , infiro desta appareição tão prodigiosa a perpetuidade del-Rey acclamado , que nelle , & em seus descendentes quer Deos perpetuar o Imperio Portuguez.

54 Não he pequeno o gosto , que tenho de estabelecer este ponto com o Santissimo Sacramento , por me abraçarem as entranhas de dezejo , de que todos frequentem a sagrada Comunhão . Dous filhos teve o Sancto Patriarcha Maac herdeiros de sua casa , Esau , & Jacob . A ambos lançou por sua morte a benção , herança , que muito mais , que os bens temporaes devem de estimar os filhos de hum pay sancto . A Esau , que era o mais velho , disse : *Vives in gladio* : Viveràs com a espada na mão ; & o motivo desta benção , diz Lyrano , foy enxergar nelle brios de soldado , ver que era homem guerreiro inclinado á milicia , & á guerra : *Quia fuit homo bellicosus* . A Jacob mais moço , disse : *Det tibi Deus de rore Cali , & de pinguedine terra abundantiam frumenti , & vini* : Vos dê Deos com grande abundancia trigo , & vinho . Quem não julgàra a sorte de Esau por melhor ? Quem não estimàra a benção , que elle teve , por mayor ? Quem não se prometera com a espada na mão armado no campo , fazendo guerra aos mais poderosos Reys , & Monarcas da terra com victorias , & vivas , *In gladio vives* , hum Monarquia muito grande , hum Imperio muito firme ? E pelo contrario quem não diffêra , que ao mais moço Jacob

Gen. 27.
n. 40.

Lyrano
hic.

Gen. 27.
n. 28.

Gen. 49.
n. 10.

deixasse quando muito os alimentos para sustento seu, & de sua casa, ainda que abundantemente: *Abundantiam frumēti, & vini*? Com tudo não foi assy, porque Esau foi de peyor sorte, sua casa foi sem firmeza, seu Imperio sem duração. Não assy Jacob. Com a benção que teve no trigo, & no vinho, alcançou de Deos hum Imperio tão grandioso, & tão firme, que nunca até á vinda de Christo, perdêrão seus filhos, & descendentes o Cetro, & a Coroa: *Non auferetur sceptrum de Iuda, & dux de femore ejus, donec veniat qui mittendus est*. Donde pois effeitos tão encontrados, que com as armas apadrinhadas com a benção de hum Patriarcha Sancto não tivesse firmeza a Casa de seu filho mais velho Esau, & que com o trigo, & vinho alcançasse Jacob filho mais moço hum Imperio perduravel?

Arist.

55 Direi (& parece a reposta litteral) As armas se conquistão Reynos, se acrescentam os Imperios, se estendem as Monarquias, tambem as combatem, as vencem, as sojeitam, & perdem. E se he verdade o que disse o Philosopho, que *Nil violentum durabit*: que nenhuma couza feita com violencia, & com força he de muita dura, como podia durar por largos tempos a Casa de Esau, que não tinha outra firmeza mais que no fio da espada, na força, & violencia das armas? *Vives in gladio*. Mas o trigo, & o vinho, em que teve Jacob a benção de seu pay, era figura do Santissimo Sacramento, que sem forza, & sem violencia, sem fangue, & sem morte, não sò he poderoso para conquistar Reynos, render Provincias, avassallar povos, senhorear, & domar as mais barbaras naçoens, & sojeitar (como disse S. Augustinho) o Mundo todo: *Sacramento Corporis Domini subjugatus est mundus*; mas para se conservar hũa Casa Real, estabelecer hum Reyno, firmar hum Imperio, para que não caya, perpetuar hũa Monarquia, não ha meyo mais afficaz, nem armas mais fortes, & mais poderosas, que este divino trigo, & preciosissimo vinho, se os Reys, & seus vassallos se valerem delle por meyo da sagrada Comunhão, se frequen-

August.
lib. 1. ad
Januar.

tarem

tarem o culto devido à tão alto Sacramento, & comungarem muitas vezes.

56 Hum, & outro poder explicou bellamente Isaac nesta sua benção. Explicou-o primeiro, quando disse à seu filho Jacob: *Det tibi Deus de rore Celi, & de pinguedine terræ abundantiam frumenti, & vini.* Deos vos dê, filho, com abundancia trigo, & vinho. Misticamente quer dizer: Deos vos dê em lugar de armas muitas Comunhoens: *Abundantiam frumenti, & vini.* E que se seguirá? *Et serviant tibi populi, & adorent te tribus: esto Dominus fratrum tuorum;* porque por este meyo muito mais que com as armas de ferro, & aço, que o tempo, & a ferrugem consome, & a violência, & a força, que consigo trazem, enfraquece, servivoshão os povos da terra, adorarvoshão as Tribus, fereis senhor de vossos Irmãos. Eis aqui o poder do Santissimo Sacramento, os effeitos da sagrada Comunhão, quam grandes são, & quam infalliveis. Explicou tambem o poder das armas ser muito inferior à do Santissimo, quando pedindo-lhe Esau com muitas lagrimas a benção, lhe disse: *Fumento, & vino stabilivi eum, & tibi post hæc, fili mi, ultra quid faciam?* Tenho estabelecido a Casa de vosso Irmão: mais moço Jacob no trigo, & no vinho do Divinissimo Sacramento, para que nunca acabe, mas esteja sempre em pè, & dure eternamente: E firmeza mayor do que esta, duraçam mais certa, & segura, não a ha; porque he tam grande, que he O *Non plus ultra* das firmezas, O *Non plus ultra* da duração: *Et tibi post hæc, fili mi, ultra quid faciam?*

Gen. 27.
n. 28.

Gen. 27.
n. 37.

57 Nam quero dizer o que alguns dizem, levados do affecto de seu Rey, & de humas prophecias explicadas à seu modo, que antes que se cumpram, mal se entendem: Que Portugal será senhor de Castella: que cabeça da Monarquia de Hespanha será Lisboa; porque adivinhar o que ha de ser he couza muy arriscada, sem embargo de ter nesta benção não pequeno motivo para o cuidar nas palavras, que disse Isaac à Esau, quando lhe pedio sua benção: *Dominum tu-*

Ibid.

um illum constitui, & omnes fratres ejus servituti illius subjugavi: frumento, & vino stabilivi eum: Tenho feito á vósso Irmão Jacob Principe, & senhor vósso, & os mais Irmãos seus sojeitei à seu mando, & Imperio com a benção, que lhe dei no trigo, & no vinho. Mas digo, que do Sancto Rey Dom Afonso primeiro de Portugal, se originaraõ dos Irmãos em quarto grão pella linha feminina, hum mais velho que outro, El-Rey Catholico D. Phelippe IV. de Castella, mais velho, & El-Rey D. João IV. de Portugal mais moço, mas cõ diversa bêçam; porq̃ a Casa Real del-Rey D. Phelippe teve a benção do Ceo na espada: *Vives in gladio:* Que não sem cauza se pinta o bravo Leam de Castella cõ a espada na mão, com que tem feito guerra ao Múdo todo, & estendido seu Imperio, & Monarquia com as victorias tam grandes, que teve, do Oriente ao Occidente, do Norte ao Sul, por maneira que leva ventajem na grandeza á dos Romanos: E na força da espada, ainda que abençoado por Deos: na violencia das armas, ainda que victoriosas: no sangue do inimigo, ainda que rendido, & sojeito, não tem os Imperios, & Monarquias muita firmeza, não são de muita dura, mas de tam pouca, que todo o tempo que durarem mais que a vida de hum homem: *Vives in gladio*, parece particular merce, & favor do Ceo. Porém o nossõ felicissimo Jacob, El-Rey D. João IV. teve sua benção no trigo, & no vinho, no Divino Sacramento, que os Anjos lhe trouxeraõ do Ceo no meyo da Lua, que he a mayor, que pôde haver, O *Non plus ultra* das benções, poderoso para conquistar Reynos, & Imperios, & conservalos até o fim do Mundo: *Frumento, & vino stabilivi eum: & tibi post hæc, fili mi, ultra quid faciam?*

§8 Esta mesma firmeza, & duraçaõ mostrou Deos no primeiro dia de Dezembro do anno passado de 40. com a paz, & quietação, com que ordenou hũa acclamação tão grande, tão feliz. Diz Christo em S. João fallando aos Hebreos: *Nunc judicium est mundi: nunc Princeps bujus mundi*

Joan. 12.
n. 31. &
32.

di

di ejicietur foras : He já chegado o tempo, em que o Principe do Mundo Lucifer será lançado fora : *Et ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum* : E se eu for levantado da terra, trarei tudo a mim, os animos, os corações dos homens, o Mundo todo. Chega o tempo do levantamento, que Christo havia de ter, & logo Pedro armado para lhe acudir no Horto de Getsemani, vendo que se chegava hum esquadrão de soldados, governado por Lucifer contra Christo, ardiloso, & valente puxa por huma faca, ou espada, que tinha, & endireita com o servo do Principe dos Sacerdotes, que por levar a lanterna, marchava na vaôguarda diante de todos, & lhe corta huma orelha. Diz Christo : O Pedro, nem tantas valentias. Sahiste comigo à este Horto, para te fazeres valentão ? *Converte gladium tuum in locum suum* : *omnes enim qui acceperint gladium, gladio peribunt* : n. 52. Matth. 26.
Poem tua faca em seu lugar, mette essa espada na bainha, porque todos que a tomarem na mão para ferir, & matar, com golpe de espada morrerão.

59 Como assi ? Não disse Christo à S. Pedro, & aos mais Apostolos em S. Lucas, fallando deste levantamento : *Qui non habet, vendat tunicam suam, & emat gladium* ? Quem n. 36. Luc. 22.
não tiver com que, venda a capa, venda seu pelote, & compre huma espada ? Não respondeo aos Apostolos, quando lhe disserão : *Domine ecce duo gladij hic* : Senhor eis aqui duas espadas, estamos prestes para vos acclamar, & levantar por nosso Rey : *Satis est*, bastaõ ? Pois como agora reprehende à S. Pedro por se valer de huma dellas, para lhe acudir, & lhe valer neste seu levantamento ? *Converte gladium tuum in locum suum*. Responde Ponferradiense, que Christo neste seu levantamento queria fazer à S. Pedro perpetuo Senhor, & Monarcha do Universo quanto ao spiritual : & huma Monarquia fundada com armas, com sangue, & morte não póde durar muito tempo ; mas fundada com paz, & quietação, durará eternamente ; por tanto diz à Pedro, que senão faça valentam, mas que metta a espada à seu
Ibid. n. 38.

Ponfer. in lugar: *Converte gladium tuum in locum suum. Loquitur ad*
 Evang. *Petrum* (diz este Doutor) *ut fundatorem Christiani Impe-*
 Hist. l. 14. *rij; quasi dicat generalissimam, & verissimam legem á Deo*
 c. 2. §. 17. *latam in omnia mundialia Imperia, quæ ubi non habent ali-*
ud fundamentum, quam fundamentum gladij, & sanguinis
effusi, sic tremula sunt, & sub gladio vivunt, & tandem fini-
untur. Vnde Petrus fundator æterni, & duraturi regni, non
gladios exerat, sed retia laxet.

60 Vamos à Portugal. Era chegado o tempo, em que se havia de julgar o Reyno de Portugal, para se dar à seu legitimo Senhor: *Nunc judicium est mundi: Nunc judicium est Regni.* Era chegada a hora, em que havia de ser lançado fora o Principe, que o possuia: *Nunc Princeps hujus Regni ejicietur foras:* E devia dizer consigo-mesmo el-Rey Dom João: *Et ego si exaltatus fuero á terra, omnia traham ad me ipsum:* E se eu for levantado, se eu for acclamado por Rey, trarei em meu favor o Mundo todo. Armase para este effeito a Cidade de Lisboa. Nella havia muitos pela pate do Principe, que havia de ser lançado fora. Succedem duas mortes: *Ecce duo gladij hic:* Eis aqui duas espadas, eis aqui duas mortes. (Digo duas, huma do Corregedor, outra do Secretario, porque a morte do Tudesco alabardeiro não foi com deliberação, como a do Secretario, nem por fazer as partes de Castella, como foi a do Corregedor, mas por desastre.) Diz Deos, diz Christo, basta, *satis est*, basta: Tudo o mais seja paz, tudo o mais seja quietação; porque no Rey Dom João IV. quero fundar hum Imperio feliz, que dure até o fim do Mundo: & hum Imperio fundado com armas, com sangue, & mortes, não pòde durar muito tempo, mas fundado com paz, & quietação, durará eternamente: *Loquitur ad Petrum, loquitur ad Serenissimum Regem nostrum Ioannem, ut fundatorem æterni, & duraturi Imperij.*

61 Nem he menos para reparar, para prova desta firmeza, buscar o Reyno de Portugal à seu legitimo Rey, & não el-Rey à seu Reyno. Diz Christo na Oração do *Pater noster,*

ster, segundo explica o Beato Lourenço Justiniano, que peçamos ao Eterno Padre, que nos venha buscar o Reyno do Ceo *Adveniat Regnum tuum*: Senhor venha o Reyno do Ceo buscarnos. O mesmo Senhor fallando de S. João o Precursor, diz: *Adiebus autem Ioannis Baptiste usque nunc regnum Calorum vim patitur, & violenti rapiunt illud*: Delde S. João para cá o Reyno do Ceo padece, & padecerá muita força, & sòmente os que lhe fizerem violencia, o levarão. Muy encôtradas parecem estas Esçrituras; porque se quer Christo q̃ peçamos, que o Reyno do Ceo nos busque: *Adveniat Regnum tuum*, como diz q̃ he necessário fazerlhe muita força, & violêcia para o alcãçarmos? Pello Reyno do Ceo (deixâdo por agora o sentido litteral) por modo de fallar acomodado ao q̃ tratamos, podemos entender o Reyno de Portugal, Reyno do Ceo, pellas felicidades que gozão nelle os naturaes, & prosperidades com que o favorece o Ceo, Reyno que Christo escolheo para si, & fez seu Imperio gloriozo: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire*. Venha pois este Reyno buscar seu legitimo Rey, & não vâ El-Rey buscar seu Reyno. Venha o Reyno de Portugal buscar à El-Rey D. João, & não El Rey D. João buscar o Reyno de Portugal: *Adveniat Regnum tuum*, porque ao depois como El-Rey D. João o tiver, como El-Rey D. João o possuir: *Adiebus Ioannis*, he impossivel poder-se mais tomar, he impossivel, que passe outra vez a Rey estranho: *Adiebus Ioannis Regnum Calorum vim patitur*.

62 Dirmcheis: Esta esçritura parece que prova o contrario do assumpto; porque prova que desde El-Rey D. João começará o Reyno de Portugal à padecer muita força, & com violencia será tomado: Porque diz: *Regnum Calorum vim patitur, & violenti rapiunt illud*. Devagar, não desconfieis, porque prova o que disse, & mais ainda a maior cousa que podemos desejar. Esta esçritura litteralmente fallado Reyno do Ceo, a saber do Empireo. Pois pergunto: Qual he a força que padece o Empireo desde S. João para cá?

Laur.
Justini.
hic.

Matth.
6. n. 10.

Matth.
11. n. 12.

Vicg. l. 4.
pag. 132.
Almeid.
da Re-
staur. de
Portug.
1. p. c. 5.

Matth.
11. n. 12.

cá? Qu il he a violencia, que lhe fazemos para o levarmos? Por ventura armados de ferro, & aço acometemos seus muros, para ficarmos senhores delle, lançando fora à Christo que he seu verdadeiro senhor, & legitimo Rey? Não. A força que padece, as violencias, com que o levamos, he de petitorios, & rogos, de orações, & intercessões, com que pedimos à Christo nos admita no seu Reyno por servos seus, & vassallos, para nelle eternamente o servirmos. Não he assi? Esta he a força que padece o Reyno do Cco: esta he a violencia com que o levamos desde S. João para cá. Semelhante à esta he a força, & violencia, que padece, & padecerá o Reyno de Portugal desde El-Rey D. João IV. Muitos haverá de todas as Nações de Europa, que com petitorios, & humildes rogos lhe farão força, & violencia, para serem admitidos por servos, & vassallos de tão generoso, & magnanimo Rey, & de seus Serenissimos filhos, & descendentes, como promete o papel, que se deu à Serenissima Senhora Infanta Dona Maria filha del-Rey Dom Manoel, o qual depois de pronosticar o que já se cumprio, a perda del-Rey D. Sebastião, a sujeição de Portugal à Rey estranho, os vexames, & misérias que tem padecido, & a aclamação prodigiosa, que festejamos, com outras felicidades do Reyno, diz no cabo: *Que será envejado das outras Nações, desejando cada estrangeiro ser hum dos Portuguezes.*

Almeid.
da Re-
stau. de
Portug.
p. 1. c. 26.

63 Eu não tenho necessidade de fazer esta força, & violencia à S. Magestade de petitorios, & rogos, para ser admitido por seu vassallo; tão pouco os meus Religiosos, que aqui estão, porque já o somos, & o mandarme esta Nobre Cidade, que neste dia em presença do Excellentissimo Senhor Viso-Rey deste Estado Conde de Aveiras, do Illustrissimo Primás, do Reverendo Cabido, & de toda esta Illustre Fidalguia, & Povo, fesseje em acção de graças sua felicissima aclamação, foi não sò admitirnos de novo por Portuguezes no animo, & no affecto, mas declararnos publicamente por taes. E assim já não nos chameis Estrangeiros, pois se o

não

naõ fomos nas obras, por cuja causa fialtes de mim cousa tão alta, he razãõ que tambem vós por obra nos aceiteis por Portuguezes, favorecendonos com animo grandioso, & procurandonos de S. Magestade as mesmas merces, que faz a seus vassallos.

64 E se á Divina Providencia attribuiestes dispor as couzas de maneira, que com modos naõ imaginados fosse eu cõvidado a fazer este Sermão, quando muitos o pretendiaõ, & procuravaõ por muitos meys, que por Portuguezes eraõ julgados mais a proposito, naõ vos pareça que naõ fosse cõ muita conveniencia, & razãõ; porque convinha, que as obras mais grandiosas da Divina Providencia, como foi esta milagrosa da aclamação del-Rey Nosso Senhor, fossem celebradas pelos filhos della, pelos Religiosos, digo, da Divina Providencia, Theatinos verdadeiros, que debaixo de seu patrocínio vivem com regra de pobreza a mais estreita, desapegados de bẽs temporaes, izentos de ambição, & cobiça de adquirir, & de tudo que cheira á fazendas, ou rendas, & o que mais espanta, de esmolas procuradas, para delles se escolher Prégador que fosse vossõ Irmão em celebrar esta obra sua, em occasião que por Irmão o aceitasseis, & por tal o tivesséis.

65 Quasi todos os attributos Divinos concorrerão á obra da aclamação de S. Magestade, que Deos guarde: A Justiça, dando o Reyno á seu Rey: A Misericordia compadecendose delle, & aliviando-o das muitas, & grandes misérias, em que se achava: A Omnipotencia tirando-o com tanta facilidade das guerras do bravo, & fortissimo Leão de Castella. Porem o em que nella mais resplandece, & á quẽ se deve a gloria de toda a obra, foy o da Providencia. Assi o disse Deos por hum servo seu Ermitam tanto de antemão ao Santo Rey D. Affonso Henriquez, revelação que com todos a saberem, he força repetila muitas vezes: *Dilectus* *Domino, posuit enim super te, & super semen tuum post te* *oculos misericordiae suae usque in decimam sextam generationem,*

Viegas
fol. 116,

nem, in qua attenuabitur proles; sed in ipsa attenuata ipse respiciet, & videbit. E quer dizer: *Respiciet, & Providebit.* Olhará o Senhor pela decima sexta geração attenuada, & terá providencia della. Tambem o Mundo, & tudo quanto Deos tem criado, debaixo de sua Divina Providencia se conserva. Mas o em que se mostra maior, he a minha Sagrada Religião, a primeira que ouve na Igreja de Deos de Clerigos Regulares, vulgarmente chamada dos Theatinos da Divina Providencia. Porque desde o anno de 1524. em que foi fundada, & confirmada no mesmo anno pello Sancto Padre Clemente VII. a sustenta, & conserva com milagre, que continuadamente obra, sem bens de raiz, & sem rendas, que por nenhum titulo pôde ter, & sem pedir esmolas (que nem tão pouco pôde pedir por grandes necessidades, que padeça) mas somente com as esmolas, que os Fieis lhe daõ inspirados internamente de Deos sem serem requeridos. Affi! Foi pois milagre da Divina Providencia a aclamação de sua Magestade! He milagre da Divina Providencia a conservação da primeira Religião, que ouve de Clerigos! Debaixo de sua Divina Providencia conservou sempre Deos os descendentes do Sancto Rey D. Affonso Henriques até á decima sexta geração, para nella dar à Portugal Reys Portuguezes até o fim do Mundo! Debaixo de sua Divina Providencia conservou tambem até hoje, & conservará para sempre para gloria sua com tão grande maravilha, & espanto os Religiosos Theatinos! Seja pois o Prégador desta aclamação milagrosa hum Theatino da Divina Providencia, porque as obras milagrosas da Divina Providencia convem que sejam celebradas por hum Prégador filho de hũa Religião, que a mesma Providencia Divina debaixo de seu patrocínio milagrosamente conserva, & sustenta.

66 Mas perguntarmeheis: Se a obra da aclamação foi em Lisboa: Se a successão dos Reys Portuguezes até o fim do Mundo ha de ser em Portugal: Se lá no Reyno defende Deos elegerse em algum tempo Rey, que não seja nosso ir-

mão:.

mão: *Non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non sit frater tuus*; como a Divina Providencia mandou seus Religiosos à India para celebrar esta obra sua? Mais á propósito, & muito mais acertado era mandalos primeiro à Lisboa. Parece a vossa pergunta fundada em bom discurso. Com tudo direi, o que nisto entendo. Portugal antes q̃ a Divina Providencia lhe desse o Rey Portuguez, que esperava, estava avexado, mas não perdido. Pelo contrario a India, que o dezejava, estava não só avexada, mas ainda quasi perdida. O inimigo de Europa Ingrez, & Olandez, não acometeo o Reyno para o destruir, mas batalhou na India para a acabar. O Rey Catholico de España avexava o Reyno, & com elle a India, que do Reyno depende: E dandonos a Divina Providencia Rey Portuguez, acabou tudo, acabarão no Reyno as avexações, & na India as avexações, & as perdas. Quem pois recbeo beneficio maior, o Reyno, ou a India? Sem duvida a India, que por avexada, & perdida, sojeita á Castella, se vio de todo alenrada, & ganhada, restituida à Portugal. Começou á viver, quando cuidava de morrer, & no mesmo tempo em que lhe parecia, que acabava có a perda de Ormuz, de Malaca, de Galli, & de outras muitas Praças, de que se temia, renaceo com as felices novas de seu Rey. Não assi Portugal, que conservou sempre a vida, & o ser, ainda que debaixo do jugo Castelhana, que não podia soffrer. De maneira que maior foi o beneficio, que da Divina Providencia recebeo a India na aclamação de Sua Magestade por avexada, & perdida, do que recebeo Portugal só por avexado. Se pois foi maior, era razão que fosse a primeira em se lhe mostrar agradecida, a primeira em lhe reder as graças, a primeira em aceitar seus filhos por Irmãos, emfim a primeira em procurar de Sua Magestade as licenças para se edificar nesta Cidade em acção de graças hum Templo á Divina Providencia, para nella renovarem seus filhos todos os annos a memoria desta tão feliz aclamação, & rogarem à Deos Nosso Senhor, para que tenha particular providencia

videncia do Imperio, & Monarquia Lusitana até o fim do Mundo, para nos dar sempre Reys Portuguezes, com gloriosa successão da mesma Caza Real.

67 Outra razão se me offerece, que mais ha de contentar, & parece vem mais à proposito. Dous Fundadores, (como já sabeis) teve a minha Sagrada Religião, que ambos com outros dous companheiros em hum mesmo tempo a fundarão, com titulo de Clerigos Regulares debaixo da Divina Providencia, Illustrissimos por sangue, & por letras, & muito mais por virtude, & sanctidade, que nelles resplandece: O Sancto Arcebispo Theatino D. João Pedro Carafa, que ao depois assumpto ao Pontificado, se chamou Paulo IV. de quem se derivou à seus Religiosos o nome de Theatinos, que o vulgo por encarecer a virtude de outros no habito mui semelhantes, qñe muitos annos depois da nossa Sagrada Religião fundada, começarão a resplânder na Igreja de Deos (como podeis ver no Pontifical) chamarão em Hespanha, Theatinos. O outro Sancto Fundador, foi o Bemaventurado S. Caetano Thieni. Deste não fallo de presente o muito que desejou à Coroa de Portugal, & o amor que tinha aos Reys Portuguezes de seu tempo. Sò fallo do Sancto Arcebispo Theatino nosso Sancto Padre por dous titulos, de Fundador, & de Summo Pontifice Romano, chamado por antonomasia O Zelador, & o Elias da Ley da graça, pella vida austera, & pelo zelo grande, que sempre teve, sendo Bispo, Religioso, Cardeal, & Papa, da honra, & gloria de Deos, do augmento da Sancta Fé Catholica, & da reforma dos costumes: que por essa razão pintase com as mesmas palavras, que dizia o Sancto Propheta Zelador Elias: *Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum.*

68 Foi pois este sanctissimo Fundador muy grande protector da Coroa de Portugal, & a favoreceo, quanto pode sendo Papa: & foi tambem pay vosso tão amorozo, & tão zelador do vosso bem spiritual, do augmento destas Christandades, & melioramento destas Conquistas, que por vosso

Pontif.
p.2.

3. Reg. c.
19. n. 10.

vosso amor tratandovos como filhos obedientes, á instancia del-Rey Dom João III. no cabo de sua vida, & del-Rey D. Sebastião no principio de seu Reynado, fundou esta Sê de Goa, eregendo-a em Arcebisado, & Metropole de todo este Oriente, como podeis ver no livro dos Breves, que nesta mesma Sê se conserva, & fundou tambem os Bisposados de Cochim, & de Malaca, como refere o Padre Mestre Frey Ignacio Galvão vossô Portuguez com huma breve relação de sua sancta vida com estas palavras: *Paulus IV. Pontifex Maximus Neapolitanus, antea Ioannes Petrus Carafa dictus, Ordinis Prædicatorum institutum in ipsa pueritia petijt. Hinc tamen à parentibus optimo proposito reclamantibus vi abductus, missusque ad Archigymnasia frequentiora Italiae litteris instituendus, Sacrae Theologiae palmam retulit, Latinis, Græcis, ac Hebræis litteris apprime doctus. Cumque ejus apud Pontificem splendor plurimum fulgeret, Archiepiscopatu Theatino ab eo donatus est. Spretis tamen mundi oblectamentis, Insulas Episcopales reliquit, contemplationique addictus, novum Collegium Patrum Theatinorum, à Theate oppido sic dictorum, instituit. Demum Pontificijs litteris Pauli III. Romam evocatus, Cardinalisque Presbyter tituli S. Clementis designatus, Marcello II. successit anno Domini 1555. Kal. Julij. Cui solemnni Decreto S. P. Q. R. Statuam marmoream in Capitolio in initio statim illius Pontificatus erexit. Multa edicta tulit ad reparandam Ecclesiae disciplinam. In India Orientali, Portugalliae Regis precibus adductus, Ecclesias Malachinensem, & Cochinensem Metropolitanas instituit, &c.* De maneira, que o Sanctissimo Pontifice Theatino Paulo IV. assim como foi nossô Pay por do-
us titulos de Fundador, & Papa, assim o foi vossô, não só como Pay universal, que como Papa era de todos os Christãos da Igreja Catholica, mas como Fundador de tres Igrejas Metropolitanas, que vos deo, & fundou nestas Conquistas. Era pois razão, que antes que fossem seus filhos Religiosos Theatinos à Lisboa, passassem à India, para se abra-

Livro dos Breves f. 22.

Ignat. Galu. tom. 1. disc. var. l. 2. c. 8.

çarem , & unirem com seus Irmãos Portuguezes , com vosco digo , filhos de hum mesmo Padre Sancto , & que por Irmãos os recebesse , & tivesse esta Nobre Cidade , o Reverendo Cabido , esta Illustre Fidalguia , Nobreza , & Povo , para celebrarem com vosco a acclamação felicissima de S. Magestade , favorecidos , & emparados pelo Excellentissimo Senhor Vizo-Rey deste Estado , & pelo Illustrissimo Senhor Arcebispo deita Sè Primás da India.

69 Demos pois muitas graças á Divina Providencia , & á Mãy della a Virgem Maria Senhora Nossa , por quem despacha Deos as merces , que nos faz , por tão grande beneficio de nos ter dado Rey Portuguez , por quem chorámos , & suspirámos sessenta annos. Roguemoslhe , que a redempção de Portugal , obrada por tão justo Rey , & Redemptor , se estenda á estas Conquistas cahidas , & quasi de todo concluidas com as muitas perdas , que tiverão , & misérias q̃ padecem : o que então será , quando vós vos remirdes da servidão do peccado , dando volta á vida , & não queiraes ser desagradecidos á hum Deos , que se mostrou tão liberal em vos franquear largas merces. Por tanto peçamoslhe perdão de nossas culpas com firmes propositos de nunca mais o offendermos ; mas antes de o amarmos , & servirmos ; pois então mais largo o acharemos em nos encher de merces , quando nos expuzermos á servilo de coração , arrependidos de nossos peccados , com verdadeira dôr , & penitencia.

70 E vós Deos meu , lembraivos do Rey , que nos destes. Se lhes fostes Pay , sede-o sempre , se benigno , sede-o sempre , se tivestes delle particular providencia , tende-a para sempre. Fazei que seu Imperio , & Monarquia se perpetue duravel , & dure perpetua : se estenda gloriosa , & se gloriê estendida : se engrandeça imperiosa , & grandiosa impêre debaixo de Reys Portuguezes de sua Caza Real , emparandonos á todos com muita graça nesta vida , & gloria na outra. Amen.

F I N I S

FIR.

FIRMEZA, E PERPETUIDADE DO IMPERIO PORTUGUEZ

EMPARADO DO CEO COM PRODIGIOS,
& milagres.

SERMAM II.

P R E G O V O

Na India, na Sé Primacial de Goa

O M. R. P. D. ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,
Clerigo Regular, Theatino da Divina Providencia,

No quarto Domingo 22. de Settembro de 1641.

Estando o Senhor Exposto.

S O L, E T L V N A S T E T E R V N T

in habitaculo suo, in luce sagittarum tuarum ibunt, in

splendore fulgurantis hastæ tuæ. Habacuc 3. n. 11.

S E N H O R.

I



SOCESSO não esperado da feliz acclamação do suspirado Rey Portuguez, & legitimo Senhor de Portugal Dom João IV. que com applauso commum, & festas tão geraes celebramos, assi como o declarou Deos por justo, com prodigios, & milagres, assi nos obrigou à revolver curiosos os livros, & papeis, mormente dos antigos Portuguezes, valendonos de muitas prophcias, que o apregoarão, fazendo dellas alegres contos, avaliando já por verdadeiras as que a desconfiança, & o tempo quizerão fazer mentirosas.

2 Mas nenhum p or, diligente que fosse, reparou em húa
muito

muito para se notar, ditada pelo Spiritó Sancto, escrita na Sagrada Escritura, & pelo Propheta Habacuc pronunciada, orando no seu Cantico, & cantando na Oração, que fez à Dêos no Capitulo terceiro de suas prophcias, que quero expor, celebrando este Sanctissimo, & Divino Sacramento da Eucharistia, exposto com tão grande apparato no Altar, que he del-Rey que festejamos o emparo, de seus Vassallos o escudo, de seus Reynos a firmeza, de suas Conquistas a segurança, de suas Armadas o poder, de seus Exercitos, & Arrayaes o valor, dos Soldados o animo, & nas Victorias unico estandarte, & glorioso tropheo.

3 Nem mo estranhará quem ler por Genebrardo, Bosio, Geneb.in Rebello, & outros, que interpretrão algumas prophcias
Pfal.67.n. da Sagrada Escritura do Reyno de Portugal, & suas Con-
34 quistas; nem tão pouco quem ler por outros mais moder-
Bosius nos, que a visão prophetica de Esdras entendem-na dos Re-
de Sign. ys Portuguezes; & muito menos quem ler os sonhos cha-
Eccl.tit. mados vulgarmente prophcias dos antigos Portuguezes,
2. lib. 20. em particular os que andão impressos em Trovas do mais
fig. 84. afamado sonhador, muitas das quais vemos compridas ne-
Rebel.de sta era, no anno passado de 40 na Real Magestade del-Rey,
just.&jur. que festejamos Dom João IV. Pois cita muitas vezes para
2.p. l. 18. maior fé do que diz a Sagrada Escritura, em particular à
de promif q. 23. l. 3.
n. 23. Ifayas, à Jeremias, à Daniel, & à Esdras.

4 Começa a Prophecia com as palavras do Thema: *Sol, & Luna steterunt in habitaculo suo*. Remeto aos Sanctos
Esd. 12. Padres, & aos Sagrados Expositores o sentido literal destas
n. 11. palavras, & das mais que se seguem, registradas por este Pro-
pheta Sancto no seu Cantico. Porque huns dizem, que he
historia do que foi, relatada em Cantico, & outros que he
prophecia do que ha de ser, em particular S. Hieronymo,
de quem diz o Padre Agellio: *Beatus Hieronymus hunc la- cum sic explicat, tanquam rei futurae simplex praedictio sit, & nullam rei gestae similitudinem referat*. O certo he, que aju-
sta tanto cõ o que ha soçedido na feliz acclamação del-Rey
Dom

Habac. 3.
n. 11.

Hiero-
nym. a-
pud Agel.
hic.

Dom João IV. que parece prophécia cumprida em Portugal: *Sol, & Luna steterunt*: ou como outros lem: *Astiterunt in habitaculo suo*. O Sol, & a Lua estiverão parados, assistirão na sua morada. Viose esta maravilha em Portugal, na Cidade de Lisboa, metropole do Imperio Lusitano, & com maior expressão, luz, & clareza na Provincia dentre Douro, & Minho, & em outras muitas Cidades, & Villas do Reyno, & suas Conquistas, na aclamação feliz del Rey, que festejamos, apparecendo no Céo este Divino Sol de Justiça, Christo Senhor Nosso sacramentado no meyo da Lua.

5 Soberano socessão, espantoso prodigio, admiravel aparição, misteriosa prophécia. Se pela Lua queremos entender os Reynos do Mundo, os Imperios, & Monarquias temporaes, que sem firmeza se mudão como a Lua: na aclamação do nosso desejado Rey, & Senhor, para Deos mostrar, que queria firmar seu Reyno, estabelecer seu Imperio, perpetuar sua Monarquia, apparece sacramentado no meyo della, quasi firmando, & tendo mão na roda de seu inconstante movimento. Mas se alevantando o entendimêto á mais alto sentido, dissermos, que pela Lua se entende a Virgem Mãy de Deos: *Quasi Luna plena in diebus suis* Ecclef. 50. n. 6. O apparecer este Divino Sacramento no meyo da Lua significa, & representa à Christo no Ventre Virginal de Maria; porque a Senhora foi, que nos trouxe do Céo este divino Pão nas suas purissimas entranhas. Ella he, que vestida do Sol Christo, foi vista no Céo mais fermosa, que a Lua: *Signum magnum apparuit in Celo: Mulier amicta Sole*. Este Apoc. 12. n. 1. Sol, esta Lua, Christo, & Maria, na aclamação de Sua Magestade, nas armas, que tomou, para se estabelecer no seu Reyno, na liberdade, que procurou de seus vassallos: *Astiterunt in habitaculo suo*, acudindo do Céo em seu soccorro, assistirão em Lisboa, & em todo o Reyno, & nas Conquistas de Portugal, à quem podemos chamar morada de Christo, & de Maria, ou porque o Reyno, & Monarquia de

Portugal he de Christo, & da Virgem Maria com particular titulo de dominio, ou porque nelle assistem com special emparo.

6 Augustissimo, & felicissimo Rey, que tem por Protector à Christo, & por Protectora à Maria. Inviçto Senhor apadrinhado da Lua da Virgem, & do Sol divino de tão alto Sacramento. Soberano emparo, que o assegura no Reyno, o acompanha nas Campanhas, o esforça nas Batalhas, & lhe facilita as Victorias. Bastára esta apparição para argumento de felicissimos socessos, não sò na conservação do Reyno, & perpetuidade de seu Imperio, mas ainda nas armas, que tomou para defeza de sua Real Pessoa, & liberdade de seus vassallos, se lho não pronosticara o mesmo Propheta, continuando sua prophesia, como se fallara em espirito com el-Rey: *In luce sagittarum tuarum ibunt, in splendore fulgurantis hastae tuae*: O Sol divino Christo sacramentado, & a Lua de sua Sanctissima Mãe acompanharaõ (ò Rey) a luz, & resplendor de vossas armas, que val tanto, como se dissera, daraõ luz, & resplendor às vossas armas, as faraõ armas luzidas, & resplandecentes no Mundo, porque as faraõ invenciveis com prosperos, & milagrosos socessos.

7 Até aqui são as palavras do Thema, mas não para aqui a Prophesia. Muito mais cantou este Propheta, pelo que mostrão os versos de seu Cantico á favor del-Rey, & de seu Reyno. Expola toda, he impossivel em tão breve tempo. Deixala de todo não he conforme ao assumpto. Explicarei sòmente os dous versos seguintes, & o remate de tão misteriosa prophesia, deixando o mais á quem melhor o entende: *In fremitu* [diz o Propheta, à meu ver, em espirito á el-Rey] *in fremitu conculcabis terram: in furore obstupescies gentes*: Explica Nicolao de Lyra: *In fremitu exercitus*: Pifareis a terra do inimigo com o estrondo de guerra, que lhe fareis com os vossos Exercitos, & Arrayaes: & o vossò furor causará espanto nas Gentes, a saber, diz a Glosa: *Quando populi tui vindicabis injuriam, terrena regna calcabis, & omnes*

Habac.
3.n.12.

Lyran.
hic.

Glos. hic.

omnes gentes admirari facies: Vós ô Rey senhoreais com absoluto Imperio vossos Reynos da terra: *Terrena regna calcabis*, de que pasmará o Mundo todo: *Et omnes gentes admirari facies*; porque parecendo á todos impossivel, pasmarão todos de o ver tão facilmente conseguido, prevalecendo vossas armas, favorecidas do Ceo, & emparadas daquelle Sol Divino sacramentado, & da Lua resplandecente de sua Sanctissima Mãy, com serem inferiores às maiores do maior Monarca. E então será, diz a Glosa: *Quando populi tui vindicabis injuriam*: Quando depois de acclamado, & jurado Rey de Portugal, quando depois de estar de posse do vosso Reyno, & Monarquia, vingardes as injurias feitas por seus inimigos no Reyno, & nas Conquistas ao vosso querido povo Portuguez, vossos legitimos vassallos. E se quereis a razão, eu vo la darei, diz o Propheta, para maior certeza do q̃ digo, & maior seguro do q̃ vos prometto o Senhor. Sabeis Rey, porque conquistareis vossos Reynos, & senhoreareis vossos Imperios? porque sahistes em campo armado com morrião, & peito, como vos pintou Deos na Lua, não por desejo de ser Rey, nem por ambição de senhorear Reynos, & Imperios, senão sómente para libertar, & salvar vossô povo, os vossos Portuguezes, vassallos vossos, que amais como filhos, acompanhado com Christo, que crucificado na Cruz no dia de vossa restituição ao Reyno, despregou para vos emparar seu divino braço: que sacramentado no meyo da Lua, para vos assistir com particular auxilio, appareceo no Ceo: *Egressus es in salutem populi tui, in salutem cum Christo tuo*: ou como explica a Glosa: *Venisti ad eos cum Christo tuo*: Vistes buscar os vossos vassallos, acompanhado com Christo vosso emparo, que vos assistio com milagres, que obrou na Cruz, & com prodigios no Ceo.

Glos. hic.

Habac. 3. n. 13. Glos. hic.

8 Conclue finalmente a Prophecia: *Deus Dominus fortitudo mea: & ponet pedes meos quasi cervorum. Et super excelsa mea deducet me victor in Psalmis canentem*. Toda a minha fortaleza he Deos. Explica S. Remigio na Glossa:

Hij

Omnis

Remig.
in Glos.
hic.

Omnis mea virtus Christus est: Toda a minha virtude, todo o meu esforço, & valor he Christo: He aquelle Senhor, que appareceo debuxado na Lua, para me assistir: que está sacramentado no Altar, para me valer. Elle he, que me fará velozmente correr à carreira das minhas esperanças, até subir ao auge das felicidades, & grandezas, à que subirão meus Reys Avôs. Elle he finalmente, que me dará mil victorias, para eu lhe cantar em acção de graças mil louvores. As victorias serão suas, o vencedor será elle, que vencerá brigando por mim, & em meu favor, *Victor*: Os louvores, & os canticos serão meus: *Super excelsa mea deducet me in Psalmis canentem*; porq̃ à elle devo a Coroa de meu Reyno, que possuiu a liberdade de meus vassallos, que pretendo, & as victorias, que espero de meus inimigos.

9 Discursar sobre todos os pontos de tão larga, & mysteriosa prophecia não o permite o tempo, nem o requer a festa. Tratei sómente das palavras do Thema, dividindo-as em tres partes: Que o seberano, & divino Planeta do Sol sacramentado Christo Senhor Nosso em conjunção da Lua immaculada da Virgem Maria foi sempre Pronostico de Coroas, Argumento de Liberdade, & Seguro de Victorias. Debuxou-a o Ceo nesta apparição, para assegurar à el-Rey da Coroa de seu Reyno, da liberdade de seus vassallos, das Victorias de seus inimigos. Para á primeira parte poderemos as primeiras palavras: *Sol, & Luna steterunt*: Para a segunda: *In habitaculo suo*: Para á terceira: *In luce sagittarum tuarum ibunt, in splendore fulgurantis haste tue*. A assistencia, *steterunt* foi para Coroar á El-Rey. A expressão da morada, *In habitaculo suo*, foi para libertar o Reyno. A Companhia, *In luce sagittarum tuarum ibunt*, foi para amparar as armas, para lhe dar muitas victorias. Com que mostrarei, que com a assistencia de tão prodigiosa apparição el-Rey acclamado he o Emparado do Ceo, o Libertador do Reyno, o Invencivel na guerra.

10 Dificultosa matéria para hum dia de tantas esperanças.

ças, em que todos entre alegria, & temor, entre festas, & medos, arreceosos do poder tão grande de Castella, quizerão não sô ouvir, mas ver assegurada a firmeza, & perpetuidade de tão feliz acclamação. Sem a graça não poderei satisfazer à tão saudosos, & suspirados dezejos. O Author della he o mesmo Senhor, que appareceo no Ceo sacramentado. Quem a reparte he a Senhora figurada na Lua. Recorramos à ella. *Ave Maria.*

*SOL, ET LVNA STETERVNT IN
habitaculo suo, in luce sagittarum tuarum ibunt, in
splendore fulgurantis hastæ tuæ.*

II **N** Aó discursa com aserto, & menos com propriedade, quem funda seu discurso em materia duvidosa. Deve primeiro mostrar ser a materia certa, de que trata, quem della quer deduzir as consequencias do assumpto, que se obriga a provar. Começemos por tanto por esta apparição. Provemos primeiro sua certeza, para desenganar dos incredulos, que por a não terem vista, duvidando do que ouvirão, lhe derão pouca, ou nenhuma fê. Portento foi este tão certo, prodigio tão claro de apparecer no Ceo debuxado na Lua Christo sacramentado, servindo de painel o Planeta, de luzes seus rayos, de sombras a noite, de cortinas as nuvens, de pintura a mesma apparição, & de figuras, a do meyo o Divinissimo Sacramento exposto por hum Anjo na Custodia, & venerado por hum homem armado com morrião, & peito, que da mão do Anjo o tomava na sua, além de outros modos, com que foi visto em diversas Cidades, Villas, & Lugares do Reyno de Portugal, & suas Conquistas, que negalo he temeridade, & duvidalo segueira. O escrevem do Reyno pessoas qualificadas: O referem Authores Claslicos em seus livros: O testificação homês mui authorizados Ecclesiasticos, & Seculares com juramento: O provão Autos publicos, que delle se fizerão,

para maior cêrteza da verdade: O celebrarão com grandio-
sas festas muitos Catholicos: O venerou a Nobresa: O ap-
plaudio o Povo: O approvarão muitos Prelados com tanta
fé, que permittirão, que se pintasse publicamente nos Estâ-
dartes, & se imprimisse representado em registros, que em
grande copia nos vierão com as embarcações do Reyno.

Brand.
f. mihi
37.

12 O primeiro, que desta apparição escreveo dos que eu
vi, foi o Doutor Fr. Francisco Brandão Monge de S. Ber-
nardo do Real Convento de Alcobaça, Qualificador da
Sancta Inquisição de Lisboa, & Cronista môr do Reyno de
Portugal no discurso gratulatorio sobre o dia da acclamação
de sua Magestade, à quem o dedicou, impresso em Lisboa
com todas as licenças da Sancta Inquisição, Ordinario, &
Dezembargo do Paço, aonde trata largamente deste prodi-
gio em muitos lugares, em particular fol. 97. com estas pa-
lavras largas, porém dignas de se notarem: *Pois que direi
da apparição da sagrada Eucharistia na Lua tão vista, &
reconhecida da maior parte do Reyno, que houve quem a ve-
nerou com publicas festas? Alguns reparão nesta apparição;
mas não desfazem alguns o que muitos aceitão. Mover a Lua
com aquella figura os animos á crer, que era Custodia o que
vião. final he de á dispor Deos por final do que figurava. Quã-
to mais, que já S. Methodio, segundo lhe attribuem, tinha
dado este final em seus vaticinios: Temporibus illis appare-
bit in Luna vitale signum. Dom Gastão Coutinho Capitão
General da Comarca dentre Douro, & Minho agradeceo ao
Ceo aquella apparição com demonstraçoẽs tão Catholicas na
Cidade de Braga, aonde então estava, que todos lhe pronosti-
carão logo os felices progressos, que as armas de Vossa Ma-
gestade tem naquelle seu districto alcançado. Todas estas pa-
lavras são deste gravissimo Author.*

D. Me-
thod.

Brand.
f. mihi.
103.

13 Bastara sua authoridade para se dar fé á tão raro pro-
digio, chamado pello mesmo Author, *Apparição milagro-
sa*, se o não testemunharão com juramento pessoas qualifica-
das fidedignas no Auto, que d'elle mandou fazer o Doutor

João

João de Abreu da Rocha Provisor, & Vigairo geral do Arcebisado de Braga, que o Doutor Gregorio de Almeida ^{Almeid.} relata em seu livro da Restauração de Portugal prodigiosa, ^{P. 2. c. 12.} tão copiosa de venturosos socessos, pronosticos, & prophecias. Relato suas palavras, para maior prova de tão admiravel, & espantoso prodigio.

Auto, que mandou fazer o Reverendo Doutor João de Abreu da Rocha, Provisor, & Vigairo Géral deste Arcebisado de Braga, sobre o que adiante vai declarado.

A Nno do Nascimento de Nosso Senhor Iesu Christo de 1641. aos 19. dias do mez de Janeiro do ditto anno, nesta Cidade de Braga, & pousadas do Reverendo Doutor João de Abreu da Rocha, Provisor, & Vigairo Géral nesta Corte, & Arcebisado de Braga. Abi por Dom Gastão Coutinho General desta Provincia dentre Douro, & Minho, foi avisado elle Reverendo Provisor, que muitas pessoas, indo para á parte do Porto acudir á hum rebate, que nesta Cidade se deu, que os inimigos vinhão para aquella parte, virão hũs sinaes na Lua, nos quaes se representava huma Hostia, & duas figuras humanas, que pareciaõ Anjos, & que elle ditto Provisor devia examinar este cazo pelas pessoas, que o virão, para delle se saber a verdade. Do que elle Reverêdo Doutor mandou fazer este Auto, que assinou, & perguntou as testemunhas seguintes. O Padre Simão Alvarez Notario Apostolico o escrevi. As testemunhas, que jurarão o contheudo no Auto: O Reverendo Padre João Baptista Cura na Sancta Sé desta Cidade de Braga testemunha jurada aos Sanctos Evangelhos, &c. E por este modo referindo Gregorio de Almeida todo o Auto, relata dezaseis testemunhas de pessoas Ecclesiasticas, & seculares mui graves, & authorizadas, que uniformemente jurarão ser verdade, ter apparecido na Lua este debuxo. E conclue no cabo com estas palavras: *Este maravilhoso final foy visto na mesma forma de muitas pessoas graves*

... graves nesta Corte de Lisboa, Coimbra, Porto, Bragança, Santarem, & na Ilha Terceira com grande admiração, & consolação de todos. O mais que diz este Autor deste final podem os curiosos ver nelle, por ser dilatado.

Resurr.
de Part,
l. 1. c. 3.

14 Com poucas palavras relata a mesma apparição o Autor do livro intitulado: *Resurreiçãõ de Portugal, & morte fatal de Castella*: seja quem for; pois com diversos nomes sahio impresso em Nantes, hum delles, Fr. Manoel Homem da sagrada Religião dos Prégadores. Diz assi: *Em Braga, & outras partes do Reyno foi vista huma Hostia sobre hum Caliz. Em Lisboa se vio o mesmo entre dous Anjos. Assi o certificaraõ, & affirmaraõ muitas pessoas, que julgaraõ ser hum feliz annuncio da Monarquia Portuguesa ser firme, & perpetua.*

Macedo
in Appen.
ad Lusit.
libert.
c. 2. not.
14

15 Trata tambem deste prodigio o Doutor Antonio de Souza de Macedo em seu doctissimo livro intitulado: *Lusitania libertada*, aonde diz: *Post dies paucos ab acclamatione Ioannis Quarti, apparuit in Luna signum Sacrosanctæ Eucharistiæ cum duabus humanis figuris adorantibus ex lateribus, quas, qui viderunt, crediderunt Angelos. Hoc visum est à plurimis Vlyssipponæ, Conimbricæ, Portu, Bragantiæ, Santarem, Bracharæ, ac in alijs Regni partibus, & etiam in Insula Tertia, ac ubique Testes extant gravissimi.*

Serpent.
de Euch.
enar. 1.
n. 113.

16 Com maior energia, & mais dilatado discurso, não só refere, mas ainda prova a verdade desta apparição, & responde à duvida dos incredulos, que à não virão, Antonio Serpente Author gravissimo da sagrada Religião Seraphica na Chronologia Eucharistica com estas palavras: *Illud tamen meæ propriæ doctrinæ, & instituti non possum non evulgare, quod Bracharæ in Civitate ubique satis nota, Primitia tanquam omnium Hispaniæ Ecclesiarum, eo tempore, quo Ioannes ad solium evectus est, in præfatæ veritatis egregium testimonium, prodigium magnum accidit. In Luna namque plena à multis noctu visa Sanctissima Eucharistia, custodia inclusa aurea, ut solet circumferri. Quod & si ab omnibus nec*

nec ibi visum fuerit, non est cur eo titulo hoc debeat denegari; nam & olim visiones Prophetis demonstratae, illis solis inter hominum miriades praesentibus à Deo pandebantur, dicente Daniele: Vidi autem ego Daniel solus visionem. Quod verò tam & vera, quam plurimis ostensa haec nostra tunc extiterit, ultra vocem communem testatam à viris serijs scriptam que peroptimè per Almeidam paulo infra à nobis referendum, mihi maximè probatur ex eo, quod permissu Inquisitorij Magistratus, ubi vis, sed praecipuè in Portugallo districtissimi, insculpta chartis est, quarum unam in testimonium Parisios mecum detuli. Quo Miraculo in Hispania primaria quoad Sedem Romanam Civitate, Deus voluit per Hispaniam praedicti sui Regis, ac noviter electi Eucharistiae deditissimi in Sole hujus misterij permanentem thronum, ut Sol clarissimè indicare: & in Luna tunc perfecta, quia luce sua plena, fidelem valde testem infidelibus, & incredulis rei hujus demonstrare, ut de Rege à Christo recens delecto, & confirmato impleretur, quod de Christo à Psalte decantatur: Et Thronus ejus sicut Sol in conspectu meo, & sicut Luna perfecta in aeternum, & testis in Caelo fidelis.

Daniel.
10.n.7.

Almeid.
p.2.c.12.

Psal.88.
n. 38.

17 Além do que tão graves Autores referem em seus livros por indubitavel, escreverão outros do Reyno de não menor authoridade, pessoas Religiosas, & gravissimos Prelados; ter ainda apparecido na Lua o Sanctissimo na Custodia, dado por hum Anjo de joelhos à hum homem armado na forma, que já tenho relatado no principio deste discurso. Nessa forma com grande nosso prazer, & não pequena devoção, & confiança em Deos, o vimos pintado em muitos estandartes, que nestas publicas festas se levarão em procissão, & se collocarão nas Igrejas. E não faltou quem também do Reyno a mandou impressa, representada em registros; porque como esta apparição tão prodigiosa durou muitos dias, & em diversas Cidades, Villas, & Lugares, variamente focedeu, & foi vista de muitos.

18 He pois certa a materia do assumpto, & indubitavel
I a appa-

Brand.
no Discuf.
Gratul.
fol. 103.
Serpent.
de Eu-
char.
enar. 1.
n. 113.

a apparição propofita . E ainda que não pertenceffe ao Ser-
mão eſta prova , comtudo para evitar a cenzura dos incre-
dulos , que a não virão , me foi neceſſario dilatar-me nella,
para deduzir ſem nota os tres pontos propoſtos na diviſão
do Thema , & ainda aſſi não he meu penſamento expolla
por milagre ; nem tão pouco averiguar ſe foi real , ou appa-
rente , o que remetto á quem a vio , & aos Authores , que
della eſcreverão , & á toda a cenzura da Sancta Madre Igre-
ja , ſem embargo de a chamar Brandão *Apparição milagro-
ſa* , & de dizer Serpenſe : *Quo miraculo* , ambos Qualifica-
dores da Sancta Inquiſição de Lisboa , & Doutores na ſa-
grada Theologia .

I. Parte.

19 Provemos agora as tres partes do aſſumpto . Tres ve-
zes ſe unio realmente o Sol Divino Chriſto Senhor Noſſo
com a Lua reſplandecente , & immaculada da Virgem Ma-
ria , na Encarnação , no Preſepio , no Cenaculo . Em todos
eſtes tempos , & lugares repreſentou ſempre o Senhor o Di-
vino Sacramento do Altar no meio da Lua de ſua Mãe San-
ctiſſima . Na Encarnação o repreſentou , para coroar Reys :
No Preſepio , para libertar Reynos : No Cenaculo , para dar
victorias . Na Encarnação chama S. Epiphanio à Virgem
Sacerdote , & Altar , que formando de ſeu ſagrado ventre
ſoberana meza , nos deu nelle aquelle divino pão , que ado-
ramos encerrado na Cuſtodia : *Virginem appello velut Sa-
cerdotem pariter , & Altare , quæ quidem menſam ferens , de-
dit nobis celeſtem panem Chriſtum* . Ella foi , (diz S Bernar-
do) que com o fogo do Eſpirito Sancto o coſeo em ſuas pu-
riſſimas entranhas : *Felix mulier , benediſta in mulieribus , in
cujus caſtis viſceribus , ſuperveniente igne Sancti Spiritus ,
coctus eſt panis iſte* . Ella (diz Salamão) foi aquella contrata-
dora bemaventurada , que na rica , & grandioſa Nao mercá-
til de ſeu puriſſimo ventre no lo trouxe do Ceo : *Facta eſt
quaſi navis inſtitoris , de longe portans panem ſuum* . E com
maior metaphora mais ao noſſo propoſito diz S. João Da-
maſceno , que eſtã Chriſto ſacramentado no Altar , como ſe

Epiph.
de Laud.
Virg.

Bernard.
ſerm. 2.
in die
Natal.
Domin.

Prover.
31. n. 14.

eſti.

estivera no ventre de sua Mãy: *Lucet panis in sacra mensa tanquam in utero Virginis*. Acrescenta S. Vicente Ferreira, que a Hostia consagrada está pejada de Christo à semelhança da Virgem pejada do mesmo Senhor: *Si Virgo gravida erat Templum Dei: sic Hostia consecrata est gravida*.

20 Representou pois Christo na Encarnação o Divino Sacramento do Altar no meyo da Lua de sua puríssima Mãy, para repartir Coroas, & Coroar Reys: *Sol, & Luna steterunt*. O primeiro Rey coroado na Encarnação, na união daquelle Sol Divino com a Lua immaculada da Virgem foi o Verbo Divino. Provo-o com hũa escriptura dos Cantares vulgar nos pulpitos, porém com nova, & singular ponderação. Diz o Sabio: *Egredimini, & videte filia Sion Regē Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua in die desponsationis illius, & in die letitiæ cordis ejus*. Comumente os Sanctos Padres, & os sagrados Doutores com S. Athanasio, S. Ambrosio, & S. Bernardo, entendem este lugar da Encarnação do Verbo, quando se despolou com a natureza humana, à quem chama o Sabio Coroa, com que o coroou sua sanctissima Mãy: *In diademate, quo coronavit illum mater sua*. Pergunto, quem he o Coroado? por ventura Christo? Não; porque a Coroa se distingue do Coroado: & se a Coroa he a humanidade de Christo, o Coroado não he Christo. Pois qué he? He o Verbo divino, q̃ tomou por Coroa a humanidade, que lhe comunicou a Virgem em suas purissimas entranhas. Fez a Senhora ao Verbo Rey, quando lhe comunicou seu sangue: Deulhe a Coroa, que não tinha, quando lhe deu sua purissima carne. No mesmo instante, que à Sabedoria increada, o Verbo Eterno se encarnou, unido hypostaticamente com a nossa humanidade, foi aclamado Rey: *Egredimini, & videte filia Sion Regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua*; porq̃ no mesmo instante se vio no meyo da Lua muy fermosa da Virgem Maria, hũa apparição real, soberana, divina, milagrosa, do pão divino, que adoramos no Altar: *Ego sum panis*

Damasc.
Epist. ad
Zach.
cap. 2.
D. Vincêta
Ferr.
term. 1.
Fest.
Corp.
Chr.

Cant. 3.
n. 11.

Athan.
in Syno-
psi.
Ambros.
lib. de Inst
Virg. c. 16
Bernard.
ferm. 2.
de Epiph.

Ioân. 6.
n. 51.

No mesmo tempo, em que a Virgem o coroou, foi mãy: & no mesmo tempo, em que foi mãy, foi o Verbo aclamando Rey: *Videte Regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua.*

22 Maior difficulidade acho em dar rezão, porque a humanidade de Christo se chama coroa do Verbo. Não he o Verbo divino Rey dos Reys coroado *ab eterno* de sua mesma divindade: *Rex Regum, & Dominus dominantium?* Apoc. 19. n. 16. Não he elle que faz os Reys, & os Principes da terra: *Per me Reges regnant: Per me Principes imperant, & potentes decernunt iustitiam?* Prov. 8. n. 15. & 16. A humanidade assumpta não foi para o Verbo Divino humildade? Assim o di z S. Paulo: *Semetipsū exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo:* Como pois he sua Coroa? Responde S. Gregorio Papa, que pelo muito que Deos nos ama, estimou Coroa sua a nossa gloria, sua grandeza a nossa exaltação: *Cum ipsa ejus incarnatio verè gloria nostra fuerit: quia membra ejus sumus propter cõmunione corporis, diadema membrorum benè capitis scriptura prædixit.* D. Gregor. in exposit. in Cant. hic. Verdade he, que a nossa humanidade assumpta foi para o Verbo divino humildade, mas para nós foi a maior grandeza. O assumir o Verbo a nossa natureza, & não a angelica, foi para nossa maior exaltação. Subio o homem a ser Rey, & Monarca dos Anjos, & dos homens, Senhor do Ceo, da Terra, & do Inferno, Principe da gloria, assentado à mão direita do Eterno Padre, adorado de todas as creaturas: *In nomine Iesu omne genu flectatur, caelestium, terrestrium, & infernorum;* Ad Phil. lip. 2. n. 10. por esta razão o que foi para o Verbo divino humildade, porq̃ era nossa maior exaltação, teve o Verbo divino pelo muito que nos quer, por sua Coroa. Boa resposta para soltura da duvida, mas para o nosso intento pouco favoravel. Outra darei mais conforme à festa, que com tanta alegria celebramos, mais appropriada á aclamação del-Rey.

23 Antes da Encarnação era o Verbo Rey dos Reys, coroado de sua mesma Divindade, porque Deos *ad intra*, he

verião com seus olhos, & se lhe prostrarião aos pès, & lhe beijarião a mão, & o jurarião com maior deliberação por seu legitimo Rey. Porque pois não esperou o nascimento? Crece a duvida com a authoridade do veneravel Busto, Doutor insigne, devotissimo da Virgem, de quem diz: *Beata virgo recta linea descendit de generatione David, & ei debebatur Regnum Iudaicum, & hanc dignitatem transmisit in filium*. Pois tanta pressa teve a Senhora, que logo que concebeo seu divino filho, o coroou, & lhe renunciou seu proprio Reyno? Se o Reyno de Judea era seu: Se ella era legitima Senhora das doze Tribus: Se por sua morte pertencião à Christo, & não antes, porque tanto que o concebeo, lhe largou o direito do Reyno, o coroou, & o fez Rey? He tão proprio comunicar o Ceo Reynos, & Coroas na conjunção do pão do corpo de Christo com a Lua da Virgem Maria, que não dilata a mesma Senhora a Coroa à seu Divino Filho; mas tanto que o concebe, cedendo à seu proprio direito, lhe larga o Reyno; nem o Sabio em espirito deixa de convidar logo os povos todos de Judea, figurados nas filhas de Sion, para reconhecerem, & acclamarem à Christo por seu legitimo Rey.

Bustus
in Mar.
q. 12.
term. 1.

25 O em que mais reparo he, soceder esta appareção depois da acclamação del-Rey. Se fora antes, dissera eu, que este divino Planeta do Sanctissimo Sacramento prometia seu Rey natural à Portugal: que não podia faltar ao Reyno a Coroa antiga de seus Reys, quando no Ceo apparecia aos Portuguezes o Sacramento da Eucharistia, dador de Reynos, & Coroas. Mas depois da acclamação feita, estando já el-Rey em Lisboa, cabeça de seu Imperio, obedecido de seus vassallos, para que apparece no Ceo o Sanctissimo por tantos modos admiraveis; & como já relatamos, hum delles foi apparecer na Lua a Hostia sobre o Caliz, que he huma viva representação do Corpo, & Sangue de Christo? Sirva de reposta o que houve na acclamação do primeiro Rey do Reyno de Israel.

1. Rég.
10. n. 1. 2.
& 3.

26 Elégeo o Propheta Samuel, por ordem divina á Saul por Rey, & senhor de Israel, & acabada a cerimonia dos sanctos Oleos, custumada entre os Hebreos na sagração de seus Reys, lhe diz: Saul eis aqui como o Senhor vostê feito Rey de seu povo: *Ecce unxit te Dominus super hereditatem suam in Principem*. Quereis agora hum final, de como esta eleição foi obra divina: Que Deos he que vos tem feito Rey de seu povo? *Hoc tibi signum, quia unxit te Deus in Principem*. O final certo, & evidente he hum encontro divino, que logo tereis, hũa representação do divino Sacramento, que logo vereis. Quando fordes para a Cidade, dareis com tres homens, hum delles com tres cabritos, outro com tres pães, & outro com hum vaso de vinho, tudo figura do Sacrificio da Missã, do Corpo, & Sangue de Christo: *Cumque abieris, &c. invenient te tres viri, unus portans tres hædos, & alius tres tortas panis, & alius portans lagenam vini*. Sancto Propheta á estas horas dizeis á Saul, por final que o tem Deos feito Rey de seu povo, que lhe apparecerá hũa figura, hum retrato, hum debuxo do Sanctissimo Sacramento? A estas horas depois de feito, & sagrado Rey? Se fora antes, si, viera à bom tempo; mas depois da cerimonia acabada, para que? Diz o Regio Doutor: *Panis, & vinum datur Sauli in signum Regni obtinendi*. Sotil resposta, & muito litteral. O final do Sanctissimo Sacramento figurado no pão, & no vinho, que o Propheta Samuel disse á Saul, que lhe havia de apparecer no caminho: *Invenient te*, não foi de haver de ser Rey, porque já o era, mas de haver de possuir seu Reyno, porque foi eleito, & aclamado Rey por obra divina. Foi final de o ter Deos feito Rey de seu povo: *Hoc tibi signum, quia unxit te Deus in Principem*. E foi pronóstico de haver de possuir seu Reyno: *Panis, & vinum datur Sauli in signum Regni obtinendi*. Era Saul Rey, porèm sem Reyno. Tinha-o Deos por Samuel ungido Principe de seu povo: *Ecce unxit te Dominus super hereditatem suam in Principem*, mas sem a posse. O havia Samuel sagra-

do

Mend.
in lib. 1.
Reg.
tom. 3. c.
10. vers.
4. n. 8.

do, mas não o tinham ainda jurado seus vassallos: Dislhe o Propheta Rey: Queros dar hum final certo, & infallivel da sojeição do vosso Reyno de Israel, da posse pacifica, & segura, que delle tereis, da accitação, & juramento dos vossos vassallos, da firmeza do vosso Imperio. Quando fordes para a Cidade, apparecervoshá húa figura do Divino Sacramento. Vereis nas mãos de huns homens, figura dos Sacerdotes, o pão, & o vinho do Corpo, & Sangue de Christo: *Panis, & vinum datur Sauli in signum Regni obtinendi.*

27 Este mesmo final deu Deos ao nosso felicissimo Rey, & quasi com as mesmas circumstancias, porém com modo mais soberano. Depois de ser acclamado, & ainda depois de tomar posse de seu Reyno, appareceolhe na Lua debuxado o pão, & o vinho do Sanctissimo Sacramento, húa Hostia sobre o Caliz. Senhor para que? A que fim este final? Para que todos saibão, que a acclamação del-Rey foi obra divina: *Hoc tibi signum, quia vnxit te Deus in Principem;* & ^{1. Reg.} que ha de ser Senhor de seu Reyno: *In signum Regni obtinendi.* ^{10. n. 1.} Verdade he, que estava de posse delle, mas duvidavão muitos se seria com firmeza; nem se sabia, se conquistaria o Reyno do Algarve, se dominaria no Brasil, se sojeitaria a India, se seria Senhor das Conquistas de Africa, tudo se obrava com temor, & com arreços de algum mau successo futuro; & para Deos assegurar tudo: *Hoc tibi signum:* Appareceolhe debuxado na Lua o Sanctissimo Sacramento, o Pão, & o Vinho, a Hostia, & o Caliz do Corpo, & Sangue de Christo. O felicissimo Rey, à quem assegura o Ceo o Reyno, & a Coroa com prodigios, & milagres! O soberano Principe, que entre os rayos, & resplandores da Lua merecestes ver có tanta clareza o mais certo final de seres eleito por Deos Principe de seu povo, Senhor de seus Reynos, Rey & Monarcha de seu absoluto Imperio.

28 Ainda no spiritual estes Astros divinos, esta conjunção maxima, a maior q' sahio do braço poderoso de Deos, do Sol no meio da Lua, do Corpo, & Sangue de Christo,

Luc. 1.
n. 39.

no ventre virginal de Maria, promete, dà, & assegura Reynos, & Coroas. He muito para reparar apressã, com que a Senhora foi á caza de Zacharias pejada de Christo. Tanto que se encarnou o Verbo Divino, se levantou a Virgem, acordada do extase profundo, em que provavelmente via à seu bendito filho em suas purissimas entranhas, & caminhãdo apressada para à Cidade de Juda, diz S. Lucas, que entrou na caza de Zacharias, & salvou à S. Isabel: *Exurgens Maria abiit in montana cum festinatione in Civitatem Iuda: & intravit in domum Zachariae, & salutavit Elisabeth.* Pergunto, para que se aballa a Senhora com tanta pressã? Para que deixa sua propria caza, tanto que concebeo à Christo, pela de Zacharias? Do mesmo Texto se colhe a resposta. Abalouse, apressouse, para coroar ao Precursor de Christo S. João; para fazer ao Baptista Rey coroadado, ainda nesta vida antes de nacer. He tão proprio desta conjunção maxima do Sol Divino Christo Senhor nosso na caza da Lua resplãdeciente de sua Mãy Sanctissima, na morada de suas purissimas entranhas de influir, & comunicar Coroas, entregar Reynos, distribuir Imperios, estabelecer Monarquias, que tanto que se unio aquelle divino Sol com a Lua cheia, & resplandecente da Virgem, se não deteve a Senhora, mas com toda pressã se levantou, & se poz à caminho, para coroar cõ Coroa Real, ao Precursor de Christo S. João, & o envestir de Reynos, & Imperios ainda nesta vida.

Matth.
23. n. 35.

Ibid.

29 Vamos à prova. Todos os justos, que na Sagrada Escritura merecerão este titulo, são sanctos: & todos os Sanctos são Reys coroados, ainda nesta vida. No Testamento novo, & velho aos maiores Sanctos se lhe não dà outro titulo para demonstração da grande sanctidade, que tinham, que de justos. Do Sancto Abel diz Christo: *A sanguine Abel justus*: Dos Sanctos Prophetas diz o mesmo Senhor: *Veniat super vos omnis sanguis justus, qui effusus est super terram*. De Noé restaurador do Mundo, reparador do genero humano, & grandissimo Sãcto diz Moy-

ses

ses: *Noë vir justus, atque perfectus cum Deo ambulavit.* Do Gen. 6.
 sancto velho Simeão diz S. Lucas: *Homo erat in Ierusalem,* n. 9.
cui nomen Simeon, & homo iste justus, & timoratus, & Spi- Luc. 2.
ritus Sanctus erat in eo. De S. Joseph Esposo da Virgem diz n. 25.
 S. Mattheus: *Ioseph autem cum esset justus;* & com este mes- Matth.
 mo titulo de justos publicão, & venerão os Cronistas sagra- 1. n. 19.
 dos a sanctidade de outros muitos Sanctos do Testamento
 novo, & velho.

30 De modo que todos os Justos em boa Theologia, cõ-
 memorados na Sagrada Escritura, são Sanctos: E todos os
 Sanctos são Reys, ainda neste Valle de lagrimas, antes de
 possuirem o Reyno do Ceo. De Deos emparo dos Justos Job. 36.
 disse Job: *Non aufert á justo oculos suos, & Reges in solio* n. 7.
collocat in perpetuum. Chama Job (diz S. Gregorio Papa) D. Greg.
 aos Justos, Sanctos, & aos Sanctos, Reys: *Sancti viri Re-* Magn.
ges vocantur. Coroa dos Sãctos he Christo: Coroa de Chri- l. 26. Mo-
 sto são os Sanctos. Por ser Christo hum sò, cada Sancto tem ral. c. 21.
 huma sò Coroa; & por os Sanctos serem muitos, vio S. Jo-
 ão á Christo no Apocalypse com muitas Coroas: *In capite* Apocal.
ejus diademata multa. A Coroa mais preciosa dos Sanctos 19. n. 12.
 he a Eucharistia. He Coroa Real (diz o Doutor Anonimo, Anon.
 citado do nosso doutissimo Novarino) que coroa aos San- apud No-
 ctos, & os faz Reys: *Regium diadema Eucharistia est, quod* var. de
Reges non indicat tantum, sed etiam facit. Seu manto Real Agn. Eu-
 he o mesmo Senhor, diz S. Paulo: *Induimini Dominum* ch. n. 563.
Iesum Christum; & o Reyno, que possuem, tanto maior, Ad Rom.
 quanto mais rico, em que se acham todos os bens sobrena- 13. n. 14.
 turas da graça, & da gloria (diz o Angelico Doutor) que D. Thom.
 he o mesmo Christo no Divino Sacramento: *Christus, qui* 3. p. q. 80.
est Rex hujus Sacramenti, & charitas ejus debet primo fun- art. 8.
dari in cordibus nostris, secundum illud Matth. 6. Querite Matth.
primum Regnum Dei. Vbiq; suorum Regnum Christus est, 6. n. 33.
sed maxime Eucharistiae solio.

31 Este Soberano Rey, este divino Senhor, que dos Sã-
 ctos, ainda nesta vida he Coroa, Manto Real, & Reyno

tanto que appareceo na Lua da Virgem Maria, tanto que foi concebido em seu sacratissimo ventre, por ser liberalmẽ-cômunicativo, por influir por graça Coroas, crear Reys, & entregar Reynos, obrigou à Virgem á se levantar com pressa, à se por logo em caminho para a Cidade de Juda, à entrar na caza de Zacharias, à visitar S. Isabel pejada do Baptista, para o fazer Rey, cômunicandolhe, por hum modo admiravel, & invisivel á si mesmo por Coroa, por Opa Real, & por Reyno com tanta abundancia de graça, & doës sobrenaturaes, que bailhou S. João de prazer no ventre de sua Máy: *Exultavit in gaudio infans in utero*, se alegrou, festejou, por se ver Rey por graça, antes de nacer: *Exurgens Maria abiit in montana cum festinatione in Civitatem Iuda. Et intravit in domum Zachariae, & salutavit Elisabeth.*

Luc. i.
n. 44

Luc. i.
n. 39.

32 Nessa Cidade de Juda, na caza de Zacharias se deteve aquelle divino Sol, com a Lua de sua Máy sanctissima, até nacer o Baptista, para nelle estabelecer, & perpetuar a primeira Coroa da ley da graça, com o ditzo nome de João, que lhe deu o Ceo, em que se me representa não sem mysterio debuxada a creação do novo Rey de Portugal D. João IV. com tanta propriedade, que se lerdes o primeiro Livro dos Machabeos, he S. João o Precursor de Christo, o quarto Principe deste nome. Só cinco pessoas na Sagrada Escri-tura se chamarão João antes do Baptista. Destes só tres forão Principes do povo Hebreo, depois de acabarem os Reys de Israel, & de Juda, com que começou a declinar o Reyno, até passar à Rey estrangeiro. O primeiro Principe foi João, pay do esclarecido, & magnanimo Principe Mathathias. Não diz o Texto, quam grande Principe fosse, nem descreve sua vida; porém se os filhos são de ordinario retratos de seus pays, do que referem as historias sagradas do Principe Mathathias, se colhe, que foi mui grande Principe seu pay; porque de Mathathias se lê, que os Embaixadores, que lhe mandou el-Rey Antiocho, para o inclinar à

seguir seus falsos ritos dos Gentios, quando o virão, lhe disserão: Senhor, Vos sois hum Principe muy esclarecido, & muy grande dos Hebreos: *Princeps & clarissimus, & magnus es.* 1. Mach.
2. n. 17.

33 Desgraçado Principe foi João segundo seu neto, a quem matarão os filhos de Jambri, marchando o Principe descuidado, para pedir soccorro aos Nabutheos na guerra injusta, que lhe fazia Bachide seu cruel inimigo. Muy forte, muy valente, magnanimo, bellicofo, & invicto Principe foi João seu bisneto, terceiro deste nome, de quem por remate de seu valor, & bom governo se diz no fim do primeiro livro dos Machabeos: *Cetera sermonum Ioannis, & bellorum ejus, & bonarum virtutum, quibus fortiter gessit, & edificij murorum, quos extruxit, & rerum gestarum ejus: Ecce hæc scripta sunt in libro dierum Sacerdotij ejus, ex quo factus est Princeps post patrem suum.* 1. Mach.
16. n. 23.
& 24.

O quarto Principe foi o Baptista, tão grande, que delle disse o Archanjo S. Gabriel: *Erit enim magnus coram Domino.* Serà grande Principe na presença do Senhor. Lé Vatablo do Hebreo: *Erit maximus coram Domino:* Na Corte de Christo, & na sua divina presença será o Principe S. João maior que todos. Luc. 1.
n. 15.

Porque se todos os Sanctos são Principes, & Reys coroados, como temos provado; por ser o Baptista o maior Sancto da ley da graça, he o Baptista o maior Principe, o maior Rey, coroado por Christo, quando lhe appareceo na Lua de sua Mãy, encerrado na Custodia sagrada de seu purissimo ventre. Se pois he S. João o maior Rey, & o quarto Principe deste nome, lhe podemos chamar o Rey S. João IV. retrato, & debuxo del-Rey D. João IV. de Portugal no nome, & na soberania. No nome ambos João IV. Na soberania ambos Reys coroados na conjunção do Divino Sacramento com a Lua de Maria, de Christo no ventre de sua Mãy. Para S. João foy esta conjunção real, para el-Rey D. João, apparente, retratada no Ceo: *Sol, & Luna steterunt.* Vatabl.
in scho-
lijs.

II. Parte

34 A segunda apparição milagrosa: A segunda conjun-

ção maxima daquelle divino Senhor com a Lua soberana de sua sanctissima Mãe, com que damos principio à segunda parte deste discurso, fundado nas segundas palavras do Thema, *In habitaculo suo*, foi no Presépio na Cidade de Bethlé. Nesta Cidade, & neste lugar tão humilde appareceo aquelle divino pão da vida do Corpo de Christo Senhor nosso no feyo immaculado da Lua da Virgem Maria à vista de todos, como se estivera exposto no Altar: *Hæc mensa* (diz Chrysostomo) *vicem explet præsepis*. E com mayor galantaria S. Methodio diz á Virgẽ, tẽdo á Christo nos braços: Vós Senhora foy vivo Altar deste pão da vida: *Tu animatũ panis istius vitæ Altare*. Hum debuxo do que appareceo realmente no Presépio, hũa pintura prodigiosa do Corpo de Christo, como temos dito, se vio na Lua no Reyno de Portugal, à que o Propheta, à meu ver, chama morada do Sol, & da Lua, de Christo, & de Maria: *Sol, & Luna steterunt in habitaculo suo*; porque o Reyno he de Christo, & da Virgem Maria. De Christo, porque o fez Imperio seu, quando criou, & fez no Campo de Ourique ao Principe D. Affonso Henriques Rey de Portugal, á quem disse: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire*. Da Virgem, porque he Padroeira do Reyno. Ditoſo Reyno, que tem por moradores á Christo, & á Virgem Maria. Feliz Portugal, aonde predominão com soberano emparo Planetas tão benignos, Astros tão favoraveis, aonde o Ceo com seus divinos influxos coroa Reys, estabelece Reynos, conserva Imperios, perpetua Monarquias, & liberta vassallos oprimidos, & avexados, livrando-os da sojeição penosa de Rey estrangeiro.

35 A primeira conjunção daquelle divino pão cõ a Lua da Virgem foi a que vimos na Encarnação do Verbo. A segunda he a de que agora tratamos do naciẽto de Christo. Na Encarnação consideramos á Christo Rey encuberto nas purissimas entranhas de sua Mãe. No naciẽto appareceo Rey descuberto no collo da mesma Senhora. A hy foi pron-

nostico

Chryf.
Orat.de
B. Phi-
log.

D. Meth.
term.in
Purif.B.
Mariæ

Almeyda
da Reli-
taur. de
Portugal
p.1.cap.5.

nostico feliz, & argumento muy certo de nova creação de
Reys, & da firmeza, & perpetuidade de Reynos, & Im-
perios: Aqui de liberdade. Ahy influa Coroas, levantava
Reys, despenfava Reynos, constituia Imperios, firmava
Monarquias: Aqui liberta aos mesmos Reys, & à seus Vas-
sallos, & os restitue à sua mais desejada liberdade. Os pri-
meiros, que nesta segunda apparição libertou o Senhor, fo-
rão os Reys Magos. Lhes mandou húa Estrella, com que
conhecerão, que nacera Christo em Bethlem, que appare-
cera o pão da vida no Presépio no seyo da Lua da Virgem
sua Mã; & sendo os Reys cativos de Lucifer, sojeitos aos
Idolos da Gentilidade, vierão buscar sua liberdade, seguin-
do a Estrella, que lha prometia. Porque aquelle divino pão,
assí como prometê Coroas, & reparte Reynos, assí liberta
Reys, & Vassallos. Cria Reys, levanta Principes, faz Mo-
narchas, & aos mesmos faz libertadores de seus subditos
avexados, & de vassallos oprimidos. Para libertar à Por-
tugal appareceo Christo na Lua: & para libertar aos Sâctos
Reys appareceo Christo na Estrella. Não falta quem diga,
dos quais falla Chrysostomo, S. Thomas, & Abulense, que
no meyo da Estrella estava pintado o Senhor recem nacido
com húa Cruz sobre a cabeça: *Quadam autem nocte scilicet
in die Natalis Domini (diz Abulense) Stella quædam ad
eos super montem venit, quæ habebat formam pulcherrimi
pueri, super cujus caput Crux pendeat.* O certo he, que a
Estrella de tal maneira representava à Christo, que se cha-
mava Estrella de Christo: *Vidimus Stellam ejus*, com tanta
propriedade, que diz S. Maximo: *Bene ejus, quia quævis
omnes ab eodem creatæ Stellæ ipsius sint: hæc tamen propriè
Christi erat, quæ specialiter Christi prænuntiabat adventum.*
Está bem dito (diz S. Maximo) *Stellam ejus*: Estrella de
Christo; porque ainda que todas as Estrellas seão de Chri-
sto, que as criou, esta era tão propria sua, que o representa-
va, ou porque o trasia pintado no meyo de seus resplando-
res, ou ao menos, porque o dava á conhecer com tanta cla-

Chryl.
hom.2.
inMatth.
tom. 2.
D.Thom.
in summa
p.3.q.36.
art. 5. ad
quartum,
Abul.in
cap. 2.
Matth.
q.19.
Matth.
2. n. 2.
D.Max.
hom.4.
deEpiph.

reza, que se via nella ter nacido o Senhor, o Libertador dos homens, o Redemptor do genero humano, o Salvador do Mundo, o Restaurador do Reyno do Ceo, como se estive-
ra nella retratado.

36 Remeto aos Academicos o Problema, para discursarem, quem foi mais favorecido, se os Reys Magos, que na Estrella virão à Christo recém nacido, ou el-Rey de Portugal, que na Lua vio ao mesmo Senhor sacramentado, encerrado na Custodia. Assi a Estrella, como a Lua significava a Virgem Maria: *Orietur Stella ex Iacob*. Assi húa como outra visão era pronóstico feliz de liberdade. A do Sanctissimo na Lua pronosticava á el-Rey de Portugal a propria liberdade, & de seu Reyno: A de Christo na Estrella a liberdade dos Reys Magos, & do Mundo. Não pertencia aos Magos a liberdade do Mundo, mas sô a propria, & de seus Reynos. A do Mundo pertencia à Christo, porque libertando Christo ao Mundo, seria delle absoluto Senhor. Teria seu Imperio o numero quasi infinito de Almas, que livrando-as do cativoiro do Demonio, passarião com sua graça à liberdade dos filhos de Deos: *In libertatem gloria filiorum Dei*. Não resolvo o Problema. Sô digo que á favor del-Rey de Portugal temos, que Christo no Sacramento, & a Virgem Senhora tem ao Reyno de Portugal por morada sua perpetua, assi como perpetua he a Lua, & para sempre a Eucharistia, & infallivel a promessa do mesmo Senhor à el-Rey D. Affonso Henriquez: *Non recedet unquam ab eis, neque até misericordia mea*. Porém nem os Reynos dos Santos Reys, nem o Oriente, donde partirão, forão morada de Christo, nem da Virgem Maria. Em Portugal o Senhor buscou á el-Rey, & á seus vassallos: Em Bethlem os Reys buscarão à Christo. A liberdade a buscarão os Magos, quando partirão para o Presépio: No Reyno lha levou o mesmo Senhor. A Lua, em que appareceo a Eucharistia, he de materia celeste incorruptivel: A Estrella, que representava á Christo, era de materia elemental, aerea, corruptivel, & em

Ad Rom.
8. n. 21.

Almeid.
da Rest.
de Por-
tug. 1. p.
cap. 5.

ar se resolveo, diz S. Thomas, & Abulense com a cõmunha dos sagrados Interpretes. A Estrella mostrou a Christo passivel, a Lua o mostrou immortal. A Estrella representava na Cruz, que trazia pintada, a ignominia da Paixão, a Lua representava na Eucharistia a gloria do Senhor. Todas estas rezoens, & outras muitas, que podêra dar, faz pender a decisão do Problema à favor de Portugal. Mas como não faltão argumentos, & rezoens à favor dos Sanctos Reys, remettoaos aos discretos, para que as apontem, & resolvão a questão, para que não nos detenhamos com cousa, que nos divirta da prova do assumpto, de que tratamos: Que a conjunção do Sol divino com a Lua, de Christo em seu nascimento com a Virgem Maria, foi pronóstico certo de liberdade, donde se infere, que o he a apparição, que houve no Reyno.

37 Grande foi a que teve Moyses no Egypto, quando lhe appareceo Deos na çarça, que ardia em labaredas de fogo, & se não consumia: *Apparuit ei Dominus in flamma ignis de medio rubi: & videbat, quod rubus arderet, & non combureretur*. Pasmado Moyses, & admirado do que via, deliberou de se chegar mais perto, para que o não enganasse a vista, para se certificar de prodigio tão grande, de visão tão milagrosa: *Vadam, & videbo visionem hanc magnam, quare non comburatur rubus*. Todos assentão, que esta apparição foi figura da Encarnação do Verbo divino, quando a Senhora concebeo a Christo por obra do Spirito Sancto, accessa de teu divino amor, de que ardia, & não se consumia. Porém se perguntardes pelo meu parecer, dissera, que representou seu milagroso parto, quando pario ao Senhor se offensa de sua pureza immaculada. Favorece este meu pensamento Richardo de S. Lourenço citado do Veneravel meu Padre Novarino: *Rubum vidit Moyses* (diz Novarino por sentença de Richardo) *Rubum vidit Moyses, qui ardebat, nec comburebatur, quod Virginis Deum sine virginitatis damno paritura, figura erat*. E do Texto sagrado se collige mais claramente, porque indo Moyses corioso para a

D.Thom.
3.P.º.º. 36.
art. 7.
Abul.
quæst. 11.

Exod. 3.
n. 2. & 3.

Richar.
l. 1. c. 6.
Novar.
de vmbra
Virg. n.
1309.

Exod.3.
n. 5.

çarça, lhe disse Deos: *Solue calceamentum de pedibus tuis. Locus enim, in quo stas, terra sancta est:* Descalçaivos Moyses, porq̃ o lugar, em que estais, he sancto. Palavras, que se não podem entender, quanto ao mysterio, se não do lugar, em que a Senhora pario á Christo. Porque sô no Presépio era rezão que todos entrassem descállos, como he provavel, que todos o fizessẽm allí, para venerar, & adorar tão soberanas, & tão divinas Magestades, Christo Senhor nosso Rey dos Reys, & Monarcha do Universo, & a Virgem Maria Raynha dos Anjos, que com sua Real presêça o sanctificarão, convertendo as palhas em reliquias sagradas, os pannos, em que estava Christo envolto, em Corporais, as manjadouras em Altares, o Presépio em Sacrario, & todo aquelle lugar em Templo angelico, & divino, & caza sancta de oração, morada propria de Deos. Porque se a figura, qual era Deos na çarça, em que appareceo, sanctificou aquella terra, como divinamente notou o Padre Novarino: *Terra illa sanctitatem mutuaverat á rubo, & ab illo, qui erat in rubo;* muito mais o figurado Christo, & Maria, sanctificou a terra do Presépio.

Novar.
de vmbra
Virg n.
1258.

38 A mayor difficuldade desta apparição he descobrir o segredo do mysterio, que esconde, penetrar a causa, & o fim, que Deos teve, para apparecer á Moyses na çarça no Egypto. Perguntalohei ao mesmo Senhor. Que pretendestes meu Deos nesta apparição tão grande, nesta visão tão mysteriosa? Que quizestes mostrar á Moyses neste debuxo, & figura do vosso milagroso nacimêto no Presépio sem macula da virginal pureza da Lua de vossa Mãy Sanctissima? Responde o Senhor no Texto sagrado: *Vidi afflictionem populi mei in Egypto, & clamorem ejus audiivi propter duritiam eorum, qui præsunt operibus: & sciens dolorem ejus, descendi, ut liberem eum:* Vi ao meu povo Hebreo afflictô no Egypto, ouvi seus brados, & clamores, por se ver duramente tratado dos que governão, & presidem ás suas obras: & conhecendo a dor de seu coração, vim do Cco para o libertar.

Exod.3.
n. 7.

bertar . Pois Senhor, para libertar o vosso querido povo opprimido , & avexado no Egypto de baixo do Imperio de Pharaó : *Vt liberem eum*, appareceis á Moyses na çarça ? Para o livrar do tão dura sojeição , *Propter duritiam eorum , qui præsumt operibus* , representais huma figura do vosso nacemento, hum debuxo do vosso sagrado corpo, exposto por hũa Mãy Virgem no Presépio , como se estivera no Altar : *Hæc mensa vicem explet Præsepis* ? Se quizestes tratar com Moyses da liberdade do vosso povo , porque lhe não fallastes sem appareçoens , & figuras, como fizestes có Adão, quando o chamaestes no Parailo terreal , para tratar com elle de seu remedio depois do cativo do peccado ? *Adam ubi es* ? Porque lhe não fallastes , como fizestes com Noé, quando o libertastes com seus filhos , tirando-os da Arca , para restaurar o Mundo perdido , sepultado em hum diluvio de agoa, á quem dicestes compadecido : *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines* ? Ou como fizestes có Abraham, quando lhe promettestes de seu sangue a vinda do Messias , para libertar o genero humano cativo do Principe das trevas Lucifer : *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ* ? Ou como fallastes com muitos no Testamento velho , sem apparecer nada no Ceo , sem se ver nada na terra ? Para que só com Moyses esta visão tão nova, esta appareição tão milagrosa .

Chryf.
Orat. de
B.Phil.

Gen. 3.
n. 9.

Gen. 8.
n. 21.

Gen. 26.
n. 4.

Exod. 11.

39 Grande he aduvida, por ser occulto o mysterio. Grande também convem , que seja a resposta . Para Deos libertar seu povo , escolheo para Principe libertador á Moyses . Fel-lo homem mui grande no Egypto : *Fuitque Moyses vir magnus valde in terra Egypti* , que val tanto como Rey , & Senhor , como se colhe de S. Ambrosio , de S. Cyrillo , & de S. Bernardo , & do que disse o Anjo de Christo : *Hic erit magnus* : Será Christo grande , porque será Rey : *Filius Altissimi vocabitur , & dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus , & regnabit in domo Jacob* . O acclamou Principe de seu povo , para o libertar , & governar com absoluto

n. 3.
Ambros.
inc. 1.
Luc.
Cyril.
hom. 12.
in Levit.
Bernard.
homil. 8.
super
Missus est
Luc. 1
n. 32.

Exod.

4. n. 17.

Imperio . Por ceptro real lhe deu hũa vara milagrosa : *Virgam quoque hanc sume in manu tua, in qua facturus es signa.*

O levantou á tanta grandeza , que o fez maior que Pharaõ, diz a Glosa interlinha, porque o fez Vice-Deos na terra, dândolhe sobre Pharaõ seus divinos poderes, para que lhe mãdasse como soberão , como manda Deos às creaturas, & elle lhe obedecesse como subdito: *Ecce constitui te Deum Pharaonis.* Diz a Glosa interlinha: *Vt quidquid volueris, precipias ei, sicut Deus imperat creaturae suae.* Prometeo lhe

Exod. 7.

n. 1.

Glos.

Interl.

Exod. 3.

n. 12.

finalmente sua divina assitencia, & emparo : *Ego ero tecum.*

E tudo foi necessário . Porque desconfiando Moyses de si, & confiando pouco em Deos , não queria admitir a honra, & grandeza de Principe libertador de seu povo . Negava-se à Deos , impossibilitava-se com desculpas, fugindo o corpo ao pezo de cargo tão grande por temor de seu Rey. Acovardava-o a difficuldade da empresa, o poder grande de Pharaõ, o perigo da vida, o crime da rebelião, & a incerteza, que se lhe representava com seu fraco discurso, de poder cõseguir hũa liberdade tão firme, que o assegurasse de que nunca nem elle , nem seu povo tornasse á servir já mais no Egypto, para não ser muito mais avexado, & cativo, do que antes era . Para o assegurar, o prevenio Deos, & antes de lhe propor a empresa, por entender sua desconfiança, & o ver tão temeroso, lhe appareceo na charça, figura de seu nascimento, & debuxo milagroso da conjunção do Sol divino Christo Senhor nosso com a Lua da Virgem Maria no Presépio, para que de tão grande apparição, pronostico feliz de liberdade, tivesse por infallivel de a haver de conseguir para sempre, por muito que se empenhasse Pharaõ com seu grande poder, para o lojeitar, & cativar de novo: *Apparuit ei Dominus in flamma ignis de medio rubi.*

4o Não he tão mal fundado este meu pensamento, nem tão desempirado de prova, que a não tenha nos Padres, & sagrados Doutores . S João Damasceno o acena, & o Veneravel meu Padre Novarino, tão grande interprete dos my-

myſterios divinos, o dà a entēder cõ elegantes palavras. Diz Damasceno: *Per ſimulachrum quoddam, & umbram Mariæ tantus Legiſlator, & Princeps creatus eſt*: Por hũa imagem & ſombra da Virgem Maria, figurada na çarça, em que appareceo Deos á Moyſes, foi elle creado Principe, & Legiſlador de ſeu pouo. Mais ao ponto o grão Padre Novarino, com maior elegancia de palavras: *Non eſt myſterio viduum* (diz elle) *tempus, locusque, quo populi Princeps electus eſt Moyſes, à ſervitute populum redempturus. Id factum cum Deus illi in rubo apparuit*: Não carree de myſterio o tempo, & o lugar, em que ſoi Moyſes aclamado Principe de ſeu povo, para o remir de ſeu cativoiro. Fello Deos quando lhe appareceo na çarça; como ſe diſſera: Eſcolheo Deos eſte tēpo, & lugar, para que creſſe Moyſes, & tiveſſe por certo, que o não levantava á Principe, para ſe perder, nem o fazia Libertador de ſeu povo, para ſer de novo cativo; mas para reynar para ſempre livre da ſervidão do Egypto, debaixo do emparo de Chriſto, & da Virgem Maria, q̃ em ſombra, & figura lhe apparecia na çarça.

41 He eſta viſão retrato tão expreſſo da que houve no Reyno de Portugal: He eſta liberdade dos Hebreos tão ſemelhante á que feſtejamos, que ſem a applicarmos, por ſi ſe deixa entender. Só tem de differença, não ſer a appareição de Portugal em lugar ſancto, como o lugar, em que appareceo Deos á Moyſes: *Locus enim, in quo ſtas, terra ſancta eſt*, por ſe não ter ainda deliberado o Reyno, & nos muito menos neste Eſtado da India com tantos, & tão grandes favores do Ceo, à procurar hũa verdadeira emenda da vida, que pretende Deos dos Portuguezes. Muy pio he o Reyno, & ſuas Conquiſtas, mui Catholico, mui puro na Fè, mui applicado ao culto divino, faltalhe ſó ſer ſancto, faltalhe deſcalçarſe: *Solve calceamentum de pedibus tuis*: faltalhe deſpir os affectos deſordenados, deſpedir de ſi os peccados, deixar os vicios, abominar as culpas, deteſtar as offenſas de Deos, obedecer em tudo á ſeu divino Senhor, guardando

Damaſ.
Orat. 2.
de Aſ-
ſumpt.

Novar.
de vmb.
Virg. n.
565.

Exod. 3.
n. 5.

seus divinos mandamentos, para maior firmeza da liberdade, que nos deu, já que nos assegura com prodigiosas aparições do Ceo, que não nos ha de faltar nunca seu divino emparo na terra: *Ego ero tecum*. Tratemos famosos Portuguezes do que nos falta, para obrigarmos á Deos á nos dar o que promete, o muito que temos perdido neste Estado da India, não por falta de valor, mas por excessão de culpas, & peccados sem emenda da vida. Tratemos de sermos factos, para conseguirmos hũa liberdade mui firme, que tem Deos principiada, como a tem prometida.

42 Profigamos agora a que teve o povo Hebreo tão parecida com a nossa nos prodigios, como differente no valor, com que se houve para a conservar, porque temos nella ainda muito que ver, que ponderar, & que aprender. Indinado el-Rey Pharaó, de ver levantado por Principe á Moyses, & separado de seu Imperio hum povo tão grande, & de tão to proveito, & serviço seu, que era a gadelha de sua Monarquia, ajuntou soldados sem conto de pé, & de cavallo, com seiscentos carros de guerra, que formavão hum exercito poderoso; & marchando com toda pressa, seguindo-o até o Mar Vermelho, não só tratou de o sojeitar de novo, & tello mais opprimido, & mais baixo, mas ainda queria castigar com sangue, & morte, & com perda dos proprios bens confiscados para a Coroa, atrevimento tão justificado, & rebellião tão justa. A vista de tantas armas, não fizerão os Hebreos como os valerosos Portuguezes do Reyno, os quaes para conservar hũa liberdade não esperada, conseguida por milagre do Ceo, tratarão de enfraquecer o poder de Castella. Não armarão os braços de ferro, & o peito de valor, para fazer rosto á Pharaó, & romper ainda com poucos [empenho, & esforço sô dos Lusitanos] exercito tão grande de soldados. Não entrarão como os nossos as terras do inimigo, sojeitando suas praças, para que tendo muita guerra em seus proprios Reynos, tratasse fomento de se defender; mas desconfiados de si, & queixosos de seu Principe Moy-

Moyfes, suspirarão com medo da morte pello cativeiro passado : *Multó enim melius erat servire eis , quàm mori in solitudine* , engano dos que não acabam de entender , que húa liberdade ganhada com prodigios do Ceo, & com milagres, não pôde ser contrastada com victoria ; & que o morrer na campanha com a elpada na mão , para a defender, & ter por sepultura as proprias armas , coroa toda a vida de hum animo esforçado , & de hum coração invicto , como cantou hū Poeta Italiano :

Hum bel morir tutta la vita honora .

43 Mas não reparo eu tanto na covardia dos Hebreos, como na confiança de Moyfes, que para alentar animos tão fracos , & corações tão acovardados , lhes disse : *Nolite timere : state , & videte magnalia Domini , quæ facturus est hodie . Egyptios enim , quos nunc videtis , nequaquam ultra videbitis usque in sempiternum* : Hebreos não temais , estai de bom animo , parai , não fujais . Não vos sojceiteis de novo à quem vos teve tão opprimidos , & tão baixos . Confiai em Deos , & vereis as maravilhas, que ha de obrar neste dia para defensão vossa . Os Egypcios , que agora vedes , não os vereis em algum tempo mais . Moyfes ! De dizer à fazer vai grande tracto . Em que fundais , o que prometeis ? Não reparais na desconfiança deste povo , que avaliará por politico este vosso discurso , originado do proprio intercess , de vos queres conservar á custa de seu sangue na altura, à que subistes de ser Principe ? Dirá que para impedirdes , que se não levante contra vós , & se sojeite de novo á Pharaó , pedindolhe perdão do atrevimento com seguro da propria vida , lhe dais á entender , que não há mais de servir aos Egypcios , nem ainda vellos com seus olhos . Aonde as armas para se defender de hum Rey Monarcha tão poderoso ? Aonde a gente para romper hū exercito tão grande ? Aonde o dinheiro para sustentar húa guerra obstinada de tanto peso ? Aonde os Capitaes valerosos , os soldados esforçados, o numero grande de cavallos , a gente de pé, necessaria para em- presa

presa tão gloriosa? Aonde o exercicio militar, a experiencia da guerra, o modo de formar esquadroes, de ordenar exercitos, de dar batalha, para destruir o inimigo, & assegurar a victoria? Se cuidais que com lhe abrir o Mar Vermelho á hum ordenada fugida, porá em salvo a vida, & a liberdade com seguro de não haver já mais de ver os Egypcios, bem está; porque quem foje, não olha para tras o inimigo nas costas, mas trata só de pôr em salvo a vida, como cantou outro Italiano:

Hum bel fugir tutta la vita scampa.

Porém quem lhe assegura tão ditosa passagem? Quem lhe promete, que por onde escapará elle com vida, acharão os Egypcios a morte? Quem? Responde Moyfes: Não vedes, o que em meu favor, & do meu povo appareceo no Ceo? Que? Húa figura de Christo no seyo de sua Mãy Sanctissima, hum debuxo daquelle divino Pão do Altar na Lua da Virgem, pronostico mui certo, & argumento mui infallivel da maior liberdade, que podemos dezejar com perda do inimigo, que confiado no grande poder de suas armas, vem soberbo, & indinado para nos sojeitar de novo.

44. Expliquemos esta figura, em que fundou Moyfes sua maior confiança. Declaremos este mysterio penhor seguro da liberdade de seu povo, & da mayor perda do exercito inimigo. Marchava Deos com Moyfes na vanguarda em huma nuvé de dia, & em húa columna de fogo de noite, mostrando-lhe o caminho por onde o levava, & assegurando-lhe a passagem por terra, & por mar, para maior seguro da liberdade propria, & dos Hebreos. Mas tanto que chegou o exercito de Pharaò, vio Moyfes á hum Anjo no Ceo, que com a nuvé se poz na retaguarda no meyo entre o exercito do inimigo, & o povo de Israel: *Tollensque se Angelus Dei, qui præcedebat castra Israel, abiit post eos: & cum eo pariter columna nubis, priora dimittens, post tergum stetit, inter castra Egyptiorum, & castra Israel.* Admiravel visão, espátozo socello. Diz Ruperto que este Anjo representava à Chri-

Exod.
14. n. 19.

Christo. *Quis nam hic Dux itineris, nisi qui & Dux, & via nobis est Iesus Christus filius Dei?* E por esta rezão a sagrada Escriitura huma vez lhe chama Senhor: *Dominus autem precedebat eos*, & outra Anjo: *Tollensque se Angelus Dei*, porque Christo Senhor nosso em quanto Deos he Senhor, & como homem mandado por seu Eterno Padre ao Mundo, he o Anjo do Testamento, de quem falla Malachias: *Angelus Testamenti, quem vos vultis*. A Nuvê he sabido que significava a Virgem Maria, *Nubes columnæ similis* (diz S. Epiphanio) *quæ Deum habes, qui populum perduxit per desertum*. E huma, & outra couza representava o Divino Sacramento do Altar, diz o Veneravel Drogo: *Quæ est nubes, quæ præcedit veros Israelitas, nisi verissimum, & sanctissimum corpus tuum, quod in Altari sumimus, in quo velatur nobis altitudo Dei, immensitas magestatis tuæ?* Soberana visão, em que se via esta divina conjunção do Sol cõ a Lua, esta apparição do divino Sacramento na nuvê da Virgem, de Christo na Lua de Maria; porque a mesma nuvê (diz Ugo de S. Victor, & outros com Lyrano) era a que de dia fazia sombra aos Hebreos, defendendo-os do calor do Sol, & de noite servia de luar, allumiando-os com tão grande luz, que parecia hũa columna de fogo: *Per diem in columna nubis, per noctem in columna ignis*: E á vista de tão grande prodigio, de hũa apparição tão real, tão verdadeira, & tão divina, que representava á Christo na nuvê, à Christo no seyo de Maria, à Christo sacramentado na Lua da Virgem sua Sanctissima Mãe, penhor certo, & seguro de liberdade, não podia deixar o magnanimo Principe Moyses de a não prophetizar, & ainda assegurar para todo sempre aos Hebreos, com total perda, & ruina dos Egypcios, que soberbos os vinha acometer: *Egyptios enim, quos nunc videtis, nequaquam ultra videbitis usque in sempiternum*.

45 Ditoso Principe, á quem o Ceo assistia com tão grandes milagres. Felis, & mil vezes felis Capitão, que tinha á Deos por guia, & á Virgem por emparo, á quem appareceo

M

em

Rupert.
in Glos.
ord. cap.
13. Exod.
Exod. 13.
n. 21.

Malac.
3. n. 1.
Ephiph.
de Laud.
B. Mariæ.

Drogo
serm. de
Sacram.
Domin.
Pass.

Vgo de
S. Vict.
apud
Lyppom.
cap. 13.
Lyrano.
hic.
Exod.
13. n. 21.

em figura Christo Senhor nosso na Lua de sua Mãe, para o libertar para sempre da servidão do Egypto. Não he este successo hum debuxo, & pintura, do que houve em Portugal? Não he esta liberdade hum retrato da que se principiou no Reyno? Dito Rey, que à semelhança do Principe Moyses he tão favorecido do Ceo, que por hum Anjo lhe mandou o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia encerrado na Custodia, & retratado na Lua, para seguro de haver de conservar sua Coroa, & a liberdade de seus vassallos.

46 Não foi esta apparição somente final de ser aclamado Rey por obra divina, como vimos na primeira parte deste discurso: Nem tão pouco foi somente pronóstico de se haver de conservar para sempre em seu Reyno, livre da servidão de Rey estrangeiro, como Principe libertador de seus vassallos, como agora mostramos nesta segunda parte; mas he ainda penhor, & argumento muy certo de muytas victorias, que muyto de antemão se podem prometer suas armas: *In luce sagittarum tuarum ibunt, in splendore fulgorantis hastæ tue*, como veremos nesta terceira parte.

III.
Parte.

47 A terceira conjunção maxima do Sol divino Christo Senhor nosso com a Lua immaculada da Virgem Maria, pronóstico felis de venturosos successos nas armas, de victorias, & triumphos, foi na ultima cea, na instituição do Sanctissimo Sacramento da Eucharistia. Duvidarão alguns desta conjunção de Christo com a Virgem Maria na derradeira cea, & outros a negarão, ordenando-o por ventura Deos, para que ainda nesta circumstancia se parecesse com ella a q̃ houve em Portugal, de q̃ duvidarão os incredulos, q̃ a não virão, & outros a negarão. Dizerão alguns q̃ a Senhora não cõungara cõ os Apostolos no Cenaculo, quando o Senhor instituiu a Eucharistia, entre outros Blofio: *Maria in ultima cena Corpus filij sui non sumpsit*, sem outro fundamento, que de o não escreverem os Evangelistas, como se os Evangelistas não tivessem deixado de contar muitas cousas da vida de Christo, como o affirma S. João por remate de

Blofio

Joan. 21.
n. 25.

de seu sagrado Evangelho, que ou por tradição antiga despois soubemos, ou por revelação divina manifestada à muitos Sâctos, ou por conjecturas, & argumentos, deduzindo huma cousa da outra, desfazendo o duvidoso, tirando com evidencia, ou ao menos com probabilidade as consequencias do certo, com que muitas cousas averiguamos de Christo, & da Virgem Maria, que os Evangelistas não contarão.

48 O mais certo he, que a primeira pessoa, como mais digna, & mais querida, à quem deu o Senhor seu sagrado corpo em comida no divino Sacramento, foi à Virgem. Por que se não pode duvidar, que a Senhora estivesse no Cenaculo, para celebrar pela observancia da ley com seu divino Filho a Paschoa: *Persuasum habeamus* (diz Vigerio) *Sanctam Mariam Matrem Dei in ultima cena pro legis observantia cum Filio suo cenauisse*. Nem tão pouco se pode duvidar (diz o Padre Novarino) que estivesse presente a Virgem, quando Christo instituiu a Eucharistia: *Cum Sacramentum instituit Eucharistiam Christus, adsuisset & Virginem non est dubium*; por consequencia cômungou; & por mais querida, & mais digna foi a primeira em receber à Christo.

Marc:
Vig. in
Decach.
chord. 6.

Nouar.
de Agn.
Euchar.
n. 1151.

49 Nem faltão argumentos, & rezoens quasi evidentes, que o provão. Todos dizem, que a instituição da Eucharistia foi huma extensão amorosa da Encarnação do Verbo, como refere o Padre Chislerio nos Cantares: *Egregie quiddam Sacramentum istud extentionem appellant Incarnationis*. Se pois a Encarnação se fez por obra do Spirito Sancto no ventre virginal de Maria, rezão era, que a extensão della começasse pela mesma Virgem. Provasse mais por huma curiosa observação, & conjectura de Biel. Calculando este gravíssimo Doutor o tempo, em que o Summo Sacerdote Melchisedech offerreco à Deos o sacrificio do pão, & do vinho, figura tão expressa do sacrificio do Corpo, & Sangue de Christo, que o mesmo Senhor offerreco à seu Eterno Padre na derradeira cea, diz que foi em 25. de Março: *Hodie* (à saber neste dia 25. de Março) *à Melchisedech in figura*,
longe

Ghisler:
in Can-
tic. c. 2.
verf. 4.

Gabriel
Biel. Ser.
2. de An-
nunt.
B. Mariæ

*longé post instituenda Eucharistia, panis, & vinum offer-
tur.* He certo que em 25. de Março foi a Encarnação do
Verbo divino. He mui provavel, que na mesma noite em
que se principiavão 25. de Março celebrou Christo a Pas-
choa, & instituo o Divino Sacramento do Altar, poucas
horas antes de sua sagrada paixão. Convinha pois, que nessa
mesma noite tão mysteriosa a primeira que comungasse fos-
se sua Sanctissima Mãy, renovando o Senhor a Encarnação
por modo de extensão amorosa em sua querida Mãy no
mesmo dia, em que foi concebido em seu sagrado ventre.

Matth.
26.n.57.

50 O dezejo tambem de comungar foi muito mais ar-
dente na Virgem, que nos Apostolos, que como imperfei-
tos naquella tempo, & muito mais naquella noite, em que
todos desemparrarão á Christo, *Omnes relicto eo fugerunt,*

Emissen.

nem tão pouco entendião perfeitamente tão grande myste-
rio. O de Christo era tão grande de se comunicar á sua
Mãy, & de morar de novo em seu sagrado, & purissimo vē-
tre, abraçado com sua alma sanctissima, que por seu amor,

dizem os Sanctos Padres, & sagrados Doutores, instituo
o Senhor a Eucharistia: *Hoc unum tibi debemus ò Maria*

(diz Eusebio Emisseno) *quod Christus se nobis corporaliter*

exhibuit, ut tua de nouo viscera visitaret. O mesmo diz Sa-
lazar, & quasi com as mesmas palavras: que instituo Chri-
sto a Eucharistia, para se cōmunicar húa, & muitas vezes à

Salazar
in Prov.
c. 9. vers.
4.

sua sanctissima Mãy, que tanto lhe agradou no tempo que
morou em suas purissimas entranhas: *Vt illa, quæ olim adeó*
complacuerunt viscera, sæpius repeteret, ac viseret. Que re-
zão ha pois, para se duvidar, se comungara naquella mes-
ma noite, em que instituo o Senhor por seu amor tão alto
Sacramento? E parece lhe era devido, que fosse ella a pri-
meira, que o recebesse, porque ella foi que o trouxe do Ceo,
que o formou, & encerrou por nove mezes em seu sagrado
ventre, que no lo deu no Presépio, que o criou com seu pu-
rissimo leite, & que o offereceo no Templo à seu Eterno
Padre na circumcisão, & todos os momentos em sua casa pe-
la

la redempção do genero humano , como o fez despois com tantas lagrimas na Cruz .

51 Suposta esta verdade para mim infallivel, que aquelle Sol divino Christo Senhor nosso na Eucharistia se unio sacramentalmente com a Lua immaculada da Virgem Maria no Cenaculo , sendo muitos os fins , muy mysteriosos , muy soberanos , & muy divinos , que o Senhor teve nesta união feita neste tempo , hum delles á meu ver foi , para dar hum final muy certo , & evidente aos Apostolos das victorias , que havião de ter suas armas, que deliberava tomar na mesma noite de sua fagrada paixão contra a morte , & o inferno: *Ero mors tua ó mors : morsus tuus ero inferne* , animando-os , & persuadindo-os à não desconfiarem da victoria, se virem a batalha sanguinolenta , & se concluir no cabo com sua morte .

Osce
13.n.14.

52 Principiemos as provas com o tempo , em que instituiu Christo a Eucharistia . Observou S Paulo , que foi na noite de sua entrega : *In qua nocte tradebatur* : E do Exodo se colhe , que foi na Lua quarta decima : *Primo mēse, quarto decimo die mensis ad vesperam* , quando os Hebreos celebravão sua Paschoa : *Ante diem festum Paschæ*, diz S. João. Mas porque não muito antes em tempo mais felis ? Se este divino Sacramento he pão da vida : *Qui manducat hunc panem , vivet in aeternum*, porque o instituiu Christo no tempo de sua morte ? Se he penhor da gloria : *Futurae gloriae nobis pignus datur* , porque de noite , symbolo , & figura das trevas do Inferno ? Se he comida , que encerra todo gosto , & doçura : *Omne delectamentum in se habentem* , porque o cõsagrou na noite lastimosa da amargura ? Naquella noite, em que as luzes de seus divinos olhos havião de gotejar no Horto lagrimas de sangue , o fogo immenso de seu divino amor no lambique de suas sacratissimas mãos distillão tão alto Sacramento ? Naquella noite , em que os soldados carregado-o de opprobrios havião de cubrir seu divino rosto com hum yco de ignominia , elle para nos encher dos bens do Ceo cõ

Ad Co-
rint. 11.
n. 23.

Exod. 12.
n. 18.
Joan. 13.
n. 1.

Joan. 6.
n. 59.

Breviar.
Roman.
in festo
Corp.
Christ.
Ibidem .

o manjar divino de sua sacratíssima carne, o encubrio com o branco veo dos sagrados accidentes? Naquelle noite, em que Judas traidor tratava de entregar aos Judeos sua divina Pessoa, para ser cōdenada à cruelíssima morte na dura Cruz, para nos aliviar das em que encontramos no Mundo, nos faz tão amorosa entrega de si mesmo? Para que Senhor neste tempo tão lastimoso, & não em outro muy alegre, & festivo? Porque em conjunção da Lua quarta decima nas vesporas do dia *Quarta decima die mensis ad vesperam*, & não de meyo dia, quando os rayos do Sol mais resplandecem?

D. Bern.
apud Pe-
pe de
purg. ser.
18. n. 8.

Joan. 12.
n. 31.

53 Muitas são as rezoens. A que faz ao nosso proposito fundase na authoridade de S. Bernardo. Diz este Sancto, q̃ o divino Sacramêto da Eucharistia he poderoso para destruir o inimigo infernal. *Hoc Sacramentum potens est debellare obvias potestates*. Discurso agora assi. Tinha Christo nosso bem deliberado por ordem divina de se levantar com este grão Reyno do Mundo, de que era legitimo Rey, & Senhor, no ultimo dia de sua vida. Tinha assentado com seu Eterno Padre de lançar fora delle à Lucifer, que injustamente o possuia, no tempo de sua morte: *Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras*, de libertar os Sanctos Padres, que cativos estavam presos no Limbo, & conseguir seu divino intento com gloriosa victoria, armado contra o poder da morte, & do inferno. Por campo elegio o Calvario, por fortissimo peito as chagas de seu divinissimo corpo, por murrião os espinhos, por settas os pregos de suas sagradas mãos, por lança a que ferio seu lado, por baluarte, donde pelejasse có maior certeza da victoria, a eminencia da Cruz, & por estandarte da guerra a purpura de seu sangue. Com estas armas tão fortes, & tão invenciveis havia Christo de sahir em campo na sexta feira, acometer em batalha inimigos tão poderosos, & destruir seu tiranico poder. Para dar ao Mundo hum final mui certo de o haver de possuir para sempre, & dominar com absoluto imperio: aos cativos do Limbo de sua dezejada liberdade: aos Apostolos de gloriosa victoria, &

& ao Inferno de sua maior ruina, antes de sahir em campo, antes de dar a batalha à Lucifer, na noite antecedente fez apparecer aquelle divino pão, que adoramos no Altar em conjunção de Lua quarta decima: *Quarta decima die mensis ad vesperam*, figura da Virgem; & por ser a empresa tão grande, quiz que assistisse o mesmo figurado, sua Mãe sanctissima, unindose sacramentalmente com ella na comida, que lhe administrou de seu sagrado, & divino corpo: *In qua nocte tradebatur*.

54 Ditosa noite, que teve por Principe guerreiro à Christo contra o Inferno. Feliz batalha, que concluiu a maior victoria. Para essa noite guardou Deos esta conjunção do Sanctissimo Sacramento com a Lua tão fermosa da Virgem Maria. Queria a Senhora anticipalla pelo grande dezejo, q̃ tinha de comungar, & com ser tão poderosa com seu divino filho, não o pode alcançar, se não nesta ultima hora, porq̃ só nesta hora havião as armas de Christo por decreto divino de seu Eterno Padre de ter gloriosos socessos, & grandiosos triumphos: Sô neste tempo havia de triumphar da morte, & do Inferno. No banquete, que houve nas bodas de Caná de Galilea achouse Christo Senhor nosso com sua Mãe. Faltou no melhor tempo o vinho aos convidados. Propoz a Virgem á seu divino Filho a falta, para que a remediasse cõ milagre: *Vinum non habent*, como Senhora tão pia, & tão cuidadosa do nosso bem, que nas necessidades, & apertos nunca nos falta. Excusouse o Senhor: *Nondum venit hora mea*: Não he ainda chegada a minha hora, & fallou da hora de sua morte, como mostrão as palavras de S. João: *Sciens Iesus, quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*, da noite de sua amargura, do tempo de sua sagrada paixão. O que me admira neste lugar he, que se Christo negou á Virgem o milagre, que lhe pedio, por não ser chegada a hora de sua morte, porque atraz desta negativa logo o fez? Como logo converteo a agoa em vinho, para que não faltasse aos convidados? Mandou o Senhor (diz o Evangelista

Joan. 2.
n. 3.

Joan. 3.
n. 1.

Joan. 2.
n. 7. & 9.

lista S. João, encher os vasos de agoa, & os converteo em vinho perfeitissimo: *Implete hydrias aqua &c. Vt autē gustavit Architriclinus aquam vinum factam, &c.* Nega pois Christo à sua Mãy o milagre, & o faz? Elcufase por não ser ainda chegada sua hora, & o poê logo por obra? Não ha que espantar, se considerarmos bem o que a Senhora pedio, & o que Christo negou.

S. Iren.
l. 3. c. 18.

55 Dous milagres pedio a Senhora à Christo nesta occasião. Hum foi a transubstanciação da agoa em vinho, pela falta que della havia nos convidados: *Vinum non habent*: Outro muito maior, diz S. Ireneo, era o milagre da trãsubstanciação do vinho em seu preciosissimo sangue, pela sede grande, que tinha a Senhora de o beber sacramentado: *Fervore quodam ducebatur Deipara bibendi sanguinem Christi*, tomando desta falta occasião, para pedir á seu divino Filho o milagre maior do Sanctissimo Sacramento. Para o primeiro milagre não se negou o Senhor. Felo por amor de sua Mãy, & à sua petição. Mandou encher as talhas de agoa: *Implete hydrias aqua*, & tanto que forão cheas, as transubstanciou em purissimo vinho. Mas o milagre maior da transubstanciação do vinho em seu preciosissimo sangue, a instituição do divino Sacramento da Eucharistia tinha reservado para a ultima noite de sua vida, para o tempo de sua sagrada morte, que por não ser ainda chegado: *Nondum venit hora mea*, lho negou. E quiz dizerlhe em tão poucas palavras: Mãy sãctissima, para o primeiro milagre estou prestes, fallo-hey por amor de vós, por vós mo pedirdes. A falta he alhea, mas o requerimêto he vosso, por vosso amor a remediarei cõ milagre. Porém o da cõversão do vinho no meu preciosissimo sangue, pelo que està decretado *ab eterno*, não pode ser por hora, porque não he ainda chegado seu tempo: *Nondum venit hora mea*. Não he ainda chegada a hora do meu levantamento, em que serei levantado da terra, para dominar em todo o Mundo: *Si exaltatus fuero á terrá, omnia traham ad me ipsum*. Não he chegado o tempo da

Joan. 12.
n. 32.

da minha acclamação , em que serei acclamado Rey , & Senhor do Mundo todo . Não he ainda chegado o tempo das minhas victorias , da batalha , que hei de dar á Lucifer no Calvario , da liberdade dos filhos de Adão , & da sojeição deste grão Reyno do Mundo ao meu justo, & soberano Imperio . Como esta hora chegar, fallohey , como este tempo vier , então si . Na noite de minha sagrada paixão ao fahir da Lua quarta decima figura vossa: *Quarto decimo die mensis ad vesperam* , & ainda estando vós presente , q̃ sois o figurado, farci apparecer o Divino Sacramento, a Hostia , & o Caliz , o pão transubstanciado no meu divino corpo , & o vinho no meu sangue . Então si, me unirei com vós , para que desta conjunção tão grande , desta apparição tão real , tão milagrosa , & tão divina, em tão rico painel de vossos resplandores , conheça o Mundo ser chegado o tempo de sua liberdade , & o Inferno de minhas victorias, & tema Lucifer à vista de tão divino , & milagroso final a perda, & ruina , que ha de ter .

56 Di tolo Portugal , que entre os rayos , & resplandores da Lua mereceo tẽr carta de seguro de haver de conservar sua liberdade, que tão alegremẽte logra debaixo de seu Rey. Feliz Lusitania , que na Hostia consagrada , que lhe mādou Deos do Ceo debuxada na Lua pelos Anjos , teve certo final de suas venturas . Bemaventurado Reyno , por quem o Senhor se empenha com prodigios , & milagres para dar à suas armas gloriosos socessos . Bem pode de antemão celebrar muitas victorias ; pois o penhor , & final, que dellas teve nesta apparição tão grande , não só he muy certo, & seguro , mas hum dos maiores , que Deos tem obrado por amor de seus mais queridos .

57 Este final de victoria dezejou o Principe Josue , quando acometeo com seu famoso arrayal cinco Reys poderosos, que com cinco Exercitos tinhão de cerco a grão Cidade de Gobaon , brigando contra elles com esforço , & valor por todo o dia atẽ se pôr o Sol ; & tendo á Deos de sua parte , q̃

N

não

Josue 10.
n. 12.

não sò o tinha assegurado da victoria, mas com pedras grãdes, que mandou chover do Ceo contra os Exercitos de tão poderosos inimigos, brigava em seu favor, quiz com tudo para maior segurança que parasse o Sol, & a Lua, enterrompendo seu ordinario curso até a concluir de todo: *Sol contra Gobaon ne movearis, & Luna contra vallem Ajalon. Steteruntque Sol, & Luna, donec ulcisceretur se gens de inimicis suis.*

Lyrano.
hic.

58 Mysterioso passo. Se Josue brigava já de dia pela tarde, & não de noite, que necessidade tinha da Lua, para concluir a batalha cõ victoria? Porque lhe mandou que parasse? E se cuidava, que a concluiria de noite, para que mandou ao Sol, que se não pozesse, tendo de sua parte a Lua? Não lhe bastava, que ou o Sol, ou a Lua parasse á seu mando em seu favor, para ter de tão poderosos inimigos gloriosa victoria? Valhanos para o fim que pretendemos a exposição de Lyrano. Diz este Doutor: *Videns Iosue primum signum datum de Cælo aereo: ex hoc confidens, petivit secundum de Cælo Sydereo.* Doutra exposição, delicado sêtido. Diz q̃ vendo Josue no Ceo inferior do ar o primeiro final, que Deos lhe deu da victoria na pedra, que mandou chover cõtra os Exercitos do inimigo, tomou do mesmo soccesso confiança para lhe pedir o segundo no Ceo superior dos Planetas, de parar à seu favor o Sol, & a Lua: *Petivit secundum de Cælo sydereo.* Como se differe à Deos este grão Principe, & Capitão tão esforçado: Senhor bastavame vossa palavra, para eu estar certo da victoria, que pretendo de cinco Reys poderosos, donde depende a liberdade da minha grão Cidade de Gabaon, que val por hum Reyno, & do meu povo, que amo como filhos. Mas já, que vos sois servido de me querer ainda assegurar della com finais do Ceo, peçovos, que mos não deis sómente neste Ceo inferior tão corruptivel do ar, mas tambem no superior dos Planetas; nem tão somente no Sol figura do Sanctissimo Sacramento (como diz Chrysostomo explicando este passo) mas tambem na Lua

figu-

figura da Virgem Maria, mandando-os parar ambos juntos: *Sol contra Gabaon ne movearis, & Luna contra vallem Aialon*: Que se eu vir isto com meus olhos, estarei muito mais certo, & seguro de haver a Cidade de Gabaon ter sua liberdade, & meus soldados gloriosa victoria; porque não ha final mais certo, nem penhor mais seguro de liberdade, & de victorias, como este divino Sol do Sanctissimo Sacramento em conjunção da Lua figura da Virgem Maria: *Steterunt q̃ Sol, & Luna, donec ulcisceretur se gens de inimicis suis*.

Chryf.
hom. 27.
in Epist.
ad Heb.
tom. 4

59 O raro prodigio, ô seguro pronóstico! Quantos teve o nosso invicto Josue, el-Rey D. João IV. de haver de ser Rey, & Senhor de Portugal? Quantas prophcias da liberdade de seu Reyno? Quantos finais precederão da sua acclamação, que lha prometerão felicissima? Quantos milagres a acompanharão, para q̃ se não temesse do grande poder de Castella? Não os relato por correrem pelas mãos de todos em papeis manuscritos, & impressos. Todos estes bastantes erão, para estar certo, & seguro de se haver de conservar para sempre em seu Reyno com felicissimos soccessos, nas fronteiras, & gloriosas victorias nas batalhas. Quiz cô tudo Deos darlhe outro maravilhoso final maior que todos no Sol, & na Lua, neste divino Sol sacramentado, que lhe appareceo entre os rayos, & resplandores da Lua, para que estivesse muito mais certo, & seguro, que terião suas armas grandes victorias de hum Rey tão poderoso, como o de Espanha, que não sô val por cinco, mas por cento.

60 Diga pois com Chrysostomo com animo generoso, & invicto: *Quid mihi opus est Sole, & Luna, & istis miraculis, ipso Domino cunctorum apud me habitante, & permanente? Ipse mihi erit Sol, ipse lumen*: Que necessidade tenho do milagre de Josué, de parar este Sol, & esta Lua material, estes dous Planetas do Ceo, para que com sua luz resplandeção minhas armas, & tenham com ella meus soldados muy prosperos soccessos na campanha, se tenho em meu favor o Sol divino Christo Senhor nosso sacramentado na Ho-

Chryf.
loc. sup.
cit.

stia, em que veyo morar em meu Reyno como em propria casa: *Sol, & Luna steterunt in habitaculo suo?* Se para me afflittir, & emparar meus Exercitos decco do Ceo, sem lho pedir, debuxado na Lua: *In luce sagittarum tuarum ibunt, in splendore fulgurantis haste tue?* Nelle terei com maior ventagem as prosperidades, que dezejo, & as victorias, que pretendo.

61 Não digão os incredulos, que não merecerão ver este prodigio, que foi erro dos olhos, trefvalio do entendimento, & sonho dos ignorantes, porque he tão benigno este Soberano, & divino Planeta, este Sol do Sacramento, que ainda sonhado promete victorias. Estava o Exercito dos Madianitas aquartellado em hum Valle, esperando húa boa occasião, para acometer à Gedeão Capitão Geral do povo de Deos, dos mais esforçados, que celebra a Sagrada Escritura, & em batalha romper seu Exercito, & destruir seu poder. Neste comenos sonhou hum soldado Madianita de noite hum sonho mysterioso, que em acordando contou à outro de sua companhia. Pareciame, disse, ver hum pão, que rodando acometia aos Esquadroens do nosso Exercito, & destruia a tenda do nosso Principe atè arrafala, & igualala com o chão: *Vidi somnium, & videbatur mihi quasi subcinericius panis ex bordeo volvi, & in Castra Madian descendere: Cumque pervenisset ad tabernaculum, percussit illud, atque subvertit, & terra funditus coe-quavit.* Em ouvindo o outro o sonho, fez logo juizo delle, & com acerto disse: *Non est hoc aliud, nisi gladius Gedeonis Filij Ioas, viri Israelitæ. Tradidit enim Dominus in manus ejus Madian, & omnia Castra ejus:* O pão, que sonhastes, não he outra cousa mais, que a espada de Gedeão, filho de Joàs, homem Israelita, que nos ha de acometer, & destruir, por lhe ter já Deos entregue Madian com seus arrayaes. Sobre as quaes palavras diz Abulense, que este homem, que enterpretou o sonho, com ser Gentio, foi Propheta, alli como o foi Caifas, sendo pecador, porque soccedeo logo, como

Ju. lic. 7.
n. 13.

Ju. lic. 7.
n. 14.

como disse: *Licet Gentilis; tamen tanquam alter Caipha prophetavit.* Abulen. hic.

62 Notavel sonho, estranha interpretação. Parece, que não combinão, sonhar em pão, que he alimento da vida, & julgar, que he espada, que he instrumento da morte. O que vio o soldado durmindo, o que se lhe representou sonhando à olhos fechados, foi hum pão: *Subcinericius panis*. Em que pois fundou o Interprete desta sonhada visão, desta aparição só imaginada, que era a espada de Gedeão: *Non est hoc aliud, nisi gladius Gedeonis*? Se foi sonho: *Vidi somniũ*, & dos sonhos não se faz calo; como o juizo, que delle se fez, foi tão acertado, o pronostico tanto ao justo do que socedeo, que foi prophesia: *Prophetavit*, prophetizando de hũa aparição sonhada hũa victoria tão certa: *Tradidit enim Dominus in manus ejus Madian, & omnia Castra ejus*? Espada figurada em hum pão, prophesia fundada em hum sonho, que mysterio podia ter? Muy grande. Este pão, (dizem muytos Interpretes da Sagrada Escritura, Barradas, Lorino, Novarino, & outros) significava o pão, que adoramos no Altar, o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, & mais propriamente a Hostia consagrada. Tanto assi, que Caietano diz, que era redondo: *Orbicularis figura*. E o pão do Altar, a Hostia consagrada, se apparecer à favor de hum Capitão Geral, de hum Principe, de hum Rey armado para acometer o inimigo em campanha, ainda em sonho, ainda imaginado durmindo, he tão certo final, que ha de vencer, que he a espada, com que se pode prometer hũa grande victoria, tanto ao certo, que pronosticala de antemão, dizela antes, q̃ aconteça, julgase prophesia: *Licet Gentilis; tamen tanquam alter Caipha prophetavit.*

Barrad.
tom. 4 l. 3.
c. 11.
Lorin.
in Plalm.
103.
Novar.
de Euch.
n. 1164.
Caietan.
hic.

63 Tomara ainda que pecador prophetizar à el-Rey D. João IV. muitas prosperidades, & victorias; pois ainda os pecadores podem ser Prophetas, hum Gentio, hum Caiphas: *Licet Gentilis; tamen tanquam alter Caipha prophetavit*. Appareceo em Portugal na Lua a Hostia consagrada

por diversos modos: Entre dous Anjos: Em cima de hũ Caliz: E na mão de hum Anjo encerrada na Custodia, que adava à hum homem armado com murrião, & peito em tempo, que el-Rey tinha tomado as armas contra Castella, pouco depois de sua tão felis acclamação, & restituição à seu Reyno. Alguns por não a terem visto, a bautizarão por sonho. Seja sonho como estes querem; seja engano, & erro dos olhos, como outros cuidarão, que eu vos digo, que he a espada del-Rey de Portugal, que lhe tem Deos mandado do Ceo pelos Anjos, para com ella dar à seus Arrayaes, & Armadas venturosos socessos, façanhosas victorias, gloriosos triumphos contra os Exercitos dos mais poderosos inimigos, que o quizerem acometer, & perturbar em seu Reyno; quanto mais sendo verdade justificada com juramento, não por hũa sô pessoa, mas por muitas muy authorizadas, & muy dignas de fé: *Non est hoc aliud nisi gladius Gedeonis*; porque este divino pão, ainda imaginado durmindo, ainda sonhado de noite, he a espada de quem Deos favorece para conseguir muytas victorias.

64. Quantas forão as que teve el-Rey David, quam grãdes, & quam façanhosas? Quê lhas deu, se não este divino pão? Como as alcançou, se não cõ o escudo, & cõ a espada da Eucharistia, com a Hostia, & com o Caliz do Sanctissimo Sacramento? Armado com armas tão poderosas, não poderão contra elle seus inimigos, nem o Gigante Golias, nem os Exercitos Philisteos, nem os odios del-Rey Saul, nem a rebellião de Absalão, nem as maldiçoens de Semei. A pezar de todos, que lhe querião mal, & dezejavão de o ver destruido, foi o mais victorioso, & bem afortunado Rey, que houve em seu tempo. Diga-o o mesmo Rey: *Parasti in conspectu meo mensam, adversus eos, qui tribulant me. Impinguasti in oleo caput meum*. Quando vós meu Deos (diz David) me elegestes por Rey do vosso povo, quando para me coroar, mandastes botar pelo Propheta na minha cabeça os oleos sagrados, no mesmo tempo me aparelhastes huma

Plal. 22.
n. 5.

huma rica, & soberana Meza, hum banquete grandioso cõtra meus inimigos, que com obstinadas guerras, & odios immortaes procurão minha ruina.

65 Cuidara eu, que aparelhasse Deos para socorro de David hũa praça de armas, que ordenasse hum exercito poderoso, que lhe desse muitos soldados, ou que sahisse com elle nas campanhas, para lhe dar muitas victorias. Mas ordenar huma meza de iguarias, aparelharlhe hum banquete de guizados, para que? Falla David da sagrada meza do Altar, que Deos ordenou, quando o elegeo por Rey pelo Propheta Samuel. E foi mandar Deos ao Propheta, que lhe offerecesse em sacrificio hum bezerro, figura do sacrificio da Missa, & viva representação do Sanctissimo Sacramento do Altar, para no mesmo tempo lhe mostrar el-Rey, que havia escolhido de seu povo: *Vitulum de armento tolles in manu tua. Et vocabis Isai ad victimam, & vnges quicumque monstravero tibi.* Lembrado David deste sacrificio na maior força das guerras, & perseguiçoens, que tinha, & nas maiores batalhas, que deu, & alumiado com luz superior, ser este sacrificio hũa representação, & figura da meza do Altar, em q̃nos dà Deos em comida seu sagrado corpo, lhe diz: *Paraſti in conſpectu meo menſam*: Quando vós meu Deos me levantastes Rey, fizestes apparecer diante de meus olhos, *In conſpectu meo*, hũa figura do vosso sagrado, & divino corpo sacramentado, na Meza, que me apparelhastes da Eucharistia, figurada no bezerro, que na minha presença, diãte de meus olhos se vos offereceo em sacrificio; por tanto não tenho de q̃ me temer. Venhão cõtra mim meus inimigos, faya em cãpo à brigar comigo o Gigante Golias cuberto de ferro, & aço, acometão me os Philisteos com seus Exercitos poderosos, façame muita guerra Abſalão, me perſiga de morte el-Rey Saul, arme contra mim o Mundo todo, não temo, nada arreceo, brigarei com todos ſeguro da victoria; porque à minha viſta, diante de meus olhos tenho o Divino Sacramẽto da Eucharistia em meu favor, que vós meu

1. Reg.
16. n. 2.

meu Deos me tendes apparelhado na Meza do Altar contra todos, que tratão de me perseguir: *Parasti in conspectu meo mensam, adversus eos, qui tribulant me.*

66 Tanto disse el-Rey David: Não menos poderá dizer el-Rey de Portugal: *Parasti in conspectu meo mensam, adversus eos, qui tribulant me: Impinguaſti in oleo caput meũ.* Quando vos Deos meu me fizestes Rey do vosso querido povo Portuguez: Quando puzestes na minha cabeça a Coroa Real, que legitimamente se me devia, herança de meus Reys Avós, então me apparelhastes no Ceo hũa grandiosa Mesa, em que me destes o escudo, & a espada do vosso sagrado corpo, & sangue, representado na Hostia, & no Caliz entre os rayos, & resplandores da Lua, para com armas tão poderosas ter de meus inimigos façanhas victorias; porq̃ servio de Meza a Lua, as Nuvés de toalha, de tecto o Ceo, de tochas as Estrellas, de pajens, & servintes os Anjos, de divino manjar seu sagrado Corpo, & de regalada bebida seu preciosissimo Sangue, que são as armas mais fortes, & mais seguras na guerra, que Deos lhe offereceo para vencer, & triumphar do maior poder do inimigo.

Pſalm. 22.
n. 5.

67 Cantou seus triumphos el-Rey David, pôdo os olhos nos muitos, que tivera, fazendo author de todos elles o Divino Sacramento do Altar, com que podemos estar certos de havermos nos tambem de cantar, como elle, os que nos prometem nossas armas, apadrinhadas, & assistidas do mesmo Senhor: *In luce ſagittarum tuarum ibunt, in ſplendore fulgurantis baſte tue.* Porque depois de dizer David: *Parasti in conspectu meo mensam, adversus eos, qui tribulant me,* proſeguiu logo cantando: *Et Calix meus inebrians quàm præclarus eſt?* Como se diſſera: He o vosso Calis (amantissimo meu Deos) tão myſterioſo, & tão divino, que acho nelle mil bês que poſſuir, mil gostos do Ceo que lograr, & para este meu povo de Israel mil triumphos, que prometer; pois ſendo tão ſuave para ſe nelle beber o vosso ſuaviſſimo, & preciosissimo ſangue, he tambem forte escudo, & espada muy

muy penetrante, & segura, para fahir com ella em campo à brigar. De modo meu Deos, que no vossò divino Caliz acho o precioso do vinho, & o poderoso das armas, o suave, & o forte; porque nelle se achão gostos, & escudos, sabores, & espadas, bebidas, & victorias, doçuras, & tropheos, delectes, & triumphos.

68 Não sei se he fabula, ou historia, a que se conta dos Delphos, aonde Apollo como falso Deos dava fallas repostas. Diz Bovesio, que naquelle Templo havia hũas taças feitas có tanto artificio, q̃no mesmo tẽpo servião de copos para beber, & de escudos para brigar: Erão juntamente copos, & escudos: *Vno eodemque tempore consurgebant convivorum apparatus, & militiæ, schyphi, & scuta, crateres, & clypei, pocula, & arma. Propinabant vina, propellebant inimicum.* Comparada esta fabula, ou historia com o Caliz do Altar, ou com a apparição tão prodigiosa de Portugal, não tem lugar, He nada à vista de tão grande successo. He sombra que desaparece ao nacer do Sol do Sacramento. Porque com muito maior maravilha, & com modo muy soberano, & milagroso por obra do nosso amantissimo Redemptor Christo Senhor nosso he o divino Caliz do Sacramento da Eucharistia verdadeiramente copo, & escudo, copo para beber, & arma muy forte, com que nos armamos para militar. *Nos armamur* (diz o devotissimo Novarino) *quia bibimus in Eucharistie Sacramento*: Armamonos, porque bebemos no copo do Sacramento da Eucharistia. He copo, & escudo. He Caliz, & Arma. Copo em que se bebe o sangue preciosissimo de Christo: Escudo com que se assẽgurão as victorias. Copo em que o sangue refaz as forças da alma: Escudo que nos defẽde do inimigo. Copo com que nos enriquece Deos de mil bens: Escudo com que nos livra de mil males. Copo para dar mil sabores à quem por elle bebe: Escudo para dar mil triumphos á quem com elle briga: *Et Calix meus inebrians quàm præclarus est?*

Bovesio.
in Praef.
schol. §.
3.

Novar.
de Agno
Euchar.
n. 1175.

69 Maravilhofo Caliz, mysterioso Corpo, soberana Me-

za, em que achão os Soldados Portuguezes nas Campanhas comeres, & armas, iguarias, & espadas, bebidas, & escudos, vinho, & victorias, & tão grande companhia, & assistência, que nos assegura dos triumphos: *In luce sagittarum tuarum ibunt, in splendore fulgurantis haste tue.*

70 Por remate destes tres juizos, que fizemos nas tres partes deste discurso, dos tres pronosticos de Coroas, de Liberdade, & de Victorias, que nos promete esta appareição tão prodigiosa, este prodigio tão soberano da cõjunção maxima do Sol divino Christo Senhor nosso, com a Lua da Virgem Maria, tiro hũa consequencia por infallivel, que el-Rey, que festejamos, não sô se hà de conservar, & perpetuar em seu Reyuo com muitas prosperidades na paz, & felicissimos socessos na guerra, como já vimos, mas ha de ser hum grãde Rey dos mais celebrados que houve no Mundo, Ha de ser Rey Rey, Homem Homem, como dezejava Ezechiel, que fõsem os de Israel: *Homo Homo de domo Israel*: Homem duplicado, Rey que valerà por muitos, dotado por Deos de todas as prendas, & partes Reaes, que se requerem para hum grande Rey.

71 Provo-o com hum argumento, que não pode ter duvida, fundado na authoridade de S. Thomas, & de S. Bernardino de Sena, & em muitos casos semelhantes, que refere a Sagrada Escritura. Diz o Angelico Doutor: *Quos Deus ad aliquid eligit, ita preparat, & disponit, ut ad id ad quod eliguntur, idonei invenientur.* De tal maneira aparelha Deos, & dispoem aos que escolhe para alguma cousa, para hũa empresa grande, para hum cargo, dignidade, ou officio, ou para outra qualquer cousa de cõsideração, & de porte, q se achẽ aptos, & idoneos para o q forem escolhidos. Seguindo esta maxima tão certa, diz S. Bernardino, ser regra geral, proposição, que não tem duvida, de que ha muitos exemplos no Testamento novo, & velho: *Generalis regula est, quod quodcumque divina gratia eligit aliquem ad singularem, & sublimem statum, omnia charismata donat, quae illi*

Ezech.
14. n. 4.
& 7.

S.Th. 3.
p.q. 23.
art. 4.
D. Bernardino.
Serm. de
S. Joseph.

illi personæ sic electæ, & ejus officio necessaria sunt. Patet autem in Patribus veteris Testamenti, patet & in novo. Parece, que falla S. Bernardino em espirito da escolha, que tem Deos feito nesta era para Rey de Portugal ao serenissimo Duque de Bragança, levantando-o ao estado tão alto, & tão sublime do Throno Real de seus Avós.

72 O certo he, de que ninguem duvida, que com particular providencia, & singular protecção, & emparo tem Deos escolhido à el-Rey D. João IV. para Rey, & absoluto Senhor de sua Monarquia, para Restaurador de seu Imperio, para Libertador de seus vassallos, para Redemptor de seus Portuguezes, & para o bom governo de seus Reynos, & Conquistas. O mostra a promessa, que delle fez ao Sãoto Rey D. Affonso Henriques, para lho dar na sua decima sexta geração atenuada, os muitos pronosticos, & prophcias, que o apregoarão muito antes, a paz com que foi aclamado, o gosto, & prazer com que foi recebido, as demonstraçoens de alegria com que foi festejado, & os milagres, & prodigios, com que foi assistido do Ceo; por consequência o tem Deos dotado de todas as graças, prerogativas, & dons naturaes, & sobrenaturaes que são não sô neccessarios, mas ainda convenientes á sua Pessoa Real, & á sua grandeza, para ser hum grande Rey, hum Rey Rey, hum Homem Homem, Grande na magestade, Magnanimo nas empresas, constante na deliberação, intrepido nos socessos, invicto na guerra, forte nos trabalhos, prudente na disposição, liberal nas merces, vigilante no governo, justo no mandar, efficaz na resolução, affável no trato, benigno cõ todos, & para cõ o mesmo Senhor, q̃ o escolheo, desvelado em o servir.

73 Ditoſo Rey, felis Monarcha, à quem Deos empara com milagres, assiste com prodigios, engrandece com favores do Ceo, exalta, & levanta à seu Throno Real com applauso commum.

74 Ditoſo Rey, felis Monarcha, dotado de tantas prerogativas, prevenido com tantas prendas, sublimado com

tantas prendas, sublimado com tantas festas, estabelicido com tanta firmeza, ornado com tão grandes dotes da natureza, & sobrenaturaes da graça, quantos se podem considerar em hum Rey escolhido por Deos.

75 Ditoso Rey, feliz Monarcha, á quem o Senhor assegura a Coroa de seus Progenitores, a liberdade de seus vassallos, as victorias de seus Arrayaes, os triumphos de seus soldados, os asertos de seu governo, as prosperidades de sua Monarquia.

76 Ditoso Rey, felis Monarcha, para quem Deos crucificado estende da Cruz seu divino braço, para lhe valer: Dece do Ceo na Lua sacrametado na Hostia, & no Caliz para lhe assistir, á quem se entrega por hum Anjo, para o esforçar, à quem a Virgem figurada na mesma Lua assegura seu poderoso emparo, para o defender, á quem nas Campanhas promete ainda o Ceo de o acompanhar: *Sol, & Luna steterunt in habitaculo suo, in luce sagittarum tuarum ibunt, in splendore fulgurantis haste tue.*

77 Mas ay: Enterrompem o gosto, com que relato neste Sermão as ditas, & felicidades del-Rey, & prosperidades do Reyno de Portugal, as lagrimas destas Conquistas. Festejamos a acclamação del-Rey, & choramos as perdas da India. Alegramonos com as novas das prosperidades do Reyno, & sentímos as misérias deste Estado. Misturamos com estas festas muitas lagrimas com tantas demónstrações de alegria muita tristeza, com o muito toquar de trombetas muito choro, com tantos repiques muita pena, com as muitas danças muitos suspiros, por termos chegado à tão miseravel estado, que sem remedio, se não nos vier de Portugal, perderemos estas Conquistas, o Estandarte da Fè Catholica, que nellas plantarão os nossos antigos Portuguezes com tanto empenho, as Christandades que fizerão com tanto zelo, as muitas praças, que ganharão com tanto sangue, os muitos Reynos, que conquistarão com tanto valor, os Reys tributarios Mouros & Gentios, que sojeitarão à Coroa de Portu-

Portugal com tanto imperio.

78 Ay, Ay. De tantas felicidades que festejamos, tivemos fomite as noticias. Se embarcarão somete as novas na Caravela de aviso do bê que lográo os Portuguezes no Reyno, mas não as ditas. Tivemos muitas cartas, que relatão o que là vay de jubilo, de alegria, & de festas; mas nenhũ socorro. Que-das Naos, & Galioês para as Armadas? Que-dos Soldados para os Exercitos? Que-das armas para os presidios? Que-de os petrechos, & muniçoens de guerra para as Campanhas? Que-do socorro em tantos apertos, em q̃ nos tem postos os cercos dos Olandeizes? Lá tudo são milagres, que Deos obra para emparo del-Rey, & do Reyno. Lá tudo são prodigios, que facilitão as empresas, assegurão as esperanças, sollicitão os progressos, animão os soldados, alentão os coraçõs, fortificão os animos, & rendem à todos inuenciveis. Tudo là são façanhas nunca ouvidas, felicidades não esperadas, socessos venturosos, & seguros de mais alta fortuna. Aqui tudo são perdas, tudo miserias, tudo lastimas, & ainda estas festas são agoadas cõ a tristeza, q̃ nos causa o temor com q̃ vivemos, pelo cerco com q̃ nos tem impedida a Barra os Herejes Olãdeizes cõ tão grãde poder de Naos, & Galioês, sê termos cõ q̃ lhe sahirmos, para os acometer, & menos cõq̃ os obrigar à se retirare destruidos para a sua no va Batavia, q̃ permitio Deos pelos nossos pecados, & grãdes descuidos fundassẽ neste Estado na lava maior, para maior nossa lastima, & ruina. Lá tudo se restaura, aqui tudo se diminuc. Lá tudo vai de bê para melhor, aqui de mal para peor.

79 Perdemos Malaca neste Oriête, quasi no mesmo tẽpo em q̃ no Occidẽte se ganharão em poucos dias as praças todas do Reyno, presidiadas dos Castelhanos cõ mui grãde poder. Ay perda, quã sêtida, & nũca cõ bastãtes lagrimas chorada. Malaca a maior praça do Sul, chave do Seyão, freyo do Achem, passajẽ mui segura para a nossa navegação da China, de Cochinchina, & do Japão, Imperio cõ q̃ dominavamos o Sul, & pisavamos a soberba dos mais poderosos Reys daquelles

les Reynos. Perdemos (torno a dizer, para que recorramos à Deos para o emparo) perdemos em Janeiro deste anno Malaca, dois mezes inda menos depois da acclamação del-Rey, & restauração do Reyno, & arreceamos cõ não menor magoa de perdemos ainda a Ilha de Ceilão, o Reyno de Jafanapatão, as perolas da Pescaria, a Cidade de S. Thomé, & tudo quanto temos de Cochim atè Macao.

8o De q̃ nace haver tâtas felicidades no Reyno, & tâtas, & tão grâdes perdas na India? Tâtos favores do Ceo para Portugal, & tão grãde desêparo nestas Cõquistas? Cuidai meus queridos Portuguezes na causa, & procuraihe o remedio. O que a mim se me representa, & parece q̃ me não engano, q̃ a causa he, porq̃ no Reyno, na acclamação del-Rey houve mais reforma da vida, do q̃ neste Estado. Recorrerão ahy mais à Deos, do que nós nestas Cõquistas. Se unirão cõ el-Rey, & se reconciliarão cõ Christo: Se apartarão dos pecados, quando se desunirão de Castella. Por se verê inferiores no poder, se valerão da penitencia. Abominarão as culpas, q̃ nos apartão de Deos, para oterem de sua parte. Recorrerão ao Sacramento da Eucharistia, que lhes appareceo no Ceo debuxado na Lua. O exporão pelas Igrejas, o que nós não fizemos. O receberão no Altar: Comungarão quasi todos gẽralmẽte cõ muita devação: Converterão o temor do inimigo em valor, para o não temerem, armados com arma tão forte. Lhe pedirão com muitas lagrimas, que lhes assistisse com seu divino emparo: *Sol, & Luna steterunt*: Que tomasse o Reyno por sua morada, que lhe offerecerão como propria, para nunca em nenhum tẽpo se apartar d'elle: *In habitaculo suo*: E q̃os acõpanhasse nas frõteiras, para apadrinhar suas armas: *In luce sagittarũ tuarũ ibũt, in splendore fulgur at̃is hastæ tuæ*. O mesmo pedirão á Virgẽ, á quẽ tâbẽ offerecerão o Reyno, cõq̃ tiverão á Deos por si, & á Virgẽ por protectora cõ tâtas prosperidades, quãtas relatão as cartas, q̃ de là nos chegarão. Se nós fizermos o mesmo, restauraremos a India, & o q̃ mais importa, cõquistaremos o Reyno da Gloria por meio da Graça, que Deos nos cõceda. Amen. FINIS LIBER-

LIBERDADE
DE
PORTUGAL
REMIDO POR SEV SVSPIRADO
Redemptor Portuguez , Rey , & Senhor

D. JOAM IV.
SERMAM III.

PREGOVO NA INDIA

Na Sé Primacial de Goa,

O M. R. P. DOM ANTONIO ARDIZONE
Spiaola, Clerigo Regular, Theatino da
Divina Providencia,

Nas festas grandiosas anniverfarias da feliz acclamação do mefmo
Senhor, no primeiro dia de Dezembro de 1642. annos.

*CLAM AVERVNT AD DOMINVM,
qui fufcitavit eis salvatorem vocabulo Aod, qui
utraq; manu pro dextera utebatur. Jud. 3. n. 15.*

Excellentiffimo Senhor.



ESTE dia tão alegre, em que com tanto
prazer festejamos aquelle Sabbado felis,
primeiro dia de Dezembro do anno de 40.
quando depois da efcura, & comprida noi-
te de hũa fojeição penofa, apparecco à Por-
tugala Aurora prazenteira da dezejada li-
berdade: Quando a Estrella dalva de hum Rey defcuberto,
que com fua luz amanhecco em Lisboa, começou a defa-

zer

zer as trevas das misérias passadas: Quando o Sol resplandecente do não esperado redemptor manifestou ao Reyno a graça da redempção, que lhe vinha do Ceo: Quando em apparecendo seus rayos, trasbordando fora dos peitos dos Lusitanos a alegria, que em seus corações, como em hum Capitolio de amor triumphava, se encherão os ares de infinitos Vivas: dezejoso de unir cõ elles a minha voz (ainda que de pouco eloquente Orador) lê me represêtao aquellas palavras tão admiraveis de S. Gregorio Papa, que a Igreja Catholica, festejando no Sabbado da Resurreição de Christo Senhor nosso a redempção do genero humano, com as lembranças da noite do cativoiro passado, canta cõ muita alegria: *O certé necessarium Adæ peccatum, quod Christi morte deletum est! O felix culpa, quæ talem, ac tantum meruit habere redemptorem!* O peccado necessario de Adão, que cõ a morte de Christo foi extincto! O culpa ditosa, que mereceo tão grande redemptor! Mysteriosas palavras. A desobediencia de Adão chamar-se ha peccado necessario? Sua culpa mortal, culpa ditosa? Se Deos defendeo o peccado com pena de morte: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris*; como foi necessario? Se S. Cypriano diz, que o primeiro grao da felicidade he não ter culpa: *Primum felicitatis genus est non delinquere*; como a de Adão se pôde chamar culpa feliz?

D. Greg.
in Cant.
Exult.

Gen. 2.
n. 17.

Cyprian.
Epist. 3.

2 Se o peccado he offensa infinita de Deos, directamente contrario à sua infinita bondade: Se he parto infernal, destruidor das leys eternas: Se he o maior inimigo, que Deos tem, & o que aparta d'elle as almas delicias suas, como foi necessario, que houvesse em Adão? *O certé necessarium Adæ peccatum.*

3 Se do alto, & do felicissimo estado da Innocencia o derrubou até o Inferno: Se despindo-o da Opa Real da graça divina, o vestio com aspera pelle de hum animal: Se lhe tirou da cabeça a Coroa da immortalidade, sojeitando-o ao imperio, & tirania da morte: Se em lugar do ceptro, que tinha,

nha, lhe pôs hũa enxada na mão : Se de Monarcha feliz, & absoluto Senhor deste Mundo, o obrigou à ser de dura terra lavrador infeliz : Se de filho de Deos o fez escravo de Sathanas ; & lançando-o fora do Paraíso dos prazeres, o poz em hum valle de misérias : Como sua culpa se pôde chamar feliz? *O felix culpa?*

4. Mas se seguirmos o parecer de Sancto Thomas: que se não houvera o pecado, não encarnara o Filho de Deos: *Pecato non existente, incarnatio non fuisset*, acharemos como o pecado de Adão foi necessário, & sua culpa feliz: *Necessario* (diz a Escola do Angelico) *non necessitate antecedentis, sed consequentis: non simpliciter, sed secundum quid: non intrinsicè in se, sed extrinsicè, & respectivè* : Felis : *Non absolute, sed per ordinem ad Deum incarnatum*. Foi necessário; porque se Adão não pecara, Deos não se fizera homem : não soffrera para reparar o genero humano tantos tormétos : não derramara, para o resgatar, seu preciosíssimo sangue : não morrera crucificado por seu amor no madeiro da Cruz : não destruiu com sua morte sanctíssima o pecado: *O certè necessarium Adæ peccatum, quod Christi morte deletum est*. Foi culpa feliz; porque se Adão não desobedecera à Deos, o homem não fora Deos : não subira à tanta altura, de se assentar a mão direita do Eterno Padre, nem tivera tão digno, & divino Redemptor: *O felix culpa, quæ talem, ac tantum meruit habere redemptorem*. O pecado necessário ! O culpa ditosa ! O felicíssimo Adão ! Alegria, alegria, façamos festa ; porque não he já tempo de chorar o pecado passado, mas de festejar a redempção presente : Não he já tempo de estar triste pela culpa, que cometestes, mas de dar muitos louvores à Deos pelo Redemptor, que alcançastes. A vossa desobediencia (O bemaventurado parente) foi causa, & origem de maiores felicidades, do que misérias : de maiores ganhos, do que forão as perdas. Por cahires na culpa, por vos precipitares no pecado, subio o homem a ser Monarcha do Empyreo, Principe dos Anjos, Senhor da gloria, Author da gra-

D. Th.
3.º p.º q.º 1.º
art. 3.º in
corpore.

ça, Restaurador da immortalidade, Triunphador do Inferno, Libertador dos Santos Padres do Limbo, Salvador do Mundo. Por vòs desobedeceres à Deos, obedeceo Deos aos homês. Por lhe virares as costas, tivestes ao Verbo encarnado por filho, ao vòsso Criador por descendente, à Deos por subdito, & à Christo por Redemptor.

5 Com estas mesmas palavras me parece poder hoje acõpanhar os alegres Vivas, que se derão, & ainda continuadamente se dão ao nòsso desejado Rey, & Redemptor Portuguez D. João IV. *O certè neceßarium Ade peccatum! O felix culpa, quæ talem, ac tantum meruit habere redemptorem.* Foi necessario, que se perdesse em Africa el-Rey D. Sebastião: Que o Cardeal Rey D. Henrique morresse sem declarar quem por direito socedia ao Reyno por seu legitimo Rey: Que a Nobreza de Portugal unida com o Povo se encostasse à Arvore grandiosa da Monarchia Castelhana, & cuidando poder melhorar debaixo de sua sombra, & subir ao maior auge das felicidades, & grandezas: *Eritis sicut Dij*, entregasse contra as leys das Cortes, que o defendião, à el-Rey D. Phelippe o Prudente o Reyno, com que todos cahirão daquella antiga liberdade, que sempre gozarão debaixo de seus Reys Portuguezes, & se precipitarão cõ muita pressa do mais alto estado, à que subio Reyno ditofo, à hum confuso Chaos de miserias. Com tudo alegria, alegria, façamos festa: Levantemos com a Igreja Catholica a voz: *O neceßarium Ade peccatum! O felix culpa, quæ talem, ac tantum meruit habere redemptorem!* Porque não he já tempo de chorar o cativoiro passado; mas de festejar a redempção presente, & celebrar mil festas ao nòsso desejado Redemptor, tão parecido com o Redemptor do Mundo Christo Senhor nòsso na obra tão soberana, & milagrosa da redempção de Portugal, que com rezão lhe podemos acomodar as palavras do Thema: *Clamaverunt ad Dominum: qui suscitavit eis Salvatorem vocabulo AOD, qui utraque manu pro dextera utebatur.* Querem dizer: Que estãdo os He-

brcos

Gen. 3.
n. 5.

Jud. 3.
n. 15.

breos por seus pecados cativos de hum Rey tirano , bradarão á Deos liberdade , & a alcançarão depois de muitos annos , refuscitando nelles o Senhor à hum Salvador chamado AOD, o qual tinha duas mãos direitas, com que os libertou, figura de Christo Senhor nosso , que com duas naturezas , Divina , & Humana remio aos homens , que debaixo da tirania de Lucifer choravão , & bradavão liberdade , & painel mui ao natural do nosso Salvador Lusitano , & de Portugal salvo , & liberto. Com a Redempção vai conjunta a Graça , de que necessito. Peçamola á Christo nosso Redemptor , tomando a Virgem por medianeira : *Ave Maria.*

CLAMAVERVNT AD DOMINVM, &c.

6 **T**Res couzas conthem esta figura. A primeira : Bra- I. Parte.
dos de cativos dezejosos de liberdade : *Clamaverūt ad Dominum.* A segunda: Redempção obrada por hum Salvador chamado AOD : *Qui suscitavit eis salvatorem vocabulo AOD.* A terceira : Poder grande do Redemptor : *Qui utraque manu pro dextera utebatur.* De todas trataremos cõ a mesma ordem , & com acomodada allegoria ao nosso Salvador Lusitano , & à Portugal salvo , & liberto.

7 Quanto a primeira. Não menos curiosa, que devota he a pergunta dos Theologos : Porque Deos dilatou o mysterio da Encarnação mais de cinco mil annos, como diz o Martyrologio Romano : *Anno á creatione Mundi, quando in principio Deus creavit calum, & terram, quinquies mil-* Martyr.
lesimo, centesimo, nonagesimo nono, podendo encarnar mui- Roman.
to dantes , & remir o genero humano muito mais cedo : Se 25. De-
tanto dezejava vir ao Mundo , que se deleitava de prazer cembr.
em debuxar diversas figuras, pintar varios paineis de sua vinda : Se a sede de morrer por nosso amor era tão grande , que folgava (dizem os Sanctos Padres) verse perseguido em David , vendido em Jozeph , preso , & esbofeteado em Jeremias , morto em Abel , sacrificado em Isaac , sepultado

Matth.
12.n.40.

Axiom.
Senec.l.2.
de bene-
fic. c. 5.

Genef.
2. n. 7.

Gen. 3.
n. 21.

Paraph.
Chald.

em Jonas, & no mesmo Propheta resurgido: *Sicut fuit Ionas in ventre ceti tribus diebus, & tribus noctibus, sic erit filius hominis in corde terræ*; porque tardou tanto à vir, & dilatou por tão largo tempo a redempção do Mundo? Não era melhor, que logo depois da queda, para que senão perdessem tantas Almas, se levantasse Adão? Que para confusão do Diabo, que soberbo se jactava de o ter cativo, fosse muito mais cedo libertado? Que seus filhos, & descendentes, criados para a eterna vida, para que não fossem com tanta tirania senhoreados da morte, logo fossem com tempo reparados? Que para o Inferno se não encher de Sanctos Padres, destinados para occuparem as cadeiras do Paraíso, acudisse Deos com a redempção muito dantes? E que o pecado causa de tanta perda fosse com toda pressa destruido? Se as merces, quanto mais cedo se fazem, tanto mais são dignas de estima: Se por essa razão o que se dá cedo, parece dobrada merce, conforme o dito commum: *Qui citó dat, bis dat*: Se he proprio do liberal (diz Seneca) não dilatar o beneficio: *Omnis benignitas properat: & proprium est libenter facientis cito facere*: Porque Deos, que he infinitamente ddivoso, & liberal, o não fez assi? Porque dilatou o beneficio da redempção por tantos annos? Porque não encarnou desde o principio do Mundo? Porque deixou por tão largo tempo adormecer o genero humano em seu pecado? Porque quiz, que por tantos séculos cativo de hum Principe tirano chorasse sem remedio sua ruina? Porque permittio que a morte o tivesse preso na propria culpa, & o Diabo no Inferno? Adão por cujo amor se baixou no chão, para o formar da terra, fazendo-o tão perfeito, que se parecia com a Essencia Divina. Adão, à quem tanto amava, que ainda depois do pecado o buscou, o chamou, o visitou; & compadecendo-se d'elle, pelo ver despido, & nù, lhe cortou com suas divinas mãos, (diz a Paraphrase Chaldea) hum vestido honrado de pelle de Cordeiro, com que elle mesmo o vestio: *Fecit Deus Ade, & uxori ejus vestimentum honoris,*

& induit eos! Adão de quem as tres Divinas Pessoas, vendo sua vã presumpção, de querer ser como Deos: *Eritis sicut Dij*, disserão entre si, não por ironia, ou deldem, mas de veras (dizem algũs) *Ecce Adam quasi vnus ex nobis factus est*: Eis aqui Adão divino: Eilo aqui chegado ao esta-
do, à que soberbo anhelava, de se fazer Deos como hum de nós; porque realmente o era na representação, representando em si mesmo com tão honrado, & mysterioso vestido a Pessoa Divina de seu innocente Redemptor. Adão por tantos seculos cativo! Adão enfermo por tão largo tempo, chagado com o pecado, sojeito á morte, espirando a alma para o Inferno! Como assi meu amantissimo Senhor, como assi? Como o não remistes logo? Como quizestes que sua queda ficasse por mais de cinco mil annos sem reparo, seu pecado sem remedio, seu mal sem medicina, sua doença sem Medico, sua chaga sem cura, & seus filhos, & descendentes todos perdidos com seu pay, todos cativos com elle, tiranizados da morte, todos presos no Inferno, sem Reyno, sem Imperio, sem Coroa?

8 Muitas são as rezoës. Duas sò apontarei, hũa por parte do Redêptor, outra dos remidos. Por parte do Redemptor diz S. Augustinho: *Per multam seriem temporum, & annorum prædicendus fuit. Non enim aliquid paruum venturum fuit. Quanto maior Iudex veniebat, tanto præconum longior series præcedebat.* Refumida esta rezão em argumento quer dizer: Quanto maior, & mais soberano era o Redemptor, que havia de vir; tanto mais convinha, que se dilataste o tempo de sua vinda; para que as vozes, & pregoeiros, que anticipadamente o denunciassẽ, fossem por muitos seculos em augmento. O Redemptor era Christo Senhor nosso, o qual não era homem ordinario, & vulgar: *Non enim aliquid paruum venturum fuit*, mas soberano, & divino: Era Deos encarnado. Era pois rezão, que se dilataste por largo tempo sua vinda; para que tão soberano, & divino Redemptor fosse pelo discurso de muitos seculos apregoado por muitos

Gen. 3.n.
5. & 22.

August.
tract. 31.
In Joan.
tom.9.

Patriarchas, prophetizado por muitos Prophetas, representado com muitas figuras, suspirado por largos tempos: *Quanto maior Iudex veniebat, tanto praekonum longior series precedebat.* E ainda tão largas esperanças comparadas cō tão divino Redemptor, se hão de julgar por poucos dias, por poucas horas, por hum sò momento de tempo, cortando Deos por si, & pelo seu credito, para remir à Adão muito cedo. Porque o tempo foi limitado, cinco mil, cento, & noventa, & nove annos: *Anno á creatione Mundi quinquies millesimo, centesimo, nonagesimo nono*: E o Redemptor era illimitado, immenso, infinito, eterno: E cinco mil, & mais annos comparados com a eternidade do Redemptor, & cō sua infinidade, & excellencia, foi tempo mui breve, estima-se por hum dia, julgase por hũa hora, conta-se por hum sò momento.

9 O Lusitania feliz! O ditosos Portuguezes! O dilatar Deos a vossa redempção: o chorardes pelo vosso dezejado Redemptor tão largo tempo: o bradardes à tão benigno Senhor, sem seres ouvidos sessenta annos: *Clamaverunt ad Dominum*, não foi por não querer remirvos muito cedo, mas porque, *Per multam seriem temporum, & annorum praedicendus fuit*: Convinha que o vosso redemptor fosse por muitos annos suspirado, & esperado por muito tempo, apregoado por muitos pregoeiros, publicado com muitos prodigios, prophetizado com muitas prophcias, prometido muito dantes: *Non enim aliquid paruum venturum fuit.* A redempção de Portugal não era obra pequena, mas grande, soberana, milagrosa, divina, emparada do Ceo, & admirada do Mundo. O Redemptor não era homem commum, mas hum prototipo das grandes perfeições, & excellencias de seus Progenitores, & hũa viva imagem dos famosos Reys Portuguezes seus Avòs: E quanto maior, & mais excellente havia de ser a pessoa, que vos havia de remir, tanto maior tempo havia de correr antes de apparecer, para que mais fossem as vozes, & pregoeiros, que anticipadamente o denun-

nunciassem. E ainda sessenta annos comparados com tão grande, & famoso Redemptor, devemse de contar por poucas horas, julgar por hum só momento: *Quanto maior Index veniebat, tanto praconum longior series precedebat.*

io Cinco mil, cento, & noventa, & nove annos esperou o Mundo pelo seu Redemptor: *Anno á creatione Mundi quinquies millesimo, centesimo, nonagesimo nono.* Deoito esperarão os Hebreos pelo seu, por este tão valeroso Principe, & esforçado Capitão do Povo de Deos, chamado AOD: *Servierunt filijs Israel Eglon Regi Moab decem, & octo annis: & postea clamaverunt ad Dominum, qui suscitavit eis salvatorem vocabulo AOD.* Sessenta os Portuguezes. Porque o Redêptor de Portugal não he tão digno como Christo Senhor nosso; porêm mais digno do que AOD. Inferior à Christo, superior à AOD. A redempção, que havia de obrar, não havia de ser tão soberana, & divina, como a do Mundo; porêm mais milagrosa da que obrou este esforçado Principe dos Hebreos. Pois tomese o tempo do meio proporcionado à excellencia, & dignidade de tão digno redemptor. Não esperem os Portuguezes por elle cinco mil annos, mas muito menos; nem tão pouco deoito, mas muito mais. Corráo sessenta annos, para no cabo delles terem hum Redemptor muito mais parecido com Christo, do que com AOD, à quem precedão à semelhança de Christo muito dantes anticipadamente prodigios, pronosticos, & prophcias, dezejos, brados, suspiros, & choros. Seja o libertador hum Rey prodigioso, milagroso, emparado do Ceo, à quem seus Vassallos esperem de longe, & o tenham sempre consigo: Desesperem de sua vinda em tempo, que he vindo: Julguemno perdido, quando está todo ganhado: Que esteja encuberto, & que todos o vejam: Que cada hum o dezeje, quando todos o tem: E que o Reyno o busque, & no mesmo tempo o possua: *Non enim aliquid paruum venturū fuit. Quanto maior Index veniebat, tanto praconum longior series precedebat.*

Martyr.
Roman.
25. De-
cembr.

Jud. 3 n.
14 & 15.

6. Greg.
in Psal.
1. Pænit.
vers. 3.

11 Pela parte dos remidos a rezão de não vir Deos ao Mundo remir o genero humano, se não depois de tão largos tempos, he mais proveitosa para nossas Almas, & para o Reyno de Portugal de maior firmeza. Fundase na authoridade de S. Gregorio Magno. Diz este Grão Pontifice: *Omnis curatio, quanto difficilius acquiritur, tanto acquisita cautius custoditur*: Quanto o remedio se acquire com maior difficuldade, tanto se estima, & guarda com maior cautela. Se Deos farara logo à Adão de seu pecado: Se logo remira, & libertara o genero humano, não fizerão os homés muita estima da redempção; tão pouco tratarão de conservar a liberdade da Alma com muita cautela, procurando de não offender mais à Deos, como muitos procurão, para não serem de novo cativos de Lucifer; porque a facilidade com que a tivessem alcançado, fora causa de a não estimarem, quanto convinha. Por tanto esperem pela redempção largos annos, suspirem pela liberdade mais de cinco mil annos, & affligidos, humilhados, & castigados com hum cativoeiro tão dilatado, bradem à Deos com infinitas lagrimas liberdade: *Clamaverunt ad Dominum*; para que quando se virem livres de tão duro, & infeliz cativoeiro, procurem com grandes cautelas de não o offender mais com novos pecados, por não perderem de novo o que por tantos seculos suspirarão: *Omnis curatio, quanto difficilius acquiritur, tanto acquisita cautius custoditur*.

D. Bern.
apud Al-
meid. da
Restaur.
de Por-
tug. p. 1.
c. 12.

12 Qual foi a causa da Coroa de Portugal passar à Castella? Muitas me apontareis. A mais certa, & verdadeira he a que nos advirtio muito dantes S. Bernardo, para que nos desviassemos della. E qual foi? A graveza de nossas culpas. Assi o disse o Sancto Abbade na carta, que anda impressa por sua em lingoagem Portugueza, escrita à el-Rey D. Afonso Henriquez aos 13. de Março de 1136. à quem da parte de Deos diz: *Que á seu Reyno de Portugal nunca faltarão Reys Portuguezes, salvo se pela graveza de culpas por algum tempo o castigar, &c.* Convinha por tanto, que cho-
rassem

rasssem os Portuguezes pela liberdade largos tempos : Que suspirassem por seu legitimo Rey sessenta annos : & que affligidos, humilhados, & consumidos com a dura sujeição de Castella, bradaassem à Deos com infinitas lagrimas liberdade : *Clamaverunt ad Dominum* ; para que depois de a terem alcançada, a conservassem para sempre com grande cuidado, mudando a vida, fugindo o peccado, causa de tão lastimosa sujeição, acompanhada com tantas perdas, & apertos : *Omnis curatio, quanto difficilius acquiritur, tanto acquisita cautius custoditur.*

13 E com nos dilatar Deos por sessenta annos a vinda do nosso tão desejado, & suspirado Redemptor, para que nos remisse, & restituisse á nossa antiga liberdade, mostrou-se có tudo tão desejoso da nossa redempção, & tão amante da Nação Portugueza, que me atrevo à dizer, que mais mimosos lhe são os Portuguezes, do que lhe forão antigamente os Hebreos. Mais amou Deos ao Sancto Rey D. Affonso Henriquez primeiro de Portugal, do que ao Sancto Patriarcha Abraham primeiro pay de seu querido povo.

14 Repara com rezão Ruperto Abbade na diligencia do Evágelista S. Mattheus em descrever a genealogia de Christo : Que não só a descreveffe toda : *Liber generationis Iesu Christi filij David, &c.* mas a dividisse em tres partes iguaes, cada hũa de catorze gèrações : *Omnes itaque generationes ab Abraham usque ad David, generationes quatuordecim. Et à David usque ad transmigrationem Babylonis, generationes quatuordecim. Et à transmigratione Babylonis usque ad Christum, generationes quatuordecim.* Por ventura (diz este veneravel Abbade) foi esta diligencia de balde ? *Num frustra?* Não ; mas antes tem mysterio, & sentido de muito pezo, que não he justo que passê em silencio : *Sine dubio quicquid loquitur, pondus habet : & hoc ipsum quod nunc ait, vim sensus continet, quam non præterire libet.* E qual he ? Quiz o Evágelista (diz Ruperto) mostrar com esta divisão, que havendo Deos por tres vezes prometido

Matth.
1. n. 1.

Ib. n. 17.

Rupert.
Abb 1. 1.
in Matth.

Rupert.
loc.cit.

de mandar ao Mundo o Messias : A primeira à Abraham, & á sua Caza : A segunda à David com juramento : A terceira pelos seus Prophetas à seu querido povo ; por outras tantas vezes indinado justamente, sospendeo o comprimento de sua promessa, & palavra para tempos tão dilatados de catorze gerações : *Ab Abraham usque ad Christum, generationes quatuordecim* : Glossa Ruperto : *Subauditur, & Christus non venit, & eo usque distulit eum iratus Dominus. A David usque ad transmigrationem Babylonis, generationes quatuordecim : Et Christus non venit. A transmigratione Babylonis usque ad Christum, generationes quatuordecim : Subauditur, & nisi post tot generationes Christus venit.* Senhor, para que tão largas esperanças ? Para que tanta tardança ? Que causa houve Deos meu, para vos indignar contra vossô querido povo, & deixar de cumprir por tres vezes para tempos tão dilatados o que lhe tinheis prometido ? Que causa ? Ah pecados de quantos, & quam grandes bês nos privão ! Tinha Deos prometido à Abraham, & á sua Caza, de lhe mandar o Messias libertador de suas Almas; mas pelo pecado de seus bisnetos, filhos de Jacob, que impia, & injustamente venderão à seu irmão Joseph, com que veyo á servir por escravo catorze annos no Egypto, indignado Deos, se deliberou á não cumprir sua promessa, se não depois de catorze gerações, castigando (diz Ruperto) catorze annos de cativoiro injusto de Joseph, com catorze gerações de dilação, & tardança do Messias, por quem tanto suspiravão, metêdo-as de pormeio á sua vinda. Prometeo de novo Deos á David a vinda do Messias com juramento ; mas pelo peccado do adulterio com Bersabé, & da morte injusta de Urias com nova dilação se deteve em o mandar por outras tantas gerações. Prometeo-a finalmente pelos seus Prophetas; mas por pecados dos Reis de Judá, & de seu povo, que derramarão muito sangue innocente, indignado terceira vez, os castigou com a mesma pena, que aos mais dera : *Iuxta numerum quatuordecim annorum* (são palavras de Ruperto

Abba.

Rupert.
Ibid.

Abbate) quibus servivit venundatus Ioseph, generatio pro anno imputabitur, & quatuordecim generationibus semen, quod promisit Patribus vestris, differetur, &c.

15 Quantas vezes prometeo Deos de nos dar o nosso desejado Redemptor Portuguez, el-Rey D. João IV. Hũa, & não mais. Prometeo sómente ao Sancto Rey D. Afonso Henriquez, á quem por hum Ermitão de sancta vida mandou dizer: *Dilectus es Domino. Posuit enim super te, & super semen tuum post te oculos misericordiae suae usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respiciet, & videbit.* Quantas vezes dilatou Deos de comprir esta sua promessa, & palavra para tempos mais largos, para depois de outras muitas gerações? Nenhũa. Assim como o disse, assim como o prometeo, sem dilatação algũa comprio sua palavra. Prometeo de pôr seus divinos olhos na decima sexta geração atenuada, & assim o fez: Disse, que neste tempo nos daria Rey, & Redemptor Lusitano, & logo o deu. Manifestou com muitos vaticínios, que no fim do anno de quarenta o teriamos sem falta, & assim foi, comprindo em tudo sua divina palavra muito ao justo. Por ventura não se entremeteo culpa algũa? Não cometerão os Portuguezes nenhum pecado? Inda mal, porque muitos. Quantas vendas illicitas, mormente nestas Cõquistas? Quantos cativeiros injustos? Quantos roubos? Quantos homicídios? Quanto sangue se tem derramado de innocentes? Quantas mortes? Pois como assim? Com tantos pecados não dilatou Deos para mais largos tempos, para depois de outras muitas gerações á nos mandar o nosso Messias Lusitano; & por menos disto dilatou por tres vezes catorze gerações á mandar o Messias Divino aos Hebreos? Prolongou o comprimento da promessa feita ao Sancto Patriarcha Abraham pelo pecado de seus bisnetos, & comprio logo á seu tempo a promessa feita ao Sancto Rey D. Afonso Henriquez, sem embargo de pecados maiores de seus vassallos? Que rezão houve para isto? Eu não sei dar outra mais q̃ di-

Ant.
Pacz.
Vieg. fol.
116.

zer, quẽ maior foi o amor, com que amava Deos ao Sancto Rey D. Affonso Henriquez, do que ao Sancto Patriarcha Abraham. Mais mimosos são para com elle os Portuguezes, do que o forão os Hebreos; pois á estes não soffreo seus peccados sem os castigar com a dilação do Redemptor, de que tanto necessitavão, com lho ter prometido por tantas vezes: & soffreo os dos Portuguezes, comprindo sua palavra tanto ao justo, sem suspensão algũa, ou demora, com o ter prometido hũa só vez. Alto pois, famosos Portuguezes, alto. Não offendamos mais à Deos. Gente illustre, povo mimoso de Jesu, escolhido no Campo de Ourique para grandes empresas, não sejamos ingratos á tão benigno Senhor, que tanto nos ama. Emendemos a vida, evitemos os peccados, choremos as offensas de Deos com firmes propositos de não pecar mais, & com muitas graças por tão grande, & magestoso Redemptor, que nos tem dado no tempo prometido, na decima sexta geração de seus Avòs; para que não sejamos causa com a nossa ingratidão, & com a continuação de nossas culpas, de pôr Deos mais tempo em meyo, para dilatar o prazo do comprimento de outras muitas promessas, que nos tem feito; mas cumpra em tudo sua divina palavra sem suspensão, ou dilação algũa de tempo.

16 Amoroso Deos, que não soffreo vernos por mais largos tempos chorar debaixo da dura servidão de Rey estrangeiro. Benignissimo Senhor, que em se comprindo a era desejada de quarenta, acudio com pressa ás lastimosas vozes de seu querido povo. Piadosissimo Pay, que no meyo de tantas angustias, em que via seus mimosos filhos, nunca deixou de os consolar com as esperanças da sempre suspirada liberdade: *Clamaverunt ad Dominum, qui suscitavit eis Salvatorem.*

17 Não concordão os sagrados Douctores no sentido destas palavras. E a differença, que entre elles ha, he só no modo de fallar; porque em substancia vem todos a dizer o mesmo. Hũs explicão: *Resuscitavit eis salvatorem*, ou como

mo diz Freyre Author grave: *Velut à mortuis revocavit*: Que compadecendose Deos dos Hebreos cativos de Rey estrangeiro, resuscitou á hum Salvador, dandolhe vida, como se fora morto, para que os salvasse, & libertasse. Outros mais literalmente à meu ver dizem: *Excitavit eis Salvatorem*: Que o espertou, como se estivesse durmindo. E outros: *In lucem edidit*: Que o deu à luz, fez que sahisse, que apparecesse, como se estivesse encuberto, ou escondido. Seja o sentido dellas qual for. O certo he, que nestes tres, que relatamos, temos tres debuxos muy vivos, & naturaes do nosso salvador Lusitano, & de Portugal salvo, & liberto.

18 Começemos pelo primeiro: *Resuscitavit eis Salvatorem*. Para salvar à Portugal, resuscitou à hum Salvador: Resuscitou ao serenissimo Duque de Bragança, para salvar, & libertar seu Reyno. Se o Salvador de Portugal fora el-Rey D. Sebastião, de quem cuidavamos, que fallassem as prophcias, estivera muito bem dito delle, que Deos o resuscitou: *Resuscitavit eis Salvatorem*. Mas se o Salvador era vivo: Se era o serenissimo Duque de Bragança, como delle se pode verificar, que para salvar seu Reyno destruido, perdido, foyeito à Rey estrangeiro, que bradava liberdade, Deos o resuscitou?

19 Ha Reis no Mundo, que parecem vivos, & são mortos, porque mais morto que vivo se deve dizer o Rey, que tendo por officio, & por obrigação de emparar, & alentar seu Reyno, de procurar o maior bem de seus subditos, & de salvar à seus vassallos, deixa de o fazer. Do Anjo da Igreja de Sardis, que não só significa os Prelados das Igrejas, mas também os Reis, que são como Anjos da guarda de seus Reynos, por descuidar a salvação de seus subditos, diz S. João no Apocalypse, que tinha nome de vivo, mas na realidade era morto: *Nomen habes, quod vivas, & mortuus es*.

Apoc. 3.
n. 1.

Peior he a condição daquelles Reis, que são vivos para si, para seus gostos, & passatempos, para seu bem particular, & mortos para com os seus, para o bem commum de seus

Qij

vassal-

vassallos. São vivos, para os opprimir com tributos, mortos para lhes guardar seus foros: vivos para os avexar, mortos para os alentar: vivos para os cativar, mortos para os libertar: vivos para os perder, mortos para os salvar: *Nomen habes, quod vivas, & mortuus es.*

20 Neste sentido não se pode dizer del Rey nosso Senhor D. João IV. que he vivo, & morto; porque para salvar seus vassallos, para libertar seu Reyno, sendo Duque arriscou a honra, & a liberdade, & sendo Rey a vida. Morreo à si mesmo, para viver aos seus: deixou-se á si, para ser de todos, amando seus vassallos como Pay, procurando o maior bem delles como Rey, salvando, & libertando seu Reyno como Salvador: *Resuscitavit eis Salvatorem.* No outro sentido si, se verificou sempre de S. Magestade antes de sua acclamação felicissima, que era vivo, & morto, não de morte natural, mas politica, & civil. Era vivo como Duque, & morto como Rey, sem Cetro, sem Coroa, sem Reyno; porque sendo legitimo Rey de Portugal, como se fora morto, não o possuia. E assi então o resuscitou Deos, quando o levantou à Rey: então o fez Salvador de Portugal, quando o poz de posse de seu Reyno: *Resuscitavit eis Salvatorem.*

21 Acho hum morto no Testamento novo, com quem Christo fallou, como se fora vivo, o defuncto filho da Viuva de Naim. Vendo Christo, que o levavão á sepultura, & atraz delle a Máy, que o acompanhava com lastimas, & choros, tendo mão na tumba, lhe disse: *Adolescens tibi dico surge:* Mancebo levantate. Diz Burgenfe: *Alloquitur mortuum tanquam vivum:* Falla com hum morto, como se fora vivo. A hum morto diz, que se levante. Maravilhoso cazo, em que temos hum vivo exemplar da morte, & resurreição do nosso Salvador Lusitano.

22 Que cousa representava esta affligida Viuva, que não chorando mais a perda de seu marido, mas a morte de seu unico filho, hia apoz delle átras da tumba, em que fóra da Cidade o levavão á sepultar? *Ecce defunctus efferebatur filius*

Luc. 7.

n. 14.

Burgenf.
hic.

Luc. 7.

n. 12.

lius

lius unicus matri suae: & haec vidua erat. Que coufa, digo, representava, se não a lastimosa, & affligida Lusitania viuva de seus Reys, famosa, & fermosa, de quem se achou effcrito, & prophetizado muito dantes: *Regnabit Rex in pubertate sua: & viduabitur regnum cum lachrymis.* Porque não lastimado mais a perda de seu querido Esposo, del-Rey D. Sebastião, de quem falla a prophecia; tão pouco a morte do Cardeal Rey D. Henrique seu derradeiro Esposo, chorava lómente, & lastimava-se de ver, que hum filho seu unico, que tinha, o Serenissimo Duque de Bragança, morto ao Reyno, & á Coroa, na tumba do esquecimento fora da Cidade de Lisboa, o fume, a enveja, a maldade, & o tempo levavão á sepultura: *Ecce defunctus efferebatur filius unicus matri suae: & haec vidua erat.* Compadeceose Christo da Viuva, compadeceose de Lusitania: *Misericordia motus super eam:* E por se compadecer da Mãy, deliberou resuscitar ao filho: por se compadecer de Lusitania, deliberou resuscitar ao Duque, de lhe restituir vivo o que chorava morto, de meter dentro da Cidade de Naim, dentro de Lisboa, o que fora della estava já quasi sepultado. E que fez? A Mãy disse: *Noli flere:* Viuva não choreis: Lusitania não vos lastimeis; defendendolhe (diz S. Ambrosio) que chorasse por morto, á quem por direito se devia a resurreição, á hum Rey, á quem por direito se devia seu Reyno: *Qua flere prohibetur eum, cui resurrectio debebatur.* E ao filho disse, que se levantasse: *Adolescens tibi dico surge:* Mancebo levantaivos, Duque levantaivos, estendendo seu Divino braço para ambos, para o mancebo, tocando com a mão na tumba, em que o levavão no mesmo lugar, em que o mandava levantar: *Tetigit loculum, & ait: Adolescens tibi dico surge.* E para o Duque despregando-a da Cruz no mesmo dia do levantamento, na mesma Cidade de Lisboa, em que tambem o mandava levantar, quasi dizendo com esta milagrosa acção: Duque levantaivos. Não temais o braço poderoso do Gram Monarcha Castelhana, porque tendes o meu mais pode-

Alm. da
Restaur.
de Port.
p. 1. c. 20.

Amb. l. 5.
Com-
mentar.
Luc. c. 1.
tom. 5.

Luc. 7.
n. 14.

Ibidem.

poderoso, a minha mão onnipotente: *Tetigit loculum*, & ait: *Adolescens tibi dico surge*: E conclue o Sagrado Texto: *Et resedit, qui erat mortuus*, & capit loqui: & dedit illum matri suæ: E logo o que era morto se levantou, logo se assentou, logo fallou, dando-o Christo á Mãy, para que festejasse vivo á quem dantes tinha chorado com infinitas lagrimas por morto. Nem mais, nem menos em Portugal. Logo o Serenissimo Duque se levantou, obedecendo á voz divina de Christo, que interiormente o mandava levantar. Logo se assentou no seu Throno Real: *Et resedit, qui erat mortuus*. Logo começou a fallar como Rey: *Et capit loqui*, restituindo-o o Senhor á sua querida Mãy, á famosa Lusitania: *Et dedit illum matri suæ*, para que o não chorasse mais como Rey morto, mas o festejasse como vivo com muitos Vivas, como fez, levantando com muita festa, & alegria a voz por todo o Reyno: Viva el-Rey D. João IV. Viva el-Rey D. João IV.

23 Não me estranhem os zelosos das prerogativas, & excellencias de Portugal, ter comparado o Reyno á húa mulher por natureza fraca com o nome de femêa; Lusitania, quando com singularidade o honrou Deos por seu valor cõ o nome de macho, Portugal, chamando aos mais Reynos, quasi inferiores no esforço, & menores na valentia com o nome de mulher; porque mais adiante (já que folgais de ouvir, que o Reyno he macho) o compararei com hum fortissimo mancebo, á quem tambem foi dito: *Não choreis*. Entre tanto para que não vos descontente a comparação; mas antes a estimeis por alevantada, & grande, notai que a Viuva, á quem tenho comparado o Reyno, não he mulher fraca, & ordinaria, mas semelhante á aquella, de quem disse Salamão: *Mulierem fortem quis inveniet?* Ou como traslada Vatablo: *Mulierem masculam*: Quem achará húa mulher varonil, tão forte, que pareça homem: *Mulierem fortem: Mulierem masculam*. Porque diz S. Ambrosio, que esta Viuva, cercada de infinito povo, parecia mais que mulher: *Hanc*

Prover.
31. n. 10.
Vatabl.
hic.

Hanc viduam, populorum turba septam, plus videri esse quam feminam; pois foi tão forte, & tão poderosa, que se outros meys, que de lagrimas, & choros, alcançou (diz o Sãcto) a resurreição milagrosa de seu unico filho: *Quæ resurrectionem unici adolescentis filij suis lachrymis meruit impetrare*: E huma Viuva tão poderosa, hũa mulher tão forte (diz o Sabio) he muito para estimar: *Procul, & de ultimis finibus pretium ejus*. Hum Reyno, que somente com choros, & brados mereceu ver cõ seus olhos à seu legitimo Rey resuscitado milagrosamente, não tem igual: *Clamaverunt ad Dominum, qui suscitavit eis salvatorem*.

D. Ambrosio. l. 5. coment. Luc. c. 7. tom. 5.

Prover. 31. n. 10.

24. Tão semelhante foi o Reyno à esta generosa Viuva, que as prophcias, que delle fallão, & de sua redempção, chamando-o com o nome latino de mulher: *Lusitania*, mostrão de hũa à outra, não haver alguma differença, ou muy pouca: *Lusitania* (disse S. Fr. Gil nas suas decãtadas prophcias) *sanguine orbat a regio, diu ingemiscet: sed propitius tibi Deus, &c. Et insperatè ab insperato redimèris*. *Lusitania*: Eis aqui o nome de mulher: *sanguine orbat a regio*, privada de seus Reys: Eila aqui viuva. *Et hæc vidua erat*. *Diu ingemiscet*: Eis aqui como chorava: Eis aqui o *Noli flere*. *Sed propitius tibi Deus*: Mas Deos vos acudirá: Eis aqui Christo, que acudio: *Accessit, & tetigit loculum*: Eis aqui seu braço poderoso. *Et insperatè ab insperato redimèris*: Eis aqui a redempção não esperada, o Salvador resuscitado, o Mancebo levantado, que nem a viuva esperava, nem o Reyno: *Adolescens tibi dico surge*.

S. Fr. Gil Ord. Prædicat.

25. O generosa Viuva! O forte Lusitania! Dai muitas graças à Deos, que com tanto espanto, & maravilhas dos mortaes tem resuscitado o vossò unico, & legitimo filho, que sessenta annos, derramando muitas lagrimas, chorarão por morto vossos olhos. Dailhe mais graças pela Coroa, q̃ lhe té merido na cabeça cõ tâta gloria, vossa & prosperidades, quãtas são as que gozaes de presente, penhores de outras maiores, que espreaes de futuro. Dailhe mais graças pelo ter sei-

R

to

to, não somente Rey, & Redemptor, para vos remir da dura servidão de Rey estrangeiro; mas ainda Salvador, para vos salvar com seu braço poderoso. Inda maiores agradecimentos lhe deveis; pois a vossa redempção foi tão soberana pelo modo, & pela magestade, & excellencia do Redemptor, tão grande, que bem considerada, parece, que correo parelha com a redempção do Mundo; porq' as acho muito semelhantes. Para prova nos valerá húa mysteriosa visão, que teve S. João no Apocalypse.

Apoc. 5.
n. 1.

26 Vio este divino Varão hum livro escrito por dentro, & por fora, sellado com sete sellos: *Vidi in dextera sedentis supra thronum librum scriptum intus, & foris, signatum sigillis septem*. E por não se achar quẽ fosse digno de o abrir, diz de si, que chorava fortemente: *Et ego flebam multum, quoniam nemo dignus inventus est aperire librum, nec videre eum*. Compadeceose delle hum dos mais velhos da Corte celestial: *Vnus de senioribus*. E assi lhe disse: *Ne fleveris*: João não choreis, porque o Leam fortissimo da Tribu de Judá, raiz verdadeira de David sahio victorioso, abriu o livro, & soltou seus sinaes: *Ecce vicit Leo de Tribu Iuda radix David, aperire librum, & solvere septem signacula ejus*. E logo vio à hum Cordeiro, que em magestoso Throno estava em pè, & parecia morto: *Et vidi: & ecce in medio throni, & seniorum Agnum stantem tanquam occisum*.

27 Maravilhosa visão tão cheia de mysterios, como de periodos. Que livro era este tão fechado, que ninguem podia abrir? *Vidi librum*. Quem era este digno, que se não podia achar? *Nemo dignus inventus est*. Quem o velho tão compadecido, que disse á S. João, que não chorasse? *Vnus de senioribus*. Quem o Leam tão forte, & tão victorioso, que em figura de Cordeiro parecia morto, & era vivo? *Vicit Leo. Ecce Agnum stantem tanquam occisum*. De Leam á Cordeiro vai muito. De morto á vivo ha grande differença. Que mysterios são estes? Que? He esta visão hum debuxo do levantamento milagroso de Christo, com que se pareceo o
de

de S. Magestade.

28 Pelo livro entende o Theologo de Paris João Gagneio o Testamento velho, livro das prophcias, que os Sanctos Prophetas pronunciarão de Christo nosso Redemptor, & da redempção, que tem obrado: *Hunc librum pené omnes interpretantur Sacram Scripturam: ego vetus testamentum, quod unius libri nomine vocatur.* Escrito por fora quanto ao sentido exterior da letra, & por dentro no sentido interior do espirito: *Scriptum intus, & foris*, mas tão escuro, que não se podia abrir, à saber, interpretar. Isto quer dizer (diz a Glossa) *Signatum sigillis septem: id est universis obscuritatibus.*

Gagn. hic.

Glos. ibi.

29 Pelo Digno: *Nemo dignus*, &c. Se entende o mesmo Senhor. E elle mesmo (dizem os sagrados Interpretes) he o Cordeiro, & o Leam. Cordeiro pela mansidão, Leam pela fortaleza: Cordeiro na morte: *Sicut ovis ad occisionem ducetur: & quasi Agnus coram tondente se obmutescet*: Leam na resurreição: *Vicit Leo de tribu Judá radix David*. Cordeiro na Cruz, em que crucificado estava vivo, & em pé: *Agnum stantem*; mas parecia morto: *Tanquam occisum*; porque morto quanto ao corpo pela separação da Alma, vivia nelle a Divindade: & Leam no levantamento; porque quando se levantou na resurreição, & foi para o Cco, para tomar posse do seu Reyno no dia de sua gloriosa Ascensão, mostrou que era Leam, à saber, Rey poderoso; porq̃ Leão em Grego (diz S. Ifidoro) he o mesmo, que Rey no Latino: *Leonis vocabulum Græcum est, latiné Rex interpretatur.*

Isay. 53. n. 7.

Apoc. 5. n. 5.

Idid. E-thym. l. 2. c. 2.

30 O Velho: *Vnus de senioribus*, diz o Texto sagrado, q̃ era hum dos vinte quatro Anciaõs, que tiravão a Coroa de suas cabeças, & a punhão diante do Throno magestoso de Deos, á quem dizião: *Dignus es Domine Deus noster accipere gloriam, & honorem, & virtutem.* Senhor vós sois digno de gloria, de honra, & de virtude. E alguns são de parecer diz Nicolão de Lyra que este velho foi o Evangelista S. Mattheos. Porque só este Evangelista declarou, & ma-

Apoc. 4. n. 10.

nifestou

Lyran.
in Apoc.
c. 5. n. 5.
Matth.
28. n. 18.

nifestou ao Mundo em seu Evangelho o grande poder, cõ q
o Leão fortissimo da Tribu de Juda, Christo Senhor nosso,
refurgio. Sò elle disse, & publicou de Christo levantado, q
era Rey poderoso, Senhor do Ceo, & da terra: *Dicunt ali-*
qui, quòd fuit Matthæus Evangelista, qui dixit in persona
Christi: Data est mihi omnis potestas in Cælo, & in terra.

31 Eis agora aqui o mysterio, que esconde esta visão.
Chorava o Mundo, representado em S João: *Flebam mul-*
tum: Chorava, & suspirava antes da redempção, por ver, q
não apparecia seu digno Redemptor Christo Senhor nosso,
que comprindo as prophcias, abrisse o livro dellas, soltas se
seus sinaes, que ninguem podia abrir, & soltar, á saber, in-
terpretar antes de se cumprirem, por douto que fosse. Por
isso não diz S João, que chorava, por não se achar nenhum
douto, que o abrisse, mas nenhum digno: *Quoniam nemo*
dignus inventus est; porque nem os doutos podem enten-
der as prophcias antes de se cumprirem. E assi as que falla-
vão de Christo Senhor nosso, se o mesmo Senhor não viera
ao Mundo, & as cumprira, se não poderão entender. Co-
meçou Christo abrir o livro, quando deu principio à redép-
ção do Mundo; porque então começou a cumprir as pro-
phcias; & o acabou de abrir de todo, [dizem S. Ambrosio,
& o Theologo de Paris) soltou de todo seus sinaes, declarou
seus sentidos, quando se levantou no dia de sua gloriosa re-
furreição, & tomou posse de seu Reyno no dia de sua gran-
diosa entrada no Ceo; porque então acabou de as cumprir:
Quando passus est, & resurrexit, & in Cælum ascendit, li-
brum veteris Testamenti aperuit, quia, quæ ibi significaban-
tur, opere implevit, diz S. Ambrosio. *Vicit resurgendo, & in*
Cælum ascendendo; atque ita spirituales omnes veteris legis
intelligentias, quæ nos antea latebant, aperuit, diz o The-
ologo de Paris. Pois o Evangelista S. Mattheus, que era o
velho: *Vnus de senioribus*, por se compadecer do Mundo
lastimoso, lhe diz: *Ne flevitis*: João não choreis: Mundo
não suspireis mais pelo vosso Redemptor, porque o que vi-
stes

Ambros.
hic tom. 5.

Gagn.
hic.

stes morrer na Cruz como Cordeiro innocente: *Ecce Agnũ stantem tanquam occisum*, se levantou na resurreição como hum Leam, com tão grande poder, que se meteo de posse de seu Reyno: *Data est mihi omnis potestas in Calo, & in terra*. Elle he o vossõ Rey, raiz verdadeira de David: Elle o vossõ Redemptor: Elle o vossõ Salvador: Elle he em fim o que levantado tem comprido as prophcias, aberto o livro dellas, solto seus sinaes, explicado seus sentidos, descoberto seus segredos, manifestado seus mysterios, que antes de se levantar, & tomar posse de seu Reyno, ninguem podia entender por agudo, & douto que fosse: *Vicit Leo de Tribu Iuda radix David, aperire librum, & solvere septẽ signacula ejus*. Matth. 18.n.18. Apoc. 5. n. 5.

32 Este foi o levantamento de Christo. Semelhante he o de Sua Magestade. Chorava S. João entre os Apostolos o mais moço, & de Christo o mais querido: *Flebam multum*. Chorava Portugal, representado neste divino, & fortissimo Varão (já que folgais de ouvir, que o Reyno he macho, Portugal) entre os Reynos de Europa o Benjamin, ultimo por nascimento, porque he o derradeiro na fundação, & de Christo mais querido, como elle mesmo disse á el-Rey D. Affonso Henriquez: *Erit mihi Regnum sanctificatum, fide purum, & pietate dilectum*. E a causa de tanto choro era, porque não apparecia, nem se achava o Rey dezejado, o Redemptor esperado, o Digno, que libertando-o cumprisse as prophcias, & vaticinios Portuguezes, que fallavão de sua vinda, & da redempção de Portugal, que ninguem podia entender, por douto que fosse, por muito que estudasse, antes de se cumprirem: *Nemo dignus inventus est, aperire librum, nec videre eum*. Os vinte quatro velhos, que tiravão a Coroa de suas cabeças, & a lançavão diante do Throno magestoso, & divino de Deos: *Viginti quatuor seniores*, era [diz Lyrano] hũa companhia de Bemaventurados: *Societas electorum*: ou como dizem outros, hũa multidão de Sanctos. Assi tambem em Portugal hũa multidão grande de

Vieg. l. 4.
fol. 132.

Apoc. 5.
n. 4.

Lyran.
hic.

Apoc. 4.
n. 11.

Fidalgos ditosos, & bem-afortunados, forão os que offerecerão á S. Magestade o Reyno, & a Coroa; & a tiravão de suas cabeças; porque estavam deliberados (em caso que S. Magestade a não quizesse accitar) eleger hum Rey entre elles, ou de fundar húa Republica, com que a Coroa de Portugal veria a estar na cabeça de todos os Fidalgos. Dizião os Anciãos á Deos: *Dignus es Domine Deus noster accipere gloriam, & honorem, & virtutem*: O mesmo dizião os Fidalgos á el-Rey nosso senhor, sendo Duque: *Dignus es Domine*: Senhor vós sois o Digno, que esperamos, o mais digno, que temos no Reyno, á quem por direito se deve a posse d'elle, & a Coroa. Tomaia, nós vola offerecemos, nós vola damos. E em quanto S. Magestade se não deliberava de a accitar, mas antes a enjeitava, o Reyno chorava, & o livro das prophecias se não podia abrir, os vaticinios Portuguezes se não podião entender. Mas deixou logo de chorar. Quando? No Sabbado que festejamos primeiro dia de Dezembro, do anno de quarenta: Quando hum dos mais velhos Fidalgos, que acclamarão á S. Magestade: *Vnus de senioribus* na Cidade de Lisboa, da Veranda, que caye sobre o terreiro do Paço, disse á João, disse á Portugal, disse ao Povo: *Ne flevetis*: Não choreis. Porque? *Vicit Leo de tribu Iuda, radix David, aperire librum, & solvere septem signacula ejus*. Valerosos Lusitanos: Liberdade. O nosso Leam fortissimo, o Duque de Bragança, raiz verdadeira dos Reis Portuguezes, que como Cordeiro innocente na sua Casa Real estava em pé, mas parecia morto, sem Reyno, & sem Coroa, *Vicit*, Venceo, refurgio, levantou-se. Não choreis. Elle he o nosso Rey, o nosso Libertador, o nosso Redemptor, o nosso Salvador. E em o declarando pelo seu nome, com os vivas, que lhe deu: *Viva el-Rey Dom João IV.* logo se começou abrir o livro das prophecias, & se acabarão de todo de entender, quando el-Rey entrou magestoso na Cidade de Lisboa, para tomar posse de seu Reyno; assi como de todo se acabarão de entender as propheci-

Apoc. 5.
n. 5.

as do Testamento velho, quando Christo entrou triumphante no Ceo, para tomar posse do Empirico: *Vicit resurgendo, & in Calum ascendendo: atque ita spirituales omnes veteris legis intelligentias, quæ nos antea latebant, aperuit.* Então se vio, que o Encuberto descuberto era el-Rey D. João IV. que no Cavallo de pao, á saber, no Bargantim, em que passou o Tejo, entrou na Cidade de Lisboa, para tomar posse de seu Reyno: & que esperar por outro Redemptor, por el-Rey D. Sebastião, he correr parelha com os Hebreos, que ainda esperão pelo Redemptor do Mundo.

Gagnai.
in Apoc.
cap. 5.

33 Não fora a redempção perfeita, se Christo não remira á todos. Se remira somente á seu querido povo, se libertara só aos Hebreos, & não aos Gentios, fora imperfeita, & diminuta contra a grandeza, & bondade infinita de tão divino Redemptor, o qual se mostrou tão grandioso, que quiz remir á todos igualmente, mandando abrir as portas do Ceo igualmente para todos. Nem tão pouco a redempção de Portugal fora grandiosa, se el-Rey remira somente aos Portuguezes, & fechara as portas de sua benignidade aos Estrangeiros.

34 Sobe Christo ao Ceo, para tomar posse de seu Reyno, acompanhado de hũ numero quasi innumeravel de homẽs, que remio, & resgatou do cativoiro do Diabo. Em os vêdo os Anjos de longe, fecharão logo as portas, pondo duvidas na entrada. Baterão os homens hũa, & duas vezes, dizendo-lhes, que abrissem: *Attollite portas Principes vestras, & elevamini portæ æternales: & introibit Rex gloriæ.* O An-
jos, ó Principes soberanos, abrinos, deixai entrar ao Rey da Gloria. Mas os Anjos muito bem fechados, sem abrirem, perguntavão-lhes de dentro: Que gente era: *Quis est iste Rex gloriæ?* Valhame Deos: Nem os Anjos querem Estrangeiros no Paraizo? São os Anjos Cidadoẽs do Ceo. O Reyno do Ceo he delles. Lá nacerão, lá morarão, lá sempre se conservarão com muita paz. Virão de longe á hũa multidão de Estrangeiros, homens da terra, que subião com Christo, pa-
ra

Psál. 23.
n. 7. 8.
& 9.

Psal. 23.
n. 8.

Ib. n. 10.

ra morarem com elles no mesmo Reyno, fecharão logo as portas com toda pressa, pondo duvidas na entrada; nem quizerão abrir, por muito que batessem, até se certificarem de sua condição, que gente era. E tiverão rezão; porque quando os Anjos perguntarão aos homens a primeira vez: Que gente era: *Quis est iste Rex gloria?* Responderão, que eram homens poderosos, vassallos de hum Principe forte, & poderoso, grande guerreiro: *Dominus fortis, & potens: Dominus potens in praelio*. Não foi prudente esta reposta, se a medirmos com a politica do Mundo; porque em ouvindo os Anjos, que erão Estrangeiros poderosos, gente forte, homens de guerra, se haviam de fechar muito mais. Haviam de dizer entre si mesmos em conselho: Estrangeiros poderosos! Que se vão embora. Mas logo que responderão á segunda pergunta, que erão gente boa, homens virtuosos: *Dominus virtutum*: Que não vinhão para guerrear, mas para estarem com elles mui unidos, mui conformes: Que não tinham armas, mas virtudes, abrirão logo as portas com muita festa, & alegria, & os agasalharão com muito amor.

35 Boa politica he esta dos Anjos, que não querem admittir em seu Reyno Estrangeiros poderosos, mas somente os virtuosos. Fecharão as portas aos homens, impedindo-lhes a entrada, por entenderem, que erão gente de guerra: *Dominus potens in praelio*: E abrirão-lhas agasalhando os com muita festa, quando souberão, que erão homens de Oração: *Dominus virtutum*.

36 Esta mesma politica teve el-Rey em Portugal. Fechou as portas de seu Reyno aos Estrangeiros poderosos, aos Castelhanos nas Fronteiras, fechando os passos com muitos presidios, & com grandes vigias, para que não entrassẽ com seu Rey: *Dominus fortis, & potens: Dominus potens in praelio*: E agasalhou no mesmo Reyno aos que quizerão nelle ficar à boamente, homens de bem, de quem se não podia temer: *Dominus virtutum*. Porque não fora a redempção de Portugal perfeita, digna de Rey tão grandioso, nem
o Re-

o Redemptor Lusitano parecido com o do Mundo Christo Senhor nosso, se remindo à seus vassallos, desemparara aos Estrangeiros, que achou com elles em seu Reyno.

37 Mas não foi esta a rezão principal, que obrigou aos Anjos à abrirem as portas do Ceo aos homens, & aos agasalharem em seu Reyno. Houve outra mais forçosa. Virão os Anjos, que estes homens crão homens por natureza, & Anjos por virtude, figurados na escada de Jacob, pela qual hũs Anjos subião, & outros decião: *Angelos Dei ascendentes, & descēdentes per eam* Decião os Anjos rebeldes (diz S Bruno) pelo pecado da rebelião contra seu proprio Rey: E subiam os homens espirituacs, os justos, os Sanctos, feitos Anjos por virtude: *Per descendentes Angeli maligni significatur, qui per superbiam descenderunt. Per ascendentes, Sancti, qui fuerunt spirituales, ut Angeli.* Virão, que estes homẽs eram gente da terra pela origem, Cidadãos do Ceo pelas obras, Estrangeiros por nascimento, Naturaes por amor, & tão unidos, & conformes com elles, que em sua companhia festejavão o levantamento milagroso de seu divino Principe Christo Jesu, & a gloriosa possẽ de seu Reyno. Assi (dizem pois os Anjos) Estrangeiros naturalizados! Homens spiritualizados! Gente unida com nosco, à quem quanto falta de natureza, para serem Anjos, tanto sobeja de virtude! Pois he rezão, que lhes abramos as portas, que os deixemos entrar, que os agasalhemos com nosco, que lhe façamos mimos, porque de semelhantes homens não nos pode vir mal, mas antes muitos bens. Encherão os lugares, & suprirão as faltas dos Anjos, que cahirão: *Attollite portas Principes vestras, & elevamini portae aeternales: & introibit Rex glorie.*

Gen. 28.
n. 12.

Brun. in
Plal. 121.

Pfal. 27.
n. 7.

38 Não necessita esta Escritura de acomodação, porque he mui clara, entende-se por si mesma; mas necessitão estes homens de emparo; para que se os Anjos lhe abrirão as portas, & os receberão, & agasalharão có muita alegria, o Principe dos Anjos por mais grandioso lhes faça maior agasalha-

S do

do. Se aqui em Goa lhe consentem os Remidos hum Convento, muitos lhe dê o Redemptor em Lisboa, para assi se parecer com o Redemptor do Mundo, que não só remio áos Hebreos, mas também aos Gentios. Não só agasalhou áos homens no seu Reyno do Ceo, mas lhe deu muitos, & mui soberanos assentos, igualando-os com os Anjos: *Resuscitavit eis Salvatorem*.

39 Mas tornemos á Portugal remido, & á seu dezejado Redemptor. Foi cousa de espanto, caso nunca acontecido nos seculos passados, maravilha nunca vista, & milagre sem duvida do Ceo, que com tanta facilidade, levantandose el-Rey, se levantasse logo com elle todo o Reyno, & resurgindo para o Ceptro, & á Coroa, resurgissem cõ elle seus Vassallos. Quando Christo Senhor nosso resurgio, quando se levantou da Sepultura, resurgirão, & se levantarão cõ elle muitos mortos: *Multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt*. Senhor como entrão aqui os mortos? Que conexão tem o levantamento destes com o vosso? Muita. Porque? Estes mortos não tinham perdido a vida, mas a tinham encuberta, & escondida em Christo, o qual era a verdadeira vida delles: *Mortui enim estis* (diz S. Paulo) *& vita vestra est abscondita cum Christo in Deo*. Em quanto Christo esteve morto, & sepultado, estava sepultada a vida dos Santos mortos; mas logo que se levantou, logo que resurgio, resurgirão também, & se levantarão muitos com elle: *Multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt*. Como se estes mortos dissessem entre si huns aos outros: A nossa vida se levanta! Christo resuscita! Pois que fazemos nós aqui sepultados? Resuscitemos nós também, & levantemo-nos com elle: *Multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt*. Qual he a vida do Reyno, se não a do proprio Rey? O espirito, a Alma, com que vive, he seu legitimo Senhor. Em quanto o Reyno tiver seu Rey, he Reyno vivo; mas logo que o perder, he Reyno morto, he corpo sem Alma. Porém Portugal teve hum privilegio singular, que com
a per-

Matth.
27. n. 52.

Ad Col.
lof. 3. n.
3.

a perda del-Rey D. Sebastião não perdeu a vida, nem tão pouco com a morte del-Rey D. Henrique, mas a depositou, & teve sempre encuberta, & escondida em hum Rey encuberto, que esperava, o qual estava como morto, & sepultado com seus vassallos no mesmo Reyno: *Mortui enim estis, & vita vestra est abscondita cum Christo in Deo*: Que maravilha, se levantando-se a vida, se levantassem com ella os mortos? Se levantando-se el-Rey, se levantasse com elle todo o Reyno? *Multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt*.

40 Foi esta morte politica, & civil do nosso invicto Salvador Lusitano mais sono, que morte; porque dentro de seu Reyno, sem se lhe dar de ser Rey, vivia mui descansado na sua Tapada; & assi mais se lhe ajusta a palavra, *Excitavit*, que he o segundo sentido, que relatamos, do que *Resuscitavit*, que he o primeiro, que atégora vimos: *Excitavit eis Salvatorem*: Espertou Deos á hum Salvador, para salvar, & libertar à Portugal.

II. Parte

41 Que foi a morte de Christo mais que sono? Assi a chamou o Propheta Rey: *Ego dormivi, & soporatus sum: & exurrexi, quia Dominus suscepit me. Non timebo millia populi circumdantis me*: Eu durmy (diz o Propheta Rey em pessoa de Christo morto) durmy, & descansei com sono mui quieto; mas logo me levantei, porque Deos me espertou; ou como glossa Nicolao de Lyra, me tomou debaixo de seu divino emparo: *Suscepit me in sua protectione*: E agora levantado não temerey já mais, nem arrecearey a multidão do povo, que me cerca, a multidão dos Hebreos, & Soldados de Cesar, que me obrigarão à dormir. Lindas palavras para a acclamação, que festejamos, raro modo de falar de sono, & de levantamento, sem arreceos de adversarios, sem medo de inimigos. E se buscarmos a origem, & a causa, porque os Hebreos unidos com Cesar obrigarão á Christo á dormir, acharemos que foi huma politica injusta, huma rezão de estado fora de toda rezão, semelhante à que

Psal. 3.
n. 6. & 7.

Lyran.
hic.

Epiph.
hærel. 29.

Athan.
serm. de
B. Virg.
post ined.

Hieron.
in c. 22.

lerem.
circ. fin.

Bernar-
din. tom. 3

Serm. de
S. Joseph.

Num. 27.
n. 8.

Joan. 12.
n. 19.

Joan. 11.
n. 48.

Ib. n. 47.

Joan. 19.
n. 15.

Joan. 11.
n. 50.

Jerem.
11. n. 19.

houve em Portugal, quando passou o Reyno á Castella.

42 Dizia Christo: Eu sou o Rey de Judea legitimo herdeiro de David: O Reyno he meu: E o direito estava por elle, não tão somente como Deos, mas ainda como homem, dizem S. Epiphanio, S. Athanasio, S. Hieronymo, S. Bernardino, & outros muitos. Porque a Virgem Senhora, de quem Christo era filho, era por linha masculina legitima herdeira de David, conforme o direito divino no livro dos Numeros, aonde manda Deos, que por falta de machos seja a femêa legitima herdeira de seu pay: *Homo cū mortuus fuerit absque filio, ad filiam ejus transibit hæreditas*. Por outra parte queria Cesar Emperador Romano ser Rey do mesmo Reyno, & o maior direito que tinha era o poder de suas armas. O povo queria á Christo: *Ecce mundus totus post eum abiit*. Por vezes o quiz acclamar, & fazer Rey; mas os principes do Reyno, o Principe dos Sacerdotes, os Pontifices, & Phariseos inclinavãose á Cesar, arreccoos de seu poder, temerosos do exercito Romano: *Venient Romani, & tolent nostrum locum, & gentem*. E unidos em conselho para materia de tanto porte: *Collegerunt Pontifices, & Pharisæi concilium*, assentarão, para que não perecesse o Reyno, de acclamar á Cesar: *Non habemus Regem, nisi Casarem*, & de crucificar á Christo: *Expedit vobis, ut vnus moriatur homo pro populo, & non tota gens pereat*; para que tendo o Reyno á Cesar Monarcha poderoso por seu Rey, & á Christo estincto, & morto, estivesse mais seguro, sem sospeitas de rebelião, sem medo de levantamento.

43 Jeremias vendo tudo em spirito, diz, que os Hebreos fizcrão em conselho contra Christo este assento: *Mittamus lignum in panem ejus, & eradamus eum de terra viventium, & nomen ejus non memoretur amplius*: Ponhamos o madeiro da Cruz em seu corpo, & extingamos com elle seu nome Real, o direito que tem ao Reyno. Notai este modo de fallar, porque he mysterioso: *Mittamus lignum in panem ejus*: Ponhamos o madeiro da Cruz em seu corpo. Devião di-

dizer tudo pelo contrario: Ponhamos no madeiro da Cruz seu corpo, & não a Cruz em seu corpo; porque o corpo de Christo foy crucificado na Cruz, & não a Cruz no corpo de Christo. Porque pois disserão: *Mittamus lignum in panem ejus*: Ponhamos o madeiro da Cruz em seu corpo? Porque quando a Casa Real de algũ Principe, ou Rey acabou, & se extinguiu por falta de herdeiro do mesmo tronco, no derradeiro Principe, ou Rey, em que acabou, he costume pintar-se sua Casa afezollhada, ou atravessada com hũa trave, ou tranca, em final, que nelle se fechou, & acabou de todo.

44 Querião os Hebreos extinguir com Christo seu nome Real, & o direito, que tinha ao Reyno de Judea. Nelle se acabava o ceptro Real, & a coroa de David, conforme a propheta de Jacob: *Non auferetur sceptrum de Iuda, & dux de femore ejus, donec veniat, qui mittendus est*. Pois disserão: *Mittamus lignum in panem ejus*: Atravessemos à esta casa Real huma trave, ponhamos nella o madeiro da Cruz, para que se feche, & se extinga de todo para sempre, nem haja mais nella o titulo de Rey de Judea, & seja a casa de Cesar Emperador Romano o noſſo Rey: *Non habemus Regem, nisi Casarem*: & unidos com Cesar o puzerão logo por obra. Crucificarão à Christo, & aclamarão à Cesar. Mas como Deos he mais poderoso, & contra elle não ha conselho, que valha, o mais que poderão fazer, foy obrigalo à durmir com sono muy quieto, muy descansado: *Ego dormivi, & soporatus sum*. Porém tanto que acordou, tanto que abriu os olhos debaixo do divino emparo, puxando Deos por elle, a Divindade pela Humanidade, levantouse: *Exurrexi, quia Dominus suscepit me in sua protectione*. Tomou o Ceptro de seu immenso poder: *Data est mihi omnis potestas*: Cingio a cabeça com a coroa da Gloria: Debellou, & lançou fora do Mundo ao Principe delle Lucifer, que o tiranizava: *Nunc Princeps hujus mundi ejicitur foras*: Sojeitou o Inferno, destruiu o pecado, venceo a morte, restaurou as cadeiras dos Anjos, libertou aos homẽs, tomou posse de seu Reyno do Cœo, senhoreou o Empireo, se fez absolu-

Gen. 49.
n. 10.

Joan. 19.
n. 15.

Psal. 3.
n. 6.

Ibid.
Lyran.
hic.
Marth.
28. n. 18.
Joan. 17.
n. 31.

Pfal.
n. 7.

3. to Senhor do Mundo todo com tão grande Imperio, & segurança, que diz: *Non timebo millia populi circumdantis me.* Agora que acordei, agora que me levantei, emparado da divindade, & aclamado por Rey, & Senhor do Mundo todo, não temo, nada receo, nem os exercitos poderosos dos Romanos, que me cercaõ, nem a maldade do meu Povo Hebreo, que me persegue.

45

Escusado parece aplicar esta escriptura, que por sy mostra ser vivo retrato do que houve no Reyno. Mas como temos nella ainda que examinar sobre este sono tão myste-
rioso, apicalahei. Em grande confusão se vio Portugal pela morte do Cardeal Rey Dom Henrique. Dizia a Serenissima Casa de Borgança, o Duque Dom João o I. consorte da Serenissima Senhora Dona Catherina: O Reyno he meu: Eu sou o Rey de Portugal; & o direito estava por elle; mas o poder era de Cesar, d'el Rey Dom Phelipe o Prudente, filho de Cesar, filho do Emperador Carlos V. que com hum exercito poderoso de soldados, & com outro mais poderoso de peitas dizia: O Reyno he meu. O Povo queria ao Duque: *Ecce mundus totus post eum abijt.* Mas os principaes do Reyno receavão o poder de Cesar, os exercitos dos Castelhanos: *Venient Romani, & tollent nostrum locum, & gentem.* E depois de muytos conselhos que fizeraõ para negocio de tanto porte, assentaraõ, cuidando acertar, de aclamarem a Cesar por Rey, a el Rey Dom Phelipe: *Non habemus Regem, nisi Casarem;* & ao Duque, se o não crucificarão quanto ao corpo, o crucificarão quanto á alma, porque não foy pequena Cruz a que padeceo, por se ver injustamente privado de seu Reyno; & que seus legitimos Vassalos unidos com Cesar, com el Rey Dom Phelipe, atravessassem á sua casa Real huma trave, procurando de extinguir nelle o nome de Rey: *Mittamus lignum in panem ejus: & eradamus eum de terra viventium: & nomen ejus non memoretur amplius.* Mas o muyto que poderão fazer, foy obrigalo a durmir: *Ego dormivi & soporatus sum.*

Joan. 12.
n. 19.

Joan. 11.
n. 48.

Joan. 19.
n. 15.

Jerem.
11. n. 19.

Po-

Porém tanto que acordou no Serenissimo Duque seu netto D. João: Tanto que abriu os olhos no Rey, qu e festejamos, à quem Deos puxou, para que se levantasse, & deu a mão, despregandoa da Cruz, para que não temesse: *Exurrexi, quia Dominus suscepit me in sua protectione*, logo tomou na mão o Septro, & as armas: Logo poz a Coroa na cabeça, & os exercitos em campo: Logo fez rosto ao inimigo, atemorizou à Castella, debellou os Castelhanos, lançou fora do Reyno o Principe Monarcha, que o possuia, senhoreou as praças, libertou seus vassallos, tomou posse de seu Reyno, se fez absoluto Senhor de sua Monarquia com tão grande firmeza, & se gurança debaixo do divino emparo, que pode dizer, como diz: *Non timebo millia populi circumdantis me*. Não temerei, nem arrecearei já mais, nem os exercitos poderosos de Castella, que me cercão, nem as traições de seus confederados meus vassallos, que dentro do meu Reyno me perseguem.

Pfal. 3.
n.6.
Lyran.
hic.

Pfal. 3.
n.7.

46 Agora pergunto: Porque não quiz Deos, que acordasse a Serenissima Casa de Bragança no primeiro Duque, q começou durmir, no Serenissimo Senhor D. João I. deste nome? Porque não no segundo, no Serenissimo Senhor D. Theodosio seu filho, mas no terceiro, no Serenissimo Senhor D. João II. hoje Rey D. João IV. de Portugal?

47 Os juizos de Deos são occultos, são abismos, que se não podem penetrar: *Iudicia tua abyssus multa*, dizia David. Diga cada hum seu parecer. O meu he o que vou mostrando, que pelo muito, que Deos ama a Nação Portuguesa (à quem escolheo entre os Christãos no campo de Ourique por povo seu mimoso) quiz, que a redempção de Portugal fosse hum vivo retrato da do Mundo: Que os Serenissimos tres ultimos Duques de Bragança sofressem a perda de seu Reyno, durmissem, & que ao depois se levantassem, à semelhança de Christo no Calvario.

Pfal. 35.
n.7.

48 Quanto durmio Christo Senhor nosso antes de seu levantamento glorioso? Quanto descansou antes de resurgir?

Vgo.
Card.
Inc. 19.
Genol.

gir? Rigorosamente fallando (diz Hugo Cardeal) que não durmio mais que hum dia, não descansou mais que no Sabbado. Somente no Sabbado, *Quievit*. Porèm teve tres dias determinados, que consagrou, para o leu levantamento: *Tres enim dies sunt Domino deputati, quos ipse specialiter consecravit: dies Parasceve, in qua Crucem tulit: dies Sabbati, in qua in sepulchro quievit: dies Dominica, in qua resurrexit*. E logo depois de declarar o mysterio acrecenta: *Primus dies, dies vitæ, & laboris. Secundus, dies mortis, & quietis. Tertius, dies resurrectionis*. Tres dias (diz este Cardeal) tem Christo consagrado com especialidade como proprios, o de Sexta feira, Sabbado, & Domingo. O primeiro foi de Cruz, o segundo de descanso, o terceiro de levantamento. No primeiro padeceo. No segundo durmio. No terceiro acordou. No primeiro negou o povo, q̃ Christo era seu Rey, & os Principes dos Sacerdotes, os Pontifices, & Phariseos o crucificarão coroado de espinhos no Calvario. O segundo foi de sono, calou durmindo com o sono da morte, & no silencio da sepultura escondeo seu absoluto poder, & o direito que tinha para ser Rey de seu Reyno. No terceiro resurgio magestoso, levantado, & acclamado Rey, & Senhor do Mundo todo no Cco, na Terra, & no Inferno.

49 Por este mesmo modo, & com muita semelhança ordenou Deos a redempção de Portugal. A estes tres dias de Christo tão mysteriosos quiz, que correspondessem as tres vidas dos ultimos tres Duques de Bragança. A vida de hum homem, ainda que viva largos annos, para com Deos reputase na sagrada Escriitura por hum dia. A vida toda da Espoza nos Cantares, gastada no serviço de seu Divino Esposo, diz a Versão Chaldaica, não foi mais que hum dia: *In illo die servivi Domino seculi dilecto meo*. Mil annos à vista de seus divinos olhos valem tão pouco (diz o Real Propheta) como o dia, q̃ passou: *Mille anni ante oculos tuos tanquam dies hesternæ, quæ præterijt*. E assi a vida de tres Duques cõ-

tase

Cant. 6.
n. 2. ex.
chald.
vers.
Psalm.
89. n. 4.

tase por tres dias, tão parecidos com os que Christo confagrou à Cruz, ao sono, & ao levantamento, que nos tres ultimos Duques de Bragança pintou o mesmo Senhor os tres ultimos dias de sua sagrada payxão, morte, & resurreição.

50 Na vida do primeiro Duque pintou o dia de sua cruz. Na vida do segundo pintou o dia de seu descanso. Na vida do terceiro pintou o dia de seu levantamêto. Representou a Cruz de Christo o Serenissimo Duque D. João o I. na que padeceo com tanta paciencia, coroadado de espinhos de cuidados, por se ver injustamente privado de seu Reyno: *Dies Parasceve, in qua Crucem tulit*. Representou o sono, & o descanso o Serenissimo Duque D. Theodosio, sepultado no esquecimento de seus proprios vassallos, sem se lhe dar do Reyno, & da Coroa: *Dies Sabbati, in qua in sepulchro quievit*. Representou o levantamento o Serenissimo Duque D. João II. aclamado com tantos vivas Rey, & Senhor de Portugal, com glorioso nome de D. João IV: *Dies Dominica, in qua resurrexit*. A vida do primeiro Duque foi hum dia de trabalho: *Dies vite, & laboris*. A vida do segundo Duque foi hum dia de descanso, morto ao Reyno, & à Coroa, vivo só à si mesmo: *Secundus, dies mortis, & quietis*. A vida do terceiro Duque foi o dia da resurreição. Levantou-se glorioso para Rey: *Tertius, dies resurrectionis*. Foi o primeiro Duque o que sentio. Foi o segundo o que dissimulou. Foi o terceiro o que não soffreo. Cedeo o primeiro ao poder de Castella, assi como Christo na payxão: *Hec est hora vestra*. Não se queixou o segundo da injustiça, que se lhe fez, assi como Christo na morte: *Non aperuit os suum*. Levantou-se o terceiro com poder, assi como Christo na resurreição: *Data est mihi omnis potestas*.

Luc. 22.
n. 53.

IIay. 53.
n. 7.

Matth.
28. n. 18.

51 Ha cousa mais parecida, figura mais expressa? Rezão pois temos, para não arrecearmos mais o poder do inimigo, porq o nosso Redemptor Lusitano he Rey resuscitado por Deos, à quem o mesmo Senhor debaixo de seu divino empero tem feito salvador de Portugal: *Resuscitavit eis salvatorem*

T

torem. Rezão mais temos para não temermos as diligencias secretas de Castella; pois o Atalaya, que vigia o Reyno, o Anjo, que o defende, & guarda, he hum Rey, á quem o mesmo Deos acordou, & fez mui vigilante: *Excitavit eis salvatorem*. E rezão teremos tambem para não duvidarmos de sua duração; pois he luz incorruptivel, Planeta immortal, que Deos criou, & manifestou com prodigios, & milagres, para afugentar, & desfazer as trevas de seu Imperio escurecido, que he o terceiro sentido das palavras: *Suscitavit eis salvatorem*, à saber, *In lucem edidit*: Que o manifestou, & fez que sahisse à luz, para que não estivesse mais encuberto, mas descoberto à todos. O nova luz dos Lusitanos! O Planeta resplandecente de renovado, & immortal Imperio.

Plat l. 16.
de Regno.

52 Neste passo esperava áquelles, que seguindo a opinião de Platão, comparão os Imperios, & Monarquias da terra às idades dos homens. Nascem, crescem, são fortes mancebos, vem à ser homens perfeitos, chegam ao maior auge da idade varonil, & logo declinão, & começam à ser velhos, & no cabo fenecem, & morrem. E não ha duvida, que a experiencia assi o mostra. Porque nasce o Imperio, quando se funda: Cresce, quando se augmenta: He forte mancebo, quando se fortifica: He homem perfeito, quando he bem governado: Chega à maior idade de varão no auge de suas grandezas: Declina no mão governo; & à semelhança dos velhos lhe cahem os dentes nas perdas das praças, & fortalezas, até que no cabo, não se podendo mais sostentar, cahe, & perde-se de todo, acabando de todo a vida. Neste passo com tudo os esperava, para lhes dizer, que o Imperio de Portugal com privilegio singular teve mais altos principios, & assi não se ha de comparar com as idades do homem mortal, que nasce para morrer; mas com o Planeta immortal, & inconstante da Lua, que quando escurece, & parece que morre, então torna à renacer: *In lucem edidit*.

53 He sentença de Innocencio Papa, Terceiro deste nome

me, que o criar Deos no Céo dous Astros tão grandes, duas luzes tão admiraveis, huma maior que a outra, o Sol, & a Lua, para a maior senhorear com sua luz, & alumiar no dia, & a menor na noite: *Fecitque Deus duo luminaria magna,* Gen. 1. n. 16.
luminare maius, ut præset diei: & luminare minus, ut præ-

eset nocti, foi para nellas figurar duas dignidades, que no místico Céo da Igreja Vniversal queria fundar, hũa espiritual maior, outra temporal menor, hũa que senhoreasse no dia, à saber nas cousas espirituacs, & outra, que senhoreasse na noite, à saber nas cousas temporaes; & com tanta differença de hũa à outra, quanta ha entre o Sol, & a Lua. *Ad firmamentum igitur Cæli, hoc est Vniversalis Ecclesiæ fecit* Innoc. III. *Deus duo luminaria magna, idest, duas instituit dignitates,* const. 28.
que sunt Pontificalis auctoritas, & Regalis potestas. Sed illa, que præest diebus, idest, spiritualibus, maior est: que vero carnalibus, minor, ut quanta est inter Solem, & Lunam, tanta inter Pontifices, & Reges differentia cognoscatur.

A cõta conta se hum he o Sol, que com sua luz senhorea, & alumia o Mundo todo no dia: Se hum he o Imperio da Igreja, hum o Pontifice Romano, hum o Papa Senhor do Mú, do todo no espiritual, tendo Deos criado huma Lua, & não mais, para com sua luz senhorear, & alumiar o Mundo todo na noite, hum ha de ser o Imperio temporal, hum o Emperador Senhor do Mundo todo.

54. Discorrão agora as Naçoens de Europa, & cada hũ levado do amor de seu proprio Rey, acarrete pronosticos, & prophcias, para mostrar, que na sua Caza Real tem Deos reservado este primeiro lugar, este Imperio universal do Mundo todo quanto ao temporal, porque nunca poderão negar, levarlhes muita ventagem a Nação Portugueza, o Reyno de Portugal, os descendentes del Rey D. Affonso Henriquez, a Caza Real del Rey D. João IV. Porque dous Imperios somente tem Christo Senhor nosso fundado por sua boca, & os té feito com privilegio singular Imperios seus, hum espiritual, outro temporal, hum em Roma, que en-

regou á S. Pedro, & seus socessores, outro em Portugal, que entregou ao Sancto Rey D. Affonso Henriquez, & sua geração, ambos pelo mesmo modo, & quasi com as mesmas palavras. Pois se o Imperio de S. Pedro he o Sol, que alumea, & senhorea o Mundo todo quanto ao espiritual, o Imperio do Sancto Rey D. Affonso Henriquez he a Lua, que ha de alumear, & senhorear o Mundo todo quanto ao temporal.

Matth.
16. n. 18.

55 Trata Christo com S. Pedro da fundação de seu Imperio espiritual, & diz assi. *Tu es Petrus*: Vos sois Pedro, que he o mesmo que pedra. Nessa pedra quero edificar o meu Imperio espiritual, a minha Igreja: *Super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam*. O edificarei em vós, diz Christo, *super hanc petram ædificabo*, mas o farei Imperio meu: *Ecclesiam meam*. E por ser meu, será tão forte, que nem o Inferno todo poderá contra elle: *Portæ Inferi non prævalerunt adversus eam*. A vós mesmo entregarei as chaves deste meu Imperio, para eu executar no Ceo o que vós ordenares na terra: *Tibi dabo claves regni Cælorum: Quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum, & in Cælis: Et quodcumque solveris super terram, erit solutum, & in Cælis*. Senhor aonde estão estas chaves, aonde o vosso Imperio?

D. Epiph.
advers.
Hieres.
Cornel.
á Lapide
tom. 1. in
Evang.
c. 19.
Joan. ver.
33. §. 2.
Gen. 2.
n. 21.

onde a Igreja? Ainda Christo a não tinha; por isso não falava de presente, mas de futuro: *Ædificabo, Dabo. Ædificabo Ecclesiam meam: Tibi dabo claves regni Cælorum*. Porque diz S. Epiphanio, & a cômua dos Sanctos Padres, & sagrados Doutores, como notou Cornelio á Lapide, que Christo Senhor nosso edificou a Igreja crucificado, quando de seu sacratissimo costado aberto sahio sangue, & agoa, figurada em Eva, que do costado de Adam durmindo, figura de Christo morto, foi edificada: *Cumque obdormisset, tulit unam de costis ejus, & replevit carnem pro ea. Et ædificavit Dominus Deus costam, quam tulerat de Adam, in mulierem*. E as chaves deste Imperio crão suas sacratissimas chagas, que ainda não estavam feitas pelos Judeos, era seu sangue preciosissimo, diz S. Hieronymo: *Sanguis Christi*

fi

fi est clavis Paradisi. Era tambem a sancta Cruz, diz o Doutor allegorico, figurada na chave da Casa Real de David: *Clavis Domus David dici potest Crux Christi, per quam aperitur nobis janua regni Calorum*, a qual tão pouco estava feita. Mas depois de resuscitado, tendo já Christo tudo em seu poder, a Cruz, as Chagas, & a Igreja, a entregou á S. Pedro, & o fez Monarcha espirital do Mundo todo. E foi (dizem de cômum parecer os Padres, & Doutores) quando lhe appareceo hum dia com chagas gloriosas, & lhe disse: *Pasce oves meas*: Apascentai o Pedro minhas ovelhas. Porque com estas palavras (segundo explica Maldonado) quiz dizerlhe: *Volo nunc super te Ecclesiam meam edificare, idest oves meas pascendas tibi committere*. Agora si o Pedro, agora si, que com chagas gloriosas vos appareço, quero edificar em vós minha Igreja, que principici crucificado no Calvario. Agora si que tenho tudo em meu poder, vos faço meu Vigairo na terra, Senhor do meu Imperio espirital, Monarcha deste Mundo. Agora vos entrego tudo, a Cruz, as Chagas (que são as chaves da minha Monarquia espirital) & a Igreja: *Volo nunc super te Ecclesiam meam edificare*.

56 Senhor se este Imperio he vosso: Se o edificastes na Cruz: Se o entregastes á S. Pedro, para nelle como em fortissima pedra estar muy fixo, correrá o risco dos mais Imperios, & Monarquias do Mundo? Será como hum delles? Não diz Christo. Pois que Imperio será? Que Imperio? Na perfeição será sancto, puro, sem nenhuma macula, & de mim muy amado: *Christus dilexit Ecclesiam* (diz S. Paulo) *& se ipsum tradidit pro ea &c. ut exhiberet ipse sibi gloriosam Ecclesiam, non habentem maculam, aut rugam, aut aliquid hujusmodi; sed ut sit sancta, & immaculata*. Na grandeza o farei tão estendido, que virá à ser Pedro com o tempo Pastor, & Senhor do Mundo todo: *Fiet unum ovile, & unus Pastor*. Na firmeza será tão firme, que nunca cabirá. Terá perseguiçoes, padecerá eclipses, procurarão

Hier.
apud S.
Thom.
opusc. 58.
lay. 22.
n. 22.
Lauret.
Verb.
Clavis.
Joan. 21.
n. 17.
Mald.
hic.

Ad Eph.
5. n. 25.

Joan. 10.
n. 16.

Luc. 22.
n. 32.

Matth.
28. n. 20.

os inimigos da Sancta Fè Catholica' de o destruir; com tudo nunca o acabarão, nunca o poderão destruir, mas estará sempre em pé: *Ego autem rogavi pro te* (disse Christo á S. Pedro) *ut non deficiat fides tua*. E finalmente na duração durará até o fim do Mundo: *Et ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem seculi*.

Fr. Bernad. 1. p.
Cron.
Cister.
l. 3. c. 3.
Anton.
Pacz
Vieg. l.
4. pag. 132

Matth.
16. n. 18.

Joan. 21.
n. 17.

Joan. 10.
n. 16.

57 Vamos á Portugal, para vermos, se semelhãte á este he o Imperio Lusitano: Se assi, & pelo mesmo modo foi sua fundação. Aparece Christo crucificado muy glorioso ao Serenissimo Principe D. Affonso Henriquez no Campo de Ourique. Diz este Principe: Senhor que trage he este? A mim appareceis crucificado? Eu creo em vós Deos meu. Apparecei nesta forma aos Mouros, para que se convertão, & não á mim. Diz Christo: Quero edificar hum novo Imperio. Esta he a causa de vos apparecer nesta forma. Edifiquei o meu Imperio espiritual crucificado, & o entreguei á S. Pedro com chagas gloriosas. Quero pelo mesmo modo edificar outro temporal. O espiritual o edifiquei em S. Pedro, & seus legitimos socesores: *Super hanc petram edificabo*; mas o fiz Imperio meu: *Ecclesiam meam*: Assi este temporal, o quero estabelecer em vós, & em vossos decendentes: *Volo in te, & in semine tuo*; mas o faço Imperio meu: *Imperium mihi stabilire*. A Pedro eu disse, quando edifiquei nelle meu Imperio espiritual: *Pasce oves meas*: E quiz dizerlhe: *Volo nunc super te Ecclesiam meam edificare*: Quero agora edificar em vós minha Igreja. Estas mesmas palavras digo á vós, para que a fundação deste meu Imperio téporal seja de todo ao de S. Pedro semelhante: *Volo in te, & in Semine tuo Imperium mihi stabilire*: Quero agora estabelecer em vós meu Imperio. O de S. Pedro será muy grãde. Será Pedro Senhor do Mundo todo no espiritual; porque o Mundo todo converterleha á Sancta Fè: *Fiet unum ovile, & unus Pastor*. Assi mesmo o vosso, porque o estabeleço em vós, para levar o meu sanctissimo nome às Nações estranhas: *Vt deferatur nomen meum in exterar gentes*. As chaves do meu

meu Imperio espirital, que entreguei à S. Pedro, são minhas gloriosissimas chagas, he esta sacratissima Cruz, he o preço do meu divinissimo, & preciosissimo sangue: Estas mesmas dou á vós: *Insigne tuum ex pretio, quo ego humanũ genus emi, & ex eo, quo ego á Iudeis emptus sum, compones.* Fiz o Imperio espirital de S. Pedro Imperio sancto, puro, & de mim amado: Nem mais, nem menos este temporal: Sermcha Reyno sanctificado, puro na Fé, & de mim amado por sua piedade: *Erit mihi Regnum sanctificatum, fide purum, & pietate dilectum.* O Imperio de S. Pedro, por muito, que seja acometido dos inimigos da Fé, perseguido com guerras, abalado com heresias, com tudo nunca cahirá: *Non deficiet fides tua;* mas durará até o fim do Mundo debaixo de meu divino emparo: *Et ecce ego vobiscũ sum omnibus diebus usque ad consummationem sæculi.* Tão pouco cahirá o vosso, disse Christo por remate; porque nunca o de-sempararei, nunca em algum tempo se apartará de vós, nem de vossos vassallos a minha misericordia: *Non recedet ab eis, neq; á te unquam misericordia mea.*

Luc. 22.
n. 32.
Matth.
28.n.20.

58 Ha mais dizer da semelhança destes dous Imperios? Parece que não. Se pois hum he o Imperio espirital do Mundo todo, provavel cousa he, que hum haja de ser o tẽporal. Se o espirital he o de S. Pedro, o temporal he o do Sancto Rey D. Affonso Henriquez. Se o de S. Pedro o tem Deos figurado no Sol, que não pode morrer, o do Sancto Rey D. Affonso Henriques tem figurado no Planeta universal, & inconstante da Lua, que quando escurece, & parece que morre, então torna a renascer: *Luminare maius, ut præset diei: & luminare minus, ut præset nocti.*

59 Não vimos isto com nossos olhos? Não experimentamos nos mesmos ser assi? Que cousa representou o Imperio de Portugal até hoje, se não o Planeta immortal, & inconstante da Lua? Foi Lua nova, Imperio novo no Sancto Rey D. Affonso Henriquez: Lua cre cente em seus soccessores até el-Rey D. João o II. Lua chea no Rey D. Manoel.

Come-

Começou a mingoante no Rey D. João o III. porquẽ nelle se diminuió, por se largarẽ em Africa em seu tempo aquelles quatro lugares tão famosos, ganhados com tão hieroycas façanhas, & com tanto sangue Portuguez, Alcacere, Arzila, Safin, & Azamor. Se eclipsou no Rey D. Sebastião. Entrou nos escuros no Cardeal Rey D. Henrique, mostrando nelle o quarto da mingoante; & nos tres Reys Catholicos de Espanha representou os tres dias derradeiros, em que a Lua se escurece de maneira, que parece que acaba, & morre. Mas não acabou, porque a Lua não pode acabar. Não morreo; mas antes se renovou, & tornou a renascer, renovando seus resplandores na Magestade del Rey D. João IV. mostrando na sua Real Pessoa, ser sua luz immortal, Reyno que não pode perecer.

60 O luz milagrosa! ó Lua renovada! ò Planeta incorruptivel! ó Imperio immortal! ò Reyno de Portugal, Reyno feliz, illustre na fundação, milagroso na restauração, emparado de Deos na conservação, & pelo seu proprio nome semelhante à Lua, Lusitania. Reyno soberano. Que digo? Soberano! Chamalohei Reyno divino; porque o criou Deos cõunicandolhe seu divino sangue nas cinco chagas, que lhe deu por Quinas, como por linhas, que se os mais Reynos são terrenos, criados pelos homens da terra, elle he Reyno divino, criado por Deos com seu divino sangue no Throno Real, & magestoso da Sancta Cruz, aonde o pario resplandecente, & immortal, como a Lua, para com o resplandor de suas armas, & muito mais com a luz da Fé, que lhe mandou levasse às Nações estranhas, senho-reasse no temporal o Mundo todo: *Luminare maius, ut præset diei: & luminare minus, ut præset nocti.*

Gen. 1.
n. 16.

61 Quereis famosos Portuguezes, que o vosso Imperio nunca escureça? Que a Lua resplandecente, & immortal da vossa Monarquia Lusitana nunca em nenhum tempo tenha mingoante? Olhai sempre para o Sol, olhai sempre para a Igreja, olhai sempre por S. Pedro. Obedecei ao Summo Põ-tifice

tifice Romano, executai as ordens do Papa; porque elle he o Sol, & vós fôis a Lua, & sem o Sol não resplandece a Lua.

62 He esta politica a mais acertada, para as felicidades, & glorias do Imperio de Portugal não terem nunca mingoante. He a rezão de estado mais verdadeira, & mais segura, para a Caza Real del-Rey nosso Senhor se perpetuar eternamente no Reyno. Recebeia com a piedade Christãa, que como filhõs da Igreja tão catholicos, sempre morou no vosso generoso peito, & com o affecto, & zelo, que herdastes dos vossos Progenitores, do serviço de S. Magestade, do augmento de seu Imperio, do melhoramêto de suas Cõquistas.

63 A Lua dizem os Astrologos nunca escurecera, se não virára as costas ao Sol; & como se tivesse os poderes, que elle tem, não quizeffe senharear, & alumear com sua luz tão-bem no dia, tendoa Deos criada para senharear, & alumear somente na noite: *Luminare minus, ut præset nocti*. Se fahira semente pela tarde, quando o Sol se poem, & se posera pela manhã, quando o Sol nasce, alumecendo sò de noite, & não de dia, fora sempre Lua chea, sempre resplandecente. Se nunca virára as costas ao Sol, mas olhára sempre para elle, & o reverenciara, mostrandolhe seu rosto ablequiosa, não tivera nunca mingoante. Mas não faz sempre assí. Húa vez olha para elle, & outra lhe vira as costas. Húa vez procura de alumear somente na noite, indo atraz do Sol, dãdolhe a precedencia, como Planeta maior: *Luminare majus*; & outra quer alumear tambem no dia, indo diante delle. Por isso ha na Lua tantas mudanças. Por isso huma vez resplandece, & outra escurece. Por isso húa vez he chea, & outra he mingoante. Por isso quando he Lua nova, cada dia mais se vai enchendo de nova luz, porque cada dia mais olha para o Sol, & largandolhe o campo, procura de alumear somente na noite, até deixar de todo de alumear no dia. E quando he chea, vai logo sempre mingoando, porq̃ quasi soberba, por se ver rica de resplandores, se mete no governo do dia, virando sempre mais as costas ao Sol. E no

cabo escureceſe de todo , ſem ſe ver nella rayo de luz , porq̃ de todo lhe vira as coſtas , & como ſe quizeſſe impedir ſeus reſplandores , para que não alumeem (como muitas vezes impede nos eclipses) para ſenhorear de todo no dia , ſahe junto com o Sol pela manhã , & jũto cõ elle ſe poẽ à tarde .

64. Grande doutrina he eſta para a conſervação , & augmento do voſſo Imperio Portuguez , da voſſa Monarquia Luſitana , grande politica . Vos tem dado Deos duas cabeças , para vos governarem , dous Superiores , dous Monarchas ſoberanos , hum maior que o outro , o Sol , & a Lua , o Papa , & el Rey , o Vigairo de Chriſto em Roma , & a Mageſtade del-Rey D João IV. em Portugal . Hum , que alumea no dia: Eſte he o Papa , que ſenhorea no eſpiritual : *Luminare maius , vt præſet diei* : Outro , que alumea na noite: Eſte he el Rey , que ſenhorea no temporal : *Luminare minus , vt præſet nocti* . Como ficis vaſſallos del-Rey , obedeccei à S. Mageſtade no temporal : Elle he a voſſa Lua . Como ficis Chriſtãos filhos da Igreja , obedeccei ao Papa no eſpiritual : Elle he o voſſo Sol . Se não vos atreveis á fallar contra el Rey : Se não vos atreveis de cortar nelle com a lingua , de desfazer nelle com a penna , por ſer a voſſa Lua , muito menos contra o Papa , porque he o voſſo Sol , Planeta mais nobre , Monarcha mais ſuperior : *Luminare maius* . Quanto mais olhares para o voſſo Sol , quanto mais o reverenciareis , ou com as obras , ou com palavras , tanto mais reſplandecerà a voſſa Lua . Quanto mais lhe virares as coſtas , tanto mais ha de eſcurecer , & ter falta de luz . Se de todo lhe largares o campo , para que de todo alumee no dia , ſenhoree no eſpiritual , dandolhe a precedencia , como á Planeta maior , indo à poz d'elle , executando ſuas ordens , obedecendo de todo à ſeus mandamentos , ſerà a voſſa Lua ſempre chea ; ſẽpre reſplandecente . A Caſa Real del-Rey D João IV. ſerà ſempre victorioſa , chea de prosperidades , & grandezas . Mas ſe vós vos meterdes na ſua jurisdição , querendo alumar tambem no dia , ſenhorear no eſpiritual , não tendo mais poderes

deres, que para alumear na noite, senhorear somete no temporal: *Luminare minus, ut praeſet nocti*, começará logo a mingoante. E Deos nos livre, que em alguma hora lhe viremos de todo as costas, que em algum tempo queiramos alumear de todo no dia, senhorear de todo no espiritual (Espero em Deos, que nunca será, porq̃ tem Deos criado o Reyno de Portugal, o Imperio Lusitano puro na Fé: *Erit mihi Regnum fide purum*) Deos nos livre, que tal aconteça; porque ficará a nossa Lua de todo escura, o Imperio Lusitano sem a luz da Fé; porque sem o Sol não resplandece a Lua.

Vieg. l.
4. pag.
132

65 O quem me dera poder prègar no Reyno esta doutrina diante de S. Magestade, esta politica tão sancta, & tão acertada, para a conservação, & augmento de seu Imperio, esta rezão de estado tão certa, & tão verdadeira, para a Lua resplandecente de sua Monarquia não ter nũa mingoante. O quem me concedera poder dizer aos Conselheiros de seu Real Conselho em Portugal, que os Imperios, & Monarquias não se conservão com as politicas humanas, quando encontrão as divinas; mas com as divinas, ainda que encôntrem as humanas. Que não crescem cõ as rezoês de estado, que ensinam os homens; mas com aquellas, que nos ensinam Deos. Que sê os Reys, & Monarchas da terra se aconselhafsem primeiro com Deos, & depois com os homens, nunca perderião seus Reynos, nunca cahirião suas Monarquias; mas como de ordinario fazem tudo pelo contrario, seguem as rezoens de estado falliveis, & mentiroſas, que aconselha o Mundo, & deixão as verdadeiras, & acertadas, que aconselha Deos, & muitas vezes manda-as com preceito; por isso não durão; por isso escurecem; por isso tem muitas mingoantes; por isso cahem, & se perdem de todo.

66 Para cahir o Imperio de Portugal: para se dividir a Coroa de seus Reys, & se unir com Castella, bastou dividir as rendas do Mosteiro de Alcobaça. Se o não prophetizara tanto dantes S. Bernardo, & não viramos comprida a prophecia com nossos olhos, não o creramos. A historia he fa-

Brit. in
Cron.
Cister. l. 2.
c. 20.

Almeida
da Re-
ftaur. de
Port. p. 1.
cap. 14.
Pius Pa-
pa IV.

Prover.
21. n. 30.

bida, & com ser sabida, não nos aproveitamos della. Edificou o Sancto Rey D. Affonso Henriquez o Real Mosteiro de Alcobaça aos Religiofos de S. Bernardo, & o dotou com riquissimas rendas. Lhe deu logo as graças o Sancto Abade por carta sua. Entre outras cousas lhe disse: *Illud condentes Monasterium, in cujus duratione, & integritate indelebile habebitis elogium Regni vestri: & in divisione reddituum dividetur á vobis Corona vestra*. Rey, sirva aos vossos descendentes este Real Mosteiro por final da duração, & inteireza de vosso Reyno, para que procurem de o conservar inteiro, sem partição, & divisão de suas rendas, porque vos digo da parte de Deos, que mo tem revelado, para eu vo lo manifestar, que se em algum dia o Mosteiro cahir, cairá o Reyno: E se suas rendas se dividirem, dividirleha logo de vós a vossa Coroa. Assi o disse, & assi locedeo. Assi como o propheetizou, assi se comprio. Se começarão à dividir estas rendas, (como referem os que tratão desta prophecia) com licença de S. Sanctidade com huma Bulla, que passou o Sancto Padre Pio IV. no anno de 1559. á instancia dos Reys, & Senhores de Portugal, & se acabarão de dividir com todas as solemnidades por obra do Cardeal Rey D. Henrique em tempo, que reynava. No mesmo tempo se dividio a Coroa de Portugal. Apartouse dos Reys Portuguezes, & se unio à Castella? Aonde tantas politicas, & rezoens de estado para este effeito? Aonde? Contra Deos ha conselho, que preste? Ha politica, que valha? *Non est sapientia* (diz o Sabio) *non est prudentia, non est consilium contra Dominum*. Aconselhava Dcos aos Reys de Portugal, que para a conservação de sua Coroa, nunca em nenhum tempo dividissem as rédas do Mosteiro Real de Alcobaça: Que o que estava applicado para o culto divino, não se partisse para serviços humanos, porque se apartaria a Coroa delles, & passaria à Reys estrangeiros: *In divisione reddituum dividetur á vobis Corona vestra*: E esta politica era divina, esta rezão de estado era verdadeira, sancta, justa, infallivel. Aconselhavão os homens

o con-

o contrario com suas politicas humanas, & rezoens de estado falliveis, & mentirofas do Mundo, parecendolhes fazer muito ao serviço de seus Reys, à conservação de sua Coroa, ao acrescentamento de seu Reyno, & ao melhoramento de seus vassallos. Deixarão os Reys de Portugal de seguir a politica de Deos, & admitirão a dos homens, & lá se foi o Reyno com as rendas. Passou tudo à Castella.

67 Não posso deixar com esta occasião de vos advertir outra cousa; pois importa muito para o serviço de S. Magestade, para a conservação, & augmento de sua Coroa. E q he? Que não sejamos tão facéis em cortar pela Sancta Sè Apostolica, em desfazer no Vigairo de Christo, por não receber o Embaixador de S. Magestade. Pois he muito para lastimar, que alguns se desmandem com palavras, & outros sayão com papeis impressos tão pouco decentes, & modestos, que bem mostrão, que não forão impressos em Lisboa, nem em lugar algum sojeito à Coroa de Portugal; sendo assi que poderão com maior efficacia, & energia da que fazem, arezoar pela justiça, & direito que tem S. Magestade de se lhe receber seu Embaixador em Roma, & guardar como Catholicos a modestia, & acatamento devido à Igreja, & ao Papa. Porque he tão ciofo Christo da honra de seu Vigairo, & do acatamento devido à Igreja Esposa sua, que qualquer falta cometida contra ella, ainda que leve, a castiga ás vezes com perdas de Reynos, & Imperios.

68 Não queria o Sácto Propheta Samuel ouvir á el-Rey Saul; mas por diversa rezão, & por diversa causa, da que lastimamos, de não querer o Papa ouvir á S. Magestade como Rey, receber seu Embaixador. E virandolhe as costas para partir de sua Real presença, el Rey, [à quem muito importava ser ouvido, para ser confirmado na posse de seu Reyno) para ter mão nelle, para que se não fosse, mas o ouviisse, & rogasse á Deos pela conservação de sua Coroa, pegou na capa do Propheta, a qual, ou por muito fina, ou por muito velha, se rasgou: *Ille autem* (à saber el-Rey) *apprehendit*

1. Reg.
15. n. 27.

hendit summitatem pallij ejus, quæ & scissa est. Vê o Sancto Propheta a sua capa rasgada, virase com muito zelo para el-Rey, & assi lhe diz: *Scidit Dominus regnum Israel á te hodie, & tradidit illud proximo tuo meliori te.* Rey, rasgasteme a capa? Pois entendi do que me fizestes, que hoje mesmo tem Deos rasgado de vós o vosso Reyno de Israel, & o tem dado á outrem, de quem se terá por melhor servido. Valhame Deos! Que grande culpa foi esta? Que grande falta cometeo el-Rey Saul, quando rasgou a capa à Samuel, q̃ no mesmo tempo rasgou delle Deos o Reyno, & a Coroa? Se não foi de proposito, mas por desgraça: Se não pegou Saul na capa de Samuel por desprezo, mas para ter mão nelle, para que o ouvisse, & fosse por seu meyo côfirmado por Deos em seu Reyno; como lhe diz o Propheta: *Scidit Dominus regnum Israel á te hodie, & tradidit illud proximo tuo meliori te?* Por culpa tão leve, castigo tão grande? Si. Porque? No Sancto Propheta Samuel se representava o Papa, & na sua capa a Igreja Catholica, de quem Deos he tão ciOSO, que qualquer falta, qualquer irreverencia cometida cõtra ella, basta para rasgar Reynos, & Imperios. Não he meu o pensamento, mas de S. Pedro Damião, que diz: *Pallium Samuelis Saul abruptit, & regnum perdidit. Cum ergo vestis Christi sancta dicatur Ecclesia, scissio vestis divisionem minatur regie potestatis.* Ah! A capa de Samuel significava a veste de Christo, a capa do Papa, a Igreja catholica: & rasgar a veste de Christo, rasgar a capa do Papa, a honra da Igreja, ainda que seja com justo titulo de ser ouvido, ainda que pareça ao Mundo culpa leve, he para com Deos culpa tão grande, que he causa de rasgar Reynos, & Imperios.

Dam. 1. 7.
epist. 3.

69 Não me estranheis estas politicas verdadeiras, tanto mais necessarias, quanto menos conhecidas, & praticadas no Mundo; pois bem sabeis o meu coração, o muito que vos quero, o amor com que fallo. Recebei o que digo com o mesmo amor, porque não tenho outro fim, que o vosso bẽ, nem outro interesse, que vossas glórias, vossas felicidades, vossas

vossas grandezas, o augmento de vossas Conquistas, a perpetuidade de vosso Imperio, a conservação da Casa Real del-Rey nosso Senhor, para que sempre resplâdeça no Mundo, & seja Lua sempre chea, chea de luz, chea de fé, chea de glorias, chea de prosperidades, & grandezas.

70 Mas deixemos tantas politicas; pois as verdadeiras enfadão, ainda que proveitosas. Fallemos do que festejamos, continuando com o Thema: *Suscitavit eis Salvatorē vocabulo AOD*. De nenhum Principe se lê, de nenhum Rey, ou Emperador se sabe, que em todas as terras, & Cidades de seu Imperio seja todos os annos com tantas demonstrações de alegria festejado, como el Rey D. João IV. que Deos nos deu, não deixando nunca os Prêgadores de lhe dar nos pulpitos mil louvores, & os povos de o acclamarem pelas ruas com muitos Vivas. Pelas novas, que nos chegarão, entre as muitas excellencias, que delle contão, as que mais realção, lão as q̃ exprime seu glorioso nome. *IOANNES* (diz a versão Hebrêa) val tanto como *Gratiosus, Pius, Misericors*, partes muito para estimar em hum Principe perfeito. Pela figura, que explicamos proposta no Thema, he Rey digno de todo louvor. Porque o Principe Redemptor do Povo Hebrêo chamado AOD, à quem o comparamos, ou como outros lem AIOTH, pelo seu proprio nome mostra ser merecedor de todo louvor AIOTH [diz Origenes] *interpretatur laus*.

III. Parte

In interpr
Hæbr.
Nomin.

Origen.
homil. 4.
in l. Iud.

71 Hum dos maiores louvores, que lhe podemos dar, he o que dá a Sagrada Escritura á este grão Principe. Diz q̃ tinha duas mãos direitas. *Vtraq; manu pro dextera utebatur*. Quanto à letra, quer dizer, que se servia da esquerda como da direita. E quanto ao espirito, que era Principe todo direito, Principe perfeito, que não tinha nada de esquerdo, nenhuma imperfeição: *Ecce qualis est iste* (diz Origenes) *qui suscitatur ad salvandum Israel. Nihil habet in se sinistrum, sed utramque manum dexteram habet. Hoc est enim, quod dicitur ambidexter*. Vede quem he este grão Principe, à que

Origen.
homil. 3.
in l. Iud.

à quem Deos tem resuscitado, para salvar á Israel: Vede quem he el-Rey D. João IV. á quem Deos tem resuscitado, para salvar á Portugal. He Rey ambidereito, direito de ambas as mãos. *Dignus populi Princeps*, (prosegue Origenes) *qui nihil agat sinistrum*: Digno Principe de seu povo, digno Rey de Portugal, que não tem nada de esquerdo. *In utraque parte dexter est*: He todo direito. *In fide dexter est*: Direito na Fè, muy Catholico. *In actibus dexter est*: Direito nas obras, muito justo.

72 Parece que el-Rey nosso Senhor, quando se levátou, trocou a esquerda, que tinha com a direita del-Rey D. Phelippe. Porque à este vai tudo esquerdo, & á el-Rey nosso Senhor vai tudo direito. El Rey D. Phelippe IV. desde então teve sempre perdas, & el-Rey D. João IV. pelo contrario teve sempre victorias; final, que hum he todo direito sem esquerda, & outro todo esquerdo sem direita. Hum *ambidexter*, como disse Origenes, porque tem duas mãos direitas, outro *ambisinister*, porque tem duas esquerdas. Não he o meu dito mal fundado. Referem os que escreverão da acclamação de S. Magestade, que quando chegou à el-Rey Dom Phelippe a triste nova da perda de Portugal, disse: *He perdido el brazo derecho de mi Imperio*. Se elle o perdeu, & el-Rey nosso Senhor o tomou, ficou elle de todo esquerdo se direita, & el-Rey nosso Senhor todo direito sem esquerda: *Utraque manu pro dextera utebatur*. Ficou a Monarquia de Castella toda abalada por lhe faltar a direita, & o Imperio de Portugal de todo restaurado, por não ter esquerda.

73 Mas não he este grande louvor, dizer, que el-Rey nosso Senhor tem duas direitas, ambas humanas. Demos-lhe outro maior com maior fundamento. Tem duas direitas; porque lhe deu Christo a sua, despregando-a da Cruz, para com a humana propria, ajudada, & reforçada com a divina de Christo, resgatar seu querido povo, libertar á Portugal, lançar fora do Reyno o Monarcha Castelhana, metter-se de posse de seu Imperio.

Per-

74. Perguntão os Theologos: Porque para remir ao homem, tomou o Verbo Divino carne humana? *Verbum caro factum est*. Não podia Deos com seu poder absoluto remediar o peccado de Adam sem encarnar? Não o podia perdoar graciosamente por sua livre vontade? Não podia aceitar a satisfação de hum puro homem, ainda que não fosse equivalente á culpa, ou como dizem os Theologos *de condigno*? Podia por estes, & por outros muitos meynos, que lhe não faltavão, reparar com seu poder absoluto a natureza humana, remir ao homem. Deus (diz S. Thomas) *per suam omnipotentem virtutem poterat humanam naturam multis alijs modis reparare*. Pois porque encarnou? Porque se fez homem? Muitas rez oens traz S. Thomas. A que faz ao nosso intento, he: *Fieri debuit sic, ut Diabolus justitia hominis Jesu Christi superaretur. Homo autem purus satisfacere non poterat pro toto humano genere: Deus autem satisfacere non debebat; unde oportebat Deum, & hominem esse Iesum Christum*. Divina resposta. Se fez Deos homem (diz o Angelico Doutor) porque convinha, que o Diabo fosse vencido com a justiça do homem Jesu Christo, & não com o poder absoluto de Deos. Rezão que tomou de S. Augustinho, que diz: *Non autem Diabolus potentia Dei, sed justitia superatus fuit*. E quer dizer: Por hõra da natureza humana, q Deos amava com infinito amor, não convinha, que com seu poder absoluto vencesse Deos ao Diabo, mas que assi como o Diabo por meyo do peccado venceo ao homem, o cativou injustamente, o lançou fora de seu Imperio, & se fez injusto senhor deste Mundo: assi o homem satisfazendo á Deos pelo peccado com todo rigor de justiça, vencesse á seu vencedor, debellasse ao Diabo, de quem foi debellado, o lançasse fora do Mundo: *Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras*, libertasse o genero humano, & se metesse de posse de seu Imperio perdido: E assi como a natureza humana teve em Adam com engano todas as perdas, tivesse em Christo com muita justiça todos os ganhos.

Jean. 1.
n. 14

S. Th. 3.
p. 9. 1.
art. 2. in
corpore.

August.
lib. 13. de
Trinit.
cap. 13.
tom. 3.

Joan. 12
n. 31.

75 Para obra tão grande , para empresa tão difficultosa , para redempção tão conforme à justiça divina , as forças de hum puro homem, que não fosse juntamente Deos, não erão bastantes . Christo só, se não fora Deos, mas puro homem , não podia . Deos só podia , mas não convinha, porq̃ não fora o homem o vencedor , mas Deos. Não fora o Diabo vencido com a justiça do homem, mas com o poder absoluto de Deos . Por essa razão (diz S. Thomas) foi necessário , que Deos encarnasse, & se fizesse hum Salvador, hum Redemptor Christo Senhor nosso com duas naturezas , huma divina, & outra humana , para a humana ajudada , & reforçada da divina , alcançar do Diabo com todo rigor de justiça gloriosa victoria : *Vnde oportebat Deum, & hominem esse Iesum Christum* . Ha cousa , que mais exprima, & represente a redempção de Portugal , como esta ? *Vtraque manu pro dextera utebatur* . Podia Deos por muitos modos com seu poder absoluto remir à Portugal , libertar aos Portuguezes, restituir o Imperio Lusitano à seu legitimo Senhor , lançar fóra do Reyno o Monarcha Castelhana, mas não quiz; porq̃ cõvinha por honra da Casa Real de Bragãça, à qué muito amava, q̃ assi como o Monarcha Castelhana ganhou com seu poder ao Serenissimo Duque D. João o I. de Bragãça o Reyno, fogeitou aos Portuguezes , & se meteo de posse do Imperio Lusitano ; assi fosse com todo rigor de justiça , & de direito por outro Duque D. João da mesma Casa Real lançado fóra do Reyno: *Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras*, resgatada a Nação Portugueza, & restaurado o Imperio perdido. Para obra tão grande não bastava o braço de hum Duque , para empresa tão difficultosa , que parecia impossivel , não era sufficiente a sua mão direita . Por essa razão foi necessario , que Christo despregasse a sua da Cruz , & a unisse por virtude com a direita do Duque , & se fizesse por este meyo hum Salvador, hum Redemptor com duas mãos direitas , huma divina de Christo, & outra humana do Duque : *Vtraque manu pro dextera utebatur*, para a humana ajudada, & refor-

reforçada da Divina, obrar tão grande redempção, vencer com todo rigor de justiça o Monarcha vencedor, & meter-se de posse de seu Reyno: *Vnde oportebat, Deum, & hominem esse Iesum Christum.*

76 Não quero acabar este Sermão cõ a direita divina, q̃ Christo tẽ dado á el-Rey nosso Senhor, por escrupulo de não fer causa na India de maior confiança em Deos, da que temos. Pois Padre, ter muita confiança em Deos he mal? Até certo termo não, mas he virtude. Porém na India he tanta, que por confiarmos muito em Deos, cahimos no vicio do descuido, causa de tantas, & tão grandes perdas, querendovos conservar como a minha sagrada Religião, que se sustenta, & conserva sem meynos humanos, debaixo da Providencia Divina, milagre continuo, que com ella sô quer Deos obrar. Pelo que me he necessario concluir o Sermão com direitas humanas, para que não confiemos na divina com excessõ vicioso, digno de reprehensão. E assi digo, q̃ a mão direita de hum Rey he hum bom Ministro Real, direito de ambas as mãos: que não saye primeiro cõ a esquerda do interesse, para sayr com a direita da justiça: *Effice* (dizia Seneca) *ne felicitati suæ credat: ut sciat illam multis, & fidei manibus continendam*: Dizci á el-Rey, que não fie tanto na sua grandeza, para que saiba, que se não pode conservar, se não tiver muitos Ministros fieis, direitos de ambas as mãos.

Senec. l. 1.
de benefic. cap. 33

77 Cabeça do Imperio Lusitano he Lisboa. Para lá hir tudo direito, bastão as direitas del-Rey. Mas na India, neste Estado tão dilatado se requerem Ministros inteiros, Capitaes valerosos com mãos direitas sem esquerdas; & se não for assi, perderseha tudo. Grande Rey era Christo: *Rex Regum, & Dominus Dominantium*. Tinha doze Ministros Reaes, que representavão sua Divina, & Real pessoa no governo de sua Monarquia, aos quaes fez Principes da terra, para governarem em seu nome: *Constitues eos Principes super omnem terram*. Mas não crão todos direitos. Havia Ju-

Apoc. 19.
n. 16.

Psal. 44.
n. 17.

das to do esquerdo, retrato daquelles Ministros, que para ajuntarem hũa pequena de fazenda, venderão à seu proprio Rey, quanto mais a justiça. E bastou hum Ministro esquerdo, ainda q̃ foy os mais muito direitos, para perder á Christo, & à seus Apostolos. Bastou Judas para perder á todos.

78 Nem tão pouco basta terem mãos direitas os Ministros, se for esquerda a Nobreza, se não for direito o povo. Acontece muitas vezes, que por pecados dos Vassallos se perdem os Reys, se acabão os Reynos, cahem os Imperios, & as Monarquias. Não necessita isto de prova, porque são cheas as historias sagradas, & profanas de exemplos, quando não quizeramos pôr os olhos na queda de Portugal, nas lagrimas, que derramou sessenta annos, & nas misérias deste Estado, nas perdas, que tivemos, & na muita pobreza, que choramos, cahindo daquelle lustre, & grandeza, á que subio no tempo de seus Reys Portuguezes.

Matth.
15.n. 8.

79 De seu povo de Israel dizia Christo Senhor nosso, queixandose: *Populus hic labijs me honorat: cor autem eorum longè est à me*. Este meu povo não he todo direito, mas meyo direito, & meyo esquerdo; & o peior he, que he direito famente no exterior, & no interior he todo esquerdo: direito na lingua, esquerdo nas mãos: direito nas palavras, esquerdo nas obras: com a boca me enche de louvores: *Populus hic labijs me honorat*, & com as mãos de offensas: cõ a lingua se chega á mim, & com o coração está afastado, & longe de mim: *Cor autem eorum longè est à me*. Ah Christãos! Ah Portuguezes! Povo fiel tão favorecido do Cco! Com quanta razão pode Christo Senhor nosso, que tão vos ama, queixarse de vós com as mesmas palavras: *Populus hic labijs me honorat: cor autem eorum longè est à me*. Todos acõpanhamos esta manhã a procissão. Todos fomos à ella em acção de graças por tão grande beneficio, de nos ter dado Deos hum Rey Portuguez, desejado por tão largos annos, hum Salvador Lusitano direito de ambas as mãos, hum AIOTH de nossos tempos, que tem resuscitado, para vos liber-

libertar, para vos restaurar, para vos defender. Pois pergũto: Quantos se confessarão? Quantos cõmungarão? Quãtos derão volta á vida, mudandoa de veras cõ propósitos muy efficaçes, & muy firmes de não pecar mais, que são os modos verdadeiros de darmos à Deos graças pelos benefícios, que delle recebemos. Quantos? Ou nenhum, ou tão poucos, que entre tantos se não enxergarão. Quantos estarião em pecado mortal? Quantos habituados nos vícios? Quantos obstinados nas ofléas de Deos? Melhor q̃ eu o fabeis vós. O certo he, que estes não forão poucos, mas muitos. Pois como assi? Tanta bondade no exterior, & tanta maldade no interior? Tantos louvores no exterior, & tantos pecados no interior? Tão unidos cõ Deos no exterior, & tão lóge de Deos no interior? Que he isto? Ah! *Populus hic labijs me honorat: cor autem eorũ longẽ est á me*: Este meu povo não he de todo direito, mas meyo direito, & meyo esquerdo: direito somete no exterior, esquerdo no interior: direito nas palavras, esquerdo nas obras: direito na lingua, esquerdo no coração. Não assi, não assi, meus Christãos. Famosos Portuguezes, povo mimoso de Jesu Christo, não assi. Não sejamos esquerdos para com tão benigno Senhor, se o queremos sêpre direito para nossõ emparo.

80 Muito té Deos obrado por nossõ amor: muito mais ainda falta por fazer, porq̃ muito mais nos tem prometido. Falloha; mas quer q̃ lho mereçamos; porq̃ não sofre ingratiçoês, & pecados em hũ povo, á quẽ, pelo muito q̃ lhe quer, té prometido de o privilegiar, & engrãdecere sobre as mais Naçoês do Mũdo, cõ favores mui singulares, & merces mui grandiosas.

81 Relatava Moyses à seu povo Hebreo, o q̃ Deos tinha obrado por amor delle, & o mais á que se deliberava, se fosse povo de todo direito; & o q̃ disse he tão proprio para o que queremos, q̃ me parece poder eu dizer, q̃ fallou em spirito cõ os Portuguezes, fallou cõ nosco: Disselhe assi: *Te elegit Dominus Deus tuus, ut sis ei populus peculiaris de cunctis populis,*

Deut. 7.
n. 6 7. 8.
9. 10.

qui sunt super terram. Temvos Deos escolhido por povo seu entre muitos, que ha na terra, para vos encher de favores, enriquecer de mimos, & assistirvos com particular emparo. E ainda realça mais seu poder, & se descobre melhor seu amor, em vos não escolher por muitos, & poderosos, como nem por poucos, & naquelles principios faltos de forças; mas o principal motivo desta escolha foi affeição propria: *Quia dilexit vos Dominus*. E para nos obrigar à lhe sermos fieis em comprimos para com elle nossa palavra, de o amarmos com todo o nosso coração, & de o servirmos com todo o affecto, mostranos ter elle cumprido a sua para com nosco. Pois diz: *Et custodivit juramentum, quod juravit patribus vestris*. Tem cumprido sua promessa, & palavra, que deu ao Sancto Rey D. Affonso Henriquez, de nos dar Rey na decima sexta geração atenuada. E que mais fez, Sancto Moyse? Dainos outro exemplar das merces, que nos tem feito: *Eduxitque vos in manu forti, & redemit de domo servitutis, de manu Pharaonis*. Com mão armada fez, que sacudisseis o pezado jugo do Monarcha Castelhano. Não temais (torna Moyse, como fallando com os Portuguezes) Não temais a força de suas armas, o concerto, & milicia de seus exercitos, os ardis de seus Capitaes, o tremolar de suas bandeiras, o estrepido de suas caixas, o poder de sua Monarquia. E porque? *Scies, quia Dominus Deus tuus ipse est Deus fortis, & fidelis*: Entendei, que tendes á Deos com vosco. Elle he, que vos faz gozar de summa paz á vista de ameaços de tantas guerras. Por vosso amor sahe elle com vosco com duas direitas, húa do valor, para vos defender dos vossos inimigos: *Deus fortis*, & outra do emparo, como fiel amigo, para vos exalçar: *Deus fidelis*. Correspondei á tão grande beneficio com outras duas direitas, huma da Fé como Catholicos, outra do amor como agradecidos, lembrandovos de continuo, para lhe dar sempre muitas graças, da muita misericordia, que tem uzado com vosco, ouvindo os clamores de Portugal,

& suas

& suas Conquistas : *Clamaverunt ad Dominum* , dando-vos com prodigios , & milagres hum Salvador Portuguez , para vos salvar , hum Redemptor Lusitano , para vos remir , hum Rey natural , para vos libertar , hum Restaurador do vosso Imperio , para vos defender . Obrigai com a mudança da vida à tão benigno Senhor , para que cumpra sua palavra , pondo por obra o mais que vos tem prometido , & sobte tudo (o que mais importa) que nunca nos falre com sua graça , para segurança da gloria ,
Ad quam nos perducatur . Amen.

FINIS



DE-

DECLARACAM

Mysteriosa da Arvore Real de

JESU CHRISTO,

DEBUXO, E PINTURA DA DECIMA SEXTA

geração do Sancto Rey D. Affonso Henriquez,

E EPILOGO DE LOUVORES DO MVI

Alto, & Poderoso Rey, & Senhor

D. JOAM IV.

DE PORTUGAL.

SERMAM IV.

PANEGRICO.

PREGOVO

Na India na Sé Primacial de Goa,
O M. R. P. DOM ANTONIO ARDIZONE
Spinola, Clerigo Regular, Theatino
da Divina Providencia

Nas festas grandiosas anniversarias da feliz acclamação do mesmo
Senhor, no primeiro dia de Dezembro de 1644. annos.

LIBER GENERATIONIS IESV CHRISTI

Filij David, Filij Abraham. Matth. 1. n. 1.

Excellentissimo Senhor.

I



OSTUMA Deos assi como os famosos
Architectos, antes de pôr mão na obra, có
que delibera sahir á luz, formar della por
grande, & admiravel debuxos, & model-
los, que a representem. Em Adam nosso
primeiro pay, à quem de terra virgem for-
mou o corpo, & com seu divino bafo criou a Alma, fazendo

do a sua divina semelhança: *Creavit Deus hominem ad imaginem suam*, debuxou a obra soberana, & milagrosa da Humanidade sanctissima de Christo, unida à Divindade, q da carne virginal da Virgem Maria, & de seu purissimo sangue, tinha deliberado de criar. Em Eva, à quem formou do costado aberto de Adam seu esposo, em tempo, que dormia: *Cumque obdormisset, tulit unam de costis ejus*, debuxou a Igreja Catholica, que fundou, & formou, dizem os Sanctos Padres, do costado aberto de Christo seu divino esposo em tempo, que dormia no duro leito da Cruz com o sono da morte. No Paraiso terreal debuxou, diz S. Agostinho, a Virgem Maria; & na Arvore da Vida, que no meyo encerrava, pintou, diz o mesmo Sancto, o Encarnado Verbo, arvore divina da nossa vida immortal, que o Paraiso animado da Senhora teve por nove mezes em seu purissimo ventre: *Beata Virgo Maria Paradisus dicitur, in cujus medio lignum vite, cujus odor vivificat mortuos*. Na morte do innocente Abel debuxou a de seu innocentissimo filho, & nos enganos, & refolhos de Caim seu Irmão a treição de Judas, & perseguição dos Judeos, Irmãos de Christo, por quanto erão de seu mesmo sangue Hebreo, originados de hum mesmo pay Abraham: & no campo, aonde o levou, quando lhe disse: *Egrediamur foras*, para executar sua perversa vontade, debuxou, & pintou o Calvario, aonde lhe tirarão a vida, porque ainda dos pecados, que permite, costuma Deos formar modellos, & architectar debuxos, por tirar delles ás vezes bens mui grandes. Tanto, que dizê os Theologos, que os pecados nos predestinados, por serê motivos da penitencia, são effeitos da predestinação. Na Arca, em que Noe, & muitos animaes se salvarão no Diluvio Vniversal, figurou a Sancta Cruz, por cujo meyo, não só se salvão os justos, figurados em Noe, & em seus filhos, mas tambem os pecadores, representados nos animaes, como disse o Propheta Rey: *Homo, cum in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus*

Gen. 1.
n. 27.

Gen. 2.
n. 21.

August.
ex vorag.
in Marial.
verbo
Parad.

Gen. 4.
n. 8.

Psal. 48.
n. 21.

D. Thom.
opulc. 57.

1. Ad Co-
rint. 10.
n. 11.

factus est illis. No Mar Vermelho, em que se perdeu Pha-
raõ com seu exercito, debuxou seu preciosissimo sangue, em
que se afogão os pecados do Mundo: E no Cordeiro Pas-
choal, que com muitas ceremonias mandou, que comessem
os Hebreos na sahida do Egypto, debuxou o divinissimo
Sacramento da Eucharistia, que por ser a maior maravilha,
que Christo fez, & o maior milagre, que quantos obrou,
como diz S. Thomas: *Miraculorum ab ipso factorum maxi-
mum*, para o representar com muitas perfeicoens, encheo
ambos os Testamentos de debuxos. E para dizermos tudo
em poucas palavras, diz S. Paulo, que as obras, que Deos
fez no Testamento velho, forão retratos, & figuras das ma-
ravilhosas, que havia de obrar no Testamento novo: *Hæc
autem omnia in figura contingebant illis*.

2 Obra não só prodigiosa, & grande, mas milagrosa, &
do Ceo, ordenada com particular providencia divina, foi
por commum parecer de todos a feliz acclamação do Muy
Alto, & Poderoso Rey, & Senhor D. João IV. prometido
por Deos ao Sancto, & invicto Rey D. Affonso Henriquez,
glorioso progenitor dos Reys Portuguezes na sua decima
sexta geração. Era pois conveniente, que mandasse Deos
fazer debuxos, & modellos, que anticipadamente a repre-
sentassem. Muitos forão os que expuz em diversos Sermoës,
que em acção de graças à instancia deste muito Nobre, &
Illustre Senado préguei nas grandiosas, & primeiras festas,
que da mesma acclamação se celebrarão nesta Cidade, ne-
sta mesma Sé Primacial, Metropole de toda a India.

Matth. 1.
n. 1.

3 Mas o maior, á meu ver, & o que mais me admira por
mais mysterioso, he o do Evangelista S. Mattheus na des-
cripção da Genealogia, & descendencia Real do Redemp-
tor do Mundo Christo Senhor nosso: *Liber generationis
Iesu Christi, filij David, filij Abraham*, por se nella re-
presentar muito mais ao natural, & com maior mysterio;
não porque pretenda provar, que essa foi a tenção do Spi-
rito Sancto, & esse o fim, que teve o Evangelista nesta des-
cripção

cripção, porque o myſterio mais profundo, que encerra, deixo para os Doutos da Sagrada Eſcritura, á quem remeto a explicação da letra. Nem tão pouco quero dizer, que as peſſoas divinas de Chriſto Senhor noſſo, & da Virgem Maria mãy ſua ſanctiſſima, ſão neſta genealogia representaçoens, & figuras das Peſſoas Reaes de Portugal, ſem embargo de ſer muy proprio de Deos representar em ſi meſmo as creaturas, por ſerem todas huma participação da Eſſencia divina, principio do noſſo ſer, & origem da vida, como diſſe S. Paulo: *In ipſo vivimus, & movemur, & ſumus*; tanto que diz o meſmo Apостоло, que a paternidade divina do Eterno Padre he huma representação de todas as mais: *Fleto gēua mea ad Patrem Domini mei Ieſu Chriſti, á quo omnis paternitas in celo, & in terra nominatur*. Mas ſo pre-tendo mostrar por accomodação coſtumada nos pulpitos; que de tal maneira deſcreve o Evangeliſta S. Mattheos a genealogia de Chriſto, & com taes circumſtancias a ordenou Deos para ſeus fins muy altos, & profundos (que ſo elle ſabe) que parece hum painel da decima ſexta geração do Sãcto Rey D. Affonſo Henriquez, primeiro de Portugal, & da feliz acclamação del-Rey D. João IV. deſte nome, explicã-do ſeis modos de contar os Avòs de Chriſto, & de partir ſua genealogia, os mais principaes, que pude com meu fraco diſcurſo deduzir da doutrina dos Sanctos Padres, & ſagrad-os Doutores, ſeguindo a traça do meſmo Evangeliſta, que a parte, & divide em tres teſſeradecadas igoaes. A elle rogo me valha com ſeu poderôſo emparo, & me aſſiſta com ſua luz, & á Virgem com a graça. Ave Maria.

Act. Ap.
17. n. 28.
Ad Ephes.
3. n. 15.



PRIMEIRO MODO DE CONTAR,
& partir a genealogia de Christo.

LIBER GENERATIONIS IESV CHRISTI
Filij David, Filij Abraham.

4 **A** Geração de Christo pela prosapia, Real: pelo modo, milagrosa: pela Mãe, pura, & sancta: & pela qualidade de sua pessoa, soberana, & divina, com tão grande excessão se alevanta sobre todas as gerações debaixo da eterna, que teve no entendimento fecundo de seu Eterno Padre, que sô elle pode explicar os fins altíssimos, à que foi dirigida. Porém a descreve S. Mattheos por hum modo tão mysterioso, & com taes circumstancias, que parece quiz nella debuxar por prodigiosa, por singular, & por grande, ordenada por Deos com particular providencia divina, a geração da Magestade del Rey de Portugal D João IV. não tô a natural, pela qual dece dos Reys Portuguezes na decima sexta geração do Sancto Rey D. Affonso Henriquez, fundador da Monarquia Lusitana, & seu primeiro Avô; mas tambem a politica, & civil, pela qual veyo á ser Rey, & Senhor de seus Reynos, & Estados no dia primeiro de Dezembro de 1640. annos. Diz pois assi: *Liber generationis Iesu Christi, Filij David, Filij Abraham. Abraham genuit Isaac: Isaac autem genuit Iacob: Iacob autem genuit Iudam, & fratres ejus, &c.* E segundo o parecer do maior engenho da Igreja Catholica S. Agostinho, nomea o Evangelista nesta Arvore Real sómente 40. homens à fóra Christo, 40. progenitores, sêdo mais, como logo veremos. *Acuté quippe (diz S. Agostinho) animadversus est, Matthæum, qui regiam in Christo instituerat insinuare personã, excepto ipso Christo, quãtazinta homines in generationũ serie nominasse, à saber:*

1 Abraham

Matth. i.
n. i.

August.
lib. 2 de
consens.
Evang.
c. 4.

1 Abraham.	11 Booz.	21 Ozias.	31 Abiud.
2 Isaac.	12 Obed.	22 Joatham.	32 Eliacim.
3 Jacob.	13 Jesse.	23 Achaz.	33 Azor.
4 Judas.	14 David.	24 Ezechias.	34 Sadoc.
5 Phares.	15 Salomon.	25 Manaffes.	35 Achim.
6 Efdron.	16 Roboam	26 Amon.	36 Eliud.
7 Aram.	17 Abias.	27 Josias.	37 Eleazar.
8 Aminadab.	18 Afa.	28 Jechonias.	38 Mathan.
9 Naasson.	19 Josaphat.	29 Salathiel.	39 Jacob.
10 Salmon.	20 Joram.	30 Zorobabel	40 Joseph.

C H R I S T O .

5 No cabo a divide em tres tessera decadas, cada huma de catorze geraçoens: *Omnes itaque generationes ab Abraham usque ad David, generationes quatuordecim: & a David usque ad transmigrationem Babylonis, generationes quatuordecim: & a transmigracione Babylonis usque ad Christum, generationes quatuordecim.* Mas nestas parti-lhas (diz S. Agostinho) conta o Evangelista duas vezes á hum mesmo homem, á saber, á Jechonias, huma como termo, & fim da segunda tessera decada, & outra como principio da terceira, por fazer angulo na geração de Christo, em rezão de nacer de Josias na transmigração de Babylonia, termo da segunda tessera decada: *Iosias autem genuit Iechoniam in transmigracione Babylonis, & gerar á Salathiel depois da transmigração, principio da terceira: Et post transmigracionem Babylonis Iechonias genuit Salathiel.* E o angulo (diz o Sancto) por ser termo de huma ordem, & principio de outra, sendo hum, conta-se duas vezes: *Vnus quippé in illis progenitoribus bis numeratur, idest, Iechonias, á quo facta est quedam in extraneas gentes deflexio, quando in Babyloniam transmigratum est. Vbi autem ordo á rectitudine flectitur, atque ut eat in diversum, tanquam*

Matth. 1.
n. 11. & 12
Aug. l. 2.
de consensu
Evang. c.
4. circa
med.

Y iij

angu.

angulum facit, illud quod in angulo est, bis numeratur, in fine scilicet prioris ordinis, & in capite ipsius deflexionis.

Emissen.
ferm.de
Nativ.
B. Mariæ
in fine.

Do mesmo parecer he Eusebio Emisseno, que diz, que se Jechonias se não contar duas vezes, como fim de huma idade, & principio de outra, não fora verdade, o que diz o Evangelista, que todas as geraçoens desde Abraham até à Christo, são tres vezes catorze: *Hoc autem verum est, si una, eademque persona bis numeretur; sitque alterius ætatis initium, quæ alterius finis fuerat. Aliter enim non procedit.* Pelo que resumidas, & somadas, não fazem quarenta, & duas geraçoens com Christo, mas quarenta, & huma com Christo, & quarenta à fóra Christo, como consta pelos numeros, & conta, que se segue.

Matth. 1. num. 17.

Ab Abraham
vsque ad
David,
Generaciones 14.
Desde Abraham
até David
(à saber inclusiva-
mente cõ David)
catorze geraçoens.

A David vsque
ad transmigrati-
onem Babylonis,
Generaciones 14.
Desde David (à sa-
ber, exclusivamê-
te) começãdo por
seu filho Salamão,
até à transmigração
de Babylonia, ca-
torze geraçoens.

A Transmigrati-
one Babylonis vs-
que ad Christum,
Generaciones 14.
Desde a transmi-
gração de Baby-
lonia até
Christo,
catorze geraçoens.

1 Abraham

1 Abra ham.
2 Ilaac.
3 Jacob.
4 Judas.
5 Phares.
6 Efron.
7 Aram.
8 Aminadab.
9 Naasson.
10 Salmon.
11 Booz.
12 Obed.
13 Jesse.
14 David.

1 Salamão.
2 Roboam.
3 Abias.
4 Asa.
5 Josaphat.
6 Joram.
7 Ozias.
8 Joatham.
9 Achaz.
10 Ezechias.
11 Manassés.
12 Amon.
13 Josias.
14 Jechonias. filho
de Josias, gerado
na transmigração
de Babylonia: *Iosi-*
as genuit Iechoniã
in trãsmigratione
Babylonis.

1 Jechonias á fa-
ber o mesmo ho-
mem filho de Jo-
sias, porẽm con-
tado de novo, co-
mo se fora outro,
por fazer angulo.
2 Salathiel.
3 Zorobabel.
4 Abiud.
5 Eliacim.
6 Azor.
7 Sadoc.
8 Achim.
9 Eliud.
10 Eleazar.
11 Mathan.
12 Jacob.
13 Joseph.
14 Christo.

6 Por outra parte não lança o Evangelista toda a conta por encheo, mas deixa de contar aos que na Arvore deixou de descrever. Porque na segunda tessera decada, que he a Real dos Reys Avós de Christo, por sentença cõmuã dos Padres, & Doutores, deixa de fõra á tres Reys, pay, filho, & neto, Ochozias, Joas, & Amasias: & na terceira, diz Brugenf. Brugenf, não nomea, nem conta à Phadaia, filho de Sala- hic n. 12, thiel, & pay de Zorobabel: *Salathiel genuit intermedio fi-*
lio Phadaia Zorobabel. Zorobabel enim, non filius Salathi-
elis fuit, sed nepos ex filio Phadaia, os quaes contados com a Virgem Maria Senhora nossa, descripta nesta Arvore Real por geração distincta de Christo, & com seu castissimo Es-
poso S. Joseph, à quem immediatamente se segue, aindaq
pela

pela linha transversal: *Iacob autem genuit Ioseph virum Mariae, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus*, todas as geraçoens desde Abraham até Christo, *exclusivé*, são tres vezes quinze. E nessa conta [He cousa digna de se notar, & muy mysteriosa, em que por ventura ninguem atègora reparou) cahe Christo tres vezes na decima sexta geração de seus Avòs, à saber: Desde Abraham até Salamão, são quinze geraçoens, & com Christo dezaseis. Desde Roboam filho de Salamão até Josias, são outras quinze geraçoens, & com Christo dezaseis. Desde Jechonias filho de Josias até à Virgem Maria são outras quinze geraçoens, & com seu bento filho Jesu Christo dezaseis, como mostrão os numeros seguintes.

1 Abraham.	1 Roboam.	1 Jechonias.
2 Isaac.	2 Abias.	2 Salathiel.
3 Jacob.	3 Asa.	3 Phadaia.)
4 Judas.	4 Josaphat.	4 Zorobabel.
5 Phares.	5 Joram.	5 Abiud.
6 Esron.	6 Ochozias.)	6 Eliacim.
7 Aram.	7 Joas.)	7 Azor.
8 Aminadab.	8 Amasias.)	8 Sadoc.
9 Naasson.	9 Ozias.	9 Achim.
10 Salmon.	10 Joatham.	10 Eliud.
11 Booz.	11 Achaz.	11 Eleazar.
12 Obed.	12 Ezechias.	12 Mathan.
13 Jesse.	13 Manasses.	13 Jacob.
14 David.	14 Amon.	14 Joleph.
15 Salomon.	15 Josias.	15 Maria.
16	16	16
Christus.	Christus.	Christus.

Luc.
Brug.in
Matth.c.
1. n.12.

7 Não me admira, que o Evangelista S. Mattheos deixasse de fóra á Phadaia, porque diz Brugenfe, que foi homem escuro, pouco conhecido: *Omisit itaque Evangelista Phada-*

Phadaia, nepotemque ab Avo forsitam educatum, Avo, quia pater obscurus fuerat, adscripsit ut filium, *Efram*, & *Aggeum* Prophetas sequutus. Mas que deixasse de fora à tres Reys, pay, filho, & neto, excluindo-os de todo da genealogia de Christo he muito para notar.

8 Diz Caictano: Não cuideis, que foi por erro, ou por esquecimento, mas de industria com grandissimo conselho: *Curavit Evangelista in quolibet ordine declarare numerum, ne quis putaret, ipsum ex oblivione aliquid reliquisse, sed quidquid omisit, ut tres Reges, ex industria, & magno consilio omisit.* Eu me não atrevera adivinhar os pensamentos, que teve S. Mattheos nesta pintura da Arvore Real de Christo, Senhor nosso, se as novas, que nos chegarão de Portugal à este Estado da felicissima acclamação del-Rey D. João IV. me não obrigara à discursar nesta materia; porque adivinhar pensamentos, mormente dos Evangelistas, que são mysteriosos, he cousa muy arriscada.

Caiet.
hic.

9 Duas geraçoens teve Christo Senhor nosso, húa Divina, outra Humana; & por ambas, dizem muitos Padres, & Doutores, Athanasio, Epiphanio, Hieronymo, Brugenſe, & outros, tinha Christo hereditario direito ao Reyno temporal, & era legitimo Rey de Judea. E duas geraçoens podemos tambem cõsiderar na Magestade del-Rey de Portugal D. João IV. huma natural, pela qual dece dos Reys de Portugal por dezaseis geraçoens; á outra chamo politica, & civil, ou humana, pela qual dece de 40. Fidalgos. Pois quarenta forão os Fidalgos (diz o Doutor Velasco de Gouvea) que o acclamarão por Rey, quasi progenitores, que o gerarão à Coroa.

Athan.
Serm. de
B. Virg.
Epiph.
haeref. 29.
Hieron.
in c. 22.
Hierem.
Brugenſ.
addic. 2.
in cap. 1.
Matth.

Velasco de
Gouvea
p. 1. §. 5.
n. 4.

10 Supposto isto. Diga cada hum seu parecer. Porque o Evangelista S. Mattheos nomea somente 40. Avòs de Christo, sendo mais? Porque deixa de fora á tres Reys, pay, filho, & neto, Ochozias, Joas, & Amasias? Porque não conta à Phadaia? Porque em fim parte toda a genealogia de Christo em tres partes iguaes, que vem á fazer (lançando as

contas por encheo) tres vezes quinze geraçoens, & com Christó 16. Que mysterios são estes? Muitos me apontareis muy conformes á letra, hum sô eu darei muy ajustado com a decima sexta geração do sancto, & invicto Rey D. Affonso Henriquez, prometida por Deos no Campo de Ourique, comprida em Villa Viçosa na pessoa del-Rey D. João IV. emparada do Ceo em todo o Reyno, & acclamada pelos Portuguezes em Lisboa no anno de 1640.

11 Digo pois, que sendo muy alto o fim, que teve S. Mattheos nesta descripção (que sô Deos sabe) com tudo pelo modo como a representa, parece, que quiz pintar na genealogia de Christo Senhor nosso o nascimento natural del-Rey de Portugal D. João IV. com as circumstancias do politico. Fallo, como já disse, por accomodação. Nomea somente 40. Avós de Christo, sendo mais, por ventura para representar os 40. Fidalgos, que acclamarão à el-Rey D. João IV. os quaes comunicándose entre si huns aos outros successivamente o segredo da acclamação, quasi por 40. geraçoens o gerarão ao Ceptro, & à Coroa, & o criarão Rey de Portugal. Deixa de fóra à tres Reys, pay, filho, & neto, Ochozias, Joas, & Amasias, ou para excluir os tres Reys de Castella, pay, filho, & neto, el-Rey D. Phelippe II. III. & IV. por não serem Reys Portuguezes, nem legitimos de Portugal, ou para representar os tres legitimos Reys Duques de Bragança, pay, filho, & neto, que não tomarão posse de seu Reyno, o Serenissimo Senhor D. João, I. Duque deste nome, o Serenissimo Senhor D. Theodosio seu filho, a Magestade del-Rey D. João IV. seu glorioso neto, que por muitos annos não possuiu seu Reyno. Deixa de fóra á Phadaia por homem escuro: *Quia obscurus fuerat*: Quê sabe, se para representar á el-Rey D. Sancho de Portugal, vulgarmente chamado Capelo, por Rey escuro desapossado de seu Reyno. E no cabo parte toda a genealogia em tres partes iguaes, com que cahe Christo (se se contarem todos seus Avós, & a Virgem Maria Mãe sua por geração distincta) cahe, digo, Christo,

Christo na decima sexta geração treplicada de seus Progenitores, representando a decima sexta geração dos Reys Portuguezes: Que assi como na decima sexta geração de Abraham primeiro Avô de Christo treplicada, deu Deos ao Mundo hum Redemptor divino: assi na decima sexta geração do Sancto Rey D. Affonso Henriquez primeiro Avô del-Rey D. João IV. deu á Portugal hum Redemptor maravilhoso: Là hum Rey dezejado: *Veniet desideratus cunctis gentibus*: Cá hum Rey suspirado: Lá por huma mulher a Virgem Maria, legitima herdeira de David, preferida á linha masculina: E aqui por outra, a Serenissima Senhora D. Catherina, legitima herdeira del-Rey D. Manoel, preferida *ab eterno*, por Deos, & no anno dito de 1640. pelos homens á el-Rey D. Phelippe o Prudente, para que de tão alta, & Mysteriosa pintura argumentasse o Mundo, & tivesse por certo, que o Redemptor de Portugal, o Restaurador do nosso Império el-Rey D. João IV. he Rey soberano, prodigioso, milagroso, recolhido por Deos, & acclamado com tanta felicidade por seus vassallos com especial providencia divina, & emparo do Ceo, para fins muy altos, para empresas muy heroycas, para soccessos muy gloriosos, para maravilhas, & façanhas nunca ouvidas.

Aggã. 2.
n. 8.

12 Mas como esta materia he muy funda, chea de tantas, & tão graves difficuldades, que não sô ao vulgo ignorante, mas ainda aos mais doutos na sagrada Escritura pode causar muitas duvidas, principalmente sobre a conta, que lançamos de cahir Christo tres vezes na decima sexta geração de seus Avôs, pareceme necessario, para môr clareza desta soberana pintura, & mysterioso modello, que acomodamos á decima sexta geração dos Reys Portuguezes na Real pessoa da Magestade del-Rey D. João IV. propor huma breve exposição, tão mais accita, quão mais nova da genealogia de Christo, a qual servirá de epilogo de louvores do mesmo Rey, & Senhor, explicão mais outros cinco modos de contar os Progenitores de Christo, & partir sua Arvore Real.

SEGUNDO MODO DE CONTAR, & partir a genealogia de Christo.

13 **M**uito mais provavel, & mais certo he o segundo modo de contar, & os mais, que ao diante explicaremos, todos fundados no parecer de S. Hieronymo, & da cômua dos Sanctos Padres, & Sagrados Expositores, que dizem, q os Avós de Christo, nomeados na sua genealogia pelo Evangelista S Mattheos, são realmente tres vezes catorze, á saber 42. com Christo, & 41. á fóra Christo, em rezão, que Jechonias filho de Josias, gerado na transmigração de Babylonia: *Iosias autem genuit Iechoniam in transmigratione Babylonis*, & Jechonias pay de Salathiel, á quẽ gerou depois da transmigração: *Iechonias genuit Salathiel*, não he hum mesmo homem contado duas vezes, por fazer angulo, como diz S. Agostinho, mas tão realmente dous, primeiro, & segundo, pay, & filho, chamandole o primeiro por outro nome Joakim, & o segundo Joachin, como provão Lyrano, & Maldonado, & mais largamente Brugenf neste lugar, & consta do quarto livro dos Reys, aonde diz o Texto sagrado: *Regemque constituit Pharaon Necho Eliacim filium Iosia pro Iosia patre ejus: vertitque nomen ejus Ioakim*. E no mesmo livro noutro capitulo diz: *Et dormivit Ioakim cū patribus suis: & regnavit Ioachin filius ejus pro eo*. De sorte que Josias gerou á Jechonias o primeiro, por outro nome Joakim, na transmigração de Babylonia: & Jechonias gerou á outro Jechonias, por outro nome Joachin, neto de Josias: E este Joachin, que he o segúdo Jechonias, depois da transmigração de Babylonia gerou á Salathiel. E assi segundo este parecer mais cômum, & verdadeiro, todos os Avós de Christo com Phadaia, & com os tres Reys, que o Evangelista deixou de fóra, são 45. os quacs com a Virgem Senhora, & com Christo, vem á fazer o numero de 47. pessoas, nesta forma.

Matth. n.
11. & 12.

Lyrano.
Maldon.
Brugenf
4. Reg. 23
n. 34.
4. Reg.
24. v. 6.

1 Abra.

- | | | |
|------------------|---------------------|--------------------|
| 1 Abraham gerou | 16 Roboam gerou | 31 Jechonias o 1. |
| á Isaac : | á Abias : | gerou á Jechonias |
| 2 Isaac gerou | 17 Abias gerou | o segundo . |
| á Jacob : | á Assa : | 32 Jechonias o 2. |
| 3 Jacob gerou | 18 Assa gerou | gerou á Salathiel |
| á Judas : | á Josaphat : | 33 Salathiel gerou |
| 4 Judas gerou | 19 Josaphat gerou | á Phadaia :) |
| á Phares : | á Joram : | 34 Phadaia gerou) |
| 5 Phares gerou | 20 Joram gerou | á Zorobabel :) |
| á Efron : | á Ochozias : | 35 Zorobabel ger. |
| 6 Efron gerou | 21 Ochozias gerou) | á Abiud : |
| á Aram : | á Joas : | 36 Abiud gerou |
| 7 Aram gerou | 22 Joas gerou | á Eliacim : |
| á Aminadab : | á Amasias . | 37 Eliacim gerou |
| 8 Aminadab gerou | 23 Amasias gerou) | á Azor : |
| á Naasson : | á Ozias : | 38 Azor gerou |
| 9 Naasson gerou | 24 Ozias gerou | á Sadoc : |
| á Salmon : | á Joatham : | 39 Sadoc gerou |
| 10 Salmon gerou | 25 Joatham gerou | á Achim : |
| á Booz : | á Achaz : | 40 Achim gerou |
| 11 Booz gerou | 26 Achaz gerou | á Eliud : |
| á Obed : | á Ezechias : | 41 Eliud gerou |
| 12 Obed gerou | 27 Ezechias gerou | á Eleazar : |
| á Jesse : | á Manassés : | 42 Eleazar gerou |
| 13 Jesse gerou | 28 Manassés ger. | á Mathan : |
| á David : | á Amon : | 43 Mathan gerou |
| 14 David gerou | 29 Amon gerou | á Jacob : |
| á Salamão : | á Josias : | 44 Jacob gerou |
| 15 Salamão gerou | 30 Josias gerou | á Joseph : |
| á Roboam : | á Jechonias o 1. | 45 Joseph Esposo |
| | 46 | de Maria : |

Maria gerou
 á Christo,

14 Com este fundamento podemos contar, & partir as gerações desde Abraham até Christo Senhor nosso, tomando por gerações aos homens, & contando a Virgem Senhora com S. Joseph seu querido Esposo por huma geração. Este modo de contar, que aqui ponho por segundo, he muy conforme á letra do Evangelho, & ao modo de contar do Evangelista. Porque quando S. Mattheos partio, & contou as gerações desde Abraham até David, & desde David até á transmigração de Babylonia, & desde a transmigração de Babylonia até Christo Senhor nosso: *Omnes itaque generationes ab Abraham usque ad David, &c.* diz Brugenſe, q̃ tomou por geração a idade de cada hũ homẽ, & unio a Virgem Senhora com S. Joseph como Esposa sua, contando-os por huma geração; porque o homem com sua mulher cõtale por huma geração: *Numerandæ enim sunt personæ* (diz este Doutor) *quot quot exprimuntur, eo excepto, quod vir, & femina pro vna persona habeantur. Nam generatio hic pro ætate vitæ vnius hominis accipitur.* E nelle modo de contar, que me parece muy provavel, partindose a genealogia de Christo em tres partes iguais, cahe tambem Christo tres vezes na decima sexta geração de seus Avôs, como aqui se vé.

Matth.
I. n. 17.

Brugenſ.
in c. 1.
Matth.
n. 17.



1 Abraham
2 Isaac
3 Jacob
4 Judas
5 Phares
6 Elron
7 Aram
8 Aminadab
9 Naasson
10 Salmon
11 Booz
12 Obed
13 Jesse
14 David
15 Salamão
16

1 Roboam
2 Abias
3 Afa
4 Josaphat
5 Joram
6 Ochozias)
7 Joas ()
8 Amasias)
9 Ozias
10 Joathan
11 Achaz
12 Ezechias
13 Manasses
14 Amon
15 Josias
16

1 Jechonias o I.
2 Jechonias o II.
3 Salathiel
4 Phadaia)
5 Zorobabel
6 Abiud
7 Eliacim
8 Azor
9 Sadoc
10 Achim
11 Eliud
12 Elcazar
13 Mathan
14 Jacob
15 Joseph Esposo
da V.^a Maria.
16

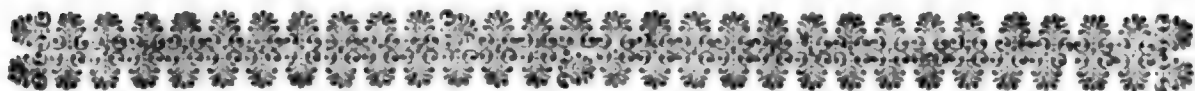
JESU Christo JESU Christo JESU Christo
*Iacob autem genuit Ioseph Virum Mariæ, de qua natus est
Iesus, qui vocatur Christus.*
Matth. 1. n. 16.

15 Dirmeha alguém, como entra a genealogia de Christo com os Avós de S. Joseph, se Christo não he seu filho natural gerado por elle, mas somente putativo? A esta duvida houvera de responder S. Mattheos, & não eu. Porque como eu prègo à Catholicos, & o meu intento não he mais, que mostrar da genealogia, que este Sancto Evangelista descreve, que Christo Senhor nosso cahe tres vezes na decima sexta geração de seus Avós, bastame para prova do que digo a authoridade do mesmo Evangelista, de quem temos por Fé, que não podia errar, nem mentir, para dizer, que a genealogia de S. Joseph he a mesma com a de Christo, & que os mesmos Avós de S. Joseph são realmente, & verdadeiramente Avós de Christo em quanto homem, porque diz o Evangelista, que a genealogia, que descreve dos Avós de

Matth.
l. n. i.

de S. Joseph, he a genealogia de Christo filho de David: *Liber generationis Iesu Christi filij David*. E como elle o diz, não ha que duvidar.

16 Com tudo para vossa consolação, & para confusão dos inimigos da nossa Sancta Fé Catholica, & para que não pareça, que quero fugir à difficuldade, que tras consigo a duvida proposta, relatarei por reposta as varias opinioes dos Sagrados Doutores, & Sanctos Padres nesta materia em seus proprios lugares, das quaes tiraremos o terceiro, quarto, quinto, & sexto modo de contar.



TERCEIRO MODO DE CONTAR, & partir a genealogia de Christo.

Matth.
l. n. i.

Hieron.
l. i. com-
ment. in
Matth.

17 **P**Or varios caminhos discorrem os Sagrados Doutores, para dar rezão, porque o Evangelista S. Mattheos, querendo descrever a genealogia de Christo: *Liber generationis Iesu Christi*, relata os Avós de S. Joseph seu pay putativo, & não os da Senhora sua verdadeira Mãy, q o concebeo, & pario por obra de Spiritu Sancto. Em hum ponto somente concordão todos com S. Hieronymo, que não era estilo na Sagrada Escritura descreveremse as genealogias das mulheres, mas só dos homens: *Non esse consuetudinis scripturarum, ut mulierum in generationibus ordo texatur*, com que não soltão a duvida principal proposta no segundo modo de contar, à saber, que os Avós de S. Joseph não são os de Christo, por não ser Christo seu filho natural, mas antes a acrescentão, porque, se não era estilo da Escritura descreveremse as genealogias das mulheres, descrevendo o Evangelista S. Mattheos a de S. Joseph, o qual não foy pay de Christo natural, mas putativo, consequentemente todos os Avós de S. Joseph não são Avós de Christo, nem a sua genealogia lhe pertence, contra o que diz o Evangelista:

lista: *Liber generationis Iesu Christi.*

Matth.

I. n. 1.

18 Brugenſe expoſitor gravíſſimo dá varias repoſtas. Huma [que muito me contenta, pelo que tem de ſingular, & de provavel, de grande louvor de S. Joſeph] relatarei aqui com ſuas proprias palavras, para tirarmos a terceira conta. Porque có grande fundamento, com divinas palavras prova, que ainda que Chriſto não ſeja filho natural de S. Joſeph, com tudo não he ſó filho putativo, mas proprio, & legitimo, & ſeu legitimo herdeiro, em rezão, que foi concebido, & gerado do ventre virginal da Virgem Maria ſua Eſpoſa por obra do Spirito Sancto depois do deſpoſorio, & não antes. E aſſi a geração milagroſa de Chriſto ſocedeu á de S. Joſeph como parto de ſeu legitimo, & verdadeiro cazamẽto feito com a Virgem Maria, obrando-a o Spirito Sancto immediatamente em lugar de S. Joſeph, para que tão grande Sancto tiueſſe com privilegio ſingular por obra divina, & não humana de ſua puríſſima, & immaculada Eſpoſa com novo, & milagroſo modo de geração, & com novo, & maravilhoso titulo de pay, hum filho divino, & milagroſo Chriſto Senhor noſſo, que lhe ſocedeſſe na herança de David, como ſeu legitimo herdeiro, & foſſe a ultima geração de ſeus Avòs. Conſequentemẽte todos os Avòs de S. Joſeph ſão realmente Avòs de Chriſto. Melhor do que o expliquei, o prova Brugenſe. Largas ſão ſuas palavras, porẽm tem tanta graça, que não podem enfadar à quem as ler, & menos à quem as entender. Diz pois aſſi: *Iosephi autem legitimus haeres, Iesus Salvator noster fuit, quippe filius ejus, non quidẽ naturalis, aut ab eo genitus, sed nec ſecundum vulgi opinionem, & famam publicam tantum, ut neque adoptivus, sed re ipsa proprius, ac legitimus, ipsi legitime uxore virgine, nec aliunde ex ullo Viro, virtute Spiritus sancti, in sanctissimo conjugio conceptus, natus, generatus, ac divino munere datus: quò regnum, cujus ipse haeres quidem erat, sed aſſumere illud, atque erigere nequaquam valebat, opera vnigeniti illius filij ipsius reſtitueretur, & exaltaretur. Nam cùm legi-*

Brugenſ.

in Matth.

C. I. n. 16.

A a

timo

August.
lib. i. de
Nupt.
c. 11.

*timo matrimonio junctus esset Iosephus Virgini Mariæ, esset-
que proinde Mariæ corpus, corpus ejus, quin & una ipse cum
ea esset caro, jure [et si non re, sunt enim conjuges una caro,
jure quidem priusquam convenerint, re autem post: & Iose-
phus, si Deo forte virginitatem voverat, non juri matrimo-
nij cesserat, sed juris exequutioni] proles é Mariæ carne ge-
nita, ex ejus genita est carne. Dumque inviolata connubij
fide, legitime Deo operante, qui nihil non legitimè operatur,
cujus libero dominio non subtrahit uxore mariti auctoritas,
in connubio concepta est, legitima connubij illius Iosephi, &
Mariæ proles fuit. Ita enim Beatus Augustinus, dum conju-
gij illius bona dinumerat, Iesum prolem dicit. Omne [inquit
lib. i. de nuptijs, & concupiscentia cap. 11.] nuptiarum bo-
num impletum est in illis parentibus Christi, proles, fides, sa-
cramentum. Prolem cognoscimus ipsum Dominum Iesum,
fidem, quia nullum adulterium, Sacramentum, quia nullum
divortium. Tuetur hæc sua verba libri in Iulianum quinti
cap. 9. Succedit autem jure gentium in paternam hereditatē
is, qui solius publicæ famæ testimonio filius habetur: quantō
magis is, quem, & fama publica filium credit, & re veræ
conjugio illo Deus edidit, uxorem, quod solet aliàs mariti
opera, jam absque illius opera, sua solius virtute, impragnās?
Quo circa á Iosephi morte, regalis Davidicæ familiæ digni-
tas ad Iesum recto ordine devenit: fuitque non promissione
Dei tantum, aut donatione, sed, & hereditariæ successionis
jure, sceptri Iudaici occupator. Quod cum demonstrare Mat-
thæus vellet, fuit ei Iosephi genealogia condenda, non nuda
Mariæ, quæ, viris relictis, hæres esse regni non potuit.*

19 Conforme esta opinião, o terceiro modo de contar
he quasi o mesmo com o segundo; por que só tem de differê-
ça, que ahi consideramos á Christo como filho da Virgem
Maria, contando a Senhora com S. Joseph por hũa geração,
& aqui o consideramos como filho de S. Joseph, não natu-
ral, nem tão pouco putativo, mas proprio, & legitimo, &
seu legitimo herdeiro: *Iosephi autem legitimus hæres Iesus*

Sal-

Salvator noster fuit ; quippe filius ejus , non quidem naturalis , aut ab eo genitus , sed nec secundum vulgi opinionem , & famam publicam tantum , ut neque adoptivus , sed re ipsa proprius , ac legitimus . Consequentemente os Avós de S. Joseph são propria , & realmente Avós de Christo, dos quaes deçe por tres vezes quinze geraçoens, alem da propria, na forma seguinte .

1 Abraham.
2 Isaac.
3 Jacob.
4 Judas.
5 Phares.
6 Efron.
7 Aram.
8 Aminadab.
9 Naasson.
10 Salmon.
11 Booz.
12 Obed.
13 Jesse.
14 David.
15 Salamão.

16

Christus.

1 Roboam.
2 Abias.
3 Asa.
4 Josaphat.
5 Joram.
6 Ochozias.)
7 Joas.)
8 Amasias.)
9 Ozias.
10 Joatham.
11 Achaz.
12 Ezechias.
13 Manassés.
14 Amon.
15 Josias.

16

Christus.

1 Jechonias. o I.
2 Jechonias. o II.
3 Salathiel.
4 Phadaia.)
5 Zorobabel.
6 Abiud.
7 Eliacim.
8 Azor.
9 Sadoc.
10 Achim.
11 Eliud.
12 Eleazar.
13 Mathan.
14 Jacob.
15 Joseph.

16

Christus.

QUARTO MODO DE CONTAR, & partir a genealogia de Christo.

20 **P**Or outro caminho muy diverso vai S. João Damasceno . Por elle iremos nós tambem , seguindo suas pizadas , para lançarmos a quarta conta . Porque para satisfazer á duvida proposta , que a genealogia de Christo,

A a ij

def.

Matth.
1. n. 16.
Luc. 3.
n. 23.

Damaſ.
1. 4. de
Fide
Ortod.
c. 15.

Matth.
1. n. 16.
Luc. 3.
n. 23.

D. Tho-
3. p. q. 3. r.
art. 3. ad 2

Deuter.
25. n. 5.

descripta pelos Evāgelistas S. Mattheos, & S. Lucas, não he da Virgē Maria sua Mãy, mas de S. Joseph seu pay putativo, por dizer S. Mattheos: *Iacob autē genuit Ioseph virū Marię, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus*, & S. Lucas: *Et ipse Iesus putabatur filius Ioseph, qui fuit Heli, qui fuit Mathat &c.* Depois de dizer cō S. Hieronymo, q̃ se não costumava entre os Hebreos, nem na Sagrada Escriptura descrever as genealogias das mulheres, mās somente dos homens: *Animadvertēdum nobis est, nec apud Hæbreos, nec apud Scripturam sacram hoc in more positum fuisse, ut mulierum genus recensetur*, mostra ser a Virgem Maria Senhora nossa, segundo a ley de Moyses, sobrinha de S. Joseph em quarto grao. Com que veni tambem á responder à outra duvida, da qual se valia por argumento contra os Christãos Juliano Apostata, da dissonancia dos Evangelistas, por dizer S. Mattheos, que o pay de S. Joseph foi Jacob: *Iacob autem genuit Ioseph*, & S. Lucas, que foi Heli: *Ioseph, qui fuit Heli*. Diz pois o Sancto, que Levi da linha de Nathan, filho de David, gerou á Melchi, & á Panther: & Panther á Barpanther: & Barpanther á Joachim: & Joachim á Virgem Maria Mãy de Deos, & que Mathan filho de Eleazar da linha de Salamão, filho de David, depois de ter gerado com sua propria mulher á Jacob pay de S. Joseph, falleceo, pelo que Melchi [por outro nome Mathat] Irmão de Panther filho de Levi, cazou com a Viuva do defunto Mathan, a qual, diz S. Thomas, que segue o mesmo parecer, chamavase Jesca, ou como outros dizem, Estha, com quem gerou á Heli. De sorte que Jacob, & Heli eram meyos Irmãos, filhos de huma mãy, & de diversos pays, ambos descendentes de David, Jacob pela linha de Salamão, & Heli pela linha de Nathan. E proseguindo mais adiante, diz o Sancto, que Heli morreo sem deixar filhos; & que pela ley de Moyses no Deuteronomio, que mandava, que em tal caso o Irmão do defunto cazasse com a Viuva sua cunhada, & q̃ o primeiro filho se attribuisse ao defunto Irmão, cazou Jacob com a mulher q̃ foi de Heli, com

com quem gerou à S. Joseph. De sorte, que S. Joseph era filho natural de Jacob pela linha de Salamão, que descreve S. Mattheos: *Iacob genuit Ioseph*: & era tambem, segundo a ley de Moyfes, filho de Heli, à saber, filho não natural, mas legal, pela linha de Nathan, que descreve S. Lucas: *Ioseph, qui fuit Heli*. E assi a Virgem Maria Senhora nossa era Esposa de S. Joseph, & juntamente, segundo a ley de Moyfes, sobrinha sua em quarto grao.

21 Deixo de relatar as palavras de S. João Damasceno por compridas. Nelle as poderão ler os curiosos, pondo somente, para mór clareza do que digo, a Arvore da genealogia Real de Christo S. N. tirada pela mesma conta.

D. Damasc.
l. 4. de
Fide
Orthod. -
cap. 15.



A a iij

Arvore.



22 Segundo este parecer de S. João Damasceno (que he conforme o sentido de muitos Sanctos , & Doutores , S. Justino Martyr , Africano , S. Hieronymo , S. Ambrosio , S. Augustinho , Nanzianzeno , Eusebio , Nicephoro , S. Thomas , & outros) o quarto modo de contar , & partir a genealogia de Christo Senhor nosso he muy contrario ao segundo , & ao terceiro , & no que toca à Virgem Senhora , he muy conforme ao primeiro , no mais todo diverso . Porque não tomo por geraçoens somente aos homens , como fez o Evangelista S. Mattheos , quando as partio em tres tessera-decadas : *Omnes itaque generationes ab Abraham usque ad David , &c.* Mas tomo rigurosamente a palavra geração por toda a pessoa gerada desde Abraham até Christo Senhor nosso , quer seja homem , quer seja mulher . Tão pouco conto a Virgem Senhora por huma geração com seu Esposo S. Joseph , mas por duas . Porque ainda que o homem com sua mulher se conte nas genealogias por hũa geração , como S. Joseph não foi o que gerou à Christo , mas somente sua purissima Esposa por obra do Spirito Sancto , conto a geração da Virgem Senhora por geração distincta de seu Esposo , pondo-a na conta , não como Esposa de S. Joseph , mas como Sobrinha sua em quarto grao , contando primeiro todas as geraçoens até S. Joseph , & depois dellas divirto para a conta à Virgem Senhora sua sobrinha , como diverte o Evangelista , dizendo : *Iacob genuit Ioseph Virum Mariæ , de qua natus est Iesus , qui vocatur Christus .* O que he força fazer , não fo para contarmos nesta genealogia os mesmos Avòs de Christo , que nomea S. Mattheos , mas tambem , porque segundo esta opinião , as geraçoens desde Abrahão por linha direita acabarão em S. Joseph , à quem se seguiu como mais chegada parenta , ainda que em quarto grao , a Virgem Maria Mãe de Christo Senhor nosso . E assi he força , que depois da geração de S. Joseph passemos á da Senhora , para continuarmos até à Christo seu divinissimo Filho . E neste modo de contar , Abraham não entra na conta co-

Justin.
q. 131.
ad gentes.
African.
in Epist.
ad Arist.
& apud
Hieron.
de viris
illustr.
Hieron.
in cap. 1.
Matth.
Ambr. l. 3.
in Luc.
August. l.
2. retract.
c. 7. 12. &
55.
Nazian.
in carm.
de genea-
log. Sal-
vator.
Euseb. l. 1.
hist. c. 6.
Niceph.
l. 1. c. 11.
S. Thom.
3. p. q. 31.
a 3. ad 2.
Matth.
1. n. 16.
& 17.

mo geração, porque em rigor não entra nesta genealogia, se não como Primo genitor, em rezão, que o primeiro homem [fallando rigurosamente] não se poem na Arvore por geração, mas como tronco, & principio das geraçoens. O que supposto, tambem por este quarto modo de contar, partindose a genealogia de Christo Senhor nosso em tres tessera decadas, cahe o mesmo Senhor tres vezes na decima sexta geração de seus Progenitores.

A B R A H A M

Primogenitor.

GERAÇOENS.	GERAÇOENS.	GERAÇOENS.
1 Isaac.	1 Abias.	1 Jechonias o 2.
2 Jacob.	2 Afa.	2 Salathiel.
3 Judas.	3 Josaphat.	3 Phadaia.)
4 Phares.	4 Joram.	4 Zorobabel.
5 Efron.	5 Ochozias.)	5 Abiud.
6 Aram.	6 Joas.)	6 Eliacim.
7 Aminadab.	7 Amasias.)	7 Azor.
8 Naasson.	8 Ozias.	8 Sadoc.
9 Salmon.	9 Joatham.	9 Achim.
10 Booz.	10 Achaz.	10 Eliud.
11 Obed.	11 Ezechias.	11 Eleazar.
12 Jesse.	12 Manassés.	12 Mathan.
13 David.	13 Amon.	13 Jacob.
14 Salamão.	14 Josias.	14 Joseph.
25 Roboam.	15 Jechonias. o 1.	15 Maria.
16	16	16
Christo.	Christo.	Christo.

QUINTO MODO DE CONTAR

& partir a genealogia de Christo.

23 **O** Quinto modo de contar suppoem entre a Virgem Senhora, & S. Joseph maior parentesco, q
ole-

o legal, que explicamos com Damasceno. E não ha duvida ser assi. Porque concordão todos os Padres, & Doutores, q eram tambem parentes quanto ao sangue. *Credendum est* (diz S. Thomas) *quod etiam ex Salamone originem duxerit secundum aliquem modum per illos Patres, quos enumerat Matthæus, qui carnalem Christi generationem dicitur enarrare, præsertim cum Ambrosius dicat, Christum de semine Iechoniæ descendisse.* Quer o Angelico Doutor mostrar, que a Virgem Maria Senhora nossa he parenta de S. Joseph, não só pela origem legal, pela qual disse S. Lucas, que Heli era pay de S. Joseph: *Qui fuit Heli*; mas tambem por outra origem de carne, & sangue, pela qual dece de Salamão, & assi diz: *Credendum est, quod etiam ex Salamone originem duxerit, &c.* Hasc de crer, que a Virgem Senhora traz sua origem de David, não só pela linha de Nathan, mas tambem pela linha de Salamão, por aquelles mesmos pays, que conta S. Mattheos, mormente por dizer S. Ambrosio, que dece Christo do sangue de Jechonias.

D. Th. 3.
q. 31. art.
2. ad 2. in
fin.

Luc. 3.
n. 23.

Ambrosi.
3. in Luc.

24. S Hieronymo, em quem todos bebem, como em fonte muy limpa, sua doutrina, diz: *Ex una Tribu fuisse Ioseph, & Mariam. Vnde ex lege eam accipere cogeatur ut propinquam, & quod simul censetur in Bethlem, ut de una videlicet stirpe generati.* Joseph [diz este grão Padre, & Doutor da Sancta Igreja] era da mesma Tribu com a Virgem Senhora, com quem cazou, obrigado pela ley de Moyes à tomalla por Esposa, como sua parenta de huma mesma stirpe, & geração. O mesmo diz S. Hilario: *Quod verò Ioseph potius, quam Mariæ natiuitas recensetur, nihil refert. Eadem enim est utriusque tribus, atque una cognatio:* E val tanto, como se dissera: Pouco vai, em que o Evangelista S. Mattheos na genealogia de Christo, antes descrevesse a geração de S. Joseph, do que da Virgem Maria sua Esposa, porque como erão de huma mesma Tribu, & familia, tinham os mesmos Avós, & ascendentes. Mais explica o doutissimo Abulente, seguindo o mesmo parecer; porque diz,

Hieron.
in Matth.
c. 1.

Hilar.
in Matth.
c. 1.

A bul. in
Matth. c.
1. q. 28.

que bastava descrever o Evangelista S. Mattheos a genealogia de S. Joseph, para conhecermos a geração da Virgem Maria Esposa sua; porque não sô erão de húa mesma Tribu, & da mesma Casa Real de David, mas de húa mesma familia, & Casa mais particular, raiz verdadeira de David: *Immo esset sub familia David alia familia domus magis particularis, & esset de illa Ioseph, esset quoque de illa Maria.* E acrescenta mais, que supposto, que não havia costume entre os Hebreos de se descreverem as genealogias das mulheres; não por isso se deixava de saber; porque em quanto a mulher estava em casa de seu pay, sabia-se sua geração pela de seu pay; & logo que cazava, sabia-se pela de seu marido; porque era força por rezão da ley, que o marido, & a mulher fossem da mesma Tribu, & familia. Pelo que conclue no cabo: *Et sic nihil differebat, progeniem Mariæ scribi per patrem suum Ioachim, vel per virum suum Ioseph.* Como se dissera: Quer descrevesse S. Mattheos a geração da Virgem Maria pela de seu Esposo S. Joseph, como fez: Quer a descrevesse pela de seu pay S. Joachim, tudo vinha à ser o mesmo sem nenhuma differença; porque S. Joseph, & S. Joachim, por serem de huma mesma Tribu, & familia, tinham os mesmos Avós, & ascendentes.

Mald. in
Matth. c.
1. n. 16.
§. Itaque.

25 Hum ponto mais avante passa Maldonado. Depois de largo exame, diz, que a Virgem Senhora cazou com S. Joseph, não sô por vontade, mas obrigada da ley à tomallo por Esposo, como seu parente mais chegado que todos: *Il-lud etiam addo, existimare me, Beatam Virginem, Ioseph, tanquam maximè omnium propinquo, non solum spontè, verùm etiam necessitate legis traditam fuisse.*

26 Deixo por brevidade de relatar os mais Padres, & Doutores, os quais por varios caminhos vem quasi todos á dizer o mesmo. O que noto he, que poucos dos que pude ver nesta Cidade de Goa tão avarenta de livros antigos, & modernos, dizem o grao do parentesco que tinham. O Padre Gelofo da minha Sagrada Religião diz, que erão primos irmãos

irmãos, filhos de dous irmãos Jacob, & Heli; & que Heli he huma mesma pessoa com S. Joachim, & na lingua Sira hũ mesmo nome quanto á significação, porque significação hũa mesma coufa. Não declara mais este Doutor; mas he força, que conceda (suposto o que diz] para fallar coherente, que eram primos irmãos, filhos de dous meynos irmãos, netos de huma mesma Avó por nome Hestha, & de differentes Avós paternos. Porque diz S. Mattheos, que Jacob pay natural de S. Joseph, era filho de Mathan: *Mathan autem genuit Jacob: Jacob autem genuit Ioseph*. E S. Lucas diz, que Heli, á saber, S. Joachim, pay natural da Virgem Maria Senhora nossa, & pay somente adoptivo de S. Joseph, ou como outros dizem, legal, era filho de Mathat, por outro nome Melchi: *Ioseph, qui fuit Heli, qui fuit Mathat*, ambos descendentes de David, este pela linha de Nathan, aquelle pela de Salamão. De forte, que Jacob, & Heli eram filhos de diversos pays, porém de huma mesma mãy, por nome Hestha, como mostramos acima na Arvore, que pintamos de S. João Damasceno; consequentemente S. Joseph, & a Virgé Maria Senhora nossa crão primos irmãos, filhos de dous meynos irmãos, netos de hũa mesma Avó. E segundo esta opinião por outro novo modo de contar, que deixo por brevidade aos curiosos, cahe Christo tres vezes na decima sexta geração treplicada de seus Avós.

27 Do mesmo parecer he Francisco Lucas Brugense diligentissimo, & doutissimo Interprete, quanto ao ponto de ser S. Joseph, & a Virgem Maria primos irmãos. Porém tem para si, que eram filhos de dous irmãos enteiros, netos de hum mesmo Avó. Porque diz, que Mathan Avó de S. Joseph, de quem falla S. Mattheos: *Mathan autem genuit Jacob: Jacob autem genuit Ioseph, &c.* Era tambem Avó da Virgem Maria, o que prova largamente com argumentos, & rezouens. E discursando se era Avó paterno; ou materno, á saber pay de S. Joachim, ou de S. Ana, tem por mais provavel o primeiro. E assi diz, que S. Joseph, & a Virgem Maria

Matth. i.
n. 15. & 16

Luc. 3.
n. 23.

Brug. in
Matth. c.
1. n. 16.

Matth. i.
n. 15. & 16

ria sua purissima Espôsa crão netos de Mathan, filhos de dous filhos seus Jacob, & S Joachim: *Quo argumento etiam adducor, ut credam, Mathan potius fuisse Avum Mariæ paternum, quam maternum, idest fuisse patrem Ioacimi potius quam Annæ; atque hic describi genealogiam Mariæ ex latere paterno, itaut Jacob pater Iosephi, fuerit frater Ioacimi patris Mariæ. Non enim verisimile est, ubi vir, & femina concurrere habebant, promissionē Davidi factam, præstitam esse per feminam, interrupta linea virili.* E se isto he assi, este quinto modo de contar leva melhor caminho, que os outros, que lançamos atégora; porque por essa conta cahê Christo tres vezes na decima sexta geração de seus Avôs por húa fuceffão de pays, & filhos muy direita: á saber.

1 Abraham	1 Roboam	1 Jechonias o I.
2 Isaac	2 Abias	2 Jechonias o II.
3 Jacob	3 Afa	3 Salathiel
4 Judas	4 Josaphat	4 Phadaia)
5 Phares	5 Joram	5 Zorobabel
6 Elron	6 Ochozias)	6 Abiud
7 Aram	7 Joas (	7 Eliacim
8 Aminadab	8 Amasias)	8 Azor
9 Naasson	9 Ozias	9 Sadoc
10 Salmon	10 Joathan	10 Achim
11 Booz	11 Achaz	11 Eliud
12 Obed	12 Ezechias	12 Eleazar
13 Jesse	13 Manassés	13 Mathan
14 David	14 Amon	14 Jacob, & Joachim 14
15 Salamão	15 Josias	15 Josph, & Maria 15.
16	16	16
Christo.	Christo.	Christo.

Disse se isto he assi; porque figo outro parecer por ma is certo, donde tirarei o sexto, & ultimo modo de contar.



SEXTO, E ULTIMO MODO DE CONTAR'

& partir a genealogia de Christo.

28 **A** Incerteza do parentesco, que houve entre o glorioso S. Joseph, & a Virgem Maria sua puríssima Espôsa, he a maior difficuldade destas contas. Com Damasceno disse no quarto modo de contar, que o parentesco não era natural do sangue, mas somente legal, à saber tio da Senhora em quarto grao, primo segundo de S. Joachim pela ley do Deuteronomio, que expuz. No quinto disse cõ muitos Doutores, haver entre S. Joseph, & a Virgem Maria maior parentesco, q̃ o legal, mormête por affirmar Brugense, q̃ Mathan pay de Jacob, & Avô de S. Joseph: *Mathan autem genuit Iacob: Iacob autem genuit Ioseph*, era tambem Avô da Senhora. Sò me difficulta dizer este Doutor, que era Avô Matth. i. n. 15. & 16 paterno, & não materno, à saber pay de S. Joachim, & não de S. Anna, porque figo outro parecer. Digo pois, que suposto ser Mathan Avô da Senhora, como prova quasi com evidencia Brugense, tenho para mim por mais provavel, & mais certo, que não era Avô paterno, mas materno, à saber pay não de S. Joachim, mas de S. Anna. E assi o sexto modo de contar mais provavel que todos, & pelo que entendendo mais certo, & verdadeiro, he este.

1 Abraham.	1 Roboam.	1 Jechonias. o I.
2 Isaac.	2 Abias.	2 Jechonias. o II.
3 Jacob.	3 Afa.	3 Salathiel.
4 Judas.	4 Josaphat.	4 Phadaia.]
5 Phares.	5 Joram.	5 Zorobabel.
6 Eldron.	6 Ochozias.)	6 Abiud.
7 Aram.	7 Joas. (	7 Eliacim.
8 Aminadab.	8 Amasias.)	8 Azor.
9 Naasson.	9 Ozias.	9 Sadoc.
10 Salmon.	10 Joathan.	10 Achim.
11 Booz.	11 Achaz.	11 Eliud.
12 Obed.	12 Ezechias.	12 Eleazar.
13 Jesse.	13 Manassés.	13 Mathan.
14 David.	14 Amon.	14 Jacob, & Anna 14
15 Salamão.	15 Josias.	15 Joseph, & Maria 1.
16	16	16
Christo.	Christo.	Christo.

Luc. 3.
n. 23.

Matth. 1.
n. 2.

Matth. 1.
n. 1.

29 Não he o meu discurso mal fundado, porque tem por padrinhos os Sagrados Evangelistas. Dous Evangelistas somente descrevem a geração de Christo Senhor nosso, S. Mattheos, & S. Lucas, hum subindo, & outro decendo. S. Lucas começa por S. Joseph: *Joseph, qui fuit Heli*, & vay subindo pela linha de Nathan filho de David até Adam nosso primeiro pay. S. Mattheos começa de Abraham: *Abraham genuit Isaac*, & vay decendo até S. Joseph, pela linha de Salamão outro filho de David; & a tenção de ambos he mostrar os Avôs que teve Christo Senhor nosso quanto á carne, como o diz claramente o mesmo Evangelista S. Mattheos: *Liber generationis Iesu Christi*, que val tanto, como se differe: Livro dos Avôs de Christo, cujas palavras me obrigão à crer, que não só he certissimo (como dizem de cõmum parecer os Sanctos Padres, & Sagrados Doutores) mas verdade catholica de fé, que todos os Avôs de S. Joseph nomeados

meados pelos Evangelistas S. Mattheos, & S. Lucas, são realmente Avós de Christo quanto á carne. Leão á Maldonado, que o diz expressamente, como cousa certa, & induvidavel, deduzindo-o de muitos antecedentes com estas palavras: *Hec igitur omnia fecerunt, ut Evangelistae contenti fuerint, Ioseph genealogiam demonstrasse, quam certum, & notum erat, eandem esse Mariae*. Sendo pois estas duas genealogias tão diversas, & ambas de Christo, ambas da V. Maria: *Quam certum, & notum erat, eandem esse Mariae*, he força que digamos, que hum dos Evangelistas, á saber S. Lucas, quiz mostrar os Avós de Christo paternos, quero dizer os ascendentes de S. Joachim, & o outro, á saber S. Mattheos, os Avós maternos, ascendentes de S. Anna, para que constasse pela linha masculina, & feminina, por seu Avó, & sua Avó, por S. Joachim, & por S. Anna, que Christo era da Tribu de Juda, filho de David, & legitimo herdeiro do Reyno de Judea. Pelo que dizendo S. Lucas, que S. Joseph foi filho de Heli: *Ioseph, qui fuit Heli*, sendo certissimo, q̃ foi filho natural de Jacob, gerado por elle, como o mostra S. Mattheos com a palavra *Genuit*, que significa verdadeira geração: *Iacob autem genuit Ioseph*, he tambem força, que digamos de duas huma, ou com S. João Damasceno referido no quarto modo de contar, que este Heli he tio de S. Joachim, á saber tio legundo, primeiro cô irmão de Barpanther seu pay, filhos de dous irmãos Melchi, & Panther, aonde tambem diffemos, que he pay de S. Joseph: *Ioseph, qui fuit Heli*, não natural, mas legal: ou havemos de dizer, (& á meu ver he o mais certo) que este Heli he o mesmo com S. Joachim, segundo affirma João Anco, á quem segue o Padre Suares da Companhia de Jesu, & da minha sagrada Religião o Padre Gelofo devotissimo de S. Joseph, & outros muitos pelo que diz Brugense com estas palavras: *Hunc Heli, opinantur multi, fuisse patrem Mariae, aliás Eliacim, aliás Ioacim dictū*, os quaes são de parecer, que Joachim, Joacim, Eliacim, ou Heliacim, & por modo de fallar diminutivo Eli

Malden.
in c. 1.
Matth.
16. §. 11a-
que.

Luc. 3:
n. 23.

Matth. 1:
n. 16.

Damaf.
l. 4. de Fi-
de Ortod;
c. 15.

Luc. 3:
n. 23.

Annæus
in Cômér.
Breviar.
temp.

Suar. in 3:
p. tom. 2.

disp. 2. sect
3. verfad

secund.
Gelofo

de S. Josef
rag. 4. n. 4.

Brug. in
Luc. c. 3:
n. 23.

Eli

Eli, ou Heli, não sô são sinonimos quanto ao significado, mas são nomes de huma mesma pessoa S. Joachim pay da Virgem Maria; & que o dizer S. Lucas, que S. Joseph era filho seu, sendo em realidade genro, foi em rezão, que os genros entre os Hebreos erão chamados, & tidos como filhos de seu sogro. E assi por qualquer destes modos, que differmos, que S. Joseph foi filho de Heli: *Ioseph, qui fuit Heli*, claro está, que S. Lucas descreve os Avós de Christo paternos, á saber os Ascendentes de S. Joachim, como consta da Arvore, que do mesmo Senhor descrevemos, & pintamos no quarto modo de contar, & por consequencia a genealogia, que descreve S. Mattheos dos Avós de Christo, não he dos Ascendentes de S. Joachim, como quer Brugenfe, mas dos de S. Anna, Avós de Christo maternos, & não paternos, & consequentemente Mathan mais chegado Avó pela linha de Salamão, não he Avó paterno, mas materno, pay não de S. Joachim, mas de S. Anna.

30 He esta rezão evidencia à quem bem a considerar por seus principios. Com tudo convem, que a ajudemos com outras, para mór clareza do que vamos dizendo, tomando por motivo a de Brugenfe, em que funda seu contrario parecer: *Non enim verisimile est (diz elle) ubi vir, & femina concurrere habebant, promissionem Davidi factam, prestitam esse per feminam, interrupta linea virili*: Não he verosimel, diz Brugenfe, que concorrendo o macho, & a femina, comprissse Deos pela femina a promessa, que fez á David do Messias, preferindo a linha feminina á masculina. Esta he a rezão de Brugenfe, depois de ter provado cô muita efficacia, & energia, ser Mathan Avó de Christo quão á carne. Mas não he bastante para materia tão funda. Porque primeiramente comprio Deos sua promessa, & palavra pela linha masculina, & feminina, por S. Joachim, & por S. Anna, ambos da Tribu de Juda, descendentes del-Rey David, S. Joachim pela linha de Nathan, & S. Anna pela de Salamão, como tenho mostrado.

Brug. in
c. 1.
Matth. n.
16.

31 E quanto ao ponto da promessa. Não se obrigou Deos de palavra à dar á David o Messias de seu sangue pela linha de seu filho Salamão sem interrupção alguma de mulheres; mas antes tudo pelo contrario: disse que lho daria pela linha de Salamão; porém de seu ventre: *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam*. E fallando com hum Rey, & não com hũa Raynha, com hum homem, David, & não com hũa mulher, as mesmas palavras *De fructu ventris tui*, do fructo de teu ventre, mostram, que no cabo havia Deos de preferir a linha femenina à masculina, não só na Virgem Maria, em quẽ era força, que assi fosse, pela conceição milagrosa do Verbo Encarnado por obra do Spirito Sancto, mas na pessoa da bemaventurada S. Anna; pois o sentido destas palavras he: De huma mulher bemaventurada S. Anna ventre de David, à saber, descendente del-Rey David, ha de nacer hum fructo de graça Maria, & deste fructo Christo, á quem porei em seu throno Real: *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam*.

Psal. 131. n. 11.

32 E que seja assi. Qual he o sentido da prophesia de Ilayas? *Egredietur virga de radice Iesse, & flos de radice ejus ascendet*: Da raiz de Jesse sahirá huma vara, & da mesma raiz huma flor. Se pela raiz de Jesse pay de David se entende litteralmente S. Anna, como diz João Lanspergio: *Hec est [á saber S. Anna] radix illa benedicta, quæ surculum protulit, & virgam, virgaque florem*. Se pela vara se entende a Virgem Maria, & pela flor Christo Senhor nosso: & Christo naceo da Virgem Maria, & não de S. Anna; como diz, que da raiz, á saber de S. Anna, sahirá a vara, & a flor, Maria, & Christo? Se não, porque S. Anna he o ventre de que Deos fallou, quando disse á David: *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam*; & he a pessoa, á quem se deve como à raiz, de quem naceo a vara com sua flor, á saber o parto da Virgem Maria, & de seu bento filho Jesu Christo.

Lansp. Serm. de S. Anna.

33 Mas já que Brugenſe se val de conjecturas, para provar sua sentença, valhamonos nós tambem de humas effica-

Rupert.
Abb.l. in
Matth.

Ecclesia.
36. n 23.
Lyr. hic.

zes, para provar a nossa mais verdadeira, tomando por assumpto, & quasi por thema suas mesmas palavras; porém sem a negativa, sem a palavra *Non enim*, mas positivamente: *Verisimile est, ubi vir, & femina concurrere habebant, promissionem Davidi factam, prestitam esse per feminam, interrupta linea virili*. He cousa verosimil, que concorrendo o macho, & a femea, S. Joachim, & S. Anna, a promessa, que Deos fez à David, de lhe dar o Messias pela linha de seu filho Salamão, a comprisse no cabo por S. Anna, em quem se enterrompeo a linha masculina. Porque se Deos tardou à mandar ao Mundo o Messias por muitos mil annos, diffirindo o comprimento de sua promessa, & palavra para mais largos tempos pelo pecado, que cometeo David, como notou Ruperto Abbade, he verosimil, que por pecados maiores, que cometeo seu filho Salamão, & seus descendentes, a comprisse no cabo por huma mulher da mesma linha, & descendencia, preferindo-a aos machos, como indignos de tanta gloria, & merce. Se não quizeramos dizer, que não foi castigo, mas favor, & merce grande, que fez Deos à David, de lhe dar pela linha de seu filho mais querido Salamão a gloriosissima S. Anna, maior da que fora, se trocara, dandolhe pela linha de Salamão à S. Joachim, & pela de Nathan à S. Anna. Porque diz o Ecclesiastico, segundo lè Nicolao de Lyra: *Omne masculinum excipiet mulier, & est filia melior filio*: E querem dizer: Mais folgão as mulheres de parirem machos, que femeas; porém haverá huma femea melhor que o macho. As quais palavras entendem muitos da Virgem Senhora; pois muito melhor foi à S. Anna parir à Virgem Maria, do que lhe fora, se parira em seu lugar à S. Joseph. Mas podemse entender da mesma S. Anna; pois foi muito melhor á linha de Salamão, & maior a merce, que Deos lhe fez, dandolhe por descendente S. Anna, do que fora, se lhe dera em seu lugar S. Joachim; porque *Est filia melior filio*.

34 Ambos forão, não ha duvida, gloriosissimos, & ben-

aventurados; pois delles naceo a Virgem Maria. Qual ventura pôde haver semelhante á esta? Douvos muitas graças, meu Deos, pelos grandes favores, & prerogativas, com que privilegiastes estes vossos sanctissimos, & bemaventurados Avós, em particular por este tão soberano de nacer delles a Virgem Maria vossa Máý purissima. Porém mais que S. Joachim [se o meu pensamento não erra] foi por vós favorecida, & privilegiada S. Anna, assi como muito mais, & có muita ventagem maiores forão os favores, que fizestes á Virgem, que a S. Joseph. Porque S. Anna foi o Templo sagrado, & divino, em quem recolhestes o melhor do Ceo, a maior sanctidade do Empyreo, vossa divina Máý, Sãcta dos Sanctos. Ella foi, que por nove mezes a teve escondida em suas sacratissimas entranhas, cercada de luz, & vigiada dos Anjos. Ella foi que no seu collo a criou, & em seus amorosos peitos lhe communicou seu leite purissimo, para que ao depois crecida volo restituísse em seu milagroso, & divino parto, dandovolo à beber no Presépio. Ella o Paraíso Terreal mais sancto, & mais seguro, que o de Adão, aonde não se atreveo Lucifer entrar có a peçonha da culpa, como fez com Eva, para perder o genero humano. Ella o Ceo animado, em quem depois da noite escura do pecado amanheceo a Estrella dalva de Maria, precursora, & annúciadora do verdadeiro Sol de justiça Christo. Ella, á qué a mesma natureza respeitou, cedendo espantada ao Empyreo a precedencia na conceição da Virgem, para que, como diz Damasceno, fosse toda effeito da graça: *Natura gratiae cedit, ac tremula stat, progredi non sustinēs. Quoniam ita futurum erat, ut Dei genitrix, ac Virgo ex Anna oriretur, natura gratiae fatum antevertere minimē est ausa. Verum tantisper expectavit, donec gratia fructum suum produxisset.* Ella a Arvore da vida digna de toda benção [diz Osorio] por nos ter dado o fructo da vida a Virgem Maria: *Benedicenda profectó Arbor illa est, que fructum vitae Mariam nobis protulit.* Ella em fim a que subio á tanta altura de graça,

Damal.
orat. 1.
de Nativ.
Virg.

Joan.
Ofor.
Serm. de
S. Anna.

Novar.
in vmb.
Virg. n.
1302.

& de prerogativas, q̃ por sentença de muitos (diz o nosso Veneravel Padre Novarino) S. Anna he de quasi infinita dignidade: *Hinc est, vt non defuerint, qui Annæ dignitatem infinitam quandam pre se ferre dixerint.* De sorte q̃ *Est filia melior filio.* Melhor foi, & favor mais singular, & maior o q̃ fez Deos à David, de lhe dar pela linha de Salamão por filha, & descendête á S. Anna, do que fora se lhe dera por filho à S. Joachim.

35 Mas se me he licito argumentar de hum promessa á outra, da que temos entre mãos, que Deos fez ao Sancto Rey D. Affonso Henriquez, de dar á Portugal de seu sangue hum Redemptor Portuguez, que o remisse na sua decima sexta geração, à que fez à el-Rey David: *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam.* Se me he licito [digo] argumentar daquella promessa à esta que fez ao Sancto Rey David, de dar ao Mundo de seu sangue hum Redemptor divino da linha de seu mais querido filho Salamão, quem não inferira por consequencia certissima, & infallivel, que se interrompeo no cabo a linha dos machos, & se comprio pela feminina, preferindo-a o mesmo Senhor á masculina?

36 Là prometeo Deos à David dar ao Mundo cativo de hum Principe tirano Lucifer hum Redemptor divino: Cà prometeo ao Serenissimo Senhor D. Affonso Henriquez, dar á Portugal, que previa haver de estar sojeito á Rey estrangeiro, hum Redemptor dezejado. Là foi feita a promessa à hum Rey, o primeiro que houve da Tribu de Juda: Cá á hum Rey, o primeiro, que houve Portuguez. Là á hũ Rey Sancto David: Cá á outro tambem Sancto, o Sancto Rey D. Affonso Henriquez. Là disse que lho daria de seu sangue, por seu filho Salamão: Cà disse o mesmo, que lho daria de seu sangue por seus filhos, & descendentes na decima sexta geração atenuada. Là desapossou do Reyno á Saul, que o possuia, da Tribu de Bejamim, para o dar á hum Rey da Tribu de Juda: Cá desapossou do Reyno de Portugal ao Rey D. Affonso de Castella, que o possuia, para o dar à hũ Rey Portuguez. Lá concorreo o macho, & a femêa, S. Joachim,

cham, & S. Anna, ambos do sangue de David: Cá concorreo tambem o macho, & a femea, el-Rey D. Phelippe o Prudente, & a Serenissima Senhora D. Catherina, ambos do sangue del-Rey D. Affonso Henriquez, netos del-Rey D. Manoel. Differe cá sem duvida Brugenfe: *Non enim verisimile est, ubi vir, & femina concurrere habebant, promissionem factam, praestitam esse per feminam, interrupta linea virili*. Não he verisimil, que concorrendo o macho, & a femea, comprisse Deos no cabo sua promessa, & palavra pela femea, preferindo-a à linha masculina; mas enganarase, porque o effeito mostrou o contrario: *Verisimile est*: Não só foi verisimil, mas passou assi na verdade, he o que com tanta festa, & alegria celebramos. Compriole a promessa por hum a femea famosa, a Serenissima Senhora D. Catherina Avô do nosso prometido, & festejado Redemptor, preferindo a Deos à linha masculina. Se he pois licito argumentar desta promessa do Redemptor de Portugal, que festejamos, à outra do Redemptor do Mundo, *Verisimile est*, he verisimil, que concorrendo o macho, & a femea, S. Joachim, & S. Anna, comprisse Deos sua promessa, & palavra, não pelo macho S. Joachim, mas pela femea S. Anna, Avô do Redemptor do Mundo Christo Senhor nosso.

37 Hum argumento ha em contrario muy forcoso, que convem, que examinemos, para que não nos fique alguma duvida de porte, á que não satisfaçamos. O argumento he dizer Nicephoro Callixto por authoridade de S. Hyppolito Martyr, Bispo Portuense, que floreceo vizinho ao tempo dos Apostolos na era de duzentos pouco mais, á quem se deve muita fé, que S. Anna era filha de Mathan Sacerdote, & de Maria sua consorte: *Tres fuere sorores Bethlehemiticae* [diz este glorioso Martyr] *filiae Mathan Sacerdotis, & Mariae conjugis ejus, sub Cleopatrae, & Casoparis Persae regno, ante Herodis Antipatris filij Regnum: Primae Mariae, Secundae Soba, Tertiae Annae nomen erat. Nupsit prima in Bethlehem Maria, & peperit Salomen. Nupsit quoque secun-*

Niceph.
l.2.c.3.

S. Hypp.
apud
Niceph.
l.2.c.3.

da itidem in Bethlehem, Sobe, & genuit Elisabeth. Nupsi postremò & tertia Anna in terra Galilea, & protulit Mariam Dei genitricem, ex qua nobis natus est Christus. Querê dizer: Em tempo em que na Persia reynava Cleopatra, & Casopare, antes que reynasse Herodes, filho de Antipatro, houverão tres Irmãas naturaes de Bethlem, filhas de Mathan Sacerdote, & de Maria sua consorte. A primeira chamavase Maria, a segunda Sobe, a terceira Anna. Cazou a primeira por nome Maria em Bethlem, & pario à Salomé. Cazou Sobe segunda Irmã, tambem em Bethlem, & pario á Elisabeth: Cazou a terceira Anna em Galilea, & pario á Virgem Maria Mãy de Deos, da qual nasceo Christo Senhor nosso. Se pois S. Anna foi filha de Mathan Sacerdote, segue-se que não foi filha de Mathan Avô de S. Joseph, porque este era da Tribu de Juda, & da Caza Real de David, & os Sacerdotes erão da Tribu de Levi.

38 Forçoso argumento, mas bem examinado não sô não encontra, mas confirma o nosso parecer, que a gloriosissima S. Anna foi filha de Mathan Avô de S. Joseph, & com S. Hyppolito, que nos apôta có certeza os mais parentes, que S. Anna teve, alevantaremos por encheo, para maior clareza do que temos provado, a Arvore Real de Christo Senhor nosso com seus mais esclarecidos, & chegados parentes, aqual valcrá por brazão de honra, & epilogo de louvores do nosso glorioso Rey, & Redemptor Portuguez D. João IV. pois nella o vimos por tantos modos pintado, & figurado.

39 Tres cousas conthem este argumento. A primeira, que S. Anna teve duas irmãas mais velhas, Maria, de quem nasceo Salomé, & Sobe, de quem nasceo S. Isabel mãy de S. João o Precursor de Christo. A segunda, que S. Anna he filha de Mathan. A terceira, que este Mathan era Sacerdote, & consequentemente da Tribu de Levi.

40 Não duvido da primeira, que tem por muy verdadeira o Cardeal Baronio, & della se seguem duas cousas de muito pezo. Húa he, que Salomè, S. Isabel, & a Virgem Mãy

Baron.
in apparat.
ad Annal.
Eccles.
n. 41.

Mãe de Deos Senhora nossa, erão primas com irmãs, filhas de tres Irmãs, Maria, Sobe, & Anna, filhas de Mathan, & de Maria sua consorte: *Tres fuere sorores Bethlehemiticae filiae Mathan, & Mariae conjugis ejus, &c.* A outra, que Sanctiago o maior com seu Irmão S. João o Evangelista, & S. João Bautista, & Christo Senhor nosso erão primos segundos, filhos de tres primas com irmãs. Quanto ao Bautista he claro; porque ás claras diz S. Lucas, que era filho de S. Isabel, & do Sacerdote Zacharias, com quem era cazada.

Luc. i.
n. 57.

Quanto á Sanctiago o maior, & S. João o Evangelista, mostra-se com não menor clareza dos mesmos Evangelistas, q̃ erão filhos de Salomé; porque a que S. Marcos chama Salomé: *Erant autem, & mulieres á longé aspicientes, inter quas erat Maria Magdalene, & Maria Iacobi minoris, & Ioseph mater, & Salomé,* chama S. Mattheos mãe dos filhos de Zebedeo: *Erant ibi mulieres multae á longé, quae secutae erant Iesum á Galilaea, ministrantes ei: inter quas erat Maria Magdalene, & Maria Iacobi, & Ioseph mater, & mater filiorum Zebedaei,* & os filhos de Zebedeo, diz o mesmo Evangelista, que erão Sanctiago, & S. João: *Vidit alios duos fratres Iacobum Zebedaei, & Ioannem fratrem ejus in navicula cum Zebedaeo patre eorum.*

Marc. i.
n. 40.

Matth.
27. n. 55.

Matth.
4. n. 21.

41 Quanto á segunda, que S. Anna foi filha de Mathan, he o que temos mostrado com tanta evidencia, & clareza. Mas pelo que ajunta, que era Sacerdote: *Filiae Mathan Sacerdotis,* que he a terceira cousa, que no argumento se conthem, & todo o ponto da difficuldade, sendo os Sacerdotes da Tribu de Levi, & não da Tribu de Juda, obriganos á ver, se S. Anna era por seu pay da Tribu de Levi; porque se o era, he falso o que dissemos, ser o pay de S. Anna Mathan Avó de S. Joseph, porque este he de fé, que era da Tribu de Juda, & se não o era, he falso, que fosse Sacerdote; porque os Sacerdotes não erão da Tribu de Juda; mas da Tribu de Levi.

42 Maldonado não tão somente o nega, mas he de parecer

Ad Heb.
7.n.14.

Mald. in
c.1. Matt.
n. 16. §. se-
cúdi autê.

Matth.
1. n. 15. &
16.

D. Amb. l.
3. in Luc.

Luc. 1.
n. 36.

Luc. 1. n. 5

D. Am-
bro. l. 3.
in Luc.

recer, que nenhum Avô, ou ascendente teve Christo da Tribu sacerdotal de Levi, nem pela linha masculina de S. Joachim, nem pela feminina de S. Anna, o que confirma com a authoridade do Apostolo S. Paulo, que parece, que tambem o nega na Epistola, que escreveo aos Hebreos no capitulo septimo, acrecentando mais, serem alguns homêes doutissimos, & Catholicos do mesmo parecer. *Non constat* [diz Maldonado] *Christum ex Tribu Levi sacerdotalis ali- quid generis habuisse; quin Viri nonnulli insigniter docti, atque Catholici id nostro tempore præcise negaverunt, quod Divus etiam Paulus toto septimo capite Epistolæ ad Hebræos negare videatur.* Mais diz este Doutor do que quero, porque bastava, para o que pretendo, que dicesse, que S. Anna por seu pay não era da Tribu Sacerdotal de Levi, mas da Tribu Real de Juda, da Caza Real del-Rey David, ainda que fora por sua mãy da Tribu de Levi, para inferirmos, *Ergo*, não he filha de Mathan sacerdote, mas de Mathan da Tribu de Juda, Avô de S. Joseph: *Mathan autem genuit Iacob: Iacob autem genuit Ioseph virum Mariæ, &c.* Quanto mais por dizer, que por nenhũa maneira era Christo da Tribu Sacerdotal de Levi.

43 Do mesmo parecer he S. Ambrosio, de quem tiraremos hum argumento em nosso favor muy efficaz. Discorre o Sancto da origem da Senhora; & depois de mostrar, que era da mesma Tribu de Juda com S. Joseph, da mesma patria, caza, & familia, passa a tratar do parentesco, que tinha com S. Isabel mãy do Bautista: *Et ecce Elisabeth cognata tua*, obrigado à dar rezão d'elle, visto ler a Senhora da Tribu de Juda, & S. Isabel da Tribu de Levi: *Et vxor illius de filiabus Aaron, & nomen ejus Elisabeth.* E não diz o Sancto Doutor, que eram parentas, por serem ambas da Tribu de Levi, mas tudo pelo contrario. Diz, que erão parentas, porque ambas eram da Tribu de Juda: *Cognatæ, quia ambæ erant ex Tribu Iuda.* E deste mesmo parecer he a cômua dos Sanctos Padres, & Doutores, à quem segue Maldonado:

&

á meu ver, lhê chamou o Anjo cunhada, porque era prima com irmãa de S Joseph Esposo da Virgem Maria, como logo veremos. Se pois a Senhora, & Sancta Isabel erão netas de Mathan, filhas de duas filhas suas, Anna, & Sobe, qué não vé, que se Mathan fora Sacerdote, diffêra S. Ambrosio, que erão parentas, porque ambas erão da Tribu Sacerdotal de Levi, netas de hum mesmo Sacerdote? Havia melhor reposta, & mais ao justo que esta? Mas se não diz assi; antes pelo contrario, que crão parentas, porque ambas erão da Tribu Real de Judà, claro está, que Mathan seu avô não era sacerdote da Tribu de Levi; que se o fora, ainda que por outra origem forão ambas da Tribu de Judà, não deixara S. Ambrosio de manifestar o parentesco, que tinham pela Tribu de Levi tão chegado.

Mald.
in cap. 1.
Matth.
n. 16.
paulo
post med.

44 Mas demos, que não fosse assi, demos, digo, que Christo não sô fosse da Tribu de Judà, como he de fê, que o foi, mas tambem da Tribu de Levi, conforme a commua opinião, que diz, que não tão somente os da Tribu de Levi cazavão com as filhas da Tribu de Judà, mas tambem *vice versa*, os da Tribu de Judà cazavão com as filhas da Tribu de Levi, ordenando-o assi Deos, diz S. Gregorio Nazianzeno, para que Christo, que era Sacerdote, & Rey, nascesse de ambas as Tribus Sacerdotal de Levi, & Real de Judà:

Quod nutu divino factum est, ut genus Regium stirpi sacerdotali jungeretur. Ut Christus, qui Sacerdos, & Rex erat, de utraque Tribu secundum carnem nasceretur.

Nazianz.
ap. Abul.
in cap. 1.
Matth.
q. 28.

45 Ainda assi não faltão argumentos, & authoridades, que mostrão claramente a verdade da nossa proposição. Começemos por S. Germano Bispo de Constantinopla, o qual diz de S. Anna, *Eam natam esse de genere sacerdotali, Tribu Aaronica, radice Prophetica, & Regia David, & Salomonis, & eorum qui deinceps fuere*. Notai o emphase destas palavras, a graça, energia, & o sentido, que tem tão ao justo do que pretendemos. Vai o Sancto subindo do mais inferior ao mais alto. Diz primeiro que S. Anna era *de gene-*

S. Germ.
ap. Baron.
in apparat.
ad
Annal.
Eccles. n.
42.

Suar. in
3.p.tom.
2.disp.2.
sect.3.
§. secun-
do dico.

re Sacerdotali, do genero dos Sacerdotes. Não diz: *De Tribu Sacerdotali*, que era da Tribu sacerdotal, mas *De genere*; porque as Tribus se distinguão pelo pay. O homem, ou mulher, que por seu pay era da Tribu Real de Judá, & por sua mãy era da Tribu Sacerdotal de Levi, propria, & absolutamente era, & se denominava da Tribu de Judá, como prova o Padre Suares. Nem se podia dizer absolutamēte, que era da Tribu de Levi, mas somente *De genere*, que por sua mãy, ou por suas avós, ou por outra origem feminina mais antiga, se originava dos Sacerdotes, & participava de seu sangue. Sobe mais o Sancto, & diz, que não era de algum genero de Sacerdotes menos nobre, mas do mais nobre, da Tribu nobilissima de Aaram: *Tribu Aaronica*. Porém a raiz donde se originou, o tronco donde teve principio sua Caza, a stirpe, & descendencia de sua pessoa (Eis aqui a origem paterna: Eis aqui a linha masculina; pois a raiz, & o tronco das Cazas, & familias, & a ascendencia das pessoas, tomase dos machos, mormente entre os Hebreos, & não das femeas) Esta (diz S. Germano) era a Real de Judá, & não a Sacerdotal de Levi. Por esta origem, não sô era Sancta Anna da Tribu de Judá, & da Caza Real do Propheta Rey David, mas era da linha masculina de seu filho Salamão, & dos mais descendentes seus: *Radice Prophetica, & Regia David, & Salomonis, & eorum, qui deinceps fuere*. Se pois S. Anna desceo de todos os mais descendentes de Salamão: *Et eorum, qui deinceps fuere*: & todos estes descendentes não são as femeas, mas os machos, que nomea S. Mattheos até Mathan avó de S. Joseph: *Mathan autem genuit Iacob: Iacob autem genuit Ioseph*: Claro está; que Mathan da Tribu de Judá, da stirpe Real do Rey Propheta David, da linha masculina de Salamão, filho de seus filhos, & descendentes, avó de S. Joseph, & da Virgem Maria, & Visavô de Christo, he o pay da gloriola, & bemaventurada S. Anna, & não Mathan Sacerdote da Tribu de Levi.

Matth. I.
n. 15. & 16

46 O argumento, que mais me convence, he o que ar-
riba

triba propoſemos, tirado dos ſagrados Evangelistas, que aqui recopilado confirmo cõ a authoridade de quinze Doutores. He de fê ſer Chriſto da Tribu de Judá filho de David; & he certiffimo, como provamos, deſcreverem ambos os Evangelistas S. Mattheos, & S. Lucas ſua geração quanto á carne; & por ſerem os Aſcendentes, que nomea S. Mattheos, diverſos dos que nomea S. Lucas, he tambem certo, & evidente deſcrever hum Evangelista, á ſaber S. Lucas, a geração de Chriſto pelos aſcendentes de ſeu Avó S. Joachim; & outro á ſaber S. Mattheos, pelos de ſua Avó S. Anna. Se pois S. Lucas deſcreveo os aſcendentes de S. Joachim, como tambem provamos, & affirmão quinze Doutores, que refere, & ſegue o Padre Suares, Caietano, Janſenio, Dionyſio Carthuſiano, Arias Montano, Gagnejo, Palatio, Galatino, João Driedo, João Lucido, Cano, Soto, Caniſio, Hoſiandro, Eraſmo, & S. Auguſtinho, a fõra outros muitos, mormente dos modernos, que deixo de relatar, por brevidade, ſegueſe deſcrever S. Mattheos os aſcendentes de S. Anná, não os maternos, porque não havia eſte coſtume entre os Hebreos, nem he veriſimil, que deixaſſe o Evãgelista de deſcrever a linha maſcolina, pela qual ſe diſtinguião as Tribus, Cazas, & familias, para deſcrever a femina não coſtumada à deſcrever. Deſcreveo pois os aſcendentes de ſeu pay, & por conſeſquencia, ſe eſtes erão da Tribu de Judá, da Caza Real de David, & de ſeu filho Salamão, & hum delles era Mathan derradeiro Avó de S. Joſeph, & de Chriſto; & o pay de S. Anna (como diz Hyppolito) chamavaſe Mathan: *Tres fuere ſorores Bethlehemitica filia Mathan*, para que mais duvidas, & provas, ſer eſte meſmo Mathan o pay de S. Anna, & não Mathan Sacerdote?

47 Concluo pois, & digo, ſer verdade o que refere Niccepharo por authoridade de S. Hippolyto, que a bemaventurada S. Anna foi filha de Mathan, com tudo o mais que diz, tirando a palavra *Sacerdotis*, da qual duvida o Padre Suares, que tem para ſi por mais provavel, & mais certo,

Suar. in
3. p. tom.
2. diſp. 2.
ſect. 3. §.
Dico ter-
tio.

Nicceph. 1.
2. hiſt. c. 3.
Suar. in 3.
p. tom. 2.
diſp. 2. ſect.
3. in ſine.

D d ij

que

Aug.lib. 23.contra Faust. Manich. cap.9. Ambr.1.3. in Luc. Theoph. in cap. 1. Matth. D.Th.3. p.q.3.art. 2.ad 2. Dried.1.3. de Dogmat.tr. 3. c.5.p.4.ad fin. Brug.in cap.1. Matth. n. 16.& in c. 3.Luc. n. 23. Maldon. in cap. 1. Matth.n. 16. vers. secundi autem. Jansen.c.1. concor. Vilheg. de S. Anna. Ribad. de S. Anna. Pined.2.p. Monarch. Ecclef.c. 10.§.2.

que a Virgem Maria Senhora nossa era da Tribu Real de David, não só pela linha masculina de seu pay, mas também pela feminina de sua Mãe, como se collige de S. Augustinho, S. Ambrosio, Theophylato, & S. Thomas, & o affirmão não poucos Doutores, porém com principios diversos, Driedo, Brugenfe, Maldonado, Jansenio, Vilhegas, Ribadineira, & outros, que refere, & segue Fr. João de Pineda na segunda parte da Monarchia Ecclesiastica. E assim julgo, que esta palavra *Sacerdotis*, foi acrescentada, ou por erro dos Escrivaes, & por ignorancia daquelles, que vendo ser a Senhora por seu pay da Tribu de Judá, & por sua mãe, prima com irmãa de S. Isabel, aqual era da Tribu Sacerdotal de Levi, cuidarão, que Mathan avô materno de ambas, da Senhora, & de S. Isabel, fosse Sacerdote da Tribu de Levi, ou por maldade de Fausto impijssimo hereje Manicheo, que dizia, que se Christo não era filho natural de S. Joseph, mas lamente da Virgem Maria Esposa sua, por nenhuma maneira era da Tribu Real de Judá, mas só da Sacerdotal de Levi, ou por outro modo, que não sabemos. Mormente que Nicepharo escreveu mil, & sessenta annos depois de S. Hippolyto, & entre tão largo tempo, que houve de pormeio, podia se corromper esta verdade, como muitas se corromperão por maldade dos Hereges. Assi como também diz Maldonado, que ou por erro dos Escrivaes, ou por maldade dos que dizião, que S. João o Evangelista não era morto, se corrompeo o sentido verdadeiro daquellas palavras tão decantadas, & mysteriosas, que do mesmo Evangelista disse Christo à S. Pedro: *Sic eum volo manere, donec veniam, quid ad te? Tu me sequere*. Porque o verdadeiro he *si*, & não *sic*: *Si eum volo manere, donec veniam, quid ad te? Tu me sequere*. E assi diz Maldonado: *Sed aut incuria, ut fit, Notariorum pro, si, captum est scribi, sic, aut ab aliquo fortasse, qui nolebat, Ioannem esse mortuum, studiose per speciem correctionis locus corruptus*.

ruptus est. Assim mesmo digo eu, que ou por erro, ou por maldade se ajuntou ao que disse S. Hippolyto de Mathan pay de S. Anna, a palavra *Sacerdotis*, & que se reveler sem esta ajunta por estoutro modo: *Tres fuere sorores Bethleheimiticæ filiæ Mathan, stirpis Regiæ David, & Maria conjugis ejus sub Cleopatrac, & Casoparis Persæ Regno, ante Herodis Antipatris filij Regnum: Primæ Mariæ, Secundæ Sobe, Tertiæ Annæ nomen erat. Nupsit prima in Bethlehem Maria, & peperit Salomen. Nupsit quoque secūda itidem in Bethlehem Sobe, & genuit Elisabeth. Nupsit postremó, & tertia Anna in terra Galilæa, & protulit Mariam Dei Genitricem ex qua nobis natus est CHRISTVS.*

Joan. 21.
n. 22.
Maldon.
hic.



48 De maneira , que a Gloriosíssima,
& Bemaventurada

S. A N N A

he da Tribu de Juda, da Caza Real de David,
da linha de Salamão, filha de

Mathan,

Irmãa

De Jacob, de Maria, & de Sobe,

Tia

De S. Joseph, de S. Isábel, & de Salomè,

Segunda Tia

De S. João o Bautista, de S. João o Evangelista,

& de Sanctiágo o Maior,

Mãe da Mãe de Deos

Maria Virgem,

Avô de

JESU CHRISTO

Sacerdote, Rey, & Redemptor,

como se pode ver nesta

ARVORE,

Que para gloria do mesmo Senhor

JESU CHRISTO,

E de seus Sanctíssimos Progenitores, & Parentes,

para consolação dos fieis Christãos, & por brazão

do nosso glorioso Rey, & Redemptor Portuguez

DOM JOAM IV.

(pois nella o vimos com tão grãde prazer debuxado)

Aqui a ponho .

Arvore

Baron. in
Apparad
Annal Ec-
clesi. n. 66.
& 67.
Eustach.
in Exam.
Nissen.
orat. de
Christ.
Nativit.
Hieron.
ferm. de
Mariæ
Nativit.
Epiph.
hæref. 79.
Antioch.
thom. 107.
Damaſc.
ferm. 1. de
Dormit.
B.M. &
or. 1. de
Nat. Virg.
Idelph.
ferm. de
Nat. Virg.
German.
in Encom.
Virg.
Pant. al.
apud
Mataph.
in feſto S.
Michael.
Archân.
Modest.
Patriar.
Hierofol.
apud No-
var. de

49 Não puz na Arvore os mais parentes, que Christo teve, por se não saber com certeza sua origem. Trata delles largamente o Cardeal Baronio. O certo he, que nenhum foi filho de S. Anna, de quem sonharão alguns, avaliando seus sonhos por verdades, que teve tres maridos, donde se originarão. Porque dizem de commum parecer os Sanctos Padres, & Doutores, S. Eustachio, S. Gregorio Nisseno, S. Hieronymo, S. Epiphânio, S. Antiocho, S. João Damasceno, S. Idelphonso, S. Germano, S. Pantaleão, S. Modesto, S. Vicente Ferreira, Andreas Cretenſe, Nicephoro, Novarino, & quasi todos os modernos, que foi mulher ſteril cazada ſomente com S. Joachim, & que depois de largos annos (huns dizem vinte, outros quarenta, & outros ſincoenta annos) com as muitas lagrimas, que derramarão, com os muitos jejuns, penitencias, esmolas, & outras obras meritorias, q̃ fizeram, alcançarão do Ceo a maior, & melhor filha do Mando a Mãe de Deos. Muito menos se pode dizer, que ſoſſem filhos de S. Joseph, gerados com outra mulher antes de cazar com a Virgem Maria, como alguns diſſerão, *Sequêtes* (diz S. Hieronymo) *deliramenta Apocryphorum*, ſeguindo os tres-valios dos Apocryphos; porque foi ſempre Virgê antes, & depois do cazamento, q̃ fez com apuriſſima Virgê Senhora noſſa, como tem a Sancta Madre Igreja. E era cõveniente, que aſſi ſoſſe, diz S. Hieronymo, para que do cazamento de dous Virgens Joseph, & Maria naſceſſe hum filho Virgem Christo Senhor noſſo: *Vt ex Virginali conjugio Virgo filius naſceretur*. Tão pouco cuido, que algum delles ſoſſe ſeu irmão, porque S. Joseph (ſegundo dizem Brugenſe, & Maldonado) era unico filho de Jacob, legitimo herdeiro de David, aſſi como era a Senhora unica filha de S. Joachim, & de S. Anna.

50 Mas dirmeheis: Se S. Joseph foi ſempre Virgem, como ſe entende o lugar de S. Mattheos, em que ſe moſtra, que Christo teve irmãos, & irmãs: *Nonne mater ejus dicitur Maria, & fratres Iacobus, & Iſeph, & Simon, & Judas?*

das? *Et sorores ejus nonne omnes apud nos sunt?* A esta duvida responde doutamente S. Hieronymo, que o estylo, & costume da Sagrada Escritura he de chamar irmãos aos primos: *Fratres autem consobrinus dici, omnis Scriptura demonstrat*; assi como S. João chama irmã da Senhora à Maria Cleophe: *Soror matris ejus Maria Cleophae*, sendo (diz BarONIO) sua prima, filha de algum irmão, ou irmã de S. Joachim, ou de S. Anna, dos quaes por ventura derivarão estes primos, & primas de Christo Senhor nosso, que em S. Mattheos se chamão com titulo de irmãos: *Nonne mater ejus dicitur Maria, & fratres ejus Iacobus, & Ioseph, &c.*

51 Por remate de tudo obrigame o vulgo ignorante acostumado a ler por hum, ou dous livros, sem penetrar o sentido, em que fallão, nem conhecer pelos mais Authores a intelligencia delles, à responder á outra duvida tanto mais difficullosa, quanto mais vulgar, & menos entendida. Achase escrito em Vilhegas, em Ribadineira, & outros livros, q̃ andam pelas mãos do vulgo, que a Bemaventurada S. Anna foi natural de Bethlem, filha de Estolano, por outro nome Gazi, & de Emerencia sua consorte, ambos da Tribu de Judá, & da Caza Real de David. O mesmo refere Fr. João de Pineda da Sagrada Religião Seraphica, o qual passando mais avante diz com a authoridade de S. Augustinho, & de outros, que Estolano, & Emerencia tiveram duas filhas naturais de Bethlem, S. Ismara, que cazou com Aprano da Tribu Sacerdotal de Levi, dos quaes nasceo S. Isabel Mãe de S. João o Bautista, & S. Anna de menor idade, que cazou com S. Joachim da Tribu Real de Judá, dos quaes nasceo a Virgem Maria Mãe de Deos. Se isto pois he assi, não he S. Anna filha de Mathan avô de S. Joseph, & da Virgem Maria sua purissima Esposa.

52 O mesmo argumêto pudera eu fazer cõtra aquelles, q̃ com este fahem. Se Nicepharo Callixto, á quẽ segue o Cardenal BarONIO, por authoridade de S. Hippolyto, Authores mais antigos, diz q̃ S. Anna foi filha de Mathan, & de Maria,

E c

como

Vmbr.
Virg. n.
1209.
Vincent.
Fer. ser. 2.
de Nativ.
Virg.
Andr.
Cretens.
orat. 1. de
Dormit.
Virg.
Niceph. l.
1. Hist. c. 7
Novar. de
Vmbr.
Virg. n.
1209.
Hieron.
Brugens.
in cap. 1.
Matth.
Maldon.
ibid.
Matth.
13. n. 55.
Hieron.
in Matth.
12. in fine.
Joan. 19.
n. 25.
Baron. in
Appar. ad
Annal.
Ecclef.
n. 67.
Villeg. de
S. Anna.
Ribad. de
S. Anna.

Pineda
de vita
S. Joan.
Bapt. l. 1.
art. 1. c. 4.
§. 15.
August.
ferm. 25.
ad Frat.
in Erem.
Niceph.
Callix.
Baron.
D. Hip.
Hieron.
contr.
Helvid.
1. Reg. 16
n. 1.
Matth. 1.
n. 5.
4. Reg.
23. n. 34.
Marc. 3. n.
16.
Matth. 10
n. 3.
Hieron.
in Matth.
c. 10.
Matth. 1.
n. 1.
Luc. 3.
n. 23.

como diz Vilhegas, Ribadineira, & Pineda Authores muy modernos, que foi filha de Estolano, & de Emerencia? Mas não quero argumentar contra o vulgo, que me não sabe responder. Querolhe somente dizer com S. Hieronymo : *Disce Scripturæ consuetudinem, eundem hominem diversis nominibus nuncupari*: Aprende ó homem o costume da Sagrada Escritura, de se chamar huma mesma pessoa com diversos nomes. O pay del-Rey David no primeiro livro dos Reys se chama Isai : *Mittam te ad Isai Bethlehemitem*; & em S. Mattheos chama-se Jesse : *Jesse autem genuit David Regē*. Jechonias filho de Josias chamavase primeiro Eliacim; & por el-Rey de Egypto no quarto dos Reys chamou-se ao depois Joachim. De S Joachim já dissemos, que se chamava tambem Eliacim, & Heli. S. Pedro chamavase Simão: *Et imposuit Simoni nomen Petrus*. S. Judas em S. Mattheos chama-se Thadeo : *Iacobus Alphaei, & Thaddæus*; & S. Hieronymo diz, que se chamava tambem Lebeo : *Iudas Iacobi dicitur; & alibi appellatur Lebæus*. He isto na Sagrada Escritura tão ordinario, & tão commum entre os Hebreos, que não faltou quem dissesse, que todos os nomeados por S. Mattheos na genealogia de Christo, são os mesmos, que nomea S. Lucas, mas com diversos nomes, o que he falso. Tendo nós pois na substancia o mesmo, que dissemos, que S. Anna, & S. Ismara erão naturaes de Bethlem, da Caza Real de David; & que a mais moça S. Anna cazou com S. Joachim da Tribu Real de Judá, dos quaes nasceo a Virgem Maria; & que a mais velha S. Ismara cazou com hum homem da Tribu Sacerdotal de Levi, dos quaes nasceo S. Isabel, não vedes que a questão he de nome? *Est questio de nomine*, dissera o Philosopho, que por terem diversos nomes, parecem diversos nas pessoas, sendo os mesmos. Não vedes que se á estes se ajuntar outra filha mais velha Maria máy de Salomé, & avò de S. João o Evangelista, & de Santiago o Maior, a Arvore da genealogia de

de Christo vem à ser em substancia a mesma com a que pintamos, mas com diversos nomes? E se o não vedes com os olhos do entendimento, vedeo com os corporaes na pintura da mesma Arvore Real, que com todos os nomes aqui ponho.



53 De maneira que por qualquer modo que contarmos, & partirmos a genealogia de Christo Senhor nosso, mostra-se, que não quiz Deos dar ao Mundo seu divino Redêptor, se não na decima sexta geração de seus Avós treplicada, pintando, & debuxando nella a decima sexta geração do nosso dezejado Rey, & Redemptor Portuguez, com as circunflancias de sua feliz acclamação. He pois rezão, que repararemos no mysterio, que incluye o numero de deza seis, para vermos, qual foi a cauza de acudir Christo ao Mundo, & resgatalo na decima sexta geração de seus Avós reduplicada, & de acudir, & libertar tambem à Portugal na decima sexta geração de seus Reys. Porque não antes? Porque não depois? Porque não na decima quinta? Porque não na decima septima?

54 Dirmehes, que não depois, porque não lhe soffreo mais coração de ver chorar ao Mundo, & suspirar por seu divino Redemptor com tantas lagrimas, & á Portugal por seu dezejado libertador com tantas lastimas. Está bem. Mas porque não antes, se desde que passou o Reyno á Castella começou Portugal à lastimar-se? Se desde q se perdeu Adão chorou sempre o Mundo? Sabeis porque? Para mostrarnos, que elle era perfeitissimo sobre todos; & que o Rey, que nos deu era tambem de toda a perfeição, o mayor de todos. Notem os Portuguezes com atenção o que digo, para renderé muitas graças á Deos por tão grande, & perfeitissimo Rey que nos tem dado.

55 He o numero 16. numero mysterioso composto de dez, & seis, ambos mysteriosos. Porque o numero de dez, diz Abulense, & a Glosa, & ultimamente o Padre Sylveira, significa a ley velha, que em dez mandamentos deu Deos aos Hebreos: *Per decem vetus testamentum intelligitur, quod datum est in decem mandatis*: E o numero de seis (diz o mesmo Doutor com S. Augustinho) he numero perfeito. Não affi o numero de sinco. Por onde a ley velha, porque era imperfeita estava escrita em sinco livros; & S. João

Abulens.
q.2.inPro
log.Matt.
glos.in c.1
Matth.n.
17.
Sylveir.1.
1.cap.2.
q.43.n.
118.&c.5
q.1.n.2.
August.
tract.17.
in Joan.

Precursor de Christo, por ser typo, & figura da ley velha, foi concebido cinco mezes antes que fosse concebido Christo. Pelo contrario, foi concebido Christo no sexto mez depois da conceição de S. João, porque era perfeitissimo; & Deos quiz no sexto dia, & não no quinto criar á Adam, para mostrar, que criava ao homem com toda a perfeição. Pois Christo Senhor nosso quiz acudir ao Mundo perdido na decima sexta geração de seus Avòs, reduplicada, & não na decima quinta, para mostrar no numero de dez, que elle vinha para cumprir, & dar satisfação á ley, como elle mesmo disse: *Non veni solvere legem, sed adimplere*: & no numero de seis, que elle era perfeitissimo entre todos. E quiz tambem acudir à Portugal na decima sexta geração de seus Reys, & não na decima quinta, para mostrar no numero de dez, que o Rey que tinha escolhido, para no lo dar, he muy observante de sua sancta ley, muy zeloso do que nella se manda. E no numero de seis, que he Rey de toda perfeição, justo, pio, prudente, magnanimo, grandioso, basta dizer ser Rey prometido por Deos, em qué disse, q̃ havia de empregar seus divinos olhos: *Respiciet, & videbit*, escolhendo-o, & acclamando-o com prodigios, & milagres.

Matth. 5.
n. 17.

Vieg. l. 4.
pag 132.
Almeida.
da Restau.
de Port. 1.
p. c. 5.

57 Maior mysterio esconde este numero de dezaseis na pessoa del-Rey nosso Senhor, para examinarmos de novo, porque Deos libertou á Portugal na decima sexta geração de seus Reys, & não antes? Se Portugal passou à Castella na decima quarta geração em tempo do Serenissimo Duque de Bragança D. João o I. Avò del-Rey nosso Senhor, porque o não resgatou logo no mesmo tempo? Porque o não libertou ao menos na decima quinta geração, que se seguiu do Serenissimo Duque D. Theodosio seu filho, pay del-Rey nosso Senhor?

58 Para resposta desta duvida he necessario saber, que por muitos modos contão os curiosos a decima sexta geração do nosso invictissimo Rey, & acclamado Senhor D. João IV. O que mais me contenta he dos que contão oito gerações

ês de Reys de Portugal até el-Rey D. João I. fundador da Serenissima Caza de Bragança, & outras tantas de Duques da mesma Caza Real até o Serenissimo Duque D. João II. hoje Rey de Portugal D. João IV. Porq̃ ainda que os Reys de Portugal desde el-Rey D. Affonso Henriquez até el-Rey D. João I. quanto ao numero das pessoas são dez; com tudo as gerações não são mais que oito, em razão, que el-Rey D. Affonso III. & el-Rey D. João I. succederão no Reyno á seus irmãos, com os quaes não fazem duas gerações, mas hũa só, á saber el-Rey D. Sancho II. cõ seu irmão D. Affonso III. conta-se por hum geração; & el-Rey D. Fernando com seu irmão D. João I. conta-se por outra. E assias dezaseis gerações desde el-Rey D. Affonso Henriquez primeiro Rey de Portugal até el-Rey nosso Senhor D. João IV. he força, que se dividão em duas ametades, cada hũa de oito gerações, hũa de Reys, & outra de Duques nesta forma.

REYS

De Portugal

- 1 El-Rey D. Affonso I.
- 2 El-Rey D. Sancho I.
- 3 El-Rey D. Affonso II.
- 4 El-Rey D. Sancho II.
com seu irmão.
D. Affonso III.
- 5 El-Rey D. Dinis
- 6 El-Rey D. Affonso IV.
- 7 El-Rey D. Pedro
- 8 El-Rey D. Fernando.
com seu irmão
D. João I.

DUQUES

De Bragança

- 1 O Infante D. Affonso
primeiro Duque filho
del-Rey D. João I.
- 2 O Duque D. Fernando I.
- 3 O Duque D. Fernando II.
- 4 O Duque D. Jaymes
- 5 O Duque D. Theodosio I.
- 6 O Duque D. João I.
- 7 O Duque D. Theodosio II.
- 8 O Duque D. João II.
hoje Rey de Portugal
D. JOAM IV.

56 Mysteriosa conta para o fim que pretendemos. Já dissemos, ser o numero de seis numero mysterioso, que denota perfeição. Que tambem seja assi o numero de sete o diz o Theologo de Pariz: *Septem autem dicuntur, idest,*

A SAGRADA COMVNHAM RESTAURADA NA INDIA,

RESTITUIDA
A OS CHRISTAOS DE TODO
aquelle Estado taõ dilatado.

LIVRO II.

DIVIDIDO EM QUATRO SERMOES,
*QUE PREGOU NA INDIA, NA CIDADE DE GOA,
Na Sé Primacial*

O M.R.P. DOM ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,
Neapolitano, Dontor na Sagrada Theologia, Vigario Geral
dos Clerigos Regulares Theatinos da Divina Providencia,
Missionario Apostolico, & Prefecto das Missoes da India,
Fundador dos Conventos de Nossa Senhora da Divina
Providencia da Cidade de Lisboa, & de Goa.

ASSISTIO O ILLUSTRISSIMO SENHOR
D.Frey Francisco dos Martyres, Arcebispo de Goa,
& Primáz da India, os RR. Inquisidores,
o R. Cabido, muytos Parocos Regulares,
& Seculares, Nobreza, & Povo.

*SI QUIS NEGAVERIT, OMNES, ET SINGULOS
Christi Fideles, cum ad annos discretionis pervenerint, teneri
singulis annis, saltem in Paschate, ad communicandum, juxta
praeceptum Sanctae Matris Ecclesiae, Anathema sit.
Conc. Trident. Sess. 13. de S. Euch. Sacram. can. 9.*

**GEMIDOS
DOS CHRISTÃOS
BRAMANES, E CANARINS,
E DE OUTRAS MUITAS CASTAS,
& Nações**

**DO ESTADO DA INDIA,
POR NAM COMUNGAREM**
em nenhum tempo da vida, nem tão pouco na Pascoa,
& no perigo da morte, conforme Deos manda,
& a Sancta Madre Igreja.

SERMAM I.

PREGOV-O NA INDIA,

Na Sé Primacial de Goa
OM.R.P.D. ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,
Clerigo Regular, Theatino da Divina
Providencia,

No terceiro Domingo 21. de Maio de 1645. Na festa votiva do
Sanctissimo Sacramento

PARVVI PETIERVNT PANEM,
& non erat, qui frangeret eis . Thren. 4. n. 4.

Illustrissimo Senhor.



Este Estado tão dilatado da India, cõ-
quistado com tão grande esforço, &
valor dos antigos Portuguezes, aslom-
bro das Nações de Europa, espanto
do Mundo, & terror deste Oriente, que
navegando tão vastos, & medonhos
Mares nunca dantes descubertos, não estimando a propria

F f ij

vida

vida, para sojeitarem ao Imperio de Christo muitos povos , & á Coroa de Portugal muitos Reynos , a eternizarão com gloriosa fama na memoria dos homens .

2 Nestas Conquistas tão espalhadas, em que com o poder de suas armas avassallarão muitos Reys Mouros, & Gentios, renderão muitos Reynos , senhorearão muitas Provincias, triumpharão de tantas, & tão barbaras Naçoens; & com a pregação da Fè Catholica destruirão muitos Pagodes, derrubarão muitos Idolos , converterão á Christo quasi infinito numero de Gentios, com tão grande zelo, & dezejo de dar á conhecer à todos seu sanctissimo nome, que depois do Apostolo S. Thomé merecerão com justo titulo, & immortal louvor, serem chamados Apostolos da India, & primeiros ministros do Evangelho .

3 Nesta vinha tão grande do Senhor, plantada com tão grande trabalho, & desvelo desde o seculo passado por tão grande numero de Prelados, tão sanctos como doutos, tão exemplares como vigilantes Pastores, Bispos, Arcebispos, Patriarchas, & Primases, cultivada por tantos Religiosos de tão raro espirito, & letras, regada com o sangue de tantos Martyres, conservada por tantos Parochos com tão honroso titulo de Priores, Reitores, Vigairos, & Curas, todos zelosos de seus maiores augmentos, pura na Fé, sancta nas obras, admiravel no culto divino, rica de merecimentos, fertil por virtude divina, abundante no espirito, copiosa no fructo, assistida do Spirito Sancto com enchentes de graça, & emparada por Deos, pretender eu de remediar faltas geraes, desfazer erros communs, reformar costumes envelhecidos, & tirar abuzos, & pecados de largos annos, introduzidos com errados pretextos na administração da Sagrada Comunhão, negada aos Indios, & aos mais Christãos naturaes deste Mundo novo, & tão grande do Oriente por toda a vida, & ainda no perigo da morte, contra o que Deos manda, & a Igreja Catholica com preceito, difficultoso empenho, arriscada empresa, trabalhoso remedio .

Se

4 Se me representa, que terci contra mim toda a India, a authoridade de tantos Prelados, que nunca tratarão de remediar tão grande erro, & pecado, ou por não o advertiré, ou por mais não poderem, as letras dos Religiosos, o zelo grande dos Parochos, os Concilios Synodales, & Visitas geraes dos Bispos, que não o atalharão, & toda a Nação Portuguesa, que assiste nestas Conquistas, que para seu credito, para mostrar que não errarão, impugnarão a doutrina, que prégio por nova na India, proposta por hum estrangeiro, & contrariarão o que faço.

5 Se assi for, o que não supponho dos doutos, direi à todos o que em semelhante cazo disse o Senhor, pregando no Templo de Salamão aos que censuravão sua doutrina por *Joan. 7. nova: Mea doctrina non est mea, sed ejus qui misit me: A n. 16.* minha doutrina não he minha, mas de quem me mada pregar. He de Christo Senhor nosso, que manda aos Ministros Evangelicos, que a ensinem, & preguem à todos. He a doutrina commúa, & geral da Igreja Catholica. He a que decretarão os Sagrados Concilios. He a que mandarão com preceito guardar os Summos Pontifices Romanos. He a que escreverão os Sanctos Padres em seus doutissimos livros. He a que ensinão commumente os Theologos. He a que concordemente sostentão todos os sagrados Doutores, os quaes condenão os Parochos, que a não poem por obra. He a que praticarão os Apostolos na primitiva Igreja, que sempre se observou, & guardou até o presente cõ todos os Christãos convertidos à nossa sancta l. é, que sã na India por erro, & cegueira se não guarda.

6 Ha mais dizer? Sim. He a doutrina, que nos ensinou Christo nosso divino Mestre, & Senhor na derradeira Cea, quando instituiu a Eucharistia, que primeiro pos por obra, que a mandasse guardar. Com suas divinas mãos deu seu sagrado corpo aos Apostolos, gente humilde, homens pobres, pescadores descalços, mal enroupados, & tão pouco limpos, que nem quando comião, lavavão as mãos: *Non*

Matth. 15
n. 2.

enim lavant manus suas, cum panem manducant; & o que
mais faz ao nosso intento, homens rusticos, & ignorantes,
& tão novos, & fracos na fé, que logo depois de comunga-
rem negou S. Pedro á Christo por tres vezes, & os mais
Apostolos fugindo, quando o virão prezo no Horto, mo-
strarão com as obras o pouco que nelle crião. Com tudo
não só não lhes negou o Senhor a Sagrada Comunhão; mas
diz S. Lucas, que lha administrou, & lha deu com muy grã-
de vontade: *Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vo-*
biscum. Et accepto pane dedit eis dicens: Hoc est corpus me-
um. E no cabo, para que fizessem com todos, o que fez com
elles, lho mandou com preceito: *Hoc facite.* Esta he a dou-
trina que prègo, este o preceito divino, que manda Deos
prègar, & ensinar á todos: *Mea doctrina non est mea, sed*
ejus qui misit me.

Luc. 22.
n. 15, &
19.

Proverb.
31. n. 14.

7 Para obervancia deste preceito, para que comunguê
os Indios, & os mais naturaes destas Conquistas ao menos
na Paschoa, & na hora da morte, me levou Deos enfermo,
obrigado dos Medicos á fahir desta Cidade para os ares ma-
is fadios de Guadalupe, à Igreja de sua sanctissima Mãe, a-
onde me descubrio tão grande falta, & pecado, para com o
emparo da mesma Senhora lhe applicar o remedio. Por ser
ella, que nos trouxe do Ceo este divino pão: *De longe por-*
tans panem suum, à ella tocava remediar com Christo esta
falta. O pão he seu; mas quer, que seja de todos. Não o
trouxe só para si, mas tambem para nos. He pão sancto,
pão puro, pão branco, amassado em seu purissimo ventre
sem macula de pecado, & sem culpa; com tudo quer que se-
ja comida de todos, não só dos Justos, mas tambem dos pe-
cadores, não só dos libertos, mas tambem dos escravos, não
só dos brancos da Asia, Africa, & Europa, mas tambem dos
negros da India.

Luc. 1.
n. 7.

8 Não tinha a Senhora á Christo no collo, quando deste
Oriente o buscarão os Reis Magos com os mais Indios, que
levarão consigo, mas deitado na palha: *Reclinavit eum in*
præ-

praesepio. A hi o acharão os Pastores: *Invenērunt Mariam, & Ioseph, & Infantem positum in praesepio*. A hi mesmo o adorarão os Reys Magos com seus Indios: *Invenērunt puerum cum Maria matre ejus, & procidentes adoraverunt eum*. Se o tivera a Senhora no collo, não fo ra tão facil à cada hum tomalo dos braços de tão soberana Raynha. Os acovardara a reverencia, os atemorizara o respeito. O poz a Senhora no Presepio, diz Richardo de S. Lourenço, para que fosse comida de todos, dos brancos Pastores, & dos negros Indios: *Quasi diceret: Manducate: Ecce refectio vestra*.

Luc. 2. n.
16.
Matth. 2.
n. 11.

9 Se de seu pão he tão liberal a Senhora, que o dá á todos, á brancos, & negros, porque nestas Conquistas se nega aos Indios? Porque se nega aos naturaes deste Oriente negros, & brancos, aos Bramanes aguias do entendimento, aos Canarins, aos Japoens, aos Chinas? A Senhora pois tocava esta impreza. A ella me remeteo o Senhor, para que me descobrisse a falta, & me mostrasse o remedio. O mal q se não descobre, não pode sarar. A chaga oculta não tem mezinha, manifestada facilmente se cura. Foi sempre sabida esta falta, sempre notoria na India, mas sempre occulto o peccado, porque se não teve nunca por falta: Todos a vião, & ninguém a conhecia, como os Discipulos de Emmaús. Tinhão á Christo presente; o vião, hião com elle, com elle fallavão, & o hospedarão em sua propria caza, com tudo o não conhecião, porque o Demonio tinha prezo seus olhos, para que o não conhecessem: *Oculi illorum tenebantur, ne eum agnoscerent*. Virão todos sempre na India esta falta, & a não conhecerão nunca por falta. Vião todos o erro, & não o tinham por erro, porque *Oculi illorum tenebantur, ne eum agnoscerent*.

Luc. 24.
n. 16.

10 Na caza pois da Senhora, na Igreja de Guadalupe entre contentamentos, & choros; entre festas, & tristezas; entre galas, & lutos; entre gostos, & penas; entre alegrias, & lagrimas, vi enfermo dos moribundos as lastimas. Vi pobre sem Convento, sem Caza, sem fazenda, sem renda, no

vo na India, & estrangeiro, dos pobres os apertos, dos humildes as ansias, dos pequenos os brados, dos negros, de quem por negros se não faz cazo na India, o dezemparo, & de todos a fome, & o dezejo de comerem o pão da Eucharistia fomento da alma, & a pena, a dor, & o sentimento de não terem quem lho reparta. Vi o que diz Jeremias: *Parvuli petierunt panem, & non erat qui frangeret eis.*

Thren. 4.
n. 4.

11 O modo como Deos me mostrou este aperto, esta fome, esta falta, que não sabia, nem podia nunca imaginar, que houvesse na India, he para contar, para facilitar a impreza. Vi fahir o Senhor na Dominga passada de Quinquagesima pela manhã da Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, para se dar o Viatico á hum Canarim Gancar da quella Aldea gravemente enfermo, com tão grandiosa procissão, & acompanhamento, com tão grande pompa, & aparato, com tanta devoção, culto, & acatamento, que igual não vi, quando saye o Senhor para os enfermos em Roma, nem em outra parte de Italia, aonde a veneração devida ao Sanctissimo Sacramento está muito em seu ponto.

12 Levava o Senhor debaixo de rico Paleo o Cura da Freguesia, revistido com amicto, alva, & estola, & com capa bordada muy nova a melhor que tinha na sacrestia. As varas levavão os Clerigos com sobrepellizes, & estolas. A roda do Paleo hião muitos Irmãos do Sanctissimo com seus cirios acczos, & defronte do Senhor dous mininos vestidos como Anjos, que administravão o incenso. Estava a Igreja ornada com o melhor que tinha. As ruas por onde havia de passar o Senhor muy bem varridas, & limpas. As paredes com grande quantidade de ramos de palmeiras, & de outras arvores, que as fazião muy vistosas, & tão frescas como as alamedas. As janellas prevenidas com preciosas colchas, & cortinas de seda, & ouro, & bordados da China, que alegravão os olhos, & solicitavão os corações devotos à louvaré á Deus. A casa do Canarim enfermo, ainda que pobre, & limitada, & quasi terra estava muy bem armada de emprestado

ffado com ricas alcatifas, & pannos de seda, & com hum Altar muy bem armado, & ornado, para se collocar nelle o Senhor.

13 A procissão foi huma das maiores, que se custumão nas Aldeas, & nas Freguesias desta Cidade na solemnidade do Corpo de Deos. Precedia huma dança muito para ver de doze negrinhos musicos, que com vistosas galas variamente vestidos, balhando, & cantando, levavão á poz de si os olhos, & o applauso de todos. Seguiase logo hum terno de charamellas, que com suaue, & alegre consonancia, ferindo os ares deleitavão os ouvidos. Atraz dellas hia hum Estandarte branco muy grande, que levava hum irmão da Irmandade da mesma Senhora, & com elle toda a Irmandade bem ordenada com suas capas brancas, & cirios acezos na mão. Com a mesma ordem repartidas hião outras muitas Irmandades de outras Freguesias, que vierão acompanhar o Senhor com seus Estandartes, capas & cirios, & entre ellas diversas danças de moços, & mancebos bem concertados, & vestidos, que representavão diversas figuras, muito para louvar, & admirar a disposição, & o concerto. Mais a traz vinha a Cruz com a Irmandade do Senhor acrescentada para maior solemnidade com muitos irmãos do Santissimo das outras Freguesias, que authorizavão muito a Procissão, & a rendião mais devota. Perto do Paleo havia outra dança mais vistosa que todas, de mininos vestidos como Anjos, que com musicos instrumentos, huns tangendo, outros cantando, & todos balhando, emulavão à musica do Ceo, aonde com angelica armonia festejão os Anjos o Sanctissimo.

14 Os Sinos desde pela manhãa ao romper da alva com continuados repiques obrigarão aos Freguezes á sahirem de suas cazas com as melhores galas, & divisas, que cada qual pode inventar, alegres, & festivaes, por verem, que sahia o Senhor, para comungar hum dos seus, que nunca virão fazer naquella Freguesia. O concurso da gente era tão grande

de, que não havia romper pelas ruas, porque além dos Freguezes de Guadalupe, que são muitos, se despovoarão as Aldeas vizinhas, para se acharem nesta festa. Atraz do Senhor eram sem conto os Christãos que o acompanhavão, todos com as contas nas mãos, rezando sem fallarem huns cõ outros, que estimei muito de ver entre negros, por não haver nos brancos este culto.

15 Quem não se alegrara com esta vista? Quem não deu muitas graças à Deos, por ver neste Estado em hũa Aldea de negros Canarins tão grãde culto, & veneração ao Sanctissimo? Não cabia em mim de prazer. Cheo de contentamento, & muy edificado, chorando de alegria muitas lagrimas, me não sofreo o coração estar na cama, sem embargo de estar doente, quando todos com tantas demonstraçoens de Christãos se levantavão muito cedo com tão grãde gosto, & devoção, para acompanharem o Senhor; mas encostado em hum negro jûto ao Paleo fui a caza do enfermo vello comungar, o que fez com muitas lagrimas, & de lá para a Igreja, & se me representou, que se me fora a febre de prazer.

16 Na Igreja, com ser grande, não cabia a gente, a maior parte ficou fóra no Adro de joelhos, esperando a benção do Senhor. Reparei com maior jubilo, & alegria na grande devoção dos Christãos, assi homens, como mulheres, quando o Cura incensado o Senhor, depois de muitas danças, & muy devota musica, se virou para elles com o Sanctissimo na mão, para lhes dar a benção. As lagrimas, que choravão, o bater nos peitos, final, que se arrependião de seus peccados, o pedirem todos misericordia em voz alta, com outras demonstraçoens de Christãos, forão de modo, que bem mostrava nelles, ser firme, & constante a Fé, que professarão no Bautismo, & que firmemente crião, que debaixo das especies sacramentaes està o Corpo de Christo Senhor nosso, Deos, & Homem verdadeiro.

17 Até aqui foi para mim tudo contentamento, gosto,
jubilo,

júbilo, & alegria; mas logo se converteo tudo em luto, em afflicção, pena, & tristeza. Imaginando, que para commun-garem os enfermos sahia de ordinario o Senhor na India cõ grande magnificencia, dei ao Cura ao decer do Altar na Igreja hum abraço com mil louvores do que tinha visto, encarecendolhe, que nem em Roma cabeça da Igreja Catho-lica, nem nas mais Cidades de Italia vi cousa semelhante, para se levar o Senhor aos enfermos.

18 Aqui houve muy triste dialogo. Respondeume logo (mas foi disposição divina, & traça da Senhora) com estas palavras, que como settas me ferirão o coração, & affligirão a Alma: *He a primeira vez, que sabio o Senhor.* A admirado pergunteilhe: *Quanto ha, que está nesta Igreja?* Respondeu: *Ha tres annos.* Repliquei: *Em tres annos não morreo nin-guem nesta Aldea?* Respondeo: *Muitos.* Todos os mezes morrem dous, & tres, as vezes mais, & tal vez menos, por ser a Freguesia muy grande, conforme apertão as doenças. Em ouvindo tantas mortes, elpantado disselhe: *A nenhum dos que morrem se leva o Senhor, para comungarem por Viati-co?* Respondeo: *Se os mais delles nunca comungão, nem na Pascoa, nem em algum dia de sua vida, como hão de comün-gar na hora da morte?* Instei com pena: *Porque nunca comün-gão? Não são Christãos? Não se confessão? Não se absolvê de seus pecados? Porque pois não comungão?* Respondeume: *Não se custuma na India. Nesta Freguesia ha mais de tres mil Christãos, que se confessão todos os annos huma, & mui-tas vezes. Destes muy poucos comungão na Pascoa, & á nenhum se leva o Senhor estando enfermos, nem tão pouco no perigo da morte. Alguns ha, muy poucos, & muy raras ve-zes acõtece, dos q. comüição na Pascoa, q. para não morrerẽ sem o Santissimo Viatico, vem com risto de fica vida em huma rede, se tiver quem lha empreste, porque nenhum delles a tem, ou nos braços de alguem á Igreja comungar: Todos os mais morrem confessados, & absoltos de seus pecados, & quan-do muito com a sancta Vnção (que em muitas Freguesias nẽ*

á todos se leva) sem nunca comungarem . Instei mais com o ignorante deste execrádo costume da India com tanta afflicção , que choravão meus olhos muitas lagrimas : A este enfermo porque se levou o Senhor esta manhã , se não se leva á ninguém ? Respondeome . Levouse á este por ser grãde amigo do Vigairo , & lho pedir com muitas adherencias , & apertos . E por ser a primeira vez que sabia , & difficilmente haverá outra , houve tão grande festa , & aparato .

19 Aqui me não pude ter , que não sahisse contra elle cõ rigor . Por ser Ardizone no sangue , sou ardente nas obras . Mas nesta occasião todo o ardor foi do Ceo ; porque desculpandome Deos a falta , queria que lhe applicasse com todo o empenho o remedio , que sê fervor não fora muito efficaz . Agastado , & afflicto o reprehendi com aspereza , porq̃ o requeria a materia . Mostreilhe a conta muy estreita , que havia de dar á Deos na hora de sua morte , & no dia do juizo final de tantas almas que nunca comungão com risco de se perderem , & muito mais a perda da sua , por não guardar o que Deos manda , & a Igreja Catholica . Acudio o Vigairo , & muitos dos Clerigos que forão á procissão , & para se desculparem , culparão toda a India . Dixerão : *Assi sempre fizerão , & assi fazem desde o Cabo de Boa esperança até o Iapão em todas as Freguesias todos os Parocos , não sã Clerigos , mas , o que he mais , os Religiosos , á quem seguimos como exemplar ; pois delles aprendemos com as letras o meto , & com a doutrina a practica . Em todas estas Conquistas tão dilatadas á muy poucos se dá o Senhor , & dizem que foi sempre assi , desde que se descobrio a India . Não chegão á decima parte dos Christãos os que comungão na Pascoa , nê á millesima os que tomão o Viatico na morte . Não sã dez de mil , nem cento de dez mil . Todos os mais morrem sem comungarem . Tivemos sempre escrupulo nisto ; mas nós não somos figura , para emendarmos saltas geraes . Seguimos o que todos fazem .*

20 Oh triste reposta , ó execrando pecado ! Não o pude ouvir

ouvir sem tremer: *Contritum est cor meum in medio mei, contremuerunt omnia ossa mea*. No mesmo tempo me tornou o frio, & a febre. Esfriei-me de medo, & enfervoreci-me por paixão, & por zelo. Sintindo o mal de tantos Christãos, que por novos, & tenros na fé, he obrigação dar-lhes mais vezes, como á creanças da Igreja Catholica, o leite divino do Sanctissimo Sacramento, por ser doutrina muy certa do Apostolo S. Pedro primeiro Pontifice, & Vigairo de Christo: *Sicut modo geniti infantes, rationabiles, sine dolo, lac concupiscite, ut in eo crescatis in salutem*, com maior pena, & fervor estranhei, reprovei, & condenei tão errado costume, & tão tremendo peccado, & reprehendi á todos como devia.

21 Por ser esta contenda na Igreja tão chea de Christãos negros, naturaes daquella Aldea, homens, & mulheres sem conto, os mais delles Canarins com muitos Bramanes das outras Aldeas, que tudo ouvião, & tudo observavão, levantarão logo as vozes, bradando á Deos misericordia, & á mim que lhes mandasse dar o Senhor, alegando, & protestando, que erão fieis Christãos, que crião firmemente em Christo, & que dezejavão de o receber no Altar, com outras muitas palavras de acatamêto, & devoção ao Sanctissimo, & com tantas lagrimas, famintos por lhes faltar o pão da Eucharistia, que me obrigarão á chorar com elles, & á dizer á seu Vigairo, & ao Cura, que vissem nelles, & o remediaassem na sua Freguesia, o que diz com lastima Jeremias: *Parvuli petierunt panem, & nõ erat, qui frägeret eis*, pedindo-lhes, que logo có desvelo, có cuidado, & com zelo trataasse de dar á todos o Senhor, admittindo na proxima Quaresma, que foi a passada deste anno, os que achassem capazes de o receberem, & instruindo os que necessitassem de ensino, como manda Christo Senhor nosso: *Docete omnes gentes, para que ninguem ficasse excluido da meza divina do Altar*.

22 O grandeza do Altissimo! O liberalidade, ó piedade da Virgem Senhora de Guadalupe, verdadeira Mãe de

misericórdia, que descobria esta falta, para a remediar, cõ-
 padecida de seus Fregueses, para que todos recebesse á seu
 divino filho na Eucharistia, unidos com elle por fé, por
 amor, & por graça. Assi como eu disse, o fez o Vigairo, & o
 Cura. Conhecerão o erro, & tratarão scrupulosos da emẽ-
 da. Logo na quarta feira de Cinza, & na Dominga seguin-
 te primeira de Quaresma, na Missa que celebrarão, disserão
 á seus Fregueses, que darião á todos o Senhor, & lho leva-
 rião na hora da morte, se melhorassem na vida. Disto se re-
 sultou confessaremse muitos geralmente de seus pecados,
 refazerem outros muitas confissões malfeitas, restituirem
 outros o alheio á seus donos, apaziguaremse muitos, que de
 largos annos vivião sempre inimigos, & o que mais foi pa-
 ra louvar á Deos, & para todos os Parocos fazerem o mes-
 mo na India, mais de centocincoenta Christãos, muitos
 delles com suas familias, se denunciarão voluntariamente
 á Sancta Inquisição, dizendo, que, scandalizados de lhe ne-
 garem o Senhor, por não serem tratados como Christãos,
 vivião como Gentios, adorando os Idolos no Idalxà, & vi-
 sitando os Pagodes. Mas que agora que havião de comun-
 gar, detestavão á Idolatria, & protestavão de viver, & mor-
 rer na Fé Catholica. Tudo o que digo he publico, tudo he
 notorio. Todas estas noticias já vos che garão, alem de con-
 star por huma certidão do Vigairo de Nossa Senhora de
 Guadalupe jurada em Verbo Sacerdotis, que apresentei ao
 Illustrissimo Senhor Arcebispo Primas, que presente està,
 que me obrigou á fazer este Sermão, sem embargo de an-
 dar tão doente, para que mostrasse á todos o pecado da In-
 dia, pelo qual Deos nos castiga com tantas perdas de Praças,
 de Cidades, de Terras, & de Christandades, persuadindo
 o atrependimento, & a emenda, para que se não percão tã-
 ras Almas, que perecem de fome por falta de quem lhes dê
 o pão da Eucharistia: *Parvuli petierunt panem, & non erat
 qui frangeret eis.*

23 Por tres motivos, & rezoës muy grandes convem, &
 he

he obrigação, que todos os Parocos Regularès, & Seculares dêem à todos os Christãos de stas Cõquistas o pão da Eucharistia, não só na Pascoa, mas muitas vezes no anno, & muito mais no perigo da morte, como Deos manda, & a Sancta Madre Igreja com preceito.

A primeira pelo que devemos á nós, para nosso credito, & para que Deos não nos castigue.

A segunda pelo que devemos à elles, por divida, & por restituição.

A terceira pelo que devemos á Deos, por obediencia, & por gratidão.

O empenho he grande, a impreza difficullosa. Necessito de V. S. Illustrissima o braço, dos Parocos o desvelo, dos Portuguezes o favor, dos Ouvintes o sofrimento, se for mais cumprido do que custumo, do Senhor a graça, da Senhora de Guadalupe o emparo. *Ave Maria.*

*PARVULI PETIERVNT PANEM,
& non erat qui frangeret eis.*

24 **H**E traça de Deos, diz S. Paulo nas obras grandes, & emprezas mais difficullosas, para mostrar seu immenso poder, valer-se dos necios, para confundir os Sabios, & dos mais fracos, para abater, & subjugar os mais fortes: *Quæ stulta sunt mundi elegit Deus, ut confundat sapientes, & infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia.* Para mostrar, que he toda sua esta empresa, & de sua Sanctissima Mãe, & que elle he, que quer desterrar da India este pecado, para salvar muitas almas Christãas ovelhas suas, & apascentalas com o pão de seu sagrado, & divino Corpo, para que não pereção de fome, & levantar o flagello de tantas perdas, com que nos tem castigado atègora, escolheo para ella o mais indigno Theologo, & o mais fraco sojeito, hum estrangeiro muy novo na India. Não entendão pois comigo os Sabios, se Sabio se pode chamar quem não conhece

1. ad Cor.
rint. I. n.
27.

nhece este erro, este abuzo, esta falta, este pecado tão geral, & tão grande, porque de Deos he o pleito, com elle hade ser a duvida, & a contenda. Nem tão pouco me encontré os poderosos, porque contra Deos todo o poder he fraço.

25 Nem me posso persuadir ao menos dos doutos, mormente Religiosos, zelozos do bem spiritual das Christandades destas Conquiſtas, que não conheção a culpa dos Parocos, & não dezejem, quando a não procurem, a emenda; porque a falta he muy geral, que não pode Deos deixar de castigar, se lhe não vir o remedio. Não sô se não dá nunca, nem na vida, nem na morte o pão da Eucharistia aos negros Christãos de Monumotapa, dos Rios de Cuama, de Sophala, de Moçambique, de Bombaça, & semelhantes cativos, tidos por buſſaes incapazes da Sagrada Comunhão, por fallarem mal Portuguez, como se nós fallaramos bem a sua lingua, ou fora preceito, & obrigação, fallarem bem Portuguez, para se lhes dar o Senhor; tendo nós maior obrigação de aprêdermos a sua lingua, para os instruímos nos Myſterios da Fé, do q̃ elles a nossa, mas né tão pouco se trata de os ensinaré, para poderé comungar, sendo assi, que destes, os muitos, q̃ parté todos os annos có seus Amos nas Naos da via gẽ para o Reyno, todos lá comúgão na Pascoa, & em algúas festas, & Jubileos do anno, & se lhes leva o Senhor da Freguesia, se estiverem enfermos, mormente no extremo da vida, até a cama, aonde estão muy pobremente deitados. Pois de q̃ nasce que lá todos comungão, & aqui nenhum? Lá se achão todos capazes, para receberem o Senhor, aqui para sempre incapazes. Os ares do Reyno não influem nos negros, que daqui vão para lá, maior habilidade para comungarem, que o clima da India. De que pois nasce que lá comungão, & aqui não? Nasce, porque lá na administração dos Sacramentos não atentão os Parocos pelas cores do rosto, se são brancos, ou negros, nem pelo cativoiro da pessoa, mas pela salvação da alma de cada hum, & pela observancia dos preceitos. Os ensinão, os instruem, & os obrigão à comungar.

gar. Mas aqui basta ser negro, mormente cativo, para se des-
femparrar, & botar ao lonje em hum canto.

26 Mas não somente estes negros cativos são os que não
comungão neste Estado da India. Muito maior sem com-
paração, & sem conto he o numero dos Christãos libertos
naturaes destas Conquistas, gente muy bem entendida, á
quem nunca se dá o Senhor. Quantos Bramanes há, entre
os negros mais estimados, tidos por gente nobre, aguias do
entendimento, que fallão muito bem Portuguez, & com
tudo nunca comungão! Quantos Canarins homês muy agu-
dos de habilidade, & de engenho! Quantos Charaddos,
quantos Vaniôs muy capazes, os mais delles filhos, netos, &
bisnetos daquelles primeiros Christãos, que se converterão
à fé Catholica, quando se descobrio a India! Quantos das
outras Nações deste Oriente! Quantos brancos Chinas, &
Cocchincinas, gente politica de muy grande juizo, que por
novos, & tenros na fé se lhes nega o Senhor, sendo obriga-
ção, & acerto de lho darem por reziem bautizados, muitas
vezes mais, para os confirmarem, & fortificarem na fê!
Quantos Japoês nunca comungarão no tempo que florecião
as Christandades naquelles Reynos, q se perderão pelos nos-
sos pecados! Tratemos pois da emenda para nosso credito,
& para nosso bem, para que Deos não nos castigue com mais
perdas, com risco de perdermos com a India a Alma.

27 Mais he para chorar, que hum numero tão grande de
Christãos, que se não pode contar, nunca comunguem, do
que he para festejar, que se convertessem á Christo. Diz S. Machar.
Macario, que se os parentes, & amigos choram, por desconfiarem da saude do enfermo, que não come, para se alimen-
tar, chora tambem Deos, & os Anjos, segundo o nosso mo-
do de fallar, por desconfiarem da salvação de quem nunca
recebe o pão da Eucharistia, alimento spirtual de sua alma.
*Quemadmodum in infirmis, si corpus ultra cibum sumere ne-
queat, desperant de ipsis, ac deflent omnes amici veri, co-
gnati, atque dilecti: Ita luget Deus, & Angeli Sancti Ani-*
mas

mas illas, quæ non vefcuntur cæleſti ſpirituâli cibo.

Thren. 4.
n. 4.
D. Paſcha.
lib. 4. in
Thren.
Gloſ. hic.

28 Não duvido que deſta falta ſe laſtimaffe Jeremias, quando diſſe: *Parvuli petierunt panem, & non erat qui frãgeret eis*; porque no ſentido ſpirituâli, diz S. Paſcaſio, & a Gloſa ordinaria neſte lugar, que fallou do pão da Euchariftia: *Parvuli cogitatus cûm de Chriſto ſempiterna vita concipiuntur, mox requirunt panem illum, qui de Cælo deſcendit*. Nem tão pouco duvido, que fallaffe dos Chriſtãos deſtas Conquiſtas: Que viſſe em ſpirito coĩmo Propheta eſta falta: Que Deos lha moſtraſſe tanto de antemão, para ſe laſtimar delles. Lhes chama pequenos: *Parvuli* por humildes, por pobres, por deſemparados, por negros, tidos em menos conta na India pelos brancos; como tambem por novos, & tenros na fê, ſão como creanças: *Parvuli*. Seu leite he o pão da Euchariftia, que pedem famintos, & não ha quem lho dé: *Petierunt panem, & non erat qui frangeret eis*.

29 Tenho corrido muita parte do Mundo, & viſto muitas Chriſtandades novas de infieis reziem convertidos à Fé Catholica, & não vi nellas eſta falta tão grande, que vejo na India. Nas Indias de Caſtella houve tambem algum tẽpo, quando ſe deſcobrirão; mas conhecido o peccado, logo ſe atalhou, logo houve zelozos, & doutos, que moſtrarão, que ſe não podia fazer. Logo houve quem eſcreveo neſta materia à favor dos Indios. Sò neſta de Portugal perſeверou eſte abuzo. Só aqui vejo eſte erro, eſte peccado, tanto mais para ſe laſtimar, quanto he o dano maior; porque perdem eſtes Chriſtãos a graça divina, que comunica o Sacramento da Euchariftia á quem dignamente o recebe: & hum grao de graça he mais para eſtimar, & val muito mais, que todo eſte Mundo. Tratemos pois do remedio. *Emendemus in melius* (diz a Igreja Catholica na Miſſa de Quarta feira de Cinza, em que em Noſſa Senhora de Guadalupe ſe deu principio à emenda) *Emendemus in melius quæ ignorãter peccavimus, né ſubitó præoccupati die mortis queramus ſpatium penitentiae, & invenire non poſſimus*.

Miſſale
Roman.
Fer. 4. Cin.

Todos

30 Todos temos obrigação de nos emendarmos, se não for para obem spiritual de tantos Christãos convertidos por nós á nossa Sancta Fè, que he o principal motivo para esta emenda tão necessaria, seja para credito nosso, pelo que devemos á nós mesmos, para conservarmos com Deos, & com os homens a fama tão grande, & tão applaudida no Mundo, de termos plantado na India cô tâtas conversoens de Gétios o Estádarte da Fé, & dilatado por todo este Oriête o sãctissimo nome de Jesu. Dizia S. Paulo: *Christi bonus odor sumus* 2.ad Cor. in ijs, qui salvi fiunt, & in ijs, qui pereunt. Quer dizer: De tal maneira havemos de procurar, não sô pelo q̃ devemos á Deos, & ao proximo, a salvação dos q̃ corrê por nossa cõta de os encaminhar para o Ceo; mas por amor de nós mesmos, para nosso credito, & para nosso bem. Para que não nos culpem, que por falta nossa muitos se perderão, havemos de acudir igualmente à todos.

31 Maior descredito he conhecer o erro, & não reme- dealo, ver a culpa, & não retratala, do que he cometela por se não conhecer. *Peccare humanum est* (diz o Seraphico S. Boaventura,) *Permanere autem in peccatis diaboli- cum est*. Não dilatou David o arrependimento, quando conheceo seu pecado, mas se tornou logo á Deos, confessãdo a culpa, & prometêdo a emenda, acudindo ao seu credito cô o remedio, & não cô a desculpa. Quando vio sua falta descuberta, arrepedido disse. *Erravi sicut ovis quæ perijt: Quæ- servũ tuum, quia mandata tua non sum oblitus*. Senhor [dizia David] conheço, que erre: *Erravi*. Errei como homem, como ovelha, que por errado caminho se perdeu. Por não advertir no erro, tenho desculpa, & pelo confessar mereço perdão: *Erravi*. Agora que o conheço, o retrato. Pelo q̃ devo á vós, meu Deos, & pelo que devo ao proximo, & pelo que devo à mim, para meu credito, & para bem de minha alma, procurarei a emenda. Buscaime Senhor, ajudai-me, porque não estou esquecido dos vossos mandamentos. Cumprilos hey de hoje por diante muito à risca, assi como

H h ij

vós

vós mandais. *Quere servum tuum, quia mandata tua non sum oblitus.* O que disse David de si á Deos, he o que nos convem. Sigamos o que disse, & façamos o que fez. Conheceo o erro, & o confessou. Vio o pecado, & se arrependeo. Reparou na falta, & a emendou: E para ter á Deos de sua parte, deliberou guardar seus divinos mandamentos: *Quere servum tuum, quia mandata tua non sum oblitus.* Isto he o que nos convem para nosso credito, & para nosso bem, para termos á Deos da nossa parte, & se não perder a India.

32 Não haveis de reparar em quem vos descobre a chaga, para deixardes de a curar. Não haveis de atêtar, fer estrangeiro quem voia mostra, para lhe não applicares a mezinha. Atentai só pelo que vos mais convem para o vosso bem, para que Deos não castigue em vós o pecado da India. Porq̃ he estilo de Deos para as suas maiores empresas, para remedear, & perdoar faltas, & pecados, valer-se muito mais dos estrangeiros, que dos naturaes; porque os naturaes, para reprehender vicios, & pecados, não são tão accitos, como os estrangeiros. *Nemo Propheta, diz Christo, acceptus est in patria sua.*

33 Perdeu o Mundo, & o sojeitou á morte por seus pecados hum homem natural da terra, Adão nosso primeiro pay. Para o remediar não buscou Deos outro homẽ da terra, mas hum estrangeiro do Ceo: *Primus homo de terra terrenus: Secundus homo de Celo celestis.* Adão natural da terra o perdeu: Christo estrangeiro na terra, natural do Ceo, o remio. Não buscou neste Oriente hum Indio, para converter a India á sua Sancta Fé; mas no Occidente hum estrangeiro, á el-Rey D. Manoel, & á seus vassallos Portuguezes. Para prégar em Italia aos Italianos a cmêda da vida, & estirpar delles os vicios, & pecados, mandoulhe hum estrangeiro Portuguez. Mandoulhe á S. Antonio natural de Lisboa, feito por amor Italiano: E para prégar na India outra cmêda de erros, de abuzos, de faltas, & pecados, mandoulhe outro Antonio natural de Italia, feito por amor Portuguez.

Para

Luc. 4.
n. 24.

1. ad Co-
rint. 15.
n. 47.

Para converter os Ninivitas, mandou à Ninive hum Propheta estrangeiro, mandoulhes o Propheta Jonas. Se lhes mandara hum natural, quem sabe se se converterão. Por natural, ou dissimulara as faltas, ou os Ninivitas o não receberião. Por cuidarem os Israelitas, que Christo não era estrangeiro, homem do Cco, mas natural da terra, Israelita com elles, diz S. João, que seus naturaes o não quizerão receber: *Sui eum non receperunt*. Mais milagres fez Christo em Capernaum estrangeiro fora de sua patria, do que em Behelem, donde era natural: *Quanta audivimus facta in Capernaum, fac, & hic in patria tua*. Muitos mais milagres, & maiores faz S. Antonio em Padua terra alhea, Cidade em que està como estrangeiro, que na sua Patria de Lisboa. Ah meus amados Portuguezes, atentai pelo vosso maior bẽ, & não porquem volo propoem, & procura. Cuidai na faude da India, porque o mal he grande, & não se vos dẽ, que o cure hum Medico, que não he vosso irmão no sangue, se o he no affecto, & dezeja o vosso maior bem, de vos curar, & sarar. Esta falta, este abuzo, este pecado, de não comungarem em nenhum tempo os Indios he o maior mal que tẽdes. Façase o milagre de se remediar, & pouco importa, não ser por algum Sancto Portuguez, mas por hum estrangeiro pecador; quanto mais, que sã de Deos, de quem he a cura, ha de ser o milagre.

Joan..1
n.11.
Luc.4.
n.23.

34 Para com Deos todos fomos huns, naturaes de hum mesmo Reyno, vassallos de hũ mesmo Senhor. *Non enim* [diz S Paulo] *est distinctio Iudæi, & Græci: Nam idem Dominus omnium*. Somos todos irmãos filhos de Christo por graça, Cidadões do Cco. *Non enim habemus hic manentē Civitatem* [diz o mesmo Apostolo] *sed futuram inquirimus*. Seja o Medico quem Deos quizer, te nos der faude. Não reparou David com ser Rey, que o Propheta Nathan, mandado por Deos, o reprehendesse de seus pecados, & lhe poffesse diante dos olhos o adulterio, que cometera com Ber-sabe, que el-Rey cuidava, que era occulto; mas advertido

Ad Ro.
man. 10.
n.11.
Ad Hæb.
13.n.14.

obra, mas esperou pela ultima hora de sua vida, pela noite de seus trabalhos, em que entregue aos Judeos, havia de padecer muitos tormentos, & espirar logo no dia seguinte crucificado? *In qua nocte tradebatur. Antequam patiar.*

39 Como assi, meu amantissimo Deos, como assi? Para esta noite guardastes o cumprimêto do vossô maior desejo: *Desiderio desideravi?* A obra mais amorosa, & o maior milagre, que sahio do vossô immento poder, dilatastes para a hora tão triste, & tão penosa dos vossos martyrios no extremo da vida? Na noite em que os vossos deshumanos, & cruéis inimigos vos aparelhãõ hum sacrilego banquete, hum triste, & tragico convite, em que deliberarãõ, que vos servisse de meza a altura do Calvario, de convidados para comerem com vosco dous Ladroës, de cadeiras, & ricos assentos as Cruzes, por iguarias, & guizados tormentos, & penas. O licor suave, & nectar, que ordenavãõ para vossã bebida, vinagre misturado com fel. De precioso copo deliberarãõ huma aspera, & mal concertada esponja, de copeiro hum vil soldado, de pajens, & serventes os mais crucis, & barbaros algozes; & nesta meza tão sacrilega determinarãõ, que farto de opprobrios: *Satiabitur opprobrijs*, & com cruelissimas dores acabasseis miseravelmente a vida; vós meu Deos neste mêsmo tempo com immenso, & infinito amor nos aparelhastes huma meza divina, hum soberano banquete, em que nos destes em comida o pão dos Anjos, & o saboroso prato da vossã sacratissima carne, & por suave, & delicado vinho o vossô preciosissimo Sangue: *Accipite, & comedite: Hoc est corpus meum. Bibite ex hoc omnes: Hic est Sanguis meus.* Como assi meu Deos, que causa houve, ou que motivo para dilatar para esta hora obra tão amorosa, & tão divina?

Thren. 3.
n. 30.

Matth 26.
n. 26. & 27.

40 Grande he o mysterio, grande a duvida, mas para o nossô intento, para o que tratamos, he para notar, & ter sempre na lembrança a resposta; porque vem à apello, para conhecerem os Parocos o que hão de fazer na India com

go a instituição do Sanctissimo Sacramento , para lho dar , sem embargo de a ter dezejada *ab eterno* antes de se encarnar , & depois na encarnação, desde que foi concebido: *Desiderio desideravi, hoc Pascha manducare vobiscum, antequam patiar.*

41 Não ha meyo mais efficaz para os Christãos estarem firmes , & fixos na fé , mormente aquelles que já adultos , & de maior idade se converterão á Christo, que antes erão gentios , ou mouros , que a Sagrada Comunhão . O divino Sacramento do Altar (diz o Padre Novarino) requiere fé , para se receber ; mas recebido cria , fomenta , & conserva a mesma fé com que o tomamos : *Requirat hoc mysterium fidei, sed & nutrit, fovetque, adeo, ut mensae hujus convivae fidei clypeum accipiant, a mensa discessuri in fide fortiores.*

Novarin.
de Agno
Euch.n.
359.

42 Donde tanta fortaleza nos Martyres (diz o mesmo Padre) que pouco antes erão gentios , creanças na fé , moços na idade , molheres no sexo , de condição mais timida , & fraca , que logo desmaião com qualquer pena , ou dor ; com tudo não temião os tormentos , mas fortes , & constantes na fé , zombando dos Tiranos , os sofrião até amorte com grãde valor , com rosto muy alegre , & risinho , & com muita paz , & quietação da Alma ? Donde tanto valor , se não da Sagrada Comunhão do Corpo de Christo , que recebião antes , que sahissẽ em campo a pelear com o Tirano . Cõ este escudo tão forte sem fraquearem na fé , sofrião todo genero de tormento : *Martyres specta in tot tamque magnis tormentis adeo fortes, quin & leti; unde illis fortitudo tanta, ut non solum xquo animo, sed etiam hilari tot cruciatus sustinerent, ut inter eculeos, & candentes laminas riderent? Nam solebant ad martyrium ituri, cum possent, se caelestis Sacramenti communione munire, ac veluti quadam armatura protegere.*

Novarin.
ibid.n.
268.

43 Vedeo no fortissimo Martyr S.Lourenço , de quem canta a Igreja no Breviario Romano nas Antiphonas de sua festa : *In craticula te Deum non negavi, & ad ignem applicatus*

Antiph.
ad Bened

catus te Christum confessus sum. Assado em huma grelha de ferro, & queimado com fogo lento, para que fosse a morte mais dilatada, & o tormento maior, não neguei meu Deos a vossa sanctissima Fé, mas confessei sempre forte, & constante o vosso divino nome. Donde pois tanta firmeza na fé, donde tanto valor? Digao S. Augustinho. Ouvi meus Parocos suas palavras, para aprender à fazer com estes Christãos tão modernos o que sempre se fez com os antigos. Diz S. Augustinho, luz, & Mestre da Igreja Catholica: *In illa longa morte, in illis tormentis, quia benè manducaverat, & benè biberat* (à saber o corpo, & sangue de Christo) *tanquã illa esca saginatus, & illo calice ebrius, tormentum non sensit.*

Augustin.
Joan tract
27. in fine
cap. 4.

D. Dionis.
de Eccl.
Hier. c. 4.
D. Cyr.
Epist. 54.
D. Chri-
stost. ad
Neoph.
tom. 5.

44. Lede em S. Dionisio Arcopagita de Ecclesiastica Hierarchia, em S. Cypriano nas suas tão elegantes Epistolas em S. João Chrisostomo na Homilia ad Neophitos, & em outros muitos Sanctos, & Sãgrados Doutores, verdadeiros pays dos Christãos novamente convertidos á Christo, muy zelosos da Fé Catholica, & do culto, & reverencia devida ao Sanctissimo, & achareis nelles, que no mesmo dia, em que os convertidos á Fé se bautizavão, lhes administravão a Eucharistia, assi por rezão de que por meyo do Bautismo estavão suas almas em graça de Deos, muy limpas, & muy purificadas, não só da culpa original, mas dos pecados actuaes, assi mortaes, como veniaes, que he o principal apparelho, para receber á Christo no Sacramento; como tambem para se augmentar nelles a graça divina, & se confirmarem, & fortificarem na Fé Catholica: *Olim* [diz o Regio Doutor] *renatis è fonte Baptismatis, Sacra Eucharistia ministrari consuevit.* E com mais clareza na margem: *Olim recens baptizatis sacra Eucharistia ministrabatur.*

Reg.
Doct.
Mend. in
lib. 1. Reg.
cap. 6. n. 2.
annot. 22.
sect. 2.

45. Oh costume sancto tão mal avaliado na India! Gentios erão aquelles Christãos antes de se converterem á Christo, como estes: tão ignorantes antes de se instruirem nos mysterios de nossa Sancta Fé, como estes: Não direi aquelles mais agudos, que estes, porque vos confessais, & com

com verdade, que os Bramanes, & Charaddòs, & os que com mais commum vocabulo chamamos Canarins, & os Chinas, & Japoens, & outras muitas Naçoens destas Conquistas, se não são mais agudos, & de entendimento mais delicado, que os nossos Europeos, lhes não são inferiores. Pois tantos mil milhares de Christãos destas, & de outras Naçoens em todo este Oriente não menos entendidos, huns convertidos à nossa Sancta Fè, bautizados ha pouco, outros de muitos annos á esta parte, outros descendentes dos primeiros Christãos, que se converterão nestas Conquistas pelos vossos antigos Portuguezes, que delles herdarão com o sangue a fè, porque não comungão, se não são buffaes, se não são rudes, se sabem os mysterios mais principaes, que estão obrigados à saber da Fé Catholica; porque nunca meus Parocos lhes administraes a Eucharistia, nunca, como se não forão Christãos, nem na vida, nem na morte, nem na Pascoa, nem nas festas principaes do anno, nem nos Jubileos geraes, que mandão publicar os Summos Pontifices, nem para ganharem os da Bulla da Sancta Cruzada, em nenhum tempo, tendo-os depois do Bautismo para sempre afastados da Sagrada Meza do Altar, ainda que se confessem muitas vezes no anno? Porque isto meus Parocos, porq? Porq? meus Religioseos o consntis? Porque vòs mesmos nas vossas reguefias o praticaes? Para q? sois Parocos com titulos tão honrados neste Oriente de Reitores, de Priores, de Vigairos, & de Curas das Freguesias, se não apacentais vossas ovelhas, como Pastores que sois dellas, com o pão do divino Sacramento? Se achais entre tantos agudos algũ grossẽiro, algum rude, algum buffal dos Rios de Cuama, ou de Monumotapa, ou de Moçambique, ou algum escravo, ou outros de qualquer outra casta de gente, porque os não instruis? Não vos chamaes Pays dos Christãos? Não tendes cazas para instruir os Cathecumenos? Não vos dão os Reis de Portugal para isso muito bons ordenados, & rendas? Não corre por vossa conta o maior bem spiritual destas

etíssimo Sacramento do Altar, húa só figura, para alumear estes Christãos, & imprimir em seus corações a fé de Christo, que o nosso ensino, praticas, & sermões, com que os cathequizamos; quanto mais o figurado, se o receberem realmente, comungando muitas vezes no anno. Mais digo, & não he encarecimento. Com os fracos na fé mais pode huma figura da Sagrada Comunhão, que as mesmas praticas, & sermões de Christo, por ter o Senhor communicado maior virtude á seu Sagrado, & divino Corpo Sacramentado, que ás suas proprias palavras. Muy clara, & muy evidente he a prova nos discipulos de Emmaus, & muy sabida a historia. Diante dos olhos tinham estes discipulos á seu divino Redemptor, & o não conheciam, porque se não podião persuadir, que sendo Christo morto na Cruz, & sepultado seu corpo com huma pedra em cima, cellada, guardada, & vigiada com muitos soldados, tivesse já resurgido. Não só duvidavão; mas não crião, nem na redempção, que tinha obrado, nem na resurreição de seu Sagrado Corpo, nem no que delle tinham prophetizado os Prophetas.

49 Acudio Christo com suas divinas praticas, para os reduzir á fé. Os reprehendeo por incredulos: Os instruiu no que duvidavão: Lhes explicou as prophecias, que delle fallavão, para que cressem nelle, & não faltassem na fé. Cõ tudo nada aproveitou. Tomou finalmente Christo hum pão em suas sagradas, & divinas mãos, benzeo-o, partio o, & lho administrou, para que o comessem, figura da Sagrada Comunhão. Logo (diz o Texto Sagrado) conhecerão á Christo, com fe tão viva, & tão firme, que na mesma hora voltarão para a Cidade de Jerusaleem, donde partirão, & prégarão aos mais discipulos, que acharão, a resurreição de seu divino Mestre, & Senhor: *Surrexit Dominus veré, & apparuit Simoni*. Notavel successo, admiravel confissão. Não conhecem á Christo quando falla com elles: Não crem na redempção que obrara, & na sua resurreição, quando os ensina, instrue, & reprehende; & crem nelle, & o conhecem,

Luc. 24.
n. 34.

&

nhoreados por nós estes Portos, debellados, & rendidos os inimigos, sojeitas tantas, & tão bellicosas Naçoens, & feitos tributarios seus Reys. Oxalá, diz cada hum. Oxalá, & conseguirmos tão grande bem. Darvoshci o meyo. Qual he? Que comunguem estes Christãos muitas vezes, ao menos na Pascoa, & nas festas, & Jubileos principaes do anno, & muito mais na hora da morte. Porque se as perdas que tivemos nascerão de se não dar o pão da Eucharistia à estes Christãos, como muitos de vós agora confessão, & o julgão por certo, depois que comecei à fallar nesta materia, para extirpar da India este pecado: *Non erat, qui frangeret eis,* o ganho, & a restauração se conseguirá muy facilmente, se o dermos á todos todos os annos.

52 Ser esta a causa de tantas perdas, não he difficultoso provarse. Diz Isayas á seu povo: *Dominator Dominus exercituum auferet á Ierusalem, & á Iudá validum, & fortem omne robur panis*. No sentido spiritual falla da Eucharistia administrada por Sacerdotes de muito zelo, & valor, fortes, & incansaveis nas obrigações de seu officio, figurada no pão, que o Summo Sacerdote Melchisedech offereceo á Deos em sacrificio, que he o escudo, & a espada [diz o Doutor Anonimo] que defende as Cidades, & os Reynos contra o poder dos inimigos: *Eucharistia, & scutum suis est, & gladius. Scutum dum ab hostium iclibus tuetur suos: Gladius dum hostes ferit, & sternit*. Se vestirmos estas armas na Sagra da Comunhão, restauraremos a India, ganharemos o que temos perdido; porque brigarà Deos em nosso favor, & nós com seu poder desbarataremos o inimigo; mas se perseverarmos nesta falta, arriscados estamos a perder ainda o que temos. Com este escudo nos ha Deos de emparar, com esta espada sempre havemos de vencer. Se nos faltar, toda a perda se pode temer. Se não faltar à estes Christãos todo o ganho se pode esperar. Porque diz Isayas, que o Senhor dos exercitos Christo Senhor nosso, quando por seus justos juizos quer que se perca huma Cidade, huma Provincia,

K k

hum

Ifay. 3.
n. 1.

Anonim.
apud No-
var. de
Euchar.
n. 1166.

hum Reyno, hũa Monarquia, hum Estado, permite, como tem feito nestas Conquistas, que falte o pão da Eucharistia á seus Christãos, que não haja quem lho dé. *Auferet validum, & fortem, & omne robur panis.*

53 O mesmo Propheta prophetiza hum successo, que parece pintura do bem, que tivemos em Portugal no anno de 40, & do mal, que choramos na India neste de 45. com as perdas tão grandes, que tivemos depois de termos Rey natural, & com os receyos de maiores. Diz assi : *Apprehendet vir fratrem suum domesticum patris sui: Vestimentum tibi est. Princeps esto noster; ruina autem hac sub manu tua.* Até aqui parece que falla del-Rey D João IV. à quem seus irmãos, á saber os Portuguezes do Reyno, levantarão por seu Rey, conforme vos prèguei no primeiro sermão, que fiz nas festas de sua feliz acclamação, cujo thema, se vos lembra, foi o preceito, que Deos fez à seu povo, quando lhe disse, que na eleição dos Reys, elegessem sempre hum de seus irmãos : *Cum dixeris: Constitutam super me Regem, eum constitues, quem Dominus tuus elegerit de numero fratrum tuorum.* Chama pois Deos, & o Propheta irmãos aos homens de huma mesma Nação? Passa avante o Propheta com sua prophecia, & diz : *Respondebit in die illa: Non sum medicus, & in domo mea non est panis, neque vestimentum: Nolite constituere me Principem populi:* Não sou medico, & na minha casa não ha pão, nem vestido. Não queirais acclamarme Principe deste povo. Notavel reposta, que não carece de grande mysterio. Para hum Principe levantado, & acclamado Rey por seus irmãos governar hũ grande povo, he necessario ser medico? E para medico he necessario ter pão, & vestido? Que connexão tem o medico com a Coroa, & o pão, & o vestido com a medicina? A profissão de hum Rey he mandar, dispor, governar. A profissão de hum medico he curar: Como pois diz este Senhor levantado, & acclamado Rey, que por não ser medico, nem ter pão, nem vestido, não pode ser Principe de seu povo: *Non sum*

Isay. 3. n. 6

Deuter.

17. n. 14

Isay. 3.
n. 7.

sum medicus, & in domo mea non est panis, neque vestimentum: Nolite constituere me Principem populi?

54 Com applicarmos esta prophécia ao que temos entre mãos, entenderleha o mysterio da reposta, que deu este Principe aclamado, sem embargo de a explicarem os Sagrados Interpretes no sentido mais literal da perda, destruição, & ruina de Jerusaleim, & de seu povo (que tambem faz ao nosso intento) porque dizem que por engeitarem os Judeos o pão divino do corpo de Christo, & o crucificarem, atravessando nelle o madeiro da Cruz, como prophetizou

Jeremias *Mittamus lignum in panem ejus, & eradamus eum de terra viventium*, & terem por blasfemia, dizer Christo,

Jerem. 11:
n. 19.

que se não comessem seu corpo sagrado, & bebessem seu preciosissimo sangue, se não podião salvar: *Nisi manducaveritis carnem Filij hominis, & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis*, perderão alli, & a Cidade de Jerusaleim com seus Reynos, tão grande pecado he enjeitar o corpo de Christo, sem nunca em algum tempo se receber.

Joan. 4:
n. 54.

Todos nos queixamos, por não nos socorrer el-Rey com gente do Reyno, com armas, com munições, & petrechos de guerra, com exercitos, com Naos, & armadas. Todos com suspiros, & com lagrimas lhe dissemos de tão longe, & lho significamos com cartas, que por falta de soccorro a India se perde: *Ruina autem hac sub manu tua*. Se el-Rey passara à este Estado, & vira esta falta tão grande de não commun-garem tantos milhares de milhares de Christãos de varias Naçoens, muy entendidos, & agudos, & outros muitos se conto menos entendidos, que instruidos são muy capazes da Sagrada Comunhão, respondera: A culpa he vossa. Vós sois a causa da vossa ruina, & não eu; porque eu sou Rey, & não Medico, não tenho pão, nem vestido. Explica Nicolao de Lyra: *Non sum medicus, idest habens scientiam animas medicandi: & in domo mea non est panis, scilicet Sacra Scriptura, quo possent subditos pascere, neque vestimentum, scilicet virtutum*. Os medicos das Almas são

Lyran.
hic.

os Parocos, são os pays espirituaes dos Christãos, & os Curas, & não os Reys. A medicina, para curar tantas Almas, que correm risco de se perderem, he o pão da Eucharistia, & o vestido são as virtudes, que hão de ter os Medicos espirituaes, para não faltarem com as obrigações de seu officio. Este pão, dixeram el-Rey, não o tenho eu como Rey, o tendes vós como Sacerdotes. Não o posso eu dar a estes Christãos. Vós tendes obrigação de os catequizar, & instruir, & de lho dar. Faltando vós com esta obrigação, vós sois a causa da vossa ruina, & não eu: *Ruina autem hac in manu tua*. Vós sois, que arriscaes a perda vossa, & deste Estado, com que não farei vosso Principe acclamado por vós, castigando Deos esta falta com a perda da India, tendo vós bastante poder sem mais soccorros do Reyno, para a defender. Tendes o pão da Eucharistia fechado no Sacrario, que se o tivereis na mão, para o dar á todos, tivereis nelle hum forte escudo, & muy valente espada, para defendêr este Estado. *Non sum medicus, & in domo mea non est panis, neque vestimentum: Nolite constituere me Principem populi*.

55 Se com esta falta nos perdemos, com a emenda havemos de triumphar. Seremos Senhores absolutos de toda a India, sojeitaremos os Reys deste Oriente, desbarataremos os inimigos da Fé, Gentios, Mouros, & Herejes, que nos cercão, se tirarmos destas Conquistas este peccado. Observa o Regio Doutor, que não quiz Deos, que seu querido povo de Israel pelejasse para a Conquista da Palestina, que lhe tinha prometido, se não depois de ter comido o Maná, que lhe choveo o Ceo no Deserto. Dá por rezão: *Nè facile vinceretur*: Para que não fosse facilmente vencido na peleja, roto, & desbaratado nas batalhas, que havião de preceder na Conquista de hum Estado tão grande de diversos Reynos sojeitos á muitos Reys. Como assi? Não estava Deos com elle? Não o acompanhava na jornada, & na marcha, que por sua ordem fazia? Não lhe assistia com

Mendoza.
in lib. 1.
Reg. cap.
6. annot.
24. sect. 2.
n. 15.

con:

continuos milagres, que obrava em seu favor? Não o livrou do cativoiro, & tirania de Pharaó com prodigios, & portentos nunca ouvidos, açoitando o Egypto com muitas mortes, para o libertar? Como agora teme que será vencido na peleja? Como recea sua perda, & ruina nesta Conquista, que lhe tinha assegurado, se antes da empresa não comesse huma, & muitas vezes, & por largos tempos o Maná, que lhe choveo o Ceo? Com rezão. Sabido he que o Maná foi figura expressa da Eucharistia, & a comida d'elle da Sagrada Comunhão. Antes que o tivessem os Israelitas no deserto, antes que o comessem, antes, digo, que comungassem em representação, & figura quanto ao espirito, supria Deos esta falta com sua assistencia divina, & emparo, para que se não perdesse hum povo tão grande, & por elle tão querido, divertindo a guerra, impedindo os assaltos dos inimigos, os choques, & batalhas, & todo o mau successo. Porém fortificado com esta comida celestial, seguro por este meyo da victoria, o fez Deos sahir logo em campo, acometer o inimigo, pelejar contra elle, darlhe batalha, & roto, & delbaratado, triumphar de seu poder: *Munitum autem illo celesti cibo* (diz o Regio Doutor) *non dubitavit Deus in pugnam extrahere, facile de hostibus triumphaturum, quem celestis cibi praesidium confirmasset.*

Mendoz
ibid.

56 Este he o nosso caso. Temos o Maná do Ceo, não em figura, mas em realidade. Temos á Deos sacramentado no Altar. Manda o mesmo Senhor, & sua sancta Igreja, q̃ comunguem todos os que tiverem annos de discrição, & capacidade para o receberem, & que se instruaõ os que necessitam de ensino, para serem admitidos á Sagrada Meza do Altar, para participarem ao menos na Pascoa, & na hora da morte desta celestial comida, fortaleza da alma, & penhor seguro de gloriosas empresas, grandiosas conquistas, & façanhosas victorias. Se o fizermos, conquistaremos a India, delbarataremos os inimigos da fé, renderemos suas Praças, ganharemos o perdido, triumpharemos de seu po-

der. Se não o risco he evidente, o temor de nos perdermos he com muita causa, porque não nos emparamos do que nos pode valer. Não recorremos á Sagrada Comunhão. Nem nós por brancos a frequentamos, nem a damos nunca aos negros, que a pedem: *Parvuli petierunt panem, & non erat qui frangeret eis.*

Pfal. 71.
n. 11.

Matth.
2. n. 1.
ibid. n. 11.

57 Para el-Rey de Portugal ser Rey dos Reys da India, será facil, se desterrarmos este pecado Parece encarecimento de Prêgador, hum subir de ponto por habilidade, & não he, se não verdade muy provavel, & quasi certa, fundada na Sagrada Escritura. De Christo Senhor nosso diz o Real Propheta, que todos os Reys da terra o hão de adorar, & as Naçoens todas de servir. *Et adorabunt eum omnes Reges terræ: omnes gentes servient ei.* Não falla o Propheta das adorações, que teve, & tem Christo no Ceo pelos Reys, que estão na terra, que daqui o adorão, & venerão no Empyreo, aonde está; mas das q̃ teve, & tem aqui neste Mundo. Lede o Evangelho, & não achareis nelle, que fosse Christo adorado, & venerado na terra mais que por tres Reys, que deste Oriente partirão para Jerusalem: *Ecce Magi ab Oriente venerunt Ierosolymam*, & de Jerusalem se encaminharão para Behelem, aonde o adorarão criança no Presépio, prostrados de joelhos à seus pés: *Intrantes domum, invenerunt puerum cum Maria matre ejus, & procidentes adoraverunt eum.* Nem se sabe, que houvesse Nação alguma, que o servisse. Como pois diz o Real Propheta, que todos os Reys da terra o hão de adorar, se não forão mais que tres, & que todas as Nações o hão de servir, se não houve nenhuma? Como se entende esta prophesia? Quando se cumprio, em que tempo, em que lugar, & porque modo? Oh effeito milagroso da Euchristia! Oh soberano poder da Sagrada Comunhão! O que não alcançou Christo prégando em quanto esteve no Mundo, o alcançou comunicandose no Santíssimo Sacramento. Começou-se à cumprir esta prophesia, quando começaram os Christãos á comungar. Continuou,

tinuou, & continuará seu cumprimento em quanto houver
Reys Catholicos na terra, & Christãos no Mundo. Todos
os Reys da Igreja Catholicos prostrados diante do Altar o
adorão no Sacramento, todas as Nações o servem. As ado-
rações, que não teve Christo na terra dos Principes, dos
Reys, dos Monarchas em quanto viveo, com piégar, &
obrar tantos milagres, as começou ter no ultimo dia da vi-
da, estando para morrer, quando instituiu a Eucharistia,
quando a administrou aos Apostolos, quando mandou, que
todos comungassem: *Hoc facite in meam commemorationē.*
Por este meio, diz S. Augustinho, subjugou Christo o Mun-
do. Estas forão as armas com que o avassillou: *Sacramento*
corporis Domini subjugatus est mundus. Com se lhe comu-
nicar, o rendeo, com se lhe dar em comida, o sojeitou.

1. ad Co-
rinth. 11.
n. 24.

August.
lib. 1. ad
Januar.

58 Vede quanto importa comungar, para render a In-
dia Para sojeitar os Reys deste Estado, muito pode a Eu-
charistia; quanto mais para conservar o que tendes. Se o
não credes amim, credeo á Timotheo Jerosolimitano Sa-
cerdote Sanctissimo, & gravissimo, celebrado pelos San-
ctos Padres, & citado communmente pelos sagrados Douto-
res. Elle he que vos diz: *Divinae, ac mysticae mensae operam*
demus, per quam mundus formatur, per quam terrarum Or-
bis consistit, per quam Regnum conservatur. Comunguemos
(diz Timotheo) comunguemos: *Divinae, ac mysticae men-*
sae operam demus; porque por meio da Sagrada Comunhão
recebe forma, & figura, se instrue, se estabelece, & se con-
serva o Mundo, & o Reyno.

Timoth.
orat. de
Simeone

59 Nenhum meio he mais efficaç para el-Rey de Por-
tugal ser Rey dos Reys deste Estado, como procurarmos,
que todos comunguem. Sò por este meio subio Christo em
quanto homem á ser Rey dos Reys da terra, á tellos sojei-
tos debaixo de lua Coroa: *Rex Regum, & Dominus domi-*
nantium. Diz elle de si pelo Real Propheta: *Ego autem*
constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus,
pradicans preceptum ejus. Fui eu aclamado Rey pelo meu

1. ad Ti-
moth. 6.
n. 15.
Psalm. 2.
n. 6.

Eterno

Eterno Padre no monte Sancto de Sion , prégando seu preceito . Variamente explicação os Sanctos , & Sagra- dos Doutores esta acclamação , com que foi Christo le- vantado Rey sobre todos os Reys por seu Eterno Padre no monte de Sion . S. Hieronymo na Glosa ordinaria , diz que foi Christo acclamado Rey da Igreja Catholica , figurada no monte Sãcto de Sion, quando prégou nelle a ley do Evã- gelho . (*Ego autem*) (*Vox Christi*) (*constitutus sum Rex*) *Pro parte carnis dicitur [ab eo] Deo Patre [super Sion] idest super Ecclesiam [Prædicans præceptum ejus] idest doctrinam Evangelij*. Mais conforme á letra , & á significação gramatical das palavras do Real Propheta entendem Hugo Cardeal , Nicolao de Lyra , & outros muitos por este mon- te sancto de Sion, aonde Christo foi acclamado Rey por seu Eterno Padre , o mesmo monte , Cidade famosa de David : *De Civitate David, quæ est Sion*.

Hieron.
in Glos.
hie.

Hug.
Card. in
Psal. 98.
n. 2.
Lyrano. n.
Psal. 2. n. 6.
& in Psal.
98. n. 2.
Paralip. 5.
n. 2.

2. Reg. 6.
n. 12.

Joan. 8.
n. 59.

6o Agora pergunto : Que houve neste monte para se chamar Monte Sancto , & ser nelle Christo acclamado Rey dos Reys, Senhor , & Monarcha do Universo ? *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus, prædicans præceptum ejus*. Por ventura, porque neste monte collocou David a Arca , figura da Eucharistia : *Abijt ergo David, & adduxit Arcam Dei de domo Obededom in Civitatem David cum gaudio* ? Não ; porque tambem neste monte idolatrarão , & cometerão muitos pecados os He- breos . Por ventura , porque nelle edificou Salamão o Té- plo , figura da Igreja Catholica ? Nem tão pouco ; porque neste Templo quizerão os Judeos apedrejar à Christo com tão grande odio , & deliberação , que Christo se escondeo , & se sahio logo delle : *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum : Iesus autem abscondit se, & exiit de Templo*. Por ventura , porque neste monte , diz Lyrano , & a comúa dos Sanctos , & Doutores , veyo o Spirito Sancto em forma de fogo sobre os Apostolos , & Discipulos de Christo repartir com elles os thesouros de sua divina graça ; *Hæc autem mis- sio*

fió in signo visibili facta fuit ad literam in monte Sion super centum viginti credentium nomina? Nem menos; porque esta vinda foi depois de subir Christo para o Cco, quando toda a Cidade de Jerusaleem, em que estava o monte de Sion, culpada pela morte de Christo, & condenada por Deicida, & por sacrilega, temia sua maior ruina, quanto mais, que esta acclamação foi na terra, antes que acabasse o Senhor a vida, em tempo, que prégava, & apregoava o preceito, que seu Eterno Padre lhe mandara apregoar: *Prædicans præceptum ejus.*

61 E inda assi, porque antes neste monte de Sion, que em outro qualquer levantou o Eterno Padre á seu divino Filho, & o fez Rey? Porque não o acclamou no Thabor, aonde Christo ostentou sua maior grandeza, aonde manifestou a gloria de sua Alma, & as luzes de sua divindade, aonde subirão do Limbo, para o venerarem, & adorarem por seu Rey, & Senhor, Moyses, & Elias, aonde o mesmo Padre Eterno o declarou por seu querido Filho: *Hic est filius meus dilectus, in quo mihi bené complacui?* Porque não no Calvario, aonde Christo concluiu o resgate do Mundo? Se na Cruz livrou o Mundo do imperio de Lucifer, & o sojeitou assi, porque neste mesmo tempo seu Eterno Padre o não fez Rey, & Senhor delle com poder absoluto sobre todos os homens, que remio com seu sangue? Porque não no monte Olivete, aonde subio glorioso para o Cco, acompanhado com hum exercito de Anjos, & com tão grande numero de homens bemaventurados, que soltou do carcere do Limbo? Que teve de singular este monte de Sion sobre todos os mais, para ser chamado monte Sancto? *Super Sion montem sanctum ejus*, para nelle ser acclamado o Filho de Deos em quanto homem por Rey dos Reys, Senhor dos Senhores, Monarcha dos Monarchas, & Principe soberano do Mundo todo: *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus*: prégando, & apregoando hum só preceito: *Prædicans præceptum ejus.*

Matth. 17.
n. 5.

Niceph.
lib.2.c.3.
Cedren.
in comp.
Histor.
Hifich. in
Pfal.98.
n.2.
Agell. in
pfal.98.
n.2.
Novar.
de Euch.
n.1048.
Matth.26
n.28.
1.ad Co-
rinth.11.
n.24.

Agellio
in pfal.98
n.2.

Novar. de
Euchar.
n.1048.

62 Diz Nicephoro, Cedreno, Hifichio, & o meu Padre Agellio doutissimo Expositor dos Psalmos de David, & o Veneravel meu Padre Novarino homem sanctissimo, & outros, que neste monte estava a Caza, & o Cenaculo, aonde Christo na derradeira Cea, antes de morrer, instituiu o Sanctissimo Sacramento do Altar: aonde transubstanciou o pão em seu sagrado corpo: *Hoc est corpus meum*: aonde o administrou aos Apostolos: *Accipite, & comedite*: aonde finalmente apregoou o preceito da Sagrada Comunhão, mandádolhes sem limitação, que o adminstrassem à todos: *Hoc facite in meam commemorationem*. Por esta obra tão sancta, & tão divina, que Christo fez, por este preceito tão grande, que mandou apregoar, & guardar: *Prædicans præceptum ejus*, por ser esta a vontade de seu Eterno Padre, diz de si pelo Real Propheta, que o mesmo Padre seu Eterno, no mesmo tempo, & neste mesmo monte o fez Rey, & Senhor do Mundo todo: *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus, prædicans præceptum ejus*. Ha mais dizer? Ha cousa mais propria, & mais literal, para o que tratamos? Ouvi á estes Doutores com quanta clareza o affirmão: *In monte Sion* (diz o Padre Agellio) *perfecit Christus mysteria sui corporis, & sanguinis*. Com mais expressas palavras o declara o devoto Novarino: *In Sion Imperij sui initium sumpsit Christus, quia in hoc monte Eucharistiam instituit, per quam Imperij sui virtutem in omnes exereret, exerceretque*.

63 Discurso agora assi: Se Christo em todas as suas obras, desde que nasceo, foi sempre grande, admiravel, & divino; & sô por esta da Eucharistia esperou o Eterno Padre, para o acclamar Rey no mesmo tempo, que se communicou aos Apostolos na derradeira Cea, & apregoou o preceito da Sagrada Comunhão: *Prædicans præceptum ejus*: Se daqui se originou, & teve principio seu Imperio soberano, em quanto homem: *In Sion Imperij sui initium sumpsit Christus*; por consequencia o meio mais efficaz, & mais forço-

so

fo para el-Rey de Portugal estender sua Monarquia por todo este Oriente, ser Rey dos Reys deste Estado, Monarcha absoluto de toda a India, & Senhor destes Mares, he sem duvida procurarem seus vassallos, que todos comunguem, apregoando o preceito ecclesiastico, & divino da Sagrada Comunhão na Pascoa, & na hora da morte: *Prædicans præceptum ejus*; porque só com este tão soberano Sacramento tem Christo rendido debaixo de seu Imperio o Mundo todo: *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus, prædicans præceptum ejus.*

64. Saíão pois os Bispos, os Arcebispos, os Patriarchas, & os Primazes, que são de presente, & os que em algum tempo o forem deste Estado com ordés apertadas aos Parocos, Priores, Reitores, Vigairos, & Curas, para que dem este divino pão às suas ovelhas. Publiquem os R.R. Inquisidores editaes, que obriguem à cada hum á guardar este preceito, porque tambem á elles toca, como Ministros da Sancta Sé Apostolica contra a heretica pravidade, acudir à esta falta contra os que encontrão o remedio; porque he proposição Catholica de fê, definida no Sagrado Concilio Tridentino, que os que tem annos de discricção estão obrigados á comungar ao menos na Pascoa, conforme o preceito da Sancta Madre Igreja, & negalo he heresia. Criem os pa-ys dos Christãos seus Cathecumenos com o acatamento devido á tão alto Sacramento, & com desejos de comungarê, para que instruidos, & bautizados o recebam no Altar. Apregoem os Parocos, & Curas em suas praticas, & estações á seus freguezes este preceito, mostrem-lhes as obrigações que tem de comungarem, & o aparelho, que hão de ter, para receberem em graça tão soberano Senhor. Façam o mesmo os Religiosos, quando prégão, & não queirão por advertidos do erro por hum Missionario estrangeiro, atentando mais pelo credito, & amor proprio, que pelo preceito, encontrar nos pulpitos com palavras, que não edificão, huma doutrina tão sancta, tão verdadeira, & tão Catholica,

Trident.
sess. 13. de
sacram. Eu-
char. Sa-
cram.
Can. 9.

ca, ordenada por Deos, mandada pelos Concilios, ensinada pelos Doutores, & praticada por todos os Catholicos. Concorrão de sua parte no que poderem os Fidalgos, os Cidadoes, o Povo, para que em suas cazas chegue á seus filhos, á seus criados, á seus moços, & á seus escravos bautizados a noticia deste preceito de tão grande proveito spiritual de suas almas, & os instruaõ nos mysterios da Fé, & no que hão de saber, para comungarem dignamente. Porque por este meyo de tanta obrigação ha Deos de emparar vossas armas, restaurar a India, dilatar o vosso Imperio, sojeitar á el-Rey de Portugal todo este Estado, fazelo absoluto Senhor deste Oriente, que he o maior bem temporal, que dezejais. Não dilateis esta empresa, não afroixeis nas diligencias, para se remediar esta falta, para que se não vos dilate este bem de verdes a India restaurada, nem se diga mais de tantas Christandades com pouco credito vosso: *Parvuli petierunt panem, & non erat qui frangeret eis.*

II. Parte 65 Temos concluido esta parte de tão grande importância. Temos provado, que para credito, & bem vosso deveis admitir à Sagrada Comunhão estes Christãos. Demos agora principio à segunda: Que por charidade, & por justiça lha deveis. Por charidade por tres titulos, para que lhe não falte o pão da Fé, o pão da graça, o penhor da gloria.

66 Acudir á necessidade do proximo he acto de charidade, que muitas vezes obriga á mortal, quando a necessidade he grande, & pouco, ou nada nos custa remediala. Quam grande seja a necessidade, que os Christãos tem do pão da Eucharistia, para conservarem a fé, que professarão no Bautismo, não he difficil provarse. Quam facil seja remediala, o tem mostrado o que se tem obrado nestes dias na Freguesia de Guadalupe, tão publico, & tão sabido já nesta Cidade, Ilhas, & Terras vizinhas, que não ha quem o não saiba. He pois obrigação dar á todos este divino pão, para que não pereção, & morrão de fome: *Parvuli petierunt panem, & non erat qui frangeret eis.*

Que

67 Que Adão se perdesse no Paraizo terreal debaixo da
 árvore da morte, hé certo . Qual fosse a cauza de sua perda ,
 qual o pecado , he toda a duvida . Não cuideis, que hum só
 pecado cometeu Adão . Desde que Deos o creou, & poz no
 Paraizo terreal , até o lançar fora delle , cometeu Adão mui-
 tos pecados . O que apontão cômumente os Doutores he o
 da desobediencia . Pecou , prevaricou , por desobedecer á
 Deos , que lhe mandou , que não comesse da árvore da sabi-
 duria : *Præcepitque ei dicens: Ex omni ligno Paradisi come-*
de: De ligno autem scientiæ boni, & mali ne comedas. Ag-
 gravou o pecado o desordenado amor de sua esposa . Deso-
 bedeceu á Deos, diz S. Bernardo, pelo muito que amava á
 Eva, tendo obrigação de amar mais á seu divino Creador :
Scimus [falla o Sancto com Adão] *scimus quia ejus amore*
peccasti. Cuidar que se podia esconder de Deos: *Abcondit*
se Adam, & vxor ejus á facie Domini, tambem foi culpa
 de homem, que pelo pecado (diz Chriostomo) cheo de
 confusão estava tão alienado, & falto de discurso, que pa-
 recia ignorante, sendo muito sabio: *Animadvertite, obsecro,*
quàm insipienter agit nunc, qui antea tanta pollebat sapien-
tia. Quantæ est hoc insipientiæ, quod á Deo, qui scrutatur
corda, & renes, abscondere se tentat. Culpar lua esposa, pa-
 ra se desculpar asi, não só foi falta de humildade, & de arre-
 pendimento de seu pecado; mas ainda (diz S. Bernardo)
 foi acto lastimoso de perversa crueldade: *Operversitas! Pæ-*
nam pro ea suscipere refugis, & culpam admittere non recu-
fasti. Proh dolor! omnia confudisti perniciosè crudelis. Tam-
 bem diz S. Gregorio, que quiz culpar á Deos de seu peca-
 do, quando por se desculpar, disse : *Mulier, quam dedisti*
mibi sociam, dedit mihi de tigno, & comedi: Como se disse-
 ra : Se me não tiucreis dado esta mulher por companheira,
 não pecara . Alem da desobediencia, dizem outros, que pe-
 cou de inteperança, por desordenadamente golozo . Ape-
 teceo o fructo da árvore defeza por lhe contentar. Vio que
 era bom para comida, fermoso, & agradável á vista : *Bonũ*

Gen. 2. 17.
16. & 17.

D. Ber-
nard. lerra
1. in festo
Omn.
Sanct.
Gen. 3.
n. 8.
Chriost.
humil. 17.
in Genes.

S. Ber-
nard.
serm. 1. in
festo Omn.
Sanct.
D. Greg.
lib. 33.
Mor. cap.
24.

Gen. 3.

n. 5.

Isay. 14.

n. 13.

D. Ambr.

lib. de Pa-

rad. c. 14.

ad vefcendum, pulchrum oculis, afpectuque delectabile, logo o apeteceo. Maior peccado foi o da ambição, & da soberba, com que fe pareceo com Lucifer. Cuidou que podia chegar á maior femelhança da que tinha com Deos, á fer outro Deos na terra: *Eritis ficut Dij*, como Lucifer, que cuidou poder lubir á fer como Deos no Ceo: *In Calum confcendam, fuper aftra Dei exaltabo folium meum, fimilis ero Altiffimo*.

Todos eftes excessos de Adão forão faltas, forão culpas, & pecados, que tarde conheceo, diz S. Ambrosio, perleverãdo nelles por espaço de tempo fem arrependimento: *Culpam fuam feró cognofcit*. Pecou pela manhãa, ou como outros dizem ao meyo dia, & fe arrependeo á tarde.

68 Mas eu lhe acho outro peccado maior, que foi o primeiro que cometeu, origem de todos os mais, & principio de fua ruina, do Mundo, & de todo o genero humano. Qual foi? O da infidelidade. Antes que comeffe o fructo da arvore defeza, antes do peccado da ambição, & defobediencia, & dos mais em que cahio, perdeu a fê, que devia à Deos. Estava obrigado Adão à crer por fê divina, que o fructo da arvore defeza era fructo de morte, & que fe o comeffe, infallivelmente morreria com perda de tres vidas da corporal, da fpiritual, & da eterna, porque lho tinha Deos revelado. Tinhahe dito: *In quocumque enim die comederis ex eo, morte morieris*. O Demonio quiz difmentir á Deos, para mentir à Adão. Deulhe à entender, que o que Deos dizia, não era verdade; mas antes, que fe comeffe delle, teria huma vida mais soberana, & melhor da que tinha, porque viviria como outro Deos na terra: *Eritis ficut Dij*.

Gen. 2.

n. 17.

Gen. 3.

n. 5.

B. Alger.

lib. 2. de

Sacram.

cap. 4.

Creu Adão á Lucifer pay das mentiras, & não creu à Deos fuma verdade, que não pode mentir, nem errar, cahindo, diz o Bemaventurado S. Algero, no peccado da infidelidade, donde fe originou fua maior ruina, a perda do Mundo, a maldição da terra, o cativoiro do genero humano, & todas as lastimas, & misérias que padecemos. *Falsa fide* (diz o Sancto) *mundus perijt, quando plús Diabulo, quám Deo*

Deo credere presumpsit, dum in ligno scientiæ boni, & mali vetito plus speravit divinitatem assequi, quæ ab hoste promittebatur, quam incurrere mortem, quam Deus minabatur.

69 Oh Adão! Como cahiste tão depressa da grandeza, & soberania, á que Deos te levantou? Principe do Paraizo, Monarcha da terra, Rey, & cabeça dos homens, creado á imagem divina, formado com as mãos do Omnipotente, vivificado com seu spirito, dotado da maior sabedoria, enriquecido com os dotes sobrenaturaes da graça, estabelecido com a fé do Altíssimo, como te perdeste no mesmo dia de tua creação, trocando o ceptro Real com a enxada, o mato rico, & soberano da graça com a aspera pelle de hum cordeiro, a innocencia com a culpa, a liberdade com o cativoiro, a imagem divina com a desformidade do pecado, feito de fiel amigo de Deos, infiel inimigo, cativo do Demonio, crendo mais a mentira de Lucifer, que a verdade divina? Dize Adão donde nasceo a tua infidelidade, a perda de tua fé, a tua cegueira, principio da tua ruina, & de todos os teus descendentes?

70 Se dislera que nascera por não comungar, por não guardar o preceito divino da Sagrada Comunhão, figurada no fructo da arvore da vida, que estava obrigado á comer, parecerá á muitos novidade, cousa nunca ouvida. Com tudo he verdade fundada na authoridade de S. João Chrisostomo, & na doutrina do Angelico Doutor S. Thomas. Diz Chrisostomo: *Hujus ligni esum, cum recusaſſet Adam, in contrarium incidit. Nos autem mysticè comedētes, transgressionem ex ipso exterminamus.* Por recusar Adão o fructo da vida, cahio no pecado da infidelidade, que nos desterramos, excluimos de nós, & estermínamos, comungando. No fructo da arvore da vida se figurava o fructo da vida Christo Senhor nosso sacramentado na Eucharistia. Se Adão o comera, comungando em figura, & ainda em spirito (pois provavelmente sabia por sciencia infusa o que representava) fortificado na fé, a não perdera, não se precipitara

D.Chrysost. in Psal. 1.

pitara. Nós pelo contrario (diz Chrysostomo) recebendo á Christo divino fructo da vida: *Misticé comedentes*, desteramos de nós a sua infidelidade: *Transgressionem ex ipso ex-terminamus*.

71 Notavel he a doutrina de S. Thomas à este proposito, nunca ouvida nos pulpitos, fundada nas palavras do Genesis: *Præcepitque ei dicens: Ex omni ligno Paradisi comedere: De ligno autem scientiæ boni, & mali ne comedas*. Diz S. Thomas, que nestas palavras se encerrão dous preceitos: que duas cousas man dou Deos á Adão. A primeira, que para seu sustento, & conservação de sua vida, conforme a necessidade que tivesse, comessê de todas as arvores do Paraizo: *Ex omni ligno Paradisi comedere*, por consequencia estava obrigado Adão à comer principalmête do fructo da arvore da vida, que directamente creara Deos, para lhe cõservar a vida para sempre, & por se figurar nelle á Christo no divino Sacramento, estava Adão obrigado por preceito divino á comungar em spirito, & figura. Este foi segundo esta doutrina de S. Thomas o primeiro preceito, que Deos fez à Adão: *Ex omni ligno Paradisi comedere*. O outro preceito foi que não comessê o fructo da arvore da morte: *Simul enim* (diz S. Thomas na Summa) *sibi præceptum fuit, ut à ligno scientiæ boni, & mali abstineret, & ut de omni alio ligno Paradisi vesceretur*. E nos Opusculos diz o mesmo cõ mais expressas palavras: *Proposuit Deus homini quædam præcepta, ut scilicet ex omnibus alijs lignis Paradisi vesceretur, prohibens sub mortis comminatione, ne de ligno scientiæ boni, & mali vesceretur*. Estavão estas duas arvores no meyo do Paraizo, huma perto da outra: *Lignum vitæ in medio Paradisi, lignumque scientiæ boni, & mali*, & Adão entre ellas. Olhou para a arvore da vida, & a engeitou, não fez cazo de seu mysterioso fructo. Olhou para a arvore da morte, & se lançou logo á ella. Contentoulhe o fructo, agradoulhe sua fermosura, tomou-o na mão, comeu-o, ambicioso da divindade, que cuidou poder alcançar na sua comida

Gen. 2.
n. 16.

D. Thom.
1. p. q. 97.
art. 3. ad
Tertium.
Et Opusc.
2. c. 188.

Gen. 2.
n. 9.

mida, enganado por Lucifer, dando fé á sua mentira, & negando á Deos, que lhe fallava verdade, que lhe dizia, que se comesse delle, perderia tres vidas, a da alma, tanto para estimar, a do corpo, em que todos se desvelão, & a eterna em que pouco se cuida, que perdera para sempre, se Christo o não remira. Se comera da arvore da vida, cumprira quanto á figura com o preceito de comungar. Vivera huma eternidade, seguro de não morrer, & conservára a fé que devia á Deos. Mas fez tudo pelo contrario. Recusou esta comida, não cumprio com este preceito, com que foi facil á Lucifer persuadir-lhe, que não cresse á Deos, fazendolhe perder a fé, que nós conservamos, diz Chrysostomo, por meio da Sagrada Comunhão: *Nos autem mysticé comedentes, transgressionem ex ipso exterminamus.*

72 Desta culpa tão lastimosa de Adam, & deste engano tão grande de Lucifer será facil, para o remedio de que tratamos, penetrar o fim mais principal, & primario, que Christo teve na instituição de tão alto, & soberano Sacramento. Ostitulos que o Senhor, & os Sanctos lhe derão são muitos. Chamarão-lhe honra da Sanctissima Trindade, Gloria da Igreja Catholica, Pão dos Anjos, Reyno dos Bemaventurados, Templo da Divindade, Compendio de milagres, Alóbro da Omnipotência divina, Maior Maravilha de Deos, Dom soberano do Altissimo, Fonte de graça, Mantimento da fé, Nutrimento spiritual das Almas, Pão vivo que desce do Ceo, Escudo inexpugnável, Fortaleza contra os vicios, Guia para o Empyreo, Terror do Inferno, & outros muitos, de que estão checos os livros dos Sagrados Doutores. Tres samente pondero para o intento. Chamoulhé o Bemaventurado S. Alberto, Sacramento da verdade, porque o Author he Christo summa verdade: *Ego sum via, veritas, & vita*, que nelle se encerra. *In hoc Sacramento* [diz S. Alberto] *quod veritatis Sacramentum est, quia in veritate simplici totam continet veritatem, & veritatis Authoré, & omnium figurarum antiquarum veram exhibet veritatem*

Joan. 14.
n.6.
D. Albert.
Magn.
tract. 1. de
Euch. dist
3. cap. 7.

D. Thom.
in Miss.
Festivit.
Corp.
Christ.
Epist D.
Jacob c. 2.
n. 26.
In Can.
Missin
consecrat.
Sâg. Chr.

significationem, maxime fides operatur. Chamoulhe o Angelico Doutor S. Thomas comida dos que caminham para o Ceo: *Cibus viatorum*; & val tanto como comida dos Catholicos, porque lô os Catholicos se salvão, se as obras correspondem á fé, que professão; porque *Fides sine operibus* [diz S Jacomo] *mortua est*. Chamoulhe Christo Senhor nosso Mysterio da Fé: *Mysterium fidei*, titulo mais cômun, que lhe dão todos os Theologos, & a Igreja na Missa na consagração do Sangue.

73 Todos estes titulos são mysteriosos, mais que todos são os tres que ponderamos Porque se chama a Eucharistia Sacramento da verdade, Comida dos Catholicos, Mysterio da Fé? Muitas são as rezoês. A que me occorreu nestes dias, que me parece mais propria, he porque a instituiu Christo Senhor nosso para antidoto, & medicina contra a infidelidade dos nossos primeiros pays, para que recebida dignamente, se desterrasse, & se extinguisse de seus descendentes os erros, & superstições diabolicas contra à Fé. Donde tanta infidelidade no Mundo? Deixo os Mouros, que começarão hà pouco mais de mil annos. Deixo os Herejes com tanta variedade de seitas, principiadas desde o tempo dos Apostolos. Deixo os Scismaticos, que se apartarão da Igreja Catholica, por não obedecerem ao Summo Pontifice Romano. Deixo finalmente os Judeos tão cegos, & tão obstinados na culpa, que cometerão, de crucificar á seu Senhor, & verdadeiro Messias, que esperavão, que se não querem reduzir á penitencia, & confessar sua cegueira, mais duros que as pedras, que na sua morte innocente se quebrarão; & fizeram em pedaços. Fallo sô da Gentilidade, & da Idolatria tão dilatada no Mundo, que deixarão estes Christãos reduzidos na India ao rebanho de Christo: Donde tanta infidelidade? Donde tanta cegueira em Nações tão grandes de homens tão politicos, & de tão grande valor, & entendimento, como forão os Romanos, & outras muitas Nações muito mais antigas, que adoravão pedras, paos,

paos, cobras, & bichos da terra, & outros Deoses de metal, fabricados da propria opinião sem discursão. Donde de presente na India, & nas outras partes tão dilatadas de Asia, Africa, & America tantos Gentios, & tantos Idolatras, tantos Templos de Idolos, tantos enganos tão manifestos do Demonio, que traz à tantos infieis tão cegos, que não conhecem seus erros? Toda esta infidelidade, toda esta cegueira bem considerada, se não pode negar, que herdarão os homens dos nossos primeiros pays Adão, & Eva. Quando depois do pecado se lhes abrirão os olhos: *Aperti sunt oculi* Genes.3. *amborum*, virão sua maior cegueira, de crerem á Lucifer n. 7. com tanta fé, que no pomo vedado se encerrava a Divindade, como crem os Gentios Idolatras com a mesma fé, que as cousas creadas, que fabricão, são divinas, & Deoses soberanos, por engano do mesmo Demonio, negando o culto á seu divino Creador. Assim como com o sangue, que delles participamos, contrahimos sua culpa original, assim se communica tambem aos Gentios sua grande cegueira, de creerem mais á Lucifer, que á Deos, mais as mentiras do Demonio, que falla nos Idolos, que a verdade divina, que admitem os Catholicos, que abrirão os olhos à luz da fé verdadeira.

74 Tres cousas concorrerão na infidelidade dos nossos Progenitores Adão, & Eva, a mentira de Lucifer: *Eritis* Genes.3. *sicut Dij*, a comida de hum pomo, que colherão da arvore n. 5. vedada: *Tulit* (à saber Eva) *de fructu illius, & comedit*: *de-* ibid. n. 6. *ditque viro suo, qui comedit*, & a fé falsa contra a fé verdadeira, & divina, crendo contra o que experimentavão seus cinco sentidos, a vista, o tacto, o cheiro, o gosto, & ouvido, porque por nenhum delles se podia presumir, que naquella fructo, se encerrava a divindade, & que se lhe communicaaria tanto que o comessem. A vista, o cheiro, o tacto, o gosto era do pomo, & o que tinham ouvido de Deos, era, que delle se o comessem, se originaria sua morte: *Morte mor-* Genes.2. *rieris*. Contra este desengano, & contra o que alcançavão n. 17. seus sentidos, infieis á Deos, & entregues á mentira de Lu-

M m ij

cifer,

D.Athan.

cifer, crerão, que estava nelle escondida a divindade, & q̃
 ferião Deoses semelhantes á Deos, se o comessem. Para an-
 tidoto pois desta mentira, para remedio deste engano, para
 mezinha contra esta peçonha, que lhe communicou a serpê-
 te infernal, para se desfazer esta obra tão diabolica de Luci-
 fer, donde se originou a Idolatria, para curar a infidelidade,
 que herdarão os homens com o sangue de seus primeiros
 Avós, & pays universaes de todo genero humano, instituiu
 Christo Senhor nosso a Eucharistia, Sacramento da verda-
 de pelo instituidor, que encerra, que não pode mentir: *Sa-
 cramentum veritatis*: Comida dos Catholicos: *Cibus via-
 torum*; porque he o fructo que colhemos da arvore da Cruz,
 diz S. Athanasio, opposto à arvore defeza: *Ecclesia germi-
 nat lignum Crucis, faciens fructum aspectu pulchrum, &
 bonum ad vescendum, nempe Christum*: E Mysterio da Fé:
Mysterium fidei, crendo os fieis com verdade infallivel con-
 tra o que experimentão os sentidos, contra o que vem, to-
 cão, cheirão, & gostão, que o que adorão no Altar, & re-
 cebem na Sagrada Comunhão, não he pão, mas o corpo
 vivo de Christo, Deos, & homem verdadeiro; & que por
 concomitancia está nelle toda a divindade da Sanctissima
 Trindade, Essência, Personalidades, & Atributos divinos;
 & que se communica aos Catholicos todas as vezes, que co-
 mungão. Este antidoto contra a infidelidade he que salta à
 estes Christãos da India, para serem confirmados, & perpe-
 tuados na Fé Catholica, que professão. Esta comida, que
 se lhe nega, lhe devemos, para que estejam tão firmes, & fi-
 xos na fé, que se for necessario, dem a vida por ella.

75 Não basta para os conservarmos na Fé, mostrarlhes
 o Senhor na Missa, ou fechado no Sacrario, ou ainda desê-
 cerrado exposto á todos na Custodia, se o não receberem
 no Altar. Para se desterrar do Mundo a infidelidade, para
 se exterminar a Idolatria, destruir os Idolos, converter os
 Gentios, & estabelecer na Fé Catholica os Christãos, mui-
 to mais obra a Sagrada Comunhão, que o acatamento, com
 que

que o veneramos nas Igrejas . Não quiz Deos destruir os Idolos do Egypto , & derrubar seus Templos , quando maldou aos Hebreos , que tivessem em suas cazas hum Cordeiro pelo espaço de huns dias,mas os destruiu na noite em que o comerão ; porque o Cordeiro exposto nas cazas, figurava á Christo exposto nas Igrejas no divino Sacramento : & comido representava ao mesmo Senhor recebido na Sagrada Comunhão; & para destruir Idolos, desfazer seus Templos, desterrar a Idolatria, estabelecer a Fé Catholica nos Christãos, não basta expor o Senhor nas Igrejas , mas se requer , que o recebam os Christãos na Sagrada meza do Altar .

76 O Texto he claro, & a figura he sabida . Deliberou Deos de castigar não só os Egypcios,por não querer Pharaõ libertar seu querido povo de Israel , mas ainda seus Deozes: *In cunctis Dijs Egypti faciam judicia ego Dominus* : & o Exod. 12] castigo foi reduzir em huma noite em pó, & cinza todos os n. 12. Idolos, que adoravão , & arrazar seus Templos, derrubando-os, destruindo-os, fazendo de todos montes de pedras, com que libertou logo á seu povo,& o livrou do risco de poderem idolatrar có o mau exemplo dos Egypcios, com que vivião . Senhor por hum estrago tão grande, por huma destruição geral feita em húa noite,para arrazar tantos Templos, & destruir tantos Idolos, de que vos valestes, de que meyo? Valeuse de huma Comunhão geral . Mandou á todos os Hebreos , que tomassem no decimo dia do mez hum Cordeiro , & o tivessem exposto em suas cazas, & que no quarto decimo dia á noite todos geralmente o comessem . Em quanto esteve o Cordeiro em caza á vista de todos, figura de Christo exposto nas Igrejas, não cahirão os Idolos, não arruinarão seus Templos ; mas tanto que chegou a noite da Comunhão geral , tanto que o comerão, figura da Sagrada Comunhão , diz a Glosa neste lugar, Abulense, Lyrano, & os mais Expositores por tradição antiga dos Hebreos, que todos os Idolos se desfizerão , os de pao apodrecerão, os de metal se resolverão, os de pedra se fizerão em

Glof. ord. pedaços, & os Templos todos cahirão sem ficar nada em pé:
 Abulenf. *Omnia Idola Egyptiorum* (diz Abulense) *illa nocte subito*
 Lyran. hic *putrefacta, atque incinerata fuere; metallica verò resoluta,*
& fusa in terram, ut aurea, argentea, & area, vel stamnea;
lapidea autem usque ad pulverem comminuta. Tambem os
 Glof. ibid. Templos (diz a Glosa) *& Tempia, vel motu terrae, vel flu-*
minis Nili inundatione. Este he o meyo para ter os Indios
 Christãos fixos, & firmes na fé, & desterrar da India a Ido-
 latria.

77 Não só por charidade, para maior firmeza da Fé;
 mas tambem para augmento da graça divina, & maior segu-
 rança da gloria, tendes obrigação de instruir á estes Chri-
 stãos, & de procurar, que todos comunguem. Pouco me
 deterei nestes dous pontos, por serem cômuns, & muy cer-
 tos. Que o Sacramento da Eucharistia confira a graça, he
 de todos os Theologos. Quanto mais comunhão os Chri-
 stãos, tanto mais crece nelles a graça divina, & tanto maior
 será a gloria, que terão no Ceo, porque á medida da graça
 da Deos a gloria. Hum grao da graça divina, hum grao da
 gloria eterna val mais sem comparação, que todos os bens
 temporaes deste Mundo, & de outros muitos Mundos, se
 Deos os creara, porque não tem comparação o temporal
 com o eterno, nem os bens da terra com os sobrenaturaes do
 Ceo. Só isto bastara para temerem os Parocos a conta, que
 hão de dar á Deos, por negarem para sempre à estes Chri-
 stãos a Sagrada Comunhão. Como lhe podem compensar
 este dano tão grande, como restaurar esta perda de tanto
 porte? Por ser impossivel, para que Deos nos não castigue
 nesta vida, nem na outra [que he mais para temer] tratê
 os que tem cura de Almas, de se arrependerem do passado,
 de remediarem o presente, de cumprirem melhor com as
 obrigaçoens de seu officio pelo tempo futuro, admitindo à
 meza do Altar os instruidos, & instruindo os ignorantes,
 para que todos comunguem, não só na Pascoa, mas ainda
 muitas vezes no anno, & com maior cuidado na hora da
 morte

morte, para que não falte à ninguém o augmento da graça, que confere a Eucharistia, & a maior segurança da gloria, por cuja causa se chama Penhor da gloria, & Viatico para o Ceo: *Futura gloria nobis pignus datur*, diz S. Thomas: *Accipe Viaticum sacratissimi Corporis Domini nostri Iesu Christi*, diz a sancta Madre Igreja, quando comungão os enfermos no perigo da morte.

D. Thom.
in off.
Corp.
Christ.
Ritual.
de Viat.

78 Maior he a obrigação de justiça, porque de direito se deve aos Christãos a Eucharistia, pela ter Christo Senhor nosso instituida para elles sem excepção alguma de pessoa. Todos os Doutores assentão, que peca mortalmente o Paroco, que a nega á suas ovelhas, não sô na Pascoa, & na hora da morte, pelo preceito divino, & da Igreja, mas em outro qualquer tempo, que justamente a pedirem. Lede nesta materia Navarro, Soto, Reginaldo, Suares, Azorio, Fillucio, Possevino, & os mais Doutores moralistas, porq̃ todos fallão por hum modo. Somentes refiro as palavras de Bonacinas, por serem tão ajustadas com o que tratamos, que parece as escrevera neste Estado depois de ter visto, & considerado esta falta, de se negar à estes Christãos seu divino pão, que com tanta justiça se lhes deve, como por terem aqui muitos os livros deste Author.

Navar. de
pœnit.
disp. 6. n.
152.
Sotus. dist.
1. q. 5. art.
9.
Reginal.
lib. 29.
n. 96.
Suar. disp.
72. sect. 3.
Azor. 1.
p. 1. 2.
cap. 17.
quæsit. 10
Filluc.
tract. 4. c.
9. n. 268.
Possevin.
de admi-
nistr. Sacr.
c. 5. n. 8.
Bonac. de
Sacr. disp.
4. q. 5. p. 1.
n. 15.

79 Pergunta Bonacinas: *Quando nam teneatur Parocus suis ovibus Eucharistiam administrare?* Em que tempo está obrigado o Paroco á administrar a Eucharistia á suas ovelhas? E respõde com estas palavras, que só ellas com a authoridade de tão grave Doutor, são bastantes, para os Parocos se desvelarem, para cumprir com todo cuidado com esta obrigação de justiça tão preciza. Diz assi: *Per se loquendo, teneri non solum, quando subditi tenentur communicare, sed etiam quoties subditi eam rationabiliter petunt, ut si eam petant non nimis frequenter, sed quatenus postulat ipsorum conditio, & Sacramenti reverentia. Nam Parocho impositum est onus pascendi oves suas, quod maximè fit verbo, & Sacramentis. Nec par est, ut parvuli petant panem, & non sit,*

sit, qui panem eis frangat. Há cousa mais propria para o tempo presente? Há palavras que mais exprimão o que devem os Parocos por justiça á estas Christandades, viúvas de seu divino Senhor, apartadas por toda a vida de seu amante Espozo, com quem nunca se unem no divino Sacramento, fampintas do pão, que lhes deixou por herança na hora de sua morte, que o pedem, por lhes ser devido por justiça? *Nec par est, ut parvuli petant panem, & non sit, qui panem eis frangat*.

8o A ninguem se pode negar cõ justiça este divino pão, se for capaz, para o receber, & á todos temos obrigação de instruir, para os fazermos capazes de tão alto Sacramêto; porque á todos o manda Deos dar pelo desejo grande, que tem, de estar com todos unido: *In me manet, & ego in illo*. Por esta união não quer, que se negue á ninguem. Porém se na repartição houvera de haver desigualdade, quer o Senhor, que sejam preferidos os humildes aos soberanos, os pequenos aos grandes, os pobres aos ricos, os de quem o Mundo faz menor cazo, aos poderosos que tanto venera, os de pouco nome aos de grande fama. A maior obra, que Christo fez, o maior milagre foi o da Eucharistia: *Miraculorum ab ipso factorum maximum*, diz S. Thomas. Quando se deliberou de o fazer, chamou, diz S. Lucas, dous Apostolos seus mais queridos, S. Pedro, & S. João: *Petrum, & Ioannem*, & lhes mādou, que fossem buscar á hum homem tão humilde, que nem pelo nome o manifestou: *Ite in Civitatem ad quemdam*, & tão pobre, que sendo pay de familia: *Dicetis Patri familias domus*, levava às costas hua quarta de agoa para lervicho de sua caza: *Lagenam aquæ bajulans*. Sobre este passo exclama S. Ambrosio: *Dignationem ejus intueri, quia non persona divitis, aut potentis eligitur, sed pauper ambitur, & angustum hospitium pauperis amplis Nobilium ædibus antefertur*. *Ite inquit ad quemdam*. Vede (diz S. Ambrosio) já que chega a bondade, & a benevolencia de Christo, que para huma obra tão milagrosa, tão soberana, & tão divina,

Joan. 6.
n. 57.

D. Thom.
Opusc. 57
Luc. 22.
n. 8.

Matth. 26.
n. 18.

Luc. 22.
n. 10.

Marc. 14.
n. 13.

D. Ambr.
in cap. 22.
Luc. in
principio.

divina, não escolhe a pessoa de hum rico: *Non persona divitis*, nem de hum homem poderoso: *Aut potentis eligitur*, mas busca, & dezeja sô hum pobre: *Sed pauper ambitur*; nê tão pouco procura os Paços dos Grandes; mas quer que hũ apertado hospício de hum homem humilde seja preferido às grandes, & soberbas cazas dos Nobres: *Et angustum pauperis amplis Nobilium ædibus antefertur*. Nem aqui parou o Senhor (diz o mesmo Sancto) porque á fim, que fosse este homem conhecido por homem popular sem nobreza, o apontou sem o nomear: *Ideo sine nomine designatur, ut ignobilis æstimeretur*: Sô do Cenaculo disse Christo, que era grande: *Ostendet vobis Cenaculum magnum stratum*.

Luc. 22.
n. 12.

81 Admirável deliberação. Para huma obra tão soberana, & tão divina, assistida dos Anjos, venerada dos homês, acclamada no Empyreo, festejada do Eterno Padre, alegria dos Bemaventurados, & terror do Inferno, em que o Immenso se encerra, o Altíssimo se communica, a Magestade se esconde, & a Omnipotencia se manifesta, escolhe Christo hũa caza humilde de hum homem pobre sem nome, & sem nobreza, & hum hospício apertado: *Angustum hospitium pauperis*! E se a caza era tão limitada, & tão pequena, como o Cenaculo era grande? *Cenaculum magnum*. Diz S. Ambrosio, que os merecimentos deste homem crão grandes. Olhou o Senhor pela grandeza de sua virtude, & não pela pobreza de sua caza. Chamoulhe Pay de familia, porque era sancto. Disse que tinha hum Cenaculo grande muy capaz, não pela fabrica, que era limitada, & muy pequena, mas porque são para Deos as cazas dos pequenos muito grandes, & as cazas dos grandes muy pequenas. As cazas, aonde abondade de quem nellas vive he muita, por limitadas que sejam, as estima Deos por muy grandes, & folga de entrar nellas. As cazas, em que os peccados, que nellas se cometem são muitos, como são de ordinario as dos Grandes, as avalia Deos por muy pequenas, & foge de estar nellas. *Quomodo Pater familias?* [diz S. Ambrosio] *Et*

Ambrosio
in cap. 22.
Luc. in
princip.

agnoscat sanctitatis definitionem esse, non census. Quomodo in superioribus habens stratum magnum? Ut meritum ejus advertas, in quo Dominus cum Discipulis sublimium virtutum ejus delectatione requiesceret. Tambem diria, que era o Estrado grande, porque quer, que todos se assentem na sua meza, que comão todos seu divino pão, que não se limite a meza do Senhor, nem os convidados para ella.

82 Não corre esta pratica neste Estado. Húa das maiores difficuldades, que me fizerão nestes dias muitos Parocos, para se admitirem todos os capazes á meza do Altar, & se levar o Sanctissimo aos enfermos, na sua errada opinião contraria ao que o Senhor praticou, quer, & ordena, foi dizerem (& o querem ainda sustentar) que não he decê-te levalllo aos humildes, & aos pobres, porque suas cazas são muy limitadas, & pequenas; nem tão pouco (dizem) que convem admitilos á Sagrada Comunhão, por andarem mal emroupados, rotos, & descalços. Mas não dão rezão, porque não admitem os Bramanes, que são os Nobres da India, nem lhe levão o Senhor ás suas cazas, para comungarem por viatico, vestindo todos muy honestamente, & morando em cazas mais decentes. Valhame Deos? Quam difficultoso he vencer hum abuzo tão geral, & de largos annos, de que muitos se peirão, por eu o condenar com tantas disputas, praticas, & sermoens, que préguei, & prégaréi nesta materia, até o desterrar.

83 Que fora se instituiria Christo Senhor nosso a Eucharistia nos Paços grandiosos dos Principes dos Sacerdotes cõ grande ostentação, & apparato? Que fora se a não dera se não aos Nobres, & grandes da Cidade? Muito menos gente, & quasi nenhum comungara na India. Sigão meus Parocos as pizadas de Christo, fação o que elle fez, preferindo os pobres aos ricos, as limitadas cazas dos plebeos, choupanas, & palhotas aos vistosos aposentos dos Nobres, & dos grandes; porque á todos he devido por justiça este divino pão, & não he justo, que na repartição se dé aos Grandes,
& se

& se nêguê aos humildes : Não he justo , diz Bonacinas , & toda a Elchola dos Theologos , que se negue aos pequenos , que o pedem : *Nec par est , ut parvuli petant panem , & non sit , qui panem eis frangat .* Bonacin. de Sacr. disp. 4. q. 5. p. 1. n. 15.

84 Por obedientes á Deos , & por agradecidos tendes também obrigação de admitir estes Christãos á Sagrada Comunhão , não húa , mas muitas vezes no anno , & muito mais na Pascoa , & no perigo da morte , q̃ he a terceira rezão proposta no assumpto , & terceira parte deste discurso . III. Parte. Joan. 3. n. 5.

85 Tres Sacramentos tem Christo instituido muy necesarios para a salvação . O Bautismo , a Penitencia , a Eucharistia . Sem o Bautismo ninguem se pode salvar : *Nisi quis renatus fuerit ex aqua , & Spiritu Sancto non potest introire in regnum Dei .* Sem a Penitencia se não pode salvar o peccador : *Nisi penitentiam habueritis , omnes similiter peribitis .* E sem o Sacramento da Eucharistia , dizem muitos Doutores com S. Thomas , que se não podem salvar os Christãos , por dizer Christo Senhor nosso : *Nisi manducaveritis carnem filij hominis , & biberitis ejus sanguinem , nõ habebitis vitam in vobis .* Esta deve de ser a rezão , porque chama o Apostolo S. Pedro á Eucharistia , como notou o grande Areopagita , *Salutem animarum* , salvação das Almas . Luc. 13. n. 3. D. Thom. 3. p. q. 73. art. 3. Joan. 6. n. 54. 1. Petr. 1. n. 9. D. Dionis. Areop. lib de E. ccl. Hierarch. cap. 1.

86 Não disputo por ora , se o Sacramento da Eucharistia he necessario para a salvação , *necessitate medij* , ou somente , *necessitate precepti* . Nem tão pouco disputo , se he necessario recebelo *in re* , ou basta recebelo *in voto* . Reservo estas Theologias , para as discutir no sermão que hei de pregar nesta Sé na proxima festa que vem do Corpo de Deos , que neste anno de 45. cahe aos 15. do mez proximo de Junho , & por não haver procissão , que a impedem as continuadas chuvas , me poderei dilatar muito nelle . Então tratarei mais diffusamente da obrigação , que tem os Christãos , de receber este divino Sacramento , & os Parocos de lho administrar . No segũdo sermão deste segũdo livro do tratado lar gamente desta materia na primeira parte , q̃ he o sermão , que

87 Provemos agora de como lho devemos pela obrigação aqui refi-
N n. ij ro.

ção, que nos corre, de obedecermos à Deos, que lho manda dar. Tres vezes perguntou Christo à S. Pedro, se o amava, & outras tantas lhe mandou, que apacentasse suas Ovelhas: *Simon Ioannis diligis me plus his? Dicit ei: Etiam Domine, tu scis, quia amo te. Dicit ei: Pasce agnos meos &c.* Parece que alludio Christo a os tres Sacramentos, que temos dito, serem necessarios para a salvação, Bautismo, Penitencia, & Eucharistia, mandandolhe por tres vezes, que os administrasse á suas ovelhas: *Pasce agnos meos*, lhe disse na primeira, & na segunda vez: *Pasce oves meas*, lhe disse na terceira. Mas reparo, que em todas estas tres vezes lhe chamou Simão: *Simon Ioannis*. Se Christo lhe mudou este nome de Simão em Pedro, quando o admitio ao Apostolado, como referem os Evangelistas: *Et imposuit Simonni nomen Petrus*, diz S. Marcos; & com mais mysteriosas palavras diz S. João, que lhe dissera o Senhor: *Tu es Simon filius Iona. Tu vocaberis Cephas, quod interpretatur Petrus.* Se toda esta mudança foi, para estabelecer nelle, como em firme, & forte pedra fundamental, o edificio da Igreja Catholica: *Tu es Petrus, & super hanc Petram edificabo Ecclesiam meam*, porque nesta occasião se vale de seu antigo nome de Simão: *Simon Ioannis*?

88 Simão na lingua Hebraica he o mesmo que obediente na Latina. *Simon, idest obediens*, diz o Interpretre dos nomes Hebraicos registrados na Biblia Sagrada. E o nome de Pedro val tanto como Pedra, *Super hanc Petram*. Corria à S. Pedro por obrigação de obedecer á Christo seu verdadeiro Deos, & Senhor, que lhe mandava como à Vigario seu, & universal Pastor de seu rebanho, que apacentasse suas ovelhas: *Pasce oves meas*, com os tres Sacramentos necessarios para a salvação, com o Bautismo, instruindo, & baptizando toda a gente: *Docete omnes gentes, baptizantes eos*: Com a penitencia, absolvendo sempre á todos, que se arrependessem de suas culpas, & pecados: *Non dico tibi usque septies; sed usque septuagies septies*, á saber sempre; & que com

Joan. 21.
n. 15.

Marc. 3.
n. 17.

Joan. 1.
n. 42.

Matth. 16
n. 18.

Biblia in
Interpret.
Nom.

Matth. 28.
n. 19.

Matth. 18.
n. 22.

com os bautizados, & absoltos repartisse o pão da Eucharistia, como elle fez com seus Apostolos na derradeira cea: *Hoc facite in meam commemorationem*. Para que S. Pedro tivesse sempre presente a obrigação de lhe obedecer, não lhe chama Pedro, que val tanto como Pedra, simbolo da dureza dos Pastores de Almas, que se não querem sojeitar ao que Deos manda, mas lhe chama Simão, que val tanto como obediente: *Simon obediens diligis me plus his?* Como se lhe differe: Obedecci Pedro no que vos mando. Administrai à todos os Sanctos Sacramentos.

Luc. 22.
n. 19.

89 Outro mysterio ha que pôderar nesta triplicada pergunta, que Christo fez á S. Pedro, querendo saber d'elle, se o amava, para lhe encomendar suas ovelhas: *Simon Ioannis* Joan. 21.
amas me? Pasce oves meas. Se he obrigação de pecado, se n. 17.
he preceito divino apacentar as ovelhas de Christo com o pão dos Sacramentos, que S. Pedro não podia deixar de guardar, porque, para a observancia d'elle, lhe propoem o Senhor por motivo o amor: *Simon Ioannis diligis me? Simon Ioannis amas me?* O que se faz puramente por amor, não he por obrigação, & o que se faz por obrigação, não he absolutamente por amor. Obrigação, & amor são duas cousas muy diversas. Não fez Deos assi, quando mandou à Adão que não comesse do fructo da arvore defeza. Não lhe perguntou se o amava, nem lhe disse, que por seu amor guardasse esse preceito, como pois Christo, para S. Pedro guardar o preceito de apacentar suas ovelhas com os Sanctos Sacramentos de sua Igreja, lhe poem diante dos olhos o amor, que lhe devia, & por tres vezes lhe pergunta se o amava: *Simon Ioannis diligis me? Simon Ioannis amas me?*

90 A Adão quis levar Deos por temor, & à S. Pedro por amor. Porque a ley da graça està fundada na fineza do amor de Deos, & do proximo: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & in tota anima tua, & in tota mente tua,* Matth. 22.
& proximum tuum, sicut te ipsum. In his duobus mandatis n. 37.
universa lex pendet, & Prophetæ. Mas o estado da innocência,

Genes. 2.
n. 17.

cia, para se conservar, o fundou Deos no temor da morte: *De ligno autem scientiæ boni, & mali ne comedas. In quocumque enim die comederis ex eo, morte morieris.* Para Adão guardar este preceito, bastante motivo era o temor de morrer na mesma hora, em que o quebrasse. Se o Demonio lhe não tirara com engano este temor, Adão não pecara. Mas para os Pastores das Ovelhas de Christo guardarem o preceito de as apacentar, se o amor de Deos não vencer nelles o amor proprio, apacentarão a si, & perecerão as Ovelhas. Tratarão tanto de si, que quebrarão todos os preceitos, o Divino, & o humano, de Christo, & da Igreja, como se vé aqui, que nem na Pascoa, como mandão os Concilios, nem na hora da morte, como manda Deos, comungão os Christãos.

91 Muito tem que dar as ovelhas, mormente neste Estado, causa pela qual em muitas partes pode tanto a cobiça, & o interesse, que se dissimula com os Orsãos filhos dos Gêntios contra as leys sanctas dos Reys de Portugal, deixando-os sem Bautismo viver nos erros da gentilidade, por renderem mais sendo Gentios, que Christãos. Não me declaro mais, porque sei que me entendem. Muito tem que dar as ovelhas, porque tudo que a ovelha tem, he de proveito.

*Seu caro, seu corium, fetus, fimus, alea, chorda,
Lanave, lacue deest, omnia præstat ovis,
Disse hum Poeta.*

Ezechiel.
34 n.2.

Se os Pastores se quizerem aproveitar dellas, apacentarão muito a si. Mas ay dos que assi fizerem: *Væ Pastoribus Israel* (dizia Deos pelo Propheta Ezechiel dos Pastores daquelle tempo) *Væ Pastoribus Israel, qui pascebant semetipsos. Nonne greges à Pastoribus pascuntur? Lac comedebatis, & lanis operiebamini: Et quod crassum erat occidebatis: gregem autem meum non pascebatis.* Ay daquelles Pastores, que apacentão a si, & deixão morrer de fome suas ovelhas! Ay daquelles Pastores, que olhão tanto pela lam, que para enriquecerem de bês temporaes, empobrecem os rebanhos de Christo!

Christo ! Ay daquelles Pastores , que tirão das ovelhas quanto podem , & negão às ovelhas o que devem. *Vae Pastoribus Israel.*

92 Todos, quando passam do Reyno para Pastores de Almas á este Estado, mostram com grande espirito, não terem outro intento, nem outro fim nesta jornada, que de adquirir Almas à Christo, de aproveitar á suas ovelhas, de reduzir ao seu rebanho as que fóra d'elle andão perdidas, de as crear com o leite do Evangelho, de as instruir na doutrina Christãa, de as cathequizar na Fé Catholica, de as apacentar com os Sacramentos da Igreja, & de as encaminhar para o Céu. Todos, quando se embarcão, levão consigo muy grandes desejos da conversão dos Gentios, da reforma dos Christãos, da dilatação da Fé de Christo, & de dar a vida pela confissão de seu Sanctissimo nome. Mas quando aqui chegão com a mudança do clima muitos se mudão. Cercados do numero grande de suas ovelhas, que tem á seu cargo, olhão mais pela lam, & pelo que podem dar de proveito, que pela obrigação de Pastor. Mais procurão de aproveitar à si, que as ovelhas. E quanto mais crece o proveito, tanto mais se afervora o desejo de adquirir, & se esfria o espirito, & zelo de as apacentar; porque pôde tanto com nosco à ambição, & o interessê, que se o não vencer o amor puro de Deos, & do proximo, cada dia cresce mais, conforme cresce o proveito, porque a experiencia mostra ser verdade o que disse outro Poeta, que quanto mais crescem as riquezas, tanto mais cresce a cobiça, & o desejo de adquirir.

Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit.

Juvenal.
Satyr. 14.

93 Não pôde ser perfeita a obediencia devida à Deos, se não for perfeito o amor. Nem pôde ser o amor perfeito sem o odio sancto de si mesmo. Conforme o amor he a obediencia. A medida da obediencia he o amor, & à do amor he o odio sancto de si. Tanto cresce na perfeição a obediencia, quanto for o amor mais subido, & tanto he maior o amor, quanto o odio sancto for mais riguroso. Com o amor proprio

prio não se une o amor de Deos; nem a obediencia se compadece com o amor proprio. Faltando o amor de Deos, força he que falte a obediencia, que lhe devemos, & a observancia de seus preceitos: & faltando o odio sancto de si, cresce o amor proprio, & perde-se com o amor de Deos a obediencia.

Matth. 6.
n. 24.

94 Disse Christo á seus Apostolos, á quem escolheo para Pastores de suas ovelhas: *Nemo potest duobus Dominis servire: aut enim unum odio habebit, & alterum diliget, aut unum sustinebit, & alterum contemnet. Non potestis Deo servire, & mammonæ. Ideo dico vobis, ne solliciti sitis animæ vestræ quid manducetis, neque corpori vestro quid induamini.* Com estas palavras lhes mostrou Christo a conexão grande, que tem entre si o amor com a obediencia, & o odio sancto de si mesmos com o amor, para que desapegados de todo o interesse, izentos de toda a cubiça, soubessem como se havião de haver no regimento de suas ovelhas. Divinas palavras, que houverão de ter sempre presentes na memoria os que forem destinados para Parocos, & Curas.

August.
lib. 2.
de ferm.
Dom. in
monte
cap. 14.

95 O servir tem por baze a obediencia. Ninguém pôde servir bem à seu Senhor, se lhe não obedecer. Por essa rezão diz Christo: Ninguém pôde servir á dous senhores: *Nemo potest duobus Dominis servire.* He força que servindo à hum, lhe tenha amor, para o servir bem: *Aut enim unum odio habebit, & alterum diliget, aut unum sustinebit, & alterum contemnet.* De outro modo não lhe poderá obedecer; & tendo amor em hum, ha de aborrecer o outro. Mas quem he o outro Senhor, à quem ha de aborrecer, para bem servir à quem ama? Logo o declara, proseguindo seu discurso, para doutrina de seus Apostolos, para ensino de seus Pastores, & para exemplo nosso: *Non potestis Deo servire, & mammonæ.* Diz S. Augustinho: *Mammonæ apud Hebreos divitiæ appellari dicuntur.* Não podeis servir á Deos, & ás riquezas. Quer dizer. Não podeis servir á Deos, se estais atado ao interesse. He necessario o odio sancto de vós mesmos, que desapegue

sapegue a vossa vontade do dezejo de adquirir, & o entendimento dos cuidados de enriquecer. Haveis de viver, diz Christo, tão desapegados, & tão izentos de cubiça, & de outro qual quer cuidado, que não for apacentar minhas ovelhas, que nem o comer, nem o vestir tão necessario para a vida humana, quero que cuideis donde vos ha de vir, confiando em meu Eterno Padre, que não vos ha de faltar: *Ideo dico vobis, ne solliciti sitis animæ vestræ quid manducetis, neque corpori vestro, quid induamini.*

96 Isto he o que Christo manda: & isto he o que se não guarda neste Oriente. Se se guardara, não houvera tanta falta na administração dos Sacramentos, tendose chegado à tal extremo, que em algũas Freguezias nem tão pouco se administra a Sancta Unção: Não houvera nos Christãos tantas queixas: Não fora tão difficultoso, como hoje he, converter hum Gentio: Não fugirão as ovelhas de Christo de seus Pastores: Não se levantarão contra elles, lançando-os de si com tão grande perda irreparavel de almas, que do Cabo de Boa Esperança, ou do mar Vermelho atè o Japão Reynos, & Provincias enteiras de muitos Catholicos, em q̃ a Fé de Christo se dilatava cõ grandes augmentos, retrocederão, tornando á seus antigos, & depravados ritos: os que erão gentios à idolatria, & os que erão scismaticos á desobediencia do Summo Pontifice Romano, sem quererem mais admitir a Fè Catholica. Todos o sabemos, todos o vemos, todos o sentimos, & ninguem o remedeia.

97 Não he pequena a duvida, qual fosse a causa, porque os Animaes, que sojeitou Deos á Adão, & pôs debaixo de seu imperio, se rebellassem contra elle depois do pecado, de modo que não só lhe não obedecião, mas ou por medo fugião d'elle, ou delles fugia Adão, acautelandose por temor de ser por sua fereza devorado. A duvida está posta em rezão com grande fundamento. Porque tinha Deos antes do pecado feito á Adão Principe na terra com absoluto poder so-

Genes. 1.

p. 18.

O o

domi-

Genes. 2.
n. 19.

dominamini piscibus maris, & volatibus calis, & universis animantibus, quæ moventur super terram. Para que o reconhecessem por seu Principe, & lhe obedecessem, & servissem como à seu legitimo senhor, todos levou Deos à sua presença, & para maior authoridade, & imperio, quiz que lhes possesse os nomes conforme a natureza de cada hum, final da obediencia, & sojeição, que lhe devião: *Adduxit ea ad Adam, ut videret quid vocaret ea: omne enim quod vocavit Adam animæ viventis, ipsum est nomen ejus.* Depois do

Genes. 2.
n. 17.

Genes. 3.
n. 19.

Genes. 3.
n. 17.

pêcado não diz o Texto, que o privasse Deos de seu imperio. Não se lê, que o desaposasse de seu dominio, nem que mandasse aos animaes, que o não conhecessem por seu Rey, & Senhor, nem tão pouco, que lhe não obedecessem. A pena de seu delicto foi a morte: *Morte morieris*, que logo se executou tanto que o cometeo. O castigo forão os trabalhos, á que Deos o condenou por toda a vida: *In sudore vultus tui vesceris pane, donec revertaris in terram, de qua sumptus es.*

Genes. 3.
n. 22. & 23.

A maldição cahio sobre a terra, & não sobre elle: *Maledicta terra in opere tuo*; & o desterro foi mais misericordia, que castigo. Lançou-o Deos fóra do Paraizo terreal, para que não comesse o fructo da arvore da vida, que se o comera fora eternamente miseravel: *Ne forte mittat manum suam, & sumat etiam deligno vitæ, & comedat, & vivat in æternum. Et emisit eum Dominus Deus de Paradiso voluptatis.* Donde pois tanta fereza nos animaes contra Adão, tanta rebelião contra seu imperio, tanta desobediencia à seu Senhor?

D. Chry-
sost. in
psalm. 3.

98 Chrysoftomo, & outros muitos Sanctos, à quem segue a commúa dos Sagrados Expositores, dizem, que os animaes desconheceraõ à Adão depois da culpa, como desconhece o Cão á seu Senhor, & o acomete, & morde, se o vê transformado, & feo com rosto torpe, & disforme, ou disfarçado, diverso do que antes era: *Quem admodum canis [diz Chrysoftomo] qui in domo est, ei servit, qui eum alit; sed si eum repentinè viderit vultu fuligine atrato, vel personatum, aggreditur tanquam ad alienum, & cogitat eum dila-*

*dilacerare. Ita Adam quandiú purum servavit vultum factum ad imaginem Dei, bestiae ei tanquam servae parebant. Quandiú autem vultum sedavit inobedientia, non agnoscen-
tes Dominum, tanquam alienum odio habebant.*

99 Não reprovó esta sentença, por ser de tão grande São-
cto, & a seguírem outros muitos. Sô aponto a duvida, que
póde ter, que remeto aos Theologos, para a decidirem. A-
dão pelo pecado se não mudou no exterior, mas fomenta no
interior. A grandeza de seu corpo, a proporção de seus mêm-
bros, a fermosura de seu aspecto, a belleza de seu rosto, a
magestade de sua pessoa foi sempre a mesma antes, & depo-
is da culpa. A mudança, & a fealdade teve só na alma O hor-
ror do pecado, a perda da innocencia, a privação da graça,
a rebellião da carne contra o espirito, a repugnancia para o
bem, a inclinação ao mal, & outros muitos effeitos do pecado
erão aos animaes invisiveis, visiveis só à Deos, & aos Anjos.
Não conhecião as Bestas a desformidade da desobediencia
de Adão, & a fealdade de sua alma. Não vião nelle borrada
a imagem divina, & retratada com a morte a culpa; como
pois o desconheceração, se no exterior não fez mudança?

100 Outra rezão darei, que parece, que dá no ponto da
difficuldade, & solta toda a duvida. A obrigação de Adão
era de obedecer á Deos. A obrigação dos animaes (para me
explicar com a mesma phrase, & modo de fallar) era de o-
bedecerem à Adão. Tinha Adão obrigação de obedecer à
Deos, porque o creou. Tinhão tambem os animaes obriga-
ção de obedecer á Adão, porque os creou Deos com esta o-
bediencia. Contra o preceito divino, desobedecendo á Deos,
comeo Adão o fructo da morte. Por esta desobediencia ab-
solveo logo o Senhor por seus occultos, & invisiveis impul-
sos aos animaes da obediencia, que lhe devião; porque não
era justo, que obedecessem as creaturas á quem desobedece-
ra mortalmente á seu divino Creador. Desobedeceo Adão á
Deos: comeo contra sua ordem o que lhe defendera: arre-
meçou-se á arvore vedada: colheo o fructo della, & o tragou.

ordenou pois Deos na mesma hora , que lhe desobedeceffẽ os animaes com tanta ferocidade , que se arremessarão contra elle , o comerão , & o tragarão, se o mesmo Senhor o não empedira, por se compadecer de quem tanto amava , pelo ter formado com suas divinas mãos , & com seu bafo lhe cõ-municara a vida .

101 Muito nos ama Deos ; pois ainda não nos desempa-ra . Castiganos com perdas , & nos conserva ainda com Imperio. Por lhe desobedecermos na observancia de dous pre-ceitos tão grandes Ecclesiastico , & Divino , por não admittirmos tantas Christandades , quantas ha nestas Conquistas á sagrada meza do Altar , por lhes não administrarmos em nenhum tempo de sua vida , nem tão pouco na Pascoa , & no perigo da morte a Eucharistia , permitio , que se levantassẽ em diversos Reynos, Provincias, & Cidades os Christãos contra seus proprios Bispos , & Prelados : as ovelhas contra seus Pastores : os filhos contra seus Pays spiritu-aes : os subditos contra seus Senhores : os Tributarios, & Vassallos contra seu Rey Portuguez , fugindo ainda muitos Christãos desobedientes à Deos , & á Igreja para as terras dos Mouros , & Gentios , aonde retrocederão , negando a Fé Catholica . Para que não haja mais desobediencias com tantas perdas , obedeçamos nós à Deos . Admitamos nós á Sagrada Comunhão as Christandades , que nos deixou em pé , convidando á ella os pobres , animando os fracos , instruindo os ignorantes , & não faltando á tantos , que vòs mesmos confessaes ser gente nobre , esperta, entendida, aguda , & rayos do entendimento , como são os Bramanes , dos quaes creaes à muitos para Parocos, & outras muitas Nações muy politicas, capazes do Senhor em todo este Imperio.

102 Não vos desculpeis por vossõ credito, para não confessar esta culpa , de que depende desterrarmos este pecado da India , com os poucos escravos , que por fallarem mal Portuguez , lhe chamaes buffaes incapazes do Senhor, fallã-do vòs muito peor a sua lingua , que nem palavra acertaes ,

como se fomite á estes deixareis de dar o Senhor por incapazes, quando o negaes sem ter desculpa à hum numero quasi infinito de libertos de muita capacidade, & tão bem entendidos como qualquer Europeo. Com tudo para vos convencer deste erro, & desterrar destas Conquistas este pecado, he força, que vos pergunte, & repita de novo, chamandovos por testemunha do que já vos disse no principio deste Sermão, que estes por vós chamados bussaes, q̃ de cá vão para o Reyno, todos lá comungão na vida, & na morte. Isto he publico, notorio, vós o sabeis. De que pois nasce, que no Occidente se achão todos capazes, & neste Oriente nenhum, se não do zelo daquelles Parocos, & do cuidado que tem de mandar instruir á todos, para que ninguem deixe de comungar dignamente, para observancia desses preceitos, ao menos na Palcoa, & no perigo da morte? Fazei vós o mesmo, obedecei à Deos, que volo manda, para que vos obedeção vossos subditos, & não se percão mais Christãos, como os levantados, & fugidos, que com tanta lastima perdemos.

103 Resta só provar por remate deste discurso, que por agradecidos à Deos, deveis administrar á estes Christãos o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, que pedem com lagrimas, & perecem com lastimas por falta de quem lho dé: *Parvuli petierunt panem, & non erat qui frangeret eis.*

104 A Deos deveis este Imperio tanto para estimar, & que com tanto empenho procurastes de adquirir. Elle he q̃ volo deu com seu poderoso braço pelo muito que vos quer. Elle he, que vos tem feito Senhores destes Mares, sojeitado tantos Reynos, rendido tantos Reys, dado tantas povoaçoens, enriquecido com tão grandes riquezas, descoberto hum novo Mundo, aonde vos nasce com o Sol o mais precioso das perolas, o mais fino dos diamantes, o melhor das drogas, o mais vistoso das sedas, o mais rico da prata, o mais puro do ouro. Rezão he que lho agradeçaes com o que elle mais estima, & dezeja, & que de vós pretende por

mais obrigados, que he a converlão de tantos infieis, por cujo fim vos tem dado este Imperio, sentindo, que haja neste Oriente tantos mil milhares de milhares de infieis, que não tem conto, nem fim, pelo numero tão grande de Terras, de Cidades, de Provincias, de Reynos, & Imperios, aonde nunca chegou até hoje aprégação do Evangelho, & o conhecimento do nome de Jesus, se não foi no tempo dos Apostolos, por delles se dizer: *In omnem terram exivit sonus eorum, & in fines Orbis terræ verba eorum*. Cuja memoria se perdeu com o discurso de tantos seculos.

105 Quer Deos, que por agradecidos trabalhemos com todo o nosso poder, empenho, & cuidado, em tirar tantas almas remidas com seu precioso sangue da boca do Lobo infernal, convertendo-as á Fè Catholica. Mas não sofre depois de bautizadas vellas famintas do pão da Eucharistia, q̃ não sendo vosso, mas delle, que o manda dar à todas, o negueis á tantas para sempre contra sua divina vontade, embargando com errados, & mal fundados pretextos a observancia de seus preceitos, & impedindo com lhes negardes a Sagrada Comunhão, a comunicação, que com ellas dezeja com tanto extremo, que por seu amor se encerrou em tão alto Sacramento.

106 Por ser Deos essencialmente comunicativo, o Pay *ad intra in divinis* comunica sua divina essencia ao Filho, & o Pay, & o Filho ao Spirito Sancto; & por ser tambem infinitamente amãte se nos comunicou por duas vezes. Primeira quando se encarnou. A segunda estando já para morrer, quando instituiu a Eucharistia. Mas reparo no que deste amor tão grande escreveo o Evangelista S. João. Diz: *Sciens Iesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui erant in munda, in finem dilexit eos*. Lem outros do Hebreo, do Grego, & do Syriaco: *Ad summum, ad extremum, ad excessum, summo opere, perfectissimè, vehementer, in infinitum dilexit eos*. E quer dizer, que nesta segunda comunicação, excedeo Christo

Joan. 13.
n. 1.
D. Thom.
hic.
Vigerius
chorda 7.
Carthus.
ibid.
Burgens.
serm. 3.
de div.
union.

sto no amor . Amounos mais do que nos amou , quando se encarnou . A demonstração de seu divino amor para com nosco foi com excessão maior nesta segunda cõmunicação do que foi na primeira . Como affi ! Não nos amou na Encarnação com amor immenso , & infinito , unindo ási a nossa natureza ? Em que pois excedeo no amor , quando se sacramentou ? O infinito pode crescer ? O immenso pode ter excessão maior ?

107 Diz oPadre Ghislerio por sentença cõmua dos The- Ghisler.
ologos , que este amor de Christo , que na Encarnação foi in cant.
infinito , se estendeo , estando para morrer , quando se sa- cap.2.
cramentou : *Extensus quippe est in hoc Sacramento amor il-* ver.4.
le , qui in Incarnatione fuerat ostensus infinitus . Com esta
reposta cresce a duvida , porque o infinito se não pode ex-
tender , o immenso não pode crescer ; como pois se exten-
deo no divino Sacramento do Altar o amor de Christo , que
na Encarnação foi immenso , & infinito ?

108 Direi . Quando Deos se encarnou , unio ási anatu-
reza humana , mas não unio ási todos os homens , todos os
indivíduos da mesma natureza , mas hum sò homem Chri-
sto Senhor nosso . Sò de Christo , & de nenhum outro , se
verifica , que he Deos . Só delle he verdadeira , & Catholi-
ca esta proposição : *Hic homo Christus est Deus filius Dei* .
Este homem Christo he Deos filho de Deos , porque só na
sua humanidade individual está *subjectivé* a união hypo-
statica , & *terminativé* na hypostase do Verbo . Só eom a
humanidade de Christo está Deos hypostaticamente unido ,
& com Deos a humanidade de Christo , os mais homens não
tiverão nada . Porém na Eucharistia estendeose este amor ,
não *intensivé* , porque o infinito não pode crescer , mas *ex-*
tensivé para todos os homens . Na Encarnação se unio hy-
postaticamente com hum sò homem : No Sacramento da
Eucharistia se une sacramentalmente com todos : *In me ma-*
net , & ego in illo . Na Encarnação só hum homem subio á
ser Deos : Na Eucharistia por graça sobem todos à ser Deo-

ze: *Ego dixi Dij estis*. A hi se communicou Deos por amor á hum só, aqui á todos; porque com todos quer estar unido pelo excessão com que nos ama: *Cum dilexisset suos, in excessum dilexit eos*.

109 Esta communicação, que Deos tanto estima, & dezeja, empedem os Parocos todas as vezes, que negão á estes Christãos a Eucharistia. Se isto he ser agradecido á hum Deos tão amante, que vos tem dado este Estado, este Imperio, esta nova Monarquia com tanto empenho, dizei-o vòs, que lograis tão grande bem, que eu para mim digo, que huma das maiores queixas, que Christo ha de fazer no dia do juizo final na condenação dos reprobos, será estar prezo no Sacramento do Altar só á fim de se comunicar á suas ovelhas, & não o soltarem os Parocos da prisão com a Sagrada Comunhão, que á tantos negão.

110 Reparastes no que diz Christo em S. Mattheos dos motivos, & rezoens, pelas quaes no dia do juizo final ha de premiar os justos, & condenar os pecadores? Não diz, q premiará aos justos, porque guardarão seus divinos mandamentos, ou pela penitencia que fizerão de seus pecados; nem tão pouco, que condenará aos pecadores pela sua má vida, por morrerem impenitentes em pecado mortal. Nada disto diz, que ha de ser o motivo, para premiar á hús, & condenar á outros. Mas dirá aos justos entre outras coufas: *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis Regnum á constitutione mundi, &c*. Porque? *In carcere eram, & venistis ad me*. Quer dizer: Estava prezo em apertado carcere, & me vistes soltar. Pelo contrario dirá aos reprobos pecadores: *Discedite á me maledicti in ignem aeternum, qui paratus est Diabolo, & Angelis ejus, &c*. Porq *In carcere eram, & non visitastis me*. Estava prezo em hum carcere, & me não visitastes, para me soltar. Assim os justos, como os pecadores: Assim os predestinados, como os reprobos, diz Christo, que lhe hão de perguntar: *Quando te vidimus in carcere?* Quando Senhor vos vimos prezo em hu carce-

Matth. 25
n. 34. & 36

Matth.
ibid. n. 41.

Matth.
ibid. n. 40.
& 44

carcere? Em que tempo, em que lugar? Deixò a reposta de Christo, que refere o Texto, que tambem faz ao nosso intento, & respondo à esta pergunta tão justificada, & tão alegre dos justos, & tão triste, & tão condenada sem remissão dos reprobos, & miseraveis pecadores, com o que diz o meu Bemaventurado S. Andre Avellino na sua carta admiravel, chea de doutrina, & documentos spirituaes, que escreveo á húa Sancta Virgem de Verona, que refere palavra por palavra o Padre Novarino, aonde expõe o Sancto tudo o que neste lugar relata S. Mattheos do juizo final.

III Diz S. Andre com grande propriedade, & excessão de espirito, que Christo no Altar está prezo, como em hum carcere: *Quis mihi negare potest, quin Christus carceri quodammodo non sit addictus, quin & sub clavibus in tabernaculo clausus? Nullus sané; nisi aliquis, quem nimia religio corripit, qui vellet mecum rigore Theologico agere.* Amorosa prizão, que o amor divino inventou, para que tivesse-mos sempre á Christo com nosco. Amantíssimo Senhor, que para nos mostrar, que não podia a nossa maldade extinguir no vosso amante peito o fogo da vossa immensa charidade, na noite dos vossos maiores trabalhos, antes que vos prendessem os Judeos, vós vos prendestes, & atastes na Eucharistia. Soberano Rey, que atentando só pelo nosso bem destes aos homens poder para vos prender, & ter fechado no Sacrario.

B. Andr.
Avellin.
apud No-
var. de
Euchar.
n. 1078.

IIII Tão prezo está o Senhor por nós por decreto divino, que nos deu todo o poder para o prendermos, q se o não soltarmos, se não pode livrar. O prédemos na Missa, o soltamos na Comunhão. Quando consagramos a Hostia, o prédemos: quando comungamos, o soltamos. O prendem os Sacerdotes no Altar, o encerrão os Parocos no Sacrario có apertada chave, que não fãõ de ninguem, mas levão sêpre cõsigo, feitos carcereiros de tão amoroso prizioneiro, & divino Senhor. As palavras da consagração: *Hoc est corpus meum:*

P p

são

são os atilhos, & cordas divinas, com que se deixa prender. As da Comunhão: *Accipite, & comedite*, são com que o soltamos. *Quod cum ita sit* (vai dizendo S. André na sua carta) *Quod cum ita sit, quid aliud agimus cum illum excipimus, quam illum ab hujusmodi carcere liberare? Que* outra cousa fazemos, diz este meu Sancto, quando comungamos, que soltar á Christo, tirando-o do carcere do Sacratio. Então solto descança no coração de quem o recebe. Unido có sua Alma festeja sua liberdade. Alegrase quando o recebemos, sente quando o não soltamos. Se fora capaz de tristeza, tivera pena de não comungarmos, porque se deixa prender só para se communicar. Faltando a Comunhão, he culpa nos Parocos a prizão, como merecimento nos que a dão a os Christãos. Sendo pois culpa nos peccadores não soltaré á Christo, por não comungarem, & nos justos, por comungarem, merecimento de o terem solto, no dia do juizo final no Valle de Josaph, naquella supremo Tribunal, aonde se hão de sentenciar as culpas dos peccadores, & se ha de dar o premio aos justos, dirá o Senhor aos que o não soltarão, por não comungarem: *Discedite á me maledicti in ignem æternum, qui paratus est Diabolo, & Angelis ejus. In carcere eram, & non visitasti me*: E aos justos, aos predestinados: Vinde comigo para o Reyno do Ceo, que vos tenho aparelhado de Jde o principio do Mundo: *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis Regnum á constitutione mundi. In carcere eram, & venistis ad me*. Estive prezo em hum carcere, & me vistes soltar.

Matth. 25
n. 41. & 43

Matth. 25
n. 34. & 36

Thren. 4.
n. 4

113 Não tem culpa os Christãos destas Conquistas, que não soltão á Christo por não comungarem; porque não falta por elles. Não comungão, porque não são admitidos. Desejão soltar á Christo, & tello agasalhado na Alma, mas ninguem os deixa chegar ao Altar, para o receberem. Ninguem lhes abre o carcere amoroso do Sacratio, para lho darem. Pedemno, & clamão, & nenhum lhes differe: *Parvuli petierunt panem, & non erat qui frangeret eis*. A culpa he

he dos Parocos, dos Priores, dos Reitores, dos Vigarios, dos Curas, dos Sacerdotes, que tem obrigação de lho administrarem, & o não fazem. Lho devem, por tantos titulos, quantos temos provado: Pelo que devem assi por seu credito, & por seu proprio interesse: Pelo que devem ao proximo por charidade, & por justiça: Pelo que devem á Deos por obediencia, & por gratidão; & com tudo não lho dão. Tem prezo á Christo no Sacrario, & o não soltão, nem na Pascoa na Comunhão geral, que manda fazer a Sancta Madre Igreja Catholica Romana, nem para comungarem estando enfermos no perigo da morte, lhe dão liberdade, como manda o melmo Senhor.

114 Não hey de crer, nem me posso persuadir, que não haja de haver emenda em todos pela conta estreita, que hão de dar á Deos no dia do juizo. Tremendo dia para os que não querem soltar á Christo, administrar á todos a Sagrada Comunhão, conforme manda Deos, & a Igreja, porque ouvirão sem esperanza de perdão: *Discedite á me maledicti in ignem aeternum, qui paratus est Diabolo, & Angelis ejus. In carcere eram, & non venistis ad me.* Ditozo dia para os que o soltarem, arrependidos de o não terem feito atégora, repartindo com todos o pão da Eucharistia, para que tantas Christandades não pereção de fome, apacentando-as com elle muitas vezes no anno, & muito mais na Pascoa, & no perigo da morte; porque os chamará o Senhor assi, para os meter de posse do Reyno do Ceo: *Venite benedicti Patris mei. Possidete paratum vobis Regnum á constitutione mundi. In carcere eram, & venistis ad me.* Sigamos pois á Christo. Façamos o que nos manda. Soltemolo. Demos á todos a Sagrada Comunhão. Apacentemos suas ovelhas, que pedem seu pão: *Parvuli petierunt panem:* para que nos dé elle o de sua divina graça nesta vida, & o da gloria na outra, *ad quam nos perduc at.* Amen.

Matth.
25.n.41.

Matth.
ibid.n. 34

FINIS

Pp ij

OBRI-

OBRIGAC, A M DOS CHRISTÃOS DE RECEBEREM O SENHOR

Na Pascoa, & no perigo da morte,

E DOS PAROCOS
DE LHO DAREM SEM EXCLUIREM
à ninguem dos que tem annos de discrição, instruindo-os
como manda Christo Senhor nosso:

Docete omnes gentes

Matth. 28. n. 19.

SERMAM II.

P R E G O V. O

Na India na Sé Primacial de Goa
OM.R.P.D. ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,
CLERIGO REGVLAR,

Theatino da Divina Providencia,
Na solemnidade do Corpo de Deos, aos 15. de Junho
de 1645.

Não esteve o Senhor exposto, nem houve Procissão, pelas grandes
chuvas, que ha na India neste tempo.

NISI MANDUCAVERITIS CARNEM

*Filij Hominis, & biberitis ejus Sanguinem, non
habebitis vitam in vobis Joan. 6. n. 54.*

Illustrissimo Senhor

NAM he facil persuadir o bem, que nunca se
fez; nem tão pouco dissuadir o mal commu-
mente aprovado, & recebido por bom. O
discurso se for errado tudo perverte. A von-
tade se for obstinada não admite rezão. Tem me aconteci-
do

do nestes dias na empresa que tenho tomado, (que delibero levar avante com todo esforço, & calor, até vencer, ou acabar nella a vida,)o que aconteceu á Christo Senhor nosso, tratando com os Hebreos da Sagrada Comunhão, exortando-os à comungar. Diz o Evangelista S. João, que lhes fez *Joan. 6. n. 49.* huma pratica divina, mostrandolhes os effeitos maravilhosos de seu divino Corpo sacramentado, os grandes bens, que delle receberião, se comungassem. *Patres vestri* (dizia Christo) *manducaverunt manna in deserto, & mortui sunt*. Vossos antigos Avós, ò Hebreos, comerão o Mannà no deserto, mas não lhes aproveitou, não conseguirão a eterna vida, porque *Mortui sunt*, todos morrerão. Eu semente sou o verdadeiro pão da vida, que para vós dar para sempre, vim do Céo á terra: *Ego sum panis vitae, qui de Celo descendi*. Dito foy vós Hebreos, se o comerdes, felices vós. Se alguem o comer vivirá eternamente: *Siquis manducaverit ex hoc pane vivet in aeternum*. *Ibid. n. 51. & 52.*

2 A esta pratica tão levantada, á este sermão tão soberano, & divino de Christo Senhor nosso, á estas palavras de tão grande amor, diz S. João, que começarão logo os Hebreos a litigar entre si melmos, impossibilitando o altissimo, o divino mysterio do Sanctissimo Sacramento, pondo duvidas, & difficuldades á Sagrada Comunhão: *Litigabant ergo Iudei adinvicem, dicentes*: Começarão logo dizer huns para os outros: *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum?* Como pode ser isto, que nós comamos sua carne? Elle nos pode dar sua carne em comida? E o que he mais, que tambem aos Discipulos de Christo pareceo tão nova esta sua pratica, & tão dura, que scandalizados murmurando delle, lhe differão: *Durus est hic sermo, & quis potest eum audire?* *Ibid. n. 53.* Mestre: Mudai esta pratica, deixai este sermão, porque o que dizeis he tão duro, que não somente não ha quem o entenda, mas tão pouco que o possa ouvir.

3 Vendo Christo Senhor nosso o escandalo passivo destes, & as duvidas obstinadas daquelles, para as atalhar, & fujci-

Ibid. n. 54

sujeitar á todos à comungarem, mudou o estilo de fallar, mudou a frase, & disse: *Nisi manducaveritis carnem Filij hominis, & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis*: O Hebreos! para que tanto litigar? Para que tantas duvidas sem fundamento? O Discipulos! Para que tão grande escandalo sem causa? O que vos digo he tão necessario para vossa salvação, que se não comerdes a carne do Filho do Homem, & beberdes seu sangue, não tereis vida. Nem nesta vida tereis a verdadeira vida, a graça divina, né na outra possuireis a eterna na Bemaventurança.

4 Semelhante á isto he o que me tem acontecido nestes dias. Corri hum numero muy grande de Freguesias dentro, & sôra desta Cidade, & em muitas préguei do preceito Ecclesiastico, & Divino da Sagrada Comunhão; & em todas tratei com seus Parocos, Regulares, & Seculares, Reitores, Priores, Vigarios, & Curas, que comungassem nesta Pascoa proxima passada os que não comungavão: Que se desse o Sanctissimo Viatico geralmente à todos, que estivessem em perigo de morrer, vendo a falta grande, que nisto ha contra o preceito divino de Christo Senhor nosso, contra o preceito da sancta Madre Igreja, contra o que mandão os Sagrados Concilios, & Constituições deste Arcebispado, que de tantas mil almas, quantas ha nesta Cidade, & Ilhas, & nas Terras de Bardés, & Salsete. [não fallo da gente branca] escassamente a decima parte, inda menos, comunga na Pascoa; & destes que comungão, tão poucos são aquelles, que recebem o Sanctissimo Viatico no perigo da morte, que he lastima dizelo; porque na maior parte das Freguesias, & pouco menos que em todas, se não dà à ninguem (tirando se alguem for à Igreja tomalo com risco de sua vida, como defeito alguns morrem pelo caminho, ou antes de chegarem à Igreja, ou depois de comungados, voltando para suas cazas; porque á hum doente em perigo de morte qualquer aballo lhe tira facilmente a vida): E em muitas à tão poucos, & com tão grande difficuldade, que pa-

passão mezes, & annos sem fahir o Sanctissimo, para comungarem os enfermos, morrendo infinito numero de Christãos, sem nunca tomarem o Senhor, nunca, nem na vida, nem na morte: & o que he mais para se chorar, sem fazerem esculpulo disto os Parocos, cujo officio, & obrigação de pecado mortal, he procurar que todos os seus Fregueses, como chegarem aos annos de discrição, comunguem na Pascoa, & no perigo da morte por Viatico. Que se somente se guardasse o que mandão os Sagrados Concilios, & Constituições deste Arcebispado, o que ordenão nesta materia da Sagrada Comunhão na Pascoa, & do Sanctissimo Viatico na morte, não houvera Christão, nem Christãa, nem moço, ou moça, nem escravo, nem escrava, que tendo perfeito uzo de rezão, & bastante idade para comungar, não comungasse na Pascoa; nem loja, nem palhota aonde se não levasse o Sanctissimo Sacramento, para comungarem os enfermos.

5 Mas como esta falta de Comunhoes havia lançado raizes muy grãdes em toda esta Cidade, Ilhas, & Terras adjacentes, ahús pareceo muy duro o meu sermão: *Durus est hic sermo, & quis potest eum audire?* A outros impossivel, para se pôr por obra, fahindo com duvidas, pondo difficuldades: *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad māducandū?* Por onde, para que parem as duvidas, nem haja nisto algũ escandalo, vos digo com Christo Senhor nosso, cuja divina pessoa indignamente represento, como indigno Sacerdote: *Nisi manducaveritis carnem Filij hominis, & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis:* Se não comerdes a carne do Filho do Homem, se não comungardes, não tereis vida, nem nesta vida por graça, nem na outra por gloria, mostrandovos tres cousas necessarias, que todos devem saber.

Primeira. Quanto obriga o preceito da Sagrada Comunhão.

Segunda. Quaes pessoas são obrigadas á guardalo.

Ter-

Terceira. Em que tempo; para que sabendo todos a obrigação que tem, não haja nisto mais faltas.

6 São estes tres pontos de muito porte, para se tirar da India este abuzo, & pecado, & se dar á todos o Senhor. Para os tratar, como convem, tenho necessidade de tempo, & graça. O tempo vos peço, que me concedais por vossa muita benevolencia, revelandome se exceder o limite de huma hora; pois a materia o requiere, & a occasião presente. A graça nos alcançará a Virgem Senhora. *Ave Maria.*

NISI MANDUCAYERITIS CARNEM
Filij hominis, &c.

PRIMEIRO PONTO.

Da obrigação, que tem os Christãos de comungar.

7 **P**ergütão os Doutores, se a Sagrada Comunhão he necessaria para a salvação? Se o Christão se pode salvar se comungar, ou he necessario, que em alguma hora comungue? para que se entenda o que elles assentão nesta materia tão importante, distinguem os mesmos Doutores com o Angelico Doutor S. Thomas duas necessidades para a salvação: huma de meyo, outra de preceito: *Duplex est necessitas ad salutem, una mediij, altera præcepti*. A necessidade de meyo, ou [para fallarmos mais claro] o meyo necessario para a salvação he aquelle, sem oqual por nenhum outro meyo, em nenhuma outra maneira, & em nenhum cazo, o homem se pode salvar. Assi he o Bautismo para com todos os homens, & a Penitencia para com aquelles samente, que estiverem em pecado mortal. Sem o Bautismo *in re*, *vel in voto* nenhum homem se pode salvar, & sem a penitencia, aqual consiste no acto de contrição, ou de atrição com o Sacramento, nenhum Christão, que estiver em peccado mortal, se pode salvar.

D. Thom.
3. p. q. 73.
art. 3. & q.
80. art. 11.

8 A necessidade de preceito *Est, ad quam ex precepto tenemur*, he aquella, á que o meſmo preceito nos obriga para a ſalvação: á ſaber, para nos ſalvarmos, he neceſſario guardarmos todos os preceitos de Deos, & da Igreja, não porque a obſervancia dos preceitos nos dé a ſalvação *poſitivé*, como a dão o Bautilmo, & a Penitencia, que nos dão a primeira graça neceſſaria *neceſſitate medijs* para a ſalvação; mas *negativé*, em quanto que ſe os não guardarmos, podemos totalmente empedimento á ſalvação, porque perdemos a graça divina, ſem aqual nenhum ſe pode ſalvar.

9 Muito vai de huma neceſſidade á outra, porque a neceſſidade de meyo he tão precisa, & absoluta, que ſe faltar á alguém o que he meyo neceſſario para a ſalvação, ou a falta ſeja por inadvertencia, ou por ignorancia, ou por outra qualquer cauſa, ſe não pode ſalvar. Se a criança ſe não baptizar, ou por deſcuido de ſeus parentes, ou por malicia do Sacerdote, ou por ignorancia, ou por ſahir morta do ventre de ſua mãy, ou por outro empedimento, não ſe pode ſalvar. Se o pecador não advertindo que eſtá em pecado mortal, ſucceder morrer ſem a absolvição ſacramental, ou ſem acto de verdadeira contrição, perderſe ha para ſempre no abifmo infernal. Mas a neceſſidade de preceito não obriga com tanto rigor, eſcuza a ignorancia, deſculpa a inadvertencia, deſobriga de todo não poder. Se hum Caſre, por não ſe ſaber bem confeſſar por ignorante, não diſſer ao Cõfeſſor todos ſeus pecados. Se diſſer que no Sanctiſſimo Sacramento eſtá a Virgem Senhora, & S. Joſeph, porque ninguém lhe enſinou o que ſe encerra na Hoſtia conſagrada; o que contem eſte altiffimo myſterio, ſalvarſe ha. Se não jejuarmos na Quareſma por doentes: Se não guardarmos algum dia Sancto por inadvertencia: Se tomarmos o alheo, por nos parecer ſer proprio contra o ſeptimo mandamento, ſalvarnoſhemos; porque os preceitos aſſi de Deos, como da Igreja, nos obrigão ſomente, para nos ſalvarmos, em quanto advertirmos ao preceito, & o pudermos guardar; que ſe

por inadvertencia os não guardamos, ou por ignorancia, ou por outra justa causa, não nos empedem a salvação.

10 Com esta distinção relatarei o que com maior fundamento respondem os Doutores à duvida proposta, se a Sagrada Comunhão he necessária para a salvação, deixando por brevidade as opinioes, & os erros dos antigos nesta materia.

11 Huns dizem com grandissimo fundamento, que a Sagrada Comunhão *in re, vel in voto* he á todos geralmente tão necessária *necessitate medij* para a salvação, quam necessario he o Bautismo, & a Penitencia, mas com diverso modo, porque o Bautismo, & a Penitencia he meyo necessario para alcançarmos de Deos a primeira graça, sem aqual nenhum se pode salvar; mas a Sagrada Comunhão he meyo necessario para perseverarmos na mesma graça até à morte, sem aqual perseverança tão pouco nos podemos salvar.

12 O fundamento principal desta sentença he, porque com o mesmo rigor de palavras, com o mesmo *Nisi*, condição *Sine qua non*, com a mesma pena da perda da eterna vida, com que Christo Senhor nosso manda geralmente á todos que se bautizem, & aos pecadores, que fação penitencia de seus pecados, manda tambem á todos, que comunguê.

Joan. 3.
n. 5. 13 Falla Christo Senhor nosso do Bautismo, & diz assi: *Nisi quis renatus fuerit ex aqua, & Spiritu Sancto, non potest introire in regnum Dei*: Se algum não for bautizado, não pode entrar no Reyno de Deos.

Luc. 13.
n. 3. 14 Falla da Penitencia, & diz o mesmo: *Nisi penitentiam habueritis, omnes similiter peribitis*: Se não fizerdes penitencia de vossos pecados, perdervosheis.

Joan. 6.
n. 54. 15 Falla da Sagrada Comunhão, & uza do mesmo termo, & palavras, do mesmo *Nisi*. Manda-a com a mesma pena de perda da eterna vida: *Nisi manducaveritis carnem Filij hominis, & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis*: Se não comerdes a carne do Filho do Homé, se não comungardes, não tereis vida.

Pois

16 Pois dizem estes Doutores: Se com o mesmo rigor de palavras, & com a mesma pena da perda da eterna vida, cõ que manda Christo Senhor nosso geralmente á todos, que se bautizem, & aos pecadores, que fação penitencia de seus pecados, manda tambem geralmente á todos, que comuniquem, final he, que a Sagrada Comunhão *in re, vel in voto*, he meyo tão necessario para a salvação, quam necessario meyo para a salvação he o Bautismo, & a Penitencia: por outra parte não he meyo necessario para alcançarmos de Deos a primeira graça, porque para esta instituiu Christo Senhor nosso o Bautismo, & perdendo-a o pecador pelo pecado, ordenou a penitencia, seguese, ser meyo necessario, para alcançarmos de Deos a perseverança na graça até à morte, effeito proprio deste Sacramento.

17 Por onde S. Thomas, depois de assentar, que a Sagrada Comunhão *in re, vel in voto* he à todos tão necessaria para a salvação, quam necessario he o Bautismo, diz haver esta differença entre elles: *Est tamen differentia*, diz S. Thomas, *quia Baptismus est principium spiritualis vite*; *Eucharistia verò est quasi consummatio spiritualis vite*; & *idè perceptio Baptismi est necessaria ad inchoandam spiritualem vitam*; *perceptio autem Eucharistiae est necessaria ad consummandam ipsam*. Das quaes palavras, para maior clareza deste fundamento em favor desta opinião, pode-se formar este discurso. Assim como sem a primeira vida nenhum se pode salvar, assim nem mais, nem menos, nenhum se pode salvar sem a derradeira, que he a perseverança na graça até á morte, por outro nome a graça final; por consequencia, se Christo Senhor nosso, para que todos se salvassem, não nos faltou com todos os meynos necessarios para a salvação; & para remedio do pecado original, para que todos tivessem a primeira vida perdida em Adão, instituiu o Bautismo, & perdendo-a de novo o pecador pelo pecado actual, para que de novo a recuperasse, nem ficasse sem remedio a sua salvação, ordenou a Penitencia, era necessario, que

D. Thom.
3. p. q. 73.
art. 3.

instituíſſe outro Sacramento, para que todos perſeveraſſem na meſma vida até á morte, porque ſem eſta perſeverança tão pouco nos podemos ſalvar; & ſem Sacramento, por cujo meyo a alcançaſſemos de Deos, ficará ſem remedio a noſſa ſalvação. Para eſta perſeverança até à morte inſtituiu Chriſto Senhor noſſo a Sagrada Comunhão, cujo effeito, dizem de commum parecer os Doutores com S. Thomas, & o cõfirma o ſagrado Concilio de Trento, he darnos virtude, para perſeverarmos na primeira vida até conſeguirmos a Bemaventurança, dando aos que dignamente comungão graça, & virtude *ex opere operato*, para fugir o peccado, & vencer as tentações do inimigo: *Sumi autem voluit* (diz o Concilio

S. Thom.

3.p.q. 79.

art. 1. ad 1

& art. 2. in

corp.

Triden.

ſect. 13.

cap. 2.

Joan. 6.

n. 58.

de Trento) *Sacramentum hoc, tamquam ſpiritualemente cibum, quo alantur, & confortentur viventes vitam illius, qui dixit: Qui manducat me, & ipſe vivet propter me; & tamquam antidotum, quo liberemur á culpis quotidianis, & á peccatis mortalibus præſervemur. Pignus præterea id eſſe voluit futuræ noſtræ gloriæ, & perpetuæ felicitatis.*

18 E para que eſta opinião ſeja de todos entendida, por ſer de muito porte, não cuideis que todos, que dignamente comungão, infalivelmente ſe ſalvão; porque muitos muito bem comungados, no cabo ſe perdem, mormente aquelles, que depois de comungados não ſe valendo da graça, & virtude, que da Sagrada Comunhão receberão para perſeverarem em graça até á morte, voltão facilmente à má vida paſſada. Mas dizem eſtes Doutores com muito fundamento: Aſſi como, nem todos, que ſe bautizão, infalivelmẽte ſe ſalvão, porque muitos pelos peccados, que depois de bautizados cometem, ſe perdem; com tudo he certiffimo de fê, que ſem o Bautiſmo *in re, vel in voto*, nenhum ſe pode ſalvar, por dizer Chriſto Senhor noſſo: *Niſi quis renatus fuerit ex aqua, & Spiritu Sancto, non poteſt introire in regnum Dei*: Aſſi meſmo, ainda que não todos, que dignamente comungão, infalivelmente ſe ſalvão, perſeverando em graça de Deos até à morte, mas no cabo pelos ſeus peccados

Joan. 3.

n. 5.

dos se perdem ; com tudo he certíssimo (dizem estes Dou-
tores) que sem a Sagrada Comunhão *in re , vel in voto*, ne-
nhum se pode salvar , por dizer Christo Senhor nosso : *Nisi*
manducaveritis carnem Filij hominis , non habebitis vitam
in vobis : Idest [diz Martino Becano] *non conservabitis gra-*
tiam habitualemente usque ad mortem : Sem a Sagrada Comu-
nhão não conservareis a graça habitual [que he a verdadei-
ra vida da alma] até à morte .

Joan.6.
n.54.
Becan. de
Sacram.c.
22.q.3.n.4

19 Tanto alli , que à este fim , á meu ver , instituiu Chri-
sto Senhor nosso a Sagrada Comunhão por modo de májar :
Accipite , & comedite : Hoc est corpus meum , para que por
comparação ao manjar corporal , entendessemos o que obra
este manjar espirital , & divino da alma , & a necessidade q
delle tem . O manjar corporal não dà ao corpo humano a
vida ; mas suppondo que a tem já por meyo da geração , lha
conserva , para que a não perca por falta de mantimento ; tão
pouco lha conserva infalivelmente até à derradeira idade ,
até á velhiçe , porque á muitos , ainda que comão , matão as
febres , & semelhantes achaques ; com tudo he tão grande a
necessidade , que todo o homem tem de comer , que sem co-
mer , não pode viver . Assi mesmo o manjar espirital , & di-
vino da alma , a Sagrada Comunhão , suppõe a alma viva
com a vida da graça , que por meyo da geração espirital ,
por meyo do Bautismo recebo , & lha conserva , & conser-
vára infalivelmente , até à morte como diz Christo Senhor
nosso : *Qui manducat me , vivet propter me* , se as febres de
noslos peccados lha não tirassem , dandolhe morte . *Febris*
enim nostra (diz S. Ambrosio) *avaritia est , febris nostra libi-*
do est , febris nostra luxuria est , febris nostra ambitio est , fe-
bris nostra iracundia est , &c. Com tudo he certíssimo , diz
S Cyrillo , que nenhuma alma pode viver , nenhuma pode
conservar a vida espirital , que recbeo no Bautismo até á
morte sem este divino manjar : *Non possunt cum sanctifica-*
tione vitæ fieri participes , qui per mysticam benedictionem
IESVM non susceperunt . Nenhuma alma (diz o mesmo sã-

Matth.26
n.26.

Joan.6.n.
58.
Ambros.
lib.4.in c.
4 Luc.
sub fine.
Cyril.lib.
4.in Joan.
cap.14.

- Ibidem l. 10. cap. 13. *cto*) pode alcançar a vida immortal, & eterna na Bemaventurança, sem a Sagrada Comunhão: *Non poterat aliter corruptibilis hæc natura corporis ad incorruptibilem vitam traduci, nisi naturalis vitæ corpus ei conjungeretur*: E se o não credes á mim (ajunta o Sancto) *Non credis mihi hæc dicenti? Christo fidem præbe: Nisi manducaveritis carnem Filij hominis, non habebitis vitam in vobis*: Credeo á Christo, que diz: Se não comerdes a carne do Filho do Homem, não tereis vida.
- Joan. 6. n. 54. *cto* E conforme á esta opinião he certissimo de Fé, definido no Concilio de Trento, que as crianças bautizadas se salvão, ainda que não comunguem *in re*; porque diz o Angelico Doutor S. Thomas, que comunhão *in voto*; porque assi como por meyo do Bautismo, que recebem, em virtude da Igreja que lho dà, crem os mysterios de nossa S. Fè necessaria *necessitate medijs* para a salvação; assi em virtude da mesma Igreja, por meyo do mesmo Bautismo, dezeção comungar, & recebem o effeito do altissimo, & divinissimo Sacramento da Eucharistia. *Per baptismum*, diz S. Thomas, *ordinatur homo ad Eucharistiam, & ideo ex hoc ipso, quod pueri baptizantur, ordinantur per Ecclesiam ad Eucharistiam: & sicut ex fide Ecclesiæ credunt, sic ex intentione Ecclesiæ desiderant Eucharistiam, & per consequens recipiunt rem illius*. Mas os Adultos, se não comungarem realmente, podendo, ou não podendo, legitimamente empedidos, não comungarem ao menos *in voto*, dezejando de coração receber a Eucharistia, se não podem salvar.
- Trid. sect. 21. cap. 4. can. 4. S. Thom. 3. p. q. 73. art. 3. Innoc. epist. 26. August. epist. 121. ad Probã c. 11. & l. 1. cõtra duas epist. Pelag. c. 22 & lib. 1. de peccat. mort. c. 20. Ignat. epist. ad Ephes. Cypr. l. 3. ad Quirin. cap. 25. Basil. in moral. reg. 21. Nissen. orat. de Euchar.
- 21 Desta opinião, he Innocencio Papa I. S. Agostinho, S. Ignacio Martyr, S. Cypriano, S. Basilio, S. Gregorio Nisseno, S. Cyrillo, Pedro Soto, Spenceo; Roffense, & outros. Nem duvido ser sentença expressa de S. Thomas na 3 parte em muitos lugares, como affirmão muitos Doutores, mormente na questão 79. no art. 1. ad 1. aonde fallando da Sagrada Comunhão, diz: *Nec aliquis habet gratiam ante susceptionem hujus Sacramenti, vel nisi ex aliquo voto ipsius*

ipsius, vel per se ipsum, sicut adulti, vel voto Ecclesiae, sicut parvuli. E na questão 80. art. 11. ad 2. diz, não ser para as crianças meyo necessário para a salvação, como o Bautismo; porque as crianças sem a Sagrada Comunhão *in re* se podem salvar; mas não sem o Bautismo. Mas para os Adultos, diz S. Thomas, para que estes se salvem, he tão necessaria a Sagrada Comunhão, quam necessario he o Bautismo: *Hoc Sacramentum dicitur non esse necessitatis, sicut baptizamus, quantum ad pueros, quibus potest esse salus sine hoc Sacramento Baptismi. Quantum verò ad adultos utrumque est necessitatis.* A saber, Assim como nenhum Adulto se pode salvar, se realmenre se não bautizar podendo, ou não podendo, se não bautizar *in voto*; assim mesmo se não pode salvar, se realmente não comungar podendo, ou não podendo, não comungar ao menos *in voto*; porque para os Adultos, diz S. Thomas, hum, & outro, o Bautismo, & a Sagrada Comunhão são igualmente meyo necessário para a salvação: *Quantum verò ad adultos utrumque est necessitatis*, o Bautismo, para dar a primeira graça, sem aqual nenhum se pode salvar, & a Sagrada Comunhão, para dar a perseverança na graça até á morte, sem aqual tão pouco nos podemos salvar. E neste sentido seguem esta opinião, & a sustentão com muitas rezoões muitos Theologos da minha Sagrada Religião, & o Padre Martino Becano da Companhia de Jesus.

22 Outros dizem pelo contrario, que a Sagrada Comunhão *in re* não he necessaria para a salvação *necessitate mediæ*; tão pouco *necessitate præcepti divini*; mas somente *necessitate præcepti ecclesiastici*. De sorte que, se não nos mandara a Igreja comungar sacramentalmente na Pascoa, em nenhum tempo fomos obrigados comungar *in re*, mas somente espiritualmente *in voto*. Deste parecer foi Alexandre de Ales, o Serafico Doutor S. Boaventura, Rodriguez, Caietano, & outros. Nem todos estes Doutores fallão igualmente, porque alguns affirmão estarmos tambem obrigados pela Igreja comungar na hora da morte, & outros á

meu

Cyril.
Alex. l. 4
in Joan. c.
13. 14. &
15. & l. 10
c. 13.
Petr. Sot.
lect. 9. de
Euchar.
Spenc. l. 2.
de Orat.
Euchar.
c. 12.
Roffensl.
5. contra
Oecol. in
proæm. S.
Thom. 3.
p. q. 79. art.
1. ad 1. &
q. 80. art.
11. ad 2.
Becan. de
Sacram. c.
15. q. 7.
n. 6.

Alex. in 4.
q. 11. mē-
br. 2. art.
4. §. 2. & q.
51. mem-
br. 4.
Bonav. in
4. dist. 12.
p. 2. art. 2.
q. 1. & art.
5. q. 1.

Rodrig.
in Sum. c.
64. de cõ-
mun. n. 3.
Caiet. 3. p.
q. 80. art.
11. & in
sum. verb.
Cõmunio
Sacr.

meu ver não querem dizer, que o preceito da Sagrada Co-
munhão *in re* não seja divino, mas que, por ser positivo, não
obriga *semper*, & *ad semper* em todo tempo, como os pre-
ceitos negativos, mas somente na Pascoa, tempo determi-
nado pela Igreja, para observancia do preceito divino de
Christo Senhor nosso: *Nisi manducaveritis*, & c. & por cu-
stume da mesma Igreja tambem na hora da morte, como af-
firma Caietano.

23 Mas seja como for, o que he para se notar, que esta
opinião, com ser muy larga, encontrada da cõmunia dos Dou-
tores, como logo direi. [Notai este ponto] com ser a mais
larga de quantas ha nesta materia, com tudo vem nisto, que
nenhum Christão, que tiver os annos da discrição, se pode
salvar, se não guardar, por quanto toca de sua parte, o pre-
ceito da Igreja, que manda á todos comungar sacramental-
mente na Pascoa, q̃ tantos na India atè hoje não guardarão.

24 A terceira opinião cõmunia, & verdadeira dos Douto-
res, recebida, & praticada pela Igreja Catholica, ensinada
pelo Angelico Doutor S. Thomas, & pelo subtilissimo Dou-
tor Scoto, & pelos mais graves Doutores regulares, & secu-
lares de todas as sagradas Religioes, que relatarei no 3. poto,
quando tratar do tempo, em que temos obrigação de co-
mungar, não he tão estreita, como a primeira, nem tão lar-
ga, como a segunda, á saber, que o preceito da Sagrada Co-
munhão *in re*, não somente he ecclesiastico, mas tambem
divino de Christo Senhor nosso, oqual diz por S. João: *Ni-
si manducaveritis carnem Filij hominis, & biberitis ejus
sanguinem, non habebitis vitam in vobis*: Se não comerdes
a carne do Filho do Homem, se não comungardes, não te-
reis vida: & em S Lucas: *Hoc facite in meam commemorati-
onem*: Mandovos comungar em lembrança de mim.

25 Por onde o Angelico Doutor S. Thomas na 3. p. na q.
80 art. 11. pergunta: *Vtrum liceat omnino á communione
cessare?* Pergunta necessaria para a India. O India, O Chri-
stãos, O Reverendos Parocos, & Sacerdotes, que zelais
com

com tão grande rigor nos vossos freguezes a observancia do primeiro mandamento da Igreja, que se alguém deixar de ouvir Missa em algum Domingo, ou dia sancto, alem das muitas reprehensões, ajuntais o rigor dos açoutes, mädando o castigar publicamente, & não zelais a observancia do terceiro de maior porte, & de maior necessidade, que Christo manda á todos com pena da perda da eterna vida, & a Igreja Catholica, & os vossos Cócilios Synodales, & Cöstituições, cö excomunhão maior. Pergunta S. Thomas, se este costume destas Conquistas de não comungarem todos, mas muy poucos, escassamente a decima parte, inda menos, & em muitos lugares muito menos, negandose á todos os mais para sempre na vida, & na morte a Sagrada Comunhão, pergunta se he licito? Se se pode fazer sem peccado? E responde com humas palavras tremendas, que quanto tem de espantoso, tanto tem de verdadeiro. Cuidai nellas com atenção. *Sine voto percipiendi hoc Sacramentum non potest homini esse salus*: Sem dezejo de comungar, diz S. Thomas, nenhum homem se pode salvar. *Frustra autem esset hoc votum, nisi impleretur, quando opportunitas adesset*: Porem de balde dezejara o Christão comungar, se realmente não comungar, quando for tempo. *Et ideò manifestum est, quod homo tenetur hoc Sacramentum sumere, non solum ex statuto Ecclesie, sed ex mandato Domini dicentis, Luc. 22: Hoc facite in meam commemorationem*: Por onde he couisa clara, que todo o Christão he obrigado comungar sacramentalmente. (Isto quer dizer *hoc Sacramentum sumere*) não somente pelo mandar a Igreja; mas tambem pelo mandar Christo Senhor nosso, o qual diz em S. Lucas: Mandovos comungar em lembrança de mim. Espantosa reposta para a India, terriveis palavras para os que não comungão, & muito mais para os que não administração igualmente á todos a Sagrada Comunhão, porque elles que culpa tem? Comungarão se houvera quem lha desse, & os instruisse para comungarê dignamente. A vós vai dirigida esta reposta, meus Reveren-

Luc. 22.
n. 19.

R r

dos

dos Sacerdotes, vòs sois que haveis de recear, & trèmer pela conta muy estreita, que haveis de dar à Deos na hora de vossa morte de tantas ovelhas suas, de que estais encarregados, arriscadas á se perderem para sempre, por nunca comungarem.

26 Quereis saber o fundamento della, para verdes quão certa he, & quão verdadeira, & tratardes muito de veras com grande cuidado, & diligencia de instruir á todos, para todos comungarem? Dirvolohei.

Trident.
de Sanct.
Euchar.
Sacram.
sect. 13. c.
8.

27 Tres modos de comungar distinguem os Padres, diz o Sagrado Concilio Tridentino. O primeiro espiritual *in voto*, & não sacramental. O segundo sacramental *in re*, & não espiritual. O terceiro juntamente espiritual, & sacramental.

28 Comunga espiritualmente *in voto*, & não sacramentalmente *in re*, quem unido á Christo por amor, não recebe o Sacramento da Eucharistia, mas o dezeja receber, ou por acto proprio, como os Adultos, ou por acto alheo, como as crianças, que por meyo do Bautismo em virtude da Igreja, que lho dà, dezejão (como já disse) a Eucharistia, & recebem o effeito della, q̃ he a união com Christo por graça.

I. ad Co-
rin. 11. n.
29.

29 Comunga sacramentalmente *in re*, & não espiritualmente, quem em peccado mortal, se atreve tomar o Senhor; porque recebe o Sacramento, & não o effeito delle; mas antes: *Iudicium sibi manducat, & bibit*, diz S. Paulo.

30 Comunga espiritualmente, & sacramentalmente quem sem consciencia de peccado mortal, em graça de Deos, recebe o Sacramento da Eucharistia; porque recebe o Sacramento, & o effeito delle.

S. Tho. 3.
p. q. 80. art.
11.

31 Diz agora S. Thomas, sem dezejo de comungar, nenhum se pode salvar: *Sine voto percipiendi hoc Sacramentũ, non potest homini esse salus*; porque nenhum se pode salvar, se não unido, & incorporado em Christo, ao menos espiritualmente *in voto*, por graça, & por amor. Porém comungar espiritualmente *in voto*, dezejando a Eucharistia, & não

comungar sacramentalmente *in re*, recebendo-a realmente á seu tempo, podendo, he de balde: *Frustra autem esset hoc votum, nisi impleretur, cum opportunitas adesset*; assi como de balde se bautizar hum homem *baptismo fluminis*, que he o Bautismo *in voto*, se podendo se bautizar sacramentalmente com o Bautismo da agoa, o não fizer. E de balde se arrepender o pecador de seus pecados cõ a confissão *in voto*, se occorrendo o preceito da Igreja, ou achandose em perigo de morte, se não confessar sacramentalmente *in re*, podendo-o fazer. E de balde dezejara ouvir Missa nos Domingos, & dias sanctos, quẽ podendo, a não ouvir realmente; & assi dos mais preceitos. E a rezão he, diz S. Thomas, porque he couza clara, que todo o Christão, que tiver os annos da discrição, he obrigado ácomungar sacramentalmente, não fomenta pelo mandar a Igreja, mas tambem pelo mandar Christo Senhor nosso, o qual diz em S. Lucas mandovos comungar em lembrança de mim: *Et ideo manifestum est, quod homo tenetur hoc Sacramentum sumere, non solum ex statuto Ecclesie, sed ex mandato Domini dicentis, Luc. 22: Hoc facite in meam commemorationem.*

Luc. 22.
n. 19.

32 E segundo isto, a Sagrada Comunhão, em sentença de S. Thomas, he aos Adultos necessaria para a salvação *necessitate medij, & præcepti, non tantum ecclesiastici, sed etiam divini*. É na opinião cõmua, não he necessaria *necessitate medij*, mas *necessitate præcepti, non tantum ecclesiastici, sed etiam divini*, à saber, diz a cõmua dos Doutores: Nenhum Christão, tendo perfeito uzo de rezão, & bastãte idade para comungar, se pode salvar, se não guardar o preceito de Christo Senhor nosso, & da Igreja, que manda à todos comungar realmente, recebendo sacramentalmente ao Senhor no Sacramento da Eucharistia.

33 Ay de tantos, que são mortos nesta India, sem nunca em algum tempo, nem na vida, nem na morte, tomarẽ o Senhor. Espero em Deos, que por sua infinita misericordia todos se salvãrão, porque à huns desculpou a ignorancia

cia deste preceito, á outros não serẽ nunca admitidos á esta sua divina meza, com pretexto de incapazes, & indignos de seu divino manjar, quando os mais delles, por voz cõ-mua de todos, sãõ muy entendidos, agudos, & capazes para tudo, mormente os naturaes deste Concão. Mas culpados estãõ no tribunal justissimo de Christo Senhor nõsso os Parocos, os Priores, os Reitores, os Vigarios, & Curas, cuja obrigação he de pecado mortal ensinar á seus freguezes este altissimo mysterio, catequizando os ignorantes, fazendo capazes os incapazes, para que nenhum deixe de comungar sacramentalmente na Pascoa, & no perigo da morte, por modo de Viatico, que sãõ os dous tempos principaes, em que obriga o preceito da Sagrada Comunhão.

34 Vós sois Reverendos Sacerdotes, que haveis de procurar com grande cuidado, & diligencia o bem espirital de vossos freguezes. Vós sois, que haveis de zelar a salvação delles, que sem a Sagrada Comunhão poucos alcançãõ. Vós sois, á quem Deos tem escolhido por Pastores de suas queridas ovelhas, para as vigiardes, encaminhando-as para o Ceo. Vigaiyas para que não faça nellas preza o Lobo infernal. Instruias, para que saibãõ os principios de nõssa sã-cta Fé, & a obrigação, que tem de guardar os mandamentos de Deos, & da Igreja. Apacentayas ao menos na Pascoa, & na hora da morte com o pão da vida, que Christo Senhor nõsso instituiu, para ellas o comerem. Dayo á todas, para que todas vivãõ eternamente unidas, & incorporadas em seu divino Senhor, porque doutra maneira arriscadas estãõ á morrerem para sempre prezas, & encadeadas no rebanho infernal, & vós com ellas, faltando de vossa obrigação.

SEGUNDO PONTO

Quaes Christãos sãõ obrigados á comungar.

35 **C**Om este fundamento passo ao segundo ponto das pessoas, que devem comungar, para responder

der ás duvidas, que se me fizerão nestes dias: Se todos são obrigados á comungar? Se á todos devemos administrar o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia? E digo que si, que todo o Christão, como chegar aos annos da discrição, está obrigado á comungar, á saber, todos que tiverem perfeito uzo de rezão de dez annos para cima, que he a idade, em q dizem os Doutores, que começa a obrigação deste preceito, como se pode ver no Padre Suares, em Bonacinas, & no meu doutissimo Padre Diana, todos sem excluir á ningué, homens, & mulheres, são obrigados á comungar, & nós de lhe administrarmos a Sagrada Comunhão. E ainda muito antes da dita idade, logo que são capazes do Sacramento da Penitencia, dizem S. Antonino Arcebispo de Florença, Tabiena, Paludano, & outros, que não só podem, mas estão obrigados á comungar. O que sustentão com muitas rezoens João Sancio Doutor gravissimo moderno, & Castro Palao da Companhia de JESUS.

36 Bastante prova disto, deixando as Cathedras, & as rezoões theologicas, & a autoridade do Concilio Lateranense, no capitulo *Omnis utriusque sexus*, que relatarei no terceiro ponto, he a parabola da Sagrada Comunhão, que disse Christo Senhor nosso em S. Lucas. Entre outras circumstancias, duas são muy dignas para se notarem. A primeira, dizer Christo, que convidou á muitos, para que ceassem com elle, & comungassem: *Homo quidam fecit cenam magnam, & vocavit multos*. Havia hum homem, á saber Christo Senhor nosso, diz Nicolao de Lyra, oqual na derradeira cea aparelhou o manjar divino de seu sacratissimo Corpo sacramentado, o pão divino do Sanctissimo Sacramento: *Et vocavit multos*, & convidou á muitos, para que ceassem com elle, & comungassem: *Homo Christus fecit magnum convivium, quando instituit Eucharistiae Sacramentum*. A segúda, vendo que os convidados á esta cea, não quizerão vir, para cearem o pão da Eucharistia, protestar, que tão pouco cearião o pão da gloria na cea sua eterna da bemaventu-

Suar. in 3.
p. tr. 3. de
Sacr. Eu-
ch. disp.
70. sect. 1.
Bonac. de
Euch. dis.
4. q. 7.
p. uct. 2 n 1
Diana p. 3
tract. 6.
resol. 70.
in fin.
S. Anton.
3. p. tit. 9.
c. 8. §. 2. &
tit. 14. c. 1
12. §. 5.
Palud. in
4. dist. 12.
q. 1. n. 25.
Tabien.
verbo.
cóm. n. 3.
Joan. Sác.
in select.
disp. 26.
Cast. Pal.
tom. 1. tra-
ct. 3. disp.
1. punct.
24. §. 2. n. 7
Concil.
Later. c.
omn. vtr.
sex.
Luc. 14.
n. 16.
Nicol. de
Lyr. hic.

Luc. 24.
n. 24.

318

Cordel triplicado de amor

rança: *Dico autem vobis, quod nemo virorum illorum, qui vocati sunt, gustabit cenam meam.*

S. Vicent.
Ferr. ser.
octav.
Corp.
Christ.

37 Que Christo Senhor nosso proteste não querer, que se assentem na meza do Paraizo, para cearem o pão da gloria, os que se não quizerão assentar na meza do Altar, para cearem o pão do Sacramento, vay bem; porque não são dignos, de cear com Christo no Ceo, os que não quizerão ceiar com elle na terra: não merece ser recebido de Christo Senhor nosso na outra vida, quem não quiz receber á elle nesta vida; pelo que diz S. Vicente Ferreira, que se alguém morrer sem ter recebido à Christo Senhor nosso, sem ter comungado, em aparecendo diante d'elle, para lhe dar conta de sua boa, ou má vida, lhe dirá logo Christo Senhor nosso: *Quia non recipisti me, nec ego recipiam te: Amen dico dico tibi: Non intrabis huc.* Porque me não recebeste, porque não comungaste, tão pouco eu te receberei. Em verdade te digo, que não entrarás cá, não entrarás cá dentro no Paraizo, para cear o pão da gloria, que ceão os Bemaventurados, assentados comigo na meza da Bemaventurança. Tudo isto vay bem, entendese facilmente,

38 Mas que Christo diga, que convidou á muitos á esta cea, para cearem com elle o pão do Sacramento, para comungarem: *Vocavit multos*, & não declare a condição das pessoas, que convidou, isto nos põe em alguma confusão, para podermos saber, quaes são os convidados á esta cea, quaes são estes muitos, que Christo Senhor nosso manda assentar á esta meza, para os Sacerdotes, que são os ministros della, os chamarem, & lhes ministrarem o pão divino do Sanctissimo Sacramento. Senhor quaes são estes muitos? Os Ricos? Os Nobres? Os Grandes? Os Doutos? Os Christãos velhos, que darião mil vezes a vida pola vossa sancta Fé? Estes somente são os muitos, que convidastes á esta cea, para comungarem, ou com estes tambem os Pecadores, os Pobres, os Ignorantes, os Bautizados em pè, os quaes parece, não estarem ainda firmes na vossa sancta Fé? Porque
sendo

sendo esta vossa cea tão grandiosa, tão divina, não parece
 &er instituida, & feita para todos.

39 Nicolao de Lyra nos tira desta duvida. *Vocavit mul-
 tos*, diz Nicolao de Lyra: *Nam omnes Catholici ad hoc ge-
 neraliter sunt vocati*: Chamou à muitos, convidou á mui-
 tos, à saber, diz Nicolao de Lyra, chamou, & convidou
 geralmente á todos os Catholicos, sem excluir á nenhum:
 ou seja justo, ou seja pecador: ou seja rico, ou seja pobre: ou
 seja grande, ou seja pequeno: ou seja douto, ou seja ignorã-
 te: ou seja forro, ou seja escravo: ou seja Christão velho, ou
 Christão novo; ou bautizado em pé, ou de oito dias: ou
 vista custoso, ou ande nũ: A todos, á todos geralmente
 chamou Christo, à todos convidou, à todos os Catholicos,
 que tiverem perfeito uzo de rezão de dez annos para riba,
 mandando-os assentar á esta sua divina meza, para comũ-
 garem: *Nam omnes Catholici ad hoc generaliter sunt vocati*.

Lyr. hic.

40 E quanto aos pecadores, quem ha que duvide, que
 todos são obrigados à comungar, & nós de lhe administramos
 a Sagrada Comunhão, tirando naquelles cazos, em q̃
 somos obrigados negarlhe a absolvição, mas absoltos, não
 só lhes não devemos em nenhum tempo negar a Sagrada
 Comunhão, mas tão pouco lha podemos negar sem pecado,
 se for tempo, em que o preceito de Christo, ou da Igreja os
 obriga à comungar. E muito mais os que tem cura de almas,
 não só quando obriga o preceito, mas em todo tempo, que
 por sua devoção pedirem suas ovelhas a Sagrada Comu-
 nhão, dizem Soares, Navarro, Reginaldo, Soto, outro
 Navarro, Azor, Angelo, Possévino, & Fillucio, & outros,
 que refere, & segue Bonacinas, que estão obrigados com
 pena de pecado mortal á lha darem.

Bonac. de:
 Sacram.
 disp. 4. q. 5.
 punct. 1.
 n. 15.

41 Grande pecador foi o Filho prodigo, grande desho-
 nesto. Gastou, diz S. Lucas, a legitima toda de seu pay em
 torpezas, & deshonestidades: *Dissipavit substantiam suam*
vivendo luxuriose. Hum só dezejo de comungar bastou, pa-
 ra o converter à penitencia: *Quanti mercenarij in domo pa-
 tris*

Luc. 15. n.
 13. & 17.

August.
in Pial.
138. circa
princ.

tris mei abundant panibus, ego autem hic fame pereor, surgam, & ibo ad patrem meum. Diz S. Agostinho, *Surrexit in desiderio panis*: Levantouse do abismo de seus pecados por desejo de comungar; porque nenhuma cousa he mais efficaz, para o pecador deixar o pecado, mudar a vida, converterse á penitencia, que a Sagrada Comunhão. Se não nos obrigara a Igreja á comungar na Pascoa, quantos continuáráo com sua má vida até á morte? Viose nesta Pascoa (como testemunhão com juramento os Vigarios, & Curas de algumas Freguezias, os quaes nesta empresa que tomei, advertidos do erro, em que estavão, tratarão logo de instruir á todos os seus freguezes, para todos comungarem) Porque de vinte mil Christãos somente, pouco mais, ou menos, dos que dantes não comungavão, admitidos nesta Pascoa passada á sagrada meza do Altar, para tomarem o Senhor, grande numero delles, por reverencia de tão alto Sacramento, & por medo de comungarem indignamente, melhorarão na vida. Quantos a mudarão detestando com muitas lagrimas seus vicios, & pecados. Quantos publica, & secretamente ocaſionados, deixando a ocaſião, que tinhão, se converterão á verdadeira penitencia. Quantos fizerão restituicoens do alheo. Quantos refizerão confissoens sacrilegas, confessandoſe geralmente de toda a vida, descobrindo pecados, de que nunca se confessavão, por não serem admitidos á Sagrada Comunhão. Quantos deixarão seus falsos ritos, & superſtiçoẽs gentlicas. Quantos, quantos [o que não posso dizer sem derramar muitas lagrimas, & sem grande sentimento do meu coração, por ver o máo estado dos que não comungão] Quantos, digo, se reduzirão á sancta Fé Catholica, os quaes secretamente idolatravão, por não serem admitidos á Sagrada Comunhão, pedindo á Deos perdão de suas idolatrias, & na meza do S. Officio misericordia, com grandes mostras de verdadeiro arrependimento. Direi somente de huma velha em huma destas freguezias, que nunca havia comungado [deixando as mais converſoens, que

Deos

Deos tem obrado nestes dias, por meyo da Sagrada Comunhão] aqual vendo, que seu Vigario nas estações que fazia, amoeitava, & obrigava á todos, que não tinham até o presente comungado, que se aparelhassem, para receberem dignamente o Senhor, compungida, & de huma visão, que logo depois teve do Sanctissimo Sacramento, confirmada á mudar a vida com verdadeira penitencia, & á manifestar o peccado da idolatria, que até então com muitos Christãos de sua Aldea havia cometido, prostrada á seus pes, para se confessar, lhe disse: *Padre, eu fui sempre idolatra até hoje, & tambem o forão de oitenta annos á esta parte, & são todos os Christãos, que estão á roda de minhas cazas* (mostrando humta povoação não pequena de homẽs, & mulheres, q nunca comungavão) *remediai á elles, que pelo que toca á mim, agora que hey de tomar o Senhor, detesto todos os erros dos Gentios com suas idolatrias, prometendo á meu Senhor IESV Christo, de nunca mais o offender: & dizendo-lhe seu Vigario, que para ser absolta, era necessario dar cõta do que passava aos Senhores Inquisidores, & que em seu nome lhes pediria misericordia, respondeo a velha compungida, chorando com muitas lagrimas a sua má vida passada: Padre, douvos licença para lhes dizer tudo, ainda que haja de padecer muitas perseguições da minha gente, & em os carcerees do S. Officio muitos trabalhos, tão grande he o desejo, que tenho, de receber á meu Deos, & que todos os meus vizinhos o recebam sanctamente, como se vai fazendo, reduzindose todos á sancta Fé Catholica, tanto pode nos Christãos a Sagrada Comunhão, o desejo fomite deste divino pão. Em fim, de todos huma he hoje a voz, hum he o dito commũ dos que começam á comungar (vós mesmos o festejais, dando muitas graças á Deos) Já começamos á ser Christãos, porque em quanto não recebiamos á Christo, não o eramos de veras, perecendo muitas almas por falta deste divino pão, como pela mesma falta percia a alma deste Prodigo peccador. *Quanti mercenarij in domo patris mei abundant**

dant panibus, ego autem hic fame pereo.

Luc. 15.
n. 18. & 19

42 Movido deste dezejo de comungar em representação, & figura, fez tres cousas este prodigo filho, todas necessarias para o pecador comungar dignamente. Alevantou-se primeiro do abismo de seus pecados com a mudança da vida: *Surgam*. Foi logo buscar á seu pay espiritual, ao Confessor, para se confessar inteiramente de todos elles: *Ibo ad patrem meum*: E prostrado à seus pês, lhe descubrio a sua mã vida com muitos finaes de verdadeiro arrependimento:

Ibid. n. 20.

Pater, pecavi in celum, & coram te, jam non sum dignus vocari filius tuus.

Lyr. hic.

43 O prudente velho de seu Pay espiritual, o seu prudente Confessor, vendo-o arrependido, levantou logo as mãos, & lançandolhas ao colo, o abraçou: *Cecidit super collum ejus*, diz Nicolao de Lyra, *in signum reconciliationis perfectæ*, em final, que estava já perfeitamente absolto de todos seus pecados, reconciliado já, & pacificado com Christo; & porque o pecador por meyo da absolvição recebe a opa da graça divina, que pelo pecado tinha perdido, o mandou logo vestir com a mais rica vestidura de sua casa: *Citò proferte stolam primam & induite illum*. Mádoulhe dar tambem hum rico, & precioso anel: *Date annulum in manue ejus*, simbolo da Fé, que nelle, por falta do divino pão, que dezejava, ou era de todo perdida, ou muito pouca; & feito isto, lhe passou logo o escrito, de como pode comungar: *Adducite vitulum saginatum, & occidite: idest Eucharistia Sacramentum*, diz Nicolao de Lyra, *Christum continens immolatum*. Mandou logo aos ministros da Igreja, aos Sacerdotes, que lhe dessem o Sacramento da Eucharistia, a Sagrada Comunhão, figurada no Bezerro.

Luc. 15.
n. 23.
Lyr. hic.

44 Velho sancto, aonde está a prudencia, que se requere no Confessor, para discernir as pessoas, que devem comungar? Este prodigo ha de comungar? Este pecador ha de receber á Jesu Christo? A este deshonesto, que tem gastado quanto tinha em torpezas, & deshonestidades, passalhe

faislhe o escrito, mandando-o comungar? *Adducite vitulum saginatum, & occidite*. Passailhe hum escrito, que nũca se lhe dê a Sagrada Comunhão, até se experimentar por largo tempo se mudou de veras a vida.

45 Não, diz este prudente Confessor, não: *Adducite vitulum saginatum, & occidite*: Que comungue logo. Porq? *Quia hic filius meus mortuus erat, & revixit*. Notai prudente Sacerdote esta rezão, que dà este prudente Confessor. Mando que comungue; porque este meu filho era morto pelos pecados que tinha cometido, & agora refuscitou com a penitencia: *Quia hic filius meus mortuus erat, & revixit*; & à hum pecador refuscitado não se deve negar a Sagrada Comunhão, nem se lhe pode negar com boa consciẽcia, quando o preceito de Christo, ou da Igreja o obriga à comungar, porque he impedir-lhe a observancia dos preceitos; mas antes convem dar-lhe por penitencia, que por hũ anno inteiro comungue todos os mezes, huma, ou duas, ou mais vezes no mez, como fazem muitos prudentes Confessores, mormente se o pecador for hum deshonesto, como o era este Prodigio; porque diz S. Bernardo, que não ha mais efficaz remedio, para o pecador não offender à Deos com pecados, mormente hum torpe deshonesto, que a Sagrada Comunhão: *Quis poterit tam efferos motus frangere? Quis pruritum ulceris hujus ferre queat? Quem poderá reprimir*, diz S. Bernardo, os defenfreados movimentos da carne? *Quem tolerar seus incentivos, soffrer seus ardores?* Com tudo diz o Sancto: *Confidite, quia & in hoc gratia subvenit, & ut securi sitis, Sacramenti Dominici corporis, & sanguinis pretiosi investituram habetis. Duo enim illud Sacramentum operatur in nobis, ut videlicet, & sensum minuatur in minimis, & in gravioribus peccatis tollat omnino cõsensum*. Animo, confiança, diz S. Bernardo, porque muito pode a graça divina, tudo vence, tudo remedeia; & para mais seguro, tendes o divinissimo Sacramento do Corpo, & Sangue de Christo, que nos que dignamente o recebem,

Luc. 15.
n. 24.

Bernar.
Sermon.
1. in cæn.
Domin.
de Bapt.
& Sacr.
Altar.

obra notaveis effeitos . Diminue , & consome os pecados veniaes, & tira totalmente o consentimêto para os mortaes.

46 Nem he duvida para se fazer a que muitos me fizeram , se havemos de passar escrito , para que comunguem os que sabidamente , quando se confessão , escondem seus pecados ? Porque se sabidamente os escondem, obrigados estais à lhes negar a absolvição . Mas se he vossa sospeita somente , feitas as perguntas necessarias , exortando-os com charidade à que se confessem inteiramente de seus pecados , mostrando-lhes a graveza do sacrilegio , que cometem , se deixarem algum pecado por malicia ; se com tudo o penitente differ , que não tem mais pecados, ajudando-o no cabo á fazer hum acto de contrição , obrigados estais á darlhe fê , & deixando sospeitas , julgar bem de sua consciencia , dando-lhe a absolvição, & a Sagrada Comunhão. Porque se elle receber a absolvição impenitente , & diminuto , se comungar indignamente , o pecado he seu ; mas se vos lhe negardes a absolvição , ou absolto a Sagrada Comunhão em tempo , em que está obrigado à comungar , o pecado he vosso; porq̃ o penitente no acto da confissão *stat pro se , & contra se . Et Confessarius* (dizem de commum parecer os Doutores , & he axioma , & commum dito dellês) *tenetur stare dictis penitentis tam pro se , quàm contra se , nisi evidenter constet oppositum* . Ledeo no Padre Soarez , em Sylvestre , em Bonacinas , & nos mais Doutores , que tratão deste ponto , & achareis , que todos fallão por este mesmo modo .

Suar. de
pænit.
disp. 23.
sect. 10. n.
9.
Sylvest.
verbo. cõ-
fess. 1. q. 8.
n. 9.
Bonac. de
Sacr. disp.
5. q. 5. sect.
2. pũct. 2.
§. 1. n. 8. &
p. 7. pũct.
5. §. 2. n. 23
& 24.

47 Que vos parece daquella acção tão divina , & maravilhosa de Christo Senhor nosso, quando na derradeira cea, instituindo o Sanctissimo Sacramento do Altar, deu a Sagrada Comunhão à Judas, sabendo que era hum cubicoso, ladrão fingido, traidor maligno, obstinado , sacrilego, hũ deicida voluntario, basta dizer, sabendo, que era Judas? Na verdade que me espanta .

48 Meu Senhor, meu Deos! se as vossas acçoens são regras das nossas ; se por ellas nós nos havemos de governar, nós

nòs tambem havemos de dar a Sagrada Comunhão à hum pecador impenitente, obstinado, à hũ Judas na maldade?

49 Grande duvida he esta, porque por huma parte todos dizem, ser gravissimo pecado dar a Sagrada Comunhão á hum indigno. Por outra parte a deu Christo Senhor nosso ao mais indigno, que houve, & haverá no Mũdo, sem se poder dizer, que fez mal; mas antes, que fez muito sanctamente.

50 Huns dizem (como refere Maldonado) que Judas não só não comungou, mas q̃ nẽ tão pouco se achou presente á instituição da Eucharistia, sahindose do Cenaculo muito dantes, logo que acabou de comer com Christo a Pascoa, movidos por ventura, diz o mesmo Doutor: *Quod credibile non sit, Christum fecisse, quod nos facere prohibuit, ut corpus, & sanguinem suum homini sceleratissimo, nulla facta penitentia, conferret*. Porque não he para se crer, que Christo fizesse huma acção, que por elle mesmo está defeza, & prohibida, como he dar a Sagrada Comunhão á hum mão, & perverso, sem primeiro fazer penitencia de seus gravissimos pecados. E quando isto fora, cessára toda a duvida.

51 Outros dizem, que se achou presente á instituição da Eucharistia, & á Sagrada Comunhão com os Apostolos; porém que Christo, pelo ver indigno de tão alto Sacramẽto, lhe deu hum pão tinto não consagrado: *Et cum intinxisset panem, dedit Iudæ Simonis Iscariotæ*. E se assi fora, crescera a duvida, porque está isto tão defezo por rezão da idolatria, que o pecador indigno, que o recebe, & adora, ignorantemente comete, cuidando ser o Corpo de seu Senhor, que o Sacerdote, que o fizesse, fora denunciado ao Sancto Officio, tirando, diz Alberto Magno, S. Boaventura, Fr. Luiz de S. João, Vilhalobos, & outros, se sem perigo da idolatria, á petição do pecador, para evitar escandalos muy grandes o fizer, o que tão pouco admito com o Padre Soares.

Maldon.
in cap. 26.

Matth. n.
20. circa
medium.

Joan. 13.
n. 26.

Albert.
Mag. in 4.
dist. 3. art.
20.

Bonav.
dist. 9.

Ludov. á
S. Joan.
Evang. in
Sum. to. 1.

tract. de
Euch. q. 7
art. 8. dub.

4.
Villalob.
in Sum.
tom. 1.

tract. 7.
diffic. 38.
n. 7.

Suar. in 3.
p. to. 3. de
Euch.

disp. 67.
sect. 4. in
fine.

Maldon.
loc. cit.
Lyr. in c.
13. Joan.
n. 26.

Glof. ibid.

Hug.

Card. ibid.

August.

relat. ab

Hug.

Card. ibid.

Luc. 22. n.

20. & 21.

52 A commua, & verdadeira opinião dos Sanctos Padres, que refere Maldonado, & dos sagrados Expositores, Nicolao de Lyra, Hugo Cardeal, a Glosa, & outros, he, que Judas tomou realmente o Senhor de suas divinas mãos, & comungou sacramentalmente com os mais Apostolos na derradeira cea, antes de comer o pão tinto: *Et cum intinxisset panem dedit Iudæ: Non ut quidam putant*, diz a Glosa, & Hugo Cardeal com S. Agostinho, *nunc corpus Christi Iudas accepit. Sciendum enim est, quod omnibus jam distribuerat Dominus Sacramentum Corporis sui, & Sanguinis, inter quos & Iudas fuit, deinde per bucellam intinctam exprimitur traditor: non tamen aperte*. E se collige claramente das palavras, que S. Lucas refere de Christo Senhor nosso na derradeira cea: *Hic est calix, novum Testamentum in sanguine meo, quod pro vobis fundetur. Verumtamen ecce manus tradentis me mecum est in mensa*.

Matth. 15.
n. 26.

Maldon.

in c. 7.

Matth.

n. 6.

53 Pois se realmente comungou, se recebeo das mãos do Summo Sacerdote Christo Senhor nosso, que não pode errar, a Sagrada Comunhão, podemos nós em semelhante cazo, à imitação de Christo, fazer o mesmo sem pecado.

54 Maldonado diz, que não. Porque, *Non est bonum, diz elle, sumere panem filiorum, & mittere canibus*. Nem sabemos, diz o mesmo, a tenção de Christo, a causa, que teve, para dar á Judas a Sagrada Comunhão: *Objici potest Iudas, cui, quamvis indigno, quamvis cani, ac porco, Corpus, & Sanguinem suum, omnium mysteriorum maximum, Christus tradidit. Sed Christi consilia, quia eorum nos saepe latent cause, non semper nobis imitanda sunt*. Mas eu digo, que si, fundado em huma doutrina muito certa, & verdadeira, commua dos Theologos. Digo, que á imitação de Christo em semelhante cazo, não sô podemos, mas devemos com pena de pecado, dar a Sagrada Comunhão à hum indigno, ainda que seja hum Judas de maldade. Nem o q̃ digo he contra Maldonado, porque elle não diz: *Nunquam nobis imitanda sunt, sed non semper*.

55 Perguntão os Theologos dous cazos curiosos , que podem facilmente acontecer. O primeiro : Se pode o Sacerdote negar á hum pecador occulto , & impenitente a Sagrada Comunhão, em cazo que publicamente a pedir? O segundo: Se fóra da confissão pode o Confessor negar a Sagrada Comunhão á hum pecador indigno pelos pecados , que na confissão lhe ouvio , ainda que lha peça secretaméte ? como por exemplo , se pela confissão , que ouvio , sabe ter cazos reservados , de que não está absolto , ou outra couza semelhante .

56 A o primeiro responde S. Thomas, que não : *Non potest eis petentibus sacra communio denegari* . O mesmo diz Soarez : *Respondetur , non posse Sacerdotem sine gravi peccato negare Eucharistiam peccatori publicé petenti illam , quando peccatum ejus occultum est* . O mesmo dizem Vasques , & Bonacinas , & quasi todos os Theologos . Muitas são as rezoés , que dão estes Doutores . Contentame muito a de Vasques . Porque , diz elle , infamar ao proximo , descobrir pecados occultos , he tão grande pecado , que cõcorrendo dous preceitos , hum de não infamar ao proximo , outro de não dar a Sagrada Comunhão á hum indigno , prevalece o primeiro , por querer Christo Senhor nosso , ser antes recebido de hum indigno , do que ver ao proximo infamado . Mais ao ponto he a de Bonacinas . *Quia sicut Christus , diz elle , non denegavit Sacramentum Judæ , ita neque minister denegare debet Sacramentum peccatori occulto , publicé petenti* .

57 Ao segundo cazo responde o meu doutissimo P. D. Antonino Diana contra alguns , que disserão , que si : *Sed tu omninô contrariam sententiam tene* : Tende totalmente o contrario , dizei que não ; porque o secreto da confissão he tão grande , que por nenhuma maneira , em nenhum cazo , ainda que for para evitar gravissimos escandalos , para impedir o maior dano commum da Republica , não pode o Confessor fóra da confissão , nem para com o mesmo penitente

S. Tho. 3.

p. q. 80.

art. 6.

Suar. de

Euch.

disp. 67.

sect. 4.

Vasq. de

Euch. dif.

209. c. 3.

Bonac. de

Sacram.

disp. 1. q.

6. pñct. 4.

n. 4.

Diana. 3.

p. tract. 4.

resol. 46.

tente, sem sua expressa licença, valer-se da sciencia, & conhecimento, que delle teve no secreto da confissão, como determinou Clemente VIII com huma bulla *motu proprio*.

Clemens
8.26.Ma-
ij 1594.
Sanch. de
Matr. to.
1.lib.3.
disp.16.n.
3.
Filiuc.
tract.7.c.
11.q.7.n.
333.
Laymã.l.
5.tract.4.
c.6.n.10.
Bonac.de
Sacr.disp.
5.q.6.fe-
ct.5.pũct.
4.n.8.
Joan.13.
n.21.&22.
Ibid.n.26.
Hug.Car.
hic.
Chrysoft.
in c.13.
Joan.
homil.71.
tom.3.

O mesmo dizem Sanchez, Filiucio, Layman, Bonacinas, & a commua dos Doutores, que escreverão depois desta bulla. Donde se segue, que administrando os Sacerdotes nestes cazos a Sagrada Comunhão à indignos, o pecado he delles, que a pedem, & negando-a, he dos Sacerdotes.

58 Este he o cazo de Christo para com Judas. Quanto ao primeiro. Era Judas grande pecador, mas occulto, & publicamente se assentou á meza com Christo, para comungar em companhia de todos os Apostolos. Se Christo lhe negara a Sagrada Comunhão, poderão facilmente os Apostolos sospeitar, que elle era o traidor, porque quando Christo na derradeira cea antes da Sagrada Comunhão disse: *Vnus ex vobis tradet me*, diz S. João: *Aspiciebant ergo adinvicem discipuli hæsitantes, de quo diceret*: Estavão olhando os Apostolos, huns aos outros, para ver qual delles era o traidor. E quando disse Christo secretamente à S. João, que o traidor era aquelle, á quem elle dava o pão tinto: *Ille est, cui ego intinctum panem porrexero*, diz Hugo Cardeal, que nê tão pouco lhe descobrio qué era, mas somente, que era hum dos seus mimosos, à quem elle dava seu pão: *Præterea Ioannes etiam, cui Dominus dixerat, hoc non intellexit, nisi quod Dominus dicebat, quód aliquis eorum, cui erat itá beneficus, ut panem porrigeret ad comedendum, eum esset proditurus*. O mesmo diz Chrysostomo, & outros; porque descobrir pecados occultos, he gravissimo pecado. E se lha dava, dava-a à hum indigno, mas não publicava seu pecado, nem dava occasião, para se sospeitar delles, que era traidor; por isso lha deu, por isso lha administrou, entrando nelle o Diabo no mesmo tempo, que comungou, por comungar indignamente; porque neste cazo não he o pecado do Sacerdote, que lha dà, mas do pecador, que a recebe.

59 É quanto ao segundo cazo, que faz mais ao propósito do que tratamos. Havia-se Judas antes de comungar confessado com Christo em figura, & em representação, quando Christo antes de instituir o Sacramento da Eucharistia lavou os pés á seus Discipulos, começando por Judas, diz Chrysostomo, figurando o Senhor nesta acção (diz S. Cypriano, & Maldonado) o Sacramento da penitencia, necessaria para os pecadores comungarem dignamente. *Mibi Cyprianus in libro de cena Domini verum hujus lotionis mysterium videtur enucleasse* (diz Maldonado) *nempe hac pedum ablutione Sacramentum Penitentiae significari: qui velut secundus quidam baptismus est, quia nostris quodammodo lachrymis iterum baptizamur. Penitentiam igitur, antequam ad percipiendam Eucharistiam accedamus, agendum nobis esse.* Mas não lhe valeo sua confissão, nem a absolvição, que de Christo recebo, lhe foi de algum proveito, quero dizer, por lhe ter o Summo Sacerdote Christo Senhor nosso lavado os pés, figura da absolvição, não ficou absolto, & perdoado, não ficou sua alma limpa de pecados, porque na confissão foi sacrilego, sem propósito da emenda da vida, sem arrependimento de seus gravissimos pecados. *Et vos mundi estis*, disse Christo, *sed non omnes*, porque sabia, que Judas, quando lhe lavou os pés, se havia mal confessado, perseverando obstinadamente na perversa, & sacrilega vontade de o entregar aos Judeos: *Sciebat enim quisquā esset, qui traderet eum: propterea dixit: Non estis mundi omnes.* Com tudo assentandose Judas à meza para comungar, lhe deu o mesmo Senhor com suas divinas mãos a Sagrada Comunhão, para que entendessemos, que fôra da confissão a não podemos negar á hum pecador, de quem sabemos no secreto della, que he indigno, que se confessou mal, que escondeo seus pecados, que não teve delles verdadeira dor, que não ficou absolto por ter cazos reservados, ou cousa semelhante. E assi se a negarmos, o pecado he nosso, por nos valermos fôra da confissão da sciencia, que pe-

Chrysost.
ibid. ho m.
69.
Cyprian.
lib. de
cena
Domin.
Mald. in
c. 13. Jo-
an. n. 7.

Joan. 13. n.
10. & 11.

la confissão tivemos: E se lha dermos, o pecado he seu, que comunga indignamente.

6o. applicai vós agora esta doutrina ao cazo, que me perguntastes, se se deve dar a Sagrada Comunhão á hū penitente abolto, de quem sospeitastes na confissão, que não disse todos os seus pecados, ou que não estava arrependido, já que Christo a deu á hum peccador, de que não sospeitou, mas sabia com clareza, & evidencia com sua divina sciencia increada, em quanto Deos, & com a infusa certissima, & infallivel, em quanto homem, de como se havia confessado impenitente, obstinado, sem nenhum arrependimento de seu enormissimo, & sacrilego peccado; mas antes com firme proposito de effectuar sua perversa deliberação, de vender, & entregar á Christo aos Pontifices, para o crucificarem. Tambem vede o que fazeis na Quaresma, & na Pascoa, quando acabada a confissão, passais ao penitente o escrito de como o ouvistes de confissão, sem ajuntardes: *Pode comungar*, ou *Comungará* [para com elle se apresentar á seu Vigario, dandolhe conta, de como satisfiz ao preccito da confissão] se o escrito, que lhe passais sem esta ajunta, he pela sciencia, & conhecimento, que delle tivestes no secreto da confissão; porque pelo costume destas Conquistas de se não dar a Sagrada Comunhão na Pascoa, se não á aquelles poucos semente, que nos escritos, que lhes passarão seus Confessores, de como estão confessados, levão á ajunta: *Pode comungar*, ou *Comungará*, o mesmo he não lhe ajuntar no escrito estas palavras, que dizer, ouvi de confissão á Fulano, & não o achei capaz, & digno da Sagrada Comunhão. Melhor fora à meu ver (sobmetendome à todo melhor juizo de tantos Confessores Regulares, & Seculares, quantos ha nesta Cidade, & fóra della, de espirito, & letras, & prudencia) perguntar ao penitente fóra da confissão, se sabe o que he necessario saber, para comungar: & se o Confessor o achar rude, & ignorante, podendo-o instruir, paraque comungue, o instrua; & não o podendo fazer, re-

me;

meta-o á seu Vigario, para que o faça, com ajuntar no escrito, *Instruindo-o seu Vigario, poderá comungar*. Porque se de todos os Confessores he grande a obrigação de instruir os penitentes, podendo, maior he, & mais propria dos Vigarios, & Curas, aos quaes diz o Padre Fr. Luis de S. João Evangelista da Sagrada Religião Serafica: *Vestrum enim est, nosse mysterium Regni Dei, & docere eos ab Episcopis vestris vobis commissos, quia legatione Domini fungimini: Vestrum inquam, est eos instruere.*

Fr. Lud.
á S. Joan.
Evang.
epist. ad
Sacr.
Præbyr.
tract. de
administ.
Sacr.

61 Maior foi a difficuldade, que alguns me fizeram, para se dar aos pobres a Sagrada Comunhão. Hum homem nu, que não tem com que se vestir honestamente, nem hum pano com que se cubrir, ha de comungar? hum pobre pedinte miseravel? hum pescador çujo, & fedorento? hum escravo? huma escrava mal vestida ha de receber ao Senhor?

62 Pois não? Por esta conta; se estivera na India S. Paulo primeiro Ermitão, nunca, nem na vida, nem na morte, podéra comungar, nem S. Antão nos dias solênes da Pascoa, & Pentecostes, porque S. Paulo não tinha nem hum pano para vestir honestamente, mas servialhe de pelote huma tunica de folhas de palmeira, que depois d'elle morto, vestio sempre S. Antão nos dias solemnes de Pascoa, & Pentecostes: *Tunicam verò Pauli, quam in sporte modum ex palmæ folijs ille sibi contexuerat, secum auferens, eo vestitu, diebus solemnibus Paschæ, & Pentecostes, quoad vixit, usus est.*

Brev. Ro-
man. in fe-
sto S. Pau-
li. Ere-
mit. 15.
Januar.
lect. 6.
Alexius.
Brev. Ro-
man. in fe-
sto SS.
Philip. &
Jacob. 1.
Maij. lect.
5.

63 Nem S. Aleixo, por todo o tempo que pedio esmola até morrer, depois que sahio da nobilissima, & riquissima caza de seu pay, podéra comungar; porque na opinião dos homens era hum pobre pedinte, hum homem coitado, miseravel, descalço, muito mal enroupado.

64 Tão pouco o Apostolo S. Jacobo o menor podéra tomar o Senhor, se primeiro se não alimpara, & lavara muito bem, porque diz sua historia: *Numquam tonsus est, nec unguento, nec balneo usus.* Tão pouco S. Pedro, & S. André, tão pouco Sanctiago vosso Capitão geral, & S. João,

Chrysol.
ferm. 28.

podião comungar na derradeira cea, porque erão pescadores muito pobres, diz Chrysologo: *Petrus, & Andreas, Iacobus, & Ioannes, germanitas combinata, imó congeminata paupertas: pauperes sensu, loco humiles, viles arte, obscuri vita, &c.* É tão çujos, que os Scribas, & Fariseos por verem, que tão pouco para comerem o pão, figura da Sagrada Comunhão, lavavão as mãos, com zelo farisaico dixerão á Christo: *Quare discipuli tui transgrediuntur traditiones seniorum? Non enim lavant manus suas, cum panem manducant.* Com tudo pareço á Christo, que terião a limpeza devida, para comungarem dignamente, se somente lavassem os pès: *Capit lavare pedes Discipulorum*, figura (como já disse) da limpeza interior da consciencia, & da alma por meyo da penitencia, que nestes Apostolos era muy grande. Quanto no exterior erão ao Mundo mais despreziveis; tanto no interior, diz Chrysologo, erão suas almas mais preciosas, & agradaveis á Deos: *Sed in istis, quantum vilis mundanus videbatur aspectus, pretiosas tantum Animas Dei intuitus tunc videbat.*

Matth. 15
n. 2.

Com tudo pareço á Christo, que terião a limpeza devida, para comungarem dignamente, se somente lavassem os pès: *Capit lavare pedes Discipulorum*, figura (como já disse) da limpeza interior da consciencia, & da alma por meyo da penitencia, que nestes Apostolos era muy grande. Quanto no exterior erão ao Mundo mais despreziveis; tanto no interior, diz Chrysologo, erão suas almas mais preciosas, & agradaveis á Deos: *Sed in istis, quantum vilis mundanus videbatur aspectus, pretiosas tantum Animas Dei intuitus tunc videbat.*

Joan. 13.
n. 5.

(como já disse) da limpeza interior da consciencia, & da alma por meyo da penitencia, que nestes Apostolos era muy grande. Quanto no exterior erão ao Mundo mais despreziveis; tanto no interior, diz Chrysologo, erão suas almas mais preciosas, & agradaveis á Deos: *Sed in istis, quantum vilis mundanus videbatur aspectus, pretiosas tantum Animas Dei intuitus tunc videbat.*

Chrysol.
loc. cit.

65 Muito menos podera comungar o Bispo S. Paulino, por todo o tempo, que cativo em Africa foi destinado á servir na horta do genro de hum Rey barbaro, pelo troco, que por sua admiravel charidade fez com outro cativo filho de huma Viuva; porque como escravo, que servia na horta, devia estar muito malparado, & sem decente vestido para tomar o Senhor.

S. Paulin.
Episcop.

66 Em fim, nem tantos Portuguezes cativos dos Malavares poderão comungar, se lá estivesse hum Sacerdote có o Sanctissimo Sacramento; porque naquelle tão infeliz cativoiro, carregados de ferros, & cadeas, se não consente á nenhum, nem vestido para vestir, nem pano para honestamente se cubrir.

67 Ah meu Deos? Tratãovos os homens na India como se foreis Fidalgo do Mundo, que aborrece o çujo do corpo, & não da alma, que solga vestir rico, & custoso, & não se

lhc

Ihe dá ver sua alma nua sem a rica vestidura de vossa divina graça, negra, & torpe cheia de pecados.

68 Não aborrece Christo, meus Christãos, o cujo do corpo, mas o da alma. *Non lotis manibus manducare non coinquinat hominem*, disse elle em S. Mattheos. Não estranha ver assentados nesta sua divina meza à muitos nús, pobres de bens temporaes; mas estranha, & condena logo ao Inferno, *secundum præsentem justitiam*, se vir nella assentado á alguém, sem a opa da charidade, sem a rica vestidura de sua divina graça, ainda que vista como Rey, como fez naquella ocasião, que refere S. Mattheos, quando disse: *Amice, quomodo huc intrasti non habens vestem nuptialem?*

69 Nem digais, que estas palavras se entendem da veste exterior do corpo, sem aqual nenhum pode comungar, porque he contra o sentido literal da Sagrada Escritura, em rezaõ que não ha nenhum preceito positivo, nem divino, nem humano, como nota Suarez, que obrigue aos homens comungarem vestidos, que mande, que não comungue quem não tiver com que honestamente se cubrir. Pois se Christo condenou á este homem ao Inferno, por comungar sem veste nupcial: *Mittite eum in tenebras exteriores: ibi erit fletus, & stridor dentium*, como pela veste nupcial, sem aqual nenhum pode comungar, se entende o vestido corporal? Nê por graça se deve dizer. Entendese, diz S. Gregorio, da veste interior da alma, da charidade, da graça divina: *Quid autem debemus intelligere per nuptialem vestem, nisi charitatem?* sem aqual quem comungar, *Iudicium sibi manducat, & bibit*, diz S. Paulo; & por carecer della este homem, & se atrever à comungar: *Amice, quomodo huc intrasti, non habens vestem nuptialem?* o sentenciou, & condenou logo Christo Senhor nosso ao Inferno: *Mittite eum in tenebras exteriores: ibi erit fletus, & stridor dentium*.

70 Mas quanto ao vestido exterior, bom será decentemente vestir-se, quem tiver com que, quando comungar, por reverencia de tão alto Sacramento; porém muito me-

Bonav.de
perfect.
vica c.3.

2.ad Co-
rint.
8.n.9.

Ad Rom.
13.n.14.

Abbad.
Cell.lib.
1.de pa-
nib.

lhor, quem por dezejo de extrema pobreza vestir como S. Paulo huma tunica de folhas de palmeiras. Oh? se tiveramos muito espirito, diz S. Boaventura, se abrazamos de amor de Deos: *Si essemus bene ferventes*: Que fizcramos? *Nudi nudum Christum sequeremur*. Nam homines cum magnum aestum habent, consueverunt se denudare, & expoliare: Seguiramos nús, á Christo nũ [& se me he licito dizer, segundo o modo de fallar da India] seguiramos encachados á Christo encachado, & nũ, crucificado na Sancta Cruz; porque os homens fazem o mesmo apertados da calma. Custumão no Estio irem nús, dispindo até a camiza. E nós por amor de Christo nũ, para o imitarmos na pobreza, que padeceo por nossõ amor, de muito rico feito muito pobre: *Propter nos egenus factus est, cum esset dives*, não faremos o mesmo? Ah? final que não temos fervor de espirito: que se o tiveramos: *Si essemus bene ferventes, nudi nudum Christum sequeremur*: Seguiramos nús, á Christo nũ. E por muitos pobres na India o imitarem, & seguirem na pobreza: por muitos estarem nús, cobertos como Christo na Cruz por necessidade, & não por vontade, não podcrão comungar? Isto he ajuntar á hum afflicto maior afflicção: á hum homem pobre maior pobreza: á hum homem nũ maior nudeza, privando-o tambem (por falta da veste exterior) da veste interior de sua alma Christo Senhor nossõ, que S. Paulo dezeja, que todos vistão: *Induimini Dominum IESVM Christum*: que o mesmo Senhor, diz o Abbade Cellense, deu á todos no Sacramento da Eucharistia: *In hoc Dominus convivio, sanguinem, carnem, & pellem ponit, ut redemptio in sanguine, refectio in carne, vestis in pelle praebeatur*. Quando não fora por outra cousa mais, quando não houvera tão grande preceito de Christo, & da Igreja, que manda á todos comungar, por essa mesma rezão, porque não são pobres por vontade, mas por necessidade, porque não segué nús á Christo nũ por quererem, mas por não terem que vestir, lhes houveramos de dar muitas vezes a Sagrada Comunhão

munhão, para que por meyo de tão grande thesouro, que recebem no interior da alma, diz Garrico Abbade, lhes não queime o sangue, & consuma o coração o sentimento da pobreza exterior, que padecem, effeito proprio de tão alto Sacramento. *Sic ditabit*, diz Garrico, *Sic letificabit sobria ebrietas hujus praelari calicis, ut et si pauper sis, paupertas animum non urat.*

Guerric.
Abbad.
ser. 2. in
Pêtecost.

71 É para que não nos paslê por alto a rezão principal, porque devemos dar aos pobres a Sagrada Comunhão, responda Christo á essa vossa duvida. Dizei vós meu Senhor, dizei vós meu Deos á estes vossos servos, pastores de vossas queridas ovelhas, remidas com o vossô precioso sangue, aos Parocos, & Curas da India, se hão de comungar os pobres, ou somente os Ricos? se hão de comungar os pequenos, ou somente os Grandes?

72 Diz Christo na parabola relatada da Sagrada Comunhão, para com os Ricos, para com os Grandes, para que estes comunguem, não vos canseis com muito. Basta que os convideis, basta que lhes digais, como for tempo (como chegar a Pascoa, tempo ordenado pela Igreja, para os Christãos comungarem) que venhão: *Misit servum suum hora cœna dicere invitatis, ut venirent: &c.* & se não quizerem vir, declaraíeis por incurfos na excomunhão maior. Notificailhes, que como indignos desta cea, tão pouco cearão comigo no Ceo: *Dico autem vobis, quod nemo virorum illorum, qui vocati sunt, gustabit cœnam meam;* & tanto basta, não vos canseis com mais. Mas para com os pobres, para com os mesquinhos, para que estes comunguem, mandovos [diz Christo aos que tem cura de almas] mandovos correr todas as ruas, & praças da Cidade: *Exi citò in plateas, & vicos civitatis.* Notai aquella palavra, *exi*, aqual he imperativa, preceptiva: *Exi citò in plateas, & vicos civitatis:* & todos os pobres, que por ellas achardes, todos os pedintes, cegos, fracos, & aleijados, trazeyos com vosco, acompanhando-os até o Altar: *Et pauperes, ac debiles, & cecos, & claudos intro-*

Luc. 14.
n. 17.

Ibid. n. 24.

Ibid. n. 21.

introduc huc :

73 Meu Senhor ! Basta esta diligencia? Não diz Christo. Mandovos tambem correr fóra da Cidade, todos os caminhos, & sebes, que fóra della houver, subindo montes, & outeiros, entrando pelas hortas, & palmares, & os pobres, & mesquinhos, que por ellas achardes, se não quizerem vir a boamente, para comungarem, trazeyos à força, fazeilhes violencia; porque em todo cazo quero que comunguem, & se encha delles minha caza, minhas Igrejas : *Exi in vias, & sepes : & compelle intrare, ut impleatur domus mea.*

Ibid.n.23.

74 Valhame Deos, tão grande diligencia, para que comunguem os pobres, & tão pouca para que comunguem os Ricos? tão grande cuidado para que comunguem os pequenos, & tão pouco cuidado, para que comunguem os Grandes? Porque? Porque por mais honrado se tem Christo, de ser recebido dos pobres, do que ser recebido dos Ricos, ser recebido dos pequenos, do que ser recebido dos Grandes. Que reis huma escritura clara, & literal? Eu a darei.

Matth.1.

n.1.5.& 6.

75 Descreve o Evangelista S. Mattheos a Arvore Real de Christo Senhor nosso, & nella nomea à David por tres vezes. A primeira no principio da Arvore, em que diz, q Christo Senhor nosso he filho de David : *Liber generationis IESV Christi Filij David.* A segunda, & a terceira no meyo, em que diz, que David he filho de Jessé, & pay de Salamão, com esta differença : Quando diz, que Christo he filho de David, não lhe dà titulo de Rey, mas chamao somente David : *Liber generationis Iesu Christi filij David.* Livro da geração de Christo filho de David, não mais. Mas quando diz, que David he filho de Jessé, & pay de Salamão, o chama duas vezes Rey : *Iessé autem genuit David Regē.* Jessé gerou à el-Rey David. *David autem Rex genuit Salomonem :* El-Rey David gerou á Salamão.

76 Que he isto Evangelista sancto? Para honra de Jessé dizeis, que seu filho he Rey : *Iessé autem genuit David Regem :* Para honra de Salamão dizeis o mesmo, que seu pay he

he

he Rey: *David autem Rex genuit Salomonem*; & para honra de Christo não dizeis nada? Não dizeis, que he filho de Rey, filho del-Rey David, mas fomite filho de David, sem dizer que he Rey? *Liber generationis Iesu Christi filij David*. Se vossa tenção he mostrar, que Christo Senhor nosso, quanto á carne, descende dos Reys de Judea, porq̃ dizendo, que he filho de David, não dizeis no mesmo tempo, que he filho de Rey?

77 Podêra dizer, que para com Christo não valem as fidalguias, não servem as grandezas, não aproveitão as Coroaas, não prevalecem as Monarquias. *Omnes gentes* (diz Isayas) *quasi non sint, sic sunt coram eo*: Todos os homens grandes, & pequenos, ricos, & pobres, Monarchas, & escravos são diante de Deos como se não forão. Somentc val para cõ elle, & estima o que tem boa consciencia, ainda que seja o mais miseravel escravo deste Mundo. Mas a resposta verdadeira, & por ventura literal, he a do douto Sylveira. Não diz o Evangelista S. Mattheos, diz este Doutor, que Christo he filho del-Rey David, mas filho de David, sem lhe dar titulo de Rey: *Liber generationis Iesu Christi filij David*. *Vt manifestetur, quod plus Deus gloriabatur de Davide pastore, & paupere, quam de ipso Rege, & prapotentc. Pauperes enim á Deo magni estimantur*. Para que se soubesse, que muito mais se gloriava Christo Senhor nosso, & se prezava de ser tido, & nomeado por filho de David pobre pastor, como o era antes de ser Rey, que de David Rey poderoso, porque Christo faz grande conta dos pobres, os tem em grãdissima estima, são os Fidalgos, & Grandes de sua caza celestial, & divina: *Pauperes enim á Deo magni estimantur*.

78 Vamos agora ao nosso ponto. Que cousa he Christo aos que o recebem dignamente no Altar, quando communhão, se não filho delles? diz Ruperto Abbade: *Quemcumq̃ ad sanctum altare divina vocat gratia, profectò jubetur illi, ut tollat filium suum, quem diligit Isaac, eumque Domino in terra visionis in holocaustum offerat*. Comunga o Rico,

Isay. 40. n. 17.

Sylveir. in text.
Evãg. lib. 1. c. 2. q. 17. n. 51.

Rupert. l. 6. in Gen. cap. 32.

& comunga o pobre : Comungao Grande, o Fidalgo, el-Rey, & comunga o pequeno, & mesquinho, o escravo . Todos são por meyo da Sagrada Comunhão pays de Jesu Christo . De todos Christo Senhor nosso he sacramentalmente filho . Porém de qual delles se tem por mais honrado? Concorrendo nelles igualdade de graça, & de merecimentos, por mais honrado se tem Christo de ser filho do pobre, do que do Rico, de ser filho do pequeno, do que do Grande, de ser filho do escravo, do que do Rey : *Plús Deus gloriabatur de Davide pastore, & paupere, quám de ipsô Rege, & prapotentē* . Porque Deos faz grande conta dos pobres, té-nos em grandissima estima . São os Fidalgos, os Grandes de sua caza celestial, & divina : *Pauperes enim á Deo magni estimantur* .

Jurifconsult.

79 Tres Fidalguias distinguem os Jurifconsultos necessarias de se saberem, para consolação dos mesquinhos, & para advertencia dos Grandes . A primeira chama-se Theolocal . A segunda Natural . A terceira Civil . Esta he a mais inferior, & no Mundo mais honrada, & estimada; porque he a que dá o Rey á seus vassallos, ou por se ter bem servido delles, ou por vontade, ou por muitos a comprarem .

80 A segunda superior á esta he a Natural, aqual consiste na virtude . Hum Capitão valente, hum soldado valeroso, hum grande letrado, ou outra pessoa virtuosa he por sua virtude grande Fidalgo, ainda que não tenha o foro de Fidalgo, nem esteja escrito no livro da cozinha de seu Rey . Mas a Fidalguia verdadeira superior á todas he a Theological, aqual consiste na graça divina, que faz aos homens Fidalgos de Christo, Fidalgos de Deos, Grandes de sua caza celestial, & divina, escritos, não no livro da cozinha, mas no livro da vida, como diz S. Paulo : *Quorum nomina sunt in libro vite*, para assistirem eternamente diante delle no palacio celestial do Paraizo .

Ad Philipp. 4. n. 3.

81 Perguntai vós agora á Deos, perguntai á Christo Senhor nosso : Quaes são os Fidalgos de sua caza celestial, & divi-

divina, eſcritos no livro da vida, os Ricos, ou os pobres? Os Grandes, ou os pequenos? Para ſaberdes à quaes delles primeiro haveis de dar a Sagrada Comunhão, como mais dignos, mais nobres, mais illuſtres, mais grandes, mais ſenhores, á eſtes, ou á aquelles? Diz Deos por David: *Edent Pauperes, & ſaturabuntur*. Explica Nicolao de Lyra: *Edent Pauperes Eucharistiæ Sacramentum*: Comão os pobres á vontade o pão do Altar, o Sacramento da Eucharistia. Porque? *Vivent corda eorum in ſeculum ſeculi*, á ſaber, diz o meſmo Lyra: *Vivent vitæ gratiæ in præſenti, & gloriæ in futuro*, porque os pobres ſão os Fidalgos da caza de Deos, eſcritos no livro da vida, ſão os que vivem por graça neſta vida, & vivirão para ſempre por gloria na outra. Mas dos Ricos, dos Grandes, diz Chriſto Senhor noſſo em S. Marcos, que he mais facil paſſar hum Camelo [que he hum animal maior que hum Cavallo] pelo fundo de hũa agulha, do que hum delles entrar no Reyno de Deos, ſer admitido por Fidalgo de ſua caza real, & divina na patria celeſtial: *Facilius eſt Camelum per foramen acus tranſire, quàm divitem intrare in regnum Dei*, não porque muitos delles ſe não ſalvem, & não ſejão Fidalgos da caza de Deos, eſcritos no livro da vida com maior grandeza, & fidalguia do que o ſão no Mundo, mas porque em comparação dos pobres ſão tão poucos os que a alcanção, & com tão grande difficuldade, que parece mais facil paſſar hum Camelo pelo fundo de hũa agulha, do que hum delles entrar no Ceo, ſer admitido por Fidalgo da caza real, & divina de Chriſto Senhor noſſo: *Facilius eſt, Camelum per foramen acus tranſire, quàm divitem intrare in regnum Dei*.

Pſal. 21. n.

27.
Lyr. hic.

Marc. 10.
n. 25.

82 E ſe ſois curioſos da rezão deſta tão grande differença, ella he muito clara. A rezão he, porque os peccados, que ſão os que nos impedem eſta ſoberana fidalguia, nos riſcão de todo do livro da vida, aonde eſtão eſcritos os Fidalgos da caza real, & divina de Chriſto Senhor noſſo. Nos pobres, nos pequenos, nos meſquinhos, não ſão tantos, nem tão

graves, como nos Ricos, & nos Grandes, mas mui poucos, & de ordinario mui leves; porque o pobre não he soberbo, não he vingativo, não he envejofo, não he murmurador, não he injusto, não he cubiçoso, não avexa á ninguem, não traz demandas injustas, não joga o que tem, & o que não tem, o proprio, & o alheo, não acomete muitas casas com torpezas, & deshonestidades, não tem dividas, & restituções de porte. Se succeder á algum pobre furtar, seus furtos são mui leves de cousa pouca, obrigados da necessidade, suas confissoes são muito breves, não se cança muit o comelle o Confessor, nem tem necessidade de estudar muitos cazos, para lhe desembaraçar a consciencia. Se o aggravais, não responde: se o açoutais, não se vinga: se o afrontais, não se queixa: tudo sofre com paciencia, & por hum real, que lhe dais de esmola, por hum pedaço de pão, por hum nada, vos enche de mil bençoës. Em fim quanto hum homem he mais pobre, quanto mais coitado, & melquinho, tanto menos offende á Deos: quanto mais çujo no corpo por pobreza, tanto mais limpo na alma: quanto mais nù por não ter com que se cubrir, tanto he mais ricamente vestido com o rico manto da graça divina, porque ocupado todo o dia, ou em trabalhar, ou em pedir esmola, para buscar com que sustentar mui pobremente a vida, ainda que queira, não tem vagar, para offender á Deos.

Pfal. 21. n.
27.

83 Não corre a mesma regra nos Ricos, não he assi nos Nobres, nos Grâdes, nos Fidalgos, vós o sabeis; por isso Deos por David chama aos pobres Fidalgos de sua casa, e scritos no livro da vida: *Vivent corda eorum in seculum seculi, vita gratia in presenti, & gloria in futuro*: E dos Ricos, & dos Grandes, diz Christo Senhor nosso, ser mais facil entrar hú Camelo pelo furo de húa agulha, do que hum delles alcançar o foro de tão alta, & soberana Fidalguia, ser admitido por Fidalgo de sua casa celestial, por Grande de seu Reyno: *Facilius est, Camelum per foramen acus transire, quàm divitem intrare in regnum Dei*. E fazeis difficuldade para dar a Sagra-

Marc. 10.
n. 25.

à Sagrada Comunhão aos pobres, aos melquinhos, aos escravos, aos nús: & a não fazeis para dar aos Ricos, aos Nobres, aos Grâdes, aos Fidalgos? Daya primeiro á aquelles, do que à estes, & com maior cuidado, & diligencia, como vos manda Christo Senhor nosso: *Exi cito in plateas, & vicis civitatis; & pauperes, ac debiles, & cecos, & claudos introduce huc. Exi in vias, ac sepes: & compelle intrare, ut impleatur domus mea.* Luc. 14.
n. 21. & 23

84 Vencida a difficuldade dos pobres, a qual ainda em muitos lugares tem raizes tão fundas, que com o meu fraco poder não pude de todo arrancar, dei com outra maior dos ignorantes. Hum homem rude, hum Cafre besta, hum Malavar, que parece hum bruto, hum escravo ignorante, que se não sabe benzer, & outros muitos incapazes moços, & moças hão de comungar? Parecendo á algus por rezão destes, ser mui acertado, & mui bem feito, não dar à todos a Sagrada Comunhão; como se estes somente, não comungassem na India, nem fosse muita a obrigação, que tem seus Vigarios, & Curas de os instruir, & cathequizar, para q comunguem.

85 Quantos Christãos à fora estes ha nestas Conquistas de varias Nações mui capazes, q nunca comungarão? Quem pode contar o numero infinito, que ha delles nas Terras, & Cidades do Norte, & do Sul, & nos mais portos, & lugares deste Oriente sogeitos à Coroa Lusitana, aonde pelo máo uzo introduzido, & por muitos se não quererem cançar com seu officio na administração da Eucharistia, o comungar he de mui poucos? E sem irmos tão longe. Os Bramanes gente mui aguda, & entendida: Os Vaniós, & os Charaddôs de não menor capacidade, & outras muitas castas de homês, & mulheres naturaes deste Concão vossos Fregueses, que chamaes Aguias pela habilidade, & agudeza de seu entendimento, pela facilidade, com que aprendê quanto se lhes ensina, porque não comungão todos, mas tão poucos, que todos juntos não chega à ser a decima parte?

te? E 20. mil almas, ou inda mais, que em algũas destas Frèguezias se admitirão nesta Palcoa á sagrada Comunhão, que nunca dantes havião comungado, & outros muitos, que cada dia se vão admitindo, abrindo os olhos os Parocos zelosos, para verem o erro em que estavão, como logo se acharão tão capazes, para comungarem, que não foi necessario ensinarlhes cousa de novo? Somente os escravos não comungão? Somente os Cafres, & os Malavares? Somente os moços, & as moças não tomão o Senhor? Ha homês por estas Aldeas, que sabem ler, & escrever, & muitos delles ainda correm com pleitos, & demandas mais agudos, que muitos Europeos, os quaes nunca ate hoje comungarão. Estes são brutos? Estes são bestas? Estes não são capazes para tomarem o Senhor.

86 E dos escravos moços, & moças, quantos são mui entendidos, & espertos, mui capazes, que nunca comugarão, sendo tão radicado na India este pecado, de se não dar á todos a Sagrada Comunhão, que já mais se não pergunta aos penitentes, se não mui raras vezes, se sabem o que he necessario saber, para comungarem; mas somente se he daquelles, que comungão. Se o penitente acertar dizer que si, se lhe passa o escrito, para que comugue: mas se differ que não, tanto basta, para nunca comungar em todo o tempo de sua vida; como se fora necessario nascer comungado do ventre de sua mãy, para ser daquelles que comungão: divisão que não ha se não na India contra o preceito de Christo, & da Igreja, que dos Christãos, que ja tem os annos de discrição, hús sejam do numero daquelles, que comungão, & outros não; quando Christo Senhor nosso, & a Sancta Madre Igreja manda comungar à todos.

87 Mas quanto aos ignorantes, dos quaes ha muitos muito rudes, esta difficuldade tem algum fundamento, que não tiverão as duas primeiras dos pecadores aboltos, & dos pobres. Porque todos os Doutores dizem, que para o Christão comungar, he necessario, que saiba discernir de manjar á manjar.

manjar. Hum Cafre besta, hum Malavar ignorante pôde
 faber isto? Sem ensino, certo que não; nem eu o soubera,
 se de outrem o não tivera aprendido, porque: *Fides ex au-* Ad Ro-
ditu: auditus autem per verbū Christi. Ensinayos, & o faberão. man. 10.
 Por isso disse Christo aos Apostolos: *Docete omnes gentes,* n. 17.
 porq̃ sem ensino nenhũ pôde saber a doutrina Christãa, os Matth. 28
 principios da nossa Sancta Fé. Não lhes disse, que ensinassẽ n. 19.
 somente aos q̃ tivessem muita habilidade, mas à todos: *Omnes*
gentes, de qualquer casta, & condição q̃ fossem; & quãto mais
 ignorãtes, & mais rudes, tanto mais trabalhai, para q̃ saibão o
 que he necessario saber para sua salvação, & para observan-
 cia dos preceitos de Christo, & da Igreja.

88 Nem cuideis, que para o Christão discernir de man-
 jar à manjar, se requiere muita sciencia. Não imagineis, que
 este dito dos Doutores seja algũa cousa mui difficilissima, para
 se saber, algum ponto de Theologia, que não podem estu-
 dar os Cafres. Querem dizer: Para o Christão comungar, he
 necessario, que saiba, que o que come no Altar, não he o
 pão, que compra na praça, mas he o Corpo de Christo Se-
 nhor nosso. Isto somente quer dizer, he necessario que saiba
 discernir de manjar á manjar. Ha Cafre por bruto, ou besta
 que seja, que não possa saber isto, se se lhe differ hũa, ou
 muitas vezes?

89 Todos sabem que o pão da Eucharistia, o Sanctissí-
 mo Sacramento, não he o pão, que se vende na praça, por-
 que prostrados diante delle de joelhos, o adorão na Missã,
 o reverenceão quando passa pellas ruas, batem os peitos, pe-
 dindolhe perdão de seus pecados, com outros semelhantes
 actos de Christãos, o que não fazem à vista de hum cesto
 muito grande de pão quente. Que se alguns errão em dizer
 o que nelle se contem, em rezão, que ninguem lho disse,
 nenhum os ensinou, dizeilhes o que he, & saberão, que he
 o Corpo de Christo Senhor nosso. Pois obrigação tem de
 pecado mortal. Parocos, os Reytores, os Prioros, os Vi-
 garios, & Curas ensinar á seus fregueses: os pays, & mãs
 à seus

S.Tho.3.
p.q.67.
art.8.
Suar.ibid.
in com-
ment.
disp.23.

à seus filhos: & os amos, & as senhoras à seus escravos, & criados, moços, & moças de sua casa. Ledeo em S. Thomas, & no Padre Soarez, & nos mais Doutores que tratão deste ensino, os quaes pela obrigação que á estes corre, de ensinarem aos seus, & por se supor, que o fação, dizem, não estarem de ordinario obrigados os Padrinhos nas terras dos Catholicos, à ensinar à seus afilhados o que tem obrigação de saberem, pertencente à Sancta Fé Catholica.

Sancius in
select.
disp.26.
Bonacin.
de Sacra.
disp.4.q.7
punct.2.
n.3.

90 Maior discurso, maior juizo se requiere, maiores circumstancias he necessario, que saiba o Christão, para se confessar, como a experiencia mostra, & affirma João Sancio, Theologo doutissimo moderno, mui devoto da frequencia da Sagrada Comunhão, do que he necessario para communhar, ainda que Bonacinas sustente o contrario contra a experiencia, mas à outro proposito, & para outro fim diverso do que tratamos. Pois se todos se confessão, ao menos húa vez no anno, cada hum como pode, o douto como douto, o ignorante como ignorante, o besta como besta, & à todos se dá a absolvição, & por meio della dá Deos sua divina graça; porque *Facientibus quantum in se est, Deus non denegat gratiam*, porque todos não comungão com pretexto de rudes, & incapazes, sem se tratar nunca delles em nenhum tempo de sua vida, para que comunguem, & sem nunca se instruirem?

Axioma
Theolog.

91 Maior difficuldade tem hum Malavar, hum Cafre, & outro qualquer Christão, para aprender de cor, o *Padre nosso*, a *Ave Maria*, & o *Credo*, do que tem para saber, & crer, que na Hostia consagrada está Christo Senhor nosso. Pois se lhes ensinais o mais difficultoso, & o aprendem de cor mui facilmente, porque deixais de lhes ensinar o menos de maior porte, que todos tem obrigação de saber, para comungarem?

92 Valhame Deos! Ha moças, ou escravas mais brutas, & bestas, que as Cafras? Os Cafres, & as Cafras na opinião de todos he a mais rude, & besta gente que hà no Mundo; &

& que seja possível pela nossa parte , por nosso apetite , por nosso gosto , & passatempo procurarmos com muita applicação todos os dias da semana , que aprendão á tanger , & cantar letras , & cantigas mui difficiltozas , & muitas dellas tão deshonestas , que não são sem muita offensa de Deos : & pela parte dellas , que aprendão com tão grande facilidade , & perfeição , que não ha mais : & que somente para comungarem lhes deis titulo de brutas , incapazes ? Se lhes ensinaiis tão todos os dias da semana desde pola manhã até á tarde có muito gasto de vossa casa , & muitas vezes com muita offensa de Deos ; porque sem nenhum custo , & com muitos merecímegos não mandais ensinar alli á estas , como á todos os mais de vossa casa , duas , ou tres vezes na semana por húa hora somente o pouco , que se requiere , para comungarem ? Para tanto são capazes , para tão pouco são incapazes ?

93 Se por húa quebra de húa porcelana , ou de hum prato , não contentes com os muitos acoites , que cruelmente lhes dais , lhes tirais tambem em parte o poco que lhe dais para seu sustento , para vos refazerdes do dano que por desgraça , ou descuido vos fez , (crueldade , que somente na India achei , aonde o comer dos moços , escravos , & escravas he tão limitado , que parece impossivel poderse có tão pouco sustentar húa pessoa , mormente trabalhando todo o dia) como se vos não dá da quebra de hũ preceito tão grande de Christo , & da Igreja , que manda á todos comungar na Pascoa , & no perigo da morte ?

94 Ah ? Não sem causa temos tantas perdas . Não sem causa não logramos como antigamente os bês da India . Não sem causa vos não luzem as riquezas destas Conquistas . Não sem causa vos castiga Deos com castigos sempre novos , & não esperados . Não sem causa quando cuidais melhorar nos bês temporaes , peiorais , indo sempre de mal para peor , com novas perdas , com novas misérias , quaes forão as que tivestes nestes dias na perdição da armada , que esperaveis com tão grande alvoroço . E praza á Deos não vos tenha

guardado outras maiores para o tempo adiante, para maior castigo vossô, porque tratais com muito cuidado de vossos gostos, & appetites, de vossos bês temporaes, de melhorar vossas fazendas, de acrecentar vossas riquezas, que nem aos Domingos, & dias Sanctos deixais descansar os moços, escravos, & escravas de vossa casa, mandandolhes trabalhar contra o terceiro mandamento de Deos, & muitas vezes sem lhes dar tempo de ouvir Missa; & não se vos dá, nem muito, nem pouco, do bem espirital de suas almas, & de sua salvação, deixando os viver como brutos, sem os instruídes nos principios da sancta Fé Catholica, sem procurar-des, que guardem os mandamentos de Deos, & da Igreja, sem tratardes que comunguem ao menos na Pascoa, & na hora de sua morte. E em muitas casas he tão grande o descuido, & o desamparo, quando adoecem, que muitos morrem sem se confessarem.

Matth. 18.
n. 15.

95 Não basta dizer o que algũs dizem: Padre eu não prohibo, nem ponho impedimento á nenhum de minha casa, para que não fação o que são obrigados fazerem como Christãos; porque se estais obrigados emendar ao vossô proximo, se o virdes mal encaminhado, offender á Deos com pecados, conforme vos manda Christo. Senhor nosso com preccito de peccado mortal: *Si peccaverit in te frater tuus, vade, & corripe eum inter te, & ipsum solum, &c.* quanto maior he a obrigação de emendar vossos criados, moços, & escravos, para que vivão como Christãos, mandando-os guardar os mandamentos de Deos, & da Igreja, procurando que comunguem na Pascoa, & na hora de sua morte, ensinandolhes, ou por vos mesmos, ou por algũa pessoa experta, & entendida de vossa casa, os principios de nossa sancta Fé, & doutrina Christãa, mormente o que se encerra na Hostia consagrada.

96 Ha cousa mais lastimosa do que esta, que todos os Christãos assistão os Domingos, & dias sanctos, ao sancto sacrificio da Missa, & que muitos não saibão o que nella adorão

dorão por falta de ensino?

97 Há cousa mais digna de lagrimas, que pela mesma falta muitos não comunhem? E o que he mais para sentir, que ainda haja (& praza á Deos não seja para encubrir sua preguiça, que o levará ao Inferno) quem queira disputar, & sustentar contra o preceito de Christo, & da Igreja, ser cousa boa, & sancta continuar com a mesma pratica, & costume, de se não dar à todos a Sagrada Comunhão.

98 Diz S. Agostinho: *Insolentissimæ infaniæ est disputare, an faciendum sit quod tota per orbem frequentat Ecclesia*: He grandissima doudice, locura mui presunçosa, & soberba, disputar, se se deve fazer o que costuma fazer em todo o Mundo a sancta Madre Igreja. Que dislêra, se vira disputar, se se deve dar à todos a Sagrada Comunhão, quando a Igreja não sôo costuma em todo o Mundo, mas o manda com preceito? Mas já que o quereis pôr em disputa, respondi à este meu argumento, que para comigo, que sou de fraco entendimento, he muito grande, & me aperta muito a consciencia, & se me foltardes, consintirei com vosco, que o dar a Sagrada Comunhão à muitos, & não à todos com errado pretexto de incapazes, he cousa muito sancta: E se por ventura, se não poder soltar, trabalhai por ensinar á todos este altissimo Mysterio, para que todos sejam capazes, & dignos da Sagrada Comunhão.

Augustin.
epist. 118.

99 He certissimo de fé definido no sagrado Concilio de Trento, como direi no Terceiro Ponto, que todos os que tiverem os annos da discrição de dez para cima, como declarão os Doutores, são obrigados realmente à comungar húa vez no anno, ao menos na Pascoa: & não comungando, commettem peccado mortal; por consequencia todos estes, sem excluir á ninguem de dez annos para cima, que até agora não comungarão, são obrigados na Pascoa com pena de peccado mortal á comungar. Tudo isto he de fé. Supposto isto: ou estes, que não comungão por incapazes, são incapazes por sua malicia, por sua maldade, porque não querem

Concil.
Trident.
sess. 13.
can. 9.

aprender o que he necessario saber, para comungarem, não querem dispor-se, para dignamente receberem o Senhor, não querem guardar o preceito de Christo, & da Igreja, que manda á todos comungar: ou são incapazes por ignorancia, por rudes, por não saberem discernir este altissimo Mystério, em rezão que ninguem os ensinou. Se são incapazes por malicia, porque quando se confessão, os absolveis? Não vedes, que a confissão he sacrilega? E se são incapazes por ignorancia, porque os não ensinais? Porque os não instruis, se vossa he a obrigação de o fazer? Este he o meu argumento, que me convence, & aperta a consciencia, & convenceo sempre á todos, que correrão os livros, & entenderão quanto obrigação os preceitos de Christo Senhor nosso, & da Santa Madre Igreja.

100 E se me perguntais, que he o que deve saber o Christão, para comungar dignamente? Vos digo, que mui pouco, que se não requiere nelle muita sciencia, mas muito boa consciencia.

101 Nasce Christo Senhor nosso no presepio entre brutos animaes. Pasma Theodoreto, que a Sapiencia increada de Deos, vestida do burel de nossa humanidade, appareça no Mundo entre brutos. Senhor! para que não entre Cherubins, que são os Anjos da sabedoria? Para que não no meyo da Synagoga entre os Doutores da ley velha? Para que? Para que não tenham os Sacerdotes escrupulo de admitirem os simplicies, & ignorantes, hús homés rudes, hús Cafres bestas à Sagrada Comunhão. Porque o nascer Christo entre bestas, no meyo de dous animaes, diz Theodoreto, que foi para mostrar, que dava licença à todos os homés, para se chegarem á elle, & comungarem, ainda que tão rudes, como bestas: *In praesepio namq, Dei ponitur Verbum per medium corpus, ut licentiam habeat rationalis, & irrationalis participari cibo salutis.*

Theodor.
orat. de
Christi
nativitat.

102 Quanto à outra circunstancia, repara S. Ambrosio, que nascendo Christo Senhor nosso no presepio, não mandou

dou o Anjo à Hierusalem, á annunciar aos maiores da Cidade, aos Grandes do Concelho, aos Sabios, & entendidos, aos Scribas, & Fariseus, aos Principes dos Sacerdotes, que contavão os dias, & as horas de seu milagroso nascimento, para o receberem, & festejarem, não, á nenhum destes o revelou; mas á hũs pobres pastores simpliccs, rudes, & ignorantes, que sabião fomite contar as horas da vigia de seu gado: *Pastores erant in regione eadem vigilantes, & custodientes vigilias noctis super gregem suum. Et ecce Angelus Domini stetit juxta illos, &c.* Por que? Diz S. Ambrosio: Não vos espanteis disto; porque Christo não veio ao Mundo, para buscar homens letrados, gente grande, & soberba, mas innocentes, simpliccs, rusticos, & ignorantes, fazendo mais conta da boa cõciencia de hum simples coitado muito rude, do que do poderoso, soberbo, letrado, cheo de peccados: *Non mirandum est (diz S. Ambrosio) si Christi gratiam ante scire meruerit innocentia, quàm potestas, & prius cognoscere veritatem simplex rusticatio, quàm superba dominatio.* Luc. 2. n. 8. & 9. Ambrosio. to. 3. serm. 13.

103 Sabida he a historia, que refere o Padre João Rebello, Author Portugues, no livro dos milagres do Sanctissimo Rosario, de hum soldado de tão pouco talento, & tão rude, que nunca em todo o tempo de sua vida pode aprender o *Pater noster*, nem outra reza, mais que as primeiras palavras da *Ave Maria*: *Deos vos salve Maria chea de graça*, que rezava muitas vezes no dia, & estas com grandissimo trabalho de seu Mestre de Noviços, que lhas ensinou, depois que cantado do Mundo, se fez Religioso da sagrada Ordem de Cister. Já este na vossa estimação não podêra comungar, mas não na daquelles virtuosos, & prudentes Religiosos, dos quaes não duvido, que lhes administrassem a Eucharistia muitas vezes, conforme nas Religioes se costuma; & muito mais na de Deos, que não olha pela sciencia, mas pelo interior de hũa boa consciencia. Depois de morto, mostrou Deos com evidente milagre, quam accita lhe foi esta

esta sua pouca reza, quão digna sua alma bemaventurada de seus mimos. Nasceo milagrosamente de sua sepultura huma arvore fermosa, em cujas folhas estava escrito com letras de ouro, *Deos vos salve Maria chea de graça*, figura expressa da pureza da consciencia, com que as rezava, & da charidade, que sua alma possuia. Mandando o Bispo daquella Cidade cavar á roda da arvore, para ver com maior certeza donde sahia, acharão que de sua boca.

104 Sabida he a outra (que por vezes, sendo moço, ouvi relatar pelos meus Mestres) de hum Ermitão tão rude, q nunca soube benzerse, o qual retirado em hum lugar solitario perto do mar, fazia todos os dias hũa oração muito errada na opinião dos homês, as aveſtas do que havia de ser; porque pedindo á Deos perdão de seus pecados, dizia: *Miserere tui Deus: Senhor tende misericordia de vos*; nem sabia outra oração, nem habilidade tinha para mais. Deu com elle á cazo hum Bispo sancto, visitando sua Diocese, & perguntandolhe pela oração, que fazia, vendo-o tão rude, & incapaz, advirtiolhe, que ao menos não errasse no pouco que dizia; mas disseſse: *Senhor tende misericordia de mim: Miserere mei Deus*. Repetio o Ermitão por vezes, para se não esquecer: *Senhor tende misericordia de mi: Tende misericordia de mi: Miserere mei Deus*. Embarcado o Bispo, seguindo sua viagem, estando já muito longe da praya, permitio Deos, para mostrar, que para com elle não se requere muita sciencia, mas muito boa consciencia, que esquecido o Ermitão, disseſse como dantes: *Senhor tende misericordia de vos*. Mas reparando, que errava; nem se lembrando de como havia de dizer, dezejoso de acertar com a oração, correo à pós o Bispo, caminhando á pè enxuto sobre as ondas, bradando aos marinheiros, que parassem. Espantado o Bispo, & os marinheiros de tão grande milagre, pararão atè elle chegar à embarcação. Perguntoulhe o Bispo, que queria? Disse o Ermitão com grande sentimento: Senhor, estou esquecido da oração, que vossa Senhoria me tem ensinado,

nado, dezejo saber de novo, como hey de dizer, em que maneira hey de pedir á Deos perdão de meus pecados? Respondeolhe o Bispo: Filho dizeis como sempre dissestes; porque se a vossa oração me pareceo dantes muito errada, agora me parece muito sancta. Que dizeis, meus Reverendos Sacerdotes, pode este comungar?

105 A Sabedoria increada, o Eterno Verbo, não sô o admite á Sagrada Comunhão, mas chamao, & convidao: *Siquis est parvulus, veniat ad me. Et insipientibus locuta est: Venite, comedite panem meum, & bibite vinum, quod misit vobis*: Cheguem se á mim os simples, & venhão comungar os ignorantes; & aos necios digo, que comão o meu pão, & bebão o meu vinho, que lhe tenho aparelhado na sagrada mesa do Altar. Isto diz a Sabedoria increada, o Autor de tão alto Sacramento: Que dizeis vos, podem estes comungar?

106 Ha maiores nescios, que as crianças, antes de terem uzo de rezão, com tudo depois do Bautismo são mui dignas, & capazes da Sagrada Comunhão, dizem Domingos Soto, Ledesma, Alenle, Soares, Becano, & outros; porque em rigor, quanto ao seu requisito effencial, para comungar dignamente, não se requiere sciencia, mas consciencia, que nas crianças bautizadas, nos simples, nos necios he muita; & nos entendidos, & agudos de ordinario he mui pouca. Tanto assi, que antigamente na Igreja, assi Grega, como Latina, as crianças, antes de terem uzo de rezão, comungavão, crescendo nellas por meyo da Sagrada Comunhão a graça divina, que no Bautismo receberão. E inda hoje em algúas Igrejas de Gregos Catholicos se guarda. Que se entre os Latinos está já pela Igreja defezo, a causa foi, diz Soto, o perigo de algũa irreverencia, que facilmente podéra acontecer nas crianças, não tendo por outra parte necessidade da Sagrada Comunhão.

107 Daqui agora fazei vós argumento, quão pouca he a sciencia, que se requiere nos Adultos, para dignamente comun-

Proverb.
9.n.4.& 5.

Dom. So-
to in 4.
dist. 12. q.
1. art. 9.
Ledesm.
q. 21. art. 9.
dub. 5.
Alenfl. 2.
de Euch.
c. 37.
Suar. in 3.
p. to. 3.
disp. 62.
sect. 4.
Becan. de
Sacram.
c. 23. q. 2.
Dom. So-
to loc. cit.

D.Th.in
Mis.Fest.
Corp.
Chr.

comungarem. Não he necessario, que saibão, que na Hóstia consagrada não està a substancia do pão, mas a substancia do Corpo de Christo, porque nem todos entendem, que cousa he substancia. Tão pouco he necessario, q̃ saibão: Que *per se primò* està o Corpo, & *per concomitantiam* a alma, & a divindade: Que o corpo não està por modo corporal divisivel, mas espirital, & indivisivel, & semelhantes cousas, que não são para todos; mas antes nenhũa cousa destas se deve ensinar aos simples, & rudes, por não embaraçalos cõ cousas, que não podem entender. Muito menos he necessario, que digão, que està Christo na Hostia, como està nos altos Ceos, mormente, que em rigor não he assim; porque Christo Senhor nosso està na Hostia consagrada com modo tão diverso do que està no Ceo,quão diversa he a Hostia do Ceo. Tão pouco he necessario, que entendão o que dizem, mas basta que o creão, diz S.Thomas: *Quod non capis, quod non vides, animosa firmat fides*; porque os mysterios de nossa sancta Fé, nem os entendidos os entendem, quanto mais os ignorantes.

Joan.6.n.
58.
1. Ad Co-
rinth. 11.
n.29.

108 Tres cousas somente, dizem os Doutores, he necessario que saibão. A primeira [& he a principal] que hão de comungar sem consciencia de pecado mortal, confessandose primeiro inteiramente de seus pecados com firme proposito de mudar a vida; & nisto devem os Confessores uzar de muita diligencia, advirtindo aos penitentes com quanta pureza de consciencia hão de comungar, com quanta dor de terem offendido à Deos, com quão grande mudança de vida, mostrandolhes a graveza do pecado, que comete quem receber á Christo em pecado mortal, & a muita graça, que recebe quem o receber dignamente, com o dito de Christo Senhor nosso, & de S. Pauló: *Qui manducat me, & ipse vivet propter me. Qui manducat, & bibit indigne, judicium sibi manducat, & bibit, non dijudicans corpus Domini.* A segunda, que hão de estar jejús de jejum natural desde a meya noite até receber o Senhor. A terceira, que o que recebem, não

não he pão, mas o corpo de Christo Senhor nosso. E para os simples, & ignorantes melhor será dizerlhes, que he Christo Senhor nosso verdadeiro Deos, & verdadeiro Homem, para que não cuidem, que recebem fomento o Corpo, & não a alma. E se alguém disser, por não ser capaz de mais, que o que recebe he Deos, ou se disser, que he nosso Senhor, ou que he o filho de Deos, sem mais, basta, porque já discerne de manjar á manjar, já diz, que o que come no Altar, não he pão, mas he Deos nosso Senhor. Sancta cousa também será exortallos, que depois de comungados não sayão logo da Igreja, mas de joelhos pedindo á Deos perdão de seus pecados, & graça para viver, & morrer sanctamente, fação hum quarto, ou meia hora de oração, cada hum, como souber, & poder, conforme manda o Ritual Romano. Ha cousa mais facil do que esta, para se aprender dos maiores rudes destas Ilhas?

Rit. Rom
de Sacra-
ment.
Euch.
verf.
Moncan-
tur.

109 A fóra estas tres cousas, não dizem os Doutores, que para os Christãos comungarem sejão obrigados saber outra cousa mais; mas antes apontão hús cazos, em que ás vezes se requiere muito menos; porque perguntão: Se o mundo, & surdo á *nativitate*, que desde o dia de seu nascimento foi sempre alli, pode comungar? E dizem que não só pode, mas na Pascoa, & na hora de sua morte, está obrigado, como todos, á comungar. Ledeo no meu Padre Diana, & no Padre Layman da Companhia de JESUS. Porque, ainda que não possa saber distintamente o que se encerra na Eucharistia, basta, diz Layman, que por algum modo entenda, que o que come no Altar, não he pão, mas manjar es-

Dianap. 5
tract. 6. re-
sol. 7. Lay-
man. lib. 5.
tract. 4. c.
4. n. 5.

S.Tho.3. sua salvação: *Quia licet talis homo distincte edoceri, atque*
 p.q.80. *intelligere omnia non possit, quæ ad substantiam Sacramen-*
 art.9. *torum concurrunt; sufficit tamen, si ad Eucharistiam acce-*
 Henriq. *dat tamquam ad cibum non profanum, sed spiritualem in ani-*
 lib.8.c.42. *ma sue salutem divinitus institutum.*
 n.3.

Regin. 110 Perguntão mais se podem comungar os meyo lou-
 tom.2.lib. cos, os que tiverem fraco, & imperfeito uzo de rezão? E
 29.c.5.n. responde S. Thomas, Henriques, Reginaldo, Possévino,
 81. Bonacinas, Diana, Layman, & outros, que podem comú-
 Posséu. de gar, mas não muito á miude; porem na Pascoa, & na hora
 offic. Cur. de sua morte obrigados estão elles à comungar, & nós á lhes
 c.8.n.9. administrarmos a Sagrada Comunhão; porque, ainda que
 Bonac. de não possão discernir, como convem o altíssimo mysterio da
 Euch. disp Eucharistia, basta que saibão que he manjar espiritual. Se-
 4.q.6. *mi fatui* (diz Layman) *qui debilem, & imperfectum ratio-*
 pñct.1.n.7 *nis usum obtinent, ad Eucharistiam admittendi sunt, licet*
 Diana p.5. *rarius quam alij, secundum prudentis Confessarii judicium:*
 tract.6. *minimum tamen in Paschate, multoque magis in mortis ar-*
 resol.7. *ticulo admittantur, modo eum rationis usum obtineant, ut*
 vers. *peccare, & sacramentalem absolutionem accipere, atque in-*
 Probat. *ter cibum spiritualem, & profanum discernere possint.*
 Layman
 lib.5.tract
 4.c.4.n.4.
 in fine.

111 Inda mais perguntão: Se póde comungar hum ho-
 mem, que for de todo louco para sempre, hum frenetico, q̃
 com a força de febre, ou doutro mal, desvariou, ou endou-
 deceo de todo, ou por obra do Diabo, que lhe entrou no
 corpo (como são algũs endemoninhados) perdeo de todo
 o juizo, perguntão se estes podem comungar, ao mepos na
 hora de sua morte? E a commua dos Doutores, com S.
 S.Tho.3. Thomas (como se pòde ver. em Layman, & Bonacinas)
 p.q.80. diz que se endoudeceo de todo depois ter perfeito uzo de
 art.9. rezão, & não ouver perigo de vomito, ou semelhante irre-
 Layman verencia, comete gravíssimo pecado seu Paroco, se o deixar
 loco cit. morrer sem o Santíssimo Viatico. A rezão delles he, porq̃
 Bonac. loc.cit. pòde ser, que esteja em pecado mortal, & antes de enlou-
 n.4. quecer fizesse algum acto de atrição, que não basta para se
 salvar;

salvar; & se comungar, salvar-se-ha; porque *per accidens* recebe neste cazo a graça divina por meyo da Sagrada Comunhão, & se não comungar, perder-se-ha para sempre sem remedio.

Angles in
4. sent.
Villal. in
sum. p. 1.
tract. 7.
dub. 40. n.
3.

112 Mais dizem Angles, & Vilhalobos, que não somente no perigo da morte, mas tambem sãos, & valentes fora do perigo podem algúas vezes comungar, mormente se for Religioso, como eu vi praticar por vezes em hum Convento de doutíffimos, & sanctíffimos Religiosos em Italia, na pessoa de hum Religioso Diacono, q̃ de todo endoudeceo.

113 Valhame Deos! Os Doutores mandão comungar os loucos; & na India, nem na hora da morte podem comungar os entendidos!

114 Em fim que mais? Sirvavos meus Reverendos Parocos, sirvavos de regra geral o que refere Soarez dos antigos Sacerdotes. Diz que com grande cuidado procuravão, que todos comungassem devota, & fielmente, cada hum conforme sua capacidade: *Vnde, ut ex Augustino colligitur, magna cura adhibebatur, ut unusquisque pro captu suo fideliter, reuerenterque accederet*: O sabio como sabio, o douto como douto, o ignorante como ignorante, o rude como rude, o mudo, o surdo, o frenetico, & o louco, cada hum conforme a sua capacidade: *Vnusquisque pro captu suo*. Fazei vòs o mesmo, & deixai tantas duvidas, & difficuldades, có quantas sahistes nestes dias na administração da Eucharistia com tão grande prejuizo das almas, assi dos vossos Freguezes, como vossas, pela estreita conta que haveis de dar à Deos de tantas, que nunca comungarão, nem comungão.

Suar. in 3.
p. tom. 3.
disp. 46.
sect. 6.
August. l.
3. de Tri-
nitat. c. 10.

115 A maior difficuldade de todas, que só Deos pode vencer com o poder de sua sancta, & divina graça, he em se dar a Sagrada Comunhão á muitos, aos quaes nunca se dá, nem na vida, nem na morte, com pretexto de não estarem ainda firmes na sancta Fè Catholica, quando, para que estejam firmes, houveramos de procurar, que todos comungassem muitas vezes, & não negala geralmente á todos para se-

pre pela pouca firmeza de alguns; porque a cauza de não estarem estes firmes, a causa de retrocederem (mormente os da Ilha de sancto Estevão, de que estais pasmados, q̃ Christãos no exterior, interiormente idolatras, de muitos annos á esta parte adorassem ao Diabo nos Pagodes,) he a falta da Sagrada Comunhão, mantimento fortissimo dos Christãos, fortaleza da sancta Fé Catholica; & se se continuar com elles com esta mesma falta, que tiverão até hoje, nem o medo dos carcereiros do S. Officio, nem as muitas, & grandes diligencias dos Senhores Inquisidores serão bastantes, para huns apòs os outros se não irem pouco a pouco para outra banda, para sacrificarem ao Diabo, como dantes.

116 Não deis fé á mim no que digo, day a aos Doutores, aos Padres, & à Sagrada Escritura.

Bonav. de
præparat.
ad Missã
§.2.

117 Perguntai ao Serafico Doutor S. Boaventura, que fora deste Mundo, & dos Christãos, se de todo se tirar da Igreja Catholica a Sagrada Comunhão? E vos dirá, que o Mundo todo fora cheo de erros, & de infidelidade, & o Povo Christão hum rebanho de porcos, inclinado, & sojeito á idolatria: *Tolle hoc Sacramentum de Ecclesia, & quid erit in mundo nisi error, & infidelitas, & populus Christianus quasi grex porcorum dispersus, & idolatriæ deditus.*

Method.
in Symb.
decem.
Virg.

118 Perguntai à S. Methodio, se pode a sancta Madre Igreja regenerar por meyo do Bautismo o filhos, que tenham fê sem o Sacramento da Eucharistia recebido dos fieis? E vos dirá, que não: *Non potest aliter Ecclesia concipere credentes, & regenerare per lavacrum, nisi & Christus propter eos se exinanians, ut capi possit secundum commemorationem passionis iterum moriatur, & celo descendens.*

Bereng.
lib.1. de
laude, &
invent. S.
Crucis c.
6. tom. 2.
Bibliot.

119 Perguntai á Berengosio Abbade, donde nasce, que alguns Christãos não são tão fixos, & firmes na sancta fé? E vos dirá, porque por obra do Diabo lhe falta o pão da fé, o Sanctissimo Sacramento: *Quia per antiqui perfidiam hostis panis fidei, & charitatis jam pené defecit in sit archijs nostris. Neceſſe est, ut ad verum Iosephum pro paterno pane cum prodigo*

digo illo filio recurramus, qui reversus ad Patrem: Quanti, inquit, Mercenarii in domo patris mei abundant panibus: ego autem hic fame pereor.

120 Perguntai à S. Bernardino, se o Christão pode ter fé sem comungar ao menos huma vez no anno? E vos dirá, que nem alma terá, mas fora hum defalmado sem alma: *Non potest dici, illum habere animam, qui saltem semel in anno non accipit corpus Christi.* Bernard. to. 4. ser. 43.

121 Pois se isto he assi, como podem ter fé estes Christãos, sem nunca comungarem?

122 Se as crianças sem leite, se não podem sustentar, mas he força que morram: E crianças filhos da Igreja são os Christãos bautizados novamente, diz S. Pedro: E seu leite, com q se sustentão, & crescem na sancta Fè Catholica, he o Sanctissimo Sacramento, diz o mesmo Apostolo: *Sicut modò geniti infantes rationabile, sine dolo, lac concupiscite: ut in eo crescatis in salutem* (& do leite da Eucharistia entendem este lugar os sagrados Doutores) como se podem sustentar estes Christãos na sancta Fé, sem nunca o beberem? 1. Petri c. 2. n. 2.

123 Se sem terra, & agoa, mantimento das arvores, nenhuma pode vingar: E arvores plantadas no jardim da S Igreja, são os Christãos: sem a agoa do Baptismo, sem o pão da Eucharistia seu mantimento espirital, como podem vingar, & dar frutos da fé? *Ego plantavi*, diz S. Paulo, com a pregação Evangelica: *Apollo rigavit*, com a agoa do Baptismo: porem o pão, com que crescem na virtude, & ná fé, he somente o pão da Eucharistia, fomento Deos: *Sed Deus incrementum dedit*. Pois dai aos Christãos sou pão, dailhes seu Deos na Eucharistia, & darão fruto de fé. 1. Ad Corinth. 3. n. 6.

124 Se effeito proprio da Sagrada Comunhão he unir Sacramentalmente a alma do Christão com Christo S.N. & Christo com a alma do Christão, como disse o mesmo S. Jo. n. 6. n. 57. *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo*: Tirai vós dos Christãos esta união sacramental com Christo seu verdadei-

ro Deos, com lhe negardes por todo o tempo de sua vida a Sagrada Comunhão (como realmente fazeis) & unirfchão com o Diabo, buscando-o nos Pagodes, chamando-o com feitiços, adorando-o com sacrificios diabolicos, para que lhes entre no corpo, & senhare-e a alma.

Act. 2. n.
42.

125 Oh Apostolos sanctissimos de Christo: Oh Sacerdotes da primitiva Igreja, Pastores de almas, prégai á India, dizeilhe o que fizestes com tantos Christãos, que bautizastes em pé, convertidos novamente, para que não retrocedessem; mas antes armados de fé zombassem dos tiranos, vécesssem o poder de seus cruelissimos tormentos, com que muitos delles foram martirizados, & mortos pela confissão da sancta Fé Catholica. Diz S. Lucas: *Erant perseverantes in doctrina Apostolorum, & communicatione fractionis panis.* Os instruião todos os dias, & todos os dias os mandavão comungar. Este he o sentido destas palavras, dizem de commun parecer os sagrados Expositores.

126 Fazei vós o mesmo ao menos em parte, já que se não pode em todo. Instrui por vezes à estes Christãos, doutrinaes, porque muitos por falta de instrucção, & de doutrina, se perdem. Fazei juntamente, que comunguem se não todos os dias, se não muito á miude, ao menos todos os mezes. Oh se isto se fizera com aquella charidade, & zelo cõ que o fazião os Apostolos, & depois delles os Sacerdotes na primitiva Igreja, quão grande fora nelles a fé!

127 Mandai á Ilha de S. Estevão todos os mezes em ajuda daquelle Vigario, tres, ou quatro Sacerdotes de espirito, letras, & prudencia, para que com praticas, & sermoões, instruindo-os na doutrina Christãa, & exortando-os à se confessarem inteiramente de seus pecados, lhes administrem em algum Domingo, ou dia sancto a Sagrada Comunhão, & vereis quão grandes Christãos serão.

128 Fazei, que os Gentios convertidos; & bautizados novamente comunguem muitas vezes no anno: Na Pascoa, como manda a Sancta Madre Igreja, no Natal, no Pentecostes

coſtes, & na Affumpção da Senhora, como ordenão as Cõ-
ſtituiçoens deſte Arcebiſpado: E inda mais, [& fora gran-
de bem ſe ſe fizera] quando os cathequizais, & lhes enſinais,
para ſe bautizarem, o *Pater noſter*, a *Ave Maria*, & o
Credo, inſtruios tambem na materia da Sagrada Comu-
nhão, & logo depois de bautizados o ſegundo, ou terceiro
dia, fazei que comunguem, para que logo ſe unão ſacramẽ-
talmente com Chriſto, & creſça nelles a graça divina, & a
fè, que no Bautiſmo profeſſarão, & por eſte meyo os tereis
mui firmes, & fixos na ſancta Fé Catholica. Mas bautizal-
los, & depois de bautizados deſemparallos para ſempre, ſe
nunca tratardes de que comunguem, perdendo tambem
muito de condição no temporal (cauſa porq̃ muitos ſe não
convertem) pela maior conta que ſe faz delles, ſendo gen-
tios, do que convertidos à ſancta Fé Catholica, ſendo mui-
tos delles bautizados à força, mormente os Orfãos, & que-
rerdes que tenham fé, he impoſſivel.

129 Atrevome á dizer, que nem Chriſto Senhor noſſo
pode fazer de potencia ordinaria, que os Chriſtãos tenham
fé ſem a Sagrada Comunhão.

130 Hião dous Diſcipulos de Chriſto á Emmaus depois
de ſua glorioſa reſurreiçãõ, tão pouco firmes na ſancta Fé
Catholica, que já de todo duidavão, ſer Chriſto o Redẽ-
ptor do Mundo: *Nós autem ſperabamus, quia ipſe eſſet re-* Luc. 24. n.
dempturus Iſrael: Nem tão pouco crião em ſua glorioſa re- 21.
ſurreiçãõ, por muito que o affirmalſem humas mulheres, q̃
por revelaçãõ divina, por meyo de huns Anjos, ſouberão,
como Chriſto era vivo: *Sed & mulieres quedam ex noſtris* Ibid. n. 22.
terruerunt nos, dicentes, ſe etiam viſionem Angelorum vidif- & 23.
ſe, qui dicunt eum vivere. Acudio o Senhor, & mete uſe cõ
elles: *Ipſe Ieſus appropinquans, ibat cum illis*: Mas erã tão
grande a cegueira deſtes diſcipulos, tão grande a poſſe, que
delles tinha tomado o Demonio, que o não conhecião: *Ocu-*
li autem illorum tenebantur, ne eum agnoſcerent. Os reprehẽ-
deo, chamandolhes de loucos, de inficis, homens de duro
coraçãõ

Ibid.n.25.
26.& 27.

coração, para crerem o que delle tinham prophetizado os Prophetas, para por meyo das reprehensões os reduzir, & firmar na sancta fê: *O stulti, & tardi corde ad credendum in omnibus, quæ locuti sunt Prophetæ!* Nem tão pouco aproveitou. Lhes fez huma pratica divina, declarandolhes todos os lugares da Sagrada Escritura, que delle fallavão, começando delde Moyses, correndo por todos os Prophetas: *Incipiens á Moyse, omnibus Prophetis, interpretabatur illis in omnibus scripturis, quæ de ipso erant:* E tudo de balde.

131 Senhor, que he isto? Nenhuma cousa aproveita para estes vossos discipulos estarem firmes na vossa sancta Fé, nem a vossa divina presença, nem vossas divinas reprehensões, nem vossas levantadas, & divinas praticas. Que fareis, para que estejam firmes na vossa sancta fé, & vos conheção, & creão, que sois Deos resuscitado, o Redemptor do Mundo? Admittilloshy, diz Christo, á Sagrada Comunhão; & por este meyo me conhecerão, & crerão com muita fé, que sou seu Deos, seu verdadeiro Senhor, & Redemptor resuscitado.

Ibid.n.30.
31.& 33.
& 34.

132 Toma o Senhor hum pão, materia, & figura do Santissimo Sacramento: *Accepit Iesus panem.* Lançalhe sua sancta, & divina benção, figura da consagração: *Et benedixit.* E feito isto, parteo pelo meyo, & lho dá a comer, figura da Sagrada Comunhão: *Ac fregit, & porrigebat illis:* & logo, diz o Sagrado Texto, se lhes abrirão os olhos, & conhecerão à Christo: *Et aperti sunt oculi eorum, & cognoverunt eum,* com tão grande fé, que na mesma hora forão à Cidade prégar sua resurreição, feitos de infieis, prégadores Evangelicos: *Et surgentes eadem hora regressi sunt in Hierusalem, dicentes: Surrexit Dominus veré, & apparuit Simoni.*

133 Repara S. Agostinho na cegueira tão grande destes discipulos, que tendo á Christo diante dos olhos, fallando, & praticando com elle, o não conhecessem: *Oculi autem eorum tenebantur ne eum agnoscerent:* E curioso da causa
[fundado

[fundado na palavra do Sagrado Texto: *Tenebantur*] diz, que a causa de tão grande cegueira, foi porque Lucifer hia com elles, & lhes tinha os olhos impedidos, para que o não conhecessem, nem crecem sua gloriosa resurreição: *Non incongruenter accipimus, hoc impedimentum in oculis eorum à Sathana factum fuisse, ne agnosceretur Iesus*. Pois se o Diabo hia com elles, impedindolhes os olhos, para que não conhecessem á Jesus, porque o mesmo Senhor Jesu, que estava presente, & o via, o não lançou fóra? Porventura não podia? Podia de potencia absoluta, mas não de potencia ordinaria, porque tinha determinado, permitir tão grande cegueira, & tão grande infidelidade em seus discipulos, até comungarê; para que entendessemos, que não pode o Christão conhecer à Deos, & a verdade da sancta fê catholica, & estar nella firme, sem o mantimento da fé, a Sagrada Comunhão: *Sed tamen à Christo est facta permissio* [diz S. Agostinho] *usque ad Sacramentum panis, ut unitate corporis ejus participata, removeri intelligatur impedimentum inimici, ut Christus possit agnosci*.

Aug. lib. 3.
de cōsens.
Evang. c.
25. tom. 4.

134 Este he o nosso cazo. Vós vedes, que alguns Christãos não estão firmes na sancta fé: Que o Diabo anda com elles, para que não conheção à Deos, mormente os da Ilha de S. Estevão, para os quaes mandais fabricar huma Igreja no meyo do povoado, para que com a presença de Christo estejam firmes. Está muito bem feito, sancta cousa digna de louvor. Os reprehendeis, & ameaçais, para que não percaõ a fé. Vay bem. Lhes mandais muitos Sacerdotes, para que com praticas, & fermoens lhes mostrem sua verdade. Melhor. Tudo he sancto, tudo he bem feito. Porém basta isto? Se não comungarem, receo, que não sirva de nada, que será tudo de balde; porque tudo isto fez Christo com dous discipulos seus, para os reduzir, & firmar na sancta fé, & não aproveitou sem a sagrada Comunhão: *Sed tamen à Christo est facta permissio usque ad Sacramentum panis, &c. ut Christus possit agnosci*. Fazei vós, que comunguem, & apro-

veitará : fazei que se unão com Christo por meyo da Sagrada Comunhão, & estarão muy fixos, & firmes na sancta Fé Catholica.

Matth. 15 n. 26. 135 Alguns cuidarão ter com tudo hum grande argumento em Christo Senhor nosso, para se não dar á estes Christãos a Sagrada Comunhão, por dizer em S. Mattheos: *Non est bonum sumere panem filiorum, & mittere canibus*, quando S. Marcos, servindo quasi de interprete, ou de glosa, ou para melhor dizer, declarando mais este dito de Christo, não diz, que se não deve dar aos cachorros a Sagrada Comunhão; mas que a deixem para o cabo, dando-a primeiro aos filhos: *Sine prius saturari filios: non est enim bonum sumere panem filiorum, & mittere canibus*. Mas como Christo Senhor nosso em S. Mattheos em outro lugar manda có preceito: *Nolite dare sanctum canibus, neque mittatis margaritas vestras ante porcos, ne forté conculcent eas pedibus suis*, se este argumento fizera ao vosso fim, se estas palavras riverão o sentido, que lhes dais, concluirão contra vós, q não deis o pão da Eucharistia á huns cachorros brancos, á quem o dais com larga mão todas as vezes que quizerem, sé embargo de que em odio da sancta Fé Catholica, & de Christo seu Deos, & Messias verdadeiro, defacatarão muitas vezes os sanctos Sacramentos da Igreja, em particular o Sanctissimo da Eucharistia: *Nolite dare sanctum canibus, neque mittatis margaritas vestras ante porcos*; porque vai arrilcado à ser pizado debaixo de seus pés: *Ne forté conculcent eas pedibus suis*.

136 Ah India! ah India! Quam grande pecado he o q cometes com a muita, & grande differença, que fazes de homem branco à preto, de rico á pobre, de forro á escravo, ainda no espirital para com Deos no tocante á alma. Que se não tiveras este pecado, não fairas com este argumento, para nunca dar a Sagrada Comunhão á tantos, & tantos Christãos da terra sem conto, os mais delles filhos, & netos de Christãos bautizados de oito dias, com pretexto de não estarem

estarem ainda firmes na sancta Fè Catholica, sem se saber nunca delles odio, ou pecado contra á fè, fazendo regra geral para com todos, porque algũs de sua casta retrocederão, negando assi à estes, ainda que arrependidos, & absoltos, como á aquelles para sempre a Sagrada Comunhão.

137 Quantos brancos Portuguezes homens da nação viestes nos Autos da Fé, que se fizerão nesta Cidade, sahir publicamente nos cada falsos, não só sospeitos, mas convencidos por herejes, & confessos com culpas enormissimas em odio da sancta Fé Catholica, de Christo Senhor nosso, & da Virgem Senhora, desfacatando suas sacratissimas Imagens com modos afrontosos, & torpes: & o que he mais, o Sanctissimo Sacramento do Altar, o que se não sabe de nenhũ natural da India, por muito, que retrocedesse, & idolatrasse? Com tudo, em nenhum tempo sahistes com este argumento contra elles, nunca lhes negastes, nem lhes negareis, nem na vida, nem na morte a Sagrada Comunhão. E se quizerem comungar todos os Domingos, & dias sanctos, & ainda mais amiude, basta, que se lancem aos vossos pés, & se confessem (& sabe Deos com que arrependimento, com que fè, & com que fim, para lhe administrardes a Sagrada Comunhão) porque na India tudo merece hum rosto branco, tudo facilita o ser Portugues, tudo alcança hum homẽ rico, tudo cobre hum vestido custoso. A luz dos diamantes, que trazem em seus dedos, não faz apparecer as trevas de seus abominaveis pecados. A limpeza exterior do corpo não nos faz reparar no cujo interior de suas almas. O muito cheiro de almiscar, & de ambar não nos faz sentir tanto o grande fedor de suas conciencias; & o apparato, & grandeza de suas Cazas, dos escravos, dos cavallo, & dos pajens, parece aparelho para comungarem dignamente, tanto val na India esta vaidade exterior. Que se estes forão pretos, homens da terra, humildes, pobres, coitados, nem agoa bẽta se lhes dera. Lede o que escreveo de sua letra na margem do quinto Concilio na acção 3. no decreto 38. o muy zelo-

Conc. 5.
act. 3. de-
cret. 38.

so Pastor deste Oriente o Illustrissimo Senhor D. Fr. Sebastião de S. Pedro, & achareis, que sendo Bispo de Côchim, estranhando na visita que fez na era de 1619; & 1620. que por pretos, nem a sancta Vnção davão os Parocos aos Christãos da terra em muitas Freguesias, que là nomea, lhe responderão, que não estavão obrigados a dar, se não à homẽs brancos. O mesmo diz, que achou depois em outras deste Arcebisnado, sendo Primás da India, em huma em particular, que aponta pelo nome do Vigario de então, que nem os sanctos oleos tinha. E inda hoje em outras vós sabeis a falta, que ha com os mesmos Christãos na administração dos Sanctos Sacramentos.

138 Ah India, quão grande he este teu pecado, & quão arraigado no coração de muitos seculares, que nem por pensamento querem, que seus escravos, & escravas recebão em algum tempo o Senhor, como se Christo não instituiria o Sanctissimo Sacramento igualmente para todos: & o preceito da Sagrada Comunhão não obrigára assi à aquelles, como á estes na mesma conformidade. Diz seu Amo por coufa indigna de Christão: Meus Cafres hão de comungar? Não permita Deos que eu tal consinta. O mesmo diz sua Senhora: Minha negra ha de receber o Senhor? Deos me livre. E se lhes perguntais, porque não? Responde esta: *He hũa rapoza chea de maldade?* Responde aquelle: Não he gente para isto, são grandissimos velhacos. Examinai as obras de todos, tirando as de sua Senhora [porque como as mulheres na India estão mui retiradas, terão muito boa côciencia; mas não melhor que suas escravas, que por coitadas, & miseraveis com a carga dos muitos açoutes, que quasi todos os dias lhe dão, o maior pecado de muitas, he queixarse de sua Senhora] Examinai as obras dos homens, & achareis, que de ordinario mais pecados, & mais graves cometem seus Amos em hum mez, em huma semana, em hum dia, do q̃ seus escravos em hum anno; mas porque estes são pretos, são escravos, pobres, coitados, nũs, sem o rico da prata, sê
o lu-

o lustre do ouro, sem o resplendor das joyas, sem o custoso dos diamantes, sem apparato de pagens, & criados, sem vestido de damasco, ou seda, que lhes cubra seus pecados, qualquer falta por leve que seja, parece nelles grandissimo pecado. Que se trocarão as sortes com seus Senhores, se Deos lhes trocara com elles o rosto, & a fortuna, sem fazer mudança nas consciencias, estimaramos logo á estes por muy sanctos & á seus senhores por homens (como na verdade alguns são) não sò de larga, mas de malissima consciencia. Com tudo depois de mortos farscha esta troca. Então vereis (& praza á Deos não seja com muito choro nas penas do Inferno) então vereis, que para com Deos muitos pretos são muy brancos, muitos brancos são muy pretos: muitos pobres são muy ricos, muitos ricos são muy pobres: muitos escravos são os mais queridos filhos de Jesu Christo, muitos Senhores são os maiores escravos do Diabo; porque *In veritate comperi* (diz S. Pedro nos Actos dos Apostolos) *quia non est personarum acceptor Deus: sed in omni gente, qui timet eum, & operatur justitiam, acceptus est illi.*

Act. 10. n.
34 & 35.

139 Agora respondo á vossa duvida, ao argumento que me fizestes: *Nolite dare sanctum canibus, &c.* Muitos sen- tidos dão os sanctos Padres á este preceito de Christo, que refere Maldonado; mas nenhum em vosso favor, porque quasi todos se reduzem em mandar Christo Senhor nosso, que se não dem os Sanctos Sacramentos á indignos, mormente o da Eucharistia; nem á cachorros, á saber, á infieis (dizem Chrysostomo, & Euthimio) que nunca receberão o sancto Bautismo, ou se o receberão, retrocederão da sancta Fé Catholica, sem tornarem á ella por meyo da penitencia. Nem á porcos, á saber, aos luxuriosos (dizem os mesmos Padres) ainda que Christãos muito fieis, se não deixarem seus pecados. Mas negalo aos Christãos bautizados na Pascoa, & no perigo da morte, ainda que bautizados novamente, ainda que Judeos culpados, & confessos por herejes, ou á publicos pecadores, se arrependidos de seus erros,

Matth. 7.
n. 6.

Maldon.
hic.

Chrysost.
Euthim.

Bonacin.
de Sacr.
disp. 4 q. 5.
punct. 1.
n. 15.
Ezech. 33
n. 12.
Matth. 15
n. 26.

& pecados, os julgardes dignos da absolvição, he gravíssimo pecado. E tambem he gravíssimo pecado negalo em outro qualquer tempo, que justamente o pedirem á seus Vigarios, & Curas, como já disse com muitos Doutores, que refere, & segue Bonacinas, tratando se devem commungar os pecadores; porque *Impietas impij*, [diz Deos pelo Propheta Ezequiel], *non nocebit ei, in quacumque die conversus fuerit ab impietate sua*. Este he o sentido literal destas palavras, donde se pode colligir o das outras: *Non est bonum sumere panem filiorum, & mittere canibus*.

140 Mas quanto ao moral, motivo me deu Hugo Cardeal, para me valer do vossó argumento, tomando-o em favor destes Christãos bautizados novamente, para que lhes não tireis o pão da Eucharistia, já que o dais à cachorros; porque *Non est bonum sumere panem filiorum, & mittere canibus*. O dais à estes, & não à aquelles! não he bô diz Christo Senhor nosso: *Non est bonum*. Não me estranheis o que digo, antes de ouvirdes com atenção o meu pensamento.

Joan. 1. n.
12, & 13.

141 Quaes são os filhos, dos quaes falla aqui Christo Senhor nosso no sentido moral, se não os que se convertem à sancta Fé Catholica, os Christãos bautizados novamente, filhos de Deos, filhos de Christo, & da Igreja por meyo do Bautismo? Assi o diz o Evangelista S. João: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri, his qui credunt in nomine ejus: qui nō ex sanguinibus, neque ex voluntate carnis, neque ex voluntate viri, sed ex Deo nati sunt*. Pois se estes são os filhos, quaes são os cachorros? A meu ver fundado na fidelidade dos cachorros, & no que delles dizem os Naturaes, & Hugo Cardeal neste lugar de S. Mattheos, são aquelles Christãos, que estão tão firmes na sancta Fé Catholica, & tão fortes, que soffreráó todos os tormentos dos Tyranos, & darão mil vezes a vida, antes que retrocederem; mas tão cheos de vicios como cachorros. Porque he propriedade do cachorro ser muito fiel á seu Senhor; ainda que o matem, até morrer lhe será sempre fiel. Isto he certo. No mais (diz Hu-

Hugo Cardenal) tem muitos vícios. He soberbo, porque *Non patitur parem*: raivoso: *Item rabiosus fit Luna plena*: goloso, *Item gulosus est*: delhonesto: *Luxoriosus*, com outros muitos vícios, que elle, & outros relatão, ladrão, vingativo, cruel, lisongeiro, & sobre tudo o peor que tem he, que logo de novo come o que vomita. *Nota* (diz Hugo Cardenal) *quod canis vomit, & vomitum recomedit*, figura do Christão muito fiel, que não perderá a fê em quanto viver, ainda que o matem; mas tão cheo de vícios, & pecados como cachorro, soberbo, raivoso, apaixonado, vingativo, cruel, ladrão, goloso, delhonesto, & o que he peor, vomita muitas vezes seus pecados aos pés do Confessor, & logo come-os de novo, logo volta á má vida passada: *Sicut canis*, diz Salamão, *qui revertitur ad vomitum suum*. Por tão to diz Christo Senhor nosso: *Non est bonum sumere panem filiorum, & mittere canibus*: Não he bom (meus Reverendos Sacerdotes) o que fazeis, não he bom, negar o pão da Eucharistia aos Filhos, aos que se convertem à sancta Fê Catholica, aos Christãos bautizados novamente, & dallo com larga mão aos cachorros, aos Christãos velhos, que vomitão seus pecados aos pés do Confessor, & voltão logo á má vida passada; mas *Sine prius saturari filios*, como disse o mesmo Senhor em S. Marcos, daya primeiro aos filhos, deixando os cachorros para o cabo, para verdes com muito exame muito de vagar, quando se confessão, se tem verdadeiro arrependimento, & firme proposito de mudar de veras a vida, de não voltar mais ao vomito, aos vícios, & pecados do que se confessão, porque doutra maneira ides arriscados á dar a Sagrada Comunhão á indignos, á cachorros, contra o preceito de Christo Senhor nosso, que diz: *Nolite dare sanctum canibus, neque mittatis margaritas vestras ante porcos, ne forté conculcent eas pedibus suis*.

Hug.
Card.in.c.
15. Matth.
n.26.

Proverb.
26.n.11.

Marc.7.n.
27.

Matth.7.
n.6.

TERCEIRO PONTO.

Do tempo, em que estão obrigados os Christãos á comungar.

S. Thom.
3. p. q. 80.
art. 10.

142 **E**M todo o tempo do anno, todas as vezes que quiser, pode o Christão comungar, ainda que queira todos os dias, se todos os dias, diz S. Thomas, se achar aparelhado, & disposto para isto: *Si aliquis se quotidie ad hoc paratum inveniat.*

Anaclet.
epist. 1. &
habetur
in cap.
Episcop.
de conle-
cr. dist. 1.
& c. & si
non fre-
quentius
dist. 2.
Concil.
Trident.
sect. 22. de
sacrific.
Missæ c.
6.

143 Na primitiva Igreja era tão geral comungarem os Christãos todos os dias, que muitos affirmão haver então preceito, que todos comungassem os que estivessem prelétes ao Sancto Sacrificio da Missa, ainda que fora todos os dias, por dizer S. Anacleto Papa: *Pera acta consecratione, omnes communicent, qui noluerint ecclesiasticis carere liminibus, sic enim, & Apostoli statuerunt, & Sancta Romana tenet Ecclesia.*

144 Que ainda tenha o mesmo dezejo, que os Christãos, imitando o costume antigo, na Missa que ouvem por sua devoção todos os dias, comunguem todos os dias, o dizem os Padres do Sagrado Concilio de Trento: *Optaret quidem Sacrosancta Synodus, ut in singulis Missis fideles adstantes, non solum spirituali affectu, sed Sacramentali etiam Eucharistia perceptione communicarent, quoad eos sanctissimi huius sacrificij fructus uberius proveniret.*

145 Que muitos o fação, sabco quem esteve em Roma, & correo as mais Cidades de Europa, mormente de Italia, aonde a reverencia, & acatamento devido ao Sanctissimo Sacramento he mui grande nas festas, nas procissoens, nos apparatos, nos gastos, & no concurso do povo, & sobre tudo na devação, & frequencia da Sagrada Comunhão, por cujo meyo nós nos unimos, & incorporamos em Christo, que he o verdadeiro modo de o reverenciar, o culto, & acatamento maior, que elle dezeja.

Castald.
in ejus
vita.

146 Em Roma á hum moço de onze annos, por nome Seba-

Sebastião Mancino natural de Florença (á quem S. Filipe Nereo aconselhou , que se fizesse Religioso da nossa Sagrada Religião , em que morreo com opinião de sancto) mandava-o o mesmo Sancto comungar todos os dias :

147 Em Napoles à nossa Veneravel , & sancta Madre Soror Ursula Benincasa Neapolitana , virgem de muita virtude , & milagres , unica Fundadora de Theatinas da nossa Sagrada Religião , (à quem somente se deve o nome de Theatino , por ser fundada pelo Sanctissimo Padre Papa Paulo IV. na era de 1524. sendo Bispo Theatino , donde se derivou nos nossos Religiosos o nome de Theatinos) , & à hum sobrinha sua Theatina , Soror Catherina Palmeira , [á quem deixou em sua morte , quando vo-ou para o Ceo à semelhança de Elias para com Eliseo , seu levantado , & milagroso espirito] mandavão seus Confessores comungar todos os dias .

Paulo IV.
Theat.
Fund.

148. E fallando dos vivos , muitos ha em Italia pessoas seculares , mormente mulheres , que vòs chamais beatas , & algumas dellas cazadas , que (por guardarem o conselho de S. Ambrosio , que diz : *Sic vive , ut quotidie merearis accipere*) tem licença de seus Confessores , para comungarem todos os dias , como fazem com muita devação , & edificação do Povo .

Ambros.
lib. 5. de
Sacram. c.
4. tom. 4.

149 Que não somente à estes por virtuosos ; mas também aos pecadores , que offendem à Deos com pecados todos os dias , devemos amocstar , que comunguem todos os dias , para com a Sagrada Comunhão refazerem as forças da alma perdidas pelos pecados , o diz a Sagrada Congregação dos Cardeacs interpretes do Concilio Tridentino : *Quapropter exhortandi sunt fideles , ut sicut quotidie peccant , ita quotidie medicinam accipiant* . E Molfesio Doutor mui grave refere , ser axioma dos Sanctos Padres , & fallar commum de todos elles : *Quotidie peccas , quotidie sume , ut hoc caelesti cibo reficiamus vires deperditas animæ* .

Cóg. Car.
Interp.
Cô. Trid.
sess. 22.
de sacrific.
Missæ
c. 6. in de-
clar.
Molfesin
Sum. tra-
ct. 3. de sa-
crific.
Missæ
c. 8. n. 94.

150 Que quem não merecer comungar todos os dias ,

Aaa

tão

Ambros.
loc. supe-
rius cit.

Cytil.
Alex.lib.
3.in Joan.
c.37.& l.
4.c.17.

Basil.in
epist.ad
Cæsariū
Patritiū.
S.Thom.
3.q.80.ar.
10.

Ghisler.
in Cant.
c.5.verl.1
Comedi-
te amici,
expos.2.

tão pouco mereça comungar hũa vez cada anno, he parecer de S. Ambrosio : *Qui non meretur quotidie accipere, non meretur post annum accipere* ; porque hũa Comunhão he muy grande aparelho da outra, que logo ao segundo dia se segue, diz S. Cyrillo ; & quem menos comungar, com menor disposição se acha, diz o mesmo sancto, para comungar outra vez devotamête, do que outro, que comunga mais à miude.

151 Que seja cousa muy sancta, muy util, digna de muitos louvores, o dizem S. Basilio, & S. Thomas : *Communicare singulis diebus, & sanctum Christi Corpus accipere praeclarum, & utile est*, diz S. Basilio. *Laudabile est*, diz S. Thomas, *quod quotidie sumat*.

152 Que tambem seja muy necessario, a oração, que Christo Senhor nosso nos ensinou, quando disse : *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie* : O pão nosso de cada dia dai nos hoje, o mostra muy claro, diz com muitos Padres o Padre Ghislerio da minha Sagrada Religião : *Porro sicut terrestrem istum cibum, ut maximè necessarium, quotidie petimus exhiberi diarium ; ita quoque agnoscences necessitatem maiorem cibi hujus caelestis, eadem petitione, iisdemve verbis efflagitamus pariter, & illum, prout plerique ex Patribus asserunt, Tertulianus, Cyprianus, Athanasius, &c.*

153 Com tudo (Pecador) se não te atreves á comúgar todos os dias, se reccas, por te ver sem cabedal de huma vida innocente, comunga ao menos muito à miude, ou tres vezes na semana nos Domingos, quartas, & sextas feiras, costume sanctissimo em Roma, & em toda Italia de muitos muy devotos do Sanctissimo Sacramento, ou todos os Domingos, & dias sanctos, ou duas vezes no mez no primeiro, & terceiro Domingo, costume mais geral, que desde o dia de sua fundação procurou sempre a minha Sagrada Religião persuadir aos fieis ; ou quando pouco todos os mezes, como muitos fazem na India, ainda que te vires sem devoção, & sem espirito, diz S. Boaventura, porque quanto mais enferma he a tua alma, tanto maior he a necessidade, que tens do

do medico divino Jesu Christo: *Licet tepide, accedas fiducialiter, confidens de misericordia Dei, quia quò magis ager, magis indiges medico*, lembrandote, que es mortal, & que tua alma, por quem Deos morreo, está preza, & encadeada com cadeas de pecados, entregue ao Diabo, & em perigo de se perder para sempre, para a soltares, & unires com Jesu, seu verdadeiro Senhor, que a comprou, & remio cõ seu preciosissimo sangue.

Bonav. l.
de proces.
Relig.
proces. 7.
cap. 21.

154 Isto dizem os Padres, & Doutores de conselho. Mas de preceito, dous são os tempos principaes, em que todos os Christãos, que tiverem os annos da discricao, são obrigados á comungar, & nõs á lhes administrarmos a Sagrada Comunhão, na Pascoa, & no perigo da morte.

155 Que todos sejam obrigados á comungar na Pascoa, não ha Doutor, que o não diga; porque está expressamente mandado pela Igreja no Concilio Lateranense, no capitulo *Omnis utriusque sexus* cõ pecado mortal, & com pena de não cõsentirmos, se o não fizerẽ, à q̃ vivos entrem na Igreja, & mortos se enterrem no sagrado: *Omnis utriusque sexus fidelis, postquam ad annos discretionis pervenerit, omnia sua peccata, saltem semel in anno, fideliter confiteatur proprio Sacerdoti, & injunctam sibi penitentiam proprijs viribus studeat adimplere, suscipiens reverenter, ad minus in Pascha Eucharistiæ Sacramentum, nisi fortè de proprijs Sacerdotis consilio ob aliquam rationabilem causam ad tempus ab hujusmodi perceptione duxerit abstinendam: alioquin & vivens ab ingressu Ecclesiæ arceatur, & moriens Christiana careat sepultura.*

Conc. Later. cap.
omnisvtri-
usq̃ sex.de
penit.&
rem.

156 Ha preceito mais claro do que este? Não sei agora como possa haver na Índia pessoa, que ponha nisto duvida, porque ainda que muitos não estejam vistos nestas palavras, com tudo todos confessão grandes, & pequenos, doutos, & ignorantes [ainda os mais rudes deste Oriente o aprendem de cor, & rezão por vezes] que cinco são os mandamentos da sancta Madre Igreja. Se são cinco, & todos obrigão com

pecado mortal, como mandais á todos guardar o primeiro, & o segundo, o quarto, & o quinto, & com muito rigor castigais aos que faltão na observancia delles, mormente do primeiro, & não se vos dá da observancia do terceiro de tão to porte, & proveito espirital para as almas, que a mesma Igreja manda à todos guardar com pena de serem, quer vivos, quer mortos, interditos da Igreja? Este terceiro preceito somente se se não guardar na India não he nada? Este somente não obriga aos naturaes destas Conquistas com pecado mortal?

Suar.in 3.
p.tom.3.
disp.70.
sect. 1.

157 Dirmeheis, como alguns me dixerão: Obriga com pecado mortal, mas não à todos, ainda que tenham os annos da discrição. Os escravos, os moços, os pobres pedintes, os nús, os marinheiros, & pescadores, os Curubins, os Sudros, os Palmeiros, os Saleiros, os Farazes, os Cafres, & outras muitas castas de gente baixa, & coitada, homens, & mulheres de menor condição são obrigados á comugar? Pois não? Que os desobrigou? Que dispensou com elles na Sagrada Comunhão? Quem disse não estarem comprehendidos neste preceito da Sancta Madre Igreja? As rezoens, que alguns dão de sua propria cabeça sem fundamento, & sem terem algum Doutor de sua parte, os desobrigão? O dizeré outros, que não està introduzido na India, que comunguê, isto basta, para ficarem desobrigados, quando o que se não fez ate agora, não foi sem gravissimo pecado? *Nullus* (diz o Padre Soarez, & todos os Doutores, que antes, & depois d'elle escreverão sobre este preceito) *Nullus cujuscumque status existat, sive sit clericus, sive laicus, sive religiosus, sive secularis, ab hujus praecepti obligatione eximitur. Solum de summo Pontifice dubitari potest an hoc praecepto obligetur.* Somente do Papa se pode duvidar, se està obrigado à este preceito, porque dos mais não ha nenhuma duvida, q̃ estão todos obrigados.

159 Inda mais digo: Estão tão obrigados, que quem disser o contrario, he hereje. Ouvi Reverendos Sacerdotes: Ouvi

Ouvi Pastores de almas: Ouvi Senhores Portuguezes, que tendes hũa multidão de escravos, & escravas, hũa casa cheia de moços, & moças, sem tratardes que comunguem, sem procurardes, que se unão sacramentalmente com seu divino Senhor Jesu Christo, com pretexto de não estarem obrigados: Ouvi Christãos, ouvi Christãs: Ouvi o que digo: Oução todos. Estão tão obrigados, que se alguém disser o contrario, he hereje. Estranhais esta proposição? Parece-vos cousa nova? Mais estranho eu o que vejo. Mais novo me pareceo à mim, quando descubri, que hum numero quasi infinito de Christãos neste Estado muy capazes da Sagrada Comunhão, & muy dezechosos della, & á outros, á quem chamais incapazes, muito habeis para se fazerem capazes, se se instruirão, que nunca comungarão, nem comungão; porque o que digo he muy certo, & muy antigo na Igreja Catholica, somente novo à quem não corre os livros. He do sagrado Concilio de Trento, que na sess. 13. entre muitas proposições de fé na materia da Eucharistia no Canon 9. declara tambem de fé, estarem obrigados os Christãos, que tiverem os annos da discreção à comungar ao menos na Paschoa, conforme manda a sancta Madre Igreja. As palavras são estas. Notaias, para que não vos sayão mais da boca nesta materia palavras, que seão contra a Fé: *Si quis negaverit, omnes, & singulos Christi fideles utriusq; sexus, cum ad annos discretionis pervenerint, teneri singulis annis, saltem in Paschate, ad communicandum, juxta preceptum sanctæ Matris Ecclesiæ, anathema sit. Quærem dicere ad literam: Se alguém negar, que todos os Christãos em geral, & cada hum em particular, como chegarem aos annos da discreção, estão obrigados todos os annos à comungar, ao menos na Paschoa, conforme o preceito da Sancta Madre Igreja, seja excomungado por hereje. Isto quer dizer: *Anathema sit.**

Trident.
sess. 13. de
sanct.
Euch. Sa-
cr. can. 9.

159 Se pois isto he assi, se he proposição Catholica de fé; que todos os Christãos, que tiverem os annos da discri-

ção, sem excluir á ninguém , estão obrigados á comungar na Pascoa , de qualquer estado , & condição que sejam , & que differ o contrario he herege , como na India ha quem ponha nisto duvida ? Como ha quem diga , não estarem todos obrigados , sem atentar no que diz, sem ler pelos Concilios ? Como se atrevem alguns defender á seus moços, & escravos a Sagrada Comunhão ?

160 Como meus Christãos, não procurais, que toda a gente de vossa casa guarde tão grande preceito da Sancta Madre Igreja, se todos estão obrigados á comungar, & duvidalo, & peor se se negar, he heregia ?

161 Como Reverendos Sacerdotes se vos não dá de tantos, que nunca tomarão o Senhor ? Como affroxais na observancia deste preceito, que a Fé nos ensina, obrigar á todos ? Que desculpa tereis diante de Deos na hora de vossa morte ? Ou estes, que não comungão, tem os annos da discricção, á saber, perfeito uzo de rezão, que como diz o Padre Soarez, & todos os Doutores : *Moraliter loquendo, nec ante decimum incipit, nec ultra decimum quartum differtur*. Ou não os tem. Se os tem, porque não comungão, se he de fé estarem obrigados á comungar ? Se não os tem, obrigação tendes de dizer de duas hũa, que ou tantos sem conto de 30. 40. & 50. até 90. & mais annos de idade, que nunca comungarão, são ainda crianças, & meninos sem discricção, ou de todo loucos sem juizo. Podeis dizer isto á Deos na hora de vossa morte por desculpa, de não ter dado á tantos a Sagrada Comunhão, & instruido, para a receberem dignamente ?

162 Como em fim dizeis com tanto dano espirital deste Povo, distrahido da observancia deste preceito, & tanto contra a verdade catholica de fé, ser opinião erronea a que prego ? Como argumentais (sem ler pelos vossos Concilios, & Constituições) que se a obrigação de todos comungarem na Pascoa for a que digo, algum Prelado, algum Bispo, ou Arcebispo de tantos, que teve, & tem este Oriente

Suar. loc.
cit. 3. p.
tom. 3.
disp. 70.
sect. 1.

ente mui sanctos, & mui doutos, a notificara á todos os seus subditos, & os mandara comungar? Como dizeis isto? Se o que prego he do Concilio Lateranense, & Tridentino: Se o que digo he proposição de fê; como vos atreveis a censurála? O que he de fé, he erroneo? Se todos os vossos Prelados, Bispos, & Arcebispos o mandarão nos Concilios, que celebrarão neste Oriente, & nas Constituições deste Arcebisado, & novamente o Illustrissimo Senhor Primás (que está presente) por escrito, & de boca, porque o não guardais? Porque não obedeceis?

163 Lede os vossos Concilios, & guardaios. Correi as vossas Constituições, & ponde por obra o que dizem; porque lá achareis o que prego em muitos lugares, em particular no tit. 5. na Constituição 6. & no tit. 6. na Constituição 2. Ah'y vereis, que está mandado pelos vossos Prelados Bispos, & Arcebispos com excomunhão maior, que todos os Christãos, que tiverem os annos da discrição de doze annos as femeas, de quatorze os homens, assi Portugueses, como Naturaes, assi livres, como escravos [dos quaes ordena que se tenha rôl por seus nomes, & sobrenomes] comunquem na Pascoa, conforme manda a sancta Madre Igreja. Que se lá mesmo diz, que quanto à algúas pessoas ignorantes, escravos, & moços, posto que da dita idade sejam, os Priores, & Curas, & Confessores determinem se receberão o Senhor, ou não, entendese *ad tempus*, na fórma que manda a Sancta Madre Igreja: *Nisi forté de proprij Sacerdotis consilio ob aliquam rationabilem causam ad tempus ab hujusmodi perceptione duxerit abstinendum*, conforme declarão as mesmas Constituições; assi como *ante tempus*, antes da dita idade, dizê, que poderão dar a Sagrada Comunhão aos que julgarem, terem bastante discrição, para reverenciarem o Sanctissimo Sacramento, querendo vossos sanctissimos Pastores com estas ordês, acudir à tudo, anticipando com hús, para que comunquem antes da dita idade, se forem capazes, diffirindo com outros *ad tempus*, ainda que a tenham,

se

Tit. 5. cô-
ft. 6. & tit.
6. conf. 2.

Concil.
Later. c.
omnis
utriusq.
sexus de
pœnit. &
remis.

se por ventura não tivessem a discrição necessária, para comungarem, ou não fossem bastantemente instruidos, ou por outra justa causa, *ob aliquam rationabilem causam*, & não para que de todo para sempre lha negueis contra o que manda a Sancta Madre Igreja no Concilio Lateranense, & Tridentino, contra o que temos de fé, serem todos obrigados á comungar. Mas o descuido de algũs Parocos, a preguiça de muitos, o descanzo de outros, a pouca lição dos livros pertencentes á seu officio, o não se applicarem á instruir á seus Fregueses, conforme estão obrigados, o deixarem toda a carga delles nas costas dos Curas, sem olharem por suas ovelhas, mas somente pelo seu proveito temporal, foi causa, que pouco á pouco se introduzisse na India o máo costume de comungarem muy poucos, & não todos.

Exech.
34 n.2.

164 Ay de taes Pastores (diz Deos pelo Propheta Ezequiel) *Vae Pastoribus Israel, qui pascebant semetipsos. Nonne greges á pastoribus pascuntur? Lac comedebatis, & lanis operiebamini, & quod crassum erat occidebatis: gregem autem meum non pascebatis.* Como vay isto? (diz Deos) Que he o que vejo? Os Pastores não tem obrigação de apacentar suas ovelhas? Pois como os Pastores de Israel, Pastores de almas, ovelhas minhas muy queridas, apacentão á si mesmos, comendo dellas o melhor, tirandolhes tudo o que tem, o leite, a lã, a carne? *Lac comedebatis, & lanis operiebamini, & quod crassum erat occidebatis*, & não apacentão minhas ovelhas, que lhe tenho encomendado, meus Christãos, os pobres com esmolas, os ignorantes com a doutrina, & todos com o pão da Eucharistia: *Gregem autem meum non pascebatis.* Ay de taes Pastores: *Vae pastoribus Israel:* Ay delles. Ay dos que tão pouco procurão apacentar seus moços, & escravos, ao menos húa vez no anno, na Páscoa, mandandolhes comungar, & na hora da morte, acudindolhes naquelle ponto tão perigoso com o pão do Santissimo Sacramento por modo de Viatico, que he outro tempo, em que os Sacerdotes Pastores de almas tem obrigação de

de o dar á suas ovelhas, & ellas de o receberem.

165 Que todos tambem sejam obrigados comungar no artigo, ou perigo da morte, he tão certo, & tão praticado na Igreja de Deos desde o tempo dos Apostolos, que os mais graves Doutores, que affirmão, ser o preceito de todos comungarem divino, dizem quanto ao tempo, obrigar principalmente na hora da morte: & dos que o negão; que relatei no primeiro ponto, S. Boaventura, & outros, dizem, estarem obrigados pela Igreja. Caietano por quanto vi na summa delle, traduzida em Castelhana, diz assi: *No se deve tener en disputa, si peca el que no comunga al tiempo de la muerte. Porque pues la costumbre de la Iglesia lo manda, sin duda peca quien sin comungar muere, salvo si tiene para ello causa legitima, &c.* Donde he, que algũs sustentão, ser este preceito não somente divino, mas tambem ecclesiastico. Porque em muitos Concilios manda à Igreja Catholica aos Sacerdotes curas de almas, que administrem o Sanctissimo Viatico aos enfermos, & á estes, que o recbão.

Caietan.
in Sum.
verb. Cõ-
munion.
Sacramēt.
circa med.

166 No Niceno, em tempo de Constantino Augusto, no canon 12. diz: *Dehis verò, qui recedunt ex corpore, antiquæ legis regula observabitur etiam nunc, ita ut si fortè quis recedat ex corpore, necessario vitæ suæ Viatico non defraudetur.* Notai a palavra, *Necessario*, para verdes, quão necessario he o Sanctissimo Viatico aos que estão em perigo de morte, para naquelle ponto tão perigoso se assegurarem da eterna vida: *Necessario vitæ suæ Viatico non defraudetur.*

Nicen.
can. 12. &
refertur
cap. de his
26.q.6.

167 No Arelatense 2. no can. 12. diz: *Dehis, qui in penitentia positi vitam exceßerunt, placuit nullum communionis vacuum debere dimitti.* Notai a palavra, *Nullum*, para verdes, se fomite os homẽs brancos, & hũs poucos naturaes da terra, & não todos hão de comungar por Viatico.

Arelat. 2.
can. 12.

168 No Agathense no can. 11. diz: *Viaticum tamen omnibus in morte positis non est negandum.* Notai a palavra: *Omnibus*, para que entendais, que não exclue á ninguem: Que não se há de negar à nenhũa pessoa: O mesmo manda

Agathen.
can. 11.

Araufic.
can. 3.
Aurelia-
nenf. 3.
can. 19.
Toletan.
II. can. 12
Triden.
sect. 13.
de sanct.
Euch. fa-
cr. cap. 6.

Dian. p. 5.
tract. 3.
ref. 42.

Carthagi.
4. can. 77.

no Concilio Arauficano, no Aurelianense 3. no Toletano II. & em outros: E o confirma o Tridentino, o qual diz: *Porro deferri ipsam sacram Eucharistiam ad infirmos, & hunc usum diligenter in Ecclesijs conservari, præter quam quod cum summa æquitate, & ratione conjunctum est, tum multis in Concilijs præceptum invenitur, & vetustissimo Catholica Ecclesiæ more est observatum. Quare Sancta Synodus retinendum omninò salutarem hunc, & necessarium morem statuit.* Notai as palavras: *Necessarium morem statuit*: & explicai as outras Vede o que quer dizer: *Multis in Concilijs præceptum invenitur*, para saberdes, se estais obrigados pela Igreja Catholica com preceito, de levar o Sanctissimo Viatico aos enfermos, & estes de o receberem, ainda que tenham satisfeito ao preceito de comungarem pela Pascoa. Porque diz o meu Padre Diana muy doutamente para os Doutos, explicando as palavras relatadas do Concilio Niceno, em que principalmente se fundão estas do Concilio de Trento: *Consuetudo, qua aliquid fit tamquam ex obligatione necessarium*: O costume pelo qual algũa cousa se faz como necessaria por obrigação, [como he o de que tratamos tão gêral na Igreja de Deos em todo o Mundo, de se levar o Sanctissimo Viatico aos que estão em perigo de morte, & estes de o receberem, ainda que tenham comungado na Pascoa] *vel supponit* (diz elle) *præceptum antea latum, vel si non supponit, ipsa consuetudine introducitur.* Notaveis palavras, soberano argumento: O supõe o preceito, ou se o não supõe, o mesmo costume tem força, & vigor de preceito; porque pelo mesmo costume se introduz. Em fim por remate de quanto temos dito, se collige muy claro este preceito do Concilio Carthaginense IV. Porque absolutamente mãda aos enfermos sem nenhũa limitação, que comûguem por Viatico: *Pœnitentes, qui in infirmitate sunt, Viaticum accipiant.*

169 E quanto à ser divino, o affirmão os mais graves Doutores seculares, & regulares de todas as Sagradas Religiões.

gioes. De algũs fomento relatarei para maior clareza suas proprias palavras.

170 Da sagrada Religião dos Prégadores, da Escola de S. Thomas, diz Domingos Soto: *Vniuersalis Ecclesia mos infirmis perhibendi Viaticum per totum Orbem Christianum inuolabiliter observatus, magnum documentum est ex traditione Apostolorum, tamquam diuino jure præceptum, descendiſſe.* Por onde se collige, diz o meſmo Doutor, pecar mortalmente o que na hora da morte o não quizer receber: *Ex his ergo primum colligitur, quod qui renueret tunc Sacramentum ſumere, non poſſet á reatu mortali excuſari.* O meſmo diz a Escola dos Seraficos. Lede-o nos Doutores della, mormente no Padre Vilhalobos, & no Douto Fr. Luis de S. João Evangelista.

171 Da sagrada Religião da Companhia de Jeſu o pro-
vão com muitos argumentos, & rezões os Theologos della,
& com palavras tão eſcrupuloſas, & peizadas o ſuſtentão, que
o P. Vaſques diz, ſer temerario quem o negar, & o P. Soa-
rez, que ſe deſcuidára da ſalvação de ſua alma, & fora ſoſpei-
to de fé quem por negligencia voluntaria deixar de comun-
gar no artigo da morte. *Præceptũ de Euchariftia* [diz Vaſ-
ques] *in articulo mortis ſumenda, per antiquum in Eccleſia*
Dei fuiſſe, idemque nunc perſeuerare, ita indubitatum apud
omnes eſſe debet, vt nullus ſine temeritate oppoſitum affirma-
re poſſit. Extant enim Canones Conciliorum expreſſi de hac
re. Porro autem (ſegue á dizer mais abaixo) *diuinum eſſe,*
communior Scholarum opinio fert. Isto diz o P. Vaſques. *Sue*
ſalutis negligentiffimus (diz o P. Soares) *& de ſtatu animæ*
ſuæ, vel etiam de fide ſuſpectus haberetur, qui voluntariè in
mortis articulo Viaticum negligeret.

172 E da minha ſagrada Religião, diz o Padre Molfeſio,
Doutor em ſancta Theologia, & em ambos os direitos, ca-
nonico, & civil, ſer ſentença muy verdadeira: *Quod autem*
diximus de Viatico, vt ſumi debeat in articulo, ac periculo
mortis euenientis in eodem anno, in quo adimpleuit præcep-

Domin.
Soto in 4.
diſt. 12. q.
1. art. 11. §
De hac
verò.

Villalob.
in ſumma
p. 1. tract.
7. diffi.
42. con-
cluſ. 2.
Ludovic.
á S. Joan.
Evang.
tract. de
admini-
ſtrat. ſacr.
art. 4. n. 32

Vaſq. in 3.
p. tom. 3.
diſp. 214.
cap. 2.

Suar. in 3.
p. to. 3. de
Euchar.
diſp. 69.
ſect. 3.

Molfeſ. in
ſum. tract.
3. & 8. n.
31. & 95.

tum in Paschate, est verissima opinio. Porque na hora da morte, [diz este grande Doutor] *Viget præceptum divinum, ut roborati hoc cibo cælesti, perveniamus ad patriam Paradisi.* O mesmo dizem todos os mais Doutores della, que crescerão nesta materia, Naldi, Peregrino, Megala, Duardo, Lião, & outros, em particular o Padre Diana, o qual se nas suas doutíssimas resoluções procurou sempre tirarnos de escrupulos, com seguir as opinioes provaveis mais acomodadas à nossa consciencia, neste ponto seguindo a sentença commum dos Doutores, diz, que se alguém no perigo da morte podendo comungar por Viatico, o não fizer, peca mortalmente, & morre muito mal: *Vnde si quis data copia communicandi, negligat, mortaliter peccat, & qui ita se gereret, malè obiret.* Leão nelle os Doutos a sua rezão principal, porque muy claramente verão, ser o preceito de todos comungarem na hora da morte [ainda que tenham comungado na Pascoa] não somente divino, mas tambem ecclesiastico.

Diana p.
5. tom. 3.
ref. 42.

173 E pelos Doutores seculares, relatarei somente o que diz o douto Bonacinas, já que muito vos contentão suas obras: Pois diz assi: *Præceptum divinum sumende communis per se loquendo obligat sub mortali in articulo mortis naturalis, aut violentæ*: O preceito divino de comungar, diz Bonacinas, obriga com pecado mortal no artigo da morte, assi natural, como violenta.

Bonacin.
de Sacra-
men. disp.
4. q. 7.
punct. 1.
n. 1.

174 Por conclusão, fallem as vossas Constituições. Digão, se os Christãos estão obrigados á comungar no perigo da morte: se os vossos Prelados maiores o dixerão: se o mandarão; para que não digais deste preceito o que distestes do outro da Igreja Catholica, de comungarmos na Pascoa, não ser assi o que prégo, porque nenhum Prelado na India tal disse, nenhum Bispo, nenhum Arcebispo o mandou.

175 No titulo 6. na Constituição 4. o dixerão, & notificarão à todos, & com muita piedade, & zelo o mandarão com estas palavras. (Ledeas, notayas. Comvosco fallo, Reverê-

dos

dos Sacerdotes Curas de almas ; pois a vós vão dirigidas, & guardai o que por ellas se vos manda) *Porque os fieis Chri- stãos, que estão enfermos, & em perigo da morte, são obriga- dos á receber este sancto Sacramento da Comunhão, pela qual causa (como dito está) se chama Viatico: ordenamos, & mandamos aos Priores, & Curas, &c. Ordenandovos, & mandandovos o modo, com que, allí os que té em suas Igre- jas o Sanctissimo Sacramento, como os que o não tem, o levarão aos enfermos. Manda mais na Constituição 5. se- guinte, que nos longes, nos caminhos asperos, & no Inver- no (por rezão da muita chuva, que não dá lugar, para se le- var o Sanctissimo Sacramento da Igreja, para que nenhum morra sem o receber por Viatico) se diga Missa em húa Er- mida, se houver, ou caza perto ao enfermo, se não for decê- te a sua: *E sendo o enfermo pobre, ajunta no cabo (Notai mais isto, para verdes, como os vossos Prelados vos man- dão, que o deis á todos, allí pobres, como ricos) E sendo o enfermo pobre, a esmola da Missa se dará á custa da Confra- ria do Sanctissimo Sacramento.**

Tit.6.
Const.4.

176 Isto he o que vos mandarão vossos Prelados passa- dos. Isto mesmo vos mandou de novo movido do mesmo zelo, & piedade com a occasião presente de vos eu prégar nestes dias a observancia de tão grande preceito, o Illustris- simo, Senhor Primás, dizendovos, que em tódo cazo o def- seis á todos grandes, & pequenos, ricos, & pobres, forros, & escravos: declarando mais por caza decente, mormente nas Aldeas, para nella se dizer Missa, & comungarem os en- fermos, qualquer caza, em que se possã comodamente di- zer, ainda que humilde cuberta de ramos, & folhas de pal- meiras, & esteiras, para que nenhum morra sem o Sanctissi- mo Viatico. Davos mais poder, para lhes levar o Senhor, mormente nos longes, nos caminhos asperos, & no Inver- no, em hum palanquim, ou andor, para que á ninguem falte, assim como em Europa em muitos Reynos, & Províncias em cazos semelhantes levase em coches, & cadeiras, & o que

he mais á cavallo. Porem desejava eu por reverencia de tão alto, & divino Sacramento, que o palâquim, ou andor tivesse divisa, nem servisse para outra cousa mais, que para levar o Senhor aos enfermos, & que os homens, que o levão nos hombros, levassem por decencia as vestes vermelhas, que levão os Irmãos da Confraria do Sanctissimo Sacramento, precedendo sempre luz, ao menos de hũa alenterna [se não poderem ser mais] a Cruz, & a campainha. Com isto descarrega sua Senhoria Illustrissima sua consciencia nas vossas, se alguém morrer sem o Sanctissimo Viatico, para dardes conta à Deos de sua alma; porque o preceito divino de comungar obriga com peccado mortal na hora da morte: *Preceptum divinum sumende communionis obligat sub mortali in articulo mortis naturalis, aut violentæ*. A obrigação de a dar á todos he muy grande naquelle ponto: & a necessidade, que o Christão tem de a receber, he tanta, que Soto diz, que muitos se perdem, os quaes se salvirão, se no perigo da morte comungassem: *Vsusepe venire posset, ut defectu Eucharistiae anima ejus periret, qui alioqui salvus fieret*.

177 Oh preceito! Oh obrigação! Oh necessidade, quão grande es! Quem poderá explicar tua grandeza?

178 Tão grande diz Bonacinas, que comete peccado de injustiça o Vigario, ou Cura, que negar aos enfermos no perigo da morte o Sancto Viatico, ainda que de todo loucos, & freneticos, nos casos, que relati no segundo ponto, tratando se devem comungar os ignorantes; porque todo o enfermo, diz este Doutor, tem direito aos Sanctos Sacramentos da Igreja: *Infirmus habet jus ad Sacramenta: & Pastor non potest sine injustitia per se loquendo denegare*.

179 Tão grande, que peccão mortalmente os Juizes, que não dão tempo aos Reos, que condenarão á morte, para o receberem. He sentença commúa. Lede-o tambem em Bonacinas.

180 Tão grande, que se o Gentio, ou Mouro na hora da morte se converter à nossa sancta Fé, logo depois do Sãc-

Bonacin.
loc. sup.
cit.

Sot. in 4.
dist. 12. q.
1. art. 11.

Bonac. de
Sacram.
disp. 4. q. 6.
punct. 1.
n. 4.

Bonacin.
ibid. q. 7.
punct. 1.
n. 5. & 6.

to Sacramento do Baptismo, se lhe pôde, & deve dar o Santíssimo da Eucharistia, para com a virtude d'elle perseverar na graça, que no Baptismo recebo até a morte, & resistir às tentações do inimigo, que naquelle ponto são muy grandes, á fóra o preceito divino, que o obriga á comungar, diz João Sancio, Thologo moderno muito douto. Porem deve-se primeiro instruir; & não podendo ser por outro modo, basta fazer com elle, como fez Christo com os Apostolos, que no mesmo tempo, em que lhes disse: *Este he o meu Corpo: Hoc est Corpus meum*, crendo o elles, o deu logo á todos.

181 Tão grande, que os mininos, & mininas, que nunca comungarão, por não terem os annos da discrição, sendo capazes de absolvição, não lô podem no perigo da morte, mas estão obrigados á comungarem por Viatico, & os Sacerdotes Curas de almas á lho darem, diz o P. Soares, & 17. Doutores, que refere o doutissimo Diana, & outros muitos

182 Tão grande, que se delles se duvidar, se são capazes da absolvição, ou sendo capazes, se sabem discernir este mysterio, com tudo, diz o Eminentissimo Cardeal Lugo, & antes d'elle Posslevino, no perigo da morte se lhes deve dar a Eucharistia.

183 Tão grande, que à todo o enfermo no perigo da morte se pôde, & deve dar, por muito, que d'elle se duvide, se tem a disposição devida, para comungar, se não constar com certeza do contrario, diz Paludano, Sylvestre, Soarez, Reginaldo, & outros, que refere, & segue Bonacinas.

184 Tão grande, que se o enfermo pedir o sancto Sacramento da penitencia, & em quanto se chamar o Confessor, oprimido da enfermidade emmudecer, ou ficar frenetico, manda com tudo a Sancta Madre Igreja, que se lhe dé a absolvição, & a sancta Unção, & se lhe ponha na boca a Eucharistia por modo, que a leve para baixo: *Infundatur ori ejus Eucharistia*: E não podendo-a tragar por outro modo, diz Capheavilla, & Diana, em húa colher de vinho.

185 Tão grande, que se o enfermo não poder tragar a Hostia

Sácius in
seleçt. disp
40. n. 3. &
sequent.

Suar. in 3.
p. to. 3.
disp. 70.
sect. 1. in
fine.
Dian. p. 5.
tract. 3.
ref. 44.

Card.
Lug. de
Sacr. Euc-
char. disp.
13. sect. 5.
n. 44.
Posslevin.
de offic.
cur. c. 8. n.
10.

Bonacin.
de Sacr.
disp. 4. q.
6. punct. 1.
n. 42.
C. Isqui. 8.
26. q. 6.

Capheavil.
de Sa-
cr. Eucha.
q. 8.
Dian. p. 5.
tract. 3.
ref. 46.

Ochaga.
de Sacra.
tract. 2. de
Euchar.
effect. q.
18. n. 9.

Didac.
Nun. in
3 p. to. 1. q.
80. art. 12.
concl. 3.

Hostia consagrada, podendo tragar o vinho consagrado, para que não morra sem o sanctissimo Viatico, se lhe deve dar na especie do vinho, diz contra Soarez, (que he de contrario parecer) Ochagavia Theologo Salmaticense com algũs modernos: *Probabilius mihi videtur cum Recentioribus, debere tunc ministrari Sacramentum sub specie vini.* O mesmo diz Diogo Nunez, em cazo que consinta o Bispo. Porque o preceito de não comungar na especie de vinho he humano da Igreja, & o preceito de comungar por Viatico no perigo da morte, he divino de Christo Senhor nosso, que prevalece ao humano em cazo de necessidade.

Palud. in 4. dist. 12. q.
1. art. 5. concl. 2.
Sylvest. verb. Euchar. 2. q. 10 §. 7.
Granad. de Sacram.
in 3. p. contr. 6. tract.
13. disp. 3. n. 3.
Bonac. de Sacram. disp.
4. q. 5. punct. 1. n. 14.
Dian. p. 1. & 2. tract.
14. ref. 37. & p. 5.
tract. 3. ref. 54.
Victor. n. 88.

Suar. in 3. p. to. 3. disp.
72. sect. 1. & sect. 2. in
fine.

Laym. in theol. g.
mor. lib. 5. tr. 4. c. 7.
n. 2. in fine.
Bonac. de Sacram. disp.
4. q. 5. punct. 1. n. 10.
Valent. tom. 4. disp.
6. q. 10. punct. 1.
Suar. in 3. p. tom. 3.
disp. 72. sect. 1. in
fine.

186 Tão grande, que por falta de particulas, diz Paludano, Sylvestre, Granado, Bonacinas, Diana, & todos os Doutores, pôde o Sacerdote dar ao enfermo parte de sua Hostia consagrada.

187 Tão grande, que se o Vigario, ou Cura for ausente, ou se presente, por sua maldade não quizer administrar o Sanctissimo Viatico ao enfermo, ou por preguiça (pecado dos que na India procurão as Igrejas para descanso) se tão pouco quizer dar licença, para que outro o administre, pode contra sua injusta vontade, & maldita preguiça (dizê Vitoriano, Soarez, Layman, & Bonacinas, & a commũ dos Doutores) qualquer Sacerdote secular, ou regular administrallo, & por falta destes o Diacono.

188 Tão grande, que se nem Sacerdote ouver, nem Diacono, que o administre, ou havendo, não quizerem, o pôde administrar o Subdiacono, & por falta deste, se não ouver escandalo, hum secular, hum leigo, dizem Valencia, Soares, Granado, Layman, Diana, & outros. Nem o estranhará, qué fober, que tambem os leigos, como refere S Dionisio Alexandrino, levavão antigamente aos enfermos o Sanctissimo Viatico.

189 Tão grande, que pela mesma falta, se não houver escandalo, pôde a pessoa, que se achar em perigo da morte natural, ou violenta, abrir o sacramento, & com suas próprias mãos comungar, ainda q̃ for hũa mulher, como por falta de ministro ecclesiastico, & catholico, fez a Raynha de Escocia, antes de ser levada ao Martyrio, dizem da sagrada Religião dos Prégadores Caietano, da Serafica Fr. Luis de S. João, da minha o Padre Diana, da Companhia de Jesus Valencia, Filiucio, Coninch, Layman, & outros, o que contenta muito ao Padre Soarez: *Quod mihi maxime placet*, diz Soarez.

190 Tão grande, que para se dar ao enfermo o Sanctissimo Viatico, não havendo outro modo, pôde o Sacerdote que estiver em peccado mortal, ou for excomungado, não podendo ser absolto, fazer hum acto de contrição, & dizer Missa, diz o doutissimo Cardeal João de Lugo, & outros da Companhia de Jesus.

191 Tão grande, que pôde o Sacerdote, dizem os Doutores, que refere Bonacinas, se for necessario, achandose em jejum, dizer no mesmo dia duas Missas.

192 Tão grande, que ainda, que não esteja em jejum, pôde dizer Missa, se se achar em perigo de morte, nem tiver outro modo, para comungar por Viatico, dizem João de Lugo Cardeal, Diana, Layman, & outros. Porque o preceito da Igreja, que manda aos Sacerdotes dizer Missa em jejum, não obriga em cazo de necessidade, concorrendo com o divino, que lhes manda comungar no perigo da morte.

193 Tão grande, que não somente pera elle comungar por Viatico, mas tambem para o administrar á outrem, em cazo de necessidade, não estan-

Ccc

Granado in 3.p. de Sacram.contr.6.tract.12.disp.1.n.4.
Laym.in Theol. mor.lib.5.tract.4. cap.7.n.5.
Diana p.3.tract.4. ref.4.7. & p.5.tract.3.ref.47.
Dionis.Alex.apud Euseb.lib.6.c.36.
Caieta.in c.26.Mat. Ludovic.á S.Joan. Evang.tract. de admin.Sacr. art.4.n.7.
Diana loc.cit.
Valent.loc.cit.
Filiuc.tom.3. tract.4.cap.9.n.285.
Coninch.de Sacr.q.82 art.3.n.23.
Layman. loc.cit.
Suar.in 3.p.disp.72. sect.3.in fine.
Card.Lugo de Sacram.Euch.disp.14. sect.5.n.107.& 111.
Doctores apud Bonac.de Sacram.disp.4 q.ult.punct.7.§.5. n.10.
Card.Lugo de Sacram.Euch.disp.15. sect 4 n.69.
Dian.p.5.tract.3.resolu.36.
Layman lib.5.tract.4.cap.6.n.20.
Maior in 4. dist.9.q.3.ad.5.

do

Zanand.in direct.
 Confes.p.1.tract.de
 Euch.cap.7.
 Becan.de Sacr.cap.
 23.q.3.n.4.
 Granad.de Sacr.in
 3.p.cótr.6.tract.10.
 disp.8.n.12.
 Suar.in 3.p.tom.3.
 disp.68.sect.5.verf.
 fecundum dubium.
 Dian.p.1.&2.tract.
 14.ref.66.&p.3.
 tract.4.ref.33.&p.5
 tract.3.ref.35.
 Ludov.á S.Joan.
 Evang.tract.de ad-
 min.Sacr.art.4.n.9.
 Villalob.in Sum.p.
 1.tract.8.diff.34.n.
 2.in fine.
 Marchan.in cande-
 labro Sacr.tract.6.
 de extr.Vnct.lect.3
 fol.387.
 Manc.in pract.visit.
 infir.pract.8.n.18.
 Nun.in 3.p.to.2.q.
 33.art.1.diffic.2.
 Sylv.in 3.p.§.32.art.
 3.
 Rodrig.in Sum.to.
 2.cap.87.n.8.
 Filiuc.to.1.tract.3.
 cap.5.n.99.&110.
 Lodov.á S.Joan.E-
 vág.tract.de admi-
 nist.Sacr.art.4.n.16.
 Villalob.in Sum.to.
 1.tract.10.diffic.6.
 n.7.

do em jejum, póde com tudo dizer Missa, dizem dos antigos Maior, Zanando, & outros. E dos modernos Martino Becano, & Jacobo Granado, Doutores muy graves da Companhia de JESUS, & por provavel admite esta sentença Soarez (ainda que tenha a contraria) & não poucos Doutores, que refere o doutissimo Padre Diana, o qual tres vezes trata deste ponto.

194 Tão grande, que se for necessario póde dizer Missa tres horas antes de sahir o Sol, & outras tres depois do meyo dia, dizem nove Doutores, q refere, & legue o douto Fr. Luis de S. João.

195 Tão grande, diz Vilhalobos, que achando-se ló, a póde dizer sem Ministro.

196 Tão grande, em fim (deixádo outros muitos cazos) tão grande (digo) he este preceito: tão grande a necessidade do Sanctissimo Viatico no perigo da morte: tão grande a obrigação dos Parocos do administrar indifferentemête á todos, que estão obrigados sobpena de pecado mortal à lho darem, ainda com perigo da propria vida, dizem Marchátio, Mancino; Nunez, Sylvio, Rodriguez, Fr. Luis, & Vilhalobos, & outros, que estes referem.

197 Ah Deos meu! Se isto he assi, como pelo espaço de tantos, & tão largos annos á esta parte; & por ventura desde que se descubrio a India (quem sabe Deos meu se desde então) nem este vosso divino preceito se guardou, nem á tão grande necessidade se acudio, nem em tanta obrigação se reparou?

198 Reverendos Sacerdotes, qual foi a causa de tão grande descuido em materia de tanto porte, de tanta necessidade, & de tanta obrigação? Donde nasceo, que nunca caistes em cousa tão sabida, se della fallarão quasi todos os Doutores com tanto encarecimento, quanto ouvistes?

Pasto.

199 Pastores de almas, como desamparastes à tantas almas ovelhas vossas no perigo da morte? Porque deixastes delhes dar o seu pão da Eucharistia (pois he tanto delles, como vosso) em tempo de maior necessidade? Quem sabe quantas dellas se perdêrão, mortas de fome por falta deste divino mantimento, que Deos instituiu, para que eternamente vivêssem? Em quantas fez preza o Lobo infernal, vendo-as desamparadas? Quantas cairão no Inferno, que voarão para o Ceo, se tiverão comungado? Porque diz Soto: *Vsu sapé venire posset, ut defectu Eucharistiae anima ejus periret, qui alioqui salvus fieret*: Acontece muitas vezes, perecer a alma do que morrer, por lhe faltarmos com o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, que se o recebera, se salvára. Sotus in 4^o dist. 12. q. 1. art. 11.

200 Remediai ao menos agora, para que por falta deste divino pão se não perca nenhũa mais. Dayo á todos no perigo da morte; pois á este fim relatei tantos pareceres, para que sabendose o que dizem os Doutores da grande obrigação que tem vossas ovelhas de o receber, & vossa de lho administrar, se pratique ao menos nestas Conquistas o que costuma praticar a sancta Madre Igreja em todo o Mundo, q he de o levar indifferentemente á todos com a mesma charidade, assi pobres como ricos, assi forros como escravos, assi grandes como pequenos, à todas as horas, que for necessario, de noite, & de dia, obrigando-os, quando se confessão, ao pedirem, mormente neste principio até entenderem todos, que estão obrigados á comungar; porque a maior parte dos naturaes, & pouco menos que todos, o não pedem, em rezão, que até hoje nunca poderão alcãçar, que se lhes desse, se não fossem à Igreja tomallo cõ risco de sua vida.

201 Este modo de comungar por viatico parece-me sempre muito duro, & hoje muito mais, por ser mais geral; porque tomados hũs Parocos da obrigação, em que agora repa-
rão, de dar à todos os enfermos no perigo da morte o Sancto Viatico, não querendo por outra parte levar o Senhor às

suas cazas, os obrigão á vir á Igreja tomallo.

Tit.5.
Const.9.
&.tit.6.
Const.4.
&.5.

202 Lede quantos Cócilios se fizerão na Igreja de Deos, geraes, & particulares: Lede os cinco Synodaes, que em diversos tempos celebrarão vossos Prelados nestas Conquistas: Lede o que diz o Ritual Romano da Comunhão dos enfermos: Perguntai pelo uzo de todas as Igrejas do Mundo, nunca achareis mandado, nem por modo algum praticado, que os enfermos venhão comungar ás Igrejas no perigo da morte; mas antes tudo pelo contrario: que não somente no perigo da morte para comungarem por Viatico; mas também para comungarem por sua devoção fôra de perigo, até as vossas Constituições vos mandão, que o leveis ás suas pobres cazas, & palhotas. Porque obrigar aos enfermos, que comunguem na Igreja, mormente achando-se em perigo de morrer, he cousa muy cruel contra toda charidade; & he causa de grandíssimas desordês, & de não quererem os enfermos comungar, para não ariscarem a vida.

203 Quem pôde negar, que por este modo se faz odiosa aos enfermos a Sagrada Comunhão? Dizeyo vós Reverendos Vigarios, quão grandes são as queixas de muitos, quando os obrigais á vir á Igreja comungar? Quantos dizê, que não podem? Quantos respondem, que não querem? Quantos receão, & com rezão, de morrer pelo *caminho cô* o aballo do andor, ou rede, em que os levão? Eu sey de hum meu conhecido, que estava muito mal, que de puro aballo, & vento que tomou, em chegando á portá da Igreja no andor, em que o levavão, acabou sem comungar a vida? Quantos por esta causa deixão de pedir com tempo os Sanctos Sacramentos, pedindo os no cabo, quando já estão para morrer, arriscados a se precipitaré no Inferno sem nenhum Sacramento? Quantos pobres se queixão, que não tem com que pagar os moços, que os levem. Isto he geral, porque o *Povo da India* he muy pobre, o mais pobre a meu ver que há no Mundo. Nem todos os Vigarios podem fazer o que algús fazem, que os mandão levar á Igreja por seus moços; porque

porque nem todos os tem, nem todos, dos que os tem, o fazem, mas hús poucos, que os mais nem com isto se cansão, nem com pequena esmola do muito, que á muitos sobeja, para pagarem aos que os levão; sendo assi, que o Ritual Romano, mandando ao Paroco visitar aos enfermos, se forem pobres diz: *Si non potest ipse succurrere de suo, & eleomofinas illis, prout debet, si facultas suppetit, erogare, quantum fieri potest, sive per charitatis, vel alterius nominis Confraternitatem, &c. sive per privatas, sive per publicas collectas, & eleomofinas, illorum necessitatibus succurrendum curabit.*

Ritual Roman. de visit. &c. Cur.in-firm. circa princ.verf eorum verò

204. Donde se segue necessariamente, que nunca na India (se se continuar com isto) se guardará de todos tão grã-de preceito, de comungar no perigo da morte, mas esfriandose pouco á pouco este primeiro fervor, que nestes dias começou em algũas Freguesias, de se administrar indifferêtemente à todos o Sanctissimo Viatico, não passarão muitos annos, que os que o receberem, serão tão poucos, quão poucos forão os que o receberão ategora, esquecidos os mais deste preceito, & os Vigarios, & Curas de sua obrigação, por modo, que se alguem depois o reprehender, & disser, que todos estão obrigados á comungar no perigo da morte por Viatico, se pregar, que peca mortalmente o Vigario, ou Cura, que deixar de o administrar ás suas ovelhas, parecervos hà tão novo, quão novo vos pareceo agora, que eu o preguei. A fôra do que, dirsehá de vòs o que disse Christo Senhor nosso dos Escribas, & Fariseos: *Alligant onera gravia, & importabilia, & imponunt in humeros hominum, digito autem suo nolunt ea movere*; porque vòs por Sacerdotes, Parocos, & Curas, morando junto, ou muito perto da Igreja, parecevos tão difficultoso nas enfermidades ir á ella para comugar, não vos faltando quem vos leve muito á vòs-la vontade, que não somente para comungar por Viatico no perigo da morte, mas tambem antes do perigo por vossã devoção, quereis que se vos leve o Senhor até à cama: E pelo contrario, para comungarem vossãs ovelhas, que morão

Matth. 23 n.4

muito longe, ainda em tempo, quando estão para morrer, com o Sol, com o vento, & com a chuva, á todo pezar, homens, & mulheres, quereis que venhão á Igreja comungar.

205 Nem se pôde fazer o que algús fazem, (que hea outra desordem, que deste modo de comungar se seguiu) que, por verem, que os enfermos não podem no perigo da morte vir á Igreja comungar, os mandão vir em adoecendo logo, muito antes do perigo, sem lhes administrarem de novo a Sagrada Comunhão (que he o em que peção) achandose depois em perigo. Porque o preceito divino de comungar, obriga no perigo da morte, & não antes.

Vasq.in 3.
p.tom.3.
disp.214.
cap.2.
circa.me-
dium.

206 Tanto, que se o enfermo comungar cinco, ou seis, ou oito dias antes do perigo, diz o Padre Vasquez, que não fatisfaz ao preceito divino, de comungar no perigo da morte, mas está obrigado á comungar de novo, achandose em perigo: *Solum in ipso articulo mortis hujus precepti obligationem ita incipere censeo* [diz Vasquez] *vt intra illud tempus solum ei satisfieri possit.* Assim como não fatisfaz ao preceito de comungar na Pascoa, quem antes do tempo determinado pela Igreja comungar: Nem fatisfaz ao preceito de jejuar na Quaresma quem, antes de entrar, jejuára: Nem fatisfaz ao preceito de ouvir Missa nos Domingos, & dias sanctos, com a Missa, que ouve em algum dia antecedente da semana.

Ludovic.
de S. Joan.
Evang.
tract. de
adminil.
Sacr.art.4.
n.33.

207 Tanto, que o P. Fr. Luis de S. João diz, que tão pouco fatisfaz ao preceito quem comunga dous dias antes do perigo. *Yo digo*, (diz este veneravel Doutor,) *que el que dos dias antes comungó, peca mortalmente, si no recibe el Viatico, pudiendo; porque este divino Viatico de nuestra peregrinacion nos dá vna fuerza admirable, y maravillosa en el transito de la muerte.*

208 Tanto em fim, que se alguem estando valente, ou se enfermo sôra do perigo da morte, comugar pela menhã, ou differ Missa, se depois no mesmo dia se achar em tão grande perigo de morrer, que provavelmente não poderá comun-

comungar o dia seguinte, diz o Padre Diana com muitos Theologos, que não sò pode, mas està obrigado á comungar outra vez no mesmo dia por Viatico : *Dico igitur non solum posse, sed etiam teneri, quia in articulo mortis tenentur omnes communicare per modum viatici, ut ex hac vita securius migrent*. O que sustenta com tanta efficacia, & rezoens, que no cabo amoeita, & aconselha aos Parocos ao praticarem com suas ovelhas : *Igitur, me consulente, & impellente, ne desinant Parochi nostram sententiam in praxim deducere*; assim como a praticarão por tres vezes, que succedeo o cazo, os Padres da Companhia de JESUS, com tres Religiosos seus, duas no Collegio de Madrid, como refere Hurtado de Mendonça da mesma Companhia, oqual he do mesmo parecer; outra no Reyno de Sicilia, em Italia, na Casa professã de Palermo, como refere o mesmo Diana.

209 Bem sei, que o Padre Molfesio, Soarez, Filiucio, & Bonacinas, & outros muitos Doutores dizem, que não pecca mortalmente o que comungou seis, ou oito dias antes do perigo da morte, se achandose depois em perigo, não quizer comungar, se não fora por desprezo; nem eu, se elle não quizer, lhe puzera este escrupulo, mas lhe dissera, que assegurara muito mais sua salvação, se comungasse de novo no perigo da morte, em que se acha. Mas isto não tira aos Vi-garios, & Curas de pecado, se o não administrarem, pedindo-o elle, ou por difficultarem tanto em o dar, são causa [como defeito o são na India para com os naturacs, mormẽte pobres, coitados] que o não peção; porque não tão somente por charidade, mas por justiça, pello officio que tem, estão obrigados à amoeitallos, & aconselhallos, que comunguem muitas vezes, ao menos hũa antes do perigo em adoeccendo, como mandão as Constituiçoens deste Arcebispa-do, & outra, achandose em perigo, como ordenão as mesmas Constituiçoens, & o Ritual Romano, que diz : *Hortetur Parochus infirmum, ut sacram communionem sumat, etiam si graviter non agrotet, aut mortis periculum non im-*

Diana p.5
tract.3.
ref.33.&
p.4. tract.
4.ref.197.

Hurtad.
de Euch.
disp.10.
diffic.2.
Diana p.6.
tract.6.ref.
18.

Molfes.in
sum.tract.
3.c.8.p.
96.
Suar.in 3.
p.tom.3.
disp.69.
verf. Ro-
gabis in
fine.

Filiuc.tra-
ct.4.c.2.q.
6.n.48.
Bonac. de
Sacr.disp.
4.q.7. pũ.
ct.1.n.2.
Tit.5.Cõ-
st.9.
Rituale
Roman.
de Cõm.
Infirmor.

minicat, maximé si festi alicujus celebritas id suadeat, neq. ipse illam ministrare recusabit. Pro viatico autem ministrabit, cum probabile est, quod eam amplius sumere non poterit. Quod si aeger sumpto viatico dies aliquot vixerit, vel periculum mortis evaserit, & communicare voluerit, ejus pio desiderio Parochus non deerit.

210 Vejovos agora curiosos de saber, quantas vezes no perigo da morte, se durar muitos dias, pode o enfermo, não estando em jejum, comungar por Viatico? Respondo quantas quizer com o conselho de seu prudente Confessor; porq. huns dizem cada oito dias, outros dizem cada cinco, ou seis, outros cada tres, ou quatro, nem faltão Doutores, que digão cada dia, o que he muy conforme á doutrina dos Padres, & ao dezejo da sancta Madre Igreja. Lede-o em Fr. Luis de S. João. Mas eu aconselhara com Diana, que todos comungassẽ por Viatico podendo cada tres, ou quatro dias, ou ao menos, que não passasse de oito.

211 Saião agora os zeladores mais cuidadosos de suas comodidades, do que do acatamento, & reverencia devida ao Sanctissimo Sacramento, de que se valem como de capa, para encubrirem sua preguiça. Digão que não convem levar da Igreja o Senhor á todos os enfermos: Que não he decente, que entre nos chales, nas lojas, & palhotas, & em casas humildes, em que habita a maior parte deste povo: Que he grande irreverencia consentir, que passe pelas ruas dos Gentios, para nellas comungarem os Christãos: Que não he conforme á honra, & acatamento devido á tão soberano, & divino Sacramento sahir muitas vezes na somana: Que não ha tochas, nem cirios, para sahir muito amiude, se não fora sahir sem o acompanhamento, & decencia devida. Saião em fim com estes ditos, & outros semelhantes, impedindo esta obra tão sancta, tão justa, tão necessaria, & de tanta obrigação; porque tão pouco eu posso deixar de dizer, para advertencia dos outros, que fallão como homens ignorantes, mais com prudencia humana, que com os dicta-

Ludov. á
S. Joan. E-
vág. tract.
de admin.
Sacram.
art. 4. n. 4.
Diana p. 4
tract. 4.
ref. 195.
verf. No-
tandu m
in fin e.

me

mes da divina, instigados do inimigo infernal, para fazer preza nas almas, que partem desta vida sem a companhia, & emparo do Sanctissimo Viatico.

212 Quiz húa vez S. Pedro mostrar-se muy zeloso da hórã de seu Senhor, pezaroso por entender, que para a salvação do genero humano quèria morrer crucificado no Calvario, & assi lhe disse: Senhor não permitais tal, longe vâ tal pensamento, porque não he isto vossô credito, vossâ reputação, vossâ honra. Não vos convem, nem he decente, que por amor de nós, que somos homens, morrais vós, que sois Deos filho de Deos, & com morte tão cruel, & afrontosa, qual he a que dizeis haver de padecer. Nunca tal vos aconteça meu Senhor: *Abstine à te Domine, non erit tibi hoc.* Indignado Christo o reprehendeo, & com rosto severo lhe disse: *Vade post me Sathana, scandalum es mihi: quia non sapis ea, quæ Dei sunt, sed ea, quæ hominum:* Vaite daqui Satanas, escandaloso, ignorante, que fallas como homem ao modo humano, sem experiencia do divino. Senhor! A Pedro chamais Satanas? A Pedro escandaloso? A Pedro ignorante? A Pedro, á quem pouco antes chamastes bem-aventurado filho da Pomba? *Beatus es Simon Bar-Iona:* A quem entregastes as chaves do vossô Reyno, para o fechar, & abrir à quem quizer? *Tibi dabo claves Regni celorum:* A quem fizestes vossô Vigario geral, & pedra fundamental da sancta Igreja? *Tu es Petrus, & super hanc petram edificabo Ecclesiam meam.*

Matth. 16
n. 22.

Ibid. n. 23.

Ibid. n. 17.

213 Diz S. Hilario, que não chamou à Pedro Satanas, escandaloso, mas ao Diabo, que fallava por elle, & o instigava à dizer taes palavras, para impedir a redempção do Mundo, a salvação de nossas almas: *Sathana scandalum es mihi.* Os mais padres, & Doutores são de parecer, que disse à Pedro, que realmente o chamou Satanas, escandaloso, & ignorante, em rezão, que zelando mais a honra de seu Senhor, que a salvação das almas, pelas quaes queria morrer, fallando por sua boca o espirito maligno, escandalizand-

Hilar. ap.
Maldon.
hic.

do ao mesmo Senhor, procurava com suas rezoões de conveniências humanas, como ignorante das divinas, impedir sua sagrada paixão.

214 Este he o nosso cazo. Se em algũa hora, meus Christãos, ouvirdes á algum Sacerdote, mormente Pastor de almas, fallar de conveniências humanas na administração dos Sanctos Sacramentos, que Christo Senhor nosso tem instituido para nossa salvação, benzeivos, porque não he elle q falla, mas o Diabo por sua boca, pelo ver ignorante das divinas: *Vade post me Satana, scandalum es mihi: quia non sapis ea, que Dei sunt, sed ea, que hominum.*

215 E vos, que assi fallais, dizei para verdes, se o que dizeis he com verdadeiro zelo, se he conforme ao divino querer. Que fez Christo para á nossa salvação? Não naceo no presepio? Não dormia no campo com as bestas? Não caminhava delcalço pelas ruas da Cidade de Hierusalem? Não conversava de continuo com doze pobres, muitos delles pescadores muito humildes? Não permitio, que Judas o vendesse? Não deu licença aos soldados, que o prendessem, arrastassem, cuspisssem com coices, cnchesssem de bofetadas, açoitassem cruelmente, coroassem com coroa de agudissimos espinhos, & no cabo lhe tirassem a vida crucificado em huma Cruz com infinitas maldiçoens, & opprobrios?

216 Dizei, que fizera de novo, para salvar huma alma fomite do peor escravo do Mundo? Não voltara outra vez do Ceo á terra? Não padecera outro tanto? Não morrera de novo? Não decera até o Inferno? Tudo isto, & muito mais, dizem todos os Theologos, fizera Christo se fosse necessario.

217 Dizei, (& vede se fallais com verdadeiro zelo de Christão, & de Pastor) Quando levais o Senhor ás casas dos Ricos, dos Nobres, dos Fidalgos [fallo destes que estão na India, em particular nesta Cidade] para tubir á riba aos apoquentos, em que morão, não entraes primeiro pela sua loja çuja, muitas dellas e stribarias de Cavallos? Pois como não

con:

convem, que se leve o Senhor á mesma loja, para nella comungarem seus criados enfermos, pajens, moços, & escravos? Para que comungue o Rico, o Nobre, o Fidalgo, o Grande, pode, & deve-se fazer: & para que comungue o pobre, o coitado, o escravo he indecente? Isto he zelo? Não val tanto a alma destes, como a de seu Senhor? Não he de ordinario mais digna por ter menos pecados? Não se poderia tambem levar o moço, & o escravo á riba em lugar mais decente, em quanto comungar? Mas não he esta a causa, porque tambem em riba junto á suas Senhoras, & não nas lojas, morão as moças de sua casa, ás quaes tão pouco levais o Senhor na hora da morte, para que comunguem por Viatico; mas he a preguiça, que na India he muy grande; he não querer, para não cantar com sahir com o Senhor muitas vezes, o que quereis encubrir com capa de zelo da honra, & acatamento devido ao Sanctissimo. Mas no dia do juizo final descobri-seha á todo o Mundo, que não he zelo, mas descanço, que não pode deixar Deos de castigar.

218 Dizei mais: Quantos homens brancos Cidadoes, & Fidalgos morão nas ruas dos Gentios, aos quaes não deixais no perigo da morte de lhes levar o Senhor. Pois como he indecente levalllo às mesmas ruas, para nellas comungarem os Christãos da terra, os coitados, os pobres, que lá mesmo morão? Para aquelles comungarem he decente, & para estes não? Ah zelo quam fingido es? Quam falso? Quão instigado do espirito maligno? Quão soberbo?

219 Não era este o zelo, com que Christo acudio às necessidades dos enfermos, não era este o modo. Dous enfermos entre outros acho na Sagrada Escritura, no Testamento novo, ambos em perigo de morte. Hum, que estava já agonizado filho de Rey, ou como outros dizem de Ministro Real; & por quanto refere Maldonado, Hebreo de nação: *Erat quidam regulus, cujus filius infirmabatur Capharnaum, &c. incipiebat enim mori*. Outro paralitico escravo de hum centurio Gentio, que estava muito mal. Ambos

Joan. 4. n.
47.
Maldon.
hic.

Matth. 8.
n. 6.

dezejavão à Christo, para que lhes acudisse. 'Pelo filho do Rey rogavalhe seu pay, pedindolhe por merce, que fosse ao seu Paço real, & o farsse: *Rogabat eum, ut descenderet, & sanaret filium ejus*. Pelo escravo intercedia o centurio seu Amo: *Domine puer meus jacet in domo paralyticus, & male torquetur*. Acudio logo Christo à ambos, dandolhes com a faude corporal a espiritual da alma, mas com diverla vontade, & com differente querer, & inclinação; porque para farar ao filho do Rey, com ser Hebreo, com guardar a ley verdadeira, & sancta, qual era então a dos Hebreos, nunca

Joan. 4. n.
49.

quiz ir em pessoa ao seu Paço real, por muito que lhe rogasse o mesmo Rey: *Domine, descende priusquam moriatur filius meus*: E para acudir á hum escravo, que devia de estar na loja, morada dos moços, & escravos, deitado no chão sobre huma esteira cuja muito rota, ao modo da India, sem ser rogado, sem ser chamado, queria ir em pessoa à casa de hum Gentio: *Ego veniam, & curabo eum*. Senhor que he isto?

Matth. 8.
n. 7.

Na India tudo vai às avessãs. Para se acudir aos Grandes, aos Nobres, aos Fidalgos no perigo da morte, com a pirola mi-lagrosa da vossa sacratissima Carne: para se lhes levar a mezinha celeste da Eucharistia, para que farem suas almas da doença mortal, & perigosa de seus pecados, para que os livre da morte eterna, não ha Sacerdote, que não diga: *Ego veniam*: Eu irey, eu a levarei, eu lha darei. Mas para com os pobres, para com os mesquinhos, para com os moços, & escravos, mormente se estiverem em ruas, em que morão misturados Christãos, & Gentios, o costume ordinario de todos, o dito commum he: *Veni*, & não *Veniam*. Vinde vós, se a quereis. Vinde vós á Igreja tomalla, porque não he decente, não convem, que eu vola leve às vossas pobres casas, & palhotas: *Veni*: Venha o paralytico, que não pode configo: Venha o que está muito mal, metido em húa rede, estendido em hum cathere, dando muitos ays pelas ruas: Venha o que está agonizado, ainda que acabe a vida mais depressa: Venhão todos á todo seu pezar, para comungaré.

Pois

Pois vos Deos meu, porque não dicestes o mesmo, mas tudo pelo contrario: *Ego veniam*:

220 A duvida he de S. Gregorio Papa. Do mesmo Sancto he tambem a resposta. *Quid est hoc*, diz S. Gregorio, *nisi quod superbia nostra retunditur, qui in hominibus non naturam, qua ad imaginem Dei facti sunt, sed honores, & divitias veneramur*. Que foi isto? Se não querer Christo confundir, & abater a nossa soberba, pela qual não respeitamos nos homens a natureza, o serem todos feitos á imagem, & semelhança de Deos; mas sò respeitamos, & veneramos serem ricos, & poderosos: Que se deixamos tanta soberba, que na India he muy grande: Se respeitamos nos homens somente a natureza: Se cuidamos, que as almas em graça de Deos todas são brancas: Se consideramos, que tanto estima Christo a do escravo, quanto a do Rey: que todos lhe custarão o sangue, que derramou na Cruz, & a vida, & que morreo igualmente por todas, nunca disseramos: *Veni*, mas sempre, *Veniam*, como disse Christo Senhor nosso. Nunca nós nos mostramos para có a gente da terra, para com os pobres, & escravos, difficultosos na administração dos Sanctos Sacramentos. Nunca quando nos chamão, para se sacramentarem, por preguiça, & por descanso, por não nos cansarmos com a obrigação q̃ temos, lhes mandamos o Meirinho, para ver se podem esperar, & em quanto este vai, & volta com a resposta, mormente se morão longe, acabão as vezes a vida sem Sacramentos, mas acudiram logo com toda pressa: *Ego veniam*. Nunca descansamos, mas levamos á todos o Senhor às suas pobres casas, & palhotas. Nunca nos parecera indecente entrar com o Sanctissimo Sacramento nos chales, & nas lojas, & casas humildes, & muito menos nas ruas dos Gêtios, como tão pouco parecia indecente ao mesmo Senhor, ir à loja de hum Gentio, para sarar seu escravo: *Ego veniam, & curabo eum*.

Greg.to.
3.hom.28

221 Que busca Christo Senhor nosso, quando o levais
D d d iij as ca-

as casas dos Nobres, & Grandes, as rosas, & boninas, que achais espalhadas pelo chão? os vistosos adornos de seus aposentos? a cama soberba, & custosa, rica de seda, & ouro, cheirosa de odoríferas agoas, & perfumes? ou a alma do enfermo, que no meyo de tanto cheiro muitas vezes fede à Inferno? Pois se Christo busca somente almas, & a do pobre, do coitado, do escravo não he de menor condição, porque deixais de o levar á estes por morarem em lugares humildes, pouco limpos? Levaio á estes com maior vontade do que á aquelles; porque Christo folga de entrar nas lojas, & palhotas, aonde os pecados são muy poucos, & foge dos Palacios daquelles sobrados grandiosos, aonde são muitos, & muy grandes. Levaio aos Chales, & sanctificaos com sua divina presença. Ide ás ruas dos Gentios, & espertaos com a campainha, que vai diante, á conhecerem, & adorarem á Deos verdadeiro. Passai por ellas muitas vezes, & entrai com o Senhor na mão nas mesmas casas humildes dos Gentios, para nellas comungarem os Christãos enfermos, se houverem, & para com a sombra divina do mesmo Senhor, que tem maior virtude da que tinha a de S. Pedro, farar algum Gentio de sua cegueira. Correi esta Cidade, caminhai as Aldeas todas desta Ilha todos os dias da semana, já que todos os dias ha nella doenças, & mortes, para com o cheiro do Sanctissimo Sacramento purificar estes ares, que a tem feita sepultura de vivos. Subi aos montes, ide pelos outeiros, acudindo á todos os enfermos, & com o Senhor, que levais, lançai á estes mares sua divina benção, para que não nos comão nossas Naos, não destruão nossas armadas, & á India toda, perdida pelos nossos pecados. Em fim meus Reverêdos Sacerdotes sahi com o Sanctissimo Sacramento muito á miude, como sahém os Parocos em Roma, & em toda Italia, Cidades bemaventuradas, aonde por o levarem á todos os enfermos, por pobres, & miseraveis, que sejam á suas pobres casas, & palhotas, & á outro qualquer lugar humilde, em que se acharem, todas as vezes que quizerem comungar,

OU

ou por Viatico, ou por devação, não ha dia, em que se não veja pela Cidade fahir de muitas Freguesias. E se não podeis fahir com muitas tochas, ou com muitos cirios, fahi como poderes; porque he melhor fahir com poucas luzes à miude, do que com muitas poucas vezes; porque as tochas verdadeiras, com que o Senhor dezeja fahir, são as almas accezas de seu divino amor, são os Christãos, que com o resplendor da graça divina, que possuem, o acompanhão, & adorão pelas ruas; & quanto mais à miude fahi, tanto mais crece no povo a devação, & reverencia devida ao Sanctissimo Sacramento; & os pobres, que o vem em suas casas, se fazem mais pios, & devotos. Tãobem os Gentios, edificados de ver, que não ha differença de Christão à Christão no tocante á alma, por se levar indifferentemente á todos, grandes, & pequenos, se converterão mais facilmente.

222 Nem com tudo isto quero, que estejais pelo que eu digo. Estai pelo que dizem os Doutores. Fallem os sumos Pontifices Romanos, para verdes com que zelo haveis de acudir aos enfermos com o Sanctissimo Viatico. Diga o zelosissimo Doutor da administração dos Sanctos Sacramentos, o P. Fr. Luis de S. João. Pergunta este Doutor, se não podendo fahir da Igreja o Senhor com muita solemnidade, nem com o apparato, & decencia devida, devemos deixar de o levar aos enfermos? *Nota bien* [diz este veneravel Doutor] *Yo digo, que es mejor llevarle sin las de mas solemnidades, com tal, que se lleve segun se determina en derecho. Esto es en habito decente con sobrepellis, y Estola al cuello, precediendo luz: y en caso de necesidad, bastará un solo Ministro, si no pudiere ser hombre, creo bastará que sea muger, como lo tienen Mantuano, y otros.*

Ludov. à
S. Joan.
Evang.
tract. de
administ.
Sacr. art.
4. n. 2. & 3.

223 Não para aqui este Doutor, mas passando mais adiante, pergunta para nosso ensino, para que não nos engane o inimigo infernal com nos propor a reverencia devida ao Sanctissimo Sacramento, quando he menos necessaria, para que não comunguem os pobres no perigo da morte: *Si es*

en-

Ibid.n.14. *enfermo (são suas palavras) que ha de receber el Viatico, sues- se pobrissimo, y el lugar donde está lleno de mal olor, inmundicia, y con grande indecencia, puede el Cura llevar el Sanctissimo Sacramento al tal lugar? E responde assim: Aunque el lugar sea como la duda dize, se le deve llevar. Puede empero exortarle à que haga [si puede] alguna decente preparacion, por la reverencia del Sanctissimo Sacramento.*

Ibid.n.18. 224. *Inda mais pergunta: Deve el Cura dar la sagrada Comunion al enfermo, que tiene cancer, o alguna llaga grandemente hedionda, o al leproso, en los quales no se puede escusar el mal olor? Responde: A todos estos se ha de dar la Eucharistia sob pena de pecado mortal. Isto diz este Doutor, & os mais que antes, & depois d'elle tratãrão tanto ao particular da administração do Sanctissimo Viatico. Que dizeis vós meus Parocos?*

225. *Nem cuideis, que com dizer tanto, disse muito; porque o zelo, com que os summos Pontifices Romanos fallarão nesta materia, he muito maior, he tudo que d'elle se pode dizer, querendo que em todo caso se leve aos enfermos o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia. Tanto assi, que o sanctissimo Padre Urbano VIII. entre outros poderes, que no principio de seu Pontificadò deu aos nossos Religiosos, que mandou por Missionarios Apostolicos aos Reynos de Gorgia, & de Mengrelia, & que ultimamente me deu à mim, & aos meus companheiros na era^a de 1639. aos 3. de Agosto, quando nos mandou à estas Conquistas por Missionarios de todo este Oriente, o vigesimo in ordin^{is} he (como à muitos de vós he notorio, & o mostrarei aos mais que o quizerem ler) de levar nas terras de Infieis, Gentios, Mouros, & Herejes, o Sanctissimo Sacramento aos enfermos às escondidas sem solemnidade, sem acompanhamento, sem apparato, sem tochas, sem candeas, sem luz; & de o ter para os mesmos enfermos escondido em algum lugar decente na mesma conformidade, à saber, sem alampada, & sem luz, se pelos inimigos da sancta Fè houver algum pe-*

rigo de sacrilegio . Podese dizer cousa maior ? As palavras são estas : *Facultatem concedimus , &c. deferendi Sanctissimum Sacramentum occulté ad infirmos sine lumine, illudq. si ne eodem retinendi pro eisdem infirmis, in loco tamen decenti, si ab Hereticis, aut infidelibus sit periculum sacrilegij.* E logo ajunta no numero seguinte : *Induendi vestibus secularibus, si aliter, vel transire, vel permanere non poterunt in locis Missionum.* Dandonos com isto mais poder de levar o Sanctissimo aos enfermos, ainda disfarçados em habito secular . Como se diffiera : Em todo caso levai o Sanctissimo Sacramento aos enfermos pelo modo que puderes, não podendo-o levar pelo modo que convem ; porque nisto interessa muito o mesmo Senhor, que quer antes carecer de tochas, & candeas, & de qualquer outro apparato, ou culto exterior, do que das almas delicias suas, remidas com seu preciosissimo sangue, pelas quaes quiz carecer da propria vida no madeiro da sancta Cruz . Pois muitas se perdem, as quaes, por falta deste divino Viatico, na viagem tão perigosa para outra vida, não podendo tomar a altura do Ceo, dão com os baixos do Inferno .

Vrb.VIII
facult.20.

Facul.21.

226 Oh zelo sancto ! Oh zelo justo ! Oh zelo verdadeiro ! Oh vigilancia, & cuidado de zelantissimo Pastor cuidando da salvação de suas ovelhas, digno de tal Pontifice ! Este he o zelo, que haveis de imitar, romper por tudo, para levar aos enfermos o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, mormente, que não tendes necessidade de o ter escondido, & muito menos de o levar secretamente, estando vós em terras de Catholicos .

227 Obrigame por remate deste ponto o desejo de facilitar por todos os caminhos a observância deste preccito, á vós perguntar, qual he a causa, se a sabeis, que nestas Conquistas sejam tão poucas as Igrejas Curadas, as Freguesias digo, que tem o Sanctissimo Sacramento ? Pois sem irmos longe, de trinta & húa (se não contei mal) que dentro, & fóra desta Ilha à roda tem os Clerigos, doze somente o tem,

& de cincoenta & tres, que possuem os Religiosos não o têm mais que sete. Qual he pois a causa, que o não tenham todas.

228 Se reparamos no costume da Igreja Catholica, de terem as Igrejas Curadas o Sanctissimo Sacramento, para com facilidade se poder em todo qualquer tempo levar aos enfermos, he muy antigo. Diz o Concilio Tridentino: *Consuetudo asservandi in Sacrario sanctam Eucharistiam, adeo antiqua est, ut eam seculum etiam Nicani Concilij agnovenerit*. É quando o costume he antigo, & inviolavel, tem tanta força, & vigor (dizem os Doutores) que de ordinario obriga como preceito com pena de pecado mortal.

229 Se no que o mesmo Concilio ordena, & estabelece, diz, que em toda maneira se continue com o mesmo costume: *Quare sancta haec Synodus, retinendum omnino salutarem hunc, & necessarium morem, statuit*.

230 Se na obrigação de o terem, he tanta, que os Eminentissimos Cardaes interpretes do Concilio Tridentino, dizem: *In Ecclesijs Parochialibus semper Eucharistia reservari debet in aliquo mundo, singulari, & signato loco, ut Infirmiss succurri possit, nec consuetudo excusat contraria, nec paupertas Ecclesiae, nisi forte subeat periculum a manu sacrilega, contra quod periculum satis cautum esse non possit per quamvis diligentem custodiam*: Quer dizer (para que todos o entendão) deve-se sempre guardar nas Igrejas Curadas o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia em algum lugar particular, limpo, & decente, para socorro dos enfermos. Não desobriga o costume em contrario: *Nec consuetudo excusat contraria*: Tão pouco a pobreza da Igreja: *Nec paupertas Ecclesiae*. Somente desobriga o perigo de cahir nas mãos de algum sacrilego: *Nisi forte subeat periculum a manu sacrilega*. Porém não basta qualquer perigo; mas ha de ser tão grande, que por muito cuidado, que se tenha, por grandes diligencias, que se fação, para que esteja bem guardado, se não possa evitar: *Contra quod periculum satis cautum esse non possit per quamvis diligentem custodiam*.

Trid. sect.
13. de Sã-
ct. Euch.
Sacr. c. 6.

Trid. ibid.

Card. In-
terpr. tit.
præter-
miss. decl.
sect. 13. de
asserv. Eu-
ch. Sacr.

231 Se no dezejo dos Summos Pontifices Romanos, Vigarios de Christo Senhor nosso, as palavras dos poderes que nos deu [que relatei] do modo de ter, & levar o Senhor aos enfermos nas terras dos Infieis, se advertistes no sentido dellas, mostrão ser tão grande, que parece, que antes que-rem, que se arrisque o Sanctissimo Sacramento, do que falte aos enfermos. Porque he muito para notar, que não diz o Papa á seus Missionarios, que nas Provincias, & terras dos inimigos da sancta Fé Catholica, Herejes, Mouros, & Géticos, desemparados de todo favor humano, & as vezes perseguidos à morte, não o tenham. Tão pouco diz, que não o tenham, se não tiverem Igreja, ou Ermida, em que possa estar decentemente. Nem tão pouco o defende em caso que houver perigo de sacrilegio. Mas que? Diz: Tende-o no Vrb.VIII
melhor modo, que poderes: E se houver perigo de sacrile- facult.20.
gio, para que o eviteis, quanto se pode, nem deixeis de o sup.cit.
ter, para o levar aos enfermos, tende-o escondido sem luz.

Repito-as de novo, por terem grande força: *Facultatem concedimus, &c. deferendi Sanctissimum Sacramentum occulte ad infirmos sine lumine, illudque sine eodem retinendi pro eisdem infirmis, in loco tamen decenti, si ab Hæreticis, aut infidelibus sit periculum sacrilegij.*

232 E se finalmente repararmos na pratica, não somente nas Terras, & Cidades de Catholicos em Europa nunca vi Freguesia por desemparada, ou pobre que fosse, sujeita à muitos furtos de bandoleiros, & salteadores, que não temem à Deos, que por furtarem a pouca prata da Custodia, alguns se atreverão pôr as mãos no Sacrario; mas tambem naquellas inficionadas de heregias, aonde os Herejes inimigos obstinados do Sanctissimo Sacramento vivem com toda liberdade, as Igrejas Curadas de Catholicos não deixão de o ter com a vigilancia devida. E o que he mais, em Alep-
po cidade do Grão Turco, cruelissimo inimigo dos Chri-
stãos, os Religiosos que lá estão, Capuchos, Capuchinos,
Carmelitas descalços, & da Companhia de JESUS, cerca-

E c c ij

dos

dos á roda de Turcos, & Arabios, apertados da tirania daquelles barbaros, que por mil modos, & maneiras os avexão, sem se poderem defender; com tudo não deixão de o ter cõ muita decencia em hũas Ermidas, ou Oratorios das portas á dentro, aonde secretamente dizem Missa, só à fim de o levarem aos enfermos, mormente no perigo da morte.

233 Pois se isto he assi: Qual he a causa que nestas Conquistas de Catholicos, as Igrejas Curadas, sogeitas aos nobres Bispos, & Arcebispos, Prelados muy vigilantes, & zelosos do maior bem espirital de suas ovelhas, & entregues à Parocos os mais delles Regulares, Priores, Reitores, Vigarios, & Curas muy Catholicos, emparadas cõ tantas armas por terra, & por mar contra os impetos dos inimigos, Herejes, & Mouros, defendidas pelo Tribunal do Sancto Officio dos Catholicos fingidos, & de outros quaesquer sacrilegos, com tanta vigilancia, que desde o dia que se conquistou a India até hoje, nunca se atreveo algum sacrilego, de tantos que se descobrirão em diversos tempos, pór as mãos no Sacratio, argumento muy claro, que nestas Freguesias nenhum perigo corre o Senhor, mormente se os Parocos, & Curas morarem junto ás suas Igrejas, vigiando-as, & guardando-as com muita diligencia, & cuidado, como estão obrigados á fazer. Qual he pois a causa, que tão poucos tenham o Senhor?

234 Dirmeheis, que he a Constituição Synodal deste Arcebisado, aqual ordena, & diz: *Que onde não estiverẽ juntos ao menos trinta vezinhos Portuguezes apar da Igreja, não haja o Sancto Sacramento, por muitos inconvenientes, que se poderiam do contrario seguir.*

235 Se não tendes outra, não he a que affinais bastante causa; porque esta constituição ha perto de oitenta annos, que foi feita, quando nestas Terras de sua Magestade, nestas vossas Conquistas, os Mouros, & Gentios crão muitos, & os Christãos tão poucos, & tão tenros na sancta Fé Catholica, que ou nenhum, ou quasi nenhum se ordenava Sacerdote, & as Igrejas estavam sem o emparo, que ao presen-

tê tem, mas antes scegitas á muitos inconvenientes, se apar
dellas não morassem muitos Portuguezes. Mas hoje, que o
numero dos Christãos naturaes he muy grande, & nelles ha
tanta firmeza, & confiança, mormente nos Bramanes, que
à elles' mesmos fiaes as Igrejas, ordenando os Sacerdotes, fa-
zêdo os Vigarios, & Curas de muitas Freguesias destas Ilhas
cô tanta satisfação deste povo, pelo muito exemplo, & virtu-
de com que vivem, esta constituição fica por si mesma dero-
gada, & sem força, & vigor conforme o direito, que diz, q̃
cessando a rezão da ley, cessa a ley, o que se deve entender,
não somente se a rezão da ley cessar em geral, mas tambem
se cessar em algum caso particular, como doutamente ensi-
na o P Diana, Navarro, Megala, Abbas, Angelo, Henri-
quez, Comitolo, & outros. Que se ainda houveramos de
estar por ella, fora necessario tirar o Sanctissimo Sacramen-
to da maior parte das Freguesias, que o tem, por não mo-
rarem apar da Igreja, nem dez Portuguezes, quanto mais
trinta vizinhos, & em muitas nem hum sô. E se com tudo
se dispensou com estas, & o tem sem receos, sem medo de
inconvenientes, sem sombra de sacrilegio, & nas outras cor-
re a mesma rezão, qual he a causa, que o não tenham todas?
236 Diga cada hum seu parecer. O meu he, ser castigo
de Deos. Por ver, que se não guarda na India o preceito da
sagrada Comunhão, & que se não dá à todos o Sanctissimo
Viatico, pela qual causa se enerra a Eucharistia no Sacratio,
tão pouco quer estar com nosco em todas as Igrejas, sahindo
de hûas, em que estava, permitindo, que caissem nas
mãos dos inimigos da fé, que as tem roubadas, & saquea-
das em Ormuz, em Malaca, & em Ceilão, feitas Mesqui-
tas de Mouros, & moradas de Hereges; & em outras, em q̃
nunca esteve, não quer que o ponhamos pelos receos mal
fundados, que em nos permite. Pelo que se pode dizer de
nôs o que disse de outros o Propheta Rey: *Illic trepidave-
runt timore, ubi non erat timere*: Tiverão medo aonde não
havia que temer.

Cap. cum
cessante
de appel-
lat.

Diana p.
1. tr. 10. de
legib. ref.
28.
Nav. to. 4
côment.
in rubr. de
iudic. n. 74
Meg. in 2.
2. lib. 2. c.
7. q. 2. n. 55
Abbas in
c. Quia in
Insulis de
Regul.
Angel.
verb. lex.
n. 4. cas. 7.
Henriq.
lib. 11. c.
17. n. 2. in
Glo. lit. O
Comitol.
in respô.
mor. lib. 7
q. 1. n. 10.
Psal. 13. n.
5.

Apoc.c.2.
n.2.

Hugo a-
pud Mèd.
in lib.1.
Reg.c.2.
n.36.an-
not.23.
circa lit.
sect.1.

237 Evidente prova do que digo he a carta, que em viã
fão mandou Christo Senhor nosso á S. João no Apocalypse,
que escrevêsse ao Anjo da Igreja de Ephelo: *Angelo Ephesi
Ecclesiæ scribe*, á saber, aos Sacerdotes pastores de almas,
figurados neste Anjo, louvando-o pelas boas obras que fazia:
*Scio opera tua, & laborem, & patientiam, & quia non po-
tes sustinere malos, &c.* porem por outras más se queixa del-
le, & diz: *Sed habeo adversum te, quod charitatem tuam pri-
mam reliquisti.* Glosa o Doutor Regio por sentença de Hu-
go: *Hoc est interprete Hugone: Reliquisti tuam illam pri-
stinam diligentiam in tuis gregibus pascendis, quamvis in
tuis moribus gubernandis laudabilem te exhibeas: &* advir-
tindo-o de seu pecado: *Memor esto itaque unde excideris: &
age penitentiam, & prima opera fac*, protesta que se não se
emendar, & fizer penitencia, sairá com castigos: *Sin autem
venio tibi, & movebo candelabrum tuum de loco suo.*

238 Quê ha meus Christãos, que ponderando esta car-
ta, não diga ser pintura, & por ventura prophecia, do que
os Sacerdotes Parocos das Igrejas da India tem de virtuosos,
da falta que cometem no tocante à seu officio, de apacenta-
rem suas ovelhas, & do castigo que Deos nos tem dado por
tão grande falta? Quem hà, à quem não pareça, ser escrita á
elles mesmos? Porque não se pode delles negar alli Portu-
guezes, como naturaes, que são muy virtuosos, que fazem
muitas obras boas, que trabalham no serviço de Deos com
muita paciencia, zelando sua honra divina contra os maos:
Scio opera tua, & laborem, & patientiam tuam, &c. Não
se pode negar, que *In suis moribus gubernandis laudabiles
se exhibent*: que pela muita virtude, & exemplo, com que
procedem em suas pessoas, são dignos de louvores.

239 Com tudo pela falta, que cometem no mais fino de
seu officio, no mais principal, & importante de sua obriga-
ção, se queixa delles o Senhor, & lhes diz: *Sed habeo ad-
versum te*: Pastores de almas, Parocos virtuosos das Igre-
jas da India, á vós diz Christo: Tenho contra vós, para
muito

muito se chorar, & castigar. Que cousa? *Quod charitatem tuam primam reliquisti*: Que ocupandovos com grandes cuidados em tudo o mais, em festejar muitos Sanctos, em ordenar muitas procissões, em procurar o ornato, & culto das Igrejas, & em outras obras virtuosas, faltais com as vossas ovelhas na charidade, que he a primeira cousa, & mais principal, em que deveis cuidar: *Reliquisti tuam illam pristinam diligentiam in tuis gregibus pascendis*: Deixastes aquella diligencia antiga. Cahistes daquelle primeiro fervor, que houve antigamente nos Parocos da India, ou daquelle mais antigo, que havia nos da primitiva Igreja, que punhão toda a diligencia, & cuidado em apacentar suas ovelhas cõ o leite da palavra divina, ensinando-as, & instruindo-as na sancta Fê Catholica, & com o pão da Eucharistia, administrandolhes a Sagrada Comunhão, acudindo á todas de dia, & de noite com os Sanctos Sacramentos. Pois meu Senhor, meu Deos que fareis? Deixareis de os castigar por virtuosos, & por outras obras boas, que fazem: ou os castigareis sem se vos dar das obras boas por estas más, q̃ cometê em materia tão grave, & de tanta obrigação? Diz Christo: Se não se emendarem, se não fizerem penitencia de seu erro, & peccado, castigalloshei: *Sin autem, venio tibi*. E qual lerá o castigo? Qual será? *Movebo candelabrum tuum de loco suo*. Oh castigo quão espantoso, & tremendo es?

240 *Movebo candelabrum tuum*. Diz Hugo Cardeal: Hugo *Idest gratiam á te auferam*. Virei contra vòs, irado, & indignado, & tirarei de vossa alma a graça divina, a graça minha. Ay dos mortos, que tiverão nestas Conquistas cura de almas, quem sabe á quantos a tirou? E ay dos vivos, se não se emendarem, & fizerem penitencia, á quantos a tirará? Card hic in mor.

241 *Movebo candelabrum tuum*. Diz Guadanholo: *Quasi dicat: Auferam á te fidem, nisi feceris opera fidei*: Tirarei de vòs a fé, á saber [diz este Doutor] das Terras, & Cidades, em que faltais com as obras de fé. Pois sendo de fê declarando, como já disse, no Concilio Tridentino, estarem obrigados Guadag. in Apol. pro Chri- st. Relig. tract. 2. c. 2. sect. 3. circ. finē.

gados

Trident.
de sanct.
Euch. Sa-
cr. sect. 13.
can. 9.

gados todos os Christãos, como chegarem aos annos da diffusão, á comungar na Pascoa, conforme manda a sancta Madre Igreja, faltando vós nestas Conquistas na observância deste preceito, não procurando que todos comungue, conforme sois obrigados á fazer, permite Deos para voffo maior castigo, que se perca nellas a fé: *Auferam á te fidem*, desemparrando-as, para que as tomem os Mouros, as senhore-em os Hereges, como fez, dando a fortaleza de Ormús aos Persas, a de Mascate aos Arabios, as de Malacea, & Galle aos Hereges Olandezes, a fôra outras perdas, ameaçando-vos ainda com outras maiores, com que receais, que virá tudo em seu poder. Mas parou com o castigo (Vede se esta era a causa de se ir perdendo pouco á pouco a fé nestas Conquistas) Parou com as treguas dezejadas, que se concluirão, & publicarão nesta Cidade aos 10. de Novembro de 1644. dia de nosso milagroso sancto o Beato André, particular patrono das pazes, que sempre patrocinou vivo, & morto, por ver, que hum indigno Filho da mesma Religião havia logo de tratar, & procurar, que todos geralmente comungassem.

Apoc. 21.
n. 23.
Joan. 13.
n. 1.

242 *Movebo candelabrum tuum*. O terceiro sentido finalmente he: Tirarei das vossas Igrejas o Sacrario, em que tendes a candeia viva, & resplandecente do meu Sacratissimo Corpo sacramentado: *Lucerna ejus est agnus*, & a tocha accesa do infinito, & immenso amor, que vos mostrei na derradeira Cea: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, infinem dilexit eos*. Porque não querendo vós levalló á todos os enfermos igualmente, mas á huns poucos, como se Christo não fosse igualmente de todos, mas diviso, como disse S Paulo estranhando-o: *Divisus est Christus*? tão pouco quer estar connosco, & empararnos com sua divina presença em todas as Igrejas, sabindose de muitas, em que estava; & em outras, em que nunca esteve, não consente, que o ponhamos com tantos receos que em nós permite, se m terminos que recear.

1. ad Cor.
int. 1. n.
13.

Por

243 Por tanto Reverendos Sacerdotes: *Memor esto unde excideris: & age penitentiam, & prima opera fac*: Lembraivos do estado donde caistes, daquella primeira charidade, que deixastes, daquelle cuidado, & diligencia tão grande, com que estais obrigados á apacentar vossas ovelhas, instruindo-as, ensinando-as, admitindo-as à Sagrada Comunhão, & acudindolhes no perigo da morte com o Sanctissimo Viatico: *Age penitentiam*: Fazei penitencia de vosso erro, & pecado, & emendaio, fazendo de hoje por diante com muita diligencia as obras primeiras: *Prima opera fac*, tão antigas na Igreja de Deos, tão principaes de vosso officio, tão necessarias para a salvação das almas, que Christo vos tem encomendado, & de tanta obrigação, que nestas muito mais do que nas outras deveis pôr todo o vosso cuidado. *Prima opera fac*; para que Christo Senhor nosso não nos castigue mais com tantos receos, mas queira estar conosco em todas as Igrejas, emparandonos, socorrendonos, ajudandonos até o fim do Mundo. *Prima opera fac*; para que não tão somente nos dê força, & valor, para conservarmos o estandarte da Fé Catholica, que com tanto sangue de Martyres, & de valerosos Capitaes, & soldados se plantou nestas Conquistas; mas tambem para o plantarmos de novo nas fortalezas, & terras, que temos perdido, tirando-as do poder dos inimigos. *Prima opera fac*; para que finalmente nunca, nem na vida nem na morte, prive vossas almas de sua divina graça, advirtindovos, que muitos Sacerdotes, q por virtuosos se salvarião, por Pastores de almas, por Parocos, Reitores, Priores, Vigarios, & Curas se perdem, castigando Christo Senhor nosso com pena eterna a perda de muitas almas, que por elles faltarem no tocante á seu officio, por elles não darem o Senhor, cairão no Inferno.

244 Tremenda he a sentença de Chrysostomo, que diz dos Sacerdotes pastores de almas serem muito mais os que se perdem, dos que se salvão: *Non arbitror inter Sacerdotes multos esse, qui salvati sunt, sed. multo plures, qui pereant.*

Fff

Não

Chrysost.
in act. Ap.
c. 1. homil.
3. tom. 3.

Não duvido, diz Chrysostomo, que muitos Sacerdotes pastores de almas se salvão; porem muito mais são os que se perdem. Como assi sancto glorioso? Perderseha o Sacerdote virtuoso, que diz Missa todos os dias, por Prelado, & por Pastor de almas? Tão difficullosa he a sua salvação, que os mais delles são condenados ao Inferno? Si diz Chrysostomo. Porque? *In causa est*: A rezão he: *Quoniam res excelsum requirit animum*: Porque o officio de Pastor de almas requiere hum animo superior, desapegado do Mundo, izeto de bens temporaes, desejofo de adquirir almas à Christo, & não dinheiro para enriquecer, inclinado ao trabalho, & não ao descanso, amigo dos pobres, de muita charidade, incansavel para acudir às suas ovelhas, cuidadoso de seu bem espirital, vigilante para que nenhũa dellas se perca. Que se alguma se perder por culpa do Pastor, por não a vigiar, por não a instruir, por não a apacentar, por não a admitir á Sagrada Comunhão, por não lhe acudir com o Sanctissimo Viatico, por lhe faltar com os Sanctos Sacramentos, por preguiça, por negligencia, por descuido, por não assistir na sua Igreja, por largar à outrem a carga pezada de suas muitas obrigações, sem olhar por suas ovelhas, sem tratar de seu melhoramento espirital, sem procurar, que creça nellas a devoção, á fé, a graça divina, tratando somente de suas proprias comodidades, & proveito temporal, seguilla ha até o Inferno, perderseha com ella para sempre.

Chrysost.
loc.cit.

245 Quereis ver quanto assi? Diz Chrysostomo: *Si unius anime salus tanti est, ut ob hanc Filius Dei fieret homo, tantaeque pateretur, perditio cogita quam conciliabit penam*. Se Deos, diz Chrysostomo, faz tão grande conta das almas, que para as salvar se fez homem, padeceo tantos tormentos, morreo na dura Cruz, quanta ferà a pena do Pastor, se por sua culpa alguma se perder: *Perditio cogita quam conciliabit penam*. Quanta? Quanta he a perda. Perdeo a alma a eterna vida: a pena do Pastor será de eterna morte; porque tambem no Mundo, diz Chrysostomo, se

alguem

alguém tirar á outrem a vida temporal, he digno de morte temporal; quanto mais será digno de eterna morte o Pastor, que por não exercitar como deve seu officio pastoral, tirou á alguma ovelha sua a eterna vida: *Quod si quis ob hominem in hac vita perditum morte dignus est, quanto magis ille?*

246 Mas demos caso, que nenhuma se perca, perderseha o Pastor, se faltar á sua obrigação? Perderseha o Vigario, ou Cura, se não admitir suas ovelhas á Meza do Altar? Se as não apacentar com a Eucharistia; se lhes não administrar na Pascoa a Sagrada Comunhão, se as deixar morrer sem o Santissimo Viatico, perderseha? Não somente elle, mas todos os mais, que por algum modo impedirem com obras, ou palavras, para que se não dé á todos a Sagrada Comunhão, se não fizerem muita penitencia de seu pecado, correm mui grande perigo de se perderem, castigando Christo Senhor nosso com pena eterna, o dano espirital, que padecem suas almas, por lhe faltarem com a Sagrada Comunhão, ainda que se salvem.

247 Antes que volo prove, dizei vós: Se alguem por sua culpa, & maldade for causa do dano temporal de seu proximo: se lhe não der o que lhe deve: se lhe procurar algũ mal na fazenda com effeito: se com tudo se não confessar, & pedir á Deos perdão deste pecado, se não restituir, & pagar o dano que lhe fez, ainda que a pessoa, à quem se fez, seja sobrada, & abastada de outros bens temporaes, perderseha? Não ha duvida que si. Quanto mais no espirital? O dar a Sagrada Comunhão á todos os Christãos na vida, & na morte, he divida de justiça, porque o manda Christo Redemptor, & Senhor nosso, & a Sancta Madre Igreja. O empedirla he huma sem rezão em materia tão grave, que não pode ser sem gravissimo pecado, porque não podemos, diz S. Agostinho, defender á ninguem, para que não comungue: *Nós á communione quemquam prohibere non possumus*. O dano que padecem por não comungarem, he mui grande, porque ficão mais inclinados ao mal, mais sujeitos ao pe-

August.
ap. S. Th.
3. p. q. 80.
art. 6.

do, mais fracos contra as tentações da Carne, Mundo, & Inferno, mais debilitados na sancta Fè, & com menor temor de Deos; & o que he mais, não sò privados injustamente nesta vida da união sacramental com Christo; & daquelle maior graça sanctificante, que por meyo da Sagrada Comunhão receberião, se comungassem; mas também na outra terão menos gloria; porque a gloria que teremos no Céo será tanta, & não mais, dizem os Theólogos, quanta he a graça, que alcançamos na terra: & Christo menos glorificado; porque quanto menos tivermos de graça nesta vida, & de gloria na outra, tanto menos será glorificado em nós. Ha injustiça, ha sem razão, ha divida maior que esta? Ha dano, ou perda, que depois da perda total da graça divina nesta vida, & de Deos na outra, se lhe possa comparar? Daqui fazei vós agora argumento, qual será o castigo de quem negar, ou empedir, ou sendo obrigado, não procurar, que todos comunguem? Não somente perder-se-ha; se não fizer digna penitencia de seu pecado, se não pagar com muitas lagrimas tão grande divida; se não satisfizer á tanto dano; mas permite Deos muitas vezes, que a não faça (como permite á muitos na India, os quaes tão pouco fazem escrupulo d'isto, nem se confessão deste pecado) condenando-o ao Inferno.

LUC. 16.
n. 19.

248 Vamos á prova. He sentença de alguns, que a parábola, ou para melhor dizer (segundo a mais certa opinião de muitos Padres, & sagrados Expositores) a historia do rico avarento, que *Induebatur purpura, & bysso: & epulabatur quotidie splendide*: que vestia rico, & custolo; & banqueteara, & comia todos os dias splendidamente, foi figura da Sagrada Comunhão. A essa conta o rico figurava o Sacerdote, que revestido com as ricas vestimentas dos habitos sacerdotaes, na Mesa sacrosancta do Altar, no banquete divino do sancto sacrificio da Missa, banqueteara splendidamente todos os dias, comendo a Carne sacratissima de Christo, & bebêdo o vinho preciosissimo de seu divino sangue. E o pobre

pobre pedinte por nome Lazaro : *Erat quidam mendicus, nomine Lazarus*, que jazia á porta do Rico, doente, & chagado : *Qui jacebat ad januam ejus ulceribus plenus*, desejofo de comer as migalhas, que sobejavão, & cahião de sua rica meza : *Cupiens saturari de micis, quæ cadebant de mensa divitis*, figurava os pobres, que desejoão comungar ; mas pela pouca liberalidade dos Sacerdotes, por serem difficultosos em dar a Sagrada Comunhão á todos, mormente aos pobres, á genté humilde, & miseravel, *Nemo illi dabat* : Nenhum lha dava, *Nemo*, nem seu proprio Vigario, ou Cura, nem seu Confessor, nem outro Sacerdote : *Nemo*, nenhum lha dava, nenhum lha administrava, nenhum queria, que comungasse, nem húa vez no anno, ao menos na Pascoa ; nem húa vez na vida, ao menos na morte. Pode tambem significar aquelles homens, que por brancos, por ricos, por nobres, por fidalgos, por grandes comungão quando querem na vida, & na morte, & são tão avarentos para có os pobres, para com leus moços, & escravos, que ou não querem, que em algum tempo comunguem, ou ao menos o não procurão, tão pouco na morte : *Nemo illi dabat*.

249 Morrerão ambos, mas com diversa sorte. Porque se trocarão logo os bens : logo se mudarão os estados. O pobre pedinte foi logo levado dos Anjos ao seio de Abraham, descanso dos pobres bemaventurados, [diz a Glosa,] dos quaes he o Reyno de Deos : *Faëtum est autem, ut moreretur mendicus, & portaretur ab Angelis in sinum Abrahamæ*. Mas o rico foi logo sepultado no Inferno : *Mortuus est autem, & dives, & sepultus est in inferno* : & lá do Inferno, cercado de fogo, & de tormentos bradando : *Clamans*, pedio, mas de balde, á Abraham, que pelo mesmo Lazaro, q via glorioso no seu seio, lhe mandasse húa gota de agoa, figura da graça divina : *Pater Abraham ! Mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma*.

250 Não me admira, que lhe negasse Deos no Inferno

Ibid.n.25.

sua divina graça; porq̃ *In inferno nulla est redemptio*; mas eff-
 pantome, que lha tirasse de sua alma nesta vida, & depois
 de morto o condenasse para sêpre ao fogo eterno do Infer-
 no, por negar á hum sô pobre poucas migalhas de pão, que
 sobejavão; & cahião de sua meza, figura da Sagrada Comu-
 nhão. Senhor por hum sô pobre, que nunca comungou, a-
 inda que se salve, tirais á seu Vigario, á seu Paroco, á seu
 Cura a graça divina? Por hum sô moço, ou escravo, que
 morreo sem o Sanctissimo Viatico, com ser levado dos An-
 jos á descansar eternamente na Bemaventurança, condena-
 is á seu Amo ao Inferno? Si Porque? A resposta he do mes-
 mo Deos: *Quia recepisti bona in vita tua: & Lazarus simi-*
liter mala: nunc autem hic consolatur; tu verò cruciaris.
 Porque tu na tua vida com banquetear todos os dias na Me-
 za do Altar, com comungar á tua vontade, recebeste mui-
 tos bens espirituaes, & pelo contrario pela tua avareza, ne-
 gando injustamente ao pobre, ao escravo para sempre a Sa-
 grada Comunhão, encheste a sua alma de muitos males: re-
 zão he agora, que se troquem as sortes, que o pobre, que
 nunca comungou, seja consolado com os bens da outra vi-
 da, & tu pelos males, que lhe fizeste, sejas para sempre a-
 tormentado no Inferno: *Nunc autem hic consolatur, tu ve-*
rò cruciaris. Quantas trocas destis veremos no dia do juizo
 final. Por tanto meus Christãos não sejamos avarentos com
 ninguem, mas cada hum procure com o devido cuidado, q̃
 todos comunguem, & recebam tão grande bem em suas al-
 mas, para que não nos condene Deos ao Inferno, mas por
 sua infinita misericordia nos dé nesta vida sua divina graça,
 penhor da eterna gloria, *Quam mihi, & vobis prestare di-*
gnetur. Amen.

FINIS

ESTE

ESTE SERMAM

Se imprimio primeira vez nesta Cidade de Lisboa

Por Antonio Alvarez impressor del Rey

Por commissão

Do Illustrissimo Senhor D. Fr. Frãcisco dos Martyres

Arcebispo de Goa, Primaz da India,

Para instrução dos Parocos daquelle Estado

no anno de 1648.

Com todas as licenças necessarias.

Approvações dos R. R. Qualificadores

do Sancto Officio

L I este Sermão do Doutor Dom Antonio Ardizone Spinola, Neapolitano, que trata da Sagrada Communhão, & não tem cousa alguma contra a nossa Santa Fè Catholica, nem contra os bons costumes; mas antes tudo he em ordem ao augmento da Fè, & a conseruar o antigo costume, que tinhão os Fieis antigamente na frequencia de comungar. O que tudo trata o Autor muito doutamente com lugares da Sagrada Escriitura, Concilios geraes, & Provinciales, authoridades dos Sanctos Padres, & doutrina dos Escolasticos, assi antigos, como modernos, & me parece se deve imprimir, & que será de muito proveito impresso. S. Domingos de Lisboa 27. de Novembro de 1646.

M. Fr. Ignacio Galvão.

ESTE

Este Sermão me parece gravíssimo, & douíssimo, fundado na mais pia, & sã doutrina dos Theologos, estylo da Igreja, & resoluções dos Concilios. Nada encontra nossa sancta Fè, & bons costumes; antes he hum efficaç argumento de sua maior observancia, tomando por assumpto a saudavel frequencia da sagrada Comunhão, especialmente na Christandade da India, onde o zelo catholico do Autor D. Antonio Ardisone Spinola a deseja mais introduzida, rezões que o fazem dignissimo de se imprimir. Salvo, &c. Em S. Francisco da Cidade no 1. de Dezembro, de 1646.

M. Fr. Alexandre de Jesu.



A SAGRADA COMVNHAM
NO PERIGO DA MORTE,
VIATICO DAS ALMAS,
QUE PARTEM DESTA VIDA,
E OBRIGAC,AM DOS PAROCOS,
REYTORES, PRIORES, VIGARIOS, E CURAS
 de o levarem aos enfermos.

SERMAM III.

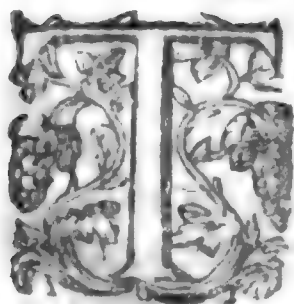
PREGOUO

NA INDIA, NA SEE PRIMICIAL DE GOA
 O M. R. P. D. ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,
 Clerigo Regular, Theatino da Divina Providencia
 no terceyro Domingo 18. de Agosto de 1647.

NAERECC,AM DA IRMANDADE
 DO SANCTISSIMO SACRAMENTO.

*Misereor super turbam,
 quia ecce jam triduo sustinent me,
 nec habent quod manducent:
 et si dimisero eos jejunos in domum suam,
 deficient in via.*
 Marc. 8. n. 2.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.



UDO he pouco o que se tributa á Deos. Tudo
 he limitado o q se dá ao Senhor no Altissimo,
 & Divino Sacramento da Eucharistia, cuja festa
 votiva celebramos na nova erecção desta muy
 nobre, & devota Irmandade, deputada para o
 servir, & levar aos enfermos, mormente no pe-

nigo da morte. Por mais festas que se lhe fação, por mais Altares, que se lhe levantem, por mais Templos, que se lhe dediquem, por grande que seja o culto, com que se venere, por admiravel a religião, por singular a piedade, & por muyto o acatamento, tudo he pouco. Desvelemse os homẽs com o mayor enyado que poderem em seu serviço, esmeremse no seu culto, empenhemse no seu ornato, despendão quanto tem em armar seus Templos, em ornar seus Altares, em dispor suas procissões, por mais que lhe offereção, tudo he limitado.

2 Se considerarmos a Eucharistia pela calidade da pessoa que enerra, & esconde debayxo dos sagrados accidentes, he o Verbo encarnado por sua grandeza immenso, por sua Sabedoria infinito, por sua Essencia divino. Que ha pois, ou pode haver de grande, que se lhe tribute, que não seja pouco, & limitado? Se o considerarmos como creador de todo o creado, tudo he seu. Nenhũa cousa lhe podemos dar, que delle a não tenhamos recebido. *Quid autem habes*, diz S. Paulo, *quod non accepisti?* Tudo pois que lhe offerecemos, tudo que lhe damos, são tornas do que delle recebemos, são dividas, que lhe pagamos; & tudo para elle he nada, se lhe não dermos a nós mesmos, que he o que só pretende, & dezeja de nós.

3 Quando se sacramentou, diz S. João, ostentou a grandeza de seu amor: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*, para que lhe correspondessemos cõ as mayores finezas. Nenhũa tão to lhe agrada como a propria entrega. Entregase elle á nós na Eucharistia. Esta mesma entrega pretende de nós. Chegase á nós, para que nos cheguemos á elle. Buscanos, para que o busquemos. Nós somos as suas delicias, quando nos chegamos á elle: & ellê he a nossa grandeza, por se chegar ellê á nós. As mayores delicias suas somos nós: *Delitia mea esse cum filijs hominum*. A mayor grandeza nossa he elle.

4 Não ha nação tão grande, diz S. Thomas, como a nossa; porque só nós temos á Deos cõ nosco: *Non est, aut fuit aliquando tam grandis natio, que habeat Deos appropinquantes sibi, sicut adest nobis Deus noster*. Todas as mais Nações tem á Deos lon-

Trad Co-
rint. 4. n.
6.

Joan. 13.
n. 1.

Proverb.
8. n. 31.

D. Th. in
offic. Fes-
ti Corp.
Chr. lect.
4. & o.
Rusc. 37.

je de sy, ou por Herejes, ou por Judcos, ou Mouros, que não confessão á Christo, ou por Gentios, que adoraõ Deoses, que não são divinos, mas Imagẽs fingidas, figuras mortas, estatuas profanas, Idolos mudos, cegos, & surdos, que não vem, nem ouvem, nem fallão, ou de ouro, ou de prata, ou de bronze, ou de ferro, ou de pedra, ou de pao, lavrados á mão pelos homens, tidos por divinos por engano do Demonio, como o pomo de Adão, que escondia a morte. *Simulacra Gentium* (diz o Psal-
mista) *argentum, & aurum, opera manuum hominum.* Não assi-
nós. Por Catholicos temos á Deos cõ nosco, tão amigo como
pay, tão amante como senhor, tão grandioso como grande,
tão benigno como soberano, tão affavel como sabio, tão uni-
do como independente, tão dadivoso como rico, tão liberal
como omnipotente, tão misericordioso como justo. Nos vé,
nos ouve, nos fala, nos ama com amor immenso, & infinito.
Buscanos, para nos acudir nas necessidades. Chegase, para
nos aliviar nos apertos. Danos a mão, para nos ajudar nos
trabalhos. Chamanos, para que nos cheguemos a elle. Se nos
comunica, para estar unido com nosco. Há pois Nação tão
grande como a nossa? *Neque enim est, au fuit aliquando tam grã-
dis natio.*

Psal. 112.
n. 2.

§ Buscou Deosa India em tempo del Rey Dom Manoel,
por se compadecer de tantos Indios gentios, para lhes commu-
nicar a fé catholica com a pregação do Evangelho. Por ver a-
gora que não comungão, que desde então se lhes não deu seu
divino paõ nem na vida nem na morte, compadecido os bus-
ca de novo, para lhes acudir, & remediar esta falta: *Misereor*
super turbam, quia ecce jam triduô sustinent me, nec habent quod
manducent: & si dimisero eos jejunos in domum suam deficient in
via. Os buscou na Quaresma passada de 645. na Igreja de Nos-
sa Senhora de Guadalupe, aonde começou distribuir á todos
seu divino paõ, para todos comungarem na Pascoa, & no
perigo da morte. Ordena hoje nesta Igreja Primazial desta
Cidade, Metropole de toda a India, esta nova, & muy nobre
Irmandade do Sanctissimo Sacramento, que ou nunca ouve
nellas.

Math. 8.
n. 2.

mal avaliado pelos homẽs, que vos condenáraõ à morte com dous Ladroẽs.

10 Compadeçaõse pois todos à imitação de Christo de rãtos Christãos desestimados por negros neste Estado, à quem nunca se leva o Viatico, morrendo como Brutos sem receberem o Senhor, nem ainda na ultima hora de sua vida: *Misereor super turbam*. Considerem, & temaõ o mal que fazem em lho negar; porque nos Parocos, & Curas he pecado mortal muy grande contra dous grandes preceytos, Divino, & Ecclesiastico, de Christo, & da Igreja Catholica, & em todos he a mayor impiedade, a mayor crueldade, & no espiritual, q̃ pertence à salvaçaõ, a mayor tirania; porque privão injustamente sem piedade, & sem cõpayxão à tão grande numero de Christãos sem conto do mayor bem da Alma, da mais segura cõpanhia para tão perigosa jornada, & da mais necessaria provisaõ. Do mayor bem da Alma; porque não ha outro igoal na morte como o Santissimo Viatico: Da mais segura companhia; porque nenhũa he tam segura como a de Christo: Da mais necessaria provisaõ; porque he seu paõ substancial, & sem elle desfalece. São os tres pontos deste Sermão. Para o primeiro ponderaremos as primeiras palavras do Thema: *Misereor super turbam*. Para o segundo: *Ecce jam triduó sustinent me, nec habent quod manducant*. Para o terceiro: *Si dimisero eos jejunos, deficient in via*. Para eu não desfalecer neste sermão, pois ando tão fraco, & doente, nem afroxar nesta empresa, necessito da graça. AVE MARIA.

PRIMEIRA PARTE.

Misereor super turbam.

11 **H**E tam grande, & soberana a festa do Sanctissimo Viatico, como antiga. Grande, & soberana, porque nelle se festeja, & venera a Pessoa de Christo Senhor nosso, Deos, & homem verdadeiro. Antiga, porque os primeyros, que o festejarão no Ceo, forão os Anjos no perigo da morte: &

40. que por occupado em restaurar o Reyno, não pôde atégora soccorrer a India. Neste triduo de tres Reys tantos milhares de milhares de Christãos, que seguiraõ sempre à Christo, nunca em nenhũ tempo cõmungaraõ. Como he possível, que não desfaleçaõ? *Deficient in via*. Como pôde deixar o Senhor de se lastimar? *Misereor super turbam*.

7 Mas no sentido espirital entende Theophilato por estes homẽs, que havia tres dias, que seguiaõ à Christo, os Christãos; porque seguem à Christo pelo Bautifmo, que recebem em nome da Sanctissima Trindade, figurada neste triduo: *Per eos, qui per triduum expectant, significat baptizatos. Baptismus enim illuminatio dicitur, & trina submersione perficitur*. Lyrano diz, que significaõ os que arrependidos de seus peccados, confessados, & absoltos, satisfazem, & cumprem conforme sua possibilidade com sua obrigaçaõ, dos quaes compadecido o Senhor, pera que não percaõ, os apaçenta com seu divino pão; porque tres saõ as partes do Sacramento da Penitencia figuradas neste triduo, Contrição, Confissãõ, & Satisfaçaõ: *Triduo Dominum sustinent, qui contriti, confessi, & satisfacientes pro suo posse, Dei bonitatem expectant, quorum miseretur, & pascit eos*. O mesmo diz Hugo Cardeal: *Triduo contritionis, confessionis, & satisfactionis*.

Theo:
phil. in
Glos. ord.
hic

Lyran. hic

Hugo
Card. ibid.

8 Valhame Deos! Quanto me lastima, & quanto sinto, quanto me corta o coração, & a alma, ver tão grande numero de Christãos bautizados sem conto, que seguem à Christo: *Triduo sustinent me*, & nunca o recebem na Eucharistia, porque ninguem lha dá: *Nec habent quod manducant*. Todos se confessaõ hũa, & muytas vezes no anno, & muyto mais no artigo da morte, arrependidos de seus peccados: todos se absolvem por seus Parocos, & Confessores: Todos satisfazem ao que deyem, cada hum conforme sua possibilidade, & com tudo não comungão todos, mas tam poucos, nõrmente por Viatico na morte, que senão pôde dizer sem lagrimas, & sem lastima: *Misereor*; porque de mil não saõ dez. Por me compadecer de tantas almas, que partem desta vida para a casa, que

omnes Catholici id é contrario affirmant. Com hum distico muy antigo o refere Argyrente no tratado *De Eucharistia*, que diz:

Rex sedet in cæna, turba cinctus duodena:

Se tenet in manibus, se cibat ipse cibus.

Argyr. V.
3. Theor.
2. n. 7.

73 Para esta Sagrada Comunhão por Viatico, por ser a Pessoa de Christo tam grande, & divina, como pelo muyto que nos amava, para que tivessimos por seu meyo o mayor bem que esperamos da eterna vida no tempo da morte, & participassemos por graça da que tem Deos por essencia, retratou na Eucharistia cõ sua infinira sabedoria: *Sciens Jesus*, & com seu immenso poder a Cõmunhão increada, eterna, & divina da Sanctissima Trindade. Desde *ab æterno* communhão todos os momentos, & comungaráo para sempre por toda a eternidade na cõmunicação *ad intra* as tres Pessoas divinas. Todas recebem continuamente hũa da outra o pão vivo, substancial, & eterno da Essencia divina, o Filho do Pay, o Spirito Sancto do Pay, & do Filho. Não o podia receber Christo como homem na mesma conformidade, como o recebem as mais Pessoas divinas, & como elle mesmo o recebe como Deos filho de Deos. Não podia sua humanidade sanctissima, cõ ser divina, unida hypostaticamente cõ o Verbo eterno, assentar-se igualmente nesta Meza; porque este bem tam grande, tam infinito, & tam immenso he essencialmente só de Deos, menos nos, que somos puros homens. Mas para que lhe não faltasse na hora da morte por participação sobrenatural, milagrosa, & divina tam grande bem, nem a nós na vida, & na morte (não necessitando elle como nós de pão da vida, para alcançar, & se assegurar da eterna, por ser elle a mesma vida: *Ego sum via, & veritas, & vita*, & ser juntamente o pão vivo da Sanctissima Trindade; *Ego sum panis vivus, qui de Cælo descendit*) o retratou, epilogoou, & cifrou no Sacramento da Eucharistia, instituindo na hora de sua morte o Sanctissimo Viatico, com tanta perfeição, que nelle temos por graça, & por participação, todas as vezes que comungamos, hum epilogo do que tem por essencia as tres Pessoas divinas, & hum pe-

Joan. 13.
n. 1.

Joan. 14.
n. 6.
Joan. 6.
n. 41.

Hhh

nhor

nhor muy certo, & seguro da immortalidade, que' logrão os Bemaventurados no Ceo. Ha bem que se iguale com este? Deste bem tão grande, que não tem parelha, privão os Parocos sem piedade aos Christãos deste Estado, á quem negão na vida a Sagrada Comunhão, & o Viatico na morte.

Petr. Cel.
lib. 1. de
panib.
cap. 1.

14 O grande Abbade Cellense com agudeza admiravel, & com luz muy superior, poz os olhos no mysterio da Sanctissima Trindade, & nella enxergou humã divina mesa, humbã-quere grandioso, & hum jantar soberano, & eterno de pão, & vinho, não cômum para todos, mas singular, & divino só para as tres Pessoas divinas. *Mensa illa Trinitatis* (diz Cellense) *suos panes habet absconditos, vinum semper novum, fercula æterna, & beata. Ministeriale alicujus creature non admittit, neque Cherubim, neque Seraphim. Sibi invicem ministrant; Pater Filio; Filius Patri, Pater, & Filius Spiritui Sancto, Spiritus Sanctus Patri, & Filio: Pater Filio generationem, Filius Patri, nativitatem, Spiritus Sanctus Patri, & Filio processionem.* Misteriosa mesa, tão soberana como divina, tão grandiosa como immensa, tão admiravel, como incomprehsivel, tão rica, como aparatosa, tão magnifica como abundante, tão florida, & tão cheia de bonitas como provida de bês eternos, tam resplandecente como lufida, sem principio por increada, sem fim por eterna, apparelhada pelo Eterno Padre, afermoscada por seu divino Filho, enriquecida pelo Spirito Sancto.

15 Mesa, em que se assenta a Sanctissima Trindade, o Padre com seu immenso poder, o Filho com sua infinita sabedoria, o Spirito Sancto com seu divino, & ardente amor. *Mensa illa Trinitatis.*

16 Mesa, em que o pão he a essencia divina, patête á Deos, revelado aos Anjos, descoberto aos Bemaventurados, prometido aos justos, encerrado *per concomitantiam* no Sacramento da Eucharistia, exposto no Altar, mas encuberto, & escôddido aos homens debaixo das especies sacramentaes: *Suos panes habet absconditos.*

17 Mesa, em que o vinho he a divindade, immenso por infinito,

infinito , incorruptivel por eterno , precioso por divino , incomparavel por increado , suave por limpo , cheiroso por sem mistura , delicado por simples . Sempre se administra , & nunca falta . Sempre se bebe , & nunca se diminue . Sempre se dá , & he sempre o mesmo , sem principio , & sem fim . Sempre se conserva , & nunca envelhece . Nunca acaba , & he sempre novo: *Vinum semper novum.*

18 Mefa, em que as iguarias são hũa só substancia sem accidentes, hũa essencia sem composto, hũa entidade sem divisaõ, existente sem principio, duravel sem tempo, eterna sem fim, immudavel sem defeito, simples, & immensa, indivisa, & infinita, incomprehensivel, & clara, bemaventurada, & eterna: *Fercula aeterna, & beata.*

19 Mefa, em que Deos banquetea, hum na essencia, trino nas Pessoas. Hum em tres, & tres em hum. Hum só se assenta nella, hum Deos, mas não he unico. He hũ, & não he singular. He hum, & não he solitario. He hum só, & acompanhado. He hum sem distincção. São tres sem divisaõ. He hum identificado com tres. São tres que representam só hum. He hum, que se communica à tres. São tres que senão communicão à outrem. He hum que nesta divina-mesa admite só tres. São tres que não admittem à ninguem: *Mysteriale alicujus creatura non admittit, neque Cherubim, neque Seraphim.*

20 Mefa, em que as pessoas divinas são os convidados, & o convite, os Hospedes, & os manjares, as igoarias, & a mesa. Os que nella se assentão, repartem entre sy a comida, mas não a partem. Todos a dão, & ninguem a deixa. A administração, & não a largão. São os Ministros, & os administrados: *Sibi invicem ministrant.*

21 Mefa, em que o Eterno Padre tem o primeyro assento sem precedencia: O Filho tem o segundo sem dependencia: O Spirito Sancto tem o terceyro sem sojeyção. Em que o Eterno Padre senão assenta primeyro que seu divino Filho, com ser primeyro na origem: Nem o Filho depois de seu Pay, com

fer segundo: Nem o Spirito Sancto depois do Pay, & do Filho, sendo terceiro. Em que o Pay he primeyro como principio: O Filho segundo gérado do Pay, mas não principiado: O Spirito Sancto he terceiro, spirado por amor do Pay, & do Filho, mas não gérado: *Todos ab eterno*, & nenhum em tempo: Todos juntos, & nenhum sem os outros. Em que as flores, & boninas, que a fazem fermosa, & a rendem vistosa, admiravel, & incomprehensivel, grandiosa, & divina, são as proceffoës, as geraçoens, as spiraçoens, as personalidades, as hypoteraes, as subsistencias, as relações, as noçoës, as emanaçoës, as producçoës, as origens, as perfeççoës, os attributos. Estas são as flores desta divina mesa, incorruptiveis, & incomprehensiveis, infinitas, & immensas, increadas, & eternas, indivisas, & distinctas. Sempre naceem, & nunca crecem: sempre vivas, & nunca murchas: sempre viçosas, & sem cultura: sempre se dão, & nunca faltão: sempre se cõmunicação, & são sempre as mesmas. O Eterno Padre as cõmunica á seu Filho: O Filho á seu Pay: O Pay, & o Filho ao Spirito Sancto: O Spirito Sancto ao Pay, & ao Filho: *Pater Filio, Filius Patri, Pater, & Filius Spiritui Sancto, Spiritus Sanctus Patri, & Filio.*

22 Mesa finalmente sagrada, em que comungão as tres Pessoas divinas na communicação eterna do pão immenso da Essencia divina, & do vinho precioso da Divindade. As mesmas Pessoas são os Sacerdotes eternos, que o consagraõ ao divino, & que o administraõ: São os que o dão, & os que o recebem: os que o communicão, & os que comungão. O pão he hum, & se administra por tres. Dase enteyro, & não partido: todo á todos, & todo á cada hum. O vinho he sem medida, infinito, & immenso. Todos o bebem na communicação eterna, & todo se bebe. Sempre o recebem, & nunca falta: sempre o bebem, & nunca acaba: sempre o administraõ, & sempre se conserva: O Pay o communicã á seu Filho na geração: o Filho ao Pay no nascimento por relação: o Pay, & o Filho ao Spirito Sancto por amor: o Spirito Sãcto ao Pay, & ao Filho por processão: *Pater Filio* (diz Cellense) *generationem: Filius Patri natiuitatem:*

sivitatem: Spiritus Sanctus Patri, & Filio processionem.

23 Oh soberana, ó divina mesa ! Oh communhão inefabil, incomprehensivel, increada, immensa, bemaventurada, & eterna, que só Deos pode cōprender, só Deos revelar, só Deos descobrir ; *Mensa illa Trinitatis*. He pois antigo o Sanctissimo Viatico quanto á divindade que esconde. He desde a eternidade sem principio , festejado *ad intra* pelas tres Pessoas divinas com festas eternas de bemaventuranças , que essencialmēte logrão na communicacão beata , & eterna da Essencia divina.

24 He tambem antigo quanto á substancia do corpo , & sangue de Christo Senhor nosso , & ainda quanto a formalidade de Viatico ; porque foy instituydo , & festejado por elle na hora de sua morte na festa do Cordeyro Pascoal , que naquelle tempo era muy grande entre os Hebreos. Para essa hora guardou o Senhor a instituyção da Eucharistia ; porque a ordenou , não só para augmento da graça , & mantimento da alma ; mas para Viatico dos que partem desta vida. Nella debuxou toda a mesa, da Sanctissima Trindade, para que ainda na terra lograssemos os bens do Ceo. Não só a encerrou *per concomitantiam* debayxo dos sagrados accidentes ; mas a retratou na transubstanciação da substancia do pão em seu sagrado corpo, pera que por todos os titulos fossem as festas da Eucharistia as mais celebradas, & do Viatico as mais proveitosas.

25 Vejamos o modo. Quando Christo na noite de sua sagrada paixão quiz instituir o Viatico da alma , q̄ parte desta vida, diz S. Paulo, q̄ tomou o pão em suas divinas mãos: *In qua nocte tradebatur accepit panem* ; & conforme a traducção , & glosa da Igreja catholica no Canone da Missa, levantou os olhos para o Ceo: *& elevatis oculis in cælū ad Deum Patrē suū omnipotentem*, quasi Pintor divino, que olhou para o original, para a mesa da Sanctissima Trindade, & della tirou hũa copia no pão, tanto ao natural, & com tanta perfeição, que a sagrada mesa do Altar he hum debuxo, & pintura da mesa incomprehensivel da tres Pessoas divinas.

1. ad Cor.
rinth. II.
n. 23.

In Canon.
Missa

26 Là na mesa da Sanctíssima Trindade as mesmas Pessoas são os convidados, & o convite: Cà também na mesa do Altar he Christo Senhor nosso, diz S. Hieronimo, o convidado, & o convite: *Ipse conviva, & convivium.*

Hiero-
nym. e-
pist. 115.

D.Th.in
Missa
Fest.
Corp.
Christ.

27 Là a communicacão *ad intra* he escondida: *suos panes habet absconditos*; & escondidas são também as delicias daquelle eterna, & divina mesa: Cà a transubstanciação do pão no corpo de Christo he também escondida, & invisível: & escondidas, diz S. Thomas, são todas as suas delicias: *Latent res eximia.*

Joan. 14.
n. 9.

28 Là as hypostases são consubstanciaes; porq̃ a mesma substância do Padre he no Filho: & a mesma do Padre, & do Filho he no Spirito Sãcto: *Qui videt me, videt & Patrem*: Cà a Eucharistia he cōsubstancial à Christo; porq̃ a mesma substância de tão alto Sacramêto he a substância de Christo: *Ego sum panis vivus.*

Joan. 6.
n. 51.

Joan. 1.
n. 1.

Psal. 2. n.
7.

Augst.

Matth.

26. n. 26.

Ambros.

29 Là o Eterno Padre com sua divina palavra produs, & gera à seu divino Filho, Eterno Verbo de seu fecundo entendimento: *Verbum erat apud Deum, & Deus erat Verbum*, & o està sempre gerando: *Dominus dixit ad me: Filius meus es tu, ego hodiè genui te.* Cà Christo não só produs o Sacramento da Eucharistia com sua divina palavra: *Accedit verbum ad alimentum* (diz S. Augustinho) & fit *Sacramentum*. Só com dizer: *Hoc est corpus meum*, no mesmo instante logo se produs; mas gera continuamente à tantos filhos por graça, (diz S. Ambrosio) quantos são os que dignamente comungão: *Quotidie cōmunicemus, ut quotidie possimus audire: Filius meus es tu, ego hodiè genui te.*

Symbol.
S. Athan.

Matth.

26. n. 26.

30 Là o Eterno Padre communica à seu divino Filho toda a sua divina substância: & a mesma communicacão ambos ao Spirito Sãcto: *Filius à Patre solo est* (diz o Simbolo da Fè) *Spiritus Sanctus à Patre, & Filio*: Cà nos communica Christo toda a sua humana substância, & por concomitancia a divina: *Accipite, & comedite.*

31 Là o Eterno Padre està em seu divino Filho, & seu divino Filho em seu Eterno Padre por Essencia: *Ego in Patre,*

&

Et Pater in me est: Cã sacramentalmente, & por graça ellã em Christo quem comunga, & Christo nelle: In me manet: Et ego in illo.

Joan. 14.
n. 10.

Joan. 6.
n. 57.

Symb.
Apost.

Marc. 16.

n. 19.
Act. 1. n.
9.

32 Lã o Verbo Eterno sem deyxar, nem se levantar da mesa divina de seu Eterno Padre, partio do Ceo para a terra na Encarnaçõ: *Descendit de cœlis, & incarnatus est: Cã sem deyxar a mesa sagrada do Altar, partio da terra para o Ceo na sua gloriosa Ascençãõ: Assumptus est in calum. Et nubes suscepit eum.*

33 Lã finalmente huma mesma substancia divina estã em tres Pessoas divinas, no Padre, no Filho, & no Spirito Sancto: Cã em huma mesma Pessoa divina do encarnado Verbo estã tres substâncias divinas, o Corpo, a Alma, & a Divindade.

34 Oh divino Pintor, ó amantissimo Deos, que para nos enriquecer dos bens eternos, transubstanciastes o pão no vosso sacratissimo corpo, pintando, & retratando nelle a mesa eterna, & divina da Sãctissima Trindade. Oh soberano, & misericordioso Senhor, que compadecido de nós: *Misereor super turbam*, para que não desfalecessemos na jornada tão larga, & tão perigosa para o outro Mundo, nos destes por Viatico o mayor pão do Ceo, o melhor pão da Terra: Do Ceo o pão escondido da Essencia divina: *suos panes habet absconditos*; da Terra o vosso sacratissimo corpo: *Hoc est corpus meum.*

35 O que me admira he recebe-lo elle primeyro, antes que nolo desse á nos: comungar, elle por Viatico na hora de sua morte. Qual seria a rezãõ? Duas apontarey a meu ver muy grandes. A primeyra, para se unir com Deos com novo vinculo de união. A alma de Christo estava unida hypostaticamente com o Verbo divino, mas não sacramentalmente. A união sacramental por meyo da Eucharistia he huma particular união, que inventou seu divino amor, pela qual extendeo Christo a Encarnação do Eterno Verbo. Uniose o Verbo por amor com a humanidade de Christo na Encarnação. Para se unir com todos os homens, inventou seu infinito, & immenso amor outra união, diz o Padre Ghislerio, semelhante à hypostatica

Ghyssler.
in cant.
cap. 2. v.
4. expof.
3.

tatica por meyo da Euchariftia, pela qual fe unio com todos os homens: *Extensus quippè quodammodò est in hoc dono* (à saber na Euchariftia) *amor ille, qui in Incarnatione fuerat ostensus infinitus. Unde egregiè quidam Sacramentum istud extentionem appellant ipsius Incarnationis. Eum enim aut deceret, ut eodem modo corporibus, & animabus singulorum Fidelium uniretur, quomodo in Incarnatione Divinum Verbum hypostaticè unitum est corpori, ac anima Christi Domini. Invenit Divinus amor unionem alteram illi maximè similem, per quam singulis uniretur hominibus, & unio illa hypostatica extenderetur quodammodò ad omnes pariter, & singulos. Hocque effecit illa ipsa, quam semel sibi univit, humanitate, conglutinando, & adjungendo ei singulos communicantes in hoc Sacramento.* Largas palavras; porém muy necessarias para o assumpto.

36 Este bem tão grande, tão soberano, & tão divino, que não tem igoal nesta vida: Este dom tão singular de se unir o Eterno Verbo sacramentalmente com todos os homẽs na Sagrada Comunhão da Euchariftia, assi como estava unido hypostaticamente só com a humanidade de Christo, quiz o Senhor ser o primeyro à participar. Na hora de sua morte comungou primeyro que todos. Recebeo seu sagrado Corpo debayxo dos accidentes do paõ, & seu preciosissimo sangue debayxo dos accidentes do vinho, antes de o administrar aos Apostolos. A Alma de Christo pela união physica natural estava unida com seu sagrado Corpo: A alma, o corpo, & o sangue estavam unidos hypostaticamente com a hypostase do Verbo, mas não sacramentalmente pela união sacramental, pela qual na sagrada Comunhão està Christo unido com nosco, & nós com elle: *In me manet, & ego in illo.* Com esta união unese a alma de quem comunga com o corpo de Christo, & per concomitantiam com a divindade do Verbo. Para a alma de Christo participar de hum bem tão grande de se unir com novo vinculo com o Verbo divino, & ter primeyro que todos antes de morrer tão amorosa união, institue a Euchariftia, & he primeiro á comungar. Primeiro a recebe, & depois a com-

Joan. 6.
n. 57.

cõmunica: primeiro a toma , & depois a dá: primeiro se une sacramentalmente com o Verbo divino, com quem estava hypostaticamente unido , & depois a administra aos Apostolos: *se tenet in manibus, se cibatur ipse cibus.*

37 Oh soberana uniaõ, com que o corpo de Christo natural se unio sacramentalmente com seu mesmo corpo mystico sacramentado: a Alma com sua Alma, o Corpo, & a Alma com sua Divindade. Este bem logrão todos os Christãos quando comungão. Deste mesmo bem são para sempre privados os que nunca o recebem. Ha mayor mal que ser privado para sempre do mayor bem? Por ver Christo quanto a allegoria, & ainda quanto ao mysterio, que só as turbas o não logrão, que só na India se nega aos humildes, se lastima delles, & compadecido diz: *Misereor super turbam*: Tenho lastima, tenho compayxão de huma turba tão grande de gente, de hum numero tão innumeravel de Christãos, que nunca comungaraõ, nem comungão.

38 A outra rezão, porque Christo recebeu seu divino corpo, & sangue sacramentado na hora de sua morte, foy para comungar por Viatico, não por necessidade, mas para nosso ensino, para que à sua imitação o mesmo fizessemos nós no artigo da morte. Se elle Monarcha do Empyreo, Principe da gloria, Senhor dos Anjos, Terror do Inferno, impeccavel por Effencia em quanto Deos, & por graça em quanto homem, sabendo ser chegada a hora de sua morte: *Sciens Iesus, quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*, não quiz morrer sem comungar, mas só para esta hora guardou a instituição de tão alto Sacramento, para o receber por Viatico, unindose consigo mesmo sacramentado antes de morrer: Nós miseraveis, nós pecadores, nós incertos da nossa salvação, acometidos na morte das tentações do Demonio, Mundo, & Carne, & ao espirar da alma dos mesmos Demonios, que como Leões infernaes a esperão para a tragar, como advertio S. Vicente Ferreyra, para que ninguém deyxasse de comungar por Viatico: *Magnam difficultatem habet anima in exitu è corpore,*

Joan. 13.
n. 1.

S. Vinc.
cér. Fer.
in Oct.
Corp.
Dom.

pore, ubi veniunt Dæmones eam expectantes; propter quod datur communio infirmis, & datur Viaticum; nam tunc Dæmones, sentientes Christi præsentiam, fugiunt: senão comugarmos, quam grande he o risco que corremos de nos perdermos. Sem este manjar tão soberano, sem este Viatico tão proveytofo, sem esta guia tão segura, quam grandes serão os nossos apertos com tantos, & tão feros inimigos, quam difficultosas as vitorias cōtra as tentações, que traz consigo o temor da morte, o horror do Inferno, os assaltos do Demonio, a fraqueza do espirito, a lembrança da mã vida passada, a conta tão estreita, & rigurosa, que havemos de dar à Deos de nossas culpas, & pecados sem vermos como cegos, nem sabermos como ignorantes o caminho para o Ceo, que sem guia não podemos atinar? Oh misérias dignas de lastima! Oh apertos dignos de lagrimas! Tão grandes são, que obrigarão à Christo nosso bem à se lastimar de seu povo, que o seguia, à se compadecer, & à ter dó delle: *Misereor super turbam.*

39. Chegou esta compayxão de Christo á tal estremo, pelo muyto que perdem as almas, que partem desta vida sem o Sanctissimo Viatico, que no Horto de pena, & sentimento entrou o Senhor em agonia de morte, & suou sangue. Senão tivera padrinho, me não atrevera ao pregar. Tres cousas referem os Evangelistas, em particular S. Lucas, de Christo no Horto. A primeyra a oração tão profunda, tão dilatada, & n. 42. 43. tão repetida: *Pater, si vis, transfer calicem istum à me.* A segunda a agonia que logo teve: *Et factus in agonia prolixius orabat.* A terceyra o suor de sangue, que com tanta copia derramou agonizado, que correu em fio até o chaõ: *Et factus est sudor ejus, sicut gutta sanguinis decurrentis in terram.*

40. Não me admira menos, que Christo agonizasse no Horto, do que me espanta, que suasse sangue. Todos affirmão, que foy agonia da morte, mas não todos declarão, se foy da morte propria, ou de alhea, mas passaõ quasi todos este ponto cō filêcio. Que não fosse de sua morte, he evidênte; porq̃ entrou Christo no Horto fazer oração são, & valête: & tambem são, &

& valente fahio delle; tão valente, que foy aprefado encontrar à Judas, que com huma turba grande de Soldados vinha, para o entregar aos Judeos: *Surgite camus: Ecce appropinquavit, qui me tradet.* A agonia de fua morte teve Chriſto na Cruz, aonde acabou a vida. Mas no Horto orando à ſeu Eterno Padre, que agonia foy a que teve tão grande, & tão mortal, que affiado, & affiſto, apertado o coração da pena que padecia, abrindoſelhe os poros de ſeu corpo, arrebetando as veas, derramou tão grande copia de fangue.

41 Para declarar eſte myſterio, me he neceſſario recorrer á outro. Mais padeceo Chriſto Senhor noſſo mentalmente na ſua Sagrada Payção, do que foraõ os martyrios de ſeu ſagrado corpo. As dores mentaes, os tormentos, as penas de ſeu amante coração, & de ſua alma ſanctiſſima forão muyto mayores, que as corporaes. Oito entre outras, revelou o Senhor ao Veneravel Padre Scupoli, ſanctiſſimo Varaõ da minha ſagrada Religiaõ, que andão imprefſas no fim de ſeu livro tão celebrado do Combate ſpiritual, donde S. Francisco de Sales Biſpo de Genebra, como refere ſua vida, aprendeo à ſer ſancto. Muytas relatão outros Sanctos, humas por revelação divina, outras por argumentos, & rezoës, que as rendem não ſó provaveis, mas certas.

42 Pelo immenſo, & infinito amor, com que Chriſto amava à ſeu Eterno Padre, quaſi immenſa, & infinita foy a pena, & a dor das offenças, q̃ ſe lhe fazião, tendo por cada offença mortal, deſde o peccado de Adão atè os ultimos que cometerem os homẽs no fim do mundo, huma dor quaſi infinita no interior de ſua alma, q̃ ſenão pode cõprẽder: *Tantũ in anima ſua dolebat, quot & quãta erãt mortales culpa*, diz S. Bernardino. Pelo grande, & exceſſivo amor, q̃ tinha à ſua Mãe ſanctiſſima, ſentio em ſy a amargura quaſi immenſa das penas, em q̃ a vio ao pè da Cruz. Pela ingratidão dos homẽs, que lhe não havião de correfponder como devẽ pelo beneficio tão grande da redenção, ſentio igoaõ à ingratidão, muy grãde pena, q̃ lhe affligio a alma, & o coração. Pelo muyto q̃ amava à ſeu povo Hebreo,

Matthi.
26. n. 45.

Lourenç.
Scup. cõ-
bat. ſpirit.

D. Ber-
nardin.
tom. 2.
Ser. 56.
art. 1. c. 1.
& art. 2.
cap. 3.

Luc. 23. por quem rogou na Cruz à seu Eterno Padre: *Pater dimitte*
n. 34. *illis: non enim sciunt quid faciunt*; vendoo reprovado por seu
 pecado, & pela obstinação de senão haver de converter à pe-
 nitencia, senão pode encarecer a dor, & a pena grande, q̃ sen-
 tia. Não foy pequena a que padeceo, por ver à Judas Aposto-
 lo seu, que muyto amava, impenitente, & por desesperação,
 enforcado em huma arvore, precipitar no Inferno. Pelos Gē-
 tios, pelos Mouros, pelos Herejes, pelos Scismaticos, & pelos
 mãos Christãos, que senão havião de aproveitar de sua sagra-
 da Payxão, & morte, & dos merecimentos de seu sangue, pa-
 deceo outra pena particular, dor, & sentimento quasi infinito,
 igual ao numero quasi immenso de almas, que se havião de
 perder. Por hum modo oculto, & inexplicavel, diz S. Lourẽ-
 ço Justiniano, padeceo todas as penas, dores, & tormentos
 dos Justos, & dos Martyres, que havião de dar a vida por seu
 amor: *Modo quodam indicibili in singulis singula martyrum, ce-*
B. Lau- *terorumque justorum sustinebat tormenta.* Das almas todas do
rent. Jus- *Purgatorio* (dizem outros) quiz seu Eterno Padre, que pade-
tinian. de *cesse* mentalmente as penas; & o que he mais para espantar,
Agon. c. *diz S. Bernardino, que tanta, & tão grande foy a dor, & pena*
19. *mental, que padeceo por todos os reprobos, que eternamen-*
te havião de penar no inferno, quantos são os tormentos, que
havião padeceer: Tantum in mente doluit pro aternaliter cruci-
D. Ber- *andis, quantum erant tormenta., quibus erant aternaliter cruci-*
nardin. *andi.* Deixo as mais penas, que relataõ os Sanctos & o P. Scu-
tom. 2. *poli, por serem muytas, & tão grandes, que senão podem ex-*
Ser. 49. *plicar. Tratarei só da que padeceo na agonia do Horro. Que*
art. 4. c. 2. *agonia foy esta, que teve o Senhor tão apertada, que chegou*
à suar sangue? Que pena, que ansia, que dor, que sentimento?
 43. Diz S. Gregorio Papa, que não foy de sua morte, mas
 da nossa. Padeceo, & sentio em sy a agonia da morte de nos-
 todos: *Appropinquante enim morte, nostra mortis in se certamen*
D. Greg. *expressit, qui vim quandam terroris, atque formidinis patimur,*
apud S. *cum per solutionem carnis aeterno Iudici propinquamus.* Mas se
Tho. in *nenhum de nos sua sangue quando morre, como Christo, pa-*
Caten. *decendo.*
cap. 22.
Luc. hic.

decendo os tormentos, & as ansias mortaes da nossa agonia, sua sangue? Os que morrem com todos os Sacramentos, arrependidos de seus pecados, não sentem muyto a morte, porq̃ tem mais certa a salvação. Os que acabaõ sem o Sanctissimo Viatico, se virem a afflicção da alma, o perigo de se perder, os assaltos tão repetidos, & medonhos, com que a acometem os Demonios, suarão sangue de pavor. Estava Christo no Horto cuidando na sua morte, & por se compadecer da nossa, & para nosso alivio, tomou sobre sy a agonia de todos. Quiz padecer ainda por nosso amor esta pena mental, este tormento. Porém dos que morrem sem o Sanctissimo Viatico foy tanta a pena, & o sentimento, tal o horror, & o espanto, que por repetidas vezes rogou à seu Eterno Padre, que o Calis do Divino Sacramento, que pouco antes bebera na derradeyra Ceia, o Viatico que tomara no Cenaculo, não por necessidade, mas para exemplo nosso, o passasse delle aos Christãos na hora da sua morte: *Pater, si vis, transfer calicem istum à me.* Não diz *Aufer*, mas *Transfer*: Traspassaio de mim aos meus. Não permitaes, que morrão tantos Christãos sem o Viatico da alma, q̃ por amor delles instituy; & por ver, que por justos juyzos divinos, que não podemos comprehender, quasi infinito numero de Christãos acabarião a vida sem o receberẽ, entrou em ansias mortaes, sentindo em sy a agonia delles com tanta pena, dor, & apertõ de seu amante coração, & com tanta lastima, & compaixão, que de peria agonizado suou sangue: *Factus in agonia, prolixius orabat. Et factus est sudor ejus, sicut gutta sanguinis decurrentis in terram.*

Luc. 22.
n. 43.

44 Não he minha esta exposição. He de Argyrense Doutor Theologo da Sagrada Religião Serafica, no tratado de *Augustissimo Eucharistia Sacramento*, tão douto, como devoto. Refiro suas palavras, que ouveraõ os Parocos na India trazer escritas sempre consigo, para nunea se esquecerem desta sua obrigação tão grande, & tão precisa. Diz assi falando com Christo: *Transfer, dixisti, calicem istum à me. Transfer scilicet ad meos, transfer ad Christicolas morituros, quibus opus*

Argyrés.
de Euchar. 9.
4. Theor.
1. n. 16.

est, in quorum robur, & auxilium institutus est. Nec immeritò Domine, Transfer, non Aufer, dixisti, quasi non in illo, sed in alio agone, illius indigentiam habiturus. Non enim semel te defunctum existimo, sed quoties membra tua, electi scilicet tui torquentur, & moriuntur, toties ipse cōtorqueris, & commoreris. Hà cousa mais clara? Hà sentido mais appropriado? Traspassai (diz Christo) traspassai meu Eterno Padre este calis de mim para os meus Christãos, quando ouverem de morrer, que por ver, q̃ à muytos hade faltar tão grande bem no mayor aperto, & na mayor necessidade, he tanta a minha afflicção, & tão grande a pena, que já padeço a agonia da morte, que elles haõ de ter muy apertada por essa falta, & por todos ansiado suo sangue: *Transfer calicem istum à me ad Christicolas morituros.* Deste mesmo parecer he S. Cesario, à quem segue Ponferradiense, que tras suas proprias palavras, & interpretando seu sentido diz: *Pater, si possibile est, transeat à me calix iste. Etenim paulò ante sanguinis sui pretiosi calicem cum effecisset, confertissimosque hostes appropinquare jam cerneret, & tenebrarum potestatem cum illis, nullo ipse egēs munimine, id postulat transferri ad suos, quo possint manus evadere hostiles.* Suou pois Christo sangue no Horto de pena, de ver que muytos haviaõ de partir desta vida sem o Santissimo Viatico, de que tanto necessitão.

45 Entre tantas penas, & ansias mortaes, que Christo padezia, lastimandose de tantos Christãos Indios, que nunca commungão, nem na morte por Viatico: *Misereor super turbam,* só huma consolação teve, hũ só alivio no Horto, muyto para notar, com que concludo a primeira parte deste Sermão. Lhe apparecco (diz S. Lucas) hum Anjo do Ceo, que o consolou: *Apparuit autem illi Angelus de celo, confortans eum;* & por tradição antiga, desde o tempo dos Apostolos, donde manou, levava hum calis na mão. Que diria este Anjo à Christo? Com que palavras consolaria à seu Senhor? O Evangelista não o diz, nem os Sagrados Interpretes o declaraõ. Que necessitasse o Senhor de consolação, não tem duvida, porque a desconso- lação era muy grande. Tão grande que o pôz em agonia de morte:

D. Cæ-
sar. Dia-
log. 4.
Ponfer-
rad. in
Eu. Hist.
lib. 3. c. 8.
§. 30.

Luc. 22.
n. 43.

morte: *Factus in agonia*. Porém, que bastasse a consolação de hum Anjo, sendo Christo Principe dos Anjos, & seu soberano Senhor, he toda a duvida deste passo. Os servos mal podem consolar à seus Senhores no que não podem remedear, se os virem affligidos. Só o Eterno Padre podia consolar á Christo, porque só elle podia remedear o motivo de sua pena, & a causa de sua agonia; & só à elle recorre o Senhor para o remedio: *Pater, sive, transfer calicem istum à me*. Mas o Anjo que figura fazia, para consolar á hum Deos affligido, à hum Senhor desmayado, à hum Pastor soberano, que por amor de suas ovelhas, que via, que haviaõ de morrer sem o Sanctissimo Viatico, tomando sobre sy sua morte, afflicto, ansiado, & agonizado, recorria à seu Eterno Padre para o remedio com repetidas orações, & instâncias, & de pena apertado no coração, suava sangue? *Factus est sudor ejus, sicut gutta sanguinis decurrentis in terram.*

Luc . 22.
n. 44.

46. Para o que Christo necessitava muy grande figura fez nesta occasião o Anjo. Todos os Sacerdotes pela dignidade que tem, & pelas obrigações de seu officio são na terra Anjos de Deos, destinados para seu divino serviço. Com este nome os apelida a Sagrada Escriitura, os honraõ os Sanctos Padres, os nomeão os sagrados Doutores, & os venera a Igreja Catholica. Cheos são os livros de authoridades, que o affirmão, & de revelações, que o confirmão, à que me remeto. O que Christo sentia no Horto, que o pôz em extrema agonia com suores mortaes de sangue, era a representação, q̃ tinha vivamente presente, de haver de morrer quasi infinito numero de Christãos sem o Sanctissimo Viatico, huns por descuido, outros por se lhes apressar a morte, outros por outras cousas. E neste Estado tão dilatado da India, quasi todos por abuso mal introduzido desde que se plantou nelle a Fè Catholica, & por descuido, & preguiça dos Parocos, que por ser a falta muyto mayor, & tão geral, sentiria Christo mais que as outras. A consolação, que podia ter, era o remedio que pedia. Compadecido seu Eterno Padre lhe mandou hum Anjo do Ceo estrangeiro na terra com hum

hum calis na mão, que representava o Calis, que o Senhor de-
zejava, que passasse à seus Christãos por Viatico na morte: *Pa-
ter, fivis, transfer calicem istum à me. Transfer ad meos. Trans-
fer ad Christicolas morituros*, mostrandolhe com esta figura,
para sua consolação, que por hum Sacerdote estrangeiro se ha-
via de remedear na India esta falta; & na Igreja universal dila-
tada por todo o mundo, pelos mais Sacerdotes Parocos, & Cu-
ras, Anjos de Deos na terra, se havia de levar no artigo da mor-
te aos mais Christãos: *Apparuit illi Angelus de caelo confortans
eum.*

47 Oh Parocos, ò Curas, ó Sacerdotes, Anjos de Deos
na terra, destinados pera levar, & administrar o Sanctissimo
aos enfermos, se o Senhor se compadece da turba tão grande
dos Christãos deste Estado, que morrem sem o Sanctissimo
Viatico: *Misereor super turbam*, compadeceivos vós, não só
delles, mas do mesmo Senhor. Consideraio no Horto triste, &
affligido, lastimado, agonizado, cõ ansias mortaes, suando san-
gue de pena, de dor, & de sentimento poa tão grande falta, com
evidente perigo de se perderem muytas almas, que para as sal-
var, quiz morrer na dura Cruz. Na vossa vontade está a con-
solação deste Divino Senhor, que vos tem feito Pastores de
suas Ovelhas. Não quer outra nesta agonia, que a vossa vigi-
lancia. Que vigieis seus rebanhos cõ tam grande cuidado,
que nenhũa ovelha sua acabe a vida sem este bem tam grande
do Sanctissimo Viatico. Nellas vive, se se salvarem. Nellas
morre, se se perderem. Nellas agoniza, se lhes faltar este sacra-
mento. Nellas respira, se o receberem. Nellas sua sangue, pelo
muyto que padecem, & perdem as almas, se não comungarem
por Viatico: E nellas acha toda a consolação, se lho adiminis-
trardes: Deveisinho pelo preceito divino, que o manda dar a
todos os Christãos brancos, & negros. Deveisinho pela obri-
gação de vosso officio, que he apacentar vossas ovelhas, não só
na vida mas muyto mais na morte, em que o perigo he mayor.
Deveisinho finalmente por compaixão, imitando á Christo, que
se compadece dellas: *Misereor super turbam.*

SEGUNDA PARTE

*Ecce jam triduo sustinent me,
& non habent quod manducent.*

48 **N**A M fô dos homens, mas ainda dos Anjos no Ceo, depois de sua creação, se verificação as palavras desta segunda parte do Thema: *Ecce jam triduo sustinent me, & non habent quod manducent.* Leteralmente este triduo foraõ tres dias naturais, acudindo o Senhor com o paõ, que no terceyro dia administrou á todos que o seguiaõ, figura do Sanctissimo Viatico, para que não perecessem no caminho. Porém no sentido allegorico por acomodação, significa os tres instantes Angelicos, em que os Anjos não forão comprehensores, mas viadores. No terceyro instante os que comungaraõ por Viatico ao modo Angelico, totalmente diverso do nosso modo humano, se salvarão, & foraõ para a bemaveturança: & os q o não quiserão receber, se perderão, & cahirão, como diz Isaias, no Inferno: *Quomodo cecidisti de caelo Lucifer, qui manè orie-* Isai. 14.
baris. n. 12.

49 Variamente contão os Theologos os instantes Angelicos, que precederaõ, antes da bemaventurança dos bons, & da perdição dos maos. Por ser a materia mais escholastica, que predicativa, direi brevemente o que me parece mais provavel, para provarmos a segunda parte do Assumpto: Que quem não comungar por Viatico, perde a mayor, & mais segura companhia para o Ceo.

50 He sentença comua, que todos os Anjos foraõ creados em graça; & a rezaõ o mostra; porque se foy creado em graça o homem, com mayor rezão convinha, que creasse Deos em graça aos Anjos, cuja natureza he mais levantada, & mayor, por serem puros espiritos, sem ter nada de corporeo. No mesmo instante da criação, diz S. Thomas, que todos, assi os bons, como os maos, elegeraõ hũ acto meritorio da vida eter-

D. Tho- na, mas não a conseguirão por então, esperando Deos mayores
m. in merecimentos para premio tão grande: *Omnes in gratia creati*
Sum. 1. p. (diz S. Thomas) *in primo instanti meruerunt*. Seria o acto, ou
9.73. art. de agradecimento de os ter Deos creados, ou de amor, ou de
3. ad 4. adoração, & acatamento devido à Deos, ou cousa semelhante,
que os Sanctos não declararão.

51 No segundo instante lhes propoz Deos o que havião
de fazer, para serem comprehensores na bemaventurança, & lho
mandou com preceito; assi como mandou com preceito à A-
daõ, para se conservar no estado da innocencia, que não co-
mesthe dos fructos da arvore da morte: *De ligno autē scientia bo-
ni, & mali ne comedas. In quocūque enim die comederis ex eo, mor-
te moriēris.*

Gen. 2. n.
17.

Theo-
log.

52 No terceyro instante obedeceraõ à Deos, os bons, &
guardarão seus divinos mandamentos & ao modo intellec-
tual, & Angelico comungaraõ por Viatico, como Viadores,
para conseguire a bemaventurança; & desobedeceraõ os maos,
& o não quizerão receber, nem admitir para se salvarem, tão
divina companhia. No quarto instante, de Viadores passaraõ
os bons à Comprehensores, & os maos reprovados, foraõ conde-
nados para sempre ao Inferno. De modo que por hum triduo
de instantes Angelicos forão todos os Anjos Viadores: *Omnes
erant in via, & non in Patria*, dizem os Theologos, antes da
bemaventurança dos Eleitos, & da condenação dos Reprobos:
Ecce jam triduo sustinent me.

53 Para provarmos, que comungarão os Anjos bemavē-
turados por Viatico no terceyro instante, em que eraõ ainda
Viadores; & que os Anjos rebeldes o não quizerão receber,
causa de se perderem, he necessario, que avriguemos, qual foy
o pecado dos Anjos, materia tão difficultosa, como curiosa, em
que os pareceres dos Theologos, & dos Sanctos são tantos, &
tão diversos, que para não ser dilatado, relatarey samente os
principais.

54 Todos assentaõ, & não tem duvida, que foy pecado
de soberba. Perem não se conformaõ todos na especialidade
do

do acto, que fizeram, por onde lançados fóra do Empireo, foram condenados ao Inferno.

55 Theodoreto diz, que Lucifer pela sua grande fermosura, & perfeição da sua natureza, chegou à tanta presunção, & soberba, que desejou ser adorado cō adoração de latria, devida só á Deos, apelidandose com o mesmo nome, que Deos tem, para que se lhe desse culto divino: *Diabolus in illam insaniam lapsus est, & rabie percitus, Deum se ipsum appellavit, hominibusque, ut divinum sibi cultum adhiberent, persuasit*. Tem esta sentença no Propheta Ezechiel sua origem, que de Lucifer diz: *Elevatum est cor tuum, & dixisti: Deus ego sum, & in cathedra Dei sedi in corde maris*. E o mostrão os effectos, porque para ser adorado dos homẽs por verdadeiro Deos, tem introduzido no mundo a idolatria

Theodor. in Ezech. 24. sect. 11.

Ezech. 28. n. 2.

56 Encarece mais este pecado de Lucifer S. Gregorio Nazianzeno; porque não só diz, que desejou soberbo ser adorado como se fora Deos; mas que desejou ser realmente Deos, superior á todas as creaturas: *Dũ Deus esse cupit, tetra caligine obrutus est*.

Naziãz. carm. 6.

57 Modera Chrisostomo o parecer de Nazianzeno, & diz, que não pretendeo Lucifer ser Deos, mas andar com elle de parilha sem differença no poder, sem desigualdade no obrar: *Dei speravit aequalitatem, quæ res eum calo expulit*.

Chrisost. homil. 3. de Verb. Isai.

58 O grande Abbade Cellense rastejando com este parecer de Chrisostomo diz: *Fortè omnipotentiam Patris, fortè bonitatem Spiritus Sãcti fera illa Bestia voluit devorare?* Que igualdade (diz Cellense) podia pretender o Demonio com Deos? Por ventura, como Besta infernal, quiz devorar a omnipotencia do Eterno Padre, & a bondade do Spirito Sancto? Como se disera: Pretendeo por vêtura ser tão bom, & tão Sancto como Deos, cuja bondade he infinita, cuja sanctidade he immensa, & ser tão poderoso no obrar, que quizesse para sy o poder infinito, attributo essencial do Eterno Padre: *Fortè omnipotentiam Patris, fortè bonitatem Spiritus Sancti fera illa Bestia voluit devorare*.

Cellens. lib. de panib. c. 1.

59 Discursa o Angelico Doutor sobre esta materia, & considerando de Lucifer a sabedoria, diz, que não podia desejar ser igual à Deos, & muyto menos ser como Deos de hum mesmo ser infinito, & de huma mesma essencia increada; porque desejara a destruição de sua propria natureza. Porque bẽ sabia, que sua essencia era angelica, & não divina, creada, & não increada, limitada, & não infinita, dependente, & não absoluta, inferior à Deos, & na perfeição infinitamente distante; & que nunca podia chegar à igualarse com elle. Mas desejou (diz S. Thomas) parecerse com Deos, & ser-lhe em tudo semelhante:

D. Tho-
m. in
Sum. q.
63. art. 3.

Absque omni dubio peccavit, appetendo esse ut Deus per similitudinem, non per aequiparantiam.

60 Tem tanta probabilidade este parecer de S. Thomas, quanta tem de certeza o que de Lucifer diz Isaias. Porque diz este Propheta, que foy arrastado atè o mais profundo do Inferno, por querer soberbo subir ao mais alto do Empyreo: tão alto que se pareceesse com Deos: *Dicebas in corde tuo: In calum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum, sedebo in monte testamenti, in lateribus Aquilonis. Ascendam super altitudinē nubium, similis ero Altissimo. Verumtamen ad infernum detrahēris in profundum laci.*

Isai. 14.
R. 13.

61 Não menos provavel he o parecer de S. Gregorio Papa: que Lucifer pela perfeição grande da sua natureza, & grãdeza do lugar que tinha no Ceo muy levantado, deliberou soberbo, de viver tão independēte de todos, que nem à Deos, que o criou, se quiz sojeitar: *Despectis Angelorum legionibus, secum socialiter constitutis, ad culmen conatus est singularitatis erumpere, ut & nulli subesse, & solus omnibus praeesse videretur.*

D. Greg.
lib. 4. E-
pist. cap.
82.

62 Tem esta sentença muy grãdes alicerces em Jeremias, que de Lucifer diz em pessoa de Deos: *Quebrastes o jugo da sojeição, & as cadeas da obediencia, que me deves, & soberbo diceste, que me não has de servir: A faculo confregisti jugum meum, rupisti vincula mea, & dixisti: Non serviam.*

Jerem. 2.
n. 20.

63 Pedro Blesense diz, que pretendeo ser bemaventurado, não pelas obras meritorias da vida eterna, à que estava obrigado,

gado,

gado,mas pela grandeza só de sua propria pessoa : *Erigebat sibi sedem,antequam laboraret.* O mesmo diz Hugo Cardeal: *Unde Lucifer,qui prius volebat quiescere,quàm laborasset,expulsus est in locum,ubi perpetuò laborabit.* Outros , que nã tão pouco quiz fer bemaventurado;mas antes, que enjeitou a bemaveturança sobrenatural,contente só por soberbo da propria natural. Outros com o subtilissimo Scoto , Mestre das Escolas , & honra da Religião Scrafica, chamarão ao pecado de Lucifer , *Luxuria espiritual*, causada de huma desordenada complacencia de sua angelica fermosura,pela qual soberbo, amando só à sy, & não à Deos , de Anjo de luz , se tornou disforme em Anjo de trevas.

Blesens.
epist. 3.
Hugo
Card. in
c.9.Gen.

Scotus,

64 Tremenda he finalmente,deixando os mais pareceres por brevidade , a sentença de S. Ambrosio, quasi comũ dos Theologos, que Lucifer , por senão querer sojeitar à Christo Senhor nosso,que no segundo instante angelico , depois de sua creação,lhe propóz Deos por seu Principe,& Senhor,revelandolhe a Encarnação do Eterno Verbo,envejofo (diz S,Basilio) de que se unisse Deos hipostaticamente cõ a natureza humana, & não cõ a sua angelica: *Tantum ei honorem invidit Diabolus*, indignado contra Deos,raivoso contra os homens , & cruel contra sy mesmo, quiz antes reynar Principe no Abismo infernal , penando eternamente,& ter debaixo de seu tyranico imperio aos homẽs,que por seus pecados forem cõdenados ao Inferno,que ser bemaventurado no Ceo debaixo do Imperio de Christo . *Quasi quodam tyrannico fastu* (diz S. Ambrosio) *Luciferum gaudere subditis magis,quàm esse subditum eligisse.*

Basil.
apud Pe-
pe de
Purg.
serm. 1.
n. 7.

Ambros.
cpist. 33.

65 Não pecou Lucifer (como he certo) no segundo instante angelico da revelação divina , & do preceito de obedecer à Christo,mas no terceyro . No segundo teve a revelação, & o preceito . No terceyro desobedeceo . No quarto se precipitou,& cahio no Inferno.

66 Agora pergunto: Tinha remedio seu pecado?Depois de cometido,naõ Deixo as rezoens, porque são mais para as Escolas,que para o pulpito. Antes de o cometer,sy.Se comũ-

gara por Viatico, como Viador, que entaõ era , no perigo da morte, em q̃ se achava no terceiro instante depois de sua creação: Se se unira com Christo na revelaçãõ, que teve da Encarnação do Verbo, para ter no mesmo instante tão segura companhia no caminho para a bemaventurança, como fizeraõ os que se salvaraõ: se o recebera na Eucharistia por modo espirital ao angelico, que Deos lhe offereceo, vencera a tentaçãõ da soberba, que o atropelava , causada da sua mesma grãdeza, & fermosura, resistiralhe com valor, lançaraa de sy com esforço, não cahira na culpa, não consentira no pecado, que o apartou para sempre de Deos, & o precipitou no Inferno. He pensamento de Ruperto Abbade, à quem muytos seguem dos modernos. No terceyro instante deste triduo: *Ecce jam triduo sustinent me*, estavãõ todos os Anjos no perigo da morte, naõ corporal, porque saõ puros espiritos , mas espirital da graça, pelo perigo de a perderem para sempre , por serem ainda Viadores. Proposlhes Deos (diz Ruperto Abbade) a Sagrada Co-

Pfal. 77. n.25. munhaõ por Viatico por modo intellectual, & angelico, por cuja causa se chama a Eucharistia Pão dos Anjos: *Panem Angelorum manducavit homo*; para que esforçados com tão divino sacramento, todos se salvassem. Receberaõno os bons: enjeitaraõno os maos, com o q̃ aquellos se salvaraõ, & estes sem remedio para sempre se perderaõ. *Hic panis* (diz Ruperto) *victus, & vita angelica substantia est: nam in eum desiderant Angeli prospicere. Quod quia contempsit facere Angelus, cecidit, & factus est Diabolus, qui & hujus panis sempiternam patiens inediam, est pallidus, & mors illum sequitur.*

Rupert.
in Exod.
cap. 16.

67 Não cuidem, que a comunhaõ dos Anjos he por comida corporal, como nos; porque os Anjos não comem ; mas he ao angelico pelo entendimento , ou por outro modo, que veremos no Ceo, que aquy na terra não comprehendemos. Diz

Pfal. 77. n. 24. & 25. Cassiodoro na Glosa ordinaria, explicãdo as palavras do Propheta Rey: *Panem cali dedit eis*, que este paõ he Christo, comida dos Anjos por meyo da contemplaçãõ: *Hic panis, non aliter quàm Christus, de quo celestes, idest, Angeli reficiuntur ejus contemplatione.*

Cassiodor. hic.

templatione. O mesmo diz Agellio sobre as mesmas palavras: *Manducare hoc loco, non aliud est, quàm cognoscere. Id enim manducat mens, quod cognoscit: Id non manducat, quod non cognoscit.*

Agel.
ibid.

68 Desta communhaõ angelica por Viatico, que os Anjos rebeldes enjeitaraõ, dedús Ponferradiense, seguindo o parecer de Ruperto, huma consequencia à *fortiori*, muyto para notar ao nosso intento. Se os Anjos, se perderaõ (diz elle) por naõ comungarem no perigo da morte espirital no terceiro, & ultimo instante de sua vida: quanto mais arriscada he a salvaçaõ dos homens, que na ultima hora de sua morte o naõ recebem. *Miror* (diz Ponferradiense) *Miror quòd Rupertus etiam Angelorum ruinam putet ortam ab hujus divini epuli abstinentia. Igitur si fortissimos spiritus sic contrivit tanti epuli inedia, qualiter conterentur infirmi homines, si se se divinis privent epulis.*

Ponfer.
in Eu.
Hist. lib.
3. cap. 8.
§. 11.

69 Naõ se privaraõ por sua vontade deste divino manjar os Christãos deste Estado da India, mas os privaraõ delle seus Parocos, & Curas, q por abuso mal introduzido desde o principio deste triduo, desde que começaraõ na India as Christandades, lho naõ quizeraõ dar: *Ecce jam triduò sustinent me, & nã habent, quod manducant.* Naõ ha miseria nesta vida taõ digna de compaixaõ, & de lastima, como seguir á Christo, & não o receber: confessalo, & não comungar: amalo, & naõ se unir com elle: telo presente, & naõ lograr sua companhia: *Misereor super turbam, quia ecce jam triduò sustinent me, & non habent, quod manducant.* Quanto mais no perigo da morte, em que a necessidade he mayor, pelo risco que corrẽ as almas de se perderem, quando partem desta vida, senaõ tiverem ao Senhor consigo, para as acompanhar.

70 Sabida he a jornada, que o Patriarcha Jacob fez só, & á pè de sua casa para Mesopotamia, encostado em hũ bordaõ, & o successo della. Por misteriosa a relato. Diz o Texto, que hum dia, posto já o Sol: *Post Solis occubitum*, cançado do caminho, se deitou para descansar em hum campo, aonde se póz à dormir. Em sonho vio huma maravilhosa escada, que da terra chegava atè o Ceo, taõ chea de misterios, como de degraos-

Genis. 28.
à n. 11. ad
21.

por

por onde os Anjos subiaõ, & deciaõ, & no topo della vio á Deos encostado: *Vidit in somnis scalam stantem super terram, & cacumen illius tangēs celū: Angelos quoque Dei ascendētes & descēdentes per eam, & Dominū innixū scalā.* Acordado do sono, pasmado, & temeroso, rompeo nestas palavras: *Si fueris Deus mecum, & custodierit me in via, per quam ego ambulo, & dederit mihi panem ad vescendum, & vestimentum ad induendum, erit mihi Dominus in Deum:* se estiver Deos com migo, & me guardar pelo caminho nesta jornada, & me der paõ pera comer, & veste para vestir, serà o Senhor meu Deos; & quiz dizer, ao parecer de Lyrano, servirei á Deos com particular culto, & veneraçãõ: *Exhibendo ei specialem cultum, & colendi modum:* Ou quiz dizer, que o que era seu Rey, & Senhor pelo poder, seria tambem seu Deos por benigno, por pio, & por misericordioso; porque o nome de Senhor, diz Philo Hebreo, he nome de Rey, & o nome de Deos he de benignidade: *Benefica potentia Deus nomen est; regia veró Dominus.*

Lyran.
ibid.

Philo
lib. de
insomn.

71 Parece, que naõ tem connexaõ o que Jacob pedio com o que vio. O que vio era huma escada para subir ao Cco, acõpanhado dos Anjos, & emparado de Deos, que estava no topo della encostado. Pois que proposito tinha pedir á Deos, que o acompanhe, & guarde na jornada, que fazia, & que lhe dê paõ para comer, & veste para vestir? Ouvera de pedir á Deos, que lhe assegurasse a salvaçaõ, que o levasse consigo para o Cco, & aos Anjos, que o acompanhassem. Mas lembrarse só das coufas temporaes desta vida, esquecido da outra: pedir a companhia de Deos na sua jornada, & alimentos para sustento da vida, quando Deos lhe mostra o caminho para a bemaventurança, parece fraqueza, & interresse proprio dos homens, que estão taõ pegados aos bens temporaes, que se esquecem dos eternos.

72 S. Paschasio à seu favor, & para nosso ensino, & exemplo, diz, que pedio á Deos, o Viatico, para subir ao Cco, o paõ da Eucharistia, em que temos a companhia de Christo Senhor nosso, que veste a Alma da graça, & a esforça na jornada para o Empyreco: *Hunc itaque cibum Jacob Patriarcha esuriebat, dicēs:*

Si

Si fuerit Dominus mecum, & dederit mihi panem ad edendum, & vestimentum ad induendum. Mas para que pede o Viatico em figura, se para o Ceo tinha a escada, que Deos lhe mostrou, & aos Anjos, que lhe mandou para o acompanharem, & ao mesmo Deos, que o amparava, encostado nella: *Dom. inum innixum scala?* Pascual. lib. de corp. & sang. Dom. c. 21.

73 Grave he a duvida, a que respondo cõ hũa observação muy singular, & muyto nova, em que por ventura ninguem deu atégora, muy propria para o que tratamos. A jornada, que fazia Jacob de sua patria para Mesopotamia, era hum retrato, & debuxo da jornada, que na morte fazemos todos deste mundo para o Empyreo. Partio Jacob, diz o Texto, com lagrimas, & choros de seus pays, & parentes, porque todos choramos, quando alguem parte desta vida. Chora quem parte, & choraõ os que ficão. O perseguia Esau, figura do inimigo infernal, que nessa hora tão apertada, mais que em outro qualquer tempo, nos persegue. Encostouse para essa jornada em hum bordão, com que passou o rio Jordaõ: *In baculo meo transivit Iordanem*, figura da Sancta Cruz, que nos poem na cabeceira, por cujos merecimentos passamos o Jordaõ dos perigos, que encontramos na partida, & o mar das tentações, & trabalhos, para tomarmos porto na Bãaventurança; porque a Cruz he a taboa (dizem os Theologos) com que nadamos, para passarmos o Mar perigoso desta vida, ou como outros dizem: He a Nao, em que navegamos para o Ceo. O campo, em que descansou seu corpo, representava o cemiterio, em que descansão os mortos. Deitou-se nelle: *Post solis occubitum*, quanto a figura, acabada a vida; & nas pedras que tomou, para se encostar: *Tulit de lapidibus, qui jacebant, & supponēs capiti suo, dormivit in eodem loco*, representou a lajem, ou campa da sepultura. Gen. 32. n. 10. Gen. 28. n. 11.

74 Nessa hora lhe mostrou Deos a subida, que fazemos para o Ceo, muy ingrime, muy larga, & muy trabalhosa, por hũa escada, figura dos trabalhos desta vida, & das penas do Purgatorio (como muitos explicão) dõde sobe as Almas para a Bemaventurança, guiadas pelos Anjos: *Angelos ascendentes, &*

Gen. 28.
n. 17.

descendentes, subindo huns com ellas, & decendo outros, para as receberem. Acordado, cheo de pavor, que na morte he muy grande: *Pavensque*, bradou, & disse: *Quam terribilis est locus iste!* Quam terrivel he este lugar! & com rezaõ, porque a morte, que representava na jornada, diz o Philosofo, he o ultimo espanto, & o mayor terror da vida: *Ultimum terribilium*. Todos se temem della, todos aborrecem a sepultura, todos fogem do enterro, todos sentem o apartamento da Alma, & todos receaõ a jornada pela incerteza da salvaçaõ.

75 Viafe Jacob no melhor da vida, na flor da idade, & na mayor saude com a imagem da morte diante dos olhos, & com a representaçaõ da eterna vida na escada, que sonhou. Porém entre tantas figuras não via algũa, que representasse o Sanctissimo Viatico, para subir pela mesma escada, acompanhado com Christo para o Ceo, & assistido dos Anjos. Não menos discreto, que ansiado, & temeroso, deseioso de sua salvaçaõ, recorre logo à Deos, & lhe pede o Viatico, o paõ da Eucharistia, para senão perder na jornada: *Hunc itaque cibum Jacob Patriarcha esuriebãt, dicens: si fuerit Dominus mecum, & dederit mihi panem ad edendum, & vestimentum ad induendum*. Ditofo quem o pede na hora de sua morte; & muyto mais ditofo quem acha neste Estado da India, & em todo este Oriente quem lho dé; porque sem o Sanctissimo Viatico he muy arriscada esta jornada. Sem a companhia de Christo Senhor nosso, que nelle temos, he muy perigosa, & muy trabalhosa a subida para o Ceo.

Incognit.
in pl. 33.
v. 22.

76 O Doutor Incognito expoem esta visaõ com mayor propriedade, & mais ajustada com o que pretendemos. Diz, que a mesma escada, que vio Jacob assentada na terra, que chegava atè o Ceo, significava o Sanctissimo Viatico: *Hoc Sacramentum* (diz o Incognito) *dicitur via eundã ad Deum, propter quod Viaticum dicitur. Hæc est scala Jacob*. Mas pergunto: Se na escada, que lhe mostrou Deos, tinha Jacob o Viatico de que necessitava na jornada misteriosa que fazia, figura de quê parte desta vida para o Empyreo, de que se temeo? Se nella tinha

nha a guia dos Anjos, a companhia do Senhor, & seu divino emparo, que receava? *Pavensque*. E se o lugar em que vio a escada, era a casa de Deos, & a porta por onde se entra no Ceo, figura das Igrejas, que são as portas, por onde entramos na Bè-aventurança, porque lhe chamou lugar terrivel? *Quam terribilis est locus iste? Non est hic aliud nisi domus Dei, & portaceli.* Gen. 28. n.17.

A Casa de Deos he terrivel? As Igrejas causão aos que nellas entraão medo, ou terror? E ainda mais ha que perguntar: Se tinha o Viatico diante dos olhos na escada que Deos lhe mostrou, para subir ao Ceo, porque lhe pede com tão grande instancia? *Si dederis mihi panem ad edendum, & vestimentum ad induendum, erit mihi Dominus in Deum.* ibid. n. 20.

Tem o Viatico na escada situada na Igreja em figura: *Hac est Domus Dei*, & o pede fora della temeroso! Porque?

77 Não ha passo na Sagrada Escriitura, não ha palavras, que não tenhaõ muytos sentidos, por serem todas cheas de mysterios, ditadas pelo Spirito Sancto; quanto mais esta visaõ tão soberana cõ tantas circumstancias, que admiraõ. Hum me occorre muyto grande para remedio da India, cõ que respondendo à duvida. Vio Jacob em figura na escada o Viatico necessario para a jornada que fazia, vivo retrato da que todos havemos de fazer na hora da morte. Vio que com o Viatico tinha a guia dos Anjos: *Angelos ascendentes, & descendentes*, & a assistencia, & companhia de Deos: *Et Dominum innixum scale*. Vio, q o lugar desta mysteriosa visaõ representava as Igrejas, em que está o Sanctissimo, figurado na escada: *Non est hic aliud, nisi domus Dei*; Mas não vio, que alguem lho administrasse. Tinha diante dos olhos o Viatico para o venerar; & não tinha quem lho desse. Via aos Anjos, & por não comungar, não se lhe chegavaõ. Via à Deos, & por o não receber, ficavalhe ao lonje em todo cima no topo da escada; & elle quanto à figura, se achava no artigo da morte, caminhando para outra vida. Pasmado cheo de pavor: *Pavensque*, pelo aperto em que se via, chamou ao lugar terrivel: *Quàm terribilis est locus iste*, & com brados recorre á Deos, para que compadecido

de sua Alma lhe dé o pão do Sanctissimo Viatico, lhe dê quem lho administre, hum Sacerdote, hum Anjo para estar mais certo, & seguro de sua salvação: *Si dederis mihi panem ad edendum, erit mihi Dominus in Deum.*

78 Não se temia David da Morte, porque em figura, quanto á representação, comungava muytas vezes. Tendo à Deos consigo, dizia: *Si ambulavero in medio umbræ mortis, non timebo mala: quoniam tu mecum es.* Fala neste lugar do Sanctissimo Sacramento; porque logo diz: *Parasti in conspectu meo mensam adversus omnes, qui tribulant me.* Contra todos, que me avexão, & atormentaõ me tendes meu Deos aparelhado huma meza. Nella vos recebo muytas vezes. Tendovos cõmigo, confiado no vossõ divino emparo, fe me soceder caminhar pelo meyo da sombra da morte: *Si ambulavero in medio umbræ mortis, não tenho de que me temer: Non timebo mala,* porque vos tenho cõmigo em minha companhia: *Quoniam tu mecum es.* Caminhar pelo meyo da sombra da morte, he quando a morte nos asombra. Quando estamos para morrer, caminhamos para outra vida assombrados da morte com a fraqueza do corpo, com a falta da respiração, com as dores da doença, com a pena da separação da alma, com o cuidado da casa, cõ o apartamento dos parentes, & amigos, com o amor do mundo, que deyxamos de mã vontade, com a perda da vida, que deseamos mais dilatada, & com o temor do Inferno. Oh quantas são as sombras por onde caminhamos nessa hora! Quantos são os cuidados, que nos atormentaõ! Quantos os inimigos da nossa salvação! Deyxamos tudo que temos, quando espiramos, & só levamos com nosco à nos mesmos, com as obras boas, ou más, que fizemos. Nacemos nũs, & uũs havemos de aparecer diante de Deos: *Nudus egressus sum de utero matris me* (dizia Job): *& nudus revertar illuc.* Là vão nesse aperto, & nessa hora as riquezas, que todos cobiçaõ: a nobreza que nõs faz soberbos: os cargos, & os pastos, que nos fazem soberanos: os passatempos, perda do tempo mal gastado, que não podemos refazer; os gostos, os jogos, as más conversações, que tanto estimão os homẽs do mundo;

Psal. 22.
n. 4.

ibid. n. 6.

Job. 1. n.
21.

mundo; & só levamos com nosco a conta rigorosa, que havemos de dar à Deos das nossas obras, com a incerteza da sentença, que acabada a vida he sem apelação.

79 Oh morte quanto nos assombra nessa hora. Por tantas sombras senão tivermos a luz de Christo no Sacramento por meyo do Santissimo Viatico, quaõ grandes seraõ os temores? Caminhar às escuras para outra vida sem luz: partir deste mundo para o outro por caminhos nunca vistos sem guia: ir só sem Viatico, & sem saber aonde se vay parar, he o mayor perigo de quem morre, & a mayor pena de quem se teme. Oh miseria, ó confusão, ó desamparo! Só com o Sanctissimo Viatico levamos à Deos com nosco para emparo, & aos Anjos por guia. Por faltar às turbas neste triduo de dias, em que se guiaõ à Christo, pelo risco que corriaõ de se perderem, compadecido o Senhor como Sacerdote tão cuidadoso da nossa salvação, & Pastor tão vigilante de suas ovelhas, no terceiro dia, ultimo da vida, quanto à figura, tratou de lhes acudir cõ o paõ do Viatico: *Ecce jam triduo sustinent me, & nã habent, quod manducent.*

80 Bemaventurado quem faz jornada para o Ceo depois de ter comungado. Ditoso quem arrependido de seus pecados, confessado, & absolto, recebe o Sanctissimo Viatico antes de morrer. Bem pode dar à sy mesmo os parabens de liaver de lograr à Deos na bemaventurança; porque o leva consigo sua alma; & com tão segura companhia não tem de que se temer, porque tem cetta nella sua salvação. Refere S. João no Apocalipse, que ouviu huma voz do Ceo, que lhe dissera: *Scribe: Escrevei. Que? Beati mortui, qui in Domino moriuntur*: Bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor. Difficiloso passo, misteriosas palavras. Como se pode entender q̃ os mortos morraõ. O morrer he dos vivos, o resucitar he dos mortos; como pois podem os mortos morrer, se acabaraõ a vida? E o que he mais para notar, que os chama bemaventurados, ainda vivos, antes de morrerem: *Beati mortui, qui in Domino moriuntur.*

Apocal:
14. n. 13.

D. Bern-
ard. e-
pist. 98.

81 Variamente explicaõ estas palavras os sagrados Interpetres. Leim alguns do Hebreo: *Beati mortui, qui pro Domino moriuntur*: & dizem que fala S. Joaõ dos Martyres, que daõ a vida por Christo. Outros, em particular S. Bernardo, naõ só dos Martyres, mas ainda dos Confessores entendem este lugar: *Non solum qui pro Domino, sicut Martyres* (diz S. Bernardo) *sed qui in Domino moriuntur, sicut Confessores, profectõ Beati sunt*. Mas naõ soltaõ a difficuldade; porque bastara dizer: *Beati qui pro Domino moriuntur*: ou dizer: *Beati qui in Domino moriuntur*; porque nem os Martyres, nem os Confessores depois de mortos tornaõ à morrer; nem saõ bemaventurados, senaõ depois de acabarem a vida.

Ambrosio.
hic.

82 Outros dizem, que falla dos mortificados, que ou deixaraõ o mundo para servirem á Christo, ou vivem no mundo tam desapegados do que pode dar, como senaõ ouvera mundo para elles. Estes morrem duas vezes, diz S. Ambrosio. Morrem primeyro quanto ao espirito pela mortificaçaõ, & morrem ao depois quanto à carne, quando acabão a vida. *Illi sunt Beati*, diz S. Ambrosio, *& illi in Domino moriuntur, qui prius moriuntur seculo, postea carne*. Mas, nem taõ pouco soltaõ a difficuldade, porque naõ explicaõ quando começa nelles a bemaventurança, nem declaraõ como morrem no Senhor. A bemaventurança, de que fala S. Joaõ he a que lograõ os Justos no Ceo acabada a vida; como pois saõ bemaventurados os mortos por mortificados, se ainda vivem quanto à carne, *Beati mortui*? Quanto mais que os mortificados morrem no Senhor, & por seu amor, *In Domino, & pro Domino moriuntur*, na primeira morte, quando se mortificaõ; & esta mortẽ he mais vida que morte; porque mortos por mortificados, vivem em Christo, & com Christo, escondidos ao mundo, patentes só à Deos, como diz S. Paulo: *Mortui estis, & vita vestra abscondita est cum Christo in Deo*. Porem na morte segunda, quanto à carne, na morte corporal, em que se aparta a alma do corpo, como se verifica, que morrem em Christo: *In Domino moriuntur*, se morrem á sy, se perdem a propria vida, & extincto o corpo, vive

Ad Co-
loss. 3. n.
3.

vive só a alma no Ceo?

83 A meu ver, só dos que comungaõ dignamente por Viatico,comprido o triduo quanto ao mysterio, de q Christo fala, no sentido moral, que já disse : *Ecce jam triduo sustinent me*, se verificação literalmente estas palavras: *Beati mortui, qui in Domino moriuntur*. A primeyra morte dos que comungaõ por Viatico he,quando defenganados dos medicos,& antes delles dos Confessores, se enregaõ à morte : Quando arrependidos de seus pecados,confessados,& absoltos, conformes cõ a vontade divina,dispondo dos bens que possuem nesta vida, tratão só da outra: *Beati mortui*. São mortos,porque não trataõ mais da vida presente,que està para acabar na ultima hora,mas da futura. São bemaventurados, *si non re,saltem jure*; porque tem no Viatico o penhor da gloria: *Futura gloria nobis pignus datur*, diz S. Thomas. Não tem a posse da bemaventurança,mas a segurança della no penhor. Morrem no Senhor na segunda morte quanto à carne; porque pelo Viatico, que receberaõ, està Christo nelles, & elles em Christo : *Qui manducat meam carnem,& bibit meum sanguinem,in me manet,& ego in illo*. Està Christo nelles, para os acompanhar para o Ceo : & estaõ elles em Christo,em quem sanctamente morrem : *In Domino moriuntur*.

D. Tho-
m.in Of-
ficio
Corp.
Chr.

Joan . 6.
n.57.

84 Ditosos os que na morte comungaõ dignamente por Viatico,porque estaõ taõ certos da futura gloria ,que antes de acabarem a vida,por entregues à morte, se chamaõ bemaventurados: *Beati mortui*. Felices,& mais felices ; porque morrẽ no Senhor quando espiraõ a Alma : *In Domino moriuntur*. O tem consigo em sua companhia,para irem com elle. Pelo contrário dos que o não recebem, que direi ? *A contrario sensu*, os argumentos tem grande força . Se o não recebem por sua culpa,chamaloshi infelices,pela contra que haõ de dar á Deos,& perigo de serem condenados . Se por culpa de seu Paroco, chamaloshi desgraçados , pelo bem que não lograõ, & pela bemaventurança, que não asseguraõ . Destes se compadece Christo . Não o recebem,porque não o tem: *Non habent quod*
mane

relatar, que as turbas eraõ muytas, & entre ellas muytos enfermos, à quem deu o Senhor faude, mudos, cegos, & aleijados, & fracos: *Accesserunt ad eum turba multa, habentes secum* *mutos, cecos, claudos, debiles, & alios multos, & projecerunt eos ad pedes ejus, & curavit eos*, diz, que compadecendose Christo delles, dissera: *Dimittere eos jejunos nolo, ne deficiant in via*. Cõ dizer, *Nolo*: Naõ quero, que partaõ em jejum, mostrou, quanto ao mysterio, q a sua divina vôtade he, q ninguẽ parta desta vida sem o Sanctissimo Viatico. E com dizer: *Ne deficiant in via*, mostrou a certeza do perigo de desfalecerem no caminho, se o naõ tiverem, & a necessidade que delle temos, para naõ nos perdermos na jornada; & com o dar á todos os enfermos, & ainda aos cegos, mudos, aleijados, & fracos, & á outras muytas pessoas doentes de varias enfermidades: *Et alios multos, gente baixa, & humilde, sem excluir à ninguem, mostrou que à ninguem se ha de negar de qualquer casta, & condiçaõ que seja.*

Matth.
15. n. 30.
& 32.

88 Oh se á imitaçaõ de Christo, seguindo sua divina vontade, differão os Parocos deste Estado, de tantas turbas de Christaõs, que tem á seu cargo, de cujas almas haõ de dar contra à Deos na hora da morte: *Nolu mus dimittere eos jejunos*: Naõ queremos, que deyxem de comungar os enfermos: Naõ queremos, que partaõ desta vida sem o Viatico, os que se acharem no perigo da morte, para que senaõ perçaõ por falta delle na jornada: *Ne deficiant in via*, naõ morrerãõ tantos sem o receber, cujas almas haõ de aparecer diante de Deos, para acusarẽ seus Parocos na morte, & no dia do juyzo final, humas que se perderaõ, & cahiraõ no Inferno, que se tiveraõ comungado por Viatico, se salvaraõ: Outras, que posto se salvaraõ, naõ tiveraõ por falta delle taõ felis a jornada, mas antes chea de perigos, & temores, porque se viraõ sós sem a companhia de Christo: fracas por falta de taõ grande, & tão divino mantimento, para resistirem aos assaltos do inimigo infernal, que as acomete com grande empenho ao sahir do corpo: pobres, por lhes faltarem as mayores riquezas da graça, que confere a Eucharistia (levã-

do só as que alcançaraõ com o Sacramento da penitencia, & cõ as mais obras meritorias, que fizeraõ) & sem a mayor luz da gloria, que dà Deos conforme os augmentos da graça.

- 89 Desde a criação do mundo nos mostrou Deos a necessidade, que delle temos, porque no Paraizo terreal nolo deu logo em figura na arvore da vida. Oxalà se aproveitara delle Adão no perigo da morte, em que se vio acometido, & tentado com enganos pelo pay das mentiras Lucifer, não se perdera cõ todo o genero humano. Antes que criasse Deos à Adão, & à
- Gen. 2. n. 8. Eva, criou o Paraizo terreal: *Plantaverat autem Deus Paradisum voluptatis à principio, in quo posuit hominem, quem formaverat.* No meyo delle criou duas arvores, huma defronte da outra muyto juntas, da vida, & da morte: *Lignum vite in medio Paradisi, lignumque scientie boni, & mali.* Reparo no lugar, em que criou Deos estas arvores tão opostas na qualidade, & tão encontradas nos effeytos: no meyo do Paraizo, em que pós à Adão, aonde criou à Eva. Que collocasse Deos no meyo do Paraizo á vista dos nossos primeyros Pays a arvore da vida, está bem; porque se assoprando em Adão com seu divino bafô, lho deu spirito, & vida: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vite,* servia a arvore da vida, para lha conservar. Mas a da morte junta com a da vida no mesmo lugar, criada no mesmo tempo, para que? Não era melhor plantala em lugar remontado, muyto lonje, escondida, entre os matos, aonde senão visse? Se era seu fruto tão peçonhento, que comido logo matava: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris:* porq̃a pós Deos tão patente à vista? Porque perto della pós à Adão? Porque debayxo de sua sombra criou à Eva? Huma arvore, cujo fruto comido podia causar, como causou, a ruina do mundo, a maldição da terra, a perda do genero humano, a queda dos nossos primeyros pays, o desterro perpetuo dos homẽs, & a inimiza- de cõ Deos, ha de ter no meyo do Paraizo terreal suas raizes? Huma arvore, que fechou aos Innocentes o Empyreo, que abriu aos Justos o carcere do Purgatorio, aos Sanctos Padres do

do Testamento velho o Limbo, aos pecadores o Inferno, & à todos a sepultura, ha de estar no mais abrigado posto da terra? Huma arvore engano dos mortaes, que tinha a sabedoria no nome, a divindade na apparencia, a bondade no exterior, no interior a peçonha, a fermosura nos fruitos, a doçura no sabor, & dentro de sy escondida a morte, que com sua fouce mortal cortou logo tres vidas no homem, derrubou de seu Throno Real o mayor Monarca, borrou nelle a imagem divina, o despio da Opa Real da graça, o lançou fóra de seu Imperio, murrou o Paraizo com lavaredas de fogo, para que não entrasse mais nelle, & o sepultou na terra com seus filhos, & descendentes, tirana cruel de todo o genero humano, hade estar com a arvore grandiosa da vida, & entre ellas Adão junto com Eva? Para que? Que motivo teria Deos, para unir a arvore da vida com a da morte, & por junto à ellas nossos primeyros pays? Direi o que entendo. Foy para mostrar à elles, & a seus descendentes, à elles, & à nos, que na morte necessitamos todos do fruto da vida do Sanctissimo Viatico.

90 Sabido he, que o fruto da Arvore da vida era expressã figura do divino fruto da vida Christo Senhor nosso sacramentado na Eucharistia: & que comido conservava a vida por toda a eternidade. Por essa causa lançou logo Deos à Adão fóra do Paraizo depois do pecado: *Ne forte mittat manum suam, & sumat etiam de ligno vita, & comedat, & vivat in aeternum,* para que não vivesse eternamente nesta vida. Se Adão o come- ra, & não pecara, vivera eternamente no Paraizo terreal, criado para os homens no estado da innocencia. Mas como Deos previo, que havia de pecar, para que subesse elle, & mais Eva, & todo o genero humano, que na morte causada da culpa necessitamos do fruto da vida do Sanctissimo Viatico, para vivermos eternamente no Paraizo celestial dos Anjos, cria no terreal dos homens ambas juntas, a arvore da morte com a arvore da vida em lugar patente, em que sempre se visse no meyo do Paraizo: *Lignum vite in medio Paradisi, lignumque scientie boni, & mali.*

Gen. 3.º.

22

91 Todos os homẽs trazem a morte consigo: taõ unida, que com a morte vivem, & de mortos se sustentão. A carne, o peixe, a fruta, senão perderem a vida, aquelles a sensitiva, estes a vegetativa, naõ poderaõ ser mantimentos dos homẽs. O vestido, ou de seda, ou de lam, ou de pelle, dos mortos se tira. Para Deos vestir á Adão, & à Eva, matou dous cordeiros: *Fecit Dominus Deus Adæ, & uxori ejus tunicas pelliceas, & induit eos.* Por isso tributamos á morte a vida. Vivemos dos mortos, & pagamos á morte, dandolhe continuamente, assy como ella continuamente nos sustenta, parte da vida en quanto vivemos, & o resto da vida quando espiramos. *Quotidiè morimur* (dizia Seneca) *Quotidiè enim demitur aliqua pars vite, & tunc quoque cum crescimus, vita decrescit. Infantiam amissimus, deinde pueritiam, deinde adoleſcentiam, usque ad extremam quidquid transactum sit temporis perit. Hunc ipsum, quem agimus diem, cum morte dividimus.* O cegeira dos vivos, que naõ vem, & consideraõ, que andaõ vestidos, & enroupados de mortos: que de mortos sustentão a vida, & que cada momento morrem tributarios da morte; & pouco cuidaõ na eterna vida, aonde se vive por graça com a vida de Deos, em que a morte naõ pode ter parte. Festejaõ muytos seus annos no dia em que os faz, anniversario de seus nacimentos, cõ o engano de ter mais hum anno, quando ouveraõ de chorar, por terem cada anno hum anno menos; pois tanto lhe falta de vida, que lhe tomou a morte. O tempo, que vivemos, he o que nos falta. Quanto mais crescemos annos, tanto mais chegamos à sepultura. O mesmo dia da vida partimos com a morte, porque ao pôr do Sol, temos menos hum dia. Os annos, os mezes, os dias, as horas, os momentos, que respiramos, são os que a morte continuamente nos leva, atè espirarmos de todo a vida. Por esta causa une Deos no mesmo lugar a arvore da vida com a arvore da morte, o fructo da vida, figura da Eucharistia com o fructo da morte; para que morrendo nos cada dia tributarios da morte, se for possivel cada dia comunguemos, cada dia comamos

O VER-

o verdadeiro fructo da vida Christo no Sacramento, com o antigamente fazião os Christãos da primitiva Igreja desde o tempo dos Apostolos, até esfriar nos homens a charidade, & o desejo do mayor bem da alma. O mesmo nos encemenda o Sagrado Concilio Tridentino, que pelo ter pregado no Sermão da Sagrada Comunhão, não refiro de novo suas palavras. O mesmo tambem nos acôselhaõ os Sãctos, & os Sagrados Doutores antigos, & modernos: quanto mais nas doenças, & no perigo da morte: *Tunc prapriè eucharistiaque*, diz o Paêre Novarino, *ad Eucharisticam mensam accedendum, cum mortis rex appropinquat.*

Trident.
Sess. 22.
de Sac.
Mis. c. 6.

Novar.
de Eu-
char. n.
122.

92 Não debuxou Deos a morte nos Planetas, que sempre luzem: não a poz nas Estrellas, que sempre resplandecem: não no fogo, que sempre arde: não no ar, em que respirão os vivos: não na agoa, em que se criaõ os peixes: não na terra, em que nascem as plantas. A poz na arvore, em que subio desobediante o homem, aonde prevaricou ambicioso Adão. Mas porque na arvore, & não em outra cousa das muytas, & quasi infinitas que criou? A meu ver, porque só com as arvores se parecem os homẽs. E para que Adão, se peccasse, & os homẽs todos, que contrahirão sua culpa, levassem sempre com si hũa viva representação da arvore, aonde perderão a vida, poz na arvore a morte.

93 Aquelle cego, a quem Christo restituio a vista, perguntado se via, respondeo: *Videa homines velut arbores ambulantes*: Vejo aos homẽs, & parecem arvores, que caminhaõ. Não o enganou a vista, porque os homẽs são arvores viradas de cima para baixo: *Arbores inversas*, dizem os Philosophes. Tem as raizes nos cabellos, o tronco no peito, os ramos nos braços, & no resto do corpo, as folhas nos pensamentos, os fructos nas obras, & a cortiça na pelle: *Arbores inversas*, porẽm mortaes; porque caminhaõ sempre para a morte: *Arbores ambulantes*. Sempre vivem em quanto são verdes na verdura da idade, & sempre morrem em quanto vivem, porque com a vida vay sempre unida a morte. Nacem os homẽs como arvores viradas,

Marc. 8.
n. 24.

matar: *Ero mors tua ó mors*. Morte cruel heite de matar. Hei de fer eu a tua morte. Como assi? A morte pode morrer? Senão tem vida, para se lhe tirar, como a pode Christo matar neste desafio?

95 Se a morte he huma figura sem alma, hũa offada sem vida, hum cadaver sem movimento, hum monstro sem forma, huma entidade sem sangue, pallida sem calor, cruel sem entranhas, dura sem coração, forte sem peito, soberba sem discurso, atrevida sem medo, vingativa sem perdaõ, poderosa sem talento, invisivel sem corpo, como se pode matar? Se he hũ sono eterno como lhe chamou o Filosofo; que cita Laertio, porque sempre dorme: *Aeternus somnus*: Se tem por casa as sepulturas: se està sempre enterrada metida nas covas: se debaixo da terra està sepultada sem vida, como pode morrer? Se à ninguem he fogueita, & a todos fogueita: se he absoluta sem dependencia: se não se dobra, & à todos abate: se não se move, & à todos chega: senão se rende, & à todos rende: se he hũ nada, & à todos piza: se todos a fojẽ, & sãpre aparece: se he hũa sãbra, & á todos assãbra: se he hũ nada, & á todos mata: se naõ tẽ corpo, & nos corpos reina: senão tẽ ser, & á todos o tira: se he fãl-mẽte hũa privação da vida, q̃ perdẽ os vivẽtes, porq̃ lha tira a morte, como pode ella morrer? Como diz Christo, que a ha de matar, que ha de fer elle a sua morte: *Ero mors tua ó mors?*

L aerti-
us.

96 Com tudo diz S. Augustinho, que a morte pode morrer, & no Calvario morreo crucificada na Cruz. Ahy Christo a desafiou, ahy a matou em duello: *Mors, & vita duello confixere mirando*. Ahy lhe tirou a vida. Pois como, se a morte não tem vida? Direi. A morte morre com a vida, assi como a vida morre com a morte. Quem mata a vida he a morte: Quẽ mata a morte he a vida. Quando o homem morre, vive nelle a morte: & quando refucita, morre nelle a morte, porque a mata a vida, por ser a vida morte da morte. Author da vida he Christo. Elle he a verdadeira vida, elle o caminho, por onde se caminha para eterna vida: *Ego sum via, & veritas, & vita*, disse elle de sy. Sem elle ninguem vive: Com elle todos vivem. Sem elle

Joan. 14.
n. 6.

Tinha Deos communicado à Adão com seu divino bafo, quando o criou; o espirito da vida: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vite*. Lem outros do Hebreo: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitarum*; porque não só lhe communicou as tres vidas, que todos temos, vegetativa, sensitiva, & rational; mas tambem a corporal, a espiritual, & com promessa de futuro, a eterna, se se conservara no estado da innocencia. Todas estas vidas perdeu Adão pelo pecado, por subir à arvore defeza, & comer o fructo da morte. Mas o que era mais para chorar, foy a perda da vida corporal, da espiritual, & da eterna, que sem a morte de Christo não podia alcançar. Compadecido o Senhor de sua miseria, para as restaurar nelle com seu divino bafo, assi como befejando em seu rosto, quando o criou, lhas communicara, subio à arvore da maldiçaõ, & da morte no Calvario, subio à Cruz: *Maledictus omnis, qui pendet in ligno*, & a converteo em arvore de vida pelo fructo da vida, que nella esteve de seu sagrado corpo; & tanto que chegou a hora de espirar, inclinou a cabeça para Adão, & espirou para elle a vida, dandolhe de novo com seu ultimo bafo a que perdera na arvore defeza: *Inclinato capite tradidit spiritum*.

Gen. 2.

n. 7.

Ad Gal.
lat. 3. n.

13.

99 Oh fructo divino, que ainda pendente na Cruz he a nossa vida; quanto mais na Eucharistia tomado por Viatico! Tres vidas perdemos em Adão, & todas tres nos dà Christo no Sacramento, a corporal da resurreiçaõ, a espiritual da graça, a eterna da gloria. Temos a prova no mesmo Senhor. Diz Christo: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, habet vitam aeternam: & ego resuscitabo eum in novissimo die*: Quem comer a minha carne, & beber o meu sangue, tem a vida eterna, & eu o resuscitarei no ultimo dia, no dia do juizo final. Supõe Christo nesta promessa a vida da graça; porque só comida sua carne sacratissima em graça confere a eterna vida, & se augmenta a vida espiritual pelos augmentos, que confere da mesma graça. Doutro modo diz S. Paulo, se comungar indignamente em desgraça sua, será condemnado à eterna morte: *Qui manducat, & bibit indignè, judicium sibi mād-*

Joan. 6.
n. 55.

1. ad Cor.
inth. 11.
n. 29.

Nnn

ducat, n. 29.

ducat, & bibit: non dñadicans corpus Domini. Porém como se entende o que Christo diz, que a vida eterna he de presente, q logo a tem quem comunga: *Habet vitam eternam*: & que a resurreição he de futuro: que a darà elle no dia do juizo final: *Resuscitabo eum in novissimo die.* Porque a experiencia tẽ mostrado, que nenhum dos que comungáraõ atégora teve este privilegio de lograr logo a eterna vida. Se dissera o Senhor, que quem comungar, tem direito na eterna vida, por ter na Eucharistia o penhor da gloria, dissera o que temos por infalível. Mas se quem comunga tẽ a eterna vida depois de morto, como diz o Senhor, que a tem logo de presente, antes de morrer? *Habet*: E se no dia do juizo final havemos todos de resurgir bons, & maos, justos, & pecadores, os que comungáraõ, & os que nunca receberam o Santissimo, que mercê he a que Christo promete à quem dignamente o receber, se não for mais que de o resuscitar? *Resuscitabo eum.*

Chry-
sost. lib.
6. de Sa-
cer.

100 Não podera entender esta promessa de Christo sem a authoridade de Chrysostomo. Parece, pelo que Chrysostomo diz, que fallou o Senhor fomentè neste lugar da Sagrada Comunhaõ por Viatico. Diz Chrysostomo: *Qui de hac vita emigraturi sunt, si mysteriorum huiusmodi cum pura & munda conscientia fuerint participes, spiritum efflaturi, ab Angelis illorum corpora satellitum more stipansibus propter assumptum illud sacramentum, hinc recta in celum adducuntur.* Divinas palavras, que muyto animão aos que comungão na morte, & muyto persuadem à não faltarem os Parocos em dar o Viatico à todos, para os assegurarem da eterna vida, & da resurreição para a gloria. Com esta authoridade de Chrysostomo explico o que diz Christo nesta sua promessa: Quem me receber dignamente na hora da morte, terà tres vidas. Terà logo com os augmentos da graça a espirital, & a eterna: *Habet vitam eternam*; porq os Anjos levarão logo sua alma para o Ceo: *Hinc recta in celum adducuntur*; & terà mais, diz Christo, a vida do corpo, pelo cuidado que terei eu delle, para o resuscitar no dia do juizo final; porque o mandarei vigiar pelos Anjos, como corpo

corpo de bemaventurado; para que os Demonios envejiosos de seu bem, se lhe não choguem, para o defacatarẽ, & dissiparem suas cinzas: *Spiritum efflaturi, ab Angelis illorum corpora satellitum more stipantibus propter assumptum illud Sacramentũ, hinc recta in calum adducuntur*. Pelo contrario os que não comungarem na morte por Viatico, ou por sua culpa, ou de seu Paroco; se se perderem por seus pecados, teraõ os Demonios a posse, & o cuidado de seus corpos, para os atormentarem, quando resurgirem. Oh miseria, ó desventura, ó tormento, ó pena dos que não comungaõ por Viatico no ultimo da vida. Oh dita, ó ventura, ó felicidade, ó gloria dos que o recebem, porque asseguraõ tres vidas para a outra vida.

101 He tão proprio do Divino Sacramento restaurar as vidas, que perdemos em Adão, mormente no perigo da morte recebido por Viatico; que lhe não chama Christo com outro nome, que de pão da vida, que dá a eterna vida à quem o come: *Ego sum panis vita. Qui manducat hunc panem, vivet in æternum*. S. Thomas lhe chamou comida de Viadores: *Ecce panis Angelorum factus cibus Viatorum*, que val tanto, como Viatico para alcançarmos na morte a eterna vida. Com mayor propriedade para o que tratamos, lhe chamou S. Ignacio Martyr: *Mortis antidotum, & pharmacum immortalitatis*: Antidoto, & preservativo contra a morte, & mezinha para a immortalidade; porque confere tres vidas à quem dignamente o recebe, contra tres mortes, que contrahimos pelo pecado de Adão. A mais principal he a eterna, por ser mezinha para a immortalidade da Alma: *Pharmacum immortalitatis*.

102 Diz S. Joaõ, que depois de acabar o Senhor a vida, hum soldado lhe absio o peiro com humia lança, & que logo sahio delle sangue, & agoa: *Unus militum læcea latus ejus aperuit, & continuo exiit sanguis, & aqua*. Repara S. Agostinho neste modo de fallar do Evangelista, & diz: *Vigilâti verbo Evangelista usus est, ut non diceret, latus ejus percussit, aut vulneravit, sed aperuit*. Valeose o Evangelista (diz S. Agostinho) de humia palavra muy mysteriosa em referir esta lançada, q teve Christo

Joan. 6.
n. 49. &
59.
D. Tho-
m. in
Mis. Fe-
stivit.
Corp.
Chr.
D. Ignat.
epist. 14.

Joan. 19.
n. 34.

Augus-
tin. Ser.
120.
Joan.

depois de morto na Cruz; porque não diz, que hum soldado o ferio no lado com a lança, mas que lho abriu: *Aperuit*. Qual seria a rezaõ, qual o misterio? Porque se realmente foy lançada a que o soldado lhe deu: Se com a lança o ferio no peito, & lhe passou o coração com tanta crueldade, que senão fora Christo morto, bastara essa ferida para o matar; porque não diz o Evangelista, que hum soldado o ferio no lado, q̃ o passou com humia lança, mas diz que o abriu: *Aperuit*? Responde S. Agostinho: *Ut illic quodammodo vita ostium panderetur, unde Sacramenta Ecclesia manaverunt, sine quibus ad vitam, quæ verè vita est, non intratur*. Quer dizer: Do lado de Christo sahiraõ quanto ao misterio os dous Sacramentos mais principaes da Igreja Catholica, o Bautismo, & a Eucharistia. o Bautismo representado na agoa, & a Eucharistia no sangue; porque a porta por onde entramos no Ceo, para vivermos eternamente, he Christo: *Ego sum ostium* (disse elle de sy) *Per me si quis introjerit, salvabitur*: & os meynos, que nos franqueão, & asseguraõ a entrada, saõ estes dous Sacramentos, o Bautismo & a Eucharistia. Sem o Bautismo ninguem se pode salvar. Sem a Eucharistia poucos entraõ no Ceo. Para o Evãgelista nos mostrar esta porta, para nos persuadir esta entrada, para nos dar os meynos da immortalidade, para nos dizer, que depois de bautizados comunguemos na vida, & na morte, para alcançar-mos a eterna vida, não diz, que hum soldado ferio á Christo no lado, mas que lho abriu, & que d'elle sahio sangue, & agoa: *Vigilanti verbo Evangelista usus est, ut non diceret, latus ejus percussit, aut vulneravit; sed aperuit, ut illic quodammodo vita ostium panderetur, unde Sacramenta Ecclesia manaverunt, sine quibus ad vitam, quæ verè vita est, non intratur*.

103 Diverſamente lê Chrysostomo estas palavras. Não diz: *Exivit sanguis, & aqua*; mas diz: *Et exijt aqua primum, & sanguis*. Diz, que primeyro sahio a agoa, & à traz da agoa sahio logo o sangue; porque quãto ao misterio, diz elle, primeyro he o Bautismo, depois a Sagrada Comunhaõ. Primeyro nos bautizamos, & depois comungamos: *Quia primò baptis-mate*
alimur,

Joan. 10.
n. 9.

Chry-
sost. ho-
mil. ad
Neoph.
rom. 5.

diluimur, & postea mysterio dedicamur. Com tudo ainda assi, não quiz Christo neste misterio mostrar somente, que o Bautismo ha de preceder à Comunhão; mas quiz também mostrar, que para alcançarmos a eterna vida, para entrarmos no Ceo pelo lado de Christo aberto, pelos merecimentos de sua sagrada paixão, & morte necessitamos destes dous Sacramentos, do Bautismo, *necessitate medij*, & da Sagrada Comunhão na Pascoa, & na hora da morte por Viatico, *necessitate præcepti*: porque he certo, que quem não guarda este preceito ecclesiastico, & divino por sua culpa, senão pode salvar: *Sine quibus ad vitam, que verè vita est, non intratur.*

104 Acho muyta galantaria, & muyta graça no que diz S. Dionisio Arcopagita da Sagrada Comunhão, ou seja na vida, ou seja na morte: ou seja por devação, ou pelo preceito da Igreja na Pascoa, ou pelo preceito divino no perigo da morte por Viatico; porque lhe chama Enxertia espiritual: *Spiritualis insitionem*. Que proporção, ou que semelhança pode ter com a enxertia a Sagrada Comunhão, para se poder chamar com propriedade: *Enxertia spiritual*? Muita. Parece-me esta denominação tão propria, como singular, muy ajustada com o que Christo diz no Evangelho. Já disse, que os homẽs são arvores mortaes, que sempre caminhaõ para a morte, contrahida pelo peccado de Adão na arvore defeza. Desta allegoria se valeo Christo para mostrar, que a bondade, ou maldade dos homẽs se conhecia das obras, como dos fruitos a natureza das arvores. *Non potest arbor bona (diz elle) malos fructus facere: neque arbor mala bonos fructus facere. Omnis arbor, quæ non facit fructum bonum, excidetur, & in ignem mittetur. Igitur ex fructibus eorum cognoscetis eos.* E quiz dizer: Os homẽs são como as arvores. Hum homem de bem não pode dar fruitos maos, não podeter obras ruins; nem o mau podeter obras boas. A semelhança das arvores se procederá com os homẽs. Os que não obrarem bem, serão cortados para o fogo eterno do Inferno: & os que derem fruitos de boas obras, serão trasplantedos para o Ceo. De seus fruitos conhecereis a bondade, ou

D. Dionis. de Ecc. Hier. c. 3.

Matth. 7. n. 18.

maldade de cada hum.

105 Suposta esta doutrina de Christo tão verdadeira, com muyta propriedade chamou o Arcopagita à Sagrada Comunhão Enxertia espiritual: *Spiritualem infitionem*; porque os homẽs, que comungão, mormente por Viatico na morte, quasi arvores enxertadas com o garfo divino da Eucharistia dão fruitos da eterna vida na bemaventurança. He proprio do enxerto mudar a natureza das arvores, em que se faz. Não são mais as arvores enxertadas o que eraõ, porque não dão mais os fruitos q̃ davão, mas outros melhores da natureza do garfo, que nellas se enxertou. Os homẽs são arvores da morte: a Eucharistia he o garfo da vida, recebido na comunhão por Viatico, não são os homẽs mais o que eraõ, mas arvores de vida, para viverem eternamente no Ceo. Para o enxerto pegar, he necessario botar primeiro agoa na planta, em que se fizer, doutro modo não se une o garfo com ella; nem a Eucharistia com os homẽs, que antes de comungarem, não receberaõ a agoa do Baptismo. Atase o garfo com as arvores, para se unir com ellas: Atase Christo com o Christão, que comungar, com os

Osee. 11. n. 4. atilhos da charidade: *In funiculis Adam tradam eos, in vinculis charitatis*. O amor com que Christo deu a Sagrada Comunhão aos Apostolos foy o atilho da parte de Christo: *Cum dilexisset suos*: O affecto, & acatamento, com que a receberaõ os Apostolos foy o atilho da parte dos Apostolos. Para a enxertia ser boa, para se unir bem o garfo com a arvore, antes de se fazer, se tiraõ da arvore as folhas, & se lhe cortaõ os ramos. Antes da Comunhão, para esta enxertia divina brotar fruitos de vida, he necessario cortar primeyro os ramos dos vicios, & as folhas dos pecados. He necessario sacudir o homem velho, para ser enxertado em homem novo, tirar os fruitos da morte, para dar fruitos de vida. De tal modo se une o garfo com a arvore na enxertia, & a arvore com o garfo, que parecem hũa mesma cousa, porque està o garfo metido na arvore, & a arvore pegada com o garfo: Assim na Comunhão, està Christo no homẽ, & o homem em Christo: *In me manet, & ego in illo*. Finalmente,

Joan. 13. n. 1. *Joan. 6. n. 57.*

te, deixando ás mais comparações, na enxertia não se muda o garfo na arvore, mas a arvore no garfo. Não toma o garfo a natureza da arvore, mas toma a arvore a natureza do garfo. Tambem na Comunhaõ, não se muda Christo em nos, mas nos em Christo: *Cibus sum grandium* (diz S. Agostinho em pessoa de Christo) *cresce, & manducabis: nec tu me in te mutabis, sicut cibum carnis tue, sed tu mutaberis in me*, com tanta perfeição, que diz S. Bernardino. que coniungando dignamente nos transformamos em Christo: *Hunc cibum dignè manducantes, transformamur in Christum*. Rezaõ pois teve S. Dionisio de chamar a Sagrada Comunhaõ Enxertia espiritual: *Spiritualis in sitionem*.

Augus-
tin.lib.7.
Confes.
cap. 10.

D. Ber-
nardin.
tom. 2.

serm.54.
art.1.c.8.

Joan.3.
n.9.

106. Que fora de nós, senão ouvera esta enxertia. Pelo que Christo diz, ninguem se salvàra. Diz de sy, & fala de nos: *Nemo ascendit in cælum, nisi qui descendit de cælo*: Ninguem sobe para o Ceo, senão quem deceo do Ceo. Com dizer ninguẽ mais que elle, o que affirma de sy, nega de nos. Diz de sy, que subira para o Ceo: Diz de nos, que ninguem hà là de chegar. Sem esta enxertia spiritual nos deraõ estas palavras muyto em que entender, muy grande cuidado; nem poderamos perceber seu verdadeiro sentido; porque a experiencia nos mostra o contrario. Temos por fé, que todos os Sanctos canonizados estão no Ceo: Que os que morrem em graça de Deos, se salvão: Que as almas do Purgatorio ajudadas com os suffragios da Igreja, purgados seus peccados, vão todas para a bemaventurança; como pois diz Christo, que ninguem mais que elle sobe ao Ceo? *Nemo ascendit in cælum, nisi qui descendit de cælo*. Assim he, & não se pode negar no sentido, em que Christo fala. Para subirmos para o Ceo, he necessario, que estejamos tão unidos com Christo, & elle com nosco, como arvores enxertadas: Que façamos com Christo hum corpo, & que sejamos com elle hum espirito; & sem esta uniaõ ninguem vay para o Ceo: *Nemo ascendit in cælum*. S. Paulo o diz em poucas palavras, escrevendo aos Romanos, & aos de Corinto: *Multum unum corpus sumus in Christo: singuli autem alter alterius membra*.

Ad Roma.
12. n. 5.

Ad Co-
rinth. 6.
n. 17. *bra. Qui autem adhaeret Domino, unus spiritus est.* Posto que so-
mos muytos, diz S. Paulo, para subirmos ao Ceo, he necessa-
rio, que unidos com Christo façamos com elle hum corpo, &
que tenhamos com elle hum espirito; doutro modo ninguem
fora para o Ceo, mas só Christo: *Nemo ascendit in caelum, nisi qui*
descendit de caelo.

107 Dirme heis: As crianças bautizadas, que não comu-
gão, como se salvão? Os adultos, que na India, & em todo Ori-
ente, nem na morte, nem na vida, nunca em algum tempo co-
mungaraõ, como se salváraõ? Porque piamente não he para
crer, que todos se perdessem. Salváraõse por meyo desta en-
xertia espiritual, que dignamente em graça de Deos alcançaraõ
in voto. Por dous modos se pode fazer esta enxertia tão sobe-
rana, & tão divina; porque hà dous modos de comungar na
vida, & de receber o Sanctissimo Viatico na morte, *In re & in*
voto. Comungaõ *in re* os que realmente recebem o Corpo de
Christo na hostia consagrada. Comungaõ *in voto* os que o de-
sejaõ receber, & não podem. As crianças por falta de entendi-
mento não podem ter este desejo; porém, diz S. Thomas, que
quãdo se bautizão, *ex intentione Ecclesiae* o tem, assi como pelo
mesmo bautismo *ex fide Ecclesiae* tem fé, & crem em Christo.

D. Th. 3.
P. q. 73.
R. 3. *Per baptismum ordinatur homo ad Eucharistiam; & ideo ex hoc*
ipso, quod pueri baptizantur, ordinantur per Ecclesiam ad Eucha-
ristiam: & sicut ex fide Ecclesiae credunt, sic ex intentione Ecclesiae
desiderant Eucharistiam, & per consequens recipiunt rem illius.
De modo, que todas as crianças bautizadas estão unidas com
Christo, & participaõ desta espiritual enxertia: *Recipiunt rem*
illius; & por este meyo se salvão.

108 Por este mesmo modo se saluaõ os adultos, q não
podem comungar, mormente neste Estado, aonde poucos são
admitidos à Sagrada Comunhaõ na Pascoa, & quasi nenhum
para comungar por Viatico na morte. Se arrependidos de seus
pecados, confessados, & absolto, desejarem de receber à Deos
na Eucharistia, ou *explicitè* por acto explicito, que elegerem,
ou *implicitè* (como os ignorantes, que não tem noticia desta
obriga-

obrigação) no proposito de guardarem os mandamentos da ley de Deos, & da Sancta Madre Igreja, se salvão. Porque por este meyo tambem se unẽ com Christo, & fazem com elle hum corpo mystico, & hum só espirito, como as arvores enxertadas, que são huma mesma cousa com o enxerto: *Multi unum corpus sumus in Christo: singuli autem alter alterius membra. Qui autem adharet Domino unus spiritus est.*

109 Neste mesmo sentido explica a Glosa, & Lyrano as palavras que relatei de Christo: *Nemo ascendit in cælum, nisi qui descendit de cælo.* Diz a Glosa: *Renati enim spiritualiter ascendunt in cælum: sed non nisi sint membra coherencia illi, qui in una persona est homo, & filius Dei.* O mesmo diz Lyrano: *Nemo ascendit in cælum &c. Quia per generationem spirituales homines efficiuntur membra ejus, & ipsi uniuntur, & per consequens cum ipso ad cælum trahuntur virtute Verbi incarnati.* Os que renacerem espiritualmente pelo Baptismo sobem ao Ceo, mas não por outro meyo, Senão unidos cõ Christo na enxertia espiritual, ou comungando *in re*, ou ao menos comungando *in voto*, na Pascoa pelo preceito ecclesiastico, & na morte por Viatico pelo preceito divino: *Sed non nisi sint membra coherencia illi, qui in una persona est homo, & filius Dei.*

110 E ainda alli, muy desgraçados são os adultos, q não comungão *in re*, por Viatico na morte, porque tem grandes trabalhos suas almas, por partirem desta vida sem a companhia do Senhor, ainda q morraõ em graça de Deos por meyo da penitencia. Não queraes do que digo outra prova mais, que o successo, que à todos he presente, da Alma, que hà poucos mezes por repetidas vezes de noite, & de dia appareceo nesta Cidade, pedindo com lastimas, & choros socorro de Misérias, de Comunhoens, & de esmolas, pelo muyto que padecia, por partir desta vida sem o Sanctissimo Viatico. Não o relato, porque ninguem hà dos que aquy estaõ, que o não saiba, por ser muy publico, & o fazerem cada dia mais publico as pessoas, em cuja casa aconteece. Parece, que o ordenou Deos neste tempo, em que de dous annos a esta parte vos prego, que he

Joan. 3.
n. 13.
Glosa, &
Lyrano.
ibid.

Aparição
da Alma
de huma
mulher,
que sal-
leceosem
o Sanctis-
simo Via-
tico.

abuso, & peccado mortal, não se administram aos Christãos naturaes deste Oriente, nem na vida, nem na morte à Sagrada Comunhão, para desengano de todos, mormente dos Paroços; porque ainda que morraõ em graça de Deos por meyo da penitencia, por não ser por culpa delles nunca comungarem, nem ainda na morte por Viatico, mostrou com tudo esta Alma, que não bastou ter comungado por devação oito dias a tres que partisse desta vida, para não padecer o muyto que disse, que padecera ao sahir do corpo, & que padecia no Purgatorio, por lhe faltar o Viatico na hora de sua morte.

Malach.
4.º n. 2.

111 Oh India, Oh India, quã grãde foy a tua vëtura, quando a Nação Portuguesa, partindo do Occidente, navegando muytos mares nunca descubertos, arriscando muytas vidas, te buscou. Achoute neste Oriente, aonde te nasce o Sol, falta de luz, por te faltar a soberana da fé. Te vio cega na tua infidelidade sem o conhecimêto do verdadeiro Sol de justiça Christo Senhor nosso, q nasce aos Justos, & se escõde aos pecadores: *Crietur timētibz nomē meū Sol iustitia*, ignorãte na doutrina do Evangelho, idolatra na religião, superstitiosa no culto, privada da graça divina, morta à Deos pela culpa original, & muyto mais morta pelos teus muytos peccados actuaes, sem esperãça da eterna vida. Ella foy, que te livrou do cativoiro de Lucifer, das cadeas do peccado, do carcere do Inferno, dos enganos de teus falsos Deoses, das mentiras de teus fingidos Sacerdotes, & da tirania da morte, com a ley verdadeira, & sancta da graça, que te pregou. Ella te assentou na milicia de Christo debaixo do estandarte da Cruz, para te assegurar das vitorias contra os mais poderosos inimigos de tua alma, Mundo, Carne, & o Demonio. Ella te deu o Baptismo, com que renaceste á Deos, resuscitandote da morte do peccado à vida da graça.

112 A Turba tão numerosa de Christãos, que te fazem tão fermosa para com Deos, & tão admiravel ao Mundo, della à tiveste. A magnificencia dos Templos sagrados, o ornato dos Altares, as solenidades das festas, os aparatos das Igrejas, a multidão tão grande das freguesias, para teu bem espirital,

as

as procissoens tão grandiosas, inspiradas pelo Spirito Sancto, que alegião a vista, & fomentão a devaçãõ, as musicas ao divino, a criaçaõ na fê catholica, & os Ministros Evangelicos, que te mostraõ o caminho de tua salvaçaõ, & te guiaõ para o Ceo, della os tens. Muyto lhe debes por tão grandes, & tão soberanos beneficios, muyta sujeiçaõ, muyta obediencia, muyto amor.

113 Só faltou à Turba de tantos Christaõs desde o Cabo de Boaesperança atè o Japaõ o mayor bem da Alma, a mais segura companhia, & a mais necessaria provisãõ para a jornada tão larga, & tão perigosa para o outro mundo, o Sanctissimo Sacramento na vida, & na morte. Na vida ao menos na Pascoa pelo preceito da Igreja. Na morte por Viatico pelo preceito divino. Falta q̃ sepre tiveste no Triduo, não detres dias, nê de poucos annos, mas de tres seculos, ou de tres vidas de tres Reys Portugueses, q̃ procuraraõ a tua mayor exaltaçaõ. Já agora o tês, por se cõpadecer Christo de tãtos Christaõs q̃ o seguem: *Misereor super turbã, quia ecce já triduò sustinēt me, nec habent quod manducent.* Já começaraõ todos comungar na Pascoa os que tem annos de discricaõ, instruidos nos misterios da fê catholica, & no aparelho necessario, para comungarem dignamente conforme a capacidade de cada hum. Para receberem o Viatico na hora da morte, para que por falta delle não desfaleçaõ, & se percaõ no caminho para outra vida: *Ne deficient in via,* muyto se tem obrado nestes dous annos. Muytos Parocos, dos que antes não tinhaõ o Senhor nas sua Igrejas, lho puseraõ, para acudirem de noite, & de dia, conforme a necessidade, aos enfermos, mormente no perigo da morte cõ o Sanctissimo Viatico. O mesmo espero, que faraõ os outros em todo este Estado, que o não tem. Quanto mais deste dia em diante com tão raro exemplo, de se erigir nesta Igreja Primacial, Metropole, & cabeça de todas as Igrejas da India, esta tão Nobre & tão devota Irmandade do Sanctissimo Viatico, para se levar á todos com piedade á imitaçaõ de Christo: *Misereor super turbam:* Com cuidado: *Ecce jam triduò sustinent me, &*

non habent, quod manducant. E com vigilancia: *No deficiant in via.*

114 Não a chamarei Irmandade de homens, com serem muyto homens para o culto divino, & pelo zelo de acudirerem aos enfermos, como por defenderem cõ as armas este Estado: Nem tão pouco a chamarei Irmandade de Fidalgos, como o são os mais delles: Não de Catholicos, como o são todos, mas de Anjos, por ser officio proprio dos Anjos levar o Viatico aos que fazem jornada para o Ceo. Para o sustento da vida humana mandou Deos aos Corvos, que levassem todos os dias pela menhaã, & à tarde o comer à Elias no Deserto: *Corvisque precepi, ut pascant te ibi.* Mas para comungar por Viatico, mandoulhe hum Anjo com hum pão, figura do Sanctissimo. Tinha Elias pedido à Deos a morte: *Petivit anima sua, ut moreretur, & ait: Sufficit mihi Domine, tolle animam meam.* A jornada que havia de fazer, era para o Monte de Deos Horeb, figura de quem na morte faz jornada para o Empyreo. Faltavalhe o Viatico. Não lhe mandou Deos os Corvos ministros devoradores do alheo, para lho administrarem, mas hum Anjo; porq os Ministros espirituaes, que administram os Sacramentos haõ de ser Anjos, & não Corvos: Haõ de tratar do bem nosso espiritual sem cubiça, sem ambição, sem interesse: *Ecce Angelus Domini tetigit eum, & dixit illi: Surge, & comede.* E não contente o Anjo com esta primeyra visita, voltou segunda vez, para lhe administrar de novo o Viatico: *Reversusque est Angelus Domini secundò, & tetigit eum, dixitque illi: Surge, & comede: Grandis enim tibi restat via;* porque aos Enfermos se ha de levar o Senhor para comungarem, & por devação, & por Viatico, não hũa, mas duas, & muytas vezes, por ser a jornada larga, & perigosa: *Grandis tibi restat via.*

Ibid.

115 São pois Anjos no officio os Irmãos desta tão illustre, tão pia, & tão catholica Irmandade. Ide Anjos acodir aos enfermos, levai o Senhor à todos. Não haja differença de pessoas, porque por todos morreo Christo Senhor nosso, & para todos instituiu tão soberano, & tão divino Sacramento, & à todos

todos quer que se leve nas doenças, & na morte, & com maior charidade aos humildes, aos pobres, & aos escravos, porque ainda que cativos quanto ao corpo, no espirital quanto a alma são livres; & em graça de Deos não só são filhos seus, & herdeiros, como diz S. Paulo: *Ipse enim spiritus testimonium reddit spiritui nostro, quod sumus filij Dei. Si autem filij, & heredes: heredes quidem Dei, coheredes autem Christi*; mas por humildes são os Principes da Corte de Christo, como diz S. Leurenço Justiniano dos Apostolos, gente humilde, & pobres pecadores, que foram os primeyros, a quem deu o Senhor seu sagrado Corpo, & Sangue: *Transiturus de hoc mundo ad Patrem caenam fecit, ut corporis, & sanguinis sui sacramenta conficiendo, ministraret Principibus aulae suae, & primis aulae caelestis*. Por este meyo os Irmãos desta Irmandade terão na vida o emparelho dos Anjos, que acompanhão sempre ao Senhor, quando vay fora: & na morte a assistencia do mesmo Senhor, a quem servem, com muytos augmentos de sua divina graça, penhor da gloria, que á todos nos conceda por sua infinita misericordia, Amen.

Ad Rom.
8. n. 16.

S. Laurent. Justinian. de Triumph. Chr. Agene cap. 4.

Apparição da Alma de hũa mulher, que falleceo sem receber o Sanctissimo Viatico.

116. **N**A cidade de Goa, metropole, & cabeça do Estado da India, & Corte dos Viso-Reys, vivia hũa mulher chamada Guimar Pereyra casta Curumbim, moça cativa de Luis Alvaros Pereyra, & de Dona Leonor Pereyra da Sylva. Era mulher, a quem servio desde minina muytos annos com tanta satisfação, & com tão bom procedimento, que por sua morte a deixaraõ forra. Em casa de seus amos, todo o tempo que lhe sobejava, gastava em rezar, & em se encemendar á Deos, & de ordinario de joelhos diante da imagem, ou de Christo na Cruz, ou da Virgem Maria Senhora nossa, por cuja causa seus amos lhe queriaõ muyto, como tambem por criar hum filho delles com grande cuidado, & amor, & com muyto

temor de Deos, exortandoo continuamente à se meter religioso, para se livrar dos enganos do mundo, & assegurar a salvação de sua alma.

117 Pode tanto com elle tão boa criação, que tendo idade para ser Religioso, se meteo Frade em S. Domingos na cidade de Goa, aonde acabados os estudos, & graduado na sua Religião, Theologo, & Pregador, & ordenado Sacerdote, procedia com grande opiniaõ de virtude, muy conforme as obrigações de seu estado, do que a boa, & virtuosa mulher, que o criara, tinha grande contentamento.

118 Chamavase o Religioso Frey Manoel Pereyra, à quem ella pedia por vezes, que sabendo de sua morte, rogasse por sua alma, & lhe dicesse as Missas que pudesse, & lhe applicasse muytos suffragios de rezas, & indulgencias, para que não penasse muyto tempo no Purgatorio, procurando sempre com muyto espirito sua salvação. Para se assegurar della instruida no que convinha que foubesse como fiel christãa, para receber os sanctos Sacramentos, se confessava, & comungava muitas vezes no anno com muyta devação, jejuando sempre o dia antecedente á Comunhaõ, para mayor apparelho, & todos os sabbados à Virgem Mãe de Deos.

119 Vivia na freguesia de Nossa Senhora do Rosario em casa de Dona Barbora Alcoforada da Gama, viuva de Andre da Costa, & irmãa de Dona Leonor Pereyra da Sylva, de quem fora cativa, que pela muyta virtude, que nella via, folgava tella em sua casa, não por criada, mas por hospeda, dandolhe tudo de que necessitava, com que livre de sujeição, podendo dispor de sy como quera, hia todos os dias ouvir missa, gastando toda a menhaã na Igreja em se encomendar à Deos, por cujo respeito era de todos, que a conheciaõ, bem quista, & a soccorriaõ com algum dinheiro, para o que ouvesse mister, de que ella tomando para as suas necessidades o que não escufava cõ muyta limitação, o resto despendia em mandar dizer Missas pelas Almas, em particular pelas de seus Amos, que a deixaraõ forra, & em esmolas com os pobres, & em acudir ao Religioso

ligioso Dominico, à quem criara, com o sancto interelle de muytos suffragios que lhe pedia, para quando foubesse de sua morte.

120 Na Dominga de Septuagesima á tarde 17. do mes de Fevereiro do anno de 1647. velha de sessenta annos adoecco de febre, & se lhe aggravou o mal de asma, à que era fogueita, doença de que acabou a vida. Reparou a boa velha no costume da India de se não levar o Senhor nas doenças aos Naturaes daquelle Estado, mormente pobres, & de baixa condiçãõ, nem para comungarem por devaçãõ, nem tão pouco no finida vida por Viatico; & desejosa de receber à Deos, antes que se lhe aggravasse o mal, & a impossibilitasse a sahir de casa para a Igreja, foy logo na segunda feira pela manhã cedo à Igreja, sua Freguesia de Nossa Senhora do Rosario comũgar, o q̃ fez com grande aparelho, & cõ muyta devaçãõ, pedindo cõ muytas lagrimas à Deos perdaõ de seus pecados, por entender, que seria a ultima comunhão, persuadindose que daquella enfermidade acabaria os dias de sua vida, & que não seriaõ muytos, & não se enganou, porque na segunda feyra seguinte 25. do dito mez de Fevreyro sol posto deu sua Alma á Deos, não comungando mais em toda doença, que por se lhe agravar, & se declarar logo mortal, não pode ir de novo á Igreja, para comungar por Viatico, como alguns fazem com risco de sua vida, mas confessouse de novo no ultimo dia antecedente á sua morte, & tomou no mesmo tempo depois de confessada a sancta Unção com muytas lagrymas de arrependimento de suas culpas, & pecados.

121 Era ella Irmãa de Nossa Senhora do Remedio, aonde na terça feyra seguinte levarão seu corpo, & no Capitolo, enterro das Irmãas, foy sepultada. Neste dia muy cedo o bom Religioso Dominico, sem embargo de estar sangrado muytas vezes, & mal convallecido de hũa grave doença que teve, vencendo o espirito, & a gratidaõ (que nos Religiosos de virtude tem grande força) a fraqueza do corpo, foy logo dizer Missa pela alma da defuncta, que o criara, & lhe rezou inteiro o officio.

cio de defunços de nove lições, & lhe applicou todos os suffragios que pode naquelle dia, & o mesmo fez na quarta fey-ra seguinte.

112 Pelo muyto que a Alma padecia no Purgatorio, & pelo que ella revelou, por não comungar por Viatico na morte, se não satisfez com os suffragios, que o virtuoso Religioso offereceo por ella á Deos, mas na quinta feira seguinte pouco antes de romper a Alva, sendo a noite ainda escura, appareceo-lhe & com lastimas lhe queria manifestar o muyto que padecera ao sahir do corpo, & o muyto mais que padecia no Purgatorio (pelo que ella disse ao Religioso) por partir desta vida sem a companhia do Senhor, por não receber o Sanctissimo Viatico.

123 Espantado o Religioso, & cheo de temor, lhe não deu lugar à fallar o mais que lhe queria dizer, mas escañamente ouvindo as primeiras palavras do que tinha padecido, & padecia, por lhe faltar o Viatico, lhe pediu, que se fosse, que elle sem embargo de estar mal convalecido, & fraco de sua doença, não deixaria de dizer muytas Missas por ella, & de lhe aplicar outros muytos suffragios, como fez, & não a querendo ouvir por medo, partio a Alma desconsolada com grandes gritos; & na mesma hora foy á casa de Dona Catherina Soares de Mello, casada com Miguel Rangel, fidalgo cavalleiro do habito de Christo, irmão da dita Dona Leonor Pereira da Sylva, que a deixara forra, & achandoa na cama, que durmia, pegou em seus pés, acordandoa, & chamandoa pelo seu nome com a cortezia, com que costumava fallar-lhe nesta vida presente, dizendo: *Senhora Dona Catherina ouça V. M. o q, lhe quero dizer. Ouça minha Senhora, porque ando muy atribulada. Erga-se para me ouvir tudo.* A Senhora acordada sem abrir os olhos, por querer dormir, não conhecendo pela voz quem ella era, nem podendo imaginar, que era a Alma da defuncta, cuidando que era alguma moça de sua casa, lhe perguntou quẽ era, & que queria. Respondeolhe a Alma: *Sou Guimar Pereira. Erga-se minha senhora, para me ouvir, porque padeco muyto por*
partir

*p*artir deste mundo sem a companhia de meu Senhor Jesu Christo. *Ouçame o que lhe quero dizer.* Abrindo a senhora os olhos, vio á seus pès seu vulto, & com grande medo, respondeolhe: *Não vos quero ouvir. Deixaime. Ide embora. Não vos quero ouvir.* E gritando com medo, acordou logo Miguel Rangel seu marido, que durmia na mesma cama, & humna moça que durmia na mesma casa, & no mesmo tempo cahio Dona Catherina da cama com hum grande desmayo.

124 Acudiraõlhe logo, & pondo a de novo na cama, lhe deu humna rija sezão com frio sem poder fallar de puro medo. A Alma frustrada de seu intento, lastimosa, & com pena de não ser ouvida, deu duas pancadas muy grandes em hũa porta que estava fechada, por onde se passava à outro aposento, com tão grande estrondo, que acordaraõ todos de casa com gritos, & com medo, em particular humna irmã da mesma senhora chamada Dona Antonia Soares de Mello, que mais que todos, por durmir mais perto della, ouviu as grandes pancadas, o bullir da porta, o estrondo, & o rumor que a mesma Alma fez, quando se foy, como Alma afflicta, & desconsolada, que queria ser ouvida, para manifestar os apertos, & penas que padecia, & os suffragios que desejava.

125 Tanto que amanheceo, mandou logo Miguel Rangel, & Dona Catherina sua molher dizer muytas Missas por ella, & na sexta feira seguinte fizeraõ o mesmo, & lhe mandaraõ tirar hum Bulla de Alma, parecendolhes, que com estes suffragios satisfariaõ ao que a Alma podia querer. Durou á Dona Catherina a febre todo o dia, & lhe ficaraõ os pès, que a Alma tinha apertado para a acordar, como dormentes, sintindo nelles como hum formigueiro, que lhe durou pelo espaço de dous dias, sem poder assentar os pès no chaõ.

126 No sabbado seguinte as cinco horas da tarde, que na India he dia claro, por ser quasi hum continuo equinocio, afflicta Dona Catherina do successo, & melhorada dos achaques, julgando ter satisfeito à sua obrigação com as missas, q mandou dizer, & com a Bulla que mandou tirar, & que esta-

ria livre da Alma, estando já descuidada, pareceo-lhe ver passar a Alma de huma varanda, aonde ella estava com suas moças, para huma casa conigua, mas não se affirmando bem se era o que vira, disse à gente com quem estava, se a viraõ. Responderaõ-lhe, que não, & que seria alguma moça de casa, que fora para dentro. Sotilegada continuou com a occupação em que estava na varanda, & dahy a pouco, levantandose, entrando para dentro, appareceo-lhe a Alma, como se resucitara seu corpo, na mesma forma, & com os mesmos habitos, que vestia nesta vida. Foy tão grande o medo, que gritou espantada: *Ay que aquy está Guimar Pereira*, & cahio logo no chão com desmayo, desfocorada, & sem sintido algũ, como se fora morta. Acudiraõ-lhe com pressa, & com trabalho depois de largo espaço começou torñar em sy. Puseraõ-lhe hum Christo pendurado no pescoço com hum reliquia, que tinha, do Sancto Lenho, & hum Corporal, & boraraõ-lhe muyta agoa benta, animandoa no melhor modo que poderaõ, affi a gente de sua casa, como os vizinhos, que ao rumor, & aos gritos da familia acudiraõ.

127. Não se atrevendo de viver mais com medo nas mesmas casas, foy logo naquella noite com seu marido para as casas de sua irmã Dona Mariana de Mello, casada com Fernão Vaz, parecendo-lhe, que em casa alhea, & com tão boa companhia, se livraria da apparição da Alma, levando sempre consigo o Christo, o Sancto Lenho, & o Corporal, que na cama, pondo-se à dormir, pendurava na cabeceira do leito. Passou toda esta noite sem dormir, vigiada por medo de muytas mulheres, chorando muytas lagrimas.

128. Ao Domingo, q̃ era da Quinquagesima, 3. de Março, mandou chamar diversos Religiosos de virtude, & letras, para se aconselhar com elles, & logo no dia seguinte fuy tambem eu chamado, para que a ouvisse de confissão, romandome por seu Confessor, para que nesta afflicção, em que se achava, lhe assistisse com mayor cuidado.

129. Todos fomos de parecer, que se mandassem dizer por

por esta Alma muytas missas, que se dessem nũytas esmolas a Conventos pobres, & aos pobres q andão pedindo pelas portas, mormente cegos, & aleijados, pör serem á quem a defuncta dava em sua vida com mayor piedade, & compaixão as esmolas que podia, & animavos a Dona Catharina, que senão remedie, porque a Alma não vinha para lhe fazer mal, mas para se valer della nos apertos, & penas em que se achava, & que rogasse a Deos, já que se não atrevia a fallar com ella em vigilia, que lhe apparecesse em sonho durmindo, não sendo ferido livrarla de todo desta apparição.

130. Na segunda feira às duas horas depois de meya noite para a terça feira, lhe appareceo de novo, acordando a pela achar durmindo na cama, & de joelhos com as mãos juntas, & levantadas, lhe disse apressada, por ver que se espantava: *Senhora. Por amor de Deos comungue muytas vezes, & offereça a Deos por mim essas comunhoens pela que me faltou na hora da morte, & mandeme dizer quinze missas huma cada dia continuadas sem as interromper, no Altar de S. Nicolao, & tres a Santissima Trindade huma cada dia na Igreja em que está sepultado meu corpo: E querendo passar avante, & manifestar suas penas, & a causa dellas, respondeolhe com grande medo Dona Catharina: Não darey dizer logo as missas: Ide vos, não vos quero ouvir; & entrou logo em accidentes mortaes com suores frios, & tão defacordada como se fora morta, não podendo vencer o medo, sem embargo de avigiarem na cama suas irmaãs, & parentas, que a animavaõ, & lhe persuadiaõ a ouvir a sem medo.*

131. Entrou a Quareisma este anno de 1647. em 6. de Março, & desde o primeyro dia até Domingo de Paixão de noite, & de dia em sonho, & em vigilia, ou estivesse só, ou acompanhada, lhe appareceo continuamente a Alma, pedindo-lhe muy afflicta, & desconfolada, às vezes em pé, & algũa assentada junto à ella, & muytas de joelhos com as mãos juntas, que por amor de Deos a ouvisse, & que não tivesse medos, porque não vinha para lhe fazer mal, mas para se valer della em seus apertos, & ser soccorrida com Missas, com esmolas, &

com outros suffragios.

132 Não deixavaõ os Religiosos, que continuamente a visitavaõ, de a consolar, & de a animar, & persuadir-lhe, q sem medo a ouvisse, eu em particular como seu Confessor, aconselhando-lhe o que mais convinha, assi para os suffragios de que necessitava a alma, como para a onvir, depondo todo o medo, mostrando-lhe, que se era para mal, lho tiv era já feito, & que as Almas do Purgatorio são Almas sanctas muy amigas de Deos, & taõ desejasas de nosso bem, & da nosa salvaçaõ, como de serem socorridas com suffragios, & que por cõveniencia propria convinha ouvila de huma vez, para se livrar destas appareçoens, & que sempre as teria em quanto se não deliberasse à ouvir o que queria; & que desse graças à Deos, por buscar mais à ella, para ser socorrida, que à ontrem; pois era final de lhe querer Deos muyto, por lhe dar à conhecer o que se padece na outra vida, para tratar nesta de se livrar daquellas penas, que são grandes, com obras meritorias; & tambem por querer, que ella, & não outrem tivesse hũ merecimento taõ grande, de socorrer huma Alma, que não podia vir do outro mundo sem sua ordem, para se vaier della nos apertos, & penas, que padecia; & que para melhor, se confessasse, & comungasse todas as semanas tres vezes, já que pedia a Alma comunhoes, pela que lhe faltou na hora da morte, o que fez com grandes aparelhos em toda a Quaresma, confessando-se primeyro geralmente na quarta feira de Cinza.

133 Na Dominga de Paixão ouvindo a primeiro de cõfissão, comungou cõ muytas lagrimas, & o mesmo fizeraõ suas irmaãs, & parêtas, & toda a gente de sua casa cõ a mesma tençaõ, para que Deos livrasse aqueila Alma das penas, que padezia, & à Dona Catherina de sua appariçaõ, ou lhe desse valor para a ouvir, & no mesmo dia se mandaraõ dizer por ella muytas missas, & dar muytas esmolas. Recolheose finalmente de noite Dona Catherina para durnir cõ muytas reliquias penduradas no peçoço, & com hum Christo que poz na cabeccira do leito, que de dia trazia consigo com deliberaçaõ de

de ouvir a Alma, se de novo lhe apparecesse, mas não sem medo, que nunca deixou de o ter, por muyto que se esforçasse, & procurasse de o tirar de sy.

134 Recolhidos todos depois de muyta oração, que na dita noite se fez, estando toda a casa quieta durmindo, só deitada na cama vigiava Dona Catherina, não lhe deixando pegar o somno o medo. A humas depois da meya noite cansada começou dormir, & logo na mesma hora em sonho lhe appareceo a Alma, mostrandofelhe agastada, & apaixonada, por a não querer ouvir, & com violencia mostrava querer lutar cõ ella, & tiralla fora do leito, até que a acordou. Vendoa já esperta lhe disse muy afflicta, & muy desconsolada, & com imperio: *Senhora Dona Catherina ouçame V. M.* & replicou tres vezes: *Ouçame V. M. por amor de Deos, ouçame V. M.* Por fallar a Alma com resolução, temêdose Dona Catherina, que se a não ouvisse, lhe poderia soceder algum mal, vendoa taõ resoluta, venceo com este medo o que dantes tinha de a ouvir, mormente esforçada das persuaçoens de todos, que a exorrraõ em toda a Quaresma á ouvila, & das confissoes, & comunhoes, & outras obras meritorias, que tinha feito, em particular naquella Dominga da Paixaõ.

135 Disselhe entaõ Dona Catherina: *Que quereis mulher. Deixaime pelas chagas de Christo; pois por vossa causa ando taõ arrastada, & taõ doente.* Respondecolhe a Alma: *Pelas chagas de Iesu Christo, & por amor daquelle Senhor crucificado, que tendes na cabeceira, peço en a V. M. que me ouça, porque eu não venho para fazer mal á V. M. nem para lhe fazer medo, mas venho com licença de meu Senhor Iesu Christo valerme de V. M.* Disselhe Dona Catherina ainda com medo: *Porque não ides á outrẽ? Ide às parentas de quem vos deixou forra. Em que entro eu com vofco?* Respondecolhe a Alma: *Deos me manda á V. M. & não á outrem, por ter V. M. muyta charidade. Ouçame, porque estou muito atribulada, & padeço muytas penas.* Disselhe entaõ Dona Catherina: *Dizei, dizei depressa, & deixaime, entrando já por medo em ansias, & suores com risco de desmayos.*

136 Começou logo a Alma sua patrica com estas palavras, que são as proprias, & precisas, que disse, acomodando-se ao modo de fallar das Negras da India, como ella fallava nesta vida, & assi disse: *Minha Senhora venhome valer de V.M. porque quando eu morry, não morry com o Senhor no peito, não morry com o Sancto Sacramento. Não tomey o Senhor na hora da morte, & não pode V.M. imaginar a grande pena, & desconfortação de minha alma, quando sahio do corpo sem o Senhor, quantas penas padecy, quam grande o medo dos Demonios, que me cercarão, & quantos são os tormentos, & penas que agora padeco por esta causa, que as não padecera, se tivera levado commigo o Senhor. Não posso dizer como ando atormentada, por me faltar o Senhor, quando morry. E dizendolhe Dona Catherina: Não comungaste no principio da vossa doença? Respondeo a Alma: *Sy minha Senhora. Mas foy por minha devação oito dias antes que morresse. Mas na morte não receby o Senhor. E não pode imaginar V.M. o que padecem as Almas, que não levão o Senhor consigo, quando se apartão do corpo: Lembrese V.M. de mim, porque mal sabe V.M. o que padeco por causa de não comungar na morte. São todas estas palavras as proprias, que disse a Alma, como me referio a dita Dona Catherina sem as acrescentar, nem diminuir, & com a mesma ordem, & modo de fallar. E passando avante cõ o discurso muy afflicta disse: *Peço á V.M. por amor de Deos, que vá confessarse, & comungar tres vezes por mim, & offereça essas tres comunhoens diante do Sanctissimo Sacramento por mim, pela que me faltou na morte, por que depois destas tres comunhoens não heide apparecer á V.M. mais, mas heide descançar. E arrecada F.M. de Luizita (Era esta hũa moça de Dona Catherina) o dinheiro, que me deve, & repartao V.M. com os pobres cegos, & aleijados. Não me falte V.M. com o que peço, porque tambem V.M. ha de ter muytas necessidades na hora da morte. Trate V.M. mais da outra vida, aonde muyto se padee, para se livrar daquellas penas, que são mayores de quantas se padecem nesta vida, & não morra V.M. sem tomar o Sancto Sacramento na hora da morte, para sua alma levar o Senhor consigo, porque sem elle ha de padecer muyto***

muyto. Dito isto pelo modo referido, desapareceo.

137 - **T**ôdo este discursô com suas proprias palavras foy o que à Alma fez, pelo que me referio Dona Catherina, dando-me conta miudamente como à seu Confessôr de quâto passava, & para mayor fé, quiz que o confirmasse com juramento, por me parecer tudo digno de se escrever, & de o dar à estampa, para que todos procurem de comungar por Viatico na hora da morte, & que os Parocos, & Curas vigiem pela obrigação de seu officio, para que ninguê morra sem elle. Reparey não pedir a Alma mais missas, como pedio no principio, nem mais esmolas, mas só as que podiaõ resultar da divida da moça Luizica, que não eraõ muytas, & que pedisse só tres communhoens: & mais reparei dizer, que por não comungar por Viatico na morte, padecia muyto no Purgatorio.

138 - **Q**ue não pedisse mais Missas, & esmolas, seria, porque muytas foraõ em grande cantidade as que se disseraõ por ella todos os dias, desde que appareo, & muy largas, & muy continuadas as esmolas, que se lhe applicaraõ. Que não pedisse tambem mais que tres Comunhoës, para compensar a q̃ lhe faltou por Viatico, tambem seria, porq̃ se offereceraõ à Deos muytas por ella; & tambem porque para a compensação bastantes parecem tres Comunhoës feitas com muyto aparelho, & devaçãõ em graça de Deos. Só me admira, & muyto me espanta, dizer a Alma nestas apariçoens, afflieta, & desconsolada, que padecia muyto no Purgatorio, por partir desta vida mortal sem o Sãctissimo Viatico, não sendo por sua culpa não o receber, mas por culpa dos Parocos, & Curas da India, que por abuso antigo, & pecaminoso, de que haõ de dar muy estreita conta à Deos na hora de sua morte, por pecarem mortalmente contra o preceito divino, não querem levar o Senhor aos Naturaes de todo o Estado da India, se não à algum de annos em annos por grande favor, & amidade. Neste ponto quizer ouvir os pereceres dos que melhor o entendem, porque do que se passa na outra vida mal se pode dar nesta rezaõ. O certo he, que qualquer falta por leve, que seja ahy se purga, & castiga
com

com penas muy grandes.

139 Tenho para mim, que de diversas causas procederia o muyto que dizia a Alua, que padecia no Purgatorio. Uma dellas seria de não comungar por Viatico *in voto*, não podendo comungar *in re*, pela obrigação que corria de desejar o Sanctissimo Viatico, & ainda de o pedir, & procurar de sua parte, sem embargo de entender, que lho não dariaõ; porque entãõ ficava toda a culpa, & peccadõ sobre o Paroco, por lho não levar. Tambem seria de não procurar, que a levassem á Igreja para o receber, como alguns fazem com evidente risco de sua vida; porẽm *cum tanto discrimine*, não estava obrigada. Sobre tudo julgo, que padeceria as penas grandes, que dizia, que não padecera, se comungara por Viatico, porque por falta delle, não teve os augmentos soberanos da graça, que confere este Divino Sacramento, mormente no perigo da morte, & per consequença o perdaõ das culpas, em particular das venias quanto a pena, que por seu meyo se alcança, ainda *ex opere operato*, recebido em graça, & tambem, *ex opere operantis*, conforme a mayor, ou menor disposiçaõ de quem o recebe, mayores, ou menores actos meritorios, que tambem augmentaõ a graça divina, & saõ tambem satisfactorios, porque por elles remete Deos em tudo, ou em parte, conforme forem, as penas que merecem as Almas por suas culpas. Mas seja esta, ou outra a causa, o certo he que se queixava a Alma, que por não ter recebido o Senhor por Viatico, padecia muyto no Purgatorio.

140 Torno agora ao fio da historia. Procurei logo que Dona Catherina, & lho encomendei muyto, comungasse tres vezes com muyto mayor aparelho, & devaçãõ do que dantes tinha feito, & que postrada diante do Sanctissimo as offrecesse por esta Alma, conforme lhe pedira; & que o mesmo, para melhor fizessem suas irmaãs, & parentas, & mais gente de sua casa, & que arrecadasse logo o dinheiro, que lhe devia a moça, & o desse de esmola aos cegos, & aleijados, como a Alma ordenara; porque estas esmolos, ainda que de pouca canti-

cantidade são mais satisfactorias, por serem do proprio, que pertencia aquella Alma; & que se mandassem dizer de novo por ella muitas Missas, & se dessem outras muitas esmolas, sem embargo de as não pedir nesta aparição, que foy na noite seguinte à Dominga de paixão.

141 Ordenou com tudo Deos por seus justos juizos, que tendo Dona Catherina comungado duas vezes, se descuidasse com a terceira, por lhe adoecer gravemente hum filho unico que tinha. Não soffreo a Alma este descuido, nem julgou a doença do filho por causa bastante, para se lhe dilatar esta communhão, que faltava, feita na Igreja, & offerecida por ella diante do Sanctissimo, como lhe pedio, para se ver livre das penas, que padecia, & ver à Deos no Ceo com os Bemaventurados. Mas logo lhe appareceo de novo muyto afflicto, & desconfolado, tanto que passou o tempo determinado para ellas, que era por toda aquella semana desde a segunda feira de paixão até o Domingo de Ramos. Na terça para quarta feira de trevas lhe appareceo em sonho logo depois de meya noite. Seria para a não espantar, vindo para a reprender de seu descuido, & muy conforme com a vontade divina, que o permitio, lhe disse estas precisas palavras: *Senhora Dona Catherina, descuidase V. M. de mim! Faltame com huma Communhão! Que cuida V. M. que a outra vida he como esta! Cuida que lá se brinca, bebe, come, & dorme, como aqui! Lá se padece muyto antes de ver à Deos, se padece o que se não cuida, nem se pode imaginar. Não hà V. M. de morrer como todos? Não hà de ter depois de morta muytas necessidades? Porque se descuida de mim? Não pode imaginar V. M. o que padeço por falta desta Communhão, que quer Deos, que se lhe offereça em satisfação de não ter eu comungado por Viatico.* Disselhe então Dona Catherina entre sono, & vigilia, porque hia acordando com medo: *Eu a farey. Logo comungarei. Deixarei tudo para não vos faltar.* E estando já acordada de todo, & com temor, disselhe a Alma: *Não tenha medo. Acabe V. M. commigo. Vá logo comungar a menha, que he o dia, em que meu Senhor Iesv Christo instituiu o Sacramento. Seja elle para sempre louvado. Cõ esta Communhão*

*munhaõ offerecida com devaçãõ diante do Sanctissimo Sacramen-
to irei descansar; & não apparecerei mais à V. M. Nosso Senhor dê
à V. M. muytos bens, & muytos descansos, assi como me acode, &
a livre na morte do inimigo. E tenha cuidado de comungar, quan-
do estiver para morrer, porque muyto padecem as Almas, que não
levaõ consigo o Senhor no Sacramento. Dito isto desapareceo.*

142 Parece-me bem, para mayor segurança, ordenar-
lhe como confessor, que comungasse de novo tres vezes, & of-
fercesse essas tres Comunhoës por esta Alma diante do San-
ctissimo, como lhe tinha ella já pedido, & que a primeyra fos-
se logo na dita Quinta feira, a segunda na Dominga de Pascoa
de Ressurreiçãõ, & a Terceira logo na segunda oitava, como
fez; & por não apparecer mais Alma, entendemos, que livre das
penas do Purgatorio, foy para a Bãaventurança lograr à Deos
eternamente na Visãõ beata, que nos dê à todos o mesmo Se-
nhor por sua infinita misericordia. Amen.

LAUS DEO.



MARAVILHAS

DO SENHOR NA EUCHARISTIA,
E SEUS MAYORES DESEJOS

DE SE COMUNICAR A TODOS,

MORMENTE AOS POBRES, AOS SERVOS, E ESCRAVOS,
& mais gente humilde, & baixa.

SERMAM IV.

PREGOUO

NA INDIA, NA SEE PRIMAZIAL DE GOA

O M. R. P. D. ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,
Clerigo Regular, Theatino da divina Providencia,

NA FESTA DO SANCTISSIMO SACRAMENTO,
em 31. de Mayo de 1646.

Naõ ouve procissão, nem esteve o Senhor exposto.

Hic est panis, qui de calo descendit.

Joan. 6. n. 59.

ILLUSTRISSIMO SENHOR

1  ANGELICO na pureza, o divino no espirito, o exemplar na virtude, o milagroso nas obras, o mais eminente nas letras, dos engenhos a Aguia, da Igreja catholica a luz, das Escholas o Sol, & dos Doutores o mayor que creveo do altissimo, & soberano Sacramento da Eucharistia, S. Thomas, considerando sua grandeza, admirado diz,

Qqq 3

diz,

D. Tho- diz, que he o mayor milagre, que Christo fez: *Miraculorum*
 m. opus. *ab ipso factum maximum*. Dos muytos louvores que se pode
 57. dar ao Sanctissimo, não parece este o mayor, mas antes o mais
 fraco. Porque comparado este milagre com os mais, q̃ Christo
 fez, fraco louvor he dizer, que he mayor que todos; porque
 todos os mais milagres de Christo, que forão muytos, & gran-
 des, & sobre todos a resurreiçãõ de Lazaro morto de quatro
 dias, que causou nos Hebreos muy grande admiraçãõ, & es-
 panto, são tão inferiores à este da Eucharistia, que são comũs
 à todos os Sanctos. Muytos Sanctos ouve, que resuscitaraõ
 mortos de mais dias, & obraraõ milagres muyto mayores dos
 que Christo fez, por virtude do meſmo Senhor, que delles dis-
 se: *Amen, amen dico vobis, qui credit in me, opera, qua ego facio,*
& ipse faciet, & maiora horum faciet. Menos louvor he com-
 parado com a immensidade de Deos, que pode fazer sempre
finite in infinitum mayores, & mais soberanos milagres, que
 não podemos cõprehender. Porque a transubstanciação do pão
 no corpo de Christo, em que formalmente consiste o milagre
 da Eucharistia, não adequa sua impensa virtude, nem esgota
 seu infinito poder.

Joan. 14.
 n. 12.

2 Cuidei nesta maxima de S. Thomás tão absoluta, &
 obrigado do acatamento devido á tão insigne Doutor, & da
 reverencia á tão grande Sancto, como do affecto, & inclina-
 çãõ natural por patricio, & ainda do interesse no sangue, por
 ter alguma antiga migalha de sua origem, me deliberei á mos-
 trar, que o assumpto he verdadeiro, não só comparado com
 os milagres de Christo, que por inferiores não pode ter duvi-
 da, ser este o mayor, mas com seu infinito, & immenso poder.

3 He sentença comũ dos Theologos decantada nos pul-
 pitos, que a Eucharistia he huma extençãõ milagrosa da encar-
 nação do Verbo divino. Neste sentido a Eucharistia he o ma-
 yor milagre, que Christo podia fazer com seu immenso, & in-
 finito poder, não absolutamente fallando, porque o infinito,
 & o immenso não tem limite, mas considerado conforme a
 nossa capacidade, que não comprehende, nem pode entender,
 como

como pode haver milagre mayor, maravilha mais soberana. O milagre da encarnação do Verbo excede de tal modo a nossa capacidade, que se a fé o não ensinara, o nosso entendimento o não admitira.

4 Sem a fé quem se persuadira, que Deos immenso, & infinito, Senhor independente, & absoluto, se podesse baixar à ser homem limitado, foyeito, & dependente, sem deixar de ser Deos: Que o homem tão vil, & tão baixo, por origẽ creado do lodo: *De limo terra*, podesse subir á ser Deos, sem deixar de ser homem: Que tendo o Senhor pay virgem no Cœo sem mãy, tivesse na terra mãy virgem sem pay: Que gerado, & nacido *ab eterno*, renacesse em tempo: Que não tendo seu nascimento divino nem principio, nem fim, tivesse principio, & fim seu nascimento humano: Que por obra divina o concebesse huma Virgem, & que o parisse sem maculã de sua pureza, excede de tal modo a nossa capacidade, que assombrou o mayor entendimento creado, superior aos Anjos, & aos homens. Não en-ve abaixo de Deos, nem há entendimento mais levantado, nem igoal, nem com tanta luz divina, como o da Virgem Maria Senhora nossa. Com tudo quando Deos por hum Anjo lhe revelou com immensa luz este mysterio tão grande, este milagre tão soberano; & tão divino, assombrada disse: *Quomodo fiet istud?* Como pode ser isto? Como pode Deos com seu immenso poder fazer tão grande milagre? Que em hum suposto effejaõ duas naturezas infinitamente distantes, a divina, & a humana: dous entendimentos, não só distinctos mas diversos: duas vontades subordinadas, huma superior que manda, outra inferior que obedece: duas effencias desiguaes, huma infinita, outra limitada, huma increada, outra creada; huma eterna, outra em tempo, huma impassivel; outra mortal, ambas impecaveis, huma por effencia, outra por graça: *Quomodo fiet istud?*

5 Como pode ser, que de huma mesma pessoa se verifiquem assumptos encontrados, proposições opostas? Que he Deos, & homem: *Et homo factus est*: Spirito, & corpo: *Verbum ex eo factum est*: Senhor, & servo: *Formam servi accipiens*: Grã-

Gen. 2.

n. 7.

Luc. 1. n. 34.

Symbol.
Apost.
Jean. 1.
n. 14.

Ad Phi- de, & pequeno: *Parvulus Filius*: Soberano, & subdito: *Erat*
 lip. 2. n. 7. *subditus illis*: Allegre por effencia, & triste: *Tristis est anima*
 Ilai. 2. n. 6. *mea*: Fermofo, & disforme: *Vidimus eum, & non erat aspectus*:
 Rico, & pobre: *Pauper sum ego*: Descançado, & cõ trabalhos:
 Luc. 2. n. 51. *In laboribus à juventute mea*: Imortal, & fogueito à morte:
 Marc. 14. n. 34. *Obediens usque ad mortem*: immenso, & limitado: poderoso, &
 Ilai. 53, n. 2. *modo fiet istud?* Foy este affombro, & espanto da Senhora taõ
 grande, que para a livrar o Anjo de cuidado, foy necessario,
 Psal. 87. n. 16. que lhe certificasse, que nenhuma cousa he impossivel à Deos:
 Ad Phi- *Non est impossibile apud Deum omne verbum.*
 lip. 2. n. 8.

6 He pois a Eucharistia o mayor milagre da omnipoten-
 tia divina, porque estendeo nella o Senhor a mayor maravilha.
 Porèm naõ dizem os Theologos, como se estendeo milagro-
 famente este milagre taõ soberano, & taõ grande no Sanctissi-
 mo Sacramento, para podermos concluir com S. Thomas, que
 a transubstanciação do paõ no corpo de Christo he o mayor
 milagre de seu immenso poder: *Miraculorum ab ipso factorum*
maximum; porque o Verbo divino naõ tomou de novo na
 Eucharistia carne humana. Em que pois consiste esta extenção,
 pela qual o milagre da Eucharistia he o mayor milagre? Nin-
 guem o diz. Direi eu o que entendo. Estendeo Christo na Eu-
 charistia sua encarnação, porque na Eucharistia sempre rena-
 ce. Quiz no divino Sacramento do Altar, ter sacramentalmẽ-
 te como homem com continuado milagre o que tem essenci-
 almente em seu Eterno Padre como Deos.

7 Christo pelo que tem de divino sempre nasce; mas naõ
 nasce sempre como homem. Na geração eterna seu divino
 nascimento naõ teve principio, nem terá nunca fim. Sempre
 nasceo, sempre nasce, & sempre nascerà. Nasceo *ab aeterno* de
 seu Eterno Padre, & por toda a eternidade estará sempre nas-
 cendo; porque seu nascimento eterno teve origem do conhe-
 cimento, que tem Deos de sy. Por conhecer Deos a sy mesmo,
 por comprehender sua divina effencia, sua immensa grande-
 za, seu infinito poder, & as mais perfeições divinas, gerou à
 seu

seu divino filho; & porque por toda a eternidade sem fim sempre conhece, comprehende, & comprehenderá á sy mesmo, por toda a eternidade o está, & estará sempre gerando, & influindo em seu nascimento. Mas como homem no nascimêto temporal, tanto que foy concebido nas entranhas purissimas da Virgem Senhora, parou sua conceição. Nem a Virgem, nem o Spirito Sancto, por cuja obra se fez, influirão mais nella. Foy necessario o consentimento da Virgem (dizem os Santos Padres) para o Verbo divino se encarnar em seu sagrado ventre. Se não diffiera a Senhora: *Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum*, não concebera á Christo. Porém depois de concebido, se repetira as mesmas palavras, não o concebera de novo. O Verbo divino não se encarnara outra vez. Assim mesmo quando o pario, parou seu parto, não o pario já mais.

Luc. 1.
n. 38.

8 Faltava pois á Christo esta excellencia soberana, esta grandeza divina, de nascer sempre como homem, assim como sempre nasce como Deos, de nascer sempre continuamente na terra, assim como sempre nasce, & nascerá para sempre por toda a eternidade no Ceo. Esperou pela hora de sua morte: *In qua nocte tradebatur*, para renovar como Fenis divina a sua vida, & eternizar com multiplicados nascimentos sua encarnação. Instituiu a Eucharistia, para nella a estender, nascendo no Sacramento todas as vezes que disser o Sacerdote: *Hoc est corpus meum*, assim como por huma só vez foy concebido, quando disse a Senhora: *Ecce ancilla Domini*. Por ser pois a encarnação do Verbo tão grande milagre, que parece, que mayor não pode Deos fazer com seu immenso, & infinito poder, & no divino Sacramento se estende, he o Sacramento (segundo o nosso modo de entender tão limitado) o mayor milagre que pode Deos fazer: *Miraculorum ab ipso factorum maximum*.

1. ad Cor.
int. 11.
n. 23.

Luc. 1.
n. 38.

9 Mostrou o Senhor a grandeza deste milagre, quando disse: *Hic est panis de caelo descendens*: Este he pão, que está descendo do Ceo. Não disse que já deceo, mas que está sempre descendo: *Descendens*; porque sempre nasce no Sacramento.

Joan. 6.
n. 50.

Huma

mem. He o quê delle diz S. Thomas : *Pauper, servus, & humiliss.* Pobre, porque nasce nũ, & nũ parte della vida : *Nudus egressus sum de utero matris meæ* (dizia Job) & *nudus revertar illuc.* Servo, porque nasce escravo do peccado, filho da ira divina, sem a liberdade da graça : *Eramus natura filij iræ, sicut & ceteri*, diz S. Paulo. Humilde, & vil, porque foy creado do pó, & em pó se resolve na morte : *Pulvis es, & in pulverem revertaris.* He pois este milagre do Sanctissimo Sacramento muyto mayor, sobre todos que Christo fez o mais admiravel : *O res mirabilis!* & tão grande, que parece, que mayor se não pode fazer; porque nelle se fez Deos manjar dos homẽs. Fez de seu divino corpo, da alma, & da divindade prato, para o comer-mos. Quem o crera, se o não ensinara a fé.

II Muyto mayor he este milagre, q̃ a transubstanciação.

A rezão he clara, & a prova evidente. Pregando S. João o Precursor de Christo aos Phariseos no Deserto, disse, que pode Deos das pedras fazer homẽs, transubstanciar as Pedras em filhos de Abraham: *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahæ.* Todos o creraõ sem haver hum, que o duvidasse.

Apreguou Christo na Sinagoga, prẽgando tambem aos Phariseos presentes os Apostolos, o milagre, que deliberava fazer, de se dar em comida aos homens, & ninguem lhe deu fé. Os Phariseos o tiveraõ por impossivel; *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum?* & os Apostolos por coufa dura, indigna de se ouvir: *Durus est hic sermo, & quis potest eum audire?* Mayor pessoa, de mayor fé, muyto mais digna,

mayor sancto, & mais sabio era Christo do que S. Joã. A palavra de Christo era mais infallivel, a verdade mais certa, & o poder mayor, por divino, immenso, & infinito. Pois daõ toda fé à S. Joã, & à Christo nenhuma? Considerada a pessoa de Christo, & a verdade de sua doutrina, confirmada com muytos, & muy grandes milagres, que obrava, nenhuma desculpa tiveraõ os Phariseos, & menos os Apostolos, para o não crearem. Mas considerada a nossa capacidade tão limitada, tão pouca, & tão fraca, sem a luz da fé, sem o conhecimento de

Rrr

Christo,

Job. 1. n. 21.

Ad Eph. 2. n. 3.

Gen. 3. n. 19.

Math. 9. n. 3.

Joan. 6. n. 53.

Joan. 6. n. 61.

Ambrosio.
de Sacr.
lib. 4.
cap. 4.

Christo, alguma lhe acho. O milagre da transubstanciação das pedras em homẽs; como tambem do paõ no corpo de Christo, não repugna tanto com o nosso fraco entender, como o milagre de ser Deos comida dos homẽs. Convence-se facilmente o nosso entendimento com o argumento de S. Ambrosio: Se pode Deos do nada criar os Anjos, & do lodo os homẽs, & cõ hum só palavra toda esta vistosa machina do Universo; quãto mais poderá transubstanciar hum substancia, que tem ser, em outra: *Si ergo tanta vis est in sermone Domini Iesu, ut inciperent esse, quæ non erant: quanto magis operatorius est, ut quæ erant, in aliud commutentur*. Mas abaixar-se o altissimo Deos, coarctar-se o immenso, o infinito, que não cabe no Mundo, encerrar-se em hũ bocado de aparẽte paõ, q̃ de paõ tẽ sómẽte os accidentes, para ser manjar dos homens, mastigado, tragado, & engolido, he milagre tão superior à todos os q̃ tem feito atégora a omnipotencia divina, & tão repugnante com o nosso limitado discurso, que sem a luz da fé catholica todos dirão, que não pode ser, & que he duro para se ouvir: *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum? Durus est hic sermo, & quis potest cum audire?*

12 Para Christo Senhor nosso o persuadir aos Phariseos, & mais à seus Apostolos, disse, que era paõ do Ceo: *Hic est panis, qui de Cælo descendit*, palavras que propus no Thema para este discurso. Disse, que não he paõ commũ, mas divino: que baixara na terra, para se dar à todos, aos pobres, aos servos, aos humildes, aos homẽs baixos, & vijs, pelo mnyto q̃ os ama, para que todos se salvem: *O res mirabilis! Manducat Dominum, pauper, servus, & humilis*. Todos os Catholicos o crem, todos o confessaõ, & tem por fé, por ser verdade infallivel; porq̃ Christo o disse, & não pode Deos mentir. A India o admite por catholica, só negaõ os Parocos, ser este divino paõ gẽral para todos. Pela mesma rezaõ de dizer Christo, que he paõ do Ceo, que he seu divino, & sagrado corpo. Pela grande reverencia, & acatamento com que se deve tratar, parecelhes que não he para se dar à todos. O facilitaõ aos Ricos, & o difficultaõ aos pobres;

poobres: O administraõ aos Grandes, & o negaõ aos humildes: O levãõ aos senhores ás suas casas, & por nenhum modo aos servos, & escravos. Quero mostrar quanto se enganaõ: como obraõ contra o que Deos quer; porque o que Deos deseja he tudo pelo contrario. Para todos decco este divino paõ do Ceo: *Hic est panis, qui de caelo descendit*. A todos quer Deos que se dê. Porém muyto mais folga, & deseja, que o comaõ os pobres, que os Ricos: muyto mais os humildes, gente baixa, & vil, que os Grandes: muyto mais os servos, & escravos, que seus Senhores. Trabalhosa materia, difficultoso assumpto para se persuadir na India aos Ministros dos Sacramentos. Recco, que me digaõ o que disseraõ á Christo seus Discipulos: *Durus est hic sermo, & quis potest eum audire?* Se elles se enganarãõ, por naõ crerem á Christo, se erraraõ, tambem estes daraõ em muytos erros, se dificultarem sua doutrina. Tudo facilita a graça. Ella he, que dà luz aos Parocos, que enriquece aos pobres, que engrandece aos humildes, que liberta aos servos. Peçamola ao Author por intercessãõ da Virgẽ. AVE MARIA.

Joan. 6.
n. 59.

Joan. 6.
n. 61.

PRIMEYRA PARTE.

Hic est panis, qui de caelo descendit.

13 **G**RANDES desejos teve sempre Deos, de se nos cõunicar pelo excesso de seu grãde amor, com que nos ama. Taõ grandes (diz o Angelico Doutor) que no nascimento se nos deu por companheiro: *Se nascens dedit socium*; Na desradeira cea em comida: *Convlescens in edulium*; Na morte em preço. Com seu precioso sangue pagou por nos na Cruz o que deviamos à justiça divina: *Se moriens in pretium*; & no Ceo se nos dà em premio: *Se regnans dat in premium*. Mas o que mais admira he, que vindo do Ceo à terra, para se nos dar sacramentado na Eucharistia: *Hic est panis, qui de caelo descendit*, mais folga, & deseja de se communicar aos pobres, que aos Ricos: mais aos humildes, que aos Grãdes: mais

D. Th. in
Himn.
Fest.
Corp.
Christi.

Joan. 6.
n. 59.

aos servos, & escravos, que à seus Senhores. Começemos pelos pobres mais favorecidos, & mimosos de Christo, por mais desfavorecidos, & desamparados do Mundo.

14 Diz o Real Propheta, que Christo, quando instituiu o sacramento da Eucharistia para comida espirital dos homens, fez nelle hum memorial de suas maravilhas, hum compendio maravilhoso de milagres por misericordioso, & compadecido: *Memoriam fecit mirabilium suorum misericors, & miserator Dominus: escam dedit timentibus se.* Não difficulto as maravilhas do Sanctissimo Sacramento, & os milagres, que nelle se encerrao, encubertos aos homens, descubertos aos Anjos; porque em todo o ente, creado & increado, fez Christo milagres, quando o instituiu. Não ouve, nem hã entidade generica em seu proprio genero de ente, em que não obrasse milagres, quando disse: *Hoc est corpus meum. Hic est sanguis meum*, que todos os dias na repetição destas palavras se renovão no Sancto Sacrificio da Missa.

Psal. 110.
n. 4.

Matth.
26. n. 27.
& 28.

15 Todas as obras admiraveis de Deos, ou são increadas, ou creadas. As increadas são as obras *ad intra*, que se não distinguem realmẽte da Essência divina, mãs são o mesmo Deos, tão admiraveis, como incompreensiveis. Serem tres as Pessoas divinas, & huma em todas a essencia: Ser a primeyra Pay sem principio: Ser a segunda Filho originado do Pay: Ser a terceira Spirito procedido do Pay, & do Filho: O Pay increado, o Filho gerado, o Spirito sancto spirado, distinctos nas Pessoas, indistinctos na essencia, diversos na processão, huma mesma eoufa na substancia, cada hum Deos sem multiplicação, cada hum increado, & não tres increados, cada hum eterno, & não tres eternos, cada hum immenso, & não tres immensos, originados sem dependencia, procedidos sem precedencia, subsistentes em hã essencia, identificados, & distinctos, distinctos, & não divisos, originados, & não creados, tres Pessoas, & hum só Deos, são maravilhas divinas, que só Deos comprehende, são obras *ad intra* admiraveis por increadas, incompreensiveis, & eternas, que só Christo Senhor nosso com seu immen-

fo

so, & infinito poder podia encerrar *per concomitantiam* no Santissimo Sacramento da Eucharistia. He pois a Eucharistia hũ memorial, & hũ epilogo das maravilhas increadas de Deos, que todos temos por fé, & ninguem comprehende.

16 As obras admiraveis de Deos *ad extra* são todas as criaturas visiveis, & invisiveis do Ceo, & da Terra. Em todas fez Christo milagres, em todas obrou maravilhas, quando instituiu taõ soberano, & taõ divino Sacramento: *Memoriam fecit mirabilum suorum*. Todo o criado, diz Aristoteles, se reduz à dez Predicamentos, que são dez generos de entidades, que comprehendem todas as criaturas. Cada qual ou he Substancia, ou Quantidade, ou Qualidade, ou Relação, ou Acção, ou Paixão, ou Tempo, ou Lugar, ou Situ, ou Habito. Nestes dez Predicamentos se encerra tudo que tem Deos criado. Em todos obrou Christo milagres quando instituiu a Eucharistia; & em todos os renova todas as vezes, que no Sancto Sacrificio da Missa consagramos a Hostia, & o Vinho.

Arist. de
Præd.

17 Milagres na Substancia. Porque a do paõ se transubstancia no corpo de Christo, & a do vinho em seu preciosissimo sangue, não por virtude natural, não por opposição de contrarios, não por corrupção de accidentes, não por criação *ex nihilo*, não por educação *ex subjecto*, nem por producção de nova substancia; mas por transubstanciação milagrosa, sobrenatural, & divina, com que huma substancia taõ fragil, como a do paõ, & taõ tenve como a do vinho se transubstancia, se muda, & passa de huma substancia à outra, de nutrimento do corpo à mantimento da Alma, de paõ commũ à carne divina, de vinho à preciosissimo sangue, de corporeo à espirital, de insensivel à animado, de corruptivel à eterno, de criado à increado, de pura criatura à Homem Deos. Hã milagres mayores?

18 Milagres na Quantidade. Porque a dos sagrados accidentes taõ limitada comprehende à Deos infinito. O que não cabe no Mundo, cabe na Hostia. Em pequeno circulo encerra o immenso. Em pouca esfera esconde a grandeza de hum homẽ Deos todo perfeito. A do Corpo de Christo conserva na Hostia

ria sua extenção natural intrinseca, à que chamão os Theólogos extenção *in ordine ad se*; mas não conserva a extrinseca *in ordine ad locum*. Pela extenção intrinseca está na Hostia como está no Ceo, & como esteve na Terra, alto, & extenso de fete palmos; mas não pela extrinseca commensurativa com o lugar; porque está por modo milagroso espirital, & não corporeo, indivisível, não divisível, partível *intrinsecè*, imparti-*extrinsecè*, extendido, & inextenso, distincto, & confuso, todo em toda a Hostia, & todo em qualquer minina parte. Soberanos milagres, inexplicaveis maravilhas.

19 Milagres na Qualidade. Porque os accidentes são de tal qualidade, que naturalmente se não podem conservar sem a propria substancia. Com ella nace, & com ella acaba de ser. Com ella vivem, & com ella morrem. Com ella se produzem, & com ella perecem. Mas os da Eucharistia com milagre continuo, sem substancia propria, nem alhea conservão seu proprio ser. Tem sua aptitudinal inherencia, mas são privados milagrosamente da actual. Existem sem encosto, sustentão-se sem arrimo; perseverão sem fujeto, separados do suposto, arrimados á sy mesmos, conservados só por Deos, sem o concurso de causa segunda, sem influxo de ente criado. Nem aquí paraõ os milagres, que Deos obra na Qualidade. Porque á ferosura, & beleza natural do Corpo de Christo, acrescentada com a sobrenatural da graça, da gloria, & da divindade, seu divino rostro, & seus sacratissimos membros, & todos seus cinco sentidos estão na Hostia, & no Calis com toda a ordem, & com toda a perfeição. A vista dos olhos admiravel, muy ferinosa, & muy clara, os ouvidos muy expertos, muy expedida a lingoa, agudo, & delicado o cheiro, & muy brando o sentido do tacto; porém por estar nelle o Senhor por modo espirital, & não corporeo, indivisível, & não divisível, milagroso, & não natural, não ouve, nem vê, não cheira, não sente, não falla, nem obra por modo corporeo; se não for com novo milagre, mas por modo espirital com as potencias da Alma, & cõ os poderes da divindade, unido hypostaticamente com

com Deos, á quem tudo he presente, tudo podê, tudo obra, tudo vê, ouve, & conhece. São estes milagres no numero muytos, na qualidade muy grandes, & na excellencia divinos.

20 Milagres na Relação. Porque Christo Senhor nosso na Eucharistia, sem embargo de não ter sobre sy os sagrados accidentes do paõ, & do vinho, nem de estar unido com elles, nem de os sustentar *subjectivè* na substancia de seu sagrado corpo, & sangue; com tudo, diz S. Thomas, & a cc mũa dos Theologos, referêse á elles com nova, milagrosa, & sobrenatural relação, ou transcendental, como muytos affirmão, ou predica mental, como querem outros, ou por ambos os modos, como parece mais certo. Soberana maravilha.

D. Th. 3.
P. 1. q. 77.
art.

21 Milagres na Acção, chamada dos Theologos *Transubstanciação*, pela qual se transubstancia o paõ, & o vinho no corpo, & sangue de Christo. Porque procede immediatamente de principio criado, & não incriado, phisico, & não moral, obediencial, & não comũ, milagroso, & não natural, da virtude sobrenatural, & divina, que cõmunicou Christo às suas divinas palavras, quando disse: *Hoc est corpus meum. Hic est sanguis meus*, as quaes phisicamente, & não moralmente por virtude divina produzem o Sacramento. Nem consiste só nisto o milagre. Outro hà, que mal se comprehende por mais mysterioso, mais soberano, & divino. A transubstanciação ou he acção productiva, que produz à Christo no Sacramento, como diz S. Thomas, ou he adductiva, como ensina o Doutor sotil. Se he productiva, muy grande he o milagre; porque produz o que està produzido. O que està existente no Ceo produzido na Encarnação, reproduz no Sacramento. Se he adductiva, não he menor o milagre; porque tras á Christo no Altar, na Hostia, & no Calis sem o apartar do Empirico. Há milagres mais admiraveis, ha maravilhas mais soberanas?

Matth.
26. n. 27.
& 28.

D. Th. 3.
P. 1. q. 73.
art. 4.
Scot. in
2. dist. 4.
q. 3.

22 Milagres na Payxão, tão grandes, & admiraveis, que só por estes (se não ouveraõ os muytos, que relatamos tão divinos, que a Fé Catholica ensina, & por Catholicos confessamos serem certos, & infalliveis) se chamára o Sanctissimo Sacramento

cramento Myfterio da Fé: *Mysterium Fidei*. O corpo de Christo na Eucharistia se toma nas maos, & não se toca: mastigase, & não se aperta: come-se, & não se corrompe: repartese, & não se divide: une-se com a Alma, & não se muda: está em muitas hostias, & não se augmenta: dá-se a todos, & nunca falta: o sabor he de pão, & a substancia he de carne: he a carne de Christo: o cheiro, a cor, & o gosto he de vinho, mas não he senão seu preciosissimo sangue. São estes milagres tão grandes, & tão admiraveis, que sem a luz da fé, não os alcança o nosso tão fraco, & tão limitado discurso.

23 Milagres no Tempo. Porque a producção, ou adducção do corpo de Christo no Sacramento he instantanea, & não sucessiva; & a causa donde procede he sucessiva, & não instantanea. Seu principio productivo, ou adductivo são as palavras de Christo, que se pronunciaõ em tempo, & não em instante: seu effeito he o Sacramento, que se faz em instante, & não em tempo. A virtude das palavras he sucessiva, & a transubstanciação instantanea. A lingua falla com vagar, & obra em hum momento. Em quão falla não faz Sacramento, mas logo que acaba de fallar. *Ultimum esse* das palavras da consagração, que tambem he sucessivo (para fallarmos escholasticamente) ou como outros explicaõ: *Primum non esse* das palavras, á saber, tanto que se acabaõ de dizer, *Est primum esse* do Sacramento. Mas o que mais admira, por ser o milagre mayor, he, que no mesmo tempo está o Corpo de Christo em muitas hostias, repartidas em muitas Igrejas sem multiplicação do fogeito. Multiplicase o Sacramento, mas não o sacramentado. São muitas as hostias, & huma he a Pessoa. Hum he Christo, & está em muitos Altares. Soberanos milagres, divinas maravilhas.

24 Milagres no Lugar, que os Philosophos chamão *Ubi extrinsecum*. Porque está o corpo de Christo, & sua divina Pessoa realmente na Hostia consagrada; & com tudo não tẽ nella lugar. Não está nella *definitivè* em lugar definito, & coarctado como os Anjos na sua propria esfera; nẽ tão pouco *circumscriptivè* em lugar commensurado, como os homẽs na terra, que

que são os dous modos, com que todo o ente criado está, ou definido, ou circumscripto do seu proprio lugar. Mas está por hum modo sacramental, milagroso, espirital, & indivisivel, que sem fé mal se póde entender.

25 Milagres no Situ tão admiraveis, & tão divinos, que exceedem toda a nossa capacidade. Mas o que não comprehendem o discursão, foga a fé. Christo na hostia cõsagrada não está em pé, nem assentado, nem deitado, nem de joelhos, nem por outro situ, ou modo natural, mas por modo espirital, sobrenatural, & divino, tão milagroso, que no alcance perdesse o nosso fraco juizo. Porque *intrinsecè*, considerado em sy mesmo, está nellá perfeitamente figurado, sem confusão alguma de membros. Porém *extrinsecè* não tem nenhuma figura. Intrinsecamente, pelo que he em sy quanto à disposiçaõ de sua divina Pessoa, tem seu sagrado corpo todos seus membros distinctos, & ordenados na mesma forma, & figura, como está glorioso no Céu. Tem sua divina cabeça em seu proprio assento natural levantada do pescoço, a testa, os olhos, a boca, a lingua, as mãos, os pés, & todo o resto do corpo alto de sete palmos em seus proprios lugares. Porém *extrinsecè* em ordem aos sagrados accidentes não tem nem lugar, nem figura. He figurado *intrinsecè in ordine ad se*: Não tem figura *extrinsecè in ordine ad accidentia*; porque está por modo espirital, & não corporal, divisivel *intrinsecè*, indivisivel *extrinsecè*, distincto, & confuso, distincto em sy mesmo, indistincto nos accidentes, de tal modo, que aonde tem a cabeça, estão os pés, com os pés as mãos, com as mãos os olhos, a boca, os braços, o peito, & todos os seus sacratissimos membros. Aonde em fim tem hũ só cabello de sua divina cabeça, tem todo o seu sacratissimo corpo. O divino Senhor! Quem póde comprehender tão altas maravilhas mais que vos, que as obrastes?

26 Milagres finalmente no Habito, decimo, & ultimo Predicamento. Não entende Aristoteles neste Predicamento pelo Habito o interior das virtudes, ou dos vícios; porque este pertence ao terceiro da Quálidade; mas o exterior da veste, que

trazemos no corpo. Neste sentido não são pequenos, não poucos os milagres, & as maravilhas, que obra Christo. Senhor nosso na Eucharistia. Servêlhe de habito os sagrados accidentes. Com esta veste se veste: com este manto se cobre; com este habito disfarçado vive connosco, encuberto aos homens, descuberto aos Anjos. Não quer ser visto na terra, diz Oleastro, mas só no Ceo, para não castigar, & reduzir em pó, & cinza aos

Oleastr.
in cap.
45. Isai.

q̃ à sua vista o offendem: *Ne impudica peccantes cogatur nos in pulverem deducere*. Milagrosa veste, maravilhoso habito. Cobre á Christo, & não o toca: o cinge, & não o mede: o esconde, & não o compreende: he limitado, & veste o imenso: despedaçado não o descobre: qualquer parte he habito inteiro: delle se veste o Senhor, & não o sustenta: com elle anda, & não se move. He veste, & vehiculo. He a liteira de Salamão: *Feraculum fecit sibi Rex Salomon*. Leva á Christo de hum lugar para outro, mas fechado com candidas cortinas. Sem ella não pode andar o Senhor. Com ella faye, cõ ella se recolhe. Nos homens move-se a veste ao movimento do homem: no Sacramento abala-se Christo ao movimento da veste. Não se move por sy, mas somente *per accidens*. He veste amorosa, tecida de laços com que o prendemos. As palavras da consagração são as fitas de que falla a Esposa, cõ que o atamos no Sacramento, para que não se aparte de nos. *Labia tua sicut vista coccinea*: porque suas

Cant. 3.
n. 9.

palavras são como fitas vermelhas, tingidas em seu preciosíssimo sangue, com que o prendemos. He finalmente (diz S. Boaventura) debaixo deste habito nosso prisioneiro. O q̃ não cabe no Mundo, he na hostia consagrada prisioneiro dos homens: *Quem totus non capit Orbis, captivus noster est*. Oh maravilhas divinas! Oh soberanos milagres. Não os ha, nem os ouve maiores. São os mais admiraveis, que sahiraõ da omnipotencia divina.

Cant. 4.
n. 3.

D. Bonav. in
Expof.
Milla.

27 Bem disse pois David, que o Sacramento da Eucharistia he hum compendio de milagres, hum memoria! de maravilhas, que Christo fez, quando se nos deu em comida: *Memoriam fecit mirabilium suorum misericors, & miserator Domi-*

Pfal. 110.
n. 4.

1100:

mus: escam dedit timentibus se. Só me difficulta dizer, q̃ obrou o Senhor tantos, & tão admiraveis milagres, tantas, & tão divinas maravilhas em todo ente criado, & increado, em todos os dez Predicamentos por misericordioso, & compadecido: *Misericors, & miserator Dominus*; porque os milagres são effeitos da omnipotencia, & não da misericordia, & muyto menos da compaixão. Quando a Virgem Senhora nossa disse em seu divino Canto, que obrara Deos nella na Encarnação maravilhas muy grandes, milagres muy soberanos, declarou logo, que foraõ effeitos de seu immenso poder: *Quis fecit mihi magna qui potens est*: Como pois diz David, que as maravilhas, & milagres da Eucharistia, que he hũa extenção amorosa da Encarnação, obrou o Senhor por misericordioso, & compadecido? *Misericors, & miserator Dominus*. Não o disse sem mystério: Atentou David mais para o motivo, que Deos teve, para obrar tantos, & tão admiraveis milagres, que para a causa efficiente.

Luc. 1.
n. 49.

28. A causa efficiente de tantas, & tão grandes maravilhas, foy a omnipotencia; mas o motivo foy a pobreza, & necessidade dos pobres. Não ha duvida, que para todos os homẽs igualmente sem exceição algũa de pessoa instituiu Christo a Eucharistia pela necessidade, que todos temos de tão saudavel Sacramento, & de tão divina comida para a nossa Salvação. Para que não nos faltasse este divino pão, fortaleza da alma, & penhor da gloria, obrou com seu immenso, & infinito poder tão grandes maravilhas, & milagres em todo genero de ente, ordenado para todos no Cenaculo no ultimo da vida; porque sem esta divina comida, diz o Senhor, ninguem se pode salvar: *Nisi manducaveritis carnem Filij hominis, & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis*. Porém o motivo foy a compaixão, & lastima, que por infinitamente misericordioso teve dos pobres. Por lhes faltar o Mundo com o pão da terra, lhes deu, lastimado de sua pobreza, o pão do Ceo. Aparelhou para elles muyto mais que para os ricos, à quem tudo sobeja, este divino banquete. Abrio os Theouros de suas maravilhas, para lhes

Joan. 6.
n. 54.

compensar com as riquezas da Eucharistia as faltas da pobreza, que padecem. Mais para se communicar aos necessitados, aos mesquinhos, aos miseraveis, q̃ são a minina de seus olhos, à quem tanto mais ama, & estima, quanto mais os desestima o Mundo, que para se entregar aos opulentos, aos abastados, aos prosperos, & aos ricos da terra, á quem a riqueza abona, & de que Christo se aborrece, instituiu tão divino Sacramento. Para os aliviar do martyrio da pobreza, que sofrem cõ tanta paciencia, empenhou compadecido seu immenso poder, obrando por seu amor tantas, & tão soberanas maravilhas, & milagres.

29 As mesmas palavras de David são evidente prova desta verdade: *Memoriam fecit mirabilium suorum misericors, & miserator Dominus, escam dedit timentibus se.* Diz que obrou Deos por misericordioso, & compadecido tantas maravilhas, para dar de comer na Eucharistia aos que se temem d'elle. Diz ei vos agora de todos os homẽs, que ha no Mundo, quaes temem mais à Deos, os ricos, ou os pobres, para verdes, se muyto mais para os pobres, que para os ricos apparelhou o Senhor tão maravilhoso banquete, tão milagrosa comida: se mais deseja communicar se aos necessitados, que aos opulentos: se haveis de dar com mais larga mão, & mayor desvelo a Sagrada Comunhaõ aos miseraveis, que aos prosperos: se aos homens brancos, abonados, & ricos de muytos bens, ou aos pobres negros deste Estado, faltos de tudo, desamparados do Mundo, desestimados dos brancos?

30 Que sejaõ os pobres, os que mais temem à Deos, não he materia de duvida. Quem menos offende à Deos, mais o teme: quem menos o teme, mais o offende. Examinai as consciencias dos ricos, comparaia com as dos pobres, & achareis (falto dos mais delles em geral) que mais pecados cõmetem os ricos em hum dia, em hũa somana, em hũ mez, que os pobres em muytos annos. As rezoẽs são muytas. Pelas ter dado em outros Sermoẽs, que prèguei nesta contenda da Sagrada Comunhaõ dos pobres, não as repito. Só digo, que a pobreza
naõ

naõ dà lugar para offender à Deos, a riqueza si, para as offen-
ças de Deos facilita todos os caminhos.

31 Lede a sagrada Escritura, & achareis no Testamento
novo, & velho muytos lugares, em que mostra Deos seu ma-
yor desejo, que comunguem os pobres, & muy poucos, ou ne-
nhum, que comunguem os ricos, tendo instituido a Sagrada
Comunhaõ para todos. Hum só aponterei por brevidade à fa-
vor dos pobres, que val por muytos. Diz Deos por seu Pro-
pheta Rey: *Edent pauperes, & saturabuntur: & laudabunt Do-*

Pfal. 21.
n. 27.

minum, qui requirunt eum. São estas palavras, naõ só hũa infi-
muação do que Deos quier, & deseja, mas preceito. Valem tão-
to, como se diffiera: Comão os pobres à vôtade na sagrada mesa
do Altar meu divino paõ: satisfaçãose de Comunhoens, por-
que saõ os que me louvãõ, & me buscãõ. Explica o meu dou-

Agel.
hic

tissimo Agellio: *Edent pauperes mei similes (nam pauperem se
antea vocavit) mea humilitatis, & mäsuetudinis exemplum se-*

quentes. Comunguem os pobres, por se parecerem cõ migo.
Saõ os retratos da minha mansidão, as copias da minha hu-
mildade. Seguem o que sou por semelhança. Sou eu pobre co-
mo elles, saõ elles pobres como eu. *Pauper sum ego, & in la-*

Pfal. 87.
n. 16.

boxibus à juventute mea. Os ricos se naõ parecem com migo.
Mando pois, que naõ falte aos pobres a Sagrada Comunhaõ,
mas que comunguem até se satisfazerem à vontade; porque
por se parecerem cõ migo, saõ os que me louvãõ, & me buscãõ:

Edent pauperes, & saturabuntur, & laudabunt Dominum, qui re-

quirunt eum. Como assi! Sómente os pobres se chegãõ a Deos?
Sómente os pobres o louvãõ? Os ricos naõ? No comú, & ge-
ral assi he. Dos ricos poucos se lhe chegaõ: dos pobres, & ne-
cessitados, quasi todos. Diz destes o meimo Prepheta: *Pauper,*

Pfal. 73.
n. 21.

& inops laudabunt nomen Domini: O pobre, & o necessitado lou-
varaõ á Deos. A rezão he, diz S. Lourenço Justiniano, porque a

pobreza leva os pobres à Deos, & faz que o louvem com pu-
ro ceração: *Paupertas revocat ad Deum, ac puro corde laudare*

facit. Não corre a mesma regra nos ricos (diz S. Agostinho)

B. Laur.
Justin.
de paup.

porque com a ostentação, com a pompa, com o aparato, & cõ

cap. 2.

compensar com as riquezas da Eucharistia as faltas da pobreza, que padecem. Mais para se comunicar aos necessitados, aos mesquinhos, aos miseraveis, q̃ são a minina de seus olhos, à quem tanto mais ama, & estima, quanto mais os desestima o Mundo, que para se entregar aos opulentos, aos abastados, aos prosperos, & aos ricos da terra, à quem a riqueza abona, & de que Christo se aborrece, instituiu tão divino Sacramento. Para os aliviar do martyrio da pobreza, que sofrem cõ tanta paciência, empenhou compadecido seu immenso poder, obrando por seu amor tantas, & tão soberanas maravilhas, & milagres.

29 As mesmas palavras de David são evidente prova desta verdade: *Memoriam fecit mirabilium suorum misericors, & miserator Dominus, escam dedit timentibus se.* Diz que obrou Deos por misericordioso, & compadecido tantas maravilhas, para dar de comer na Eucharistia aos que se temem d'elle. Dizei vos agora de todos os homẽs, que ha no Mundo, quaes temem mais à Deos, os ricos, ou os pobres, para verdes, se muyto mais para os pobres, que para os ricos aparelhou o Senhor tão maravilhoso banquete, tão milagrosa comida: se mais desaja communicar-se aos necessitados, que aos opulentos: se haveis de dar com mais larga mão, & mayor desvelo a Sagrada Comunhaõ aos miseraveis, que aos prosperos: se aos homens brancos, abonados, & ricos de muytos bens, ou aos pobres negros deste Estado, faltos de tudo, descomparados do Mundo, desestimados dos brancos?

30 Que sejaõ os pobres, os que mais temem à Deos, não he materia de duvida. Quem menos offende à Deos, mais o teme: quem menos o teme, mais o offende. Examinai as consciencias dos ricos, comparaia com as dos pobres, & achareis (fallo dos mais delles em gẽral) que mais pecados cõmetem os ricos em hum dia, em hũa somiana, em hũa miez, que os pobres em muytos annos. As rezoẽs são muytas. Pelas ter dado em outros Sermoẽs, que prèguei nesta contenda da Sagrada Comunhaõ dos pobres, não as repito. Só digo, que a pobreza
naõ

naõ dà lugar para offender à Deos, a riqueza si, para as offen-
ças de Deos facilita todos os caminhos.

31 Lede a sagrada Escriptura, & achareis no Testamento
novo, & velho muytos lugares, em que mostra Deos seu ma-
yor desejo, que comunguem os pobres, & muy poucos, ou ne-
nhum, que comunguem os ricos, tendo instituido a Sagrada
Comunhaõ para todos. Hum só apontarei por brevidade à fa-
vor dos pobres, que val por muytos. Diz Deos por seu Pro-
pheta Rey: *Edent pauperes, & saturabuntur: & laudabunt Do-*
minum, qui requirunt eum. São estas palavras naõ só hũa inli-
nuação do que Deos quer, & deseja, mas preceito. Valem tão-
to, como se diffiera: Comão os pobres à vôtade na sagrada mesa
do Altar meu divino paõ: satisfaçãose de Comunhoens, por-
que saõ os que me louvãõ, & me buscãõ. Explica o meu dour-
tissimo Agellio: *Edent pauperes mei similes: (nam pauperem se*
antea vocavit) miræ humilitatis, & mäsuetudinis exemplum se-
quentes. Comunguem os pobres, por se parecerem cõ migo.
Saõ os retratos da minha mansidão, as copias da minha hu-
mildade. Seguem o que sou por semelhança: Sou eu pobre co-
mo elles, saõ elles pobres como eu. *Pauper sum ego; & in la-*
boribus à juventute mea. Os ricos se naõ parecem com migo.
Mando pois, que não falte aos pobres a Sagrada Comunhão,
mas que comunguem até se satisfazerem à vontade; porque
por se parecerem cõ migo, saõ os que me louvãõ, & me buscãõ:
Edent pauperes, & saturabuntur, & laudabunt Dominum, qui re-
quirunt eum. Como affi! Sómente os pobres se chegãõ a Deos?
Sómente os pobres o louvãõ? Os ricos não? No comú, & ge-
ral affi he. Dos ricos poucos se lhe chegaõ: dos pobres, & ne-
cessitados, quasi todos. Diz destes o mesmo Propheta: *Pauper,*
& inops laudabunt nomen Domini. O pobre, & o necessitado lou-
varaõ á Deos. A razão he, diz S. Lourenço Justiniano, porque a
pobreza leva os pobres à Deos, & faz que o louvem com pu-
ro ceração: *Paupertas revocat ad Deum, ac puro corde laudare*
facit. Não corre a mesma regra nos ricos (diz S. Agostinho)
porque com a ostentação, com a pompa, com o aparato, & cõ

Pfal. 21.
n. 27.

Agel.
hic

Pfal. 87.
n. 16.

Pfal. 73.
n. 21.

B. Laur.
Justin.
de paup.
cap. 2.

asgalas, em que despêdem suas riquezas, louvão á sy mesmos, que por faltarem aos pobres, só os pobres louvão á Deos com sua pobreza: *Divites se laudant, pauperes Dominum laudant. Quare sunt pauperes, quia Deum laudant, & Dominum querunt.*

August.
expol. 2.
in psal.
21.

Ainda quando o pobre não reza, (diz S. Lourenço Justiniano) louva á Deos com a paciencia, com que sofre os martyrios da pobreza: & por mais que reze o rico, parece mudo, que não falla: *Adeorñim hæc laudabilis paupertas, & felix inopia ad Deum trahitur, & ipsum tacite laudet, & de patientia sua virtute concitebret. Mutus est, si psallat dives: pauper, & inops laudant Deum, etiam cum videntur habere silentium.* Ha cousa mais clara? Ha rezão mais evidente, para concluirmos, que mais folga, & de-

B. Laur.
Justin.
loc. cit.

seja o Senhor communicar-se aos pobres, que aos ricos: que mais por amor dos pobres, & necessitados; que por amor dos opulentos, & ricos obrou na Eucharistia tão grandes milagres, tão soberanas inarravilhas: *Adeorñim hæc laudabilis paupertas, & felix inopia ad Deum trahitur, & ipsum tacite laudet, & de patientia sua virtute concitebret. Mutus est, si psallat dives: pauper, & inops laudant Deum, etiam cum videntur habere silentium.*

Luc. 1. n.

Ha cousa mais clara? Ha rezão mais evidente, para concluirmos, que mais folga, & de-seja o Senhor communicar-se aos pobres, que aos ricos: que mais por amor dos pobres, & necessitados; que por amor dos opulentos, & ricos obrou na Eucharistia tão grandes milagres, tão soberanas inarravilhas: *Adeorñim hæc laudabilis paupertas, & felix inopia ad Deum trahitur, & ipsum tacite laudet, & de patientia sua virtute concitebret. Mutus est, si psallat dives: pauper, & inops laudant Deum, etiam cum videntur habere silentium.*

32 Não diga Virgem em seu divino Cantico, anteve-do a instituição da Eucharistia, que por amor dos ricos a orde-nava seu divino Filho, rias por amor dos pobres; para os enri-quecer dos bens do Céo, & das riquezas deste divino Sacra-mento, compadecido delles pelos ver famintos, faltos de bẽs temporaes; mas antes diz, q se lhe não dà dos ricos, q por amor das riquezas, em q empregão seus cuidados, enfadonhos se en-

Luc. 1. n.
53.
D. Th. in
offic.
Fest.
Corp.
Christi.

fastião deste divino pão: *Esurientes implevit bonis, & divites dimisit inanes.* Explica S. Thomas: *Fastidiosos divites dimittens inanes.* Não teve dó de seu filho prodigo aquelle pay do Evã-gelho, que representava à Christo, para mandar aparelhar por amor delle o Bezerro, figura deste divino Sacramento, quando o vio rico, & ppulento gastar com largueza sua legitima em torpezas, & sensualidades; mas só quando o vio pobre, necessi-

Luc. 15.
n. 23.

tado, deseioso de seu pão: *Adducite vitulum saginatum, & occi-dite, & manducemus, & epulemur;* porque mais de-seja o Senhor unir-se com os pobres dignos de compaixão, & de lastima, pa-recidos com elle, que com sua pobreza o representão, & com sua miseria o louvão, para com as riquezas do Sacramento ali-

vialos

vialos das penas, & martyrios da pobreza, que padecem, que com os ricos, que á traz dos bens temporaes, esquecidos de sua salvação, lhe virão facilmente as costas.

33 O mayor rico que ouve no Mundo foy o primeyro homem; que Deos criou, Adão. Todo o Mundo era seu. No Ceo tinha as aves, na Terra os fructos, no Mar os peixes, nos Montes, nos Vallés, & nos Bosques os Animais, nos Campos os Gados, nas Minas o ouro, a prata, & as pedras preciosas, nas areas mais profundas do Mar as perolas, no Paraíso terreal as delicias, & finalmente debaixo do Ceo não havia cousa, que não fosse sua. *Primus homo* (diz S. Paulo) *de terra terrenus*. O primeyro homem formado da terra, por ter tudo, que a terra podia dar de sy, era homem terreno, abastado, muy rico.

34 Que fez Adão, vendo-se tão rico? Offereceo à Deos de suas riquezas algum sacrificio, como fizeram de sua pobreza seus primeyros filhos, hum lavrador, outro pastor, Caim, & Abel? Não diz o Texto, que tal fizesse. Chegouse á Deos, para lhe agradecer tão grande beneficio de o fazer senhor de toda a Terra, de todo este Mundo inferior? Nem isto diz o Texto. Prostrouse á seus pés adorandoo, venerandoo, reconhecendoo por seu Deos, & Senhor, tributandolhe o amor, que lhe devia, & a fugeição de criatura sua tão favorecida? Nada disto fez, nem tão pouco fallou. Pois que fez? O que agora fazem os ricos sens deseendentes, que mais amão os bens temporaes, que à Deos: mais tratão de enriquecerem feitos escravos das riquezas, que de servirem á Deos, para terem a liberdade da graça, & serem Reys, & Senhores na Bemaventurança Unido com Lucifer, desobediente à Deos, por desejo de subir mais alto, de enriquecer muyto mais, de chegar a lograr as riquezas da divindade: *Eritis sicut Dij*, se apartou logo de Deos, & de sua obediencia, quebrando ingrato, & temerario seus divinos preceitos. Na mesa do Paraíso terreal debaixo da arvore da morte trocou com Lucifer a Alma pelo fructo peçonhento da fingida divindade, que temerariamente comeo contra o preceito divino: *Mulier, quam dedisti mihi sociam, dedi mihi*

Gen. 3.
n. 5.

Gen. 3.
n. 12.

de

de ligno, & comedi. Isto fez o primeyro rico, que ouye no Mudo, o mais rico dos homẽs. Isto fazem os que à traz dos bens temporaes, esquecidos de Deos, tratão só de enriquecerem.

- 35 Veyo ao Mundo o segundo Adão, para remediar as faltas do primeyro, o segundo homem, diz S. Paulo: *Secundus homo de calo caelestis*, Christo Senhor nosso homem celestial. Como cuidais, que o tratou o Mundo? Diz S. João, que o não conheceo: *Mundus eum non cognovit*. O Mundo não conheceo á Christo? Não conheceo ao Filho de Deos seu criador, que veyo do Ceo para o remir de seu pecado, que contrahio do primeyro homem? Não o manifestou a Estrella no Oriente: *Vidimus stellam ejus in Oriente*? Não o publicarão os Reys Magos na cidade de Jerusalem: *Ubi est, qui natus est Rex Iudeorum*? Não o apregoarão cõ musicas celestiaes os Anjos do Ceo: *Evangelizo vobis gaudium magnum, quod eris omni populo: quia natus est vobis hodie Salvator, qui est Christus Dominus, in civitate David*? Não bradou o Eterno Padre no Jordão, quando o Senhor se bautizou, declarando à todos, que era seu querido Filho: *Tu es filius meus dilectus, in te complacui mihi*? Como pois o não conheceo o Mundo? *Mundus eum non cognovit*. Não o conheceo, porque era Christo muyto pobre. Naceo pobre, viveo pobre, morreo pobre. Naceo pobre no Presepio, viveo pobre em casa de sua Mãe sanctissima, morreo pobre no Calvario, rico só de trabalhos, que nunca faltão aos pobres: *Pauper sum ego & in laboribus à juventute mea*. O Mundo por rico não conhece aos pobres, conhece só aos ricos. Christo por pobre não olha para os ricos, que por amor do Mundo se apartão de sua graça. Conhece à quem o conhece, & não olha para quem o não conhece. Conhecem á Christo os pobres, que não tem nada no Mundo, & Christo à elles. São ovelhas suas, que conhece, & chama por seus nomes, & conhecem ellas a elle: *Cognosco oves meas, & cognoscunt me mea*. Por pobres os ama, os busca, & procura: & por pobres, ricos na fé, diz Santiago, os escolhe para herdeiros de seu Reyno: *Nonne Deus elegit pauperes in hoc mundo, divites in fide, & heredes regni*?

36 Misterioſas, & muy notaveis à eſte propoſito ſão as
palavras, que eſcreveo S. Paulo aos de Corinto. Diz, q̃ Chriſ-
to ſe fez pobre por amor de nos, ſendo rico, para nos enrique-
cer com ſua pobreza: *Propter vos egenus factus eſt, cum eſſet* 2. ad Co-
dives, ut illius inopia vos divites eſſetis. Duas implicancias pa- rinth. 8.
rece que tem eſtas palavras, ou ao menos duas difficuldades n. 9.
muy grandes. A primeyra, que ſendo Chriſto rico, ſe fez po-
bre: *Egenus factus eſt, cum eſſet dives*, porque nunca foy Chriſ-
to rico, mas ſempre pobre. A ſegunda, que com ſua pobreza
nos enriqueceo: *Ut illius inopia vos divites eſſetis*. Se diſſera,
que com ſuas riquezas nos enriquecera, ſendo rico, fallara co-
herente; pôrque os ricos podem enriquecer aos pobres. Mas
dizer, que nos enriqueceo com ſua pobreza, como podia
fer? Hum pobre com ſua pobreza não pôde enriquecer à ou-
tro pobre, quanto mais à muytos.

37 A comũ expolição da Gloſa ordinaria, & dos ſagra-
dos Interpretes he, que Chriſto era rico no Ceo de bens eter-
nos, & ſe fez pobre na Terra de bens temporaes. Era rico no
ſeyo de ſeu Eterno Padre na geraçõ eterna, & pobre no de
ſua ſanctiſſima Mãe na geraçõ temporal. Com ſer eſta expo-
ſição ſancta, & literal, não ſolta a duvida, mas a amplica mais,
& faz mayor a difficuldade. Porque Chriſto foy ſempre po-
bre de bens temporaes, & nunca rico, para ſe poder dizer, que
de rico, que era no Ceo, ſe fez pobre na Terra. E dos bens eſpi-
rituaes, & eternos foy ſempre rico, & nunca pobre, não ſó no
Ceo, mas tambem na Terra, não ſó como Deos Filho de Deos,
mas tambem como homem Filho da Virgem; porque em
quanto homem unido à divindade, diz S. João, que ſeu Eter-
no Padre pos tudo em ſuas divinas mãos: *Omnia dedit ei Pa-* Gloſ. hic
ter in manus. Como pois de rico, que era no Ceo, ſe fez pobre Interpr.
na Terra ſó a fim de nos enriquecer, que he a outra difficul- hic.
dade, que parece implicancia: *Ut illius inopia vos divites eſſetis?*
Se Chriſto na terra nos enriquecera com ſua pobreza, enri-
queceranos com os bens temporaes, que nunca teve, porque
ſó dos bens temporaes foy ſempre pobre, & com a pobreza
alhea,

alhea,ninguem pode ser rico. Mas se nos enriqueceo, como fez,com os bens espirituaes, & eternos, que trouxe do Ceo, enriqueceonos com suas riquezas, & não com a sua pobreza, como rico,que sempre o foy no Ceo,& na Terra,& não como pobre. Como pois S. Paulo, a Glosa, & os sagrados Interpretes dizem, que de rico no Ceo se fez pobre na Terra,se sempre foy rico dos bens do Ceo,cõ que nos enriqueceo,& nunca pobre; & que com sua pobreza nos fez ricos, se a pobreza que teve foy dos bens temporaes, que nem para sy tinha, nem para nos? Já vedes a implicancia, & a difficuldade grande que tem estas palavras por muy misteriosas.

38 Dissera eu, para me não dilatar muyto neste passo, remetendome para mais seguro ao que resolvem os Sanctos Padres, que Christo na noite de seus trabalhos, antes de morrer, de rico se fez pobre na Eucharistia, para nos enriquecer: *Egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis*, não porque sua pobreza nos fez ricos, porque a pobreza não enriquece à ninguém, mas porque, para nos enriquecer, quando se nos deu na Eucharistia, ficou pobre. Deunos nella tudo, que tinha, sem lhe ficar mais nada que dar. Tanto tudo, que nos deu a sy mesmo, a Humanidade, & a Divindade, a carne sua sacratissima, seu sangue precioso, sua Alma sanctissima, a Essencia divina, a graça que confere a Eucharistia, & a gloria de que he penhor: *Mens impletur gratia: & futura gloria nobis pignus datur*, canta da Eucharistia a Igreja Catholica. Que não tem mais nada que dar, por ter dado tudo que tinha, se diz que he pobre, sem embargo de que Christo, com dar tudo, não deixou de ser o que era, nem de ter o que tinha; mas porq̃ na Eucharistia deu tudo, que podia dar, até dar a sy mesmo, diz S. Paulo, à meu ver, q̃ de rico se fez pobre, de rico no Ceo se fez pobre na Terra, para nos enriquecer: *Propter vos egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis*.

In Festo
Corp.
Chr.

2.ad Co-
rinth. 8.
n. 9.

39 Mas notai para mayor prova do assumpto, que não diz S. Paulo, que se fez pobre por amor dos ricos, mas por amor dos pobres, para os fazer ricos: *Ut illius inopia vos divites*

tes

tes effētis. Porque os ricos, que tratao sô de enriquecer na Terra, não buscao as riquezas do Ceo, os pobres si, que do Mundo tem sô as misérias. A estes communica Deos suas riquezas com mayor vontade, por se lhe chegarem, do que àquelles, que à traz do Mundo lhe viraõ as costas. Se Christo viera ao Mundo rico de bens temporaes, como cuidavaõ os Hebreos, que houvesse de vir, & o cuidaõ os que ainda esperaõ pelo Messias, por ignorantes do sentido espirital das prophcias, que profetizaraõ a sua vinda, o seguirãõ os ricos, & fugiraõ delle os pobres. O seguirãõ os ricos por amor das riquezas temporaes, para enriquecerem mais. Fugiraõ delle os pobres por temor de serem avexados; porque os ricos, diz Santiago na sua Epistola canonica, saõ os que avexaõ aos pobres: *Nonne divites per potentiã opprimunt vos.* Vejo pois Christo pobre de bẽs da terra, para se unir cõ os pobres, & os fazer ricos dos bẽs do Ceo: *Ut illius inopia vos divites effētis,* & não para enriquecer aos ricos, que não se unem com elle.

Epist. S.
Jacob. c.
2. n. 8.

40 As riquezas de Christo somos nos: a riqueza nossa he Christo. O que Christo quer de nos, he a alma. O mesmo quer de nos Lucifer. Sô de almas quer tambem elle ser rico. Quando Christo veyo ao Mundo era por extremo pobre, porque nenhuma alma era sua; mas todas de Lucifer, humas presas no carcere eterno do Inferno, outras no temporal do Limbo, & as mais, que viviaõ no Mũdo, presas & atadas por elle cõ os laços da culpa original. Elle era o rico, & Christo o pobre. Para Christo Senhor nosso se unir com ellas, se nos deu na Eucharistia, & começou pelos pobres; por seus Discipulos muy pobres, por ver, que os ricos difficultariaõ tam amorosa união: *Evangelizare pauperibus misit me,* disse elle em S. Lucas. Tambem Lucifer, envejoso de Christo, trata de as unir á sy. Convidanos Christo à sua mesa, & nos offerece opaõ da vida, que nos trouxe do Ceo: *Hic est panis, qui de calo descendit,* para que lhe entreguemos a alma. Convidanos Lucifer à sua, & nos offerece os fructos da morte com cores de divindade, para que nos unamos com elle. Dos ricos poucos saõ, os que se unem

Luc. 4.
n. 18.

Joan. 6.
n. 59.

com Christo, dos pobres muytos, tudo o mais he de Lucifer. Por onde diz S. Boaventura, que Christo he pobre, porque tẽ poucas ovelhas, tem aos pobres, & à poucos ricos. O Demõnio he muyto rico, porque tem muytos rebanhos: *Pauper est Christus, qui paucas oves habet. Dives est Diabolus, qui habet oves, & boves, insuper & pecora campi.*

D. Bonav. serm. 1. Domin. 4. Quadr.

Hieronym. epist. 115.

Joan. 6. n. 57.

Cellens. lib. de pan. b. cap. 2.

41 He a Comunhaõ assim dos q se assentaõ na mesa cõ Christo, para cearem com elle, como dos que se assentaõ na mesa com Lucifer, para comerem suas iguarias, hũa communicaçaõ reciproca de parte a parte. Dá à Christo sua alma em comida, quem delle recebe seu sacratissimo Corpo: *Ipse conviva, & convivium* (diz S. Jeronimo) *ipse comedens, & qui comeditur.* Dá tambem à Lucifer sua alma em comida, quem recebe delle seu prato. Primeyro entrega á Christo sua alma, quem cea com elle, do que Christo à elle seu corpo. *In me manet, & ego in illo;* disse Christo desta cõmunicaçaõ. Primeyro disse: *In me manet,* & depois: *Et ego in illo.* Esta mesma regra segue por enveja Lucifer. Naõ se entrega, se naõ à quem se lhe entrega. Naõ se comunica, se naõ à quem se lhe dà. Naõ dà à comer seu prato, se naõ à quem lhe dà em comida sua alma.

42 Ouy para prova desta cõmunicaçaõ, de q dependem as mayores do assumpto, a descripçaõ de duas grandiosas mesas, huma em que se assentaõ com Lucifer os ricos, que mais amaõ as riquezas, & o que o Mundo promete, que á Deos: Outra em que se assentaõ com Christo os pobres, que amaõ mais à Christo que os bens da terra. Considera o Abbade Cellense esta vistosa, & soberba machina do Mundo, & nella enxerga huma grandiosa mesa: *Terram animadvertere potes quasi mensam positam.* Considerai a Terra (diz este grande Abbade) & vereis nella huma grandiosa mesa. Servelhe de toalha, que a cobre, o Ceo: *Calum supra, & circumpositum quasi mappam circumtectam:* De castifal o Firmamento: *Firmamentum tanquam candelabrum:* De candeas para a allumear as Estrellas com duas grandiosas tochas, o Sol, & a Lua: *Et in candelabro duo magna luminaria Solem, & Lunam sublucentibus stellis tanquam*

quam candelis. De lavatório serve este humido ar, que como fonte se desfaz em chuvas: *Aerem nimbisferum tanquam lavatorium, & infusorium*: O ar sereno serve de toalha de mãos: *Rursus serenum tanquam offerentem manutergium*; & o Mar para a alimpar, & recolher suas immundicias: *Mare velut omnium sordium emundatorium.* Grandiosa mesa.

43 Mais grandiosa, & mais admiravel he a mesa do homem. Porque se o homem he hum retrato do Mundo, à quem chamaõ os Gregos *Microcosmos*, à saber, Mundo pequeno: se quando Deos o criou no sexto dia, retratou nelle este mundo grande, podemos considerar no homem outra mesa, quanto mais pequena, tanto mais admiravel: quanto mais escondida aos olhos dos martaes, tanto mais patente aos olhos divinos: quanto mais secreta, tanto mais misteriosa. Serve-lhe de mesa o coração fechada em seu peito: de toalha sua consciencia. Será limpa, se for boa, recta, & sancta: será muy manchada, negra, & torpe, se for má. De castiçal serve o entendimento: de luz que a alumia a rezão: de despenseira a vontade: de ministros, & serventes os sentidos: de fonte os olhos: de agoa as lagrimas; & para sua limpeza, para lavar as manchas das culpas, & as immundicias dos pecados, o Mar amargoso da penitencia.

44 De sorte que he mesa grandiosa o Mundo, & he mesa admiravel muy misteriosa o homem. Na grandiosa mesa do Mundo se assenta o homem: na misteriosa mesa do homem se assenta Deos. Na grandiosa mesa do Mundo em que se assenta o homem, o primeyro homem, q Deos criou, o primeyro rico mais rico que todos Adão, no Paraíso terreal debaixo da arvore defesa se assentou com Lucifer. Na misteriosa mesa do homem, em que se assenta Deos, ceaõ com elle os mesmos homens; & em ambas as mesas entra cada hum com sua iguaria, cada hum leva, & troca seu prato. O prato, com que entra Christo na misteriosa mesa do homẽ, he seu sacratissimo Corpo, fructo da vida, colhido da arvore da Cruz. O prato, com que entra Lucifer na mesa do Mũdo, he como elle seo, disfor-

me, falso, & fingido, & tão peçonhento, que logo mata á quem delle come, como matou à Adão com o fruto, que colheu da arvore da morte. O prato, com que entra o homem, he sua alma. Se cear com Christo, he a alma do homem comida de Christo: *Ipse comedens, & qui comeditur*: Se com Lucifer, he sua eterna comida. Considerai neste Estado da India, considerem os Parocos, se dos ricos, por viverem com toda liberdade, são mais, & muyto mais os que ceão com o Demonio na mesa do Mundo, seguindo seus appetites desordenados, dos que ceão com Christo: se os pobres, por viverem com grandes apertos, são mais, & muyto mais, os que ceão com Christo, dos que ceão com Lucifer, para deduzir por consequencia verdadeira, & infallivel, que mais folga Christo, & mais deseja de se communicar aos pobres, que aos ricos.

Apoc. 3.
n. 20.

45 Diz Christo por S. João no Apocalipse: *Sto ad ostium, & pulso: si quis audierit vocem meam, & aperuerit mihi januam, intrabo ad illum, & cenabo cum illo, & ipse mecum*. Estou batendo na porta do homem, para me assentar na mesa do seu coração. Se me ouvir, & me abrir, cearei com elle, & ceará elle comigo. Reparo nas ultimas palavras: Ceará elle com migo: *Et ipse mecum*; porque parecem escusadas, & superfluas. Bastava dizer Christo, que ceará com o homem, se lhe abrir a porta, & o admitir na mesa de seu amante coração, para se entender, que cearão ambos juntos, Christo com o homem, & o homem com Christo. Porque se Christo diz, que se o homem lhe abrir a porta, ceará com elle: *Cenabo cum illo*, claro está, que ceará o homem na mesma mesa com Christo. Para que pois diz o Senhor: *Et ipse mecum*?

46 Nenhuma cousa das que Christo diz he escusada, nenhuma palavra sua he superflua, mas todas misteriosas. Verdade he, que para se entender, que ceará o homem com Christo, bastava dizer, que ceará Christo com elle: *Cenabo cum illo*; mas não quiz o Senhor dizer só, que ceará com o homem, & o homem com elle, mas quiz mostrar, diz Jacobo Januense, que para cear o homem com Christo, ha de levar à mesa seu

prato,

prato, sua iguaria, de que Christo come: *Canabo cum illo, & ipse mecum*. Eu, diz Christo, o entrarei nesta cea com o meu prato. Levarei à mesa, o que o homem ha de cear, & elle, o que eu hei de comer. Eu entrarei nesta cea com hum prato muy proveitoso para elle, & elle entrará com outro muy saboroso para mim. Entrarei eu com a minha parte, de que elle comerá, & elle com a sua, de que eu comerei: *Dicit, canabo cum illo, & ipse mecum, idest, (Glosa Jacobo Januense) Ego ponam partem meam, & ipse ponet partem suam*. O meu prato, que darei à elle, he o meu Corpo sacramentado: *Caro mea vere est cibus*: O seu, que delle quero, he sua alma penitente. Eu lhe darei, o que eu sou: elle me dará, o que elle he: Eu lhe darei o meu pão da vida, que deceo do Ceo: *Ego sum panis vivus, qui de celo descendi*: se o comer, viverá eternamente: *Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in aeternum*: & elle me dará sua alma, por cujo amor acabei com duros tormentos a vida. Admiravelmente S. Bernardo. Apacentanos Christo, diz S. Bernardo, cõ o pão divino de seu sagrado Corpo: apacêtamos nos á Christo cõ a nossa alma: Danos elle à comer à sy mesmo: damos lhe nos á elle à comer à nos mesmos. Comida nossa he Christo: comida de Christo somos nos: *Cum pascit, pascitur, & pascitur cum pascit*. *Cibus ejus panitentia mea, cibus ejus salus mea, cibus ejus ego ipse*. Para esta troca instituiu a Eucharistia, para cear elle com nosco, & cearmos nos com elle, comer elle do nosso, & nos do seu: *Canabo cum illo, & ipse mecum*.

47 Por semelhante modo por imitação, envejoso do nosso bem, & desejoso de todo o mal, cea Lucifer com os peccadores na mesa do mundo. Cea cõ os ricos, que o seguem: por tãem cõ muy diferentes iguarias. Cômẽ os peccadores os fructos da morte, que Lucifer lhes offerece, & Lucifer suas almas, como Lobo infernal, que nunca se farta de comer almas peccadoras: ovelhas suas, que tem fechadas no rebanho do Inferno. Chamase Lucifer no Apocalypse n. 12. *Ecce equus pallidus, & qui sedebat super eum, nomen illi mors, & infernus sequabatur eum*. Pergunto, porque se chama morte, se elle vive, & vivirá

Jacob.
Januens.
hic.

Joan. 6.
n. 56.

Joan. 6.
n. 59.

Bernard.
in Cant.
c. 2. n. 16.

Apoc. 6.
n. 8.

vivirá eternamente, para atormentar os pecadores nō Inferno? Chama-se morte porque mata aos pecadores, que ceaõ com elle, privandoos da vida da graça divina com as iguarias peçonhentas, & mortaes de pecados, q̃ lhes dà à comer, para serẽ comida sua eterna no rebanho do Inferno, aonde as tẽ, por serẽ ovelhas suas, q̃ andaõ atraz d'elle: *Infernus sequebatur eum.*

48 Não pareça á alguém dura, & impropria esta exposição, porque he literal, & della temos evidẽte prova no sagrado Genesis. Depois que Adaõ rico de bens temporaes, não contente com o muyto que tinha, ceou com Lucifer no Paraizo terreal o frũito, que lhe offereceo da morte, indignado Deos disse à Lucifer: *Maledictus es inter omnia animantia, & bestias terra: super pectus tuum gradieris, & terram comedes cunctis diebus vite tue.* Serpente maldita, que com enganos mataste ao primeyro homem, aquem deste em comida o frũito peçonhento da morte, comerás terra todos os dias de tua vida. Quem não cuidara, que nesta maldiçaõ castigou Deos a Serpente infernal com castigo taõ penoso! Quem não dissiera, que a condenou à comer sempre terrã: *Terram comedes cunctis diebus vite tue!* Mas não foy assy. Castigounos á nos. Castigou á todos os pecadores, condenandoos à serem comida de Lucifer. Deu à Lucifer o que mais desejava em pena, & castigo dos que ceaõ com elle.

49 Os dias, que Lucifer ha de viver, não são limitados, mas eternos; porque o Demonio não pode morrer. São seus dias sem fim, por ser a natureza angelica immortal. He morto quanto a vida da graça sem esperança de haver de resucitar; mas vive, & vivirá eternamente, quanto a vida natural angelica, sem temor de a perder. O que me difficulta nesta maldiçaõ, he, dizer Deos ao Demonio, que ha de comer terra: *Terram comedes*; porque o Demonio he espirito, seu sustento não pode ser corporeo, nenhũa cousa da terra pode ser comida sua. Que he pois o comer, que Deos lhe deu? Que he o que lhe manda comer? Sabeis que? Olhem lá os Ricos, que por usarem mal de suas riquezas, & cobicarem mal outras mayores, cſque-

esquecidos de sua alma, se apartaõ de Deos, & se entregão ao Demonio. O que Deos mandou, que comesse Lucifer todos os dias de sua vida por toda a eternidade, foraõ, & saõ, & feraõ para sempre os pecadores em pena, & castigo de seus pecados. Comem os pecadores cõ Lucifer na mesa do Mundo as iguarias de pecados, que em pratos dourados de fingidas divindades lhes offerece! Diz pois Deos: Troquem entre sy os pratos: comuniquem-se as iguarias, coma Lucifer suas almas para sempre no Inferno.

50 Estranhaifine o que digo? He pensamento literal do mais grave Doutor, luz da Igreja Catholica S. Agostinho. He consequencia muy evidente, que deduz das mesmas palavras de Deos: *Terram comedes cunctis diebus vita tua.* Diz S. Agostinho: *Datus est ergo in cibum Diabolo peccator.* Não o podia dizer mais claro. Tem pois dado Deos ao Demonio para comida sua eterna o pecador. O homem he terra, & pó: *Pulvis es, & in pulverem reverteris.* Fello Deos do lodo: *Formavit Dominus Deus hominem de limo terra.* Nelle debuxou sua divina imagem: *Ad imaginem Dei creavit illum.* O enriquecco não só dos bens sobrenaturaes da graça, mas ainda de tudo que a terra produz. Fello senhor do Mundo com absoluto imperio: *Dominamini.* Apartouse o homem de Deos, ingrato á seus beneficios, desobediente á seus mandamentos, esquecido de seu criador, & do mayor bem de sua alma, ambicioso, soberbo, cubicofo das divinas riquezas falsamente imaginadas. Não quiz comer o fruito da arvore da vida, figura da Eucharistia, que Deos lhe deu; mas indo atraz de outros bens, que cuidava poder alcançar, recebeu de Lucifer o fruito da morte. Assim Diz pois Deos: Troquem-se os pratos. Come o pecador na mesa deste Mundo com Lucifer as iguarias de pecados, que lhe offerece: Coma Lucifer sua alma por toda a eternidade na mesa do Inferno: *Terram comedes cunctis diebus vita tua. Datus est ergo in cibum Diabolo peccator.*

51 Não largará Deos os pecadores à Serpente infernal para sua eterna comida, se não se apartarem delle. Primeiro

Uuu

deixaõ

August.
lib. de
Agon.
Christ.
cap. 2.
Gen. 3.
n. 19.
Gen. 2.
n. 7.
Gen. 1.
n. 27.
Gen. 1.
n. 28.

August. deixão elles à Deos, do que Deos à elles. *Non enim deserit* (diz S. Agostinho) *nisi ipse prius deseratur*. Entregaos Deos á Lucifer, porque amaõ mais suas iguarias, que as que Deos lhes offerece. A prova he singular, & a entrega tremenda. Queixoso de Deos, & de Moyfes seu ingrato Povo no Deserto, enfastiado do Manà, que lhe chovia o Ceo, & faudofo do Egypto, mandoulhe o Senhor para seu castigo hũas Serpentes de fogo, que os mordião, comião, & matavaõ: *Locutusque contra Deum, & Moysen, ait: Cur eduxisti nos de Egypto, ut moreremur in solitudine? Deest panis, non sunt aqua. Anima nostra jam nauseat super cibo isto levissimo. Quamobrem misit Dominus in populum ignitos Serpentes*. Neste castigo he todo o meu reparo. Tres são os mais ordinarios, & mayores, com que nos castiga Deos por nossos pecados, Guerra, Peste, & Fome. O mayor de todos he a Fome. Porque a Guerra à muytos fere, & mata, mas não á todos. Assy tambem a Peste. Porém a Fome não deixa à ninguẽ viuo. Por falta de sustento todos morrem. Se os Hebreos no Deserto se enfastiaõ do Manà, faudosos do paõ do Egypto: *Cur eduxisti nos de Egypto? Deest panis. Anima nostra jam nauseat super cibo isto levissimo*, & não tinhaõ no Deserto outro comer, querendoos Deos castigar com tirar à todos a vida, já que todos eraõ culpados, com seu mesmo pecado o podia fazer. Com lhes tirar o Manà, de que diziaõ, que estavão enjoados, & enfastidados delle, açoitava á todos com o açoitete de fome, matava á todos com a falta do sustento. Porque pois os castigou Deos com castigo taõ extraordinario das Serpẽtes de fogo, que os mordião, comião, & matavaõ? *Quamobrem misit Dominus in populum ignitos Serpentes*.

Oleaster
hic.

52 Não posso responder á esta duvida, sem averiguar primeyro, que Serpentes foraõ estas, que Deos lhes mandou para seu mayor & mais tremendo castigo, das quaes diz a Sagrada Historia, que eraõ acetas de fogo: *Ignitos Serpentes*. Varias são as opinioẽs dos sagrados Expositores neste lugar. Oleastro diz, que se chamaõ Serpentes de fogo, *Serpentes igniti*, do verbo Hebreo *Saraph*, que no Latino val tâto como *Urere*, Quei-

Queimar; porque, diz elle, com o bafo calidissimo da bocca queimavaõ aos que mordiaõ: *Flatu eris furebant*. Tambem, diz o mesmo Doutor, que se chamaõ de fogo, porque na cor pareciaõ de fogo: *Vel forte dicuntur igniti ratione coloris, quia scilicet speciem ignis praeferbant*. Quali o mesmo dizem Hugo Cardeal, & Abulense. A mais comua opiniaõ, que refere Nicolao de Lyra, he dos que dizem, que eraõ realmente estas Serpentes acẽas de fogo, porque voando pelos ares, lançavaõ faiscas de fogo pela boca: *Dicunt aliqui, quod dicuntur igniti, eo quod volantes per aërem emittebant scintillas ardentes*. Tenho para mim, que estas Serpentes eraõ os Demonios, q Deos mandou vir do Inferno, para castigar os Hebreos; & parece, que isto denota a palavra: *Misit Dominus*: que naõ eraõ estas Serpentes nacidas no Deserto, aonde nem antes, nem ao depois mais se viraõ, mas Serpentes infernaes, que Deos mandou vir contra seu Povo, para castigar seu peccado: *Quamobrem misit Dominus in populum ignitos serpentes*. Naõ he esta minha opiniaõ mal fundada; porque Serpente se chama o Demonio na Sagrada Escripura: *Sed & serpens erat callidior cunctis animalibus terra*. Para o Demonio enganar, preverter, & matar aos nossos primeyros pays, diz o Texto, que tomou a figura de Serpente: *Serpens decepit me*. Destas que mordiaõ, & matavaõ aos Hebreos, se diz que voavaõ: *Volantes per aërem*, & que lançavaõ fogo pela boca: *Emittebant scintillas ardentes*, & que todo o corpo parecia de fogo acẽo: *Speciem ignis praeferbant*, circunstancias muy proprias dos Demonios, porque saõ espiritos que voaõ, & trazem sempre consigo o fogo do Inferno, que os atormenta. Mas se alguem duvidar, que fossem estas Serpentes os Demonios, naõ podem negar, que ao menos os representavaõ.

§ 3 Suposto isto respondo a duvida, porq castigou Deos as queixas de seu Povo no Deserto com castigo taõ extraordinario nunca antes vislo, nem depois. O peccado, que comtreaõ os Hebreos no Deserto queixosos de Deos, & de Moyses, foy deixarem a Deos por amor do Mundo, amarem mais os

Hugo
Card.
hic.
Abulens.
hic.
Lyrans.
hic.

Gen. 3.
n. 1.

Gen. 3.
n. 14.
Lyrans.
hic.
Oleas.
hic.

Num. 21.
n. 5.

bens da terra, que os do Céo. No Maná se representava a Eucharistia, no Egypto este Mundo tão cheo de pecados. Engeitaraõ os Hebreos o Maná enfatiados de o comerem todos os dias: *Anima nostra jam nauseat super cibo isto levissimo, & desejarão os comeres do Egypto debaixo do imperio de Pharaõ, figura de Lucifer: Cur eduxisti nos de Egypto? Queriaõ comer o paõ, que lhes dava Pharaõ no Egypto, & não o Maná, que lhes dava Deos no Deserto. Queriaõ finalmente quanto a figura comer as iguarias de Lucifer, & não as de Deos. Assy! Pois Deos, para os castigar como merecia seu peccado, lhes manda as Serpentes infernaes, os Demonios do Inferno, ou na realidade, ou ao menos na representação, para que os mordaõ, queimem, matem, & comaõ para sempre: *Quamobrem misit Dominus in populũ inuitos serpentes*; porque os que engeitaõ as iguarias de Deos, o paõ celestial de seu divino Maná: *Hic est pams, qui de calo descendit*, pelas iguarias, que dá o Demonio na mesa do Mundo, são sua eterna comida: *Terram comedes cunctis diebus vite tuae*.*

Exod. 4.
n. 3.

Hugo
Card.
hic.

54 A Vara de Moyses tão portentosa, & tão favoravel aos Hebreos, que foy o instrumento da sua liberdade, & todo o seu amparo na sahida do Egypto, tomada na mão era Vara milagrosa; mas lançada no chão era Serpente peçonhenta. Na mão era Varã, na terra era Cobra: *Projecit, & versa est in co-
lubrum, itaut fugeret Moyses*. Diz Hugo Cardeal, que esta Vara, representava a humanidade sanctissima de Christo: *Virga, idest, Christi humanitas*, por consequencia convertida em Serpente representava a Lucifer serpente infernal. Christo, & Lucifer são oppostos. O primeyro Anjo do Céo na soberania, & fermosura era Lucifer. Cahio no abismo infernal por soberbo desobediente à Deos. O primeyro homem na grandeza, & magestade he Christo, Deos, & homem. Subio á mais alta cadeira do Empireo, ao mais alto throno por humilde, & obediente à seu Eterno Padre: *Humiliavit semet ipsum factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis. Propter quod & Deus exalta-
vit illum, &c.* Se pois são tão oppostos Christo, & Lucifer, como

Ad Phi-
lip. 2. n. 8.

mo hũa mefma Vara representava á ambos? Notavel misterio: Representava á ambos, mas com diverfas figuras, & por diverfo modo. Representava á Christo tomada na mão. Representava á Lucifer lançada no chaõ. Mudava a Vara fua figura cõ a mudança, que della fazia, quem a tinha. Na mão de Moyses era Vara. No chaõ era Serpente. Na mão de Moyses representava á Christo, na terra á Lucifer: *Projecit, & versa est in colubrum*. Quem toma á Christo com a reverencia devida: Quem o receber dignamente na Euchariftia, terá feo amparo: eftará Christo nelle, & elle em Christo, Christo ferá a Vara de fua protecção. Se o engeitar, fe o largar, fe por amor dos bens, & appetites illicitos do Mundo o lançar de fí, dará com a Serpente infernal. Entregalo ha Deos á Lucifer, como entregou feo Povo às Serpentes no Deferto, por engeitar o Maná, faudofo do Egypto.

55 Mas pergunto, porque os Hebreos no Deferto tão favorecidos de Deos, ingratos á tantos beneficios, que delle tinham recebido, fe queixavaõ do mefmo Senhor: *Locutusque contra Deum; & no Egypto tiranizados de Pharaó, com bra-* Num. 21. n. 5.
dos, & com lagrimas recorriaõ á Deos, para que os amparaſſe, & livraſſe de tão duro cativeiro? *Ingemifcentes propter opera, vociferati ſunt: aſcenditque clamor eorum ad Deum ab operibus.* Exod. 2. n. 23.
No Egypto ſe chegavaõ á Deos, queixofos de Pharaó, & no Deferto queixofos de Deos ſuſpiravaõ por Pharaó! Lá ſe aborreção do Egypto unidos com Deos, & no Deferto faudoſos do Egypto, ſe affaſtaraõ de Deos! Donde eſta mudança? Das riquezas. No Egypto eraõ os Hebreos todos pobres. Não havia entre elles hum homem rico. No Deferto eraõ todos muy ricos, ſem haver delles hum pobre. Quando ſahiraõ do Egypto, levaraõ configo as mayores riquezas dos Egypcios, o ouro, a prata, & os mais ricos veſtidos com tanta abundancia, que diz o Texto, que deſpiraõ os Egypcios: *Spoliaverũt Egyp-* Exod. 12. n. 36.
tios. E a Igreja Catholica no *Exultet*, que canta antes da Miſſa ſa no dia de Sabbado ſancto, diz: *Overe beata nox, qua expolia-* In Miſſa
vit Egypcios, ditavit Hebraeos. Bemaventurada noite, que deſ-

pio aos Egypcios; & enriqueceo aos Hebreos; porque levarão muy grandes riquezas, cada hum enriqueceo com o muyto que levou: & tanto bastou para se apartarem logo de Deos, para suspirarem logo pelo Egypto, donde tiraraõ tantas riquezas, para se enfastiarem do Maná, & desejarem o pão de Pharaó, figura dos que deixão o pão do Ceo pelas iguarias de Lucifer.

Luc. 12.
n. 34. 56 Os ricos mais amão o Egypto deste Mundo, em que estão pegados, que à Deos: os pobres mais amão à Deos, que ao Mundo, que taõ mal os trata. Os ricos de tal modo empregão seu amor às riquezas, que se esquecem de Deos: *Ubi enim thesaurus vester est*, diz Christo, *ibi & cor vestrum erit*: Os pobres por não ter nada do Mundo, não amão ao Mundo, mas só à Deos. Não podemos nesta vida deixar de amar, ou à Deos, ou ao Mundo, ou às riquezas da terra, ou às do Ceo. Se nos chegarmos à Deos, affastamonos do Mundo: & se nos formos atraz do Mundo, & de seus bens temporaes, apartamonos de Deos. He taõ difficultoso amar juntamente à Deos, & ao Mundo, à Deos, & às riquezas, que parece impossivel: *Nemo potest* (diz Christo) *duobus Dominis servire: aut enim unum odio habebit, & alterum diligit, aut unum sustinebit, & alterum contemnet. Non potestis Deo servire, & mammona*. He impossivel, diz Christo, servir à dous Senhores, à Deos, & às riquezas: *Mammona*, diz S. Agostinho, *apud Hebraeos divitia appellantur*. Ou havemos de amar à Deos, ou às riquezas: á ambos juntos he impossivel: *Non potestis*.

Matth. 6.
n. 24. 57

August.
lib. 2. de
Serm.
Dom. in
Monte
cap. 14.
August.
ibid.

Glosa estas palavras S. Agostinho com grande agudeza. Diz assi: *Patietur durum, & perniciosum Dominum, quisquis servit Mammona. Sua enim cupiditate implicatus subditur Diabolo, & non eum diligit. Quis enim est, qui diligat Diabolum? Sed tamen patitur*. Quer S. Agostinho com estas palavras mostrar o engano, a dura fugeição, perda, & ruina, dos que com desordenado amor amão as riquezas. Discursa por este modo: Quem ama as riquezas, se fogeita a hũ duro, & cruel Senhor, à quem não ama; porque se fogeita ao Demonio. cruel tirano de sua alma.

alma. Ninguém ha, que ame ao Demonio ; com tudo os que desordenadamente amão as riquezas, o sofrem, o admitem, se lhe entregaõ, se unem com elle, & se fogaiteão à sua tirania: *Sed tamen patitur*. Oh engano dos q̃ por cubiça andaõ embaraçados na consciencia atraz das riquezas, que acabaõ cõ a vida, & causaõ hũa eterna morte! Oh cegueira dos q̃ deixão à Deos pelos bens temporaes deste Mundo! Oh miseria dos q̃ se desunẽ de seu divino, & amante Senhor, por se unirẽ cõ hũ Senhor Tirano, Principe das trevas Lucifer, á quem se entregão, & fogaiteão pela prata, & ouro, que individamente cubiçaõ: *Sua enim cupiditate implicatus subditur Diabolo*. Donde se vê com quanta rezão, vindo Christo do Ceo para se comunicar à todos: *Hic est panis, qui de calo descendit*, mais folga, & deseja de se comunicar aos pobres, que aos ricos; porque os pobres naõ saõ escravos das riquezas, nem por amor dellas se entregaõ, & fogaiteão à Lucifer, sofrendo suas tiranias, para enriquecerem, como fazem os ricos.

58 Por essa mesma rezão de ver Christo aos pobres dessemparados, & desunidos do Mundo, & aos ricos taõ pegados, & unidos com elle, se empenha, para que comunguem os pobres, & naõ se empenha, para que comunguem os ricos, mas dexaos à seu livre alvedrio, entregues à sua propria vontade, que he o mayor castigo, com que castiga aos pecadores nesta vida, & aos mundanos, que mais amão ao Mundo, que à sua propria alma. Em pessoa de hum Pay de Familias diz Christo de sy na parabola, que refere S. Lucas, que aparelhou huma grande cea, em que convidou à muytos: *Homo quidam fecit canam magnam, & vocavit multos*. Dos que foraõ convidados diz, que todos se escusaraõ: O primeyro por occupado na compra de huma Quinta: *Villam emi*: O segundo na compra de cinco juntas de Bois: *Iuga Bovum emi quinque*: O terceiro por se receber com sua molher: *Uxorem duxi*. Indignado Christo representado neste Pay de Familias: *Iratius Pater familias*, mandou à seu servo, a saber, quanto a allegoria, aos Ministros Evangelicos, que logo com toda a pressa corresse as praças,

Luc. 14.
n. 16.

duas vezes mandastes com tanto empenho à vossô servo, que corresse as ruas, & os lugares mais humildes da Cidade, para conduzir à vossa cea os pobres, fracos, cegos, & alejados: Se lhe ordenastes, que os obrigasse á vir, porque não fazeis o mesmo com os convidados? O Texto o diz, a Parabola declara o porque. Os convidados eraõ homẽs ricos applicados com todo cuidado à enriquecerem mais, occupados com grande empenho nas compras dos bens temporaes, hũ em comprar a Quinta, outro as cinco jũras de Bois, outro em acrescentar a sua casa com o casamento que fez, & todos em procurar muyto mais os bens da terra, que do Ceo, amigos mais do Mundo, que de Deos, & do bem de sua alma: *Excusat se omnis* (diz a Glosa ordinaria) *qui plus terrena, quam caelestia diligit, etiam si ad caelestia se tendere dicat.* Não assy os pobres, mormente fracos, cegos, & alejados, que pedem pelas portas: Por estes pois se empenha Christo Senhor nosso, para que comunguem, porque não tem do Mundo mais que as misérias, que padecem, nem cubiçaõ o alheo, nem se occupaõ em procurar os bens da terra. Mas para que comunguem os ricos, não se empenha o Senhor. Aos pobres chama, & convida huma, & duas vezes com grandes defejos de os ter na sua mesa, mandando à seu servo, aos Ministros evangelicos, que os tragaõ consigo, & os obriguem á vir: *Compelle intrare*, animandoos por pusillanimes, instruindoos por ignorantes, facilitando lhes a communhaõ, & persuadindo lhes seu mayor bem, para que logrem as riquezas do Ceo, por lhes faltarem os bens da terra; & deixa aos ricos presos por sua livre vontade nos laços do Mundo, embaraçados por cubiça com os bens temporaes, esquecidos dos eternos, privados para sempre de sua divina mesa: *Nemo virorum illorum qui vocati sunt, gustabit cenam meam.*

6o Este empenho taõ grande teve Deos com Elias. Para Elias comungar, fallando mysticamente, em figura, & representaçãõ, lhe disse Deos: *Surge, & vade in Sarephtha Sidoniorũ*, 1. Reg. & *manebis ibi: praecepi enim ibi mulieri viduae, ut pascat te.* Elias 17. levantate. Vajte à Sarephtha dos Sidonios, & deixate lá estar,

porque tenho mandado com preceito á huma mulher viuva, que te dê de comer: *Præcepi*. Como assy? Para comungar Elias, era necessario taõ grande empenho? Não era Elias homẽ sancto, hum dos mayores do Testamento velho? Não era hum Sancto milagroso, grande Profeta, muy amigo de Deos, o mayor zelador de sua sancta ley? Sy. Pois que duvida podia haver, para se lhe dar a Sagrada Comunhaõ? Muy grande; & se fora neste Estado da India, não lha dariaõ os Parocos. Porque? Que lhe faltava? Faltavalhe ser rico. Era Elias hum pobre mendi-

Toletan. *Elias* (diz Toletano) *habitu paupertatem prodit, & men-*
in Josue *dicitate confirmat*: Elias mostra sua pobreza no habito, & o
c. 2. §. 14. confirma com pedir esmolas. Desgraça dos pobres neste Esta-
n. 75. do, ainda que forem taõ sanctos como Elias, não sei se diga, ainda que se empenhe Deos, para se lhes dar a Sagrada Comunhaõ, ainda que o mande aos Parocos com preceito, como o tem mandado: *Præcepi*. (Pois he preceito ecclesiastico, & divino que comunguem) na India lha difficultaõ de modo; q̃ lha negaõ. Não crem, que a merecem. Não haõ de confessar, que estaõ obrigados á lha darem, porque Deos o manda, & a sancta Madre Igreja: *Præcepi*.

61 A virtude, a habilidade, a capacidade & o merecimẽto nos pobres, para haverem de comungar neste Estado, não he
Pfal. 81. crida. Dizia David: *Humilem, & pauperem justifyate*. Expli-
n. 3. ca Hugo Cardeal: *Iustifyate, idest, justum credite, & justum*
Hugo *prædicate, non ut injustum condemnentis*: Crede, que hum ho-
Card. mem pobre, humilde, miseravel he homem justo, recto, não
hic. o condennais por injusto. Mas porque esta justificação para os pobres, & não para os ricos, para haverem de comungar? Porque a pobreza desmente a virtude, como a riqueza o vicio. Hum pobre por mais virtuoso que seja, não he crido: hũ rico por mais vicioso não perde de opiniaõ. Todo o bem se crê do rico, nenhum do pobre. Tudo se approva ao rico: tudo se reprova ao pobre. Tudo alcança o rico: tudo se nega ao pobre. Atè para se dar á Elias a Sagrada Comunhaõ, foy necessario, que Deos se empenhasse, & o mandasse com preceito: *Præcepi*

cepi mulieri vidua ut pascat te; porque por pobre, ainda que muyto sancto, corria risco de se lhe negar. Quantos justos ha neste Estado da India, que por pobres não são admitidos na Mesa do Altar? A pobreza he nos pobres infamia da virtude. O que merece louvor, no pobre he delito. Nenhum pobre no Mundo está tido por discreto, nenhum por homem de juizo. Não se dá fé no que dizem, não se cré o bem que fazem. Hũa leve culpa he no pobre grande falta: hum grande pecado he no rico fidalguia. Tudo parece licito no rico: tudo reprehivel no pobre. No rico a soberba he authoridade: no pobre a humildade he vileza. No rico a mentira he prudencia: no pobre a verdade he sospeitosa. No rico até o mal se lizongea: no pobre todo o bem se censura. Rezão tem pois Deos de se empenhar para comungarem os pobres, de mandar com preceito, que se dé à Elias a Sagrada Comunhaõ, porque sem este empenho por pobre teria muyta duvida: *Præcepi mulieri viduæ, ut pascat te*.

62 Temos nesta Viuva de Sarephta hum retrato do que se costumava neste Oriente, antes que eu prégasse deste preceito, de estarẽ obrigados os Indios, & os mais Christãos deste Estado, que tem annos de discriçaõ, á comungarem ao menos na Pascoa, & no perigo da morte, & os Parocos, & Curas, de procurarem que comunguem, o que ainda não está de todo vencido. Ainda a enveja de alguns de se remediar esta falta por Prégador estrangeiro, a maldade, & a ignorancia de muytos, & o amor proprio de outros, que não sofrem por seu credito ouvir que erraraõ, não admitẽ esta doutrina tão comúa, tão certa, & tão catholica, & de tanta obrigação, como mostrão tres censuras que me vierão a mão nestes dias contra o que prégo, & prégarei em quanto aqui estiver, todas tres manuscriptas muy indignas de se lerem por temerarias, & falsas, de tres Doutores ecclesiasticos, á que responderei no primeyro Sermão, que será o ultimo, que hei de prègar nesta Sé Primazial, antes que parta para o Reyno, aonde, se for necessario, o darei á estampa, por ser o q̃ dizem contra o q̃ Deos man-

da & a sancta Madre Igreja Catholica com preceito

Ambros.
lib.5.
Com. in
Lnc.c.7.
August.
ferm.44.
de Verb.
Dom.
3. Reg.
17. n.10.
11.& 12.

63 Vivo retrato desta Igreja Oriental da India, & do que nella se practica na administração dos Sanctos Sacramentos, he esta Viuva de Sarephtha, assy como o he da Igreja universal por sentença de S. Ambrosio, & de S. Agostinho, a Viuva de Naim. Duas cousas pedio Elias á esta Viuva. A primeyra foy hum pucaro de agoa: *Da mihi paululum aquae in vase, ut bibam.* A segunda depois da agoa, foy hum bocado de pão trasido na mão, figura da Sagrada Comunhão: *Affer mihi obsecro & buccellam panis in manu tua.* Não duvidou a Viuva de lhe dar a agoa: do pão foy toda a duvida. Para lhe dar a agoa correu apressada: *Cumque illa pergeret, ut afferret.* Mas para o pão, não pedindo Elias mais que hum bocadinho, huma particula trasida na mão: *Buccellam panis in manu tua,* não só duvidou, mas lha negou. Disse-lhe, que não tinha pão mais que para sy, & para hum filho seu: *Non habeo panem, nisi quantum pugillus capere potest farinae in hydria, &c. En colligo duo ligna, ut ingrediar, & faciam illum mihi, & filio meo.*

64 Oh India, que retrato vivo he este do que fazes, & do que ouveras de fazer! Elias pedio primeyro a agoa, figura da agoa do Bautismo, & da graça, q' confere a Penitencia; & logo hum bocado de pão trasido na mão, figura da Sagrada Comunhão. Mostre esta Viuva o que fazes, & te ensina Elias o que has de fazer. O que fazes he dar logo á todos, que a pedem, a agoa do Bautismo, & tambem á todos ouves de confissão, á todos administras o Sacramento da Penitencia, & a agoa da graça divina. Porém para lhes dar hum bocado de pão da Sagrada Comunhão, são tantas as difficuldades, & as duvidas sem fundamento, que parece, que não o tens para o dar. Parece, que sóo tem os Parocos para sy, & por algũ mais de sua obrigação, tão poucos são os que comungão: *Non habeo panem, nisi quantum pugillus capere potest farinae, ut faciam illum mihi, & filio meo.* Faze o que te ensina Elias. Tanto que lhes administras o Sacramento do Bautismo, ou da Penitencia, se tiverem os annos da discrição, dalhes o da Eucharistia, porque

tens

tens obrigação de o fazer assy, polo mandar Deos, & a sancta Madre Igreja Universal com preceito: *Præcepi mulieri vidue*, 3. Reg. *ut pascat te*. Não o fizeste assy desde q̃ recebeste a fé de Christo ^{17.n.9.} até o anno de 1645. em que advertindote desta falta, comecei prégar deste preceito, reprehendendo teu pecado. Fazeo agora que te mostrei teu erro, & te o mostra Elias neste passo. Eras antes a Viuva de Sarephtha, que não duvidava dar a agoa, figura do Sacramento do Bautismo, & da graça que cõfere a Penitencia, mas só duvidaste sempre, & negaste à estes Christãos na vida, & na morte o pão da Eucharistia: *Non habeo panem*. A todos admities, & admitiste sempre à Pia, para os bautizar, os que pedem o Bautismo: à todos para os absolver, os que confessão seus pecados à teus pés; mas à muy poucos deste atégora o pão, que deceo do Ceo para todos, excluindo tão grande numero de Christãos para sempre da sagrada mesa do Altar, mormente os pobres, que mais estima Deos, que os ricos. Trata de instruir à todos, para que comunguem. Não te vença mais ou a tua ignorancia, ou a tua preguiça. Para todos deceo Christo do Ceo, com todos se quer unir na terra na Eucharistia; porem muyto mais com os pobres, aos quais mais folga de se comunicar, que aos ricos: *Hic est panis, qui de celo descendit*.

SEGUNDA PARTE.

65. **N**A mesma altura em que estão os pobres, estão para com Deos os humildes, os plebeyos, a gente mais baixa, & mais pequena, de que senão faz caso. Mais folga Deos de se comunicar à estes, que aos Grandes, aos Fidalgos, aos Nobres, pelos quais se desvela tanto o Mundo. Na Corte de Deos os humildes são os Grandes, & os Grandes do Mundo são menos estimados, mormente os que por Grandes são soberbos. Aborecese Deos delles muyto mais do que o Mundo dos humildes. Para Deos confundir aos Grandes, diz S. Paulo, para mostrar o pouco que valem na sua presença,

1. ad Co-
rinth.
n. 27.

escolheo para as mayores empresas de seu serviço, & mais altas façanhas de sua gloria a gente mais fraca, a mais humilde: *In firma mundi elegit Deus, ut confundat fortia*. Para derrubar ao Gigante Philistheo, que soberbo roncava contra seu querido Povo, valeose Deos de hum pastorinho muyto humilde, que vigiava no campo o gado de seu pay. Valeose de David filho mais moço, á quem cōmunicou seu divino spirito, esforço, & valor, & não d'el Rey Saul, nem dos grandes, & mais famosos Capitaes de seu exercito. O Mundo mais se satisfas, & mais estima o que vé, & Deos mais o que não vé o Mundo: *Homo enim* (disse Deos á Samuel, quando escolheo á David por Rey de seu Povo) *Homo enim videt ea quae parent, Dominus autē intuetur cor*. Satisfazse o Mundo do exterior do corpo, & Deos do interior da Alma, que nos humildes he muytas vezes, & com grande ventajem melhor que nos Grandes, por não terem os humildes tantos, & tão grandes pecados, quantos costumão ter os Grandes, por se valerem de ordinario da grandeza para mayores offenças do Senhor.

1. Reg.
26. n. 7.

66 Com titulo de pobres falla Santiago dos humildes na sua epistola canonica: & com o de ricos falla dos Grandes.

Epist.
Can.

D. Jacob.
c. 2. n. 1.

De huns, & outros para nosso ensino diz: *Nolite in personarum acceptione habere fidem Domini nostri Iesu Christi gloria*. Quer

Lyrano.
hic.
Glos.
hic.

dizer: Não estimeis mais aos ricos, que aos pobres, mais aos Grandes, que aos pequenos, mais aos Nobres, que aos da Plebe no tocante a fé, & administração dos Sãctos Sacramentos. Assim explica Lyrano este lugar, & com mayor clareza ao nosso intento a Glosa ordinaria: *Nolite in personarum acceptione habere fidem*. Porque? Diz a Glosa: *Dominus non divites invitat ad fidem, & pauperes despicit, sed pauperes elegit in hoc mundo, & eos fide donavit. Mundus pauperem abjicit, divitem colit, fides Christi econtra docet; quia omnis gloria divitum tanquam flos fani, misericordia in pauperes floret in eternum*. Divinas palavras. Deos (diz a Glosa) não convida os Ricos, os Nobres, os Grandes à Fé Catholica, & faz pouco caso dos pobres, dos pequenos, dos humildes; mas escolhe neste Mundo aos pobres,

bres, & os enriquece de sua sancta fé. O Mundo despreza ao pobre, & venera ao rico; porém a fé de Christo ensina o contrario; porque toda a gloria dos ricos he flor de palha, he flor que em breve tempo se murcha, & seca; mas a misericordia com os pobres floresce por toda a eternidade.

67 Por remate diz a mesma Glosa. Ouy Prelados, ouy Parocos, ouy Curas de almas: *Quicumque divitem propter divitias eligit, & pauperem propter paupertatem abjicit, peccat.* Oh sentença espantosa! Oh verdade infallivel, tão pouco admitida na India! Toda a pessoa (diz a Glosa Interlineal) que escolhe aos Ricos, aos Nobres, aos Grandes, por venerar nelles as riquezas, a nobreza, a grandeza, & se aborece, & lança de sy aos pobres, aos humildes pela pobreza delles, baixeza, & humildade, peca mortalmente: *Peccat*; porque muyto mayor he a estimação, que Deos faz dos humildes, que dos Grandes, mais folga, & deseja de se comunicar a gente baixa, & plebeja, que a gente nobre, & fidalga.

68 Não disse Christo aos Hebreos, prégando da Eucharistia, que seu sagrado, & divino Corpo era pão, que havia de subir para o Ceo, mas disse, que era pão, que desceo do Ceo: *Hic est panis, qui de calo descendit.* Se huma, & outra cousa era verdade, huma, & outra proposição catholica de fé, q' o Verbo divino veyo do Ceo na Encarnação, & q' havia de subir para o Ceo na Ascensão, porque quiz antes dizer, que seu sagrado Corpo era pão, que desceo do Ceo, do que dizer, que era pão, que havia de subir para o Ceo? E Theologicamente discursando, era mais proprio modo de fallar, dizer, que seu sagrado Corpo era pão, que havia de subir para o Ceo, do que dizer, que era pão, que desceo do Ceo; porque o que desceo do Ceo; para se unir com nosco na Encarnação, não foy seu sagrado Corpo, mas o Verbo divino; porque o Corpo se formou na terra: *Descendit de calis, & incarnatus est*; & o que subio para o Ceo foy realmente o Corpo unido hypostaticamente á o Verbo. Porque pois não disse, que era pão, que havia de subir para o Ceo, mas disse, que era pão, que desceo do Ceo?

Glos. Interl.
ibid.

Joan. 6.
n. 59.

Symb.
Apost.

August.
serm. 2.
de Ascens.
seu 175.
de Tép.

Ceo? *Hic est panis, qui de calo descendit.* Porque Christô pela sua grande humildade, & pelo muyto que ama a gente mais baixa, & humilde, olha mais pelas decidas, que pelas subidas, mais para os baixos, que para os altos, mais para os humildes, que para os altivos, mais para os pequenos, que para os soberanos. *Videte fratres* (diz S. Agostinho) *magnum miraculum: Vede irmãos huma grande maravilha. Que? Altus est Deus: erigis te, & fugit à te: humilias te, & descendit ad te. Quare hoc? Quia excelsus est, & humilia respicit, & alta à longè cognos-*

In Gloria
Sacrif.
Mis.

cit. He muy alto Deos, he o Altissimo: *Tu solus altissimus Iesu Christe.* Sete levantas por soberba, fuge de ty. Sete abaixas por humildade, deca para ty. Porque com ser muy alto, & muy levantado, com ser muy Senhor, & muy soberano, com tudo olha muy de perto para os baixos, para os humildes; & conhece muy de longe aos altivos, aos que por nobres, por fidalgos, & por grandes cuidão que não cabem no Mundo.

69 Jerolifico dos Grandes são os Montes: dos pequenos são os Valles. Os Montes nas ideas dos homens representam a grandeza, & soberania dos Grandes: Os Valles a pouquidade, & baixeza dos pequenos. Mas na de Deos os Montes representam a pobreza dos Grandes, os Valles a riqueza dos pequenos. Declarome. Vay esta differença entre outras (diz S. Agostinho) dos Montes aos Valles. Os Montes não conservão a agoa, que lhes chove o Ceo. Toda a recebem, & toda a lanção logo de sy. No mesmo tempo em que a recolhem, a despedem. Não assy os Valles. Toda a agoa dos Montes, & toda a que lhes chove o Ceo, recebem em sy, & a conservão: *Colles aquam repellunt, Valles implentur.* Na opinião dos homens os Grandes são Grandes, porque tem muyto do Mundo: os pequenos são pequenos, porque do Mundo tem pouco. Mas na de Deos he tudo pelo contrario. Nas Ideas divinas os Grandes são pequenos, & os pequenos são Grandes. Os Grandes são pequenos, porque despedem de sy a agoa da graça divina. Toda a que lhes chove o Ceo, toda a que Deos lhes dá, lanção facilmente de sy; porque quanto he mayor a grandeza que tem, tanto

August.
serm. 74.
de Tép.

tanto mais facilmente se entregão aos vícios, que amão. Os pequenos são Grandes, porque toda a graça recolhem em sy, & toda a conservão, por terem menos occasiões de pecados, & menor posse para offender á Deos. A mesma pouquidade, & baixeza os diverte dos vícios, & lhes impossibilita os pecados. Dos Grandes he a soberba: dos pequenos a humildade. Dos Grandes a vingança: dos pequenos o sofrimento. Dos Grandes o imperio: dos pequenos a fogueição. Dos Grandes a ave-xação: dos pequenos a lastima. Dos Grandes os vícios: dos pequenos a virtude. Dos Grandes a altiveza: dos pequenos a paciencia. Dos Grandes a avareza: dos pequenos a pobreza. Dos Grandes a vaidade: dos pequenos a miséria. Dos Grandes finalmente são no numero muyto mais, & na qualidade mayores, & mais graves os pecados: dos pequenos são menos, & mais leves. A soberania, a altiveza, a prezunção, a temeridade, a ambição, a cubiça, a emulação, a enveja, a murmuração, o odio, a pompa, o fausto, o jogo, & outros muytos vícios se achão nos Grandes, & não se achão nos pequenos: se achão nos que parecem Montes na grandeza, & não na vileza dos homens baixos, & humildes como os Valles.

70 Se considerarmos a vida dos Grandes, dos Fidalgos, dos Nobres, dos que fez Deos mais luzidos no Mundo, acharemos em muytos, que se pejaõ da virtude, & não do vicio. Tem por prudencia o mentir, por fidalguia o jurar, por nobreza a soberba, por honra a vingança. A sede de adquirir por todos os meys bons, & maos he nelles infaciavel, a de subir, crescer, & melhorar sem termo, & sem limite, a de predominar sem sossego. Offendidos não perdoão, reprehendidos se alterão, amoeitados se inquietão. Para as esmolas são pobres. Para os jogos, para as galas, para os appetites, para o fausto, para o luxo, para as vaidades, para os passatempos, muy ricos. Para as sensualidades muy prodigos, fáceis para o mal, rasteiros para o bem. Se devem, não pagão: se se confessão, não se emendão: arrependidos não se mudão: amigos mais do Mundo, que de Deos: inimigos de sua alma, esquecidos de sua sal-

vação, de que m̃amente se lembraõ, quando tẽmerosos do Inferno cuidaõ de morrer. Naõ se acha tanta maldade na gente baixa, pobre, & humilde. Que muyto se mais folga Deos de se communicar á estes, do que á aquelles, de ser antes levado pelos Valles, pelas casas humildes, palhotas, & choupanas, para comungarem os pequenos, do que pelos Montes, pelas Casas nobres, & Palacios soberbos, aonde se cometem muytos pecados, para comungarem os Grandes.

71 Naõ olhou Deos, diz o sagrado Genesis, para os sacrificios de Caim, por lhe não contentarem; mas pos seus divinos olhos nos do innocente Abel: *Respexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus. Ad Caim verò, & ad munera illius non respexit.* Que tinhão de mal os sacrificios de Caim, que não contentavão à Deos: Que de bem os de Abel, em que pos o Senhor seus divinos olhos? Diz S. Isidoro, que Caim por filho primogenito de Adão significava o povo Judaico fundado na grandeza de Deos, que no emparo, que delle sempre teve, se mostrou sempre grande. Abel filho segundo representava o povo Christão fundado na humildade de Christo. Era pois Caim na representação figura dos Grandes, Abel dos pequenos. Por humildes contentão à Deos os sacrificios dos pequenos, accitaos, olha para elles: por soberbos lhe não contentão os dos Grandes, não olha para elles: Muy boa he esta reposta para o que tratamos; mas não solta a duvida; porque diz tambem S. Isidoro, que Caim: *Rectè offerebat, quia Deo; sed non rectè dividebat, quia exteriora dabat, & se in nequitia confirmabat.* Quer dizer, que não olhava Deos para os sacrificios de Caim, porque era mau, mas só pera os de Abel, porq̃ era santo. Nem taõ pouco solta, digo, a duvida; porque ainda que o sacrificante fosse mau, como era, o sacrificio era bom: *Rectè offerebat.* Porém o Texto diz, que nem o sacrificante, nem o sacrificio contentava à Deos. Naõ pos o Senhor seus divinos olhos em Caim, nem ao que lhe offerecia: *Ad Caim verò, & ad munera illius non respexit.* Lyrano he de parecer, que não cõtentavaõ à Deos os sacrificios de Caim porque dos frutos, que

que lhe offerecia, escolhia os peyores : *Caim verò obtulit de peioribus, & corrosis*, condição, & costume mais comú, & mais ordinario dos Grandes, que difficilmente dão á Deos o melhor, mas de ordinario o peyor, o que lhes sobeja, o que engeitão, ou escusaão. Os Grandes para a vaidade se empenhão, para o jogo se vendem, para os vicios gastão largo, para as sensualidades, & appetites desordenados tudo; & para o que devem á Deos, & ao proximo, ou não dão nada, ou dão o peyor, do que tem, humas consignaçoens, que ou nunca, ou tarde se pagão. Os pequenos, a gente humilde, os baixos, os plebeyos dão, o que podem, & por poderem pouco, dão á Deos á sy mesmos. Paga-se Deos da boa vontade, por ver que lhes falta o poder.

72 Outras muytas rezoens dão os sagrados Interpretes conformes à letra, porque descontentarão á Deos os sacrificios de Caim, & contentarão os de Abel. Huma só darei eu quanto a allegoria para a moralidade do nosso ponto. Caim por filho primogenito era Senhor da terra. Todos os frutitos, que dava a terra, eraõ seus. Abel filho segundo era pobre pastor. Atraz do gado andava este pelos Valles, & pelos Campos. Baixava-se no chaõ para tomar os primeiros, & melhores Cordeiros, que lhe naciaõ, para os offerecer á Deos no sacrificio. Subia Caim pelas arvores, para colher os frutitos, que offerecia ao mesmo Senhor; mas não colhia os melhores. Symbolo da grandeza são as arvores, & retrato da soberba he o querer subir: *Vidi impium superexaltatum, & elevatum sicut cedros Libani*. Psal. 36. ni. O baixar-se pelos Campos, por onde se apacentão as ovelhas, he jeroglifico da humildade. Por ser Deos muy amigo dos humildes, & não dos Grandes, que por soberbos trataõ só de subir, & de dar á Deos o peyor do que têm, & não o melhor, que lhe devem, aceitou os sacrificios de Abel, & lhe descontentarão os de Caim. Pos em Abel seus divinos olhos, & não os pos em Caim: *Respexit ad Abel, & ad munera ejus. Ad Caim verò, & ad munera illius non respexit*.

73 Desenganem-se os Grandes, que se por humildade se não

Matth.
28. n. 3.

naõ fizerem pequenos,naõ os estima Deos: *Nisi conversi fueritis, & efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in Regnum calorũ,* diz Christo em S. Matheos. Aos soberbos, aos altivos, aos que por nobres, por fidalgos, por grandes querem ter aos outros baixos, resiste Deos, diz S. Pedro. Aos humildes dà sua divi-

1. Petri 5.
n. 5.

na graça. *Deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam.*

n. 5.

Por tanto, diz o mesmo Apostolo, humilhaivos Grandes, humilhaivos debaixo da poderosa mão de Deos, para que vos exalte no tempo da visita, vos salve na hora da vossa morte, em que visita Deos a consciencia de cada hum: *Humiliamini*

1. Petri 5.
n. 6.

igitur sub potenti manu Dei, ut vos exaltet in tempore visitationis.

74 Naõ basta tal vez aos Grandes serem humildes no interior, se o naõ forem tambem no exterior. Assy como naõ basta para alcançarem de Deos seu amparo, & o que mais importa, sua divina graça, serem humildes no exterior, se o naõ forem no interior. A magnificencia dos Grandes naõ sempre agrada à Deos. Só por necessidade, & com fim recto, & sancto tem merecimẽto. Diante de Deos vestia Esther hum sacco humilde, para alcançar de sua immensa piedade a liberdade de seu povo: & para a mesma liberdade appareceo diante de Asuero muy magestosa, & muy Senhora com seus habitos reais. Fechada na sua casa trasia Judith hum aspero cilicio; & para apparecer em publico na presença de Olofernes, para render, & fogeitar seu animo perverso, pos em sy os mais ricos vestidos, & mais vistosas galas costumadas em seu tempo; porque o Mundo olha pela vaidade, & Deos pela humildade. Despacha o Mundo aos Grandes, & Deos aos pequenos. Abate Deos aos soberbos, & exalta os humildes. Aborrecese dos faustos, das pompas, & grandezas dos Soberanos, & lhe agrada sumamente a pobreza, a vileza, a baixeza, & humildade dos plebeyos.

75 Deliberou Heraclio Emperador levar a Cruz de Christo Senhor nosso ás costas da cidade de Jerusaleem, para a collocar no Calvario, alcançandoa de Siroè Rey da Persia, depois

pois de haver vencido em batalha à Chosdro seu pay, & ter desbaratado com tres milagrosas vitorias tres exercitos seus muy poderosos. Para hum a solemnidade taõ grande, & para hum empenho de tanta veneraçãõ, imaginou Heraclio, que os mais ricos vestidos, & as mais preciosas joyas, & soberbas galas, que podia vestir, eraõ pouco. Pos nos hombros o mais custoso manto imperial, que tinha, & na cabeça sua coroa de finissimo ouro, matizada com preciosas perolas, & finissimos diamantes. O collar, as joyas, & o vestido era o mais pomposo, & mais rico, que se podia desejar. Por este modo ornado, maggestoso, & devoto, com grande acatamento pegou no sancto Lenho, & levando-o às costas se pos à caminha com solemne procissãõ, acompanhado da Nobreza, & dos Grandes de sua Corte. Tanto que chegou à porta da Cidade, donde sahira o Senhor com a mesma Cruz às costas para o Calvario no dia de sua morte, querendo profeguir o caminho, de força oculta com violencia detido, foy obrigado à parar, sem poder dar passada mais avante, sentindo sempre mayor resistencia, quanto mais se esforçava para andar. Espantado, & cheyo de temor, não entendendo a causa, lhe disse o Bispo Jerosolimitano, que hia com elle: *Vide Imperator, ne isto triumphali ornatu, in Cruce ferenda, parum Iesu Christi paupertatem, & humilitatem imitere:* Vede Emperador, que com taõ grande ornato, com que neste triumpho levais a Cruz, não imitais a pobreza, & humildade de Christo. Não levava elle na cabeça como vos a coroa de ouro, como Rey dos Reys, & Senhor do Mundo todo, matizada de perolas, & finissimos diamantes, mas de agudissimos espinhos. Não vestio no dia de seu triumpho na varanda de Pilatos à vista de seu Povo, para triumphar da morte, & do Inferno, hum manto real taõ rico como o que trazeis, mas huma purpura de ignominia muyto vil. Os habitos, com que levou esta Cruz, não eraõ de seda, & ouro como os vossos, nem o collar taõ rico, como o que tendes no pescoço, mas por collar trazia hũa grossa corda, com que o arrastaraõ os soldados, & os vestidos eraõ os pobres, & humiides, que sempre vestio, em quan-

Breviar.
Roman.
in Festo
Exalt.
S. Cr.

Ibid.

quanto viveo com nosco neste Mundo . Logo Heraclio des-
pindo seus riquissimos vestidos , & as galas todas, que trazia,
depondo seu Manto Imperial , & a Coroa, vestindo hum ha-
bito plebeyo muyto humilde, descalço como qualquer po-
bre, derramando seus olhos muytas lagrimas, proseguio muy
facilmente sem mais resistencia seu caminho , & collocou
prostrado no chaõ muito humilde a Sancta Cruz no Templo,
que estava edificado no Calvario no mesmo lugar , em que o
Senhor foy crucificado: *Tum Heraclius abjecto amplissimo ves-
titu, de tractisque calceis, ac plebeio amictu inditus, reliquum via
facile confecit.*

76 Oh India (que tanto estimas a Nobreza, & os á quem
chamas homens brancos , & taõ pouco caso fazes dos humil-
des , & dos á quem neste Estado naõ chamas com outro no-
me mais commum, que de negros , á quem Deos fez brancos
na Alma na fonte do Bautismo) quanto te enganas , por seres
taõ liberal em dar aos homẽs brancos, & aos Nobres, & Fidal-
gos o Senhor , & taõ facil em lho levar á suas casas , para co-
mungarem por Viatico, por estarem ornadas do mais precio-
so deste Oriente, que á Deos não agrada , mas antes se aborre-
ce de tudo, que o Mũdo estima; & para o dar á estes negros, po-
bres, humildes, que Deos muyto ama, es taõ avarenta, que nẽ
na vida lho dás , nem na morte lho levas ás suas pobres chou-
panas por falta de decente ornato, quando vedes, que nem nas
costas dos Emperadores quer consentir sua Cruz, se naõ se hu-
milharem, & descalçarem, & vestirem como pobres, & mais
humildes plebeyos. Conhece ó India tua cegueira, & emen-
da teu errado costume , arrependida de teu peccado, que nesta
materia, nem a ignorancia desculpa, mas te condena pela obri-
gação, que tens de saber o que está a teu cargo , & pertence á
teu officio. Muda estilo, & aprende deste successo de Heraclio
Emperador , q̃ mais folga Deos ser levado dos humildes, que
dos Grãdes, mais deseja entrar nas choupanas, & palhotas dos
negros, que nas casas nobres, & palacios dos brancos; porque
naõ olha pelo exterior da cara, & pela cor do rosto, & orna-

to dos aposeñtos, mas pelo interior da alma, por quem deu a vida, que em muytos negros he tal vez muyto melhor, que a dos brancos.

77 A Zacheo disse Christo hum dia, que lhe era necessario pouzar na sua casa : *Hodie in domo tua oportet me manere.* Luc. 19. n. 5. 7. & 9. Notai Paroco , que difficultas entrar com o Senhor nas casas dos humildes. Notai este passo. Diz o Texto Sagrado, que todos lho estranharaõ, todos o murmuraraõ , por se recolher á casa de hum pecador : *Et cum viderent omnes , murmurabant, dicentes, quòd ad hominem peccatorem divertisset .* Era esta materia para ser murmurada ? Naõ era Zacheo Hebreo decendente de Abrahão ? Não era justo, que procurasse Christo sua salvaçaõ ? *Hodie salus huic domui facta est ; eò quòd & ipse filius sit Abrahæ ?* Não veyo Christo ao Mundo para salvar os pecadores ? Não disse aberamente aos Phariseos murmuradores em semelhante occasiaõ: *Non enim veni vocare justos, sed peccatores ?* Porque pois murmurão estes homẽs, por entrar o Senhor na casa de hum pecador convertido , que se obrigou, para o receber dignamente à dar ametade de seus bens aos pobres, & de restituir quadruplicado o que devia? *Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus : & si quid aliquem defraudaui, reddo quadruplum.* Murmuravaõ; porque era Zaqueo homem muyto baixo, muyto vil, cabeça dos Publicanos: *Princeps erat Publicanorum.* Os Publicanos, diz Olyssipponensi por sentença de Chrysostomo, Alberto Magno, Abulense, Jansenio, Theophilato, & outros muytos, eraõ os que arrecadavaõ os tributos, que se deviaõ à Cesar Augusto Emperador Romano, tidos pelos Hebreos por gente vil, & infame, & por homẽs pecadores, de quem se aborreciaõ: *Publicani apud Iudæos habentur tanquam peccatores viles, & infames.* Mais vil, peior que todos, por ser cabeça delles (diz Theophilato) era Zacheo: *Quod publicanus quidem res erat abominabilis: Princeps autem publicanorum multo magis, utpote in malitia princeps, nullus dubitat. Victum enim publicani non à laude, sed à pauperum lachrymis habent.* Se Zacheo fora Principe de

Matth. 9. n. 13.

Luc. 19. n. 8.

Ibid. n. 2.

Olyssip. tom. 2. lib. 4. c. 27. q. 11. n. 65. Theopil. in Glos. ord. b. 2.

de vassallos, como era cabeça de plebeyos mais vil que todos, ainda que tivera mais peccados do que tinha, ninguém havia de deixar de acompanhar o Senhor para sua casa. Nem tanto fora necessário neste Estado. Bastara que fosse Fidalgo Portuguez; & nem ainda tanto. Bastara ser homem branco; porque aquy os brancos, ainda os de baixa estofa se querem igualar com os Fidalgos. Por homem branco, se estivera Zacheo neste Oriente, por mais peccados que tivesse, todos haviaõ de louvar, que lhe fosse o Senhor á casa, todos o haviaõ de aplaudir, todos o haviaõ de acompanhar. Mas se fora hum negro, & lhe fora o Senhor á casa para salvaçaõ de sua Alma: *Hodie salus domui hinc facta est*; por mais esmolas q̃ desse; *Dimidiũ bonorum meorum do pauperibus*: por mais restituicoes que fizesse: *Et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum*, ainda que fora muyto sancto, todos o haviaõ de estranhar, todos o haviaõ de murmurar, como me estranhaõ, & murmuraõ muytos por reprender os Parocos, que naõ querem levar o Senhor aos humildes às suas pobres casas, & palhotas, para comungarẽ por Viatico.

78 Notai Paroco que me estranhais o que prẽgo: Notai Fidalgo que o murmurais: Notem os Religiosos que me encontrãõ, se o que se pratica taõ geralmente neste Estado he o que Christo fez, quando esteve com nosco na terra; & se he o que deseja agora que estã no Ceo; ou ao menos se tendes alguma rezaõ, que faça provavel o que fazeis cõtra o que manda Deos, & a Sancta Madre Igreja. Para se levar o Senhor á casa do Fidalgo, para comungar por Viatico na morte, por grande pecador que seja, ainda que naõ pague o que deve, ainda que naõ restitua o que mal adquirio, ainda que seja peor que Zacheo na opiniaõ de pecador, basta que diga que estã confessado, logo estã prestes o Paroco, naõ o duvida o Cura, naõ o reprovaõ os Clerigos, naõ o encontraõ os Religiosos, naõ o estranhaõ os Nobres, naõ o murmura o Povo, mas todos de noite, & de dia à todas as horas acompanhaõ o Senhor: E para se levar à mesma casa do Fidalgo, para comungar o negro

negro, ou negro, servo, ou serva, o escravo, ou escrava, hũ ho-
mem baixo forro, ou vil mulher liberta, que pouza nas mes-
mas casas do Fidalgo, com serem os pecados destes muyto
menos, nẽ terem dividas, nem restituicoẽs, á que estejaõ obri-
gados, todos o murmuraõ, todos o estranhaõ, & ninguem se
aballa, deixandoos morrer sem Viatico. Vejão se he isto o q̃
Christo fez, se he o que quer, & manda, que se faça.

79 Muytos cercavaõ à Christo neste dia, muyta gente, an-
tes que se deliberasse de se recolher na casa de Zacheo, tanta,
que por ser Zacheo pequeno de corpo, não chegava a vello:
*Quarebat videre Iesum, quis esset: & non poterat pro turba, quia
statura pusillus erat.* De tantos não escolheo o Senhor a casa do
mais nobre para se recolher nella, mas do mais vil, de Zacheo,
o mais contemptivel, aborrecido de todos, pequeno no corpo,
humilde no sangue, vilissimo no officio, infame na opiniaõ.
Se pois assi fez Christo, porque mais folga de entrar nas casas
dos humildes, dos baixos, dos plebeyos, dos mais vijs pecado-
res, que dos Grandes, dos Fidalgos, dos Nobres; porque Pa-
rocos, porque Curas de almas, não imitais à Christo? Não ve-
des o danno espirital de vossas ovelhas, & a vossa perdição,
por saltares á vossa obrigação, ao que Christo fez, ao q̃ man-
da, & deseja? Aonde naceo Christo, dissei Parocos, que duvi-
dais de entrar com o Senhor nas casas humildes, nas palhotas,
nas choupanas dos pobres, & humildes Canarins, & mais ne-
gros deste Estado, & nas lojas aõde estaõ deitados os escravos?
Não naceo em hum presepio de animais? Não recebo nelle
a visita de tres Reys? E nas lojas, aonde não quereis levar o
Senhor para comungarem os negros, servos, & escravos, não
entrais com o mesmo Senhor, para o levar aos aposentos de
fima, para comungarem os Fidalgos? Cõ estes espelhos, com
estes argumẽtos tão evidentes, & tão claros ainda não mudais
de opiniaõ? Com estas amoestações não emendais ainda erros
tão manifestos, pecados tão grandes?

80 Só de grande, por humilde, tinha Zacheo o desejo de
ver, & conhecer à Christo: *Quarebat videre Iesum, quis esset,*

Luc. 19.
n. 3.

Zzz

Luc. 19.
Nos n. 3.

Ibid.
n. 4.

Nos humildes o desejo de Deos foy sempre mayor, que nos Grandes. Os pecados são sempre mayores nos Grandes, que nos humildes. Mais facilmente, & com mayor vontade busca à Deos a gente baixa, & miuda, que a grande, & granada. Subio Zacheo apressado à hũa arvore, para ver à Christo quando passava: *Pracurrens ascendit in arborem sycomorum, ut videret eum: quia inde erat transiturus* Não o fizera nenhum Fidalgo, nenhum nobre, nenhum homem branco da India. Tiverano por defautoridade. Nem para trepar para o Ceo subira algum delles à huma arvore. Por Fidalgos cuidão que os hão de levar nos braços os Anjos; & tem rezão; porque só braços, & forças superiores se requerẽ para levar para o Empireo, à quem estiver pesado com a muyta carga dos pecados. Ligeiro estava Zacheo, porque estava reduzido, convertido á Christo. Tão ligeiro, que da propria fazenda se quiz aleviar, para descarga de sua consciencia: *Dimidium bonorum meorum do pauperibus: & si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum.* Ditoso Zacheo, que subio a ser Grande no Ceo entre os Grãdes de Christo, por desejo de o ver, sendo tão baixo, & tão humilde na terra.

Luc. 19.
n. 4. 5.
& 6.

81 O que mais me admira nesta historia evangelica, que largamente, & com muytas circumstancias dignas de reparo refere S. Lucas, he a pressa, com que Christo mandou à Zacheo, que decesse da arvore à que subira. Subio Zacheo a arvore de corrida, com pressa: *Pracurrens ascendit in arborem sycomorum, ut videret eum*. Com a mesma pressa lhe mandou o Senhor que decesse della, para se recolher na sua casa: *Zachae festinans descende: quia hodie in domo tua oportet me manere*: E logo com pressa deceo Zacheo: *Et festinans descendit, & excepit illum gaudens*. Mas para que estas pressas? Não bastava recolherse Christo na casa de Zacheo, & que nella o recebesse Zacheo com todo o acatamento, & com amor, ainda que se encaminhassem para ella descansadamente, & com vagar? Bastava para o gafalhado, mas não para o mysterio. Para pouzar Christo na casa de Zacheo, não era necessario, q̃ Zacheo

cheo se apressasse à decer da arvore, á que subira; mas para o Senhor se lhe communicar, muyto convinha que decesse apressado.

82 Era Zacheo, como temos dito, homem humilde, de baixa, & vil sorte. Desejava Christo de se lhe communicar, por ver nelle o desejo de o conhecer: *Quarebat videre Iesum, qui esset.* Vió-o na arvore muy subido, muy alto, mais alto que todos, & que subira á ella apressado: *Præcurrens.* Dizlhe pois: Zacheo! Dece logo da arvore com a mesma pressa com que subiste á ella, para eu me recolher contigo na tua casa; porque eu te busco por humilde, & não por grande, por homem baixo, & não por levantado, por vil, & rasteiro, & não por subido. Com pressa subiste, com a mesma has de decer, para eu me te communicar; porque não folgo, nem são os meus desejos de me communicar aos que trataõ de subir, aos altivos, aos presumidos, aos soberbos, que cuidaõ ser mais que todos, mas aos humildes. Dece pois logo da grandeza, que representaõ as subidas, da magnificencia, que representaõ as arvores, da vaidade, que representaõ suas folhas, da riqueza de seus frutos, do aparato das flores. Não entro na tua casa por te ver subido, mas por baixo, & humilde, deseioso de me ver. Põnh'o em ty meus divinos olhos, *Suspiciens Iesus vidit illum;* Ibid. por ver na tua baixeza, que desejas pór os olhos em mim. O n. 5. que queres ver he o exterior da minha humanidade: o que te quero mostrar he o interior da minha divindade. Tu queres ver o que he patente à todos, & eu te quero manifestar o q' he escondido aos soberanos. Os mysterios mais ocultos não os communica meu Eterno Padre senão aos humildes como tu es. Os esconde aos Grandes, & os manifesta aos pequenos: *Abcondisti hæc à sapientibus, & prudentibus, & revelasti ea Matth. parvulis.* Por isso te mando decer logo da altura, á que subiste. 11. n. 25. Eu decy, para te salvar, & tu queres subir para me ver! Eu cõfer o mayor Senhor, para me communicar aos homẽs, decy do Ceo para a terra: *Hic est panis, qui de calo descendit:* & tu que Joan. 6. es tão humilde, & tão baixo, queres subir muy alto, para me n. 59.

ver! Desenganate, que ninguem me vê, se não se fizer pequeno, se não deixar o que me desagrada. Dece logo de teus enganos, dece de tuas culpas, dece de teu officio tão arriscado para a salvação de tua alma, & tão pecaminoso, dece da soberba, da altiveza, da tirania, dos furtos, de adquirir injustamente, de enriquecer com o sangue alheio; dece de tudo o que me offende, porque eu me não communico aos que injusta, & soberbamente sobem, mas aos que humilmente decem, & deixão, para me receberem, seus vícios, & pecados: *Festinans, descende.*

83 Se não decerem os Grandes da soberba, q̃em muitos Grandes he grande, não são capazes para receberem a Christo, como o são os humildes. Aborrecese o Senhor dos Nobres, dos Fidalgos, dos Illustres, dos Soberanos, que são os Grandes do Mundo, não pela grandeza que tem, & soberania de sua pessoa, porque elle he que os criou, & fez tão soberanos. Elle he, que aos primeyros Grandes da terra, nossos primeyros pays, fez senhores do Mundo com absoluto imperio: *Dominemini.* Aborrecese dos que por soberanos andaõ tão inchados, & tão ambiciosos de crescerem, & subirem mais alto sobre todos, que a mesma soberba os condena, a mesma ambição os faz odiosos.

84 Grande questão he a dos Sãctos Padres das duas Igrejas Catholicas, Latina, & Grega: Se Christo instituiu a Eucharistia no pão asmo, ou no pão fermentado? Dizem os Padres Gregos, que no pão fermentado, de que usa a Igreja Grega no Sacrificio da Missa. Com mayor acerto, & mais certa verdade diz a Latina, que no pão asmo, com que nos celebramos. A rezão mais principal he, porque Christo instituiu a Eucharistia na noite da quartadecima Lúa, depois de principiada a festa dos Asmos, que era a Pascoa dos Hebreos, conforme o *Matth.* Texto de S. Mattheos: *Prima autem die azymorum accesserunt discipuli ad Iesum, dicentes: Ubi vis paremus tibi comedere Pascha?* Supposta esta verdade tão certa, na Igreja Latina, perguntou, porque Christo esperou a festa dos Asmos, para instituir a Eucha-

Eucharistia no pão asmo, & não no pão fermentado, se por qualquer modo fazia sacramento? Da mesma maneira com as mesmas palavras: *Hoc est corpus meum*, se havia de transubstanciar em seu sagrado Corpo, o pão fermentado, como se transubstanciou o asmo; porque pois quiz, que o Sacrificio incruento de seu sagrado Corpo fosse com pão asmo sem mistura alguma de fermento?

85 Dirme heis, para se conformar com as leys divinas de seu Eterno Padre, que no Exodo em muytos lugares, em particular no capitulo duodecimo, mandou aos Hebreos cõ preceito, & pena de morte, que nos Sacrificios, figura do Sacrificio de seu sagrado Corpo, & Sangue, que lhe offerecemos no Altar, ninguem comesse pão com formento, mas só pão asmo: *Primo mense, quartadecima die mensis ad vesperam, comedetis azyma, usque ad diem vigesimam primam ejusdem mensis ad vesperam. Septem diebus fermentarum non invenietur in domibus vestris. Qui comederit fermentatum, peribit anima ejus.* Esta bem respondido quanto ao motivo, que Christo teve, para instituir a Eucharistia no pão asmo, & não no fermentado; mas corre a mesma duvida com seu Eterno Padre, porque mandou na ley escrita com pena tão rigurosa; *Peribit anima ejus*, que nos Sacrificios, figura do que seu divino Filho havia, de instituir na ley da graça, ninguem comesse pão cõ formento, mas só pão asmo: *Comedetis azyma*?

Exod. 12.
n. 18.

86 Muytas são as rezoens. Sigo a de Philo, por ser literal, & moral, & muy propria para o que pretendo mostrar. Diz Philo: *Illud quoque Legislator jubet, oblationem omnem sine fermento fieri propter tumiditatem, quam fermentum efficit, a quo figurato precepto, ne quis elatus ad Altare accedat, tumidus fastu, & arrogantia, sed aspiciens Dei magnitudinem, suam mortalitatem agnoscat, quantumvis ceteris fortunatior, & vera estimatione animos elatos reprimat, cavens insidiatricem superbiam.* Soberana interpretação, divinas palavras, que sendo escritas há muytas centenas de annos, parece que as escrevera este Author na India neste tempo. Vay esta differença, diz Philo, do

Philo.
lib. de
Victim.
offerentia.

paõ fermentado ao paõ asmo, que o paõ fermentado he paõ inchado, o asmo não. Aquelle significa os Grandes, este os pequenos: aquelle os soberbos, este os humildes: aquelle a vaidade, a pompa, o fasto, a presunção, a arrogancia, a altiveza, este a pobreza, a miseria, a pouquidade, a baixeza. Por se aborrecer Deos dos soberbos, dos homens inchados, altivos, arrogantes, presumidos, que à muytos opprimem, para crecerem, como crece o paõ com o formêto, & ama aos humildes, aos plebeyos, aos pobres, aos miseraveis, & aos de baixa fortuna, que não crecem, nem se levantão da terra, não quiz nos Sacrifícios paõ fermentado, mas paõ asmo; nem Christo quiz instituir a Eucharistia no fermentado, mas só no asmo; para que nenhum altivo, inchado, soberbo, & arrogante se chegue á mesa do Altar, mas só aquelles, que ou por virtude são humildes, sendo Grandes, por conhecerem a grandeza infinita de Deos, & a propria vileza por mortaes; ou só os pequenos, os plebeyos, os miseraveis, a gente baixa, & vil, à quem sua propria miseria fez humildes: *Ne quis elatus ad Altare accedat, tumidus fastu, & arrogantia; sed aspiciens Dei magnitudinem, suam mortalitatem agnoscat, quantumvis ceteris fortunatior.*

1. ad Co-
rinh. 5.
n. 6.

87 A este proposito debaixo da mesma metaphora escreveo S. Paulo aos Christãos de Corintho, que fossem asmos, & não fermentados: *Non est bona gloriatio vestra. Nescitis, quia modicum fermentum totam massam corrumpit? Expurgate vetus fermentum, ut sitis nova conspersio, sicut estis azymi. Itaque epulemur, non in fermento veteri, neque in fermento malitia, & nequitia: sed in azymis sinceritatis, & veritatis.* O Corinthios! Quê he do que vos gloriais? Esta vossa jaçtancia não he boa. Não sabeis, que hum pequeno de formêto corrompe toda a massa da farinha: huma pequena vaidade todo o espirito: hum só pecado mortal tira toda a graça? Alimpaivos do formêto velho, das faltas em que cahistes, & das que dantes tiveídes, para que de novo sejais asmos, como o sois pelo Baurismo. Isto quer dizer: *Ut sitis nova conspersio*, a saber, no sentido espirital, farinha pura, amassada com a agoa da graça divina,

divina, sem o formento dos vícios, & pecados, que corrompem a consciencia, & mataõ a Alma: *Itaque epulemur*, conclue S. Paulo, a saber, diz Nicolao de Lyra, *Vitam presentem transeamus*: Passemos esta vida presente, não com o formento velho dos vícios, mas com os ašmos das virtudes, para serdes dignos de receber à Deos. Sede puros sem corrupção de pecados, singellos sem engano, verdadeiros sem malicia, caridosos sem ambição, virtuosos sem jaſtancia, humildes sem vāgloria. Não incheis por soberba, não mintaes por maldade, não avexeis ao proximo por presumidos, não piſeis aos pobres por arrogancia, nem aos humildes por ativos; porque Deos não se communica aos fermentados, mas aos ašmos: não se entrega aos vicioſos, mas aos virtuosos: não se une com os soberbos, mas com os humildes: não quer o Senhor sacrificios com formento, mas com farinha pura de huma consciencia boa, & limpa, que nos plebeyos, & na gente mais baixa, & vil he de ordinario melhor que nos Grandes.

Lyran.
hic.

88 Concluamos este ponto com o meſmo Sacramento. Na ſua instituição nos enſinou Chriſto, à quem ſe ha de administrar, não ſó pelo que fez, dandoo com ſuas mãos á gente baixa, & humilde; mas pelo que diſſe, quando lho adminiſtrou. Diſſelhes o Senhor: *Hoc eſt corpus meum, quod pro vobis datur. Hoc facite in meam commemorationem*. Com eſtas palavras quiz dizer, conforme a doutrina de S. Paulo, que todas as vezes, que os Sacerdotes o adminiſtrarem, & os Fieis o receberem, ſe lembrem de ſua morte: *Quotiescumque enim manducabitis panem hunc, & calicem bibetis, mortem Domini annuntiabitis*. Laſtimofa lembrança. Parece impropria para o tempo, em que recebemos á Chriſto ſacramentado; porque não o recebemos morto, & afrontado, mas vivo, & glorioſo. Não fora mais proprio, & mais conveniente para a hora, em que comungamos, que nos lembrásſemos de ſua glorioſa reſurreição. Se he paõ vivo, que dá vida, & vida eterna: *Ego ſum panis vivus, qui de calo deſcendi. Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum*; porque a lembrança ha de ſer de ſua morte? Toda a lembrança

1. ad Co-
rinth. 11.
n. 26.

Joan. 6.
n. 51. &
59.

ça de Christo, quer seja de sua morte, ou de sua gloriosa resurreição, he boa, & sancta. Mas quer o Senhor, que nos lembremos de sua morte na administração de tão soberano Sacramento: *Hoc facite in meam commemorationem*, para mostrar á seus Ministros, que muyto mais folga, & deseja, que se administre aos humildes, aos pobres, aos miseraveis, aos pequenos, que aos Nobres, aos Soberanos, aos Grandes. Christo na morte ostentou para nosso ensino a baixeza, & vileza dos homens, & na resurreição sua grãdeza. Na morte fez a figura de homem humilde, tão humilde, que disse de sy por David, que era hum bicho da terra, opprobrio dos homens, & desprezo da plebe:

Pfal. 21.
n. 7.

Ego sum vermis, & non homo, opprobrium hominum, & abjectio plebis. Na resurreição appareço aos mesmos Discipulos, á quem na morte se communicara na Eucharistia, homem Deos, todo poderoso, Senhor grande, & Principe soberano com absoluto

Matth.
28. n. 29.

poder: *Data est mihi omnis potestas in celo, & in terra.* Se dissera, que na administração da Eucharistia nos lembrassemos de sua gloriosa resurreição; podera-se cuidar, que instituirá tão alto, & tão soberano Sacramento mais para os Grandes, que para os humildes, mais para os Soberanos, que para os plebeyos; mais para os Nobres, que para a plebe, & mais gente baixa, & vil. Mas sendo tanto pelo contrario, por desejar muyto mais, que se administre aos humildes, aos plebeyos, á gente baixa, & miseravel; que aos Prosperos, Nobres, Grandes, & Soberanos, quando mandou, que se administresse á todos: *Hoc facite*, disse, que se lembrassem de sua humildade, & não de sua grandeza, do opprobrio da Cruz, & não da gloria de sua resurreição, da morte, que padeceo no Calvario, & não da vida immortal, cõ que resurgio no sepulchro: *Hoc facite in meam commemorationem.* Se pois Christo diz: *Hoc facite*: Fazei o que eu fiz, fazei o que mando; porque se não faz neste Estado? Se deceo do Ceo para todos: *Hic est panis, qui de celo descendit*, porque se não dá á todos neste Oriente? Se mais deseja de se cõunicar aos humildes, que aos Grandes, porque se administra aos Grandes, & se nega aos humildes?

TER-

TERCEYRA PARTE.

89 **C**OM mayor cuidado, por mais dignos de compaixão, & por mais desemparados, ouveramos de acudir aos servos, & escravos, para que nem na vida, nem na morte lhes falem os Sacramentos; quanto mais por desejar Christo Senhor nosso de se communicar á elles muyto mais q' á seus Amos, & Senhores. Parecerá improvavel este assumpto aos que por homẽs brancos desestimaõ com tanta soberania à os negros destas Conquistas, assy libertos, como cativos, que por negros fazem de todos pouco caso; não considerando, que a cor preta do rosto não prejudica á Alma; & que Deos mais estima hum negro cativo bom Christão, que hum grande Senhor muyto branco de má vida. Basta dizer neste Estado de qualquer homem: He negro, para ser tido em baixa conta, ainda que seja Senhor soberano, Principe, Rey, ou Monarcha; & peyor se morar com nosco fora de seu Reyno; & com mais excessso, se convertido á nossa sancta Fè, se fizer Christão.

90 Nenhũ caso se faz hoje d'el Rey Manamotapa, por ser Cafre Christão baptizado nosso amigo. Diante d'elle na sua propria Corte qualquer soldadinho nosso, ou contractador, que o busca em seu Reyno por seus proprios entêresses, com muyta soberania, & desestimação se assenta, & cobre diante d'elle sem licença, & lhe falla sem o acatamento devido às Magestades, como se por negro fora homem humilde & baixo menos que elle, por ser branco, o que ninguem se atrevia à fazer à seus Reys predecessores barbaros gentios inimigos nossos por temor da morte, de que agora senão temem, por ser este Christão muyto amigo. De seu irmão, que vestio o habito de S. Domingos, morador no Convento desta Cidade, aot de sacerdote professso de vida muy exemplar diz Missa todos os dias, se faz taõ pouco caso, que nem o habito nelle se venera, por ter a cara negra. Se não o vira, não o crera. Dous Princí-

Aaaa

pes

pes Cingalás andão de presente por estas ruas, que depois da aclamação de S. Magestade victor de Ceilaõ valer-se de nós, & das nossas armas, para se meterem de posse de seus Reynos, donde os lançou fora a tirania de hum rio seõ, que injustamente os occupa. Depois do Bautismo, que aqui receberaõ, convertidos à nossa Sancta Fé Catholica, ninguem os estima como Principes, ninguem os trata, nem vê por negros; nem os Fidalgos, quando topaõ com elles, he querem fallar ao menos por senhoria, fallandolhes quando gentios em seus Estadõs por Alteza. Nem à S. Benedito negro taõ venerado em Portugal, tem os brancos nestas Conquistas muyta devaçãõ: os negros sã, desgraça da cor preta, que atè aos Sanctos na India tira a veneraçãõ, & o culto. Trouxe estes exemplos por modernos, por serem publicos de todos sabidos, deixando os antigos, de que podè alguem duvidar, por naõ estarem escritos, para dizer, quam desgraçados sã os naturaes deste Estado, que por negros, quer sejaõ escravos, quer libertos, quer humildes, quer grandes, quer plebeyos, quer Principes soberanos, Reys, & Monarchas, se forem Christaõs sã muy desestimados; & o que he muyto para sentir, que aos mais dos negros, mormente servos, & escravos na vida, & na morte se nega a Eucharistia (o que por nenhum caso se faz em Portugal) desejando Deos de se comunicar á todos (pois para todos veyo do Cco) & muyto mais á estes, que á seus proprios Senhores: *Hic est panis, qui de celo descendit.*

Luc. 1.
n. 38.

91 Grande nome he para com Deos o de servo, grande, & muy honrado titulo o de escravo. He do que faz a mayor estimaçãõ. Naõ allegou a Senhora, quando o Anjo lhe annunciou a encarnaçãõ do Verbo divino outros merecimẽtos, nem outros titulos, & grandezas, para ser digna Mãe de Deos, mais que dizer, que era escrava do Senhor: *Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum.* Naõ disse, que era filha de Abraham taõ grande Principe, Patriarcha dos Hebreos, & taõ grande amigo de Deos, q̃ lhe prometera o Senhor a vinda do Messias de seu sangue. Naõ declarou, que era da Tribu Real de Judà,

Judà, decendente d' el Rey David, & dos mais Reys de Judea pela linha de Salamaõ. Naõ propoz a sua innocencia, de como fora preservada da culpa original, concebida em graça, enriquecida com as mayores riquezas sobrenaturaes, que pode communicar o Ceo. Nada disto disse, nem nenhuma das outras muytas perogativas, que podia allegar, para mostrar, que escolhia Deos para Mãy sua a mais digna, a mais pura, a mais sancta Virgem, que creara com seu immenso, & infinito poder; mas só que era sua serva, sua escrava: *Ecce ancilla Domini*. Parece, que este titulo, com que a Senhora se apelidou, quando despachou ao Anjo Embaxador divino, naõ era conveniente, nem honorifico, para o desposorio tão grande, & tão soberano, que lhe propunha, com o Spirito Sancto, para delle conceber, & parir o Verbo encarnado: *Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi. Ideoque & quod nascetur ex te Sanctum vocabitur Filius Dei*; porq̃ conforme às leys do Mundo, & às presunções da Nobreza da terra, naõ convinha que se disesse, que o Spirito Sancto se desposara com hũa serva escrava sua, & que deste desposorio nacera o Filho de Deos, mas antes, que se desposara com a mayor Senhora, preordenada *ab aeterno* por graça especial para Rainha dos Anjes, & dos Homens. Porque pois diz, que he escrava, se he Senhora, que he serva, se he Rainha?

Luc. 1.
n. 35.

92 Fallou como discreta, respondeo como sabia, se apelidou escrava como sancta; como, quem sabia o q̃ mais agradava, & contentava à Deos, para se lhe communicar com enchentes de graça, & tomar della carne humana em suas purissimas entranhas. O que Deos queria da Virgem nesta embaxada era, que desse fé ao Anjo, & creesse o q̃ por elle lhe mandava dizer, como advertio por revelação divina S. Isabel: *Beata, quæ credidisti, quoniam perficientur ea, quæ dicta sunt tibi à Domino*: Que admitisse o desposorio com o Spirito Sancto: *Spiritus Sanctus superveniet in te*, & consentisse na encarnação do Verbo em seu sagrado, & purissimo ventre, como fez: *Fiat mihi secundum verbum tuum*. Para este consentimento se a

Luc. 1.
n. 45.

Virgem se apelidara Senhora, como na realidade era no sangue, & nas perogativas da graça divina, a mayor que Deos creara, não agradara tanto á Deos, como agradou, apelidando-se escrava sua; porque amando Deos a Senhora mais que todas as creaturas com infinito, & immenso amor, escolhendo-a para Mãe sua, mais folgava ouvir de sua boca, que era escrava, sendo Senhora, do que ouvir, que era a mayor Senhora, por ser escolhida para Mãe sua; porque mais ama Deos o titulo de escravo em seus queridos, que de Senhor, mais folga de se communicar aos servos, que aos Soberanos, & muyto mais á Virgem cō titulo de escrava sua, que de Rainha dos Anjos, & dos Homens.

- 93 Antes q̃a Senhora na encarnação do Verbo se apelidasse escrava do Senhor: *Ancilla Domini*, o Verbo interiormente, pedindolhe o que pelo seu Anjo Embaxador lhe pedia, lhe chamou irmãa amiga minha: *Aperi mihi soror mea, amica mea*.
 Cantic. 5.n.2. São estas palavras dos Cãtares prophecia do que havia de ser; porque diz o meu Padre Ghislerio doutissimo Expositor, que literalmente no sentido mystico se entendem da encarnação do Verbo, & que no mesmo tempo, em que o Verbo divino pedio á Senhora pelo Anjo, consentisse na sua encarnação em seu purissimo ventre, lho pedio tambem elle interiormente, dizendolhe: Irmãa minha, amiga minha, abre-me a porta de tua fé, cré no que te mando dizer pelo meu Anjo, consente em que em teu castissimo, & sagrado ventre se faça a minha encarnação. Deste modo es minha amiga sobre todas as mulheres a mais querida, porque o meu amor, por ser casto, & puro não, offende a tua pureza. Conservarte has tu tambem casta, & pura, como irmãa minha muyto amiga: *Aperi mihi* (diz o in Cant. Padre Ghislerio em pessoa do Verbo) *Aperi mihi ostium fidei tuae: assentire mihi fideliter, ut ingrediar in uterum tuum. Ita enim amica mea es, atque prae mulieribus omnibus mihi dilecta, coarcto amoris vinculo proxima, ut amor ipse, cum pudicissimus sit, tu quoque pudicissima perseveres, dilecta mihi, & proxima instar pudicissimae sororis meae*. Posto isto pergunto: Se o Verbo na

na encarnação chamou à Senhora irmã amiga: *Aperi mihi soror mea, amica mea*, porque a Senhora não lhe respondeo pelo mesmo theor, chamandolhe irmão amigo, mas lhe diz, que he sua escrava: *Ecce ancilla Domini*? Nê fora esta reposta sem proposito, mas antes muy conveniente; porque nas praticas amorosas, que introduz Salamaõ nos Cantares entre o Senhor, & a Senhora, pelo mesmo modo, & quasi com as mesmas palavras, com que lhe fallava o Senhor, lhe respondia a Senhora. Lhe disse o Verbo: Eis aqui amiga minha como sois fermosa: *Ecce tu pulchra es amica mea, ecce tu pulchra es*. Logo lhe respondeo a Senhora: Meu amado tambẽ vos sois fermoso: *Ecce tu pulcher es dilecte mi, & decorus*. Se pelos mesmos termos lhe respondeo nesta occasiã a Senhora, & em outras q se referem nos Cantares, porque só na encarnação muda estílo? Porque chamandolhe o Senhor irmã amiga: *Aperi mihi soror mea, amica mea*, lhe responde a Senhora, que he sua escrava? *Ecce ancilla Domini*.

Cant. 1.
n. 14.
& 15.

94 Não achei nos Sanctos Padres, nem nos sagrados Interpretes quem respõdesse à esta duvida, sendo à meu ver muy evidente a reposta. Disselhe a Senhora, que era sua escrava: *Ancilla Domini*, porque o Verbo na encarnação tomou a figura de servo: *Semetipsum exinanivit* (diz S. Paulo) *formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus*. Não vinha o Verbo na encarnação com magestade, mas humilde: *Exinanivit*. Não queria apparecer Senhor, mas servo: *Formam servi accipiens*. Não queria descobrir a gloria de sua divindade, mas a miseria humana, & a escravidão dos homẽs: *In similitudinem hominum*. Servos do pecado, fôgeitos á morte, cativos de Lucifer eraõ todos os homẽs pela culpa de Adaõ. Podia o Verbo divino remir á todos com seu absoluto poder, sem fazer a figura de servo; mas não quiz. Pelo muyto que ama os servos, & escravos, se quiz parecer com elles. Tomou sobre sy seus peccados; por onde tido por peccador, sendo justo, por escravo do pecado, sendo impecavel, fôgeito á morte, sendo immortal, entregue á tirania de Lucifer, como elle mesmo disse, quando o prenderaõ

Ad Philip. 2.
n. 7.

Luc. 22. no Horto : *Hac est hora vestra , & potestas tenebrarum* , sendo
 n. 53. absoluto Senhor , foy co ndenado por malfeitor : *Si non esset*
 Joan. 18. *hic malefactor, non tibi tradidissimus eum*, & condenado á mor-
 n. 30. rer na Cruz. Assy! (diz pois a Senhora) assy meu Deos , assy
 vindes do Ceo para o meu seyo, assy quereis aparecer no meu
 ventre, como servo, & não como Senhor, como escravo , &
 não como liberto ! Se esta he a figura que haveis de represen-
 tar, que outro titulo posso eu ter , que de serva escrava vossa?
 Por mercê vossa não sou eu escrava da culpa , porque não
 contrahy na minha conceição o pecado ; assy como vós, por
 ferdes Deos impecavel, sois de todo izento della . Se pois vós
 encarnaes no meu ventre tomando a figura de servo, sendo
 Senhor: *Formam servu accipiens* , & nesta figura vos hei de pa-
 rir, não quero apelidarme Senhora irmãa vossa , muyto ami-
 ga , que muyto vos ama , como vos me chamais : *Soror mea,*
amica mea, mas escrava vossa, para me parecer com vosco , já
 que amais tanto a figura de escravo , que para remir escravos
 appareceis no meu ventre como hum delles : *In similitudinem*
hominum factus. Ecce ancilla Domini.

Isai. 49.
 n. 8.

Glos.
 ord.

Lyr.

Hugo

Card.

ibld.

Gen. 32.

R. 23.

95 O que he mais para admirar, & que faz mayor duvida,
 não he tanto apelidar-se a Senhora escrava do Senhor , como
 chamar o Senhor à seu Divino Filho escravo seu . A escritu-
 ra he clara, & a difficuldade grande . Diz o Eterno Padre por
 Isaias à Christo Senhor nosso, como explicaõ no sentido mis-
 tico a Glosa ordinaria, Lyrano, Hugo Cardeal, & outros mui-
 tos, estas palavras: *Servus meus es tu Israel, quia in te gloriabor*,
 ou como outros lem: *Quia in te gloriosus apparebo*: Filho meu
 Israel, vos sois meu servo, meu escravo , porque em vos fereí
 glorificado, apparecerei em vos glorioso , terei em vos muyta
 gloria. Chamalhe Israel por filho decendente de Jacob (diz
 Lyrano) á quem mudou o Anjo luctador o nome, & lhe cha-
 mou Israel: *Nequaquam Iacob appellabitur nomen tuum, sed Isra-*
el. Daas difficuldades tem esta escritura muy grandes. A pri-
 meyra, chamar o Eterno Padre à seu divino Filho Christo Se-
 nhor nosso escravo seu: *Servus meus es tu Israel*. A segunda
 dizer,

dizer, que he seu escravo, porque será nelle glorificado: *Quia in te gloriabor*, como se a gloria de Deos dependera de ter hum Filho escravo. Bem sei, que todos os servos, & escravos do Múdo em graça de Deos são filhos seus herdeiros do Paraíso, & que nelles no dia do Juizo final, & tal vez ainda nesta vida, apparecerá Deos muy glorioso. Porque para cõ Deos a nobreza não cõsiste no sangue, nem nas mercês dos Reys da terra, nem a liberdade nas leys dos homẽs, mas na graça divina. São nobres, & libertos os escravos em graça de Deos, são Senhores, são Principes, são herdeiros de seu Reyno. São pelo contrario muy baixos, & vijs, escravos de Lucifer os Nobres, os Grandes, os Senhores, os Reys, & Monarchas deste Mundo, desterrados para sempre *secundum praesentem iustitiam* do Reyno do Ceo para as trevas infernaes, se estiverem em peccado mortal: *Filij autem regni ejicientur in tenebras exteriores*. Tudo isso sei, Matth. 8. n. 6. & tudo isto sabemos todos; & com tudo não emendamos a vida. Mas não solta esta verdade a duvida, porque o Eterno Padre chama à seu divino Filho escravo seu: *Servus meus es tu Israel*: & que he escravo seu, porq̃ nelle será glorificado: *Quia in te gloriabor*?

96 Se Christo he a sabedoria do Eterno Padre; & não só em Deos, mas tambem entre os homens o filho sabio he a alegria & a gloria de seu pay: *Filius sapiens latificat Patrem*, ou como outros dizem: *Filius sapiens est gloria Patris*, que necessidade tinha Deos Padre, para ser glorificado em seu divino Filho, de lhe chamar escravo seu: *Servus meus es tu Israel*? Não acho no Testamento novo, nem no velho outro lugar como este de Isaias, em que o Eterno Padre chame à seu divino Filho escravo seu, muytos sy, em que o chama Filho, & Filho amado. Por David: *Filius meus es tu, ego hodie genui te*. No Thabor: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi benè complacui*. Se pois he Filho seu, que muyto lhe agradou pela muyta gloria, que nelle teve, como lhe chama escravo, para ser nelle glorificado?

Proverb. 10. n. 1.

Psal. 2. n. 7.
Matth. 17. n. 5.

97 Ninguem diga, que he escravo em quanto homem, & que

que he Filho em quanto Deos; porque posto que Christo em quanto homem he inferior á seu Eterno Padre, como diz S. D. Athan. Athanasio em seu divino symbolo: *Minor Patre secundum humanitatem*, não se segue, que he escravo, mas filho verdadeiro; porque fallando theologicamente, as denominações assy essências, como accidentaes, assy intrinsecas, como extrinsecas são predicaados do fogeito. Não se diz da humanidade de Christo *in abstracto*, que he Filho de Deos, mas de Christo, de sua Divina Pessoa *in concreto*, sy. *Hic homo Christus est Deus filius Dei*, he proposição catholica de fé. Se pois a personalidade de Christo he divina, porque he a mesma do Verbo Divino, em que está hypostaticamente unida a Humanidade, & por esta hypostase, ainda que a humanidade seja inferior à Divindade, he Christo Deos, & Homem verdadeyro Filho de Deos, como pois se verifica da mesma pessoa, que he filho, & escravo: *Servus meus es tu Israel*? Já vedes quam grande he esta pri meyra duvida.

Luc. 1.
n. 38.

98 Não he menos grande a segunda, dizer o Eterno Padre, que Christo he escravo seu, porque nelle será glorificado: *Servus meus es tu Israel, quia in te gloriabor*, se dissera: *Quia servus meus es tu Israel, in te gloriabor*: Porque sois meu servo, meu escravo, me gloriarei em vos, & terei em vos muyta gloria, nenhũa duvida, ou muy pouca tivera eu nestas palavras; porque muy grande foy a gloria, que Deos teve na Virgem Senhora nossa, quando disse, que era sua escrava: *Ecce ancilla Domini*; mas dizer, q̃ he seu escravo, porque se ha deglorificar nelle, tem grande duvida. São estas duas proposições muy diversas. Dizer, porque sois meu escravo, terei em vos muyta gloria, he cousa muy diversa de dizer: Vos sois meu escravo, porq̃ terei em vos muyta gloria. No primeyro modo de fallar, a gloria de Deos Padre (fallo da accidental) fora effeito da escravidaõ de Christo, em q̃ não tivera duvida, como foy effeito da escravidaõ da Senhora a muyta q̃ nella teve. Mas no segūdo modo, em q̃ Deos falla por Isaias, a escravidaõ de Christo fora effeito da gloria de seu Eterno Padre, & a gloria de seu Eterno Pa-

Padre causa final da escravidão de Christo. Como se differa o Eterno Padre à seu Divino Filho: Para eu me glorificar em vos, haveis de ser meu escravo. He pois não menos grande esta segunda duvida, do que he a primeyra.

99 A ambas responderei primeyro como Pregador em genero predicativo por conceito acomodado ao assumpto, & logo literalmente como Theologo. Digo pois como Pregador, que Christo Senhor nosso he escravo do Eterno Padre por Filho da Virgem Maria; & por escravo Filho de tal Mãy teny Deos Padre nelle grande gloria. Provo. He ley indubitavel entre os Legistas, que os filhos, assy na liberdade, como na escravidão, seguem a condição, & estado de suas Mãys: *Partus sequitur ventrem*, dizem os Legistas. Se a Mãy he forra, & liberta, & o Pay cativo, o Filho he forro, & liberto; mas se a Mãy he escrava, & cativa, ainda que o Pay seja forro, & liberto, o Filho he escravo, & cativo como sua Mãy, porque *Partus sequitur ventrem*. Era a Virgem Filha de Deos Padre por graça. Na encarnação do Verbo Divino, quando se desposou com o Spirito Sancto: *Spiritus Sanctus superveniet in te*, se foyeitou, & conformou com a divina vontade cõ tal entrega de ty mesma, & com tão grande humildade, que se deu ao Eterno Padre por escrava sua: *Ecce ancilla Domini*. Deste desposorio nasceo Christo, de Pay livre, & de Mãy escrava, Filho de Deos, & da Virgem Maria, escrava do Eterno Padre; he pois Christo escravo do mesmo Padre Eterno por Filho de tal Mãy: *Servus meus es tu Israel*. Vossa Mãy, diz o Eterno Padre à Christo, he minha Filha adoptiva por graça, como vos Filho natural. Quando se desposou com o Spirito Sancto para ser Mãy vossa, se me entregou por escrava, sois pois vos por Filho della escravo meu; & assy como em vossa Mãy por escrava minha fuy eu sobre todas as creaturas muy glorificado, assy o ferei em vos escravo meu, Filho de tão grande Mãy: *In te glorificabor*.

100 Respondo agora á ambas as duvidas como Theologo com huma só resposta. He grande questão entre os Theologos, como se pode salvar a liberdade de Christo com a impecabi-

lidade do mesmo Senhor. Porque Christo estava obrigado com preceito divino de seu Eterno Padre a morrer pela redenção do genero humano, como se collige de S. Paulo: *Humilia-*

Ad Phil. 2. n. 8. *vit semetipsum factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis. Propter quod & Deus exaltavit illum*, & da oração que Christo fez no Horto, em que pedindo á seu Eterno Padre,

Luc. 22. n. 42. *que o desobrigasse deste preceito: Pater si vis, transfer calicem istum à me*, se fogueitou logo á sua divina vontade, & o executou com excesso de humildade, & estrema obediencia: *Verumtamen non mea voluntas, sed tua fiat*. Por outra parte Christo morreu por sua livre vontade sem ser constangido. Morreo, diz Isaiás, porque quiz: *Oblatus est, quia ipse voluit*, & a vontade livre consiste na indifferença do acto, de obrar de tal modo, que póde deixar de obrar, se quizer. Se pois Christo podia deixar de morrer contra o preceito de seu Eterno Padre, podia pecar: Se podia pecar, não era impecavel; & se não podia deixar de morrer, a morte não foy nelle voluntaria, não morreu, porque quis.

Isai. 53. n. 7. Por esta difficuldade variamente resolvem os Theologos a questã. Alguns dizem, que não foy livre em admitir a morte; mas só na eleição. Podia morrer precipitado de hum monte, como o intentaraõ os Judeos: *Duxerunt illum usque ad supercilium montis*, diz S. Lucas, *ne precipitarent eum*; mas não quis: *Ipse autem transiens per medium illorum ibat*. O quizeraõ muytas vezes apcdejar; nem tão pouco admitio esta morte; mas só a da Cruz, tomandoa livremente, porque quis, sobre seus hombros: *Bajulans sibi crucem* (diz S. João) *exiit in eum, qui dicitur Calvaria, locum*. Outros dizem, que nem para a morte da Cruz era livre, mas só nas circumstancias della. Outros finalmente com mayor probabilidade, á quem sigo, dizem, que não só a morte da Cruz foy mandada á Christo por seu Eterno Padre com preceito, mas ainda as circumstancias todas della, que executou, & cumprio livremente de sua livre vontade, porque lhe quis obedecer em tudo, que lhe mandou: *Factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis*. Com tudo

Luc. 4. n. 29. cra

Joan. 19. n. 17.

Ad Phil. 2. n. 8. cra

era impecavel; porque pela uniaõ hypostatica, não só Christo amava com imminente amor a obediencia, devida à seu Eterno Padre, & se aborrecia infinitamente da desobediencia, por ser peccado opposto à sua bondade infinita; mas era de tal sorte assistido da Divindade, & com tanta graça sobrenatural sobre todas as creaturas, que era impossivel poder pecar. Nem seu Eterno Padre havia de permitir, que desobedeceffe em coisa alguma, de quantas lhe mandára, suspendendo o côcurso à toda a desobediencia.

102 Não disputo da vida de Christo, desde que nasceu até morrer, quaes foraõ as obras, que lhe mandou seu Eterno Padre com preceito, quaes não. Só digo, o que ninguem pôde negar, que todas foraõ preordenadas *ab eterno* por seu Eterno Padre, & que todas cumprio livremente, por lhe querer obedecer em tudo, como disse à sua Sanctissima Mãe, queixosa quando o perdeu, de se apartar della por tres dias: *Nesciebatis*, Luc. 2. *quia in his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse?* Supposta esta doutrina tão certa, respondo à duvida, como se verifica, que para o Eterno Padre ser glorificado em Christo seu divino Filho, ordenou, que fosse seu escravo, de tal modo, que foy effeito da gloria de Deos a escravidão de Christo: que por querer seu Eterno Padre ser glorificado em seu divino Filho, qtis q fosse seu servo, seu escravo: *Servus meus es tu Israel, quia in te gloriabor.* Isai. 49. n. 3.

103 Direi. Não só mandou o Eterno Padre à Christo, que morresse pela redençaõ do genero humano: não só quis, que remisse com seu precioso sangue o peccado de Adão, & que por elle satisfizesse à justiga divina, de condigno com sua morte; mas quis, que se parecesse com todos os peccadores do Mundo: *In similitudinem hominum factus*, com tantas apparencias de peccador, & de escravo do peccado, que os peccados nossos, diz S. Paulo, pareciaõ peccados seus, como se elle os fizera: *Qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit*; porque pos nelle seu Eterno Padre, diz Ilaias, para os representar como proprios, os peccados, a maldade, & a impiedade de todos os homens:

Ifai. 53. *Posuit Dominus in eo iniquitatem omnium nostrum*, com precel-
n. 6. to de os levar sobre sy na Cruz, diz o Apostolo S. Pedro: *Pec-*
1. Petr. 2. *cata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum*, condenado
n. 24. por malfeitor à morrer nella crucificado. Temos aquy pois à

Christo na apparencia peccador, escravo da culpa, & do peccado.
Temolo tambem servo de seu Eterno Padre pela obediencia:

Ad Phi- *Factus obediens usque ad mortem*. Obedeceolhe como servo,
lip. 2. n. 8. abaixouse como escravo, fogueitouse livremente á tudo q quis,
fez tudo, que lhe mandou, desde que naceo até morrer; & des-
ta obediencia taõ humilde resultou ter seu Eterno Padre nel-
le a mayor gloria, que foy o fim, porque o obrigou á ser servo

Ifai. 49. seu obediente: *Servus meus es tu Israel, quia in te gloriabor*.
n. 3.

104. Porque com esta apparencia de escravo do peccado, &
obediencia de servo com infinita gloria de seu Eterno Padre
satisfez *de condigno* à Justiça divina de tudo, que se lhe devia pe-
la desobediencia de Adaõ. Destruio o peccado, venceo a morte,
debellou, & fogueitou o Inferno, remio o genero humano, li-
bertou os Sanctos Padres, que no carcere do Limbo eraõ pri-
sioneiros de Lucifer, & triumphou do Mundo.

105. *In te gloriabor*. Porque com taõ humilde figura, obe-
decendo como servo, & parecendo escravo: *Servus meus es tu*
Israel, teve seu Eterno Padre a gloria de ver cõpridas as pro-
phcias, acabada a ley de Moyfes, principiada a ley da graça,
abertas as portas do Empireo aos homẽs, & restauradas as ca-
deiras dos Anjos.

106. *In te gloriabor*. Porque por se fogueitar à sua divina
vontade como servo seu: *Servus meus es tu Israel*, he o Eter-
no Padre venerado com grande culto, naõ como na ley velha
em hum só Templo, que desfez, de Salamaõ, por lhe defagra-
dar por peccados, que nelle se cometeraõ, mas em muytos da
Igreja Catholica: naõ por huma só naçaõ Hebreia ingrata á seus
beneficios, deicida de seu unigenito Filho, cega, & obstinada na
sua incredulidade, mas por muytas sem conto de fieis Chris-
taõs em todas as quatro partes do Mundo.

107. *In te gloriabor*. Porque com taõ grande humildade
de

de servo seu obediente: *Servus meus es tu Israel*, logra o Eterno Padre a gloria quasi immensa, que lhe dão, & darão por toda a eternidade os Bemaventurados no Cco. Por elle o glorificaõ os Martyres, que militando debaixo do Estãdarte da Cruz com as armas do sofrimento, vencendo o poder dos Tiranos, & triumphando da morte, quando o Mundo cuidou, que perdiaõ a vida temporal, coroados de gloria alcançarão a eterna. O louvaõ os Confessores, que na confissão de seu sanctissimo nome sempre constantes, mortificando asperamente a carne, para a fogueitarem ao espirito, padecerão por seu amor mais dilatados martyrios. O amaõ as Virgens com ardente, puro, & casto amor, que desposadas com Christo, nos abraços amorosos de tão divino Senhor, conservarão intacto, & illeso o lirio da pureza. Lhe dão infinitos louvores os Innocentes, ornados com candidas estolas, lavadas no sangue de tão divino Cordeiro. Lhe rendem muytas graças com excessos de amor todos os Bemaventurados; porque pelos merecimentos de seu divino Filho por servo seu tão fogueito, & tão humilde, lograõ no Empireo a gloria eterna da Bemaventurança.

108 *In te glorior.* Porque com tão grande abatimento de sy mesmo, obedecendo-lhe sempre em tudo como servo: *Servus meus es tu Israel*, viu o Eterno Padre com immensa gloria sua restaurada na Virgem Maria Senhora nossa a innocencia, que se perdeu em Adaõ, preservandoa pela eferavidaõ, & merecimẽtos de seu divino Filho previstos, & preordenados ab aeterno, da culpa original.

109 *In te glorior.* Porque finalmente encubriendo Christo Senhor nosso a grandeza, & magestade de Filho igual a seu Eterno Padre, & fazendo a figura de servo seu obediente na vida, & na morte, conformandose em tudo com a sua divina vontade: *Servus meus es tu Israel*, atẽ morrer pelos homens, condenado por pecador á morte da Cruz, que admitio, para lhe obedecer, com excessõ de amor, & de humildade: *Humiliavit semetipsum factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis*, teve nelle seu Eterno Padre mayor gloria da que

Ad Phil.
lip. 2. n. 8.

tem em todas as creaturas. Teve, & tem nelle a gloria de o ver na humanidade assumpta exaltado no Empireo sobre todas as Hierarchias dos Anjos, mais alto que os Seraphins, assentado á sua mão direita em seu divino Throno, mandando cõ absoluto imperio no Ceo, na Terra, & no Inferno, sublimado com o nome soberano de Jesu, á quem se inclinaõ com grande veneraçã os Anjos, se fogaiteã postrados na terra os homens, & rendido com espanto, & temor abate a bandeira de

Ad Phi- sua soberba o Inferno: *Propter quod & Deus exaltavit illum, &*
lip.2.n.9. *donavit illi nomen, quod est super omne nomen; ut in nomine Jesu*
omne genu flectatur caelestium, terrestrium, & infernorum.

110 Se pois a escravidão, & servidão humilde dos homens, q̃ o Mundo desestima, & despreza, estima tanto Deos, que para ser glorificado em seu divino Filho na humanidade assumpta, taõ unida com a divindade, naõ quiz que na terra representasse a magestade de Senhor, como na realidade era do Mundo todo, mas quiz, que fizesse a figura de escravo, & lhe obedecesse como servo muyto humilde: *Servus meus es tu I s-*
rael, quia in te gloriabor, claro està, & literalmente provado, que mais estima Deos, & deseja de se communicar aos escravos por miseraveis, aborrecidos, & pisados dos homens, & aos servos por humildes, baixos, & vijs, que aos Senhores taõ venerados na terra por soberanos, & à seus Amos por altivos.

111 Daqui infiro a rezaõ, porque Christo naõ quis morrer criança na perseguiçã de Herodes, & quis morrer adulto na perseguiçã dos Judeos. Quando o perseguiu Herodes para o matar, fugio para o Egypto, para naõ morrer; & quando o perseguiraõ os Judeos para o crucificarem, se entregou logo voluntariamente à sua sacrilega tirania: *Surgite eamus: ecce*
Matth. 26.n. 46. *appropinquat qui me tradet.* Quando fugio para o Egypto, occasionou á morte de muytos mil innocentes, que naõ morrerãõ, se elle se deixara matar, entregue à crueldade de Herodes, como se entregou no Horto à tirania dos Judeos; & se no Horto fugira, ou se escondera, para naõ ser preso, naõ arriscava a morte de ninguem. Porque pois lá foge á morte com morte de

de tantos, & aqui sem risco de poder alguém morrer, não só não se esconde, nem foge, mas voluntariamente se entrega logo à morte nas mãos dos perfidos, & sacrilegos Judeos? As rezoões são muytas muyto bẽ discutidas pelos Sanções Padres, conformes com o mysterio; mas ao nosso intento parece evidente, o que me persuado. Se Christo morrera criança na perseguição de Herodes, sem fazer figura alguma do que não era, como fez preso pelos Judeos na morte da Cruz, morrera, como na realidade era, Senhor innocente. Dissera o Mundo, que Herodes por ciúmes de perder o Reyno de Judea, matára a hũ Rey minino, a hum Rey criança innocente seu legitimo Senhor; porque a causa da perseguição de Herodes foy publicarem os Reys Magos, que era nacido o Rey dos Judeos: *Ubi est qui natus est Rex Iudeorum? Vidimus enim stellam ejus in Oriente, & venimus adorare eum*. Mas adulto crucificado morria como servo culpado sem culpa, tido pelo mayor pecader, como prophetizou Isaías: *Cum sceleratis reputatus est*. Aqui adulto em poder dos Judeos escondia a grandeza, que tinha de Rey, & Senhor: & acolà minino perseguido por Herodes a publicavaõ os Reys Magos: *Ubi est qui natus est Rex?* Aqui representava a baixeza dos servos, & escravos, que nem homens parecem no trato: ahy a grandeza dos Senhores, que por soberanos, & ativos querem ser venerados na terra como Deoses. Por amar Christo muyto mais a humildade, que a soberania, mais a baixeza, que a grandeza, & estimar mais aos servos por humildes, que aos Senhores por soberbos, não quis morrer criança como Senhor innocente; mas quis morrer adulto como servo culpado, como homem baixo, & vil, q̃ nem homem parecia: *Vidimus eum, & non erat aspectus*, sendo homẽ Deos Senhor de todos os homens.

Luc. 2.
n. 2.

Isai. 53.
n. 12.

Isai. 53.
n. 2.

112 Temos visto largamente na theorica, que Christo Senhor nosso he muyto mais amigo dos servos, que dos Senhores, muyto mais dos escravos, que de seus Amos; porque dos servos, & escravos tomou a figura nesta vida: *Formam servi accipiens*, o castigo & a pena, parecido em tudo com elles, mas dos

dos Senhores não fez nenhuma figura. Para todos decco do Ceo; mas por mais dignos de seu divino pão por humildes, quer que se dé aos servos, & escravos, com mais larga mão, que à seus Amos, & senhores por altivos, & soberbos. Veja-molo em pratica: *Hic est panis, qui de celo descendit.*

Glos.
ord.

Lyrano.
Hugo

Lue. 15.
n. 17.

Lyrano.
hic.

Lue. 15.
n. 18.

113 O Filho prodigo, q por viver mal, dissipou as riquezas da graça, & os bens da natureza, como notou a Glosa no sentindo espirital, Lyrano, Hugo Cardeal, & outros neste lugar, reduzido à miseravel estado, desejou faminto o pão da Eucharistia, que os servos jornaleiros tinhaõ com grande abundancia na casa de seu pay: *Quanti mercenarij in domo Patris mei abundant panibus, ego autem hic fame pereco.* Notem de caminho os Parocos, & os Curas, o que Christo diz em tão breves palavras nesta sua parabola divina, que na sua Casa, a saber, na Igreja (diz Lyrano) *Idest, in Ecclesia*, não quer que falte o pão da Eucharistia aos servos; mas antes quer, que se administre à todos com abundancia: *Abundant panibus*, mostrando seu mayor desejo, que todos o recebaõ muytas vezes, porque por faltar á este prodigo seu filho, perecia sua alma com fome: *Fame pereco*; quanto mais se faltar aos servos por desemparados. Arrependido o Prodigio de sua má vida, deliberou de se lançar aos pés de seu pay, & de lhe dizer: *Pater peccavi in caelum, & coram te: jam non sum dignus vocari filius tuus: fac me sicut unum de mercenarijs tuis*: Pay meu, pequei. Não mereço já mais por meus peccados ser chamado filho vosso. Peçovos, q me trateis como qualquer servo dos que tendes jornaleiros. Admiravel petição, notavel proposta. Não era elle Senhor por filho de seu pay? Sy. Por Senhor se perdeo. Dos Senhores he gastar, & dissipar o que herdaõ de seus pays, o que tem, & o que não tem, tomando o alheo por emprestimo, sem o pagarem, empenhandose, individandose, & destruindose para seus desordenados appetites. O amor dos pays não he mayor com os filhos, que com os servos? Sy. Porque pois diz este filho prodigo à seu pay, que o trate como servo, & não como filho, & Senhor: *Sicut unum de mercenarijs tuis*? Porque Deos, que he

he pay, & Senhor universal de todos, quer que na Igreja casa sua com mayor abundancia comaõ o paõ da Eucharistia os servos, que os filhos dissipadores do patrimonio de sua divina graça.

114 No Mundo mais amaõ os pays à seus filhos, por maos, & desobedientes que sejaõ, que aos servos, por mais que sirvaõ com amor. O amor, com que os Amos, & Senhores amaõ á seus servos, he amor proprio. Os amaõ por amor de sy, para serem bem servidos. O amor dos filhos he amor de benevolencia. Os amaõ seus pays pelo bem que lhes desejaõ, sem olhar pelos merecimentos, se saõ bons, ou maos. Muy mau era Absalaõ filho del Rey David, muy desobediente a seu pay, contra quem se levantou, & fez guerra, para lhe tirar o ceptro, & a coroa, & provavelmente tambem a vida. Contudo pelo muyto que o amava David, chorou amargamente sua morte, porque era filho: *Fili mi Absalom, Absalom fili mi:*

Quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te, Absalom fili mi, fili mi Absalom. Não assy Deos. Mais ama aos servos, que não se apartaõ d'elle, que aos filhos, que lhe viraõ as costas. Por conhecer este prodigo o mal que tinha feito por filho desobediente, & o muyto que ama Deos aos servos, discreto quiz antes ser tratado como servo, que como filho: *Fac me sicut unum de mercenarijs tuis.* 2. Reg. 18. n. 33.

115 Declaremos mais este passo, para mayor clareza do assumpto. Todos em graça de Deos saõ filhos de Deos, os servos, os Escravos, os Amos, & os Senhores. Por filhos saõ todos seus herdeiros, diz S. Paulo: *Si autem filij, & heredes: heredes quidem Dei, coheredes autem Christi,* com esta differença, Ad Rom. 8. n. 17. que com igual graça mais estima Deos, & muyto mais ama aos servos, que aos Senhores, mais deseja unirse com aquelles na Eucharistia, q̃ cõ estes. Dirmos, porq̃? Porque os servos difficilmente se apartaõ de Deos, muy facilmente seus Amos, & Senhores. Na mesma parabola temos com evidentia a prova. Os servos por servos jornaleiros deste pay seu Senhor, não se apartaraõ nunca de sua casa: O filho por Senhor herdeiro de

Cccc

seu

Luc. 15.
n. 13.
Hugo
Card.
hic.

seu pay, sy. Para viver mal, apartou-se d'elle, deixou, partindo para muyto longe: *Peregrè profectus est in regionem longinquam, idest* (diz Hugo Cardeal) *usque ad Dei oblivionem, quæ est regio peccatorum*, até se esquecer de Deos, de que naceo cometer tantos pecados. Estes servos por não terem muyto que gastar, por servos, por pobres, por jornaleiros, não diz o Texto, que eraõ viciosos: O prodigo filho por Senhor, rico com a legitima de seu pay, gastando mal, se entregou á todo genero de vicios. He rezão pois, que ame Deos, & se communique na Eucharistia muyto mais aos servos, que por miseraveis nunca, ou difficilmente o deixaõ, que á seus Amos, & Senhores, que gastando, & dissipando com a má vida o patrimonio da graça divina, de filhos de Deos passaõ á serem escravos do pecado, & do Demonio, & á hũ estremo de misérias, quantas padece a alma longe de seu divino pay.

116 Lastimado do cativoiro dos servos descreve Seneca com ser Gentio a differença que vay delles á seus Amos, & Senhores no trato, & na vida. Se hum Gentio se lastima delles, quanto mais Deos que he pay, que os ama como filhos. Dos servos (diz Seneca) as culpas leves, & tal vez as que nem culpas são, se castigaõ cõ rigor por pecados graves. De seus Amos, & Senhores as culpas graves se sofrem, se calaõ, se encobrem, & tal vez se louvaõ, & se lizonjeaõ. A vida dos servos he muito má quanto ao corpo, porque pelo mau trato levão muyto má vida: não he taõ má a da alma, porque os pecados dos servos não são muytos. A vida de seus Amos, & Senhores he muyto boa para o corpo, vivem como querem, trataõ-se muyto bem. Assy fora a vida da alma. Se com o mesmo cuidado, com que trataõ da vida corporal, tratassem da espiritual, ninguém fora mais sancto que elles. Na mesa custume muyto soberbo dos Senhores he (diz Seneca) estarem cercados de hum turba grande de servos. Nella governandose mais pelas leys da gula, que pela rezão, com demasiado appetite comem mais do que despenza a natureza, carregando o corpo mais do que pôde levar, & o estamago digerir. Os miseraveis servos á vista de
tantas

tantas iguarias se deitaõ muytas vezes sem cearem, passando a noite toda em jejum. Que mais? O que he licito à todos se defende aos servos. Castigase ainda o que não podem evitar. O soluçar, o tossir, o cuspir, o espirrar diante de seus Amos, & Senhores, mormente quando jantaõ, ou ceaõ, ou dormem, por grande culpa se castiga nelles. Até o fallar, diz Seneca, he nos servos delito. Qualquer murmurio, qualquer susurro refree o pao de tal sorte, que nem, o que socede á caso, os livra de castigo. Ouvy suas palavras: *Superbissima consuetudo, canan-tem Dominum stantium servorum turba circumdat, & ille plus quam capit, & ingenti aviditate operat distentum ventrem, ac desuetum jam ventris officio, ut maiore opera omnia egerat, quam ingestit. At infelicibus servis movere labia, ne in hoc quidem, ut loquantur, licet. Virga murmur omne compefcitur, & ne fortuita quidem verberibus excepta sunt, tussis, sternutamentum, singultus magno malo ulla voce interpellatum silentium luitur, & nocte tota jejuni, mutique perstant.*

Senec.
Epist. 47.

117 Com tantos apertos, cativos toda a vida, que peccados podem cometer os miseraveis servos, & escravos? Com tanta soberba, com tanta liberdade, com tanta gula, que peccados não cometem seus Amos, & Senhores? Porque pois se dà à estes neste Estado o paõ da Eucharistia com abundancia, & se nega aos servos, & escravos para sempre, sem nunca em nenhum tempo de sua vida o comerem, contra o que Christo diz na sua parábola: *Mercenarii abundant panibus*, contra o que Deos manda, & a sancta Madre Igreja? Só dos peccados se aborrece Deos, porque são contra a sua divina bondade, não das misérias humanas; mas antes he mais amigo dos miseraveis pelo muyto que padecem, que dos prosperos. Se pois dos servos são menos os peccados, dos Amos, & Senhores são muyto mais: Se dos servos são mais leves, dos Senhores mais graves, menos se aborrece Deos dos servos, para se lhes communicar na Eucharistia, que de seus Amos, & Senhores.

118 Ainda que queiraõ, não podem os servos por cativos cometerem muytos peccados. São tantos os apertos, q̃ nem

Homer.
lib. 10.
Odif.
Mendof.
lib. 1.
Reg. c. 8.
n. 17.

tempo, nem liberdade tem para os fazer. Pelo contrario seus Amos, pela muyta cõ que vivem, offendem facilmente á Deos. Hum cativo, diz Homero, he meyo homem: O livre he homẽ inteiro: *Servus dimidius homo, Liber integer est*. Da a rezão o Regio Doutor; porque quem perde a liberdade, perde a amizade de seu ser: *Cui enim perit libertas, dimidia pars sui perit*. Sem liberdade que peccado pode cometer hum servo, hũ cativo, hum negro, hum escravo? Os Senhores que por Senhores a tem muy absoluta, & pela terem muy absoluta, são muy voluntarios, quantos peccados querem cometer, tantos cometem sem temor de Deos, nem dos homẽs. Donde infiro por remate, & por conclusãõ, que muyto mais dignos de receberem o Senhor na Eucharistia são os servos, & escravos, quanto mais miseraveis, quanto mais cativos, quanto mais presos cõ ferros, com grilhoẽs, com cadeas, tanto mais dignos de commun-garem, por mais impossibilitados á offender á Deos, que seus Amos, & Senhores.

Matth.
8. n. 6.

Luc. 7.
n. 3.

119 Na historia, que referem os Evangelistas S. Matheos, & S. Lucas, do que fez o Centurio com seu servo, & do que fez Christo Senhor nosso com o Centurio, temos desta conclusãõ não só a prova muy clara, & evidente, mas hum grande exemplar do que se houvera de fazer neste Estado da India, que se não faz. A historia he sabida, mas pouco ponderada, & menos imitada neste Oriente. Diz S. Matheos, que o Centurio se chegou á Christo, rogando-lhe pela saude de seu servo paralitico: *Accessit ad eum Centurio, rogans eum, & dicens: Domine puer meus jacet in domo paralyticus, & male torquetur*. S. Lucas diz, que mandou os mais velhos dos Hebreos á Christo, rogando-lhe, que viesse sarar a seu servo: *Misit ad eum seniores Iudeorum, rogans eum, ut veniret, & salvaret servum ejus*. Hũa & outra couza he verdade Evangelica, que senão pôde negar. Mandou, & foy. Mandou primeyro, para que viesse, mas não contente de ter mandado, cuidadoso da saude de seu servo, foy elle mesmo rogando-lhe, que o sarasse.

120 Aqui admirado exclama o Grande Seleuciense:

O mira

O miraculum modò non opinabile! O maravilha, ó milagre fora de toda a imaginação! Que? *Non servi Dominus contempsit afflictationem herili fastu turgens, neque prae voluptate, quam ex numeroſo ſatellitio capiebat, pueri immobilis oblituſeſt: verùm bibat in veſtigans periculo remedium.* Oh milagre, ó maravilha! Hum Senhor altivo com ſenhoril fauſto inchado não fez pouco caſo da doença de ſeu ſervo; nem pelo prazer, & vaidade de ter debaixo de ſeu imperio hum numero grande de ſoldados, ſe eſqueceo delle, mas cuidadoso de ſua ſaude, recorreo à Chriſto para o remedio! *O miraculum modò non opinabile.* São ſete para oito annos que eſtou na India. Tenho corrido algũas terras, & Cidades deſte Eſtado, não vi nunca nellas eſte milagre. Nenhũ de nós vio atégora, nem ſabemos, q̃ o viſſem os noſſos antepaſſados: que os Amos, & Senhores foſſem, ou mandaſſem, para que vieſſe o Senhor da Fregueſia, para cemũgarem ſeus ſervos, & eſcravos, negros, & negras, quando eſtaõ enfermos; nem taõ pouco no perigo da morte por Viatico, para ſua ſaude eſpiritual, & mayor ſegurança de ſua ſalvação; & poucos vimos dos q̃lhes procuraõ os Medicos para a ſaude corporal cõ a charidade chriſtãa, á que eſtaõ obrigados, morrendo muytos ſem Medico, & todos ſem Viatico. Por falta de Medicos, & de meſinhas deſemparados acabaõ muytos ſervos, negros, & negras a vida: & por falta do Viatico, que não recebem na morte, arriscaõ todos a Alma. *O impietas!* diria Seleucienſe neste Eſtado da India: *O crudelitas! ſervi ſui Demum coutempſit afflictationem herili faſtu turgens:* O impiedade, ó crueldade indigna de chriſtão! O Amo inchado por Senhor, altivo, & ſoſberbo deſprezou, não ſe lhe deu de ſeu negro enfermo, odeixou ao deſemparo acabar miſeravelmente a vida ſem Medico, & ſem lhe procurar o Senhor, para comũgar ao menos por Viatico na morte.

124 A quantos em diſverſas ocaſiões tenho dito, & rogado, que ſe compadeção de ſeus ſervos, & eſcravos, de ſeus negros, & negras, que tem de portas a dentro, para que lhes não faltem os Medicos, & as mezinhas neceſſarias nas ſuas en-

midades, & doenças para a saúde corporal, que me estranhraõ o cuidado, & o chegarme à elles com charidade, para lhes acudir, & administrar o de que mais necessitassem. A quantos pedi, & com argumentos, & rezoões mostrei a obrigação, que lhes corre de procurarem que venha o Senhor da Freguesia, para comungarem por Viatico no perigo da morte, que se riraõ de mim, por lhes parecer indecencia aballar-se o Sanctissimo para hum negro, ou negra, livre, ou forro, quanto mais por hum cativo? *O impietas, ò crudelitas!* Tenho para mim, que este he o mayor pecado, porque Deos nos castiga com perda de tantas praças, & com o temor, & ameaços de perdermos de todo estas Conquistas.

122 Não as deu Deos á Coroa de Portugal, para termos muytos negros, muytos servos, muytos escravos cativos por toda a vida, para que nos sirvaõ, mas para que nellas plantemos o Estandarte da Fé Catholica, & convertamos os Mouros, & Gentios, instruamos os convertidos, & administremos à todos os sanctos Sacramentos, & aos que tem annos de discricão a Eucharistia, ao menos na Pascoa, & no perigo da morte, conforme o preceito divino, & da sancta Madre Igreja, para que não falte à ninguem o sustento da Alma, porque sem elle a salvação he duvidosa.

123 Não he isto só o q he para notar nesta historia Evangelica do servo do Centurio. Pondero mais duas circunståcias dignas de reparo, que confirmão a nossa conclusão, & a fazem mais clara, & evidente. Os Hebreos ancianos, que mandou o Centurio á Christo, para que fosse à sua casa farar seu servo, disseraõ, que era o Centurio digno desta mercê: *Dignus est, ut hoc illi prestes*. Pello contrario o Centurio disse à Christo, que não era digno q lhe entrasse em casa: *Domine non sum dignus, ut intres sub tectum meum*. Como assy? Se o enfermo era o servo: *Puer meus jacet in domo paralyticus*, porque diz o Centurio de sy, que não he digno, que lhe entre o Senhor em casa? Parece que havia de dizer, que não era digno seu servo da presença de Christo, ou que o lugar, aonde estava deitado, não era decente,

Luc. 7.
n. 4.
Matth.
8. n. 8.

decente, para entrar nelle o Senhor. E se o Centurio confessã de sy, que não he elle digno, que lhe entre o Senhor em casa, como os ancianos Hebreos dizem, que si que he digno: *Dignus est?* Ser digno o Centurio, & não ser digno, que vá o Senhor á sua casa, para sarar seu servo, são contradictories, que se não podem verificar de huma mesma pessoa, como pois dizem os Hebreos, que o Centurio he digno, que lhe vá o Senhor á casa, se diz elle de sy, que não o he? *Domine non sum dignus.*

124 Os Hebreos fallaraõ pelo estylo do Mundo, & se fora em nossos tempos, dissera eu, que fallaraõ pela linguaagem da India. Avalia o Mundo, avalia a India, que os Amos, os Senhores, & toda a Gente branca são dignos de que vá o Senhor às suas casas, quando estão enfermos, para comungarẽ, ou por devaçã, ou por Viatico; mas dos servos, & escravos, dos negros, & negras, diz a India que não, que não são dignos. Não diz assy o Centurio com luz superior, que Deos lhe deu. Não diz, que não he digno seu servo, seu escravo, seu cativo da visita do Senhor; mas diz de sy, que não he elle o digno: *Non sum dignus*; porque mais dignos são os servos enfermos, de q̃ lhe vá o Senhor para comungarem, que seus Amos, & Senhores. Na India, & em todas estas Conquistas para se levar o Sanctissimo aos Senhores, aos Fidalgos, aos Nobres, á Gente branca, ninguem o duvida. Todos dizem: *Digni sunt.* Levase á todos de noite, & de dia com grande acompanhamento. Mas para os servos, para os escravos, & escravas, para qualquer negro, ou negra, que tem das portas a dentro em suas casas para seu serviço, todos dizem, que não são dignos. Ninguem se aballa, para que lhe vá o Senhor, ninguem o procura, nẽ o Amo, nem o Paroco, nem o Cura, nem os Irmaõs do Sanctissimo, nem o mesmo enfermo, por medo que o castiguem por atrevido, se disser que lhe tragaõ o Senhor. Isto diz, isto faz a India. Não assy Christo. *Ego veniam*, diz o Senhor, & *curabo eum*: Eu irei á este servo, á este escravo. Eu o buscarei no lugar humilde, em que está enfermo: eu o sararei, eu me lhe communicarei; porque mais desejo de entrar nas casas, nas lojas, & nos lugares

muyto

Matth.
8. n. 7.

muyto humildes, & muy pouco decentes dos servos, & escravos enfermos, para os salvar, que nos aposentos grandiosos muy ricos, & ornados de seus Amos, & Senhores.

125 Vedeo pelo effeito. De hum Regulo (de quem hũs dizem, que era Rey pequeno, outros Ministro Real, & Senhor de muytas Cidades, & por sentença de S. Jeronimo, Palatino) refere S. Joaõ, que pedio á Christo, que fosse á sua casa, para sarar à seu filho enfermo no ultimo da vida: *Dicit ad eum Regulus: Domine descende, prius quàm moriatur filius meus.* Não lhe defirio o Senhor na forma que pedio. Sarou à seu filho: *Vade, filius tuus vivit*, mas lhe não quiz entrar em casa? Admirase Chrysostomo, & pergunta com rezaõ: *Cur centurioni se iturum ultró pollicitus est; Regulo autem, ne rogatus quidem?* Para ir á casa do Centurio, sem lho pedir, offerecese Christo; & para a casa do Regulo, nem rogado quiz ir? Para sarar hum escravo enfermo, que provavelmente estariadeitado na loja de seu Amo, ou em outro lugar humilde, & indecente, diz que irá, o visitará, o verá, o sarará: *Ego veniam, & curabo eum*: & para sarar à hum filho moribundo de hum Rey, de hum Senhor, q̃ morava em seus Paços, em aposentos reais muy soberbos, muy ricos, & muy grandiosos, se nega! Se não quer aballar para o filho de hum Rey, de hum Senhor grande, de hum Palatino, de hum Ministro Real, & quer ir á hum escravo, sem pór duvida na indecencia do lugar, na baixeza do servo, na vileza do cativeiro, na mayor miseria de ser escravo de hum Gentio! *Cur?* (diz Chrysostomo) Porque? Pela rezaõ que já disse, porque mais dignos são os servos da presença de Christo, que os filhos dos Reys, dos Senhores, dos grãdes Ministros, dos mais poderosos do Mundo, se não forem sanctos. Mais deseja o Senhor entrar nas lojas, & lugares humildes pouco decentes, aonde deitados no chaõ estão os servos, & escravos, negros, & negras, nas suas enfermidades, & doenças, por mais miseraveis que sejaõ, para os salvar, & levar para o Ceo, que nos Palacios dos Reys, nas casas nobres dos Grandes, nos aposentos grandiosos, em que estão os Senhores deitados

Hiero-
nym.

in cap.

63. Isai.

Joan. 4.

n. 49.

Ibid.

n. 50.

Chry-

soft. ho-

mil. 34.

Matth.

8. n. 7.

tados em camas regaladas muyto ricas.

126 Se de mais á mais me pedis ainda disto a rezão, a mais principal não he só ser Christo muy amigo da humildade, & da pobreza, & inimigo da vaidade, altiveza, & soberba dos Grandes, mas he o grande aborrecimento que tem à todo genero de vicios, & pecados. Abomina Christo Senhor nosso infinitamente o pecado por ser infinitamente opposto à sua infinita bondade. Nos Palacios dos Reys, nas casas nobres dos Fidalgos, nos ricos aposentos dos Senhores, nos Edifícios grandiosos dos Grandes, se cometem grandes pecados. Nos lugares humildes, quanto mais humildes, quanto mais pobres, & vijs, tanto menos se offende à Deos. Nelles, ou não hã pecados, ou muy poucos, & leves. Os filhos dos Reys, dos Senhores, dos Nobres, quanto mais soberanos, & poderosos, tanto mais se dão aos vícios. Os servos, os escravos, os negros miseraveis, as negras cativas, pelos grandes apertos com que vivem, & pelas muytas misérias que padecem, só de Deos se lembrão, & de chorarem a má vida q̃ levão. Esta he a rezão mais principal entre muytas que dão os Sanctos Padres, porque se offereceo Christo, para ir ao servo do Centurio, & se não quiz abalar para á casa do Regulo.

127 Defenganate India, defenganate; porque o que fazes, não he o que Deos manda, & deseja. O que manda he, que se dé igualmente à todos a Sagrada Comunhão, confessados, & absolto de suas culpas, & pecados, sem excepção de pessoa, tendo os annos da discrição, ao menos na Pascoa, & no perigo da morte, *Sciētes*, diz S. Paulo fallando dos servos, & de seus Amos, & Senhores, *Sciētes, quia & illorum*, a saber dos servos, & *vester*, a saber, dos Amos, & Senhores, *Dominus est in celis: & personarum acceptio non est apud Deum*. Entendei, & sabei, que hũ he Deos, hũ o Senhor, que estã nos Ceos, Senhor dos servos, & Senhor de seus Amos, & Senhores. Isto he, o que manda. Mas o que mais deseja, he, que com mayor charidade, affecto, compaixão, cuidado, & vigilancia se administre aos pobres, aos plebeyos, aos servos, & escravos por mais de cem

Ad Ephes
6. n. 9.

Dddd

parados,

parados, & humildes, & com mayor vontade aos que estão carregados de ferros; presos com grilhões, & cadeas, por mais dignos de lastima.

Luc. 2.
n. 7.

128 Não vos pejis Parocos de entrar nas lojas, em que estão os escravos, & nas choupanas dos Indios, porque se não peja dellas o Senhor, mas ama, & deseja de entrar em lugares humildes, para comungarem os servos, & escravos, que estão enfermos: pejaivos dos Palacios, & aposentos grandiosos, se houver nelles parados, que não faltão. Levaio às lojas, às palhotas, & choupanas, a todos os pobres, a todos os plebeyos, gente baixa & vil, a todos os escravos, negros, & negras, a todos os miseraveis, tendo diante dos olhos, que o pão da Eucharistia, o Corpo de Christo Senhor nosso, tanto que appareceo no Mundo, o expos a Senhora no Presépio: *Reclinavit eum in Presépio*, aonde o festejaraõ os Pastores, & o adoraraõ os Reis Magos. Não ha casa, aposento, ou lugar mais humilde, mais vil, nem menos decente, que hum Presépio de animaes, ahy naceo o Filho de Deos, o mayor Senhor, ahy morou muytos dias. Não escolheo os Palacios dos Grandes, as casas nobres dos Fidalgos, os aposentos grandiosos dos Senhores para seu tão divino, & milagroso nacimiento. Aborreceose delles. Escolheo hum Presépio de animaes, para confundir a nossa soberba, & a vaidade do Mundo.

Luc. 2.
n. 8.

129 Dizei Paroco: Se naquelle Presépio adoccera hum homem muyto pobre, lhe levareis o Senhor? Pelo que fazeis, de o não querer levar, se não às casas autorizadas, & nobres, disseis que não. Pois não vedes, que condenais o que Christo fez, que naceo, esteve, & morou em hũ Presépio? Dizei mais: Se em huma loja pouco decente, ou em huma destas palhotas, & choupanas dos Indios, ou em outro lugar humilde estivera por desgraça hum Fidalgo no ultimo da vida, aonde o recolherão por acidente que lhe deu, ou porque o ferirão com feridas de que estivesse morrendo, sem poder sahir d'elle, lhe levareis o Senhor? Direis que sy, porque he Fidalgo, & toda a Fidalguia o acompanhara. Pois isto he o que Deos quer? Esta disse-

differeça de Fidalgos à plebeyos ? Não sabeis , que todas as Almas são humas,& só se differença pela graça,que tiverem? Não sabeis, que por todas morreo Christo igualmente ? Não sabeis, que seu divino Corpo he pão de todos, que para todos desceo do Ceo,& não só para os Fidalgos: *Hic est panis, qui de calo descendit?* Não sabeis finalmente,que mais ama o Senhor os lugares humildes, que os grandiosos , mais deseja communicar-se aos pobres, que aos Ricos, mais aos plebeyos, que aos Nobres, mais aos servos, & escravos , negros, & negras, que à seus Amos,& Senhores?

130 Desenganem-se todos; porque desta falta, & pecado nace as perdas, que choramos neste Estado . Façam os Paro-
cos, os Curas , os Clerigos , os Fidalgos , o Povo , & os Reli-
giosos operarios desta grãde vinha do Senhor o que Deos mã-
da, & deseja, para que todos comunguem,obligando ao mes-
mo Senhor por este meyo , que empare estas Conquistas, &
não permita pelos pecados, & faltas na administração da Eu-
charistia , & mais Sacramentos da sancta Madre Igreja , que
cayão em poder dos Gentios,dos Mouros , dos Herejes,
mas sempre fogeitas á Coroa de Portugal se dilate
nellas a Fè Catholica com grandes aug-
mentos de sua divina graça,pe-
nhor da gloria. Amen.



**ANNOS DESEJADOS,
E NACIMENTOS FELICES
DA MAGESTADE
D'ELREY DE PORTUGAL
DOM IOAM IV.
*EXPOSTOS***

**COM QVATRO SERMOENS,
QUE PREGOU EM LISBOA NA CAPELA REAL**

DOM R. P. DOM ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,
Neapolitano, Doutor na Sagrada Theologia,
Vigario Geral dos Clerigos Regulares
Theatinos da Divina Providencia,
Missionario Apostolico,
E Prefeito das Missoes da India
de sua Religiao,
Fundador dos Conventos
De Nossa Senhora da Divina Providencia
da cidade de Lisboa, & de Goa.

LIVRO III.

ASSISTIRAO
AS MAGESTADES, E ALTEZAS
de Portugal.



COPIES OF THE

REPORT OF THE

COMMISSIONER OF THE

LAND OFFICE

FOR THE YEAR

1880

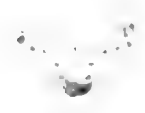
AND

THE

LANDS

IN

THE



IA



Quis putas Puer iste crit:

IOANNES

vocabitur nomen eius

Portugalia Rex,

Desideratus a suis, tergemino natali

illustratus

ac potenti Dei manu protectus,

felicissime regnaturus,

quadruplici sermone exponitur.

D. Ant. Ard. Spin. Port. Princ. D. D.

Tho: Dudley Anglus fecit Viliam

583

S A V D A D E S
DA INDIA
MANIFESTADAS
AS MAGESTADES, E ALTEZAS
DE PORTUGAL

EM A CAPELA REAL

Na Solemnidade do Apostolo

S. T H O M E

Em 21. de Dezembro de 1648.

PELO M.R.P. D. ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,
Clerigo Regular Theatino
da Divina Providencia.

S E R M A M I.

THOMAS

non erat cum eis, quando venit

JESUS.

Dixerunt ergo ei alij Discipuli:

Vidimus Dominum.

Joan. 20. n. 24.

MUY ALTOS, E MUY PODEROSOS REYS
& Senhores nossos.



PERFEITA semelhança de duas grandiosas Monarchias, hũa espirital em Roma, outra temporal neste Reyno, nos servirá de guia para a acomodação

ção do Evangelho em dia tão alegre, & festival, em que a Índia tributa suas riquezas a seu glorioso Padroeiro, & Apostolo S. Thome, & reconhece sujeição à seu legitimo Rey. A perfeita (digo) semelliança: Porque estas duas Monarchias são de Christo com titulo especial de dominio, de que não goza outra nenhũa do mundo, fundadas immediatamente por elle por hum mesmo modo, & para hum mesmo fim.

Fr. Bern.
p. 10. da
Chroni-
ca de Cil-
ter. l. 3.

cap. 3.
Vieg. l. 4

pag. 132.

Almeid.

da Rest.

de Por-

tugar. p.

1. cap. 5.

Souza do

Mayor

triúph.

in princ.

Matt. 16.

n. 18.

Maldon.

in Joan.

c. 21. n. 15

Fr. Bern.

Vieg.

Almeid.

Souza

loc. supra

cit.

Marc. 16.

n. 15.

Auth. su-

pra cit.

Ad Ephe

s. 5. n. 25.

Fr. Bern.

Viegas.

2 Fundou Christo sua Monarchia espirital crucificado no Calvario, dizem os Sanctos Padres: Crucificado no Campo de Ourique fundou esta sua temporal, dizem as Historias.

3 A espirital fundou para sy: *Ecclesiam meam*; & entregou a administração ao mais sancto entre os Apostolos, á S. Pedro, & seus successores: Fundou tambem esta temporal para sy: *Imperium mihi*; & entregou seu governo ao mais Sancto entre os Reys Portugueses, ao Sancto Rey Dõ Affonso Henriques, & seus descendentes.

4 A entrega da Monarchia espirital foi cõ chagas gloriosas, com as quaes appareceo á S. Pedro depois de resucitado: A entrega desta temporal foy pelo mesmo modo, com chagas gloriosas, com as quaes appareceo no Ceo ao sancto Rey.

5 As palavras que Christo disse á S. Pedro, quando nelle fundou sua Monarchia espirital, conforme a glosa de Maldonado, foraõ estas: *Volo nunc super te Ecclesiam meam edificare*: Quero edificar em vós minha Igreja: Estas mesmas foraõ as palavras, que disse ao Sancto Rey Portugues, quando nelle fundou sua Monarchia temporal: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire*: Quero estabelecer em vós, & em vossos descendentes meu Imperio.

6 O fim que Christo teve na fundação de sua Monarchia espirital, foi a propagação de seu sanctissimo nome por meyo do Evangelho: *Pradicate Evangelium omni creaturae*. Este mesmo foy o fim que teve na fundação desta sua Monarchia temporal: *Ut deferatur nomen meum ad exterar gentes*.

7 Sancta, & sem macula he a Monarchia espirital de Christo, & delle muy amada: *Christus dilexit Ecclesiam* (diz S.

Paulo)

Paulo) *seipsum tradidit pro ea, &c. ut sit sancta, & immaculata.* Affy esta temporal, quis que fosse sancta, & sem macula de infidelidade, & por sua piedade muy querida: *Erit mihi Regnum sanctificatum, fide purum, & pietate dilectum.*

8 E se finalmente disse Christo de sua Monarchia espiri-
tual, que durará até o fim do Mundo: *Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem seculi*: desta sua tem-
poral disse o mesmo, que nunca em nenhũ tempo deixaria de a
amparar: *Non recedes unquã ab eis, neque à te misericordia mea.*

9 Donde infiro para a perfeita semelhança, que os Reys
de Portugal são Vigairos de Christo na terra no temporal, assi
como os Pontifices Romanos são Vigairos de Christo na ter-
ra no espiritual, porque de ambas as Monarchias corre a mes-
ma rezão. São os Pontifices Romanos Vigarios de Christo na
terra no espiritual, porque a Monarchia espiritual da Igreja he
de Christo. Fundou o Senhor para sy, & não para S. Pedro:
Ecclesiam meam: Seu he o direito senhorio, de S. Pedro sómẽ-
te he a administração: *Volo nunc super te*. Pela mesma rezão são
os Reys Portuguezes Vigarios de Christo na terra no tempo-
ral, porque a Monarchia temporal Portugueza, este Imperio
de Portugal he tambem de Christo. Fundou para sy: *Impe-
rium mihi*: Seu he o direito senhorio, do sancto Rey, & seus
decendentes he sómente o governo. Estabeleceu nelles, para
que o governassem em seu nome: *Volo in te, & in semine tuo.*

10 Mas o que rematou taõ perfeita semelhança, o que lhe
deu a mayor perfeição, & fez que a Monarchia temporal Por-
tugueza em tudo fosse semelhante á espiritual Romana, fo-
raõ as chaves que Christo deu ao sancto Rey. As chaves de
sua Monarchia espiritual, que deu a S. Pedro: *Tibi dabo claves*,
foraõ suas sacratissimas chagas, foy o preço de seu preciosissi-
mo sangue: *Sanguis Christi* (dizia S. Jeronimo) *est clavis Paradisi*.
O sangue de Christo he a chave do Paraíso. Senhor, para q̃ estas
chaves? Para q̃? Para conquistas espirituas de Reynos, & Im-
perios espirituas. A Monarchia he espiritual! poisção espi-
rituas suas conquistas: para cõquista do Reyno do Ceo, para

Eccc

cõquista

Souza
Almeid.
loc. sup.
cit.
Matth.
28. n. 20.
Almeid.
loco cit.

Matth.
16. n. 18.
Maldon.
in Joan.
cap. 21.
n. 15.
Almeid.
loc. cit.

Matth.
16. n. 19.

Hieron.
apud S.
Thom.
opusc. 58.

Fr. Bern. cõquista do Reyno da Gloria, para conquista do Paraíso: *Tibi p. 1. Chr. dabo claves Regni calorum*. Estas mesmas chaves deu Christo ao de Cister. sancto Rey, & seus decendentes na fundação desta sua Monarchia temporal: *Insigne tuum ex pretio, quo ego humanum genus emi, compones*. Para que? Para conquistas temporaes. He a Monarchia temporal; pois sejaõ temporaes suas conquistas. Como se differe o Senhor: Tomai, Rey, as chaves da terra, para a conquistar, & sojeitar debaixo do vossõ Imperio, tomai as mesmas chagas, que dei à S. Pedro para conquistar o Ceo. Ide com ellas abrir as portas de Africa, senhorear o Reyno de Angola, dominar o Estado do Brasil. Não as largueis por nenhum caso; porque virà tempo, em que hum Rey famoso do vossõ sangue, & do meu nome, Manoel, abrirà com ellas as portas da India façanhosas, que nem Hercules pode abrir com seu poder, que o Inferno, & a natureza tem fechadas, para que ninguem passe por ellas á ver as desejadas terras do Oriente. Abrirà a porta medonha, & espantosa do Cabo tormentoso, que amedrentando aos navegantes, q̃ por ella passaõ, os enchem de grandes esperanças de conquistas. Passará adiante abrir as portas do ouro nos rios de Cuama, o grande Imperio de Monomotapa, os serrados portos do Mâr roxo, os vastos Reynos de Arabia Feliz, o estreito quasi impenetravel da Persia, a costa fertilíssima da India, a rica perola Ilha Ceilaõ, a grão cidade de Meliapór, famosa por ser do meu Apostolo S. Thome, as terras grandiosas de Bengala, o admiravel Pegú, as muytas & grandes fortalezas do Malayo, o Babilonico Seyaõ, Cambóa, & Cóchinchina, o dilatado Imperio da China, as Ilhas de Samàtra, Bornèõ, & as Malúcas, hũa, & outra Java, a mayor, & a menor, Solór, Timór, & o Japão, finalmente hum Mundo, aonde nace o Sol, & as riquezas.

11 Oh chagas preciosas! ó chaves poderosas! Cõ muyta rezão logo suspirava por ellas o glorioso Apostolo S. Thome, antes de ir à India prégalas; & cõ rezão a India suspira tambem por ellas com as mesmas faudades. Desejava S. Thome ver as chagas

chagas de seu Senhor esclarecidas na resurreiçaõ, como as tinha chorado escurecidas na morte; porq̃ cõ ellas havia de abrir as portas da India, para lhe introduzir a fé; & deseja a India ver as mesmas chagas triumphar com arrayaes, & armadas em seus estandartes na Resurreiçaõ tão festejada de V. Magestade, como asvio lastimadas no eclipse da perda de seus Reys Portuguezes, para fechar as mesmas portas aos inimigos da fé.

12 Destes desejos de S. Thome trata o Evangelho da presente solemnidade com as novas da Resurreiçaõ de Christo, & favores que d'elle recebeo; porẽm com tanta allegoria aos desejos da India, que parece hum debuxo de suas saudades, & das novas, que daqui lhe forão da Resurreiçaõ tão festejada de V. Magestade: *Thomas non erat cum eis, quando venit Iesus*: Não se achou S. Thome em companhia dos Apostolos, quando lhes appareceo Christo em Jerusalem refucitado. Não se achou a India com os Portuguezes deste Reyno, quando V. Magestade appareceo Rey aclamado em Portugal. *Dixerunt ergo ei alij Discipuli*. De Christo o disserão à Thome os mais Apostolos: *Vidimus Dominum*: Vimos o Senhor. De V. Magestade o disserão à India os Portuguezes, que de cá forão com o aviso: *Vidimus Dominum*: Temos Rey. A estas novas desejou Thome ver as Chagas de seu Senhor, mas gloriosas, resolutos de não crer a resurreiçaõ, atè as ver, & as palpar: *Nisi videro non credam*. E não foy tanto não crer, como querer-se segurar. Não disse, que queria ver á Christo, tendo d'elle grandes saudades, mas sómente as chagas: *Nisi videro in manibus ejus fixuram clavorum*. No que claramente figurou a India, que dando credito, & festejando as novas da resurreiçaõ de V. Magestade, não a teve por firme, & segura, atè ver brilhar em seus estandartes as cinco chagas, que venera com luzes de firmeza, & com resplandores de vitórias.

Joan. 20.
n. 24.

13 Nem falta no Evangelho a allegoria do presente acẽ; porque diz, que depois de oito dias do tempo da resurreiçaõ vio S. Thome á Christo em companhia dos mais Apostolos, que eraõ os grandes da Corte do Senhor: *Post dies octo*; & o

Ecce 2

que

Lauret.
in sylva
allegor.
verbo
Dios.

que mais noto: *Ianuis clausis*: Com portas fechadas hñ Thome, à quem Deos fez Portuguez por patrocínio, & amor, & não por fangue. Do tempo da gloriosa resurreição de V. Magestade neste presente mez de Dezembro deste anno de mil, & seis centos quarenta & oito, se comprirão oito annos, que a sagrada Escriitura muytas vezes chama dias, como nota o allegorico Laureto: *Post dies octo*, em que ordenou Deos, que vindo eu da India com portas tão fechadas para os Missionarios estrangeiros: *Ianuis clausis*, merecesse ver à V. Magestade deste lugar com os grandes de sua Corte.

14 O que Christo fez á S. Thome foy mostrarlhe seu peito grandioso, & suas liberaes mãos abertas: *Vide manus meas, & affer manum tuam, & mitte in latus meum*, com que o obrigou, a que postrado na terra o confessasse por seu Deos, & Senhor: *Dominus meus, & Deus meus*. Isto meímo espero de grãdeza de V. Magestade, para poder dizer com S. Thome como obrigado, o que disse já como subdito: *Dominus meus, & Rex meus*: Meu Senhor, & meu Rey.

15 Será pois a materia do Sermaõ as saudades da India, discursando sobre o Evangelho com o favor da graça.

AVE MARIA.

THOMAS

non erat cum eis quando venit

JESUS.

Dixerunt ergo ei alij Discipuli:

Vidimus Dominum.

16 **G**RANDES forão as saudades, que Christo remediou em S. Thome com sua presenca, demonstradoras das que teve a India. As primeyras foraõ de seu Senhor, em quem fundava suas esperanças, as quaes creceraõ com as novas de ser aparecido: *Vidimus Dominum*. As segundas de suas chagas immortaes, que desejava ver: *Nisi videro in manibus ejus*

Joan. 20.
n. 25.

ejus fixuram clavorum. As terceiras de seu divino lado, em que queria ser admitido: *Et mittam manum meam in latus ejus.* A todas remediou Christo, compadecido delle pelo muyto que lhe queria, & pelo muyto que lhe importava ter hum Thome, para augmento de sua espirital Monarchia; poiẽm depois de oito dias: *Post dies octo:* Que ainda Christo, que he Senhor dos tempos, espera pelo tempo, para curar saudades de seus mais queridos, & mimosos. As primeiras, com lhe apparecer: *Veni Iesus.* As segundas, com lhe mostrar as feridas immortaes de suas sagradas maõs: *Vide manus meas.* As terceiras, admitindo em seu divino lado: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum.* Semelhantes à estas foraõ as saudades da India. As primeiras de seu Rey, crecidas com a dilação naõ breve de oito dias, mas larga, & dilatada de sessenta annos. As segundas das chagas immortaes, que traz em seus estandartes, desejosa de as ver, & festejar exalçadas na Resurreiçaõ, como as vio, & chorou vituperadas na morte. As terceiras de ser admitida em seu amoroso lado, como esposa mais querida, & Rainha mais fermosa, de quem depende toda a fermosura da Monarchia Lusitana. Se estas saudades da India se remediãraõ, como remediou Christo as de Thome, o discurso presente o mostrará.

17 Saudades teve a India de seu legitimo Rey, & Senhor, que a magoãraõ por sessenta annos. Ay saudades! com quanta rezão as acompanhava com lastimosas lagrimas, que como rios sahiraõ continuamente de seus olhos, & com suspiros de seu affigido peito, que chegaraõ ás estrellas. Naõ se vio mais depois que perdeu seu Rey Portuguez assentada como d'antes em seu throno magestoso, ornada cõ o mais rico do Oriẽte, com os pés sobre as cabeças dos mais poderosos, & soberbos Reys, & Monarchas, que teve a Gentilidade, & a Mourama, pisandolhes os ceptros, & coroas, conquistando Reynos, & Imperios, arruinando Mesquitas, & Pagódes, destruindo os Idolos dos Gentis, & fogueitando hũ Mundo à sua obediencia, & de Christo. Mas assentouse no chaõ, viuva sem esposo, Rainha sem Rey, Senhora sem magestade, vestida naõ de gala,

la, mas de luto, cercada de muytos, & grandes inimigos, chorando as novas, que à momentos lhe chegavaõ de lastimosas perdas; porque cõ a morte de seus legitimos Reys Lusitanos, & com a perda delles, perdeu aquelles homẽs taõ famosos, que a conservavaõ com seu esforço, & a defendiaõ com seu valor.

18 Quem mais homem que Pedro? Quem mais animoso, & valente. Lugartenente de Christo, primeiro Viso-Rey de seu Imperio, primeiro Vice-Christo na terra? Taõ esforçado, que esquecido do remo, empunha no horto animoso a espada, trocando a arte de pescador com a militar, mostrando-se soldado taõ valente, & com tanto esforço, & brio, que só sem mais armas, que hum a faca, acometeo pela honra de seu divino Rey à hum esquadraõ de soldados armados, reforçados cõ

Matth. o poder do Inferno: *Exemit gladium suum, & percutiens servum Principis Sacerdotum, amputavit auriculam ejus.* E na fé quem mais fiel? Pois desejava dar por ella a vida em compa-

Matth. nhia de seu Senhor: *Etiam si oportuerit me mori tecum, non te negabo.* Ponde isto de parte, naõ vos passe da memoria. Quem mais fraco que o mesmo Pedro, que de hum a mulherinha fraca, & desfarmada se temeo no Atrio do Principe dos Sacerdotes, de hum a serva, de hum a escrava: *Ancilla?* Quem mais inconstante na fé, que sem constrangimento, sem prisaõ, ou tormento, para que a negasse, negou tres vezes á seu Deos? No horto Pedro taõ valente, que parecia hum Scipiaõ? Mas que digo? Hum Scipiaõ? Parecia hum Portuguez, hum daquelles antigos, & famosos, que passarão à cõquistar a India, dos quaes devia fallar Moyses, quando disse em seu divino Cantico, que

Deuter. hum brigava contra mil, & dous afugentavaõ à dez mil: *Quo-*
32. n. 30. *modo persequatur unus mille, & duo fugent decem millia?* E no Atrio taõ fraco, & pusilanime, como hum a galinha, que à hũa mu-

Matth. lher se acobarda? Que naõ sem mysterio lhe disse Christo, que antes de cantar o gallo, o negaria tres vezes: *Antequam gallus cantet, ter me negabis.* Porque mostrando fraqueza de galinha, justo era que lhe respondesse o gallo. Là taõ forte, & taõ constante na fé, que beber por ella o caliz da morte, lhe parecia beber

beber hum púcaro de agua: *Etiam si oportuerit me mori tecum*, Matth. 26. n. 35.
non te negabo; & cã tão tímido, & cobarde, que a nega tres ve-

zes sem tormento! Que mudanças são estas de Pedro? Ah! Mudanças, & ausências do Rey, perda de seu legitimo Senhor. Quando Pedro no horto se mostrou tão brioso, & valente, que com hũa faquinha fez rosto a hum esquadrão armado, tinha Rey natural, tinha à Christo consigo, brigava por seu amor, & brigaria com o Mundo todo. Quando se offerecco à dar a vida por seu sancto nome, protestou, que havia de ser em sua companhia: *Si oportuerit me mori tecum: Tecum*, tendovos comigo. E tendo Pedro Rey natural, era homem, soldado, valente, esforçado, ardiloso como hum Portuguez; em o perdendo na prisão, em ouvindo q̃ acabava a vida, acabáráo nelle os brios, & o valor de homem, acabáráo as valentias, os ardis de guerra, as proezas de soldado, & a constancia na fé.

19 Oh India! ó India! Què daquelles homens tão famosos do tempo de vossos Reys Portuguezes, assombro do Oriente, espanto do Mundo, que com seu esforço, & valor vos semelhãráo á Esposa dos Cantares, terrível, & sêrmosa?

20 Què de aquelles finalados Portuguezes, por quem vos mandou buscar o memoravel Rey da esfera dourada, o Grande Dom Manoel, o melhor no governo, o mayor na ventura, o mais glorioso na memoria, para se desposar com vosco, mandandovos vestir Rainha Catholica, & Christãa com a opa branca da fé, cõ o ceptro da sancta Cruz, coroada de Ministros Evangelicos?

21 Què do primeiro Embaxador de tão felices desposorios aquelle Vasco da Gama, que levando no peito o amor de seu Rey por couraça, & por bastão o tridê de Neptuno, feito Josué em mais de cinco mil legoas de mar, descobrio a nova terra de Promissaõ, & se recolheo com as leys do tributo executadas?

22 Què do tremendo conquistador o Grande Affonso de Albuquerque, grande entre os grãdes Portuguezes, que como raio correndo pelo Norte, & pelo Sul, assombrando vossos mares,

mares, Persico, Indico, & Malaio, & descorando o mar roxo, enfreou o Graõ Turco em Meca, espantou na Persia o Sofy, atemorizou a Arabia, afugentou ao Hidalcaõ, rendeo ao de Pintaõ, & sojeitando tres Emporios. Ormuz, Goa, & Malaca, se poz de eterna fama tres coroas na cabeça?

23 Què do vosso primeiro Viso-Rey Dom Francisco de Almeida, açoute dos Rumes, terror do Melique, espanto do Malavar, corisco abrazador de Terras, de Cidades, & Armadas, com tanta gloria vossa, & assombro dos mais poderosos, & arrogantes Reys de vossos Reynos?

24 Què dos ardis de guerra dos Lopes, & Siqueiras, as façanhas dos Lacerdas, as proezas dos Noronhas, as vitorias dos Soufas, dos Cunhas, & dos Castros, o valor dos Ataydes, dos Menezes, & Pachecos, & o es forço, & governo dos famosos Mascarenhas?

25 Qué das grandes, & heroicas empresas, què do zelo, què da religião do magnanimo Viso-Rey, & Senhor Dom Constantino de Bragança, que em menos de tres annos, que escassamente governou, tomou aos Mouros a cidade de Damão, sujeitou a Ilha de Manár, conquistou o Reyno de Jafanapatão, confundio o Paganismo com o incendio tão celebrado do dente do Bugio, pelo qual offerencia o Rey Pegú trezentos mil cruzados, & obrou, não com prègar, mas com favorecer (que mais podem muytas vezes os favores, que os Sermoes Evangelicos) a conversão de mais Gentios, do q obraraõ os muytos, & grandes Viso-Reys que tivestes?

26 Oh India! ó India! Qué destes Hercules famosos? estes homẽs agigantados, estes Gigantes de valentia, homens duplicados, semelhantes à aquelles, de quem fallava Ezechiel: *Homo homo de domo Israel*: Homẽs homẽs. Homẽs, dos quaes dizião os Turcos, & os Mouros, que só podiaõ trazer barbas no rosto, porque só estes eraõ homẽs. Oh India, què destes homẽs tão esforçados? Ay! Parece que me responde: Acabáraõ com seus Reys Portuguezes, que Deos me levou, sepultaraõ se com seus legitimos Senhores: Que se tivera sempre Reys Portuguezes,

Ezech.
14.n.7.

tuguezes, tivera sempre Portuguezes homẽs. Esta falta choro, por esta me lastimo, por esta tenho tantas saudades de meus Reys.

27 Pinta as saudades da India, & seu lastimoso estado cõ a falta de seus Reys naturaes o Evangelista S. Joã naquelle homem, de quem diz, que trinta & oito annos havia, que estava enfermo: *Erat quidam homo, triginta & octo annos habens in infirmitate sua.* Se considerarmos a India desde o tempo que adoeceo até o anno de quarenta, em que lhe começou a melhoria cõ a feliz aclamação de V. Magestade, acharemos, que se interposeraõ quarenta annos. Porque não adoeceo o anno de quinhentos & oitenta, em que passou a Castella; mas antes entãõ lhe pareceo, que encostada á grandiosa arvore do Nabuco Castelhana, cuberta de folhas de esperanças, sem fruito de mercês, não sabendo que a mandava Deos cortar por seus pecados: *Succidite arborem*, teria debaixo de sua sombra mayr firmeza, & fermosura. Nem taõ pouco adoeceo naquelles primeiros annos, em que com suas Náos a visitou Olanda, a qual vendoa Rainha taõ fermosa, se empenhou para se desposar cõ ella, ajuntando armas, & Armadas, para reduzir a Olandesa o que Deos tinha feito Portugueza á custa de tanto sangue dos mais esforçados deste Reyno. Mas adoeceo no anno de seis cẽtos, quando se sentio abalada das armas inimigas, quando lhe entrou o frio das herefias, quãdo lhe começáraõ as febres dos assaltos, quando se vio paralitica, & mortal nas perdas que temia, entãõ adoeceo, quarenta annos antes da resurreição de seu legitimo Senhor, quarenta annos (digo) antes da aclamação de V. Magestade.

Joan. 5.
n. 5.

Daniel
4. n. 20.

28 Trinta & oito annos de doente tinha este enfermo do Evangelho: *Triginta & octo annos habens in infirmitate sua.* Cõpadeceose delle o Senhor, & dissellhe: *Vis sanus fieri?* Enfermo quereis faude? Não respondeo o enfermo directamente á pergunta, mas á causa de sua doença; & que disse? *Hominem nõ habeo*: Senhor, faltame hum homem, dando com isto a entender, que tinha saudades de hum homem, do qual dependia todo o

Joan. 5.
n. 6.

Ffff

remc-

remedio de seu mal. Tal se me representa a India no anno de 38. enferma de trinta, & oito annos: *Triginta & octo annos habens in infirmitate sua*, fraca, sem forças, sem dinheiro, com os commercios quebrados, as Alfandegas pobres, sem Exercitos, sem Armadas, sem armas, & sem homẽs, cercada de muytos inimigos, sentida das muytas perdas, receosa de outras, com a candeia na maõ agonizando, perto de acabar lastimosamente a vida. India que tendes? Quereis saude? *Vis sanus fieri?* Responde a India com hũ lastimoso ay, com hũ suspiro sahido da alma, lamentando com lagrimas mortaes, que como de fonte lhe saem dos olhos: *Hominem non habeo*: Ay, que a causa de meu mal he a falta de hum homem, de quem depende todo o meu remedio. Faltame o Homem que desejo, o Salvador que espero, o Rey Portuguez, por quem choro, & suspiro; que se o tivera, naõ acabára taõ lastimosamente a vida: *Hominem*

August. o tivera, naõ acabára taõ lastimosamente a vida: *Hominem*
tract. 17. *non habeo*.

iu Joan.

29

Entra S. Agostinho com a delicadeza de seu engenho:

tom. 9.

Nota, q̃
a aclama-
ção d'el-

Rey D.

Joaõ VI.

de Por-

tugal foi

no anno

de 40.

em o

qual es-

perava a

India, &

toda a

Monar-

chia d'

Portugal

o Rey

prometido.

Porque o anno de trinta & oito neste enfermo era anno de achaques, & doencas? *Quare numerus ille trigesimus & octavus languoris sit potius, quam sanitatis?* Porque era anno de falta de hum homem? *Hominem non habeo*. E responde com hũas palavras, que tendoas escritas ha mais de mil annos, parece que as escrevera nesta era à vista do sentimento saudoso da India. Diz que o anno de trinta, & oito era anno de achaques, & doencas, anno em que faltava hum homem desejado: *Hominem non habeo*; porque lhe faltavaõ dous para quarenta: *Quid miraris, quia languebat, qui à quadraginta duo minus habebat?* Boa nova India, boa nova, estai de bom animo. Naõ vos affija o miseravel estado em que vos vedes, porque inda que vos pareça que morreis, naõ estais taõ mal, que naõ possais durar dous annos mais. Tendes trinta, & oito annos de doente: *Triginta & octo annos habens in infirmitate tua*: Faltavos dous para quarenta: Como estes se cumprirem, tereis o Homem que desejais, o Salvador devido às vossas esperanças, o felice Rey Portuguez, por quem ha tantos annos que suspirais: *Quid miraris, quia languebat,*

guebat, qui à quadraginta duo minus habebat.

30 Oh anno ditofo, ó felice anno, em que chegou á India do Ocidente o Sol em tempo q̃ a luz de feus mayores replandorés se hia pondo no Oriente. Alegraivos India, alegrai-vos. Não he já tempo de chorar perdas paffadas, mas de festejar as novas presentes, & a expectação das glorias futuras, com firme poífie do q̃ tantos annos efperafteis. Deixai o luto, que ha feflenta annos que veftis, enxugai as lagrimas de voffos olhos; porque já agora não fois viuva fem efpofo, Rainha fem Rey, Emperatriz, & Monarcha fem Mageftade. Já voltou a primavera de voffas felicidades, o tempo de voffas venturas, o nuncio da paz, femelhante à que deu Chriſto à S. Thome: *Pax vobis*. Pararaõ com taõ alegres novas as armas em Ceilaõ, os apertos de Columbo, o cerco de Goa, as Armadas inimigas no Norte, & no Sul, para que navegueis Senhora como d'antes voffos mares. Mandarvoshaõ alegres embaxadas os mais arrogantes Reys, & Monarchas dos Mouros, & Gentios, temendo já, como no tempo antigo, as chagas immortaes de voffos Eftãdartes. Esta he, ó India, a era, em que refurgirão com voffo Rey Portuguez, & Monarcha taõ defejado, os Hercules Portuguezes, que perdeſtes.

Joan. 20.
n. 27.

31 Tornarãõ aquelles tempos, quando voffos Arrayaes, & Armadas aflombravaõ o Indo, efpantavaõ o Gange, atemorifavaõ o Mar roxo, temendoſe dellas o Rey de Quiloá na coſta de Africa, o Turco em Meca, o Imãmo na Arabia, o Xabàs na Perſia, o Graõ Mogol no Sinde, & em Surrate, o Sol-tão Badúr em Dio, em Damaõ o Choutiá, o Melique em Chaúl, o Idalxá em Goa, em Onór o Canarà, o Adarajau cõ todo o Malabár em Cananór, em Granganór o Samorim, em Cochim o Naire, em Coulaõ o Rey de Travancór, em Columbo o Cingalá, o Naique de Maduré em Totucorim, o de Tanjaor em Negapataõ, em Meliapór o Biſnagá, o Rey de Gologondá em Gergelim, em Golim o de Bengala, o Graõ Pegú em Seriaõ, o trêdo Achem, & o arrogante Malayo na forte, & geral cidade de Malâca, os Reys de Amboino, &

Fiff 2

Malucas

Malucas nas Fortalezas de Ternate, & de Tidore, & os grandes Imperios da China, & Japão na Ilha, & Fortaleza de Macão. Tornaráo, o India, estes tempos felices, & esta era dourada.

32 Com estas novas, & com estas esperanças de tornar à ser o que já foy, se alegrou a India. Com esta voz de ser apparecido seu desejado Rey: *Vidimus Dominum*, apagáraõse as primeiras faudades, crecêraõ as segundas das chagas immortaes: *Nisi videro in manibus ejus fixuram clavorum*, desejosa de as ver em seus estandartes realçadas na Resurreiçaõ de seu legitimo Senhor, como as vio eclypsadas na morte de seu ultimo Rey Portuguez. Chama o Real Profeta em espirito à morte de Christo sono, com hũas misteriosas palavras, que por vezes ouvi repetir na India aos nossos Portuguezes, desde o tempo que lá cheguei no anno de 40. demonstradoras das grandes faudades que tinha, de o ver refucitado com chagas gloriosas em socorro, & ajuda de seu Povo: *Exurge, quare abdormis Domine? exurge, & ne repellas in finem. Oblivisceris inopia nostra, & tribulationis nostra?* Senhor levantaivos, para que dormis? Levantaivos, & não desprezeis nossas rogativas. Esqueccisvos de nós em tempo de necessidades, & apertos? Cuidei por vezes nestas palavras, admirado de fallarem de huma morte chamada sono: *Quare abdormis?* De huma Resurreiçaõ chamada levantamento: *Exurge*: De hũas faudades acrescentadas nos apertos: *Oblivisceris inopia nostra, & tribulationis nostra?* De hũas palavras ditas por hũ Profeta, & repetidas em semelhante sentido pelos Portuguezes da India, os quaes me perguntavaõ, quando lá cheguei: Se o Serenissimo Duque de Bragança ainda dormia, & se havia algũa esperança de q̃ acordasse, para remir a India avexada, & cõsumida cõ guerras, & perdas: *Exurge, quare abdormis Domine?* E pasma o entendimento de ver a semelhança, q̃ revê hũa cousa com a outra, o sono de Christo cõ o sono dos Serenissimos Duques, as faudades do Profeta com as faudades dos Portuguezes, os apertos de Israel cõ os apertos da India, & a causa q̃ tiveraõ, para dormirẽ Christo, & os Duques.

33 A causa, que Christo teve para dormir, foy o poder de Cesar, & o medo dos Hebreos. Semelhante foy a que teve, para dormir o Serenissimo Duque Dom João o I. o poder do filho de Cesar, & o medo dos Portuguezes. Era Christo legitimo Rey de Judea, & às claras o dizia: era o Duque Dom João o I. legitimo Rey de Portugal, & o direito era claro em seu favor. Possuia o Reyno de Judea Cesar Augusto cõ receyos de o perder: Pretendia o Reyno de Portugal o filho de Cesar D. Phelipe o Prudente, filho do Emperador Carlos V. com a deliberação de o sujeitar. Lá temião os Hebreos o poder dos Romanos, se aclamassem á Christo por seu Rey: *Venient Romani, & tollent nostrum locum, & gentem*: Cã temião os Portuguezes o poder dos Castelhanos, se aclamassem ao Duque. Por medo dos exercitos Romanos se deliberáraõ es Hebreos de aclamar à Cesar: *Non habemus Regem, nisi Cæsarem*. Por medo dos exercitos Castelhanos deliberáraõ os Portuguezes de aclamar ao Cesar Castelhana, a el Rey Dom Phelipe, & todos para se cõservarem com paz, procuráraõ de extinguir em seus legitimos Senhores o titulo de Rey, pondo em esquecimento seu direito: Os Hebreos crucificando à Christo quanto ao corpo, trocandolhe o verdadeiro ceptro pelo de zombaria, es Portuguezes crucificando ao Duque quanto a alma, privandeo injustamente de seu Reyno. Porém o mais à q̃ chegãrãõ foy obri galos à dormir: *Ego dormivi, & soporatus sum*, diz em pessoa de Christo, fallando de sua morte & sepultura, o Profeta Rey. E quãto dormiraõ? Tres dias misteriosos. Tres dias dormio Christo, q̃ à David, vêdoos em espirito, parecêrãõ muytos annos, pelas faudades, & desejos q̃ tinha de o ver resuscitado cõ chagas gloriosas em ajuda, & socorro de seu Povo. Nẽ foraõ de todo perfectos; porq̃ no primeiro dia dormio na declinação, quãdo o dia acabava, & naõ no principio, desde festa feira à tarde, em q̃ morreo, até meya noite cõtate por hũ dia. Ofegũdo o dormio rodo, desde meya noite da festa feira, até meya noite do sabbado. E o terceiro dormio no principio do dia, & naõ no fim, desde meya noite do sabbado até o Domingo pela manhã, em

Joan. 11.
n. 48.

Jean. 19.
n. 15.

que refurgio. Via David em espirito à Christo, que dormia, & Israel oprimido, esperando as luzes da redenção, & as chagas gloriosas de sua liberdade; & parecendolhe tres dias de sono muyto tempo, com lagrimas, com suspiros, & com saudades brada: *Exurge, quare obdormis Domine? exurge, & ne repellas in finem. Oblivisceris inopia nostra, & tribulationis nostra?* Ah Senhor! depois de tres dias de sono ainda dormis? Levantai-vos, levantai-vos, não enjeiteis nossos rogos. Esquecei-vos de nós em tempos de necessidades, & apertos?

34 De forte que tres dias dormio Christo, que ao Real Profeta pareciaõ muytos annos: E tres dias dormiraõ os Serenissimos Duques, tres dias mysteriosos semelhantes à Christo, que á India saudosa, & avexada parecêraõ largos tēpos. Quero dizer: Dormiraõ sómente tres Duques, os quaes representaraõ os tres dias do sono de Christo; porq̃ a vida de hũ homem (diz o Doutor allegorico) na sagrada Escritura conta-se às vezes por hum dia: *Dies interdum sumitur pro toto tempore vite presentis: & tota dies est totum tempus hujus vite.* Assy que a vida de tres Duques, que dormiraõ, conta-se por tres dias. Nem foraõ todos perfeitos, mas semelhantes aos tres dias do sono de Christo. O Serenissimo Duque Dom Joaõ o I. Avó de V. Magestade dormio no fim do dia, & não no principio, assy como Christo na festa feira; porque lhe pertencia o Reyno na declinação da vida, Varaõ perfeito de muytos annos; mas dormio, não o possuio. O Serenissimo Duque Dom Theodosio Pay de V. Magestade, durmio todo o dia, assy como Christo no sabbado; porque desde seu nascimento até sua morte foy sempre o Reyno seu; mas sempre dormio, nunca o possuio. E V. Magestade dormio no principio do dia, & não no fim, assy como Christo no Domingo; porque desde seu Real nascimento no anno de 1604. até que refurgio no de 1640. na sua feliz, & gloriosa aclamação, lhe pertencia o Reyno, mas dormio, não o possuio: *Ego dormivi, & soporatus sum.* A India q̃ nestes tres dias de sono dos tres Duques via as chagas de seus estandartes escurecidas, & mortaes nos apertos da guerra, & perdas lasti-

Lauret.
in sylva
allegor.
verbo
Dies.

lastimofas, defejofa de as ver realçadas na gloriofa refurrei-
 ção, que esperava de V. Mageftade,& da redenção que ainda
 esperava, bradava, & fufpirava com David, com prantos, la-
 grimas, & faudades: *Exurge, quare abdormis Domine? exurge,
 & ne repellas in finem. Oblivifceris inopia noſtra, & tribulationis
 noſtrae?* Ah Senhor! ſerá poſſivel eſquecerſe V. Mag. de nós em
 tẽpo de tâtas neceſſidades, & apertos? *Exurge:* Levanteſe; porq̃
 não he já tempo de dormir. *Exurge,* para nos acudir, & ſocor-
 rer, fazendo apparecer em noſſos eſtandartes as cinco chagas de
 noſſo divino Redemptor com luzes de gloriofa redenção, &
 com reſplandores de reſgate.

35 *Exurge:* Senhor levanteſe, para reparar as muytas
 Chriſtandades que perdemos em Bengala, Ethiopia, & Japão,
 & em outras muytas Terras, & Cidades, que nos tomaraõ os
 inimigos da Fé, fazendo das Igrejas Meſquitas, & Pagódes, &
 pulpitos de hereſias, deſtruindo os Altares, profanando os
 Calices ſagrados, piſando as Imagẽs divinas, & convertendo
 os retabulos dos Sanctos, & as Cruzes em lenha para o fogo.

36 *Exurge:* Senhor levanteſe, para remir noſſas Fortale-
 zas, Ilhas, & Emporeos ganhadas à cuſta de tanto ſangue Por-
 tuguez. Pois perdeoſe Ormuz, Ilha tão rica, Fortaleza tão fa-
 moſa, Reyno duas vezes conquiſtado, & eſcala de toda a In-
 dia, aonde hia á parar o mais rico do ouro, o mais fino da pra-
 ta, o mais precioſo das perolas, & pedraria, o mais viſtoſo da
 ſeda, o melhor da roupa, o precioſo do cravo, a nõz, a maſſa,
 o mais cheiroſo do Sul, & as mayores riquezas do Oriente, cõ
 que enriqueciaõ não ſó os noſſos Reynos de Europa, mas Ara-
 bia a Feliz, & a Deſerta, a Perſia, Armenia, & Turquia, & quaſi
 toda Aſia até Conſtantinopla.

37 *Exurge:* Senhor levanteſe, porque nos tem tomado os
 Belguiſtas Herejes as Ilhas de Amboino, & Malucas, Ilhas tão
 viçoſas, Terras tão ricas, que nos enriqueciaõ com o cravo,
 que ſó nellas há, donde tiraõ infinito lucro, para nos fazerem
 mayor guerra.

38 *Exurge:* Senhor levanteſe, porque ſe dormir o dia todo
 inteiro,

inteiro, corre risco de se perder de todo Ceilaõ, Ilha muy grãde de trezentas legoas de circuito, chamada por fermosa a perolla do Sul, taõ rica, que tem os matos de canella, os montes, & as ferras de cristal, & pedraria, os rios, & os mares minas de perolas, & aljofar, na qual temos perdido muytas Fortalezas, Batecaló, Trichlimalè, Beligaõ, Maturè, Galle, Calaturé, & Negũmbo, & corre risco de se perder Columbo cidade principal, & unica Fortaleza que là temos.

Perdeose
Malaca
no anno
de 1641.
antesque
chegasse
á India as
novas da
felice ac-
clamação
de S. Ma-
gestade.

39 *Exurge*: Senhor levante-se, porque se naõ resurgir cõ tempo, perder-se-ha Malaca, que se acha sem soldados, sem Armada, & sem armas, com pouco mantimento, sitiada de inimigos. Malaca chave do Sul, fronteira da India, Fortaleza que faz temer, & tremer todo o Oriente, aonde se perdem os mais esforçados combatentes. Já a cercaõ os Herejes, já lhe batem as muralhas, já a apertaõ com fome, já a entraõ à escala, já a rendem, já a sojeitaõ, já a senhoreaõ. Ay Malaca! Naõ fallemos nella, porque me quebra o coração de sentimẽto de a ver perdida à falta de Capitaes, & soldados. Prosigamos as faudades da India.

Luc. 24.
n. 21.

40 Grandes eraõ as que tinhaõ das chagas gloriosas de seu divino Rey, & Redẽptor, os dous Discipulos de Emmaüs. Tantas, que tendo-o presente diante de seus olhos, fallando, & praticando com elle, por naõ enxergarem em seu sãgrado corpo as cinco chagas da redẽção, o naõ conheciã pelo Redẽptor que esperavã, mas descontentes, & desconfiados. desesperavã já de ver à Israel remido, por serem passados tres dias de pois de sua morte: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redẽpturus Israel: & nunc super hac omnia, tertia dies est hodie, quod hac facta sunt.* Hia-se já pondo o Sol, figura de quem de todo desconfia, & perde as esperanças. Neste tempo offerecem á Christo hum pão. Aceitao o Senhor, & parteo; & em o accitando, & partindo, logo o conhecem, logo manifesta as chagas immortaes da redenção, logo se dà à conhecer por Redemptor: *Et aperti sunt oculi eorum, & cognoverunt eum.* Vallhame Deos, por hum pão; que estes Discipulos offerecem à Christo,

Christo, descobre o Senhor as chagas da redempção, & não cõ as faudades, que mostravão ter dellas ! Porque ? Para se manifestar hum Rey encuberto redemptor como Christo, naõ bastaõ faudades, mas se requerem obras, & offertas de pão. Este pão significava dous Reynos de Christo, o da gloria: *Beatus qui manducabit panem in regno Dei*, & o Sanctissimo Sacramento, de quem diz S. Paulino, & Ghislerio, que he o Reyno, de que Christo he Rey. *Christus idem* (diz S. Paulino) *& panis, & regnum est, quo nos saginamur*. E Ghislerio explicando as palavras dos Cantares: *Egredimini, & videte filie Sion Regē Salomonem, &c.* diz: *In Eucharistia Sacramento, in eadem carne, quam ex Maria suscepit, Christus ipse, & Rex dicitur, & Salomon appellatur*. E offerecendose à hũ Rey encuberto, & redemptor dous Reynos, ainda que debuxados em hum pão, ainda que em figura, & representação, he força que se descubra, & manifeste, mostrando mãos furadas, & peitos rasgados de redemptor, & chagas da redempção.

Luc. 14.
n. 15.
Paulin.
epist. 9.

Ghisl. in
Cant.
c. 3. v. 11.
expos. 2.
§. idcirco.

41 Fomos pois nós, Senhor, os dous discipulos de Emaúz, os Portuguezes de Lisboa, & os Portuguezes de Goa, os deste Reyno, & os da India. Todos tinhamos faudades das chagas da redempção. Os deste Reyno desejavão ser remidos dos Castelhannos, os da India dos Olandezes, & huns, & outros desconfiavamos já della ; porque : *Tertia dies est hodie, quod hac facta sunt*. Cada hum dizia : Ha tres dias, que passamos a Castella, ha tres Duques. O Redemptor, que esperamos, naõ vem, naõ apparece. Naõ veyo em tempo do primeiro Duque, naõ veyo no segundo, nem apparece neste terceiro. O Sol se vay pondo, o tempo de vir vay passando, naõ ha mais que esperar. E o Redemptor estava connosco, connosco andava, connosco praticava, mas encuberto. Via nossas faudades, & calava, naõ se descobria. Pois quando se descobrio? Quando vimos luzir em nossos estandartes as cinco Chagas de nossa repemção cõ resplandores de liberdade? Quando? Quando lhe offerecemos hum pão de dous Reynos, Portugal, & o Algarve, quando lhe dissemos: Tomai Senhor este pão, que ves damos, porque he

Gggg

voffo

vosso, então logo que o aceitou, & tomou posse d'elle, logo que o repartio por seus vassallos com cargos, & mercês, logo o conhecemos por nosso Redemptor, & vimos as cinco Chagas da nossa redempção gloriosas com armadas no mar, & cõ exercitos na terra, com fortes, & fortalezas nas fronteiras, & com victorias nos assaltos, & acometimentos, não ficando forte, ou praça em poder do inimigo Castelhana.

42 Ah Senhor! Ah Senhor! O pão da India não he tão pequeno, não he só de dous Reynos, mas de duas Indias; porque a que chamamos India, comprehende duas Indias: *India intra Gangem, & India extra Gangem*. Todos os annos offerecem à V. Mag. este pão os moradores de Goa cõ grandes saudades de ver as Chagas gloriosas da redempção que esperão: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel*. Não dizem, que querem ver seu redemptor, porque não podẽ merecer tão grande bem, de ver á V. Magestade; mas com o glorioso S. Thome desejaõ sómente de ver as cinco Chagas da redempção, porém gloriosas com arrayaes, & Armadas, para crerem, que haõ de ser remidos dos inimigos Olandezes, assy como foy remido Portugal dos Castelhanos: *Nisi videro, non credam*. Pois Senhor, se para hum pão de dous Reynos obrou V. Magestade tão grande redempção em Portugal, para hum pão tanto mayor como de duas Indias, porque não obrará o mesmo.

43 O que pão he este de que Vv. Magestades saõ Senhores por conquista, navegação, & commercio, para se disporem a comelo todo, resgatando o grão pedaço, que injustamente nos comem os Herejes. O que pão, que bello, que rico, que gostoso! Desejaõ de o saber? Do cabo de Boa esperança para dentro, dobrãdo o promontorio, passando a Linha Equinocial atè o Tropico Capricorneo, & parando na primeira balisa do Mar roxo, se gosta da testa deste pão, Sofála, Cuàma, Monomotapa, Sena, Moçambique, Quiloà, Mombaça, Melinde, Madagixó, Prestejoão, com tantas Ilhas, fortalezas, & riquezas de ouro finissimo de Maticães, & do que chamão Botóngue, grande

grande caridade de ambar gris, immensa de marfim, & finissimo pao preto, com a grande migalha Ilha de S. Lourenço, administrada para Vv. Magestades por muytos Reys tributarios.

44 Na segunda balisa do afamado estreito de Méca, & Ormuz se gosta do bom bocado da Arabia Feliz, & da fatia da Persia arrogante com ricas alcatifas de seda, & ouro, que admirão, & tantas Ilhas, & fortalezas desde o cabo de Rosalgate, passando por Mascate, caminho de duzentas & cincoenta legoas de estreito até Baçorá, aonde vem prostrar-se aos pés de Vv. Magestades com tributo do Paraíso terreal os rios Tigris, & Euphrates.

45 Na terceira balisa, se gosta o bocado, posto que mais pequeno, mais gostoso, que custou muyto sangue em seus celebrados cercos, a fortaleza, digo, de Dio, com o vistoso de varias obras, & brincos de candido marfim marchetados, & com o meolo proveitoso de finissimas roupas, & colchas de Cambaia.

46 Na quarta balisa, na grandiosa mesa de Goa, aonde leva para Vv. Magestades seus mais sabrosos bocados de todas as partes do Oriente o Norte, & o Sul, se gosta o bocado mayor da costa da India, corredo de Damão na encada de Cambaia até o cabo de Camorim duzētas, & cincoenta legoas de costa, com tantas terras, fortalezas, & cidades, abundantes de mantimentos (se bem passaõ a nós por mãos alheas de Mouros, & Gentios, que he a foga, que na India toda nos tem o inimigo na garganta) relatarei sómente as principaes. Pela parte do Norte Damão, Trapór, Baçaim, Tanà, Caranjá, Bombaim, Bandorá, Chaúl, com o tributo da Galiána dos Dacanys, districto de Gorobandél, & terras dos Cassabès. E pela parte do Sul, Honór, Brarçolór, Mangalór, Cananór, Cranganór, Cochim, Coulaõ, com as drógas da Rainha da Pigmenta, & infinitas migalhas Ilhas Maldivas, cuja riqueza de moeda Quau-ry, lavrada pela natureza, & preservantes cocos, & coquinhos, immenso Cairo necessario às Armadas de Vv. Magestades em rezão de cordoalha, não he menos grande, que util.

47 Na quinta balisa, principio da metade deste saboroso paõ, nos fica a vistosa migalha perola da India Ilha Ceilaõ, cõ as migalhas mais pequenas a Ilha de Manár, & Reyno de Jafanapatão, de que Vv. Magestades são Senhores, *jure belli, & hereditario*, cõ tantas riquezas, que admirão, de canella, marfim, cristal, ouro, prata, & pedraria, com muyto coral preto, perolas, & aljofar, jacintos, tobás, safiras, & matistas, & a de muyta estima, que chamão olhos de gato.

48 Nesta balisa fica a costa de Charamandél, cuja variedade de roupas finas, & grossas, brancas, & pintadas se poderá relatar por curiosidade, senão por grandeza, com as admiraveis riquezas, que lanção de sy na rica, & fertilissima enxada de Bengala a grão cidade de Meliapòr, & Reynos de Bisnagá, Golocondà, Gergelim, Bengala, arubinado Pegú, & abengalado Tanassery.

49 A vista nos ficão as migalhas de Nicobar refugio dos mariantes, que por seus arriscados canaes navegaõ, suspirando pelo quarto deste sovado, & cheiroso paõ, Malaca, digo, o melhor do Sul, partido em varios, & riquissimos bocados, & migalhas de Reynos, Imperios, & Ilhas grandiosas, desde o Reyno de Pèra até Japaõ, em que ha muyto que ver, que cheirar, que gostar, que palpar, & muyto que mandar effectuar no espirital, & temporal. Gostaõ Vv. Magestades de ouvir?

50 Heis-me posto no alto pico da migalha Ilha Pulobotum, descobrindo este quarto de paõ sovado, & cheiroso, começando pelo tributario Rey do Reyno de Pèra, regado de rios de calaim, metal cor de prata, de que se faz moeda: o antigo combatente de Quedà com suas migalhas, Ilhas, digo, sem conto de pigmenta: a afamada Malaca com o Rey Malaio cõtra ella rebelado, mas com causa (vejaõ là os que governaõ) em Johór, Pahàm, & na migalha de Bintão: a magestosa Rainha de Patane: o Babilonico Siaõ, em riquezas, & ritos gentlicos, affecto à nossa sancta Fé, porèm com falta de obreiros, Camboja, Cochincina, & o Graõ China com sua grande, & immensa copia de açucar, seda, almiscar, tutunaga, ouro, aljofar,

far, perolas, rubis, & finíffimos diamantes.

§ 1 E voltando para traz, recolhendo deſte quarto de paõ tão bello, & tão cheiroſo as migalhas, que me cahirão deriquiſſimas, & grandioſas Ilhas, nos fica muyto que ver na grandioſiſſima do Grão Samáttra, o ſempre traidor à Malaca Rey Achém, & o ſempre leal nos móres apertos o Rey de Arracáõ, o mercantil Manancábo, o prefunçoſo Palembáõ, o orgulhoſo Anderguir, que todos com outros a cercão, & povoão, gozando do ouro em pó, & producido em cachos, mais fino que o de Sofala, & Sofyr, com grande copia de odoríferos paos de calambúco, aguila, & caſturi, por outro nome, paõ almifcar, & mais aboninado beijoim, a melhor tartaruga, mais eſpelhada por natureza, as refinadas bazares, & porco eſpim, minas de tambàca ſuaça, a mais perfeita algallia, & grande copia da melhor pigmenta, que antigamente enjeitavamos de graça, & hoje abarca, & traz para eſtas partes com grandíſſimos proveitos o Belguiſta Hereje, que Deos converta, & Vv. Mageſtades enfreem, & dominem com ſeu poder: Na grão migalha Jáva mayor o decantado por Camoës valente Jão, rico de mantimento, aonde não terão os Belguiſtas ſua Veneza, ſe V. Mageſtade ſe unir com eſte Rey ſeu capital inimigo com ſuas Armadas, como eſtã pedindo deſde o tempo que governava na India o Viſo-Rey Conde de Linhares, para o que ſe obriga a ſahir em campo com cem mil Jãos Philitheos no corpo, & valor: Na mayor, & mais redonda migalha Ilha Bornèõ os muytos Reys, com riquiſſimos diamantes de roca velha, finas pedras bazares, & tracendente canfora: Na Jáva menor o ſempre leal, & amigo Sumbanco, poderoſo de gente, mantimento, & dinheiro, alma da guerra: Nas notaveis migalhas Ilhas Malúcas, Amboino, Bãnda, Solór, Endè, Seirão, Balle, Thimór, com ſeu odorífero cravo, nóz, maſſa, ſandalo branco, novas minas de ouro, & grãde ſítio na de Thimór, para fundar nella hũa nova Malaca, ſem temor das aves de rapina, que ſaheem dos canaes, & portos Olandeſes: E finalmente no mais remoto do Oriente as ultimas migalhas Ilhas Japão, com grandes

minas, & copia de prata, para enriquecer os homens de bẽs temporaes; & de catanas, languinatas, & faquijazes, para povoar de Martyres o Ceo.

52 Este he, Senhor, o paõ de duas Indias, que offerecem á V. Magestade todos os annos os Portuguezes de Goa, tão bello, tão saboroso, & tão rico, que com não comerem dellẽ os Olandezes mais que hum pedaço, que nos tirárão com as armas injustamente, cõ elle sostentão todos os annos tão grande numero de Naos, & Galioens, que sempre passãõ de cento, & chegarão muytas vezes a cento & quarenta para sima, além de muytas fortalezas, feitorias, & presidios, sobejãdolhes ainda muyta riqueza, que levão à Olanda. Oh que gloriosa, & heroica empresa fora, tirarlhe das entranhas com golpes de espada, & pelouros, o que comérão atègora. Estas sãõ as faudades da India, esta a redempção que espera, estes os desejos.

Axioma. 53 Bem vejo correr mayor obrigação de acudir à cabeça; porque: *Si caput dolet, omnia membra læquent*: Se a cabeça deste grão Gigante da Monarchia Lusitana adoecer, padecerão todos os membros. Cabeça he Portugal, à que primeiro se deve acudir. Tẽ o corpo no Algarve, os pès nas conquistas de Africa, os braços no Brasil, & Angola; mas não se póde negar, que o coração, parte mais mimosa, de quem depende a vida de toda a Monarchia, he a India, por cuja rezão pede o lado de seu Senhor: *Et mittam manum meam in latus ejus*, que sãõ as terceiras faudades.

Mar. 16. 54 Duas cousas fez Christo nosso bem depois de resurgir. Huma mandar hũa embaixada à Pedro, & á todo o Collegio Apostolico de sua resurreição gloriosa: *Dicite discipulis ejus, & Petro, &c.* Outra acudir á Thome perdido, primeiro com o aviso de que resurgira: *Vidimus Dominum*, & logo com lhe mostrar as Chagas gloriosas de suas sagradas mãos: *Vide manus meas*. Nem aqui parou Christo pelo desejo grande que tinha de ganhar á Thome, mas o admitio em seu amoroso lado: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum*. A Thome tantos favores, & á Pedro sómente hũa embaixada? Sy. Porque? Para

Para nôsso exemplo. Na gloriosa resurreição de hũ Rey, como foy a de V. Magestade, para com S. Pedro, para com o Papa, para com a sancta Sè Apostolica, basta humba embaixada, como fez. Queira Deos, que em breve a aceite, & receba, para bem deste Reyno, como recebeo S. Pedro á de Christo para bem de todo o Mundo. Mas para com Thome, para com a India, não bastão, Senhor, Caravellas de aviso. He necessario mostrarlhe as chagas da redempção nos estãdartes, gloriosas de Arrayaes, & Armadas. E nem ainda isto basta. Convem, para se não perder, admitila à seu lado, tela no coração com favores, & mais favores, com mimos, & mais mimos, rasgando o peito ao amor, porque se acha em estado tão miseravel, que para se não perder de todo, será necessario acodirlhe com grande socorro, grandiosas mercès, & com muyta brevidade.

55 O que me admira no Evangelho he resurgir Christo com chagas. Em hũ corpo glorioso chagas de ignominia! em hum Rey refucitado chagas de morto! Porque? As Chagas de Christo são as portas da nossa liberdade. Ordenou Deos, que se abrissem no Calvario, para dar liberdade ao Mundo cativo de Lucifer. E portas de liberdade, que hũa vez se abrião, nunca mais se devẽ fechar. Estiverão abertas na morte de Christo, estejão abertas na resurreição, & conservemse gloriosas por toda a eternidade.

56 Duas vezes abriu Christo à S. Thome as portas da liberdade, humã quando o remio, outra quando lhe acudio, para que se não perdesse na cegueira de sua infidelidade: *Vide manus meas, affer manum tuam, & mitte in latus meum: Que* Joan. 20, n. 27.
se lhe acudira, fechandolhe as portas da liberdade, acabá-rao de perder. Senhor, direi o que entendo, como homem que vem da India neste anno, em que se começou tirar esta pequena liberdade de canella aos mariantes, com q̃ se sustenta toda a India. Ordenará V. Magestade o que for de seu mayor Real serviço. Se houver liberdades nas viagens da India, terão seus Vassallos com que o servir, mas cõ esta porta fechada, como se fez neste anno, nem com que o servir terão, nem ainda com que

que se sustentar, & a Casa da India, & Alfandegas de V. Magestade teraõ menor proveito; porque a canella será cada anno menos, como se vio nestas Naos. Os commercios na India, huns estaõ de todo acabados, & outros para se acabarem, & tão atenuados, que se não tira delles lucro de consideração. Não tem hoje os Vassallos de V. Magestade na India outra cousa mais, que hũ pouco de ouro, que lhes vem de Moçambique, que he muyto pouco, & a pequena liberdade de canella cõ que respiraõ, bem limitada, por possuirem a mayor, & melhor parte della os Olandezes. Com esta se alentaõ atè Deos os melhorar. Por falta della os marinheiros vieraõ tão pobres, que me lastimou ver na Capitania S. Lourenço, em que vim, faltar á quasi todos geralmente a matalotajem atè o biscoito, de que resultou adoccerem todos, & acabarem muytos a vida; porq̃ posto que se lhe acudisse com charidade, não podia ser com tanta largueza, quanta pedia a necessidade, porque ninguem tinha de sobejo. Houve homem, que escassamente levaria para sua casa mil réis de interesse, por dever já o que recebêra na Casa da India, pelo muyto que se endividaraõ, para se remediar na viagem, havendo servido à V. Magestade em hũa navegação de dez mil legoas de már para cima de ida, & volta, passando a Linha Equinocial quatro vezes, & oito, ou sete ao menos os Tropicos Artico, & Antartico, lutando com os ventos, & cõ os mares, expostos ao Sol, & à chuva, sojeitos a outras muytas misérias, em particular ao pestilencial mal de Loanda, tão contagioso, & pegadiço aos que na viagem tem mal, & pouco que comer.

57 Não se conservaõ os Estados com rasgarem os Reys as capas dos Vassallos, mas antes assy se perdem. Conservaõse quando para lhas deixarem inteiras, rasgão os Reys a propria. Vemolo em Christo, & Thomè. A capa de Christo, diz o veneravel Drogo, he sua propria carne: *Pallium tuum est caro tua*: & para o Senhor ganhar à Thomè, para não perder o que tanto desejava que fosse sempre seu, a rasgou duas vezes; na morte, & na resurreição, na morte fazendoa pedaços para o remir,

Drogo
de Sa-
cram. Do
min. Pas-
sion.

rom-

rompendôa em muytas partes com chagas, & feridas que soffeo, & na Resurreiçãõ quando lhe disse: *Affer manum tuam*, Joan. 20. & *mitte in latus meum*. Este he o modo de ganhar a India, este he o meyo de a restaurar.

58 Rematou Christo com Thome: *Noli esse incredulus, sed fidelis*. Naõ sejais Thome incredulo, mas fiel. A isto se ordenarão tantos favores, tantas portas abertas à liberdade, as chagas gloriosas que lhe mostrou, as mãos furadas á liberalidade, o peito rasgado ao amor, o admitilo à seu lado: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum*, foy para que tivesse fé: *Noli esse incredulus, sed fidelis*. Quizera agora começar a pregar, para gastar neste ponto toda a hora. Mas não quero passar do limite ordinario com demasia, sem embargo de me advertirem, ser este Sermão de S. Thome privilegiado no tempo, á arbitrio dos Prêgadores.

59 O fim, Senhor, que tiverão os Reis de Portugal Avós de V. Magestade no descobrimento, & conquista da India, as muytas mercês que lhe fizeraõ, os grandes privilegios que lhe alcançaraõ dos Summos Pontifices Romanos, todos se ordenaraõ à que tivesse fé: *Noli esse incredulus, sed fidelis*. Em quanto a fé foy em augmento, a India foy India, floreceo com arayaes, com Armadas, com vitorias, com riquezas, & com tudo o mais que podiamos desejar. Descuidouse deste augmento, naõ se tratou d'elle como o fervor, & zelo dos antigos Portuguezes, foy logo em declinação, até chegar ao lastimoso estado que choramos.

60 Antigamente erão muytas as Christandades que se fazião: Hoje são muytas as que se perdem. A causa he sabida, & pouco remediada. Antes enchiãose as Igrejas de convertidos à Fé, hoje os papeis.

61 Antigamente se deixavão os contratos pelas converções: hoje deixãose as converções pelos contratos.

62 Antigamente erão tantos os mimos, & favores que se fazião aos convertidos à nossa sancta Fé Catholica, que sollicitava os animos dos que se naõ convertião: Hoje he tanto

Hhhh

pelo

pelo contrario, que os convertidos se prevertem. Chegamos à tal estado, que mais authoriza à hum Christão vestir touca, & cabaya, como os Gentios, como muytos trazem por essa causa, que vestindo ao trajo de Christãos.

63 Antigamente se tratava da converção dos Infieis com tão grande charidade, & amor, que à todo ministro do Evangelho chamavaõ pay: Hoje em muytas Terras, & Cidades de Vv. Magestades se faz por vezes cõ tanto rigor, que mais parecem ministros de justiça; pois entraõ pelas casas dos Gentios com violencia, & estrondo, para prenderẽ seus filhos orfaõs, á quem levãõ à força com muytas lagrimas, & gritos delles, & de seus parentes à casa dos Cathecumenos, para os instruirem na Fé, podendo se haver o mesmo intento por outro melhor modo, sem violencia, & sem lastimas, como algũs fazem, de que nace retrocederem muytos depois de bautizados, & fugirem para a Gentilidade, & Mourama, aonde seguem, & guardãõ a falsa ley de seus pays.

64 Antigamente fazia se com os Christãos, para se conservarem na Fè o que fez Christo com S. Thome: Mostravaõ-lhes as mãos abertas à liberalidade, ao favor, à esmola. Não he hoje isto tanto assy. Trocaõ se muytas vezes as mãos abertas. Acontecem casos que não são para este lugar. Relataloshei à Vv. Magestades em particular, quando se jão servidos de os saber, para os remediar.

63 Antigamente não se fazia differença no espirital de homem branco à preto, de livre á escravo, de Christão velho á recém bautizado: *Non erat distinctio Iudæi, & Græci: nam idem* AdRom. 10. n. 12. *Dominus omnium*: Que para com Deos muytos brancos tem a alma muyto preta, & muytos pretos tem a alma muyto brãca: muytos livres são os mayores escravos do Demonio, muytos escravos são os mais queridos filhos de Jesu Christo: muytos Christãos velhos são muy novos, & muytos novos são muy velhos: o interior só Deos o sabe. Procuravaõ os zelosos antigos com muyto cuidado instruir à todos na Fè, & administrar à todos igualmente os Sacramentos. Hoje Senhores (não o posso dizer

dizer sem lagrimas) na gente humilde a ignorancia he muyta, a instrucção pouca, a administração dos Sanctos Sacramentos não he para todos igualmente, & o remedio difficultoso, por ser a mayor parte das Freguezias, posto que sojeitas ao Ordinario, de Parocos izentos. Não faltão cõ tudo zelosos, que cumprem cõ sua obrigação. Em certa Aldea na Ilha de Goa neste anno proximo passado de 1647. socedeo à outro Paroco menos cuidadoso de sua obrigação hũ muyto zeloso della. O primeyro por se não cançar, não administrava o Sacramento da Extrema Unção, se não às pessoas principaes da Aldea. O successor como bõ pastor, quiz administralo à todos geralmẽte. Notificoulhes a obrigação q̃ tinhaõ de o pedir no perigo da morte. Alvorotouse a Aldea contra o novo Paroco, queixãdo se q̃ lhe impunha novos preceitos, de q̃ seus predecessores não tratáraõ.

66 E que será, se disser, q̃ mortẽ muytos milhares de Christãos sem receberem a Sagrada Comunhão nunca nẽ na vida, nem na morte? Isto he geral em todas as Freguezias da Índia, ally de Parocos Regulares, como Seculares. Não comungão em dia Ferial, não comungão em dia Sancto, não em Domingo, não em algũa das principaes festas do anno, não no tempo de algũ Jubileo, por geral que seja, nem na Pascoa, como manda a Sancta Madre Igreja, nẽ ainda na hora da morte, nũca finalmente, dizendo Christo Senhor nosso: *N: si māducaveritis carnẽ filij hominis, & biberitis ejus sanguinẽ, nõ habebitis vitã in vobis.* Jean. 6. n. 54.

67 Quando là cheguei, comungavão muy poucos geralmẽte em todas as Freguezias da Cidade, & lhas de Goa, & nas Terras adjacentes, quãdo muyto a quarta, ou quinta parte dos Christãos, & em muytas muyto menos. Nas mais Freguezias de todo aquelle Estado tão dilatado quasi em todas não chegavão à decima parte os q̃ comungavão na Pascoa, nem à millecima os q̃ comungavão por Viatico na morte. Não fallo da gente branca, filhos, & netos dos Portuguezes, mas dos naturaes, à q̃ chamamos vulgarmẽte Indios Oriẽtaes. Vi Freguezias de tres, & de quatro mil almas, aonde não chegavão a setenta os q̃ comungavão na Pascoa, & quasi nenhũ na hora da

morre. A maior razão dos Parocos presentes, q' assy fizetão os passados a maior desculpa, q' seus freguezes são rudes, incapazes da Sagrada Comunhão; sendo muitos milhares dos q' não communhão Bramanes, & Charadós, por commú parecer dos mesmos Parocos mais agudos que os nossos Europeos. Afamado he o nome dos Canarins por agudos. Muitos desses sem communica communhão; & outros à que chamão Casta baixa, se q' não quizerê Theologos, para receberê o Senhor, hũs são muy capazes, & outros muy dispostos para o ferê, se se instruire. Haverà quẽ não possa saber, se lho ensinarê, q' a Hostia Consagrada não he pão, mas o Corpo de Christo, & q' o ha de receber em jeju, & em graça de Deos? Ah Deos meu, quãtos ignorantes, quãtos rudes, & quãtos boffacs são mais dignos de vos receber, que eu peccador.

68 E se disser, q' destes à que dão a Sagrada Comunhão na Pascoa por capazes, lha negão na hora da morte! Achei a Indiar em estado, q' dos poucos que communhão, quasi todos morrião sem o Sanctissimo Viatico. Ha Freguesias donde nũca sahio o Senhor aos enfermos. Em hũa ben grãde, q' eu frequetava, no discurso de tres annos não sahio mais que hũa só vez por grãde mercê, q' fez o Paroco á hũ enfermo, cõ adoeccerê, & morrerê muitos; tãtos, q' quasi não passa dia, em q' não morra alguẽ.

69 Tem muitos Parocos por grande indecencia levar o Sanctissimo Sacramento aos enfermos às lojeas, & casas humildes, em que vivem quasi todos os naturaes da India, como se Christo viera ao Mundo buscar os Palacios dos Grandes: Hum Deos, que por amor dos homẽs naceo no Presèpio, & morreo no Calvario. Mas não dão razão, porque o não levão às casas dos Grandes, para nellas communharent os pequenos, assy livres, como escravos, que servem à seus Senhores.

70 Alguns assy homẽs, como mulheres, levados do desejo de assegurar sua salvação, para não morrerem sem o Sanctissimo Viatico, vão quasi agonizados com risco da vida recebelo à Igreja, aonde vi administrarlhes juntamẽte a Sancta Unção. Não he maravilha, que haja isto: aonde ha quem procura as

Igrejas

Igrejas por comodidade; & de lugar es mais authorizados pas-
saõ alguns à ser Parocos, para mayor descanso.

71 Deixo o grande numero de Freguesias, mormente de
Regulares, que nem o Senhor tem. Muytas mais sem compa-
ração são as Igrejas Parochiaes nas Terras, & Cidades de Vv.
Magestades, que não tem o Sanctissimo Sacramento, que as
que o tem, sendo que manda o Concilio Tridentino, que to-
das o tenham, para comungarem os enfermos, em tanto que
a sagrada Congregação dos Cardeaes interpretes do mesmo
Concilio, diz, que não desculpa o costume em contrario, nem
a pobreza da Igreja, nem o perigo de sacrilegio, se não for tão
evidente, que por muyto que o Senhor se guarde, & vigie, com
tudo tenha risco: *Nec consuetudo excusat contraria, nec pauper-
tas Ecclesie, nisi forte subeat periculum à manu sacrilega, contra
quod periculum satis cautum esse non possit per quamvis diligētem
custodiam.* Que risco corre o Sanctissimo Sacramento nas Ter-
ras, & Cidades de Christãos sojeitas à Vv. Magestades, se esti-
ver bem guardado? Que causa ha para os Parocos Religiosos
o não terem, para o levar aos enfermos?

Gonc.
Trident.
sess. 13.
de Eu-
char. c. 6.
Card. in-
terpret.
ibi.

72 Oh quem me dera aprenderem todos dos de Portugal na
administração dos Sanctos Sacramentos. Oh quem me dera,
que viraõ cõ seus olhos, para o imitarem, sahir o Senhor nesta
Cidade de todas as Freguesias à todas as horas, de noite, & de
dia à momentos, cõ chuva, & com Sol, para as lojeas, & tendas
de gente mecanica, & popular, & casas muy limitadas, & hu-
mildes de tantos pobres, para comungarem os enfermos, ou
por sua devação, ou por Viatico, quer brancos, quer pretos,
com a mesma charidade, & acompanhamento, com que sahe
para os Palacios dos Grandes. Oh quem me concedera, verem
à seus mesmos negros Cafres, & Malavares, que trazem todos
os annos da India à esta Cidade as Naos de Vv. Magestades.
Quê me concedera, digo, verê à estes mesmos negros, à quem
negão de todo para sempre a Sagrada Comunhão por gente
baixa, & boçal, comungarem todos infallivelmente nesta Ci-
dade na Pascoa, & no perigo da morte, sem se excluir à nenhũ,

Hhhh 3

instruidos

instruidos por seus Amos, & Senhores; & se não comungarem, os obrigaõ cõ a excomunhaõ. Como assy! Nesta Cidade Real entra o Senhor nas casas humildes igualmente como nas grandes, para comungarem os pequenos por sua devaçãõ, ou por Viatico; & na India repugnaõ os Parocos com capa, & com pretexto de indecencia! Nesta Corte taõ entendida saõ julgados por dignos, & capazes os mesmos, que a India exclue por incapazes, & indignos! Os mesmos Cafres, os mesmos Malavares, se estiverem em Goa, não podem comugar nem na vida, nem na morte; & trasplantados com as Nãos da India à Lisboa comungaõ todos? Ah Deos meu (torno a dizer o que já disse) Ah Deos meu! Quantos rudes, & boçaes saõ mais dignos de vos receber, que nós, mais capazes, que muytos sabios, & entendidos! Quantos destes se salvaõ, quantos de nós se perdem: *Frequenter contingit* (diz Lyrano por sentença de S. Agostinho) *quod simplices, & ignari salvantur, & homines astuti, & litterati damnantur. Unde Augustinus de Paulo simplice dixit: Simplices, & illiterati rapiunt calum, & nos cum litteris trahimur ad infernum.*

Lyran.
in Luc.
cap. 16.
in expof.
moral.
n. 22.

73 Oh que glorioso empenho fora procurar o remedio à tantas almas. Hum só pobre estrangeiro, que se mandou vir da India este anno, o procurou, o solicitou, o effeituou, favorecido do mayor Prelado della na dignidade, zelo, virtude, & letras, Dom Frey Francisco dos Martyres Arcebispo de Goa, Primaz da India, da Seraphica Religiaõ, este indigno subdito de Vv. Magestades. Para isso saõ os Missionarios estrangeiros na India, & para isso mesmo succede procurarem lançalos com capa de zelo do serviço de Vv. Magestades. Lidei, trabalhei com toda a India, sendo o menor de todos, seguindo o conselho de S. Paulo: *Prædica verbum, insta opportunè, importunè, argue, obsecra, increpa in omni patientia, & doctrina*, com disputas, com praticas publicas, & particulares, & com muytos Sermoões, correndo as Freguesias que pude, & em especial com hũ q̃ prèguei na Sé Primazial de Goa em dia de *Corpus Christi* do anno de mil, & seis centos quarenta & cinco, que o Arcebispo

Ad Ti-
moth. 4.
n. 2.

bispo Primáz da India mandou imprimir à este Reyno, para doutrina dos seus Parocos; & aonde não pude chegar com a palavra, o fazia por meyo de cartas, & arrezoados, escrevendo à Moçambique, Mascate, Dio, & ás principaes Cidades do Norte, & Sul, ao Arcebispo de Cranganor, Bispo de Cochim, & aos Governadores dos Bispados de Meliapór, & Macao, de que resultou pôrse o Sanctissimo Sacramento em algũas Igrejas das que o não tinham, & disporemse outras para o terem, originariẽ dar à todos geralmente a Sagrada Comunhão na Pascoa, tendo os annos de discrição, & o Viatico no perigo de morte, com tão grande fervor, que sómente na Cidade, & Ilhas de Goa bem pequenas, & nas Terras adjacẽtes, Salsẽ, & Bardes, em termo de dous annos, pouco mais, comungarão perto de cem mil pessoas, que nunca tinhaõ recebido tão alto Sacramento, com muytas converções de Idolatras, que só no exterior erão Ghristaõs, & de muytos pecadores, como relataõ as certidoẽs juradas, & as cartas, que apresentei à V. Magestade, do Primáz da India, Patriarcha de Ethiopia, Arcebispo de Mira, Prelados das Religioẽs, Parocos da Cidade, & Ilha de Goa, Fidalguia, & Povo.

74 Não pudera levar adiante tão gloriosa empreza sem o braço do Primáz, o qual à minha instancia, com duas proviões dignas de seu espirito, mandou com preccito de obediencia executar em seu districto a doutrina, que nesta materia preguei; & he digno q̃ V. Magestade lho mande agradecer, como grande serviço, que entre outros muytos, tem feito à Deos, & à esta Coroa, encomendandolhe os progressos della, porque ainda falta muyto que remediar, especialmente nas Diocefes, & Bispados, que de presente não tem Prelados.

75 Esta mesma falta, & pecado ha em todas as mais Conquistas de Vv. Magestades fora da India. As muytas povoações de pretos Christaõs bautizados, Vassallos de Vv. Magestades, nos Estados de Angola, Brasil, & Caboverde, & nas Conquistas de Africa, nunca em nenhũ tempo comungão, nem ainda na hora da morte recebem o Sanctissimo Viatico, o q̃ podem reme-

remediar Vv. Magestades, mandando como tão Catholicos, que se guardem nellas as provisoões, que tem mandado publicar em seu Arcebisado o Primáz da India, para que comunhem suas ovelhas.

Concil.
Trident.
sess. 13.
can. 9.

76 O que eu direi para facilitar a empresa, & confundir ao Demonio, que ainda nesta Corte, & Cidade procura com suas filladas desfazer tão grande bem aos Christãos da India, & impedilo aos das mais Cõquistas, que he tanta a obrigação de comungarem na Pascoa os que tem annos de discrição de qualquer casta, & condição que sejam, que negala he heresia. O Canone he expresso no Concilio Tridentino: *Siquis negaverit, omnes, & singulos Christi fideles utriusque sexus, cum ad annos discretionis pervenerint, teneri singulis annis, saltem in Paschate, ad communicandũ, juxta preceptum Sanctæ Matris Ecclesiæ, anathema sit.* Este Canone tirou na India em meu favor aos Inquisidores, & à muytos de seu erro, & costume. E nelle se deve advertir, que a obrigação de comungar começa nos Christãos cõ os annos da discrição, & precinde da capacidade, ou incapacidade delles como antecedẽte, á que se segue como consequente a obrigação de se fazerẽ capazes da Sagrada Comunhaõ. Estão obrigados à se fazerem capazes, *à priori*, porque estão obrigados á comungar: & estão obrigados à comungar, *à priori*, porque tem os annos de discrição. Porque não diz o Canone, que estão obrigados á comungar sómente os capazes, ou como forem capazes, mas todos como tiverem os annos da discrição, ou sejam capazes, ou incapazes, podendo se fazer capazes: *Cum ad annos discretionis pervenerint, & o contrario he heresia: Siquis negaverit, &c. Anathema sit.* De sorte q por terem annos de discrição estão os Christãos obrigados á comungar: & por estarem obrigados á comungar, segue se estarem obrigados á se fazerem capazes da Sagrada Comunhaõ, & à se disporem para a receber.

77 Mais incapaz da Eucharistia he o peccador, q o ignorante; porque ninguem he mais ignorante que as crianças; cõ tudo as que forem bautizadas, são capazes da Sagrada Comunhaõ;

inhaõ; & tantõ, que dizem os Theologos, que quando antigamente comungavaõ, recebiaõ augmento de graça. Pelo contrario he taõ incapaz o peccador, que se comungar, diz S. Paulo: *Iudicium sibi manducat, & bibit*; nem por isto estã desobrigado do preceito, tendo os annos de discriçaõ; mas estã obrigado a comungar na Pascoa: & por estar obrigado a comungar, estã obrigado a deixar o peccado. Estaõ pois os negros de Angola, os pretos do Brasil, os Christaõs naturaes das Conquistas de Vv. Magestades obrigados a comungar tendo os annos de discriçaõ, & o contrario he heregia. Porque naõ comungaõ os capazes? Porque se naõ instruem os incapazes, para se fazerem capazes de taõ alto Sacramento?

1. ad Cor.
inth. 11.
n. 29.

78 Consultado o Sancto Padre Innocencio X. que ora preside na Igreja Catholica, sobre as Christandades da China, por haver nellas a mesma falta, se estaõ obrigados a comungar ao menos hũa vez no anno, na Pascoa, por serem novamente bautizados, & tenros na Fè, cõ outras duvidas de naõ menor consideração, respondeo que si, com estas palavras largas, mas necessarias, no Livro intitulado: *Quasita Missionarii* China, no numero primeiro, impresso em Roma no anno de 1645. em que comecei à tratar na India, de que comungassẽ todos os Christaõs: *Censuerunt etiam* (a saber os Qualificados do S. Officio de Roma, à quem Sua Sanctidade remeteo as duvidas) *censuerunt etiam, praefatos Chineses obligari ad Sacramentalem Confessionem semel in anno, & Missionarios huiusmodi obligationem debere eis notificare. Idem prorsus censuerunt quoad Sacram. Communionem semel in anno sumendam. Quò verò ad executionem tempore statuto, hoc est, in Paschate, id esse intelligendum, nisi legitimum adsit impedimentum, aut grave periculum immincat. Curandum tamen, ut infra duos, vel tres menses ante, vel post, Paschati proximos, quatenus sine discrimine fieri possit, sin minus alto quovis tempore infra decursum unius anni à Paschate inchoandi, omnino communicent. Notem as palavras: Infra decursum unius anni omnino communicent.* E no cabo manda á todos os Religiosos Missionarios Ministros daquella Christã-

Inno. X.

dade com execo mundaõ *lata sententia*, reservada á Sancta Sè Apostolica, que executem, o que no dito Livro se cõtem. Veja o que falla, quem não sente bem de comungarem todos.

79 Ainda ha, Senhores, que dizer do que antigamẽte passava na India, que hoje não ha, & do que hoje ha, que antigamente não havia, para Vv. Magestades o remediarem. Antigamente erãõ muytos os Ministros do Evangelho. Todos os annos passavaõ à India Religiosos de todas as sagradas Religioens, que lá estaõ. Hoje sãõ muy poucos, tão poucos, que não chegãõ a cento, os que assistem nas terras dos Mouros, & Gentios para a conversãõ dos infieis, havendo de sobejo nas terras de Vv. Magestades. Disse cento por mayor, que pela conta que lancei, podera dizer com verdade muyto menos. Ha muytos Reynos, em que nunca entrou Sacerdote à prègar a Fè, nem se sabe neltes o nome de Christão.

80 Antigamente o fervor em todos era grande, porque todos procuravãõ passar às terras dos infieis, para propagar o Sanctissimo nome de Jesu. Hoje este fervor achase em poucos. Em tempo de Castella, o Rey de Macassar na Jáva menor, sendo Gentio, mandou à Malaca pedir Religiosos para se fazer Christão cõ todos os Vassallos de feu Reyno. Descuidaraõse tanto em lhe acudir, que quando là forãõ, achãrãõ à todos feitos Mouros, porque chegou primeiro hum Ministro do Inferno, que lhe prègou a falsa ley de Mahomet, na qual obstinadamente perseveraõ. Isto entãõ. Agora depois da feliz aclamação de V. Magestade pedio tambem o Rey de Pegu Religiosos para seus Reynos com certa limitação, por diligencias que fizerãõ Joãõ da Sylva Tello Conde de Aveiras, Viso-Rey da India, o Primaz, & os Inquisidores, não foy da cidade de Goa, povoada de muytos, mais que hum só da sagrada, & Seraphica Religião, natural desta Cidade, filho da Parochia Real de S. Juliaõ.

81 Antigamẽte não havia portas fechadas para os Estrangeiros ministros do Evangelho, mas abertas nos peitos dos Reys Portuguezes, q̃os procuravãõ de diversas Nações, para
irem

irem à India à pregar a Fé: *Noli esse incredulus*. Hoje mais não se vir os que lá estão, sendo a India tão larga, que não bastão todos os Sacerdotes deste Reyno para assistir hum só em cada Provincia. Chamo Provincia huma parte do Reyno, como cá as Comarcas, & Bispados. Chamo India menos propriamente do Cabo de Boa esperança até o Japão. Veão os mappas, leão as historias, recorão as relações, enformenfe dos que o virão, que se quizerem dizer verdade, mais dirão do quẽ eu digo, porque digo menos do que he, assy neste, como nos mais particulares.

82 E que será, se disser(o que Vv. Magestades não devem saber) que podem livremente viver na India nas Terras, & Cidades de Vv. Magestades todo o genero de Estrangeiros, & Mercadores, Catholicos, & Herejes, Vassallos, & não Vassallos de Castella. Lá entrão os Olãdezes, lá se agafalhão os Ingrezes, lá morão os Dinamarcas, lá assistem os Francezes, lá contratão os Italianos, não faltão tambem Castelhanos, que eu vi natu-raes de Madrid, & todos livremente entrão, & saem como que-rem, de noite, & de dia, com todo genero de armas, & o que he mais para estranhar q̃ muitos tomão as plantas das Cidades, os sitios das fortalezas, a altura dos muros, o fundo da barra, considerando o modo de se poderem cometer, & cercar em occasião de guerra, sem se poderem evitar pela conveniencia das treguas, & das pazes que comnosco tem, & pelas muytas fortalezas, & feitorias que na India possuem.

83 Ainda direi mais. Se eu, à quem se mandou vir por estrangeiro, me disfarçara, vestindo como soldado, ou mercador, com huma gadelha sobre os hombros, espada na cinta, & adaga, & com muytas armas em casa, fingindo o que não sou na profissão, mostrando o que sou quanto á patria, dizendo ser estrangeiro Neapolitano, poderei livremente, & sem contradição viver na India, & contratar nas terras de Vv. Magestades, comprando, & vendendo, como eu quizer, & me farão muytos mimos, & honras os Portuguezes; porém ha de estar oculto o Breviario, escondido o Missal, & o Caliz fechado

aonde se não veja; que se o virem, se foubarem que sou Religioso, se entenderem que professo este habito sagrado, farchão o que fizerão, mandarmehão sahir logo da India. Pois como assy? Podem viver na India os estrangeiros soldados, & não podem assistir nella os estrangeiros sacerdotes? Podem livremente viver nas terras de Vv. Magestades os mercadores com contratos de fazendas, & não podem estar os Missionarios, q̃ tratão só das almas: Os Herejes sy inimigos da Fè, & não os Religiosos Ministros da Fè? Os homens do Mundo armados de ferro, & aço, amigos por conveniencia, & inimigos no animo, & não os servos de Deos armados de zelo, & de dar a vida pela propagação do nome de Jesu, amigos por verdadeira charidade? Disfarçados sy, & em seu Habito sagrado não?

84 E o que he mais para lastimar, que quanto mais se fechão as portas da India aos Estrangeiros Ministros do Evangelho, tanto mais as abre o Demonio aos Estrangeiros Ministros das Heregias. Fechouas Castella em seu tempo com grandes apertos, no mesmo tempo passáraõ à India os Olãdezes. Apertou mais, & dahi a poucos annos foraõ os Ingrezes. Apertou mais cõ novas ordens, & foraõ os de Dinamarca. Continuou com novos, & mais apertos, & foraõ os Francezes. E se mais apertárão, crèo que passára à India o Mundo todo; porq̃ como Deos a deu aos Reys Portuguezes progenitores de V. Magestade para augmento da Fé Catholica, fechandose as portas aos Estrangeiros Ministros della, permite Deos que estejam abertas aos Estrangeiros Ministros das Heregias.

85 Não he a India, Senhores, o que dantes era, quando de Europa navegavão seus mares sòmente os Estandartes Portuguezes, para poderem fechar suas portas aos Missionarios estrangeiros, como querem. Navegaõ com mais de duzentas vellas de Náos, & Galioẽs todos de guerra, & todos mercantis, muyto ricos, & muyto bem armados quatro estandartes estrangeiros, com os quaes podem correr toda a India, se quizerem, Olandezes, Ingrezes, Francezes, & de Dinamarca; & querẽ algũs, que começarão a navegar por ella este anno tam-
bein

bem os Genovezes. Para estes quizeram eu ver as portas fechadas, & os caminhos impedidos, & não para os Missionarios, dos quaes, posto que estrangeiros, não teve nunca delles a India, desde q̃ lá passáram, o minimo escândalo, mas antes muyta edificação, muytos Martyres, grande augmento da Fè, & muytas obras de grande charidade. Tambem affirmarei, que não he a India, a que procura sua expulção, não o Viso-Rey, não o Primáz, menos o Conselho de Estado, nem a Camara, não a Fidalguia, não o Povo, que todos estes bradaão, & se queixaão; porque com o absoluto destas ordẽs ficão em casa os Estrangeiros inimigos, & poderosos, & se expulção os amigos, Religiosos muy continuos no serviço de Deos, & de Vv. Magestades, muy grãdes reformadores de seus Cõvẽtos, muy exẽplares na vida, & muy diligẽtes obreiros da vinha do Senhor. E nẽ tão pouco facem estes da India, se não querem, mas mudaõse de hum lugar para outro muyto perto cõ pouco serviço de Vv. Magestades, porque servindo primeiro à esta Coroa, vão servir à outra de baixo de outro patrocínio, retirandose às terras dos Mouros, & Gentios, & muytas vezes tão visinhos às de Vv. Magestades, como fica Almada de Lisboa, dividindoas hum rio muyto estreito. Não he pois a India, não os Ministros della os que procurão, q̃ se vão. Pois quem são? Os particulares, por seus particulares respeito com capa de zelo de bem cõmũ. Não se pôde dizer tudo do pulpito. Dilohei, Senhor, à V. Magestade, quando houver lugar. Lea entretãto as Certoões, & Cartas, que lhe presenteí da Camara de Goa, da Fidalguia, do Povo, com as mais q̃ lhe escrevêraõ pelas vias de V. Magestade o Viso-Rey da India, & o Primáz. E já que fallo nesta materia, seja servido V. Magestade de me ouvir, pois importa á seu Real serviço. Este particular dos Missionarios estrangeiros, que estiverem na India, não se ouvera de tratar em Portugal, aonde não são conhecidos, mas lá, remetendoos ao Viso-Rey, & seu Conselho d' Estado, que lá tem, que como presentes, sabem o que mais convem ao Real serviço de V. Magestade, para os Religiosos estrangeiros, que servem como naturaes, serem amados, & favorecidos,

vorecidos, & não lançados fora daquelle Estado ; pois nem hũ soldado, servindo bem, se lança por estrangeiro, quãto mais hum Sacerdote? Que se ally se tivera ordenado, não socederaõ em Goa os escandalos, que todos choramos desde o anno de 40. atè o presente, succedidos em hũ Convento de Religiosos, mórmente no anno de 45. com morte de hum delles, por falta de seus legitimos Prelados muy virtuosos, à quem se mandaraõ fahir por estrangeiros.

§ 6 Ha, ou póde haver peor estrangeiro que o Demonio? Parece que não. Com tudo se viera á este Reyno mandado por Deos pedir passagem para a India com zelo do augmento da Fè Catholica, & bem espirital daquellas almas, lhe mandem Vv. Magestades dar em suas Nãos o melhor lugar, & o melhor camarote, porq̃ será o Anjo Custodio da India. Riemse? Mostralohei na sagrada Escritura. Grande pratica teve Deos cõ o Demonio sobre Job. Louvavao Deos de virtuoso servo seu, & o mayor sancto de seu tempo: *Numquid considerasti servum meum Job, quod non sit ei similis in terra, homo simplex, & rectus, ac timens Deum, & recedens à malis?* Pelo contrario o Demonio mostrava, que não era seu espirito, para delle se fazer muita estimação, porque não o experimentára Deos na paciencia, antes o tratára sempre com muytos mimos, & enriquecêra de bês temporaes; & espirito que se funda na base de temporalidades, & de favores da terra, não póde ser grande, nem duravel, com qualquer adversidade, ou cousa contraria se perde: *Nonne tu vallaſti eum, ac domum ejus, universamque substantiam per circuitum? Sed extende paululum manum tuam, ac tange cuncta, que possidet, nisi in faciem benedixerit tibi.* E passárão tanto à diante com a pratica, que persistindo o Demonio em sua opinião, de que o espirito de Job necessitava de prova, lhe disse Deos: *Ecce in manu tua est, verumtamen animam illius serva.* Eu to entrego nas mãos, tiralhe tudo o que tem, exercitao na paciencia à teu alvedrio, faze experiêcia de seu espirito; porèm guarda sua alma: *Animam illius serva.* Senhor, que resolução he esta? Encomêdais a alma de Job ao Demonio, para que tenha cuidado della?

Job. 1.
n. 8.

Ibidem
n. 10.

Job. 2.
n. 6.

della? Nunca tal Anjo cõ a minha. Entregaia à S. Miguel Anjo das Almas, ou ao Anjo de Tobias, ou á qualquer outro do Ceo Mas à Lucifer? ao Demonio? Que cuidado ha de ter da alma de Job, se não for de a guiar, & encaminhar para o Inferno? Que espirito lhe póde influir, se não o seu mão, & diabolico? Responde S. Ambrosio: Não tenham medo; porq̃ suposto que o Demonio como inimigo nos procura todo o mal, como servo de Deos fará officio de Anjo de guarda. Porque tem Deos tão grande poder, que mandandolhe, q̃ tenha cuidado da alma de Job, para que seja mais sancta, com o exercitar na paciencia, o fará tão pontualmente, como se fora Anjo de sua guarda: *Nam etsi dederit* (Diz o Sancto Doutor) *tentandi tui Dominus potestatem, mandat tamen Diabolo, ut animam tuam ipse custodiat, secundum quod scriptum est: Ut destruas inimicum, & defensorem. Tentat enim ut adversarius, defendit ut servus.* Duas cousas tem o Demonio, diz Sancto Ambrosio, explicando as palavras do Profeta Rey: *Ut destruas inimicum, & defensorem.* He tentador, & defensor. Como tentador nos procura todo o mal, como defensor nos procura todo o bem: *Ut destruas inimicum, & defensorem:* Como inimigo nos tenta, como servo de Deos nos defende: *Tentat ut adversarius, defendit ut servus:* Como espirito mão guiarnosha ao Inferno, como Ministro de Deos encaminharnosha para o Ceo: Por sua maldade fará officio de Demonio; mas por ordem divina fará officio de Anjo custodio: *Nam etsi dederit tentandi tui Dominus potestatem, mandat tamen Diabolo, ut animam tuam ipse custodiat.* E ally exclama o Sancto Doutor no Livro de Penitencia, tratando o mesmo ponto: *Quanta vis Christi, ut custodia hominis imperetur, etiam ipsi Diabolo, qui semper vult nocere:* Quão grande he o poder de Christo, que manda ao Demonio, que nos procure todo o mal, que guarde nossas almas, como se fora o Anjo de nossa guarda: *Ut custodia hominis imperetur, etiam ipsi Diabolo, qui semper vult nocere.* Pois se o Demonio, sendo o peor estrangeiro, que póde haver, espirito infernal, & o mais declarado inimigo que temos, se for mandado por Deos à India

Ambros.
in Psal.
37.

Psal. 8.
n. 3.

Ambros.
de Pen.
l. 1. c. 13.

à India tratar da salvação das almas, & de seu mayor bem espirital, o fará, como se fora seu Anjo Custodio, como o não fará hũ estrangeiro Sacerdote, Anjo de Deos por officio, amigo por graça, subdito de Vv. Magestades por affecto, que deixa a patria, parentes, & amigos, & os regalos, & mimos de Italia, Jardim do Mundo, para dar o sangue, & a vida pelo augmento de nossa sancta Fé. Ah Deos meu, vós que sabeis à verdade do meu animo, & conheceis quanto necessita a India de Ministros do Evangelho, inspirai aos corações dos Reys o que he tanto vosso, & seu serviço.

87 Parecerá á alguem que fallo por interesse. Sy Senhores, sy, por interesse fallo, mas não outro que o do serviço de Deos, & de Vv. Magestades. Pobre fuy á India, & pobre cheguei à Portugal. Pobre fuy à India por terra de Roma, passando por entre Turcos, & Arabios, atravessando o Deserto, entrando por Babilonia, & pela Persia, sempre entre inimigos cõ este Habito sagrado, padecendo muytas necessidades, até chegar a Goa: & pobre voltei á Portugal nas Nãos de Vv. Magestades, debaixo da Divina Providencia, rico sómente de desejo de dar à vida pela Fé Catholica, & cõversaõ dos infieis, à cujo fim quizerá voltar á India com hum exercito de meus Religiosos, tão pobres como eu, ricos só de zelo da salvação das almas, armados só de Calices para o sancto Sacrificio da Missa. Estes são os diamantes, estas as riquezas, que pertendemos da India os estrangeiros Missionarios da sancta Sè Apostolica, Religiosos Italianos da minha sagrada Religião, Theatinos pobres da Divina Providencia. Este he o interesse que tenho, & não outro; este o fim porque fallo, & o que peço á Deos, & à Vv. Magestades. Para com Vv. Magestades me valha sua piedade Christãa, & seu Catholico zelo da conversão dos infieis, principal intento dos Reys de Portugal progenitores de V. Magestade no descobrimento da India. Para com Deos valci-me vós, Glorioso Apostolo S. Thomè, valhame à vossa intercessão, os vossos merecimentos, & me valha tambem a verdade, com que fallo, & a tenção tão pura, tão recta, & tão justificada

cada, que tenho no que digo, & no que pretendo.

88 Bem vedes (Missionario divino) o estado espirital da India, o como está falto, & quanto necessita de Ministros Evangelicos. Humra vinha tão distante, & tão dilatada do Senhor quão lhe são necessarios obreiros, que a cultivem: *Messis quædam multa, operarij autem pauci*: A sega he muyta, & os obreiros poucos. *Rogate ergo Dominum messis* (dizia Christo) *ut mittat operarios in messem suam*: Rogai ao Senhor da sega: Rogai vós Sancto á Deos, que mande à India os obreiros, que forem de seu mayor serviço, para que nella creça a Fè, & se augmente a piedade Christãa.

89 Presente tambem vos está seu estado tẽporal tão oprimido com guerras, tão atenuado com perdas. Ponde nelle os olhos, para que torne á ser o que já foy em tempo de seus Reys Portuguezes; pois se torna à ver possuida de Rey Portuguez tão desejado, tão suspirado. A India, gloriosissimo Apostolo, he unica filha vossa, vós a baurizastes, vós lhe destes o primeiro leite da Fé, vós a nutristes com o sancto Evangelho, & vós fostes o que a desposastes com Portugal, dandolhe em dote vosso proprio sangue. Como filha vossa remediai as grandes faudas que tem, acudi ás muytas necessidades que padece. Não permitaes, q̃ entre a confusão das trevas lastimosas, quando viuva de seus legitimos Reys com os apertos, & misérias, que por tão largos annos a affligiraõ, chore, & se lastime; pois neste mystico Ceo Portuguez nasceo seu Sol, appareço sua Lua, digo, seu Rey, & Rainha, seu desejado esposo. Conservai este Sol, perpetuai esta Lua, de que depende toda sua fermosura, & alegria. Fazei, que elles sobejanos Planetas sempre resplandeçaõ, para que alumiem com seus rayos a India. Là nace o Sol, & amanhece o dia em Portugal: Là nace a Lua, & manda logo os rayos de sua luz à este Reyno. Aqui nace o Sol da India, aqui appareço sua Lua; & todavia não chegou ainda là sua luz; ainda he noite, & noite muyto escura, sem rayos que a alumiem, sem resplendor que a alegre.

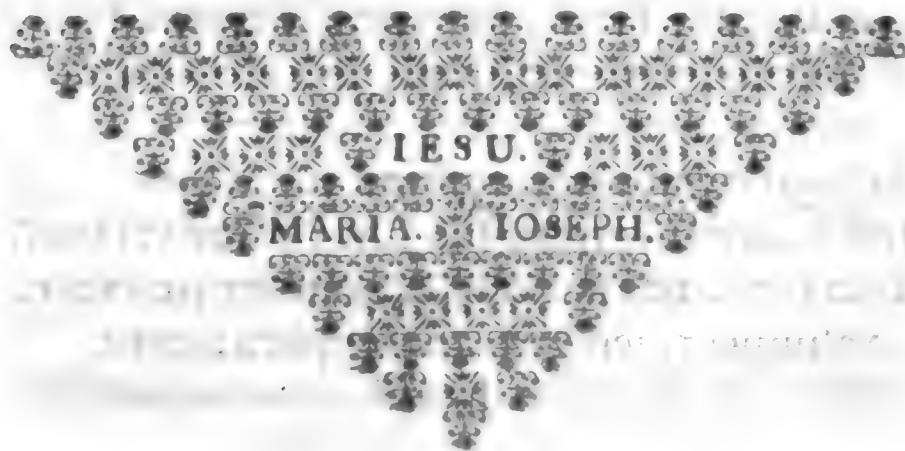
90 Naceraõ, Apostolo divino, cinco fermosissimas estrelas

KKKk

las

Cant. 7.
n. 1.

las á roda destes Planetas de cinco Sereníffimos filhos, para coroaem esta vossa filha. Pondeos todos como em cinco epiciclos nas cinco Chagas que adorastes em Christo, para q̃ conservem sua fermosura, por muyto que o Mundo escureça. A estrelli mayor do Sereníffimo Principe pôde na Chaga mayor de seu amantíffimo peito. Que se se abrio no Calvario, para sojeitar hum Mundo à seu espirital Imperio, & se abrio segūda vez, para render vosso espirito, abra se terceira vez por vossa intercessaõ, para que logre o Mundo nesta mayor estrella hum grande Monarcha. Os dous Sereníffimos Infantes ponde nas Chagas das mãos, para que participando de seu poder, sejam dous valerosos Capitaes grandes defensores de sua Igreja, hum no Oriente, outro no Ocidente. As duas Sereníffimas Infantas ponde nas Chagas dos pés, para que tenhaõ à fermosura da sagrada Esposa, de quem dizia seu divino Esposo: *Quàm pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis!* fazendoas seu divino Senhor taõ fermosas na alma, como as debuxou nas perfeiçõs do corpo, cõ muytas prosperidades, & grandezas. Dainos à todos vossa bẽçaõ: Aos Reys, & à toda Casa Real, defendendoa de inimigos: Aos Vassallos, emparandoos nos encontros, & batalhas, no mâr, & na terra: A India, restituindolhe sua antiga felicidade, & fermosura: A todo este nobre auditorio, alcançandolhe os bẽs da alma: E à este indigníffimo servo vosso Missionario, cõmunicandolhe vosso espirito Apostolico, cõ muyta graça, penhor da gloria. Amen.



NACIMENTOS

DA Magestade D'EL REY
DE PORTVGAL

DOM IOAM IV.

NATURAL, POLITICO, E MILAGROSO,

EMPARADOS

PELA DIVINA PROVIDENCIA,

E celebrados na solemnidade

do Esposo da Virgem

S. JOSEPH

Em 19. de Março de 1649.

em que cumprio quarenta & cinco annos.

PREGOUOS EM LISBOA EM A CAPELA REAL

O M. R. P. DOM ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,

Clerigo Regular, Theatino da Divina Providencia.

SERMAM II.

JOSEPH FILI DAVID!

Noli timere accipere MARIAM conjugem tuam;

quod enim in ea natum est,

de Spiritu Sancto est.

Matth. 1. n. 20.

MUY ALTOS, E MUY PODEROSOS REYS,

& Senhores nossos.

1



E o dia do nascimento, ao parecer dos Astrologos, he debuxo de toda a vida; se no ponto em q o homem saye à luz, pinta o Ceo como em hũ

KKKk 2

paynel

Sapient.
8. n. 1.

paynel cõ os influxos das Estrellas os successos futuros, nascendo V. Mag. tres vezes Rey de Portugal em tres diversos tempos, todos pintou o Ceo neste dia, para os festejarmos como Vassallos, para os desejarmos estendidos, para os pedirmos à Deos prosperos. Porque tres Natividades considero em V. Mag. tão ordenadas hũa às outras pela Sabedoria increada, que sabe unir o principio com o fim, & dispor os meynos necessários, para que tenha effeyto cõ brandura, tão debuxadas neste dia, & pelo Evangelista S. Mattheos retratadas no Evangelho, que a Igreja canta do legitimo Rey de Judea, do purissimo Esposo de Maria, do Pay putativo de Christo S. Joseph, que de todas me obrigão à fallar: A primeyra Natural: A segunda Politica, por outro nome Civil: A terceyra Milagrosa.

S. Thom
opusc.
57.

2 Pela Natural tem V. Mag. quarenta & cinco annos compridos neste dia, que Deos acrecente para gloria sua, augmento da S. Fé, bem de seus Vassallos. Pela Politica tem V. Mag. oito annos cõpridos no primeyro de Dezembro do anno proximo passado, q̃o Ceo estenda com accrecimentos de Reynos, augmento de Estados, liberdade de Conquistas. Pela Milagrosa fecha V. Mag. dous annos na proxima festa do Corpo de Deos, festa do mayor milagre, que o Senhor obrou, como disse S. Thomàs: *Miraculorum ab ipso factorum maximum*, conservando o Ceo com o paõ da vida milagrosamente à vida de V. Mag. que o mesmo Senhor preserva de perigos, para confusão de inimigos, com augmentos espirituaes na alma, saúde na pessoa, grandezas em toda à Casa Real.

3 Pela Natural naceo V. Mag. fora da Cidade cabeça de seu Imperio Rey encuberto. Pela Politica naceo dentro de Lisboa neste Paço Real Rey descuberto. Pela Milagrosa naceo junto à Christo no Divino Sacramento Rey emparado.

4 Pela Natural naceo Rey com o direito ao Reyno. Pela Politica naceo Rey com posse do Reyno. Pela Milagrosa naceo Rey confirmado no Reyno.

5 Pela Natural naceo para sy, para ser Senhor de suas operações interiores, & exteriores, ordenandoas conforme o direito,

reito, & a rezaõ. Pela Politica naceo para nós, para imperar Vassallos, & emparar Estrangeiros. Pela Milagrosa naceo para todo o Mundo, para senhorear inimigos, desfazer as Aberas dos Herejes, derrubar as Mesquitas dos Mouros, destruir os Idolos dos Gentios.

6 Pela Natural tẽ aos Reys de Portugal por Avós. Pela Politica tem aos Fidalgos de Lisboa, que o aclamáraõ, por genitores. Pela Milagrosa tem a Deos por Pay.

7 E todos estes tres Nacimẽtos, q̃ Deos ordenou em diversos tempos, & o Ceo debuxou neste dia, acho representados em Christo como Rey, & como Redemptor, por grandes, por soberanos, por maravilhosos, ordenados com particular providencia sua. Rey, & Redemptor do Mundo he Christo: Rey, & Redemptor de Portugal he V. Mag. Como Redemptor remio Christo o Mũdo: como Rey o senhoreou. Remio o Mũdo, quando lançou fora d'elle o Principe Lucifer: *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras*. Senhoreouo (diz S. Agostinho) fojeitouo, & pôs debaixo de seu Imperio com o Sanctissimo Sacramento: *Sacramẽto corporis Domini subjugatus est mundus*. Remio V. Mag. Portugal como Redemptor, quando lançou fora d'elle o mayor Monarcha do Mundo, el Rey d' Espanha, & como Rey o senhoreou, & senhoreará para sempre, confirmãdolhe a posse a Eucharistia.

8 Como Rey naceo Christo tres vezes, representãdo em sua Real, & Divina Pessoa os tres Nacimentos de V. Mag. Natural, Politico, & Milagroso. Rẽpresentou o Natural no nacimiento quanto à carne, quando fora da cidade de Jerusalem cabeça de seu Imperio naceo em Bethlem Rey encuberto, escondendo a Magestade Real, como Filho d'el Rey David, entre a palha do Presepio: *Reclinavit eum in Praesepio*; entre a silencio da noite: *Cum quietum silentium continerent omnia*, & *mox in suo cursu medium iter haberet*; entre pobres paninhos: *Invenietis Infantem pannis involutum*; & a Magestade Divina como Filho de Deos debaixo da Natureza humana, tanto que dizia o Profeta Evangelico Isaias: *Veré tu es Deus absconditus*,

Joan. 12.
n. 31.
August.
l. 1. ad
Januar.

Luc. 2.
n. 7.
Sapient.
18. n. 14.
Luc. 2.
n. 12.
Isai. 45.
n. 15.

KKKK 3

Deus

Deus Israel salvator: Verdadeiramente Senhor vós sois o Encuberto, Deos escondido, Salvador de Israel. Representou o Politico na cidade de Jerusaleem, quando no Throno Real da S. Cruz naceo Rey descoberto, declarado por Pilatos: *Iesus Nazareus Rex Iudaeorum*, aclamado pelo Povo: *Verè Filius Dei erat iste*. Representou o Milagroso na resurreição, nascendo á nova vida Rey immortal, confirmado com grande poder, superior á seus inimigos, que por ciumes do Reyno lhe procuraraõ a morte: *Data est mihi omnis potestas in caelo, & in terra*, para senhorear com o Divino Sacramento o Mundo todo.

Joan. 19.
R. 20.
Matth.
27. n. 54.

Matth.
28. n. 18.

9 Tambem o Evangelho me obriga à tratar de todos; porq̃ todos pinta, & debuxa. Pinta o Natural nas palavras: *Ioseph fili David*. Pinta o Politico: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam*. Pinta o Milagroso: *Quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est. Pariet autem filium, & vocabis nomen ejus Iesum*. Mas vejome embaraçado no empenho. Porque se difficuloso pareceo á Isaias tratar de dous nacimētos de Christo, Divino, & Humano, quando disse (conforme o parecer de muytos Padres) *Generationem ejus quis enarrabit?* Difficuloso tambem parece à fraqueza de meu entendimēto tratar dos tres de V. Mag. Natural, Politico, & Milagroso. A graça tudo facilita. Peçamola à Virgem.

Isai. 53.
n. 8.

AVE MARIA.

JOSEPH FILI DAVID.

10 **T**EM tãta connexaõ o Nacimēto Natural de V. Mag. com o Politico, & o Politico cõ o Milagroso pela ordem, que *ab eterno* tiveraõ nas Ideas divinas, que desde o anno de 1604. neste dia no Nascimento natural nos mostrou Deos com o Evāgelho da Festa o que havia de ser no anno de 1640. no Politico, & o q̃ se havia de seguir dahi á sete annos no Milagroso. Porque começando pelas primeyras palavras, que disse o Anjo à S. Joseph, he muyto para notar, chamarlhe filho de David:

David: *Ioseph fili David*. Porque não lhe chama filho de seu pay Jacob: *Iacob autem genuit Ioseph*? ou filho de Abraham seu avô: *Ioseph fili Abraham*? Deixa de nomear seus mais chegados parentes, deixa de fazer menção de seu primeyro avô, & falla sómente em David: *Ioseph fili David*! Porque? Responde a Glosa com humas palavras muy proprias para o dia, que festejamos. Diz, q̃ lhe chamou filho de David, para lhe lembrar sua decendencia Real, & por esse meyo o advertir, que o q̃ via na Virgem Maria, de que estava cuidadoso, que o que encerrava em seu purissimo ventre, era o Rey desejado, o Esperado, o Encuberto, prometido à el Rey David, encuberto no Nacimento, descoberto na Cruz, cõfirmado na Resurreição: *Recognosce* (diz a Glosa) *quod promissum est domui David, de quatuor, & Maria, & vide impletum in ea*: Reconhecei ó Joseph no que vedes na Virgem Maria, na Pessoa de Christo, que esconde em seu sagrado ventre, a promessa feita à Casa Real d'el Rey David, cujo filho vós sois, cuja decendente he Maria, & considerai cumprida por hum mulher.

Glos.
ord.
hic.

11 E para que se entenda a graça, & energia, q̃ tem estas palavras. O primeyro Rey fundador da Casa Real de S. Joseph foy el Rey David. Tinha lhe Deos prometido, de lhe dar hum Rey de seu sangue em tempos mais calamitosos, quando o Reyno de Judea passasse á Rey estrangeiro, á Herodes, & ao Emperador Cesar Augusto: *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam*. Cumprio sua promessa, & palavra em Christo por hum mulher a Virgem Maria, preferindo a linha feminina à masculina. Via S. Joseph à Christo concebido, & não conhecia o Mysterio, não se lembrava da promessa, não reparava na prophecia, não cahia no que era, não o tinha pelo Rey prometido. Diz lhe o Anjo: *Ioseph fili David*! *Recognosce*: Oh Joseph, ó Joseph! Que pensamentos são os vossos? *Recognosce quod promissum est domui David, de quatuor, & Maria, & vide impletum in ea*: Reconhecei em Christo Filho de Maria a pessoa Real do Rey prometido à David. Vede com os olhos do entendimento, & do discurso, como se desempenha Deos de sua

Psal. 131.
n. 11.

palavra,

palavra, como cumpre sua promessa. O que vedes na Virgem Maria, he o Encuberto: *Deus absconditus*. Serà Rey descuberto no Throno Real da S. Cruz: *Iesus Nazarenus Rex Iudeorum*: Rey confirmado na resurreiçãõ com grande poder, para sojeitar cõ o Sanctissimo Sacramento o Mundo todo: *Data est mihi omnis potestas in celo, & in terra*.

12 E cõ fazer o Anjo esta advertencia à S. Joseph no Evangelho, que a Igreja canta neste dia, fazia Deos a mesma advertencia à Portugal: *Ioseph fili David! Recognosce quod promissum est domui David*: Illustres Portuguezes reconhecei neste Principe, que nasce em dia taõ alegre, a Pessoa Real do Rey prometido à el Rey Dom Affonso Henriques primeyro fundador de sua Casa Real. Vede nelle como se desempenha Deos de sua palavra, como cumpre sua promessa por hum a Sereñissima Senhora Dona Catherina: *Vide impletum in ea*. Se o vedes neste dia Rey encuberto, veloheis à seu tempo Rey descuberto, festejaloheis mais avante Rey confirmado: *Recognosce quod promissum est domui David*.

13 Melhor o Profeta Rey. Diz, q os dias se fallaõ: *Dies diei eructat verbum: & nox nocti indicat scientiam*: Hum dia falla com o outro, & hum a noite com a outra. Difficullosa escriptura. Porque para dous se fallarem, he necessario, que se juntem. O dia de hoje se naõ pode juntar com o de à menhãa; porque quando outro chega, este passou, & em quanto este dura, o outro naõ vem: como pois se fallaõ, como se communicãõ seus segredos?

14 Crece a difficuldade cõ a explicação de S. Agostinho: *Dies diei eructat verbum. Dies nativitatis diei passionis, & dies passionis diei resurrectionis*: Hum dia falla com o outro, á saber, o dia do nascimento de Christo com o dia da paixaõ, & o dia da paixaõ com o dia da resurreiçãõ. Se o dia do nascimento foy mais de trinta & tres annos antes da paixaõ, & o da paixaõ tres dias antes da resurreiçãõ: se quando Christo nasceo, ficava muy longe o dia de sua morte, & o dia de sua morte do dia da resurreiçãõ, como se falláraõ?

Dous

15 Dous sentidos entre outros acho nos Doutores, hũ que refere o Bispo Agellio da minha sagrada Religião, outro do Padre Sherlogo da Companhia de Jesu. Diz Agellio: *Dies diei Agell. eructat verbum: Dies prior de postero die significat, & predicat: ibid.*

Hum dia falla com o outro; porque hum dia he pregoeiro do outro, o dia de hoje pregoa, & anuncia o de á menhã. Quasi o mesmo diz Sherlogo: *Dies diei eructat verbum. Quasi ex-* Sherlog. in Cant. tom. 1. Antiloq. 10. sect. 6. n. 60.
plano, ut quidem unus dies alteri quasi monitor, & pedagogus sit: Hum dia falla com o outro; porque hum dia he amoeftador, & Ayo do outro.

16 E paraq̃ acomodemos estes sentidos, & nos sirvaõ de base para o que pretendemos, ha se de notar, que o dia da paixão de Christo foy o dia de seu levantamento. Não posso deixar de me valer desta palavra, por ser o sentido da Escritura, q̃ apontarei; nem ma estranhem, porque hũ justo levantamento val tanto, como feliz aclamação. Digo pois, que o dia da paixão de Christo foy o dia de seu glorioso levantamento. Assy o disse o mesmo Senhor: *Si exaltatus fuero à terra; omnia traham ad me ipsum.* E duas vezes foy Christo levantado Rey, hũa com chagas dolorosas na Cruz na paixão dolorosa, em que foy levantado Rey de Judea: *Iesus Nazarenus Rex Iudeorum;* & outra com chagas gloriosas na paixão gloriosa, quero dizer na paixão glorificada na resurreição, em que o Eterno Padre o aclamou Rey, & Senhor do Mundo cõ absoluto poder: *Data est mihi omnis potestas in calo, & in terra.* Diz pois o Profeta Rey: *Dies diei eructat verbũ,* á saber, *Dies nativitatis diei passionis, & dies passionis diei resurrectionis:* O dia do nascimento de Christo quanto á carne falla com o dia do nascimento Politico de seu levantamento na paixão dolorosa, quando foy aclamado Rey de Judea: *Iesus Nazarenus Rex Iudaorum:* E o dia do nascimento Politico com o dia do nascimento milagroso na paixão glorificada com a resurreição, quando foy aclamado Rey de todo o Mundo: *Data est mihi omnis potestas in calo, & in terra.* E em que modo se fallavaõ? Apregoandose entre sy mesmos. Hum dia era pregoeiro do outro, era amoeftador,

mestre, & Ayo do outro, mostrava o que havia de ser, & ensinava o que se havia de fazer: *Dies prior de postero die significat, & pradicat. Ut unus dies alteri quasi monitor, & padagogus sit.*

17 Oh que rara Escritura para a festa, q̃ temos: *Dies diei eructat verbum. Dies nativitatis diei passionis. Dies passionis diei resurrectionis. Dies prior de postero die significat, & pradicat, quasi monitor, & padagogus.* Nacco V. Mag. neste dia 19. de Março de 1604. & já este dia fallava com o primeyro de Dezembro de 1640. trinta & seis annos antes que fosse: & o primeyro de Dezembro com o vigessimo dia de Junho do anno de 1647. dia do Corpo de Deos, sete annos antes que viesse. Já o Nascimento Natural, como mestre, & prégador ensinava o que se havia de fazer no Politico, & o Politico apregoava o Milagroso. Dizia o Natural: Vinde Politico, porque eu já cheguei. Dizia o Politico: Chegai vós Milagroso, porque vós sómente faltais. Dizia o Milagroso: Como for tempo, logo virei. Dizia o Natural: Eu dou á luz á hum Rey desejado, mas Eucuberto. Dizia o Politico: Eu o manifestarei mais luzido, que o Sol, muy descuberto. Dizia o Milagroso: Eu o confirmarei, para que seja mais conhecido. Dizia o Natural ao Politico: Eu o trago comigo, para que naça, aclamayo vós, para que reyne. Dizia o Politico ao Milagroso: Eu o aclamarci, para que réyne, confirmayo vós, para que dure. Dizia o Milagroso: Eu o confirmarei, para que dure, fazei vós entretanto, que reyne. Eis aqui como se fallavaõ, como se cõmunicavaõ seus segredos: *Dies diei eructat verbum. Dies nativitatis diei passionis, dies passionis diei resurrectionis. Dies prior de postero die significat, & pradicat, quasi monitor, & padagogus.*

18 E se considerarmos cõ atençaõ o Evangelho, acharemos nelle pintado o Nascimento Natural unido com o Politico, & o Politico com o Milagroso. Porque começa pelo Natural, continua com o Politico, conclue cõ o Milagroso. Começa a pintura com o Natural: *Cum esset desponsata mater Iesu Maria Ioseph, antequam cõvenirent, inventa est in utero habens de Spiritu Sancto.* Diz que S. Ioseph estava desposado com a Virgem Maria:

Maria: *Cum esset desponsata mater Iesu Maria Ioseph*; porém que não estava ainda recebido com ella: *Antequam conveniret.* Matth. 1. n. 18.

Quando V. Mag. nasceo no anno de 1604. neste dia, nasceo Rey desposado com Portugal, mas não recebido. O Reyno de Portugal era esposa sua. Todos os Reynos são esposas de seus Reys, essa deve de ser a rezaõ, porque tem nome de femeas, Italia, Espanha, França. E ainda que Portugal tenha nome de macho, Portugal, no Latino, que he mais commú, & geral, tem nome de mulher, *Lusitania*. E como V. Mag. nasceo com o direito ao Reyno, & não com a posse, nasceo desposado com Lusitania: *Cum esset desponsata, &c.* mas não recebido cõ ella: *Antequam convenirent.*

19 Nace Christo no Múdo. Vêdoe em espirito Isaias, alegre por taõ desejado nascimento, diz: *Parvulus natus est nobis, & filius datus est nobis, & factus est principatus super humerũ ejus: & vocabitur nomen ejus Admirabilis, consiliarius, Deus, fortis, pater futuri seculi, princeps pacis.* Naceonos hum minino, deunos Deos hum filho, que traz consigo seu principado nos hõ-bros: & chamar-se-ha Admiravel, Deos, forte, pay do seculo futuro, & Principe da paz. S. Jeronimo, Theophylato, Tertulliano, & outros entẽdem por este principado a sancta Cruz. Mas fazme grande duvida, levar Christo a Cruz em seus sagrados, & divinos hombros depois de trinta & tres annos de sua vida, & não no nascimento; como pois diz o Profeta, que teve seu principado desde que nasceo? *Parvulus natus est nobis, & filius datus est nobis, & factus est principatus super humerum ejus.* Se o teve desde q nasceo, como não teve no mesmo tempo o nome de Admiravel, de conselheiro, de Deos, de forte, de pay do seculo futuro, & de Principe da paz? Do principado da Cruz falla o Profeta de preterito: *Factus est*, & dos ritulos, & nomes gloriosos de futuro: *Vocabitur!*

20 O principado da Cruz na representaçãõ, & figura era o Reyno de Christo; porque representava, diz Chrysostomo, seu Reyno celestial, em que havia de reynar: *Ipsa Crux Regni mihi videtur symbolũ esse; propterea ipsum Regem voco;* & como

Isai. 9. n. 6.

Hieronym. ibi. Theophyl. in c. 23. Luc. Tertull. lib. 16. adversus Jud.

Chrysost. apud Novarin in c. 23. Luc. Sect. 3. n. 780.

Reyno seu, era sua esposa. Mas como Christo nacia com o direito à seu Reyno, & não com a posse, nacia desposado com a Cruz, mas não recebido com ella. Nacia Rey, nacia com seu principado nos hombros, quanto ao direito: *Factus est principatus ejus*, mas não quanto à posse; & assy era Rey, mas tão encuberto, que nem nome tinha de Rey, nem fama de Admiravel, de conselheiro de Deos, de forte, de pay do seculo futuro, & de Principe da paz, mas sómente de minino que nace, de filho, que Deos nos deu: *Parvulus natus est nobis; & filius datus est nobis*. Teve todos estes titulos, & nomes soberanos tão devidos, quando depois de trinta & tres annos se meteo de posse de seu Reyno, se recebeo com sua esposa, se unio com a Cruz, tomandoa sobre seus sagrados, & divinos hombros na cidade de Jerusalem: *Factus est principatus super humerum ejus: & vocabitur nomē ejus Admirabilis, consiliarius, Deus, fortis, pater futuri seculi, princeps pacis*.

21 Naceo V. Mag. tão legitimo Rey de Portugal, q̃ desde então podiamos dizer com Isaias: *Factus est principatus super humerum ejus*; porque desde então o era, mas tão encuberto, que nem de encuberto tinha o nome, nem por esse era conhecido. Era V. Mag. Rey, mas sómente desposado secretamente por Deos, não recebido com seu Reyno; & assi sem os gloriosos titulos, & nomes, que hoje tem. O Principado era de preterito: *Factus est*; porque desde o dia de seu Nascimento Natural no anno de 1604. o fez Deos Rey de Portugal: Os titulos, & os nomes gloriosos de futuro: *Vocabitur*, ordenandoos o mesmo Senhor para o Nascimento Politico na posse, que lhe tinha guardado, para o anno de 40. então sy alcançoti V. Mag. fama tão gloriosa, que nenhum outro Rey teve no Mundo. Então sy foy conhecido por admiravel na aclamação espantosa, como feliz: Por forte nas armas, que tomou contra os mais poderosos Principes de Europa, lançando fora de seus Reynos por terra, & por mar com Arrayaes, & Armadas o forte Monarcha Castellano, & do Brasil, & Angola o Belguista Hereje. Por pay do seculo futuro no Serenissimo Principe,

cipe, que Deos guarde, em que esperamos hum seculo dourado de felicidades, & grandezas, & por Principe da paz na posse que tomou de seu Imperio com tanta paz, & quieração de seus Vassallos: *Et vocabitur nomen ejus Admirabilis, cōsiliarius, Deus, fortis, pater futuri saculi, princeps pacis.*

22 Continua o Evangelho com o Nascimento Politico; porque depois de fallar do desposorio: *Cum esset desponsata,* Marth. 1.
n. 20. ajunta logo: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis ei, dicēs: Ioseph fili David, noli timere accipere Mariam conjugem tuam: quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est.* Para S. Joseph se receber com a Virgem Maria, com que estava desposado, appareceolhe o Anjo em sonho: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis ei.* Parecia sonho fallar em V. Mag. no anno de 40. do Nascimento Politico, para que se recebesse com Lusitania esposa sua, com que estava desposado desde o anno de 1604. neste dia no Nascimento Natural; mas era aviso do Ceo, Anjo do Paraíso: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis ei.* E que disse o Anjo á S. Joseph? *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam: quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est.* Chama o Anjo ao cuidado de S. Joseph temor: *Noli timere.* S. Joseph não temia, porque não tinha de que se temer, cuidava sómente pensativo, se lhe convinha receberse com sua Esposa, pelas novidades, que nella via; & para o Anjo o tirar destes cuidados, & persuadilo á se receber com ella, apontoulhe duas rezoës muy forçofas, huma era, ser a Virgem Maria Esposa sua: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam.* Outra, que o que nella via, era obra do Spirito Sancto: *De Spiritu Sancto est.* Estas mesmas rezoës concorriaõ em V. Mag. para se receber co Lusitania, para se aposlar de seu Reyno, ser o Reyno esposa sua: *Conjugem tuam,* & serem as mudanças que nelle havia, as novidades de o achamarem obra do Ceo: *De Spiritu Sancto est.* E concorrendo em Lusitania direito de Esposa para ser recebida, & poder do Ceo, não havia causa para temer, nem motivos para cuidar: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam.*

23 O que me admira, que ordenasse Deos o Nascimento

Polirico de V. Mag. muyto depois do Natural, deahi a trinta & seis annos. Porque não no mesmo dia? Porque não de ahy á pouco tempo? Se tinha Deos prometido de dar à Portugal seu legitimo Senhor na decima sexta geraçã de seus Reys, porque no mesmo tempo, em que lho deu quanto à pessoa no primeyro Nascimento, não o deu quanto à posse no segundo? Se as graças, & mercès mormente promeridas, quanto mais cedo se fazem, tanto mais são agradecidas, porque esperou Deos tão largos annos de hum Nascimento a outro? A meu ver, para que este Nascimento fosse terrivel, & fermoso, para com a fermosura alegrar seus Vassallos, & com o terror espantar seus inimigos.

Cant. 6.
n. 9.
Ghisler.
ibid.
exp. 1.

24 As palavras dos Cantares: *Quae est ista, quae progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis ut castrorum acies ordinata*, diz o meu Padre Ghislerio por sentença de muytos, que são das Rainhas esposas de Salamaõ, ditas à outra Rainha esposa, cuja graça, & fermosura admirava: *Regina laudaverunt eam dicentes: Quae est ista? &c.* E quem dizer: Quem he esta Rainha, q̃ saye como a Aurora, fermosa como a Lua, escolhida como o Sol, terrivel como exercito ordenado? Mas consideradas com os olhos no que tratamos, parecem ditas pelas Nações de Europa à famosa, & magestosa Lusitania no dia tão alegre do Nascimento Politico de

Paraph.
Chald.

V. Mag. porque em lugar de *Regina*, tem a Paraphrase Chaldaea *Nationes, Dixerunt Nationes: Quam splendida sunt opera populi huius sicut mane*. Digamos pois assy. Rainhas coroadas esposas de seus Reys são Italia, França, Espanha, Polonia, Suecia, Inglaterra, & as mais Naçoens, que em Europa trazem coroa na cabeça. Rainha viuva de seus Reys naturaes, sem opa Real, sem ceptro, & sem coroa, foy por sessenta annos Lusitania. Porém no dia tão alegre do Nascimento Politico de V. Mag. appareceo tão fermosa, & com tanta magestade mostrou o que dantes era, q̃ pasmadas as Rainhas da terra, as Naçoens de Europa, diziaõ humas às outras: *Quae est ista, quae progreditur quasi aurora consurgens?* Quem he esta Rainha tão fermosa, que

que saye como Aurora, vestida de luzes, afermoscada cō resplandores, enriquecida de graça, cheia de fermosura? *Qua est ista?* Desconhecêraõna. *Qua?* Porque sem ceptro, sem coroa, & sem Rey, sojeita à Castella, estava tão escurecida, & tão baixa, que não parecia Rainha. O que noto he a causa da admiração: *Pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis ut castrorum acies ordinata*, porque parecem estas palavras encontradas, & por algum modo trocadas. Não he mayor a fermosura do Sol, do que a da Lua? como pois diz, que he fermosa como a Lua, & escolhida como o Sol; & se he tão fermosa, como he tão terrivel, que parece exercito ordenado? *Terribilis ut castrorum acies ordinata*. Que tem que fazer huma cousa com a outra, a fermosura com o terror, a graça com o espanto, a bizarrria com o temor, que causa hum exercito ordenado? Se a fermosura alegra, & o terror espanta, como Lusitania no Nascimento Politico de V. Mag. appareceo terrivel, & fermosa? *Pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis ut castrorum acies ordinata*.

25 A eleição do Reyno, a deliberação de Lusitania foy de hum Sol Portuguez, de hum Rey natural: *Electa ut Sol*; mas a fermosura he de hũa Lua de Castella: *Pulchra ut Luna*. Pois Senhora, he fermosura de hũ Reyno Portuguez, ter hũa Rainha Castelhana. He graça, que admira, he gloria, que espanta, que no mesmo tempo, em que Portugal toma as armas nas mãos, para se liberrar contra Castella, se sojeite a hũa Lua Castelhana, accitando á V. Mag. por sua Rainha, quẽ Deos lhe deu, para o governar com sua justiça, para o encaminhar com sua prudencia, para o reformar com sua virtude, para o alentar com sua presença, para com os rayos de sua Real Pessoa desfazer as trevas da noite das oppreções, & misérias, em que se achava, & com a luz de seu mando, & governo dar lustre, & valor à suas armas.

26 E neste mesmo tempo, em que Lusitania sabio como Aurora com fermosura de Lua, & com resplandores de Sol: *Qua est ista, que progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol?* parecia hum exercito terrivel: *Terribilis ut*

ut castrorum acies ordinata. Porque? Na Aurora tudo se ajuntá á nossa vista. O que se não pôde ver junto de dia, o que se não pôde ver junto de noite, se vê na Aurora. De dia se vê o Sol, mas não aparece a Lua, nem as Estrellas. De noite se vê a Lua com as Estrellas, mas não aparece o Sol. Na Aurora se vê tudo junto. Se vê o Sol, que nasce, & com elle aparece muytas vezes a Lua, & mais se vê hum Estrella grande, & resplandecente, à quem chamamos Estrella d' Alva, com muytas Estrellas pequenas. Tudo isto se ajunta na Aurora. Quando V. Mag. naceo Rey de Portugal no primeyro de Dezembro no Nascimento Politico, appareceo Lusitania como Aurora, & parecia hum exercito terrivel; porque amanheceo com hum Sol Portuguez, com hum Lua de Castella, com a Estrella d' Alva de hum Serenissimo Principe, & com duas estrellas pequenas de duas fermosissimas Infantas, que representavaõ hum exercito. Era Aurora na fermosura, era Exercito no terror. Era Aurora, que afermoseava os Reynos de Portugal, era Exercito, q̃ atemorizava os de Castella. Era Aurora, que alegrava os Portuguezes, era Exercito, que espantava aos Castelhanos; porque não ha cousa, que tanto espante, & de que tanto se tema o Inimigo, como de ver huma uniaõ taõ grande de Sol, de Lua, & de Estrellas com a futura sucessaõ de hum Principe taõ perfeito, que Deos guarde. Esta à meu ver foy a rezaõ, porque não quiz Deos unir o Nascimento Politico com o Natural, mas esperou taõ largos annos, para que amanhecesse Lusitania terrivel, & fermosa, fermosa como Aurora, com o Sol, cõ a Lua, & com as Estrellas, & terrivel como Exercito ordenado: *Pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis ut castrorum acies ordinata.*

27 Tomàra agora saber, porque Deos o ordenou para o anno de 40. depois de quarenta vezes quarenta annos, que taõto montaõ mil & seis centos, & por quarenta Fidalgos? Porque ajuntou Deos para o Nascimento Politico tantos quarêta? Porque não mais cedo no anno de 39. porque não mais tarde no anno de 41. porque não por mais Fidalgos? porque não por menos? Levantemoslhe para reposta hum figura à semelhança

lhança dos Astrologos, custumada levantar-se nos nascimentos dos Principes, & Reys, não de Estrellas, & Planetas, que não faõ certas nos influxos, mas de mysterios tirados da sagrada Escritura, com a doutrina dos Sanctos, & doutores.

28 He este numero de quarenta, diz S. Agostinho, numero perfeito, & sagrado: *Quadragenarius numerus sacratus nob. in quadam perfectione comendatur*, tido pelos Sanctos em muyta veneração, pelos muytos modos, com que Deos o honrou, & venerou na sagrada Escritura. *Est in honore hic numerus* (diziaõ os quarenta Soldados, & esforçados Martyres de Armenia, que em tempo de Licinio Emperador, & de Agricoloao Presidente morreraõ fortemẽte pela Fè) *Est in honore hic numerus, quem tu quadraginta dierum jejunio decorasti, per quem divina lex ingressa est in orbem terrarum. Elias quadraginta dierum jejunio Deum quarens, ejus visionem consecutus est.* He este numero de quarenta de muyta honra, tido em grande veneração. Pois vós Deus meu o afermoseastes cõ quarenta dias de jejuns. Ohonrastes, servindovos delle, quando para dar ley ao Mundo, por outros quarenta dias vos derivestes com Moyfes em amorosas praticas no monte. O engrandecestes, quando alcãçou Elias ver vosso divino rosto, com jejuar tambem quarenta dias. E podemos ainda acrecentar, & dizer: *Est in honore hic numerus*: He este numero de muyta honra, & de grande veneração por outros muytos modos, com que o tem Deos sanctificado, & consagrado. Porque quarenta foraõ os annos, que deu em comida à seu Povo no deserto o Manà celestial, que lhe chovia o Cco, figura do Sanctissimo Sacramento do Altar: *Filij autem Israel comederunt Manà quadraginta annis.* Quarenta foraõ os dias, & quarenta as noites em que se ocupou à mandar chover, para com hum diluvio de agoa apagar, & extinguir o incendio grande de pecados, em que ardia, & se consumia o Mundo: *Pluam sepe terram quadraginta diebus, & quadraginta noctibus.* Quarenta os dias, q se puzeraõ em meyo antes de abrir Noé a porte de sua Arca, & lançar fora della o Corvo, para ver se tinhaõ as agoas tornado de todo para trazi:

August.
tr. 17. in
Joan.
tom. 9.

Breviar.
Roman.
die 9.
Mart.
Leçt. 4.

Exod.
16. n. 35.

Gen. 7.
n. 4.

Mmm

Cumque

Gen. 8. *Cumque transissent quadraginta dies, aperiens Noè Arcam, quam*
 n. 6. *fecerat, dimisit corvum.* Por quarenta Justos se diliberava à não
 castigar as torpes, & infames Cidades de Pentapol: (cin-tanta
 estima tem Deos este numero) com o castigo merecido do en-
 Gen. 18. *Non percutiam propter quadraginta.* Quarenta
 n. 29. foraõ os dias, que depois de resucitado converfou cõ os Apof-
 Aftor. 1. *Per dies quadraginta apparens eis, & loquens de*
 n. 3. *Regno Dei.* E para que não faltasse este numero tão myfterioso,
 S. Ber- & tão fãcto na fua morte, & fepultura, diz S. Bernardino, que
 nardin. quiz eftar morto, & fepultado quarenta horas. Afly que he este
 ferm. 2. numero de quarenta myfterioso, fagrado, fãcto, de grande ef-
 de Alcêf. tima, & de muyta veneraçãõ: *Est in honore hic numerus.* Quiz
 2 1. c. 2. pois Deos honrar, & fãctificar o Nascimento Politico de V.
 Mag. com o numero não só reduplicado, mas ainda multipli-
 cado de quarenta, ordenando, que naceffe Rey de Portugal cõ
 firme poffe de feu Imperio por quarenta Fidalgos, no anno de
 quarenta, depois de quarenta vezes quarenta annos, do dia em
 que naceo ao Mundo feu filho; para que foffe venerado por
 jufto, & avaliado por myfterioso, por milagroso, por fagrado,
 por fãcto; & que de hũ numero tão accito á Deos, argomen-
 taffem os homẽs as felicidades, que efperamos.

29 A mór felicidade, que podiamos ter, a mór mercè de
 Deos foy o Nascimento Milagroso de V. Mag. *Quod enim in*
ea natum est, de Spiritu Sancto est. A todos os Nacimentos po-
 demos acomodar estas palavras; porque fe não foraõ rodos
 milagrosos, foraõ ao menos ordenados com particular provi-
 dencia divina. O Natural *De Spiritu Sancto est*, prometido
 muyto dantes, apregoado com muytos pronosticos, profetiza-
 do com muytas profecias, ordenado com muyta cautela, espe-
 rado cõ muyta corteza. O Politico *De Spiritu Sancto est*, inspi-
 rado interiormente por Deos, tratado com particular affisten-
 cia divina, executado com grande auxilio do Ceo, emparado
 com muytos prodigios. O Milagroso *De Spiritu Sancto est*, cõ-
 correndo Deos com evidente milagre na confervaçãõ da vida
 de V. Mag. & confirmaçãõ de feu Imperio.

30 Muytas vezes considero comigo mesmo, que V. Mag. não pôde perigar, nem decer de seu Throno Real, à que taõ justamente subio, mas antes ha de subir sempre mais alto, para mayores felicidades, & grandezas, porque vive debaixo da Divina Providencia como a minha sagrada Religiao. Tcm a minha sagrada Religiao tanta firmeza, que nunca em algũ tempo poderà cahir, porque não depende de meyo humanos, não se sustenta com bens temporaes de rendas, & fazendas, que o tempo muda, & corrompe, mas vive debaixo da Divina Providencia: & como esta não pôde faltar, & o emparo que promete he infallivel: *Calum, & terra transibunt, verba autem mea nō* Luc. 21. *transibunt*, não pôde em algum tempo faltar à minha sagrada n. 33.

Religio, ou decer da altura à que subio, mas antes ha sempre de subir. Nem mais, nem menos V. Mag. desde q̃ nacco sempre subio, & sempre subirá, emparado da Divina Providencia, que se obrigou com palavra de ter particular providencia de sua Real Pessoa na embaxada, que mandou fazer ao Sancto Rey Dom Affonso Henriques por hum servo seu Ermitão: *In decima sexta generatione attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respiciet, & videbit*, à saber, *Providebit*: Terà providencia da decima sexta geraçao. Tevea no Nascimento Natural, tevea no Politico, tevea no Milagroso, tella ha para sempre: *Respiciet, & providebit*. Ella he, que deu à Portugal à V. Mag. encuberto no Nascimento Natural: Ella he, q̃ o deu descuberto no Politico: Ella he que o deu confirmado no Milagroso. Emparouo no Nascimento Natural, sustentouo no Politico, guardouo no Milagroso. E à quẽ Deos guarda, está bẽ guardado, não pôde perigar. A quẽ Deos sustenta, não pôde cahir: E à quẽ Deos empara com tanta providencia, ha sempre de crescer.

31 Mas o em que mais resplandece a Providencia divina, foy no Nascimento Milagroso, em que o confirmou Rey de Portugal com o milagre, que obrou o Divinissimo Sacramento do Altar na conservacao da vida de V. Mag. contra quem taõ injusta, & sacrilegamente lha mandava tirar.

32 Parece (á nosso modo de dizer) que não podia Deos

Mmmmm 2

deixar

- deixar de emparar á V. Mag. vendoo acompanhado com taõ alto Sacramento, mas antes convinha, que lhe sustentasse, & conservasse a vida, & o confirmasse em seu Imperio. Queixava-se Esau á seu pay Isaac, de que seu irmão mais moço Jacob com refolhos, & enganos de sua mãy Rebeca se tinha apossado da benção, que lhe pertencia por mais velho, herança mais rica entre os Hebreos, que podiaõ ter os filhos de seu pay. E chorando, & lastimandose pedialhe, que o remediasse com seu poder; pois em sua mão estava dalla à quem quera, & tiralla de quem a possuia. Conhece o Sancto Patriarcha o engano de
- Gen. 27. seu filho segundo, & o confessa com sua boca: *Venit germanus*
n. 35. *tuus fraudulenter, & accepit benedictionem tuam.* Cõ tudo naõ se agasta, naõ se indigna, naõ o amaldiçoa, nem ainda lhe tira a benção, que lhe tinha dado, para a restituir a Esau, mas antes
- Ibid. n. 33. lha confirma: *Comedi ex omnibus priusquam tu venires, benedixique ei; & erit benedictus.* Sancto Patriarcha se vossõ filho segundo Jacob se apossou da benção de Esau filho vossõ mais velho com refolhos: se foy traça de Rebeca mãy sua, a qual secretamente fez com enganos, que a benção de Esau fosse de Jacob, porque naõ vos agastais contra Rebeca? porque naõ reprehendeis à Jacob? porque lhe naõ tirais a benção, que lhe destes, para a restituir á Esau, que com lastimas, & choros se queixa, & sente perda taõ grande? porque lha confirmais para sempre? *Benedixique ei; & erit benedictus?* Naõ reparais Sancto Patriarcha no odio, que terà Esau cõtra Jacob, & no desejo de lhe tirar a vida. Naõ vedes o que já deliberou: *Occidam fratrem meum?* Diz Ponferradiense: *Ubi VIVIFICI SACRAMENTI lux apparuit, debuit benedictio confirmari, non aboleri.*
- Ibid. n. 41. Ponferrad. in Evang. Hist. l. 16. cap. 12. §. 5. A benção, que o Sancto Patriarcha deu à seu filho segundo Jacob por traça de Rebeca mãy sua, & com enganos, foy apadrinhada cõ o paõ da vida, cõ o Sanctissimo Sacramento: *Framento, & vino stabilivi eum,* disse Isaac à seu queixoso filho: &
- Gen. 27. n. 37. benção apadrinhada com taõ alto Sacramento, benção encostada no paõ da vida, por muyto que se queixe Esau, por muyto que chore, & se lastime, por muyto q se delibere de matar à seu

seu irmão Jacob: *Occidam fratrem meum*, se ha de confirmar para sempre & nunca em algum tempo se ha de revogar: *Ubi vivifici Sacramenti lux apparuit, debuit benedictio confirmari, non aboleri.*

33 Em tudo he o caso semelhante ao que tratamos, tirãdo huma só cousa, que a benção de Portugal, que possuia el-Rey Dom Phelipe IV. se devia à V. Mag. como sua. E ainda que esta Escriitura por sy se deixe entender, não quero deixar de a aplicar, para mayor clareza do que digo. Queixase o Monarcha de Espanha Dom Phelipe IV. primo de V. Mag. em quarto grão, & por ventura mais velho, de que V. Mag. se tem metido de possê da benção, que elle possuia do Reyno de Portugal por traças de Rebeca mãy de V. Mag. por traças digo secretas de Lisboa, & faz suas queixas à Deos, & ao Papa, para que lha restituão com seu poder, passando tanto avante com o odio, que tem concebido em seu coração, que além das muytas armas, com que nos acomete nas fronteiras, diliberouse à dizer: *Occidam fratrem meum*, & ainda á procurar de o pôr por obra. Por ventura tornará por isso a benção á traz? Tirarlhaha Deos à V. Mag. para a dar à el Rey Dom Phelipe? Não, por nenhum caso, & em nenhum tempo, porque he benção apadrinhada com o pão da vida o Sanctissimo Sacramento, em que V. Mag. estava acostado no mesmo tempo da traição: & benção apadrinhada com o pão da vida! benção acostada ao Divino Sacramento: *Ubi vivifici Sacramenti lux apparuit! debuit confirmari, non aboleri*, por muyto que el Rey Dom Phelipe se queixe, por muyto que se agaste, por muyto que chore, & lastime, por muyto que ajunte armas, & Armadas, por muyto que venha cõ exercitos sobre o Reyno, por muyto que diga: *Occidam fratrem meum*, & procure de o pôr por obra, a ha Deos de confirmar para sempre: Será V. Mag. sempre Rey de Portugal com feliz successão de filhos, & netos até o fim do Mundo: *Benedixique ei; & erit benedictus*; quanto mais, que o engano foy justo, ordenado por Deos, a traça conforme o direito, a posse legitima, & o aplauzo geral.

34 Grande motivo tenho nesta benção, para dizer outra vez de caminho, o que por duas prèguei á V. Mag. de propòsito, q̃ mande aos Prelados, & Parocos das Conquistas de Africa, & dos Estados de Angola, & Brasil, que instruaõ suas ovelhas, para que comunguem, porq̃ morrem muytos mil Christaõs, como se naõ foraõ Christaõs, sem receberem em algum tempo de sua vida, nem ainda na morte a Sagrada Comunhaõ. E se V. Mag. remediar tão grande falta, & pecado, para que o naõ haja em seus Vassallos, terà do Ceo, como outro Jacob de nosso tempo tão favorecido de Deos, muytas bençoẽs, confirmadas por largos, & felicissimos annos, por mais, que as encontre o Esau Monarcha Castelhana.

Ponfer-
rad. loc.
cit.

35 Naõ deixo de reparar nesta bẽção na palavra de Isaac, *Comedi*: Comi, figura, diz o Doutor citado Ponferradiense, da comida sacramental: *Comedi ex omnibus priusquam tu venires, benedixique ei; & erit benediçtus*: Porque comi, porque comunguei em representação & figura, o abençoei, & serà abençoado. Se comungara Jacob, bem lhe estivera a benção confirmada: merecêraa pelo Sacramento que recebêra. Mas comungando Isaac! Se o que comunga he o pay, como a benção confirmada he do filho? Isaac comunga; *Comedi*, & Jacob he o abençoado: *Benedixique ei*? O pay recebe em figura a Sagrada Comunhaõ, & o filho a confirmação tão grande de sua benção: *Et erit benediçtus*? Como assy? Dissera, que as bençoens, que dà o pay à seu filho, para serem confirmadas por Deos: *Et erit benediçtus*, devem de sahir de huma boca sancta, depois de comungar. Mas naõ he isto o meu intento. *Comedi ex omnibus priusquam tu venires, benedixique ei; & erit benediçtus*. A comida sacramental foy do pay, mas quem lha administrou foy o filho. Isaac comungou, mas Jacob lha deu, & lha procurou cõ muyta diligencia, & grande cuidado. Caminhou, cançou, & fez tudo que pode, para que seu pay comungasse, para ser abençoado cõ benção irrevogavel para sempre: *Surge, sede, & comede de venatione mea, ut benedicat mihi anima tua*: & quem procura, & faz as diligencias que pôde, para que ou-

tro

Gen. 27.
n. 19.

tró comungue, terá muytas bençoës cõfirmadas para muytos, & felicissimos annos na sua própria pessoa, & na de seus filhos, & netos até o fim do Mundo : *Benedixique ei ; & erit benedictus.*

36 Deseja V. Mag. Senhora, muytas bençoës do Cco, cõfirmadas para sempre em toda a Casa Real, procure com seu espirito, virtude, & zelo, & com o poder, q̃ Deos lhe deu, que comunguẽ as muytas povoações de negros, de pobres, & de escravos bautizados, remidos cõ o sangue de Jesu Christo, q̃ nũca se unirão atégora sacramentalmente cõ seu divino Redemptor. Quer V. Alteza, Serenissimo Principe, que Deos lhe dê mayor benção, que a de Portugal, mais estendido Imperio, Monarchia mais grandiosa! seja mordomo da Sagrada Comunhão, & protector das almas, que nunca recebêraõ o Senhor; & muyto mais, Senhor, V. Mag. como Rey deve mandar, que se dê em seus Estados a Sagrada Comunhão aos Fieis na forma que manda Christo Senhor nosso, & a S. Madre Igreja, ao menos na Pascoa, & na hora da morte, para que logre por este meyo por largos, & felicissimos annos, a benção de Portugal, que tem Deos confirmado na sua Real Pessoa: *Benedixique ei, & erit benedictus.*

37 E se em V. Mag. a confirmou, em V. Alteza a ha de acrecentar. He V. Mag. Rey confirmado, porẽm sõmente de Portugal, serà V. Alteza Rey acrecentado, Senhor & Monarcha de Imperio mayor. Façame Deos profeta nõ que digo, assy como me fez Prẽgador. Naõ nos apartemos do Evangelho! Muyta differença ha no modo de fallar, cõ que o Anjo annunciou à S. Joseph o nascimento de Christo, & à Zacharias o de seu filho S. Joaõ. Porque à S. Joseph disse da Virgem Maria: *Matth. 1. Pariet filium: & vocabis nomen ejus Iesum*: Parirà hum filho, a quem chamareis Jesu, que val tanto como Senhor, Salvador. *Hebr. JESU* (diz a interpretação dos nomes Hebraicos) *Hebraice* *Nem.* *Iehová, Dominus Salvator.* Mas à Zachariã disse de Elizabeth: *Interpe-* *Uxor tua pariet tibi filium, & vocabis nomen ejus Ioannem.* Ajuntou de mais nesta embaxada a palayra *Tibi*. Naõ disse absolutamente, *Luc. 1. n. 13.*

tamente, *Pariet*, mas *Pariet tibi*: Vossa Espôsa parirvosha hũ filho, à quem chamareis Joaõ. Porque esta differença? Porque não disse de Elizabeth: *Pariet filium*, parirà hum filho, como disse da Virgem Maria? ou porque não disse da Virgem Maria: *Pariet tibi filium*: Parirvosha hũ filho, como disse de Elizabeth? Responde Theophilato: *Non dixit pariet tibi filium, sed simpliciter pariet; non enim peperit illi, sed toti orbi.* A rezaõ porque o Anjo disse á Zacharias, *Pariet tibi*, & à S. Joseph sómente *Pariet*, porque Elizabeth pario á S. Joaõ sómente para sua casa, sómente para sy, & para seu pay Zacharias; mas a Virgem Maria pario à Christo para todos, para todo o Mundo.

Theo- phil.in c. 1. Mart. Quasi o mesmo diz Olyssiponense: *Ioannes nascitur ut filius Zacharia; Iesus veró ut Salvator, ac Rex totius universi. Dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus.* Como se dissera: 1. c. 5. q. 34. n. 93. Muyto vay de hum nacimiento á outro; porque S. Joaõ nasce filho de Elizabeth sua mãy, & de Zacharias seu pay; & assy sómente para elles; mas Christo nasce filho d'el Rey David, & da graõ Rainha a Virgem Maria, & como tal nasce para todo o Mundo.

Olyssip. Text. Evang. 1. 1. c. 5. q. 34. n. 93. tom. 1. Luc. 1. n. 32.

38 V. Mag. naceo Rey de Portugal, mas como S. Joaõ cujo nome glorioso tem, filho de Elizabeth, quero dizer: Naceo Rey, mas filho de Lisboa, que o pario, & fez Rey de Portugal. Lisboa o concebeo, quando se diliberou de o aclamar. Lisboa o pario, quando o aclamou; & Deos o confirmou. E naceo V. Mag. filho de Elizabeth, naceo filho de Lisboa, naceo sómente para Elizabeth, sómente para Zacharias: *Pariet tibi filium*, sómente para o Imperio de Portugal. Mas o Principe (Senhor) o Principe (Senhora) naceo filho de Vv. Magestades, filho de Rey, & de Rainha: *Dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus*; & assy naceo não tão sómente para o Imperio de Portugal, mas para Imperio mayor. As felicidades mayores, que nos prometem as profecias, os Imperios mais estendidos, as Monarchias mais grandiosas estão guardadas para V. Alteza. Deos o faça assy como todos deseamos: *Pariet autem filium, & vocabis nomen ejus IESUM. Non enim peperit*

peperit illi, sed toti Orbi.

39 E se V. Mag. nasceo como S. Joaõ filho de Elizabeth, porque ordenou Deos, que nasceste em dia de S. Joseph? Não fora melhor se nacera em dia de S. Joaõ? Mormente, que quanto ao Evangelho, mais acomodado à V. Mag. he o de S. Joaõ, do que este de S. Joseph. Não ha quasi palavra no Evangelho de S. Joaõ, que se não possa aplicar á V. Mag. muyto ao justo. *Eli-* Luc. 1.
n. 57.
zabeth (começa o Evãgelho de S. Joaõ) *impletum est tempus pariendi, & peperit filium.* Quem era Elizabeth? Huma mulher velha de muitos annos, esteril sem filhos: Heis aqui Lisboa emvelhecida em seu ultimo Rey o Cardeal Rey Dom Henrique, esteril por espaço de sessenta annos, sem poder parir hũ filho Rey, hum Rey desejado DOM JOAM, que prometiaõ as profecias. *Impletum est tempus pariendi, & peperit filium:* Heis aqui o anno de quarenta taõ decantado nos pronosticos Portuguezes, tempo que se havia de cumprir para parto taõ glorioso, para nacimiento taõ emparado. *Vocabunt eum nomine patris sui Zachariam.* Querião muytos, que o filho desejado da esteril Elizabeth se chamasse Zacharias; mas a mãy respondeo, que não se havia de chamar se não Joaõ: *Et respondens mater ejus, dixit: Nequaquam, sed vocabitur Ioannes.* Querião muytos, que se chamasse o Rey prometido por Deos para o anno de 40. *Dom Sebastião;* mas respondeo Elizabeth, respondeo Lisboa: *Nequaquam, sed vocabitur Ioannes:* VIVA ELREY DOM JOAM. Nestas contendas sobre o nome: *Innuebant patri ejus, quem vellet vocari eum:* Perguntaráõ à Zacharias seu pay, como se havia de chamar seu filho? *Et postulans pugillarem, scripsit, dicens: Ioannes est nomen ejus:* Respondeo por escrito: JOAM. Perguntaráõ ao Reyno todo de Portugal nas primeyras Cortes, que se celebraráõ nesta Cidade depois da feliz aclamação de V. Mag. quem era seu Rey? Juraráõ todos à V. Mag. VIVA ELREY DOM JOAM IV. *Et mirati sunt universi,* diz o Texto: Palmarão todos, acrescentando mais: *Et factus est timor super omnes vicinos eorum:* E se temerão todos os visinhos. A admiração soy geral: *Mirati sunt universi;* mas

Nnnn

o temor

o temor sómente dos visinhos: *Et factus est timor super omnes vicinos eorum*. Neste Nascimento de V. Mag. no anno de 40. pasmarão no Reyno os que esperavão por elRey Dom Sebastião, & pasmarão fora delle todas as Nações de Europa ás novas de que ouvesse Rey em Portugal: *Mirati sunt universi*; porém o temor foy sómente dos visinhos, sómente dos Castelhanos: *Et factus est timor super omnes vicinos eorum*. A huma voz dizião todos no nascimento de S. Joaõ: *Quis, putas, puer iste erit?* Quem será este Joaõ? Assy de V. Mag. Quem será este Rey DOM JOAM, não esperado, mas desejado, não conhecido, mas promerido, não imaginado, mas amparado? *Quis, putas, Rex iste erit?* Lá no nascimento de S. Joaõ: *Manus Domini erat cum illo*: Não faltou neste de V. Mag. a mão do Senhor, que o tomou debaixo de sua protecção, despregãdoa da Cruz. E conclue o Evangelho: *Benedictus Dominus Deus Israel, quia visitavit, & fecit redemptionem plebi sue*, palavras cõ que festejarão os Vassallos de V. Mag. sua redempção. Se pois isto he assy, se V. Mag. nacia no Mundo, para nacer segunda vez Rey de Portugal, & neste segundo nascimento se havia de parecer com o de S. Joaõ, & não com o de S. Joseph, porq̃ quiz Deos, que nacesse em dia de S. Joseph, & não em dia de S. Joaõ? Porque S. Joseph he o Sancto protector dos Reys encubertos: & como V. Mag. nacia Rey encuberto, para q̃ todos seus Reaes Nacimentos fossem emparados cõ particular emparo, o Natural, o Politico, & o Milagroso, ordenou Deos o Nascimento Natural, principio dos mais nacimentos, para o dia de S. Joseph, pondoos todos debaixo de seu poderoso emparo.

40 Todos os Sanctos são no geral nossos padroeiros, mas não no particular. A protecção particular he de poucos, aos quais tem Deos dado particular poder. S. Luzia he padroeira dos olhos, S. Apollonia dos dentes, S. Braz da garganta, & assy de outros Sanctos. Sómente S. Joseph he padroeiro dos Reys encubertos. Parece dito por graça; mas he da sagrada Escriitura.

41 Nace Christo em Bethlem fora da Cidade de Jerusalẽ cabeça de seu Imperio, como tenho dito, Rey encuberto: *Deus abscon-*

absconditus. Não o sabião mais, que poucos Montanhesez, á quem Deos o tinha revelado por hum Anjo: *Ecce evangeliza vobis gaudium magnum, quod erit omni populo: quia natus est vobis hodie Salvator, qui est Christus Dominus in Civitate David.* Dahi à poucos dias chegarão do Oriente os Reys Magos, & o publicarão na Cidade de Jerusalem: *Ubi est, qui natus est Rex Iudeorum?* Adonde está o Rey, que naceo de Judea? A estas vozes se turbou Herodes, & toda a Cidade: *Audienti autem Herodes Rex, turbatus est, & omnis Ierosolyma cum illo.* Heis logo os bandos, huns pela parte d'el Rey Herodes, mais por medo, q̃ por amor, outros pela de seu desejado Rey Christo: *Desideratus cunctis Gentibus;* mas nenhum se atrevia á fallar, & muyto menos á tomar as armas em seu favor, por não acharem o caminho livre para huma feliz aclamação; & Christo encuberto corria risco da vida, porque Herodes diliberou logo de o matar. Senhor que fareis? vós sois omnipotente, o Reyno he vossó, vossos Vassallos vos desejão, ha muytos annos que esperão por vós com grandes faudades. Por outra parte Herodes vos deseja a morte; & se der com vosco, & entender, que sois o Encuberto, havos de matar: Que fareis? Não se valeo Christo de seu immenso poder, nem tão pouco do emparo da Virgem Maria Mãe sua muyto poderosa. Valeose de S. Joseph como Sancto padroeiro dos Reys encubertos. Mandoulhe por hum Anjo dizer, que o levasse debaixo de seu emparo para o Egypto: *Surge, & accipe puerum, & matrem eius, & fuge in Egyptum, & esto ibi usque dum dicam tibi. Futurum est enim, ut Herodes querat puerum ad perdendum eum.* Joseph! o Rey que naceo Christo Jesu, he o Encuberto, por quem espera seu Povo de Israel. Herodes por si mes de perder o Reyno, o quer matar. Levãtaivos com pressa, & fugi com elle para o Egypto. Têdeo lá mais encuberto, retirado em alguma Tapada, até eu vos avisar: *Usque dum dicam tibi.* Como for tempo descubrilho hemos. He pois S. Joseph Sancto padroeiro dos Reys encubertos! Naça o verdadeiro Encuberto de Portugal em seu dia no Nacimẽto Natural, para ser descuberto no Po-

Nnnn 2

litico,

Luc. 2.
n. 10.

Matth.
2. n. 2.

Ibid. n. 2.

Agg. 2.
n. 8.

Matth.
2. n. 13.

litico, confirmádo no Milagroso, sempre debaixo de seu poderoso emparo.

42 Glorioso, & bemaventurado Sancto, se debaixo da vossa protecção nacer os Reys encubertos, para que os escondais à seus inimigos, os descubrais á seus Vassallos, & lhes conserveis a vida contra os Reys estrangeiros, que por fumes de Reynos, & Imperios lhe procuraõ a morte, quiz Deos, que o Encuberto de Portugal nacesse no vosso proprio dia, para que a protecção d'elle fosse mayor. A divina Providencia devemos nacer tres vezes Rey: & à vós como sancto protector nacer tres vezes emparado. De Deos foy ordenar seus Nacimentos; mas vosso o cuidado de os apadrinhar. Debaixo da Estrella da vossa protecção não podia ter se não felices successos. Vós fostes, que o tivestes encuberto trinta & seis annos com tão segredo, que o descobristes em hum dia com tanto aplauso, que lhe sustentastes junto à Christo sacramentado a vida com tanto emparo. Vós, digo, fostes, porque por vossa intercessão obrou Deos tantas maravilhas. Douvos pois Sancto glorioso muytas graças, & rogovos tenhais d'elle para sempre o mesmo emparo, para que viva largos, & felicissimos annos, festejando sempre vosso dia. Hum Joseph sonhou da vossa Real Pessoa, quanto a figura, que o Sol, & a Lua, & as Estrellas o adoravaõ. Seja o sentido qual muytos querem. O certo he que todos os annos tendes publicamente neste dia esta adoração, & todos os dias em secreto, adorandovos com grande acatamento, & com muyta devação, hum Sol de Portugal, hũa Lua de Castella com muytas Estrellas, hum Rey, digo, & huma Rainha cõ cinco Serenissimos Filhos. Conservai este Sol, para que sempre resplandeça. Emparai esta Lua, para que nunca tenha minguate. Multiplicai estas Estrellas para mayor grandeza, & fermosura desta Casa Real, cõ augmento de Reynos, melhoramento de Estados, acrescentamentos de Cõquistas, perpetua paz com os Principes Christãos, & com muyta graça de Deos, penhor da gloria. Amen.

DESEMPENHO DE CHRISTO SENHOR NOSSO NO NACIMENTO DA Magestade D'ELREY DE PORTUGAL DOM IOAM IV.

FESTEIADO

NO QUARTO DOMINGO DA QUARESMA,

Na solemnidade do Esposo da Virgem

S. JOSEPH

Aos 19. dias do mez de Março de 1650.

Em que cumprio 47. annos.

SERMAM III.

PREGOUO EM LISBOA NA CAPELLA REAL

O M. R. P. DOM ANTONIO ARDIZONE SPINOLA

Clerigo Regular, Theatino da Divina Providencia.

Ioseph fili David noli timere.

Matth. 1. n. 20.

Est puer unus hic.

Joan. 6. n. 9.

MUY ALTOS, E MUY PODEROSOS REYS,

& Senhores nossos.

1 **T**ORNA segunda vez lembrar deste pulpito o
Nascimento feliz, sempre festejado de V Mag.
quena depois de haver nacido Estrangeiro por
sangue, renaceo Portuguez por amor. E nesta se-

Nnn 3

gunda

gunda lembrança concorrem dous Evangelhos, hum da festa do glorioso S. Joseph: *Ioseph noli timere*, outro do quarto Domingo da Quaresma: *Est puer unus hic*. E ponderados não conforme à letra, mas segundo a allegoria do que festejamos por hum acomodação tão costumada nos pulpitos, & ensinada pelos Sanctos Padres, & sagrados Expositores, são retratos do tempo passado, são demonstraçoẽs do presente, são promessas do futuro. Do passado representaõ a sojeição: Do presente nos mostraõ a liberdade: Do futuro nos prometem a conservação. Do passado mostrão annos de temor: *Noli timere*: Do presente annos de confiança: *Est puer unus hic*. Do futuro annos de prosperidades: *Qui habet quinque panes*.

2 Porque no mesmo tempo, em que a Igreja representava neste dia no anno de 1604. no Real Nascimento de V. Mag. a pratica que teve o Anjo com S. Joseph: *Ioseph fili David noli timere*, fallava Deos por seus Anjos visiveis desta vida mortal, pelos Sacerdotes, digo, na Missa que celebravão, com o Serenissimo Principe o Senhor Dom Theodosio pay de V. Mag. & legitimo herdeiro d'el Rey Dom Manoel: *Ioseph fili David noli timere*. Principe Serenissimo decendente d'el Rey Dom Manoel não temaes. Não temaes o passado na consideração da posse, que tomou el Rey Dom Phelipe II. de Castella do vosso Reyno. Não temaes o presente na vigilancia, que tem para o conservar el Rey Dom Phelipe o III. seu filho. Não temaes o futuro no empenho d'el Rey Dom Phelipe o IV. quando o perder. Porque? *Est puer unus hic*: Está aqui hum minino. Aqui tendes hum Principe, que neste dia vos naceo para libertador do vosso Povo, para restaurador do vosso Imperio, para defensor da vossa serenissima Casa. *Est puer unus hic*: Aqui tendes o prometido ao Sancto Rey Dom Affonso Henriques, o Encuberto aos Reys de Castella, o desejado dos Reys de Portugal. *Est puer unus hic*: Aqui tendes o apregoado com tantos pronosticos, o profetizado com tantas profecias, o esperado com tantas saudades. *Est puer unus hic*: Aqui tendes em que tenho empregado meus divinos olhos, para remediar no vosso Reyno

Reyno o dano passado, para restaurar o mal presente, para assegurar o bem futuro. Por tanto: *Noli timere*: Não temas.

3 E muyto menor cousa havia de temer, nascendo V. Mag. debaixo do patrocínio de S. Joseph; porq̃ ordenou Deos neste dia seu feliz nascimento, para q̃ue tão poderoso Sancto zelasse á favor de V. Mag. o direito com que nacia á seu Reyno de Portugal, & o apadrinhasse, para que o possuisse, como quem experimentara na propria pessoa o sentimento de nacer Rey sem a posse de seu Reyno. Porque *Ioseph* pela significação de seu nome, val tão como zeloso: *Ioseph filius zelotes*, diz S. Ambrosio: Pelo officio he padrinho: Pela qualidade da pessoa he legitimo successor d'el Rey David: Pelo tempo, esquecido Rey de Judea: Pela promessa feita á seus Reys avós, esperava pelo Encuberto, Rey de Israel Christo Senhor nosso: *Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel salvator*: Pelo desejo suspirava pela liberdade de seu Povo: E pelo effeito, tradição antiga he, que floreceo na sua mão a vara seca, que trazia, não só para representar sua pureza, mas ainda para mostrar, que de huma vara seca, esquecida já no Mudo dos Reys de Judea do tronco Real de David filho de Jessé, havia de nacer a verdadeira flor de Israel Christo Jesu, conforme a profecia de Isaías: *Egredietur virga de radice Iessé, & flos de radice eius ascendet*. E nascendo V. Mag. como flor de Portugal em Villa viçosa, para Rey, & Senhor de seu Reyno em dia de S. Joseph da vara que parecia seca, & esquecida dos Reys Portuguezes, tendo por padroeiro á hum Sancto, por quem passara a mesma desgraça, era bastante motivo na sua Casa Real, para ninguem se temer: *Ioseph fili David noli timere*.

4 Mas se considerarmos o estylo de Deos, o que costuma fazer nos mayores empenhos de seu divino poder, o apregoar-se pelas Igrejas neste dia do nascimento de V. Mag. na festa do glorioso S. Joseph o Evangelho: *Noli timere*, foy á meu ver, querer mostrar, que nacia V. Mag. com particular providencia sua, & poderosa assistencia do Ceo, para libertar seus Vassallos, para restaurar seu Imperio, para defender seus Estados,

para

Ambrosio.

Isai. 45.
n. 15.

Isai. 11.
n. 1.

para ser Rey, & Senhor de sua Monarchia; porque nas mayores empresas, que Deos obra pelos homẽs, a companhia sempre com sua proteçaõ, & assistencia divina o não temaes: *Noli timere.*

5 Promete á Abraham de o fazer Principe, & cabeça de seu Povo, de estabelecer em seu filho, & decendentes delle seu Imperio, & de lhe dar de seu sangue o Messias libertador do Mundo, lhe diz logo: Não temaes, porque sou vosso protector: *Noli timere Abraham, ego protector tuus sum.* Escolhe á Josuè por morte de Moyses para Juiz de seu Povo: mandalhe repartir a terra de promissaõ: para o animar, & esforçar para tão grã de empresa, lhe diz por duas vezes: Não temaes: *Confortare, & esto robustos: Noli metuere, & noli timere: quoniam tecum est Dominus Deus tuus in omnibus ad quaecumque perrexeris.* Elege á Gedeão por Capitaõ Geral de seu exercito contra os mais poderosos Reys do Oriente, para o assegurar das vitorias, depois de lhe dizer eu serei comvosco nas batalhas: *Ego ero tecum,* lhe diz dahi á pouco, não temaes: *Pax tecum, ne timeas.* Alle-
vanta á Daniel com grãde poder sobre todos os Reys, & Principes da terra, esforçao, animaõ, chamalhe Varaõ de desejos: *Vir desideriorum,* & logo lhe diz: Não temaes: *Noli metuere Daniel, noli timere.* E finalmente delibera mandar seu divino filho ao Mundo, para fundar o Imperio dos Christaõs, & a Monarchia de sua Igreja. Ordena seu nascimento por obra do Spirito Sancto de humma mulher Virgem, lho manda annunciar por hũ Anjo; & tanto que a saudou, quiz que logo lhe dissesse: Não temaes: *Ne timeas Maria; invenisti enim gratiam apud Deum.* Se pois no dia do nascimento de V. Mag. apregoa a Igreja Catholica o que disse o Anjo á S. Joseph legitimo Rey de Judea: Não temaes: *Ioseph fili David noli timere,* claro està, que ordenou Deos seu nascimento feliz neste dia, para q̃ sem temer do Monarcha Castelhana fosse aclamado Rey, & Senhor de seu Imperio Portuguez.

6 Entre tantos motivos de confiança sem temor, o em que mais hei de fundar este discurso debaixo do mesmo Thema:

Noli

Noli timere. Est puer unus hic, he o desempenho de Christo. Desempenhou-se no nascimento de V. Mag. do que tinha prometido por hum sancto Hermitão à el Rey Dom Affonso I. de Portugal, de pôr seus divinos olhos na decima sexta geração de seus Reys: *Respiciet, & videbit*. Nem me apartarei do Evangelho da festa, & da Dominga. No da festa temos a confiança: *Ioseph fili David noli timere*: No da Dominga os motivos della: *Est puer unus hic*. Temos mais neste Evangelho pintado, senão quanto à letra, por ser diversa a historia, quanto à acomodação este divino desempenho. Porque tres cousas aponta o Evangelista S. João muy notaveis.

A primeyra, pôr Christo seus divinos olhos em seu Povo, que o seguia: *Cum sublevasset oculos Iesus, & vidisset, quia multitudo maxima venit ad eum*.

A segunda atentação de Phelipe: *Dixit ad Philipum tentans eum*.

A terceyra as maravilhas, & milagres, que obrou multiplicando os paes, que tomou em suas divinas mãos, & os peixes: *Accipit ergo Iesus panes*, de que resultou querer o Povo aclamalo Rey: *Cum cognovisset, quia venturi essent, ut raperent eum, & facerent eum Regem*.

7 Na primeyra temos hum debuxo do que Christo fez no nascimento de V. Mag. de pôr nelle seus olhos amorosos, por se compadecer de seus Vassallos, desempenhando sua promessa.

Na segunda nos pinta atentação d'el Rey Phelipe IV. de Castella; porque o Nascimento de V. Mag. foy para elle tentação tanto mayor, quão mayor foy a alegria dos Portuguezes pelo ver nacido.

Na terceyra as maravilhas, & milagres, q̃ Deos tem obrado para V. Mag. subir à ser Rey, & Monarcha de seu Imperio.

E se os olhos de Christo ao parecer de Ruperto são portas, por donde se communica a graça: *Sunt patentes misericordia janua, per quas gratia emittitur*; & a chave com que se abrem he a intercessão da Virgem Sãctissima sua Mãe, para tratarmos

Rupert.
6. lib.
in Joan.

de tão grande desempenho, roguemolhe, que nos lhas tenha sempre abertas.

AVE MARIA.

PRIMEYRA PARTE.

Ioseph fili David noli timere.

Est puer unus hic.

Luc. XI.
n. 21.

8 **P**ARECE mal fundada consequencia, argumento que não conclue: *Est puer unus hic: Noli timere*: Está aqui hum minino, nasce nos hum Infante, não temaes. Se differamos: Está aqui hum homem armado, hum soldado muyto valente, hū Capitaõ esforçado, para vos defender, não temaes, bem dito fora; porque acolà disse Christo: *Cum fortis armatus custodit atrium suum, in pace sunt ea, quæ possidet*: Se hū homem armado vigiar sua casa, não ha de que temer, porque tudo está seguro. Mas por hum minino, por hum Principe criança, que nos naceo, poderá deixar de se temer sua Casa Real, de recear hum Povo cercado de inimigos, que brada liberdade, hum Reyno fojeito à Rey estrangeiro Monarca poderoso? Si; porque quando Deos se delibera à desempenhar sua promessa, à cumprir sua palavra, pondo seus olhos de piedade em quem necessita de seu divino amparo: *Cum sublevasset oculos Iesus*, mais pôde hum minino, que hum exercito, mais huma criança, que o poder do Mundo todo.

9 Nace Jeremias criança sem valor, minino sem falla. Quiz Deos servirse delle para empresas, q̃ excediaõ suas forças. Escuzase Jeremias: *A, a, a, Domine Deus: Ecce nescio loqui*, *quia puer ego sum*: Senhor eu sou minino, ainda não sei fallar: as forças corporaes são fracas, o animo pequeno, a idade de criança sem nenhuma experiencia, & sem poder, com a boca ainda no peito, não presto para o que quereis. Dizlhe Deos: *Jeremias, Noli dicere puer sum*: Não digais que sois minino. Não temaes.

temaes: *Ne timeas*; porque neste dia, em que nascestes vos tenho constituido com absoluto poder sobre as Nações, & Reynos da terra, para destruir Imperios, debellar Tiranos, sojeitar Povos, render Vassallos, fundar, & edificar novas Monarchias: *Ecce constitui te hodie super Gentes, & super Regna, ut evellas, & destruas, & disperdas, & dissipes, & adifices, & plantes.* Senhor, se Jeremias he minino: *Puer sum*: se he criança, que não sabe ainda fallar: *Ecce nescio loqui*, porque o constituis com tão grande poder sobre as Nações, & Reynos do Mundo? *Ecce constitui te hodie super Gentes, & super Regna.* Faltaõ homẽs no vosso Povo, faltaõ Grandes no vosso Reyno, faltaõ Capitães muy esforçados na vossa Manarchia? Considerem de hũa parte o empenho de Deos, & da outra o desempenho, & não se espantaráõ do poder, que deu à Jeremias, sendo minino, que não sabia fallar, criança no berço, & no collo de sua mãy com a boca ainda no peito.

10 Antes que Jeremias fosse concebido estava Deos empenhado em seu nascimento: *Prius quam te formarem in utero matris*, & depois de nacido tratou logo de desempenhar-se, pôdo nelle seus divinos olhos: *Quid tu vides Jeremias?* lhe disse Deos, vendo que se escusava para o que o tinha escolhido. Jeremias olhai, & dizei o que vedes. Responde Jeremias: *Virgam vigilantem ego video*: Vejo huma vara que vigia. Diz Deos: *Bene vidisti, quia vigilabo ego super verbo meo, ut faciam illud*: Vistes bem, porque hei de pôr meus divinos olhos no que vos tenho prometido, hei de cûprir minha palavra, para me desempenhar com vosco: E quando Deos se empenha com alguem antes de nacer, & depois de nacido quer desempenhar-se, pon-do nelle os olhos, para o emparar, para o socorrer: *Cum sublevasset oculos Iesus: vigilabo super verbo meo, ut faciam illud*, ainda minino sem saber fallar, ainda criança sem valor no berço, & no collo de sua mãy, conquistará Reynos, sojeitará Imperios, debellará Tiranos, domará indômitas Nações, porá medo ao Mundo todo: *Ecce constitui te hodie super Gentes, & super Regna, ut evellas, & destruas, & disperdas, & dissipes, & adifices,*

edifices, & plantes.

11 Está pois bem deduzida a consequencia: *Est puer unus hic: Noli timere*: Está aqui hum minino, não temaes. Naceo- nos hum Principe, não ha de que temer, não ha que recear. Cõ- quistará seu Reyno, senhoreará seu Imperio, dará muytas ba- talhas, terá muytas vitorias, debellará seus inimigos, porque está Deos empenhado em seu nascimento, desde antes que fos- se concebido. Desde o primeyro Rey de Portugal tinha Deos prometido de pôr em V. Mag. seus divinos olhos: *Præquam te formarem in utero novi te: & logo depois de nacido quiz de- sempenhar sua palavra: Vigilabo super verbo meo, ut faciam illud*: Constituindoo Rey, & Senhor de seu Imperio no mesmo dia de seu nascimento, cõmunicandolhe todo o poder, para tomar posse delle no anno de 40. *Ecce constitui te hodie super Gentes, & super Regna.*

12 O mesmo foy nacer V. Mag. em Villa viçosa, que en- fraquecerem as forças, & as armas de Castella em todo o Rey- no com a guerra, que lhe começou fazer do berço, & do collo de sua Mãy. Parece encarecimento, & foy verdade. Mostre- molo em theorica com a sagrada Escritura, antes que venha- mos à pratica do que foy. Diz Isaias de Christo Senhor nosso:

Isai. 8. *Antequam sciat puer vocare patrem suum, & matrem suam, au-*
n. 4. *feretur fortitudo Damasci, & spolia Samaria coram Rege Assy-*

rriorum: Antes que Christo comece fallar, antes que saiba cha- mar à seu pay, & à sua mãy por seus nomes, perderá o Reyno de Damasco suas forças, & o de Samaria os despojos a vista do poder dos Assyrios, na presença de seu Rey. Reparo nas pala- vras. Antes que comece fallar, que valem tanto, como se dif- fera: Ainda criança no collo de sua mãy fará guerra ao Rey dos Assyrios, conquistará Damasco, & porá à fogo, & á faco, á Samaria. Pois com que armas, com que exercito, com que

Tertull. *foldados, com que cerco, com que bateria, com que batalha?*
lib. 3. *Responde Tertullianus: Fugit ad arma cum esset convocaturus*
contra *infans, & signa belli, non tuba, sed crepitacillo daturus: nec ex*
Marcion *equo, vel de muro, sed de nutricis, aut gerula sua collo, sirve der so-*
kosi.

hostem destinaturus, atque ita Damascū, & Samariam pro mamillis subacturus. Galantemente, divinas palavras, não ha mais dizer. Antes que Christo começasse fallar, (diz Tertulliano) havia de fazer guerra, dar batalhas, despojar Samaria, & conquistar Damasco, mas não com outras armas, que com gemidos de criança, & com jogos de minino: nem havia de intimar a batalha ao inimigo com trombetas, mas com huma taramelinha, *crepitacillo*, nem tão pouco havia de fahir em campo á cavallo, ou assistir armado em algũ forte sobre os muros, mas havia de fazer toda guerra dos braços, & do collo de quem o criava; & por este modo havia de rēder, & senhorcar estes dous Reynos, como se foraõ os peitos de sua mãy.

13 Parece a resposta de Tertulliano graça. Com gemidos de criança, & com taramelinhas de minino se conquistaõ as Cidades, & os Reynos? Na disposiçaõ dos homẽs, não: na de Deos, si. Declararmehei com outra Escriptura. Sempre reparei no preceito, que Deos fez á seu Povo no Egypto, quando trouxe de o libertar, & livrar da dura servidaõ de Pharaõ. Diz o Texto sagrado, que mandou á todos, que no decimo dia do mez cada hum tomasse hum Cordeiro, & o tivesse em sua casa até o dia quarto decimo, em que o haviaõ de sacrificar, para ao depois no dia seguinte repartidos em esquadroẽs. fahirent do Egypto debaixo do Imperio de Moyses: *Decima die mensis hujus tollat unusquisque agnum per familias, & domos suas, & servabit eum usque ad quartam decimam diem: immolabitque eum universa multitudo filiorum Israel ad vespem.* Notavel preceito. Se queria Deos, que os Hebreos lhe sacrificassem o Cordeiro no dia precedente á liberdade quarto decimo do mez, porque quiz, que o tivessem em casa desde o decimo dia; quatro dias antes do sacrificio? Respõde á esta duvida Rupert: *Quoties enim ille balatū emittit, toties quasi tuba sonitus exiit, ut castroꝝ acies excites.* Foy traça de Deos, diz Rupert: Quiz que tivessem os Cordeiros em casa quatro dias antes do sacrificio, & cinco antes da partida; para que todas as vezes, que balassem, quasi com soõs de trombetas se animassem, & se

Exed. 12
n. 3. & 6.

Rupert.
in Exod.
lib. 2. c. 3.

tinissem á procurar sua liberdade formados em esquadroës, tendo á Moyses por Principe, & á Deos por protector. Eraõ os balados dos Cordeiros lembranças da liberdade, que lhes tinha Deos prometido, & estímulos para a procurarem. Para os Hebreos eraõ sinaes do que desejavaõ: Para os Egypcios eraõ ameaços do que se temiaõ. Para huns prometiaõ com a liberdade muytos Reynos: Para outros ameaçavaõ com a separação muytas ruinas. Daquelles allentavaõ os animos, esforçandoos, para que unidos cõ as armas nas mãos sahissẽm do Egipto: Destes acovardavaõ os corações, temerosos da deliberação, que nelles viaõ, & do poder. Para aquelles eraõ alegres soõs de trombeta, que os animavaõ á liberdade: Destes eraõ funestas vozes de tristeza, que lhes impossibilitavaõ a defença. Aos Hebreos prenofticavaõ as vitórias: Aos Egypcios as perdas.

14 Oh traças divinas, que só Deos sabe inventar! Oh armas invinciveis, que o Mundo não sabe conhecer! Com balados de Cordeiros liberta Deos hum Povo desarmado debaixo do Imperio de Moyses contra o poder tão grande do Monarca Egypcio? Com gemidos de criança, & tatamelinhas de minino sojeita, & entrega á Christo os Reynos de Samaria, & Damasco contra o poder dos Assyrios, assistidos de seu Rey! Mais poderosos serãõ os Cordeiros, que as armas de Pharaõ? Mayor força, & poder terãõ os gemidos, & brincos de hum minino, que os exercitos dos Assyrios? Si; Quando Deos se empenha á favor de alguem, todo o poder do inimigo he fraco, toda a fraqueza de quẽ Deos favorece, he forte. Era Moyses o Encuberto dos Hebreos, escolhido por Deos para os libertar. Escondeo-o á Pharaõ, que o perseguia, em hum cesto de juncos, lançado em hum Rio; & criandose no seu Paço Real, esteve tão encuberto, que o não conheceo por Principe de seu Povo. Era Christo o Encuberto de Israel: *Verè tu es Deus abs-*
conditus, Deus Israel Salvator. Teveo seu Eterno Padre escondido á Herodes, que o queria matar. No nascimento de Moyses estava Deos empenhado, ordenouo para libertar seu Povo. No
 de

Isai . 45.
 n. 15.

de Christo estava empenhado seu Eterno Padre, que por seu meyo queria libertar o Mundo todo, livrandoo da tirania de Lucifer, que senhoreava Samaria, & Damasco, á saber hum, & outro Emisferio: E quando Deos se empenha no nascimento de hum Principe ordenado por elle, para sojeitar Reynos, & Imperios, para libertar Povos, & Vassallos, mais podem os balados dos Cordeiros, que as armas de Pharaó, mais os gemidos, & brincos de hum Principe criança, que não sabe ainda fallar: *Antequam sciat vocare patre, & matrem*, q̃ o poder grande dos Assyrios. Basta balar hum Cordeiro, para atemorizar hum Reyno. Basta huma taramelinha de huma criança, para sojeitar hum Imperio.

15 O terceiro Encuberto, que sabemos, he V. Mag. O Encuberto de Portugal. Escondeo-o Deos à Castella debaixo dos sonhos, & mal fundadas esperanças d'el Rey Dom Sebastião. Em seu nascimento estava empenhado Deos desde que se fundou este seu Reyno. Prometeo-o à el Rey D. Affonso Henriques na sua decima sexta geração atenuada Ordenou-o para libertar seus Vassallos, & senhorear com segura posse seu Imperio. E com tão grande empenho, tanto que V. Mag. nacco, se enfraquecerão as forças de Samaria, & Damasco. Desanimarão os inimigos, perderão seu esforço, & valor os presidios, que occupavaõ estes dous Reynos Portugal, & o Algarve. Com a alegria, que euxergavaõ nos Portuguezes, com as festas de seu nascimento ficarão tibios, & entristecidos, acovardados, & fracos. Gemendo V. Mag. no collo de quem o criava, feria os corações de seus Vassallos, que o desejavaõ por seu Rey. Brincando com taramelinhas os espertava á procurarem a liberdade. Eraõ os brincos para os Portuguezes estímulos para o aclamarem por seu Rey: & para os inimigos cuidados, que enfraqueciaõ suas forças: *Auferetur fortitudo Damasci, & Spolia Samaria coram Rege Assyriorum.*

16 Não briga Deos pelo nosso modo. Não se val nos empenhos, para se desempenhar, de seu immenso poder, mas do nosso mais limitado, & mais fraco; porque, para hum Deos
todo

todo poderoso, todo o poder do Mundo he fraqueza; & vencer Deos com seu poder o poder do Mundo, não he para admirar. Porém vencer a fortaleza dos poderosos, render o poder grande dos Monarcas com a nossa fraqueza, he o em que Deos mostra seu empenho, & a grandeza de seu poder. Quanto mais fraco for o nosso esforço, & mais limitadas as armas, se estiver Deos empenhado em nos favorecer, tanto mayor será a vitoria, & mais digna de admiração a empresa. Porque por outro modo muy diverso do nosso saye Deos em campanha com nosco, rende, & sojeita o mayor poder do inimigo.

17 Roto, & debellado Sisara Capitaõ Geral do Exercito d'el Rey de Chanaan, que cuidava cõ o poder grande de suas armas sojeitar aos Israelitas, & tellos debaixo de seu Imperio cativos, Debbora mulher sancta, & illustre, que se achou na batalha, alegre pela vitoria, que seu Povo não esperava, & agradecida à Deos, que lha dera, cantou em acção de graças, entre outras cantigas, estes versos: *Nova bella eligit Dominus, & portas hostium ipse subvertit. Clypeus, & hasta si apparuerint in quadraginta millibus Israel.* Commenta estas palavras Nicolao de Lyra, & diz: *Nova bella elegit Dominus, idest; novũ modum debellandi hostes, & eorum civitates.* Tem Deos escolhido hum novo modo de guerrear, diverso do que costumão os homens. Tem inventado outro estratajema de guerra, para dar batalhas com vitoria, desbaratar o inimigo, romper seus exercitos poderosos, sobverter suas portas, render suas praças, sojeitar suas Cidades: *Novum modum debellandi hostes, & eorum civitates;* porque sem armas desbaratou o exercito de Sisara tão poderoso, que parecia inexpugnavel: *Clypeus, & hasta si apparuerint,* á saber, diz a Glosa interlinha, *Non clypeus, nec hasta inveniri poterat in Israel, quia Iabin Rex Chanaan abstulerat eis arma:* Não tinhaõ os Israelitas nem morriaõ, nem lança; porque el Rey de Chanaan, para os ter sojeitos, sem risco de se poderem levantar, lhes tinha tirado todas as armas.

18 Dirmeheis: Se estavaõ desarmados, como vencèraõ a batalha? Que traça foy esta de Deos, & que invenção nova de guer-

Judic. 5.
n. 8.

Lyran.
hic.

Glos. in-
terl.
hic.

guerrear, com que desbarataraõ os Israelitas o poder de Sifara? Responde o Padre Ghislerio: *Nova profectio bella: quia novis armis, voce nimirum dumtaxat, & precibus absque clypeo, & hasta.* Foy novo o modo de guerrear, nova a invenção de vencer em batalha o inimigo, porque novas, nunca costumadas na guerra, foraõ as armas, por não terem outras, que voces, & deprecações. As voces eraõ do Povo, as deprecações eraõ de Debbora. Esta rogava pela vitoria, & o Povo se animava com voces para a batalha.

19 Que os Israelitas se animassem à sy mesmos para brigarem com valor, & que tivessem quem rogasse à Deos por elles, não he para admirar. He o que todos procuraõ na guerra. Mas offerecer ao inimigo a batalha, acometelo com esforço, rompelo, desbaratalo, & polo em fugida só com voces, & com orações sem nenhum genero de armas: *Voce nimirum dumtaxat, & precibus absque clypeo, & hasta,* como podia ser?

20 Parece fabula, & he historia de fé. Diz o Texto sagrado, q̃ Deos estava empenhado à favor dos Israelitas pelo muyto que amava á seus Principes: *Cor meum diligit Principes Israel:* O meu coração ama aos Principes d'Israel. E empenhado Deos á favorecer os Israelitas por amor de seus Principes, não necessitaraõ de outras armas para vencer, & debellar o inimigo, que de voces, & deprecações. Só com as voces do Povo: só cõ as orações de hũa mulher, desbaratou Deos o exercito poderoso de Sifara, & o poz em fugida cõ seu Rey de Chanaan.

21 Quaes saõ, & quaes foraõ sempre os Principes de Portugal? Ninguem negará, que saõ, & foraõ os Serenissimos Duques de Bragança. Quanto os amasse sempre Deos, o mostraõ os effeitos: *Cor meum diligit Principes Israel:* Foy o amor taõ grãde, que desde el Rey Dom Affonso Henriques seu primeyro Avó poz nelles os olhos, & por amor delles os poz em seus Vassallos, & com mayor empenho em V. Mag. desde que naceo. *Cum sublevasset oculos Iesus, & vidisset quia multitudo maxima venit ad eum,* diz, acomodado ao que celebramos, o Evangelho desta Dominga. Por este empenho de amor, tanto que V.

Ghisler.
in Cant.
c. 2. v. 14.
expof. 3.
§. Porro

Joan. 6.
n. 5.

Pppp

Mag.

Mag. naccio, offereceo à Castella a mayor batalha, não com outras armas, que com as voces dos Portuguezes, que não só o desejavão, mas o apelidavão Rey, & com as orações de Lisboa, que rogava à Deos, para que o conseguisse com tanta felicidade, com quanta vimos que socedeo; porque sem outras armas que de voces, & de Vivas, rendeo V. Mag. as praças todas, que são as portas, & chaves do Reyno, presidiatas dos Castelhanos: *Nova bella eligit Dominus, & portas hostium ipse subvertit. Nova profectó, quia novis armis, voce nimirum dumtaxat, & precibus absque clypeo, & hasta.* Está pois bem provado: *Est puer unus hic. Noli timere.* Passemos à segunda parte.

SEGUNDA PARTE.

Ioseph fili David noli timere.

Est puer unus hic.

22 **O** Nacimêto de V. Mag. assy como foy para os Portuguezes de alegria, para el Rey Phelipe III. de Castella foy de temor. Para os Portuguezes foy de alegria, por estar Deos empenhado nelle: *Noli timere. Est puer unus hic.* Para el Rey de Castella foy de temor, por recear a perda desta tão grãde Monarchia, de tal modo, que as novas que lhe chegarão de ser V. Mag. nacido, lhe serviraõ de tentação, pelos cuidados em que o puzeraõ: *Dixit ad Philippum tentans eum.*

23 Não foy para el Rey Dom Phelipe de Castella o Prudente tentação o nascimento do Serenissimo Senhor D. Theodosio pay de V. Mag. sem embargo de nacer com direito tão justificado para Rey de Portugal, que se lhe não podia negar o Reyno. Menos foy tentação para elle o nascimento do Serenissimo Senhor Dom Joaõ Avó de V. Mag. á quem se devia o Reyno por morte do Cardeal Rey Dom Henrique; porque cõ nenhum destes dous nascimentos estava Deos empenhado. O empenho de Christo foy só no nascimento de V. Mag. pela promessa,

messã, que fez à elRey D. Affonso Henriques, de pôr os olhos na sua decima sexta geração. Por este empenho, de que não havia duvida, & por haver Christo de se desempenhar, para cumprir sua palavra, o mesmo foy dizerem à elRey D. Phelipe III. de Castella, que era V. Mag. nacido, que tentalo: *Dixit ad Philippum tentans eum*; porque logo se temeo, & receou de perder cõ este Reyno toda a Monarchia Portugueza; como logo festejarão os Portuguezes as novas, com as esperanças de o terem adulto por seu Rey: *Ioseph noli timere. Est puer unus hic.*

24 Quando Christo naceo, turbouse Herodes, & sealegrarão os Reys Magos. A mesma estrella, que annunciou o nascimento de Christo no Oriente: *Et ecce stella, quam viderant in Matth. 2. oriente, antecedebat eos*, para os Reys Magos foy de confiança. n. 9. Perguntarão á Herodes sem medo de seu poder, sem recear suas armas, muy confiados: *Ubi est qui natus est Rex Iudeorum?* Ibid. n. 2. Adonde está o que naceo Rey dos Judeos? E para Herodes, & os de sua fação, que seguião sua voz, foy a mayor tentação. *Audians autem Herodes Rex, turbatus est, & omnis Ierosolyma cum illo.* Ibid. n. 3. Que tendes Herodes, que vos turbaes? Não possuis o Reyno de Judea com muyta paz sem contradição alguma? O menino que naceo não tem exercitos, não tem armadas, não tem armas, não tem soldados, não tem gente, para vos fazer guerra, & tirarvos o Reyno. He huma criança, que chora no collo de sua mãy: *Primam vocem similem omnibus emisit plorans.* Ningué foy buscalo, para o aclamar por seu Rey. Está em Bethlem fora da Corte em lugar retirado, de que vos temeis? Vós tendes debaixo do vossó Imperio todo o Reyno. As Praças, as Fortalezas, os Fortes, as Torres, as Cidades estão debaixo da vossa obediencia. Os presidos são vossos da vossa mesma Nação muyto fieis. As armas, & petrechos de guerra estão em vossó poder à vossa disposição. Os Vassallos, huns por medo, outros por interesse comprados com peitas, & com postos, & poucos por amor, seguem todos a vossa voz; porque vos turbaes? Turbouse Herodes, & os de seu bando, que o seguião, porque estava Deos empenhado no nascimento de Christo. Era

Christo o prometido na ley, o desejado no Mundo, o esperado no Reyno de Judea, o profetizado pelos Profetas, o pronosticado com muytos oraculos, o representado com muytas figuras antes de nacer; tanto que Herodes ouvio que era nacido, *Turbatus est*, porque entendeu logo, que havia de ser Rey: *Ubi est qui natus est Rex Iudaorum?*

25 Não ha para que aplicar esta Escritura, porque he hũ retrato do que ouve em Villa viçosa no nascimento de V. Mag. & nos Reynos de Castella, & Portugal. Mudados os nomes, servem as mesmas palavras. Ha só para reparar no modo de fallar dos Reis Magos. Não disserão, adonde està o que naceo para Rey; mas disserão: Adonde està o Rey que naceo, o Rey de Judea: *Ubi est qui natus est Rex Iudaorũ?* Pois naceo Christo Rey? Quem o aclamou? Quem lhe deu a posse de seu Reyno? O mesmo diz Isaias, que Christo naceo com seu Imperio nos hombros: que trouxe com sigo do ventre de sua Mãe o Principado: *Parvulus natus est nobis, & filius datus est nobis, & factus est Principatus super humerum ejus.* Se Christo foy aclamado Rey de Judea no Calvario: *Iesus Nazareus Rex Iudaorum.* Se o Ceptro, & seu Throno Real foy a Cruz: Sea posse de seu Imperio universal tomou depois de resurgido: *Data est mihi omnis potestas in calo, & in terra:* Se em Berthlem nacido se não vio outra cousa mais, que huma criança envolta em candidos panninhos: *Invenietis Infantem pannis involutum:* Como diz Isaias, que naceo cõ seu Imperio nos hombros: *Factus est Principatus super humerum ejus:* & os Magos, que naceo Rey: *Ubi est qui natus est Rex Iudaorum?*

Matth. 2. n. 2.
Isai. 9. n. 6.
Joan. 19. n. 19.
Matth. 28. n. 18.
Luc. 2. n. 12.

26 Diz S. Bernardo, que tudo que apparecia em Christo nacido, cheirava à Rey. Tudo era magestade, tudo era reynar, mandar, dispor, arguir, reformar. Reynava sem fallar: *Non dum loquitur lingua, & quaecumque de eo sunt, clamant, predicant, evangelizant. Ipsa quoque infantilia membra non silent. In omnibus mundi judiciũ arguitur, subvertitur, confutatur. Quis enim hominum, si daretur optio, non magis eligeret robustum corpus, & etatem intelligibile, quam infantilem? O Sapiencia, quae de occultis*

D. Bernard. serm. 3. in Natali Domini

traheris! O verè incarnata, & velata sapientia! Et tamen fratres, ipse est promissus olim per Isaiam parvulus sciens reprobare malum, & eligere bonum. Noto as palavras: *Ipse est promissus per Isaiam.* Bastou, que o Eterno Padre o prometteisse por Isaias, para estár empenhado em seu nascimento; para que ainda mi-nino recém nacido reynasse sem fallar, mandasse, & reformasse o Múdo só com apparecer aos homês em Bethlem: *Non dum loquitur lingua, & quacumque de eo sunt clamant.* Grande re-posta digna de taõ grande Sancto.

27 Ainda que peccador darei eu outra muyto mais ajusta-da com o nascimento de V. Mag. Era Christo naõ só o prome-tido, mas o desejado no Mundo: *Veniet desideratus cunëtis gen-tibus*, disse delle o Profeta Aggeo. Desde Adaõ depois do pe-
 cado, todos que souberaõ, que havia de vir para a redempção
 do Mundo, desejavão sua vinda. Atè os mortos sepultados no
 Limbo dos Sanctos Padres suspiravaõ por elle. No Oriente os
 Reys, os Sabios, os Astrologos, diz Abulenſe por sentença de
 Chrysostomo, hiaõ todos os annos sobre hum monte, rogar à
 Deos, que lhe mostrasse a Estrella, que profetizara o Profeta
 Balaam, annunciadora de seu nascimento: *Dicit Chrysostomus*
super Matthæum, quosdam dicere, quod quidam secretorum in-
specctores elegerunt de seipsis duodecim sapientes; & si quis morieba-
tur, filius ejus, aut aliquis propinquorum loco ejus substituebatur.
Hi verò per singulos annos post mensem ascendebant super montem
Victorialem, & tribus diebus ibi commorantes orabant Deum, ut
eis illam stellam ostenderet, quam Balaam prädixerat. Quadam
autem nocte, scilicet in die Natalis Domini, stella quædam ad eos
super montem venit, qua habebat formam pulcherrimi pueri, su-
per cujus caput crux pendeat, qua Magos allocuta est, dicens: Ite
velocius in terram Iuda, & ibi Regem, quem queritis, natum in-
venietis. Os Hebreos só por elle esperavaõ, mas naõ o souberão
 conhecer, quando o tiverão. Era pois Christo o desejado no
 Mundo por Rey, & Redemptor. Já antes de nacer tinha rendi-do
 os coraçõs dos homês. Já todos se lhe sojeitarão como á
 seu legitimo Senhor dado por Deos. Esperavão só pelo naci-
 mento,

Aggæi 1.

n. 8.

Abulenſ.
 in cap. 2.
 Matth.
 q. 19.

mento, para o aclamarem; & tanto que fouberaõ, que era nacido, o tiveraõ por seu Rey: *Ubi est qui natus est Rex Iudaeorũ?*

28 O prometido por Deos á Portugal para quando se achasse atenuado: O desejado pelos Portuguezes para Rey, & Redemptor, foy V. Mag. Antes de nacer debaixo do nome d'el Rey Dom Sebastiaõ, para que nacesse Rey encuberto á semelhança de Christo, *Rex absconditus*, o apellidavaõ Rey. E tanto que naceo no anno de 604. começou a reynar; porque tanto que naceo rendeu a vontade de seus Vassallos, sojeitou seus corações, se empossou de seu amor, & os obrigou, ainda no berço sem fallar, ao terem por seu Rey, suspirando todos pelo anno dito de 40. pronosticado muyto antes, para o aclamarem, por ser o Rey prometido por Deos, esperado, desejado, encuberto, descoberto: *Ubi est qui natus est Rex?* cõ tanta confiança, q̃ sem medo, & sem armas o puzeraõ no seu Throno Real, & lhe entregarãõ seu Reyno contra o poder do mayor Monarca: *Est puer unus hic. Noli timere.*

29 Não só por prometido por Christo, & por desejado por seus Vassallos, mas por escolhido por Deos, desde que naceo começou á reynar. De Saul diz a sagrada Escritura, q̃ quando começou à reynar, era de hum anno: *Filius unius anni erat Saul, cùm regnare cepisset.* Consta pelo mesmo Texto, que quando Saul foy aclamado Rey pelo Povo de Israel era homẽ perfeito, & taõ agigantado, que dos hombros para cima era mais alto que todos: *Ab humero, & sursum eminebat super omnem populum;* como pois diz a sagrada Historia, que era de hũ anno, quãdo começou à reynar? E o que he mais para reparar, que val tanto dizer, que começou à reynar de hum anno, como dizer, que reynou desde que naceo. Porque os annos não se contaõ pelo ultimo dia quando acabaõ, mormente no governo dos Reys, dos Emperadores, dos Monarcas, & dos Papas, mas contaõse pelo primeyro, quando começam. Começou este presente anno de 650. no primeyro de Janeyro dia do anno bõ, & já desde o primeyro dia de Janeyro, como se fora o anno acabado, contamos do Nascimento de Christo 1650. annos.

1. Reg.

13. n. 1.

1. Reg. 9.
n. 1.

nos. Tambem os Papas nos Breves, & nas Bullas, desde o primeyro dia de sua criação dizem: *Pontificatus nostri anno primo*. Se pois Saul foy aclamado Rey mancebo forte, & valente na flor de sua idade, como diz o Texto, que começou a reynar de hum anno, & ainda desde q̃ naceo? *Filius unius anni erat Saul, cum regnare cepisset*. He este lugar dos mais difficultosos para se entender, que ha na sagrada Escriitura.

30 A Paraphrase. Chaldea, Procopio, & Symmaco na Glosa explicão estas palavras cõ muy diverso sentido do que literalmente soaõ. Dizem, que era de hum anno, quando começou à reynar, naõ porque naõ tivesse mais annos de idade; mas porque era taõ simples, como criança de hum anno: *Erat simplex, & innoxens, tanquam puer unius anni*.

Paraphr.
Chald.
Procop.
Symma.

31 Fazme mayor duvida esta exposiçãõ. Porque se Deos foy o que escolheo à Saul entre tantos homẽs grãdes de Israel, para Rey de seu Povo, para o governar com justiça, para o reger com prudencia, para o defender nos choques, nos assaltos, & nas batalhas com ardil de guerra, & valor, contra o poder dos Philistheos, como se pôde presumir, que para hũ pezo taõ grande escolheffe hum homem agigantado no corpo, & na prudencia, & no valor taõ para nada, como huma criança simples, que naõ tem mais que hum anno de idade? Naõ o diz assy Joseph Hebreo nas suas Historias, mas antes refere, que era muy fermoso no aspecto, muy alto no corpo, & de juizo taõ levantado, & taõ prudẽte, que levava ventajem à muytos: *Erat forma pulcherrimus, corpore valde procerus, quique multos mente, & prudentia praecederet*. Ainda diz o Texto, que tinha tantas prendas, & perfeições para Rey, que naõ havia entre os Israelitas outro melhor: *Non erat vir de filiis Israel melior illo*.

Joseph.
Hebr.
lib.6.
Antiq.
cap.4.

31 Digo pois, & cuido que asserto. O desejo nos Israelitas de ter Rey natural, como as mais Naçoẽs, foy da Nobreza, à quem seguiu logo o Povo: *Congregati sunt ergo universi maiores natu Israel, dixeruntque: Constitue nobis Regem, ut iudicet nos, sicut & universae habent nationes*. A eleiçãõ, & a escolha foy só de Deos, que olhou pelos clamores de seu Povo avo-
xado

1.Reg.9.
n.2.
1.Reg.8.
n.4.&5.

1. Reg. 9. xado pelos Philistheos: *Cras mittā ad te* (dissc à Samuel) *de Terra Benjamin, & unges eum Ducem super populum meum Israel:*

n. 16. *& salvabit populum meum de manu Philisthinorum: quia respexi populum meum, venit enim clamor eorum ad me.* O escolhido

1. Reg. 10. n. 24. foy a mayor pessoa de Israel: *Certē videtis quē elegit Dominus, quoniam non sit similis illi.* Se considerarmos quando Saul foy

Ibib. aclamado Rey pela Nobreza, & pelo Povo com os muytos vivas que lhe deraõ: *Et clamavit omnis populos: vivat Rex*, naõ

era minino, mas mancebo forte, de grave aspecto, fermoso á vista, alto do corpo, ardilozo, & valente para a guerra, sabio

1. Reg. 10. n. 7. para o governo, prudente nas resoluções, magnanimo nos apertos, grandioso nas mercès, liberal com os Vassallos, justo para julgar, assistido do mesmo Senhor: *Dominus tecum est*, diz

o Texto, de grande entendimento, & com todas as mais excellencias, que se podem desejar em hum Rey. Mas se considerarmos quãdo começou à reynar, foy desde que naceo; porque desde que naceo o ordenou Deos para Rey. Já no berço representava a Magestade Real: Já o pronosticavão Senhor do Reyno, Principe do Povo de Deos, Redemptor dos Israelitas, Defensor do Imperio Judaico, cativando sem fallar, só com se deixar ver, os corações de todos, para o aclamarem adulto por seu Rey: *Filius unius anni erat Saul, cū regnare cepisset.*

32 Tanto assy, que antes de ungido, & aclamado Rey, vendo-o Samuel, diz Nicolao de Lyra, que por revelação divina o conheceo, naõ só quanto à pessoa, que era Saul, à quem via, mas ainda quanto à dignidade Real, que elle era o Rey,

Lyran. in 1. Reg. cap. 9. n. 15. & 16. que tinha Deos elegido: *Samuel cognovit Saul per divinam revelationem, non solum quantum ad personam, sed etiam quantum ad dignitatē regiam, ad quam Dominus ipsum elegerat.* É a rezão

he theologica. Para com Deos nada he futuro, mas tudo presente: *Omnia sunt presentia eternitati*, dizem os Theologos. A successão dos tempos he para nos, que em tudo somos limitados; mas para a eternidade de Deos illimitado, & immenso nada soccede de novo. He a eternidade, dizem as Escholas, *Tota simul, & indivisibilis*, comprehende todos os tempos, passados, presen-

presentes, & futuros. Era pois presente á Deos o desejo futuro de seu Povo ter Rey natural : *Constitue nobis Regem*. O amor que lhe tinha era com empenho. Desde seu primeyro Principe, & Patriarcha Abraham estava Deos empenhado de pôr sempre nelle seus divinos olhos: *Respexit populum meum*, de o favorecer, & emparar. Vio-o afflito, & avexado dos Philistheos. Para o socorrer, lhe quiz dar para Rey á sua vontade o mayor homem, que havia entre os Israelitas, a melhor pessoa. Não havia nenhum como Saul: *Videtur, quoniam non sit similis illi*, Principe perfeito de grande capacidade, para o governar, & de valor para o defender. Para que o tivesse muyto á seu salvo, & o aclamasse com todo o empenho, desde que naceo, o criou para reynar: *Filius unius anni erat Saul, cum regnare cepisset*.

33 O melhor entre os Portuguezes, o mayor Senhor, & mais perfeito Principe era V. Mag. Ninguem era mais digno para Rey, ninguem com tão bom direito, para se meter de posse de seu Reyno. Amava Deos seus Portuguezes, & estava empenhado com elles desde seu primeyro Rey. Vio-os afflitos, & avexados, desejosos de ter Rey natural, que os libertasse. Deliberou a Nobreza aclamar á V. Mag. no anno de 40. & o Povo de seguir sua voz com os muytos vivas, que lhe deraõ: *Vivat Rex*. Tinha V. Mag. então trinta & seis annos. Mas como tudo era á Deos presente, & o que havia de ser, era para elle como se fora, desde que V. Mag. naceo, quiz que começasse á ser Rey; porque desde que naceo, o criou para reynar. Desde então sojeitou V. Mag. os corações dos Portuguezes, & começou tirar o Reyno á Castella. Ainda no berço fazia muyta guerra aos Castelhanos. As vozes de criança eraõ para elles fetas, que os atemorizava, & as lagrimas pelouros.

34 Só reparo nesta Escritura, que se encontra com o que conclue o Texto sagrado d'el Rey Saul. Porque se diz delle, que começou á reynar de hum anno, remata, que não reynou mais que dous; & he certo, que reynou quarenta depois de aclamado Rey: *Filius unius anni erat Saul, cum regnare cepisset*.

1. Reg,
13. n. 1.

Qqqq

Duobus

Glof.
ibid.

Duobus autem annis regnavit. Se Saul morreo velho, & come-
çou à reynar desde que nacco, & depois de aclamado Rey por
seus Vassallos, governou quarenta annos, como delle se diz, que
naõ reynou mais que dous? Diz a Glofa interlinha, porque só
nos primeyros dous annos foy bom Rey, nos outros foy mais
Tirano, que Rey: *Duobus autem regnavit, justè, scilicet, & man-
sueté, postea enim magis Tyrannus fuit, quàm Rex.* Os annos do
governo dos Reys se naõ contaõ, se naõ forem bem gastados
na observancia das leys, assy de Deos, como do Reyno, no
amor, & agradecimento á seu divino Senhor, de quem rece-
bèraõ a Coroa Real, na obediencia devida à Igreja Catholica
Romana, & ao Vigario de Christo, & na justiça com seus Vas-
sallos; porque os Reys são postos por Deos para Juizes do Po-
vo; & se naõ forem justos, & rectos, naõ podem bem julgar,
nem os annos de seu reynado se podem contar por annos de
Rey.

3. Reg.
11. n. 42.
Glofa, &
Joseph.
ibid.

35 Nesta conformidade falla a sagrada Escriçtura de Sa-
lamaõ. Diz Joseph Hebreo, que Salamaõ viveo noventa &
quatro annos, & que governou oitenta. Porèm a Historia Sa-
grada no terceyro Livro dos Reys diz, que naõ reynou mais
que quarenta: *Dies autem, quos regnavit Salamon in Ierusalem
super omnem Israel, quadraginta anni sunt;* porque depois de
quarenta annos, diz a Glofa, naõ foy Rey Catholico, mas ido-
latra. *Divina Scriptura eos tantum annos exprimit, quibus regna-
vit, antequam pravaricaretur.* Naõ lhe tirou Deos o Reyno em
sua vida, porque era filho de hum pay sancto, d'el Rey David:

3. Reg.
11. n. 11.

*Scindam regnum tuum, & dabo illud servo tuo. Verumtamen in
diebus tuis non faciam, propter David, patrem tuum.* Mas fello
Deos logo depois de morto. Deu huma só parte do Reyno à
Roboam seu filho, & dez à Jeroboam seu servo.

36 Muy siozo he Deos da obediencia, que lhe devem os
Reys. Qualquer falta, que contra ella cometem, castiga com
perda de Reynos. E a rezaõ; he a que se pratica no Mundo. Se
os Reys com perda da vida, & da fazenda castigaõ as desobe-
diencias, & rebelioẽs de seus Vassallos, & se tiverem Estados,
lhos

lhos tiraõ tambem aos filhos, que não tem culpa nos crimes de seus pays : quanto mais Deos desobedeceo dos que elle fez Reys, & Monarcas na terra.

37 O primeyro que ouve no Múdo foy Adaõ. Foy o primeyro Rey, & o primeyro Monarca, aclamado pelo mesmo Senhor, que o criou, desde que sahio do nada, que antes era. Mas se não soube conservar na sua Monarchia. No mesmo dia, em que Deos o aclamou, & o fez Rey, acabou de reynar; porque no mesmo dia lhe desobedeceo. Rebelouse cõtra Deos, confederado cõ Lucifer. Por cuidar com esta confederação de melhorar sua cõdição & estado, quebrou seus preceitos. Queria assentar-se em mais alto throno do que Deos lhe deu. Pretendeo igualar-se com elle, subir de homem à Deos: *Eritis sicut Dñs*, esquecido de ser cinza, & pó, criado do lodo: *De limo terra*: Altriveza muytas vezes dos Reys, que não cuidando que são mortaes, querem ser adorados como Deoses na terra, seguindo sem dependencia sua propria vontade, & sem admitirem conselho, affastando-se da justiça com seus Vassallos, & da obediencia de Deos, que os fez Reys.

Gen. 3.
n. 5.
Gen. 2.
n. 7.

38 Fello semelhante à sy; porque o fez seu Presidente na terra: *Et præsit*. He proprio de Deos presidir, & mandar sem dependencia. Esta prerogativa deu á Adaõ. Fello independente das creaturas, superior à todas, dependente só de seu criador, que he o que tem os Reys em seus Reynos, só de Deos dependem; que se em tudo se sujeitarem sempre á Deos, foraõ para sempre Reys com muy feliz sucessão. Baixouse Deos, quando formou á Adaõ, para o levantar á ser Rey. Teve a innocencia original por coroa, por purpura a charidade, por opa real a graça divina, por Vassallos os viventes, por tributarios as arvores, por tributos os fructos, por Jardim o Paraíso terreal, & por Palacio o Mundo. Mas logo que desobedeceo á Deos, perdeu a Coroa, & o Reyno, & a Monarchia. Por se rebelar cõtra Deos, se levantaráõ contra elle os animaes, & despi-do do manto Real da graça, foy desterrado para sempre do Paraíso com seus filhos, & decendentes.

Gen. 1.
n. 26.

39 Diversamente do que mostrão estes exemplos, considero a successão Real de V. Mag. Naceo Rey, para seus Sereníssimos Filhos, & decedentes succederem ao Reyno cõ grandes augmentos de seus Estados, em quanto o Mundo durar, naõ só por V. Mag. sojeitar-se como Rey taõ Catholico à obediencia de Deos, & da Igreja Romana, mas cõ particular prerogativa, & singular amparo, por nacer Rey debaixo do patrocínio de S. Joseph em seu proprio dia. Esta he a terceira parte deste Sermaõ.

TERCEYRA PARTE.

*Joseph fili David noli timere.
Est puer unus hic.*

Joan. 6.
n. 15. **N**AÕ se deliberou o Povo de Israel (diz o Evangelho desta Dominga) de aclamar á Christo por seu Rey: *Cum cognovisset, quia venturi essent, ut raperent eum, & facerent eum Regem*, se naõ quando lhe virãõ obrar milagres na multiplicação dos paës, que hum minino trazia consigo: *Est puer unus hic, qui habet quinque panes*. Muytos obrou o mesmo Senhor, para coroar à V. Mag. Rey de Portugal. Em tal estado estava o Reyno, em taes necessidades, & apertos, & com taõ grande temor seus Vassallos, que sem milagre parecia à todos impossivel poder V. Mag. chegar à ser Rey. Mas debaixo do patrocínio de S. Joseph tudo se facilitou. Desde que V. Mag. naceo começaráõ os Portuguezes á depór todo o medo para o aclamarem: *Joseph fili David noli timere. Est puer unus hic*, & Deos a obrar milagres para se desempenhar de sua promessa.

41 Conservar Deos à V. Mag. desde que naceo até o anno de 40. temendose sempre Castella, que poderia chegar à ser Rey, por ver os Portuguezes alvoroçados, & alegres no seu nascimento, se naõ foy milagre, se naõ pode negar, que foy effeito muy particular da grande protecção, que teve sempre
Deos

Deos de V. Mag. & da que teve S. Joseph, por nacer em seu dia. Tres vezes naceo V. Mag. Rey, & só duas se lograraõ; porque só duas apadrinhou S. Joseph. A primeyra em Villaviçosa no anno de 1604. A segunda em Evora no anno de 1637. A terceyra em Lisboa no anno de 1640. O primeyro nascimento foy com esperanças muy certas de haver de possuir o Reyno. O segundo foy com risco de se perder com o Reyno. O terceyro foy tão venturoso, que não só o Reyno, mas toda a Monarchia de Portugal se prometeo grandes felicidades, & augmentos com feliz successão de Reys Portuguezes de sua Casa Real.

42 Teve correlaçã o primeyro nascimento com o terceyro, mas não com o segundo. Foy o primeyro parto sem temor: *Noli timere. Est puer unus hic*. Foy o terceyro parto muy feliz sem perigo, porque foy apadrinhado com muytos milagres. Mas o segundo de Evora não foy parto, mas aborto, não foy movimento de aclamação, para parir hum Rey, mas motivo para parir hũa ruina. Foy parto enfermo mal logrado por apressado, & violento. Pelo contrario o de Lisboa, porque foy quando se cumprio seu tempo determinado por Deos: *At ubi* Ad Ga-
venit plenitudo temporis, quando o anno de 40. fechava seus lat. 4.
dias, foy parto saõ, firme, & feliz. Lá Portugal no parto de n. 4.
Evora em lugar de se ganhar, arriscado esteve à se perder: Aqui em Lisboa melhorou de suas lastimosas febres, & achaques. Là grangeou mayor aperto, & sojeição: Cà muy segura, & muy alegre liberdade. Là estimulou ao Rey que o possuia ao avexar, & consumir: Cá se emparou de hum Reyno natural, para se salvar. Là com esperanças de melhorar a vida, esteve arriscado de a perder de todo: Cá com temores de a perder, a segurou por largos annos. Là se achou tão atrazado, que lhe ficou a liberdade á perder de vista: Cá a teve logo muy segura, & a festejou muy alegre. Là aquelle parto foy desgraçado, porque quiz Evora desempenhar à Deos, quando só Deos póde desempenhar á sy: Aqui foy tão feliz, que não o enfraquece-
raõ as duvidas, nem o impediraõ as contrariedades, nem o

estorvarão os temores, nem o perturbarão as difficuldades, nẽ o disfizeraõ as treições, nẽ o atalharão as envejas, nem o combateraõ as armas, nem o encontrarão os presidios, nem o sepultou o poder; & juntamente foy taõ forte, firme, & valente, que nem as guerras de Castella, nem o numero grande de seus soldados, nem taõ repetidos exercitos, assaltos, & batalhas o poderão consumir; porque o empenho de Deos era de dar à Portugal seu Rey para o anno de 40. debaixo do emparo de S. Joseph, por nacer V. Mag. em seu dia. Anticipouse Evora, & tres annos antes do 40. quiz aclamar á V. Mag. & quando cuidou de parir hum Rey, teve hum aborto com risco de sua vida. Foy parto apressado fora de tempo, foy motivo violento, que se não podia lograr, & não levantamento feliz; porque com violencia, diz o Philosopho, nenhuma cousa se logra cõ firmeza: *Nil violentum durabit.*

Laurent.
in Sylva
Allegor.
verbo
Pan.

43 Só debaixo do patrocínio de S. Joseph não só tem firmeza, mas crecem os Reynos, & se multiplicão os Estados, assy como com as violencias se perdem. Nas mãos de Christo, que representam seu poderoso emparo, crescerão hoje, & se multiplicarão os paës, figuras dos Reynos, & Estados do Mũdo, diz o Doutor Allegorico. Cinco tinha este minino: *Est puer unus hic, habens quinque panes.* Tomouos Christo nas mãos, & logo crescerão, logo se multiplicarão. Cinco são os paës com que naceo V. Mag. Erão seus, porque lhe eraõ devidos. O Reyno de Portugal he o primeyro pão, o do Algarve o segundo. O terceyro representam as Praças, & Cidades de Africa, & Ilhas adjacentes. O Estado do Brasil he o quarto. O da India o quinto. Não sem mysterio quiz pois Deos, que nacesse V. Mag. debaixo do emparo de S. Joseph, porque he Sancto, que tem particular graça, & virtude de augmentar os Reynos, & multiplicar os Estados. Naceo em seu dia, para acrecentamento de sua Monarchia, em tempo que pelas violencias dos Ministros declinava a de Castella.

44 Na pessoa de Joseph Principe do Egypto profetizou o Patriarcha Jacob a virtude grande de S. Joseph de acrecentar
as

as Monarchias, de augmentar os Reynos, de multiplicar os Estados, & conservar as Casas Reaes: *Filius accrescens Ioseph*, Gen. 49. *filius accrescens*. Vós filho sois tão abençoado por Deos, que n. 22. acrecentaes tudo o que emparaes. Por serdes figura de S. Joseph Esposo da Virgem accreçastes a Casa Real de Pharaó, que como Principe seu privado governais. Por amor de S. Joseph, à quem representais, & por seus futuros merecimentos, que à Deos são presentes, lhe tem dado sua divina benção: *Benedixitque Dominus domui Egypti, & multiplicavit eam*. Mas logo Gen. 39. declinou, logo acabou, & se perdeu pelas violencias dos Ministros, que presidiaõ às obras dos Hebreos: *Propter duritiam eorum, qui præsunt operibus*. Por que com as violencias se per- Exod. 3. dem as Monarchias, & com o emparo de S. Joseph crecem, & n. 7. se conservão.

45 Notavel á este proposito he o que refere a Historia Sagrada no Capitulo sexto do Genesis. Diz que deliberou Deos de não dar mais tão larga vida aos homẽs, como dantes fazia, que os deixava viver muytos cem annos. Adão viveo 930. annos. Seth viveo 912. Enos 905. Cainan filho de Enos 910. Mathusalem 960. E outros muytos pouco menos. Que fermosas idades tinhão os homẽs daquelle tempo. Não ha de ser mais assy, diz Deos. Não quero que os homẽs vivão mais de 120. annos: *Non permanebit spiritus meus in homine in aeternum, quia caro est: eruntque dies illius centum viginti annorum. Gigātes autem erant super terram in diebus illis*. S. Jeronimo do Hebreo lê: *Cadentes autem erant super terram*, & Symmaco trallada: *Vigilantes autem erant super terram*. A vida de hum Rey, de hum Imperador, de hum Monarca não se conta pelos annos do nascimento Natural, mas pelo Politico do governo, pelo tempo que começou a ser Rey. Esta deve de ser a rezaõ, porque lhe dão os vivas seus Vassallos; & esta tambem he a rezão, porque quando se pergunta pelo Rey quem reyna, mormente nas guerras, nas differenças dos Reys sobre seus Estados, para se saber quem he seu Rey, não se pergunta, nem se diz: Quem reyna, mas quem vive? De Joseph Principe do Egypto disserão seus irmãos á seu pay: *Ioseph*

Gen. 6.
n. 8.
Hieronym. in
Quaest.
Hebraic.
Symmac
ibid.

Gen. 45. *Joseph filius tuus vivit : & ipse dominatur in omni terra Egypti.*
 n. 26. Une o Texto sagrado a vida com o dominio: *Vivit, domina-*
 Gen. 42. *tur*, porque Joseph era Principe: *Ioseph erat Princeps in terra*
 n. 6. *Egypti.*

46 Podemos dizer, que a Monarchia de Castella foy Monarchia agigantada em Carlos V. Foy este Monarca o mais ditoso, mais grande, & mais invicto Principe do seculo passado. Naceo no anno de 1500. No de 519. não tendo mais que dezanove annos de idade foy eleito Emperador. No de 555. mais Senhor de sy, que de sua Monarchia, assy como soube viver, soube morrer, deixando de sy fama immortal, deixou o Imperio, & toda a sua Monarchia, porque depois de muytas, & muy felices vitorias, saõ, & valente, renunciou á Ferdinando seu irmão o Imperio de Alemanha, & à Phelipe II. de Castella seu filho a Monarchia de Espanha, que nelle foy tambem florente, & agigantada até morrer no anno de 1598. de setenta & dous annos de idade. Tanto q̃ podemos dizer dos Castellhanos: *Gigantes autem erant super terram*. Começarão a declinar: *Cadentes autem erant super terram*, quando V. Mag. naceo no anno de 604. em tempo de Phelipe III. Se lerdes as Historias de Flandes, & o que se refere das guerras obstinadas dos Olandezes, sua causa, & origem, & o que se conta de outros successos lastimosos de seus Estados, & das oppressões de Portugal, achareis, que não foy por culpa dos Reys, mas pelas violencias dos Ministros, que a governavão: *Violenti autem erant super terram*; porque de ordinario não declinaõ, não cayem, nem se perdem as Monarchias, os Reynos, & os Estados, por faltas de seus Reys, mas pelas violencias dos Ministros, que para crescerem, tiranizão os Vassallos. Nace pois V. Mag. debaixo do patrocínio de S. Joseph, para acrecentamento de sua Monarchia em tempo que declina a de Castella pelas violencias dos Ministros: *Violenti autem erant super terram*, para que não tema Portugal de o aclamar por seu Rey: *Ioseph nolit timere. Est puer unus hic.*

47 Huma, & outra cousa temos representada na Escada de

de Jacob, o acrecentamento da Monarchia de V. Mag. & a declinação da de Castella. Vio Jacob huma Escada tão alta, que da terra chegava até o Ceo. Por ella subiaõ, & deciaõ muytos Anjos: & no topo da Escada no ultimo degrao estava Deos encostado: *Viditque in somnis scalam stantem super terram, & cacumen illius tangens calum: Angelos quoque Dei ascendentes, & descendentes per eam, & Dominum innixum scale.* Entre os muytos sentidos, que daõ os Sanctos Padres, & sagrados Expositores à esta visãõ, o mais commu, mais literal, & mais proprio he, que por esta Escada se entẽde a genealogia de Christo, a acendencia de seus Avós, descrita pelo Evangelista S. Mttheos desde Abraham até Christo: *Liber generationis Iesu Christi filij David, fili Abraham.* Tinha tantos degraos, quantos foraõ os acendentes, que Christo teve de Abraham até S. Joseph. Por essa conta o ultimo degrao de cima o mais alto, que terminava com o Ceo era S. Joseph: *Cacumen illius tangens calum;* porque as arvores das genealogias sobẽ, & naõ decem. Chamase decendencia o que he acendencia. Pintase o Progenitor na raiz, ou no tronco, & por elle se vai subindo até o ultimo seu neto pelo mesmo tronco, & pelos ramos.

Gen. 28.
n. 12.

Matth. 1.
n. 1.

48 Aqui reparo em duas cousas. A primeyra, de estar Deos encostado no ultimo degrao da Escada: *Dominum innixum scale,* por consequencia em S. Joseph. A segunda, que por esta Escada huns Anjos subiaõ, & outros deciaõ, nem eraõ os que subiaõ os mesmos que deciaõ, mas subiaõ hũs, & deciaõ outros. O que he tambem muyto para notar, que o Texto nomea primeyro os que subiaõ, & depios os que deciaõ: *Angelos quoque Dei ascendentes, & descendentes per eam;* porque se os Anjos morão no Ceo, para subirẽ da terra, haviaõ primeyro de decer. Mysteriosa visãõ. Se esta Escada era huma representaçãõ da genealogia de Christo, & o q estava no topo della era o Verbo Divino, que se havia de encarnar, porque està no ultimo degrao encostado em S. Joseph, & naõ no primeyro encostado em Abraham, seu primeyro Avó nomeado por S. Mttheos: *Liber generationis Iesu Christi, filij Abraham.* S. Joseph

naõ foy feu pay natural: Abraham foy realmẽte feu Avó; porque pois se encoftou Deos em S. Joseph, & naõ em Abraham? Por ventura necessitava Deos do emparo de S. Joseph, para nacer no Mundo, que appareceo no Ceo encoftado nelle? Naõ; porque Deos naõ necessita de emparo, por ser Senhor independẽte todo poderoso. Pois porque appareceo encoftado em S. Joseph? Esta he a primeyra duvida naõ pequena desta visaõ.

49 A segunda duvida naõ memos difficultosa he. Se esta genealogia de Christo he de homẽs, que lugar podiaõ ter nella os Anjos, que com tanta facilidade subiaõ hũs, & deciaõ outros pela mesma Escada? E se a genealogia he huma ascendencia de Avós, & esta de Christo começa de Abraham, & acaba em S. Joseph, como diz q̃ hũs Anjos deciaõ, & outros subiaõ. Parece, que por esta Escada haviaõ de apparecer sómente homẽs que subissem, & nenhum que decesse, como pois sobem, & decem por ella só os Anjos? São estas duas duvidas taõ difficultosas para se resolverẽ, como mysteriosas. Deixaraas, para as decidirem, aos mayores engenhos, se me naõ obrigara este dia taõ festival à dizer meu parecer.

50 Respondo pois à primeyra duvida. Encoftouse Deos em S. Joseph no ultimo, & mais alto degrao da Escada, & naõ no primeyro em Abraham, porque queria nacer na terra Rey coroado, & morrer Rey aclamado. Tinha Deos deliberado *ab aeterno* na repartição das Cadeiras dos Sanctos do Ceo, & de suas prerogativas, de dar á S. Joseph o mayor lugar, de o levãtar à tãta altura de graça, & de gloria, naõ só effencial da visaõ beata, mas ainda accidental sobre todos os Sanctos; que fosse, como o fez no Ceo Rey dos Reys da terra, Senhor dos Senhores, Monarca dos Monarcas, padroeiro de todos os Reys, Reynos, Imperios, & Monarchias do Mũdo, inferir à Christo, por ser pura creatura, porẽm muyto semelhante com absoluto Imperio. Deixo para prova o que dizem os Sanctos do lugar, que tem no Ceo junto á Virgem Maria sua divina Esposa, & o que podemos cuidar de hũ Sancto, de quem naõ por obra carnal, mas por obra do Spirito Sancto teve à Christo por filho,

lho, não putativo, mas proprio, como diz, & prova divinamente Burgêse com a authoridade de S. Agostinho, & com rezoẽs.

Iosephi autem legitimus haeres (diz Burgenſe) *Iesus Salvator noster fuit quippe filius ejus, non quidem naturalis, aut ab eo genitus, sed nec secundum vulgi opinionem, & famam publicam tantum, ut neque adoptivus; sed re ipsa proprius, ac legitimus, ipsi legitime ex uxore virgine, nec aliunde ex ullo viro, virtute Spiritus Sancti, in sanctissimo conjugio conceptus, natus, generatus, ac divino munere datus.* Burgenſ. in cap. 1. Matth. n. 16.

51 Deixo, digo, estas rezoẽs por Theologicas, que não podem todos entender, & provo a minha reposta com argumento tão claro, que ninguem póde negar. De tal maneira se communicão os titulos, os dominios, as soberanias, & grandezas entre os Reys (& o mesmo he entre os Grandes dos Reynos) que logra o Espoſo os titulos, & prerogativas de sua Espoſa de seu Espoſo. Pelo Espoſo, se for Rey, he a Espoſa Rainha: & pela Espoſa, se for Rainha, he o Espoſo Rey. A Virgem Maria Senhora nossa he Rainha do Ceo, & da terra, Senhora de todas as Monarchias, Padroeira de todos os Reys, & Monarcas do Mundo. He pois S. Joseph o Rey do Ceo, & da Terra por graça singular só à elle concedia, Monarca, & Padroeiro de todos os Reys, de todos os Reynos, Imperios, & Monarchias do Mundo, Rey dos Reys, Senhor dos Senhores, Monarca dos Monarcas, inferior à Christo, porẽm muyto semelhante. Queria o Verbo Divino na humanidade assumpta nacer Rey coroado, & morrer Rey aclamado. Em Bethlem fora da Corte (como V. Mag. em Villaviçosa) naceo Rey coroado pelo direito que tinha à Coroa dos Reys de Judá, diz o Sabio nos Cantares: *Egredimini, & videte filia Sion Regem Salomonẽ in diademate, quo coronavit illum mater sua.* Em Jerusaleem cabeça do Reyno, (como V. Mag. em Lisboa) foy Rey aclamado por escriptura publica, escripta em Hebraico, em Grego, & em Latino, para que fosse á todos patente: *Iesus Nazarenus, Rex Iudaorum. Et erat scriptum Hebraicẽ, Gracẽ, & Latine.* Não necessitava Deos de S. Joseph para ser Rey, mas para o subli-

Cant. 3. n. 11.

Joan. 19. n. 19. & 20.

mar sobre todos os Sanctos, & para que os Reys da terra o conhecessem, & venerassem por seu Rey padroeiro, de quem necessitaõ, & recorressem à elle para emparo, começou por sy, para exemplo de todos. Encostouse nelle para nacer Rey coroado em Bethlem, & aclamado Rey em Jerusalem: *Viditque in somnis scalam, & Dominum innixum scala*. Naceo pois V. Mag. neste dia encostado em S. Joseph, porque naceo para Rey, coroado em Villaçosa quanto ao direito, que tinha ao Reyno, & aclamado em Lisboa.

Gen. 28.
n. 12.
S. Zeno
hic.

52 Respondo agora á segunda duvida: Que Anjos eraõ estes, q̃ por esta Escada da genealogia de Christo subiaõ, quando outros deciaõ? *Angelos ascendentes, & descendentes*. S. Zeno neste lugar diz, que pelos Anjos se entendem os homẽs, Anjos por graça: *Angelos puto homines esse appellatos*; mas naõ explica, porque hũs sobem, quando outros decem, ou porque hũs decem, quando outros sobem? *Angelos ascendentes, & descendentes*. Deixemos por ora a letra, & o que dizem os Expõsitores neste lugar, & sirva de resposta hũa sotil, & muy delicada accommodaçãõ ao dia que festejamos.

53 No quarto Sermaõ pannegirico, q̃ prèguei na India nas festas da feliz aclamação de V. Mag. impresso no primeyro Livro, destes Sermoẽs provei largamente, q̃ nesta genealogia de Christo descrita por S. Mattheos, estã pintada a genealogia dos Reys de Portugal avós de V. Mag. naõ porq̃ este fosse o fim, q̃ teve o Evangelista em a descrever; mas porque de tal maneira a propoẽ, dividindoa em tres tessera decadas iguaes, que parece quiz debuxar a decima sexta geração dos Reys Portuguezes tres vezes replicada. O Sermaõ anda pelas maõs de todos, nelle podem ver os curiosos as rezoẽs, & as provas. Supposto isto. A mesma acendencia dos Reys Portuguezes por linha feminina, que tem V. Mag. tinha el Rey Dom Phelipe III. de Castella, quando V. Mag. naceo. Elle a tinha por sua avó a Impenatriz Dona Izabel filha d'el Rey Dom Manoel, que cazou cõ o Emperador Carlos V. Vossa Mag. a tem tambem por sua avó a Serenissima Senhora Dona Catherina, neta do mesmo Rey
Dom

Dom Manoel, filha do Serenissimo Senhor seu filho Dom Duarte, que cazou com o Serenissimo Senhor Duque Dom João avô de V. Mag. De modo que a Escada de Jacob, que literalmente significava a acendencia, & genealogia de Christo desde Abraham até S. Joseph, podemos dizer por accommodação, que representava á de V. Mag. que he a mesma com el Rey D. Phelipe, desde el Rey Dom Affonso Henriques primeyro de Portugal, Progenitor, & primeyro pay, & avô dos Reys Portuguezes. Por esta Escada subião, & decião os homens significados pelos Anjos, mas não eraõ os que subião, os mesmos que decião, eraõ outros. E primeyro nomea o Texto os q̃ subião, & depois os que decião; porque no nacimiento de V. Mag. tanto que os Portuguezes começarão á subir, os Castelhanos começarão á decer. Subião os Portuguezes, para aclamarem á V. Mag. por seu Rey debaixo do emparo de S. Joseph, & decião os Castelhanos, porque perdiaõ este Reyno. Pela mesma escada da acendencia dos Reys de Portugal subio o Reyno, quando se levantou, & deceo Castella, quando o perdeo: *Angelos ascendentes, & descendentes.*

54 O que me admira he, & me deu muyto que cuidar nestes dias no estudo deste Sermão, que nascendo V. Mag. em dia de S. Joseph, se chamasse Dom João. He costume entre os Catholicos, piedade Christãa, & acatamento devido aos Sanctos, chamaremse as crianças no Bautismo pelo nome do Sancto, em cujo dia nacerão; pois porque lhe não chamarão Joseph, se naceo em dia de S. Joseph, mas lhe chamarão João? Não me quero deter no nome de João; porque não quero contendas nem com os Bautistas, nem com os Evangelistas, tendo defronte huma Rainha Bautista, & hum Principe Evangelista; mormente que não sei á qual destes dous Sanctos foy dirigido chamar-se V. Mag. por devação deste nome. Só pondero, porque se não chamou Joseph, se naceo em seu dia? Direi. Se não chamou Joseph, nascendo em dia de S. Joseph, porque nacia para Rey. Se no Bautismo se chamàra Joseph, duvidàra eu, que possesse chegar á ser Rey de Portugal. Fora para mim final,

que não queria Deos, que chegasse à ser Rey, & Senhor de seu Imperio. Para ser Rey de Portugal havia de nacer em dia de S. Joseph, & não se havia de chamar Joseph.

Ad Phi-
lip. 2.
n. 10.

§ 5 Observei, Senhor, nas Historias dos Principes, & Reys do Mundo, pelo que pude ver, & lèr, que nenhum Principe, nenhum Rey, Emperador, ou Monarca até hoje se chamou Joseph. He cousa digna de reparo. Corrão os curiosos os Livros, leão as Historias Sagradas, & profanas, o Testamento novo, & velho, não acháraõ Principe, Rey: Emperador, ou Monarca, que se chamasse Joseph, mais que S. Joseph legitimo Rey de Judea, sucessor de David: *Ioseph fili David*, q̄ não chegou à possuir seu Reyno. Só elle teve este nome entre os Principes, & ninguem mais, nem antes d'elle, nem depois. Porque? Pela reverencia, & acatamento devido à S. Joseph. Pela reverencia, & acatamento devido à Christo Rey dos Reys, Sancto dos Sanctos, Deos & homem, cujo nome he tão digno de veneração, que o Ceo, & a Terra, & o Inferno prostrados o adoraõ, & veneraõ: *In nomine Iesu omne genu flectatur, caelestiũ, terrestriũ, & infernorũ*, nenhũ Christaõ se chamou Jesu. Pela reverencia, & acatamẽto devido à S. Pedro, Monarca do Imperio espiritual de Christo, seu Vigario na terra, & primeyro Apostolo, nenhum Papa se chamou Pedro, porque nenhum Papa pode chegar à grandeza, & sanctidade de S. Pedro. Assy mesmo: Pela reverencia, & acatamento devido à S. Joseph, não quiz, nem quer Deos, que Principe algum, Rey, Emperador, ou Monarca, por grande que seja, se chame Joseph, porque ninguem pode chegar á sua grandeza. E não quer Deos, que o represente no nome, quem o não póde imitar nas obras.

Gen. 41.
n. 45.

§ 6 De Joseph hũ dos filhos de Jacob, à quem seus irmaõs venderaõ aos Madianitas, & cativo no Egypto servio à Putiphar Principe do exercito de Pharaó, diz a Sagrada Escritura, que admitindo-o Pharaó na sua graça, lhe mudou o nome, & lhe chamou Salvador: *Vertitque nomen ejus, & vocavit eum lingua Aegyptiaca Salvatorem*. Se por seu pay se chamou Joseph quando naceo: Se com o mesmo nome foy vendido, & servio

vio cativo no Egypto, porque Pharaó lhe muda o nome, quando o admite na sua graça: *vertitque nomen ejus*? Porque lhe não chamou Joseph, como d'antes se chamava, mas Salvador, nome q nunca teve? Foy disposiçaõ divina muy particular. Quando Pharaó admitio à Joseph na sua graça, Joseph renaceo Principe. Fello Pharaó Principe do Egypto: *Dixitq; Rex ad Joseph: Ego sum Pharao. Absque tuo Imperio non movebit quisquam manũ, aut pedem in omni terra Egypti.* Joseph em casa de seu Pay: Joseph vendido aos Madianitas: Joseph cativo de Putiphar, chamavase Joseph; porẽm Principe do Egypto se não ha de chamar Joseph, ha de mudar o nome, chamar-seha Salvador: *Vertitque nomen ejus, & vocavit eum lingua Egyptiaca Salvatorem*; porque não quer Deos, que haja Principe, que represente à S. Joseph no nome, quando o não pôde representar na grandeza, nem imitar na sanctidade.

57 Dirmcheis, que tambem a Sagrada Escritura lhe chamou Joseph, quando disse, que era Principe: *Joseph erat Princeps in terra Egypti.* He verdade. Mas foy para o dar à conhecer. Quiz dizer, que o que cativo se chamava Joseph subio à Principe no Egypto: *Joseph erat Princeps in terra Egypti*, mas com diverso nome, porque quando Pharaó o fez Principe, lho mudou em Salvador: *Vertitque nomen ejus, & vocavit eum lingua Egyptiaca, Salvatorem.*

58 Ouve Sancto, que podesse representar a sanctidade, a grandeza, & o Imperio, que tem S. Joseph no Ceo sobre todos os Monarcas da terra, como S. Pedro? Não. Os Apostolos depois de S. Joseph foraõ os mayores Sanctos da ley da graça, & S. Pedro mais que todos. He temeridade diz S. Thomás preferir algum Sancto aos Apostolos: *Temerarium est aliquem Sanctũ Apostolis praeferre.* Cõ tudo nẽ taõ pouco quiz Christo, que o representasse S. Pedro. Fello seu Vigario na terra, entregoulhe as chaves do Ceo: *Tibi dabo claves Regni Calorum*, lhe deu seus poderes, & o fez absoluto Monarca no espiritual do Mundo todo. Não ha Monarchia taõ grande, nem taõ dilatada como a de S. Pedro. Estendese por todo o Mundo, superior

Ibid.

Gen. 42.
n. 6.

D. Thom.
m. lect. 3.
in cap. 1.
ad Ephes.

Marth.
16. n. 19.

perior á todos os Monarcas. Para o fazer tão grande Senhor, Joann. 1. lhe mudou Christo o nome. Chamavase Simão: *Tu es Simon fi-*
 n. 42. *lius Iona*, lhe disse Christo. Mas d'hoje em diante chamarvos-
 heis Pedro: *Tu vocaberis Cephas, quod interpretatur Petrus*. Se-
 nhor, se mudais á Simão o nome para o fazer Monarca, cabe-
 ça da vossa Igreja Catholica, & vosso Vigario com absoluto
 Matth. poder no Ceo, & na terra: *Quodcumque ligaveris super terram,*
 16. n. 19. *erit ligatum & in Calis: & quodcumque solveris super terram,*
erit solutum & in Calis, porque lhe não chamaís Joseph, para
 perpetuar nelle, & em seus successores o nome, a grandeza, & a
 sanctidade de S. Joseph? Por essa mesma rezão. Porque hei de
 fazer á S. Pedro Monarca na terra, lhe mudo o nome de Simão,
 & lhe não chamo Joseph, porque S. Joseph he sobre todos os
 Monarcas. He o seu protector. He o Monarca mais soberano,
 padroeiro de todas as Monarchias, & mayor Sancto do Ceo;
 & pela reverencia que se lhe deve, nenhum Monarca se ha de
 chamar Joseph. Se lhe chamára Joseph, o não fizera Monarca,
 porque nenhum Monarca se póde comparar com S. Joseph; &
 quem não póde chegar á sua grandeza, não he justo, que lhe
 usurpe o nome.

59 Não só com S. Pedro, mas tambem cõ os mais Apsto-
 los se ouve Christo muy fiozo do nome de Joseph. Nenhum
 Apostolo quiz que se chamasse Joseph, com tão grande empe-
 nho, que não quiz para Apostolo à S. Bernabè, por se chamar
 Joseph; & quando S. Pedro, & os mais Apostolos o agregarão
 ao Apostolado, lhe mudarão logo o nome. O caso foy muyto
 para notar. Prevaricou Judas hum dos Apostolos de Christo,
 & por traidor de seu divino Mestre, & impenitente, enforcado
 em huma arvore se precipitou, & sepultou no Inferno. Em seu
 lugar quiz S. Pedro eleger outro, que suprisse esta falta. Pro-
 vóz ao Collegio Apostolico dous homẽs, em primeyro lugar
 à S. Barnabàs, homem tão sancto, que pela sua grande sancti-
 dade se chamava o Justo, & em segundo lugar à S. Mathias:
 Aetor. 1. *Statuerunt duos, Ioseph, qui vocabatur Barnabàs, qui cognomina-*
 n. 23. *tus est Iustus, & Mathiam*. Puzeraõ ambos nas sortes muy cos-
 tumadas

tumadas naquelle tempo, pedindo á Deos com muyta oração, que mostrasse qual delles queria para Apostolo. Diz S. Lourenço Justiniano: *Quis non pratulisset ex his Ioseph justum cognomento, & vita; & tamen aliter iudicavit Omnipotens, cujus iudicia longé ab humanis dissimilia sunt: Quem não preferira destes dous, Ioseph, que pelo nome, & pela sanctidade da vida era chamado o Justo, á S. Mathias. Com tudo diversamente julgou Deos; porque seus divinos juizos são muy diversos dos humanos. Sahio nas fortes S. Mathias, & não sahio Ioseph o Justo. De ahi á algum tempo por seus merecimentos foy aggregado ao Apostolado, mas os Apostolos lhe mudarão logo o nome, & lhe chamarão Barnabás: Ioseph autem, qui cognominatus est Barnabás ab Apostolis.*

S. Laurent.
serm. de
S. Math.

60 Qual seria pois a razão de não querer Christo, q̃ algum dos Apostolos se chamasse Ioseph, nẽ S. Pedro, nẽ S. Paulo, nem outro ninguẽ; nem tão pouco quiz para Apostolo á S. Barnabás, se não mudara o nome, se não deixara o de Ioseph o Justo, & se chamara Barnabás? *Ioseph, qui cognominatus est Iustus.* Não lhe sei outra razão, se não porque o Esposo da Virgem S. Ioseph era chamado Ioseph o Justo: *Ioseph autem, cum esset Iustus.* Pois isto ha de ser de impedimento para o Apostolado? Si. Porque? Todos os Apostolos são Principes soberanos de todo o Mundo: *Constitues eos Principes super omnem terram;* & os mayores Principes são S. Pedro, & S. Paulo: *O Roma fr-* *lix, que duorum Principum es consecrata glorioso sanguine;* canta delles a Sancta Madre Igreja no Hymno das Vesperas de sua festa. E por serem inferiores á S. Ioseph, que he sobre todos os Principes o mayor Monarca, o mayor Senhor, o mayor Sancto, não quer Christo, que os que lhe são inferiores o representem no nome, se o não podem representar na grandeza, na Magestade, no Imperio, nas prerogativas, nos privilegios, & na sanctidade. Nacco V. Mag. para haver de ser Rey de seus Reynos, para haver de possuir seu Imperio, para Monarca de sua Monarchia. Ordenou pois Deos, que nacesse em dia de S. Ioseph, protector, & empato dos Reys; & Monarcas da Terra, & Padre

Açor. 4.
n. 36.

Matth. 1.
n. 19.

Psal. 44.
n. 17.

In Fest.
Apost.
Petr.
& Paul.

eiro de seus Reynos, & Monarchias, para ter sua protecção, & emparo, & se não chamasse Joseph. Que fosse em seu dia o nascimento, & não tivesse seu nome no Bautismo, para que se não pudesse duvidar, que à seu tempo chegaria á ser Rey.

61 Cuidàraõ alguns por agourentos, que lhe não chamàraõ Joseph, para não mal agourarem as esperanças que tinham, & os desejos de o verem Rey aclamado com muytas felicidades em Portugal, por nacer em dia de hum Sancto, que sendo legitimo Rey de Judea, sucessor d'el Rey David: *Joseph fili David*, não chegou á possuir seu Reyno. Mas se enganàraõ; porque o mayor final, & mais forçoso argumêto de haver V. Mag. de ser o mais feliz Rey, & Senhor de seus Reynos, & Estados, o mais prospero Monarca de sua Monarchia, foy por nacer em dia de S. Joseph. Se fora em outro qualquer dia, não fora tão certa sua Coroa, nem tão feliz sua aclamação.

62 He propriedade dos Sanctos, graça especial, com que no Empireo remunera Deos o muyto, que nesta vida padecèraõ por seu amor, serem padroeiros, & amparo dos homês nas mesmas afflições, & trabalhos, que tiverão. Predominão glorificados no Ceo com soberano poder sobre tudo, que cõ paciencia sofrèraõ na terra. As perseguições, os carcereos, os martyrios, as doenças, as mortes, & tudo que para elles foy Cruz, pena, & tormento, de que se não podèraõ livrar, estão debaixo de seu Imperio com tão grande disposição, & poder, que nos socorrem, & livrão das mesmas angustias, em q̃ elles se achàraõ. Com huma cadeia de ferro por mandado de Herodes esteve S. Pedro em Jerusaleem prezo em hum carcere. Com outra foy prezo em Roma, adonde estas duas cadeas tocãdo hũa cõ a outra, milagrosamente se uniráõ, como se fora huma só. Quem não dissera, que só para encadear os prezos podião servir? Com tudo não he assy. Servem para os soltar. Quem recorre á S. Pedro, & se val destas cadeas, se livra da prizão, não só do corpo, mas ainda da alma. Prezo com cadeas invisiveis pelo Demonio se achava hũ Conde energumeno em tais apertos, que com os dentes, mordendo-se, fazia seu corpo em pedaços.

ços. Não lhe valeo ser Conde contra o poder do Demonio. A todos prende Lucifer, se forem pecadores. Não respeita a nobreza dos Grandes, que se apartão de Deos com seus pecados. As mesmas culpas são os grilhoes, & cadeas, com que os prende, & tem por escravos. Aplicarão à este Conde as Cadeas de S. Pedro. Lhas puzeraõ no pescoço, & logo as que serviraõ para ter o Sancto prezo com apertos, valéraõ ao Conde para sua liberdade. O mesmo foy prendelo cõ ellas, que deixallo o Demonio solto.

Breviar.
in festo
S. Petr.
ad Vinc.
sect.6.

63 Por cativo dos Vandalos, á quem voluntariamente servio S. Paulino, para libertar hum filho de huma pobre Viuva, he dos cativos o emparo. Pelo muyto que padeceo S. Roque em servir aos feridos da peste, & acabar a vida deste mal, contra a peste o tem as Cidades, & Reynos por seu padroeiro. A S. Agueda recorrem as mulheres para a saude nas doenças, & achaques dos peitos; porque nos peitos padeceo a Sancta muy grande martyrio. Foy o tormento que mais sintio. Quando o Tirano lhos mãdou cortar, estranhandolhe a crueldade, lhe disse: Não tens pejo Tirano cruel, de cortar à huma mulher o que bebeste em tua mãy? *Crudelis Tyranne, non te pudes amputare in femina, quod ipse in matre suxisti?* Por S. Luzia chamaõ os cegos, & os que padecem achaques nos olhos. Por S. Apollonia os que tem dores de dentes. Por S. Amaro os aleijados, & coxos. E por S. Athanasio os perseguidos. Foy este Sãto por defensor, & propagador da Fè Catholica tão perseguido dos Herejes na honra, & na vida com falsidades, & calumnias, & com tão grande odio procurado, para o matarem, que para fugir seu furor, & maldade, esteve em huma cisterna cinco annos escondido, & quatro mezes na sepultura de seu pay. Tomeio para meu padroeiro, para me defender dos Herejes obstinados inimigos dos Catholicos Romanos, que sempre me perseguirão, por procurar por Missionario Apostolico a propagação da Fè Catholica, que não querem admitir, nem ouvir pregar. Temos pois nos Sanctos o remedio, & o emparo no muyto que padeceraõ. Nos dão o que lhes faltou nesta vida,

Breviar.
in fest.
S. Agat.
lect.5.

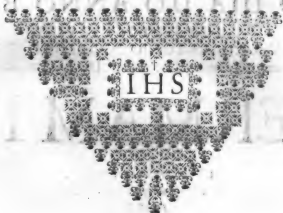
Nos livrão do mal, & trabalhos que tiverão.

Burgens.
in cap. 1.
Matth.
n. 16.

64 S. Joseph naceo Rey em seu proprio Reyno, mas não o possuio. O de Judea era seu. Perteneçalhe por decendente d'el Rey David, de quem era legitimo sucessor, & herdeiro por linha direita, de pays, & avós. Por sua morte, diz Burgense, passou o Reyno à Christo. Por elle mais que por sua Santissima Mãe lhe pertencia: *Quo circa à Ioseph morte Regaliæ Dominicæ familia dignitas ad Iesum recto ordine descendit: fuit-que non promissione Dei tantum, sed & hereditariæ successionis jure sceptri Iudaici occupator.* Por soffrer huma Cruz tão pesada com muyta paciencia de nacer Rey em seu Reyno, & não o possuir, nem o poder tirar de quem injustamente o occupava, he no Ceo o emparo dos Reys, o padroeiro dos Reynos. He o Monarca protector de todos os Imperios, & Monarchias do Mundo. Quem nacer Rey sem Reyno recorra à S. Joseph, porque por elle o terá. Sem seu patrocínio ninguém alcança a Coroa. Naceo V. Mag. Rey com o direito ao Reyno de Portugal por legitimo sucessor, decendente, & herdeiro d'el Rey Dom Manoel; mas sem a posse. Achou o Reyno occupado por el Rey de Castella. O poder para lho tirar era pouco. Para que chegasse à possuio emparado por S. Joseph, que por justo dá a cada hum o que he seu: *Ioseph autem cum esset justus, ordenou Deos que seu ditoso nascimento fosse em seu dia: Ioseph fili David, noli timere. Est puer unus hic.*

65 Glorioso Monarca, que sobre todos os Sanctos tendes no Ceo o mayor poder. São elles protectores mais inferiores. Seu patrocínio não excede o limite ordinario das perseguições, dos cativeiros, das prizoões, das enfermidades, dos achaques. Mais soberano he o vosso emparo, porque sois o padroeiro dos Reynos, dos Imperios, das Monarchias, & o Protector, & emparo dos Reys. O que vos faltou na terra, tendes centuplicado no Ceo, adonde he tanto mayor a gloria, que lograis sobre os mais Sanctos, quanto he mayor o dominio que tendes. A vós deve Portugal ter Rey natural, Elle volo agradece, & vos rende as graças por tão grande mercê. Tambem
he

he obrigação vossa perpetua em seu Reyno, pois nasceo em
vosso dia para o amparo. Como justo lhe destes o que era seu.
Como poderoso livraio de seus inimigos. Como Rey uniuos
para sempre com elle com amorosa liga, para que nunca lhe
falte a vossa protecção, & emparo; & como Sancto alcançailhe
de Deos a graça, que para elle, & para toda a sua Casa Real,
& para seus Vassallos vos peço, com muytos augmentos
de seus Reynos, & Estados, & com a segurança do
Ceo, adonde eternamente se reyna, para que
naõ falte a Coroa da Gloria à quem por
vossa intercessão, & emparo, a-
tem de seu Reyno. Amen.



POLITICA CHRISTAÃ

PARA LOGRARMOS ANNOS FELICES

PREGADA
AS MAGESTADES, E ALTEZAS
DE PORTUGAL

EM SUA CAPELLA REAL
NO DIA DO ANNO BOM

1. de Janeiro de 1651.
PELO M.R.P.D. ANTONIO ARDIZONE SPINOLA,
Clerigo Regular, Theatino da Divina Providencia.

SERMAM IV.

*Ut circumcideretur puer,
vocaturn est nomen ejus
IESUS.*

Luc. 2. n. 21.

Ad Phi-
lip. 2.
n. 9.

1  ACE o anno neste dia primeyro de Janeiro cõ
o nome sanctissimo de JESU. *Vocaturn est nomen
ejus IESUS.* Debaixo do amparo de taõ sobera-
no nome, q he sobre todos os nomes o mayor:
Super omne nomen, ordenou Deos com sua providẽcia divina,
que

que nacessem os annos aos Christãos. Ditozo nacimiento, que tem por acendente á J E S U. Bemaventurado parto, que tem por Estrella à Christo. Quem não pronosticára, que nasce para todos bom? Quem não dissera, que será para todos feliz? Se do Planeta, que predomina no nacimiento de cada hum, argumentaõ os Astrologos as prosperidades, & adversidades de toda a vida, o bem, & o mal, nascendo aos Christãos o anno novo debaixo de tão benigno, & soberano Planeta, Sol da Igreja Catholica, nova luz do Empireo, alegria dos Anjos, remedio dos homẽs, terror do Inferno, consolação dos affligidos, refugio dos desemparados, & emparo de todos os mortaes, quem não dissera, que nasce para todos feliz? Quem o não prometêra, & ainda o assegurára para todos bom? Se este nome de JESU ao parecer de S. Jeronimo, & de S. Joaõ Damasceno, he o mesmo que o nome tetragammaton *Iehouà* proprio de Deos: & onome *Iehouà* na opiniaõ de muytos significa, & denota ao mesmo Senhor, como principio, criador, & conservador do ser de cada hum: *Significat eum* (diz o Doutor Salmanticense) *qui dat omnibus esse*: nascendo o anno debaixo do patrocínio de tão divino nome, cada hũ se póde prometer sua conservação, os Reys de sua Coroa, os Reynos de sua liberdade, os Prelados de suas Igrejas, os Ministros de sua authoridade, os Vassallos de seus privilegios, & todos da vida, & faude, de que depende o ser de cada hum.

Hyeron,
in ps. 8.
Damasc.
lib. 1. fi-
dei c. 12,
Velasq.
ad Phi-
lip. c. 2.
v. 9. n. 21.

2 Deste divino nome, que a Virgem Senhora nossa poz à seu divino Filho neste dia, se originou, diz Chrisologo, tod o seu bẽ: *Merito igitur Virginis salva sunt omnia, qua genuit Salvatorem, & vocavit nomen ejus Iesum*. Com este nome omnipotente de JESU cifrado, & representado no nome de *Iehouà*, que Moyses de continuo tinha na boca, & invocava nas suas imprezas, para que lhe valesse em tudo, que tão gloriosamente conseguiu (diz o Bispo Chrisopolitano) obrou tão grandes, & tão raros milagres: *Ad cujus invocationem Moyses fecit omnia miracula*. Chamando pelo nome de JESU no nome de *Iehouà*, sojeitou à el Rey Pharaó com prodigios, abateo sua so-

berba,
Chryso-
log.
Serm.
144.
Chryso-
pol. apud
Jylu.
in Text.
Evang.
lib. 2. c. 3.
n. 52.

berba, dobrou sua obstinada vōtade, desfez seu poderoso exercito; libertou os Israelitas, abriu o Már vermelho, dividio suas ondas, de seca & dura pedra fez correr rios de agoa, mandou ao Ceo chover para comida dos homēs o pão dos Anjos, & á terra esteril, & seca dar coturnices, com que sustentou seu Povo por largos annos milagrosamente no Deserto, & obrigou finalmente à Deos à ser seu emparo em suas gloriosas empre-

Exod. 3. fas: *Ego ero tecum.*

n. 12.

3 Para afunjentar David o exercito poderoso dos Philis-

Philon.

rheos com hũa funda, & derrubar com hũa pedra hũ monte de ferro, que tal representava com suas armas o Gigante Golias, valeose, diz Philo Hebreo, do nome de JESU. Escreveo na pedra, cō q̃ lhe atirou, ferio na testa, derrubou, & estêdeu no chaõ, o nome de JESU. Tambem Christo todo poderoso, para remir o Mundo de seus pecados, lançar fora d'elle Lucifer, triunfar da morte, & do Inferno, libertar os Sanctos Padres do Limbo, refucitar os mortos cativos da morte, abrir aos justos as portas do Empireo por tantos seculos fechadas, & restaurar as Cadeiras dos Anjos, quiz que no Estandarte da Cruz, com que concluiu suas vitorias, estivesse escrito em lingua Grega, Hebraica, & Latina seu poderoso nome de JESU: *Hic est IESU Rex*

Joan. 23.

n. 38.

Judaorum. Quiz o mesmo Senhor dar ao Mundo os bõs annos

Matth.

27. n. 37.

com dar fim à ley escrita, & principio à ley da graça, com o sangue, que derramou neste dia em sua Circunsição, sojeitando-se á tão penosa ley, à que não estava obrigado, curando em

Orig. ho-

mil. 14.

in Luc.

Ambros.

in Luc.

hic.

D. Gre-

gent. in

sua disp.

fy (diz Origines) as chagas dos nossos pecados: *Caput pro membris accepit curationem*, & sepultando a ley velha com tão hon-

rado fim, diz S. Ambrosio: *Voluit legem cum honore sepelire*,

mas com seu divino nome lhe assegurou o perdaõ, & as felicidades dos annos, diz S. Gregento: *IESU miserendi pignus no-*

mine portat.

4 Se pois neste sanctissimo, & divino nome de JESU as felicidades, que se prometem, se assegurão, tendo hoje obrigação de dar bõs annos, desejo de os assegurar felices, os dou à todos no nome de JESU.

Neste

Neste soberano nome os tenha V. Mag. felicissimos (Muyto alto, & muyto poderoso Rey, & Senhor nosso) com consumada faude, com a conservação de sua Coroa, com augmentos de seus Estados, com a paz desejada com os Principes Christãos, & com muytas vitórias contra os inimigos da Fè, como Rey dado do Ceo, como Senhor prometido por Christo, como pay tão desejado de seus Vassallos, quão ditosamente possuido.

Neste sanctissimo, & divino nome de JESU os dou com particular affecto, & reverencia devida à V. Mag. (Muyto alta, & muyto poderosa Rainha, & Senhora nossa) naõ sem mysterio posta por Deos neste monte alto de grãdeza, para que com suas orações faça como a famosa Debbora no môte as armas Portuguezas vencedoras, & tenha huma tão dilatada successão, que desse tronco Real se encha o Mundo de Reys, de Rainhas, & de grandes, & famosos Principes na paz, & na guerra.

Neste sanctissimo nome de JESU os dou à V. Alteza, Serenissimo Principe com muytas grandezas, & com mais dilatado Imperio, governado com muyta paz, & sabedoria, como Principe dado por Deos para segundo Salamaõ da ley da graça, & exemplar dos Principes de nossos tempos, a cuja vista poderaõ deixar a pena os Authores, que se cançaraõ em descrever hum Principe perfeito, tendo todos em V. Alteza hum vivo retrato de virtudes, & hũ epilogo de perfeições, Alvo das esperanças Portuguezas, & admiração dos homẽs, em que parece se anticipou a natureza, para logarmos os fructos no tempo das flores.

Neste sanctissimo nome de JESU os dou à V. Alteza, Serenissimo Senhor Infante, em quem considero o valor de seu primeyro Avô, o primeyro Affonso Rey de Portugal, que naõ à caso ordenou Deos tivesse seu nome, se naõ para imitar suas heroicas virtudes. No mesmo nome de JESU os dou á V. Alteza, Serenissimo Senhor Infante D. Pedro, em quem em tão tenra idade luz tal magestade, & grandeza, que parece tello Deos criado para pedra fundametal desta sua Monarchia tem-

poral, como outro Pedro, em quem fundou a espiritual de sua Igreja. Pois não sem mysterio ouve que lhe poz no Berço hũa Coroa, & hum Ceptro de flores, quasi pronosticando, que naceo para Principe, & se cria para Rey.

Neste sanctissimo nome de JESU os dou à Vv. Altezas, Serenissimas Senhoras Infantas cõ os dotes da graça, fermosura da Alma, & com os desposorios felices, & mais felicidades, que seus mais affectuozos Vassallos lhe desejaõ.

Neste sanctissimo nome de JESU os dou à toda a Monarchia Portugueza, fundada no campo de Ourique por Christo, & estabelicida com o nome de Jesu, para o levar com o Estandarte da Fé aos infieis: *Ut deferatur nomen meum ad exter as gentes*. E finalmente os dou no mesmo nome aos tres Estados, Ecclesiastico, Nobreza, & Povo, dos quaes os melhores annos consistem, em que os logre toda a Casa Real de Vossas Magestades.

E com ser isto assy, que no nome de JESU as felicidades, que se prometem, se asseguraõ: com ser verdade, que debaixo de taõ soberano Planeta nadem os annos para todos felices, não deixo de reparar, que tenho contra mim a esperiencia, confirmada com o argumento, que tem contra sy todos os Astrologos, que debaixo de hũ mesmo Planeta nadem os homens cõ diversas fortunas, assy como debaixo de diversos Planetas tem muytas vezes huma mesma sorte. Jacob, & Esau nacerão em hum mesmo tempo. Tanto assy, que não havia Esau acabado de sahir à luz, que não tivesse principiado Jacob seu nascimento; porque naceo Esau prezo por Jacob, que com sua mão o tinha pelos pés: *Plantam fratris tenebat manu*; & com tudo muy diversas foraõ as sortes, muy encontradas as venturas, não só nos bẽs da graça, mas ainda nas temporalidades, & successos da vida: *Jacob dilexi, Esau autem odio habui*. Se pois debaixo de hum mesmo Planeta. podem ser huns venturosos, & outros desgraçados: Se a experiencia mostra, que nacendo os annos com o nome de JESU, para hũs o anno he bom, & para outros infeliz, como no nome de JESU se asseguraõ as felicidades

Vieg. lib.
4. pag.
132.
Almeida
da Ref-
taur. de
Portug.
1. p. c. 5.

Gen. 25.
n. 25.

dades do anno? Affeguraõse, se as pessoas, á quem se daõ os bõs annos, se dispuzerem para os receber. Naõ basta dallos no nome de JESU, se quem os receber, se naõ circumcidar cõ Jesu: *Ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Iesus.* O meyo para termos annos felices; o modo para lograrmos o anno bom, he a circumcizaõ de cada hum. Se todos se circumcidassẽ com Christo, os annos foraõ para todos felices. A explicaçaõ desta reposta he a materia deste discurso, & a mayor felicidade do anno he principialo com a graça de Jesu. Peçamola à Virgem.

AVE MARIA.

Ut circumcideretur puer:

Vocatum est nomen ejus

I E S U S.

TODOS desejamõs ver o Mundo reformado, porque da reforma do Mundo dependem as mayores felicidades dos homẽs; porẽm poucos trataõ de o reformar em sy. Cuidaõ comũmente os que imaginaõ saber muyto, & que podem dar grandes conselhos, que para reformar o Mundo, seja necessario circumcidalo com Christo, & com essa maxima taõ errada cortaõ muyto por elle; & naõ podẽdo por outro modo, fazem cutelo da lingua, & cortaõ por todos muy delgado. Os queixozos cortaõ pelo governo: os desfavorecidos cortaõ pelos privados: os requerentes cortaõ pelos ministros: os cubicozos cortaõ pelos medrados: os mal despachados cortaõ pelos providos: os descontentes pelos acrecentados: os pequenos pelos Grandes: os pobres pelos ricos, & quasi todos hũs pelos outros, & ninguem corta por sy. Grande engano dos homẽs, grande cegueira. Por isso o Mundo he sempre o mesmo, & os annos quasi sempre pouco felices. Se todos cortassẽ por sy, todos tiveraõ o anno bom. Se cada hum se circumcidara com Christo, naõ só se melhorara, mas se salvara o Mundo. O mal

he, que se trocarão as circumciseções, por isso não melhoraõ os annos. Se temos hũ anno bom, choramos muytos mãos: porque quem ouvera de cortar por sy, só à sy perdoa, & corta por todos os mais.

7 Não o fez assy Christo: Veyo ao Mundo, & diz de sy: Joan. 3. *Non enim misit Deus filium suum in mundum, ut judicet mundum, sed ut salvetur mundus per ipsum*: Não, tem Deos mandado seu Divino Filho ao Mundo, para o julgar, mas para o salvar. Pois Senhor se viesstes ao Mundo para o salvar, cortareis por elle? Vos mandastes ao Mundo antes da vossa vinda, que se circumcidasse, para se salvar: ordenastes para sua salvação a circumcisaõ: agora que viesstes em pessoa para o salvar, cortareis mais por elle? Pelo que Christo fez neste dia, se colhe sua reposta. Não, diz Christo, não hei de cortar mais pelo Mundo, para o salvar, para o remediar, para o melhorar, mas hei de cortar por mim. Hei de sofrer o golpe da Circumcisaõ, & mandar ao Mundo, que senão circumcida mais. Na minha circumcisaõ terá elle a salvação, & o remedio. Grande doutrina para cortar cada hum por sy. Se Christo viera ao Mundo, para o julgar, para o condenar, cortára pelo Mundo, olhára pelas culpas, examinára as offensas, puxára pelos pecados, & por elles o condenára. Mas como vejo para lhe dar annos bẽaventurados da sua salvação: *Ut salvetur mundus per ipsum*, deixa de cortar pelo Mundo, & corta sómente por sy: *Ut circumcidereur puer: vocatum est nomen ejus IESUS*. Cortem todos por sy, para terem felicissimos annos. Cortem por sy os Reys: Cortem por sy os Ministros: Cortem por sy os descontentes, os Vassallos, o Povo, o Reyno todo, que he o meyo mais seguro para lograrmos sempre annos felices.

8 Começemos pelos Reys, à quem Deos tem posto no alto Throno da Magestade, não só para governarẽ, não só para mandarem, mas tambem para serem vivo exemplar à seus Vassallos do que ouverem de fazer. As açoẽs virtuosas dos Reys sãõ os melhores regimentos de seus súbditos. Seja Senhor servido, que comece por V. Mag. já que tem

pto de mostrar os meyoys mais proprios, & mais efficazes, para lograr cada hum felicissimos annos. Os melhores, & mais felices annos dos Reys assentão na conservação de sua Coroa, & no augmento de seus Estados. Se cortarem sempre por sy, terão sempre annos felices: conservarão para sempre sua Coroa, & terão seus Estados muy grandes augmentos.

9 Dous sonhos teve el Rey Nabuchdonosor, ambos prophcias de seu Imperio, & doutrina muy ferta dada do Ceo aos Reys da terra. Sonhou primeyro com hũa Estatua maravilhosa, que tinha a cabeça d'ouro, o peito, & os braços de prata, tudo o mais era bronze, ferro, & barro. Sonhou outra vez Dan. 2.
n. 32. com hum arvore grandiosa, que estendia seus sermozos ramos por toda a terra, muy copada de folhas, muy rica de frutos, dos quaes todòs comião: *Ex ea vescabatur omnis caro*, agazalhãdo por muy viçozas as aves em seus ramos, & os animaes Daniel.
4. n. 7. debaixo de sua sombra. Ouyç porèm esta differença: Quando sonhou com a Estatua, pareciahe ver hum pedra, que cahindo precipitada de hum monté, dando nella, a derrubava no chaõ, & a desfazia de maneira, que reduzida em pó, sem ficar nada em pè, tudo levava o vento. E quando sonhou com a arvore, pareciahe que a mandava Deos cortar, mas deixavalhe huma vergonteia encuberta enterrada na terra, para que tornasse a renacer: *Verumtamen germen radicum ejus in terra finite*. Maravilhozos sonhos, notaveis prophcias. Como assy? Se quem sonhava era hum só Rey, & os sonhos eraõ prophcias do que havia de fer de seu Imperio, como representado em Estatua, bastava hum pedra para o destruir, bastava hum pè de vento para o dissipar: & representado na arvore, cõ a mandar Deos cortar, ficavalhe com tudo huma vergonteia encuberta na raiz: *Germen radicum ejus*, para tornar á seu primeyro fer? Grande he a duvida, com tudo das circumstancias dos sonhos tiraremos com grande mystetio a reposita.

10 O Imperio de Nabuch sonhado em Estatua tinha todo o ouro na cabeça sem o communicar aos membros. Tinha toda a prata no peiro, & nos braços, sem a repartir por todo o

Tut 3

corpo.

he, que se trocarão as circumcições, por isso não melhoraõ os annos. Se temos hũ anno bom, choramos muytos mãos: porque quem ouvera de cortar por sy, só à sy perdoa, & corta por todos os mais.

7 Não o fez assy Christo: Veyo ao Mundo, & diz de sy: *Joan. 3. Non enim misit Deus filium suum in mundum, ut judicet mundum, sed ut salvetur mundus per ipsum.* Não tem Deos mandado seu Divino Filho ao Mundo, para o julgar, mas para o salvar. Pois Senhor se viestes ao Mundo para o salvar, cortareis por elle? Vos mandastes ao Mundo antes da vossa vinda, que se circumcidasse, para se salvar: ordenastes para sua salvação a circumcisaõ: agora que viestes em pessoa para o salvar, cortareis mais por elle? Pelo que Christo fez neste dia, se colhe sua reposta. Não, diz Christo, não hei de cortar mais pelo Mundo, para o salvar, para o remediar, para o melhorar, mas hei de cortar por mim. Hei de sofrer o golpe da Circumcisaõ, & mandar ao Mundo, que senão circumcida mais. Na minha circumcisaõ terá elle a salvação, & o remedio. Grande doutrina para cortar cada hum por sy. Se Christo viera ao Mundo, para o julgar, para o condenar, cortára pelo Mundo, olhára pelas culpas, examinára as offenças, puxára pelos pecados, & por elles o condenára. Mas como vejo para lhe dar annos bēaventurados da sua salvação: *Ut salvetur mundus per ipsum*, deixa de cortar pelo Mundo, & corta sómente por sy: *Ut circumcideretur puer: vocatum est nomen ejus IESUS*. Cortem todos por sy, para terem felicissimos annos. Cortem por sy os Reys: Cortem por sy os Ministros: Cortem por sy os descontentes, os Vassallos, o Povo, o Reyno todo, que he o meyo mais seguro para lograrmos sempre annos felices.

8 Começemos pelos Reys, à quem Deos tem posto no alto Throno da Magestade, não só para governar, não só para mandarem, mas também para serem vivo exemplar á seus Vassallos do que ouverem de fazer. As acções virtuosas dos Reys são os melhores regimentos de seus subditos. Seja Senhor servido, que comece por V. Mag. já que tenho por assumpto

pto de mostrar os meys mais proprios, & mais efficazes, para lograr cada hum felicissimos annos. Os melhores, & mais felices annos dos Reys assentão na conservaçaõ de sua Coroa, & no augmento de seus Estados. Se cortarem sempre por sy, teraõ sempre annos felices: conservarãõ para sempre sua Coroa, & teraõ seus Estados muy grandes augmentos.

9 Dous sonhos teve el Rey Nabuchdonosor, ambos prophcias de seu Imperio, & doutrina muy ferta dada do Ceo aos Reys da terra. Sonhou primeyro com hũa Estatua maravilhosa, que tinha a cabeça d'ouro, o peito, & os braços de prata, tudo o mais era bronze, ferro, & barro. Sonhou outra vez com humia arvore grandiosa, que estendia seus fôrmosos ramos por toda a terra, muy copada de folhas, muy rica de frutos, dos quaes todos comiaõ: *Ex ea vefcebatnr omnis caro*, agasalhãdo por muy viçozas as aves em seus ramos, & os animaes debaixo de sua sombra. Ouyte porẽm esta differença: Quando sonhou com a Estatua, parecia-lhe ver humia pedra, que cahindo precipitada de hum montê, dando nella, a derrubavayno chaõ, & a desfazia de maneira, que reduzida em pó, sem ficar nada em pẽ, tudo levava o vento. E quando sonhou com a arvore, parecia-lhe que a mandava Deos cortar, mas deixavalhe humia vergonteia encuberta enterrada na terra, para que tornasse a renacer: *Veruntamen germen radicum ejus in terra fuit.* Maravilhosos sonhos, notaveis prophcias. Como asly? Se quem sonhava era hum só Rey, & os sonhos erãõ prophcias do que havia de ser de seu Imperio, como representado em Estatua, bastava humia pedra para o destruir, bastava hum pẽ de vento para o dissipar: & representado na arvore, cõ a mandar Deos cortar, ficavalhe com tudo humia vergonteia encuberta na raiz: *Germen radicum ejus*, para tornar a seu primeyro ser? Grande he a duvida, com tudo das circumstancias dos sonhos tiraremos com grande mystetio a repolla.

10 O Imperio de Nabuch sonhado em Estatua tinha todo o ouro na cabeça sem o communicar aos membros. Tinha toda a prata no peito, & nos braços, sem a repartir por todo o

corpo. E Imperio que não corta por sy, repartindo com todos o que tem: que não corta pelo ouro de sua cabeça, para o comunicar aos seus: Imperio adonde a prata está toda no peito, de quem o governa, nos braços, & nas mãos de quem manda, sem se repartir pelos que o defendem na guerra armados de bronze, & de ferro, nem com os que trabalham na paz para o conservar, basta hum pedrã para o destruir, basta hum vento, para o acabar, basta hum batalha, que desbarate seu exercito, para se diminuir, hum tormento, que destrua hum armada, para de todo se perder. Mas sonhado em arvore, parecialhe de ver, que agazalhava à todos, as aves nos ramos, aos animaes debaixo de sua sombra, & que à todos sustentava cō seus frutos: *Ex ea vescabatur omnis caro*: E Imperio, em que todos comem: Imperio q̃ à todos agazalha, à huns debaixo de sua sombra com folhas verdes de esperanças, para que bem sirvaõ, & à outros com frutitos de mercês, porque bem sirviraõ, ainda que o mande Deos cortar por seus ocultos juizos, ainda que o mande destruir, deixar-lhe hum vergoncal escondida na terra, hum Rey encuberto: *Germen radicum ejus*, para tornar à renacer.

11 Grande doutrina para os nossos tempos. Parecem estes sonhos profecias do que vemos. O Imperio de Portugal foy muyto tempo Estatua com a cabeça d'ouro, & com o peito, & braços de prata; & foy muyto tempo arvore grandioza, que dilatou seus ramos nas Conquistas do Mundo. Foy Estatua em tempo de Castella; & por não querer cortar por sy, pelo ouro de sua cabeça, & pela prata de seu peito, & braços para bem de seus Vassallos, bastou hum pedrã, que cahio de hum monte, hum Rey, digo, natural, que appareceu de repente, & hũ vento aprasivel de huma aclamação feliz, de huns *Vivas*, que ventavaõ pelos ares, para o perder para sempre. Foy arvore viçoza em tempo de seus Reys naturaes, que agazalhou sempre à todos, & sustentou com seus frutitos. Mandou Deos cortar por seus justos juizos, q̃ ninguem pôde comprehender, nel Rey Dom Sebastião. Hum tronco velho, que ficou no Cardeal Rey

Rey Dom Henrique tambem se cortou em poucos annos; por-
rêm lhe deixou Deos huma vergonteia enterrada na Serenissi-
ma Senhora Infanta Dona Catherina; para brotar hum Rey
encuberto no anno de quarenta, & tornar por este meyo em
seu primeyro ser. Pois Senhor, faça V. Mag. que o Imperio de
Portugal seja sempre Arvore, de que todos comaõ, & nunca
Estatua, que não corte pelo ouro de sua cabeça, nem pela pra-
ta de seu peito; porque ainda que a mande Deos cortar, não
faltaraõ nunca na Casa Real de V. Mag. vergonteas encuber-
tas, para tornar à renacer.

12 Nunca se perdem os Reynos por cortarem os Reys
por sy. Perdemse, quando cortaõ por seus Vassallos. Se corta-
rem sempre por sy, se conservaraõ sempre em seus Reynos;
mas como muytas vezes cortaõ com demazia por seus Vassa-
llos, facilmente os perdem. Quando menos o cuidaõ, se achaõ
sem Reynos. Quiz o Profeta Ahias mostrar à Jeroboam a deli-
beração de Deos, de querer devidir o Reyno de Salamaõ por
seus pecados, & dar à elle a mayor parte. Era Salamaõ Rey, &
Senhor das Tribus de Israel. Apartouse de Deos pelo peccado
da idolatria. Em pena, & castigo deliberou Deos dividir seu
Reyno, tirarlhe dez partes delle, dez Tribus, & dallas à Jero-
boam, deixando à Salamaõ cõ hũa só. *Ecce ego scindam regnum
de manu Salamonis, & dabo tibi decem tribus. Porro una tribus re-*

3. Reg.
11. n. 32.

manebit ei propter servum meum David. Para o Profeta o dar à
entender à Jeroboam, diz o Texto Sagrado, q̃ tomou sua pro-
pria capa que trazia, & a cortou, & fez della doze pedaços, dos
quaes deu dez à Jeroboam: *Apprehendens Ahias pallium suum* Ibid.
novum, quo coopertus erat, scidis in duodecim partes. Et ait ad Je- n. 31.
roboam: Tolle tibi decem scissuras. A qui está todo o meu reparo
Profeta, que he o que fazeis? Que modo he este de mostrar, que
quer Deos devidir o Reyno de Salamaõ, de apossalo de dez
Tribus? O Reyno que quer Deos devidir, não he de Salamaõ?
Si. A capa, que cortaes não he vossa, que sois Vassallo seu muy-
to pobre? Si. Pois porque cortais a vossa capa, & não cortais
a capa de Salamaõ? Se elle he, que ha de perder dez partes de
seu.

seu Reyno, cortaihe a sua capa, tirailhe dez pedaços della, & deixaio com que mal se cnbra com hũ só. Porque pois cortais a vossa, & deixais enteira a d'el Rey? Por que nunca se perdem os Reynos por cortarem os Reys pela capa propria, para naõ cortarem a dos Vassallos. Perdemse, quando por deixarẽ inteira a propria, cortãõ a capa de seus Vassallos. Se o Profeta. differe a Salamaõ, que cortasse pela sua capa, mostrara, que lhe tivera Deos perdoado seu pecado, & q̃ o conservaria em seu Reyno. Mas porq̃ seu pecado naõ merecia perdaõ, para mostrar o Profeta, q̃ havia de perder dez partes de seu Reyno, deixa á el Rey a capa inteira, & corta pela sua, que era hum pobre Vassallo.

13 Se os Reys se conservaõ em seus Reynos, quando cortãõ por sy, pela propria capa, & naõ pela de seus Vassallos, muyto mais se conservaõ, quando cortãõ pela sua Coroa, para naõ cortarem pela Thiara do Papa. Naõ só se conservaõ, mas multiplicaõ as Coroas. Com hũa sã Coroa nasceo Christo no Mundo, & com muytas resurgio. Quando nasceo naõ tinha mais que a Coroa, cõ que o coro-ou sua Sãctissima Mãe: *Egre-*

Cant. 3. *dimini, & videte filia Sion Regem Salamonem in diademate, quo-*
n. 11. *cronavit illum mater sua.* Mas na resurreiçaõ appareceo à S.

Apoc. 19. *ecce equus albus, & qui sedebat super eum, vocabatur Fidelis, &c.*
n. 11. *& in capite ejus diademata multa.* A Coroa com que o coro-ou

& 12. sua Mãe, foy à de sua humanidade, dizem todos os Padres: & as muytas, com que appareceo coroado à S. Joaõ, foraõ as que lhe deu seu Eterno Padre depois de resurgido, dandolhe todo seu divino poder no Ceo, & na terra, como disse o mesmo Senhor: *Data est mihi omnis potestas in celo, & in terra.* Pergunto, porque depois de resurgido teve Christo tantas Coroas, que por muytas, naõ as contou S. Joaõ: *Diademata multa?* Na vida naõ teve mais que huma, & depois de morto na resurreiçaõ quasi innumeraveis? Qual será a rezaõ? Muytas me apontareis, huma só darei eu, por ventura muyto literal.

Matth. 28. n. 18.

14 Em quanto Christo viveo atè morrer, & ainda depois de morto, em quanto esteve na Cruz, cortou sempre pela Co-

roa

roa de sua humanidade, que lhe deu sua Sanctissima Mãe, para fundar sua Igreja Catholica, & por na cabeça de S. Pedro, & de seus decendentes até o fim do Mudo a Thiara devida ao Summo Pontifice Romano, ao Papa. Cortou-a na circuncisaõ neste dia: *Ut circumcideretur puer*. Cortou-a muytas vezes com o sofrimento no discurso de sua vida, soffrendo com paciencia as afrontas de seu Povo. Cortou-a muyto mais na sua paixãõ. Quam cortada foy na Casa de Pilatos, na Columna, & na coroaçãõ dos espinhos, tratado por Rey de zombaria. Cortou-a na Cruz trespassado com duos pregos, & ainda depois de morto cortou pela sua Coroa, consintindo a ferida da lança, com que acabou de fundar sua Igreja, & de estabelecer em S. Pedro, & em seus decendentes sua Thiara; porque do lado de Christo naceo a Igreja Catholica, figurada em Eva, que do lado de Adaõ durmindo, figura de Christo morto, foy creada. E cortando Christo tantas vezes pela sua Coroa, para allegurar a Thiara do Papa, se foy huma a que teve na vida, mereceo ter muytas depois de morto na resurreiçaõ: *In capite ejus diadema- ta multa.*

15 Mas qual mayor Coroa, quando todas faltassem, que não podem faltar, como a do sofrimento taõ christãõ, & taõ catholico de dez annos, desde q̃ V. Mag. foy aclamado Rey? Sofrer dez annos o rigor do Papa, de lhe não querer admitir seu Embaixador, de lhe não querer disirir como Rey, cortando sempre por sy, & estar ainda aparelhado à soffrer com paciencia mais annos, para não quebrar com a Igreja, para não diminuir a authoridade do Papa, para conservar a Fè Catholica, he a mayor Coroa de V. Mag. he a mayor gloria dos Reys de Portugal, he a mayor honra deste Reyno, & de toda a Naçaõ Portuguesa. Tem V. Mag. com este sofrimento acreditada a palavra de Christo, porque tem mostrado ser o Reyno de Portugal puro na fé, conforme Christo Senhor nosso o prometeo à el-Rey D. Affonso Henriques, quando o fundou. *Erit mihi regnũ sanctificatum, fide purum.*

16 Sofrera tanto tempo Inglaterra, se fora Reyno Catho-
Uuuu lico,

Vieg.lib.
4.pag.
132.
Almeid.
da Ref-
taur. de
Portug.
1. p. c. 5.

lico, como o foy, antes que se pervertesse Henrique VIII. que por menos disto voltou as costas à Igreja Romana, cortando pela Fè, por não querer cortar por seus torpes appetites! Sofrèra Scocia, se tivera Rey, como o tinha antigamente! Sofrèra Suecia, Dinamarca, Ungaria, Polonia, Moscovia! Sofrèra o Emperador com ser tão Catholico, & depender tanto do Papa sua Coroa Imperial, & o titulo de Rey dos Romanos! Sofrèra o de França com ser Christianissimo! Sofrèra finalmente el-Rey Catholico de Espanha? Hei de cuidar que sy, por ser muy catholico, & grande defensor da Igreja. Mas sei por me achar em Roma, quando escandalizado Urbano VIII. por hum protesto, que lhe fez seu Embaixador em tempo, que el Rey de Suecia com suas armas, unido com Saxonia, tinha conquistado graõ parte de Alemanha, lhe disseraõ hũs Cardeais: Sanctissimo Padre, dissimule V. Sanctidade, porque el Rey de Espanha he columna da Fè Catholica. Respondeo o Papa: A minha muyta paciencia sustenta em pè esta columna da Fè. Cortava o Papa por sy, sofrendo com paciencia as insolencias de seu Embaixador. E acrecentou o Papa: Os Principes Catholicos saõ espelhos de vidro. Se se tratarem bem, resplandece nelles a Fè Catholica; mas se se tocarem com a vara do rigor, logo se quebraõ.

17 Ah Senhor, Ah Senhor, Espelho da Fè Catholica he V. Mag. Não he de vidro não: He de aço muy resplandecente, & muyto forte. He de finissimo diamante, que se não póde quebrar. Se não quebrou em dez annos atègora com a vara do rigor do Papa, nem se ha de quebrar em nenhum tempo. O conserva Deos para confusaõ dos Herejes, para emenda dos Scismaticos, para exemplo dos Reys, & Principes Catholicos. Que fora de nos, se não cortàra V. Mag. por sy? Que annos tiveramos nestes dez, que se passàraõ, se quebràra cõ Roma, quam trabalhosos, quam arriscados, quam infelices! Deve o Papa à V. Mag. o agradecimento de tão grande, & tão dilatado sofrimêto. Mas quando delle o não tenha, espere de Deos a remuneraçaõ, porque só Deos o sabe avaliar, & premiar. Por esse
sofri-

sofrimento, por cortar tanto tempo por sy, & não pela obediencia devida ao Papa, ha Deos de multiplicar na sua Casa Real as Coroas com tão grande luzimento, como as Estrellas do Ceo.

18 Estava Abraham no monte, que Deos lhe mostrara: *Super unum montium, quem monstravero tibi*, deliberado contra as leys da natureza, para não faltar á divina, de matar seu unico filho Isaac, que amava mais que a propria vida: *Quem diligis Isaac*, & de o sacrificar á Deos. De templo para tão sancto como cruel, tão pio como deshumano, tão amoroso como horrendo, tão devido ao Ceo como lastimoso na terra, tão penoso como cruento sacrificio servia o monte: De Altar a lenha com que havia de queimar a innocente victima, & reduzilla em cinza: Sacerdote, que o offerecia á Deos era seu magnanimo Pay, assistentes os Anjos, que o festejavaõ, trememente o Inferno, que o temia. Author era Deos, que o mandara: *Offeres eum in holocaustum*. Já tinha Abraham despido seu filho. Já o tinha atado no Altar. Já desabainhado o cutelo para o degollar. Já posto o sentido adonde o havia de ferir. Já levantado o braço para o matar. Já queria cahir com o golpe para lhe tirar a vida, & extinguir com perda da propria, que em seu filho vivia, a successão de sua casa. Gen. 22. n.2.

19 Abrafado do amor divino, que ardia em seu peito mais que o fogo, que havia de acender para tão espantoso sacrificio, não tinha pallido o rosto, não lhe tremia a mão, não choravaõ seus olhos, não lhe affligia o intento, não se compadecia de seu filho, nem o perturbava seu grande, & quasi immenso amor; mas alegre, & festival (diz S. Zeno) *Latatus est* S. Zeno *Pater*, constante na resolução, firme na obediencia, efficaç na obra, forte no animo, intrepido na impreza, pia, & sanctamente cruel, & cruelmente piadoso, queria já seguir o preceito divino. Oh spectaculo tremêdo! Oh acção sobre humana a mais horrenda! Oh fortaleza admiravel! Oh sacrificio sobre todos da ley da natureza por mais arduo o mais aceito: na ley escrita por grande o mais mysterioso, & na ley da graça o mais cele-

Uuuu 2

brado

brado por ser Imagem de Christo no Calvario.

August.
Serm.
110. de
diverſi.

20 Triumphava no peito de Abrahão do amor natural devido à ſeu filho o divino devido à Deos. Mais deſejava o Sã-cto velho de o ſacrificar, para obedecer ao Ceo, q̃ de lhe conſervar a vida pelo muyto q̃ o amava. Eſquecido de ſy, & lembrado ſó de Deos, venceo os impetos da natureza, os tumultos, & contrastes, que faziaõ em ſeu amante coração o affecto paterno. Prevaleceo nelle o amor divino, de que muytas vezes ſe deſcuidaõ os pays applicados com demaſia ao amor de ſeus filhos. Querem os homẽs antes receder nas mortalhas, do que ver morta ſua prole. *Omnes homines* (diz S. Agustiinho) *ſe-lios ſuos ex hac vita migrando, precedere volunt, non ſequi*. Na propria ſepultura cuidaõ que vivem, ſe deixaõ com vida a ſucceſſaõ de ſua caſa. Naõ lhes parece, que morrem, quando eſpiraõ, nem que ſe apartaõ dos ſeus, quando partem do Mundo, porque respiraõ, & vivem nos partos, que deixaõ. Nelles renovaõ quaſi Fenices a vida, quando eſpantosa com ſua fource cruel os acomete, para os ſepultar, a morte.

21 Naõ affy Abraham para obedecer à Deos Atropellou com tudo, & poz tudo de banda. Tendo com huma maõ à ſeu filho pelos cabelos, & na outra o cutelo, com os olhos levantados para o Ceo, rendido á divina vontade, ſacrificava neſte ſacrificio todo ſeu amor. Conforme com o preceito divino offereceo à Deos o que mais amava, o que mais eſtimava, a pupilla de ſeus olhos, o alvo de ſeu affecto, o objecto de ſeus contentamentos, as delicias de ſeu coração, a alegria de ſua caſa, o bordaõ de ſua velhice, a continuação de ſua proſapia, o bem todo de ſua cadente vida. Com cortar pela deſte unico filho, cortava pelas eſperanças todas do Mundo. Ficava tudo eſtinto, apagada eſta luz. Acabava nella a decendencia de Abraham, a geração do Povo de Deos, as Tribus de Iſrael, a vinda do Meſſias prometida por Deos deſte filho, a redempçaõ do genero humano, o remedio do pecado, a reſurreiçaõ dos homẽs, a reſtauraçaõ dos Anjos, a Republica Catholica dos Chriſtaõs, a Fè de Chriſto, que da vida deſte unico filho depẽdia. Oh ruina, ó perda.

ó perda quam grande fora, se chegara Abraham à sacrificar Isaac?

22 Cõ tudo sendolhe tudo presente, à tudo deu de mão, para obedecer á Deos; & sem mais vagar, animoso, & constante levantando o braço para o degolar, cahia já cõ o golpe, matarao, se não acudira Deos com pressa: *Abraham, Abraham: Gen. 22. Non extendas manum tuam super puerum.* Parai Abraham, Parai. Não mateis este innocente minino. Não quero mais, que me sacrifiqueis essa vítima amorosa. Bastame ter conhecido a fineza grande do vosso amor para commigo, & a grandeza da vossa obediencia. Jurovos pelo que sou: *Per me met ipsum iuravi:* que por isso que fizestes, & porque não perdoastes à esse vosso unico filho por amor de mim, vos hei de dar minha benção, & hei de multiplicar a vossa geração no numero, & no luzimento como as Estrellas do Ceo: *Quia fecisti hanc rem, & non pepercisti filio tuo unigenito propter me, benedicam tibi, & multiplicabo semen tuum sicut stellas Cali.* Não reparo tanto na promessa, como nos motivos della: *Quia fecisti hanc rem, & non pepercisti filio tuo unigenito propter me.* Duas cousas contem estas palavras, huma mayor, que a outra. Huma que Deos declarou por grande: *Non pepercisti filio tuo unigenito propter me.* Outra, q̃ deixou de declarar, muyto mayor, & de mayor momento: *Fecisti hanc rem.* Quer dizer pela emphase que tem este modo de fallar: Fizestes huma cousa raõ grande, tão heroica, & tão singular. Porque a conjunctiva *Et*, mostra que são duas cousas, & não huma só, as que fez Abraham neste amoroso sacrificio, pelas quaes se obrigava Deos com juramento à lhe dar sua benção, & à multiplicar sua geração, & decendencia com tão grande luzimento como as Estrellas do Ceo: *Fecisti hanc rem, & non pepercisti filio tuo unigenito propter me.* Que cousa pois foy esta, que Abraham fez tão grande: *Hanc rem,* além do sacrificio, à que estava deliberado de seu unico filho? Direi: Foy hum aêto muy heroico de grandissima paciencia, o mayor à que póde chegar hum grande Sancto. Por donde chama S. Basilio à Abraham neste Sacrificio Exemplar de paciencia: *Uuuu 3*

Gen. 22.

n. 11.

8

Ibid.

n. 16.

& 17.

Basil.
apud Si-
los. serm.
35. de
Purgat.
cia:

cia: *Patientia simulachrum*; porque com excesso de paciencia cortou em tudo por sy, para não cortar pela Fè Catholica, & pela obediencia devida à Deos.

23 Vioſe Abraham neſte ſacrificio no mayor aperto. Quando Deos lhe mandou, que lhe ſacrificaffe ſeu unico filho, ſe vio na mayor confuſão pelo tumulto, que fazia em ſeu entendimento a variedade dos diſcurſos, & de penſamentos muy contrados. Por huma parte eſtava obrigado à crêr por Fè divina como catholico, que deſſe filho havia de haver a mayor decendencia, por lho ter Deos revelado, & ainda prometido Gen. 15. antes de lho dar, quando lhe diſſe: *Suspice cœlum, & numera n. 5. & 6. ſtellas, ſi potes, ſic erit ſemen tuum. Credidit Abraham, Deo, & reputatum eſt illi ad juſtitiam.* Por outra parte lhe tapou Deos as portas deſta Fè tão viva, com lhe mandar, que mataſſe eſſe ſeu filho unico, & lho offereceſſe em ſacrificio ſobre hum monte. Diſcurſava Abraham com ſigo: Se o mato, como Deos mãda, arriscome à perder a Fè, porque de hum morto não pode haver decendencia, & muyto menos ſe for queimado, & convertido em cinza. Se o não mato, deſobedeço ao meſmo Senhor, falto à obediencia, que lhe devo; & neſtes apertos tão grandes, neſtes diſcurſos tão apertados, armado de paciencia para ſenão levãtar contra Deos, ou com perder a Fé, ou cõ lhe negar a obediencia, cortou tão por ſy, que ſe deliberou à obedecer, & juntamente á crêr firmemête na revelação, & promeſſa divina, que deſſe filho ſeu ainda morto, & reduzido em cinza, lhe havia Deos de guardar ſua palavra, & de cumprir ſua promeſſa, de tal modo, que diz S. Paulo: *Contra ſpem in ſpem credidit.* Crêo, eſperou, confiou contra toda eſperança. E poſto que S. Paulo falle mais propriamête da Fè, que teve Abraham, quando Deos lhe prometeo de lhe dar hum filho na velhice, & delle hunta decendencia muy grande, entendeſe tambem da mayor Fè, & confiança que teve neſte aperto.

Ad Ro-
man. 4.
n. 18.

24 Vio Deos tanta paciencia em Abraham, tâta Fè com tanta obediencia, cortando em tudo por ſy, para não cortar pela Fè Catholica, & pela obediencia, que lhe devia, que ſe obrigou

obligou ainda com juramento à lhe dar, como deu, desse seu filho unico Iſaac a mayor decendencia no numero, & no luzimento, como as Estrellas do Ceo: *Per me met ipsum juravi, quia fecisti hanc rem, multiplicabo semen tuum sicut stellas cali.* E não podia haver mayor decendencia da que teve. Pois delle naceo, & de seu sangue o Povo de Deos, hum numero muy grande de Principes, & Reys, a mayor Rainha a Virgem Senhora nossa, o Verbo Encarnado Rey dos Reys, encuberto descuberto, & Messias prometido, & os mayores Sanctos do Testamento novo, & velho, os Patriarchas, os Profetas, os Apostolos, os Evāgelistas, & outros muytos Sanctos muy grandes, Martyres, Virgẽs, & Confessores da premitiva Igreja, todos Hebreos no sangue, decendentes de Iſaac. Tanto emporta cortar por sy, & ter paciencia, & não cortar pelo que se deve à Deos.

25 A quem chamarei (Senhor) nestes nossos tẽpos: Exemplar de Paciencia: *Patientia simulachrum*, se não à V. Mag. que tanto tem cortado no discurso de dez annos, & corta ainda por sy, sofrendo com tãta paciencia o rigor do Papa, para não cortar como Rey tão pio, & tão catholico pela Fè, & pela obediencia, que se lhe deve. Em grandes apertos se vio, & se vê V. Mag. na obediencia devida ao Vigario de Christo, ao Summo Pontifice Romano em tempo, em que elle lhe tapa as portas, & os meyo da obediencia, com lhe não querer admitir seu Embaixador, darlhe os Bispos, de que tanto necessita este Reyno, & suas Conquistas de Asia, Africa, & America, & reconhecerlo por Rey, & legitimo Senhor do Imperio, & Monarchia Portugueza. Pois Senhor não desconfie, tenha Fè, como rem, & teve, tenha paciencia, sofra, & corte sempre por sy, & por todos os interesses de sua Coroa, para não cortar pela obediencia devida à sancta Sè Apostolica de Roma, porque este he o meyo mais seguro & mais certo, para obrigar à Deos à lhe conservar a sua Casa Real, á lhe multiplicar em seus serenissimos filhos, & decendentes as Coroas, à lhe dar de seu sangue Real huma decendencia muy grande de Principes, de Reys, & de Monarcas, & tão luzida com as Estrellas do Ceo: *Multiplicabo*

cabo semen tuum sicut stellas cali.

Joan. 18. 26 Quando S. Pedro no Horto cortou a orelha à Mal-
 chos, não diz a Sagrada Escritura que Malchos se queixasse,
 ou se levantasse contra S. Pedro, nem tão pouco os soldados,
 que hiaõ com elle, para prenderem à Christo, mas calados so-
 freraõ tudo com paciencia. E o que he muyto para notar, que
 sendo o crime de S. Pedro caso de morte, por fazer resistencia
 á justiça com armas, acometer à hum esquadraõ de soldados,
 puxar contra elles por huma faca, ou espada, ferir à hum ho-
 mem gravemente, nenhum se atreveo ao prender, nem repre-
 der, nem ainda ao acusar. Porque? Por disposiçaõ divina, pela
 reverencia devida à S. Pedro; & por esse respeito, & acatamen-
 to, que lhe riveraõ, merecêraõ, que restituisse Christo milagro-

Luc. 22. famente a orelha à Malchos: *Cum tetigisset auriculam ejus, sa-*
 n. 51. *navit eum.*

27 He o caso taõ semelhante ao nosso, que parece huma
 mesma cousa. Relata o Evangelista S. Joaõ este rigor de S. Pe-
 dro com muytas circunstances. Que o homem á quem cortou
 Joan. 18. a orelha, se chamava Malchos: *Erat autem nomen servo Mal-*
 n. 10. *chus*: que pela qualidade da pessoa, & pelo officio era servo
 do Principe dos Sacerdotes, servo do Pontifice: *Percussit Pon-*
tificis servum; & que a orelha, que lhe cortou, não foy a es-
 querda, mas a direita: *Et abscidit auriculam ejus dexteram*. Para
 que tantas circunstances? Para que apontar o nome, & a con-
 diçaõ da pessoa? Para que relatar, que a orelha, que lhe cortou,
 foy sómente a direita? A que fim declarar tanto? Não bastava
 dizer, que cortou a orelha à hum homem, à hum que vinha cõ
 os soldados, para prenderem à Christo? Ou se chame Malchos,
 ou Mattheos: ou seja servo do Pontifice, ou de Pilatos: ou lhe
 cortasse S. Pedro a orelha esquerda, ou a direita, que vay nif-
 to? Muyto. Os Evangelistas não dizem palavra, que não seja
 mysteriosa, porque não são elles que fallaõ, mas o Spirito Sã-
 cto por sua boca. Trabalho se será atinar com o mysterio. Diga
 cada hum seu parecer. O certo he, que todas estas circunstan-
 cias são pinturas do rigor do Papa com V. Mag. Porque tendo
 o Papa

o Papá obrigação de lhe dar ouvido, de lhe dar a orelha, de rece-
ber seu Embaixador, & acudir às necessidades espirituaes
deste Reyno, & Monarchia, negandoa, he como se lha cortara.
Não me estranhe Senhor a comparação. Não lhe parece indig-
no para hum Magestade comparala com hum servo tão vil,
& tão baixo como Malchos, porque he estilo muy sabido na
Sagrada Escritura, representar cousas muy altas, & muy sobe-
ranas com figuras muy baixas, & humildes. Não ha mayor
Rey, nem tão pouco igual á Christo, Rey divino, homẽ Deos,
sobre todos os Reys Monarca soberano. Com tudo o compa-
raõ os Sagrados Coronistas à hum pedra: *Petra autem erat*
Christus, por ser quanto à metaphora a pedra fundamental do
edeficio tão grande da Igreja Catholica: A hum Cordeiro pe-
la mansidão: *Ecce Agnus Dei*: A hum Leão pela fortaleza: *Vi-*
cit Leo de tribu Iuda: A hum Pastor officio tão baixo, chaman-
dose elle mesmo à sy bem Pastor: *Ego sum Pastor bonus*, tão vi-
gilante, & tão zeloso do bem de suas ovelhas, que para as sal-
var, diz que as leva sobre seus hombros: *Imponit in humeros*
suos. Ha comparações mais baixas? Com tudo quanto ao my-
sterio são tão altas, & tão soberanas, que representaõ ao mayor
Senhor, ao mayor Rey. Vil he Malchos, quanto à condição da
pessoa, grande quanto ao mysterio; porque representa no nó-
me a pessoa de hum Rey, que reyna unido com Christo.

29 Malchos (dizem os Indices dos nomes Hebreos) he o
mesmo que Rey: *Malchus Rex*. E a Glosa neste lugar diz: *Mal-*
chus, idest, regnaturus cum Christo. Malchos significa á hũ Rey,
que ha de reynar com Christo no Reyno de Christo. Pintado
estã V. Mag. quanto a representaçãõ, & figura no nome de Mal-
chos; porque he V. Mag. o Rey, de quem desde a fundaçãõ Vieg. lib.
desta sua Monarchia estava escrito, que havia de reynar com 4. pag.
Christo na decima sexta geraçãõ de seus Reys Avós neste 132.
Reyno de Portugal, que pelo ter Christo fundado para sy, & Almeida
feito Imperio seu: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi sta-*
bulire, he de Christo: *Malchus, idest Rex, regnaturus cum Christo*. Portug.
E com ser V. Mag. tão grande Rey, & Senhor, he servo do Pon- 1. p. c. 5.

tifice Romano, subdito do Papa: *Percussit Pontificis servum*. Porque os Reys, os Imperadores, os Monarchas da terra, quanto mais catholicos, tanto mais se declaraõ subditos do Papa, à quem fallão de joelhos, à quem prostrados no chaõ beijaõ os pès, à quem ainda servẽ em certas occasiões, tendolhe os Reys as redeas, quando se poẽ à cavallo, & os Imperadores os estribos. Não pareça novo o que digo à quem he pouco pratico das Historias, & da piedade Christã, & do que se deve à quem Christo fez Vigario seu na terra, & cabeça de sua Igreja universal, & à quem deu as chaves de seu Reyno do Cco, para o abrir, & fechar, conforme os merecimentos de cada hum.

30 Ao Imperador se for à Roma, para ser coroado do Papa, posto diante delle de joelhos, não lhe poẽ o Papa a Coroa na cabeça, nem taõ pouco lha dá cõ suas mãos, mas assentado em seu Throno, tendo à seus pès a Coroa, com os pès lha entrega, para lhe mostrar com este acto (diz S. Thomas) que os Imperadores são seus subditos: *In signum subjectionis*.

D. Tho.
Regim.
Princip.
lib.3.
cap. 20.
Theatr.
vit.hum.
rom. 6.
verbo
Pontif.
fol. mihi
540.

31 De muytos Reys, & Imperadores se conta no Tomo sexto do Theatro da vida humana os acatamentos, os obsequios, & o modo como serviraõ aos Pontifices Romanos. De Henrique IV. diz, que entrando em Roma em tempo do Papa Pascoal II. servio ao Papa como he costume, quando se punha á cavallo, como se fora seu lacayo: *Partes statoris de more implevit*. Entrando em França o Papa Alexandre III. o recebêraõ com grandes honras os Reys Ludovico VII. de Frãça, & Henrique II. de Inglaterra, & à pè por largo espaço de caminho, para confusão dos Herejes, & mayor demonstração da Fè Catholica, que nelles era grande, & do que se deve ao Vigario de Christo, fazendo o officio de lacayos, hum na direita, & outro na esquerda levãrão ao Papa pelas redeas do cavallo em que vinha até o Paço, adonde o agasalhãrão, *Ludovicus VII. Francorum, & Henricus II. Anglia Reges ad Ligerim amicum Alexandrum III. eo accedente eximijis honoribus cumularunt. Quippe statorum officio perfuncti, pedes dextra, lavaque equi frantum tenuere, & ad preparatum tabernaculum perduxerunt*. O mesmo

mo diz a Cronica de Cister de Luis o Piadoso Rey de França com Eugenio Papa III. & do Emperador Federico Barbarossa com Ardiano IV. escrita por Fr. Bernardo de Brito. São pois Brito. p. os Reys, os Emperadores, os Monarcas, quanto mais catho- 1. lib. 3. licos, tanto mais subditos, & quanto mais pios, tanto mais ser- cap. 17. vos do Pontifice Romano: *Percussit Pontificis servum.* & lib. 4. cap. 31.

32 E logo aponta o Evāgelista a deliberação de S. Pedro, Joan. 18. n. 10. à que chegou o rigor com que se ouve contra Malchos: *Ab- cidit auriculam ejus dexteram.* Diz que lhe cortou a orelha di- reita. Lhe deixou a esquerda saã sem ferida, & ferio cortando só pola direita. Este he o rigor do Papa com V. Mag. lhe não quer dar ouvido com a orelha direita como à Rey, mas com a esquerda como à Duque. Quer receber seu Embaixador, ou- vir sua embaixada como Embaixador de Duque, & não de Rey. Lhe deixa a orelha esquerda, que d'antes tinha como Se- renissimo Duque de Bragança, & lhe corta a direita que se lhe deve, como à legitimo Rey, & Senhor de seu Imperio. Pois que remedio? Sofra Malchos, & calem seus soldados. Sofra V. Mag. como tão pio, & tão catholico Rey, & calem seus Vasa- los. Soframos todos, calemonos, não nos queixemos de S. Pedro, não fallemos mal do Papa, guardemos-lhe o acatamen- to, que se lhe deve, & o respeito, & reverencia, à que estames obrigados. Cortemos por nos, & não por elle; porque por este meyo obrigaremos à Christo à restituir milagrosamente à V. Luc. 22. Mag. a orelha, que lhe falta, como fez com Malchos, pelo ver n. 51. tão soffrido: *Cum tetigisset auriculam ejus, sanavit eum.*

SEGUNDA PARTE.

33 **Q**UANTO soffreo Christo para dar as boas festas Zach. 9. n. 9. ao Mundo. Quanto cortou por sy, para não cor- Joan. 12. n. 15. tar pelo Mundo. Cortou por sy como Rey, cor- Joan. 4. n. 42. tou por sy como Salvador, & cortou também por sy como Mi- Luc. 22. n. 27. nistro, que he a segunda parte desse discurso: *Ut circumcede-*

reitur. Veyo Christo ao Mundo cêmo Rey para o libertar: *Ecce Rex tuus venit tibi*. Como Salvador para o salvar: *Salvator mundi*: & como Ministro para o remediar: *Ego autem in medio vestrum sum, sicut qui ministrat*. Como Rey nacco pobre. Naõ quiz nada do Mundo. Cortou pelâ grandeza, enjeitou o aparato, se oborrecco das riquezas, trabalhando toda a vida para o socorrer: *Pauper sum ego, & in laboribus âjuventute mea*. Como Salvador morreo tão pobre, q̃ nem a propria veste teve na Cruz. Largou-a aos soldados, para que se aproveitassẽ d'ella: *Partiti sunt vestimenta mea sibi: & in vestem meam miserunt sortem*. E como ministro não sô não temeu nada de ninguẽ, mas cortou tanto por sy, que não teve cousa que não dẽsse. Disse de sy: *Filius hominis non venit ministrari, sed ministrare*: Não vim ao Mundo para ser administrado, mas para administrar: E quiz dizer: Não sou Ministro para receber, mas para dar. Oh que bom Ministro! Antes dá do que recebe, longe do intercess, izento da cubica, inimigo da ambição. Como Ministro deu tudo quanto tinha sem tomar nada de ninguem, sem se aproveitar do cargo. Deu seu Sagrado Corpo no Cenacolo, seu precioso sangue no Pretorio, sua innocente vida no Calvario. No nascimento se nos deu por companheiro. Na derradeira cea em comida. Na Cruz em preço, pagou por nos. No Ceo adonde reyna, se nos dà em premio.

§ 34 Muytas são as obrigações de hum bom Ministro, tanta, & tão grandes, que difficilmente se achão unidas em hũa só pessoa. Por essa causa reparo, q̃ de todas as condições dos homẽs, de todos os Estados ha Sanctos canonizados na Igreja Catholica, mas não se lè, que de tantos Ministros, que ouve no Mundo, Presidentes, Conselheiros, Julgadores, fosse algum Sancto. Porque tendo obrigação de administrar a justiça à semelhança de Deos tão recta, & tão sanctamente sem a torcer, & sem a dilatar, he essa virtude tão difficultosa para se conseguir, que se não achou atégora Ministro, que a tivesse em grão heroico para ser canonizado.

§ 35 O primeyro Ministro que ouve no Mundo foy Adão.
Fello

Fello Deos seu Presidente na terra: & para hũ cargo taõ grãde, diz o Texto Sagrado, que o fez à sua Imagem semelhante à sua Divina Essencia: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram: & praeest piscibus maris, & volatilibus caeli, & bestiis, universaeque terra.* Vejaõ os Ministros à que chega sua obrigaçã, à se parecerem com Deos. Para presidir Adão na terra, para Deos o fazer seu Presidente, *Præst*, retratou nelle sua Imagem: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* E porque he muy difficuloso pareceremse os Ministros com Deos, muy poucos são os bons, & nenhum Sancto canonizado.

Gen. 1.
n. 26.

36 Da semelhança de Adão com Deos, para presidir na terra, ha varias opinioes. S. Ambrosio na Glosa diz, que o fez Deos semelhante à sy na sabidoria, na piedade, & na justiça: *Cum dicit, ad similitudinem, anima describitur, plena sapientia, plena pietatis, atque justitia.* Fello muyto sabio, fello muyto pro, fello muyto justo, cheo de sabidoria, cheo de piedade, cheo de justiça. São estas tres partes as mais principaes, que ha de ter humna pessoa, para ser grande Ministro. Se for fraco no saber, falto na piedade, froxo, ou diminuto na justiça, nem com Deos pôdeter semelhança para sancto, nem para com os homẽs terà fama de bom Ministro.

D. Ambrosio in
Glos. hic.

37 Por outros modos explicaõ outros esta semelhança, hũs mais, outros menos ajustados com a letra, porẽm nenhum ao nosso intento. Direi meu parecer, & ainda que lhe naõ ache padrinho, nem nos Sanctos Padres, nem nos Sagrados Interpretes, he muy conforme ao que o Texto diz, & muy ao ponto do que tratamos nesta segunda parte. Fez Deos à Adão semelhante à sy, parecido com sua Divina Essencia, para que fosse Ministro seu, Presidente na terra, porque o fez por graça, & por participaçã independente. He Deos essencialmente independente no ser, & por cõsequencia he independente no obrar. He independente no ser, porque he ente increado. He independente no obrar, porque naõ necessita de ninguem. Desta segunda independencia participou Adão por graça. Naõ podia no

ser não depender de Deos, que o criou; porque todas as creaturas dependem essencialmente de seu Creador. Se lhes faltàra Deos, tornáráo no chaos do nada, donde as tirou, quando as criou. Nê tão pouco podia ser independente de Deos no obrar; porque as causas segundas dependem necessariamente da primeyra. He Deos primeyra causa, principio de todas as creaturas no ser, por consequencia he primeyra causa, de quem todas dependem no obrar. Porém sello independente das creaturas no mandar semelhante á sy: *Ad imaginem, & similitudinem suam*, superior à tudo, que criara na terra, quando lhe disse: *Dominamini piscibus maris, & volatilibus cali, & universis animantibus, quæ moventur super terram*. De tal maneira, que se Adaõ não peccara, os homêes não dependêrão de ninguem, mais que de Deos, & delles dependêrão todas as creaturas, os Peixes do Mâr, as Aves do Ceo, os Animaes da Terra. A mesma terra reconheçêra ao homem por seu absoluto Senhor, & Ministro independente, semelhante à Deos, & lhe tributàra de continuo para seus alimentos como subdita seus fruitos.

Gen. 1.
n. 28.

38 Fez pois Deos à Adaõ à sua Imagem, semelhãte à sua Divina Essencia, porque o fez independente por graça, & por participação cõ absoluto, & soberano Imperio: *Dominamini*, & o motivo, que teve para o fazer independente, semelhante á sy: *Ad similitudinem suam*, foy para o fazer Presidente na terra: *Et præsit*; ou como outros explicaõ: *Ut præsit*, para presidir. Porque com dependencias nenhum Ministro he bom, nenhum governo he acertado, nenhuma justiça he recta. Ha ser o Ministro muyto independente, para ser muyto justo. Não ha de olhar pelo parentesco, não se ha de levar da amizade, não ha de fazer caso da valia, não se ha de temer do poder, não se ha de deixar cegar da cobiça, não ha de despachar por interesse, nem ha finalmente de ter respeito nenhum humano. Ha de cortar por tudo, para não cortar pela obrigação de seu cargo. Oh se tiverão todas estas partes, quam felices foraõ os annos, & quam sanctos foraõ os Ministros. Mas como atégora não ouve nenhum tão perfeito, que as tivesse todas em grau heroico,

co, nenhũm atégora mereceo ser p'f'cto no Altar.

39 Muyto depende da independencia a justiça. He virtude, que para ser pura, ha de ser izenta. Não admite comp'rhia, para ser recta. Qualquer vento de ambição a aballa, qualquer cobiça a corrompe, qualquer interesse a torce, qualquer respeito humano a perverte. Para Deos apurar mais a justiça de Adaõ, & se assegurar de sua rectidão, não quiz que seu ordinario s'ullento dependesse de seu cargo. Ponto he este, em que ninguem reparou, disposiçãõ divina muyto para a notarem os Ministros, ley, que ouverão os Reys de mandar guardar em seus Reynos, para a justiça não ter pendor. Disse Deos á Adaõ, que mandasse aos animaes: *Dominamini piscibus maris, & volatilibus cæli, & universis animantibus, quæ moventur super terram; & que comesse das arvores: Ecce dedi vobis omnem herbam asferentem semen super terram, & universa ligna, quæ habent sementem generis sui, ut sint vobis in escam.* Senhor, se Adaõ ha de presidir, & mandar aos animaes, ha de comer delles? Não diz Deos. Ha de comer dos fruitos, que derem as arvores. Pois Senhor, se ha de comer dos fruitos das arvores, ha de mandar ás arvores, como manda aos animaes? Não. Ha de comer só de seus fruitos, mas não lhes ha de mandar. De modo Senhor, que Adaõ ha de presidir, & mandar aos animais, & não se ha de aproveitar delles, nem taõ pouco da carne para o prato; & ha de comer das arvores, & não ha de ter Imperio sobre ellas, não lhes ha de mandar. Assy quero (diz Deos) assy ha de ser. Ha de comer adonde não manda, & ha de mandar adonde não come; porque se comer adonde ha de mandar, valendose da presidencia, aproveitando-se do cargo, cahirá a justiça debaixo da carga do proveito, tirará aos animaes, para se valer de tudo, a carne, a pelle, & a lam, & quanto ha. Oh ley sancta, ó disposiçãõ divina, quam acertada para o bom governo. Quam necessaria para se não avexarem os subditos, nem se perder a justiça.

Gen. 1.
n.29.

40 São os Ministros redemptores dos homẽs. Se cortarem por sy, como fez Christo, & não pelos que hão de remir, todos

todos terão annos felices de redempção, como disse Ezechiel:

Ezech. *Annus redemptionis mea venit.* Mas se cortarem pe'os que hão
63. n. 4. de remir, todos terão annos de Cruzes. São os Ministros redemptores dos homẽs, não do peccado, que contrahirão, de que só Christo foy redemptor, mas das avexações que padecem, das semrezoões que se lhe fazem, das demandas, que se lhe fazem, das violencias, que os atropellão, das oppressões que os abatem, das forças que os consomem, das insolencias, que os offendem, dos agravos que os molestão, das dilações que os affligem, & de tudo o mais que os obriga á requerer, & á pedir justiça, ainda nas mercês, que se lhes devem por seus serviços, para que não prevaleça a valia para hũs, que menos merecem, & se esquecem dos que bem servirão.

Joan. 3.
n. 17.

41 Christo Senhor nosso foy o primeyro Ministro da ley da graça. Mandou-o seu Eterno Padre ao Mundo não para devassar d'elle, mas para o salvar, não para o condenar, mas para o remir: *Non enim misit Deus filium suum in mundum, ut judicet mundum, sed ut salvetur mundus per ipsum.* De modo que veyo Christo ao Mundo como Ministro divino mandado por seu Eterno Padre para duas cousas, para o remir, & para o salvar. Com tudo à redempção foy geral, remio à todos na Cruz. Não ficou ninguem de fora. Mas a salvação he de poucos. Não salvou à todo o Mundo. Deseja Christo á todos no Ceo, mas são muyto mais sem comparação, & sem conto os que cayem precipitados no Inferno. Deseja à todos na gloria (dizẽ os Theologos) *voluntate simplicis complacentie*, mas não *voluntate efficaci*. De dous, que forão crucificados com elle, salvou à hum só. Estendeo a mão direita para o bõ ladrão, pelo ver arrependido da culpa, & a esquerda para o mão, que vio obstinado no peccado. Valeo para hum o merecimento da penitência, para ser despachado para o Ceo: *Hodie mecum eris in paradiso*; & não aproveitou ao outro seu preciosissimo sangue pela sua obstinação. Foy redempção geral, porq̃ a justiça da redempção foy da parte de Christo. A Cruz foy a balança, em q̃ o Eterno Padre pezo os merecimentos de Christo com o gravame do peccado.

Luc. 23.
n. 43.

*Beata, cujus brachijs
Pretium pendit saculi,
Statera facta Corporis,
Tulitque pradam Tartari.*

Hymn.
de Cruc.

Canta a Igreja Catholica, & porque foy mayor a satisfação, que a offensa divina, mayor o valor do sangue de Christo, que o peccado dos homẽs, nenhum ficou, que não fosse remido. Porém a salvação tem dependencia dos merecimentos de cada hum. Dá Christo sua mão direita aos bons, & a esquerda aos máos. Na direita põe os Justos, na esquerda os peccadores.

42 O que ouve no Calvario foy huma representação do que ha de haver no Valle de Josaphat no dia do juizo final. No Calvario teve à sua mão direita ao Ladrão arrependido, na esquerda o Ladrão obstinado. No valle de Josaphat, dizẽ muitos, ha de apparecer Christo crucificado, porém glorioso, na mesma Cruz em que foy crucificado no Calvario. Da aparição da Cruz não ha duvida, o diz a sancta Madre Igreja: *Hoc signum Crucis erit in calo, cum Dominus adjudicandum venerit.* Da aparição de Christo crucificado nella he pia consideração. Nesse dia porà na sua direita aos predestinados, para serem despachados para a gloria, na esquerda os reprobos, para serem condemnados no Inferno. Darà à cada hũ, diz S. Paulo, o premio, ou o castigo conforme as obras, que fizerão: *Reddet unicuique secundum opera sua.* Para os Justos serem despachados para a gloria, não necessitam de valia; & para não serem condemnados os reprobos no Inferno, nenhũa valia pôde aproveitar, nem dos mayores, & mais poderosos Sanctos do Ceo. Cortará Christo por tudo, para não cortar pela justiça. Dirà aos Justos, que tem na direita: *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis regnum à constitutione mundi.* Dirà aos Reprobos, que tem na esquerda: *Discedite à me maledicti in ignem & æternum.* Se Christo trocára as mãos, se as encruzára sobre o peito, & não as estendêra, como fez no Calvario, dera a direi-

In Breviar. in festo S. Crucis.

Ad Roman. 2. n. 6.

Matth. 25. n. 34. & 41.

Yyyy

ta

Psal. 76.
n. 6.

ta aos Reprobos, que merecem a esquerda, & a esquerda aos Predestinados, que merecem a direita. Confundira não só a ordem, mas as leys da justiça. Os annos da eternidade de que falla David: *Annos aternos in mente habui*, forão felices para os Reprobos, infelices para os Justos. Salvára à quem merece castigo, & castigára à quem merece premio. Fora tudo como acontece no Mudo, adonde muytas vezes vemos premiados os mãos, & oprimidos os bons, por se trocarem as mãos, faltando os Ministros não só com a redempção, que ha de ser geral, & igual para todos, remindo à todos de seus apertos, mas ainda na remuneração, que ha de ser particular, conforme os merecimentos de cada hum.

Gen. 48.
n. 14.

Ibid.

n. 17.

43 Estando Jacob para morrer lhe levou o Principe do Egypto Joseph dous filhos que tinha, Manassen, & Ephraim, para que antes de acabar a vida, lhes desse sna sancta benção naquelle tempo muy estimada; porque as que davão os Pays Sanctos, como Jacob, a seus filhos, & netos, não erão só prefigios dos successos futuros, & prophecias do que havia de ser, mas dellas dependião as mayores felicidades, que haviaõ de lograr. O Principe, para que não errasse o Sancto velho, mas desse ao mayor herdeiro de sua casa a benção mais ventajada, & ao menor à que lhe tocasse como mais moço, & inferior no merecimento, poz à Manassen filho mais velho à mão direita de Jacob, & à Ephraim filho mais moço da parte esquerda. Jacob ao dar da benção trocou as mãos. Poz sua mão direita na cabeça de Ephraim mais moço, que estava na sua esquerda, & a mão esquerda poz na cabeça de Manassen mais velho, que estava da parte direita: *Extendens manum dexteram, posuit super caput Ephraim minoris fratris: sinistram autem super caput Manasse, qui mayor natu erat, commutans manus*. Aggravouse o Principe desta troca: *Graviter accepit*, diz o Texto; & por muyto que procurasse de a remediar, por lhe parecer injusta, & não entender o mysterio, o não pôde conseguir: Que não sempre os Principes podem remediar à tudo, ainda q queiraõ, vejaõ, & estranhem, & se dem por mal servidos, por faltarem os Ministros

eros a sua obrigação, & não executarem suas ordẽs. Paremos aqui. Porque Jacob poz sua mão direita na cabeça do mais moço, que lhe estava na esquerda, & a sua mão esquerda na cabeça do mais velho, que lhe estava na direita, & merecia por mais velho, & por assy querer o Principe seu pay, mayor, & mais vantageada benção? Se de sua benção dependião as mayores felicidades destes moços, porque trocou as mãos, favorecendo mais ao que menos merecia, & dando menos à quẽ por direito, & pelo ordenar seu Principe, se devia muyto mais? Deixemos por ora o interior da letra, ponderemos só o exterior da historia. Diz o Sagrado Texto, que Jacob por muyto velho era muyto falto de vista, & quasi de todo cego: *Oculi enim* Ibid, n. 10.
Israel caligaverunt, & clarè videre non poterat; & trocando as mãos as encruzou. Não as estêdeco como fez Christo na Cruz: Não deu sua mão direita á quem tinha na direita, & a esquerda á quem estava na sua esquerda. Deixou de fazer o que parecia requeria a justiça, & o que seu Principe mandava: E nestes termos, a benção para quem a dà, he de cegos, & para quem a recebe he de Cruzes. Era cego, & encruzou as mãos: *Oculi Israel caligaverunt. Commutatis manus*. E o Principe, porque o não pôde remediar, se deu por mal servido: *Graviter accepta*, que he o mais que pôde fazer hum Principe zeloso da justiça.

44. Dirmosheis. O que fez Jacob foy propheta do que havia de ser. Obrou pelo que vio como Profeta. Vio em espirito que o filho menor do Principe Joseph havia de ser mayor na grandeza, & superior nos merecimentos: *Frater ejus minor* (diz-se Jacob a Joseph) *major erit illo*. Verdade he, que foy profeta. Porém não são os Ministros dos nossos tempos tão Sanctos, como Jacob, & nenhum Profeta para julgar o que não pôde saber, & despachar merecimentos, pelo que pôde ser de futuro, deixando de fazer o que deve de presente, estendendo a direita para quem merece a esquerda, & a esquerda para quem merece a direita, comparando tal vez à hũs cõ menor justiça, porque tem padrinho com pretexto de esperanças de futuro, & descomparando à outros, porque não tem encosto: Sabendo contra

hũs com a espada do rigor com capa de justiça, & para outros cõ o escudo do emparo à sombra da valia. E ainda assy, se quizerem do que fez Jacob tirar motivo para fazerõ mesmo, fagaõ á Jacob, encruzem embõra as mãos, dando a direita à que tiver menor qualidade, se for mayor nos merecimentõs, & a esquerda à quem tiver menor justiça, ainda que seja mayor no sangue. Cortem por sy, sofrendo com paciencia, & fortaleza a Cruz das queixas, de quem por mais luzido na qualidade, sendo menos nas obras, quer ser preferido à muytos, que luzirão mais no serviço de seu Rey. Este he o modo justo, & sancto de trocar as mãos, como fez Jacob na benção de Egheaim;

de Manassen: *Commutatans manus.*

45 Mayor obrigação corre aos Julgadores de não trocarem as mãos, quando despachaõ, & muyto mais quando dão sentença final, porque são juizes da vida, da liberdade, & da fazenda dos homẽs, & tal vez ainda da honra: & se trocarem as mãos, se não sentenciarem, ou não tencionarem muy cõforme ao direito, & ao que mandão as leys, se os homẽs perderem a vida por mal sentenciados, não os hão de resucitar, se a liberdade, não os hão de remir, se a fazẽda, não lha hão de tornar, & se a honra, não lha hão de restituir. Perigoso officio, escrupuloso cargo, de que muytos fojem pelo risco de se perderẽ. Para se exercitar rectamente com muyta justiça, ouverão os Julgadores de não ter esquerda, como o Juiz do Povo Hebreo chamado Aod, de quem diz a Sagrada Escritura, que era direito de ambas as mãos: *Utraque manu pro dextera utebatur.* Não tinha nada de esquerdo, mas era todo direito.

Jud. 3.
n. 15.

46 Muyto tem que fazer os Julgadores, para comprirem com as obrigações de seu officio. Julgador he Deos, diz David, & não diz só que he justo, mas que he tambem forte, & raõ sofrido, que não se agasta: *Deus iudex justus, fortis, & patiens, numquid irascitur per singulos dies?* Não bastava que dicesse David, que Deos he Juiz muyto justo? Para que para mayor abono de sua muyta justiça, diz tambem, que he forte, & sofrido, & que não he agastado? Que tem que ver com a justiça a

Psal. 7.
n. 12

forta-

fortaleza, o sofrimento, a paciência? A fortaleza he parto do poder. Por ser Deos todo poderoso, he infinitamente forte, & constante. O sofrimento, & a paciência são effeitos de sua immensa bondade, com que sofre nossas faltas. Mas com a justiça, ou divina, ou humana, que conexão tem a fortaleza, o sofrimento, & a paciência, para ser sancta, & recta? Muyta. Hum Julgador não póde ser justo, se não for sabio, não póde obrar como sabio, se não for forte, não póde ser forte, se não for sofrido, nem póde ser sofrido, se for agastado. Da justiça divina, & infinita sabedoria de Deos, diz Salamaõ: *Attingit à fine usque ad finem fortiter, & disponit omnia suaviter.* Chega de pólo à pólo com muyta fortaleza, *fortiter*, com muyta disposição, & sabedoria, *disponit*, com muyta paciência, & brandura, *suaviter*. He Deos infinitamente justo, porque he infinitamente sabio, infinitamente forte, infinitamente sofrido. A justiça sem sabedoria he cega, sem fortaleza he fraca, sem sofrimento he indiscreta, sem paciência he arremesada.

Sap. 8.
n. 1.

2047 Para hum Julgador ser muyto justo, tem muyto que fazer, & que cortar por sy. Ha de cortar pelo sonno para o estudo, pelo descanso para o despacho, pelo interesse para a rectidão. Ha de ser forte com os poderosos, sofrido com os requerentes, compadecido com os desemparados, facil com os humildes. Não se ha de negar à quem o busca: Não se ha de agastar com quem requiere: Não se ha de agravar de quem se queixa: Ha de ouvir com paciência, estudar com desvelo, despachar com brevidade, tencionar com justiça, sentenciar com cuidado. Ha de ser muyto visto nos merecimentos da causa, muy aplicado na leitura dos feitos, muy sofrido em ouvir as partes, muy brando em decidir à todos. Ha de ser finalmente incansavel nas obrigações de seu officio, fojeitando-se à todo o trabalho, para não faltar ao que deve, imitando em tudo à Christo, que cortou tanto por sy, que se fojeitou à ley penosa da Circumcisaõ, para nos livrar de tão pefado jugo: *Ut pueri caderetur puer: vocatum est nomen ejus JESUS.*

TERCEYRA PARTE

48. **M**A YOR difficuldade temos na terecita parte deste discurso em persuadir à todo o Reyno, que cortem todos por sy, para terem annos felices, & não hūs pelos outros, nem tão pouco pelos Ministros, achaque geral dos descontentes, & muyto menos pelos Reys, à quem temos obrigação de servir. De tres Estados se compõe huma Monarchia, Ecclesiastico, Nobreza, & Povo. Se todos cortarem por sy, estiverão todos contentes, todos unidos, todos conformes, & nenhū queixoso. Christo Senhor nosso não era Vassalo, mas Rey: & seu Reyno de que mais se gloriava não era deste Mundo, sendo todo o Mundo seu: *Regnum meum non est de hoc mundo*. Era o Empiteo povoado de Anjos, dividido em tres Hierarchias, quasi tres Estados d'aquella soberana, & celestial Monarchia. Com tudo cortou sempre por sy por amor de nos, quanto mais ouveramos de cortar nos por nos por amor d'elle. Como Deos era igual à seu Eterno Padre, como homem inferior, porém superior à todos os homēs, maior que os Anjos, & com ser tão grande Senhor, tomou figura de servo: *Formam servi accipiens*. Não só se sojeitou à ley da Circumcisaõ, sendo izento; mas quiz ser subdito dos homēs, sendo Rey. Quando menino de doze annos disputou no Templo com os Doutores da ley escrita, cortou por sy por amor dos homēs. Para lhes mostrar, que era já vindo o Messias prometido por seu Eterno Padre, privouse por tres dias da cõpanhia de sua Sanctissima Mãe: E quando se foy com sua Mãe, & com S. Joseph para sua casa, cortou tambem por sy, sojeitando se à sua obediencia: *Erat subditus illis*, sendo seu Rey, & Senhor.

Joan. 18.
n. 36.

Ad Phil.
lip. 2.
n. 7.

Luc. 2.
n. 51.

49. Oh cega condiçaõ dos homēs, q̃ não imitaõ à Christo! Cõ capa de zelo cortão por tudo, sempre queixozos, & nunca cõrentes. Cortando por outrẽ, todos são zelosos do serviço de seu Rey; mas quãdo he necessario cortar por sy, ou nenhū,
ou

ou muy poucos ha, q̃ tenhaõ zelo. Estava S. Pedro com Christo muy fino no amor, que lhe devia, & taõ zeloso de seu serviço, que dizendo o Senhor, que todos o haviaõ de desemparrar na sua morte, protestou, & se obrigou de palavra á dar á vida por elle: *Etiam si oportuerit me mori tecum, non te negabo.* No Horto com mayor zelo, & fineza para defender á Christo, dá mostras de valentaõ. Puxa por huma faca, acomete á hum esquadraõ de soldados, que vinhaõ para prender á Christo, & corta hũa orelha á Malchos. Na mesma hora no Adro do Principe dos Sacerdotes se onve taõ fraco, & taõ covarde, que de hũa mulher se temeo, & por medo de ser prezo, negou por tres vezes á seu Senhor. Pedro taõ valente no Horto, & taõ covarde no Adro? De huma hora por outra se muda? Primeyro taõ zeloso do serviço de seu divino Rey, depois taõ fraco? Naõ ha que espantar. Ajustouse S. Pedro com as circumstancias da occasião, & do tempo. Obrou cõforme o costume dos homẽs. No Horto havia de cortar por Malchos, & no Adro havia de cortar por sy. Tinha obrigaçaõ de confessar á Christo, & dar á vida por elle: & para cortar por outrem, ha muytos zelosos do serviço de seu Rey, muytos valentes; mas para cortar por sy, ha muytos fracos. Para cortar por outrem ha muytos Pedros no Horto, & para cortar por sy, ha muytos Pedros no Adro.

Matth.
26. n. 35.

50 Hum bom Vassalo, que deſeja o serviço de seu Rey, corta por sy, & naõ por el Rey. Serve-o porque o ama, & pelo que lhe deve, & naõ pelo que espera, ou pretende. A outro proposito disse S. Ambrosio: *Hospitalis esse remuneraturus, effectus avaritia est.* Agasalhar os hospedes pela remuneraçaõ, he avareza. Assy tambem he avareza servir aos Reys por interesse, para ser provido com cargos de honra, ou de proveito, para ser bem despachado cõ mercês, para ser acrecentado nos postos. Servir por amor he fineza. Servir porque lho deve, he paga. Servir porque lho merece, he gratidaõ. Servir pelo que espera he interesse. Servir por interesse he avareza: *Effectus avaritia est.*

D. Ambrosio.
lib. 7.
in Luc.
cap. 14.

51 Estã tão impresso nos homẽs este vicio, tão embebido em

em seus corações, que tirando os virtuosos, & sanctos, nenhũa serve à Deos sem certeza de ser remunerado ainda nesta vida com particular mercê. Os benefícios gerais que temos recebido de tão liberal, & divino Senhor, não são bastantes pela nossa avareza, para o servirmos. A criação desta grão machina do Mundo, a ordem dos Ceos, a disposição dos Astros, o influxo dos Planetas tão necessario para a vida humana, a fermosura do Firmamento ornado de Estrellas, o Curso tão saudavel do Sol, & da Lua, a criação dos Elementos, com que respiramos, não nos movem à louvar sempre à Deos. A fertilidade da terra povoada de arvores, rica de fructos, os Campos, & os Valles marchetados de flores, & bonifias, os bosques, & as serras morada propria dos animaes, o Ar sereno refrigerio das aves, que com seu canto lisongeão o ouvido, & com a variedade das cores de suas recamadas pennas alêtaõ a vista, & alegraõ os corações, o Mar, & os Rios tão abundantes de Peixes, & o milagre tão continuo da natureza de nos dar cento por hum nas sementeiras, parindo todos os annos de pequeno grão de semente huma espiga muy grande, não nos obriga tão facilmente, cegos de cobiça, à levantar os olhos para o Ceo, para louvarmos seu Criador.

52 Nas promessas, & nos votos, que muytas vezes fazemos à Deos nos trabalhos, condenamos a nossa avareza, manifestamos o interesse, descobrimos a ingratidão. Prometemos à Deos de o servir cõ dadivas, cõ rezas, & jejús, apertados das doenças, se nos der saude: de repartir muytas esmolas, se nos der vida: de fazer muytas romarias, se nos livrar dos naufragios: de nos meter em hũa Religião, se nos remit do cativeiro; & por estes, & outros semelhâtes modos nos obrigamos á Deos nos apertos de o servir, se nos despachar. Nestas occasiões corra Deos por sy, despachandonos com as mercês, que lhe pedimos, para ser servido: & corramos nos por nos nas promessas, & votos, á que nos obrigamos. Porém com tanta avareza, que queremos ver primeyro o despacho, para cumprirmos cõ o voto. Não servimos, se não bem despachados; & muytas vezes

zes depois de alcançarmos a pretensão, faltamos com a promessa, & condenamonos por ingratos. Com a promessa mostramos o interesse, & com a falta a ingratidão, donde nace muytos annos ruins, que nos dera Deos muyto bõs, se o servirmos por amor.

53 Com tudo he Deos tão bom, que sendo conveniência nossa servir por amor à hum Senhor tão grande, & tão liberal, por nos ver tão avarentos, & tão interesseiros, nos offerce de ante mão muytas mercès, annos muy felices, se lhe não faltarmos no que for serviço seu. Aprego-ou Isaias à seu Povo Hebreo a vinda do Messias; & para que o recebesse com o acatamento, & o servisse com alegria, lhe diz: *Ecce salvator tuus venit: ecce merces ejus cum eo*. E quiz dizer: Povo meu, alegria, festa: Já vem o desejado, o esperado, o prometido na ley, o encuberto por tantos seculos, o Messias, que nos ha de remir, o Rey, & Monarca do Universo, que nos ha de salvar: *Salvator tuus*. Uniuos cõ elle, servio, porq̃ traz cõ sigo a paga, & stipendio de mercès, q̃ vos ha de fazer: *Merces ejus cum eo*. O q̃ o Profeta disse he o que Deos lhe revelou. Não fallão os Profetas se não o q̃ Deos lhes diz. Nao são elles q̃ fallão, mas o Spirito Sancto por sua boca: Pois porq̃ Deos lhe manda, que apregoe à seu Povo cõ sua vinda, para q̃ o sirva, a paga de mercès, que lhe ha de fazer? Não bastava dizer, para lhe mostrar quanto era para festejar à sua vinda, & a obrigação de o servir, que vinha para o salvar. Nestas palavras: *Ecce salvator tuus venit*, se enfierravão as mayores mercès, a redempção do genero humano, a liberdade dos homẽs cativos de Lucifer, a restauração do Reyno do Ceo, a soltura dos Sanctos Padres do Limbo, a destruição, & morte da morte, & o freyo, q̃ havia de pôr no Inferno. Cõ estas palavras mostrava Deos à seu Povo, q̃ por seu amor deixava o descanso do Ceo, a companhia dos Anjos, a morada do Empirico, as felicidades da bemaventurança: Que para o salvar vestia o burel da nossa humanidade, & se sojeitava à morte, para com sua morte lhe dar a eterna vida. Ha mercès que se igualemente com estas? Não. Pois porque manda Deos apregoar,

Isai. 62.
n. 11.

Zzzz

que

que vem para lhe pagar seus serviços, & lhe fazer mercês, & queas traz com fgo? *Ecce merces ejus cum eo.* Pola nossa avareza, diz Oleastro. Todas estas mercês são muy grandes, não ha duvida; porêm são geraes commúas à todos. Mas he tal a nossa avareza, tão grande o nosso interesse, que sem mercês particulares, que obrigue à cada hum ao servir, vio Deos, que não havia de aproveitar à muytos à sua vinda. Vinha para remir à todos, & salvar seu ingrato Povo; mas por serem estas mercês muy geraes, veyo tambem para sarar muytos enfermos, para indereitar muytos aleijados, para alumiar muytos cegos, para alimpar muytos leprozos, para alimentar muytos famintos, para refucitar muytos mortos, para acudir às necessidades particulares de todos, que recorressẽ à elle, & sem estas mercês, por entender que o não havião de servir, nem tão pouco de crer nelle, se não atreveo Deos à vir, sem as trazer com fgo decretadas: *Adverte* (diz Oleastro) *Adverte hic avaritiam nostram, ut non audeat ad nos Deus sine mercede venire.*

Oleastro.
hic.

54 Temos à vista o exemplo sem sabimentos de Lisboa. Deixar V. Mag. o descanso, que lograva em Villa-riçosa, os gostos da casa de sua Tapada, as delicias de suas terras, a liberdade tanto para estimar sem réceyos, humma vida feliz de Principe, & Senhor sem cuidados, as recreações, & festas do Alentejo sem dependencia, o acatamento d'aquelles Povos, que veneravão em V. Mag. as memórias, & reliquias de seus Reys Avós, & o servião com grande amor, & vir à esta Corte, & Cidade com immenso trabalho à imitação de Christo, para remir seus Portuguezes, libertar seus Vassallos, restaurar seu Reyno, & salvar com risco de sua vida à todos, livrando-os da foyeição penosa que padeciaõ, & das vexações, & misérias que choravaõ, forão as mayores mercês, que lhes fez: Mas forão geraes commúas à todos. Por ellas poucos haverã, que o sirvão. Muytos si se acharã, que o fação pelas mercês particulares, que esperaõ, & outros, que não querem viver de esperanças, as podem de ante mão para servir. Querem, que preceda o premio ao merecimẽto; a remuneração ao serviço, a mer-
cê

cê ao trabalho. Os primeyros que aclamãrao à V. Mag. desvelando-se no seu serviço, he de crêr, que na sua idea cada hum se prometia a grandeza dos Titulos, as riquezas das Cômendas, as rendas da Coroa, os acrescentamentos dos postos, & na distribuição dos cargos, & officios, os de mayor honra, & proveito, que he ao que aspirão os que se deliberão à servir, porque de poucos he servir por amor, de muytos por interesse, & sem stipendio de mercês particulares, tal he a nossa avareza, a ambição, a cobiça, que nem Deos se atreveo à vir ao Mundo, sem as trazer despachadas: *Adverte hic avaritiam nostram, ut non audeat ad nos Deus sine mercede venire.*

55 A obrigação dos Vassallos, que deseão à seus Reys annos felices, he servir por amor sem interesse. A obrigação dos Reys, que apião à seus Vassallos, he premiar serviços sem dilação. As esperanças dilatadas (diz o Sabio) são penas, & afflições da alma: *Spes, qua differtur, affligit animam.* Depender do despacho muyto tempo, requerer sem acabar de o concluir, continuar as audiencias, & não ser ouvido, esperar, & não ser despachado, servir, & não ser provido, pedir, & não alcançar, cançar, & não conseguir, afflige o coração, & a alma com tanta pena, que queixozos do governo, se retirão os homens do serviço de seus Reys.

56 Muyto obriga, & he para estimar hum Vassallo tão disenteressado, & izento da ambição, & cobiça, que antes de servir à seu Rey, corta tanto por sy, que não só não pede, mas enjeita as mercês. Muyto rambem he para agradecer a grandeza de hum Rey, que as não dilata por bem servido, nem esperar que lhas peça, mas dadivozo, magnanimo, & liberal-lhas faz logo, sem ser requerido. Ambos cortão por sy, & se acreditão entre sy, o Vassallo cõ seu Rey, el Rey com seu Vassallo. Acredita-se o Vassallo, q̃ corta pelo interesse no serviço de seu Rey, porq̃ mostra a fineza cõ que o serve, & o amor q̃ lhe deve pôdo todo o cuidado em bem servir, & não em pedir. Acredita-se o Rey cõ seu Vassallo, porq̃ corta pela dilação, despachando-o logo com as mercês, que lhe merece, antes que lhas peça.

“Zzzz” com

Proverb.
13. n. 11.

111
21

com que o obriga à servir mais, & com mayor empenho, & à tratar do melhoramento de seus Reynos, & Estados com mayor cuidado.

Daniel.
5. n. 16.
17. & 25.

57 Grande he o exemplo, que temos no Rey Baltassar cõ o Profeta Daniel. Este por disenteressado, aquelle por grandioso: Este por enjeitar as mercès, aquelle por lhas fazer effectivas. Vio el Rey Baltassar Chaldeo, filho de Nabuchodonosor, huma maõ, que na parede defronte d'elle, estando assentado à meza, comendo, & banquetando cõ os Grandes de seu Reyno, escreveo estas tres palavras: *Mane, Thecel, Phares*, & sobre saltado, cheyo de temor, sem entender o mysterio, nem haver entre seus Sabios Gentios, quem as soubesse interpretar, nem tão pouco lèr, chamou à Daniel, & lhe disse: *Si vales scripturam legere, & interpretationem indicare mihi, pupura vestieris, & torquem auream circa collum tuum habebis, & tertius in regno meo Princeps eris*. Daniel se vos atreveis à lèr o que està escrito na parede, & me declarardes seu sentido, mandarvos hei vestir de purpura com hum collar d'ouro no pescoço, & vos farei mercè do titulo de Principe, o terceiro do meu Reyno.

Ibid.
n. 29.

58 Com animo desapegado, izento de todo interesse, enjeita Daniel as mercès com serem tão grandes, & de tanta honra sua, & proveito, & diz à el Rey: *Manera tua sunt tibi, & domus tua alteri da: Scripturam autem legam tibi, Rex, & interpretationem ejus ostendam tibi*. Senhor, as mercès, que me offereceis, daias à outrem. O que á mim toca, he servirvos. Lèrei a escriptura, & declararrei o mysterio. Fello assy Daniel; & logo por ordẽ d'el Rey: *Iubente Rege*, diz o Texto, q sem dilação alguma, foy vestido de purpura, enriquecido com hũ collar d'ouro, & aclamado terceiro Principe do Reyno: *Indutus est Daniel purpura, & circumdata est torques aurea collo ejus: & predicatum est de eo, quod haberet potestatem tertius in regno suo*. Pois como assy? Enjeita Daniel as mercès, quando el Rey lhas promete, & accita-as, quando lhas dà. Pouco antes, desapegado de tudo, faz pouco caso das honras, não estima as riquezas, não se lhe dá do titulo; & logo depois admite a purpura, recebe

be o collar , & assentase em seu Throno , aclamado terceiro Principe do Reyno? Primeyro diz, que não quer nada: *Munera tua sint tibi; & logo á tudo se rende, aceita, & estima, Indutus est purpura!* Com rezaõ.

59 Quando Daniel enjeitou as mercês tão grandiosas, que el Rey lhe prometia, foy antes de o servir: & quando lhas aceitou, foy depois de ter servido. Antes de servir julgou ambição, cobiça, & interesse aceitar a promessa; porque dava á entender, que servia á seu Rey pelas mercês, que esperava, & não pelo amor, que lhe devia. Porém depois de ter bem servido, não podia ser nota, nem falta, aceitar agradecido as honras, & mercês, que el Rey lhe fazia, sem ser requerido. Ambos se acreditarão neste caso, Daniel, & el Rey. Daniel em se mostrar disinteressado, el Rey em se ostentar grandioso: Daniel em servir por amor, el Rey em dar por liberal: Daniel em enjeitar as mercês, el Rey em lhas fazer effectivas. Diria Daniel: Senhor, sirvo por amor, não por interesse. Não me leva a ambição, não pretendo honras, não desejo riquezas, não vos peço mercês. A mayor honra para mim he servirvos, a mayor mercê occuparme. Por ver el Rey tanta fineza, & se ver tão bem servido, o mandou logo despachar cõ mercês affectivas tão grandiosas, sem ser requerido.

60 Assy haõ de ser os Vassallos, & assy os Reys. Os Vassallos em servir sem interesse, os Reys em premiar sem dilação. *Nihil a què amàrum (diz Seneca) quàm diu pendere. Equiori quidem animo ferunt, praevidi spem suam, quàm trahi.* Não ha Senec. lib. 1. da benef. cap. 5. cousa tão penosa como esperar por largo tempo. Com mayor sossego, & melhor vontade soffrem os homẽs cortarem selhas as esperanças, do que pretendem, que dilatalas. Tambem o pedir custa muyto, diz o mesmo. Muyto caro se compra o que se pede: *Nil carius emitur, quàm quod petitur.* Quanto mais se se dilatar o despacho, & peyor se se lhe não diffirir.

61 Muy grandes Vassallos tem V. Mag. neste Cidade, & na India nos Theatinos da Divina Providencia. Servem sem interesse. Tem por regra, & por timbre não pedir. Enjeitão as

terras, não cobição fazendas, não pedem o que necessitam. São os Danieles de seus Reynos, & Côquistas: *Munera tua sint tibi, & dona domus tua alteri da.* Sustentão-se com o que Deos lhes manda. Nelles ponha V. Mag. os olhos, como outro Baltasar na grandeza. Pretendem ser despachados, mas não com mercês de proveito. Não querem purpuras, nem ouro, nem honras, mas só hum papel de hum simples licença, para fundar nesta Cidade, & na de Goa hum Convento à custa da Providencia Divina, para servirem à Deos, à V. Mag. & à seus Vassallos. Não dilate V. Mag. o despacho, como Rey, & Senhor tão Catholico, & tão pio, porque *Nihil æquè amarum, quàm diu pendere.*

Matth.
7. n. 7.

62 Só á Deos se pode pedir sempre, porque só Deos tem sempre que dar, & dà com tanta liberalidade, que nos convida à pedir: *Petite, & dabitur vobis*: Nem dilata Deos o despacho à quem pede com confiança; nem tambem remete ao Tribunal da justiça, o que se lhe pede por misericordia. A Petição, que mais nos convem, he da salvação. Pouco importa lograrmos nesta vida muytos annos felices, se não alcançarmos na outra as felicidades eternas. Annos que não durão hum eternidade, por bons que sejam, são annos mortaes, acabão com a vida, se concluem com a morte, se sepultão no esquecimento. Todos deseão a salvação, & poucos a procurão, porque poucos cortão por sy.

Luc. 24.
n. 26.

Oportuit pati Christum, disse de sy o mesmo Senhor, & *ita intrare in gloriam suam*. Foy necessario q̃ Christo padecesse, para entrar na Gloria, que era sua. Foy necessario, que cortasse muyto por sy. Desde que naceo começou padecer. Desde que naceo começou chorar.

Sap. 7.
n. 3.

Primam vocem similem omnibus emisit plorans, para que se lhe abrissem as portas do Ceo, fechadas pelos nossos pecados; & dahi à oito dias começou logo derramar seu preciosissimo sangue: *Postquam cōsummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer*, com ser o Filho de

Luc. 2.
n. 21.

Ad Roman.
8.
n. 29.

Deos, o Sancto dos Sanctos, o impecavel, o primeyro predestinado *Primogenitus in multis fratribus*, o Rey da Gloria, quanto mais nos miseraveis pecadores, que não sabemos se somos dos

dos escolhidos: *Multi sunt vocati, pauci veró electi.*

Matth.

63 Corte cada hum por sy para se salvar, os Reys pela 20. n. 16.
Coroa, & não pela consciencia: os Ministros pelo interesse, &
não pela inteireza: os Vassallos pela lingua, & não pela ver-
dade, todos por sy, & ninguem pelo proximo. Ay de nos se er-
rarmos o caminho da salvação: Ay de nos se concluirmos em
desgraça de Deos a vida. De que proveito nos he termos nes-
te Mundo annos bons, se no outro os tivermos maos: *Quia* Matth.
prodest homini, si mundum universum lucretur, anima veró sue 16. n. 26.
detrimentum patiatur. De que serve aos Reys a Coroa Real, se
lhe faltar a Coroa da Gloria? De que utilidade he para os Mi-
nistros o governo do Reyno, se por estar desgovernada a con-
sciencia, não entrar no Empireo? De que conveniencia he para
os tres Estados, Ecclesiastico, Nobreza, & Povo comporem
hũa Monarchia, se descomposta a Alma, precipitarem no In-
ferno? Não sejamos d'aquelles cegos miseraveis, que depois
de mortos sem remedio, condenados para sempre à hũa eterni-
dade de penas, bradando, & vociferando, cercados dos Demo-
nios com excessivos tormentos dizem: *Erravimus à via veri-* Sap. 5.
tatis, & justitiae: Erramos, porque nos afastamos do caminho n. 6.
da verdade, & da justiça.

64 Só cortando por sy, todos se hão de salvar. Cortem
pelos vicios, & maldades, pelos odios, & envejas, pelas sensua-
lidades, & torpezas, pelas murmurações, & mentiras, pelos jo-
gos ruina das casas, & más conversações, pelas galas, & vaidade-
des, pelas rendas, & fazendas, para pagarem o que devem, pela
soberba, & presunção. Finalmente cortemos todos pelas cul-
pas, & pecados, offensas infinitas de Deos, & morte da Alma,
& não pela penitência, pedindo à Jesu misericórdia pelo sangue,
que por nosso amor derramou neste dia: *Ut circumcideretur* Luc. 2.
puer: vocatum est nomen ejus IESUS. arrependidos de coração n. 21.

do muyto q̃o temos offendido, para que nos dê nesta vida
com muytos annos felices os doês da Graça, & na ou-
tra as felicidades eternas da Gloria. Amen.

L A V S D E O.

INDEX

LOCORUM SACRÆ SCRIPTURÆ.

PRIOR NUMERUS LIBRUM, SECUNDUS SERMONEM,
Tertius locum designat.

VETVS TESTAMENTVM.

EX LIBRO GENESIS.



AP. I. 16 *Fecitque Deus duo luminaria magna:
luminare maius, ut præset diei: &
luminare minus, ut præset nocti.
Lib. 1. Ser. 3. n. 53. 58. 60. & 64.*

26 *Faciamus hominem ad imaginem, &
similitudinem nostrā; & præsit pis-
cibus maris. Lib. 3. Ser. 3. n. 38. &
Ser. 4. n. 35.*

27 *Creavit Deus hominem ad imaginem suam. Lib.
1. Serm. 4. n. 1.*

28 *Replete terram, & subicite eam, & dominamini
piscibus maris, & volatilibus celi, & universis
animantibus, quæ moventur super terram. Lib.
2. Ser. 1. n. 97. & Lib. 3. Ser. 4. n. 37. 38. & 39.*

29 *Ecce dedi vobis omnem herbam afferentem se-
men super terram, & universa ligna, quæ ha-
bent in semetipsis sementem generis sui, ut sint
vobis in escam. Lib. 3. Ser. 4. n. 39.*

Cap. II. 7 *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ. Lib. 2.
Ser. 3. n. 89. & 98.*

8 *Plantaverat autem Deus Paradisum voluptatis à
principio, in quo posuit hominem, quem formave-
rat. Ibid.*

Index Locorum

- 9 *Lignum etiam vite in medio Paradisi, lignumque scientiæ boni, & mali. Lib. 2. Ser. 1. n. 71. & Ser. 3. n. 51. & 89.*
- 16 *Præcepitque ei dicens: Ex omni ligno Paradisi comede. Lib. 2. Ser. 1. n. 67. & 71.*
- 17 *De ligno autem scientiæ boni, & mali ne comedas. In quocumque enim die comederis ex eo, morte morieris. Lib. 1. Ser. 3. n. 1. & Lib. 2. Ser. 1. n. 68. 74. 90. & 97. & Ser. 3. n. 89.*
- 19 *Adduxit ea ad Adam, ut videret quid vocaret ea: Omne enim quod vocavit Adam animæ viventis, ipsum est nomen ejus. Lib. 2. Ser. 1. n. 97.*
- 21 *Cumque obdormisset, tulit unam de costis ejus, & replevit carnem pro ea. Lib. 1. Ser. 3. n. 55. & Ser. 4. n. 1.*
- 22 *Et edificavit Dominus costam, quam tulerat de Adam, in mulierem. Lib. 1. Ser. 3. n. 55.*
- Cap. III.** 5 *Eritis sicut Di, scientes bonum, & malum. Lib. 2. Ser. 1. n. 67. 68. & 74.*
- 6 *Tulit de fructu illius, & comedit: deditque viro suo, qui comedit. Lib. 2. Ser. 1. n. 74.*
- 7 *Et aperti sunt oculi amborum. Lib. 2. Ser. 1. n. 73.*
- 9 *Vocavitque Dominus Deus Adam, & dixit ei: Ubi es? Lib. 1. Ser. 2. n. 38.*
- 12 *Mulier, quam dedisti mihi sociam, dedit mihi de ligno, & comedi. Lib. 2. Ser. 1. n. 67.*
- 14 *Maledictus es inter omnia animantia, & bestias terræ: sub pectus tuum gradieris, & terram comedes cunctis diebus vitæ tuæ. Lib. 2. Ser. 4. n. 48. & 50.*
- 19 *In sudore vultus tui vesceris pane, donec revertaris in terram, de qua sumptus es. Lib. 2. Ser. 1. n. 97.*
- 21 *Fecit quoque Dominus Deus Ade, & uxori ejus tunicas pelliceas, & induit eos. Lib. 1. Ser. 3. n. 7.*

Sacrae Scripturae.

& Lib. 2. Ser. 3. n. 91.

22 Ecce Adam quasi unus ex nobis factus est. Lib. 1. Ser. 3. n. 7.

Ne forte mittat manum suam, & sumat etiam de ligno vitae, & comedat, & vivat in aeternum.

Lib. 2. Ser. 1. n. 97. & Ser. 3. n. 90.

23 Emisit cum Dominus Deus de Paradiso voluptatis. Lib. 2. Ser. 1. n. 97.

Cap. IV. 4 Respexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus. Lib. 2. Ser. 4. n. 71.

5 Ad Caim vero, & ad munera illius, non respexit. Ibid.

8 Egrediamur foras. Lib. 1. Ser. 4. n. 1.

14 Ecce ejicis me hodie. Lib. 1. Ser. 1. n. 11.

Cap. VI. 3 Non permanebit spiritus meus in homine in aeternum, quia caro est: triusque dies illius centum viginti annorum. Gigantes autem erant super terram in diebus illis. Lib. 3. Ser. 3. n. 45.

9 Noë vir justus, atque perfectus, &c. cum Deo ambulavit. Lib. 1. Ser. 2. n. 29.

Cap. VII. 4 Pluviam super terram quadraginta diebus, & quadraginta noctibus. Lib. 3. Ser. 2. n. 28.

Cap. VIII. 6 Cumque transissent quadraginta dies, aperiens Noë fenestram arcae, quam fecerat, dimisit corvum. Ibid.

21 Nequaquam ultra maledicam terrae propter homines. Lib. 1. Ser. 2. n. 38.

Cap. XV. 1 Noli timere Abram; ego protector tuus sum. Lib. 3. Ser. 3. n. 5.

5 Suspice caelum & numera stellas, si potes. Et dixit ei: Sic erit semen tuum. Lib. 3. Ser. 4. n. 23.

6 Credidit Abram Deo, & reputatum est illi ad justitiam. Ibid.

Cap. XVIII. 29 Non percutiam propter quadraginta. Lib. 3. Ser. 2. n. 28.

Index locorum

- Cap. XXII. 2 *Super unum montium, quem monstravero tibi.*
Lib. 3. Ser. 4. n. 18.
- 11 *Abraham Abraham, &c. Non extendas manum tuam super puerum. Ibid. n. 22.*
- 16 *Per me metipsum juravi, dicit Dominus: quia fecisti hanc rem, & non pepercisti filio tuo unigenito propter me, benedicam tibi, & multiplicabo semen tuum sicut stellas cali. Ibid. n. 22. & 24.*
- Cap. XXV. 23 *Plantam fratris tenebat manu. Lib. 3. Ser. 4. n. 5.*
- Cap. XXVI. 4 *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terra.*
Lib. 1. Ser. 2. n. 38.
- Cap. XXVII. 19 *Surge, sede, & comede de venatione mea, ut benedicat mihi anima tua. Lib. 3. Ser. 2. n. 35.*
- 28 *Det tibi Deus de rore cali, & de pinguedine terra, abundantiam frumenti, & vini. Lib. 1. Ser. 1. n. 54. & 56.*
- 33 *Comedi ex omnibus, priusquam tu venires, benedixique ei, & erit benedictus. Lib. 3. Ser. 2. n. 32. & 35.*
- 35 *Venit germanus tuus fraudulentem, & accepit benedictionem tuam. Ibid. n. 32.*
- 37 *Dominum tuum illum constitui, & omnes fratres ejus servituti illius subjugavi. Lib. 1. Ser. 1. n. 57.*
Frumento, & vino stabilivi eum, & tibi post hac, fili mi, ultra quid faciam? Lib. 1. Ser. 1. n. 56. & Lib. 3. Ser. 2. n. 32.
- 40 *Vives in gladio. Lib. 1. Ser. 1. n. 54.*
- 41 *Occidam Iacob fratrem meum. Lib. 3. Ser. 2. n. 32. & 33.*
- Cap. XXVIII. 11 *Tulit de lapidibus, qui jacebant, & supponens capati suo, dormivit in eodem loco. Lib. 2. Ser. 3. n. 73.*
- 12 *Angelos quoque Dei ascendentes, & descendentes per eam, & Dominum innixum scala. Lib. 1. Ser.*

Sacra Scriptura.

Ser. 3. n. 37. Lib. 2. Ser. 3. n. 74. & 77. & Lib. 3.

Ser. 3. n. 47.

17 *Pavensque: Quàm terribilis est, inquit, locus iste! Non est hic aliud nisi domus Dei, & porta cali.*

Lib. 2. Ser. 3. n. 74. 76. & 77.

20 *Et dederit mihi panem ad vescendum, & vestimentum ad induendum, &c. erit mihi Dominus in Deum. Ibid. n. 76.*

Cap. XXXII. 10 *In baculo meo transivi Iordanem. Lib. 2. Ser. 3. n. 73.*

28 *Nequaquam Iacob appellabitur nomen tuum, sed Israel. Lib. 2. Ser. 4. n. 95.*

Cap. XXXIX. 5 *Benedixitque Dominus domui Egypti propter Ioseph, & multiplicavit eam. Lib. 3. Ser. 3. n. 44.*

Cap. XXXXI. 44 *Dixit que Rex ad Ioseph: Ego sum Pharao: absque tuo imperio non movebit quisquam manum, aut pedem in omni terra Egypti. Lib. 3. Ser. 3. n. 56. & 57.*

45 *Vertitque nomen ejus, & vocavit eum lingua Egyptiaca, Salvatorem. Ibid.*

Cap. XXXXII. 6 *Ioseph erat Princeps in terra Egypti. Lib. 3. Ser. 3. n. 45. & 57.*

Cap. XXXXV. 26 *Ioseph filius tuus vivit: & ipse dominatur in omni terra Egypti. Lib. 3. Ser. 3. n. 45.*

Cap. XXXXVIII. 10 *Oculi enim Israel caligabant pra nimia senectute, & clare videre non poterat. Lib. 3. Ser. 4. n. 43.*

14 *Extendens manum dexteram, posuit super caput Ephraim minoris fratris: sinistram autem super caput Manasse, qui maior natu erat, commutans manus. Lib. 3. Ser. 4. n. 43.*

19 *Frater ejus minor maior erit illo. Ibid. n. 44.*

Cap. XXXXIX. 10 *Non auferetur sceptrum de Iuda, & dux de femore ejus, donec veniat, qui mittendus est.*

Index locorum

Lib. 1. Ser. 1. n. 54. & Ser. 3. n. 44.

22 Filius accrescens Ioseph, filius accrescens. Lib. 3.
Ser. 3. n. 44.

EX LIBRO EXODI.

CAP. II. 23 Ingemescientes filij Israel propter opera, vociferati sunt: ascenditque clamor eorum ad Deum ab operibus. Lib. 2. Ser. 4. n. 55.

Cap. III. 2 Apparuit ei Dominus in flamma ignis de medio rubi: & videbat quod rubus arderet, & non combureretur. Lib. 1. Ser. 2. n. 37.

5 Solve calceamentum de pedibus tuis: Locus enim, in quo stas, terra sancta est. Lib. 1. Ser. 2. n. 37.
& 41.

7 Vidi afflictionem populi mei in Aegypto, & clamorem ejus audiui propter duritiam eorum, qui præsunt operibus: & sciens dolorem ejus descendi, ut liberem eum. Ibid. n. 38.

Cap. IV. 3 Projecit, & versa est in colubrum, ita ut fugeret Moyses. Lib. 2. Ser. 4. n. 54.

17 Virgam quoque hanc sume in manu tua, in qua facturus es signa. Lib. 1. Ser. 2. n. 39.

Cap. VII. 1 Ecce constitui te Deum Pharaonis. Ibid.

Cap. XI. 3 Fuitque Moyses vir magnus valde in terra Aegypti. Lib. 1. Ser. 2. n. 39.

Cap. XII. 3 Decima die mensis hujus tollat unusquisque agnum per familias, & domus suas. Lib. 3. Ser. 3. n. 13.

6 Et servabitis eum usque ad quartadecimam diem: immolabitque eum universa multitudo filiorum Israel ad vesperam. Ibid.

12 In cunctis diebus Aegypti faciam judicia ego Dominus. Lib. 2. Ser. 1. n. 76.

18 Primo mense quarta decima die mensis ad vesperam, comedetis azyma usque ad diem vigesima primam.

Sacra Scriptura.

primam. Lib. 1. Ser. 2. n. 52. & Lib. 2. Ser. 4. n. 84.

- 19 Septem diebus fermentatum non invenietur in domibus vestris. Qui comederit fermentatum, peribit anima ejus. Lib. 2. Ser. 4. n. 85.

Cap. XII. 36 Et spoliaverunt Aegyptios. Lib. 2. Ser. 2. n. 55.

Cap. XIII. 21 Dominus autem precedebat eos ad ostendendam viam, per diem in columna nubis, & per noctem in columna ignis. Lib. 1. Ser. 2. n. 44.

Cap. XIV. 12 Multo enim melius erat servire eis, quam mori in solitudine. Lib. 1. Ser. 1. n. 42.

- 13 Nolite timere: state, & videte magnalia Domini, quae facturus est hodie. Lib. 1. Ser. 2. n. 43.

Aegyptios enim, quos nunc videtis, nequaquam ultra videbitis usque in sempiternum. Ibid. & Lib. 1. Ser. 1. n. 50.

- 19 Tollensque se Angelus Dei, qui precedebat castra Israel, abiit post eos, & cum eo pariter columna nubis, priora dimittens, post tergum stetit inter castra Aegyptiorum, & castra Israel. Lib. 1. Ser. 2. n. 44.

Cap. XV. 1 Tunc cecinit Moyses, &c. Cantemus Domino, gloriosè enim magnificatus est, equum, & ascensorem dejecit in mare. Lib. 1. Ser. 1. n. 50.

Cap. XVI. 35 Filij autem Israel comederunt Man quadraginta annis. Lib. 3. Ser. 2. n. 28.

EX LIBRO NUMERI

CAP. XXI. 5 Locutusque contra Deum, & Moysen, ait: Cur eduxisti nos de Aegypto, ut moreremur in solitudine? Drees panis, non sunt aqua. Anima nostra jam nauscat super cibo isto levissimo. Lib. 2. Ser. 4. n. 51.

- 6 Quamobrem misit Dominus in populum ignitos ser-

Index locorum

serpentes. Ibid.

Cap. XXVII. 8 *Homo cum mortuus fuerit absque filio, ad filiam ejus transibit hereditas. Lib. 1. Ser. 3. n. 42.*

EX LIBRO DEUTERONOMIJ.

CAP. VII. 6 *Te elegit Dominus Deus tuus, ut sis ei populus peculiaris de cunctis populis, qui sunt super terram. Lib. 1. Ser. 1. n. 4. & Ser. 3. n. 81.*

8 *Quia dilexit vos Dominus, & custodivit juramentum, quod juravit patribus vestris: eduxitque vos de manu forti, & redemit de domo servitutis, de manu Pharaonis. Lib. 1. Ser. 3. n. 81.*

9 *Scies, quia Dominus Deus tuus ipse est Deus fortis, & fidelis. Ibid.*

Cap. XVII. 14 *Cum dixeris: Constituam super me Regem, eum constitues, quem Dominus Deus tuus elegerit de numero fratrum tuorum. Non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non sit frater tuus. Lib. 1. Ser. 1. per totum, & Lib. 2. Ser. 1. n. 53.*

Cap. XXXII. 30. *Quomodo persequatur unus mille, & duo fugent decem millia? Lib. 3. Ser. 1. n. 18.*

EX LIBRO JOSUE.

CAP. I. 9 *Confortare, & esto robustus. Noli metuere, & c. noli timere: quoniam tecum est Dominus Deus tuus in omnibus ad quaecumque perrexeris. Lib. 3. Ser. 3. n. 5.*

Cap. X. 12 *Sol contra Gabaon ne movearis, & Luna contra vallem Aialon. Steteruntq; Sol, & Luna, donec ulcisceretur se gens de inimicis suis. Lib. 1. Ser. 2. n. 57.*

Sacræ Scripturæ.

EX LIBRO JUDICUM.

CAP. III. 14 *Servierunt filij Israel Eglon Regi Moab decem & octo annis. Lib. 1. Ser. 3. n. 10.*

15 *Clamaverunt ad Dominum, qui suscitavit eis Salvatorem vocabulo Aod. Lib. 1. Ser. 3. per totum.*

Qui utrâque manu pro dextera utebatur. Ibid. & Lib. 3. Ser. 4. n. 45.

Cap. V. 8 *Nova bella elegit Dominus, & portas hostium ipse subvertit. Clypeus & hasta si apparuerint in quadraginta millibus Israel. Lib. 3. Ser. 3. n. 17.*

9 *Cor meum diligit Principes Israel. Ibid. n. 20.*

Cap. VI. 16 *Ego ero tecum. Lib. 3. Ser. 3. n. 5.*

23 *Pax tecum, ne timeas. Ibid.*

Cap. VII. 13 *Vidi somnium, & videbatur mihi quasi subcinericius panis ex hordeo volvi, & in castra Madian descendere. Lib. 1. Ser. 2. n. 61.*

Cumque pervenisset ad tabernaculum, percussit illud, atque subvertit, & terra funditus coaquavit. Ibid.

14 *Non est hoc aliud, nisi gladius Gedeonis filij Ioas viri Israelita: Tradidit enim Dominus in manus ejus Madian, & omnia castra ejus. Ibid. & n. 62.*

EX LIBRO I. REGUM.

CAP. VIII. 4 *Congregati ergo universi maiores natu Israel. Lib. 1. Ser. 1. n. 19. & Lib. 3. Ser. 3. n. 31.*

b

s Confi-

Index Locorum

- 5 *Constitue nobis Regem, ut iudicet nos, sicut
& universa habent nationes. Lib. 3. Ser.
3. n. 31.*
- 7 *Non enim te abjecerunt, sed me, ne regnem
super eos. Lib. 1. Ser. 1. n. 19.*
- Cap. IX. 2 *Ab humero & sursum eminebat super om-
nem populum. Lib. 3. Ser. 3. n. 29.*
- 15 *Dominus autem revelaverat auriculam Sa-
muelis. Lib. 1. Ser. 1. n. 20.*
- 16 *Hac ipsa hora, quæ nunc est, cras mittam
virum ad te de terra Benjamin, ut unges
eum Ducem super populum meum Israel.
Ibid. & Lib. 3. Ser. 3. n. 31.*
*Et salvabit populum meum de manu Phi-
listhinorum: quia respexi populum meum.
Venit enim clamor eorum ad me. Ibid.*
- Cap. X. 1 *Ecce unxit te Dominus super hereditatem
suam in principem. Lib. 1. Ser. 2. n. 26.*
*Hoc tibi signum, quia unxit te Deus in prin-
cipem. Ibid. n. 26. & 27.*
- 3 *Cumque abieris &c. inventient te tres viri,
unus portans tres hados, & alius tres tor-
tas panis, & alius portans lagenam vini.
Ibid. n. 26.*
- 24 *Et Clamavit omnis populus, & ait: Vivat
Rex. Lib. 1. Ser. 1. n. 21.*
- 27 *Filij veró Belial dixerunt: Num salvare
nos poterit iste? Et despexerunt eum.
Ibid.*
- Cap. XIII. 1 *Filius unius anni erat Saul, cum regnare ca-
pisset. Lib. 3. Ser. 3. n. 29. 30. & 31.*
- Cap. XV. 27 *Ille autem apprehendit summitatem pallij
eius, quæ & scissa est. Lib. 1. Ser. 3. n. 68.*
- 28 *Scidit Dominus regnum Israel à te hodie, &
tradidit illud proximo tuo meliori te. Ibid.*
- Cap.

Sacræ Scripturæ.

- Cap. XVI. 1 *Mittam te ad Isai Bethlehemitem. Lib. 1. Ser. 4. n. 52.*
 2 *Vitulum de armento tolles in manu tua. Lib. 1. Ser. 2. n. 65.*
 3 *Et vocabis Isai ad victimam, &c. Et unges quemcumque monstravero tibi. Ibid.*
 7 *Homo enim videt ea, quæ parent. Dominus autem intuetur cor. Lib. 2. Ser. 4. n. 65.*

EX LIBRO II REGUM.

- C**AP. VI. 12 *Abijt ergo David, & adduxit arcam Dei de domo Obededom in civitatē David cum gaudio. Lib. 2. Ser. 1. n. 60.*
 Cap. XII. 13 *Dominus quoque transtulit peccatum tuum: non morieris. Lib. 2. Ser. 1. n. 34.*
 Cap. XVIII. 33 *Fili mi Absalom, Absalom fili mi: quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te. Lib. 2. Ser. 4. n. 114.*

EX LIBRO III REGUM.

- C**AP. VIII. 1 *De civitate David, id est, de Sion. Lib. 2. Ser. 1. n. 59.*
 Cap. XI. 11 *Scindam regnum tuum, & dabo illud servo tuo. Lib. 3. Ser. 2. n. 35.*
 12 *Verumtamen in diebus tuis non faciam propter David Patrem tuum. Ibid.*
 30 *Apprehendensq; Ahias pallium suum novum, quo coopertus erat, scidit in duodecim partes. Lib. 3. Ser. 4. n. 12.*
 31 *Et ait ad Ieroboam: Tolle tibi decem scissuras. Ibid.*
Ecce ego scindam regnum de manu Salomonis, & dabo tibi decem tribus. Ibid.

Index Locorum

- 32 *Porro una tribus remanebit ei propter servum meum David. Ibid.*
- 42 *Dies autem, quos regnavit Salomon in Ierusalem super omnem Israel, quadraginta anni sunt. Lib. 3. Ser. 3. n. 35.*
- Cap. XVI. 3 *Ecce ego demetam posteriora Baasa, & posteriora domus ejus. Lib. 1. Ser. 1. n. 12.*
- Cap. XVII. 4 *Corvisq; praecepi, ut pascant te ibi. Lib. 2. Ser. 3. n. 114.*
- 9 *Surge, & vade in Sarepta Sidoniorum, & manebis ibi: praecepi enim ibi mulieri viduae, ut pascat te. Lib. 2. Ser. 4. n. 60.*
- 10 *Da mihi paululum aquae in vase, ut bibam. Ibid. n. 63.*
- Cap. XIX. 4 *Petivit animae suae, ut moreretur, & ait: Sufficit mihi Domine, tolle animam meam. Lib. 2. Ser. 3. n. 114.*
- 5 *Ecce Angelus Domini, tetigit eum, & dixit illi: Surge, & comede. Ibid.*
- 7 *Reversusque est Angelus Domini secundo, & tetigit eum, dixitque illi: Surge, & comede: Grandis enim tibi restat via. Ibid.*
- 10 *Elo zelatus sum pro Domino Deo exercituum. Lib. 1. Ser. 1. n. 67.*

EX LIBRO IV. REGUM.

- C**AP. XXIII. 34 *Regemque constituit Pharaon Nechao Eliahim filium Iosia pro Iosia Patre ejus: vertitque nomen ejus Ioakim. Lib. 1. Ser. 4. n. 13.*
- Cap. XXIV. 5 *Et dormivit Ioakim cum patribus suis: & regnavit Ioachin filius ejus pro eo. Ibid.*

EX

Sacræ Scripturæ.

EX LIBRO II. PARALIPOMENON.

C AP. V. 2 *De civitate David, quæ est Sion. Lib. 2. Ser. 1. n. 59.*

EX LIBRO JOB.

C AP. I. 8 *Numquid considerasti servum meum Job, quod non sit ei similis in terra, homo simplex, & rectus, ac timens Deum, & recedens à malis? Lib. 3. Ser. 1. n. 86.*

10 *Non nè tu vallasti eum, ac domum ejus, universamque substantiam per circuitum? Ibid.*

11 *Sed extende paulùm manum tuam, & tange cuncta qua possidet, nisi in faciem benedixeris tibi. Ibid.*

21 *Nudus egressus sum, de utero matris meæ, & nudus revertar illuc. Lib. 2. Ser. 3. n. 78. & Ser. 4. n. 10.*

Cap. II. 6 *Ecce in manu tua est, verumtamen animam illius serva. Lib. 3. Ser. 1. n. 86.*

Cap. XXXVI. 7 *Non auferit à justo oculos suos, & Reges in solio collocat in perpetuum. Lib. 1. Ser. 2. n. 30.*

EX OLIBR. PSALMORUM.

P SAL. II. 6 *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus, predicans præceptum ejus. Lib. 2. Ser. 1. n. 59. & 60.*

7 *Dominus dixit ad me: Filius meus es tu, ego hodie genui te. Lib. 2. Ser. 4. n. 95.*

Psal. III. 6 *Ego dormivi, & soporatus sum, & exurrexi, quia*

Index locorum

- quia Dominus suscepit me. Lib. 1. Ser. 3. n. 41. & 44.*
- 7 *Non timebo millia populi circumdantis me. Ibid.*
- Pfal. VII. 12 *Deus Iudex junctus, fortis, & patiens, numquid irascitur per singulos dies? Lib. 3. Ser. 4. n. 46.*
- Pfal. VIII. 3 *Ut destruas inimicum, & ultorem. Lib. 3. Ser. 1. n. 86.*
- Pfal. XIII. 5 *Illic trepidaverunt timore, ubi non erat timor. Lib. 2. Ser. 2. n. 236.*
- Pfal. XVIII. 3 *Dies dici eructat verbum, & nox nocti indicat scientiam. Lib. 3. Ser. 2. n. 13. & 14.*
- 5 *In omnem terram exiit sonus eorum: & in fines orbis terra verba eorum. Lib. 2. Ser. 1. n. 104.*
- Pfal. XXI. 7 *Ego autem sum vermis, & non homo, opprobrium hominum, & abjectio plebis. Lib. 2. Ser. 4. n. 88.*
- 27 *Edent pauperes, & saturabuntur, & laudabunt Dominum, qui requirunt eum: Vivent corda eorum in seculum seculi. Lib. 2. Ser. 2. n. 81. & 83. & Ser. 4. n. 31.*
- Pfal. XXII. 4 *Si ambulavero in medio umbræ mortis, non timebo mala; quoniam tu mecum es. Lib. 2. Ser. 3. n. 78.*
- 5 *Parasti in conspectu meo mensam adversus eos, qui tribulant me. Impinguasti in oleo caput meum. Lib. 1. Ser. 2. n. 64. & Lib. 2. Ser. 3. n. 78.*
- Pfal. XXIII. 7 *Atollite portas principes vestras, & elevamini porta aternales; & introibit Rex gloria. Lib. 1. Ser. 3. n. 34. & 37.*
- 8 *Quis est iste Rex gloria? Dominus fortis, & potens, Dominus potens in praelio. Ibid. &*

Sacræ Scripturæ.

Et n. 35. Et 36.

10 Dominus virtutum ipse est Rex gloria. Ibid.

Psal. XXXV. 7 Iudicia tua abyssus multa. Lib. 1. Ser. 3. n. 46.

Psal. XXXVI. 35 Vidi impium superexaltatum, & elevatum
sicut cedros Libani. Lib. 2. Ser. 4. n. 72.

Psal. XXXXIII. 23 Exurge, quare obdormis Domine? Exurge, &
ne repellas in finem. Lib. 3. Ser. 1. n. 32.
Et 34.

24 Oblivisceris inopiæ nostræ? Ibid.

Psal. XXXXIV. 17 Constitues eos Principes super omnem ter-
ram. Lib. 1. Ser. 1. n. 27. Et Ser. 3. n. 77. Et
Lib. 3. Ser. 3. n. 60.

Psal. XXXXVIII. 21 Homo, cum in honore esset, non intellexit:
comparatus est jumentis insipientibus, &
similis factus est illis. Lib. 1. Ser. 4. n. 1.

Psal. LXXI. 11 Et adorabunt cum omnes Reges terra: Om-
nes gentes servient ei. Lib. 2. Ser. 1. n. 57.

Psal. LXXVI. 6 Annos æternos in mente habui. Lib. 3. Ser. 4.
n. 42.

Psal. LXXVII. 24 Panem celi dedit eis. Lib. 2. Ser. 3. n. 67.

25 Panem Angelorum manducavit homo. Lib.
2. Ser. 3. n. 66.

Psal. LXXXI. 3 Humilem, & pauperem justificate. Lib. 2.
Ser. 4. n. 61.

6 Ego dixi: Dii estis. Lib. 2. Ser. 1. n. 108.

Psal. LXXXII. 19 Tu solus Altissimus in omni terra. Lib. 2. Ser.
4. n. 10.

Psal. LXXXVII. 16 Pauper sum ego, & in laboribus à juventute
mea. Lib. 2. Ser. 4. n. 31. Et 35. Et lib. 3.
Ser. 4. n. 33.

Psal. LXXXIX. 4 Mille anni ante oculos tuos, tamquam dies
hesterna, quæ præterijt. Lib. 1. Ser. 3. n. 49.
Et Lib. 2. Ser. 3. n. 6.

Psal. LXXXXI. 14 Plantati in domo Domini, in atrijs domus
Dei nostri florebunt. Lib. 2. Ser. 3. n. 93.

Psal.

Index locorum

- Psal. CX. 4 *Memoriam fecit mirabilium suorum, misericors, & miserator Dominus: escam dedit timentibus se. Lib. 2. Ser. 4. n. 14. 27. & 29.*
- Psal. CXIII. 12 *Simulachra gentium argentum, & aurum, opera manuum hominum. Lib. 2. Ser. 3. n. 4.*
- Psal. CXVIII. 176 *Erravi sciut ovis, quæ perjit: quare servum tuum, quia mandata tua non sum oblitus. Lib. 2. Ser. 1. n. 31.*
- Psal. CXXXI. 11 *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam. Lib. 1. Ser. 4. n. 31. & Lib. 3. Ser. 2. n. 11.*

EX LIBRO PROVERBIORUM.

- C** AP. VIII. 15 *Per me Reges regnant. Lib. 1. Ser. 2. n. 22.*
 16 *Per me Principes imperant, & potentes decernunt justitiam. Ibid.*
 31 *Delitia mea, esse cum filiis hominum. Lib. 2. Ser. 3. n. 3.*
- Cap. IX. 4 *Si quis est parvulus, veniat ad me. Et insipientibus locuta est. Lib. 2. Ser. 2. n. 105.*
 5 *Venite, comedite panem meum, & bibite vinum, quod miscui vobis. Ibid.*
- Cap. X. 1 *Filius sapiens latificat patrem. Lib. 2. Ser. 4. n. 96.*
- Cap. XIII. 12 *Spes, quæ differtur, affligit animam. Lib. 3. Ser. 4. n. 55.*
- Cap. XVI. 1 *Hominis est animam præparare, & Domini gubernare linguam. Lib. 1. Ser. 1. n. 28.*
 11 *Pondus & Statera judicia Domini sunt. Lib. 1. Ser. 1. n. 11.*
- Cap. XXI. 30 *Non est sapientia, non est prudentia, non est consilium contra Dominum. Lib. 1. Ser. 3. n. 66.*
Cap.

Sacra Scriptura.

- CAP. XXVI.** 11 *Sicut canis, qui revertitur ad vomitum suum. Lib. 2. Ser. 2. n. 141.*
- CAP. XXXI.** 10 *Mulierem fortem quis inveniet? Procul, & de ultimis finibus pretium ejus. Lib. 1. Ser. 3. n. 23.*
- 14 *Facta est quasi navis insitoris, de longe portans panem suum. Lib. 1. Ser. 2. n. 19. & lib. 2. Ser. 1. n. 7.*

EX CANTICIS CANTICORUM.

- CAP. I.** 14 *Ecce tu pulchra es amica mea, ecce tu pulchra es. Lib. 2. Ser. 4. n. 93.*
- 15 *Ecce tu pulcher es dilecte mi, & decorus. Ibid.*
- CAP. III.** 9 *Ferculum fecit sibi Rex Salomon. Lib. 2. Ser. 4. n. 26.*
- 11 *Egredimini, & videte filia Sion Regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua in die desponsationis illius, & in die latitiae cordis ejus. Lib. 1. Ser. 2. n. 20. & n. 24. & lib. 3. Ser. 1. n. 40. & Ser. 3. n. 51. & Ser. 4. n. 13.*
- CAP. IV.** 3 *Sicut vitta coccinea, labia tua. Lib. 2. Ser. 4. num. 26.*
- CAP. V.** 2 *Aperi mihi soror mea amica mea. Lib. 2. Ser. 4. n. 91.*
- CAP. VI.** 9 *Qua est ista, que progreditur quasi aurora surgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis ut castrorum acies ordinata. Lib. 3. Ser. 2. n. 24.*
- CAP. VII.** 1 *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis. Lib. 3. Ser. 1. n. 90.*

Index locorum.

EX LIBRO SAPIENTIÆ.

- C**AP. V. 6 *Erravimus à via veritatis, & justitiæ. Lib. 3. Ser. 4. n. 63.*
- Cap. VII. 3 *Primam vocem similem omnibus emisit plorans. Lib. 3. Ser. 3. n. 24. & Ser. 4. n. 62.*
- Cap. VIII. 1 *Attingit à fine usque ad finem fortiter, & disponit omnia suaviter. Lib. 3. Ser. 4. n. 46.*
- Cap. XVIII. 14 *Cum enim quietum silentium contineret omnia, & nox in suo cursu medium iter haberet. Lib. 3. Ser. 2. n. 8.*

EX LIBRO ECCLESIASTICI.

- C**AP. XXXVI. 23 *Omnem masculum excipiet mulier: & est filia melior filio. Lib. 1. Ser. 4. n. 33.*
- Cap. I. 6 *Quasi luna plena in diebus suis lucet. Lib. 1. Ser. 2. n. 5.*

EX ISAIA.

- C**AP. III. 1 *Dominator Dominus exercituum auferet à Ierusalem, & à Iuda validum & fortem, & omne robur panis. Lib. 2. Ser. 1. n. 52.*
- 6 *Apprehendet enim vir fratrem suum domesticum patris sui: Vestimentum tibi est: Princeps esto noster: ruina autem hac sub manu tua. Lib. 2. Ser. 1. n. 53.*
- 7 *Respondet in die illa dicens: Non sum Medicus, & in domo mea non est panis, neque vestimentum, nolite constituere me Principem populi. Ibid.*
- Cap. VIII. 4 *Antequam sciat puer vocare patrem suum, & matrem*

Sacrae Scripturae.

*matrem suam, auferetur fortitudo Damasci,
& spolia Samariae coram Rege Assiriorum. Lib.
3. Ser. 3. n. 12.*

Cap. IX. 6 *Parvulus natus est nobis, & filius datus est nobis, & factus est principatus super humerum ejus: & vocabitur nomen ejus Admirabilis, consiliarius, Deus, fortis, pater futuri seculi, princeps pacis. Lib. 3. Ser. 2. n. 19. & Ser. 3. n. 25.*

Cap. XI. 1 *Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet. Lib. 1. Ser. 1. n. 46. & Ser. 4. n. 32. & lib. 3. Ser. 3. n. 3.*

Cap. XIV. 12 *Quomodo cecidisti de Calo Lucifer, qui mane oriebaris? Lib. 2. Ser. 3. n. 48.*

13 *Dicebas in corde tuo: In calum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum, sedebo in monte testamenti, in lateribus Aquilonis. Lib. 2. Ser. 1. n. 67. & Ser. 3. n. 60.*

14 *Ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo. Lib. 2. Ser. 3. n. 60.*

15 *Verumtamen ad infernum detraheris, in profundum laci. Ibid.*

Cap. XL. 3 *Omnis vallis implebitur, & omnis mons, & collis humiliabitur. Lib. 1. Ser. 1. n. 27.*

17 *Omnes gentes quasi non sint, sic sunt coram eo. Lib. 2. Ser. 2. n. 77.*

Cap. XLV. 15 *Veré tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator. Lib. 1. Ser. 1. n. 23. & n. 38. & Ser. 2. n. 23. & lib. 3. Ser. 2. n. 8. & 41. & Ser. 3. n. 3.*

Cap. XLIX. 3 *Servus meus es tu Israel, quia in te gloriabor. Lib. 2. Ser. 4. n. 95. 98. 99. & 103.*

Cap. LIII. 6 *Posuit Dominus in eo iniquitatem omnium nostrum. Lib. 2. Ser. 4. n. 103.*

7 *Oblatus est, quia ipse voluit, & non aperies*

Index locorum.

- os suum. Lib. 2. Ser. 4. n. 100.*
Sicut ovis ad occisionem ducetur, & quasi
agnus coram tonsdente se obmutescet.
Lib. 1. Ser. 3. n. 29.
 8 *Generationem ejus quis enarrabit? Lib.*
3. Ser. 2. n. 9.
 12 *Cum sceleratis reputatus est. Lib. 2. Ser.*
4. n. 31.
 Cap. LXII. 11 *Ecce Salvator tuus venit: ecce merces*
ejus cum eo. Lib. 3. Ser. 4. n. 53.
 Cap. LXIII. 4 *Annus redemptionis mea venit. Lib. 3.*
Ser. 4. n. 40.

EX JEREMIA.

- Cap. I. 5 *Præquam te formare in utero, novi te. Lib. 3. Ser.*
3. n. 10.
 6 *A, a, a, Domine Deus: ecce nescio loqui, quia puer ego*
sum. Ibid. n. 9.
 7 *Noli dicere: Puer sum. Ibid.*
 8 *Ne timeas à facie eorum. Ibid.*
 10 *Ecce constitui te hodie super gentes, & super regna,*
ut evellas, & destruas, & disperdas, & dissipes,
& adifices, & plantes. Ibid.
 11 *Quid tu vides Jeremia? Ibid. n. 10.*
Virgam vigilantem ego video: Ibid.
 12 *Benè vidisti, quia vigilabo ego super verbo meo, ut*
faciam illud. Ibid.
 Cap. II. 20 *A saculo confregisti jugum meum, rupisti vincula*
mea, & dixisti: Non serviam. Lib. 2. Ser. 3. n. 62.
 Cap. VII. 23 *Ero vobis Deus, & vos eritis mihi populus. Lib. 1.*
Ser. 1. n. 4.
 Cap. XI. 19. *Mittamus lignum in panem ejus, & eradamus eum*
de terra viventium, & nomen ejus non memore-
tur amplius. Lib. 1. Ser. 3. n. 43. & 45. & lib. 2.
Ser. 1. n. 4. Cap.

Sacræ Scripturæ.

Cap. XXIII. 9 *Contritum est cor meum in medio mei, contremuerunt omnia ossa mea. Lib. 2. Ser. 1. n. 20.*

EX THRENIS JEREMIÆ.

C Ap. III. 30 *Saturabitur opprobrijs. Lib. 2. Ser. 1. n. 39.*
 Cap. IV. 4 *Parvuli petierunt panem, & non erat qui frangeret eis. Lib. 2. Ser. 1. per totum.*

EX EZECHIELE.

Cap. X. 10 *Quasi sit rota in medio rota. Lib. 1. Ser. 1. n. 39. & 40.*
 Cap. XIV. 4 *Homo homo de domo Israel. Lib. 1. Serm. 2. n. 70. & lib. 3. Ser. 1. n. 26.*
 Cap. XXVIII. 2 *Elevatum est cor tuum, & dixisti: Deus ego sum, & in cathedra Dei sedi in corde maris. Lib. 2. Ser. 3. n. 55.*
 Cap. XXXIV. 12 *Impietas impij non nocebit ei, in quacumq; die conversus fueris ab impietate sua. Lib. 2. Ser. 2. n. 139.*
 Cap. XXXIII. 2 *Vae pastoribus Israel, qui pascebant semetipsos. Nonne greges à pastoribus pascuntur? Lib. 2. Serm. 1. n. 91. & Ser. 2. n. 164.*
 3 *Lac comedebatis, & lanis operiebamini, & quod crassum erat occidebatis: gregem autem meum non pascebatis. Ibid.*

EX DANIELE.

C Ap. IV. 7 *Videbam, & ecce arbor in medio terra, & altitudo ejus nimis. Lib. 1. Ser. 1. n. 42.*
 9 *Ex ea vescebatur omnis caro. Lib. 3. Ser. 4. n. 9.*
 11 *Succidite arborem, & pracidite ramos ejus. Lib. 3.*

Index locorum

Lib. 1. Ser. 1. n. 42.

- 12 *Verumtamen germen radicum ejus in terra finite. Ibid. & lib. 3. Ser. 4. n. 9.*
- Cap. V. 16 *Si ergo vales scripturam legere, & interpretationem indicare mihi, purpura vestieris, & torquem auream circa collum tuum habebis, & tertius in regno meo princeps eris. Lib. 3. Ser. 4. n. 57.*
- 17 *Munera tua sint tibi, & dona domus tue alteri da. Scripturam autem legam tibi, Rex, & interpretationem ejus ostendam tibi. Ibid.*
- 25 *Mane, Thecel, Pharès. Ibid.*
- 27 *Appensus es in statera: & inventus es minus habens. Lib. 1. Ser. 1. n. 12.*
- 28 *Divisum est regnum tuum, & datum est Medis, & Persis. Lib. 1. Ser. 1. n. 12.*
- 29 *Indutus est Daniel purpura, & circumdata est torques aurea collo ejus: & pradicatum est de eo, quod haberet potestatem tertius in regno suo. Lib. 3. Ser. 4. n. 58.*
- Cap. X. 12 *Noli metuere Daniel. Lib. 3. Ser. 3. n. 5.*
- 19 *Noli timere vir desideriorum. Ibid.*

EX OSEA.

- Cap. XI. 4 *In funiculis Adam traham eos, in vinculis charitatis. Lib. 2. Ser. 3. n. 105.*
- Cap. XIII. 14 *De manu mortis liberabo eos, de morte redimam eos. Ero mors tua ò mors: morsus tuus ero inferne. Lib. 1. Ser. 2. n. 51. & lib. 2. Ser. 3. n. 94.*

Sacræ Scripturæ.

EX HABACUC.

CAP. III. 11. *Sol, & Luna steterunt in habitaculo suo, in luce sagittarum tuarum, ibunt in splendore fulgurantis hastæ tuæ. Lib. 1. Ser. 2. per totum.*

12. *In fremitu conculcabis terram, in furore obstupescies gentes. Lib. 1. Ser. 2. n. 7.*

13. *Egressus es in salutem populi tui, in salutem cum Christo tuo. Ibid.*

19. *Deus Dominus fortitudo mea: & ponet pedes meos quasi cervorum. Ibid. n. 8.*

Et super excelsam meam deducet me victor in psalmis canentem. Ibid.

EX AGGÆO.

CAP. II. 8. *Veniet desideratus cunctis Gentibus. Lib. 1. Ser. 4. n. 11. & lib. 3. Ser. 2. n. 41. & Ser. 3. n. 27.*

EX ZACHARIA.

CAP. II. 8. *Qui tetigerit vos, tangit pupillam oculi mei. Lib. 1. Serm. 1. n. 7.*

Cap. IX. 9. *Ecce Rex tuus veniet tibi justus, & salvator. Lib. 3. Ser. 4. n. 33.*

EX MALACHIA.

CAP. I. 3. *Dilexi Jacob, Esau autem odio habui. Lib. 1. Serm. 1. n. 7.*

Cap. III. 1. *Angelus Testamenti, quem vos vultis. Lib. 2. Ser. 2. n. 44.*

Cap.

Index locorum

Cap. IV. 2 *Orietur timentibus nomen meum Sol justitie.*
Lib. 2. Ser. 3. n. 3.

EX LIBRO I. MACHABÆORM

CAP. II. 17 *Princeps, & clarissimus, & magnus es. Lib.*
1. Ser. 2. n. 32.

Cap. XVI. 23 *Cetera sermonum Ioannis, & bellorum ejus,*
& bonarum virtutum, quibus fortiter
gessit, & edificij murorum, quos extru-
xit, & rerum gestarum ejus. Lib. 1. Ser.
2. n. 33.

24 *Eecce hac scripta sunt in libro dierum Sacer-*
dotij ejus, ex quo factus est Princeps post
patrem suum. Ibid.

NOVUM TESTAMENTUM

EX MATTHÆO.

Cap. I. 1 *Liber generationis Iesu Christi filij David, filij*
Abraham. Lib. 1. Ser. 1. n. 23. & Ser. 3. n.
14. & Ser. 4. n. 3. 4. 15. 17. & 29. Lib. 2.
Ser. 2. n. 75.

2 *Abraham genuit Isaac. Lib. 1. Ser. 4. n. 29.*

5 *Iesse autem genuit David Regem. Lib. 2. Ser.*
2. n. 75.

6 *David autem Rex genuit Salamonem. Ibid.*

11 *Iosias autem genuit Iechoniam in transmigra-*
tione Babylonis. Lib. 1. Ser. 4. n. 5. & 13.

15 *Mathan autem genuit Iacob. Lib. 1. Ser. 4. n. 26.*
27. 28. 42. & 45.

16 *Iacob autem genuit Ioseph virum Marie, de*
qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.
Lib. 1. Ser. 4. n. 20. 22. 28. & 29. & 45.

Sacrae Scripturae.

17 Omnes, itaq; generationes ab Abraham usque ad David, generationes quatuordecim; & à David usque ad trāsmigrationem Babylonis generationes quatuordecim : & à trāsmigratione Babylonis usque ad Christum generationes quatuordecim. Lib. 1. Ser. 3. n. 14. & Ser. 4. n. 5. & 14.

18 Cum esset desponsata mater ejus Maria Ioseph, antequam convenirent, inventa est in utero habens de Spiritu sancto. Lib. 3. Ser. 2. n. 18.

19 Ioseph autem cum esset justus. Lib. 1. Ser. 2. n. 29.

20 Ecce Angelus Domini apparuit in somnis ei, dicens: Ioseph Fili David, noli timere accipere Mariam conjugem tuam: quod enim in ea natum est, de Spiritu sancto est. Lib. 3. Ser. 2. & 3. per totum.

21 Pariet autem filium, & vocabis nomen ejus Iesum. Lib. 3. Ser. 2. n. 37.

Cap. II. 1 Ecce Magi ab Oriente venerunt Ierosolimam. Lib. 2. Ser. 1. n. 57.

2 Ubi est qui natus est Rex Iudeorum? Vidimus enim stellam ejus in Oriente, & venimus adorare eum. Lib. 2. Ser. 4. n. 3. & lib. 3. Ser. 2. n. 41. & Ser. 3. n. 24.

3 Audiens autem Herodes Rex, turbatus est, & omnis Ierosolima cum illo. Lib. 3. Ser. 2. n. 41. & Ser. 3. n. 24.

9 Et ecce stella, quam viderant in Oriente, antecedebat eos. Lib. 3. Ser. 3 n. 14.

11 Et intrantes domum, invenerunt puerum cum Maria matre ejus, & procidentes adoraverunt eum. Lib. 2. Ser. 1. n. 8. & n. 57.

13 Surge, & accipe puerum, & matrem ejus, & fuge

Index locorum

- fuge in Egyptū, & esto ibi usq; dum dica-
cam tibi. Futurum est enim, ut Herodes
quærat puerum ad perdendum eum. Lib.
3. Ser. 2. n. 41.*
- Cap. III. 9 *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare fi-
lios Abrahæ. Lib. 2. Ser. 4. n. 11.*
- Cap. IV. 21 *Vidit alios duos fratres, Iacobum Zebedæi, &
Ioannem fratrem ejus in navi cum Ze-
bedæo patre eorum & c. Lib. 1. Ser. 4. n. 40.*
- Cap. V. 17 *Non veni solvere, sed adimplere. Lib. 1. Ser.
4. n. 55.*
- Cap. VI. 10 *Adveniat regnum tuum. Lib. 1. Ser. 1. n. 61.*
24 *Nemo potest duobus Dominis servire: aut
enim unum odio habebit, & alterum dili-
get, aut unum sustinebit, & alterum con-
temnet. Lib. 2. Ser. 1. n. 94. & 95. & Ser.
4. n. 56.*
25 *Non potestis Deo servire, & mammonæ. Ideo
disco vobis, ne solliciti sitis anima vestre
quid manducetis, neque corpori vestro
quid induamini. Ibid.*
- Cap. VII. 6 *Nolite dare sanctū canibus, neq; mittatis mar-
garitas vestras ante porcos, ne fortè con-
culcent eas pedibus suis. Lib. 2. Ser. 2. n.
135. & 139.*
7 *Petite, & dabitur vobis. Lib. 3. Ser. 4. n. 62.*
18 *Non potest arbor bona, malos fructus facere:
neq; arbor mala bonos fructus facere. Lib.
2. Ser. 3. n. 104.*
19 *Omnis arbor, quæ non facit fructum bonum,
excidetur, & in ignem mittetur. Ibid.*
20 *Igitur ex fructibus eorum cognoscetis eos. Ibid.*
- Cap. VIII. 6 *Accessit ad eum Centurio rogans eum, & di-
cens: Domine puer meus jacet in domo pa-
raliticus, & male torquetur. Lib. 2. Ser. 2.
n. 219. & Ser. 4. n. 119.*

Sacrae Scripturae.

- 7 Ego veniam, & curabo eum. Ibid. & n. 124.
& 125.
- 8 Domine non sum dignus, ut intres sub tectum
meum. Lib. 2. Ser. 4. n. 123. & 124.
- 12 Filij autem Regni ejicientur in tenebras exteri-
ores. Lib. 1. Ser. 1. n. 27. lib. 2. Ser. 4. n. 95.
- Cap. IX. 37 Messis quidem multa, operarij autem pauci:
Lib. 3. Ser. 1. n. 87.
- 38 Rogate ergo dominum messis, ut mittat operarios
in messem suam. Ibid.
- Cap. X. 3 Iacobus Alphai, & Thaddaeus. Lib. 1. Ser. 4.
n. 52.
- Cap. XI. 12 A diebus autem Ioannis Baptista usq; nunc, re-
gnum Calorum vim patitur, & violenti
rapiunt illud. Lib. 1. Ser. 1. n. 61. & 62.
- 13 Propheta, & lex, usq; ad Ioannem. Lib. 1. Ser. 1.
n. 29.
Ipse est Elias, qui venturus est. Ibid. & n. 31.
- 25 Abscondisti haec à sapientibus, & prudentibus,
& revelasti ea parvulis. Lib. 2. Ser. 4. 82.
- Cap. XII. 40 Sicut enim fuit Ionas in ventre cati tribus die-
bus, & tribus noctibus; sic erit Filius ho-
minis in corde terra. Lib. 1. Ser. 3. n. 7.
- Cap. XIII. 55 Nonne mater ejus dicitur Maria, & fratres
ejus Iacobus, & Ioseph, & Simon, & Iu-
das? Et sorores ejus nonne omnes apud
nos sunt? Lib. 1. Ser. 4. n. 50.
- Cap. XV. 2 Quare discipuli tui transgrediuntur traditio-
nes seniorum? Non enim lavant manus
suas, cum panem manducant. Lib. 2. Ser.
1. n. 6. & Ser. 2. n. 64.
- 8 Populus hic labijs me honorat: cor autem ecrũ
longè est à me. Lib. 1. Ser. 3. n. 79.
- 20 Non lotis manibus manducare, non coinquinat
hominem. Lib. 2. Ser. 2. n. 68.

Index locorum

- 26** Nō est bonū sumere panem filiorum & mittere
canibus. *Lib. 2. Ser. 2. n. 54. & 135. & 142.*
- 30** Accesserūt ad eum turba multa habentes secū
mutos, cecos, claudos, debiles, & alios mul-
tos, & projecerunt eos ad pedes ejus, & cu-
ravit *eos. Lib. 2. Ser. 3. n. 87.*
- Cap. XVI.** **17** Beatus es Simon Bar-Iona. *Lib. 2. Ser. 2. n. 212.*
- 18** Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo
ecclesiam meam, & porta inferi non præ-
valcunt adversus eam. *Lib. 1. Ser. 3. n. 55. & 57. & lib. 2. Ser. 1. n. 87. & Ser. 2. n. 212.*
- 19** Et tibi dabo Claves Regni Cælorum. *Ibid. & Lib. 3. Ser. 3. n. 58.*
Et quodcumque ligaveris super terrā, erit li-
gatum & in cælis: Et quodcumque solve-
ris super terram, erit solutum & in cælis.
Ibid.
- 22** Absit à te Domine: non erit tibi hoc. *Lib. 2. Ser. 2. n. 212.*
- 23** Vade post me Satana, scandalum es mihi: quia
non sapis *ea, quæ Dei sunt*, sed ea quæ ho-
minum. *Ibid.*
- 26** Quid enim prodest homini, si mūdum univer-
sum lucretur, anima verò sua detrimen-
tum patiatur? *Lib. 3. Ser. 4. n. 63.*
- Cap. XVII.** **3** Apparuerunt illis Moyses, & Elias. *Lib. 1. Ser. 1. n. 25.*
- 5** Hic est filius meus dilectus, in quo mihi benè cō-
placui, ipsum audite. *Ibid. n. 26. & lib. 2. Ser. 1. n. 61. & Ser. 4. n. 96.*
- 9** Præcepit eis *Iesus*, dicens: Nemini dixeritis
visionem, donec Filius hominis à mor-
tuis resurgat. *Lib. 1. Ser. 1. n. 22.*
- Cap. XVIII.** **3** Nisi conversi fueritis, & efficiamini sicut par-
vuli

Sacræ Scripturæ.

vult, non intrabitis in Regnum celorum.
Lib. 2. Ser. 4. n. 73.

15 Si peccaverit in te frater tuus, vade, & corripue
eum inter te, & ipsum solum. Lib. 2. Ser.
2. n. 95.

22 Non dico tibi usque septies, sed usque septuagies se-
pties. Lib. 2. Ser. 1. n. 88.

Cap. XIX. 28 Sedebitis & vos super sedes duodecim iudicantes
duodecim tribus. Lib. 1. Ser. 1. n. 27.

29 Qui reliquerit domum &c. centuplum acci-
piet. Ibid.

Cap. XX. 16 Multi enim sunt vocati, pauci vero electi Lib.
3. Ser. 4. n. 62.

28 Filius hominis non venit ministrari, sed mi-
nistrare. Lib. 3. Ser. 4. n. 33.

Cap. XXII. 12 Amice, quomodo huc intrasti non habens ves-
tem nuptialem? Lib. 2. Ser. 2. n. 68. & 69.

13 Missite eum in tenebras exteriores: Ibieris
fletus, & stridor dentium. Ibid.

37 Diliges Dominum tuum ex toto corde tuo,
& in tota anima tua, & in tota mente tua.
Lib. 2. Ser. 1. n. 90.

39 Diliges proximum tuum, sicut te ipsum. Ibid.

40 In his duobus mandatis universa lex pendet,
& Prophetæ. Ibid.

Cap. XXIII. 4 Alligant onera gravia, & importabilia, & im-
ponunt in humeros hominum: digito autem
suo nolunt ea movere. Lib. 2. Ser. 2. n. 204.

35 Ut veniat super vos omnis sanguis iustus, qui
effusus est super terram, à sanguine Abel
iusti. Lib. 1. Ser. 2. n. 19.

Cap. XXV. 34 Venite benedicti Patris mei, possidete paratū
vobis regnum à constitutione mundi. Lib.
2. Ser. 1. n. 110. 112. & 114 & lib. 3. Ser. 4.
n. 42.

Index locorum

- 36 *In carcere eram, & venistis ad me. Lib. 2. Ser. 1. n. 110.*
- 41 *Discedite à me maledicti in ignem aeternum, qui paratus est diabolo, & angelis ejus. Ibid. & lib. 3. Ser. 4. n. 42.*
- 43 *Et in carcere, & non vifitastis me. Lib. 2. Ser. 1. n. 110. 112. & 114.*
- 44 *Quando te vidimus esurientem & c. aut in carcere? Ibid. n. 110.*
- Cap. XXVI.** 17 *Prima autem die azimorum accesserunt Discipuli ad Iesum, dicentes: ubi vis paremus tibi comedere Pascha? Lib. 2. Ser. 4. n. 84.*
- 18 *Ite in civitatem ad quemdam. Lib. 2. Ser. 1. n. 80.*
- 26 *Accipite, & comedite: Hoc est Corpus meum. Lib. 2. Ser. 1. n. 39. & Ser. 2. n. 19.*
- 27 *Bibite ex hoc omnes: Hic est sanguis meus. Lib. 2. Ser. 1. n. 39.*
- 31 *Omnes vos scandalum patiemini in me in ista nocte: Scriptum est enim: Percutiam pastorem, & dispergentur oves gregis. Lib. 2. Ser. 1. n. 40.*
- 35 *Etiam si oportuerit me mori tecum, non te negabo. Lib. 2. Ser. 1. n. 40. & lib. 3. Ser. 1. n. 18. & Ser. 4. n. 49.*
- 46 *Surgite eamus: ecce appropinquavit qui me tradet. Lib. 2. Ser. 3. n. 40. & Ser. 4. n. 3.*
- 51 *Exemit gladium suum, & percutiens servum Principis sacerdotum, amputavit auriculam ejus. Lib. 3. Ser. 1. n. 18.*
- 52 *Converte gladium tuum in locum suum: Omnes enim qui acceperint gladium, gladio peribunt. Lib. 1. Ser. 1. n. 58.*
- 56 *Omnes, relicto eo, fugerunt. Lib. 2. Ser. 1. n. 40.*
- Cap. XXVII.** 52 *Velum templi scissum est in duas partes, à summo*

Sacræ Scripturæ.

summo usq; deorsum. Lib. 1. Ser. 1. n. 5.

52 *Multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt. Lib. 1. Ser. 3. n. 39.*

54 *Verè Filius Dei erat iste. Lib. 3. Ser. 2. n. 8.*

55 *Inter quas erat Maria Magdalene, & Maria Iacobi, & Ioseph mater, & mater filiorum Zebedæi. Lib. 1. Ser. 4. n. 40.*

Cap. XXVIII 8 *Data est mihi omnis potestas in calo, & in terra. Lib. 1. Ser. 1. n. 23. & Ser. 3. n. 30. 31. 44. & 50. & lib. 2. Ser. 4. n. 88. & lib. 3. Ser. 2. n. 8. 11. & 16. & Ser. 4. n. 13.*

19 *Docete omnes gentes, baptizantes eos. Lib. 2. Ser. 1. n. 21, & 88. & Ser. 2. n. 87.*

20 *Et ecce ego vobiscum sum omnibus diebus, usq; ad consumationem sæculi. Lib. 1. Ser. 3. n. 56. & 57. & lib. 3. Ser. 1. n. 8.*

EX MARCO.

Cap. III. 17 *Et imposuit Simoni nomen Petrus. Lib. 2. Ser. 1. n. 87.*

Cap. VII. 27 *Sine prius saturari filijs: Non est enim bonum sumere panem filiorum, & mittere canibus. Lib. 2. Ser. 2. n. 135.*

Cap. VIII. 2 *Misereor super turbam, quia ecce jam tri-duo sustinent me, nec habent quod manducant: & si dimisero eos jejunos in domum suam, deficient in via. Lib. 2. Serm. 3. per totum.*

24 *Videbo homines velut arbores ambulantes. Lib. 2. Ser. 3. n. 93.*

Cap. IX. 2 *Vestimenta ejus facta sunt splendentia. Lib. 1. Ser. 1. n. 24.*

5 Non

Index locorum

- 5 *Non enim sciebat, quid diceret. Ibid*
 Cap. XIV. 13 *Occurreret vobis homo lagenam aquae bajulās. Lib. 2. Ser. 1. n. 80.*
 Cap. XV. 40 *Erant autem & mulieres à longè aspicientes, inter quas erat Maria Magdalene, & Maria Iacobi Minoris, & Ioseph mater, & Salomè. Lib. 1. Ser. 4. n. 40.*
 Cap. XVI. 7 *Dicite Discipulis ejus, & Petro. Lib. 3. Ser. 1. n. 54.*
 15 *Pradicate Evangelium Omni creaturae. Lib. 3. Ser. 1. n. 6.*

EX LUCA.

- C**AP. I. 5 *Et uxor illius de filiabus Aaron, & nomen ejus Elizabeth. Lib. 1. Ser. 4. n. 43.*
 13 *Ne timeas Zacharia, quoniam exaudita est deprecatio tua: & uxor tua Elizabeth pariet tibi filium, & vocabis nomen ejus Iohannem. Lib. 1. Ser. 1. n. 29. & lib. 3. Ser. 2. n. 37.*
 15 *Erit enim magnus coram Domino. Lib. 1. Ser. 2. n. 33.*
 20 *Et ecce eris tacens, & non poteris loqui, usque in diem, quo hac fiant. Lib. 1. Ser. 1. n. 29.*
 24 *Occultabat se mensibus quinque. Lib. 1. Ser. 1. n. 30.*
 25 *Sic fecit mihi Dominus in diebus, quibus respexit auferre opprobrium meum inter homines. Ibid.*
 30 *Ne timeas Maria: invenisti enim gratiam apud Deum. Lib. 3. Ser. 3. n. 5.*
 32 *Hic erit magnus, & Filius Altissimi vocabitur: & dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus, & regnabit in domo Iacob.*

Sacræ Scripturæ.

Jacob. Lib. 1. Ser. 2. n. 39.

- 34 *Quomodo fiet istud? Lib. 2. Ser. 4. n. 4. & 5.*
- 35 *Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus
Altissimi obumbrabit tibi. Ideoque &
quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur
Filius Dei. Lib. 2. Ser. 4. n. 91.*
- 36 *Et ecce Elizabeth cognata tua. Lib. 1. Ser. 4.
n. 43.*
- 37 *Non erit impossibile apud Deum omne verbū,
Lib. 2. Ser. 4. n. 5.*
- 38 *Ecce Ancilla Domini, fiat mihi secundū ver-
bum tuum. Lib. 2. Ser. 4. n. 7. & 91. & 94.*
- 39 *Exurgens Maria abiit in montana cum festi-
natione, in civitatem Iudæ. Lib. 1. Ser. 2. n.
28. & 31.*
- 40 *Et intravit in domum Zacharia, & saluta-
vit Elizabeth. Ibid.*
- 44 *Exultavit in gaudio infās in utero. Ibid. n. 31.*
- 53 *Esurientes implevit bonis, & divites dimisit
inanes. Lib. 2. Ser. 4. n. 32.*
- 57 *Elizabeth autem impletum est tempus pari-
endi, & peperit filium. Lib. 3. Ser. 2. n. 39.*
- 59 *Et vocabant eum nomine patris sui Zachari-
am. Ibid.*
- 60 *Et respondens mater ejus, dixit, nequaquam,
sed vocabitur Ioannes. Ibid.*
- 62 *Innuebant autem patri ejus, quem vellet vo-
cari eum. Ibid.*
- 63 *Et postulans pugillarem scripsit, dicens: Ioan-
nes est nomen ejus. Ibid.*
- 64 *Et mirati sunt universi. Ibid.*
- 65 *Et factus est timor super omnes vicinos eorū.
Ibid.*
- 66 *Quis putas, puer iste erit? Lib. 1. Ser. 1. n. 29,
& lib. 3. Ser. 2. n. 39.*

Index Locorum.

- Etenim manus Domini erat cum illo. Lib. 1. Ser. 1. n. 29. & 51. 52. & lib. 3. Ser. 2. n. 39.*
- 68 *Benedictus Dominus Deus Israel, quia visita- vit, & fecit redemptionem plebis suae. Lib. 3. Ser. 2. n. 39.*
- Cap. II. 7 *Reclinavit eum in praesepio. Lib. 2. Ser. 1. n. 8. & Ser. 4. n. 128. & lib. 3. Ser. 2. n. 8.*
- 8 *Pastores erant in regione eadem vigilantes, & custodientes vigilias noctis super gregem suum. Lib. 2. Ser. 2. n. 102.*
- 9 *Et ecce Angelus Domini stetit juxta illos. Ibid.*
- 10 *Ecce enim evangelizo vobis gaudium magnū, quod erit omni populo. Lib. 3. Ser. 2. n. 41.*
- 11 *Quia natus est vobis hodie Salvator, qui est Christus Dominus. Ibid.*
- 12 *Invenietis infantem pannis involutum. Lib. 3. Ser. 2. n. 8.*
- 16 *Invenērunt Mariam, & Ioseph, & infantem positum in praesepio. Lib. 2. Ser. 1. n. 8.*
- 21 *Ut circumcideretur puer: vocatum est nomen ejus Iesus. Lib. 3. Serm. 4. per totum.*
- 25 *Homo erat in Hierusalem, cui nomen Simeon, & homo iste justus, & timoratus, &c. Spi- ritus Sanctus erat in eo. Lib. 1. Ser. 2. n. 29.*
- 49 *Nesciebatis, quia in his quae Patris mei sunt, oportet me esse? Lib. 2. Ser. 4. n. 102.*
- 51 *Erat subditus illis. Lib. 3. Ser. 4. n. 48.*
- Cap. III. 5 *Omnis vallis implebitur: & omnis mons, & collis humiliabitur. Lib. 1. Ser. 1. n. 27.*
- 23 *Et ipse Iesus, &c. putabatur filius Ioseph, qui fuit Heli, qui fuit Mathat. Lib. 1. Ser. 4. n. 20. 23. 26. & 29.*
- Cap. IV. 18 *Evangelizare pauperibus misit me. Lib. 2. Ser. 4. n. 40.*

Sacræ Scripturæ.

4. n. 40.

23 *Quanta audivimus facta in Capharnaum,
fac & hic in patria tua* Lib. 2. Ser. 1. n. 33.

24 *Nemo propheta acceptus est in patria sua.* Lib.
2. Ser. 1. n. 32.

29 *Duxerunt illum usq; ad supercilium montis,
ut precipitarent eum.* Lib. 2. Ser. 4. n. 101.

30 *Ipse autem transiens, per medium illorum ibat.*
Ibid.

Cap. VII. 3 *Misit ad eum seniores Iudæorum, rogans eum,
ut veniret, & salvaret servum ejus.* Lib.
2. Ser. 4. n. 119.

4 *Dignus est, ut hoc illi præstes.* Ibid. n. 123. &
124.

12 *Ecce defunctus efferebatur filius unicus matri
sue: & hac vidua erat.* Lib. 1. Ser. 3. n. 22.

14 *Adolescens, tibi dico, surge.* Ibid. n. 21. & 22.

15 *Et resedit, qui erat mortuus, & cepit loqui:
Et dedit illum matri sue.* Ibid. n. 22.

Cap. IX. 31 *Dicebant excessum ejus, quem completurus
erat in Ierusalem.* Lib. 1. Ser. 1. n. 23.

Cap. XI. 21 *Cum fortis armatus custodit atrium suum, in
pace sunt ea, quæ possidet.* Lib. 3. Ser. 3.
n. 8.

Cap. XIII. 3 *Nisi penitentiam habueritis, omnes similiter
peribitis.* Lib. 2. Ser. 1. n. 85. & Ser. 2. n. 14.

Cap. XIV. 15 *Beatus, qui manducabit panem in regno Dei.*
Lib. 3. Ser. 1. n. 40.

16 *Homo quidam fecit cenam magnam, & voca-
vit multos.* Lib. 2. Ser. 2. n. 36. & Ser. 4. n. 58.

17 *Misit servum suum hora cena dicere invita-
tis, ut venirent.* Lib. 2. Ser. 2. n. 72.

21 *Exi citò in plateas, & vicos civitatis: & pau-
peres, ac debiles, & cæcos, & claudos intro-
duc huc.* Lib. 2. Ser. 2. n. 72. & 83.

Index locorum

- 23 *Exi in vias, & sepes: & cōpelle intrare, ut impleatur domus mea. Ibid. n. 73. & 83.*
- 24 *Dico autem vobis, quod nemo virorum illorū, qui vocati sunt, gustabit cenam meam. Lib. 2. Ser. 2. n. 36. & 72. & Ser. 4. n. 59.*
- Cap. XV. 13 *Peregrē profectus est in regionem longinquam, & ibi dissipavit substantiam suam, vivendo luxuriose. Lib. 2. Ser. 2. n. 41. & Ser. 4. n. 115.*
- 17 *Quanti mercenarij in domo Patris mei abundāt panibus, ego autem hic fame pereō. Lib. 2. Ser. 2. n. 41. & Ser. 4. n. 113.*
- 18 *Surgam, & ibo ad Patrem meum. Lib. 2. Ser. 2. n. 41.*
- 19 *Pater, peccavi in calum, & coram te: jam non sum dignus vocari filius tuus: fac me sicut unum de mercenarijs tuis. Ibid. n. 42. & lib. 2. Ser. 4. n. 113.*
- 20 *Cecidit super collum ejus, & osculatus est eum. Lib. 2. Ser. 2. n. 43.*
- 22 *Citō proferte stolam primam, & induite illum, & date annulum in manu ejus: & adducite vitulum saginatum, & occidite; &c. Ibid. & lib. 2. Ser. 4. n. 32.*
- 24 *Quia hic filius meus mortuus erat, & revixit. Lib. 2. Ser. 2. n. 45.*
- Cap. XVI. 19 *Induebatur purpura, & bysso, & epulabatur quotidie splendide. Lib. 2. Ser. 2. n. 248.*
- 20 *Erat quidam mendicus, nomine Lazarus, qui jacebat ad januam ejus, ulceribus plenus, cupiens saturari de micis, quæ cadebant de mensa divitis, & nemo illi dabat. Ibid.*
- 22 *Factum est autem, ut moreretur mendicus, & portaretur ab Angelis in sinum Abrahae. Mortuus est autem & dives, & sepultus est in inferno. Ibid. n. 249.*

24 Pater

Sacra Scriptura.

24 *Pater Abraham, mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma. Ibid.*

25 *Quia recepisti bona in vita tua, & Lazarus similiter & mala: nunc autem hic consolatur, tu vero cruciaris. Ibid. n. 250.*

Cap. XIX. 3 *Quarebat videre Iesum, quis esset, & non poterat prae turba, quia statura pusillus erat. Lib. 2. Ser. 4. n. 79.*

4 *Pracurrens ascendit in arborem sycomorum, ut videret eum. Ibid. n. 80.*

5 *Suspiciens Iesus vidit illum. Ibid. n. 82. Zachae festinans descende, quia hodie in domo tua oportet me manere. Ibid. n. 81.*

7 *Et cum viderent omnes, murmurabant, dicentes, quod ad hominem peccatorem divertisset. Lib. 2. Ser. 4. n. 77.*

8 *Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus. Ibid.*

9 *Hodie salus domui huic facta est. Ibid.*

Cap. XXI. 33 *Calum, & terra transibunt: verba autem mea non transibunt. Lib. 3. Ser. 2. n. 30.*

Cap. XXII. 11 *Dicetis Patrifamilias domus. Lib. 2. Ser. 1. n. 80.*

12 *Ostendet vobis canaculum magnum stratum. Ibid.*

15 *Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum, antequam patiar. Lib. 2. Ser. 1. n. 6. & 38.*

19 *Et accepto pane gratias egit, & fregit, & dedit eis, dicens: Hoc est corpus meum. Ibid. n. 6. Hoc facite in meam commemorationem. Ibid. Lib. 2. Ser. 1. n. 62. & 88. & Ser. 2. n. 24. 25. & 31.*

Index locorum

- 20 *Hic est calix novum testamentum in sanguine meo, qui pro vobis fundetur. Lib. 2. Ser. 2. n. 52.*
- 27 *Ego autem in medio vestrum sum, sicut qui ministrat. Lib. 3. Ser. 4. n. 33.*
- 21 *Verumtamen ecce manus tradentis me, mecum est in mensa. Lib. 2. Ser. 2. n. 52.*
- 32 *Ego autem rogavi pro te, ut non deficiat fides tua: & tu aliquando conversus confirma fratres tuos. Lib. 1. Ser. 3. n. 56. & 57. & lib. 2. Ser. 1. n. 40.*
- 36 *Qui non habet, vendat tunicam suam, & emat gladium. Lib. 1. Ser. 1. n. 59.*
- 38 *Domine, ecce duo gladij hic. Ibid.*
- 42 *Pater, si vis, transfer calicem istum à me. Verumtamen non mea voluntas, sed tua fiat. Lib. 2. Ser. 3. n. 39. 43. & 44.*
- 43 *Apparuit autem illi Angelus de calo confortans eum. Et factus in agonia, prolixius orabat. Ibid. n. 45.*
- 44 *Et factus est sudor ejus sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram. Ibid.*
- 51 *Cum tetigisset auriculam ejus, sanavit eum. Lib. 3. Ser. 4. n. 26.*
- 53 *Hæc est hora vestra, & potestas tenebrarum. Lib. 1. Ser. 3. n. 50. & lib. 2. Ser. 4. n. 94.*
- Cap. XXIII. 43 *Hodie meumeris in paradiso. Lib. 1. Ser. 1. n. 11. & lib. 3. Ser. 4. n. 41.*
- 46 *Pater, in manus tuas commendo Spiritum meum. Lib. 2. Ser. 3. n. 97.*
- Cap. XXIV. 16 *Oculi autem illorum tenebatur, ne eum agnoscerent. Lib. 2. Ser. 1. n. 9. & Ser. 2. n. 130. & 133.*
- 21 *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel: Et nunc super hæc omnia,*
tertia

Sacræ Scripturæ.

tertia dies est hodie, quod hæc facta sunt.

Lib. 2. Ser. 1. n. 40. & Ser. 2. n. 130. & lib.

3. Ser. 1. n. 40. & 41.

22 *Sed & mulieres quædam ex nostris terruerunt nos. Lib. 2. Ser. 2. n. 130.*

23 *Dicentes, se etiam visionem Angelorum vidisse, qui dicunt eum vivere. Ibid.*

25 *O stulti, & tardi corde ad credendum in omnibus, quæ locuti sunt Propheta. Ibid.*

26 *Oportuit pati Christum, & ita intrare in gloriam suam. Lib. 3. Ser. 4. n. 62.*

30 *Accepit panem, & benedixit, ac fregit, & porrigebat illis. Lib. 2. Ser. 2. n. 132.*

31 *Et aperti sunt oculi eorum, & cognoverunt eum. Ibid.*

34 *Surrexit Dominus verè, & apparuit Simoni. Lib. 2. Ser. 1. n. 49. & Ser. 2. n. 132.*

EX JOANNE.

CAP. I. 10. *Mundus eum non cognovit. Lib. 2. Ser. 4. n. 35.*

11. *Sui eum non receperunt. Lib. 2. Ser. 1. n. 33.*

12 *Dedit eis potestatem filios Dei fieri, his, qui credunt in nomine ejus. Lib. 2. Ser. 2. n. 141.*

13 *Qui non ex sanguinibus, neque ex voluntate carnis, neque ex voluntate viri, sed ex Deo nati sunt. Ibid.*

14 *Verbum caro factum est. Lib. 1. Ser. 3. n. 74.*

18 *Deum nemo vidit unquam. Lib. 1. Ser. 2. n. 23.*

42 *Tu es Simon filius Iona: tu vocaberis Cephæ, quod interpretatur Petrus. Lib. 2. Ser. 1. n. 87. & lib. 3. Ser. 3. n. 58.*

Cap. II. 3 *Vinum non habent. Lib. 1. Ser. 2. n. 54.*

4 *Nondum venit hora mea. Ibid.*

7 *Implete hydrias aqua. Ibid. & 55.*

9 *Ut autem gustavit Architriclinus aquam vinum factam. Ibid. n. 54.*

Cap. III.

Index locorum

- Cap. III** 5 *Nisi quis renatus fuerit ex aqua, & Spiritu Sancto, non potest introire in regnum Dei. Lib. 2. Ser. 1. n. 85. & Ser. 2. n. 13. & 18.*
 13 *Nemo ascendit in calum, nisi qui descendit de calo. Lib. 2. Ser. 3. n. 106.*
 17 *Non enim misit Deus filium suum in mūdum, ut judicet mundum, sed ut salvetur mundus per ipsum. Lib. 3. Ser. 4. n. 7. & 41.*
- Cap. IV.** 46 *Erat quidam regulus, cujus filius infirmabatur Carpharnaum. Lib. 2. Ser. 2. fol. 219.*
 47 *Rogabat eum, ut descenderet, & sanaret filium ejus: incipiebat enim mori. Ibid.*
 49 *Dicit ad eum regulus: Domine, descende, priusquā moriatur filius meus. Ibid.*
- Cap. V.** 5 *Erat autem quidam homo ibi, triginta & octo annos habens in infirmitate sua. Lib. 3. Ser. 1. n. 27. 28. & 29.*
 7 *Hominem non habeo. Ibid.*
- Cap. VI** 5 *Cū sublevasset oculos Iesus, & vidisset, quia multitudo maxima venit ad eum. Lib. 3. Ser. 3. n. 6.*
 6 *Dixit ad Philippum &c. tentans eum. Ibid. & n. 23.*
 9 *Est puer unus hic. Lib. 3. Ser. 3. per totum.*
 11 *Accepit ergo Iesus panes. Lib. 3. Ser. 3. n. 6.*
 15 *Cū cognovisset, quia venturi essent, ut raperent eum, & facerent eum regem. Ibid. & n. 40.*
 41 *Ego sum panis vivus, qui de calo descendi. Lib. 2. Ser. 3. n. 13.*
 49 *Patres vestri manducaverunt manna in deserto, & mortui sunt. Lib. 2. Ser. 2. n. 1.*
 50 *Hic est panis de calo descendens. Lib. 2. Ser. 4. n. 9.*
 51 *Ego sum panis vivus, qui de Calo descendi. Lib.*

Sacræ Scripturæ.

Lib. 1. Ser. 2. n. 20. lib. 2. Ser. 2. n. 1. & Ser. 4. n. 88.

52 *Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum. Lib. 2. Ser. 2. n. 1.*

53 *Litigabant ergo Iudæi ad invicem dicentes: Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum? Lib. 2. Ser. 2. n. 2. & 5. & Ser. 4. n. 11.*

54 *Nisi manducaveritis carnem filij hominis, & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis. Lib. 2. Ser. 1. n. 54. & 85. & Ser. 2. per totum. & lib. 3. Ser. 1. n. 66.*

55 *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, habet vitam æternam: & ego resuscitabo eum in novissimo die. Lib. 2. Ser. 3. n. 99.*

57 *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo. Lib. 2. Ser. 1. n. 80. & 108. & Ser. 2. n. 124. & Ser. 3. n. 83. & 105.*

58 *Qui manducat me, & ipse vivet propter me. Lib. 2. Ser. 2. n. 19. & 108.*

59 *Hic est panis, qui de calo descendit. Lib. 2. Ser. 4. per totum.*

Qui manducat hunc panem, vivet in æternū. Lib. 1. Ser. 2. n. 52.

61 *Durus est hic sermo, & quis potest eum audire? Lib. 2. Ser. 2. n. 2. & Ser. 4. n. 11.*

Cap. VII. 16 *Mea doctrina non est mea, sed ejus, qui misit me. Lib. 2. Ser. 1. n. 5.*

59 *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum: Jesus autem abscondit se, & exivit de Templo. Lib. 2. Ser. 1. n. 60.*

Cap. X. 9 *Ego sum ostium. Per me si quis introierit, salvabitur. Lib. 2. Ser. 3. n. 102.*

f 14 *Cognosce*

Index locorum

- 14 *Cognosco meas, & cognoscunt me mea. Lib. 2. Ser. 4. n. 35.*
- 16 *Fiet unum ovile, & unus Pastor. Lib. 1. Ser. 3. n. 56. & 57.*
- Cap. XI.** 47 *Collegerunt Pontifices, & Pharisei concilium. Lib. 1. Ser. 3. n. 42.*
- 48 *Veniunt Romani, & tollent nostrum locum, & gentem. Ibid. & lib. 3. Ser. 1. n. 33.*
- 50 *Expedit vobis, ut unus moriatur homo pro populo, & non tota gens pereat. Lib. 1. Ser. 3. n. 42.*
- Cap. XII.** 19 *Ecce mundus totus post eum abiit. Ibid.*
- 31 *Nunc judicium est mundi; nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras. Lib. 1. Ser. 1. n. 58. & Ser. 2. n. 53. & Ser. 3. n. 44. & n. 74. & lib. 3. Ser. 2. n. 7.*
- 32 *Si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad me ipsum. Lib. 1. Ser. 1. n. 23. & Ser. 2. n. 55. & lib. 3. Ser. 2. n. 16.*
- Cap. XIII.** 1 *Ante diem festum Pascha. Lib. 1. Ser. 2. n. 52.*
Sciens Iesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos. Lib. 2. Ser. 1. n. 106. & Ser. 2. n. 242. & Ser. 3. n. 38.
- 5 *Capit lavare pedes discipulorum. Lib. 2. Ser. 2. n. 64.*
- 10 *Et vos mundi estis, sed non omnes. Ibid. n. 59.*
- 11 *Sciebat enim, quisnam esset, qui traderet eum: propterea dixit: Non estis mundi omnes. Ibid.*
- 21 *Unus ex vobis tradet me. Lib. 2. Ser. 2. n. 58.*
- 22 *Aspiciebant ergo ad invicem discipuli, hesitante, s, de quo diceret. Ibid.*
Unus ex discipulis ejus &c. quem diligebat
23
Iesus,

Sacræ Scripturæ.

Iesus. Lib. 1. Ser. 1. n. 52.

26 *Ille est, cui ego intinctum panem perrexi.*
Lib. 2. Ser. 2. n. 58.

Et cum intinxisset panem, dedit Iudæ Simonis Is-
cariotæ. Lib. 2. Ser. 2. n. 51. & 52.

Cap. XIV. 6 *Ego sum via, & veritas, & vita. Lib. 2. Ser. 1.*
n. 72. & Ser. 3. n. 13.

12 *Amen, amen dico vobis, qui credit in me, opera*
quæ ego facio, & ipse faciet, & maiora ho-
rum faciet. Lib. 2. Ser. 4. n. 1.

Cap. XVII. 10 *Percussit Pontificis servum & alscidit auri-*
culam ejus dexteram. Lib. 3. Ser. 4. n. 27.
& 31.

Erat autem nomen servo Malchus. Lib. 3. Ser.
4. n. 27. & 29.

30 *Si non esset hic malefactor, non tibi tradidisse-*
mus eum. Lib. 2. Ser. 4. n. 94.

36 *Regnum meum non est de hoc mundo. Lib. 3.*
Ser. 4. n. 48.

Cap. XIX. 15 *Non habemus Regem, nisi Cæsarem. Lib. 1. Ser.*
3. n. 42. & 44. & Lib. 3. Ser. 1. n. 33.

17 *Bajulans sibi crucem, exivit in eum, qui dici-*
tur Calvaria, locum. Lib. 2. Ser. 4. n. 101.

19 *Iesus Nazarenus, Rex Iudæorum, Lib. 3. Ser.*
2. n. 8. & 16. & Ser. 3. n. 51.

20 *Et erat scriptum Hebraicè, Græcè, & Latine.*
Ibid.

24 *Partiti sunt vestimenta mea sibi: & in vestem*
meam miserunt sortē. Lib. 3. Ser. 4. n. 33.

25 *Soror Matris ejus Maria Cleopha. Lib. 1. Ser.*
4. n. 50.

30 *Et inclinato capite tradidit spiritum. Lib. 2.*
Ser. 3. n. 97.

34 *Unus militum lancea latus ejus aperuit, & cō-*
tinuò exivit sanguis, & aqua. Lib. 2. Ser.

Sacra Scriptura.

3. n. 102.

- Cap. XX.** 24 *Thomas autem non erat cum eis quando venit Iesus. Lib. 3. Ser. 1. per totum.*
- 25 *Dixerunt ergo ei alij discipuli: Vidimus Dominum. Ibid. per totum.*
Nisi videro in manibus ejus fixuram clavorum, & mittam digitum meum in locum clavorum, & mittam manum meam in latus ejus, non credam. Lib. 2. Ser. 1. n. 40.
- 27 *Vide manus meas, & affer manum tuam, & mitte in latus meum. Lib. 3. Ser. 1. n. 54. & 56.*
Et noli esse incredulus, sed fidelis. Lib. 3. Ser. 1. n. 58.
- Cap. XXI.** 15 *Simon Ioannis diligis me plus his? Dicit ei: Etiam Domine, tu scis quia amo te. Dicit ei: Pasce agnos meos. Lib. 2. Ser. 1. n. 87.*
- 17 *Simon Ioannis, amas me &c. Pasce oves meas. Lib. 1. Ser. 3. n. 55. & 57. & lib. 2. Ser. 1. n. 87. & 89.*
- 22 *Sic cum volo manere, donec veniam, quid ad te? Tu me sequere. Lib. 1. Ser. 4. n. 47.*

EX ACTIBUS APOSTOLORUM.

- CAP. I.** 3 *Per dies quadraginta apparens eis, & loquens d. Regno Dei. Lib. 3. Ser. 2. n. 28.*
- 23 *Statuerunt duos, Ioseph, qui vocabatur Barabas, qui cognominatus est justus, & Mathiam. Lib. 3. Ser. 3. n. 59. & 60.*
- Cap. II.** 42 *Erant autem perseverantes in doctrina Apostolorum, & communicatione fractionis panis. Lib. 2. Ser. 2. n. 125.*
- Cap. IV.** 36 *Ioseph autem, qui cognominatus est Barsabas*
ab

Sacræ Scripturæ.

ab Apostolis. Lib. 3. Ser. 3. n. 59.

- Cap. X. 34 *In veritate comperi, quia non est personarum acceptor Deus. Lib. 2. Ser. 2. n. 138.*
35 *Sed in omni gente, qui timet Deum, & operatur justitiam, acceptus est illi. Ibid.*
Cap. XVII. 28 *In ipso enim vivimus, & movemur, & sumus. Lib. 1. Ser. 4. n. 3. & lib. 2. Ser. 3. n. 11.*

EX EPISTOLA AD ROMANOS.

- Cap. II. 6 *Reddet unicuique secundum opera ejus. Lib. 3. Ser. 4. n. 42.*
Cap. IV. 18 *Contra spem in spem credidit. Lib. 3. Ser. 4. n. 23.*
Cap. VIII. 16 *Ipsæ enim spiritus testimonium reddit spiritui nostro, quod sumus filij Dei. Lib. 2. Ser. 3. & lib. 2. n. 115.*
17 *Si autem filij, & heredes: heredes quidem Dei, coheredes autem Christi. Lib. 1. Ser. 1. n. 26. Ser. 3. n. 115. & Ser. 4. n. 115.*
21 *In libertatem gloria filiorum Dei. Lib. 1. Ser. 2. n. 36.*
Cap. IX. 13 *Iacob dilexi: Esau autem odio habui. Lib. 1. Ser. 1. n. 11.*
Cap. X. 12 *Non enim est distinctio Iudæi, & Græci: nam idē Dominus omnium. Lib. 2. Ser. 1. n. 34 & lib. 3. Ser. 1. n. 63.*
17 *Fides ex auditu: auditus autem per verbum Christi. Lib. 2. Ser. 2. n. 87.*
Cap. XII. 5 *Ita multi unum corpus sumus in Christo: singulo autem alter alterius membra. Lib. 2. Ser. 3. n. 106.*
Cap. XIII. 14 *Induimini Dominum Iesum Christum. Lib. 1. Ser. 2. n. 30.*

Index locorum

EX EPISTOLA I. AD CORINTHIOS.

- C** AP. I. 13 *Divisus est Christus? Lib. 2. Ser. 2. n. 242.*
 27 *Qua stulta sunt mundi, elegit Deus, ut confundat sapientes: & infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia. Lib. 2. Ser. 1. n. 24. & Ser. 4. n. 65.*
- Cap. III. 6 *Ego plantavi, Apollo rigavit: sed Deus incrementum dedit. Lib. 2. Ser. 2. n. 123.*
- Cap. V. 6 *Non est bona gloriatio vestra. Nescitis, quia modicum fermentum totam massam corrumpit? Lib. 2. Ser. 4. n. 87.*
 7 *Expurgate vetus fermentum, ut sitis nova conspersio, sicut estis azimi. Ibid.*
 8 *Itaque epulemur, non in fermento veteri, neque in fermento malitia, & nequitia. sed in azimis sinceritatis, & veritatis. Ibid.*
- Cap. VI. 17 *Qui autem adharet Domino, unus spiritus est. Lib. 2. Ser. 3. n. 106.*
- Cap. X. 11 *Hac autem omnia in figura contingebant illis. Lib. 1. Serm. 1. n. 4. & Ser. 4. n. 1.*
- Cap. XI. 23 *In qua nocte tradebatur, accepit panem, & gratias agens, fregit, & dixit: Accipite, & manducate: Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur. Lib. 1. Ser. 2. n. 52. & lib. 2. Ser. 1. n. 38. & 62.*
 24 *Hoc facite in meam commemorationem. Lib. 2. Ser. 1. n. 57. & 62. & lib. 2. Ser. 4. n. 88.*
 26 *Quotiescumq; enim manducabitis panem hunc, & calicem bibetis, mortem Domini annuntiabitis. Ibid.*
 29 *Qui enim manducat, & bibit indigné, iudicium sibi manducat, & bibit, non dijudicans corpus Domini. Lib. 2. Ser. 2. n. 29. & 108.*

Sacræ Scripturæ.

& Ser. 3. n. 99. & lib. 3. Ser. 1. n. 77.

- Cap. XV. 45 *Factus est primus homo Adam in animam viventem, novissimus Adam in spiritum vivificantem. Lib. 1. Ser. 1. n. 38.*
47 *Primus homo de terra terrenus: secundus homo de calo celestis. Lib. 2. Ser. 1. n. 33. & Ser. 4. n. 33. & 35.*

EX EPISTOLA II. AD CORINTHIOS.

- C**AP. II. 15 *Christi bonus odor sumus in ijs, qui salvi fiunt, & in ijs qui pereunt. Lib. 2. Ser. 1. n. 30.*
Cap. V. 21 *Qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit. Lib. 2, Ser. 4. n. 103.*
Cap. VIII. 9 *Propter vos egenus factus, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis. Lib. 2. Ser. 2. n. 70. & Ser. 4. n. 35. 38. & 39.*

EX EPISTOLA AD GALATAS.

- C**AP. III. 13 *Maledictus omnis qui pendet in ligno. Lib. 2. Ser. 3. n. 98.*
Cap. IV. 4 *At ubi venit plenitudo temporis. Lib. 1. Ser. 2. n. 21. & lib. 3. Ser. 3. n. 42.*

EX EPISTOLA AD EPHESIOS.

- C**AP. III. 14 *Flecto genua mea ad Patrem Domini mei Iesu Christi. Lib. 1. Ser. 4. n. 3.*
15 *Ex quo omnis paternitas in calis, & in terra nominatur. Ibid.*
Cap. IV. 13 *Donec occurramus omnes in unitatem fidei, & agnitionis filij Dei, in virum perfectum, in mensuram ætatis plenitudinis Christi. Lib. 1. Ser. 3. n. 93.*

Cap. V.

Index locorum

- Cap. V. 25 *Christus dilexit Ecclesiam, & se ipsum tradidit pro ea. Lib. 1. Ser. 3. n. 56.*
- 27 *Ut exhiberet ipse sibi gloriosam Ecclesiam, non habentem maculam, aut rugam, aut aliquid huiusmodi, sed ut sit sancta, & immaculata. Ibid.*
- Cap. VI. 9 *Scientes quia, & illorum, & vester Dominus est in calis, & personarum acceptio non est apud Deum. Lib. 2. Ser. 4. n. 127.*

EX EPISTOLA AD PHILIPPENSES.

- C**AP. II. 7 *Semetipsum exinanivit, formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo. Lib. 1. Ser. 2. n. 22. & lib. 2. Ser. 4. n. 94 & 103. & lib. 3. Ser. 4. n. 48.*
- 8 *Humiliavit semetipsum factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis. Lib. 2. Ser. 4. n. 54. 100. & 101.*
- 9 *Propter quod & Deus exaltavit illum, & donavit illi nomen, quod est super omne nomen. Lib. 2. Ser. 4. n. 109.*
- 10 *In nomine Iesu omne genua flectatur, caelestium terrestrium, & infernorum. Lib. 1. Ser. 2. n. 22. & lib. 2. Ser. 4. n. 109. & lib. 3. Ser. 3. n. 55.*
- Cap. IV. 3. *Quorum nomina sunt in libro vitae. Lib. 2. Ser. 2. n. 80.*

EX EPISTOLA AD COLOSSENSES.

- C**AP. III. 3 *Mortui enim estis, & vita vestra est abscondita cum Christo in Deo. Lib. 1. Ser. 3. n. 39. & lib. 2. Ser. 3. n. 82.*

EX

Sacræ Scripturæ.

EX EPISTOLA II AD TIMOTHEUM.

CAP. IV. 2 *Prædica verbum, in sta opportune, importune:
argue, obsecra, increpa in omni patientia,
& doctrina. lib. 3. Ser. 1. n. 73.*

EX EPISTOLA AD HEBRÆOS.

CAP. XIII. 14 *Non enim habemus hic manentem civitatem,
sed futuram inquirimus. Lib. 2. Ser. 1. n. 34.*

EX EPISTOLA JACOBI.

CAP. II. 1 *Nolite in personarum acceptione habere fidē
Domini nostri Iesu Christi gloriā. Lib. 2.
Ser. 4. n. 66.*

5 *Nonne Deus elegit pauperes in hoc mundo di-
vites in fide, & heredes regni? Lib. 2.
Ser. 4. n. 35.*

6 *Nonne divites per potentiam opprimunt vos.
Lib. 2. Ser. 4. n. 39.*

26 *Fides sine operibus mortua est. Lib. 2. Ser. 1.
n. 72.*

EX EPISTOLA I PETRI.

CAP. II. 2 *Sicut modò geniti infantes, rationabiles, si-
ne dolo lac concupiscite, ut in eo crescatis
in salutem. Lib. 2. Ser. 1. n. 20. & Ser. 2. n.
122.*

24 *Peccata nostra ipse pertulit in corpore suo su-
per lignum. Lib. 2. Ser. 4. n. 103.*

Cap. V. 5 *Deus superbis resistit, humilibus autē dat gra-
tiam. Lib. 2. Ser. 4. n. 73.*

Index locorum

6 Humiliamini igitur sub potenti manu Dei, ut
vos exaltet in tempore visitationis. Ibid.

EX APOCALYPSI.

CAP. II. 2 Scio opera tua, & patientiam, & quia non potes sustinere malos. Lib. 2. Ser. 2. n. 237.

4 Sed habeo aduersus te, quod charitatem tuam primam reliquisti. Ibid. n. 237. & 239.

5 Memor esto itaque unde excideris; & age penitentiam, & prima opera fac. Sin autem, venio tibi, & movebo candelabrum tuum de loco suo. Ibid. n. 237. 240. 241. 242. & 243.

Cap. III. 1 Nomen habes quod vivas, & mortuus es. Lib. 1. Ser. 3. n. 19.

20 Ecce sto ad ostium, & pulso. Siquis audierit vocem meam, & aperuerit mihi ianuam, intrabo ad illum, & cenabo cum illo, & ipse meum. Lib. 2. Ser. 4. n. 45.

Cap. IV. 11 Dignus es Domine Deus noster accipere gloriam, & honorem, & virtutem. Lib. 1. Ser. 3. n. 30. & 32.

Cap. V. 1 Vidi in dextera sedentis supra thronum librum scriptum intus, & foris, signatum sigillis septem. Lib. 1. Ser. 3. n. 26.

4 Et ego flebam multum, quoniam nemo dignus inventus est aperire librum, nec videre eum. Ibid. & n. 32.

5 Ecce vicit Leo de tribu Iudà, radix David, aperire librum, & solvere septem signacula ejus. Ibid. & n. 26. 29. 31 & 32.

6 Et vidi: & ecce in medio throni, & quatuor animalium, & in medio seniorum, agnum stantem

Sacræ Scripturæ.

tem tamquam occisum. Lib. 1. Ser. 3. n. 26.

Cap. VI. 8 *Ecce equus pallidus : & qui sedebat super eum,
nomen illi mors, & infernus sequebatur eum.
Lib. 2. Ser. 4. n. 47.*

Cap. XII. 1 *Signum magnum apparuit in celo : Mulier amicta
Sole. Lib. 1. Ser. 2. n. 5.*

Cap. XIV. 13 *Scribe : Beati mortui, qui in Domino moriuntur.
Lib. 2. Ser. 3. n. 80.*

Cap. XIX. 11 *Vidi calum apertum, & ecce equus albus, & qui se-
debat super eum, vocabatur Fidelis. Lib. 3.
Ser. 4. n. 13.*

12 *Et in capite ejus diademata multa. Lib. 1. Ser. 2. n.
30. & lib. 3. Ser. 4. n. 13.*

16 *Rex Regium, & Dominus Dominantium. Lib. 1.
Ser. 2. n. 22. & Ser. 3. n. 77.*

Cap XXI 23 *Lucerna ejus est Agnus. Lib. 2. Ser. 2. n. 242.*

FINIS. LAUS DEO.



THE
JOURNAL OF THE
ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE

VOL. LXXV. PART I.
1945.
PUBLISHED BY THE
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS
47, WILKINSON LANE, CAMBRIDGE.
PRINTED BY THE UNIVERSITY PRESS, CAMBRIDGE.

CONTENTS



INDICE

DAS COVSAS MAIS NOTAVEIS.

Abel.



LHOU Deos pelo sacrificio de Abel, & não pelo de Ca-
im, & porque. Lib. 2. Ser. 4. n. 71.

Na sua morte debuxon Deos a de seu divino Filho. Lib.
1. Ser. 4. n. 2.

O Campo aonde o matou Caim foy figura do Calvario.
Ibid.

Abraham.

Teve á Deos por protector. Lib. Ser. 3. n. 5.

Mandonlhe Deos, que lhe sacrificasse em hum monte seu unico filho
Isaac, á quem muito amava. Lib. 3. Ser. 4. n. 18.

Abraão de amor divino alegrouse com este preceito n. 19.

Mais desejava de sacrificar á Deos seu filho, que de lhe conservar a vi-
da n. 20.

Prevaleceo nelle o amor divino, de que muitas vezes se desquidão os
pays por amor dos filhos. Ibid.

Cortou neste sacrificio pelas esperanças proprias, & de todo o Mundo.
n. 21.

Foy neste sacrificio exemplar de paciencia n. 22.

Viose no maior aperto para não desobedecer á Deos n. 23.

Com portas tapadas á Fee nunca perdeu a Fee. Ibid.

Merceo a successão de sua casa no numero de seus decendentes, & no
luzimento como as estrelas do Ceo n. 24.

Sua grande constancia, & valor. n. 21, 22, 23. & 24.

Abisaão.

Desobediente a elRey David seu pay. Lib. 2. Ser. 4. n. 114.

Feshe guerra para lhe tirar a Coroa, & a vida. Ibid.

Por ser filho lhe queria muyto seu pay. Ibid.

Gg 3

.Chorou

Indice

Chorou com muytas lagrimas sua morte. Ibid.

Aclamação.

- Por preceito divino não podião os Hebreos aclamar por seu Rey quem não fosse escolhido por Deos do numero de seus Irmaos. Lib. 1. Ser. 1. n. 2.
- I hes tirou todo poder para aclamar Rey estrangeiro. Ibid.
- Passou este preceito aos Portugueses. n. 4.
- Assentado nas primeiras Cortes de Lamego. n. 8.
- Para a aclamação ser firme, & felis, ha de ser com segredo. Lib. 1. Ser. 1. n. 18.
- Para ser felis a de Saul, a tratou Deos só com Samuel. n. 20.
- Não faltaraõ nella inconfidentes. n. 21.
- Com segredo retirado em hum Monte tratou Christo a sua. n. 22.
- Milagroso foy o segredo com que se fez a del Rey Dom João IV. n. 32.
- Foy obra, mais divina, que humana. n. 34.
- Parecida com a del Rey Saul. Lib. 1. Ser. 1. n. 19. & Ser. 2. n. 26. & 27.
- Foy por 40. Fidalgos no anno de 40. depois de 40. vezes 40. annos numero misterioso. Lib. 3. Ser. 2. n. 27. & 28.
- Não esperada, mas deixada. Lib. 1. Ser. 1. n. 34.
- Prometida á el Rey Dom Affonso Henriquez na sua 16. geração. Lib. 1. Ser. 4. per totum.
- Depoys de oito Reys Portugueses no oitavo Duque de Bragança. Ibid. n. 58.
- Representada na 16. geração de Christo triplicada. Ibid. per totum.
- Declarada com tres Arvores Reais de Christo. n. 21. 48 & 52.
- Varios modos de contar a 16. geração de Christo triplicada. Lib. 1. Ser. 4. per totum.
- Preferio Deos na aclamação a origem feminina á masculina, como fez com seu divino Filho. n. 36.
- Amparada por Christo, que despregou da Cruz seu braço direito. Lib. 1. Ser. 1. n. 26.
- Unio Christo seu braço divino com o humano do Duque na sua aclamação. Lib. 1. Ser. 3. n. 75.
- Ordenada só com duas mortes, para seu Imperio ser perpetuo. n. 60.
- Confirmada com o Santissimo Sacramento. Lib. 1. Ser. 2. per totum, & Lib. 3. Ser. 2. n. 32.
- A intentada em Evora foy annullada sem proveito por apresada. Lib. 1. Ser. 1. n. 24.
- Não podia ter bom successo antes do anno de 40. & porque. Lib. 3. Ser. 2. n. 29.
- Admirada

Das cousas mais notaveis.

Admirada das Nações de Europa, como, & porque. Lib. 3. Ser. 2.

n.24.

Parecida com o Sol, com a Lúa, & com o exercito. n.25.

Especto dos Castelhanos, & porque. n.26.

Nas aclamações acabaõ as leys velhas, & começã as novas. Lib. 1. Ser.

1. n. 25.

Os grandes caiem, & foubem os pequenos. n.27.

Muitas foraõ as mudanças que ouve na aclamação delRey Dom João

IV. Ibid.

Adão.

Porque foy necessario seu peccado, & sua culpa felis. Lib. 1. Ser. 3. n. 4.

Não foy hum só seu peccado, mas muytos. Lib. 2. Ser. 1. n. 67.

O primeiro com que perdeu o Mundo foy de infidelidade. n. 68.

Deu maior fee ao Demonio, que á Deos. Ibid.

Perdeuse por não comungar, & como. n. 70.

Mandoulhe Deos com preceito, que comesse o fructo da orvore da vida, figura do Sanctissimo Sacramento. n. 71.

Culpou á Deos de seu peccado. n. 67.

Cruel contra Eva. Ibid.

Ignorante por se esconder de Deos. Ibid.

Désforme por seus peccados se rebellaraõ contra elle os Animais. Lib. 2. Ser. 1. n. 97.

Deffigurado o não conheciaõ n. 98.

Por desobediente á Deos lhe desobedecerão. n. 100.

Creio á Lucifer contra o que experimentavão seus sentidos. n. 74.

Opposto a esta sua falsa fee he o Sanctissimo Sacramento. Ibid.

Fello Deos independente das creaturas, & seu primeiro Ministro. Lib. 3. Ser. 4. n. 35. 36. 37.

Foy o mayor rico que ouve no Mundo. Lib. 2. Ser. 4. n. 33.

Por rico foy ingrato, & desobediente á Deos. n. 34.

Foy sepultado no Calvario debaixo da Cruz de Christo. Lib. 2. Ser. 3. n. 98.

Alma.

Lastimas de hũa Alma do Purgatorio por fallecer sem o Sanctissimo Viatico. Lib. 1. Ser. 3. n. 116.

Os trabalhos que padecem quando partem dessa vida sem a companhia de Christo no Sacramento. Ibid. & Lib. 2. Ser. 3. n. 38.

Correm

Indice

Correm perigo de te perderem por não comungarem por viatico n.87.
& 88.

Febre da alma são os vícios. Lib.2. Ser.2.n.19.

Ama Deos afermosura da alma, & não do corpo. Ibid.n.138.

De muitos negros a alma he muyto branca, de muytos brancos a alma he muyto negra. Ibid.

Dasque partem desta vida com a Eucharistia, são seus corpos vigiados dos, Anjos. Lib.2. Ser.3.n.100.

Anjos.

Instantes Angelicos que precederão antes da bemaventurança dos bõs & da perdição dos maos. Lib.2. Ser.3.n.49.

Todos foraõ creados em graça. n.50.

Todos foraõ viadores no Ceo, & em perigo de morte, & como. n.51.

Seu sosterão he o sanctissimo Sacramento, & como. n.66. & 67.

Comungaraõ os Anjos bemaventurados por viatico ao angelico. Ibid.

Levarão á Lazaro pobre para o seio de Abraham, & porque. Lib.2. Ser.2.n.249.

S. Anna.

Decendête de elRey David pela linha de Salamão. Lib.1. Ser.1.IV.n.33.

Preferida na geração de Christo á linha masculina. Ibid.29.30. & 31.

Della se entendem as palavras: *Est filia melior filio*. Ibid.n.33.

Mais favorecida por Deos, & mais privilegiada que S. Joachim. Ibid. n.34.

Suas prerogativas, & louvores. Ibid.

Sua dignidade foy quasi infinita. Ibid.

He a arvore da vida abençoada, que deu o fructo da vida á Virgem Maria. Ibid.

Annos.

Nace o anno bom com o nomê de Jesu. Lib.3. Ser.4.u.1.

Para termos annos felices corte cada hum por si, & não por seu proximo. Ibid.n.5. & 7.

Muy felices foraõ os annos de elRey Dom João IV. por cortar muyto por si. n.25.

Por cortar sempre pela sua Coroa, para não cortar pela Thêara do Papa os reve sempre felices. n.15.16. & 17.

Sofreo muytos annos até a morte o rigor, de lhe não receber o Papa seu Em-

Das cousas mais notaveis.

Embaixador. Ibid.

Annos saudolos da India. Lib. 3. Ser. 1. per totum.

Annos festejados d' elRey Dom Joaõ IV. no dia de S. Ioseph. Lib. 3. Ser. 2. per totum, & Serm. 3. per totum.

Em tres diversos annos teve tres Nacimentos, Natural, Politico, & Milagroso. Lib. 3. Ser. 2. per totum.

Naceo em Villaviçosa no anno de 1604. Ibid. n. 21.

Bons annos dados às Majestades, & Altezas de Portugal no Sanctissimo nomé de Jesu. Lib. 3. Ser. 4. n. 4.

Anno de 38. foy anno enfermo, o de 40. anno saõ. Lib. 3. Ser. 1. n. 28. & 29.

Mil annos para com Deos contaõse por hum dia que passou. Lib. 3. Ser. 3. n. 40. & lib. 2. Ser. 3. n. 6.

Os annos misteriosos em q durmiraõ os tres ultimos Duques de Bragãça sem a posse de seu Reyno, contaõse por tres dias parecidos com os tres dias que durmio Christo no sepulchro, & como. Lib. 1. Ser. 3. n. 43. 49. & 50. & lib. 3. Ser. 1. n. 37. & 34.

Pelo fim do anno de 1500. se descubrio a India. Lib. 2. Ser. 3. n. 6.

Adeceo no anno de 1600. No de 1638. estava muyto mal na ultima. Melhorou no anno da faude de 1640. Lib. 3. Ser. 1. n. 27, 28. & 29.

Os annos da vida dos homês reduzio Deos á 120. Lib. 3. Ser. 3. n. 45.

Apparição.

Do Sanctissimo Sacramento pintado na Lũa. Lib. 1. Ser. 1. n. 53. & Ser. 2. n. 12.

Auto que della se fez para mayor clareza. n. 13.

Foy julgada milagroza. n. 13. & 16.

Figurou a Christo no seio da Virgem Mãria. n. 9.

Foy pronostico de Coroas, argumento deliberdade, seguro de vitorias. Ibid. per totum.

Este final pedio Gedeão para as suas vitorias. Ibid. n. 58.

De hũa alma que veyo do Purgatorio pedir sufragios. Lib. 2. Ser. 3. n. 116.

Por não ter comungado quando partio desta vida eraõ grandes as penas que padecia. Ibid. n. 112.

Arvore.

Arvore da geração de Christo pintada com tres estampas diversas. Lib.

Hh

1. Ser.

Indice

1. Ser. 4. n. 21. 48. & 52. ad 53.
Descripta por seis modos. Ibid. per totum.
Debuxo da decima sexta geração dos Reys de Portugal. Ibid. n. 100.
& 111.
Epilogo de louvores d'el Rey Dom João IV. Ibid. per totum.
Na arvore da Cruz unio Christo a vida com a morte. Lib. 2. Ser. 3. n. 94.
Debaixo della estava sepultado Adão. n. 98.
Prantou Deos a arvore da vida com a arvore da morte no meyo do Paraíso terreal hũa perto da outra, & porque. n. 89.
Arvore da vida figura do Sanctissimo Sacramento. n. 90.
Não debuxou Deos a morte nos Planetas, mas nas arvores, porq̃. n. 92.
Os Homens são arvores, que caminhão. n. 93.
São arvores viradas. Ibid.
Descreve-se o modo. Ibid.
São arvores enxertadas com o garfo da Eucharistia quando comunhão. n. 104. & 105.
Descreve-se o modo. Ibid.
A arvore de Nabuch representada, descripta, & declarada por muytos modos, Lib. 1. Ser. 1. n. 42. & 43. lib. 3. Ser. 4. n. 9.
A mandou Deos cortar, & lhe deixou hũa vergonteia, porque. Ibid.
As arvores são symbolo da grandeza, & retrato da soberba. Lib. 2. Ser. 4. n. 72.
Porque mandou Christo à Zacheo decer depressa da arvore, em que subira, para o ver. Ibid. n. 81. & 82.

Avareza.

- Servir pelo premio he effeito da avareza. Lib. 3. Ser. 4. n. 50.
Nas promessas & votos que fazem os homens á Deos, mostraõ sua grãde avareza. n. 52.
Por este vicio, para ser Deos servido dos homens, quando veio ao mundo trouxe consigo a paga. n. 53.
São taõ avarentos com Deos, que querem ser pagos de antemão, para servir. n. 52. 53. 54.
Avareza dos Parocos da India para dar aos Indios a sagrada comunhão. Lib. 2. Ser. 2. per totum.
São figurados no Rico avarento. Ibid. n. 248.

Baptismo.

- He necessario para a salvação. Lib. 2. Ser. 2. n. 13.

Ha

Das cousas mais notaveis.

He principio da vida spiritual. Ibid.n.17.

Em que differe da Sagrada Comunhão. Ibid.

As Crianças no Bautismo em virtude da Igreja crem os misterios da Fee,& comunhão in voto. Ibid.n.20.

A agoa que pedio Elias á Viuva de Sarepta figurava a agoa do Bautismo.Lib.2.Ser.4.n.64.

Facilita a India o Bautismo,& difficulta a Sagrada Comunhão. Ibid.

Depois do Bautismo sem a sagrada Comunhão não podem os bautizados dar fructos de Fee.Lib.2.Ser.2.n.115.118.& 123.

Aos Christãos bautizados em pee,davão logo anticamente os Apostolos,para os conservar na Fee de Christo, a Sagrada Comunhão.Lib.2.Ser.1.n.44.& Ser.2.n.125.

Por meyo do Bautismo são logo os Bautizados ordenados pela Igreja á Sagrada Comunhão.Lib.2.Ser.2.n.20.

Benção.

De seus pays era a mais rica herança entre os Hebreos. Lib.3.Ser.2.n.32.

De Isaac figura do Sanctissimo acomodada á elRey Dom Joaõ IV.Ibid.& n.33.& Lib.1.Ser.1.á n.54.ad 57.

De Esau acomodada ao bravo Leão de Castella.Lib.1.Ser.1.n.57.

Animo damnado de Esau contra Isaac por lhe tomar sua benção. Lib.3.Ser.2.n.33.

A de Jacob para os filhos de Jozeph com mãos trocadas aplicada aos Ministres da justiça.Lib.3.Ser.4.n.43.& 44,

Bispado.

O Sancto Padre Paulo IV. Fundador da Religião dos Clerigos Regulares Theatinos da Divina Providencia eregeu na India o Bispado de Goa em Arçebispado.Lib.1.Ser.1.n.68.

Fundou os Bispados de Malaca,& de Couchim. Ibid.

B'pos.

Muy doutos, & muy sanctos foraõ os que plantaraõ na India a Fee Catholica,Lib.2.Ser.1.n.3.

Sem o braço do Primás da India se não podia remedear a falta da Sagrada Comunhão.Lib.3.Ser.1.n.74.

Indice

Com muytas ordens, & cõ duas Provisões mandou cõ preceito de obediencia aos Parocos a dessem á todos, que tivessem os annos da diffcreção, na Pascoa, & no perigo da morte. Lib. 2. Ser. 2. n. 162. & Lib. 3. Ser. 1. n. 74.

Os Bispos, & Arcebispos mais antigos mãdaraõ o mesmo nas suas constituições com pena de excominhaõ mayor. Lib. 2. Ser. 2. n. 163. & n. 175.

Braman: s.

Os Bramanes, & outras nações da India, os Vaniõs, os Charaddós, & os chamados Canarins, Chinas, & Japoês se não são de Iuiço mais agudos que os Europeos, lhes não são inferiores. Lib. 2. Ser. 1. n. 45.

Por sua muyta agudeza são os Bramanes chamados Aguias do entendimento. Lib. 2. Ser. 2. n. 85. & Lib. 3. Ser. 1. n. 67.

Os mais delles sem conto Christãos bautizados nunca comungaraõ em nenhum tempo da vida, nem na morte. Ibid.

Calvario.

No Calvario no lugar, em que se pôs á Cruz de Christo, estava sepultado Adão. Lib. 2. Ser. 3. n. 98.

Foy o campo, em que sahio Christo armado, para dar batalha á morte, & ao Inferno. Lib. 1. Ser. 2. n. 53. & Lib. 2. Ser. 3. n. 94.

Carlos. V.

Naceo no anno de 1500. No de 1519. de 19. annos de idade foy eleito Emperador. Lib. 3. Ser. 3. n. 46.

No de 1555. mais senhor de sy, que de seu Imperio, para assegurar o do Ceo, retirado do Mundo com fama immortal, renunciou o Imperio á Ferdinando seu Irmão, & á Phelippe II. seu filho a Monarquia de Espanha. Ibid.

Foy o mais grande, & mais invicto Principe do seculo passado. Ibid.

Em seu tempo foy a Monarquia de Espanha agigantada. Ibid.

Falleceo Philipe II. seu filho no anno de 1598. de 72. ânos de idade. Ibid.

Dona Catherina Serenissima Neta de el Rey Dom Manoel.

Debruxada na vergonteia cortada da Arvore de Nabuch. Lib. 1. Ser. 1. n. 45.

Naceo

Das cousas mais notaveis.

Naceo da raiz, & não do tronco da Arvore cortada de Portugal. Ibid.
Brotou enterrada no anno de 40. a flor dezejada do Restaurador do Reyno. Ibid.

Ceilaõ.

He Ilha grande de 300. legoas. Lib. 3. Ser. 1. n. 38.
Chamada a Perola da India pelo muyto que dá de precioso. Ibid. n. 47.
Admiraõ as riquezas, que lhe produs a terra. Ibid.
Tem o matts de canela, & as serras de chrystal com muy ricas, & preciosas pedras. Ibid. n. 38.
Perdemos nella muytas fortalezas. Ibid.
He muyto para sentir perderse toda a Ilha. Ibid. & Lib. 1. Ser. 2. n. 79.

Cenaculo.

A casa do Cenaculo, em que Christo instituiu a Eucharistia, estava situada no Monte sancto de Sien. Lib. 2. Ser. 1. n. 62.
Por a pregoar no Cenaculo o Senhor o preceito da Sagrada Comunhaõ, foy por seu Eterno Padre aclamado Rey. Ibid. n. 63.
Era casa humilde de hum homem baixo, & pobre. n. 80.
Tão humilde, que por não ser conhecido por seu nome, não disse Christo como se chamava. Ibid.
Tão pobre, que sendo Pay de familia, levava ás costas pela rua para serviço de sua casa hũa quarta de agoa. Ibid.
Só do Cenaculo disse Christo, que era grande, não pela grandeza do edificio, mas da virtude, & merecimentos de seu dono. Ibid. n. 81.
Preferio o Senhor, para a obra tam grandiosa, & divina da Eucharistia, a casa limitada de hum homem pobre, & humilde, ás grandes, & soberbas dos Nobres. Ibid.
São para Deos as casas humildes dos pobres Palacios muy grandes: & as dos Grandes, muy limitadas, & pequenas. Ibid.

Christo.

Prometido por Deos á Abrahão, & á David. Lib. 1. Ser. 4. n. 30. & 31. & Lib. 3. Ser. 4. n. 23.
Tres vezes dilatou a sua vinda por pecados. Lib. 1. Ser. 3. n. 14.
Não viera se não pecara Adão. Ibid. n. 4.

Indice

- Foy o encuberto do Mundo. Lib. 1. Ser. 1. n. 23. & Ser. 2. n. 23.
Não o conheceo o Mundo quando veyo, & porque. Lib. 2. Ser. 4. n. 35.
Veyo pobre para nos enriquecer. Ibid. n. 36.
Veyo servo para nos libertar. Lib. 2. Ser. 4. 103.
A servidão de Christo foy a mayor gloria de seu Eterno Padre. Lib. 2.
Ser. 4. à n. 95. ad 110.
Foy a nossa mayor exaltação. Lib. 1. Ser. 2. n. 22.
Quis morrer como servo, podendo morrer como Rey. Lib. 2. Ser. 4.
n. 111.
Era legitimo Rey de Judea como Deos, & como homem. Lib. 1. Ser. 3.
n. 42. & ser. 4. n. 9.
Para salvar o Mundo cortou por si & não pelo Mundo. Lib. 3. Ser. 4. n. 7.
Foy o primeyro Ministro da ley da graça provido no cargo por seu E-
terno Padre. Ibid. n. 41.
Foy o segundo Adão restaurador dos dannos do primeiro. Lib. 2. Ser.
1. n. 33. & ser. 4. n. 35.
Pela sua grande humildade subio á mayor grandeza. Lib. 2. Ser. 4.
n. 109.
Como se salva a sua liberdade cõ a impecabilidade. Ibid. n. 100. & 101.

Christo gerado.

- A geração de Christo descripta por S. Mattheus he hũa pintura mara-
vilhosa da decima sexta geração dos Reys de Portugal. Lib. 1. Ser. 4.
à n. 7. ad 12.
Nomea nella o Evangelista desde Abraham sómete 40. Avós de Chri-
sto, sendo mais de 40. & porque. Ibid. n. 11.
Deixa de contar tres Reys, pay, filho, & neto, & porque. Ibid.
Não poem nesta arvore á Phadaja filho de Salathiel, & pay de Zoroba-
bel, & porque. Ibid.
Adivide em tres Tesseradecadas iguais de 14. gerações cada hũa. Ibid.
n. 5.
Contados todos os Avós de Christo desde Abraham, são tres vezes 15.
gerações. Ibid. n. 6.
Seis modos de contar a geração de Christo tripartida. Lib. 1. Ser. 4. per
totum.
Por qualquer modo de contar se mostra, que foy Christo o Encuberto
desejado dos Hebreos, prometido na decima sexta geração triplica-
da de seus Avós. Ibid. per totum.
He muy parecida com a decima sexta geração d' el Rey Dom Affonso
Henri-

Das cousas mais notaveis.

- Henriques. Ibid.n.10.& 11.
Representa a geração natural , & politica d' elRey Dom João IV. Ibid.
n.11.
Preferio Deos na geração de Christo a linha feminina á masculina de
seus Reys avós. Ibid.n. 11. & á n.29.ad 37.
O mesmo fez na decima sexta geração dos Reys de Portugal. Ibid.
n.36.
Parentes de Christo no segundo, terceiro , & quarto grao quem foraõ.
Ibid.n.48.
Em que grao era o Bautista, & o Evangelista com Christo. Ibid.
Mostrase todo o parentesco de Christo com tres Estampas de sua Ar-
vore Real. Ibid.n.21.48. & 52.
He mais provavel, & mais certo, que Mathan pay de Jacob , & avó de
S. Joseph, era avó da Virgem Maria , & visavó de Christo, pay de S.
Anna, & não de S. Joachim. Ibid. á n.29.ad 34.
Ambos são decendentes d' elRey David, S. Joachim pela linha de Na-
than, S. Anna pela de Salamão. Ibid.n.29. & 30.
Por ambas as linhas masculina, & femenina de S. Joachim, & de S. An-
na he Christo da Tribude Iudá filho de David, & legitimo herdeiro
do Reyno de Judea. Ibid.n.29.

Christo nacido.

- Para confundir a vaidade do mundo , & a soberba dos grandes naceo
Christo no Presépio. Lib. 2. Ser.4.n.128.
Não o acharaõ os Sanctos Reys, nem os Pastores no collo da Senhora,
mas na palha, para todos o tomarẽ, os brancos de Asia , & os negros
da India. Lib.2.Ser.1.n.8.
Na palha, & pobreza do Presépio, escondeo a Majestade de Principe fi-
lho d' elRey David. Lib.2.Ser. 2.n.77.
Naceo Rey encuberto no Presépio, Rey descoberto na Cruz , Rey mi-
lagroso no sepulchro. Lib. 3. Ser.2.n.8.
Nestes tres nascimentos representou os tres d' elRey Dom João IV. Na-
tural, Politico, & Milagroso. Ibid.
Fes do Presépio Sacrario , para receberem todos que nelle entrassem o
Sanctissimo. Lib. 1. Ser. 2.n.37. & 38.
Para ser recebido dos buffais, rudes, & ignorantes, naceo entre brutos a-
nimais. Lib.2.Ser.2.n.101.
Não mandou annunciar seu nascimento pelos Anjos aos Nobres, & aos
Sabios da sinagoga, mas aos humildes, & rusticos do Campo. Lib. 2.

Índice :

Ser.2.n.102.

Mais estima a boa conciencia de hum simple muyto rude , que de hum Sabio cheio de pecados. Ibid.

Naceo pobre no Presépio,viveo pobre em casa de sua Mãe, morreo pobre na Cruz.Lib.2.Ser.4.n.35.

Por nacer pobre não o conheceo o Mundo. Ibid.

O Mundo por rico não conhece os pobres: Christo por pobre não olha para os ricos. Ibid.

Com sua pobreza nos enriqueceo. Ibid.n.36.

Por nacer no Presépio,mostrou que se aborrece dos Palacios. Lib.2.Ser.4.n.128.

Que mais folga ser levado ás casas humildes, lojas , & choupanas dos pobres,que aos ricos aposentos dos Fidalgos. Ibid.

Fes no presépio a figura de servo,& não de Rey,para obedecer, & não para mandar,para subdito,& não Senhor. Lib.3.Ser.4.n.48.

Para não morrer como Rey innocente , mas como servo culpado fugio a morte no Presépio.Lib.2.Ser.4.n.111.

Por filho da Virgem Maria era escravo de seu Eterno Padre.Lib.2.Ser.4.n.99.

O apellidou seu Eterno Padre escravo seu , para ser nelle glorificado. Lib.2.Ser.4.á n.104.ad 110.

Christo sacerdote.

Instituio Christo a Eucharistia no ultimo da vida,para comungar logo antes de morrer.Lib.2.Ser.3.n.38.

Foy o primeiro que comungou. Ibid.n.35.& 36.

A dilatou para a noite de sua Sagrada paixão , para não perderem os Apostolos a fee.Lib.2.Ser.1.n.39.& 40.

Para este fim a administrou logo na mesma noite à todos.Ibid.n.40.

Adeu tambem á Judas sabendo que era sacrilego,& porque.Lib.2.Ser.2.á n.52.ad 60.

Ná mesma noite em que os Judeos lhe aparelhãõ hũ sacrilego bãquete,nos aparelhou a mesa divina do Altar.Lib.2.Ser.1.n.39.

Para lançar fora do Mundo á Lucifer , & debellar o Inferno instituio a Eucharistia na noite da batalha.Lib.1.Ser.2.n.52.& 53.

Extendeu nella por amor a Encarnação.Lib.2.Ser.3.n.35.

Para o Verbo divino se unir com todos os homẽs , como se unio cõ a sua humanidade,inventou tam alto Sacramento. Ibid.

Para se unir elle com Deos com novo vinculo de união,se sacramentou

Das cousas mais notaveis.

- na Eucharistia. Ibid.n.36.
- Para participar como homem das iguarias da Sanctissima Trindade, as
pós todas no Sacramento. Ibid.n.13.
- Retratou nelle toda a meza da Sanctissima Trindade como tudo o que
ne lla ha de divino. Ibid. á n.14.ad 36.
- Para instituir a Eucharistia fez muytos, & muy grandes milagres em
fôr do genero decente creado, & increado. Lib.2. Ser.4.n.14.
- Os renova todos os dias no Sancto Sacrificio da Missa. Ibid.& n.15.
- Em todos os predicamentos de Aristoteles faz todos os dias milagres
na consagração do pão, & do vinho. Ibid. á n.17.ad 27.
- Para nacer sempre como homem, assi como sempre nace como Deos fi-
lho de Deos, transubstanciou o pão em seu sagrado corpo. Lib.2. Ser.
4.n.8.& 9.
- Renova na Eucharistia como Fenis divina todos os dias a sua vida.
Ibid n.8.
- Seu divino nascimento como Deos não teve principio, nem terá nunca
fim: seu nascimento como home teve principio na encarnação, & não
terá nunca fim no Sacramento. Ibid.n.6.7.& 9.
- Se chama a Eucharistia Nascimento do Calis, porque nelle sempre na-
ce o Senhor. Ibid.n.9.

Christo sacramentado.

- Na Eucharistia temos á Christo preso como em hum carcere. Lib.2.
Ser.1.n.111.
- He nosso prisioneiro. Lib.2. Ser.4.n.26.
- As palavras da consagração são os laços.com que o atamos. Ibid.
- O soltamos quando comungamos. Lib.2. Ser.1.n.112.
- Por não comungarem os Indios por culpa dos Parocos, condena Chti-
sto aos Parocos, que o não soltaraõ. Ibid.n.112.113.114.
- Muyto mais deseja, que o dem os Parocos aos pobres, que aos ricos, aos
humildes, que aos grandes, aos servos, & escravos, que á seus senho-
res. Lib.2. Ser.4. á n.12. per totum.
- Mais folga ser levado às casas humildes, lojas, & choupanas, que ás no-
bres dos Fidalgos, & porque. Ibid.n.125.126.& 128.
- Está no Sacramento encuberto, para não castigar, & reduzir em pó os
que na sua presença o offendem. Lib.2. Ser.4.n.26.
- Em muytos lugares de Portugal foy visto de noyte pintado na Lúa.
Lib.1. Ser.2. á n.11.ad 19.
- Figurou á Christo no ventre immaculado de sua sanctissima May. Ibid.
n.5.

Índice

Foy pronóstico de coroas, argumento de liberdade, & seguro de vitorias. Ibid. n. 9. & per totum.
Ainda foyhado he certo final de vitorias. Ibid. n. 62.
Com o Sacramento levanta aos homêes para Reys. Ibid. n. 30.
He nelle Reyuo, & coroa dos Justos. Ibid.
Sacramentado rendeu ao Mundo debayxo de seu imperio. Lib. 2. Ser. 1. n. 57.
He mais fétvido, & adorado dos Reys, & Nações da terra na Eucharistia, que fora della. Ibid.
O que não alcançou pregando, o alcançou communicandose sacramentado. Ibid.

Christo crucificado.

Na balança da Cruz pezou o Eterno Padre os merecimentos de Christo com o gravame dos pecados dos homêes. Lib. 3. Ser. 4. n. 41.
Foy mayor a satisfação, que a offensa divina. Ibid.
Estendeo o Senhor nella a direita para os predeterminados, & a esquerda para os reprobros. Ibid. n. 42.
Representou o que ha de ser no dia do Juizo final. Ibid.
No Valle de Josaphat ha de apparecer crucificado, mas glorioso. Ibid.
De feu lado aberto naceo a Igreja Catholica, signrada em Eva criada do lado aberto de Adão. Lib. 1. Ser. 3. n. 55. & Ser. 4. n. 1.
Da mesma ferida sahiraõ quanto ao Misterio os principais Sacramentos, Baurismo, & Eucharistia. Lib. 2. Ser. 3. n. 102.
Primeiro sahio a agoa, que o sangue, & porque. Ibid. n. 103.
Nella nos abrio as portas do Ceo. Ibid. n. 102.
Na Cruz armado fez guerra á Lucifer para o lançar fora do Imperio do Mundo. Lib. 1. Ser. 2. n. 53. & 54.
Crucificado defasou a morte, a matou na sua propria vida, & a deixou morta, & crucificada na Cruz. Lib. 2. Ser. 3. n. 94. & 96.
São as chagas de Christo, & sua Cruz as chaves do Paraíso. Lib. 1. Ser. 3. n. 55. & Lib. 3. Ser. 1. n. 10.
As deu á S. Pedro para as Conquistas do Ceo, por ser seu Imperio spiritual. Ibid.
As deu crucificado no campo da Ourique á elRey Dom Affonso Henriques para as Conquistas da terra, por fundar nelle seu Imperio temporal. Ibid.
Crucificado no Calvario reprovou ao Povo Hebreo por Deicida. Lib. 1. Ser. 4. n. 5.

O rasgou

Das cousas mais notaveis.

- O rasgou de seu peito, quando se rasgou o veo do Templo. Ibid.
 Em seu lugar crucificado no câpo de Ourique escolheo entre os Christaos por povo seu mimoso aos Portuguezes. Ibid.
 Por mais queridos não lhes chamou Povo seu, mas Imperio, para sojeitar muytos Povos. Lib. 1. Ser. 1. n. 6. & Ser. 3. n. 57. & Lib. 3. Ser. 4. n. 5. & 6.
 Fez crucificado o Imperio temporal de Portugal muy parecido com o spiritual de sua Igreja. Lib. 1. Ser. 3. a n. 55. ad 58. & Lib. 3. Ser. 1. a n. 2. ad 11.
 De seu Imperio spiritual fez seu vigario á S. Pedro, & á seus successores, & do temporal á elRey Dom Affonso Henriques, & á seus descendentes. Lib. 3. Ser. 1. n. 9.
 Para fundador de seu Imperio temporal elegeo crucificado a elRey D. Affonso Henriques. Lib. 1. Ser. 3. a n. 55. ad 58. & Lib. 3. Ser. 1. a n. 5. ad 11.
 Para restaurador prometeolhe de lhe dar elRey Dom Ioaõ IV. na decima sexta geração atenuada. Lib. 1. Ser. 1. n. 8. & 31.
 Para armas, & ensinias de seu Imperio temporal lhe deu suas sacratissimas chagas. Lib. 1. Ser. 1. n. 35. & Ser. 3. n. 57. & Lib. 3. Ser. 1. n. 10.
 Cumprio sua promessa crucificado em Lisboa no anno de 40. Lib. 1. Ser. 1. n. 35.
 Na fundação do seu Imperio Portuguez não despregou seu divino braço da Cruz, na restauração si, & porque. Ibid.

Christo resucitado.

- A morte de Christo até resurgir foy mais sono que morte. Lib. 1. Ser. 3. n. 41.
 Não durmio mais que tres dias. Ibid. n. 48.
 Não foraõ todos enteiros. Lib. 3. Ser. 1. n. 33.
 São hũa viva representação per acomodação muy misteriosa dos tres dias do sono dos tres ultimos Serenissimos Duques de Bragança, que durmiraõ privados de seu Reyno ate se levantarem. Lib. 1. Ser. 3. n. 48. 49. & 50. & Lib. 3. Ser. 1. n. 33. & 34.
 A politica dos Portuguezes no sono dos tres Duques se pareceo a dos Hebreos no sono de Christo. Lib. 1. Ser. 3. a n. 41. ad. 47. & lib. 3. Ser. 1. n. 33. & 34.
 Quando Christo resurgio, resurgiraõ com elle muytos Sanctos. Lib. 1. Ser. 3. n. 39.
 Levantaraõse com Christo, por estar sepultada com elle a sua vida. Ibid.

Indice

- Por resurgir com muytos Sanctos, resurgio com muytas coroas. Lib. 1.
Ser. 2. n. 30.
Por cortar pela sua coroa na morte, teve muytas na resurreição. Lib. 3.
Ser. 4. n. 14.
A imitação de Christo resurgio o Reyno de Portugal com seu Rey.
Lib. 1. Ser. 3. n. 39. & lib. 3. Ser. 1. n. 30.
Por estar a vida do Reyno sepultada com elle, como a dos Sanctos com
Christo, com elle durmio, & com elle se levantou. Lib. 1. Ser. 3. n. 39.

Christo redemptor.

- Porque o Verbo Divino para remir o Mundo se unio com a nossa hu-
manidade. Lib. 1. Ser. 3. n. 74. & 75.
Porque veio para o remir depoy de cinco mil, & cento, & noventa, &
nove annos, & não antes. Ibid. n. 7.
Porque com apparencia de servo escravo do peccado, & não de Senhor
innocente. Lib. 2. Ser. 4. n. 102. & 103.
Porque para o remir fugio a morte no Presépio, & não a fugio no Cal-
vario. Ibid. n. 111.
Porque para remir á Portugal das avexações, & apertos, despregou da
Cruz no dia da redempção seu divino braço. Lib. 1. Ser. 3. n. 73. & 75.
Porque esperou para o remir 60. annos. Ibid. n. 10.
Porque se diz do Redemptor Portugues com quem o remio, que o re-
fucitou, como se fora morto: que o acordou, como se durmira: que o
deu á luz, como se estivera encuberto. Ibid. á n. 17.
Quem foy o Redemptor com quem Christo se unio, para remir aos Por-
tugueses. Lib. 1. Ser. 3. per totum.

Christãos.

- He artigo de fée definido no sagrado Concilio de Trento, que todo
Christão que tiver os annos da discrição está obrigado á comúgar ao
menos na Pascoa. Lib. 2. Ser. 2. n. 158.
He hereje quem o negar, ou duvidar desta obrigação. Ibid. & n. 159.
Sò do Papa se póde duvidar se está obrigado á comungar na Pascoa.
Ibid. n. 157.
Todos tem obrigação de se disporem, & fazerêse capazes para comuni-
garem. Ibid. n. 99.
Nenhum se póde salvar tendo os annos da discrição, senão comungar
sacramentalmente podendo. Ibid. n. 32.

Quem

Das cousas mais notaveis.

Quê não recebe á Deos na Eucharistia não he recebido de Deos no Ceo.

Ibid.n.37.

Não tem alma quem não comunga ao menos hũa vez no anno. Ibid.
n.120.

Chora Deos, & os Anjos a alma dos que não comungão por perdida.
Lib.2.Ser.1.n.27.

Todo Christão quando comunga tem á Christo por filho. Lib.2. Ser.2.
n.78.

Assentase com Christo á meça, & troca com elle os prattos, & como.
Lib.2. Ser.4.n.46.

Lhe dá Christo em comida sua carne, dá elle á Christo em comida sua
alma. Ibid.

Que capacidade se requiere para o Christão comungar. Lib.2. Ser.2.
n.88.106.& 108.

Que annos são os da discrição, & quando começão, para ser obrigado á
comungar. Ibid.n.35.

Sagrada Comunhão.

A sagrada Comunhão he necessaria para a salvação, & como. Lib.2.
Ser.2.á.n.7.ad 17.& n.25.& 32.

Tão necessaria diz S.Thomas como o Bautismo. Ibid.n.17. & Ser.1.
n.85.

Ninguém se póde salvar 'senão comungar *in voto*', não podendo *in re*.
Lib.2.Ser.2.n.25.

As crianças bautizadas se salvaõ, porque comungão *in voto* no Bautis-
mo, & como. Ibid.n.20.

He mezinha contra o pecado. n.41.

Por seu meyo muytos se convertem. Lib.2. Ser:2.n.47.

He enxertia spiritual para darmos fructos de eterna vida. Lib.2. Ser.3.
n.104.& 105.

Sem esta enxertia ninguém se salva. Ibid.n.106.

He hũa communicacão reciproca entre Christo, & o homem. Lib.2.
Ser.4.n.41.

A todos se ha de dar para se salvarem de qualquer casta, & condição q̃
sejão, brancos, & negros sem exceição de pelloa, tendo os annos da
discrição. Lib.2.Ser.2.per totum.

Com mayor charidade, & desvelo se ha de dar aos pobres mal enrou-
pados, & nus, aos servos, & escravos presos com ceppos, & grilhoes.
Ibid.à n.61, ad 77. & Ser.4.per totum.

Indice

- Se não pôde negar aos pecadores confessados, & absoltos. Lib. 2. Ser. 2. á n. 35. ad 61.
- Tres modos de comungar distinguem os Doutores. Ibid. á n. 27.
- As crianças bautizadas são dignas, & capazes da Sagrada Comunhão. Ibid. 106.
- Antigamente comungavão. Ibid.
- Está defeso pela Igreja latina pelo perigo da irreverencia, mas pela Grega. Ibid.
- Que sciencia se require nos christãos, para comungarem. Lib. 2. Ser. 2. n. 88. 108. & 109.
- Quem tem obrigação de os ensinar, para que comunguem. Ibid. n. 89.
- Casos em que podem comungar os necios, & faltos de juizo. Ibid. á 110. ad 115.
- Se he licito, & sancto comungar todos os dias. Lib. 2. Ser. 2. á n. 142. ad 154.

Comparações.

- Da Mesa do Sanctissimo Sacramento com a da Sanctissima Trindade. Lib. 2. Ser. 3. á n. 25. ad 34.
- Da enxertia das arvores com a Sagrada Comunhão. Lib. 2. Ser. 3. n. 104. & 105.
- Dos tres Serenissimos Duques ultimos de Bragança privados de seu Reyno com os tres dias misteriosos do somno de Christo. Materia muy notavel. Lib. 1. Ser. 3. á n. 46. ad 51. & lib. 3. Ser. 1. n. 33. & 34.
- Da politica dos Portuguezes com a Serenissima Casa de Bragança com a dos Hebreos da morte de Christo. Lib. 1. Ser. 3. á n. 40. ad 46. & lib. 3. Ser. 1. n. 33. & 34.
- Da promessa féyta por Christo á elRey Dom Affonso Henriques comprida em elRey Dom João IV. com a que fez Deos á elRey David comprida em Christo. Lib. 3. Ser. 2. n. 11. & 12.
- Da Arvore Real dos Reys de Portugal, com a Real de Christo. Materia singular muy misteriosa. Lib. 1. Ser. 4. n. 11.
- Da decima sexta geração d'elRey Dom Affonso Henriques terminada em elRey Dom João IV. com a decima sexta geração triplicada de Abraham terminada em Christo. Lib. 1. Ser. 4. per totum.
- Da Arvore Real de Portugal, com a d'elRey David. Lib. 1. Ser. 1. n. 46. & 47.
- Da Serenissima Senhora Dona Catherina neta d' elRey Dom Manoel com a vergonça da arvore cortada d' elRey Nabuch. Lib. 1. Ser. 1. n. 44. & 45.

Das cousas mais notaveis.

- Do Imperio de Portugal como da Igreja Catholica. Lib. 1. Ser. 3. á n. 55.
ad 58. & lib. 3. Ser. 1. á n. 1. ad. 11.
Do Reyno no dia da aclamação d' el Rey Dom João IV. com a Aurora.
Lib. 3. Ser. 2. á n. 24. ad 17.
Das Saudades da India com as de S. Thomé. Lib. 3. Ser. 1. n. 12.
Da India com a Viuva de Sarephtha. Lib. 2. Ser. 4. á n. 62. ad 65.
Do peccador catholico muyto fiel com a fidelidade, & vicies do Caõ.
Lib. 2. Ser. 2. n. 14. 1.
Da resurreição d' el Rey D. João IV. com a do filho da Viuva de Na-
im. Lib. 1. Ser. 3. á n. 21. ad 25.
Do mesmo Rey cõ a paciencia de Abraham. Lib. 3. Ser. 4. á n. 15. ad 16.
Do acatamento do mesmo Rey devido ao Papa com o de Malchos no
Horto com S. Pedro. Lib. 3. Ser. 4. á n. 27. ad 33.
De seu nascimento politico com o milagroso do Baptista. Lib. 3. Ser. 2.
n. 19.
Do parto maravilhoso de Lisboa, com o milagroso de S. Izabel. Lib. 1.
Ser. 1. n. 31. & 33.
Da aclamação d' el Rey Dom João IV. com a de Christo no Thabor.
Lib. 1. Ser. 1. á n. 22. ad 28.
Da mesma aclamação com a d' el Rey Saul. Lib. 1. Ser. 1. á n. 19. ad 22.
Da redempção de Portugal com a do Mundo. Lib. 1. Ser. 3. á n. 25. ad 33.
Dos Imperios do Mundo com as idades dos homens. Lib. 1. Ser. 3. n. 52.
Da duração do Imperio de Portugal cõ o de S. Pedro. Lib. 1. Ser. 1. n. 60.
Da consciencia dos Amos, & Senhores com a de seus servos, & escravos.
Lib. 2. Ser. 2. n. 138.
Do Paroco que nega a Sagrada Comunhão aos pobres com o Rico A-
varenco. Lib. 2. Ser. 2. n. 248.

David.

- Foy escollido por Deos para Rey á sombra do Santíssimo. Lib. 1. ser.
2. n. 65.
Para praça de armas invenciveis lhe aparelhou a Meça Sagrada da Eu-
charistia. Ibi. 3.
Por co. fessar sua culpa reprehendido, & arrependido de seu peccado, o
tirou d'elle logo Deos. Lib. 2. Ser. 1. n. 34.
Na pedra em que derrubou ao Gigante Goliath escreveu o nomé de
Jesv. Lib. 3. Ser. 4. n. 3.

Indice

Demonio.

- Varias opinioes de seu pecado. Lib. 2. Ser. 3. á n. 54. ad 65.
A mais commua que se não quis sojeitar á Christo na revelação que teve da encarnação do verbo. Ibid. n. 64.
Quis antes nas penas eteruas do Inferno ter debayxo de seu imperio aos homês, que ser bemavenrurado no Ceo debayxo do imperio de Christo. Ibid.
Na tentação de Job por ordem divina foy seu Anjo custodio. Lib. 3. Ser. 1. n. 86.
Se for á India por Missionario-mandado por Deos pregar aos Indios a fce catholica, será o Anjo da guarda da India. Ibid.

Deos.

- Mandou com preceito aos Hebreos, que na aclamação dos Reys fizessem sem pessoa de seu fangue, escolhido por elle. Lib. 1. Ser. 1. per totum.
Peza na balança os Imperios, & achandoos saltos de pezo, os muda. Lib. 1. Ser. 1. á n. 11. ad 15.
Não castiga aos maos, sem premear no mesmo tempo os bons. Ibid. n. 11.
Aos que escolhe para impresas grandes dispõe com muy grandes prendas. Lib. 1. Ser. 2. n. 71.
Empenhado em amparar tira das fraquezas dos homês valentias. Lib. 3. Ser. 3. á n. 12. ad 15.
Tira todo temor á quem he servido de exaltar. Lib. 3. Ser. 3. n. 4. & 5.
Empenhado com Jeremias felo desde creança poderoso. Lib. 3. Ser. 3. n. 9. & 10.
Com gemidos, & taramelhinhas de mininos faz guerra, & rende os mais poderosos Reys, & Monarchas. Ibid. n. 12.
Tem novo modo de guerrear diverso do que tem os homês. Lib. 3. Ser. 3. n. 17.
Sò com vozes sem armas vence, & poem em fugida os mais poderosos exercitos. Ibid. n. 18. 19. & 20.
Apareceo na Sarfa á Moyles, para o fazer Princepe de seu povo. Lib. 1. Ser. 2. n. 37.
Porque na Sarfa, & não em outra parte. Ibid. á n. 38. ad 41.
O acompanhou no Mar vermelho contra Pharaõ escondido em sua nuve. Lib. 1. Ser. 2. n. 44.

Das cousas mais notaveis.

Que figurava Deos na nuve em que fundou Moyses sua mayor confiança. Ibid.

He muy fiesco da obediencia que se lhe deve. Lib.3. Ser.3. n.16.

Naõ ha nelle acceptação de pessoas. Lib.2. Ser.2. n.138. & Ser.4. n.127.

Não valem para com Deos as grandezas, & fidalguias da terra. Lib.3. Ser.2. n.77.

Todos fomos igoes, & todos nada diante de Deos. Ibid.

Naõ o busca letrados para selhes communicar. Ibid. n.101. & 102.

Mais estima a boa consciencia dos simples, que as lettras dos entendidos. Ibid. n.103. & 104.

Não aborrece o sujo do corpo, mas da alma. Lib.2. Ser.2. n.68.

Faz grande estimação dos pobres. Ibid. n.77. & 78.

Descripções.

Do misterio da Sanctissima Trindade. Lib.2. Ser.4. n.15.

De sua divina mesa, & iguarias. Lib.2. Ser.3. á n.14. ad 23.

Do muyto que excede a nossa capacidade a encarnação do Verbo. Lib.2. Ser.4. n.4. & 5.

Das maravilhas, & milagres que obra Christo na Eucharistia em todos os dez Predicamentos de Aristoteles. Lib.2. Ser.4. á n.16. ad 27.

Da mesa do Mundo em que se assenta o homem, & da mesa do homẽ, em que se assenta Deos. Lib.2. Ser.4. á n.42. ad 45.

Da noyte lastimosa em que Christo instituiu a Eucharistia. Lib.1. Ser.2. n.52.

Do banquete sacrilego, que os Judeos apparelharaõ á Christo. Lib.2. Ser.1. n.39.

Da balança, com que Deos pesa os Imperios do Mundo. Lib.1. Ser.1. á n.11. ad 17.

Das mudanças dos Imperios por falta de peso. Lib.1. Ser.1. n.12. & 13.

Do mundo inconstante. Lib.1. Ser.1. n.27.

Das Rodas de Ezechiel. Lib.1. Ser.1. n.39. & 40.

Da Arvore que senhou el Rey Nabuch. Lib.1. Ser.1. n.42.

Da grandiola de Portugal plantada no campo do Ourique. Lib.1. Ser.1. n.44.

Da confiança de Moyses. Lib.1. Ser.2. n.43.

Da grandeza de Adão no estado da innocencia. Lib.3. Ser.3. n.38.

Do valor de Abraham no sacrificio de Isaac. Lib.3. Ser.4. á n.18. ad 24.

Da jornada que fez Jacob para Mesopotamia, allegoria da que fazemos na hora da morte para a outra vida. Lib.2. Ser.3. n.73. & 74.

Indice

- Da arvore da morte plantada no Parayfo terreal. Lib. 2. Ser. 3. n. 89.
- Da morte, que Christo mattou na Cruz na sua vida Lib. 2. Ser. 3. n. 95.
- Das armas de Christo no Calvario para debellar á Lucifer. Lib. 1. Ser. 2. n. 53.
- Da casa limitada do Cenaculo, em que Christo instituiu a Eucharistia. Lib. 2. Ser. 1. n. 81.
- Dos titulos que dão os Sanctos ao Sanctissimo Sacramento. Lib. 2. Ser. 1. n. 72.
- Da redempção dilatada depois de cinco mil annos Lib. 1. Ser. 3. n. 7.
- Da traça com que Deos descubrio a falta da Sagrada Comunhão na India, para a remedear. Lib. 2. Ser. 1. á n. 10. ad 20.
- Da solemne procissão que ouve na India, para se levar à hum Canarim enfermo o Senhor. Lib. 2. Ser. 1. á n. 11. ad 18.
- Da doutrina de Christo na administração da Eucharistia. Lib. 2. Ser. 1. n. 5. & 6.
- Das perdas da India por faltarem aos Indios os Sacramentos. Lib. 2. Ser. 2. n. 94.
- Da perda de Malaca. Lib. 1. Ser. 2. n. 79.
- Das virtudes d'el Rey Dom João IV. Lib. 1. Ser. 2. n. 72.
- Das mudanças dos vassallos na aclamação dos Reys. Lib. 1. Ser. 1. n. 27.
- Do levantamento de Evora com o que ouve em Lisboa. Lib. 3. Ser. 3. n. 42.
- Do numero misterioso de 40. Lib. 3. Ser. 2. n. 27. & 28.
- Do muyto que temia a India as armas, & armadas Portuguezas. Lib. 3. Ser. 1. n. 31.
- Da ventura da India descoberta pelos Portuguezes. Lib. 2. Ser. 3. n. 111. & 112.
- Da mudança da vida que ouve nos Indios admitidos á Sagrada Comunhão. Lib. 2. Ser. 2. n. 41.
- Das felices novas que lhe chegaraõ da aclamação d'el Rey Dom João IV. Lib. 3. Ser. 1. n. 30.
- Do estado da India. Lib. 3. Ser. 1. á n. 43. ad 52.
- Das Conquistas de Portugal. Lib. 3. Ser. 1. n. 10.
- Do Imperio Portugues parecido com as mudanças da Lúa. Lib. 1. Ser. 3. n. 59.
- Da Lúa que escurece na mingoante. Lib. 1. Ser. 3. n. 63.
- Das desobediencias da India por desobedecermos à Deos. Lib. 2. Ser. 1. n. 101.
- Dos tres Nacimentos d'el Rey Dom João IV. Natural, Politico, & Milagroso. Lib. 3. Ser. 2. á n. 1. ad 8.

Da

Das cousas mais notaveis.

Da pessoa de Saul. Lib. 3. Ser. 3. n. 31.

Da grandeza da vinha do Senhor no estado da India. Lib. 2. Ser. 1. n. 1.
2. & 3.

Dos titulos, & nomes gloriosos do Fundador, & do Restaurador do
Imperio de Portugal. Lib. 1. Ser. 1. n. 51.

Do Principe perfeito na Pessoa d' elRey Dom João IV. Lib. 1. Ser. 2.
n. 72.

Das qualidades de hum bom Ministro. Lib. 3. Ser. 4. n. 46. & 47.

Do temor q̃ teve Herodes de perder o Reyno no nascimento de Ghris-
to. Lib. 3. Ser. 3. n. 24.

Da infidelidade do Mundo herança dos nossos primeiros pays. Lib. 2.
Ser. 1. n. 73.

Do antidoto contra a infidelidade. Lib. 2. Ser. 1. n. 74.

Da vida das grandes dos Fidalgos, dos Nobres, áquem Deos fez mais
luzidos no Mundo. Lib. 2. Ser. 4. n. 70.

Do Fidalgo pecador áquem todos concorrem para se lhe levar o Se-
nhor na hora da morte, & do pobre innocente por quem ninguem
se aballa. Lib. 2. Ser. 4. n. 78.

Da boa consciencia dos pobres, Fidalgos, da casa de Deos. Lib. 2. Ser. 2.
n. 82. & 83.

Da bondade dos humildes com a maldade dos Grandes. Lib. 2. Ser. 4.
n. 69.

Do engano, erro, & pecado dos Parocos, que não levão o Senhor aos
pobres enfermos, nem tão pouco no ultimo da vida. Lib. 2. Ser. 4. n.
78 & 79.

Das ditas, & felicidades d' elRey D. João IV. Lib. 1. Ser. 2. á n. 73. ad 77.

Do sangue de Christo sacramentado no Calis. Lib. 1. Ser. 2. n. 68.

Do esforço, & valor dos Portugueses que conquistaraõ a India. Lib. 2.
Ser. 1. n. 1. & 2.

Das felicidades de Portugal com as perdas da India. Lib. 1. Ser. 2. n. 78.

Do Presépio sagrado no nascimento de Christo. Lib. 1. Ser. 2. n. 37.

Do pecado de Adão ditoso, & felis na mayor infelicidade. Lib. 1. Ser. 3.
à n. 1. ad 5.

Do planera do Sol, & da Lúa figuras do Imperio spirtual da Igreja Ca-
tholica, & do temporal dos Reys. Lib. 1. Ser. 3. n. 51. & 64.

Dos homẽs representados nas arvores. Lib. 2. Ser. 3. n. 93.

Dos milagres de Moyfes com o Sanctissimo nome de Jesu. Lib. 3. Ser.
4. n. 2.

Da lastima dos servos á vista de seus Senhores. Lib. 2. Ser. 4. n. 116.

Do pobre mal avaliado comparado com o rico. Lib. 2. Ser. 4. n. 61.

Indice

Dias.

- Os dias se fallão, & como. Lib. 3. Ser. 2. n. 13.
- O dia do nascimento de Christo no Presépio fallou com o dia de seu levantamento na Cruz, & este com o milagroso da resurreição. Lib. 3. Ser. 2. á n. 13. ad 17.
- O do nascimento natural d'elRey Dom Joao IV. em Villaviçosa fallou com o politico de Lisboa, & o politico com o milagroso do Sanctissimo Sacramento, & como. Ibid. n. 17.
- Os tres dias dos que seguião á Christo sem comer, que podem significar. Lib. 2. Ser. 3. n. 6.
- Os tres dias do sono de Christo acomodados ao sono dos tres ultimos Serenissimos Duques de Bragança. Lib. 1. Ser. 3. á n. 41. ad 51. & Lib. 3. Ser. 1. á n. 32. ad 35.

Duques.

- Os Principes de Portugal são, & foraõ sempre os Serenissimos Duques de Bragança. Lib. 3. Ser. 3. n. 21.
- São entre os Portugueses os mais queridos de Deos. Ibid.
- Desde o tempo d'elRey Dom Affonso Henriques pós Deos nelles seus divinos olhos. Ibid.
- Os tres ultimos privados de seu Reyno se pareceraõ com Christo, & como. Lib. 1. Ser. 3. á n. 41. ad 51. & Lib. 3. Ser. 1. á n. 32. ad 35.
- Não foy pequena Cruz a que podeceo o Serenissimo Duque D. Joaõ I. privado injustamente de seu Reyno. Lib. 1. Ser. 3. n. 45.

S. Elias.

- Pera Elias comungar foy necessario que Deos se empenhasse, & o mandasse com preceito. Lib. 2. Ser. 4. n. 60.
- Se fora à India lhe negarião os Parocos a sagrada Comunhão, & porque. Ibid.
- O que ouverem de fazer os Parocos na India na administração dos Santos Sacramentos he o que fez, & ensinou Elias. Ibid. n. 64.
- Pedio Elias á Viuva de sarephita primeiro a agoa, & logo hum bocadinho de pão tráfido na mão. Ibid. á n. 62. ad 65.
- Que representava esta Viuva, que não difficulitou dar á Elias a agoa, mas só opaõ. Ibid. n. 62, & 63.

Encarnação.

Das cousas mais notaveis.

Encarnação.

O milagre da Encarnação excede á nossa capacidade. Lib. 2. Ser. 4. n. 4.^a & 5.

Affombron o mais alto entendimento debaixo de Deos, mayor que o dos Anjos. Ibid.

Para Christo nacer sempre na terra como homem, assi como sempre nasce no Ceo como Deos, a estendeu na Eucharistia. Ibid. à n. 7. ad 10.

Encuberto.

O primeiro Encuberto foy Christo. Lib. 1. Ser. 1. n. 23. 38. & 48. & Ser. 2. n. 23. & lib. 3. Ser. 2. n. 8. & 41. & Ser. 3. n. 3. & 14.

O segundo Encuberto de quem fallaõ muytos Sanctos he para mais lonje muy fora dos nossos tempos. Lib. 1. Ser. 1. n. 38.

O Encuberto de Portugal debayxo dos sonhos, & mal fundadas esperanças d'elRey Dom Sebastião foy elRey Dom João IV. descuberto no anno de 40. Ibid. & Lib. 3. Ser. 3. n. 15.

Em que finto se pôde dizer de Moyse, & de Saul, que foraõ os Encubertos. Lib. 1. Ser. 1. n. 19. & Lib. 3. Ser. 3. n. 14.

Por errada opinião se diz d'elRey D. Sebastião, que he o Encuberto de Portugal. Lib. 1. Ser. 1. n. 38.

Ermitão.

Prophecia de hum Sancto Ermitão manifestada a elRey Dom Affonso Henriques, cumprida no anno de 1640. Lib. 1. Ser. 1. n. 8. & Ser. 3. n. 15.

Ignorancia de outro muy aceito á Deos por sua muyta virtude. Lib. 2. Ser. 2. n. 104.

Esfranjeiro.

Para Com Deos não ha esfranjeiros, mas todos são naturais de hum mesmo Reyno, vassallos de hum mesmo Senhor. Lib. 2. Ser. 1. n. 34.

Não se ha de encontrar a doutrina de Christo, & da Igreja por ser esfranjeiro quem a prega. Lib. 2. Ser. 1. n. 32. & 33.

Para as mayores empresas mais se vale Deos dos estrangeiros, que dos naturais. Ibid.

- Hum homem natural da terra Adão perdeu com seu pecado o Mundo:
Outro estrangeiro na terra, natural do Ceo o remio com sua justiça.
Ibid.n.33.
- Para converter a India não escolheo Deos á hum Rey Indio,mas á hum
Rey estrangeiro natural de Lisboa. Ibid.
- Para pregar á penitência em Italia, se valeo de S. Antonio Portugues
feito Italiano por amor,& para remedear a falta da Sagrada Communhão na India, lhe mandou de Italia outro Antonio pecador, feito
Portugues por amor. Ibid.
- Para as conversões mais valem os estrangeiros do que os naturais. Ibid.
- Não mandou Deos para converter á Ninive hum Propheta Ninivita,
mas Jonas estrangeiro. Ibid.
- Por cuidarem os Israelitas, que Christo não era estrangeiro homé do
Ceo,mas natural da terra Israelita como elles,não quizerão receber
a doutrina que pregava. Ibid.
- Mais milagres fez Christo em Capharnaum,aonde era estrangeiro,que
em Behelem,donde era natural. Ibid.
- Mais milagres, & mayores faz S. Antonio fora de sua patria em Pa-
dua,que na propria de Lisboa. Ibid.
- Politica dos Anjos com os estrangeiros,que querião entrar com Christo
no Ceo na sua gloriola ascensão. Lib. 1. Ser. 3. n. 24. & 35.
- Não quizerão em seu Reyno estrangeiros poderolos, gente de guerra,
mas virtuosos homés de oração. Ibid.n.35.
- Admitirão aos homés,que subirão com Christo para o Ceo,por estrá-
geiros naturalizados. Ibid.
- A mesma politica teve elRey Dom João IV. em Portugal. Ibid. n.36.
- Não fora a redempção perfeita, se Christo renhira só aos naturais, &
não aos estrangeiros. Ibid.n.33.
- Nem tam pouco a de Portugal, se o Redemptor Lusitano remirá só aos
Portugueses no seu Reyno. Ibid.n.36.
- Não ha peyor estrangeiro que o Diabo; com tudo se Deos o mandára
á India pregar a Fee Catholica,será seu Anjo da goarda,& Pregador
Apostolico Lib.3. Ser. 1. n.86.
- Os Missionarios da Divina Providencia são estrangeiros pelo sangue,
& Portugueses por amor. Lib. 1. Ser. 1. n.63.
- Se o Medico que nós cura nos der saúde, que emporta que seja estran-
geiro. Lib.2. Ser. 1. n. 33.
- Faça se o milagre, & pouco emporta não ser por Sancto Portugues.
Ibid.
- A que virão os Sanctos Reys no Oriente na noyte de Natal,trafia pin-
tado

Índice

- He em que Deos he mais adorado, & venerado na terra dos Reys, & Nações do Mundo. Lib.2. Ser. 1. n.57.
- Grandes desejos do Senhor de instituir a Eucharistia. Lib.2. ser. 1. n.38.
- Mais per desejo de se communicar aos pobres, que aos ricos, aos baixos & humildes, que aos Nobres, & Grâdes, aos servos, & escravos, que à seus Amos, & Senhores a instituio na derradeira cea. Lib.2. Ser.4. á n.12. per totum.
- Desejos dos Indios de a receberem, & lastimas de não terem quem lha desse. Lib.2. Ser. 1. per totum.
- Porque mandou o senhor, que na administração da Eucharistia nos lembremos de sua morte, & não de sua resurreição. Lib.2. Ser.4. n.88.
- O primeiro que a recebo feito comida de si mesmo foy Christo. Lib.2. Ser.3. n.12.
- Logo depois de Christo a recebo das mãos de seu divino Filho a Virgem Maria. Lib.1. Ser.2. n.48.
- Em terceiro lugar os Apostolos. Lib.2. Ser.1. n.40.
- Requisitos para se receber dignamente dos Christãos. Lib.2. Ser.2. n.108. & n.114.
- Se referem muytos casos, em que aos mais simples, & rudes, & à mudos, & surdos à nativitate, & á necios, & loucos, & á semelhantes pessoas se póde, & deve dar a Eucharistia. Lib.2. Ser.2. á n.109. ad 112.
- Obrigaçao he de quem a administra de procurar, que cada hũa receba fielmente, & com reverencia conforme sua capacidade. Ibid. n. 114.
- Quais são os Caes do Evangelho, a quem não se ha de dar a Eucharistia, & quais os filhos, a quem se deve. Lib.2. Ser.2. n.135. 139. & 141.
- He antidoto contra o pecado. Ibid. n.45.

Fábula.

- Da cidade de Thebes, cujos muros acometidos com armas, soavão musicos instrumentos. Lib.1. Ser.1. n.49.
- Dos Delphos, que no Templo de Apollo havia hũas taças artificiosas, que no mesmo tempo servião de copos para beber, & de escudos para brigar. Lib.1. Ser.2. n.68.

Fé.

- Sem a sagrada Communhão senão conserva a fé nos Christãos. Lib.2. Ser.2. á n.115. ad 130.
- Muytos a perderão na India ppr não comungarem. Ibid. n.41.
- Muytos

Das cousas mais notaveis.

Muytos se reduzirão por comungarem. Ibid.

Os da Ilha de S. Lourenço se não comungarem, nunca estaraõ fixos na fé. Ibid. n. 127. 128. & 134.

He proprio da Sagrada Comunhão criar, & conservar nos Christãos a fé. Lib. 2. Ser. 1. n. 41.

Mais pôde hũa sombra, & figura da Sagrada Comunhão para os Christãos terem fé, que as praticas divinas de Christo. Lib. 2. Ser. 2. á n. 129. ad 134.

Nem Christo *de potentia ordinaria* pôde fazer, que os Christãos tenham fé sem a Sagrada Comunhão. Ibid.

Sem este Sacramento saõ os Christãos inclinados, & entregues á idolatria. Ibid. n. 117.

Por comungarem os Martyres, sofreraõ pela fé até á morte cruelissimos tormentos. Lib. 2. Ser. 1. n. 42.

Os novos na fé bautizados em pé, para se confirmarem, & fortificarem nella, se lhe há de dar logo depòys do bautismo a Sagrada Comunhão. Ibid. n. 44.

Fidalgo.

Qual he a vida de muytos. Lib. 2. Ser. 4. n. n. 69. & 70.

Na opinião dos homês saõ os Fidalgos os Graudes do Mundo: na de Deos saõ os mais bayxos, & pequenos. Ibid. n. 69.

Fidalgos da casa celestial, & divina de Christo saõ os pobres. Lib. 2. Ser. 2. n. 77. & 81.

Se os Fidalgos enchados por grandes se não fizerem pequenos por humildade, não os estima Deos. Lib. 2. Ser. 4. n. 73.

Aborrecese Deos delles, não pela grandeza, mas pola soberba. Ibid. n. 82.

Quarenta foraõ os que aclamarão à el Rey Dom João IV. em Lisboa no anno de 40. depòys de 40. vezes 40. annos. Lib. 3. Ser. 2. n. 27.

Communicandose entre si huns aos outros successivamente o segredo da aclamação, quasi por 40. gerações o geraraõ no nascimento politico ao Ceptro, & á Coroa. Lib. 1. Ser. 4. n. 11.

Se não foy milagre conservar-se o segredo da aclamação entre 40. Fidalgos por cinco meses, que durou o tratado della, foy maravilha, & espanto. Lib. 1. Ser. 1. n. 31. & 32.

Fidalguia.

Tres Fida'guias distinguem os jurifconsultos, & quaes saõ. Lib. 2. Ser. 2. n. 79.

Indice

Para com Christo não valem as Fidalguias. Ibid.n.77.

Mas estima Deos a boa consciencia dos humildes que toda a Fidalguia do Mundo. Ibid.

Genealogia.

A de Christo descripta por S. Matheus he hum debuxo da decima sexta geração d'elRey Dom Affonso Henriques. Lib.1. Ser. 4. per totum.

Dos Reys de Portugal por diversos modos contão os curiosos a decima sexta geração. Lib. 1. Ser. 4. n. 58.

A mais ajultada, & mais certa he de oito Reys, & de oito Serenissimos Duques de Bragança. Ibid.

Vide verb. *Christo gerado*.

Gerolifico.

Dos Grandes do Mundo são os Montes. Lib. 2. Ser. 4. n. 69.

Dos pequenos da terra são os Valles. Ibid.

Nas Ideas divinas os Montes representam a pobreza dos Grandes : Os Valles a riqueza dos pequenos, & porque. Ibid.

Da grandeza são as Arvores, da soberba as subidas. Ibid. n. 72. & 81.

Hebreos.

Covardia dos Hebreos acometidos por Pharaõ no Mar vermelho. Lib. 1. Ser. 2. n. 42. & 43.

Não se ouveraõ como os valerosos Portuguezes acometidos nas fronteiras no Reyno. Ibid.

Historia.

De Heraclio Emperador quando levou em seus hombros a Cruz de Christo para o Calvario. Lib. 2. Ser. 4. n. 75.

De hum Alma do Purgatorio que apparece muytas vezes, para representar a causa de suas penas, & pedir suffragios. Lib. 2. Ser. 3. n. 116.

De hum Religioso de sancta vida, que não sabia, nem rezava outra oração mais que as primeiras palavras da *Ave Maria*, que foraõ á Deos muy aceitas. Lib. 2. Ser. 2. n. 103.

De hum Ermitão muyto rude, que caminhou a pé enxuto sobre as ondas. Ibid. n. 104.

Homen.

Das cousas mais notaveis.

Homem.

São os homens muy avarentos com Deos. Lib. 3. Ser. 4. n. 51. & 52.
Quanto mais ricos mais avarentos. Lib. 2. Ser. 4. n. 33. & 34.
Para os vicios gastão largo, para o que devem á Deos, & ao proximo, ou nada, ou muy pouco. Ibid. n. 71.
Por avarento offerecia Caim á Deos os peyores fructos da terra. Ibid.
São os homens arvores viradas. Lib. 2. Ser. 3. n. 93.
Tributarios da morte a trasem sempre consigo. Ibid. n. 91.
Dos mortos se sustentão, & com a morte vivem. Ibid.
Repartem com a morte os dias da vida. Ibid.

Jacob.

Na jornada que fez para Mosopotamia figurou a que fazemos na hora da morte para o Empireo. Lib. 2. Ser. 3. n. 73.
O bordão que levava, significava a Cruz, o sono a morte, o campo o cimiterio, & a pedra, em que descençou, a sepultura. Ibid.
No pão que pedio á Deos procurou o Viatico. Ibid. n. 72. & 75.
Per lho não darem os Anjos, que subião, & decião pela escada, chamou terrivel o lugar, em que estava. Ibid. n. 77.

Igreja.

Naceo do lado de Christo aberto na Cruz depois de morto. Lib. 1. Ser. 3. n. 55.
A figurou Deos em Eva, áquem criara do lado de Adão dtrmindo. Ibid.
Qualquer falta contra ella castiga Deos com perdas de Reynos, & Imperies, Ibid. n. 68.
Por rasgar Saul a capa de Samuel figura da Igreja Cathoilca, rasgou logo Deos d'elle seu Reyno. Ibid.
He loucura disputar, se se ha de fazer o que ella faz em todo o Mundo. Lib. 2. Ser. 2. n. 98.
A Viuva de Naim representou a Igreja universal. Lib. 2. Ser. 4. n. 63.
A de Sarephtha representou a Oriental da India. Ibid.
Todas as Parrochiaes tem obrigação de guardarem o Senhor, para se levar aos enfermos. Lib. 2. Ser. 2. á n. 227. ad 233.
Não desobriga o costume em contrario, Ibid. n. 230.

Indice

Nem tão pouco desobriga o perigo de sacrilegio, se não for tão grande, q̃ por mais vigias, & diligencias que se fação, se não possa evitar. Ibid.
He castigo de Deos, que o não tenham na India se não muy poucas Freguezias nas suas Igrejas. Ibid. n. 236.
Antes querem os Summos Pontífices, que se tenha secretamente, & se leve aos enfermos sem culto, & sem luz, nem tam pouco de hũa alãterna, do que se deixe de ter, & de se lhes levar. Ibid. 231. & 232.

Imperio

Tem Deos figurado no Sol o espirital de sua Igreja, & na Lúa o temporal dos Reys, & Monarcas da terra. Lib. 1. Ser. 3. n. 53.
Por ser hum o Sol, hum he o Imperio universal da Igreja hũ o Vigário de Christo. Lib. 1. Ser. 3. n. 53.
Por ser hũa a Lúa, hum parece tambem, que ha de ser o Imperio temporal do Mundo todo. Ibid.
Podêlo ser o de Portugal, & não outro, mostra se com rezões. Lib. 1. Ser. 3. n. 54.
Muy parecido com o Imperio spiritual da Igreja he o de Portugal. Lib. 1. Ser. 3. á n. 55. ad 58. & Lib. 3. Ser. 1. á n. 1. ad 11.
Ambos são Imperios de Christo com particular dominio. Lib. 1. Ser. 3. n. 54.
Por Imperio seu são os Reys de Portugal Vigarios de Christo na terra no temporal, como o são os Pontífices Romanos no spiritual. Lib. 3. Ser. 1. n. 9.
Todos os Imperios se parecem com a vida do homem. Nacem, crecem, declinaõ, & morrem. Lib. 1. Ser. 3. n. 52.
Só o de Portugal se parece com o Planeta immortal da Lúa, que namingoante, quando parece que acaba, torna a renacer. Ibid. n. 59.
Pelo seu mesmo nome Lusitania, mostra ser parecido com a Lúa. Ibid. n. 60.
Muda, traspassa Deos os Imperios temporais por pecados. Lib. 1. Ser. 1. á n. 12. ad 15.
Para o Imperio de Portugal não ter mingoante, olhe sempre para o Sol, & como. Lib. 1. Ser. 3. á n. 62. ad 64.
As politicas humanas se encontrão as divinas, não conservão os Imperios. Ibid. n. 65.
Bastou dividir as rendas do Mosterio de Alcobaça, para se dividir o Imperio Portugues. Ibid. n. 66.
Menos se conservão sem a obediencia, & acatamento devido à Santa Sé

Das cousas mais notaveis.

Sê Apostolica. Ibid. á n. 67. ad 70.

India.

A descobrio por mar elRey D. Manoel no fim do seculo de 1500. Lib. 2. Ser. 3. n. 6.

A rendeu elRey Dom Joaõ III. Ibid.

A proveo de Igrejas, & Mitras elRey Dom Sebastião. Ibid.

Adoeceo com febre, & frio das heregias, & assaltos dos inimigos de Europa, paralitica, & mortal no anno de 1600. Lib. 3. Ser. 1. n. 27.

Pareceose com o Enfermo de 38. annos do Evangelho no anno de 1638. & como. Ibid. á n. 27. ad 30.

Melhorou no anno de 40. Ibid. n. 30. & 31.

Suas saudades manifestadas aos de Portugal no anno de 1648. Lib. 3. Ser. 1. per totum.

Seus grandes desejos de ver á seu Rey levantado. Ibid. á n. 32. ad 40.

Não he hũa só a India de Portugal, mas duas. Ibid. n. 42.

As muytas, & grandes riquezas que tem. Ibid. á n. 43. ad 52.

Valor dos Portugueses que a conquistaraõ. Ibid. á n. 19. ad 27.

Temor que tinhaõ os Reys Indios das armas de Portugal. Ibid. n. 31.

Fervor dos antigos Portugueses de dilatar nella a Fé Catholica, esfriado nos modernos. Ibid. n. 80.

Está toda aberta aos estrangeiros herejes inimigos, que com o poder das armas a vão conquistando: fechada aos amigos ministros do Evangelho Ibid. á n. 82. ad 86.

Perde se por faltarem os Parocos com a Sagrada Comunhaõ aos Indios. Lib. 2. Ser. 2. n. 94. & Lib. 1. Ser. 2. n. 78. 79. & 80.

Indios.

Seus grandes dezejos de receberem o paõ divino da Eucharistia, com queixas de lho não darem. Lib. 2. Ser. 1. per totum.

Delles morré muytos mil milhares de Christãos bautizados sem o receberem em nenhum tempo, nem na vida, nem na morte. Lib. 3. Ser. 1. á n. 66. ad 72.

Hum sò Missionario estrangeiro reprendeõ, remedeou, & desfez tam grande falta, abuso, & pecado. Lib. 2. Ser. 1. per totum. & Ser. 2. 3. & 4. per totum.

Em espirito vio esta falta Jeremias, & lastimado disse: *Parvuli petierunt panem, & non erat qui frangeret eis.* Lib. 2. Ser. 1. n. 10. 21. & 28. & per totum.

Princi-

Índice

Principiou-se o remédio, & a emenda com muytas conversões de Idolâ-
tras, & pecadores na Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe de-
bayxo de seu poderoso amparo. Ibid.n.22.
Triste dialogo que ouve desta falta na mesma Igreja. Ibid.á n.18.ad 21.

S. João Baptista.

Em que grao he primo de Christo Senhor nosso, & sobrinho da Vir-
gem Maria. Lib.1.Ser.4.n.48.
He o quarto Principe deste nome dos que refere a Sagrada Escritura.
Lib.1.Ser.2.n.32.& 33.
Foy coroado Rey no ventre de sua Mãe, & como. Ibid.n.30.& 31.
Por quarto Principe, & por Rey coroado se póde, & deve chamar o
Principe Precursor, & Rey S. João.IV. Ibid.n.33.
He o mayor Principe, & o mayor Rey coroado por Christo. Ibid.
Seu parto milagroso aplicado ao politico d'el Rey Dom João IV. Lib.
1.Ser.1.á n.29.ad 32.& Lib.3.Ser.2.á n.38.ad 40.

S. João Evangelista.

He primo do Baptista, & sobrinho da Virgem Maria, & em que grao
primo de Christo Senhor nosso. Lib.1.Ser.4.n.48.
Vidaõ maravilhosa que teve do levantamento de Christo aplicada a
d'el Rey Dom João IV. Lib.1.Ser.3.á n.26.ad 33.

S. Joseph.

Esposo da Virgem Maria, & seu primo Irmão, filhos de dous Irmãos.
Lib.1.Ser.4.n.29.& 48.
He mais provavel, & mais certo serem primos Irmãos, filhos de Irmão,
& de Irmãa. Ibid.á n.29.ad 37.& n.48.
He S. Joseph pay de Jesu Christo não tão sómente putativo, mas ver-
dadeiro, proprio, legitimo, & real, não natural, mas milagroso. Ibid.
n.18.
He o Sancto protector dos Reys encubertos. Lib.3.Ser.2. á n.39.ad 42.
Por esposo da Virgem Maria he Rey do Ceo, & da terra, Padroeiro de
todos os Reys, Reynos, & Imperios Lib.1, Ser.3.n.50.& 51.
Para o Verbo Divino na humanidade assumpta necer Rey coroado, &
morrer Rey aclamado, vale-se de S. Joseph. Ibid.
Encostou-se Deos em S. Joseph no mais alto degrao da Escada de Ja-
cob,

Das cousas mais notaveis.

- Joseph, para nacer Rey. Ibid. á n. 48. ad 52.
Deulhe no Ceo o mayor lugar. Ibid. n. 50.
Ordenou Deos com sua divina providência, que nenhum Principe, Rey, ou Monarcha se chamasse Joseph, & porque. Ibid. n. 55.
Por el Rey Pharaó levantar á Principe do Egypto á Joseph filho de Jacob, lhe mudou logo o nome de Joseph em Salvador. Ibid. n. 56.
Por reverencia de S. Joseph, quando Christo mudou o nomé á S. Pedro, lhe não chamou Joseph. Ibid. n. 54.
Nem tampouco quiz, que alguns dos Apostolos tivesse o nomé de S. Joseph, & porque. Ibid. n. 59 & 60.
He o Sancto padroeiro dos Reys, privados injustamente de seus Reynos, para os meter de posse delles com seu poderoso amparo. Ibid. n. 63.
Seus cuidados, prerogativas, excellencias, & grandezas. Lib. 3. Ser. 2. & per totum.
He neto do visavó de Christo. Lib. 1. Ser. 4. n. 29. & 48.

Malchos.

- Pela ethymologia do nomé val tanto como Rey. Lib. 3. Ser. 4. n. 29.
Pela allegoria significa o Rey, que ha de reynar com Christo. Ibid.
Por servo do Pontifice figurou os Principes, & Reys Catholicos subditos do Papa. Ibid. n. 37.
Pela reverencia devida á S. Pedro não o accusou á justiça de lhe cortar a orelha, mas soffeo com paciencia seu rigor. Ibid. n. 26.
Que representou no Horto por lhe cortar S. Pedro a orelha direita, & não a esquerda. Ibid. n. 27.
Aplicação desta historia evangelica ao que ouve em Portugal com o Pontifice Romano. Ibid. á n. 26. ad 33.

MARIA VIRGEM MAY DE DEOS.

- Affistio na derradeira cea na instituição da Eucharistia. Lib. 7. Ser. 2. n. 48.
Foy a primeira áquem Christo deu seu divino corpo, & sangue sacramentado antes de o dar aos Apostolos. Ibid. n. 50.
Em 25. de Março offerenceo Melchisedech o Sacrificio do pão, & do vinho. Em 25. de Março se encarnou o Verbo Divino; & na noyte em que se principiavão 25. de Março extendeo Christo a Encarnação, & a renovou sacramentalmente, quando a Virgem conungou. Ibid. c. n. 49.
Por

Indice

- Por seu amor, para descansar de novo em suas puríssimas entranhas, instituiu Christo a Eucharistia. Ibid.n.50.
- Nas bodas de Caná de Galilea pediu a Virgem á Christo, que instituísse a Eucharistia pela sede grande que tinha de beber seu divino sangue sacramentado. Ibid.n.n.55.
- O Sol Divino Christo Senhor nosso na figura do Sacramento em conjunção da Lúa da Virgem Maria, he pronóstico de grandes felicidades. Lib.1. Ser.2. á n.9. per totum.
- Tres vezes se unirão estes dous divinos Planetas, na Encarnação, no Presépio, & no Cenaculo. Ibid.n.19.
- Na Encarnação foy pronóstico de Coroas, no Presépio de liberdade, na Cenacolo de vitorias. Ibid. á n.19. per totum.
- Em todas representou sempre a Virgem Maria á Christo sacramentado. Ibid.n.19.34.& 47.
- Foy a Virgem o primeiro sacerdote, que no Altar de seu Sagrado ventre nos deu o pão da Eucharistia. Ibid.n.19.
- Com o fogo do Spirito Sáo o cozeo nas suas puríssimas entranhas. Ibid.
- He a Nao que no lo trouxe do Céo. Ibid.
- Está Christo no Altar como no ventre immaculado de sua sanctíssima Mãe. Ibid.
- Templo divino era a Virgem pejada de Christo. Ibid.
- Tão pejada de Christo he a Hostia consagrada, como era a Virgem Maria. Ibid.
- Na encarnação coroou ao Verbo Divino, & o fez Rey. Ibid.n. 20.21. & 23.
- O Reyno de Judea pertencia á Christo por morte de sua sanctíssima Mãe Ibid.n.24.
- Logo largou a Virgem antes de morrer, como, & porque. Ibid.
- O Presépio aonde o pario, representou a Mesa do Altar. Ibid.n.34.& 38.
- A mesma Senhora he animado, & vivo Altar do pão da vida. Ibid. n.34.
- Quando deceo Deos na Sarisa, para fazer Principe á Moyses, representou á Christo no puríssimo ventre da Virgem Mãe. Ibid. á n. 37. ad 42.
- A nuve, em que Deos guiava o povo Hebreo para o Deserto, representava a Virgem Maria pejada de Christo. Ibid n.44.
- Na Lúa quarta decima figura da Virgem Maria instituiu Christo a Eucharistia, & porque. Ibid. á n.52. ad 56.
- Para as suas vitorias não quiz Jové, que parasse sómente o Sol, figura de Christo, mas também a Lúa, figura da Virgem Maria, & porque. Ibid.n.58.
- Não

Das cousas mais notaveis.

Não teve a Senhora a Christo no collo no Presépio, mas na palha, & porque. Lib. 2. Ser. 1. n. 8.

Seu desejo era que fosse comida de todos. Ibid.

Debaxo de seu amparo se descobrio a falta da Comunhão na India, & se principiou o remedio. Ibid. n. 10.

Porque se apellidou escrava do Senhor, se era filha, mãy, & esposa. Lib. 2. Ser. 4. n. 93. 94. & 99. Lib. 1. Ser. 2. n. 24. & Ser. 4. á n. 26. ad 30.

Para coroar ao Bautista, pejada de Christo foy logo visitar a S. Isabel. Lib. 1. Ser. 2. á n. 28. ad 33.

Martyres.

Fortificados na fé por meyo da Eucharistia não temião os tormentos. Lib. 2. Ser. 1. á n. 4. ad 45.

Instruidos pelos Apostolos, & admitidos á Mesa do Altar, zombavão dos Tiranos. Lib. 2. Ser. 2. n. 125.

São os bemaventurados, que morrem no Senhor. Lib. 2. Ser. 3. n. 80.

Matban.

He immediato Avó de S. Joseph, & da Virgem Maria, visavó de Christo. Lib. 1. Ser. 4. n. 26. & 27.

He questão se he pay de S. Joachim, ou de S. Anna. Ibid. á n. 28. ad 37.

He mais provavel, & mais certo, que he pay de S. Anna. Ibid.

Mesa.

Na mesa divina da Sanctissima Trindade comungão desde ab eterno as tres PESSOAS divinas, & como. Lib. 2. Ser. 3. á n. 14. ad 24.

A tem Christo retratada na mesa do Altar. Ibid. á n. 25. ad 34.

He mesa grandiosa o Mundo, em que se assenta o homem. Lib. 2. Ser. 4. á n. 42. ad 45.

He mesa mais grandiosa o homem, em que se assenta Deos. Ibid.

Na mesa do homem troca Deos com o justo os pratos. Pola alma do justo dá sua sacratissima carne. Ibid. n. 41. & á n. 44. ad 47.

Na mesa do Mundo troca o pecador os pratos com Lucifer. Por peccados lhe dá a Alma. Ibid. & á n. 47. ad 51.

He a Alma do justo comida de Christo. Ibid. n. 46.

He a Alma do pecador comida de Lucifer. Ibid. á n. 47. ad 54.

Indice

Milagres.

Mayor milagre he fazerse Deos comida dos homês, do que transubstanciar o pão em seu sagrado corpo. Lib.2. Ser.4. n.10. & 11.

Não duvidaraõ os Phariseos de poder Deos transubstanciar as pedras em filhos de Abraham, mas de poder ser comida dos homês o tiveraõ por impossivel. Ibid.

Todos os dias faz Deos milagres em todo ente creado, & increado na consagração da Hostia, & do Calis. Ibid. á n.14. ad 27.

Em todos os dez Predicamentos de Aristoteles faz Deos na Eucharistia milagres. Ibid.

Ministros.

Hum bom Ministro ha de imitar á Christo que vejo ao Mundo para administrar, & não para ser administrado. Lib.3. Ser.4. n.33.

Nenhum de quantos ouve está no Altar canonizado, havendo Sanctos de todos officios, & porque. Ibid. á n.34. ad 39.

Com dependencias nenhum Ministro he bom. Ibid. n.38.

Muyto depende da independencia a justiça. Ibid. n.39.

O sustento do Ministro não ha de depender do cargo. Ibid.

Há de comer donde não manda, & ha de mandar donde não come. Ibid.

Por ministro seu Presidente na terra, ordencu Deos á Adaõ, para apurar sua justiça, que presedisse aos animais, & comesse das arvores. Ibid.

São os ministros redemptores dos homês. Ibid. n.40.

Se cortarem pelos que haõ de remir, daraõ annos de cruces, & não de redempção. Ibid.

Com mãos trocadas á justiça he de Cruces. Ibid. n.43.

Não basta para hum bom Ministro ser muyto justo, se não for muyto sofrido. Ibid. n.47.

As qualidades para hum bom Ministro são tantas, que difficilmente se achão unidas. Ibid. n.34.46. & 47.

São os Ministros á mão direita de seu Rey. Lib.1. Ser.3. n.76.

Haõ de ter duas mãos dereitas, & nenhũa esquerda como Aod Iuis dos Israelitas. Lib.3. Ser.4. n.45.

Basta hum Ministro esquerdo, para perder á seu Rey com seu Reyno. Lib.1. Ser.3. n.77.

Para

Das cousas mais notaveis.

Para hum Ministro julgador ser muyto justo ha de cortar muyto por si, & como, Lib.3. Ser.4.n.47.

Monarquia.

A de Castella leva ventajem á dos Romanos. I ib.1. Ser.1.n.57.

Foy agigantada em Carlos V. Lib.3. Ser.3.n.46.

Ciecem as Monarquias com as armas, & com as armas declinão, & se perdem Lib.1. Ser.1.n.55.

Fundadas na espada não são de muyta dura. Ibid.n.57.

Com as violencias dos Ministros se arriscão. Lib.3. Ser.3.n.46.

Com o mau governo se perdem. Ibid.

Morte.

A morte como póde morrer. Lib.2. Ser.3.n.94.

A desafiou Christo no Calvario, a levou em duello à Cruz, & nella a matou na propria vida, & a deixou crucificada, & morta. Ibid.

Com ser nada á todos pisa. Ibid.n.95.

Com ser hũa sombra sem ser, á todos assombra. Ibid.n.78. & 79.

Propriedades da morte. Ibid.n.95.

Não a pós Deos nos Planetas, nem nas Estrellas, nem nos Elementos, mas na Arvore, & porque. Ibid.n.92.

Cada dia morremos, cada momento perdemos parte da vida. Ibid.n.91.

O tempo que vivemos he o que nos leva a morte. Ibid.

Não teme a morte quem tem á Deos com figo. Ibid.n.78.

Como se entende o que se diz no Apocalipse: Que são beaventurados os mortos, que morrem. Ibid.n.80.

A morte de Christo foy sono. Lib.1. Ser.3.n.41.

A agonia que teve no Horto não foy de sua morte, mas da nossa. Lib.2. Ser.3.n.43.

Moyse.

Fello Deos Princepe na Sarfa, figura da Virgem Maria. Lib.1. Ser.2.n.38. 39. & 40.

Sua grande confiança, acometido por Pharaó com grande poder no Mar vermelho, em que se fundava. Ibid.n.43.

Foy no Egypto tão grande como os Reys. Ibid.n.39.

Sua vara potentosa era vara milagrosa tida na mão, era serpente lança-

Índice

da no chaõ Lib.2.Ser.4.n.54.
Na mão representava á Christo, no chaõ á Lucifer. Ibid.

Nomé.

Do Sanctissimo, & divino de Jesu se originou na Virgem Maria todo o seu bem. Lib.3.Ser.4.n.2.
Está cifrado no nome de *Ieh. vi.* Ibid.
Invocando Moyfes por este nomé obrou sempre os mais grandes, & mais raros milagres, que ninguem fez. Ibid.
Na pedra com que David ferio na testa, & botou no chaõ ao Gigante Golias, estava escrito o nomé de Jesu. Ibid.n.3.
Não quiz Christo na Cruz para remir o mundo, & triumphar da morte, & do inferno outro nomé, que o poderoso de Jesu. Ibid.
Com este Sanctissimo nomé sepultou com honra a ley escrita, & deu principio á ley da graça. Ibid.
Quando quiz reformar, & remir o Mundo, não cortou pelo Mundo, mas com o nomé glorioso de Jesu cortou por si. Ibid.n.7.

Numeros.

Muy mysterioso he o numero de 40. Lib.3.Ser.2.n.28.
O numero de 16. de 10. & de 6. são numeros perfeitos, & porque. Lib.1.Ser.4.á n.55.ad 59.
Criou Deos á Adão no sexto dia, para mostrar que o formava com toda perfeição. Ibid.n.55.
Imperfeito he o numero de cinco. Ibid.
O de 38. he numero enfermo, o de 40. de laude. Lib.3.Ser.1.n.29.
Para dar Deos á Portugal hum Rey de toda perfeição, o prometeo para a decima sexta geração de seus Reys. Lib.1.Ser.1.n.8. & Ser.3. n.15.
Para que o nacimiento politico d' el Rey Dom João IV. fosse julgado por justo, avaliado por milagroso, & venerado por Sancto, ordenou Deos que fosse por 40. Fidalgos, no anno de 40. depois de 40. vezes 40. annos. Lib.3.Ser.2.n.27. & 28.

Obediencia.

Muy siso he Deos da obediencia que lhe devem os Reys. Lib.3.Ser.3. n.36.
Qualquer falta na obediencia a castiga com perda de Reynos. Ibid. & n.37.
Não

Das cousas mais notaveis.

- Não pôde ser perfeita se não for perfeito o amor. Lib. 2. Ser. 1. n. 93. & 94.
Por desobedecer Adão á Deos lhe desobedeceraõ os animais. Ibid. n. 97. & 100.
Por lhe desobedecer a India na observancia de dous preceitos, cívico, & ecclesiastico da Sagrada Comunhão, permitio se levantarem os Christãos contra seus Bispos, & Prelados. Ibid. n. 101.

Papa.

- He Christo muy fioso da honra que se deve á seu Vigario. Lib. 1. Ser. 3. n. 67. & 68.
Com grandes castigos vinga as faltas cometidas contra a Sancta Sé. Ibid.
No Sol tem Deos figurado a dignidade ecclesiastica do Papa: na Lúa á dos Reys. Ibid. n. 53.
Para a dignidade Real ser resplandecente como a Lúa quando he cheia, ha de olhar sempre para o Sol, sempre para o Papa. & como. Ibid. á n. 61. ad. 65.

Parocos.

- Obrigaçãõ dos Parocos de apacentarem suas ovelhas cõ o paõ da doutrina, & dos sanctos Sacramentos. Lib. 2. Ser. 1. n. 87. & 90.
Investiva contra os da India, que por faltarem com sua obrigaçãõ deixão morrer mil milagres de Christãos, sem comungarem em nenhũ tempo da vida, nem na morte. Ibid. n. 45.
Quanto differem na India os Parocos antigos dos modernos. Lib. 3. Ser. 1. á n. 60 ad 72.
Mais pôde em muytos Parocos a cobiça, & o entereffe, que a salvaçãõ das almas. Lib. 2. Ser. 1. n. 91. & 92.
Muyto mais saõ os Parocos, que se perdem por faltarem ao que devem, dos que se salvão. Lib. 2. Ser. 2. n. 244. & 245.
Ainda que se salvem suas ovelhas, perde-se o Paroco q̃ lhes nega a Sagrada Comunhão. Ibid. á n. 246. *ad finem.*
Grande he a obrigaçãõ que lhe corre, de instruir á todos, para que ninguém, deixe de comungar. Ibid. á n. 84. ad 99.
Muito mayor he a obrigaçãõ de procurarem, que todos, que tiverem os annos da discipaçãõ comunguem ao menos na Pascoa, & no perigo da morte. Lib. 2, Ser. 1. n. 78. & 79. & Ser. 2. per totum. & Ibid. n. 34. & 35.

Índice

- á n. 158. ad 163. & Ser. 4. á n. 76. ad 79.
- Peca mortalmente o Paroco, que dá a Sagrada Comunhão aos homens brancos, & não aos negros, aos ricos, & não aos pobres. Lib. 2. Ser. 4. n. 66. & 67.
- He herege o Paroco, que differ, que não todos estão obrigados á comungar na Pascoa, ainda que tenham os annos da discrição. Lib. 2. Ser. 2. n. 158.
- Regra geral, para conhecerem os Parocos os que tem os annos da discrição. Ibid. n. 161.
- Estão obrigados á procurar que todos comunguem, cada hum conforme sua capacidade. Ibid. n. 114.
- Nas perdas da India não he culpado elRey, mas o Paroco, & porque. Lib. 2. Ser. 1. n. 52. 53. & 54.
- Pelo muyto, que na India se desestimão os negros, lhes não dão os Parocos a Sagrada Comunhão. Lib. 2. Ser. 4. n. 89. & 90.
- Como, & quando tem obrigação o Paroco de admitir á Sagrada Comunhão todo genero de pessoas, até loucos, & freneticos. Lib. 2. Ser. 2. á n. 109. ad 115, & Ser. 4. n. 76. & á n. 91. ad finem.
- Grande ignorancia dos Parocos, erro, & pecado, que tem por indecente levar o Senhor ás casas humildes, & choupanas dos pobres, dos servos, & escravos para comungarem por viatico. Lib. 2. Ser. 1. n. 82. Ser. 4. n. & 128. 129.
- Tem obrigação de seguirem a doutrina de Christo, quem manda que se leve, & se administre á todos a Sagrada Comunhão, na vida, & na morte. Lib. 2. Ser. 1. n. 5 & 6. & n. 83.
- De que modo hão de passar os eſcritos, para comungarem os Cristãos, que ouviraõ de consiliaõ, sem saltarem ao sigillo. Lib. 2. Ser. 2. n. 60.
- Pecador.**
- Tem Deos dado ao Demonio em comida a Alma do pecador. Lib. 2. Ser. 4. n. 49. & 50.
- Troca o pecador com Lucifer sua alma, por fructos peçonhentos de pecados, & de morte. Ibid. n. 44. & 47.
- Entregou Deos no Deserto ás Serpentes infernais os pecadores de seu povo. Ibid. n. 51. & 54.
- Por deixarem á Deos, os entrega Deos ao Demonio. Ibid. n. 50.
- Primeiro deixa o pecador á Deos, do que Deos á elle. Ibid.
- Mayor delcſcſcſcſcſcſc he do pecador, & mayor culpa conhecer o erro, & o pecado, & perseverar nelle, do que cometelo por ignorancia. Lib. 2. Ser. 1.

Das cousas mais notaveis.

Ser. 1. n. 37.

Não pôde o Sacerdote negar a Sagrada Comunhão ao pecador oculto, que lha pôde publicamente. Lib. 2. Ser. 2. n. 56.

Porque á deu Christo ao mayor pecador, á Judas deicida, & mayor sacrilego. Ibid. á n. 47. ad 60.

Pecado.

O de Adão porque se chama felis. Lib. 1. Ser. 3. á. n. 1. ad 5.

Quantos cometeo no Pariso terreal. Lib. 2. Ser. 1. n. 67. & 68.

Por pecados dos Reys se perdem os Rey nos, & Imperios. Lib. 2. Ser. 1. á. n. 12. ad 16.

Tambem se perdem com seus Reys por pecados dos vassallos. Lib. 1. Ser. 3. n. 78. & 79.

Não só os perdoa, mas os tira Deos dos arrependidos. Lib. 2. Ser. 1. n. 34.

Pobres.

Mais por amor dos pobres, que por amor dos ricos instituiu Christo a Eucharistia. Lib. 2. Ser. 4. n. 12. & 28.

Mais deseja que comunquem os pobres, que os ricos. Ibid. & n. 31.

Para comunghem os pobres se empenha Deos, & não se empenha para que comunghem os ricos. Ibid. n. 58. 59. & 60.

Quanto mais o Mundo os desestima, tanto mais os estima Deos. Ibid. n. 28.

São os Fidalgos da casa de Deos. Lib. 2. Ser. 2. á. n. 77. ad 84.

Mais temem a Deos os pobres, que os ricos. Lib. 2. Ser. 4. n. 30.

Os pobres louvã á Deos, os ricos á si mesmos. Ibid. n. 30. & 31.

Ainda quando o pobre não reza louva á Deos com sua pobreza: & o rico, ainda quando reza, he homem mudo sem falla. Ibid. n. 31.

A virtude dos pobres não he crida no Mundo, & porque. Ibid. n. 61.

A pobreza celmente a virtude, como a riqueza o vicio. Ibid.

Peca mortalmente quem estima aos ricos, & desestima aos pobres. Lib. 2. Ser. 4. n. 67.

Os pobres são ricos de fê, & herdeiros de Christo. Ibid. n. 35. & 36.

Na casa de hum homem pobre muyto humilde instituiu Christo a Eucharistia, & não de hum homem grande, nobre, & rico. Lib. 2. Ser. 1. n. 80. & 81.

Por vir Christo pobre ao Mundo, não o conheceo o Mundo. Lib. 2. Ser. 4. n. 35.

Com sua pobreza nos enriqueceo. Ibid á n. 36. ad 40.

Indice

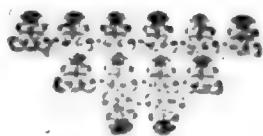
As riquezas de Christo scmos nos a' nossa he Christo. Ibid.n.40.
Por pobres recorrião os Hebreos a Deos no Egypto: por ricos se levanta-
taraõ contra elle no Deserto. Ibid.n.55.
Os pobres se parecem com Christo,mas não os ricos. Ibid.n.31.
Os pecados dos pobres são poucos, os pecados dos ricos são muytos.
Lib.2.Ser.2.n.82.& Ser.4.n.30.

Politica.

A verdadeira para se conservarem,& perpetuarem os Reynos, qual he.
Lib.1.Ser.3.á n.61.ad 66.
Politica dos Anjos com os estrangeiros,qual foy. Ibid.n.34.& 35.

Portugal.

He Reyno de Christo,& da Virgem Maria.Lib.1.Ser.2.n.34.& Lib.3.
Ser.1.n.9.
Christo no Sanctissimo Sacramento,& a Virgem Maria tome ao Reyno
de Portugal por sua morada.Lib.1.Ser.2.n.36.
Muy affectos á elle, & grandes protectores foraõ sempre os Sanctos
Fundadores do Clerigos Regulares Theatinos da Divina Previden-
cia,o Sancto Padre PAULO IV. & S. CAETANO.Lib.1.Ser.1.
n.67.& 68.
Era Portugal o braço derecho de Castella.Lib.1.Ser.3.n.72.
O fundou Christo para si parecido com o Imperio da Igreja Catholica.
Lib.1.Ser.3.n.55.& 56.& Lib.3.Ser.1.á n.1.ad 11.
Sojeito á Castella foy muyto tempo a Estatua de Nabuch. Sojeita á se-
us Reys naturais foy sempre arvore grandiosa. Lib.1.Ser.1.n.42.&
Lib.3.Ser.4.n.11.
Di'atou Christo sua restauração 60.annos desde o anno de 80. até o an-
no de 40.& porque.Lib.1.Ser.3.n.10.
Parece-se com a Lúa,qne na mayor mingoante torna á renacer. Lib.1.
Ser.3.n.59.
Merece ser chamado não só Reyno luzido,illustre, & milagroso; mas
soberano,& divino.Lib.1.Ser.3.n.6.
Suas felicidades,firmeza,duração,perpetuidade,& liberdade.Lib.1.Ser.
1.2.& 3.per totum.



Das cousas mais notaveis.

Portugueses.

Escolhidos por Christo entre os Christãos para povo seu mimoso. Lib. 1. Ser. 1. n. 5.

São a minina de seus divinos olhos. Ibid. n. 7.

Socederão aos Hebreos reprovados, a terê a Deos por protector. Ibid. á n. 5. ad. 9.

A elles passou o preceito divino de não aclamarem por seu Rey pessoa, que não fosse de seu sangue, & escolhida por Deos. Ibid. per totum, & á n. 2. ad 9.

Por seu grande valor são assombro das Nações de Europa, terror do Oriente, espanto do Mundo, & Apostolos da India. Lib. 1. Ser. 1. n. 1. & 2.

Problema.

Se foy mayor milagre calarem 40. Fidalgos por cinco meses o segredo da aclamação, ou não poder fallar Zacharias, para publicar a revelação do nascimento futuro do Bautista. Lib. 1. Ser. 1. n. 32.

Qual dos dous Reys foy mayor Rey, Dom Affonso Henriques Fundador do Imperio de Portugal, ou o Restaurador Dom João IV. Lib. 1. Ser. 1. n. 52.

Quem foy mais favorecido, se os Sanctos Reys Magos, á quem appareceo húa nova estrella no nascimento de Christo, ou el Rey de Portugal, aquem appareceo no meio da Lúa o mesmo Senhor sacramentado no seu nascimento politico. Lib. 1. Ser. 2. n. 36.

Redempção.

Podendo Deos remir o geneto humano com seu poder absoluto, porque se encarnou o Verbo divino. Lib. 1. Ser. 3. n. 74. & 75.

Porque tendo prometido por tres vezes a vinda de Christo para a redempção do mundo, por outras tantas a dilatou. Ibid. n. 14.

Húa só vez prometeu a vinda do Redemptor Portuguez para o anno de 40. & não a dilatou, & porque. Ibid. n. 15.

Vide verb. Christo redemptor.

Reys.

O primeiro que ouve no Mundo foy Adão. Lib. 3. Ser. 3. n. 37. & 38.

Nu

Nenhum

Indice

Nenhum de quantos ouve se chamou atêgora Joseph, & porque. Ibid.
á n. 55. ad 61.

Seus annos se contão pelo nacimiento politico, quando começarão á fer
Reys, & não pelo natural, quando nacerao. Ibid. n. 45.

A Sagrada Escriitura conta sómente os annos dos Reys, que reynaraõ
antes de prevaricarem. Ibid. n. 34. & 35.

Antes de ser aclamado Rey desde que naceo se diz de Saul, que come-
çou á reynar, & porque. Ibid. á n. 29 ad 33.

Delle se diz, que não reynou mais que dous annos, tendo reynado qua-
renta, porque sò nos primeiros dous annos foy bom Rey. Ibid. n. 34.

Oitenta annos reynou Salamaõ, mas só quarenta conta a Sagrada Es-
critura, porque depois de 40. annos não foy Rey catholico, mas ido-
latra. Ibid. n. 35.

Por filho de pay sancto lhe não tirou Deos o Reyno em sua vida. Ibid.
Nabuch sonhado em estatua se não podia conservar em seu Reyno, so-
nhado em arvore si, & porque. Lib. 3. Ser. 4. n. 9. & 10.

Nunca se perdem os Reys por cortarem por si, perdemse por cortarem
pela capa de seus vassallos. Ibid. á n. 9. ad 13.

Multipliação as coroas cortando sempre por si. Ibid. n. 11.

Perpetuão sua Casa Real com muy luzida successão de Reys, & Prin-
cepes seus decentes, se cortarem pela Coroa, para não cortarem pela
Thiara do Papa. Ibid. á n. 23. ad 26.

Condições para hum Rey aclamado ser felis. Lib. 1. Ser. 1. n. 8.

Por faltarem á Deos perdem seus Reynos, Impérios, & Monarchias.
Ibid. n. 13.

Por pecados dos Vassallos se perdem os Reys, & acabão os Reynos. Lib.
1. Ser. 3. n. 12. & 78.

Soes dos Reynos são seus proprios Reys. Sem Reys são Reynos escuros.
Lib. 1. Ser. 1. n. 24.

Antes que cheguem á fer Reys são Soes eclypsados fogueitõs á muitos:
aclamados mudão de rostro, ostentão luzes como Altros, superiores
á todos. Ibid.

São os Esposos de seus Reynos, com que se recebem. Lib. 3. Ser. 2.
n. 22.

A vida do Reyno he seu proprio, & legitimo Rey. Sem elle he Corpo
sem Alma. Lib. 4. Ser. 3. n. 39.

Há Reys no Mundo, que parecem vivos, & são mortos. Ibid. n. 19.

Para se conservarem, haõ de ser liberats com seus vassallos. Lib. 3. Ser.
4. n. 10.

Os vassallos haõ de servir á seus Reys sem interesse; os Reys haõ de
premiar.

Das cousas mais notaveis.

premiar sem dilação. Ibid. á n. 58. ad 61.

Reys de Portugal.

São Vigarios de Christo na terra no temporal, como os Summos Pontífices no spiritual. Lib. 3. Ser. 1. n. 9.

Com as Quinas, que Christo lhes deu de suas sacratissimas chagas, abrião as 4. portas das 4. partes do Mundo. Ibid. n. 10.

Pós Deos seus divinos olhos na decima sexta geração do primeiro Rey. Lib. 1. Ser. 1. n. 8. & Ser. 3. n. 15.

A escada de Jacob he hũa representação dos Reys Portugueses. Lib. 1. Ser. 3. n. 53.

Rey Dm João IV. de Portugal.

Etymologia de seu nomé : Que significa. Lib. 1. Ser. 3. n. 70.

Seu nascimento natural, politico, & milagroso. Lib. 3. Ser. 2. per totum.

Pelo natural naceo Rey encuberto : pelo politico naceo Rey descoberto : pelo milagroso naceo Rey amparado. Ibid. n. 3.

Em todos os seus nacimétos estava Christo empenhado, antes que fosse el Rey concebido. Ibid. n. 7. & 8. & 11. & Ser. 3. á n. 9. ad 12.

Forão todos ordenados por Deos com particular providencia divina. Lib. 3. Ser. 2. n. 29.

Teve nelles por protector á S. Joseph. Ibid. á n. 39. ad 42. & Ser. 3. á n. 62. ad 65.

Porque ordenou Deos, que nacesse em dia de S. Joseph, & se chamasse João. Lib. 3. Ser. 2. n. 39.

Por nater para Rey, não convinha, que se chamasse Joseph, & porque. Lib. 3. Ser. 3. á n. 54. ad 61.

Por augurentos cuidaraõ alguns com engano, que nunca chegaria á ser Rey, por nacer em dia de hum Sancto privado de seu Reyno. Ibid. n. 61.

Para chegar á ser Rey, convinha, que nacesse no dia de S. Joseph. Lib. 3. Ser. 2. á n. 40. ad finem, & Ser. 3. á n. 62. ad 65.

Não tinha de que temer, nascendo em tam bom dia. Lib. 3. Ser. 3. n. 7.

Tanto que naceo em Villaviçosa, enfraqueceraõ as forças de Castella em todo o Reyno. Ibid. n. 12.

Desde que naceo começou á reynar. Ibid. á n. 26. ad 34.

Seu nascimento foi para Castella roneação. Ibid. n. 23.

Com taramelinhas do minino no collo de sua May lhe fez criança muita guerra. Ibid. á n. 2. ad 16.

He o verdadeiro Encuberto de Portugal prometido na decima sexta

Indice

geração dos Reys Portuguezes. Ibid.n.15.
He o maior dos Reis de Portugal.Lib.1.Ser.1.n.31.
Escolhido,& dado por Deos. Ibid.n.28.
Dotado de todas as premias,& partes Reais,que se requerem para hum
grande Rey.Lib.1.Ser.2.à n.70.ad 73.
Foi exemplar de paciência.Lib.3.Ser.4.n.25.
Representado em Abrahão. Ibid.n.23.
Figurado em Malchos. Ibid.à n.26.ad 33.
Decripto na decima sexta geração de Christo triplicada. Lib.1.Ser.4.
per totum.
Cortou sempre por si,para não cortar pela obediencia divida ao Papa.
Lib.3.Ser.4.à n.15.ad 18.
Porque Christo na sua felis aclamação despregou o braço da Cruz.Lib.
1.Ser.3.à n.73.ad 76.

Rey Dom Sebastião.

Não he o Eneuberto de Portugal.' ib.1.Ser.1.n.31.& 38.
Não he o prometido na decima sexta geração d' elRei Dom Affonso
Henriques. Ibid.n.37.
Nunca Deos costumou escolher para libertador,restaurador,redemptor
dos Reynos,& Imperios o mesmo Rey q' os perdeu. Ibid.n.38.& 39.

Ricos.

Os ricos difficilmente se salvão,& porque.Lib.2.Ser.2.n.81.& 82.
O mais rico que ouve no Mundo foy Adão.Lib.2.Ser.4.n.33.
Por rico não tratou de se chegar à Deos.Ibid.n.34.
O Mundo por rico não conhece os pobres. Ibid.n.35.66.& 67.
Christo por pobre não olha para os ricos. Ibid.
Os ricos mais amão as riquezas que á seu divino criador. Ibid.n.56.
O filho prodigo por rico se esqueceo de Deos.Ibid.n.113.& 115.
Pecados dos ricos são muytos,& muy graves.Lib.2.Ser.2.n.82. & 83.
Ser.4.n.61.
Vide verb.Pobres.

Rodas.

As de Ezechiel foraõ retratos da perda , & da restauração de Portugal.
Lib.1.Ser.1.n.39.& 40.

Não

Das cousas mais notaveis.

Não era hũa,mas duas encontradas no movimento.Ibid.

Sanctos.

Todos os justos são Sanctos,& todos os Sanctos são Reys. Lib.1.Ser. 2.n.29.& 30.

São padroeiros no Ceo para nosso remedio , & amparo no que padecetão na terra.Lib.3.Ser.2.n.40.& Ser.3.á n.62.ad 65.

Sanctos em especial.

Não quis Christo para Apostolo seu á S.Barnabas em lugar de Judas, & porque.Lib.3.Ser.3.n.59.& 60.

Saudades de S.Thomé que foraõ. Lib.3.Ser.1.n.16.

S. Pedro valente no Horro,muy zeloso da honra,& serviço de seu divino Rey,& no Atrio muy covarde,porque. Lib.3. Ser. 1.n. 18,& Ser.4.n.49.

Serpentes.

As do Deserto,que mordião , & matavão aos Hebreos,ou eraõ os Demonios,ou os representavão.Lib.2.Ser.4.n.52.

Porque castigou Deos aos Hebreos com taõ esotraordinario castigo. Ibid.n.53.

A Vara de Moyses lançada no chaõ convertialse em Serpente. Ibid. n.54.

Que mysterio esconde esta mudança. Ibid.

Servos, & Escravos.

Grande nomé he para com Deos o de servo,& escravo,grande, & muy honrado titulo.Lib.2.Ser.4.n.91.

Por grande , & agradar muyto á Deos se apellidou a Virgem Senhora escrava do Senhor. Ibid.n.92.

Por tomar o Verbo Divino na encarnação a figura de servo,não quiz a Virgem outro titulo que de escrava sua. Ibid.n.93.& 94.

De seu divino filho Christo Senhor nosso diz o Eterno Padre, que he escravo seu,& porque. Ibid n.95.

Por filho da Virgem Maria he Christo 'escravo do Senhor. Ibid.n.99.

Grande gloria resultou em Deos pela escravidão de Christo, Ibid. n.

Índice

98. & á n. 103. ad 111.
- Quis Christo antes morrer com apparencia de escravo do peccado no Calvario, que com a realiáde de Rey innocente no Presépio. Ibid. n. 111.
- Quis antes representar na Cruz desfigurado a baixeza dos servos, & escravos, que nem homês parecem no trato, que no Presépio a grandeza dos Senhores, & porque. Ibid.
- Com igual graça mais estima Deos aos escravos, que á seus Amos, & Senhores. Ibid. n. 115.
- Mais deseja de se communicar á elles, que á estes na Eucharistia. Ibid. n. 89. & 115.
- No Mundo mais amão os pays á seus filhos, que á seus escravos. Pelo contrario Deos: mais ama aos servos, & escravos, que não se apartão d'elle, que aos filhos, que o deixão. Ibid. n. 114.
- Com mayor cuidado, por mais dignos de compaixão, se ha de administrar a Eucharistia aos servos, & escravos, que á seus Amos, & Senhores. Ibid. n. 89.
- Os escravos, & escravas em graça de Deos são Princepes, & Senhores, herdeiros do Reyno dos Ceos. Os Princepes, & Senhores em peccado mortal são os mais baixos, & mais vijs escravos de Lucifer. Ibid. n. 95.
- Lastimado do cativoiro dos escravos descreve Seneca a differencia que vai d'elle á seus Amos, & Senhores. Ibid. n. 116.
- Com os grandes apertos que padecem cativos toda a vida, são seus peccados muy leves, & muy poucos. Não affi os de seus Senhores. Ibid. n. 117.
- Ainda que queiraõ, não podem os servos, & os escravos cometer muytos peccados, & porque. Ibid. n. 118.
- O escravo não he homem inteiro, mas meyo homem, & porque. Ibid.
- Mais digno da presença de Christo era o escravo do Centurio, que seu Amo. Ibid. n. 119.
- Por mais digno não disse o Centurio de seu escravo, mas de si, que não era digno, que entrasse o Senhor na sua casa. Ibid. n. 120.
- Os Hebreos, que julgaraõ ao Centurio por digno, que lhe entrasse o Senhor em casa, fallaraõ pelo estylo errado, & reprehensivel da India, & porque. Ibid. n. 124.
- Pareceo á Seleucienſe milagre, que o Centurio procurasse cõ cuidado a faude de seu escravo, & porque. Ibid. n. 120.
- Na India por morrerem muytos ao desamparo sem Medico, sem me-
zinhos, & sem Sacramêtos, disse a Seleucienſe: Oh impiedade, & cru-
eldade.

Das cousas mais notaveis.

eldade. Ibid.n.121.

Por este peccado, & desamparo dos escravos, & por se não compadece-rem delles seus Amos, & Senhores castiga Deos a India com lasti- mosas perdas. Ibid.

Para se levar na India o Senhor aos Fidalgos na hora da morte, todos dizem, que são dignos: para se levar á hum negro cativo, nem o Pa- roco se aballa nem a Nobreza, nem o Povo. Ibid.n. 124.

Pelo contrario Christo Senhor nosso tem por dignos aos escravos, & por indignos á seus Senhores. Ibid. 124. 125. & 126.

Tem pejo os Parocos, & por indecencia levar o Senhor ás lojas dos Fi- dalgos, para comungarem os escravos enfermos, que lá ellão deita- dos no chão, & não se peção passar por elles na mesma loja, para se le- var á seus Amos, que ellão nos aposentos de cima. Ibid. 127.

Cegueira dos Parocos, que não olhão o que fazem com os negros cati- vos contra o que Deos manda, & a Sancta Igreja Catholica. Ibid. 4 n.127. *ad finem.*

Na India se ensinão os escravos, & escravas á tanger, & á cantar, & não no que he necessário para comungarem. Lib. 2. Ser. 2. n. 92.

Para tangerem, & cantarem dizem seus Amos, que tem habilidade, & para aprenderem á comungar não. Ibid.

Não tem Deos dado á Coroa de Portugal a India para fazerem para te- rem os Portuguezes muytos escravos cativos toda a vida; mas, muy- tos Christãos. Lib. 2. Ser. 4. n. 122.

Só á Deos se pôde servir, porque só Deos he liberal. Lib. 3. Ser. 4. n. 62.

Theatinos.

A Sagrada Religião dos Clerigos Regulares Theatinos da divina Pro- videncia he a primeira que ouve de Clerigos. Lib. 1. Ser. 1. n. 65.

Foy fundada no anno de 1524. & confirmada no mesmo tempo pelo Sancto Padre Clemente VII. Ibid.

Dous foraõ seus Sanctissimos Fundadores, que unidos em Roma, & cõ- formes no espirito a fundarão, o Sancto Padre Paulo IV. & S. Caieta- no. Ibid. n. 67.

Do Sancto Padre Paulo IV. se derivou em seus Religiosos o nomẽ de Theatinos devido só á elles, & porque. Ibid.

Foraõ ambos muy affectos á Nação Portugueza, & grandes protectores de seu Imperio. Ibid. n. 67. & 68.

Muy zeloso da dilação de Fè Catholica na India, & augmẽto das Chri- standades foy o Sancto Padre Paulo, IV. Ibid. n. 68.

Por

Indice

Por seu grande zelo era chamado por antonomasia o Zelador da honra de Deos, & o Elias da Ley da graça. Ibid.n.67.
 Erege o Bispado de Goa em Arcebispado, & fundou os Bispados de Ma'aca, & de Cóchim. Ibid.n.68.
 Breve relação de sua vida: & virtudes. Ibid.
 Seus Religiosos Missionarios Apostolicos remediaraõ na India a falta da Sagrada Comunhaõ com grandes conuerções de pecadores, & de Idolatras. Lib.3. Ser.1.n.73. & Lib.2. Ser.1.2.3. & 4. per totum.
 São estrangeiros no sangue, Portuguezes naturalizados por amor. Lib.1. Ser.1.n.63. & Ser.3.n.37.

Trindade.

As tres Pelloas da Sanctissima Trindade desde *ab eterno* comungaraõ, & sempre comungão, & como.1. ib.2. Ser.3.n.22.
 São os Ministros da Sagrada Comunhaõ ad intra, & os administrados. Ibid.n.20.
 O pão que recebem, he a essencia divina: o vinho he a divindade, im-
 menso, & infinito. Ibid.á n.16.ad 24.

Vassallos.

Grande Vassallo foy Daniel cativo d'elRey Baltasar. Lib.3. Ser. 4. n.57. & 58.
 Com animo desapegado de todo interesse se lhe offereceo á servir. Ibid. n.58.
 Engeitou as merces antes de servir: depois deter servido aceitou sem replica as que elRey lhe fez. Ibid. n.59.
 Ambos se acreditaraõ, Daniel em engeitar as merces antes de servir, elRey em lhas fazer effectivas sem dilação logo depois de ter servido. Ibid.
 Assim haõ de ser os Vassallos, assim os Reys. Ibid.n.60.
 Não ha cousa mais penosa nos Vassallos como he requerer merces, & esperar por largo tempo o despacho. Ibid.
 O pedir custa muito: o esperar o que se pede merecido custa muito mais. Ibid.
 Com melhor vontade sofrem os Vassallos cortarem felhes as esperanças, que dilatar felhes as merces. Ibid.
 Mui grandes Vassallos dos Reys Portuguezes são os Theatinos da Divina Providencia. Ibid.n.61.

Das cousas mais notaveis.

São os Danieis dos nossos tempos, porque servem sem pedirem, ~~útil~~
cos de interesse. Ibid.

Nelles devem suas Magestades por os olhos como Baltaffares na grandeza, que fez merces sem ser requerido. Ibid.

Não pretendem riquezas, nem ouro, nem prata, nem rendas, mas só em que sirvão á Deos, & aos Reys á custa da Divina Providencia. Ibid.

Vergontea.

Da Arvore de Nabuch debuxo da vergontea dos Reys de Portugal
Lib. 1. Ser. 1.º n. 42.

Representou a Serenissima Dona Catherina. Ibid. n. 44. & 45.

A deixou enterrada, para reparar toda a Arvore dos Reys Portuguezes,
& como. Ibid. á n. 43. ad 46.

Viatico.

Para se levar aos enfermos brancos, & pretos, libertos, & cativos, se erigeo na Sé Primazial de Goa a Irmandade do Sanctissimo Sacramento. Lib. 2. Ser. 3.º á n. 8. ad 11.

Antes quasi todos os negros da India morrião sem o Senhor. Ibid. n. 6. 7. & 8.

O primeiro que comungou por Viatico neste mundo foy Christo. Ibid. n. 12. & 35.

Para este fim instituiu a Eucharistia na hora da morte. Ibid. n. 38.

De pena, por antever, que muytos acabarião a vida sem o Sanctissimo Viatico, suou sangue no Horto. Ibid. n. 39.

A oração que fez agonizado, foy pedir a seu Eterno Padre, que o Caliz do Sanctissimo Sacramento passasse aos Christãos por Viatico na morte. Ibid. n. 43. & 44.

A consolação que teve no Horto por hum Anjo, foy mostrarlhe, que por hum Sacerdote comungarião muytos por Viatico. Ibid. á n. 45. ad 48.

Por não comungarem por Viatico os Anjos rebeldes no Ceo, se perderão; quanto mais os homens. Ibid. n. 48. & á n. 66. ad 70.

Com o temor da morte pediu Jacob o Viatico á Deos. Ibid. á n. 70. ad 78.

Na escada que vio durmindo, estava figurado o Sanctissimo Viatico. Ibid. n. 76.

Por não ter quem lho administresse, cheio de pavor chamou terrivel o
Oo lugar

Indice

- lugar em que estava. Ibid.n.77.
- Muyto nos allombra a morte sem o Sanctissimo Viatico. Ibid. n. 78. & 79.
- São bemaventurados antes de morrer os que na hora da morte comungão por Viatico, & como. Ibid.à n.80.ad 84.
- Grande conta haõ de dar á Deos os Parocos, que não levão o Viatico aos enfermos. Ibid. n.10.& 85.
- Os privão injustamente sem piedade da mais segura cõpanhia, da mais necessaria provisãõ, do mayor bem da Alma. Ibid.n.10.
- Os que não comungão por Viatico, arriscão a salvaçaõ. Ibid. n. 69. & 85.
- A alma de quem o não receber, ao sair do corpo tem grandes combates com os Demonios. Lib.2.Ser.3.n.78.& 110.
- Trabalhos, & penas de hũa alma, que q não recebeo na hora da morte, tendo comungado oito dias antes. Ibid.à n.116.ad 142.
- Eogem os Demonios de quem o leva com sigo quando morre. Ibid. n.110.
- Dos que o recebem levão os Anjos a alma para o Ceo, & como Soldados da goarda vigiãõ o corpo na terra, para q se não cheguem á elle os Demonios. Ibid.
- Felices os que comungão por Viatico na morte, porque morrem em o Senhor. Lib.2.Ser.3.n.84.
- Infelices os que o não recebem por sua culpa. Ibid.
- Desgrallados se for por culpa do Paroco. Ibid.
- Peca mortalmente o Paroco que não procura de o dar á todos. Lib.2. Ser.2.n.178.
- Quam grande he esta sua obrigaçaõ. Ibid: à n.198.ad 201.
- He ignorante, & por sua boca falla o Demonio, se differ que não comvem levalo aos enfermos, que moraõ em lugares humildes pouco, limpos, & choupanas. Ibid.à n.211.ad 219.
- Muytas vezes acontece perderse a alma de quem o não recebe na morte, que se o recebera, se salvaria. Ibid.n.176,& 199.
- Peca mortalmente, & he sospeito na fé quem podendo comungar por Viatico deixa o fazer por sua vontade. Ibid.n.171.
- A Comunhaõ por Viatico no perigo da morte he de preceito não só divino, mas tambem ecclesiastico. Lib.2.Ser.2.à n.169. ad 176.
- Mostrase ser ecclesiastico com muytos Concilios gerais da Igreja Catholica. Ibid.à n.165,ad 169.
- Comandaõ tambem com preceito os Concilios Synodais da India, & Constituiçõs da Igreja Primazial de Goa. Ibid.à n.174.ad 176.
- Com

Das cousas mais notavcis.

Com que aperto, & com quanta necessidade obriga o preceito da Sagrada Comunhão por Viatico no perigo da morte. Ibid. à n. 177. ad. 197. & à n. 222. ad 233.

Nas doenças quanto mais chegamos á morte tanto mais á miude ouvimos de comungar. Lib. 2. Ser. 3. n. 91.

Não quer Christo, que alguém parta desta vida sem comungar por Viatico, nem mudo, nem cego, nem fraco, né alejado. Lib. 2. Ser. 3. n. 87.

Obrigar aos enfermos no perigo da morte com risco da vida á irem á Igreja, para comungarem por Viatico, he tirania contra o costume geral da Igreja Catholica. Lib. 2. Ser. 2. à n. 200. ad 204.

Por este modo se rende odioso o Viatico, & deixarão quasi todos de comungar. Ibid. n. 203.

Quantas vezes pode qualquer enfermo no perigo da morte, não estando em jejum comugar por Viatico na mesma enfermidade. Ibid. n. 210.

Santa Unção

Que muito que nos castigue Deos na India com muytas perdas, se não só na administração da Sagrada Comunhão na Pascoa, & do Viatico na morte, mas ainda da Santa Unção ha muyta falta. Lib. 2. Ser. 2. n. 137.

O que ouve em hua Aldéa da Ilha de Goa na administração deste Sacramento no anno de 1647. Lib. 3. Ser. 1. n. 65.

O que se pratica em outras Freguezias. Lib. 2. Ser. 1. n. 96. & Lib. 3. Ser. 1. n. 70.

Zacheo.

Desejou Christo de se lhe comunicar, por ver nelle o desejo de o conhecer. Lib. 2. Ser. 4. n. 79.

Porque o mandou o Senhor decer da arvore com pressa. Ibid.

Por ser homem bayxo, & vil cabeça de plebejos muito vijs, murmurarão os Hebreos de Christo, que se agasalhara na casa de hum homem pecador. Ibid. n. 77.

Se fora Fidalgo, o havião todos de aprovar, por mais pecados que tivesse. Ibid.

Zelos

Des Reis de Portugal no descobrimento, & Conquistas da India, foy da propagação da Fé Catholica. Lib. 3. Ser. 1. n. 59.

Cortando por outrem ha muytos zelozos do serviço de sen Rey, e con-

Indice

- rando por si não há nenhum. Lib. 3. Ser. 4. n. 49.
• Todos, quando se em barcão para a India para Pastores, tem grande zelo da salvação das Almas: Muytos quando lá chegão, se mudão com a mudança do clima. Lib. 2. Ser. 1. n. 92.

FINIS. LAUS DEO.



- 8 - 3 -

